

sc. 19. Pl. 5.





DE RE SACRAMENTARIA

CONTRA PERDUELLES HÆRETICOS

LIBRI DECEM

QUATUOR TOMIS COMPREHENDI:

Quibus omnia, & singula LEGIS EVANGELICÆ SACRAMENTA Consensione, Universalitate, Perpetuitate, adstruuntur, defenduntur, vindicantur: simul & graviores QUESIONES ad DISCIPLINAM, & MORALEM pertinentes; itemque Theologorum præcipuæ contentiones Scholarum methodo

AD MENTEM PRÆCEPTORIS ANGELICI

EXPENDUNTUR, DISCUTIUNTUR, EXPLICANTUR

CURA ET STUDIO R. P. F.

RENATI HYAC. DROUVEN

Doct̃oris Sorbonici Ordinis Prædicatorum.

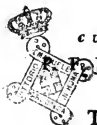
EDITIO QUARTA.

CUM NOTIS ET ADDITIONIBUS

FRANCISCO JOANNIS VINCENTII PATUZZI

Ejusdem Ordinis Sacræ Theologiæ Professoris.

TOMUS TERTIUS.



VENETIIS MDCCLXXXIX.

APUD THOMAM BETTINELLI
SUPERIORUM PERMISSU, AC PRIVILEGIO.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

**Interroga Patrem tuum, & annuntiabis tibi: Majores tuos, & dicens
tibi. Deuteron. Cap. xxxii, vers. 7.**

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

ALFABETUM A. M. C.

I N D E X

Q U Æ S T I O N U M , C A P I T U M &c.

T O M I T E R T I I .



Q U Æ S T I O N E S L I B R I S E X T I

D E S A C R A M E N T O P Æ N I T E N T I Æ .

Q u æ s t i o p r i m a . D e v i r t u t e p æ n i t e n t i æ .	ibid.
Pag. 2	
C a p u t p r i m u m : q u i d & q u o t u p l e x p æ n i t e n t i æ	ibid.
s i t .	
§. P r i m u s : n o m e n p æ n i t e n t i æ e x p l i c a t u r .	ibid.
i b i d .	
§. S e c u n d u s . P æ n i t e n t i æ d e f i n i t i o a f f e r t u r &	ibid.
e x p l i c a t u r .	
C o n c l u s i o : P æ n i t e n t i æ n o n s o l u m e s t n o v a v i -	3
t a , s i v e r e s i p i e n t i æ , s e d e t i a m v i æ v e -	
t e r i s o d i u m , c u m v o l u n t a t e s a t i s f a c i e n d i	ibid.
c o n j u n c t u m e s s e n t i a l i t e r i m p o r t a t .	
P r o b a t i o p r i m a , e x S c r i p t u r i s .	ibid.
P r o b a t i o s e c u n d a , e x S a n c t i s P a t r i b u s .	4
P r o b a t i o t e r t i a , e x r a t i o n e .	5
§. T e r t i u s . S o l v u n t u r a r g u m e n t a L u t h e r i .	ibid.
i b i d .	
§. Q u a r t u s . M u l t i p l e x p æ n i t e n t i æ d i v i s i o e x p l i -	ibid.
c a t u r .	
C a p u t s e c u n d u m : u t r u m & q u a l i s v i r t u s s i t	7
p æ n i t e n t i æ ?	
§. p r i m u s : o s t e n d i t u r p æ n i t e n t i æ e s s e v i r t u -	8
t e m p r o p r i e d i c t a m .	ibid.
P r o b a t i o p r i m a , e x S c r i p t u r i s .	ibid.
P r o b a t i o s e c u n d a , e x e o q u o d p æ n i t e n t i æ h a -	ibid.
b e a t v e r i s a c r i f i c i i r a t i o n e m .	
P r o b a t i o t e r t i a , e x i p s a d e f i n i t i o n e v i r t u -	9
t i s .	
§. S e c u n d u s : s o l v u n t u r o b j e c t i o n e s .	ibid.
§. t e r t i u s : p r o p o n u n t u r & r e s o l v u n t u r q u a -	ibid.
d a m q u æ s t i o n e s .	
13	
Q. 1. U t r u m p æ n i t e n t i æ s i t v i r t u s i n f u s a ?	ibid.
i b i d .	
R e s p o n d e o a f f i r m a t i v e .	ibid.
P r o b a t i o p r i m a , e x S c r i p t u r i s .	ibid.
P r o b a t i o s e c u n d a , e x E c c l e s i æ d e f i n i t i o n i b u s .	ibid.
i b i d .	
P r o b a t i o t e r t i a , e x T h e o l o g i c æ r a t i o n e .	13
O b j e c t i o .	ibid.
Q. 2. U t r u m p æ n i t e n t i æ s i t v i r t u s s p e c i a l i s .	ibid.
14	
R e s p . a f f i r m a t i v e .	ibid.
O b j e c t i o .	ibid.
Q. 3. A d q u o d n a m v i r t u t i s g e n u s p æ n i t e n t i æ	15
r e v o c e t u r ?	
R e s p . p a r t i m a d j u s t i t i a m , p a r t i m r e v o c a r i	ibid.
a d c a r i t a t e m .	
Q. 4. p æ n i t e n t i æ q u o d n a m s i t o b j e c t u m ,	ibid.
q u i s f i n i s ?	16
C a p u t t e r t i u m : u t r u m & q u o m o d o p æ n i t e n t i æ	ibid.
s i t h o m i n i n e c e s s a r i a ?	
§. P r i m u s : o s t e n d i t u r p æ n i t e n t i æ h o m i n i l a -	ibid.
p r o n e c e s s i t a t e m e d i i e s s e n e c e s s a r i a m .	
17	
P r o b a t i o p r i m a , e x v e r b i s v e t e r i s t e s t a m e n -	ibid.
t i .	
P r o b a t i o s e c u n d a , e x n o v o T e s t a m e n t o .	ibid.
P r o b a t i o t e r t i a , e x S a n c t i s P a t r i b u s .	18
P r o b a t i o q u a r t a , e x T h e o l o g i c æ r a t i o n e .	ibid.
§. s e c u n d u s : o s t e n d i t u r p æ n i t e n t i æ h o m i n i l a -	ibid.
p r o e s s e n e c e s s i t a t e m e d i i n e c e s s a r i a m .	
i b i d .	
P r o b a t i o p r i m a , e x a u t o r i t a t e S c r i p t u r æ .	ibid.
i b i d .	
P r o b a t i o s e c u n d a , e x S a n c t i s P a t r i b u s .	19
P r o b a t i o t e r t i a , e x T h e o l o g i c æ r a t i o n e .	ibid.
§. t e r t i u s : o s t e n d i t u r p æ n i t e n t i æ n o n e x d i -	ibid.
v i n a t a n t u m i n s t i t u t i o n e , s e d e x s u a n a -	
t u r a h a b e r e , q u o d s i t m e d i u m n e c e s s a r i u m	
a d s a l u t e m .	20
A r g u m e n t u m I e x C o n c i l i o T r i d e n t i n o .	ibid.
A r g u m e n t u m I I e x S a n c t o T h o m a .	ibid.
A r g u m e n t u m I I I e x T h e o l o g i c æ r a t i o n e .	ibid.
§. Q u a r t u s : p r o p o n u n t u r & r e s o l v u n t u r o b j e -	ibid.
c t i o n e s .	
21	
§. q u i n t u s : d u a b u s Q u æ s t i o n i b u s s a t i s f i .	24

Caput quartum : quibus gradibus ad penitentiam virtutem perveniatur. 27

§. Primus : ostenditur, sex veluti gradibus ad penitentiam virtutem ascendi. ibid.

Explicatio assertio per partes. ibid.

1. Dei convertentis operatio. ibid.

2. Motus fidei. 28

3. Motus timoris servilis. 29

4. Motus spei. 30

5. Motus caritatis. ibid.

6. Motus timoris filialis. ibid.

§. Secundus : proponuntur & resolvuntur quædam quæstiones. 31

§. Tertius : Resolvuntur due quæstiones subiectum penitentiae spectantes. ibid.

Quæstio II. De Sacramenti penitentia existentia & veritate. 33

§. Primus : ostenditur, ante seculum decimum sextum, a nemine Christiano Sacramentum penitentiae esse negatum. 34

§. Secundus : primi omnium sæculo decimo sexto Lutherani, Zuingliani, & Calvinistæ, a fide Sacramenti penitentiae recesserunt. 35

§. Tertius : penitentiam esse verum legis Evangelicæ Sacramentum, omni argumentorum genere demonstratur. 37

Probatio prima, ex Scripturis. ibid.

Probatio secunda, ex Præscriptione. 38

Probatio tertia, ex Traditione. 39

§. Quartus : eliduntur hæreticorum cavilli. 42

§. Quintus : quo tempore fuerit Sacramentum penitentiae institutum? 48

Quæstio tertia. De partibus Sacramenti penitentiae generatim. 49

Caput primum : de materia per Sacramentum penitentiae abolenda. ibid.

§. Primus : errores recensentur. 50

§. Secundus : ostenditur nullum prorsus esse peccatum, quod non possit per penitentiam expiari. 51

Probatio prima : ex inexhausta Dei misericordia. ibid.

Probatio secunda : ex divinis comminationibus contra peccatores impenitentes effusis. 52

Probatio tertia : ex testimoniis scripturarum ad Sacramentum penitentiae pertinentibus. ibid.

Probatio quarta : ex decretis Ecclesie contra Montanistas & Novatianos. 53

Probatio quinta : ex traditione Sanctorum Patrum. ibid.

§. Tertius solvuntur objectiones. 54

Caput Secundum. Articulus I de materia ex qua Sacramentum penitentiae constat. 61

Articulus II de materia proxima Sacramenti

penitentiae, sive ex qua ipsum Sacramentum constat. 62

Articulus III. Scholarum dissidia componuntur. 64

§. Primus : referuntur opiniones. ibid.

§. Secundus : ostenditur Scoti opinionem, fidei nihil habere contrarium. ibid.

§. Tertius : ostenditur S. Thome doctrinam propius ad veritatem accedere. 65

§. Quartus : Scotistarum argumenta solvuntur. 66

Appendix de impositione manuum : utrum Sacramenti penitentiae materia dici possit? 69

Obiectio. ibid.

Caput tertium : de forma Sacramenti penitentiae. 70

Ritus Græcorum. 71

Quæstio quarta. De contritione. 73

Caput primum : quid & quousque sit contritio? ibid.

Q. 1. contritionis nomine quid significetur? ibid.

Q. 2. quid sit contritio? ibid.

Q. 3. quodnam sit obiectum contritionis? 74

Q. 4. Utrum parva peccatis debita, ad obiectum contritionis pertineant. ibid.

Q. 5. Utrum absolute necessarium sit, pro numero peccatorum, alius contritionis multiplicare. 75

Q. 6. Quantum & quam vehemens debeat esse alius contritionis? ibid.

Q. 7. Utrum contritio possit esse nimia. 76

Q. 8. quibus conditionibus vera contritio contineatur. ibid.

Q. 9. An sufficiat ad effectum Sacramenti contritio existimata. 77

Q. 10. An contritio quæ Sacramenti penitentiae pars est debeat esse formalis, aut virtualis sufficiat? 78

Q. 11. An contritio juncta esse debeat cum certo, & expresso proposito deinceps non peccandi. 79

Q. 12. quæ sit contritionis divisio. 82

Q. 13. quid sit contritio perfecta, quid imperfecta. ibid.

Q. 14. utrum propriis nominibus perfecta & imperfecta contritio distinguantur. ibid.

Q. 15. voces contritionis & attritionis quid differant. ibid.

Q. 16. utrum contritio & attritio specie differant. ibid.

Q. ultimo, utrum Græci cum Latinis in doctrina contritionis consentiant? 80

Caput secundum : utrum ad Sacramentum penitentiae

QUÆSTIONUM, CAPITUM &c.

v

- nitenſe perfectam contritio ſit neceſſario
affertenda? 81
- Articulus primus. De efficacia, & modo con-
tritionis perfectæ ad inducendam peccato-
ris juſtificationem. ibid.
- Articulus II. De opinione perfectam contritio-
nem exigente, quale debeat eſſe iudicium? 85
- §. Primus: contritionem perfectam exigentium
opinio reſutatur. 86
- Argumentum I. Ex inſtitutione Sacramenti pe-
nitentiæ. ibid.
- Argumentum II. Ex clavium poteſtate Eccle-
ſiæ data. 87
- Argumentum III. Ex veritate formæ Sacra-
mentalæ. ibid.
- Argumentum IV. Ex diverſis Sanctorum Pa-
trum ſententiis. ibid.
- Argumentum V. Ex auctoritate Concilii Tri-
dentini. 88
- Argumentum VI. Ex auctoritate S. Thomæ. ibid.
- §. Secundus. Reſutantur obſeſiones. 89
- Articulus III. utrum ſententia exigentium con-
tritionem perfectam, damnata ab Eccleſia
fuerit. 93
- §. Primus: oſtenditur opinionem eorum, qui
perfectam contritionem a penitentibus ex-
igebant, nullo Eccleſiæ ſolemni decreto
proſcriptam. 94
- Probatio prima: ex temporibus, quæ celebra-
tionem Tridentini Concilii præceſſerunt. ibid.
- Probatio ſecunda: ex tempore, ipſaque cele-
bratione Concilii Tridentini. 95
- Argumentum I. Ex eo quod Concilium Tri-
dentinum, non ad Theologorum diſcuden-
das opiniones, ſed ad Lutheri aliorumque
heretice exterminandas coactum eſſet. ibid.
- Argumentum II. Ex ſæſo quodam Amiliani,
Tudetani in Hiſpania Epilcopi. ibid.
- Argumentum III. Ex Theologorum qui Syno-
do interfuertant, ſilentio ac confeſſione. 96
- Probatio tertia: ex tempore quod Concilii ce-
lebrationem ſecutum eſt. 97
- §. Secundus: diluuntur adverſariorum oppo-
ſitiones. 98
- Caput Tertium: utrum contritio imperfecta,
ex turpitudinis peccati conſideratione, vel
ex gehennæ & penarum metu concepta,
ſit bona & utilis? 102
- Articulus I. de timore penarum, an bonus ſit? ibid.
- §. Primus: timor quatuorplex? ibid.
- §. Secundus: Lutheri doctrina exponitur. 103
- De Re Sacram. T. III.
- §. Tertius: oſtenditur attritionem ex gehennæ
& penarum metu conceptam, utilem eſ-
ſe, & ad juſtificationem diſponere. 104
- Probatio prima, ex Scripturis. ibid.
- Probatio ſecunda, ex Sanctis Patribus. ibid.
- Probatio tertia, ex eo quod timor penarum
ſpiritu ſancto movente concipiatur. 105
- Probatio quarta, ex Theologica ratione. ibid.
- §. Quartus: reſutantur argumenta Lutheri. 106
- Articulus II. utrum attritio ex turpitudinis
peccati conſideratione concepta, ſit bona
& utilis? 108
- Caput quartum: utrum attritio ex turpitudi-
nis peccati conſideratione, vel ex gehennæ
metu concepta, ſit ita bona & utilis,
ut ad juſtificationem in Sacramento obti-
nendam, abſque ullo Dei amore ſufficiat? 109
- Articulus I. Oſtenditur, non ſufficere in Sa-
cramento attritionem, ex ſolo gehennæ &
penarum metu conceptam. 110
- §. Primus: afferuntur argumenta. ibid.
- Argumentum I. Ex eo quod timor gehennæ
omnem non excludat voluntatem pec-
candi. ibid.
- Argumentum II. Ex eo quod gehennæ timor
non ſufficiat ad cordis conversionem. 112
- Argumentum III. Ex novitate doctrine, ti-
moris ſervilis ſufficientiam propugnantis. 114
- §. Secundus: diluuntur contraria argumenta. 116
- Articulus ſecundus: divini amoris, ſaltem ini-
tialis, ad veram contritionem neceſſitas
demonſtratur. 121
- §. Primus: proferuntur argumenta. ibid.
- Probatio prima. Ex ſacris litteris. ibid.
- Probatio ſecunda: ex eo quod poſita ſententie
contrarie veritate, divini amoris neceſſi-
tas penitus evanecat. 124
- Probatio tertia: ex Sanctis Patribus. 126
- Probatio quarta: ex Theologis veteribus. 131
- Probatio quinta: ex Theologis Tridentino Con-
cilio æqualibus, & poſterioribus. 134
- Probatio ſexta & ultima: ex Græcorum Orien-
taliūque conſenſione. 136
- §. Secundus: ſolvuntur obſeſiones. 137
1. Diſcutitur argumentum ductum ex efficacia
Sacramenti. ibid.
2. Expenditur, & ſolvitur argumentum,
ex Concilii Tridentini auctoritate peri-
um. 147
- Oſtenditur 1. Concilium Tridentinum quæ-
ſtionem hanc attingere noluiſſe. ibid.
- Oſtenditur 2. magis in amoris neceſſitatem,
quam

quam in opinionem contrariam Patres propendisse.	148
Articulus tertius: quis & qualis debeat esse amor, ad Sacramentum penitentiae afferendus?	157
§. Primus: proponuntur opiniones.	ibid.
§. Secundus: ostenditur, amorem ad Sacramentum afferendum, caritatis, benevolentiae, & amicitiae esse, quo nimirum peccator Deum tanquam omnis iustitiae fontem diligere incipit.	158
Probatio prima, ex Scripturis.	159
Probatio secunda, ex Patribus.	160
Probatio tertia, ex Sancto Thoma.	ibid.
Probatio quarta, ex Concilio Tridentino.	161
Probatio quinta, ex eo quod caritatis, non secus ac spei & fidei suae debeant in reconciliationis negotio esse partes.	162
Corollarium I.	164
Corollarium II.	165
Corollarium III.	166
§. Tertius: Eliduntur objectiones.	ibid.
Quaestio quinta. De Confessione.	176
Caput primum. De confessionis Sacramentalis necessitate.	ibid.
§. Primus: errores notantur.	ibid.
§. Secundus: ostenditur, confessionem Sacramentalem, ab iis qui post baptismum, in peccatum aliquod mortale lapsi fuerint, ex institutione Christi, sacerdotibus necessario faciendam.	177
Probatio prima: ex Scripturis.	ibid.
Probatio secunda: ex Praescriptione.	ibid.
Probatio tertia: ex Patrum traditione.	182
§. Tertius: eliduntur haereticorum objectiones.	ibid.
§. Quartus: quaedam difficultates confessionis necessitatem spectantes resolvuntur.	191
Caput secundum: de confessionis conditionibus.	193
Q. 1. Quibus conditionibus confessio Sacramentalis constituitur.	ibid.
Q. 2. Quae sit confessionis materia.	ibid.
Q. 3. Utrum confessio ut bona & valida sit, integra esse debeat.	ibid.
Q. 4. Utrum ad formalem confessionis integritatem necessaria sit declaratio circumstantiarum.	195
Q. 5. Utrum ad confessionis integritatem necessaria sit peccatorum dubiorum declaratio.	198
Q. 6. Utrum integram confessionem edidisse putandus sit, qui peccata sua in duas veluti classes partiti, unam quidem partem uni sacerdoti, alteram alteri declaravit.	ibid.

Q. 7. Utrum nullo casu dividi confessio possit.	ibid.
Q. 8. Cur simplex debere esse dicatur confessio.	199
Q. 9. Quorsum dicatur confessionem humilem esse debere.	ibid.
Q. 10. Unde noscatur, humilem non esse confessionem.	ibid.
Caput tertium: de secreto, sive sigillo confessionis.	ibid.
Q. 1. Utrum peccata occulta publice confitendi extet aliquod divinum mandatum.	ibid.
Q. 2. Utrum aliquando in usu fuerit occultorum peccatorum confessio publica.	ibid.
Q. 3. Utrum hodie, penitentibus publice confitendi, vel facultas fieri possit, vel imponi necessitas.	ibid.
Q. 4. Utrum saltem peccatores publici ad publicam penitentiam & confessionem adigi possint.	201
Q. 5. Utrum sacerdos qui confessionem excipit, teneatur ad secretum.	ibid.
Q. 6. Quae res cadant sub sigillum confessionis.	202
Q. 7. Utrum vita sancto penitente, sacerdoti liceat confessionem ejus revelare.	ibid.
Q. 8. Cujus peccati reus esset sacerdos confessionem revelans.	ibid.
Q. 9. Utrum alii praeter sacerdotem secretum legem teneantur.	ibid.
Q. 10. Utrum sacerdos ad exteriorem Ecclesiae aut societatis gubernationem, ejusque utilitatem, cognitionem quam via confessionis habuerit, uti possit?	203
Q. 11. Utrum sacerdos cui sola confessio compertum est, indignum aliquem esse Ecclesiastica dignitate, vel nobis praefecturam, possit ei suffragium denegare, & ejus electioni resistere.	204
Q. 12. Utrum pariter propter crimen sola confessione cognitum possint Sacramenta negari.	ibid.
Q. 13. Utrum volente Penitente, sigillum confessionis abrumperet licet?	ibid.
Quaestio sexta. De Satisfactione.	205
Caput primum: de necessitate satisfactionis.	ibid.
§. Primus: Haeresis refutatur.	ibid.
Ostenditur primo: peccatum posse condonari a Deo, simulque solvi poenae aeternae reatum, manente debito poenae temporalis.	206
Argumentum I. Ex Scriptura.	ibid.
Argumentum II. Ex Patribus.	207
Ostenditur II. Satisfactione penitentium, satisfactioni Christi non derogari.	ibid.

Ostenditur III. Penas temporales a Deo peccatoribus intentatas posse per penitentiam & bona opera redimi, quæ veræ satisfactionis rationem habeant. 203

6. Secundus: eliduntur hereticorum cavilli. 209

7. Tertius: explicantur variae questiones. 212

Q. 1. Utrum satisfactio in re suscepta, & executioni mandata ad essentiam Sacramenti pertineat? ibid.

Q. 2. Utrum satisfactio stare possit cum affectu vel affectu peccati mortalis? ibid.

Q. 3. Utrum possit penitens pro uno peccato satisfacere alio retento. 213

Q. 4. Utrum affectu peccati deposito, possit cum ejusdem reatu satisfactio conciliari. 214

Q. 5. Utrum possit unus pro altero satisfacere. 215

Q. 6. Utrum is solum operibus Deo satisfiat, quæ a sacerdotibus imponuntur. 216

Q. 7. Quid utilitatis satisfactio habeat. ibid.

Q. 8. Utrum a satisfactione possit penitens gloriari. ibid.

Caput secundum satisfactioni quis modus ponendus. 217

§. Primus: antiquæ Ecclesiæ in imponendis satisfactionibus disciplina describitur. ibid.

Probatio prima: a temporibus Apostolicis, ad Novatianorum exortum. ibid.

Probatio secunda: ex Sanctorum Patrum doctrina. 218

Probatio tertia: et disciplina occasione Novatianorum schematis instituta. 220

I. De fientium ratione. 221

II. De audientium ratione. 222

III. De substratorum ratione. ibid.

IV. De consistentium ratione. ibid.

Probatio quarta: et disciplina quæ penitentiae publicæ abrogationem in Oriente & Occidente excepit. 223

§. Secundus: ostenditur, quomquam exterior disciplina mutata sit, eundem tamen vigere Ecclesiæ spiritum; adeoque opera penitentiae pro gravitate criminum exigenda. 224

§. Tertius: antiqui penitentiae canones describuntur. 227

§. Quartus: explicantur questiones quædam necessariæ. 234

Q. 1. Utrum olim pro gravi quolibet peccato, etiam occulto, publica penitentia indigeretur? ibid.

Q. 2. Quæ tanti rigoris causa fuerit. ibid.

Q. 3. Utrum juxta hodiernam disciplinam penitentia publica peccatores plecti possint? ibid.

Q. 4. Quid si penitens publicæ satisfactionis onus ferre recuset; numquid Ecclesiæ clementia, & sacerdotis indulgentia dignum erit, ut penam publicam in oculum mutet? 235

Q. 5. Utrum differant penitentia publica, & sollemnis? ibid.

Q. 6. Quæ sint præcipua satisfactionis opera? ibid.

Q. 7. In imponendis satisfactionibus quæ ratio sit tenenda? ibid.

Q. 8. Quid agere debeat penitens, cui, attentata criminis gravitate, satisfactio levior imposita fuerit? 237

Q. 9. Infirmis quæ satisfactio sit imponenda. ibid.

Q. 10. Utrum necesse sit absolutionem satisfactione præcedi? ibid.

Q. 11. Utrum penes sacerdotem sit, beneficium absolutionis differre, donec penitens satisfactionem ex tota, vel ex parte persolverit? ibid.

Q. 12. Utrum in sacerdotis arbitrio sit, satisfactionem ab altero sacerdote impositam commutare ac moderari? ibid.

Q. 13. Utrum penes sacerdotem sit, beneficium absolutionis differre, donec penitens satisfactionem ex toto, vel ex parte persolverit? 239

Q. Ultimo. Utrum in sacerdotis arbitrio sit, satisfactionem ab altero sacerdote impositam commutare ac moderari? ibid.

Quæstio septima. De indulgentiis. 240

Caput primum: Ecclesiæ ad indulgentias concedendas, contra hæreticas auctoritates vindicatur. ibid.

§. Primus: notantur errores. ibid.

§. Secundus: indulgentiarum nomen & definitio explicatur. 242

§. Tertius: veritas indulgentiarum adstruitur. 242

Argumentum I. Ex eo quod Ecclesiæ indulgentias omni retro ætate concesserit. ibid.

Argumentum II. Ex clavium potestate. 245

Argumentum III. Ex communione Sanctorum. ibid.

Corollarium: de indulgentiarum utilitate. 246

§. Quartus: diluuntur objectiones. 247

Caput secundum: cetera ad indulgentias pertinentia, breviter explicantur. 255

§. Primus: de diversitate indulgentiarum. ibid.

Q. 1. Quid sit indulgentia plenaria? ibid.

Q. 2. Quid sit indulgentia septem annorum, unius anni, quadraginta dierum? &c. ibid.

Q. 3. Indulgentia Jubilei quid sit? ibid.

Q. 4.

- Q. 4. Jubileum cur dictum fuerit?** ibid.
- Q. 5. Clementi VI quæ causa fuerit, Jubileum ad annum quinquagesimum reduci.** 256
- Q. 6. Urbanum VI & Paulum II quid moverit, ut ille quidem anno quolibet trigésimo tertio, iste vero vigésimo quinto recurrente Jubileum concederent?** ibid.
- Q. 7. utrum hæcenus Pauli II de Jubileo constitutio intacta vigerit?** ibid.
- Q. 8. Quid utilitatis Jubileum fidelibus afferat.** ibid.
- §. Secundus: de indulgentiarum ministro.** ibid.
- Q. 1. Qui sint ordinarii indulgentiarum ministri?** ibid.
- Q. 2. utrum omnium Episcoporum par sit in indulgentiis concedendis facultas.** 257
- Q. 3. utrum saltem quicquid Summus Pontifex in universa Ecclesia, idem Archiepiscopus aut Episcopus, in sua Provincia aut Diocesi possit?** ibid.
- Q. 4. utrum juris divini sit illa Episcoporum a Summo Pontifice differentia in potestate indulgentias largiendi?** ibid.
- Q. 5. An presbyteri simplices possint ex commissione esse extraordinarii indulgentiarum ministri?** 258
- Obiectio.** ibid.
- Q. 6. Ad quos pertineat indulgentias publicare.** ibid.
- Q. 7. Qua primum occasione ceperit, indulgentias publicandi quæstoribus provincia demandari?** 259
- Q. ultimo, quæ causa fuerit, quæstorum officium abolendi?** ibid.
- §. Tertius: de subiecto & conditionibus indulgentiarum.** 260
- Q. 1. Quodnam sit indulgentiarum subiectum?** ibid.
- Q. 2. utrum animæ defunctorum in purgatorio detente, sint indulgentiarum subiectum?** ibid.
- Q. 3. Cur indulgentiæ, per modum absolutionis non defunctis concedantur; cur affirmant Summi Pontifices, se eas in eorum gratiam Apostolica auctoritate largiri?** ibid.
- Q. 4. utrum indulgentiæ in gratiam defunctorum concessæ illis necessario & infallibiliter ad relaxationem penarum purgatorii prosint?** ibid.
- Q. 5. Cur aliqua altaria privilegiata dicantur?** 261
- Q. 6. utrum indulgentia Jubilei non alibi quam Romæ concedatur?** ibid.
- Q. 7. utrum quocumque prætextu datæ indulgentiæ valeant?** ibid.
- Q. 8. Quæ conditio fideles possint fieri indulgentiarum participes.** 262
- Quæstio octava. De forma Sacramenti penitentiae, sive de absolutione.** ibid.
- Caput primum: utrum Christus absolventi potestatem Ecclesiæ revera contulerit?** ibid.
- §. Primus: ostenditur Christum absolventi potestatem revera Ecclesiæ contulisse.** 263
- Argumentum I. Ex eo quod Christus quam habebat potestatem cum Ecclesiæ communicaverit.** ibid.
- Argumentum II. Ex Ecclesiæ clavibus.** ibid.
- Argumentum III. Ex perpetua traditione.** ibid.
- §. Secundus: clavium notio natur.** 264
- Caput secundum: qua ratione ac verborum formula potestas absolventi exerceatur.** ibid.
- Q. 1. Quæ sit forma Sacramenti penitentiae?** ibid.
- Q. 2. Quot modis possit alius judicialis absolutionis enuntiare?** ibid.
- Q. 3. Quis modus sit necessario usurpandus.** 265
- Q. 4. Quæ sit forma absolventi in Latina Ecclesia?** ibid.
- Q. 5. utrum hæc voces debant necessario exprimi, a peccatis tuis** ibid.
- Q. 6. utrum expressa Trinitatis invocatio necessaria sit?** ibid.
- Q. 7. utrum persona cui Sacerdotalis absolutio datur, debeat necessario designari per pronomen te?** ibid.
- Q. 8. Utrum forma indicativa semper in Latina Ecclesia fuerit usurpata?** ib.
- Q. 9. Utrum solemnī Ecclesiæ Latine decreto forma deprecatoria nichil sit?** 266
- Q. 10. Quæ Græcorum & Orientalium forma sit?** 267
- Q. 11. De Græcorum forma quid sentiendum.** ib.
- Q. 12. Quid si Latinus aliquis sacerdos solam formam deprecativam indicativam posthabita adhiberet?** ib.
- Caput tertium: de Absolutione per litteras, sive per internuncium data.** ib
- §. Primus. Confessio facta per litteras Sacerdoti absenti nec licita nec Sacramentalis confessio est, cui absolutio impendi valide possit.** ib.
- §. Secundus: Etiam ante Clementis VIII Decretum Confessio facta per litteras, vel internuncium irrita, ac nulla erat.** 269
- Quæstio nona, de ministro Sacramenti penitentiae.** 271
- §. Primus: ostenditur soles sacerdotes legitimos Sacramenti penitentiae esse ministros.** ib.
- Probatio prima: ex Scripturnis.** ibid.

Proba-

- Probatio secunda: ex traditione. ibid.
 Probatio tertia: ex Theologica ratione. 272
 §. Secundus: proponuntur & resolvuntur objectiones. ibid.
 §. Tertius: resolvuntur pleraque necessaria quæstiones. 276
 Q. 1. Utrum hoc ipso, quod aliquis est sacerdos, valde absolutionem impartiri possit? ibid.
 Q. 2. Quis sacerdos jurisdictionem habeat? 277.
 Q. 3. Utrum sacerdos in una diœcesi approbatus, hoc ipso possit in aliis diœcesibus, sine nova aliorum Episcoporum approbatione confessiones excipere. ib.
 Q. 4. Utrum in una diœcesi approbatus, pro semper, & quoad omnes ejusdem personas approbatus censendus sit? ib.
 Q. 5. Utrum sacerdos, titulo beneficii habens ordinariam in sua Parochia jurisdictionem, per totam diœcesim sit approbatus? 278.
 Q. 6. Utrum hoc ipso quod aliquis vel ordinariam, vel delegatam habet jurisdictionem, possit ab omni indifferenter peccato, sine nova concessione absolvere. ib.
 Q. 7. Si urgeat casus necessitatis, utrum possit sacerdos quilibet, etiam non delegatus, a quolibet peccato absolvere. ib.
 Q. 8. Quid utilitatis casuum reservatio habeat. ib.
 Q. 9. Quid factu opus sit, ut casuum reservatio fidelibus revera utilis sit. 279
 Q. 10. Utrum a casibus Episcopo reservatis possit aliquis, non obienta ejus speciali approbatione absolvere. ib.
 Q. 11. Utrum casuum reservatio ab antiquo obtineat. ib.

- Q. 12. Utrum liberum unicuique sit, quomodo presbyterum ab Episcopo approbatum, ad faciendam ei confessionem eligere. 280
 Q. 13. Utrum hæc regula universaliter, absque exceptione sit vera. ib.
 Q. 14. Proprii sacerdotis nomine quis intelligendus. ib.
 Q. 15. Utrum canon Lateranensis ita de Parochis intelligi debeat, ut Summus Pontifex, Episcopi, & ab iis absque reservatione temporis approbati, exclusi significantur. 281
 Q. 16. Confessariorum quæ doctes esse debeant. 282
 Quæstio nona, de subjecto Sacramenti penitentiae. 283
 §. Primus: ostenditur, sepius ab uno eodemque penitentiae Sacramentum suscipi posse. ibid.
 §. Secundus: solvuntur quædam objectiones. 284.
 §. Tertius: resolvuntur aliquæ quæstiones. 287.
 Q. 1. Utrum statim atque penitens peccata sua declaraverit, reconciliationis beneficio sit donandus. ib.
 Q. 2. Quibus speciatim differenda absolutio, vel neganda. ib.
 Q. 3. Utrum confessorius teneatur penitentem interrogare. 289
 Q. 4. Utrum statim atque mortaliter aliquis peccavit, confessionis præcepto obligetur. ib.
 Q. 5. Utrum ad plures annos remitti absque peccato confessio possit. ib.
 Q. 6. Utrum præcepto confessionis annuæ confessione sacrilega satisfiat. ib.
 Canones Tridentini de penitentia. 290

QUÆSTIONES LIBRI SEPTIMI

DE SACRAMENTO EXTREMÆ UNCTIONIS.

- Q**uæstio prima. *Utrum extrema unctio ratio Sacramenti conveniat.* 192
- Caput primum.** *Extremam unctionem, verum ac propriè dictum legis novæ Sacramentum esse monstratur.* 193
- Probatio prima, ex Scripturis.** ib.
- Probatio secunda, ex Traditione.** 194
- Probatio tertia, ex Præscriptione.** 196
- Caput secundum.** *Elidimur hæreticorum cavilli.* 199
- I. Proponitur, & resolvitur objectio prima.** ibid.
- II. Diluitur objectio secunda.** 303
- Caput tertium.** *Extremæ unctionis diversa nomina, & definitio proponuntur.* 309
- Quæstio secunda.** *De materia extremæ unctionis.* 310
- Caput primum.** *De materia remota.* ibid.
- §. Primus.** *Ostenditur oleum olivarum, necessariam esse hujus Sacramenti materiam.* ibid.
- Obiectio.** ibid.
- §. Secundus.** *Qua conditione oleum extremæ unctionis materia sit?* 312
- Q. 1.** *Utrum oleum infirmorum debeat speciali benedictione consecrari?* ibid.
- Q. 2.** *Itane necessaria sit benedictio olei, ut ad essentiam Sacramenti pertineat.* ibid.
- Obiectio.** 313
- Q. 3.** *Quare oleum extremæ unctionis oporteat esse benedictum.* 314
- Q. 4.** *A quo debeat olei benedictio fieri.* ib.
- Q. 5.** *Utrum Græcorum & Orientalium a Latinis discrepantia habeat aliquid fidei, & extremæ unctionis naturæ contrarium.* ibid.
- Q. 6.** *Græcorum & Orientalium discipline quæ sit origo.* 315
- Q. 7.** *Si sacerdos imprudenter oleum non benedictum addiderit, quid agendum.* ib.
- Q. 8.** *Utrum oleo ad Sacramentum destinato, liceat balsamum, aut liquorem quemvis extraneum admiscere?* 316
- Q. 9.** *Quid si oleum benedictum deficeret, nec commode aliunde haberi posset.* ib.
- Caput secundum.** *De extremæ unctionis materia proxima.* 318
- §. Primus.** *Quæ partes corporis ungi deberent, nec in Scriptura definitæ, nec in traditio-*
- ne præscriptæ, indeque magna rituum oborta diversitas.* ibid.
- §. Secundus.** *Quædam dubia resolvuntur.* 319
- Q. 1.** *Utrum omnes quæ in Latina Ecclesia solent fieri unctiones, ad Sacramentum necessarie sint existimandæ?* ibid.
- Q. 2.** *Quid factio opus sit erga infirmos, qui casu, vel natura membro aliquo caruerint eorum in quibus unctio fieri debet?* 320
- Q. 3.** *Ubi ejusdem sensus gemina organa, aut membra sunt, utrumne in singulis debeat unctio fieri, & forma proferri.* ib.
- Q. 4.** *Quid si utrumque membrum aliquod, obvitium sacerdoti fuerit, utra magis pars ad unctionem eligenda?* ibid.
- Q. 5.** *An possit assignari congrua ratio, cur ungentur partes quædam determinatæ in Ecclesia Latina.* ibid.
- Q. 6.** *Quid in unctione observandum.* ibid.
- Q. 7.** *Utrum manus immediato contactu debeat unctio fieri.* ibid.
- Quæstio tertia.** *De forma extremæ unctionis.* 322
- Ostenditur primo,** *extremam unctionem non secus ac cetera Sacramenta formam propriam ex divina institutione habere.* ib.
- Ostenditur secundo,** *formam extremæ unctionis, qualis ubique hodie observatur, verbis deprecatoriis enuntiari.* 322
- Ostenditur tertio,** *formam extremæ unctionis in Latina Ecclesia olim verbis absolutis expressam.* 323
- Corollarium I.** ibid.
- Corollarium II.** 324
- Obiectio I.** *volentium, formam extremæ unctionis non posse in oratione consistere.* ibid.
- Obiectio II.** *Volentium, extremæ unctionis formam, veram, nisi deprecatoria fuerit, esse non posse.* 326
- Proponuntur & resolvuntur quædam quæstiones.** 328
- Q. 1.** *Utra forma convenientior sit, indicativa an deprecatoria?* ibid.
- Q. 2.** *Utrum formam inter Græcorum & Latinorum consensio sit?* ib.
- Q. 3.** *Utrum omnes & singula harum formarum particule pertineant ad essentiam Sacramenti?* ibid.

Quæ-

- Quæstio quarta. De auctore & ministro extreme unctiōnis. 329
 Caput primum. De extreme unctiōnis auctore. ibid.
 §. Primus. Utrum extrema unctiō immediate a Christo sit instituta? ibid.
 Ostenditur I. extremam unctiōnem immediate a Christo sanctam. 330
 Probatio I. ex Analogia aliorum Sacramentorum. ibid.
 Probatio II. ex amicitias consensione. ib.
 Probatio III. ex Concilio Tridentino. 332
 Ostenditur II. Hægonis & sequacium ejus opinionem, non esse ab Ecclesia expresse damnatam; quamquam sine temeritate & violatæ fidei suspitione defendi modo non posset. ibid.
 §. Secundus. Quo tempore fuerit extrema unctiō instituta? 333
 Ostenditur opinionem volentium, hoc Sacramentum Marci 6 capite institutum, parum probabilitatis habere. 334
 Argumentum I. ex Concilio Tridentino. ib.
 Argumentum II. ex eo quod in unctiōne quam Paulus memorat, ratio Sacramenti non quadret. ibid.
 Caput secundum. De extreme unctiōnis ministro. 335
 §. Primus. Utrum extreme unctiōnis minister, sacerdos necessario esse debeat. ibid.
 Ostenditur ministrum extreme unctiōnis, non alium esse posse quam sacerdotem. ibid.
 Probatio I. Ex Scripturis. ibid.
 Probatio II. Ex præscriptione & perpetua Ecclesiæ disciplina. 336
 Probatio III. ex sententiis Sanctorum Patrum. ibid.
 Dissolvuntur quædam difficultates. ib.
 §. Secundus. Utrum ad extreme unctiōnis ministerium sacerdos unus sufficiat, aut plures necessario requirantur? 338
 Ostenditur, & ab uno, & a pluribus valide conferri posse. ibid.
 Probatio primæ partis. 339
 Probatio secundæ partis. ibid.
 Objeſtio. 341
 §. Tertius. Solvuntur quædam quæstiones. 342.
 Q. 1. Utrum Episcopis, uti & simplicibus sacerdotibus conveniat, extreme unctiōnis esse ministros? ibid.
 Q. 2. Utrum a quolibet indifferenter sacerdote liceat extremam unctiōnem administrari. ibid.
 Q. 3. Quid si casus necessitatis occurrat? 343.
 Q. 4. Itane debeat præstari Latine Ecclesiæ disciplina intelligi, ut verum sit plures sacerdotes ad unctiōnes vocare? ibid.
 Quæstio quinta. De subiecto, & necessitate extreme unctiōnis. ibid.
 Caput primum de extreme unctiōnis subiecto. ibid.
 §. Primus. Ostenditur solos infirmos suscipiendæ extreme unctiōnis esse capaces. 344
 Probatio prima, ex Scripturis. ibid.
 Probatio secunda, ex Præscriptione. ibid.
 Probatio tertia, ex Ecclesiæ decretis. 345
 Probatio quarta, ex Historia Ecclesiastica. ibid.
 Solvitur quædam gravis momenti objeſtio. 346.
 §. Secundus. Quæ & qualis debeat infirmitas esse, cui ius postulandæ extreme unctiōnis annexum sit? 349
 Q. 1. Utrum debeat graviter ægrotare, cui beneficium unctiōnis impenditur? ibid.
 Q. 2. De Græcorum disciplina quod debeat esse iudicium? ibid.
 Q. 3. Gravis ægrotationis nomine, juxta disciplinam Latine Ecclesiæ quid intelligendum? ibid.
 Objeſtio. ibid.
 Q. 4. Quæ disciplina veteris negligendæ causa esse poterit. 352
 Q. 5. Utrum quodlibet urgens mortis periculum, causa sufficiens sit extreme unctiōnis petendæ ac concedendæ. 353
 Q. 6. De veniis quid dicendum? ibid.
 Q. 7. Utrum phreneticis, furiosis, & post natiuitatem amentibus debeat ministrari? 354.
 Q. 8. An patris conferri debeat hoc Sacramentum. ibid.
 Q. 9. Quid si aliquis morbo sive casu aliquo sic oppressus sit, ut quamvis adhuc vivat, petere tamen sibi extremam unctiōnem non possit? 355
 Caput secundum. De necessitate unctiōnis. ibid.
 Q. 1. Utrum extreme unctiōnis suscipiendæ præceptum aliquod sit? ibid.
 Q. 2. Utrum extrema unctiō sit necessitate mediæ necessaria? 356
 Q. 3. Utrum extrema unctiō possit iterari? ibid.
 Objeſtio. ibid.
 Q. 4. Utrum etiam pro eadem infirmitate possit iterari? 357
 Q. 5. Quæ dispositiones ad ejus susceptionem necessariae sint? ibid.
 Quæstio sexta. De extreme unctiōnis effectibus. 358
 Assertio unica. Effectus extreme unctiōnis his Scri.

Scripturæ verbis exprimuntur: Oratio h. dei salvabit infirmum; alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, dimittentur ei.

ibid.

Corollarium I. *fidei est, per extremam unctionem, quando digne suscipitur, peccata remitti.*

ibid.

Corollarium II. *Extrema unctio per se primo, sive ex primaria Christi instituentis intentione, peccata mortalia non remittit; sed secundario tantum.*

ibid.

Corollarium III. *Extrema unctio per se peccata venialia remittit: an autem per se primo, aut secundario tantum? lis est inter theologos.*

359

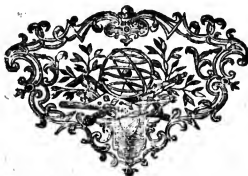
Corollarium IV. *proprius extrema unctionis effectus est, per gratiam sanare & abstergere peccatorum reliquias, vestigia, cicatrices, scilicet pronitatem ad malum, ineptitudinem, languorem, & debilitatem ad bonum: atque adeo animam alleviare, & hilaritate spirituali perfundere.*

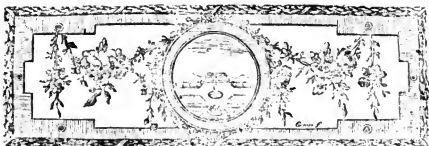
ibid.

Corollarium V. *Extrema unctio sanitatem corporis interdum, ubi saluti animæ expedit, operatur; unde hujus Sacramenti effectus secundarius dici potest.*

Quæstio septima & ultima. *De ritibus in Extrema unctionis administratione servandis.*

361





LIBER SEXTUS

D E

SACRAMENTO PŒNITENTIÆ.

Postquam de Sacramentis in genere, de Baptismo, Confirmatione, deque Eucharistiæ Sacramento & Sacrificio actum est, ratio operis postulat, ut de Pœnitentiâ dicamus, quam voluit Pater misericordiarum & Deus totius consolationis esse secundam post naufragium tabulam: quæque proinde in Sacramentis, ad salutem, necessitate mediæ necessariis, alterum a baptismate locum habet. *Equidem si in regeneratis omnibus ea gratitudo erga Deum esset, inquit Patres Tridentini, (sess. 14, c. 1) ut iustitiam in baptismo, ipsius beneficio & gratia susceptam constanter tuerentur; non fuisset opus, aliud ab ipso baptismo Sacramentum, ad peccatorum remissionem esse institutum: quoniam autem Deus dives in misericordia cognovit fignientum nostrum, illis etiam vitæ remedium contulit, qui sese postea in peccati servitutem, & demonis potestatem tradidissent; Sacramentum videlicet pœnitentiæ, quo lapsis post baptismum, beneficium mortis Christi applicatur.*

Equis vero est adeo vitæ integer, & ab omni culpæ contagio purus, qui laborioso pœnitentiæ baptismo sæpius in vita non egeat? tot enim in hac valle miseriarum, tamque sævis iactamur procellis, tot ingruentium undequaque hostium insultationibus oppugnamur, tot debilitatæ naturæ, & voluntatis, per Adami rebellionem in deterius commutatæ passionibus conturbamur, ut neminem patiatur conditio fragilitatis humanæ sine macula vivere, foretque penitus de salute desperandum, nisi ille sanaret infirmitates nostras, & peccata remitteret, qui dixit: (Matt. 11, 28, & seq.) *Venite ad me omnes qui laboratis, & onerati estis, & ego reficiam vos: Tollite iugum meum super vos . . . & invenietis requiem animabus vestris.* Tanti igitur & tam necessarij Sacramenti naturam, excellentiam, virtutem, proprietates atque condiciones, non ex corruptis recentiorum opinionibus, non ex versatilibus probabilitatis commento: sed juxta inviolabilem scripturæ & traditionis regulam nostrî est officij indagare ac constituere: quod toto hujus libri decursu, juvante Deo, sic præstare conabimur, nostram ut operam nemo requirat, aut negligentiam arguat.

Est vero pœnitentiæ eximium, ut non solum Sacramenti dignitate a Christo donata sit; sed etiam non minimum inter virtutes teneat locum: nam cum reliqua fere Sacramenta sint res sensibus subiectæ, quæ ex libera Dei electione sanctitatis & justitiæ tum significandæ, tum efficiendæ vim habent: pœnitentia sibi vindicat iure suo, ut Deo offenso penas luat, animam peccatricem intus maceret torqueatque, & veræ denique virtutis importet officia, quorum actus dum exerit, præbet Sacramento materiam, ut suo loco dicturi sumus.

Itaque ut sit accurata hujus libri & plena divitiis, quæremus: 1. De virtute pœnitentiæ: 2. De Sacramenti pœnitentiæ existentia ac veritate: 3. De partibus eius generatim: 4. De Pœnitentiæ Sacramento. T. III.

contritione: 5. De confessione: 6. De satisfactione: 7. De indulgentiis: 8. De forma Sacramenti, sive de absolutione: 9. De ministro: 10. De subiecto Sacramenti. Sit igitur

A QUÆ-

QUÆSTIO PRIMA.

De virtute penitentiae.



Primum de Penitentiae nomine, definitione, ac divisione dicendum, ne qua deinceps æquivocatio vel confusionem pariat, vel obscuritatem.

Secundo, querendum utrum & qualis sit virtus?

Tertio, utrum & quatenus necessaria sit?

Quarto, quibus gradibus ad illam pervenitur? Quapropter sit

CAPUT PRIMUM.

Quid & quod duplex penitentia sit?

§. PRIMUS.

Nomen penitentiae explicatur.

Penitere, si ad verbi originem attendamus, idem est, ac *penam tenere*, inquit author libri de vera & falsa penitentia, S. Aug. attributi; (*novæ edit. tom. 6, in append. col. 231*) idemque sentiunt Latini omnes. A purificatione, ait S. Isidorus Hispal. (*lib. 6 origin.*) Penitentia nomen accepit, quasi punientia, aut punientia, per quam scilicet homo puniendo punit, quod male admisit peccando: quapropter ei tantum penitentia convenit, in quem rei antea hæc odium ac detestatio, & prioris consilii revocatio incidit; unde cum Deus nec male quidquam possit agere, quia summe perfectus est, & ex essentia bonus, nec revocare propositum, cum apud illum (*Ep. 5. Jac. c. 1, 17*) non sit transmutatio nec vicissitudinis obumbratio; omnis proinde est penitentia incapax; quod autem in scripturis legitur, Deum aliquando penituisse: (*Genesis enim 6, v. 6 & seq. Penituit eum*, inquit, quod hominem fecisset in terra: & *tallus dolore cordis intrinsecus, delebo*, inquit, hominem quem creavi, a facie terre, ab homine usque ad animalia, a reptili usque ad volucres cæli: *penituit enim me fecisse eos*: & *I. Reg. 15, 11*, penituit me, quod constituerim Saul Regem: *quia dereliqui me & verba mea opere non complevi*) Hæc, inquam, & si quæ leguntur similia, debent figurato sensu accipi, quia per translationem dici perspicuum est, (inquit Concilii Trid. Catechismus p. 2, sit. de Sacram. Penit. num. 3) eo enim loquendi

genere quod ad hominum mores accommodatum est, sacre littere utantur, cum Deum mutare aliquid constituisse declarant; quod non aliter facere videatur quam homines, quos si alicujus rei peniteat, eam commutare omni studio laborant.

Diversis porro modis accipi nomen penitentia potest.

1. Latissime pro interiori animi sensu, quorem faciunt, bonam licet, quis reprobatur & infestam vellet; qualis eorum esset affectio, quos sobrie & juste vixisse puerit; hæc autem, ait Apostolus, (*2 Cor. 7, 10*) *seculi tristitia est, quæ mortem operatur*, nec tam penitentia, quam diabolicæ perversitatis nomen meretur, & propria eorum est, qui, ut loquitur Sapiens (*Prov. 2, 13*), *relinquunt iter rectum, & ambulantes per vias tenebras*: qui letantur cum male fecerint, & exultant in rebus pessimis.

2. Paulo strictius penitentia nomine intelligitur, dolor conceptus ex crimine, non Dei, sed sui causa; qualis Antiochii & Judæ proditoris desperatio verius quam penitentia fuit. Peccavi, agebat iste, (*Matt. 27, 4, & seq.*) tradens sanguinem justum. . . . & projectis argenteis in templo, recessit, & abiens lequo se suspendit; ille vero dum Judæos funditus perdere meditaretur, dirisimis viscerum doloribus a Deo percussus, nec jam factorem ipse suum (scaturientibus undecumque corpore impij veribus) ferre valens, ita ait; (*Matth. 2, 9, v. 12, & seq.*) *Justum esse subdum esse Deo, & mortalem non paria Deo sentire*; orabat autem hic scelestus Dominum, a quo non esset misericordiam consecutus: & civitatem ad quam festinans veniebat, ut eam ad solum deduceret, ac sepulchrum congestorum faceret, nunc optat liberam redere &c.

3. Sumitur strictissime, pro iustio animi dolore (quem vulgo comitatur externus ejusdem sensus) propter scelus perpetratum, solius Dei causa concepto; quod genus penitentia sic describit Spiritus Sanctus. (*Joel. 2, 12, & seq.*) *Nunc ergo dicite Dominus: convertimini ad me in toto corde vestro, in jejunio, & in fletu, & in planctu, & scindite corda vestra, & non vestimenta vestra; & convertimini ad Dominum Deum vestrum, quia benignus & misericors est, patiens & multæ misericordiae, & preestabilis super malitia.*

¶ Quod latini Penitentiam, Græci Metanæam, vel Exomologesim, vel etiam Epitimon nominant. Metanæa idem proprie sonat, ac resipiscencia, maximeque nomen istud Penitentia congruit, prout virtus quædam est.

(1) Exo-

(1) Exomologesis idem valet, ac latine confessio; unde ad Sacramentalem Confessionem significandam aptatur; quamquam apud veteres aliquos, ac præsertim Cyprianum, & Tertullianum non infrequenter usurpetur ad Pœnitentium reconciliationem omnesque ipsorum actus designandos. Demum Epitimon idem est ac pœnitentia, sive multa peccata debita, adeoque apertissime sumitur ad significandum supplicium, aut animadversionem pro peccatis subeundam. ¶

§. SECUNDUS.

Pœnitentiæ definitio affertur & explicatur.

Hincque manifestum fit, pœnitentiam ut vera sit, tres potissimum importare conditiones.

1. Enim includit resipiscentiam, hoc est, vitæ in melius commutationem.

2. Requirit vitæ veteris odium ac detestationem propter Deum.

3. Necessarium est, ut pœnam conjunctam habeat, per quam admissa peccata puniat, & Deo offenso satisfaciatur.

Unde facile intelligitur qua debeat ratione definiri. *Intima pœnitentia est*, inquit Catechismus Trid. (p. 2, tit. de pœnit. n. 7) *cum ad Deum nos ex animo convertimus, & commissa a nobis scelera detestamur, & odio habemus: simulque illud nobis certum & deliberatum est, malam vitæ consuetudinem, corruptaque mores emendare, non sine spe veniæ a Dei misericordia consequende; hanc vero dolor & tristitia, quæ perturbatio & affectio est, & passio a multis voluitur, consequitur, veluti comes peccatorum detestationi adjuncta: quomodo apud complures ex SS. Patribus pœnitentiæ definitio per huiusmodi animi cruciatum demonstratur.*

Ita Catechismus prælaudatus, & merito quidem: Sancti enim Doctores pœnitentiam non in sola vitæ mutatione, sed insuper in vitæ prioris odio, & voluntaria pœnarum assumptione, summa consensu reponunt.

Agite pœnitentiam plenam, ait S. Cyprianus, (lib. de lapsis) *dolentis & lamentantis animi probate tristitiam.*

Et S. Aug. in Ep. ad Macedon. (al. 54, nunc 153) *Nihil aliud agit, quem veraciter*

pœnitet, nisi ut id quod mali fecerit, impunitum esse non sinat: eo quippe modo sibi non parcenti ille parcat, cuius altum iustumque iudicium nullus contempnor evadit.

Et apud eundem, auctor libri de vera & falsa pœnitentia, c. 7 (nov. ed. tom. 6, in append. pag. 231) *pœnitentia est, quedam dolentis vindicta, puniens in se quod doluit commisisse.*

S. Gregorio M. (hom. 34 in Evang.) *pœnitentia est, perpetrata mala plangere, & plangenda non perpetrare.*

S. Isidorus Hispal. (lib. 2 de offic. Eccl. c. 16) *Pœnitentia nomen sumptis a pœna, qua anima cruciatur, & caro mortificatur.*

Eademque aliorum quos recensere longum foret, doctrina est: unde sequitur, inultum a veritate Lutherum exorbitasse, quando pœnitentiam in sola resipiscentia & vitæ novæ institutione, sine ullo vitæ flagitiose transactæ dolore, collocandam effudit; quam opinionem ut ostendamus perniciosissimam esse & Catholice doctrinæ contrariam, sit

Conclusio: Pœnitentia non solum est nova vita, sive resipiscentia, sed etiam vitæ veteris odium, cum voluntate satisfaciendi conjunctum essentialiter importat.

PROBATIO PRIMA.

Ex Scripturis.

1. Veritatem hanc palam ubique scripturæ utriusque testamenti annunciant.

Insipienter locutus sum, inquebat Job, (42, 3, 6) & quæ ultra modum excederunt scientiam meam . . . idcirco ipse me reprobando, & ago pœnitentiam in favilla & cinere.

Et Psalmista; (50, 19) *sacrificium Deo Spiritus contribulatus; cor contritum & humillatum Deus non despicies.*

Isaia; (38, 15) *Recogitabo tibi omnes annos meos in amritudine anime meæ.*

Ezechiel; (18, 39) *Convertimini, ait Dei nomine, & agite pœnitentiam ab omnibus iniquitatibus vestris: & non erit vobis in ruinam iniquitas, prolicite a vobis omnes iniquitates vestras in quibus prevaricati estis, & facite vobis cor novum & Spiritum novum: & quare moriemini Domus Israel?*

A 2 Mat-

(1) Dicit Metanæx nomen pœnitentiæ, prout virtus quedam est, maxime congruere. Nam etiam, tametsi minus proprie, cæterum vindicationi, cæterique pœnitentium operibus tribi aliquando contigit. Tamen & ipse corporis inflexione; aliique mortificationum genera per tropum, vel figuram metanæx nomine donatus deprehendimus. Unde Theodoretus narrat quorundam in sinibus eorum rasis 244 metanæx, id est corporis inflexiones. S. Petrus Damiani refert Monachos pro uno fratre defuncto metanæxas septingentes fecisse. De his legi possunt Morinus, Suicerus, aliiq.

Matthæi c. 12 v. 43, *Viri Ninivite*, inquit Christus, *surgent in iudicio cum generatione ista*, & *condemnabunt eam*, quia penitentiam egerunt in predicatione Jonæ... quam vero acerba & plena doloris Ninivitarum penitentia fuerit, Propheta declarat: *Crediderunt*, inquit, (*Jon. 3, 5, & seq.*) *viri Ninivite in Deum*, & *predicaverunt jejuniū*, & *vestiti sunt saccis a majore usque ad minorem*: & *pervenit verbum ad Regem Ninive*: & *surrexit de solio suo*, & *abiecit vestimentum suum a se*, & *indutus est sacco*, & *sedit in cinere*: & *clamavit*, & *dixit in Ninive ex ore regis & principum ejus dicens*: homines *inimicis*, & *boves* & *pecora*, non gustent quidquam, nec pascantur, & *aquam non bibant*: & *operantur saccis homines & jumenta*, & *clament ad Dominum in fortitudine*, & *convertatur vir a via sua mala*, & *ab iniquitate que est in manibus eorum*: quis scit si convertatur & ignoretur Deus, & reveratur a furoris iræ sue, & non peribimus?

S. Lucas, (7, 37) *Fecit mulier*, inquit, *que erat in civitate peccatrix*, ut cognovit quod Jesus accusasset in domo Pharisei, attulit alabastrum unguenti; & *stans retro secus pedes ejus*, lacrymis cepit rigare pedes ejus, & *capillis capitis sui tergebat*, & *osculabatur pedes ejus*, & *unguento ungebat*.

Et alio in loco, (Luc. 12, 61) *Convertens Dominus respexit Petrum*, & *recordatus est Petrus verbi Domini*, sicut dixerat; quia priusquam Gallus cantet, ter me negabis; & *egressus foras Petrus flevit amare*.

Ex his, aliisque scripturarum innumerabilibus testimoniis sic enascitur argumentum:

Penitentia ut vera sit, eas conditiones necessario exigit, quæ sunt penitentibus divina auctoritate præscriptæ, unde gratiam & peccatorum remissionem pendere scriptura ubique testatur: quas denique insignes illi penitentes quorum in utroque testamento mentio est, ad placandum Deum religiose servarunt. Atqui

1. Deus penitentibus non solum animi mutationem, & emendationem vitæ, sed vitæ antea odium, cum sincera satisfaciendi voluntate conjunctum ubique præscribit: quid enim est, reprehendere seipsum, agere in favilla & cinere poenitentiam, cor conterere & humiliare, recogitare omnes annos suos in amaritudine animæ suæ, omnes a se iniquitates proliferare, sacco vestiri, respergi cinere, carnem materare jejuniū, uberesque lacrymas fundere: nisi vitam præteritam detestari, & Deo offenso, quem nemo unquam impune derisit, pro modulo satisfacere?

2. Ex detestatione vitæ flagitiose transactæ, & satisfactionis laboribus, aut eorum saltem

perferendorum voluntate, gratiam & peccatorum remissionem necessario pendere, hæc ipsa testimonia manifesto evincunt: non enim ita hæc præseribuntur, quasi inculcate violari possint aut negligi: sed quia, inquit Patres Trid. (sess. 14, c. 2) *Ad vitæ novitatem*, & *integram peccatorum remissionem*, sine magnis nostris fletibus & laboribus, divina id exigente justitia, pervenire nequaquam possumus.

3. Condiciones has religiose omnique adhibita cura servarunt Ninivite, David penitens, peccatrix mulier, B. Petrus, & alii denique omnes, quorum in sacris litteris exempla legimus commendata: nec speravit quisquam Deum futurum sibi propitium, nisi fructus dignos penitentiae faceret. Ergo &c.

PROBATIO SECUNDA.

Ex Sanctis Patribus.

2. Majorum doctrina consentit, quorum et si nonnullas sententias, naturam penitentiae explicando paulo ante attulimus; juvat ad pleniorē convictionem alias addere.

Penitentia, ait S. Gregorius Nazianz. (orat. 39) est baptismus lacrymarum, baptismus laboriosus.

S. Ambrosius: (concione 1 in Ps. 27) *Plena est definitio penitentiae commemoratio delictorum*, ut unusquisque peccata sua velut quoddam quotidiani sermonis flagello castiget, & commissa flagitia condemnet.

S. Augustinus: (serm. 351, num. 12) *Non sufficit ad penitentiam, mores in melius commutare*, & a factis malis recedere, nisi etiam de his quæ facta sunt, satisfiat Deo per penitentiae dolorem, per humilitatis gemitum, per contriti cordis sacrificium, cooperantibus elemosynis.

Et serm. 3 in Natali Dom. (inter Augustinianos 7, de temp. nov. edit. tom. 5, in append.) *Penitentiam certam non facit, nisi odium peccati*, & amor Dei; quando sic penites, ut tibi amarum sapiat in animo, quod ante dulce fuit in vita; & quod te prius oblectabat in corpore, ipsum te cruciat in mente.

S. Isidorus (lib. 2 sent. c. 13): *Ille penitentiam digne agit, qui reatum suum satisfactione legitima plangit*, condemnando scilicet & defendendo quod gessit, tanto in deplorando profunius, quanto exitiis in peccando proclivius.

Hinc sic argumentum conficitur:

Illud est penitentiae essentialē, sine quo nec plena, nec certa, nec digna penitentia est, quod agunt ii quos veraciter penitet; unde

penitentia nomen habet, & per quod definiri solet a Patribus; atqui ex testimoniis allegatis certum est:

1. Sine detestatione vitæ antea, cum voluntate satisfaciendi conjuncta, nec plenam, nec certam, nec dignam penitentiam esse.

2. Has condiciones ab iis observari quos veraciter penitet.

3. Iisdem conditionibus veram penitentiam circumscribi & explicari.

Hinc Concilium Trid. Lutheri vesaniam refutans: *Declarat S. synodus*, inquit, (*sess. 14, c. 4*) *hanc contritionem non solum cessationem a peccato, & vitæ novæ propositum & inchoationem, sed veteris etiam odium continere, juxta illud: Proclate a vobis omnes iniquitates vestras, in quibus prævaricati estis, & facite vobis cor novum & spiritum novum: & certe qui illos sanctorum clamores consideraverit: tibi soli peccavi, & malum coram te feci: laboravi in genuum meo: lavabo per singulas noctes lectum meum: recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine: anime mee: & alios butus generis, facile intelligit, eos ex vehementi quodam antea vitæ odio, & ingenti peccatorum detestatione mansisse.*

Et ib. can. 5: *Si quis dixerit, eam contritionem, quæ paratur per discussionem, collectionem, & detestationem peccatorum, qua quis recogitat annos suos in amaritudine anime sue, ponderans peccatorum suorum gravitatem, multitudinem, fedritatem, amissionem æternæ beatitudinis, & æternæ damnationis incursum, cum proposito melioris vitæ, non esse veram & utilem dolorem, nec preparare ad gratiam: sed facere hominem hypocritam & magis peccatorem . . . anathema sit.*

PROBATIO TERTIA.

Ex ratione.

3. Adscipulatur ratio ipsa: non enim potest resipiscencia, seu vitæ in melius commutatio, sine vitæ præteritæ odio ac detestatione intelligi: nam, ut scholarum more loquamur, nequit fieri accessus ad terminum ad quem, nisi simul a termino a quo recessio fiat: quia hæc duo ita conjuncta liazque sunt, ut unum necessario sequatur ex altero; atqui peccator dum resipiscit, accedit ad novam vitam, accedit, inquam, per fidem, qua credit justificari a Deo impium, per spem qua confidit Deum sibi prout Christum fore propitium: per timorem divinæ justitiæ, quo utiliter constituitur: per amorem, quo incipit amare justi-

tiam; ergo consequens est, ut simul ac resipiscit, vitæ veteris odium ac detestationem concipiat: ut quid enim mutaret consilium, nisi priorem vitæ rationem, quippe æquitati, & æternæ legi contrariam, intelligeret odio dignam, novam vero amabilem, quia consentaneam justitiæ Dei ac sanctitati? Hinc merito S. Aug. (*hom. ult. int. 50*) nemo, inquit, voluntatis suæ arbitrio constituitur, potest novam vitam inchoare, nisi eum veteris penitueris.

Deinde: Quomodo nequit voluntas non amare bonum qua bonum est; ita nec potest non odisse malum qua malum: sed qui penitendo resipiscit, & in meliorem frugem se recipit, ideo consilium revocat, quia vitam priorem malum fuisse intelligit, Dei voluntati, ejusque amoris e diametro contrariam; ergo prorsus necessarium est, ut illam odio habeat ac detestetur: quod si odisse tenetur, consequens iterum est, ut Deo offenso satisfaciatur, eumque suspiriis ac gemitibus, & voluntarie susceptis laboribus placare omni opera studeat; atque hinc manifestum est, Lutherum non scripturam tantum & Patres, sed & rationem ipsam naturalem offendere, quando contendit cum sola vitæ mutatione veram consistere penitentiam: neque mirum debet videri, quod homo audacissimus, suoque judicio præ cæteris sapiens, ab ipso communi sensu recesserit: Res enim Dei est ratio, ait apposite Tertullianus, (*Libr. de pæn. c. 1.*) unde quotquot a Deo aberrant, a ratione ejus tantum absumt, quantum ab ipso rationis auctore.

§. T E R T I U S.

Solvuntur argumenta Lutheri.

Oponit in contrarium Hæresiarcha vaserimus: hoc unum penitentia natura importat, quod voce ipsa significatur; atqui nomen penitentia nihil quidquam præter resipiscenciam, sive vitæ mutationem enunciat. Ergo &c.

R. Transeat major (quam absolute negari posse facile intelligit, qui sciverit rerum naturas, non in vocum quibus enunciantur, arbitraria potestate, sed in intimis ipsarum visceribus inquirendis) & nego minorem: mutatio enim hæc fit ab uno termino ad alterum, ut modo dicebamus; atqui motus ad novam vitam sine amore non est; ergo pariter motus sive recessus a vita veteri, sine odio esse non potest: quo fit, ut homo per penitentiam impleat, quod est a Propheta dictum (*Psal. 118, 127*) & factum: *Dilexi mandata tua super aurum & topazion: propterea ad omnia mandata tua dirigebar, omnem viam iniquitatis odio habui.*

habui. Quam autem necessario vitæ veteris odium ex amore novæ sequatur, alter Propheta declarat his verbis: (Jer. 31, 19) *Postquam converstis me, & penitentiam, & postquam ostendisti mihi, percussis femur meum: confusus sum, & erubui, quoniam sustinui opprobrium adolescentie meæ: quæ verba S. Hieronymus explicans: Dolentis, inquit, (in hunc locum) & plangitibus, & super errore pristino plorantis iudicium est, ut femur maniperculat, & stultum se ante fuisse fateatur.*

Inst. 1. Prob. min. quam Latini penitentiam, Græci *μετάνοια* dicunt; atque vox *μετάνοια*, nihil nisi mentis mutationem significat: est enim *μετάνοια* Latine *trans*, & *νοια* mens: unde *μετάνοια* idem ac *transmentatio* sonat, sive mentis in meliorem frugem translatio. Ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. hæc namque mutatio utrumque terminum connotat, ad quem nimirum acceditur, & a quo recessus est: nemo enim potest revocare mentem in melius, nisi male acta detestetur; sic & converso non potest detestari præterita, nisi meliora proponat; ergo non potest esse novæ vitæ propositum sine odio veteris: neque est, quod in vocis *μετάνοια* Etymologia perutiliter hæreamus, quando ex scriptura & traditione, ipsa naturalis ratione constat, sine odio male actæ vitæ penitentiam esse non posse: Ille quem *facti sui penitet*, inquit Lactantius Firmianus, (divin. instit. lib. 6, c. 24) errorem suum pristinum intelligit, ideoque Græci melius & significanti *μετάνοια* dicunt, quam nos possumus resipiscentiam dicere, resipiscit enim, ac mentem suam quasi ab insaniâ recipit, quem errati piger, castigatque seipsum dementis, & confirmat animum suum ad melius vivendum: tum illud ipsum maxime cavet, ne rursum in eorundem laqueos inducatur: eademque Prophetarum scriptorum sententia est. Sic Ovidius: (lib. 1 de Ponto Elg. 1.)

Pœnitet: oh! Si quid miserorum creditur ulli:

Pœnitet, & factio torqueor ipse meo.

Sensuque simili celeberrimus Poeta Ausonius, penitentiam quasi Dea quædam esset, loquentem inducens:

Sum Dea quæ facti, non factique exigo pœnas:

Nempe ut pœniteat, sic Metanœa vocor.

Quorum similia in Cicerone, & aliis Latinis sermonis optimis præceptoribus passim occurrunt: quid quod ita omnium mentibus hæc penitentia significatio hæsit, ut scriptura quando penitentiam Deo per translationem, & humano more loquendo attribuit, ipsum quoque ei cordis dolorem affingat: *Videns autem Deus,*

inquit, (Gen. 6, 5, & seq.) *quod multum malitia hominum esset in terra... prætulit enim quod hominem fecisset; & talis dolore cordis intrinsecus, delebo, inquit, hominem, &c.* itaque Lutherus dum grammaticus esse maluit, quam Theologus, ne grammaticus quidem fuit.

Inst. 2. atqui non debet penitentia ordinem ullum habere ad terminum a quo, scilicet ad vitam præteritam. Ergo &c. Prob. subs. ordo ille sive respectus in eo consisteret, quod homio vitam priorem detestaretur, & quod Deo displicuisse cognoscit, infectum vellet; atqui detestatio hæc & voluntatis male gesta revocantis affectio species stultitiæ est. Ergo &c.

R. Nego subs. ad prob. concessa maj. min. nedum enim stultitiæ imaginem præteritæ vitæ flagitiis detestatio & affectio voluntatis, qua nollet Deum offensisse: & contrario summa est & compendium sapientie Christianæ: quis enim illam stultitiæ jure arguat, qui detestatur & infectum vellet, quod Deo scit summo opere displicere, mortem spirituale inferre animæ, ab æterna felicitate repellere, & aperire viam ad æternam damnationem? quis audeat eum accusare insipientiæ, qui dum odio habet peccatum, Dei hoc ipso fit imitator? *Pœniteat*, inquit egregie Tertullianus, (lib. de pœnit. c. 4) *errorum reperta veritate: pœniteat amare quæ Deus non amat, quando ne nos quidem ipsi servulus nostris, ea quibus offendimur, non odisse permitimus.*

Inst. 3. probando Min. velle rem impossibilem, quædam est stultitiæ species; atqui peccatum perpetratum, factum non esse penitus impossibile est: ergo illud detestari & infectum velle, quædam stultitiæ species est.

R. Dist. Maj. velle absolute rem impossibilem, quædam est stultitiæ species, conc. velle conditionate & hypothetice, si nimirum foret possibile, n. inaj. & concessa min. n. consequ.

E. R. Quem vere vitæ male actæ penitet, non vult absolute peccatum a se non fuisse perpetratum, quod enim factum est, infectum esse non potest, sed sub conditione, si foret possibile: hoc vero desiderium, licet ex parte objecti sterile sit & inefficax; magnæ tamen in ipso subjecto, penitente videlicet, secunditatis principium est; tum quia vitæ in præterito male actæ detestationem includit, tum quia efficax importat propositum, Deo pro illatis satisfaciendi, lacrymarum ac gemituum copia ejus misericordiam inflectendi, bonum amplectendi, & cavendi in posterum ab omni peccato: hos vero motus qui stultitiæ arguunt, quid sit sapientia Christiana prorsus ignorant, & in ipsos veteris ac novi testamenti sanctos multi-

utilitæ accusationem refundunt: quo nihil insulsius esse potest; atque hinc patet, quantum a vero Lutherus abhorreat, quando ait quod dolor de peccatis hominem facit hypocritam, & magis peccatorem, quod perniciosissimum dogma veniet alibi opportunius refutandum, quando de contritione 4 quæst. agimus.

Inst. ultimo: Patres sæpe penitentiam, novam vitam definiunt, de detestatione veteris nec verbum habendo. Ergo &c.

R. Concesso ant. n. conseq. tum quia quod alicubi silent Patres sæpe in aliis locis inculcant, adeoque nullam de mente sua dubitationem relinquunt; tum quia nova ipsa vita quæ suscipitur a penitente, sine odio veteris, ut prædiximus, esse non potest: quisquis enim ad bonum per amorem accedit, quod penitentia vera requirit, a malo per odium recedat necesse est.

§. QUARTUS.

Multiplex penitentiae divisio explicatur.

1. Penitentia dividitur in veram & falsam. Vera est intus animi dolor de peccato commisso, Dei causa conceptus, cum detestatione vitæ præteritæ, & proposito melioris, cum voluntate satisfaciendi conjunctus.

Penitentia falsa est, quando quis non de malo, sed de bono a se facto dolet: vel de peccato, non Dei, sed sui ipsius causa affligitur: hanc, inquam, larvatum esse penitentiam nemo ambigat: nam quæ vere hoc nomen habet, debet ad Deum esse conversio: *Convertimini ad me in toto corde vestro*, inquit Deus, (Joel. 2, 12) *in jejuniis & in fletu, & in planctu, & scindite corda vestra, & non vestimenta vestra, & convertimini ad Dominum Deum vestrum. . . derelinquit impius viam suam, (Isai. 55, 7) & vir iniquus cogitationes suas, & revertatur ad Dominum, & miserebitur ejus, & ad Deum nostrum &c.* igitur si quem peccata contristant, vel quia turpia sunt, vel quia notam infamiae, aut temporale damnum intulerunt, vere penitens dici non potest, quia etsi contristatur, non tamen secundum Deum, cujus respectum non habet.

2. Penitentia vera, altera exterior est, interior altera.

Interior est, virtus ipsa penitentiae, scilicet animi dolor ac detestatio de peccato commisso, cum proposito placandi Deum, & non peccandi de cætero.

Exterior est, Sacramentum novæ legis a Christo Domino institutum, quo peccata post baptismum commissa expiantur.

In hoc vero differunt penitentia exterior &

interior, quod ista in actibus penitentis tota consistat; illa ab actu Sacerdotis absolventis, & formam Sacramentalem materię applicantis potissimum pendeat: est & alterum utriusque discrimen, ex necessitate petitur: nam penitentia interior, iis qui peccando Dei justitiam provocassent, quocumque tempore necessaria fuit: sed exterior, sive Sacramentalis tunc solum incipit esse necessaria, quando est a Christo novæ legis auctore sancita: quia vero penitentia interioris actus, tamquam materiam præbent, in qua Sacramentum versatur: Ideo, inquit Catechismus Trid. (part. 2, tit. de penit. n. 6) *in primis monendi, & servandique sunt fideles, ut omni contentione & studio in interna animi penitentia, quam virtutem dicimus, elaborent, sine qua ea quæ extrinsecus adhibetur, parum admodum profutura est.*

3. Penitentia exterior altera est privata, quæ clanculum & secreto, altera publica est, propter grave aliquod crimen inflicta, & in facie Ecclesiæ peragenda: de utraque dicetur in posterum.

4. Penitentia interior vel est actualis, actus nimirum ipse penitendi: vel habitualis, propensio scilicet & facilitas ad exerendos doloris & resipiscentiæ actus in voluntate permanentem consistentes.

5. Dividitur etiam quæ fit ante baptismum, de qua dictum ab Apostolo Petro: (Act. 2, 18) *Penitentiam agite, & baptizetur unusquisque vestrum in nomine Jesu Christi, in remissionem peccatorum vestrorum: & in eam quæ ad expianda peccata post baptismum perpetrata imponitur.*

6. Denum penitentia quæ fit post baptismum altera est peccatorum mortalium, venialium altera.

Tres illos posteriores penitentia modos Angelicus præceptor sic explicat: (3. p. q. 90, art. 4, in c.) *pertinet ad penitentiam ut detestetur peccata præterita, cum proposito immutandi vitam in melius, quod est quasi penitentia finis, & qua moralia recipiunt speciem secundum finem; ideo conveniens est, quod diversæ species penitentia accipiantur secundum diversas immutationes quas penitens intendit: est autem triplex immutatio a penitente intenta, prima quidem per regenerationem in novam vitam: & hæc pertinet ad penitentiam, quæ est ante baptismum: 2. est per reformationem vitæ præteritæ jam corruptæ, & hæc pertinet ad penitentiam mortaliū post baptismum: 3. est in perfectiorem operationem vitæ: & hæc pertinet ad penitentiam venialium, quæ remittuntur per aliquem serventem altum caritatis: Sequitur*

CAPUT SECUNDUM.

Utrum & qualis virtus sit pœnitentia?

ET si pœnitentiam esse virtutem, ex prædictis facile intelligitur; est tamen plenius demonstrandum, propter quasdam scholarum opiniones, quas non debemus intactas relinquere, ne videamus consuetam Theologorum methodum aspernari. Sit itaque

6. PRIMUS.

Ostenditur pœnitentiam esse virtutem proprie dictam.

PROBATIO PRIMA.

Ex scripturis.

Baruch 2. v. 18. *Anima quæ tristis est super magnitudine mali, & incedit curva & infirma, & oculi deficientes, & anima esuriens, dat tibi gloriam & iustitiam Domine.*

Ezechiel 18, 30, & seqq. *Convertimini, aī Dominus Deus, & agite pœnitentiam ab omnibus iniquitatibus vestris: & non erit vobis in ruinam iniquitas: projicite a vobis omnes prævaricationes vestras in quibus prævaricati estis, & facite vobis cor novum & spiritum novum: & quare moriemini domus Israel?*

Matth. 3, v. 2, & 8. *Pœnitentiam agite, appropinquavit enim regnum celorum. . . facite ergo fructum dignum pœnitentie.*

Lucæ 6, 21. *Beati qui nunc fletis, quia ridebitis.*

Ib. c. 4, v. 17. *Cupit Jesus prædicare & dicere: pœnitentiam agite, appropinquavit enim regnum celorum. . . & c. 15, v. 7, & 10. Dico vobis, quod ita gaudium erit in celo super uno peccatore pœnitentiam agente, quam super novaginta novem iustis, qui non indigent pœnitentia. . . dico vobis, gaudium erit coram Angelis Dei, super uno peccatore pœnitentiam agente.*

2 Ad Cor. 7, v. 9, & seqq. *Gaudio, non quia contristati estis, sed quia contristati estis ad pœnitentiam: contristati enim estis secundum Deum. . . quæ secundum Deum tristitia est, pœnitentiam in salutem stabilem operatur: sæculi autem tristitia mortem operatur.*

Ex his, aliisque propemodum infinitis ejusdem sensus testimonio eruo quæ sequuntur argumenta:

Primum est: ille habitus in veris & propriè dictis virtutibus locum habet, per quem homo gloriam & iustitiam Domino retribuit: cujus

finis futurus est, summa in cælo felicitas; atque ex auctoritate scripturæ per pœnitentiam homo gloriam & iustitiam Domino retribuit, ejusque finis futurus est æterna salus. Ergo &c.

Secundum: quod lege Divina præcipitur, non potest ad virtutem non pertinere: *Lex enim Domini sancta & immaculata, testimonium Domini fidei sapientiam præstant;* atqui nullum in sacris litteris præceptum frequentius denunciatur, quam ut homo per peccatum a Deo aversus, in meliorem se frugem recipiat, antea flagitia detestetur, & Deo ad iram provocato bonis operibus satisficiat: ubique vox illa in utroque testamento resonat: *Convertimini: pœnitentiam agite: facite fructus dignos pœnitentie:* ab hoc significando mandato nunquam cessarunt Prophetæ, numquam præcursor Baptista in deserto temperavit, numquam destitit Christus ipse, qui venerat salvum facere quod perierat: hinc merito Tertullianus: (*libr. de Pœnit. c. 4.*) *Bonum est, inquit, pœnitere, an non? quid revolvitis? Deus præcipit: at enim non præcipit tantum, sed etiam hortatur: invitatur præmio, salute; jurans etiam: vivo, dicens, cupit credi sibi: o beatos nos quorum causa Deus jurat! o misererrimos, si nec juranti Domino credimus! quod igitur Deus tamopere commendat, quod etiam humanum more sub desperatione testatur, summa utique gravitate & aggredi & custodire debemus, ut in asseveratione divine gratiæ permanentes, in fructu quoque ejus & emolumento proinde perseverare possimus.* Ergo &c.

3. Angeli Dei in cælis, respectu nostri, non gaudent nisi de bono, virtutis videlicet opere; atque scriptura testatur, majus gaudium esse in cælo coram Angelis Dei, super uno peccatore pœnitentiam agente, quam supernovaginta novem iustis, qui non indigent pœnitentia; ergo pœnitentia est opus virtutis.

PROBATIO SECUNDA.

Ex eo quod Pœnitentia habeat veri sacrificii rationem.

Altera, nec minus efficax argumentatio inde petitur, quod pœnitentia verum Deo sacrificium sit: ut enim libro præcedente dicebamus, sacrificium est, omne opus bonum, quodcumque propter gloriam Dei suscipi potest & fieri: jam vero omne sacrificium, maxime si sit internum & spirituale, est actus virtutis; atque pœnitentia est sacrificium internum, quod nimirum homo ad se revertis, cor suum avellit a creatura, ut Deo restituat, quidquid supremæ ejus sanctitati contrarium est destruit, concupiscentiam quoad fieri potest

potest expognat, sibi ipsi moritur, pravis affectibus resistit, dolet denique de peccatis, & ea propter Deum summe amatum detestatur. Ergo &c.

PROBATIO TERTIA.

Ex ipsa definitione virtutis.

Tertiam denique petimus ex natura ipsa & definitione virtutis: ut enim Philosophi, Theologique consentiunt, virtus est, *habitus in materia difficili electivus secundum rectam rationem, inter duo extrema in mediocritate consistens*. Sed habitus pœnitentiæ est hujusmodi.

1. Inquam, est habitus electivus secundum rectam rationem; recta namque ratio didat, dolendum esse de peccatis, quatenus Deum offendunt: nam si quod hominem dolo vel fallo laceris, hinc te affligi oporteat, nisi omnem humanitatis sensum exueris, maxime si eum offenderis, qui te beneficiis cumularit, sequè tibi totum omni genere officiorum devinxerit: quanto æquius ac magis necessarium putare debes, dolere de Deo offenso, a quo quidquid boni habes accepisti, quidquid expectas, es accepturus, quemque offendisse, summum bonum offendisse est?

2. Pœnitentia est habitus in materia difficili electivus: nam odisse ac fugere quæ erant corruptæ naturæ jucundissima, quæque depravatos sensus unice delectabant: lata & spatiosa via relicta, intrare per angustam portam, spinis & tribulis undequeque consitam: & denique regnum cœlorum vi rapere: haud mediocrem ista difficultatem obiciunt; atqui hi sunt pœnitentiæ proprii genuinæque characteres. Ergo &c.

3. Quod pœnitentia in mediocritate consistat, inde patet quod inter duo extrema medium teneat: qui enim agunt vitam flagitiosam, & nihil habent antiquius quam ut pravis cupiditatibus serviant, possunt sic esse affecti, ut vel recordatione criminum delectentur, quales ii sunt de quibus Sapiens: *letantur*, inquit, (Prov. 2, 13) *cum male fecerint, & exultant in rebus pessimis*; vel ut immoderate & ad desperationem usque, scelorum conscientia crucientur: ut Caino & Judæ contigit, quorum alter, *major est*, inquit, (Gen. 4, 13) *iniquitas mea, quam ut veniam merear*: alter *pœnitentia ductus, laqueo se suspendit* (Matt. 27, 5). Atqui pœnitentia utrumque excessum fugiendo, tristitiam quæ est secundum Deum adducit, & ad spem divinæ misericordiæ revocando, mortificat ut vivificet. Ergo &c.

• Confirmatur hoc argumentum aliis virtutibus De Re Sacram. Tom. III.

definitionibus, quæ communiter in scholis circumferuntur, & axiomatum loco habentur.

Virtus, definiente S. Aug. (lib. 2 de l. arb. c. 18) est, *bona qualitas mentis, qua recte vivitur, & qua nemo male utitur*: sive, ut alii loquuntur, *habitus, qui bonum facit habentem, & opus ejus bonum*; atqui ut attendenti patebit, pœnitentiæ Christianæ definitiones istæ, alique ejusdem sensus, bene conveniunt. Quis enim negare audeat, bonam esse mentis qualitatem, cum fide, & spe, & timore, & amore Dei nitatur, cujus intuitu perpetrata flagitia detescatur? quis pœnitentiæ bonum opus esse inficietur, unde & Dei placatio, & medicatio animæ, & fructus vitæ æternæ tamquam ex radice consurgunt?

¶ Hæc fere omnia complexus est S. Thomas art. 1, q. 85, 3 p. in Corp. inquires: *pœnitere est de aliquo a se facto dolere*. *Dilectum est autem supra, quod dolor vel tristitia dupliciter dicitur. Uno modo secundum quod est passio quedam appetitus sensitivi. Et quantum ad hoc Pœnitentia non est virtus, sed passio. Alio modo secundum quod consistit in voluntate. Et hoc modo est cum quadam electione: quæ quidem, si sit recta, necesse est, quod sit actus virtutis. Dicitur enim in 2 Ethic., quod virtus est habitus electivus secundum rationem rectam*. Pertinet autem ad rationem rectam, ut aliquis doleat, de quo dolendum est, & eo modo, & fine, quo dolendum est: quod quidem observatur in pœnitentia, de qua loquimur. Nam pœnitens assumit moderatum dolorem de peccatis præteritis cum intentione removendi ea. Unde manifestum est quod pœnitentia, de qua nunc loquimur, vel est virtus, vel actus virtutis. ¶

§. SECUNDUS.

Solvuntur objectiones.

Opponitur in contrarium. Habitus qui peccato nititur, non potest virtutibus accenseri: atqui pœnitentia peccato sic nititur, ut ubi peccatum non est, nec pœnitentiæ locus relinquitur. Ergo &c.

R. Dist. maj. Habitus qui peccato nititur, tamquam obiecto amoris, non potest in virtutum numero collocari, conc. qui nititur peccato, tamquam obiecto odii, n. maj. & sic explicata min. a. consequ.

E. R. Equidem amare peccatum virtus non est, cum in hoc e contrario vitii natura consistat; sed peccatum commissum detestari propter Deum, entis pro viribus, ut aboleatur, & Deo offenso congrua satisfactio fiat: in hoc sane nisi virtutem veram agnoscimus, contra-

riam ei impoenitentiam & cordis perversionem aliquatenus approbamus. Nam si medicina, quæ corporis ægrotudines reparat, in bonis naturalibus computatur, & habetur pro Dei munere; quanto magis poenitentia virtutis nomine digna erit, quæ morbos animi sanat, & vitam spiritualem per peccatum cinclam restituit? O poenitentia, ait egregie S. Joannes Chrysost. (*boni de peccat.*), quæ peccata Deo miserante remittis; quæ paradisum reseras, contritum sanas, omnem tristitiam exbillaras, vitam de interitu revocas, statum restauras, honorem renovas, fiduciam das, virtus reformas, gratiam abundantiorum refundis! omnia ligata tu solvis, omnia soluta tu custodis, omnia adversa tu mitigas, omnia contrita tu sanas, omnia confusa tu lucidas, omnia desperata tu animas: per te, o poenitentia, David afflictus, factus est sanctus; per te filius Prodigus paternum amplexum meruit; per te Petrus postquam ter Dominum negavit, indulgentiam recepit; per te, o poenitentia, Latronem subito Christus ad regnum æternum rapuit, &c.

Inst. 1. Atqui habitus qui peccato nititur, etiam tamquam objecto odii, non potest virtutibus accendi. Ergo &c. prob. subs. Virtus omnis propter se expetibilis est; atqui huiusmodi habitus non est propter se expetibilis: nemo enim posset expetere poenitentiam, quia simul & peccatum desideraret, quod nisi præcesserit, poenitentia non restat locus. Porro huiusmodi desiderium a vera virtute alienissimum esse, quis non videt? Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. dist. maj. Virtus omnis propter se expetibilis est, vel absolute, vel hypothetice, conc. absolute, n. maj. pariter dist. min. Poenitentia non est propter se expetibilis, absolute, conc. hypothetice, n. min. & consequ.

E. R. Poenitentiam inter & cæteras virtutes discrimen est, quod caritas e. c. Justitia, & alie hujus generis, directe bonum respiciant, poenitentia vero in bonum non tendat, nisi quatenus malum expiat: unde caritas (idemque dicendum de aliis,) est absolute expetibilis, quia se ipsa simpliciter bona est, & necessaria ad bene vivendum. Poenitentia vero, non secus ac in morbis naturalibus medicina, non nisi ex ægrotudinis spiritualis ac peccati hypothese: si enim homo non peccasset, necessaria futura non erat; quomodo nulla foret medicorum ac medicinarum necessitas, si nulla ægrotudine corpus gravaretur. Hinc Tertullianus: modum poenitendi, inquit, (*lib. de poenit. c. 2*) temperare qui volunt, delinquenti teneant, timendo Deum scilicet.

Inst. 2. Atqui poenitentia nulla prorsus ra-

tione est expetibilis. Ergo &c. probat. subseq. Virtus eo ipso quo expetitur, delectationem affert; atqui poenitentia dolorem indivisum comitem habet, & poenitentem tristitia afficit, ut ex ejus definitione liquet; nedum pariat delectationem. Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. dist. maj. Virtus eo ipso quo expetitur, delectationem affert, de suo actu, conc. de suo objecto, subdist. si de iis virtutibus sermo sit, quæ absolute expetibiles sunt, conc. si de ea agatur, quæ hypothetice tantum est expetibilis, n. ma. Similiter dist. min. Poenitentia dolorem comitem habet atque tristitiam, de objecto suo, conc. de actu suo, n. min. & consequ.

E. R. Licet poenitentia de suo objecto, peccato nimirum doleat, quod maximum homini malum, Dei scilicet odium, & æternæ damnationis reatum intulit; attamen de actu suo ingens gaudium concipit. Quis enim posset summa læticia non perfundi, quando iis vacat operibus, quibus scit expiari peccatum, Deum reddi placabilem, & divinæ adoptionis honorem restitui? poenitentia, inquit Tertullianus, (*lib. de poenit. c. 9*) dum provolvit hominem, magis relevat; cum squalidum facit, magis mundatum reddit; cum accusat, excusat; cum condemnat, absolvit & S. Thomas: (*quest. unica de spe, art. 1*) duplex, ait, est delectatio, una quidem de objecto, alia vero de ipso actu. Prima autem delectatio non est propria virtutis, quia est aliqua virtus ad quam pertinet dolere de suo objecto, scilicet poenitentia; sed secunda delectatio, quæ est de actu, est propria virtutis, quia unicuique habentis virtutem est delectabilis operatio, quæ est secundum proprium habitum. Unde etiam poenitens de dolore gaudet idemque diserte, morte suo explicans S. Ang. in hæc Psalmistæ verba: surgite postquam sederitis, qui manducatis panem doloris: nisi, inquit, (*enarr. in Ps. 126*) haberet aliquam suavitatem panis iste, nemo illum manducaret: cum quantæ suavitatis plorat in gemitu qui orat! dulciores sunt lacrymæ orantium, quam gaudia Theororum dulces sunt & ipse lacrymæ, & pro cibo tibi erunt, quia facili sunt & ipse panis die ac nocte, dum dicitur tibi quotidie: ubi est Deus tuus?

Inst. 3. Idem debet esse judicium de poenitentia ac de verecundia; atqui verecundia, timor scilicet turpis actus, & confusionis ex eo provenientis, nec virtus est, nec laude dignum quemquam facit. Ergo pariter de poenitentia sentiendum.

R. Nego maj. & paritatem. Inter utramque enim discrimen maximum intercedit, in eo positum; quod poenitentia cum peccati affectu

fecta esse non possit, cum ejus detestationem necessario includat, e contra vero verecundia possit cum affectu peccati consistere, quia non peccatum, sed infamiam & reprehensionem, quæ pœna peccati est, timet. Quo fit ut possit esse cum peccato aut voluntate peccandi, quod pœnitentiæ prorsus repugnat: neque est, quod reponatur, pœnitentiam, non secus ac verecundiam, sine pudore non esse: Pudor enim pœnitentiæ comes gloriæ & salutem parit, e contra pudor adjunctus peccato, mortem & infamiam: prout a Sp. Sancto dictum est: (Eccl. 4, 22) *est confusio adducens peccatum, & est confusio adducens gloriam.*

Inst. 4. Si pœnitentia naturam veræ virtutis haberet, procul dubio in Christo fuisset: absurdum enim est, illi virtutem aliquam denegare, in quo virtutum est plenitudo; atqui in Christo pœnitentia nec fuit, nec esse potuit, quia peccatum nunquam expertus est. Ergo &c.

R. Dist. maj. si pœnitentia esset virtus, nullam connotans imperfectiorem, in Christo fuisset, conc. Secus, n. maj. & concessa min. a. consequ.

E. R. Virtus est in duplici genere: altera nullam in subiecto arguit imperfectiorem, qualis est caritas: altera, significat subiectum bono aliquo & perfectione carere: quantum spectat ad virtutes primi generis, impium esset negare excellentissime in Christo fuisse, qui est speciosus forma præ filiis hominum, plenus gratiæ & veritatis, atque adeo virtutum omnium splendore ornatus: quod vero ad virtutes secundi generis attingit, non ideo eas non habuit, quia caruit aliqua perfectione: sed potius, quia non est perfectus qui illas habet: sic enim e. c. fides in Christo esse non potuit, *Quia*, inquit S. Thomas (3 p. q. 7, art. 3, in c.), *a primo instanti suæ conceptionis, plene vidit Deum per essentiam: parvis de causa impossibile fuit, in Christo esse spem futuræ beatitudinis, quia a principio suæ conceptionis*, inquit Angelicus Doctor (ib. art. 4, in c.), *plene habuit fruitionem divinam: idemque itaque, meliore titulo, dicendum de pœnitentia, quæ est sceleris proprii vindicta, adeoque magnam imperfectiorem in suo subiecto præsupponit.*

Inst. 5. Si pœnitentia virtus esset, Philosophos Gentiles non latuisset, eos præsertim qui de moribus copiosissime tractaverunt; atqui Gentiles pœnitentiæ virtutem non novērunt: de illa enim Aristoteles, Seneca, Cicero, & alii in virtutibus exponendis diligentissime versati, penitus siluerunt. Ergo &c.

R. 1. Nego maj. In iis enim quæ pertinent ad justiciam, cultum veri Dei, & vitæ in-

formationem, non Aristotele, aut alio quovis Gentili Philosopho, sed Christo præceptore gloriatur, qui solus direxit pedes nostros in viam pacis. Est igitur prophanus illis Doctoribus incognita pœnitentia fuerit; non magis hinc sequitur, non esse virtutem, quam humilitatem e. c., vel condonationem injuriarum, excludi virtutum Catalogo, quia Gentiles similiter latuit veræ humilitatis necessitas, & excellentia oblivionis injuriarum.

R. 2. Transeat major, & n. min. Licet enim specialem in virtutum numero locum pœnitentiæ Gentiles non dederint; illam tamen velut bonam & laudabilem commendarunt. Sic Seneca in Tragediis: *quem pœnitet peccasse*, inquit, *pene est innocens: eodemque sensu Ovidius de superis ita canit (lib. 1 de ponto):*

Sæpe levans pœnas, creptaque luminaridum.

Cum bene peccati pœnituisse vident.

quorum similia apud Aristotelem, (lib. 7 Ethic.) aliosque prophanos Scriptores leguntur. Nec mirum: ut enim observat S. Thomas, pœnitentia lege ipsa naturæ præscribitur: *de jure naturali est*, inquit, (3 p. q. 84, art. 7, ad 1) *quod aliquis pœnitent de malis quæ fecit, quantum ad hoc quod doleat ea fecisse, & doloris remedium quærat per aliquem modum, & quod etiam aliqua signa doloris ostendat, sicut & Ninivitis fecerunt.*

Dices. Quorum ergo cum pœnitentiæ noticiam habuerint, in virtutum numero non locarunt?

R. Quominus pœnitentiam commendarent, & cohonestarent virtutis titulo, multa obstatisse.

1. Erat, pœnarum ultro susceptarum impitientia: ab illis enim natura abhorret, quam Gentiles sensuum imperio dediti, ducem in omnibus sequebantur.

2. Erat, generalis naturæ corruptio; quæ in tantum excreverat, ut sibi de rebus turpissimis plauderent, (nec de agenda pœnitentia cogitarent:) immo & in falsis numinibus, quæ per summam cœcitate colebant, scelerum quantumvis immanium patronos se habere confiderent.

3. Erat, quia virtutes non pensabant nisi in ordine ad proprium commodum, & bonum humanum: *pœnitentia vero*, inquit S. Thomas, (in 4, dist. 24, qu. 1, art. 1) *non est virtus specialis nisi in ordine ad divinam providentiam.*

4. Denique erat ignorantia justificationis & gratiæ: placari enim posse homini Deum interventu pœnitentiæ; itemque posse hominem peccato corruptum sanari, in pristinum sanctitatem restitui, in spem beatitudinis reintegrari, & divinæ adoptionis in æternum par-

ticipem fieri: hæc, quia supernaturalia, assequi, in regione umbræ mortis sedentes non poterant: non est itaque mirum quod in tanta caligine, pœnitentiam quam aliquatenus videbant, magno tamen in pretio non haberent.

§. TERTIUS.

Proponuntur & resolvuntur quedam questiones.

Supersunt quedam dubia diluenda, quæ videntur aliquantum habere difficultatis.

Q. 1. Utrum pœnitentia sit virtus infusa?

Explicatur questio.

Cui quæstioni primum respondeo:

Sciendum 1. Virtutem alteram esse acquisitam, infusam alteram. Acquisita dicitur, quam homo propriis actibus, sæpeque repetito exercitio comparat: quales sunt in morum genere, justitia, temperantia, fortitudo &c. Infusa est, quam gratuito Deus homini confert, independentem a qualibet prævia ejus industria, vel labore, quales sunt virtutes Theologicæ, fides, spes, caritas.

Sciendum 2. Virtutem infusam in duplici quoque esse genere: vel enim est infusa per se & natura sua, quia per actus hominis proprios acquiri ac generari non potest: unde necessarium est, a Deo supernaturaliter infundi, quales sunt quas prædiximus fides, spes, & caritas: vel est infusa per accideus, quia licet per actus naturales possit acquiri; miraculose tamen infunditur: quibus fuit rerum naturalium scientia Adamo collata, & usus linguarum concessus Apostolis.

Hoc posito:

R. Pœnitentiam esse virtutem per se infusam.

PROBATIO PRIMA.

Ex Scripturis.

Cujus quidem veritatis apertum in sacris literis testimonium est.

Converte te Deus salutaris noster, ait Prophetæ regius, (Ps. 84, v. 5) & *averte iram tuam a nobis.*

Et Jeremias: (c. 31, v. 18) *converte me, & convertere, quia tu Dominus Deus meus: postquam enim convertisti me, exi pœnitentiam.*

Ezechiel, (cap. 36, v. 26) Deum ita loquentem inducit: *dabo vobis cor novum: & spiritum novum ponam in medio vestri: &*

auferam cor lapideum de carne vestra, & dabo vobis cor carneum. . . & faciam ut in præceptis meis ambuletis, & judicia mea custodiat, & operemini.

Actus Apost. (c. 5, v. 31) *hunc (Jesum) Principem & Salvatorem exaltavit Deus dextera sua, ad dandam pœnitentiam Israel, & remissionem peccatorum. . . .* (ibid. 11, 28) *gentibus pœnitentiam dedit Deus ad vitam.*

Ex his, aliisque similibus sententiis sic arguuntur:

Virtutem per se infusam dicimus, quam Deus in nobis, sine nobis principaliter cooperantibus non tamen sine nobis dispositive cooperantibus operatur, ut loquitur S. Thomas 3 parte, qu. 85, art. 5, in corp. atque habitum pœnitentiæ Deus in nobis operatur, sine nobis quidem principaliter & proprio merito operantibus, non tamen sine nobis dispositive cooperantibus per gratiam ejus, ut adductis Scripturarum oraculis significatur. Ergo &c.

Deinde. Ille solus potest homini veram pœnitentiam dare, qui solus potest cor ejus convertere, auferre ab illo cor lapideum, & dare cor carneum; atque solus Deus & Scriptura præstare hæc beneficia potest. Ergo &c.

PROBATIO SECUNDA.

Ex Ecclesiæ definitionibus.

1. Idipsum adstruit inconcussa traditionis auctoritas: fidei enim dogma est, contra Pelagianorum impietatem sæpe assertum ac vindicatum, neminem propriis meritis posse justificari. Id quod innumeris majorum decretis proclive esset ostendere, nisi esset alterius loci & temporis disquisitio hæc: tantum itaque afferam verba Concilii Trid. quæ satis in præsentem futura sunt: *si quis dixerit, inquit, (Sess. 6, Can. 1) hominem suis operibus, quæ vel per humanæ naturæ, vel per legis doctrinam fiunt, absque divina per Jesum Christum gratia posse justificari coram Deo: anathema sit. . .* (ibi Can. 3) *si dixerit, sine præveniente Sp. Sancti inspiratione atque adiutorio, hominem credere, sperare, diligere, aut pœnitentia posse sicut oportet, ut ei justificationis gratia conferatur: anathema sit.*

Inde sic efformatur argumentum:

Si pœnitentia in quantum vera virtus est, propriis hominis actibus acquireretur, posset homo ex propriis meritis justificari: actibus enim veræ pœnitentiæ gratiam & peccatorum remissionem, atque adeo justitiam esse conjunctam ex divino testimonio certum est; atque hominem posse justificari propriis meritis, dogma.

ma est fidei e diametro contrarium, qua credimus neminem nisi in Christo, & per Christum posse iustitiam adipisci: *gratia estis salvati per fidem*, inquit Apostolus, (Ephes. 2, 8) & hoc non ex vobis, donum enim Dei est, non ex operibus, ut ne quis gloriatur: & alio in loco: (Tit. 3, 5) non ex operibus, iustitiae quæ fecimus nos, sed secundum suam misericordiam salvos nos fecit. item in Ep. ad Rom. c. 3, v. 24, & seqq. *justificati gratis per gratiam ipsius, per redemptionem quæ est in Christo Jesu, quem proposuit Deus propitiationem per fidem in sanguine ipsius, ad ostensionem iustitiæ suæ, propter remissionem præcedentium delictorum: in sustentatione Dei, ad ostensionem iustitiæ ejus in hoc tempore: ut sit ipse justus, & justificans eum, quæ est ex fide Jesu Christi: quorum similia in novo ac veteri testamento passim occurrunt*. Hinc præter cæteros, quos Pelagius ejurare compulsus est, ab ipso est postulatam ut fateretur, *secundum gratiam & misericordiam Dei, veniam penitentibus dari, non secundum meritum eorum, ut habetur in Epistola Aurelii Carthaginensis de erroribus & condemnatione Pelagii*. Ergo &c.

PROBATIO TERTIA.

Ex Theologica ratione.

3. Probatur eadem veritas Theologicis argumentis, quæ natura ipsa pœnitentiæ suggerit.

1. Est. Virtus hæc necessario exigit a Deo infundi, quæ finem & effectum habet supernaturalem: quæ enim supra naturam, in ordine gratiæ sunt, non potest sibi habere homo per vires ingenitas dare; atqui pœnitentia ad finem supernaturalem dirigitur, reparationem scilicet peccati, quatenus est offensæ Dei, & ejus amicitiae restitutionem. Unde sequitur, quod effectum pariter habeat supernaturalem, nempe reparationem juris divini, veniæ consecutionem, reditum cum Deo in gratiam, & peccatoris conversionem. Ergo &c.

2. Ad virtutem pœnitentiæ pervenire peccator non potest, nisi in illo præcesserit motus fidei, spei, timoris, & caritatis; atqui hos motus, cum sint supernaturales, creare homo non potest, nisi gratia accesserit. Ergo nec pœnitentiam comparare.

3. Eatenus habetur virtus pœnitentiæ, quatenus peccatum displicet, & deleat iustitia: tanto autem magis ista deleat, quanto ardentius diligitur Deus, summum & incommutabile bonum; atqui Deus super omnia diligi virtute naturæ non potest: caritas enim Dei, inquit Apostolus, (Rom. 5, 5) diffusa est in

cordibus nostris per Sp. Sanctum qui datus est nobis: deinde, plenitudo legis dilectio est, ait idem Apostolus: (ib. 13, 10) si igitur possit homo naturæ viribus amare Deum super omnia, poterit & Marte proprio legem universam implere. Quod si concesserimus, erit & alterum concedendum; sine gratia obtineri posse salutem & vitam æternam, quæ præmiū est, legis observatoribus reservatum, prout est a Christo dictum: (Matth. 19, 17) *si vis ad vitam ingredi, serva mandata*. Porro doctrina hæc tota Pelagiana est, & mysterium Christi Redemptoris funditus subvertit: fatendum ergo pœnitentiæ naturæ viribus parari non posse, adeoque esse virtutem per se infusam.

4. Et ultimum est: si posset homo naturæ viribus vere pœnitens fieri, posset se ipsum ex se ipso facere bonum: bonus enim ac iustus est, quem veraciter pœnitet; atque impium est dicere, posse hominem se ipsum facere bonum. Inde enim sequeretur, inutilem homini esse gratiam Christi, inutilem medicum, inutilem Salvatorem ac Redemptorem: atque adeo frustra Christum novi Testamenti conditorem, veritatem & gratiam attulisse: ad quid enim Christo opus haberet, qui foret sibi met auctor salutis, & ad cumulum iustitiæ proprio conatu proveheretur? fatendum ergo non posse hominem suis viribus virtutem pœnitentiæ generare: homo, ait S. Aug. (Enchirid. c. 30) *se ipsum vulneravit, indiget medico: se ipsum perdidit, indiget Salvatore: se ipsum vendidit, indiget Redemptore: se ipsum occidit, indiget vivificante*.

Obiectio.

Dices. Contraria videtur sententia hæc Spiritui Sancto sic loquenti: (Zach. 1, 3) *convertimini ad me, ait Dominus exercituum: & convertar ad vos*. Prius ergo est, hominem converti ad Deum, quam Deum converti ad hominem: adeoque pœnitentia non est virtus infusa, sed acquisita & naturalis.

R. Nego ant. & explico sensum Scripturæ, *convertimini ad me, & convertar ad vos*, & hoc ideo dictum est, ut homo suæ libertatis admoneretur, qua potest Dei inspirationem abjicere, conc. ideo, quia sine gratia Dei movere se ad veram iustitiam potest, & verè pœnitens fieri, Nego. Sic respondet Concilium Œcumenicum Trid. declarat. 5. Synodus, inquit, (Sess. 6, cap. 5) *ipsius justificationis exordium in adultis, a Dei per Jesum Christum præveniente gratia sumendum esse, hoc est ab ejus vocatione, qua nullis eorum existentibus meritis vocatur; ut qui per peccata*
a Deo

a Deo aversi erant, per ejus excitantem atque adjuvantem gratiam, ad convertendum se ad suam ipsorum justificationem, eidem gratiæ libere assentiendo & cooperando disponantur: ita ut tangente Deo cor hominis per Spiritus Sancti illuminationem, neque homo ipse nihil omnino agat, inspirationem illam recipiens, quippe quæ illam & abicere potest; neque tamen sine gratia Dei, movere se ad justitiam coram illo, libera sua voluntate possit: unde in sacris litteris cum dicitur: convertimini ad me, & ego convertar ad vos, libertatis nostre admonemur: cum respondemus: converte ad nos, Domine, ad te, & convertemur, Dei nos gratia perveniri confitemur.

Q. 2. Utrum pœnitentia sit virtus specialis.

Explicatur sensus questionis.

Virtus specialis dicitur, quæ peculiari & determinata natura constat, proprium videlicet habet objectum, actum, & hæc, quibus tum in se ipsa constituitur, tum a qualibet altera necernitur. Hujusmodi sunt, fortitudo, temperantia &c. queritur ergo utrum hac ratione pœnitentia virtus dici debeat?

Prorsus negantur veteres quidam scholastici, quibus persuasum erat, pœnitentiam nihil aliud esse, quam conditionem quandam generalem, omnibus & singulis virtutibus transcendentaliter, ut loquebantur, adjunctam. Ita enim, inquebant, pertinet pœnitentia ad omnem & quamlibet virtutem, sicut iniquitates ad omne peccatum, & justitia communiter dicta ad omnem virtutem; atqui iniquitas vitium est, in peccato inclusum, pariterque justitia generaliter dicta, conditio est cuilibet virtuti connexa. Ergo similiter pœnitentia, non ipsa in se separatim ab aliis virtutibus, sed conditio quædam generalis cuilibet virtuti conjuncta: ita ut ad temperantiam pertineat pœnitentia de peccato intemperantiæ; ad prudentiam spectet peccatum imprudentiæ castigare, & sic de cæteris. Jam.

Respondeo cum S. Thoma (3 p. q. 85, art. 1) pœnitentiam esse virtutem specialem.

¶ Inquit enim S. Præceptor: *Species habituum distinguuntur secundum species actuum*: & ideo, ubi occurrit specialis actus laudabilis, ubi necesse est ponere specialem habitum virtutis. Manifestum est autem, quod in pœnitentia invenitur specialis ratio actus laudabilis, scilicet operari ad destructionem peccati præteriti, in quantum est Dei offensæ, quod non pertinet ad rationem alterius virtutis. Unde necesse est ponere, quod pœnitentia est specialis virtus. Quæ ratio S. Doctoris ita explicari amplius, & confirmari potest. ¶

Specialis enim virtus est, quæ proprio objecto, actu, & fine constituitur, quæque habet specialem superandam difficultatem; atqui hujusmodi est pœnitentia.

1. Enim objectum ejus est, offensæ Dei, quatenus potest satisfactione congrua expiari; atqui hoc ita ejus est proprium, ut nulli alteri virtuti conveniat: quod ultro fatebitur, quisquis virtutum naturam proprius inspexerit, nec volet in terminis ludere.

2. Actus pœnitentiæ, ait Angelicus Doctor loco laudato, est operari ad destructionem peccati, in quantum est Dei offensæ: quod est solius pœnitentiæ proprium. Nam aliæ virtutes in bonum directe tendunt: Nullius ergo peccati destructionem de se important.

3. Finis pœnitentiæ est, reconciliari Deo, sive converti ad Deum; atqui aliæ virtutes cum nullum ante se peccatum necessario supponant, hujusmodi finem respicere nequeant. Ergo &c.

4. Fugere quæ carni & sanguini grata sunt, frangere impetus exæstantium cupiditatum, macerare carnem, pro male acta vitæ sacrificium cordis contribulati Deo offerre, specialem hæc sane habent difficultatem; atqui pœnitentiæ hoc opus, hic labor est. Ergo id omne habet quod requiritur, pleneque sufficit, ut virtus aliqua specialis dicatur.

Objectiones.

Oppones. Illa virtus non est specialis, sed generalis, ad cujus actum virtutes pene omnes concurrunt: atqui ad actum pœnitentiæ virtutes quasi omnes contribunt; scilicet caritas, fides, spes, timor, humilitas, patientia, fortitudo, prudentia, temperantia &c. quod negare nemo potest. Ergo generalis virtus est pœnitentia.

R. Dist. maj. Illa virtus est generalis, ad cujus actum omnes virtutes concurrunt, *elicitive*, conc. *imperative*, aut *directive*, n. maj. dist. pariter min. Ad actum pœnitentiæ virtutes fere omnes concurrunt, *imperando*, aut *dirigendo*, conc. *eliciendo*, idest, actum ipsum producendo, n. min. & conseq.

E. R. Duobus modis potest actus aliquis ab una virtute pendere, *elicitive*, ita ut ab illa producat, & proprium ejus opus sit; & *imperative*, aut *directive*, quando nimirum ab illa imperatur aut regulatur, sed ab altera executioni mandatur: res exemplo fiet planior. Quando jejunit aliquis propter Deum, virtus imperans caritas est, ad quam pertinet omne bonum referre ad Deum, eademque jejunii moderandi regula est: virtus exequens, est temperantia: hoc posito, factor ad actum pœnitent-

nitentiæ virtutes multas imperando ac dirigendo concurrere: non enim potest vera penitentia reputari, nisi quæ habet virtutum omnium comitatum: neque hoc ejus sic proprium est, quin aliis virtutibus pariter conveniat. Ut enim loquitur S. Ambrosius (*comment. in c. 6 Luc.*) *connexæ sibi sunt, concatenatæque virtutes: ita ut qui unam habeat, plures habere videatur*: cui consentiens Gregorius M. una virtus, inquit, (*lib. 21 mor.*) *sine aliis, aut omnino nulla, aut admodum imperfecta*. Hinc communis Theologorum cum S. Thoma sententia est, virtutes in statu perfecto esse connexas, sed nego omnes ad actum penitentiae elicitive concurrere. Habet enim illa, ut prædiximus, actum sibi proprium, quemque sola sine aliorum subsidio exerit, peccati scilicet, quatenus Dei offensam est, per satisfactionem expiabilis detestationem; quemque efformare non magis ad reliquas virtutes pertinet, quam justitia; exempli causa, ad actum temperantiæ elicendum, suum officium ingerit.

Dices: nulla virtus specialis pugnat cum omni vitio & peccato; atqui penitentia contra omne peccatum armatur. Non est ergo virtus specialis, sed generalis.

R. 1. Nego maj. generaliter intellectam: caritas enim virtus specialis est; & pugnat tamen cum omni peccato mortali, quatenus divinæ bonitati contrarium est, & Dei amicitiam solvit, ab eoque aufert finis ultimi rationem, ut in creaturam perturbato ordine transferat.

R. 2. Dist. maj. Nulla virtus specialis pugnat cum omni peccato, *sub omni motivo quo cæteris virtutibus opponitur*, conc. *motivo sibi proprio*, n. maj. dist. pariter min. Penitentia pugnat cum omni peccato, *motivo quodam speciali*, conc. pugnat *sub omni motivo, quo peccatum cæteris virtutibus contrarium est*, n. min. & consequ.

E. R. Habitum diversitas, ac distinctio ab objectis, ut loquimur in schola, materialibus non dependet; cum universis habitibus possit una eademque proposita esse materia; sed ab objectis formalibus. Jam vero etiamsi penitentia cum omni peccato pugnando, virtutum omnium aliquatenus attingat materiam; specialis nihilominus virtus est, quia motivum habet pugnandi cum peccato ab aliis virtutibus longe diversum. Nam

1. Cæteræ virtutes ideo cum peccato pugnant, quia præcise propriæ honestati contrarium est: sic ebrietas, temperantiæ; adulterium, castitatis; furtum, honestatem justitiæ tollit: e contra vero ideo penitentia cum omni peccato configit, quia injuria est supremo Do-

mino ac legislatori illata, adeoque pro virili resarcienda.

2. Aliæ virtutes in tantum cum peccato pugnant, in quantum vitant illud & fugiunt: penitentia vero, in quantum delet & expiat: quæ duo longe diversa sunt: *quælibet virtus specialis*, ait S. Thomas, (*3 p. q. 85, art. 2, ad 2*) *formaliter expellit habitum vitii oppositi; sicut albedo expellit nigredinem ab eodem subiecto; sed penitentia expellit omne peccatum effluve, in quantum operatur ad destructionem peccati, prout est remissibile ex divina gratia, homine cooperante. Unde non sequitur, quod sit virtus generalis: ad hæc qui attenderit, facile quædam alia argumenta solvet, plus habentia subtilitatis, quam veritatis.*

Q. 3. Ad quodnam virtutis genus penitentia revocetur?

Explicantur quæstio.

Nulla virtus specialis est, quæ non in aliquo genere virtutis continetur. Cum itaque virtutum quatuor genera numerentur, prudentia, justitia, temperantia, & fortitudo, unde reliquæ tamquam rivuli a fonte, & rami a radice dependet; merito quaeritur, in quo genere constitui debeat penitentia?

R. Penitentiam, si spectetur, quatenus vindicta quædam est peccatorum, ad virtutem justitiæ, quatenus vero dolor est, de Deo offenso conceptus, ad caritatis virtutem Theologicam revocari.

Probatur responsio per partes.

1. Dicimus penitentiam, prout est ultio delictorum, in genere virtutis justitiæ tamquam in propria deesse locari. Justitia enim, constans est & perpetua voluntas, jus suum unicuique reddendi: atqui penitentia primum officium est, jus divinum peccato læsum pro virili restituere, peccatorem ad satisfactionis opera compellendo, & in illum pro atrocitate criminis judicium exercendo: hinc ab Apostolo dictum: (*1 Cor. 11, 31 & seq.*) *quod si nos metipsos judicaremur, non utique judicaremur: dum judicamur autem, a Domino corripiamur, ut non cum hoc mundo damnemur*: eodemque sensu Tertullianus: (*lib. de penit. c. 2*) *cum, inquit, iudex Deus justitiæ exigende tuendæque præsideat. . . dubitandum est, sicut in universis afflictibus nostris, ita in penitentia quoque causa, justitiam Deo præstandam esse? . . . & auctor libri de vera & falsa penitentia c. 17, penitentia, inquit, est quædam dolentis vindicta, puniens in se quod dolet commisisse.*

Minime tamen putandum, ad virtutem justitiæ

sticiz, modo pleno atque perfecto pœnitentiam pertinere. Ut enim adæquata iustitia foret, deberet omnes ejus partes implere, adeoque Deo offenso jus suum ex integro restituere; atqui quantumvis acerba sit & rigorosa; numquam tamen eo pertinget, ut ex integro jus divinum resarciat. Nam si, ut in confesso est apud omnes, non potest homo quantumlibet innocens, per opera Religionis majestatem supremi numinis ex æquo recognoscere, propter summam a Deo distantiam: quanto minus poterit peccator duplici obstaculo impeditus, inæqualitatis, & offensæ, per pœnitentiam plene & ex integro reparare illatas Deo injurias? *dupliciter*, inquit S. Thomas (3 p. quæ. 85, art. 3, in cor.), *justum dicitur, scilicet simpliciter, & secundum quid. Simpliciter quidem justum est inter æquales, eo quod justitia est æqualitas quedam . . . justum autem secundum quid dicitur, quod est inter illos, quorum unus est sub potestate alterius: sicut servus sub Domino; filius sub Patre: & tale justum consideratur in pœnitentia.*

2. Dicimus pœnitentiam, si spectetur præcise quatenus dolor est de Deo offenso, reduci ad virtutem Theologicam caritatis.

Ad eandem enim virtutem pertinet, gaudere de bonis, & de malis antea dictis dolere; atqui caritas qua Deum propter se diligimus, est sufficiens causa gaudendi de officiis virtutum ante impletis. Ergo a pari causa sufficiens est dolendi de peccatis præteritis: adeoque pœnitentia quatenus est dolor offensæ ad virtutem caritatis reducitur: *dicendum*, inquit S. Thomas, (Ibid. art. 2, ad 1) *quod a caritate derivatur aliquis actus dupliciter: uno modo sicut ab ea elicitus: & talis actus non requirit aliam virtutem præter caritatem: sicut diligere bonum, gaudere de eo, & tristari de opposito . . . si ergo in actu pœnitentis consideretur sola displicentia peccati præteriti, hoc immediate ad caritatem pertinet, sicut & gaudere de bonis præteritis.*

Vide Dominicum Soto, in 4 sentent. dist. 24, quæst. 2, ar. 2, & 3.

Q. Ultimo, pœnitentiz quoddam sit obiectum, quis finis?

R. 1. Obiectum ejus materiale esse peccatum, quatenus offensa Dei est, per satisfactionem expiabilis. Illud enim est obiectum materiale virtutis, circa quod ipsa versatur; atqui pœnitentia versatur circa peccatum, quatenus offensa Dei est, expiabilis per satisfactionem. Ergo &c.

R. 2. Obiectum formale esse, jus divinum læsum per offensam, & satisfactione reparabile: obiectum enim formale dicimus, propter quod obiectum materiale attingitur; atqui pœ-

nitentia ideo circa peccatum versatur: ut offensam Deo illatam expiet satisfaciendo, jusque illius resarciat, debitum ei honorem restituendo. Ergo &c.

R. 3. Deum ipsum finem esse proximum pœnitentiz: is enim finis est proximus, ad quem actus ejus immediate refertur; atqui omnis actus veræ pœnitentiz proxime ad Deum & immediate ordinatur: cum non alia de causa vindictam de peccatis sumat, nisi ut irato Deo faciat satis, eumque homini placabilem reddat. Hinc doctrina S. Thomæ est (in 4, dist. 14, q. 1, art. 1) *virtutes posse spectari in ordine triplici. Quædam enim Deum pro obiecto & fine habent: & in hoc genere sunt fides, spes, & caritas. Quarundam Deus nec est obiectum nec proximus finis, quales sunt virtutes pure morales: quedam denique velut in medio positæ, respiciunt Deum tamquam finem proximum: & in hoc genere pœnitentia locum habet, per quam peccata propter Deum detestamur & expiamus.*

Sequitur

CAPUT TERTIUM.

Utrum & quomodo pœnitentia sit homini necessaria?

1. **N**ecessarium generatim illud omne dicitur, quod cum altero ita est conjunctum, ut si unum defuerit, alterum deesse consequens sit: sic homini ita necessarium est, ex corpore & anima coalescere, ut ubi hæc duo adunata non fuerint, neque homo reperiri possit. Similiter respiratio sic ad vivendum requiritur, ut si cui interclusus halitus fuerit, & vitam abrumpi necesse sit; atque ut eandem rem multis exemplis aperiamus, ita homini ægrotanti necessaria est medicina, quam vel ars, vel natura suppeditat, ut a morbo relevari non valeat, quem neque natura juverit, nec medicorum industria.

Queritur in præsentii, utrum homo in peccatum lapsus necessario indigeat pœnitentia, ut pristinum statum recuperet; quam questionem antequam resolvamus,

2. Est advertendum, quod sæpe alibi monuimus, necessarium aliquid ideo esse, vel quia est medium ad finem conducent, vel præcise quia præceptum.

Necessarium a modo dicitur, sine quo finis haberi nequit: quomodo ad salutem necessarius est baptismus: necessarium a modo dicitur, de quo equidem præceptum extat, sine quo tamen absolute finis potest obtineri: si nimirum in his homo circumstantiis reperitur, ut vel præceptum audire non possit, vel ob-

tem-

temperare non valeat: quomodo confirmatio, extrema unctio, & Eucharistiæ sumptio actualis, dicuntur homini Christiano necessariæ ad salutem.

3. Notandum, necessarium necessitate mediæ duobus posse modis intelligi: aliud enim medium est, intrinsecum & essentialem habens cum fine connexionem; quomodo respiratio ad vitam naturalem, & gratia necessaria est ad salutem: aliud est, non sua quidem natura, sed institutione divina ad finem ordinatum: qualis est baptismi cum æterna salute connexio. Si enim Christus voluisset, poterat alio quovis modo spiritualiter homo renasci.

Hincque manifestum est, inter hæc duo hoc discriminis interesse, quod quæ primi generis sunt, in quolibet statu & omnimode ad finem necessaria sint: quæ vero secundi, pro eo tantum statu ad finem ordiantur, in quo constat esse divinitus instituta. Sic enim respirationis ad vitam, & gratiæ ad salutem necessitas omnem humanæ vitæ statum respicit ac complectitur; quia nemini unquam contigit, nec contingere potuit, vel intercluso habitu vivere, vel gratia denegata salvari: e contra baptismi necessitas ad regni cælestis consecutionem, in sola lege Evangelica locum habet.

His positis

Q. 1. Utrum homini lapsio penitentia necessaria sit necessitate præcepti?

2. Utrum etiam necessitate mediæ?

3. Utrum necessitate mediæ, non divina tantum institutione, sed ex natura sua, ad peccatorum veniam & salutem ordinati? quas difficultates ut resolvamus, sit

§. PRIMUS.

Oscenditur penitentiam homini lapsio, necessitate præcepti divini esse necessariam.

PROBATIO PRIMA.

Ex Oraculis veteris Testamenti.

Expresissima hujus veritatis sunt in veteri lege testimonia, quæ si quis vellet diligenter colligere, paginas multas impleret: nihil enim in prophetis & psalmis occurrit frequentius, quam peccata debere secundum legem divinam congrua penitentia expiari, eaque sola conditione reconciliationem cum Deo obtineri posse; sic enim, ut alia taceamus, vox illa Jonæ Prophetæ: (Jonæ 3, 4) *adhuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur*, celeberrima præcepti penitendi promulgatio fuit. *Qua-*

dragenarius enim numerus, ait S. Hieronymus hunc locum interpretans, *convenit peccatoribus, & jejuniis, & orationibus, & sacco, & lacrymis & perseverantia deprecandi: propter quod & Moyses quadraginta diebus jejunavit in monte sina: & Elias figiens J:abel, 40 dies jejunas describitur: (3 Reg. 19, 8) ipse quoque Dominus verus Jonas missus ad prædicationem mundi, jejunavit 40 dies, & hereditatem nobis jejunii dereliquit. Eiusdemque significationis sunt verba Psalmorum, & Ezechielis, & aliorum tum ante adducta, tum sæpius afferenda.*

PROBATIO SECUNDA.

Ex novo Testamento.

Concinit Evangelium multis locis: ut enim ex prædictis constat, Jo. Baptista Christi præcursor, a præcepto penitentiae duxit suum prædicationis exordium: *penitentiam agite*, aiebat Christum in deserto prænuncians, (Matth. 3, 2) *appropinquavit enim regnum cælorum: parate viam Domini, rectas facite semitas ejus*: idemque paulo post Christus egit, nihil quidem magis suadens & imperans, quam penitentiam innocentie reparatricem, & Dei cum hominibus reconciliatricem: *exinde*, ait S. Evangelista, (Matth. 4, 17) *cepit Jesus predicare & dicere: penitentiam agite, appropinquavit enim regnum cælorum*. Nimirum id quod a Joanne dictum fuerat approbans, ejusque prædicationem confirmans, & ostendens eum tamquam legatum, non suo, sed Dei nomine esse locutum: posthac vero Apostoli, quos Christus ita misit, sicut missus ipse a Patre fuerat, nihil habuerunt antiquius, quam ut præceptum penitentiae Judæis & Gentilibus intimarent: nec quemquam Evangelii voluerunt esse consortem, quem non constaret salutari penitentia ad percipiendam gratiam præparatum; sic enim Petrus omnium nomine: (Act. 2, 38) *penitentiam agite*, inquit, *& baptizetur unusquisque vestrum in nomine Jesu Christi, in remissionem peccatorum vestrorum* . . . (ib. 3, 19) *penitentiam igitur, & convertimini, ut deleantur peccata vestra* . . . (ib. 5, 30) *Deus Patrum nostrorum suscitavit Jesum . . . ad dandam penitentiam Israël, & remissionem peccatorum* . . . (ib. 8, 22) *penitentiam age ab hac nequitia tua, & roga Deum, si forte remittatur tibi hæc cogitatio cordis tui*: quorum similia tum in hoc ipso libro, tum in Epistolis Canonis ubique leguntur.

PROBATIO TERTIA.

Ex sanctis Patribus.

Suffragatur SS. Patrum doctrina perpetua, quos constat legem penitentiae praecipuis Evangelii mandatis annuerasse: adeo ut nec unum inter mille reperias, qui de praepcepto illo tacerit: sic prae ceteros Tertullianus: (de penit. c. 4) de bono penitentiae enumerando, inquit, diffusa & magno eloquio committenda materia est. Nos vero pro nostris angustiis unum inculcamus, bonum atque optimum esse quod Deus praecipit: audaciam existimo, de bono praepcepti divini disputare: neque enim quia bonum est, ideoque audaciter debemus; sed quia Deus praecipit. Ad exhibitionem obsequii prior est majestas divinae potestatis: prior est auctoritas imperantis, quam utilitas servientis. Bonum est parere, an non? quid revolvitur? Deus praecipit.

PROBATIO QUARTA.

Ex Theologica ratione.

Ratio denique ipsa ejusdem praepcepti veritatem ac necessitatem inculcat. Nam

1. Nulla virtus est, quam Deus homini non imperet; nec enim sana ratio patitur, ut putemus aliquam ab eo neglectam, qui praecipit omne bonum, quique amat appellari Deus virtutum; atqui ut paulo ante dicebamus, penitentia virtus est. Ergo habet locum in divinis mandatis.

2. Virtus illa est ex praepcepto necessaria, quam quisque contemnit, reus inobedientiae fit: nemo enim potest esse inobediens nisi mandato; atqui qui renuit peccatum perpetratum penitentia expiare, rebellionis contra Deum convincitur: quia vocati, & renuistis, ait ipse, (Prov. 1, 24) extendi manum meam, & non fuit qui aspiceret: despectistis omne consilium meum, & increpationes meas neglexistis: ego quoque in incertum vestro ridebo, & subsannabo, cum vobis id quod timetis advenierit. . . . & in Isai: (65, 12) omnis in caede cornuetis, pro eo quod vocati, & non respondistis; locutus sum, & non audistis; & faciebatis malum in oculis meis: & quae nolui eligistis. Nec minus expresse in Apocalypsi: (c. 3, v. 19) ego, inquit, quos amo, arguo & castigo. Emulare ergo & penitentiam age: ecce sto ad ostium & pulso: si quis audierit vocem meam, & aperuerit mihi januam, intrabo ad illum, & cenabo cum illo & ipse mecum. Ergo &c.

3. Quisquis injuria proximum laesit, tenetur naturali praepcepto damnum ei illatum resarcire. Ergo multo magis qui Deo injuriam intulit, eadem obligatur lege: quicumque autem peccatum mortale committit, maximam Deo injuriam irrogat, tenetur ergo vindictam de se per penitentiam sumere.

4. Tenetur quisque vitae temporalis curam habere, morbis scilicet, & similibus detrimendis, quod potest fieri, occurrendo: quod si neglexerit, infringere praepceptum naturae vincitur, ergo titulo potiori tenetur animae & spiritualis salutis curam habere; cui certe non potest, si semel peccato se contaminaverit, nisi per penitentiam providere: in hac itaque veritate, quoniam notissima est, adstruenda ac confirmanda non putamus diutius immorandum. Jam ut pergamus ad alia, sit

§. SECUNDUS.

Ostenditur penitentiam homini lapsio esse necessitate mediis necessaria.

PROBATIO PRIMA.

Ex auctoritate Scripturae.

1. Assertionem hanc continent & declarant testimonia scripturarum quibus penitentiae praepceptum denuntiat.

Apud Jeremiam, (18, 2, & 10) si penitentiam, inquit Deus, egerit gens illa a malo suo . . . agam & ego penitentiam super malo quod cogitavi ut facerem ei . . . si fecerit malum in oculis meis, ut non audiat vocem meam: penitentiam agam super bono quod locutus sum, ut facerem ei.

Et in Ezechiele: (18, 21, & seq.) si impius egerit penitentiam ab omnibus peccatis suis, quae operatus est, & custodierit omnia praepcepta mea, & fecerit iudicium & justitiam, vita vivet, & non morietur, omnium iniquitatum ejus quas operatus est, non recordabor: in justitia sua quam operatus est, vivet: numquid voluntatis meae est mors impij, dicit Dominus Deus, & non ut convertatur a viis suis, & vivat . . . cum averterit se impius ab impietate sua quam operatus est, & fecerit iudicium & justitiam, ipse animam suam vivificabit.

In Evangelio; (Matth. 4, 17) penitentiam agite, appropinquaverit enim regnum caelorum . . . (Luc. 13, 5) si penitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis.

A quoque 3, 19. penitentini, & convertimini, ut deleantur peccata vestra.

In Ep. ad Rom. (Rom. 2, 4 & seq.) igno-

7.15 quoniam benignitas Dei ad poenitentiam te adducit? secundum autem duritiam tuam, & impenitentem cor tuum, thesaurizas tibi iram in die iræ, & revelationis iusti iudicii Dei &c.

In Apocalypsi: (cap. 2, v. 5, 16, 21, 22) *memor esto unde exideris: & age poenitentiam, & primi opera fac, si autem venio tibi, & movebo candelabrum tuum de loco tuo, nisi poenitentiam egeris . . . poenitentiam age, si quominus veniam tibi cito, & pugnabo . . . in gladio oris mei . . . dedi illi tempus ut poenitentiam ageret: & non vult poenitere a fornicatione sua: ecce mittam eam in leſum: & qui machantur cum ea, in tribulationem vincti erunt, nisi poenitentiam ab operibus suis egerint.*

Ex illis & similibus argumentum sic informat: necessarium necessitate mediæ dicitur, quod ita cum suo conjunctum est, ut sine eo finis prorsus obtineri non valeat; atqui existat ex auctoritate Scripturæ, finem hominis, eternam scilicet salutem, ita pendere a poenitentia, ut nisi ista præcesserit, haberi illa non possit, nec eam alius potest his oculis sensus aptari: "Si peccator non audierit vocem," meam; poenitentiam agam super bono quod locutus sum, ut facerem ei . . . si poenitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis . . . secundum duritiam tuam, & impenitens cor tuum thesaurizas tibi iram in die iræ &c. Ergo &c.

PROBATIO SECUNDA.

Ex Sanctis Patribus.

Sanctorum auctoritates hoc loco congerere, idem est ac in re minime dubia, testes non necessarios advocare: quod enim natura ipsa & ratio suggerit, videtur superfluum auctoritate adstruere. Itaque satis superque fuerit, e multis unum aut alterum allegare.

Tertullianus, (*lib. de poenit. c. 4*) "omnibus delictis, inquit . . . veniam per poenitentium spondit Deus . . . eam tu peccator . . . ita invade, ita amplexare, ut naufragus alicuius tabulæ fidem: hæc te peccatorum fluctibus morsum perlevabit, & in portum divinæ clementiæ protulabit (perducet:) rape occasionem inopinatæ felicitatis . . . (*ibid. c. 7*) pervicissimus hostis diabolus nunquam malitiæ suæ otium facit . . . non scandalis, non tentationibus delicit: hæc igitur venena ejus providens Deus, clausa licet ignoscentiæ ianua, & intinctionis (baptismi) sera obstruita, aliquid adhuc permisit patere: collocavit in vestibulo poenitentiam secundam, quæ spulsantibus patefaciat."

S. Ambrosius: (*Epist. ad Virgin. lapsam*) *sed tu, inquit lapsæ Virgini, quæ iam ingressa es agonem poenitentiae, insiste misera forisiter, habere tamquam naufragus tabulæ.*

S. Hieronymus: poenitentia, ait, (*in cap. 3 Psal.*) quasi secunda post naufragium miseria tabula.

S. Aug. *næ quemquam putes, inquit, (Epist. 93, n. 53) ab errore ad veritatem, vel a quocunque sive magno sive parvo peccato, ad correctionem sine poenitentia posse transire.*

Inde sic informatur argumentum; quod naufrago tabulæ, idem ex patribus peccatori poenitentia est; atqui homini, qui factus naufragus in mare demersus est, & longe a littore procella jactatur, tabulæ subsidiana quæ forte occurrerit, ad evadendum & vitam servandam medium necessarium est: ergo de poenitentia pariter dicendum, quod sit medium absolute necessarium ad salutem.

Deinde ex Tertulliano idem præstat poenitentia lapsis post baptismum, quod intinctio iis qui primo convertuntur ad Christum; atqui intinctio aquæ cuiuslibet homini necessaria est necessitate mediæ ad salutem, ut constat ex verbis Christi: (*Joan. 3, 5*) *nisi quis renatus fuerit ex aqua & Spir. Sancto, non potest introire in regnum Dei:* ergo non minus est necessaria poenitentia.

Præterea, si poenitentia tantum foret necessaria ex præcepto, posset aliquando casus occurrere, quo peccator sine illa salvaretur, & ad correctionem veniret: patri ratione qui potest homo, sine actuali Eucharistiæ sumptione, & sine confirmationis, & unctionis extremæ perceptione salvari, quia hæc Sacramenta non mediis, sed præceptis habent necessitatem: atqui ex S. Aug. nemo potest ab errore ad veritatem, vel a quocunque sive magno sive parvo peccato ad correctionem sine poenitentia transire: ergo non solum quia est præcepta exigitur, sed etiam quia medium est necessarium ad salutem.

PROBATIO TERTIA.

Ex Theologica ratione.

Idemque, ut prædiximus, sana ratio persuadet.

Sic enim se habet poenitentia ad reconciliationem cum Deo, & ad animæ salutem, sicut medicina ad morbum corporalem, ut testatur Christus in Evangelio: "non est opus valentibus medicus, inquit, (*Matth. 9, 12*) sed male habentibus . . . non enim veni vocare justos, sed peccatores . . . (*Luc. 5, 31*) non egent qui sani sunt medico, sed qui

„male habent: non veni vocare justos, sed
„peccatores ad poenitentiam;“ atqui medi-
cina ad morbum corporalem sanandum est ne-
cessitate mediæ necessaria; medicina, inquam,
sive quam natura ipsa suppediat, sive quæ a
medici arte dependet: ergo a pari poeniten-
tia &c.

Deinde: idem debet esse judicium de poeni-
tentia, ac de peccatoris conversione, nam ve-
ra poenitentia, ipsissima cordis ad Deum con-
versio est, atqui conversio medium est, ad sa-
lutem omnino necessarium: impossibile enim
est, hominem in creatura defixum, & a crea-
tore aversum salvari: alioquin inquinatum ali-
quid intrare posset in regnum Cælorum: er-
go &c.

§. TERTIUS.

*Ostenditur poenitentiam non ex divina tantum
instituzione, sed ex sua natura habere, quod
sit medium necessarium ad salutem.*

Medium rei obtinendæ, ut in capitis limine
admonuimus, aliud cum fine ex ipsa natura
conjunctum est: aliud ad finem solo Dei arbi-
trio comparatur. Itaque quod primo modo me-
dium est, non ideo censetur necessarium, quia
præceptum; sed idcirco e contra est impera-
rium, quia antea necessarium erat; at vero
medium secundi generis non aliter est neces-
sarium, nisi quia mandatam divinum habet:
sic enim e. c. baptismus, non ex natura sua
habet, quod sic homini spiritualis regeneratio-
nis principium, sed ex Christi instituto: po-
terat enim, volente Christo, sine baptismo re-
nasci. Jam, ut ad rem veniamus, contendimus
in primo mediorum genere poenitentiam esse
reponendam: quod sic ostendimus.

ARGUMENTUM PRIMUM.

Ex Concilio Tridentino.

1. Auctoritate Concilii Trid. „fuit poeni-
tentia, inquit, (Sess. 14, c. 1) universis
hominibus, qui se mortali aliquo peccato in-
quinaissent, quovis tempore ad gratiam &
justiciam assequendam necessaria, illis etiam
qui baptisni Sacramento abluï petivissent;
ut perversitate abjecta & emendata, tantam
Dei offensionem cum peccati odio, & pio
animi dolore detestarentur. . . (Ibid. c. 4)
fuit quovis tempore ad impetrandam veniam
peccatorum hic contritionis (poenitentia scilicet)
motus necessarius:“ hinc sic argu-
mentor:

Illud habet, ex natura sua quod sit medium

ad salutem necessarium, quod observari omni
tempore a peccatoribus debuit, etiam antequam
lex positiva vulgata esset, atqui poenitentiam
a peccatoribus fieri oportuit omni tempore,
minimeque expectandum fuit, donec de hac
lex aliqua positiva ferretur, hinc scite Tertul-
lianus observat, (de pen. c. 2) poenitentiam
ab ipso mundi exordio divinitus decretam.
„Deus, inquit, post tot ac tanta delicta hu-
manæ temeritatis, a principe generis Adam
auspicata. post condemnatum hominem, post
ejectum paradiso mortique subiectum, cum
rursus ad suam misericordiam maturavisset:
jam inde in semetipso poenitentiam dedica-
vit:“ ergo &c.

ARGUMENTUM SECUNDUM.

Ex Sancto Thoma.

Accedit S. Thomæ auctoritas: „Sacramen-
ti poenitentia materia, inquit, (3 p. q. 84,
art. 7, in c.) præexistit a natura: ex natu-
rali enim ratione homo movetur ad poeniten-
dum de malis quæ fecit. . . dicendum (ib.
ad 1) quod de jure naturali est, quod ali-
quis poeniteat de malis quæ fecit, quantum
ad hoc quod doleat ea fecisse, & doloris re-
medium quaerat per aliquem modum, &
quod etiam aliqua signa doloris ostendat:“
hinc sic arguuntur:

Illud medium ex natura, & non ex positi-
va tantum Dei lege ad salutem est necessari-
um, quod natura ipsa præscribit; atqui, ut
docet S. Thomas, de malo perpetrato esse poe-
nitendum, natura ipsa præscribit: ergo &c.

ARGUMENTUM TERTIUM.

Ex Theologica ratione.

3. Denique ratio suffragatur: illud enim me-
dium dicimus ex ipsa natura necessarium finii
obtinendo, quod habet cum illo intrinsicam &
naturalem connexionem: quomodo ad vivendum
necessaria respiratio est; atqui poenitentia in-
timam habet cum fine, salute scilicet, natu-
ralem connexionem, nemo enim salvari potest,
nisi prius a Deo impetnaverit peccati remissionem;
atqui penitus impossibile est, sine poeni-
tentia peccata remitti: nam Deus peccata
remittit, quando sibi reconciliat peccatores;
& in amicitiam recipit: atqui renuat, quod
Deus peccatorem impoententem sibi reconciliet,
& in suam recipiat amicitiam: alioquin
enim amaret, quem a se aversum, & in pec-
cati amore obstinatum cognosceret, ino, quod
dictu horrendum, peccatum ipsum amaret, &
præ-

præmiaretur: quod quam sit ab ejus sanctitate supremæque justitia alienum, etiam me non monente, nemo est qui non videat. Dicendum itaque pœnitentiam in his mediis habere locum, quæ natura ipsa præscribit: atque adeo non ea de causa esse necessariam, præcise quia præceptam; sed e contrario ideo præceptam, quia necessariam.

§. Q U A R T U S.

Proponuntur & resolvuntur objectiones.

Contra 2 & 3 assertionem videntur facere quædam argumenta, quæ sigillatim proponemus.

Obijciunt. Ideo virtus pœnitentiæ esset homini in peccatum mortale lapsi necessitate mediæ necessaria, quia Deus non posset sine prævia pœnitentia quemquam a peccato purgare; atqui in potestate sua habet peccata quamlibet gravia impœnitentibus condonare: ergo &c.

Prob. min. idem debet esse judicium de peccato actuali, ac de originali: atqui peccatum originale remittit infantibus sine prævia pœnitentia, quidni ergo pariter posset peccata adultorum mortalia condonare?

R. Concessa maj. n. min. ad probat. n. paritatem: quamquam enim non minor sit Dei erga adultos, quam erga infantes potentia, est tamen illud inter utrosque discrimen, quod peccatum originale non sit propria voluntate commissum, unde absque propria infantium voluntate remittitur; at vero adultis, quia electione propria malum appetendo & perpetrando peccarunt, pœnitentia necessaria est, ut Deo restituant pœnitendo, quod delinquendo abstulerunt: "*per fidem Ecclesiæ solam*, ait auctor libri de vera & falsa pœnitentia (cap. 8) remittuntur peccata quæ contraxit homo in origine; ut sicut a patre peccante damnationem accepit, ita per matris Ecclesiæ fidem consequatur remissionem, sed qui per se peccavit, per dolorem proprium, & fidem Ecclesiæ indulgentiam acquisivit".

Eodemque sensu S. Aug. (serm. 10 de verb. Apost.) "*parvuli, inquit, portantur ad Ecclesiæ, & si pedibus illuc currere non possunt; alienis nediis currunt et carentur, accommodat illis mater Ecclesiæ aliorum pedes, ut veniant, aliorum cor ut credant, aliorum linguam ut fateantur: ut quoniam quod ægri sunt, alio peccante prægravantur; sic cum sani sunt, alio pro eis confitente salventur*".

Inst. 1. Si pœnitentia foret ad salutem ne-

cessitate mediæ necessaria; præceptum contritionis non solum divinum esset, sed etiam naturale; atqui contritionis & pœnitentiæ naturale præceptum esse non potest: ergo &c.

R. conc. maj. n. min. Naturale namque præceptum est, & merito dicitur, quod natura ipsa præscribit; atqui præceptum pœnitendi, natura quantumlibet corrupta præscribit. Nam si homo homini offenso reconciliari, ea dictante, tenetur: quanto magis tenebitur convertere se ad summum & incommutabile bonum, a quo, peccando recessit: quomodo igitur ista propositio: *Deus est colendus*: in naturalibus morum principis continetur; idem de hac altera est dicendum: *Deus offensus pœnitentia est placandus*.

Inst. 2. probando min. De actibus supernaturalibus naturale præceptum non datur; natura enim ad supernaturalem ordinem non assurgit; atqui actus veræ pœnitentiæ supernaturalis est, ut constat ex dictis capite præcedenti. Ergo &c.

R. dist. maj. de actibus supernaturalibus naturale præceptum non datur, *ipsis naturæ viribus adimplendum*, conc. divine gratiæ auxilio observandum, n. maj. & concessa min. n. consequ.

E. R. Aliud præcepti denuntiatio, aliud observatio est. Fatemur de actibus supernaturalibus naturale præceptum non dari, quod naturæ viribus impleatur: nec enim natura sibi relicta, ad ordinem supernaturalem descendit, ut bene in argumento notatum est; sed contendimus actus supernaturalis naturale esse præceptum juvante gratia exequendum. Nam actus amoris Dei supernaturalis est, cum omnem naturæ vim longo superet intervallo, & ad virtutem Theologicam caritatis pertineat; atqui præceptum de Deo amando super omnia, omnium animis ab ipsa natura insitum est: quod si quis proterve negaret, naturæ ipsi contrarie convinceretur. Nec desunt hujus generis alia exempla; sic enim Decalogus ad legem sine dubio pertinet naturalem, immo totam naturæ legem complectitur: quis porro nisi Pelagianus audeat dicere, posse sine gratia præcepta Decalogi adimpleri? pariter Deum esse colendum, præceptum est in natura positum, unde naturalibus principiis syndereseos accensetur: numquid ideo diſturi sumus posse hominem se solo, omnique gratiæ adiutorio destitutum, cultum Deo debitum exhibere? quod si lubeat ex aliena materia hujus veritatis argumentum exquirere, in promptu erit. Nam quilibet homo naturaliter desiderat esse beatus: neque unquam contigit aliquem ita fungum aut stupidum reperiri, qui non illic vitæ cursum direxerit, ut beatus efficeretur, qua-

quacumque tandem in re felicitatem locaret; atqui appetitus ille non potest solis naturæ viribus satiari. Ergo pariter potest dari præceptum naturale de aliquo actu, quod homo non valeat sine supernaturali adiutorio adimplere. Tale vero est præceptum penitendi.

Inst. 3. Natura, sicut & Deus nihil impossibile præcipit; atqui si daretur naturale præceptum, quod non posset naturæ viribus adimpleri, aliquid impossibile natura præciperet. Ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. Non enim possibile dici debet, quod Dei gratia possibile sit, & executioni mandatur; atqui naturale præceptum, quamquam naturæ vires excedens, Dei gratia possibile sit, & executioni mandatur: gratia vero, uti milles S. Aug. contra Pelagianos inculcat, cui datur, misericorditer datur; cui non datur, ex justitia non datur: cui concinens S. Thomas: (2, 2, qu. 3, art. 5, ad 1) ad multa, inquit, tenetur homo, ad quæ non potest sine gratia præparare; sicut ad diligendum Deum & proximum, & similiter ad credendum articulos fidei: sed tamen potest cum auxilio gratiæ. Quod quidem auxilium quibuscumque divinitus datur, misericorditer datur: quibus autem non datur, ex justitia non datur, in penam precedentis peccati salutem originalis: ut Aug. dicit, in lib. de corrept. & gratia. Firmiter itaque tenendum est, tum penitentiam naturalem esse præceptum; tum non posse solius naturæ viribus executioni mandari: nec tamen inde sequi quod impossibile sit: quia possibilitatem ejus implendi dat Deus, gratia sua cor hominis emolliendo, transferendo, & immutando.

Inst. 4. De illo non datur præceptum neque naturæ, neque positivum, sine quo potest homo salutem consequi, & peccatorum remissionem; atqui sine penitentia potest peccator veniam & salutem obtinere. Ergo &c.

Probat. minor multis Scripturarum testimoniis.

Matthæi 6, v. 14. Si dimiseritis hominibus peccata eorum, dimittet vobis & pater vester celestis delicta vestra.

Marci ultimo v. 16. Qui crediderit, & baptizatus fuerit, salvus erit.

Lucæ 11, v. 41. Date eleemynam, & ecce omnia munda sunt vobis.

Rom. 8, 24. Spe salvi facti sumus.

1. Petri 4, v. 8. Ante omnia mutua in vobismetipsis caritatem habentes; quia caritas operis multitudinem peccatorum.

Hinc sic eruitur argumentum:

Ille sine penitentia potest peccatorum remissionem & salutem consequi, cui aliunde occurrunt media ad salutem opportuna; atqui homini præter penitentiam, alia multa oc-

currunt media ad obtinendam salutem, baptismus scilicet, fides, spes, caritas, eleemossyna, condonatio injuriarum: Ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. ad probat. recipio testimonia, & dist. maj. Sine penitentia reconciliari & salvari potest, cui omnia præsto sunt media salutis, *inclinata*, inquam, *adequata*, & *divinum suffragium*, conc. media *inadequata*, n. maj. & eadem distinctione ad min. facta, n. consequi.

E. R. Medium adæquatum appello, quod ita ad finis assecutionem conducit, ut nullum aliud requiratur: inadæquatum vero, quod se solo non sufficit: porro quæ sunt in objectione enumerata, seorsim ac divisim ad salutem sufficere, eoque sensu Scripturam intelligi debere infirmatur; itaque ita debent ista peccatorum remedia, & salutis media accipi, ut nullum divisim, neque omnia simul, sine penitentia, sint sufficientia ad salutem: nam

1. Baptismus adultorum, nisi præcederet penitentia, salvare neminem posset: erque est certissima doctrina Christi, quam Concilium Trid. sic explicat: (Sess. 14, cap. 1) fuit penitentia universalis hominibus, qui se mortalitatis aliquo peccato inquinassent, quovis tempore ad gratiam & iustitiam assequendam necessaria, illis etiam, qui baptismi Sacramento alibi peccavissent, ut perveritate abieci & emendata, tantam Dei offensionem cum peccati odio, & pio animi dolore detestarentur, unde propheta ait: convertimini, & agite penitentiam ab omnibus iniquitatibus vestris: & non erit vobis in ruinam iniquitas: Dominus etiam dixit: nisi penitentiam egeritis, omnes similiter peribitis; & princeps Apostolorum Petrus peccatoribus baptismi initiandis penitentiam commendans dicebat: penitentiam agite, & baptizetur unusquisque vestrum.

2. Fides, spes, & caritas, necessariae sunt, tamquam fundamenta penitentiae, ut capite superius sumus; deinde fides viva, spes vera, & divina caritas, quæ media salutis esse non diffinuntur, in peccatore, quamdiu impenitens fuerit, nec esse, nec intelligi possunt; ergo a fortiori seclusa penitentia nequeunt quempiam ad salutem perducere: illi enim salutis media non sunt, ubi nequidem sunt.

3. Eleemossyna & condonatio injuriarum, sunt peccatoribus necessariae, tamquam remedia; tum quia fidem & penitentiam impetrant: decet namque Deum iis esse placabilem, qui fuerint erga proximum misericordes: tum quia in operibus satisfactoriis locum non infirmum habent: tum denique propter preces pauperum, & eorum, quibus condonatae injuriæ fuerint.

Itaque hæc & similia Scripturarum oracula non sunt exclusive accipienda, quasi spes sola e. c. aut elemosyna sola sufficiat ad salutem: sed ita deum intelligi debent, hominem spe aut caritate salvari, dummodo alia non defuerint, quæ esse necessaria pariter in verbo divino est declaratum: inter quæ præcipuum pœnitentiæ esse locum, nemo negabit, nisi qui plane fuerit nescius Scripturarum: qui enim dixit: *qui crediderit, & baptizatus fuerit, salvus erit*: dixit quoque: *nisi pœnitentiam egeritis, omnes simul peribitis*: qui dixit: *date elemosynam, & ecce omnia mundata sunt vobis*: dixit utique: *convertimini & agite pœnitentiam ab omnibus iniquitatibus vestris, & non erit vobis in ruinam iniquitas*: qui dixit: *caritas operis multitudinem peccatorum*: similiter dixit: *si impius egerit pœnitentiam ab omnibus peccatis suis, omnium iniquitatum ejus quas operatus est non recordabor*: qui denique dixit: *spe salvi facti sumus*: idem pœnitentibus vitam, & non pœnitentibus maximam tribulationem prædixit.

Inst. 5. Saltem caritas medium est, de se ad salutem & peccatorum remissionem sufficiens, etiam sine pœnitentia. Ergo &c.

Prob. ant. de muliere peccatrice sic loquitur Christus: (*Luc. 7, 47*) *remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum: cui autem minus dimittitur, minus diligit*.

Et alibi. (*Joan. 14, 21*) *qui habet mandata mea, ille est qui diligit me: qui autem diligit me, diligitur a Patre meo: & ego diligam eum, & manifestabo ei me ipsum*.

1. Joannis 4, v. 7. *Omnis qui diligit, ex Deo natus est, & cognoscit Deum*.

Hinc sic informatur argumentum:

Illud medium ex se, etiam sine pœnitentia, sufficit ad peccatorum remissionem, cui Christus veluti cause, eorum condemnationem attribuit; quoque fit, ut homo a Deo diligatur, & contempatur in ejus adoptionem; atqui præclara hæc esse privilegia caritatis, Scriptura Sacra testatur. Ergo &c.

R. nego aut. ad probat. admitto auctoritates, & concessa maj. dist. min. conveniunt ista caritati, eo quod ad pœnitentiam moveat, & sine illa non sit, conc. *scorsim* a pœnitentia, n. min. & conseq.

E. R. Fatemur in salutis negotio, caritatis divinæ præcipuas esse partes, nec posse quemquam adultum sine amore a Deo diligi, & recipi in ejus adoptionem; sed similiter contendimus, a peccatore sine pœnitentia obtineri ista non posse: immo impossibile esse potanum, ut vese diligat Deum, quem vitæ male actæ non pœnituerit. Quomodo enim amat summum bonum, qui non detestatur id,

quo scit summum bonum offendi, & ad iracundiam provocari? Itaque in hoc argumento & similibus hoc vitium est, quod perperam inferatur aliquid esse sufficiens ad salutem, eo quod necessarium affirmetur: quæ prorsus inepta illatio est. Quando etiam in Scripturis multa præcipiuntur, ridiculum est, cum exclusionem cæterorum uni tantum salutem adscribere. Quod idem est, ac si quis ex eo quod Apostolus dixit: (*Hebr. 11, 6*) *sine fide impossibile est placere Deo*: sic argumentum concluderet, ergo placet Deo qui fidem habet, etiamsi nec caritatem, nec spem, nec aliud denique quidquam eorum habeat, quæ Scriptura passim commendat.

Quemadmodum igitur loca in objectione laudata, movent nos ut caritatem ad salutem omnino necessariam esse credamus; pœnitentiam pariter necessariam fateri compellimur iis testimoniis quibus declarat ur neminem sine pœnitentia esse salvandum: quale est: *nisi pœnitentiam habueritis, omnes similiter peribitis*.

Inst. 6. De multis in Evangelio legitur, quod peccatorum remissionem obtinuerint, etiamsi quod eos pœnituerit non dicatur; sic enim paralytico dixit Christus: (*Matt. 9, 2*) *confide fili, remittuntur tibi peccata tua: & mulieri adulteræ: (Joan. 8, 10) nemo te condemnavit? nec ego te condemnabo: vade, & jam amplius noli peccare*. Ergo &c.

R. Dist. ant. Quod eos pœnituerit non legitur; debet tamen necessario subintelligi, conc. secus, n. ant. & conseq.

E. R. Cum Christus fuerit perpetuus pœnitentiæ prædicator, nec quidquam habuerit antiquius, quam ut ejus ubique inculcaret, adstrueretque necessitatem, omnibus sine discrimine peccatoribus denuntiando: *pœnitentiam agite: appropriaverit enim regnum celorum: nisi pœnitentiam egeritis, omnes similiter peribitis*: credibile non est aliquem ab illo in gratiam, sine prævia pœnitentia esse receptum. Dicendum itaque in paralytico & muliere adulteræ motum pœnitentiæ & contritionis dolorem prius excitatum, quam a peccatis absolverentur. Hinc S. Thomas etiam merito adfirmet, (*3. p. qu. 86, art. 3, in c.*) Christum præcellentem quia prædictus erat potestate, potuisse absque Sacramento peccata remittere; docet tamen ibidem impossibile esse peccatum actuale mortale sine pœnitentiæ virtute remitti.

Inst. 7. Caritas ipsa pœnitentiam virtute continet. Ergo sola, sine formali, ut loquuntur, pœnitentia ad salutem sufficit.

R. Transeat ant. & n. conseq. Ubi enim divina lex non distinguit, nullus exceptioni lo-

locus relinquitur; atqui ex Scripturarum sententiis sæpe laudatis, ipsaque ratione evidens est, Deum & naturam homini peccatori actuale & formalem penitentiam præscribere. Ergo a lege recedit longissime, & tenerario contra Deum ipsum cavillos nectit, qui contendit sufficere virtuale.

Deinde. Caritas, ut modo dicturi sumus, gradus quidem ad penitentiam est, sed penitentia ipsa dici non magis potest, quam huius, aut spes, quibus pariter veluti gradibus peccator ad illam præparatur. Cum itaque illa ad conversionem & reconciliationem penitentia requiratur, ad quam gradus est caritas, consequens est debere esse formalem.

Præterea. Lutherus in Concilio Trid. damnatus est, eo quod contenderet, explicitam vitæ veteris detestationem ad justificationem impij non requiri, satisque esse vitæ novæ propositum. Cum ergo actus caritatis quantumvis perfectus explicitam illam detestationem necessario non includat; se solo non potest esse sufficiens ad justificationem impij dispositio.

§. Q U I N T U S.

Duabus Questionibus satisfi.

§. Q. 1. Quando obliget penitentiae præceptum.

Respondeo certa imprimis ab iis, quæ in disputatione veniunt, sejungenda sunt. Certum est apud omnes *negativum*, ut vocant, penitentiae præceptum, quo prohibemur delectari in memoria præteriti peccati, aut de eo gloriari, obligare semper, & pro semper: siquidem huiusmodi delectatio, & iactantia per se mala est, & quidem in eodem peccati genere cum actione ipsa, qua quis delectatur, aut se iactat.

Certum itidem est, quod cum duplex distinguatur obligatio, *per se* nempe, ac *per accidens*; quoad hanc attinet, sæpius urgere potest penitentiae præceptum. Urget nempe primo, quoties vel administranda, vel recipienda sunt Sacramenta. Tunc enim quilibet lethali peccato irretitus tenetur saltem contritionis actum elicere, ut digne Sacramenta vel suscipiat, vel administret. Urget 2 tempore gravis tentationis, quam sine aliquo penitentiae, aut contritionis actu quispiam vincere moraliter nequeat. 3 Quando quis in morali vitæ periculo versatur, aut eidem semet exponit: ut e. g. in bello, in longa, & periculosa navigatione, tempore pestis, aut terræmotus &c. Addunt alii in casu publicæ necessitatis, & cum opus aliquod aggrediendum

est, a quo vel publica salus, vel magna populi utilitas pendeat. Denum generatim statui potest per *accidens* urgere præceptum penitentiae quoties hæc necessaria sit ad cuiuscunque alterius præcepti impletionem.

Quod vero obligationem per se penitentiae spectat, certum est eam urgere in articulo mortis sive vero, sive præsumpto; quoniam tunc unusquisque tenetur & ratione caritatis erga se ipsum, & ratione satisfactionis delictorum quoad Deum perfectam agere penitentiam, Deoque reconciliari, cum aliud tempus ad penitendum minime supersit.

Certum est etiam, saltem post damnationem plurium propositionum de obligatione præcepti caritatis latam a Sum. Pontificibus, hominem peccatorem non posse citra novum peculiare peccatum protrahere penitentiam ad quodcumque tempus, sive ad tempus valde diuturnum. Eadem quippe ratio, qua tenetur homo ad actum amoris erga Deum eliciendum, ipsum obligat ut penitentiam agat de peccatis suis, Deoque reconcilietur.

Tota igitur, quæ fervet inter Theologos dissensio, huc revocatur, an videlicet qui in grave peccatum lapsus est, statim quoties peccatum a se commissum menti occurrat, teneatur penitentiam aperire, sive de eodem dolere, ac conteri. Plures, præsertim recentiores, hanc obligationem abnuunt. Plures contra affirmant. Utriusque sententiae fundamenta producam, relicta cuilibet, quæ probabilior visa fuerit, eligendi libertate.

Et prioris quidem sententiae momenta hæc sunt. Primum ita proponit Emin. Cardinalis Gotti q. 4, de *Contr. dub. 6*, §. 1. *Præceptum contritionis est affirmativum: hæc autem est differentia inter præceptum affirmativum, & negativum, quod negativum obligat semper, & pro semper; affirmativum vero obligat quidem semper, non tamen pro semper. Verbi gratia præceptum affirmativum est, honorare parentes: negativum illos injuria non afficere. Istud obligat semper, & pro semper, numquam enim licitum est injuria afficere parentes. Illud vero obligat semper, non tamen pro semper. Non enim pro semper tenemur honorem parentibus exhibere; sed solum in occasionibus, in quibus talis honor exigitur. Ita in casu. Præceptum affirmativum est conteri, seu dolere de peccatis commissis: negativum est sibi non complacere in ipsis. Istud quidem semper obligat: quia nunquam licitum est in peccatis sibi complacere; sed illud non obligat pro semper: quia sicut non tenemur semper, & in quolibet instanti actum fieri, spei, & amoris in Deum elicere; ita nec actum contritionis, & doloris de peccatis, sed solum tunc,*

quon-

quando hujusmodi contritio exigitur a nobis. Sed nulla ratio est, quæ convincat contritionem exigi a nobis statim post admissum peccatum. *Idcirco* &c. &c.

Probat etiam hæc minor a pari. Confessio non obligat statim post peccatum, ut docet S. Thomas Suppl. 3. p. qu. 6, art. 5. Esto enim præceptum confessionis sit de jure divino; determinatio tamen temporis, quo tale præceptum obliget, pertinet ad Ecclesiam: quæ secundum præsentem disciplinam existimat hujus præcepto satisfieri per annum saltem confessionem: & non statim, ac quis peccavit, ad confessionem peccati teneri: ergo neque contritio statim obligat post peccatum. Consequentur probatur. Non enim est alia ratio cur confessio non obliget statim post peccatum; nisi quia præceptum Confessionis est affirmativum, ideoque non obligat pro semper: cumque, ut dicebamus, præceptum quoque contritionis sit affirmativum: ideo &c. Hæc ille.

Duo alia argumenta proferunt hujus sententiae Defensores: nempe: si præceptum poenitentiae vel contritionis obligaret statim ac post peccatum impleri moraliter potest, peccaret homo, quoties illud negligeret. Hoc autem communi videtur adversari fidelium sensui, ac praxi confitendi peccata. Quoniam nec poenitentes se novi istius criminis accusare solent, nec Confessarii id investigare aut scire curant.

Uterius: Si peccator poenitentiae præcepto adstringeretur statim ac in peccatum lapsus est, in quolibet instanti ejusmodi præceptum urgeret. Porro inde consequeretur eum, qui post primum peccatum in aliud recideret, puta luxuriae, duplex crimen incurrere, aliud contra castitatem, aliud contra præceptum poenitentiae: quod absolum videtur.

Afferunt quoque in hujusce sententiae patrocinium auctoritatem S. Thomæ depropterea ex cit. loco Suppl. ubi ait: non est de necessitate salutis corporalis, ut statim Medicus queratur, nisi quando curationis necessitas incumbit: & similiter est de morbo spirituali.

Graviora videntur, quæ producant alterius sententiae patroni. Et si quidem plures textus congerunt ex sacris litteris, qui peccatores ad celerem poenitentiam non invitant duntaxat, sed urgent. Ex veteri Testam. locus ille præcipuus est, qui legitur Eccles. V: *ne tardes converti ad Dominum: & ne differas de die in diem: subito enim venit ira illius, & in tempore vindictæ disperdet te.* Ex Novo autem: *vigilate, quia nescitis, qua hora Dominus venturus sit.* Matth. 24, v. 41. *Vigilate: nescitis enim quando Dominus veniat: sero,*

De Re Sacram. Tom. III.

an media nocte, an galli cantu, an mane: ne cum venerit repente, inveniat vos dormientes. Marci c. 13, v. 35: aliaque id genus.

2. Sancti Patres videntur hoc sensu intellexisse Scripturarum verba. Tertullianus lib. de poenit. C. 7: *absit ut aliquis ita interpretetur, quasi eo sibi pateat ad delinquendum aditus, & redundantia clementiae celestis libidinem faciat humane temeritati.* Aug. in ps. 124. *Deus poenitentiae tuae indulgentiam promissit: diem crastinum non promissit.* Et de Temp. Sermon. 201: *o homo, quid differas de die in diem, forte habiturus bodie ultimum diem?* Paria tradunt Chrysost. Ep. ad Theod., D. Ambrosius l. de Poenit. c. 9, D. Basilus in Catena Aurea, aliaque.

3. Communis sacrorum Ecclesiae Præsulum, divini verbi dispensatorum, ac piorum fidelium huic sententiae favet: nihil enim altius Ecclesiae Episcopi, sacrique concionatores, nihil ferventius Christiani populi auribus intonant, & inculcant, quam celeritatem poenitentiae necessitatem, & imminente dilationis pericula. Neque enim jure aliquo dici potest, declarationes, figurasque rhetorum istas esse, aut: pias tantum exhortationes, aut mera consilia.

4. Id probant auctoritate SS. Thomæ, ac Bonaventurae. Prior namque hæc habet quæst. 3. Suppl. a. 3: *cum propositum confitendi sit annexum contritioni, tunc tenetur aliquis ad hoc propositum, quando ad contritionem tenetur, scilicet, quando peccata MEMORABILE OCCURRUNT.* Alter vero in qu. dist. 16, q. 2: *pro leco & tempore (peccator conteri debet) videlicet cum recogitat mala sua in quibus offendit Deum.*

5. Principium ac doctrina S. Thomæ est, 2, 2, qu. 62, a. 2, teneri quemlibet peccatum deserere. Sic enim ait, loquens de restitutione statim facienda: *Manifestum est, quod nec per modicum tempus licet in peccato morari: Sed quilibet teneretur peccatum statim deserere, secundum illud Eccles. 21: quasi a facie colubri supe peccatum.* Et ideo quilibet teneretur statim restituere. Equidem qui contra sentiunt, contendunt loqui S. Præceptorem de peccato actuali, sive de affectu, aut continuatione peccati: secus de habituali. Verum hæc explicatio minus congruere videtur verbis ac menti S. Thomæ, ut consideranti patet.

6. Ut fatentur omnes, non licet in affectu peccati perni anere. Porro qui deliberato animo peccati poenitentiam negligit, cum opportunitatem habet eam peragendi occasione, in affectu peccati reapse persistit. Quod si eveniunt: qui commissi peccati memoriam, simulque illud expellendi opportunitatem habet, si

D

rea-

reape illud non expellit, illud animo deliberato in se retinet, quod idem est, ac illud amare, sibi in eo complacere: quoniam sicut per odium expellitur, sic per amorem retinetur.

7. Præcepto caritatis tenentur omnes fratrem corrigere, & in viam salutis revocare. Hoc autem præceptum validius urgere videtur, ut nosmetipsos errantes corrigamus, deviosque in sentiam revocemus, ut æternæ nostræ salutis consulamus, & a sempiterno exitio caveamus. Siquidem caritatis præceptum nosmetipsos amare amplius obstringit, quam proximam.

8. Quilibet vitare tenetur grave delinquendi periculum. Atqui peccator, qui commissum crimen penitentia non delet, in gravi periculo delinquendi versatur, quoniam, ut animadvertit S. Gregorius M. peccatum, quod per penitentiam non deletur, suo pondere ad aliud trahit: nec præsumi merito potest, Deum concessurum gratiam, quæ necessaria est ad diu sine peccato perseverandum, illi peccatori, qui deliberato animo in peccato persistit. Hæc & alia sunt argumenta, quæ fuse ab Authoribus, qui hanc sententiam defendunt, pertrahuntur.

Q. 2. An etiam ad venialium peccatorum remissionem necessaria penitentia sit.

Affirmative Respondeo cum S. Thoma hic qu. 87, a. 1, quem cæteri Theologi communiter sequuntur. Id extra omnem dubietatem censuit S. Aug. dum Ep. 63, alias 48, scripsit: *nec quemquam putes ab errore ad veritatem, vel a quocunque seu magno, seu parvo defectu ad correctionem sine penitentia posse transire*. Et ratio est: quoniam veniale quodcumque peccatum importat inordinationem aliquam amoris erga creaturam. Ergo quandiu voluntas inordinate creaturæ adhæret, tandiu peccatum remanere necessum est. Porro inordinatus ille amor non removetur, nisi displiceat. Igitur ad remissionem venialis peccati penitentia requiritur.

At pulcre admodum, solideque Doctor Angelicus laudato loco, ubi hanc doctrinam constituit, simul animadvertit discrimen penitentiarum, quæ ad lethale, tum quæ ad veniale delendum peccatum exigitur. Ejus verba sunt. *Remissio culpæ, inquit, fit per conjunctionem hominis ad Deum, a quo aliquoties separatur culpa. Sed hæc separatio perficere quidem fit per peccatum mortale: imperficere autem per peccatum veniale. Nam per peccatum mortale mens omnino a Deo avertitur, ut pote contra caritatem agens: per peccatum autem veniale retardatur affectus hominis, ne prompte in Deum seratur. Et ideo utrumque peccatum per*

penitentiam quidem remittitur: quia per utrumque deordinatur voluntas hominis per immodicam conversionem ad bonum creaturæ. Sicut enim peccatum mortale remitti non potest, quandiu voluntas peccato adhæret: ita etiam nec peccatum veniale: quia manente causa, manet effectus.

Exponitur autem, pergit ille, ad remissionem peccati mortalis perfectior penitentia, ut scilicet homo actualiter peccatum mortale commissum detestetur, quantum in ipso est, ut scilicet diligentiam adhibeat ad rememorandum singula peccata mortalia, ut singula detestetur. Sed hoc non requiritur ad remissionem venialium peccatorum. Non tamen sufficit habitualis displicentia, quæ habetur per habitum caritatis, vel penitentiae virtutis; quia sinceritas non computretur peccatum veniale: quod potest esse falsum. Unde sequitur, quod requiratur quedam virtualis displicentia: puta cum aliquis hoc modo fertur secundum affectum in Deum, & res divinas, ut quidquid sibi occurreret, quod cum ab hoc motu retardaret, displiceret ei, & doleret se commississe, etiam si actu de illo non cogitaret: quod tamen non sufficit ad remissionem peccati mortalis, nisi quantum ad peccata oblita post diligentem inquisitionem.

Aliud discrimen inter deletionem peccati mortalis ac venialis eruitur ex doctrina, quam Sanctus idem Præceptor tradidit artic. 2 ejusdem questionis: quod nempe peccatum mortale cum adversetur habituali gratiæ, & caritati, nonnisi per infusionem ejusdem gratiæ & caritatis deletur. At vero cum iisdem non opponitur veniale peccatum, absque nova gratiæ caritatisque infusione deleri valet: Quia tamen, subdit apposite, in habentibus usum liberi arbitrii, in quibus solis possunt esse venialia peccata, non contingit esse infusionem gratiæ sine actuali motu liberi arbitrii in Deum, & in peccatum: ideo, quodcumque de novo gratia infunditur, peccata venialia remittuntur.

Adversus propositionem objicies 1: Nulla penitentia, ne virtualis quidem, consistere potest absque proposito vitandi peccata: At nullum potest esse propositum vitandi peccata venialia: cum in præsentī vita omnia vitari nequeant citra specialissimum Dei privilegium: quod soli beatissimæ Virgini concessum creditur. Igitur &c.

Respondeo, ad penitentiam peccatis venialibus delendis idoneam satis esse propositum abstinendi a singulis, quod possibile plane est, licet non ab omnibus: quia hoc infernitas hujus vite non patitur, ut ait S. Thomas loco laudato ad 1. Sed quamquam hujusmodi, ut-

pote

pote de re impossibili, propositum non requiratur; *necessarium tamen est saltem propositum se preparandi ad peccata venialia minuenda*, ut idem sapientissime advertit: *alioquin esset ei periculum deficiendi, cum desereret appetitum proficiendi, seu tollendi impedimenta spiritualis profectus, quæ sunt peccata venialia.*

Objicies 2. Si absque poenitentia venialia peccata remitti non possent; profecto nullus post hanc vitam remissioni eorumdem pateret locus: cum in altera vita nullus locus poenitentiae sit. Eadem tamen in altera vita remitti liquet: quotiescumque scilicet quis in gratia deccidit, & culpis venialibus irretitus.

Hanc quoque objectionem solvit Doctor Angelicus qu. 7 de malo a. 11, inquit: *venialia peccata remittuntur post hanc vitam etiam quoad culpam eo modo, quo remittuntur in hac vita; scilicet per actum caritatis in Deum repugnantem venialibus in hac vita commissis: atque adeo per poenitentiam saltem virtutalem. Quamquam nihil sit, quod vetet asserere futuram post hanc vitam poenitentiam aliquam formalem; non eam quidem, quam mutari valeat status de malo in bonum; sed quæ in displicentia præteritarum culparum consistat: & hanc displicentiam, non per modum meriti, sed per modum contraria dispositionis peccatorum venialium maculas, si quæ adhuc supersint, abstergere.*

CAPUT QUARTUM.

Quibus gradibus ad poenitentiam virtutem pervenitur?

Habitum poenitentiae a Deo immediate infundi, sine nobis principaliter operantibus, non tamen sine nobis dispositive cooperantibus, constat ex dictis capite secundo. Hinc nascitur questio, quoniam illi actus sint, quibus veluti gradibus, operante Deo, & cooperante homine, ad divinam virtutem poenitentiae pertingatur: quibusque ceu basibus ac fundamentis totum conversionis aedificium superstruatur? quam ut resolvamus, sit

§. PRIMUS.

Ostenditur, sex veluti gradibus ad poenitentiam virtutem ascendi.

Id porro sunt: 1. Dei convertentis nos operatio: 2. motus fidei: 3. motus timoris servilis: 4. motus spei: 5. motus caritatis: 6. motus timoris filialis.

Ita S. Thomas, cujus doctrinam eo tutius

boni omnes Theologi sequuntur, quod a Patribus Trid. Concilii, in decreto de justificatione solemniter fuerit approbata, & in eisdem Concilii Catechismo iisdem pene verbis expressa, *parte 2, tit. de poenitentia, n. 11.*

Sic vero loquitur S. Doctor: (3. p. q. 85, art. 5, in c.) *dicendum, quod de poenitentia loqui possumus dupliciter, uno modo quantum ad habitum, & sic immediate a Deo infunditur, sine nobis principaliter operantibus, non tamen sine nobis dispositive cooperantibus, per aliquos actus; alio modo possumus loqui de poenitentia, quantum ad actus, quibus Deo operanti in poenitentia cooperamur, quorum actuum primum principium est, Dei operatio convertentis nos. . . . secundus actus est, motus fidei: tertius est, motus timoris servilis, quo quis timore suppliciorum a peccato retrahitur: quartus actus est, motus spei, quo quis sub spe veniæ consequendæ, assumit propositum emendandi se: quintus actus est, motus caritatis, quo alicui peccatum displicet secundum se ipsum, & non jam propter supplicia: sextus actus est, motus timoris filialis, quo propter reverentiam Dei, aliquis emendationem Deo voluntarie offert.*

Patres autem Trid. sic pronuntiant: (Sess. 6, cap. 6) *disponuntur autem (peccatores) ad ipsam justitiam, dum excitati divina gratia & adjuti, fidem ex auditu concipientes, libere moventur in Deum, credentes vera esse, quæ divinitus revelata & promissa sunt: atque illud in primis, a Deo justificari impium per gratiam ejus, per redemptionem quæ est in Christo Jesu: & dum peccatores se esse intelligentes, a Divinae justitiæ timore, quo utiliter concutiuntur, ad considerandam Dei misericordiam se convertendo, in spem eriguntur, fidentes Deum sibi propter Christum propitium fore, illumque tamquam omnis justitiæ fontem diligere incipiunt, ac propterea moventur adversus peccata per odium aliquod ac detestationem; hoc est per eam poenitentiam, quam ante baptismum agi oportet: denique dum proponunt suscipere baptismum, (aut poenitentiae Sacramentum) inchoare novam vitam, & servare divina mandata.*

Explicatur Assertio per partes.

I.

Dei convertentis operatio.

Jam ut de singulis breviter dicamus.

1. Requirit ad poenitentiam Dei convertentis prævia operationem, dogma est Catholicum contra Pelagianos ac Semi-Pelagianos indubitatum:

D

tum: contendebant illi poenitentibus veniam non dari, secundum gratiam & misericordiam Dei, sed secundum meritum & laborem eorum qui per poenitentiam misericordiam digni forent: isti vero, fidei saltem & conversionis initium a sola praeſumebant hominis voluntate petendum, ut scilicet libertati hominis blandirentur: contra utroque Catholicæ Ecclesiæ sententia est, veri nominis poenitentiam a Dei convertentis nos operatione ita pendere, ut ne initium quidem conversionis, peccatori, quem Christi gratia non praevenit, attribui possit: cum enim dixerit Christus: (Joan. 6, 44) *nemo potest venire ad me, nisi pater qui misit me, traxerit eum* *omnis qui audivit a patre & didicit, venit ad me* . . . & (ib. 15, 5) *sine me nihil poteris facere*: manifestum est, neminem posse veræ poenitentiae motum sine gratia divina concipere: qui enim dixit; *nihil poteris facere*, prorsus nec minimum voluntatis conatum excepit, qui sine praevenientis gratiæ adjutorio exeri aut formari possit: hinc Regius Propheta: ego dixi, inquit (Ps. 40, v. 5), *Domine miserere mei, sana animam meam, quia peccavi tibi* . . . & Jeremias: (Lament. 5, 21) *converte nos Domine ad te, & convertemur*; & denique Apostolus, (ut interum innumera prætermittam quæ in tractatu de gratia contra pestiferam Pelagii hæresim ex utroque testamento prominent) *omnes peccaverunt*, ait, (Rom. 3, 23) *& egent gloria Dei, justificati gratis per gratiam ipsius, per redemptionem quæ est in Christo Jesu*.

Eadem patrum antiquorum, nemine contradicente, doctrina fuit: sic præter ceteros, patres Concilii Arausiacani II, can. 14: *nihil miseri, inquit, de quacunque miseria liberatur, nisi qui Dei misericordia praevenitur*, sicut dixit psalmista: (Ps. 78, v. 8) *circa anticipant nos misericordiae tue Domine*; & (Ps. 58, v. 11) *Deus meus, misericordia ejus praeveniet me* . . . & can. 15: *ab eo*, inquit, *quod formavit Deus, mutatus est Adam, sed in prius per iniquitatem suam, ab eo quod operatus est iniquitas mutatur fidelis, sed in melius, per gratiam Dei: illa ergo mutatio fuit prævaricatoris primi; hæc secundum psalmistam (Ps. 76, 11) est mutatio dexteræ excelsi*.

Ad mentem patrum Arausicanorum, aliorumque doctorum, Trid. synodus (sess. 6, cap. 5) docet, ipsius justificationis exordium in adultis a Dei per Christum Jesum praeveniente gratia sumendum esse, hoc est ab ejus vocatione, qua nullis eorum existentibus meritis vocantur: ita ut qui per peccatum a Deo aversi erant, per ejus excitantem atque adiutorem gratiam, ad convertendum se ad suam

ipsorum justificationem, eidem gratia libere assentiendo & cooperando disponantur: ita ut tangente Deo cor hominis per Spiritum Sancti illuminationem, neque homo ipse nihil omnino agat, inspirationem illam recipiens, quippe qui illam & abjicere potest; neque tamen sine gratia Dei movere se ad justitiam coram illo libera sua voluntate possit . . . & ejusdem sessionis can. 3: *Si quis dixerit, sine praeveniente Spiritus Sancti inspiratione, atque ejus adjutorio hominem credere, sperare, diligere, aut penitere posse sicut oportet, ut ei justificationis gratia conferatur: anathema sit*.

II.

Motus fidei.

2. Sequitur motus fidei, quem esse necessarium ad virtutem poenitentiae gradum, scriptura sæpe declarat: qui incredulus est, ait Habacuc, (Habac. 2, 4) *non erit recta anima ejus in semetipso: justus autem in fide sua vivet*.

Et Christus in Evangelio: (Mat. 16, 15) *Euntes in mundum universum, prædicate Evangelium omni creaturæ: qui crediderit, & baptizatus fuerit, salvus erit; qui vero nos crediderit, condemnabitur*.

Et Apostolus: (Hebr. 11, 6) *sine fide impossibile est placere Deo: credere enim oportet accedentem ad Deum, quia est, & inquirentibus se remunerator sit*.

Inde sic argumentor:

Motus ille necessarius est ad poenitentiam gradus, quo velut fundamento justitia nititur per quam Deo homo placet; atqui fide velut fundamento ita nititur justitia qua Deo placetur, ut sine fide impossibile sit placere Deo: ergo &c.

Deinde. Cum poenitentiae virtus sit cordis ad Deum conversio, accessum ad illum necessarium importat: quid enim est converti ad Deum, nisi ad illum accedere, & reverti, a quo peccando recesseramus? Atqui ex Apostolo per fidem ad Deum acceditur, fidesque ipsa principium motus est, quo in illum tenditur: accedentem ad Deum, inquit, oportet credere quia est: ergo &c.

Patrum & conciliorum sententiis doctrina hæc confirmatur.

Fides, ait S. Ambrosius, (Enarrat. in Ps. 40) *virtutum omnium stabile fundamentum est*.

S. Aug. serm. 38 de scripturis veteris Testamenti. c. 3: *credamus ergo fratres, Deo, inquit: hoc est primum præceptum: hoc est initium religionis & vitæ nostræ, fixum habere cor in fide*.

Et serm. 143 de verbis Evangelii Joannis: *medicina omnium animæ vulnærum, & una propriatio pro delictis hominum est, credere in Christum: nec omnino quisquam mundari potest sive ab originali peccato quod ex Adam traxit . . . sive a peccatis aualibus nisi per fidem . . . quapropter carissimi merito idem Dominus & Salvator noster, hoc unum peccatum dicit, de quo arguit mundum Spiritus S. quia non credit in eum.*

Et libro de perfectione justitiæ c. 19: *initium corrigendi cor, fides est.*

Et Ep. 194, c. 3, n. 9: *a fide omnis justitia sumit initium.*

S. Fulgentius in prol. lib. de fide ad Petrum: *(inter opera S. Augustini, in Append. tom. 6, nov. edit.) fides, ait, est bonorum omnium fundamentum, humane salutis initium: sine hac nemo ad filiorum Dei numerum potest pervenire, quia sine ipsa nec in hoc seculo quisquam justificationis gratiam, nec in futuro vitam consequitur æternam.*

Denique ne plura asseramus, Concilium Trid. antiquam doctrinam novis decretis roboravit: postquam enim de adultis ad justificationem disponendis sic pronuntiavit: *(sess. 6, cap. 6) disponuntur ad ipsam justitiam, dum excitati divina gratia & adjuti, fidem ex auditu concipientes libere moventur in Deum, credentes vera esse que divinitus revelata & promissa sunt &c. . . sine fide, inquit, (ibid. cap. 7) nulli unquam contingit justificatio . . . & paulo post: (ib. cap. 8) cum vero Apostolus dicit, justificari hominem per fidem, ea verba in eo sensu intelligenda sunt, quem perpetuus Ecclesiæ Catholicæ consensus tenuit & expressit: ut scilicet per fidem ideo justificari dicamur, quia fides est salutis humane initium, fundamentum & radix omnis justificationis, sine qua impossibile est placere Deo, & ad filiorum ejus consortium pervenire.*

Inde sic in forma eruitur argumentum:

Illi asserunt motum fidei esse necessarium ad penitentiam gradum, qui docent fidemesse virtutum omnium stabile fundamentum, initium religionis & vitæ christianæ, cordis corrigendi principium, radicem totius justificationis, sine qua impossibile est placere Deo, & ad filiorum ejus consortium pervenire; atqui his & similibus encomiis fidei necessitatem & excellentiam sancti doctores describunt: ergo &c.

Accedit denique ratio, ab ipsa penitentiae definitione petita: est enim sincera hominis ad Deum conversio, quia peccata commissa detestatur, & odio habet propter Deum, eum gravi animi dolore, & cum firmo proposito deinceps non peccandi, sed malam vitæ con-

suetudinem, corruptosque mores emendandi, & spe veniæ a Dei misericordia consequendæ; atqui peccator nec sincere converteri possit ad Deum, nec propter illum peccata detestari, nec spem veniæ ab ejus misericordia impetrandæ concipere, nisi fidem illius haberet: ergo fides gradus est ad penitentiam necessario præmittendus.

I I I.

Motus timoris servilis.

Sequitur motus timoris servilis, quo utiliter peccator concutitur, ut nondum quidem amore justitiæ, sed metu tamen gehennæ recedere a malo incipiat: de quo S. Aug. rarissime, inquit, *(lib. de Catechiz. rudib. c. 5) accidit, immo nunquam, ut quisquam veniæ volens fieri christianus, qui non sit aliquo Dei timore percussus: merito itaque annuatur his gradibus, quibus ad penitentiae virtutem homo conscendit.*

Hucque spectant plurima testimonia scripturarum.

Quale est istud: *(Ps. 110, v. 10) Sanctum & terribile nomen ejus: initium Sapientiæ timor Domini.*

Et alterum: *(Prov. 15, 27) per timorem Domini declinat omnis a malo: quod sæpe repetit Sapiens.*

Et in Ecclesiastico: *(1, 27) minor Domini expellit peccatum: nam qui sine timore est, non poterit justificari.*

Itemque *(Isai. 26, 17) Sicut quæ concipit, cum appropinquaverit ad partum, dolens clamat in doloribus suis: sic facti sumus a facie tua Domine; a timore tuo concepimus, & quasi parturivimus, & peperimus spiritum: (spiritualem scilicet fructum conversionis & penitentiae) quidem in latina vulgata editione vox, a timore tuo, non habetur; sed Septuaginta sic legunt.*

Nec in veteri solum, quod fuit terroris, testamento, timor gehennæ habuit locum; sed & in novo, ad penitentiam quoque disponit: hoc namque incentivo Jo. Baptista Phariseos ad se concurrentes ad peccata deslenda, & parandam Messiae viam incitare solitus erat: *progenies viperarum, inquebat, (Matth. 3, 7, & seqq.) quis demonstrabit vobis fagere a ventura ira? facite ergo fructus dignos penitentiae . . . jam enim securis ad radicem arborum posita est: omnis ergo arbor quæ non facit fructum bonum, excidetur, & in ignem mittetur, &c.*

Quia

Quia & Christus ipse: (Matth. 10, 28) *nonne, inquit, timere eos qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere; sed potius timere eum, qui potest animam & corpus perdere in gehennam...* (Luc. 12, 4) *ne timeantini ab his qui occidunt corpus, & sic hec non habent amplius quid faciant: ostendunt autem vobis quem timeatis: timeite eum qui postquam occiderit, habet potestatem mittere in gehennam: ita dico vobis, hunc timeite.*

Certum itaque est ex scriptura, metu gehennæ & severitatis divini iudicii, deterreri homines a peccato, & ad iustitiam excitari, atque adeo timorem progressum quemdam ad penitentiam esse.

Eadem sanctorum doctrina fuit: omnium instar sit S. Aug. enar. in ps. 3 sic loquens: *timor est magnum præsidium procedentibus ad salutem; cum autem quisque pervenerit, consummata dilectio foras mittit timorem.*

Et enar. in psalm. 149: *nisi timere, inquit, incipiat homo Deum colere, non perveniet ad amorem.*

Et tract. 9 in Ep. 1 Joannis: *timor locum preparat caritati: timor ideo intrat, ut caritatem introducat: & si nullus est timor, non est qua intrat caritas.*

Hincque perspicuum est, quantum sit sacris litteris & SS. Patribus consentanea definitio Concilii Trid. loco laudato, ubi dicitur, *peccatores a divinis iustitiæ timore, quo utiliter concutiuntur, ad considerandam Dei misericordiam se convertendo in spem erigi, fidentes Deum sibi propter Christum futurum propitium: & ejusdem sessionis Can. 8 his verbis concepto: Si quis dixerit, gehennæ metum, per quem ad misericordiam Dei, de peccatis dolendo confugimus, vel a peccando abstinemus, peccatum esse, aut peccatores peiores facere: anathema sit: & sessionis 14, c. 4, ubi de Nivitis sic dicitur: hoc enim timore utiliter concussit Nivite, ad Jonæ predicationem, plenam terroribus penitentiam egerunt, & misericordiam a Domino impetrarunt.*

De hoc penitentiae gradu redibit sermo quæstione 4, quæ de contritione futura est, ubi timoris servilis utilitatem, & bonitatem, contra Lutheranos data opera ostensurimus, & fuse dicturi qua ratione a scriptura & patribus commendetur: item, quatenus distinguatur hæc duo debeant, timor servilis, & timor servilitas.

I V.

Motus Spei.

Nec sine spe timor gehennæ procedit, quæ nimirum confidit peccator, veniam sibi a Deo misericorditer concedendam; quamque nisi haberet, nec habere posset conversionis propositum: de hac Regius Psalter: (Ps. 7, 1, & seqq.) *Domine Deus meus, inquit, in te speravi, salvum me fac ex omnibus persequentibus me & libera me: ne quando rapiatur Leo animam meam, dum non est qui redimat, neque qui salvum faciat...* (Ps. 16, 6, & seqq.) *inclina aurem tuam mihi, & exaudi verba mea: mirifica misericordias tuas, qui salvos facis sperantes in te...* (Ps. 31, 10) *multa flagella peccatoris: sperantem autem in Domino misericordia circumdabit...* (Ps. 36, 3, & seqq.) *spera in Domino, & fac bonitatem...* & dabit tibi petitionis cordis tui, *revela Domino viam tuam, & spera in eo, & ipse faciet: quorum similia ex omnibus utriusque testamenti paginis facile adducerentur, si præsentis instituti foret, de hac tam eximia tamque necessaria virtute disserere: tantum hoc scire sufficiat, in præcipuis penitentiae fundamentis habere locum, quo posito reconciliari Deo & salutem consequi, si non desint cætera, facile possumus, dicente Apostolo: (Rom. 8, 24) Spe salvi facti sumus.*

V.

Motus Caritatis.

Quintus gradus est Caritatis, per quam peccata displicent penitenti, non propter meritum suppliciorum, sed quia summæ Dei sanctitati & bonitati contraria sunt, eidemque atrocem injuriam irrogant: peccatum, inquit S. Thomas, (3 part. 1. qu. 85, art. 3, ad 1) prius incipit homini displicere propter supplicia quæ respiciunt timor servilis, quam propter Dei offensam vel peccati turpitudinem, quod pertinet ad caritatem.

De necessitate motus amoris sive caritatis dicitur uberius suo loco, quæstione scilicet 4 de contritione.

V I.

Motus timoris filialis.

Sextus denique est, motus timoris filialis, quo nimirum peccator Deum incipit revereri, tanquam patrem optimum, eaque de causa penitere

nire in seipso constituit omne malum, quosapremam ejus majestatem offeudit, quo timore percussus famosus ille prodigus, cujus est in Evangelio mentio: *surgam, inquit, (Luc. 15, 18) & ibo ad patrem meum, & dicam ei: pater peccavi in celum & coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus: fac me sicut autem de mercenariis tuis.*

De hoc recurrit utique sermo, qu. 4.

Igitur a primo ad ultimum certum est, sex illis quasi gradibus ad virtutem poenitentiae perveniri.

§. SECUNDUS.

Proponuntur & resolvuntur quædam questiones.

Q. 1. Utrum hi omnes & singuli motus sint ita necessarii, ut debeant formaliter & explicitè poenitentiae virtuti præmitti?

R. Negative: nam

1. Si res ita se haberet, non posset homo subito, unoque instanti converti, sed aliqua temporis continuatione necessario indigeret, ut motus illos sigillatim exereret; atqui falsum consequens: potest enim peccator instanti uno ad perfectam poenitentiam pervenire, quæ sit cum gratiæ sanctificantis infusione conjuncta: idque divinæ omnipotentis notio ita suadet, ut etiam persuadeat; & S. Thomas exemplo Apostoli Pauli confirmat, (1, 2, q. 112, art. 2, ad 2) qui statim atque audivit hanc vocem; (act. 9, 4 & seqq.) *Saule, Saule, quid me persequeris?* . . . *ego sum Jesus quem tu persequeris:* ad poenitentiam est adductus: *& tremens ac stupens dixit: Domine, quid me vis facere?* Igitur doctrina Angelici Præceptoris, ipsiusque Trid. Concilii de sex illis motibus, ita est intelligenda, ut solo excepto prævenientis gratiæ motu, qui semper est formaliter necessarius, reliqui possint in unico formali actu virtualiter comprehendi.

2. Quamquam, ut superius ex S. Augustino observavimus, nunquam forte contingat, ut aliquis agendæ poenitentiae consilium ineat, qui non sit aliquo Dei timore deterritus, absolute tamen fieri potest, ut solo caritatis & timoris filialis motu peccator ad poenitentiam adducatur, & suas injustitias defleat, præcisè quatenus Dei majestatem ac sanctitatem offendunt: ergo motus timoris servilis non est omnimode necessarius ad conversionem: ideo itaque S. Thomas, & cum eo Concilium Trid. hos omnes actus in œconomia poenitentiae exponenda enumerantur, quia hoc ordine vulgo concurrunt, præsertim quando tempore, gratiæ habitualis infusionem præcedunt.

Q. 2. Utrum motus illi aliquam habeant, ad justiciam obtinendam, veri meriti rationem?

R. Negative: nam gratia ipsa justificans est principium meriti, cum itaque hi motus gratiam justificationis præcedant, nullam veri & propriè dicti meriti rationem habere possunt: adeoque accurate loquendo, causæ justificationis dici non debent, sed materiales tantum dispositiones, quæ nobis consentientibus, & per Dei gratiam operantibus, in animam introducuntur, eamque præparant ad justiciam Dei misericordia obtinendam.

Objectiones.

Dices: ex doctrina Apostoli, homo per fidem justificatur: *arbitramur, inquit, (Rom. 3, 28) justificari hominem per fidem:* ergo habet motus fidei justificationem præcedens, aliquam meriti rationem.

R. Dist. consequ. motus fidei justificationem præcedens, habet aliquam rationem meriti, donati a Deo, conc. quod sit ab ipso homine comparatum, n. gratia enim quæ datur per fidem, nullis nostris præcedentibus meritis datur, quia fides ipsa etsi, meritum quoddam est respectu gratiæ sequentis, ut docet multis locis S. Aug. non tamen est meritum nostrum, id est, ex nobis comparatum, sed donatum a Deo: hinc ibidem Apostolus justitiam, in solam Dei gratiam refuadit: *justificati gratia, inquit, (ib. v. 24) per gratiam ipsius, per redemptionem quæ est in Christo Jesu:* quæ S. Pauli in speciem pugnancia testimonia Synodus Trid. conciliando: *cum vero, inquit, (sess. 6, cap. 8) Apostolus dicat, justificari hominem per fidem & gratis, ex verba in eo sensu intelligenda sunt, quem perpetuus Ecclesiæ Catholice consensus tenuit & expressit: ut scilicet per fidem ideo justificari dicamur, quia fides est humane salutis initium, fundamentum, & radix omnis justificationis, sine qua impossibile est placere Deo, & ad filiorum ejus consortium pervenire: gratia autem justificari ideo dicimur, quia n' il corum quæ justificationem præcedunt, sive fides, sive opera, ipsam justificationis gratiam promeretur: si enim gratia, jam non ex operibus: alioquin, ut idem Apostolus inquit, gratia jam non est gratia.*

§. TERTIUS.

Resolvuntur duæ questiones subjeclum poenitentiae spectantes.

Q. 1. Quodnam est proximum Poenitentiae subjeclum?

R. S. Thomas 3 p. q. 85, art. 4, hanc instituit questionem: ac 1. considerat poenitentiam,

tiam, prout passio quædam est: & sub hac consideratione, cum sit, inquit, species tristitie, est in concupiscibili, sicut in subiecto. Si vero spectetur prout est virtus, sive prout importat propositum emendandi illud quod contra Deum commissum est, Subiectum ipsius est appetitus rationalis, sive voluntas. Sic enim, subdit, est species iustitie, quæ in voluntate residet, tanquam in subiecto.

Id etiam colligitur ex testimoniis scripturarum, quæ sæpius exigunt, ut peccatores, vel ex corde, vel ex toto corde convertantur. Cordis enim nomine non nisi voluntas intelligitur. Colligitur etiam ex Concilio Trid. sess. 6, c. 6, ubi penitentia ordinem & actus describens ait: disponuntur (homines) ad iustitiam. . . dum peccatores se esse intelligentes. . . moventur adversus peccata per odium aliquod, & detestationem. Porro odium, ac detestatio peccati ad voluntatem pertinet.

Q. 2. Quodnam est subiectum remotum penitentia?

R. Quemadmodum voluntas, a qua eliciuntur penitentia actus, subiectum proximam dicitur, ita persona penitentia actus eliciens, vel habitu penitentia prædita, vocatur subiectum remotum; adeoque idem est quærendum quodnam sit remotum penitentia subiectum, ac in qua persona vel sit, vel esse possit penitentia sive quoad habitum sive quoad utrumque. Antequam porro quidpiam diceremus, notandum prius est penitentiam speculari posse vel prout duntaxat habitus quidam est virtutis specialis, vel etiam secundum actus non convenientes. Existunt enim e. g. in Beatis quædam virtutes puta temperantia, castitatis &c. quorum tamen actus nec exercent, nec exercere jam valent. Rursus tum actus, tum habitus penitentia considerari possunt vel secundum propriam nominis significationem: quo sensu idem sunt ac odium, & dolor de proprio peccato: vel secundum efficaciam rei: quo sensu nihil aliud penitentia exprimit, quam actum, vel habitum tendentem ad destructionem offense Dei, sive hæc ex proprio, sive ex alieno facto procedat. Hoc posito questio solummodo fieri potest, vel de Christo Domino, vel de hominibus æterna felicitate donatis, vel de damnatis, vel demum, & de peccatoribus. Conspertum quippe est penitentiam tum quoad actum, tum quoad habitum hominibus iustis in hac vita degentibus convenire. Pro qua

Resp. 1. In Christo Domino non fuit penitentia secundum propriam nominis significationem: fuit tamen quoad efficaciam rei.

Prima pars traditur a D. Thoma 3 p. q. 84, a. 7, ad 4: ac probatur: quoniam penitentia

juxta propriam nominis significationem est dolor actualis, vel habitualis de proprio peccato: atqui huiusmodi dolor non potuit inesse Christo, qui peccatum non fecit, ut inquit S. Petrus Ep. 1, c. 2, immo vi hypostatice unionis ab intrinseco impeccabilis erat. Igitur &c.

Altera vero pars constat: quia in eo fuit penitentia secundum efficaciam rei, quia de alieno peccato sincere doluit, illudque efficaciter abolevit. Atqui Christus Dominus utrumque præstitit, igitur &c. Atque hoc sensu Christo etiam in celis penitentia convenit: quoniam perseverat in ipso voluntas de abolendis peccatis nostris virtute meritorum suorum.

Resp. 2. Penitentia quoad habitum remanet in Beatis.

Prob. siquidem in Beatis ex omnes virtutes remanent quæ nullam involvunt cum statu beatitudinis repugnantiam. Atqui habitus penitentia nullam involvit cum statu beatitudinis repugnantiam. Quid enim habitus ille in se ipso separat importat, nisi dispositionem quandam, aut proclivitatem ad deridendum quicquid mali in via commissum est? Hæc vero dispositio nihil exprimit, quod beatitudini Patria aversetur. Igitur sicut in Patria alia remanent quoad habitum virtutes, quarum actus in eo statu elici nequeunt; ita & habitus penitentia remanere dicendum est.

Inquires: in Beatis non manet fides, & spes: igitur neque penitentia.

Disparitas satis perspicua est ex ipsa ratione proposita. Nam fides, & spes in celo quidpiam habent sibi directe contrarium, nempe lumen gloriæ, & perfectam divinæ essentie possessionem. At penitentia habitus nihil in celis habet, quod directe sibi repugnet.

R. 3. In Damnatis non est penitentia nec quoad actum, nec quoad habitum.

Hanc propositionem tradit S. Thomas 1 p. q. 64, a. 2, ubi in corp. oppositam sententiam tanquam errorem fidei repugnantem refutat, & in resp. ad 2, tum Demones, tum homines damnatos penitentia incapaces expresse declarat.

Et quidem quod actus veræ penitentia in damnatis non sit, ex eo liquet quod huiusmodi actus non nisi gratia prævenientis auxilio elici potest, ut decrevit Trid. Synodus, sess. 6, Can. 3; in reprobis autem damnatis nullum est gratia prævenientis auxilium, quod solis viatoribus conceditur: & sicut ab illis nulla redemptione speranda est; ita nec actus aliquis penitentia, qui ad eam obtinendam disponat, in iisdem est admittendus.

Quod autem nec penitentia habitus in damnatis permanet, prob. quoniam nullus remanet

net in damnatis habitus supernaturalis per se ad agendum ordiatus: quæ de causa tum fidei tum spei habitus unanimi Theologorum consensu ab ipsis excluduntur. Porro penitentia habitus supernaturalis est, & ad agendum ordinatur. Igitur &c. Atque ex hoc corrui argumentum, quod fieri contra valet, nimirum quod in damnatis remaneat character Sacramenti vel baptismi, vel confirmationis, & Ordinis; qui est aliquid supernaturale, adeoque remanere etiam possit penitentia habitus, tametsi supernaturalis. Corruit, inquam, hoc argumentum: character enim Sacramentalis ad operationem ex se minime tendit, sed ad id præcipue datur, ut animam consignet; adeoque remanet in damnatis ad maiorem ipsorum ignominiam, & confusionem. At vero habitus penitentia de se ordinatur ad actus, & quidem pios, ac salutares: quorum damnati penitus sunt incapaces.

Iniques adversus priorem propositionis partem.

Sap. Cap. 3. Reprobi in inferno exhibentur ut penitentiam agentes, & præ angustia spiritus gementes. Igitur datur in ipsis actualis penitentia locus.

R. Penitentiam, de qua scriptura loco laudato loquitur, nil aliud esse quam diros animi angores, ac cruciatus, quibus torquentur, & in desperationem adiungunt, ut ex eodem loco facile constat. Nos autem infirmiam in ipsis dolorem, ac detestationem, qua moveantur adversus peccata, prout sunt offensa Dei.

R. 4. In homine viatore lethali crimine infecto non est habitus penitentia.

Prob. quoniam habitus penitentia gratiam sanctificantem presupponit, ac profluit ex caritate, cum qua infunditur, ut & cæteræ virtutes supernaturales. In homine autem viatore peccato lethali infecto non est gratia sanctificans, nec habitualis caritas: igitur neque habitus penitentia.

QUESTIO SECUNDA.

De Sacramenti penitentia existentia
& veritate.

¶ Penitentia prout Sacramentum est defini solet a Theologis: Sacramentum a Christo Domino institutum, quo per iudicium Sacerdotis absolutio, homini contrito, confesso, & satisfactionem promittenti, remittuntur peccata post baptismum commissa. Apud Patres non uno eodemque nomine donata est. Interdum appellatur *manuum impositio* a ritu quo peccatores olim reconciliari consueverant.

De Re Sacram. T. III.

Ut autem hæc ab ea secerneretur, quæ fieri solet in Confirmatione, vel Ordine, impositio reconciliatoria dicta est. Frequenter *exomologesim*, tum Græci, tum etiam latini Patres appellant desumpto nomine ab aliqua ejus parte, nempe confessione. Eam quoque vocant, vel secundam tabulam post naufragium, vel baptismum laboriosum, sive etiam lacrymarum, vel medellam delictorum, vel demum pacem, & reconciliationem. Hoc obiter præmisso:

Prima, quæ occurrit solvenda difficultas, hæc est: Quorum scilicet penitentiam, cum virtus sit, voluerit Christus novæ legis Sacramenti titulo ac dignitate augere? nam cum remittendis peccatis, & homini in Dei amicitiam restituendo virtus ipsa penitentia plene absoluteque sufficiat; videbatur superfluum, quod ad officium Sacramenti eveheretur.

R. Dei, qui frustra nihil operatur, beneficium sic esse dispositum; quo facilius homini pateret ad gratiam aditus; eidemque post violatam baptismi sanctitatem, secunda tabula obiceretur; qua opulante posset emergere e naufragio.

¶ Nam, inquit Conc. Trid. catechismus, (part. 2, tit. de sac. pen. n. 46 & seq.) ut hoc concedamus, contritio (virtute scilicet penitentia) peccata deleri: quis ignorat illam adeo vehementem, acrem, incensam esse oportere, ut doloris acerbitas cum scelus magnitudine æquari conferrique possit? at quoniam pauci admodum hunc gradum pervenirent; fiebat etiam ut a paucissimis hac via peccatorum venia speranda esset: quare necesse fuit, ut clementissimus Dominus faciliiori ratione communi hominum saluti consuleret: quod quidem admirabili consilio effecit, cum claves Regni cælestis Ecclesie tradidit: etenim ex fidei catholica doctrina omnibus credendum & constanter affirmandum, si quis ita animo affectus sit, ut peccata admissa doleat, simulque in posterum non peccare constituit; etsi ejusmodi dolore non afficiatur, qui ad impetrandam veniam satis esse possit; ei tamen cum peccata sacerdoti rite confessus fuerit, vi clavium (Sacramenti scilicet) scelera omnia remitti ac condonari.

Cui quidem causæ duas alias ex eodem catechismo, easque admodum convenientes anneximus: in primis autem, inquit, (ib. n. 14) explanandum fidelibus videtur, quare factum sit, ut Christus Dominus penitentiam in numerum Sacramentorum referri voluerit: hujus autem rei illa omnino causa fuit, ut nobis de remissione peccatorum, quam Deus pollicitus est, cum ait, (Ezech. 21, & seq.) si impius egerit poenitentiam abominibus pec-

E

„ catis

catis suis . . . vita vivet, & non morietur
 „ &c. minus dabitare liceat; vebementer e-
 „ nim pendere animo de intima poenitentia o-
 „ pus esset, cum de suo cuique iudicio in iis
 „ quæ agit, merito timendum sit; ut ergo
 „ Dominus huic nostræ sollicitudini subveni-
 „ ret, poenitentia Sacramentum instituit, quo,
 „ per sacerdotis absolutionem, peccata nobis
 „ remissa esse consideremus, conscientiaque
 „ nostræ propter fidem quæ Sacramentorum
 „ virtuti merito habenda est, paciores red-
 „ derentur: neque enim aliter accipienda est
 „ vox sacerdotis, peccata nobis legitime con-
 „ donantis, quam Christi Domini, qui ait pa-
 „ ralytico: (Matth. 9, 2.) confide fili, remit-
 „ tuntur tibi peccata tua.

„ Deinde vero, cum nemo salutem, nisi per
 „ Christum, ejusque passionis beneficio conse-
 „ qui possit; consentaneum, nobisque utilissi-
 „ mum fuit, ejusmodi Sacramentum institui,
 „ cujus vi, & efficientia Christi Sanguis ad
 „ nos defluens, peccata post baptismum com-
 „ niussa elueret; atque ita reconciliationis be-
 „ neficium illi uni Salvatore nostro acceptum
 „ referre profiteremur“.

Itaque instituenti poenitentia Sacramenti
 causa Deo fuit, nostra utilitas, ut nimirum
 secundæ post naufragium tabulæ, nova virtu-
 te donatæ adminiculo, ad portum salutis prom-
 ptius, tutius, & efficacius possemus confuge-
 re; ut enim observat S. Thomas, (3 p. q. 89,
 art. 1, ad 1) *virtutem inter & Sacramentum poenitentia hæc differentia est, quod poenitentia in quantum est virtus, sit effectus gratia, in quantum vero est Sacramentum, gratia causa existat.*

Sed quaeritur modo, utrum revera poeniten-
 tia Sacramenti dignitas veritasque asserti pos-
 sit: id est, utrum quæ virtus hæc fuisse, ad hunc honoris gradum a Christo perducta sit, ut Sacramenti efficaciam & dignitatem haberet? parvum enim fuit, rei alicujus instituendæ convenientiam ratione probabilisua-
 dere, nisi certis argumentis ejusdem institu-
 tio adstruatur.

§. PRIMUS.

Ostenditur, ante seculum decimum sextum a nemine Christiano Sacramentum Poenitentia esse negatum.

Magnum porro pro catholica sententia præ-
 judicium petitur ex antiquitate doctrinæ, quæ poenitentiam Evangelicis Sacramentis annume-
 rat: cum enim quod apud omnes num invenitur, non ab hominibus inventum, sed a Deo sit traditum; plane erit confitendum, poeni-

tentiam in Sacramentis habere locum, si se-
 mel constiterit, dogma illud, ad decimum sex-
 tum usque Ecclesie sæculum, ubique fuisse,
 nemine contradicente, retentum: quod non est
 difficile demonstrare: nam annales Ecclesie
 revolventi, præter Montanistas, Novatianos,
 Waldenses, & Wicleistas, nulli reperiuntur
 hæretici perperam de poenitentia Sacramen-
 to sensisse; atqui hi omnes pravis licet, circa
 potestatem clavium, & reconciliationis mini-
 sterium opinionibus occupati, non negarunt
 tamen absolute poenitentiam esse Sacramen-
 tum.

Atque ut de Montanistis primo dicamus:
 illi poenitentiam ex alio Sacramentorum non
 expungebant, qui e contra affirmabant, plera-
 que esse peccata, quæ per claves Ecclesie
 vere poenitentibus possent sacerdotum senten-
 tia condonari: clavium enim potestas, ipsissi-
 mum est poenitentia Sacramentum, ut magis
 ex dicendis infra constabit; atqui Montanistæ
 etsi pleraque esse peccata irremissibilia efflu-
 rent; multorum tamen remittendorum pote-
 statem in ministris Ecclesie agnoscebant: hinc
 peccata in duas veluti classes dividebant: re-
 missibilem scilicet ab Ecclesia; & irremissi-
 bilium. *Delicta*, inquit Tertullianus e catho-
 lico Montanista infelicitè factus (*lib. de pudicit. c. 2*), *dividimus in duos exitus: alia sunt remissibilia, alia irremissibilia; & ejusdem libri c. 18 affirmabat, levioribus delictis veniam ab Episcopo dari: majoribus & irremissibilibus, a Deo solo . . . & c. 19 addu-
 ctis quibusdam leviorum peccatorum exemplis: horum ergo, aiebat, erit venia per exoratoria
 Patrii Christum: sunt autem & contraria
 istis, & graviora, & exitiosa, quæ veniam
 non capiunt, homicidium, idololatria, negatio,
 blasphemia, utique & meretrix & fornicatio,
 & si qua alia est violatio templi Dei. Itaque
 non in hoc Montanistæ errabant, quod nega-
 rent poenitentiam esse Sacramentum, sed quod
 virtutem ejus ad omne peccatum extendi in-
 ficiarentur.*

Novatianorum porro eadem ac Montanista-
 rum est causa: si enim negassent poeniten-
 tiam esse Sacramentum, claves Ecclesie pe-
 nitens sustulissent, neque ullam vel minimam
 ei reliquissent peccatorum remittendorum fa-
 cultatem: atqui non omnino, sed ex parte,
 potestatem hanc Ecclesie denegabant: ut enim
 testatur S. Ambrosius, (*lib. 1 de poenit. cap. 2*) *exceptis gravioribus criminibus, veniam le-
 vioribus relaxabant. Sacramentum ergo poeni-
 tentia non negabant, licet contra Christi man-
 datum, ad certa peccata, aliis exclusis, ar-
 flarent.*

Monium.

De Montanistarum & Novatianorum errore operosior disquisitio quæstione tertia sequente futura est: hic enim proprius erit locus quærendi, an sit, ut volebant illi, ali- quod peccatum irremissibile?

De Waldensibus, quod pœnitentiam pro vero legis oovæ Sacramento habuerint persua- det:

1. Scriptorum silentium, qui diversos eorum errores observauit & expresse refutauit: verisimile namque non est, hæresim adeogra- uem prætermitturos, si reuera fuisset a Wal- densibus propugnata; atqui nemo reperitur, qui eos negari pœnitentiæ Sacramenti accusa- verit: ergo &c.

2. Illi Sacramentum pœnitentiæ non ause- rebaot, qui ejus dispensandæ ministerium ad ipsos laicos extendebat: atqui Waldenses pœ- nitentiæ administrationem laicis ipsis jure di- uino competere mordicus propugnabant: tan- tum enim describere malos inter sacerdotes, & bonos laicos faciebat, ut vellent illos, hoc ipso quod mali foreot, jure absolvi ex- cidere; istos, quia bonos, ad sacrum ministe- rium jus habere. Dicunt Waldenses, ait Rey- nerius (*de Sacram. pan. c. 5*) quod nullus possit absolvi a malo sacerdote: item quod bonus laicus potestatem habet absolvendi: item, quod confitendum sit potius bono laico, quam ma- lo sacerdoti: (1) ergo non contra Sacramen- tum pœnitentiæ, sed contra ministerium ejus errabant.

Denique de Joanne Wicleffo & ejus disci- plis hoc ipsum multi scriptores affirmant, quod pœnitentiam pro vero Sacramento habuerint. Wicleffus enim l. 4. Trialogi, c. 10, 14, 23, 25, & 32 diserte docuit, ut observat Illustris- simus Bossuetius Meldensium in Gallia Epi- scopus, in *historia variationum*, (lib. 11, n. 154) vere in Ecclesia potestatem clavium re- sidere, eam tamen valide non exerceri nisi ab iis qui Christum, ejusque sanctitatem imita- rentur: atque adeo malos Sacerdotes absolven- di jure excidere, eodemque bonos laicos plene frui; unde consequens est Wicleffum non cir- ca Sacramentum pœnitentiæ, sed circa mini- strum errasse.

(1) *Integra Reynerii sententia hæc est, qua A. assertio amplius constabillur. Dicunt (Wal- denses), quod nullus possit absolvi a malo Sacerdote. Item, quod bonus laicus potestatem ha- beat absolvendi. Item quod ipsi per malos impositionem peccata dimittant, & dent spiritum Sanctum. Item, quod confitendum sit potius bono Laico, quam malo Sacerdoti. Item, quod non gravis pœnitentia sit imponenda exemplo Christi: vade, & jam amplius noli peccare. Item publicas pœnitentias reprobant, maxime in feminis. Item, quod generalis confessio non sit singulis annis facienda.*

Ejusdem rei argueotum non leve hinc pe- titur, quod Joannes Huss, cui in verba Wi- cleffi jurare soleo erat, in numero Sacra- mentorum pœnitentiam, oemine diffiteote lo- caverit, ut observat idem illustrissimus scri- ptor ib. (lib. 11, n. 165).

Monium.

Waldensium & Wicleffistarum error qu. 9 refutabitur, ubi agetur de ministro Sacramen- ti pœnitentiæ.

§. SE C U N D U S.

Primi omnium seculo decimosexto Lutherani, Zuingliani, & Calvinistæ a fide Sacramen- ti pœnitentiæ recesserunt.

Certum itaque est, ad sæculum usque deci- mumquotorum, inauditum Christianis fuisse erro- rem, quo pœnitentia a numero Sacramento- rum excluditur: reservabatur ad sæculum a Christo nato 16 ingens illa calamitas: hoc ni- mirum tempore oati infelicitate Lutherani, Cal- vioiani, & Zuingliani, Ecclesiam male per- dere, & uoiversa ejus proculcare dogmata, inito fœdere sacrilego attentarunt: oec pœ- nitentiæ magis quam reliquis mysteriis peper- cerunt.

Calvinus & Zuinglius.

Calvinus quidem sola baptismatis recordatio- ne opus esse affirmat, ad expianda peccata quælibet post baptismum perpetrata: adeoque superfluum esse pœnitentiæ Sacramentum: ne- que vero existimandum est, inquit, (lib. 4. instit. cap. 15) baptismum in præteritum dun- taxat tempus conferri, ut novis lapidibus in quos a baptismo recidimus, quærenda sint alia novæ expiationis remedia in aliis nescio quibus Sacramentis... sic autem cogitandum est, quocumque baptizemur tempore, nos semel in omnem vitam ablu, & purgari: ita- que quoties lapsi fuerimus, repetenda erit bap- tismi memoria, & hac armatus animus, ut de peccatorum remissione semper certus se- curusque sit: nam etsi administratus præter- iisse visus sit; posterioribus tamen peccatis non est abolutus, puritas enim Christi in eo

E 2 nobis

nobis oblata est: ea semper viget, nullis maculis opprimitur: sed omnes nostras sordes abluat & extergit . . . equidem scio aliud communiter receptum esse, penitentiae & clavium beneficio nos obtinere post baptismum remissionem, quae prima regeneratione per solum baptismum nobis datur, sed qui hoc comminiscuntur, in eo errant, quod non cogitant potestatem clavium, de qua loquuntur, a baptismo sic pendere, ut nullo modo separari debeat . . . & hic error commentitium penitentiae Sacramentum nobis preperit.

Ita Calvinus loco cit. idemque multis confirmare aggreditur argumentis, lib. c. 19, n. 15 & seq.

Ex hoc autem falsae doctrinae commento infert homo vaferimus

1. Confessionem peccatorum jure divino non præcipi, sed humano: nullamque de ea legem ante Innocentii III Pontificis Maximi temporis fuisse sancitam.

2. Potestatem absolvendi a peccatis, Sacerdotibus novi Testamenti a Christo datam non esse.

3. Eadem facilitate peccata post baptismum commissa deleri, ac illa quae baptismum præcesserunt.

4. Satisfactio nulla teneri penitentes, nec Deum hujusmodi poenis placari posse, immo irritandum magis, propterea quod cum efficacia mortis Christi satisfactiones hominum aperte pugnent.

Itaque si Calvinus fides, quodcumque peccatum quantumlibet horribile ac nefarium, homo baptizatus committat: modo baptizatum se esse meminerit, sibi protinus condonari, debet sine dubitatione confidere: quæ doctrina quam facilem ad omne peccati genus viam sternat, nemo non videt.

Eadem Zuinglii paulo ante Calvinum doctrina fuit, in libro de vera & falsa Religione, quam deinceps Zuingliani omnes amplexi sunt, quomodo Calvinus secuti sunt iis, quos Calvinianos appellant.

Monitum.

Vesana dogmata contra confessionem Sacramentalem, satisfactionem, & potestatem absolvendi Sacerdotibus datam, iisque solis, suis

locis pro merito refellentur, qu. scilicet 5, 6, & 9.

Lutherus.

Calvinus ille aliquanto præcesserat: tanta porro ejus in hac quaestione varietas & inconstantia fuit, ut in uno eodemque libro de civitate Babylonica, modo affirmaverit, modo negaverit penitentiam esse Sacramentum: non longe enim ab initio ita dixerat: principio neganda mihi sunt septem Sacramenta, & tria tantum pro tempore ponenda, baptismus, penitentia, & panis: mox vero in ejusdem libri fine quod ante affirmaverat revocando: proprie, inquit, ea Sacramenta vocari visum est, quae annexis signis promissa sunt: quo fit, ut si rigide loqui volumus, tantum duo sint in Ecclesia Dei Sacramenta, baptismus & panis: cum in his solis & institutum divinitus signum, & promissionem remissionis peccatorum videamus; nam penitentiae Sacramentum quod ego his duobus accensus, signo visibili, & divinitus instituto caret: & aliud non esse disti, quam viam & reditum ad baptismum.

Lutherani.

Patriarchæ sui inconstantiam Lutherani sunt imitati; sic enim Melancthon fidelissimus ejus discipulus, in locis communibus edit. an. 1522 penitentiam sacramentum esse negavit; postmodum vero an. 1543 in nova ejusdem operis editione priorem sententiam retraxit, & penitentiae in sacramentis Evangelicis locum dedit; indeque factum, ut discipulorum Lutheri alii deinceps mordicus negaverint, alii consenserint penitentiam esse sacramentum; nam in Apologia Augustanae confessionis diserte hoc declaratur; (1) contra vero Kemnitius, Mathias Illyricus, & alii multi, præter baptismum & Eucharistiam, nullum sacramentum admittunt.

Fatendum tamen hac nostra ætate plerosque hujus sectæ hæreticos sacramentum penitentiae concedere: utuntur enim communiter edito a Lutero catechismo, in quo, ut observat Illustrissimus Meldensium Episcopus (hist. variationum lib. 3, num. 42) præcipitur, ut minister audita confessione Penitentem his verbis absolvat: Ego ex Christi

man-

(1) Augustanae Confessionis verba hæc sunt N. 12. De confessione peccatorum docent Evangelicis, quod absolutio privata in Ecclesiis retinenda sit, quamquam in confessione non sit necessaria peccatorum enumeratio: est enim impossibilis enumeratio omnium delictorum juxta illud: delicta quis intelligit? Et infra inter articulos de abusibus mutatis N. 4 hæc habentur: Confessio in Ecclesiis apud nos non est abolita. Non enim solet porrigi corpus Domini, nisi antea exploratis, & absolutis. Sed de Confessione docent nostri, quod enumeratio delictorum non sit necessaria, nec sint onerandæ conscientiae cura enumerandi omnia delicta &c.

mandato remitto tibi peccata tua, in nomine Patris, & Filii, & Sp. sancti.

§. TERTIUS.

Pœnitentiam esse verum Legis Evangelicæ Sacramentum omni argumentorum genere demonstratur.

Contra hos omnes cum Ecclesia catholica profiteamur, pœnitentiam esse verum ac propriè dictum sacramentum prorsus a baptismo diversum.

Fidei doctrina hæc est, in Trid. Concilio variis canonibus confirmata.

Si quis dixerit, inquit, (Sess. 14, Can. 1) in Catholica Ecclesia pœnitentiam non esse verè & propriè sacramentum, pro fidelibus, quoties post baptismum in peccata labuntur, ipsi Deo reconciliandis, a Christo Domino nostro institutum: anathema sit.

Si quis sacramenta confundens, (Ib. Can. 2) ipsum baptismum, pœnitentiæ sacramentum esse dixerit, quasi hæc duo sacramenta distincta non sint; atque ideo Pœnitentiam non rellè secundam post naufragium tabulam appellari: anathema sit.

Si quis dixerit, (Ib. Can. 3) verba illa Domini Salvatoris: accipite Sp. Sanctum: quorum remiseritis peccata, remittuntur eis; & quorum retinueritis, retenta sunt; non esse intelligenda de potestate remittendi & retinendi peccata in sacramento pœnitentiæ, sicut Ecclesia Catholica ab initio semper intellexit: detorqueat autem contra institutionem huius sacramenti ad auctoritatem prædicandi Evangelium: anathema sit.

PROBATIO PRIMA.

Ex scripturis.

Primum huius dogmatis in verbo Deiscripto est fundamentum, quod subruere nequicquam hæretici moliantur.

Ait enim ad Petrum Christus: (Matt. 16, 19) *tibi dabo claves Regni colorum: & quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in cælis: & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in cælis.*

Deinde ad omnes Apostolos eandem potestatem extendens: (ib. 18, 18) *amen dico vobis, inquit, quæcumque alligaveritis super terram, erunt ligata & in cælo: & quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in cælo.*

Multoque expressius in Evangelio Joannis; (Joan. 20, 21) *sicut misit me Pater, & ego mitto vos; hæc cum dixisset, insufflavit, & dixit eis: accipite spiritum sanctum: quorum re-*

misieritis peccata, remittuntur eis; & quorum retinueritis, retenta sunt.

Hinc enascitur argumentum:

Sacramentum novæ legis est, res sensibus subjecta, quæ ex institutione Dei sanctitatis & justitiæ tum significandæ, tum efficiendæ vim habet: unde consequens est, tribus conditionibus constitui in se ipso ac definiri, quod ne ipsi quidem negare audent hæretici; 1. est, ut sit ritus externus: 2. ut habeat divinum mandatum: 3. ut adjunctam gratiæ promissionem importet; atqui ex adductis auctoritatibus evidens est, tres illas condiciones pœnitentiæ convenire.

1. Ritus externus est: nam Christus per hæc verba: *quorum remiseritis peccata remittuntur eis, & quorum retinueritis retenta sunt:* Apostolis & futuris eorum in perpetuum successoribus judiciariam potestatem communicat; adeoque vult ab illis ferri erga peccatores iudicium, quomodo in foro civili a Magistratibus exercetur: consequens ergo est, ut ritu sensibili sententia ab illis pronuncietur.

Quomodo enim peccator absolutum esse se, aut ligatum intelliget, nisi sibi fuerit a iudice declaratum? quomodo vero sententiæ erit conscius, nisi via sensibili de sacerdotis decreto certior fiat? nam cum homo, spiritus totus non sit, sed partim ex anima concretus & corpore; non immediate de voluntate alterius, sed medio signo sensibili admonetur: alioquin perpetuo futurus incertus; fatendum ergo, hanc potestatem non posse sine ritu externo & sensibili exerceri: quod tunc sane fit, cum homo pœnitens peccata omnia, quorum memoriam habet, sacerdoti, humili confessione declarat; & sacerdos causa cognita ac diligenter discussa, sententiam absolvendo aut ligando pronuntiat.

2. Quod ritus ille sit divinitus imperatus, probatione non eget: non enim a Moyse aut a quovis simplici homine dictum est, sed a supremo Legislatore Christo, qui Deus & homo est: *sicut misit me Pater, & ego mitto vos: accipite Sp. sanctum: quorum remiseritis peccata &c. quid vero est mittere ad remittenda peccata, nisi ut remittantur, aut prout æquum fuerit, retineantur, præcipere: cum ipsa mittendi actio præceptum includat? quemadmodum itaque in his verbis: *Euntes docete omnes gentes, baptizantes eos in nomine Patris, & Filii, & Sp. sancti:* præceptum Domini intelligimus, sine quo Sacramentum baptismus non esset; ita in aliis: *sicut misit me Pater, & ego mitto vos, &c.* mandatum continetur, in favorem, aut condemnationem reorum, sacerdotum ministerio in perpetuum adimplendum.*

3. Quod habeat ritus idem conjunctam gra-

tiam

tiæ promissionem & efficientiam, non minus est evidens: nam.

Primo, si duo quædam sic inter se comparentur, ut infallibiliter unum sequatur ex altero, merito conjuncta dicuntur: quomodo dicimus, intimam solis cum luce esse connexionem, quia hoc ipso quod sol comparet, consequens est esse lucem: atqui statim ac sacerdotes Apostolorum in sancto ministerio successores, potestatem remittendi peccata exercent, nisi grave obstat ex parte subjecti impedimentum, infallibiliter absolutio sequitur: *quorum remisistis peccata*, ait, *remittuntur eis*; non dicit: continget forte ut remittantur, sed: *remittuntur*; non dicit: dubium in celis erit iudicium, quod in terra pronuntiaveritis: sed, *quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in celis*; non ait: sine potestate mitto vos: sed: *sicut misit me Pater, & ego mitto vos*: id est: quemadmodum æternus Pater, amplissima auctoritate instructum in mundum me misit, ad peccata dimittenda, & salutem hominum procurandam; eadem ego auctoritate mitto vos, ut mei in perpetuum adjucores sitis, & pro me legatione fungamini: ergo &c.

Secundo: peccata homini condonari, & redire cum Deo in gratiam, duo sunt intime conjuncta; numquam enim contingit peccata dimitti, quin simul gratia sanctificans infundatur; atqui ritus absolvendi, conjunctam habet peccatorum remissionem: ergo & gratiam; atque adeo importat poenitentiam omnes veri legis novæ sacramenti condiciones, quod erat scripturæ auctoritate demonstrandum.

PROBATIO SECUNDA.

Ex præscriptione.

Alterum ex præscriptione sæpe decantatum argumentum recurrit, quantum Ecclesiæ Catholicæ ad defensionem fidei opportunum, tantum adversarii veritatis incommodum, si vero proponitur:

Sæculo 16 quando Lutherani, Zuingliani, & Calviniani, S. matri Ecclesiæ bellum cruentissimum intulerunt, res erat per omnes occidentis & orientis provincias communi consensione recepta, poenitentiam verum esse Sacramentum a baptismo diversum, solisque post baptismum lapsis, ad gratiæ recuperationem administrandum; atqui fides hæc omnium retro temporum fuerat, ab ipsis Apostolis, atque adeo a Christo Apostolorum discipulis accepta: ergo poenitentiam esse sacramentum præjudicata res est: adeoque merito actione submoti novelli hæretici, quando possessionem tam diuturnam perturbare moliti sunt.

Probatio Primæ Propositionis.

Probatur argumentum per partes.

Ac de Occidentali quidem Ecclesia, primam propositionem inficiari hæretici nequeunt: ut quid enim tantam sæculo decimosexto seditionem contra latinam Ecclesiam concitassent, si una secum sensisset, duo tantum esse Sacramenta, baptismum & panem: poenitentiam vero non aliud quidquam esse, quam accepti baptismi memoriam? nam ubi animorum sensuumque consensus est, controversiæ locus non superest; deinde hoc ipsum ingenue fatetur Calvinus, *equidem scio*, inquit, (*lib. 4. instit. cap. 13*) aliud communiter receptum esse, poenitentiam & clavium beneficio nos obtinere post baptismum remissionem, quæ prima regeneratione per solum baptismum nobis datur, sed qui hoc comminiscuntur, in eo errant, quod non cogitant potestatem clavium de qua loquuntur, a baptismo sic pendere, ut nullo modo separari debeat. . . . *Ubi error nobis peperit poenitentia Sacramentum*: itaque teste Calvinus, poenitentiam esse Sacramentum in latina Ecclesia communiter ejus ætate receptum erat.

Quod vero ad Græcos pertinet & Orientales, non minus est certa prima propositio; statim enim atque in Oriente fama percrebuit, novas in Occidente hæreses excitatas, & omnia a Lutheranis eorumque similibus antiquæ doctrinæ dogmata conturbari: fidem suam Græci, & cæteri transmarini sine tergiversatione, nullaque facta mora professi sunt; atque præter cætera capita declararunt, septem esse legis Evangelicæ Sacramenta, non aliunde quam a Christi traditione deducta, & in iis poenitentiam habere locum: hæc nimirum *Jeremie Constant. Gabrielis Philadelphiensis, Meletii Patriarchæ Alex. Coressii, Gregorii*, & aliorum declaratio fuit, pluribus Synodorum, quæ per has regiones coactæ sunt, canonibus confirmata.

Itaque sæculo 16 Calvinus, Zuinglius, & alii poenitentia hostes, non contra Occidentem taptum, sed & contra Orientem (publici omnium hostes) pugnant, eoque hoc certius est, quod ex historia horum temporum constet, *Cyrillum Lucar*, Constantinop. Ecclesiæ pseudo-patriarcham, & Lutheranorum magno suo malo federatum, damnatum a suis ea de causa fuisse, quod duo tantum Sacramenta, rejectis aliis, retinenda esse dixisset, hancque suam hæresim Orientalibus Ecclesiis insigni impudentia affinxisset: sic Concilium Constantinop. sæpe alias memoratum: "*(Ann. 1631.)* „ anathema, inquit, *Cyrillo* nova dogmata fabricanti, & credenti, non esse ex institutio-

„ ne Jesu Christi, Apostolorum traditione,
„ praxique perpetua, septem Ecclesie Sacra-
„ menta, baptismus videlicet, chrismata, pœni-
„ tentiam, Eucharistiam &c.“

Probatio secundæ Propositionis.

Nec minus constat altera ejusdem argumen-
ti pars. Nam

1. Si nova, ut calumniantur, sæculo 16 e-
rat doctrina pœnitentiæ; contradicentium ma-
xime intererat, oovitatem probabili testimo-
nio propalare: actoris enim est, causam accu-
sandi asserere, ne nimirum mali litigatoris in-
currat iovidiam: atqui Calviniani, Zuingliani,
& alii, ostendere hæcenus plausibili ratione
non potuerunt, pœnitentiæ Sacramenti doctri-
nam de novo in Ecclesiam irrepsisse: ergo hoc
suo silentio semetipsos prodiderunt, sibi que no-
tam atrocis calumniæ inusserunt.

2. Quam antiqua sit fides de Sacramento pœ-
nitentiæ invicte demonstrant lata superioribus
ætatibus contra Montanistas, Novatianos, Wal-
denses, & Wiclefistas decreta; nam ut con-
stat ex supra dictis, illorum cum Ecclesia Ca-
tholica consensio erat, virtute clavium a Chri-
sto Apostolis & eorum successoribus tradita-
rum, peccata post baptismum commissa remitti;
tantumque in hoc dissentiebant, quod alii
quidem nolent ad omnia peccata potestatem
illam extendi; alii contenderent, jus absolven-
di bonis laicis convenire, & penes malos sa-
cerdotes esse negare: ergo utrimque indubi-
tata res erat, pœnitentiam esse Sacramentum:
cum non de re, sed de modo rei controver-
sia foret.

3. Nisi assentiamur pœnitentiam abipsis Ec-
clesiæ primordiis in Sacramentorum numero
fuisse locatam, nihil supererit quod valeamus
antiquitatis auctoritate certo probare: ita enim
diserta sunt de hac re patrum testimonia, ut
cæcum esse oporteat qui non viderit, ab illis
pœnitentiæ Sacramentum agnitus & propugna-
tum; nam quæso quid aliud nisi Sacramentum
significat, illa clavium potestas, quam in Ec-
clesia residere, & ab ejus ministris exerceri,
tam aperte prædicant? quid concursus populo-
rum ad sacerdotes undique obtinendæ veniæ
causa confluentium? quid illæ plebium que-
relæ, quas Victor Uicensis, in historia perse-
cutionis Vandalicæ memorat: (lib. 2.) quibus
nos miseros relinquitis, dum pergitis ad coro-
nas? qui vos baptizaturi sunt parvulos fontibus
aque perennis? qui nobis pœnitentiæ munus
collaturi sumi, & reconciliationis indulgentia,
obstridos peccatorum vinculis solvuri? quia
vobis dictum est: quodcumque solveritis super
terram, erit solutum & in cælis? quid

illa peccatorum distinctio, quorum alia pœni-
tentia publica plecti deberent, alia privatim
& clanculum expianda? quid canones pœnite-
ntiales dicti, modum, tempus, & formam satis-
factionis pro crimine quolibet præscribentes?
quid confessio pœnitentium? quid absolutio Sa-
cerdotum? quid satisfactionum rigor? quid de-
nique disciplinæ, pro diversis locorum ac tem-
porum circumstantiis, relaxio aut severitas?
quis crediderit patres jugum adeo grave im-
posituros fidelibus, aut fideles colla patienter
submissuros, si existimatum priscis temporibus
fuisset, peccata quælibet quantumvis gravia,
sola recordatione baptismatis deleri & ex-
piari?

4. Quid opus longiore inquisitione est, cum
ejus rei fidem faciant antiquissima latinorum
& orientalium ritualia, quæ omnium manibus
tuebantur, & ubique gentium sine contradi-
ctione vigeant? io iis enim omnia præscri-
buatur, quæ ad Sacramenti pœnitentiæ mini-
sterium pertinent: modus confessionis, satis-
factionum norma, forma absolutionis statuitur:
quodque mirum magis, veterum omnium hæ-
reticorum ac schismaticorum cum Catholicis
in hoc capite plena consensio est: quod argu-
mentum convincens est, fidem hanc non in
conturbatione hæresum aut schismatum, sed
in centro unitatis, omni hæresi & schismate
antiquiore a Christo & Apostolis seminatam.

Quæ cum ita sint, fatendum nostram, idest
Catholicam de pœnitentiæ Sacramento doctri-
nam, nec esse novam, nec a quoquam homi-
ne introductam, sed revelatam a Christo: quia
necessarium est, de fonte veritatis descendere,
quod ubique, & semper, & ab omnibus est re-
tentum.

PROBATIO TERTIA.

Ex Traditione.

Tertium petimus argumentum ex traditione,
cujus testes tot pene afferri possent, quot us-
quam vixere patres, nisi nostri esset officii di-
vina dogmata compendiose tractare.

Tertullianus: (lib. de pæn. c. 7) *pervicacis-
simus hostis* (Diabolus) inquit, *numquam malitia
sue otium facit, tunc maxime sævit, cum
hominem plene tenuit liberatum . . . itaque ob-
servat, oppugnat, obsidet, si qua possit aut
oculos concupiscentia carnali ferire, aut ani-
mum illecebris secularibus irretire, aut fidem
terrene potestatis formidine coercere, aut a
via certa perversis traditionibus detorquere,
non scandalis, non tentationibus deficit; hæc
igitur venena ejus providens Deus, clausa licet,
ignoscentiæ janua, & irrationis sera obstruenda,*
ali.

aliquid adhuc permisit patere: collocavit in vestibulo penitentiam secundam, quae pulsantibus patefaciat . . . (ib. cap. 12) igitur cum scias, adversus gehennam post prima illa intinctionis Dominicae monitionem, esse adhuc in exomologesi secunda subsidia, cur salutem tuam deseris? cur cessas aggerdi, quod scias mederi tibi?

¶ Origenes homil. 2 in Levitic. non erubescit peccator Sacerdoti Domini indicare peccatum suum, & querere medicinam.

S. Cyprianus in Epist. ad S. Cornelium Pontificem Max. (Ep. 54) statueramus, inquit, jam pridem, frater carissime, participato invicem nobiscum consilio, ut qui in persecutionis infestatione supplantati ab adversario & lapsi fuissent, & sacrificiis se illicitis maculassent, agerent diu penitentiam plenam; & si periculum infirmitatis urgeret, pacem sub illu mortis acciperent . . . quando permiserit ipse qui legem dedit, ut ligata in terris, etiam in caelis ligata essent; solvi autem possent illic, quae hic prius in Ecclesia solverentur.

¶ Diserta quoque ejusdem sententia, quam habet Tract. de lapsis c. 12, ubi ait: confitentur singuli, dum satisfactio, & remissio facta per Sacerdotes apud Deum valet.

S. Pacianus Barcinonensis Episcopus Epist. 1, Symptomaticum Novatianum, qui volebat gravissima peccata a solo Deo remitti posse, sic refutat: solus hoc, inquit, Deus poterit, verum est: sed & quod per Sacerdotes suos facit, ipsius potestas est; nam quid illud est, quod Apostolis dicit: quae ligaveritis in terris, ligata erunt & in caelis? cur hoc? si ligare hominibus ac solvere non licebat? an tantum hoc solis Apostolis licet? ergo & baptizare solis licet, & sp. sanctum dare solis, & solis gentium peccata purgare: quia totum hoc non aliis quam Apostolis imperatum est . . . si ergo lavacro & chrismatis potestas, majorum longe charismatum ad Episcopos inde descendit; & ligandi quoque jus adfuit atque solvendi, quod etiam nos id ob nostra peccata temerarie vindicamus; Deus tamen illud, ut Apostolorum Cathedram tenentibus non negabit.

S. Joannes Chrysost. (lib. 3 de sacerdotio) qui terram incolunt, inquit, atque in ea versantur, his commissum est, ut ea quae in caelis sunt, dispensent: illis datum est, ut potestatem habeant, quam Deus optimus neque Angelis neque Archangelis datam esse voluit; neque enim ad illos dictum est: quaecumque alligaveritis in terra, erunt alligata & in caelo: habent quidem & terrestres principes vinculi potestatem, verum in corpus solum; id autem quod dico sacerdotum vinculum, ipsam etiam animam contingit, atque ad caelos usque pervadit; usque adeo ut quaecumque inferne sacer-

dotes confecerint, illa eadem Deus superne ratu habeat, ac servorum sententiam Dominus confirmet: etenim quidnam hoc aliud esse dicas, nisi omnem rerum celestium potestatem illis a Deo concessam? quoruncumque, ait, peccata retinueritis, retenta sunt; quenam, obsecro, potestas hoc una major esse queat? patet omnifariam filio potestatem dedit: ceterum video ipsam eandem omnifariam potestatem a Deo filio illis traditam; nam quasi jam in caelum translata, ac supra humanam naturam posita, atque nostris ab affectibus exempti, sic illi ad principatum istum perducti sunt: quid multa? Rex aliquis si cui ex subditis suis bonorem hunc detulerit; ut potestatem habeat quoscumque velit in carcerem conjiciendi, eosdemque rursus laxandi; beatus ille & admirandus omnium iudicio fuerit; at vero qui a Deo tanto majorem accepit potestatem, quanto caelum terra pretiosius est, quanto animae corporibus prestant; hic villem eo usque dignitatem accepisse nonnullis videri debet. . . . procul facessant hujusmodi; insania enim manifesta est, despiciere tantum istum principatum, sine quo neque salutis, neque promissionum bonorum compotes fieri possumus. . . . non solum sacerdotes cum regerant, sed etiam postea condonandorum peccatorum obrint potestatem.

S. Ambrosius Novatianus redarguens: (lib. 1 de penit. cap. 2) sed ajunt, inquit, se Domino deferre reverentiam, cui soli remittendorum criminum potestatem reservent: imo nulli majorem injuriam faciunt, quam qui ejus volunt mandata rescindere, commissum munus refundere; nam cum ipse in Evangelio suo dixerit Dominus Jesus: accipite sp. sanctum, quorum remiseritis peccata remittuntur eis, & quorum retinueritis retenta sunt: quis est, qui magis honorat, an qui mandatis obtemperat, an qui resistit? Ecclesia in utroque servat obedientiam, ut peccatum & alligat: & relaxat: haereticus in altero immitis, in altero inobediens, vult ligare quod non resolvit, non vult solvere quod ligavit: in quo se suamque sententiam sua damnat sententia: Dominus enim par jus esse voluit & ligandi & solvendi, qui utrumque pari conditione permisit. . . . & paulo post eorumdem dementia refutans: (lib. cap. 8) cur baptizatis, inquit, si per hominem peccata remitti non licet? in baptismo enim utique remissio peccatorum omnium est: nec interest, utrum per penitentiam, an per lavacrum, hoc jus sibi datum sibi sacerdotes vindicent; unum in utroque ministerium est: sed dices quia in lavacro operatur ministrorum gratia: quid in penitentia? nonne Dei nomen operatur?

S. Cyrillus Alex. (lib. 12 in Joann.) duobus modis,

modis, inquit, Dei spiritu afflati homines peccata remittunt ac retinent: vel cum dignos admittunt ad baptismum, & indignos excludunt; vel cum filios Ecclesie peccantes corripiunt, ac penitentibus ignoscunt.

S. Hieronymus in dial. contra Pelagianos (lib. 1) affirmat, duobus maxime Sacramentis nobis Sanguinem Christi applicari, in baptismo scilicet, & in penitentia, quæ imitatur baptismi gratiam.

S. Aug. si a catechumeno, ait, (lib. 2 de adulterin. conjug. cap. 16) factum est homicidium, baptismate abluitur; si a baptizato, penitentia & reconciliatione sanatur. . . & in Ep. ad Bonifacium: si infans post baptismum propria incipit habere peccata, illa non regeneratione auferuntur, sed alia curatione sanantur. . . rursus in altera ad Honoratum, (al. 180, novæ edit. 238) agens de persecutione Wandalica: an non cogitamus, inquit, cum ad istorum periculorum pervenitur extrema, nec est potestas ulla fugiendi, quantus in Ecclesia fieri solet ab utroque sexu, atque ab omni ætate concutitur, aliis baptismum fugitantibus, aliis reconciliationem, aliis etiam penitentis ipsius actionem, omnibus consolationem, & Sacramentorum confectioem atque erogationem? ubi si ministri desint, quantum exitum sequitur eos, qui de isto sæculo vel non regenerati exeunt, vel ligati? quantus est etiam lucrus fidelium suorum, qui eos secum in vitæ æternæ requie non habebunt?

Denique S. Leo Pontifex Max. (Ep. 91 ad Theodorum Episc. Forojuliensem) Multiplex misericordia Dei, inquit, ita lapsibus subvenit humanis, ut non solum per baptismi gratiam, sed etiam per penitentis medicinam spes vitæ reparatur æternæ: ut qui regenerationis dona violassent, proprio se judicio condemnantes, ad remissionem criminum pervenirent, sic divine bonitatis præstitis ordinatis, ut indulgentia Dei, nisi supplicationibus Sacerdotum nequeat obtineri: mediator enim Dei & hominum homo Christus Jesus, hanc præpositis Ecclesie tradidit potestatem, ut & constantibus actionem penitentis darent, & eisdem salubri satisfactione purgatos ad Communionem Sacramentorum per januam reconciliationis admitterent; cui utique operi incessabiliter ipse Salvator intervenit, nec unquam ab his abest, quæ ministris suis exequenda commisit, dicens: Ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem sæculi: Ut si quid per servitatem nostram bono ordine, & gratulando impletur effectum, non ambigamus per Sp. Sanctum fuisse donatum.

Hinc eruo quæ sequuntur argumenta:

1. Si putarent Patres, penitentiam nihil aliud De Re Sacram. T. III.

esse quam repetitam baptismi memoriam, hæcque sola recordatione abstergeri omnes sordes & maculas, quæ post acceptum baptismum contrahuntur; non diceret lapsis post baptismum patere secundam penitentiam, secunda subsidia: secundum enim non est, quod non est a primo diversum; atqui Patres penitentiam post baptismum faciendam, secundam penitentiam dicunt, secunda subsidia; eamque homini patere affirmant, postquam clausa est & obstrusa janua baptismi: sentiant ergo esse Sacramentum a baptismo diversum.

2. Illi docent penitentiam verum esse & aliud a baptismo Sacramentum, qui penitentiam comparant cum baptismo: omnis enim comparatio necessario fit inter duo, quia nihil potest secum ipso conferri; atqui Sancti Patres penitentiam comparant cum baptismo; nec minorem in illa, quam in isto ad peccata dimittenda efficacitatem agnoscunt: Nihil interest, ait S. Ambrosius, utrum per penitentiam, an per lavacrum, hoc jus sibi Sacerdotes vindicent: unum in utroque ministerium est: sicut in lavacro operatur mysteriorum gratia; sic in penitentia nomen Dei operatur. Eodemque S. Cyrilli Alex., S. Hieronymi, S. Leonis, & aliorum sententia est, quod facile erit eorum testimonia legenti agnoscere. Ergo &c.

3. Ubi diversa medicina est, sanandis animabus, & expandis ritu quodam externo peccatis divinitus accomodata, diversa esse Sacramenta oportet; atqui ex Patribus penitentia medicina est a baptismo diversa, ritu externo per Sacerdotum ministerium applicanda; & per utramque multiplex Dei misericordia, ita lapsibus subvenit humanis, ut per utramque spes vitæ reparatur æternæ: unde ex consequenti affirmant, homicidium si a Catechumeno perpetratum fuerit, baptismus abluat; si ab homine baptizato, penitentia sanari: & per utrumque remedium, sanguinem Christi hominibus applicari. Ergo &c.

4. Sancti Patres potestatem Sacerdotibus ad dimittenda peccata a Christo datam mirabundi suspiciunt; eamque non in baptismo tantum, sed & post baptismum ab iisdem exerceri, sententia unanimi testantur: rursus per potestatem hanc non tantum absolvi, sed & ligari reos posse contendunt; atqui nisi penitentia verum esset Sacramentum, a baptismo diversum, vana hæc esset & puerilis Patrum admiratio; nihil enim possent Sacerdotes ad ligandum atque solvendum sibi juris arrogare; nec quidquam ab illis, qui post baptismum lapsi fuissent, subsidii expectarent, quippe qui sola recordatione baptismatis indigerent; nec ministrorum Ecclesie indignationem ac severita-

tem pertimescerent, quibus in promptu esset, & independens a quolibet externo ministerio, ad expianda peccata remedium; ergo penitentiam esse Sacramentum traditionis perpetuae confessio est.

§. QUARTUS.

Eliduntur Hæreticorum cavilli.

Opponunt Hæretici: scripturarum testimonia ex Matthæo & Joanne in probationem adducta, non debent intelligi de judiciaria potestate, sive de facultate peccata dimittendi, sed de sola Evangelii prædicatione; ergo perperam inde inferitur, penitentiam esse verum ac proprium Sacramentum.

R. Nego ant. prædicationem enim in sola exhortatione & verbi Dei explicatione consistit: e contra vero potestas retinendi aut reinittendi peccata, conjunctam habet judicandi auctoritatem, quæ inter homines non potest sine forma exteriori, instar negotiorum forensium, exerceri; atqui hæc ipsa potestas est, quam Christus communicavit Apostolis, quando dixit: *Accipite Sp. Sanctum: quorum remiseritis peccata remittuntur eis, & quorum retinueritis retenta sunt*: falso itaque obtundunt Hæretici, non aliam nisi prædicandi Evangelii facultatem Apostolis esse datam: jam sic subsumo; atqui in potestate peccata dimittendi aut retinendi, tria hæc reperiuntur, quæ ad novæ legis Sacramentum, hæreticis ipsis iudiciis, abunde pleneque sufficiunt: institutio divina, signum externum, & promissio gratiæ. Ergo &c.

Inst. 1. Probando ant. diversis Evangelii textibus.

Actum 2, v. 38. *Penitentiam agite, ait Petrus; & baptizetur unusquisque vestrum in nomine Jesu Christi, in remissionem peccatorum vestrorum.*

Act. 5, 30 & seq. *Deus Patrum nostrorum, inquit idem Apostolus, suscitavit Jesum, quem vos interemisistis, suspendentes in ligno, hunc principem & Salvatorem exaltavit Deus dextera sua, ad dandam penitentiam Israeli, & remissionem peccatorum.*

Ib. c. 17, v. 30. *Deus, ait S. Paulus, nunc annuntiatur hominibus, ut omnes ubique penitentiam agant.*

Ib. c. 26, v. 20. *His, ait idem, qui sunt Damasci primum & Hierosolymis, & in omnem Regionem Judæe, & Gentibus annuntiabam, ut penitentiam agerent, & converterentur ad Deum, digna penitentis opera facientes.*

Ex his & similibus sic detorquent argumentum:

In verbis Matthæi & Joannis quæ superius adducta sunt, debet illa potestas intelligi, quam deinceps Apostoli exercuerunt; atqui datam sibi potestatem non aliter quam prædicando & ad penitentiam exhortando exercuerunt Apostoli, ut ex actis eorum est manifestum. Ergo &c.

R. Admittito auctoritates: ad argumentum dist. maj. in verbis Matthæi & Joannis debet hæc potestas intelligi, quam deinceps Apostoli exercuerunt, erga baptizatos, conc. erga baptizandos, n. maj. similiter dist. min. Apostoli datam sibi potestatem non aliter quam prædicando & ad penitentiam adhortando exercuerunt, erga eos qui nondum baptisma susceperant, adeoque nondum erant penitentis Sacramenti capaces, conc. erga ipsos baptizatos, n. min. & consequ.

E. R. Ludunt illuduntque Hæretici, quando ad fidem Catholicam impugnandam, his & similibus testimoniis abutuntur: hic enim de iis solum agitur, qui nondum ad Christum conversi, vel in Judaismo, vel in caligine gentilitatis errabant, quibus proinde nondum tempus erat Sacramentalem penitentiam annuntiandi, quæ per verum iudicium exercetur; sed satis erat illam intimare, quam fuisse omni tempore necessariam, etiam illis qui baptismi Sacramento abluì petivissent, superius ex Concilio Trid. docuimus. Nex his itaque & similibus, quæ tanto apparatu exaggerant, hoc unum probatur, quod non negamus, actum virtutis penitentis ab adultis baptismo præmitti debere, ejusdemque annuntiandæ præceptum datum a Christo: minime vero sequitur, potestatem Matthæi 16 & 18, & Jo. 20 a Christo concessam, judicariam & Sacramentalem, & a baptismo diversam non esse.

Inst. 2. Si Christus judicariam potestatem Apostolis contulisset, ejus usus aliquis in historia Apostolicorum actuum appareret; atqui iudiciorum hujusmodi in actibus Apost. nec minimum vestigium deprehenditur: tantum enim legitur, quod Apostoli penitentiam prædicaverunt, & quod baptizaverint. Ergo &c.

R. 1. Nego maj. non enim ex iis quæ ab Apostolis gesta narrantur, sed ex ipsis Salvatoris verbis, horum ejus oraculorum debet sensus legitimus colligi; atqui verba Christi sensum habent a prædicatione Evangelii ac penitentis omnino diversum: nam aliud longe est, peccatorum remissionem promittere agentibus penitentiam, (quæ sunt prædicantium partes:) aliud a peccatis re-

ra absolvere: (quæ potestas est clavium, Apostolis eorumque successoribus tradita). Ergo &c.

Deinde: Argumentum negativum, ut sæpius dictum est, nullius est ponderis ad imminuendam veritatem certis & affirmantibus argumentis invincibiliter demonstratam; atque veritatem Sacramenti poenitentiae præter testimonia ex Matthæo & Joanne petita, certo & ineluctabiliter asserit ab Apostolorum temporibus accepta traditio, ubique gentium radicata; ergo etiam in sacris litteris non legatur, judicandi potestate aliquando Apostolos usos esse; stat nihilominus inconcussa Sacramenti poenitentiae veritas. Si quis vero hujus silentii causam requirit; in promptu habemus: in Apostolica nimirum historia describuntur, quæ ab Apostolis gesta sunt, quando Christum Judæis & Gentibus prædicabant: iis porro non poenitentiae sed baptismi Sacramentum conferri oportuit, priusquam de secunda post naufragium tabula mentio fieret: hujus vero remedii rarissimum beatis illis temporibus fuisse usum, probat innocentia, sanctitas, & castissima fidelium quæ in hoc ipso actuum libro elogiis magnificentissimis commendatur: quid ergo mirum si ubi ægroti nulli pene fuerunt, de medicina altum reperitur silentium?

R. 1. Transiet major, & n. min. non enim levis est conjectura, ad potestatem clavium, respicere quæ leguntur in actibus, (Act. 8, 22) a Petro ad Simonem Magum dicta: *Pœnitentiam age ab hac nequitia, & roga Drum, si forte remittatur tibi hæc cogitatio cordis tui.* Jam enim crederat Simon & baptizatus fuerat, ut ibidem narratur, quando donum Sp. Sancti oblata pecunia, non secus ac vile mercimonium emere ab Apostolis voluit: cui ideo Petrus tanti sceleris indulgentiam non concessit, quia videbat eum in peccato obstinatum, ut ibidem dicitur: (ib. v. 23) *In felle enim amaritudinis, & obligatione iniquitatis video te esse.*

Est et alterum ejusdem rei argumentum cap. 2, 2 Ep. ad Cor. ubi Fornicarius Corinthius, de quo Epistola I. c. 5, mentio fuerat, in gratiam ab Apostolo recipitur: *Sufficit illi, qui ejusmodi est,* inquit, (versu 6. & seq.) *objuratio, quæ fit a pluribus: ita ut et contrario magis donetis & consolamini propter quod obsecro vos, ut confirmetis in illum caritatem. . . . cui enim aliquid donatis, & ego: nam & ego, quod donavi, si quid donavi, propter vos in persona Christi: quoniam enim hic locus absolutionem ab excommunicatione, & poenarum canonicarum relaxationem directe videtur, expressiusque*

significare; innuitur tamen, imo necessario debet subintelligi, Corinthium a peccato jam esse per clavium ministerium absolutum, cui poenarum relaxationem Apostolus elementer indulget.

Inst. 3. Non potest ex ficultate ligandi atque solvendi Apostolis tradita inferri poenitentiam verum esse Sacramentum; si potestas hæc per solam baptismi administrationem debuerit exerceri; atque de solo baptizandi ministerio debere ligandi & solvendi auctoritatem accipi non est difficile demonstrare. Ergo &c.

R. Conc. maj. n. miu. & dico opinioem hanc fidei Catholicæ e diametro adversari, quam sic expressit Concilium Trid. supra laudatum: (sess. 14, can. 2) *Si quis Sacramenta confundens, ipsum baptismum poenitentis Sacramentum esse dixerit, quasi hæc duo sacramenta distincta non sint . . . anathema sit.* „ Multis vero modis differt baptismus a poenitentia, ut docet eadem sancta synodus: (Ib. cap. 2) tum quia ista materiam & formam habet a baptismo longe diversas; tum quia baptismi ministerium judicem non esse oportet, cum Ecclesia in neminem judicium exerceat, qui non prius in illam, per baptismi januam fuerit ingressus: *Quid enim mihi,* inquit Apostolus, (1 Cor. 5, 12) *deus qui foris sunt judicare?* eum contrario poenitentiae minister erga peccatores veram jurisdictionem exerceat: tum denique quia alius est baptismi alius poenitentiae fructus: per baptismum enim Christum induentes, novam illo efficiuntur creatura, plenam & integram peccatorum omnium remissionem consequentes: ad quam tamen novitatem & integritatem per Sacramentum poenitentiae, sine magis nostris fletibus & laboribus, divina id exigente justitia, pervenire nequaquam possunt, ut merito poenitentia laboriosus quiddam baptismus a Patribus dicta fuerit.

Inst. 4. probando Min. Matthæi 18, 19. *Euntes,* ait Christus, *docete omnes gentes, baptizantes eos in nomine Patris, & Filii, & Sp. Sancti, docentes eos servare omnia quaecumque mandavi vobis:* & Lucæ 24, 45 & seqq. *Tunc,* ait author Sacer, *aperuit illis sensum, ut intelligerent scripturas:* & dixit eis: *quoniam sic scriptum est, & sic oportebat Christum pati, & resurgere a mortuis tertia die, & prædicari in nomine ejus poenitentiam, & remissionem peccatorum in omnes gentes.*

Hinc sic erunt argumentum:

Hæc verba Christi a Matthæo & Luca mandata memoris: eodem tempore dicta sunt, quod alia quæ ex Joanne ad probationem conclusionis afferrebamus: *Accipite Sp. Sanctum, quorum re-*

miseritis peccata &c. affirmat enim vero S. Aug. (lib. 3. de Cons. Evangel. cap. 15.) ad eandem Christi apparitionem pertinere; atqui in textibus Matthæi & Lucæ de solo baptismo fit mentio: debet ergo eodem sensu accipi textus Joannis.

R. Admitto auctoritates: ad argumentum concessa maj. & min. n. concip. verba enim Joannis sensum habere ab aliis plane diversum, quamquam ex dictis satis superque est demonstratum, isto confirmamus argumento: quæ a Christo dicta referuntur apud Matthæum, ad solos infideles spectant, ut ex ipsis terminis est manifestum: *docete omnes gentes, baptizantes &c.* idemque de verbis Lucæ, quandoquidem idem est sensus, & verborum tenor admodum similis, jure nostro affirmamus, atqui verba Joannis: *Quorum remiseritis peccata &c.* non infideles tantum, sed principaliter baptizatos ipsos respiciunt, proprias scilicet Christi oves: quod enim hic Apostolis committit ligandi & absolvendi ministerium, Matthæi 16, & 18 promiserat; atqui promissio hæc non ad solas gentes referebatur, sed etiam ad fideles, ad oves Christi, & ad Ecclesiam universam: *Tu es Petrus, inquit, & super hanc Petram ædificabo Ecclesiam meam.... & tibi dabo claves Regni celorum, & quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in celis; & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in celis.*

Itaque licet concedamus id quod S. Aug. affirmat, Matthæi, Lucæ, & Joannis verba ad idem tempus, eandemque Christi apparitionem pertinere; inde sane non sequitur quod Hæretici inferunt, eundem habere sensum: potuerunt enim in eadem Christi apparitione, eodemque sermonis contextu res diversæ Apostolis præcipi: nec contrarium ex S. Augustino evincet quisquam.

Inst. 5. Atqui ita existimavit S. Aug. hæc Christi oracula ad idem tempus esse referenda; ut etiam voverit de sola potestate remittendi peccata in baptismo debere intelligi. Ergo &c. prob. subs. variis ejusdem testimoniis.

Quidquid ab eis, inquit, (Epist. 50. ad Bonif.) qui post acceptum baptismum hic vivunt, infirmitate humana contrahitur quorumcumque culpæ, propter ipsum lavacrum dimittitur.

Etalibi: (lib. 1. de nupt. & concup. c. 33.) *Sic accipiendum est quod ait Apostolus: Christus dilexit Ecclesiam, & seipsum tradidit pro ea, ut illam sanctificaret, mundans eam lavacro aquæ... sic, inquam, accipiendum est, ut eodem lavacro regenerationis, & verbo sanctificationis, mala hominum regeneratorum mundaentur atque sanentur, non solum peccata quæ omnia nunc remittuntur in baptismo; sed etiam quæ posterius humana ignorantia vel infirmitate*

contrahuntur: non ut baptismum quoties peccatur, toties repetatur; sed quia coipso quod semel datur, fit, ut non solum antea, verum etiam postea quorumlibet peccatorum venia fidelibus impetretur.

Quorum similia repetit lib. 6 operis imperfecti contra Julianum, c. 13, & 18: hinc sic inferatur argumentum:

Ille sentit Christi oracula de potestate remittendi peccata, debere omnia revocari ad baptismum, qui veniam peccatorum etiam post baptismum commissorum baptismum tribuendam esse affirmat; atqui ita S. Aug. Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritates, & dist. maj. ille sentit Christi oracula de peccatis condonandis, ad baptismum omnia revocanda, qui veniam peccatorum baptismum posteriorum affirmat tribuendam esse baptismum, *velut causæ proximæ, conc. velut causæ remotæ, & radici vitæ spiritualis, n. maj.* similiter dist. min. S. Augustinus affirmat, remissionem omnium peccatorum quæ post baptismum committuntur, tribuendam esse baptismum, *velut radici ac principio vitæ spiritualis, conc. tamquam causæ proximæ, n. min. & consequ.*

E. R. Non aliud quidem S. Doctor iis locis intendit, quam quod poenitentia omnis, omnia bona opera, ipsaque æterna vita in eis fruenda, a baptismo tamquam a radice vitæ spiritualis dependeat; nec immerito: quemadmodum enim se habet in natura carnalis nativitas, ita & baptismus in salutis æconomia: unde quemadmodum homo in natura, nec crescere, nec roborari, nec a morbo potest convalescere, nisi natus ante fuerit: ita nemo in spiritualibus, aut a peccato liberari, aut in bono proficere, aut resurgere ad gloriam potest, quin prius per sanctum lavacrum renatus in Christo supponatur, & sicut corporis incrementum, virilis perfectio, restitutio sanitatis, nativitati tamquam causæ primariæ & radici attribuntur, licet a causis proximis pendeant, nec ad ea homo statim una die, sed externis adminiculis, & temporis successione pertingat: ita pariter peccatorum omnium condonatio, comparatio virtutum, & præmium æternæ felicitatis, in baptismum tamquam in radicem refundi debent: nec enim posset ea homo consequi, nisi esset baptizatus.

Nec tamen hinc colligendum, S. Augustinum nullas Sacramentum poenitentiae partes tribuere, illudque veluti minime necessarium excludere velle: quod Calvinus ex ejus verbis perperam intell. & is, sine judicio intulit: nam in iis ipsis quæ opponuntur testimoniis, sinistram hanc interpretationem S. Doctor clarissime rejicit, poenitentiam post baptismum necessitatem adstruens atque confirmans: *Quid enim proderet, inquit (lib. 1. de nupt. & concup. c. 33.)*

vel,

vel ante baptismum poenitentia, nisi baptismus sequeretur, vel postea nisi precederet? in ipsa quoque Dominica oratione, quæ quotidiana est nostra mundatio, quo fructu quo effectu diceretur: dimitte nobis delicta nostra: nisi ab eis qui baptizati sunt, diceretur? itemque elemosynarum largitas & beneficentia quantalibet, cui tandem ad dimittenda peccata prodesset, si baptizatus non esset? postremo Regni celorum ipsa felicitas, quorum eris nisi baptizatorum?

Inst. 6. atqui S. Aug. peccatorum remissionem ita baptismi acceptam refert, ut hanc indulgentiam Sacramento poenitentiae tamquam proximæ causæ nulla ratione tribuat. Ergo &c.

Prob. subs. S. Doctor hæc Christi verba expendens: (Matth. 12 in Joann.) Quorum remiseritis peccata remittuntur eis, & quorum retinueritis retenta sunt: Caritas Ecclesiae, inquit, dimittit peccata participum suorum, aliorum autem tenet.

Hinc sic disputant:

Ille ad dimittenda peccata nullam Sacramentum poenitentiae tribuit efficaciam, adeoque nec Sacramentum hoc noverat, qui docet peccata condonari per caritatem Ecclesiae; atqui ita S. Augustinus. Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritatem, & dist. maj. ille ad dimittenda peccata, nullam Sacramento poenitentiae tribuit efficaciam, qui docet ea dimitti per caritatem Ecclesiae, tamquam per causam effectivam, conc. tamquam per causam impetratoriam, n. maj. similiter dist. min. S. Au. docet, peccata remitti per caritatem Ecclesiae, tamquam per causam impetratoriam, conc. tamquam per causam effectivam, n. min. & consequ.

E. R. Ad mentem S. Augustini, remittunt peccata Sacerdotes, remittit pariter & Ecclesiae caritas, aliter tamen atque aliter: Sacerdotes enim Christi & Ecclesiae ministri, potestate judiciaria sibi a Christo concessa hoc faciunt, Sacramentum videlicet conferendo, cui peccata instrumentaliter tollere, divina institutione est attributum: caritas autem Ecclesiae hunc ipsum effectum, orationibus ac supplicationibus impetrat, sicut enim in baptismo remissio peccatorum, fidei Ecclesiae merito tribuitur; sic & in poenitentia, reconciliatio vera quadam ratione gemitibus columbae adscribitur, quæ pro peccatoribus Patrem misericordiarum rogare non desinit, ut det illis cor penitens, eosque a viis malis ad viam justitiæ revocet, quod autem S. Doctor in Sacerdotibus veram peccata, per Sacramenti poenitentiae largitionem, condonandi potestatem agnoverit, præter cetera ejus testimonio, invile probat quod ex ejus ad Honra-

tum Ep. supra descripsimus: *An non cogitamus*, inquit, *cum ad istorum periculorum (sacerviente persecutione) pervenitur extrema, nec est potestas ulla fugiendi, quantus in Ecclesia fieri soleat ab utroque sexu, atque ab omni ætate concursus, aliis baptismum flagitantibus, aliis reconciliationem, aliis etiam poenitentiae ipsius actionem, omnibus consolationem, & Sacramentorum confessionem & orationem?* &c. numquid enim vero ita loqueretur S. Doctor, si putaret peccata post baptismum commissæ, vel sola Ecclesiae caritate, vel sola baptismi ante suscepti recordatione deleri?

Inst. 7. si potestate ligandi atque solvendi a Christo tradita Apostolis, velut fundamento Sacramentum poenitentiae niteretur; tam esset proprium Sacramenti ligare quam solvere; atqui consequens est absurdum: quis enim dixerit, ideo esse aliquod Sacramentum divinitus institutum, ut per illud homines peccati vinculo magis obstringantur: cum e contrario Sacramenta debeant ad peccatorum vincula solvenda institui? Ergo &c.

R. Nego maj. ligandi equidem solvendi potestas, Apostolis eorumque successoribus data est: cum illo tamen discrimine quod potestatem solvendi, Sacramentum conferendo, ligandi & contra hoc ipsum Sacramentum, absolutionem scilicet, & reconciliationem negando exerceant, doceat nimirum peccatores corda sua Deo bene præparasse adverterint; itaque solvere a peccatis, poenitentiae Sacramenti proprius effectus est; ligare vero non Sacramento convenit, sed ministro Sacramentum neganti aut suspendenti: quæ de re dicitur loco suo uberius, ubi de clavium potestate agitur.

Vero tamen aliquo sensu dici potest, tamen esse proprium Sacramenti ligare quam solvere; si nimirum hoc de satisfactione intelligatur, ligant enim in Sacramento poenitentiae Sacerdotes, cum satisfactionis modum & tempus imponunt: solvunt, cum de rigore poenitentiae, & penarum austeritate aliquid iuxta de causis remittunt: prout uberius, questionibus de satisfactione & indulgentiis ostendetur.

Inst. 8. atqui Patres præter baptismum, non aliud Sacramentum agnoscunt, peccatis remittendis divinitus destinatum. Ergo &c.

Probat subs. inter ceteros sic loquitur S. Patricius: (*serm. ad competentes*) *Iterum, dilectissimi, semel ablui, semel liberamur... semel felices sunt, quorum remissa sunt facinora, & quorum tellus sunt peccata: tenere foriter, quod accepistis, servate feliciter: amplius peccare nolite: purus vos & immaculatos in diem Domini reservate.*

Hinc sic disputant:

Ille existimat, præter baptismum, nullum esse.

se Sacramentum quo peccata remitti possint, qui ita ad catechizandos loquitur, quasi post baptismum labentibus nullum remedium superesset; atqui sic loquitur S. Pacianus. Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritatem, & concessa maj. n. min. in hoc enim & similibus testimoniis nec verbum occurrit, unde vel leviter adstruatur, S. Doctorem de veritate Sacramenti poenitentiae dubitasse: nam laudare vim & efficacitatem baptismi, profecto non est Sacramentum poenitentiae tollere, aut ejus virtutem extenuare: porro hic unus S. Paciani eo loci scopus est, baptismi virtutem & excellentiam prædicare, hortarique competentes ad perseverandum in innocentia per regenerationem accepta; minime ergo inde probatur, quod negaverit poenitentiam esse Sacramentum, præsertim cum aliunde certum sit, Novatianos, qui volebant quædam esse peccata irremissibilia, a nemine solidius refutatos.

Inst. 9. si patres putaverunt, poenitentiam verum esse, & diversum a baptismo Sacramentum, qui fieri potuit, ut de hoc tam mirabili remedio parcedeo & obscure sermonem habuerint? nam de baptismo quidem præclarissime disseruerunt: de secunda vero post baptismum poenitentia, sic implexa & involuta eorum testimonia sunt, ut certum ex illi argumentum, ad causam Ecclesiae Catholicae adjuvandam, erui vix ac ne vix quidem posse videatur: deinde, quod notabilis est, prius ætatis scriptores tam alte de hoc Sacramento silent, ac si de illo instituendo Christus nequidem cogitasset, quod non leve præjudicium est, non divina ejus auctoritate, sed præsumptione hominum, post Apostolica tempora serius invecum.

R. Meram hanc Calviniaorum cavillationem putidamque esse calumniam: Sanctos enim Doctores de Sacramento poenitentiae, apertissime, data occasione esse locutos, constat ex innumeris eorum testimoniis, quorum partem aliquam superius in probationem attulimus, quæque qui conantur eludere, cæcos se de fin. errore obstinatos demonstrant: numquid, enim, obscure Tertullianus locutus est, quando dixit, *Clausæ ignorantie janua, & in infirmitatis serva obstruita, collocatæ Deum in vestibulo poenitentiam secundam, quæ pulsantibus patet*: numquid S. Cyprianus, quando refert, communi coepiscoporum suorum Concilio, constitutum, ut qui se sacrificiis maculassent, agerent diu poenitentiam plenam, neque pacem nisi sub idu mortis acciperent, si periculum infirmitatis urgeret? Numquid S. Pacianus, quando ligandi & solvendi potestatem habere Episcopos inde probat, quia *lavacri & Chrismales habent potestatem, nec minus ligare possunt ac solvere, quam baptizare & Spi-*

ritum S. dare? Numquid S. Joannes Chrysost. quando affirmat, *plus esse datum presbyteris per hæc verba: quæcumque alligaveris in terra, erunt alligata & in celo, quam Angelis & Archangelis concessum fuerit: & Sacerdotes non solum cum regenerant, veram etiam post baptismum, condonandorum peccatorum obtinere potestatem*? Numquid S. Ambrosius, quando poenitentiam cum baptismo ita confert, ut asserat, *nihil interesse, utrum per poenitentiam, an per lavacrum, jus remittendi peccata sibi Sacerdotes vindicent*? numquid Cyrillus Alex. cum asserit, Sacerdotes duobus modis peccata remittere ac retinere: *Vel cum dignos admittunt ad baptismum & indignos arcent, vel cum filios Ecclesiae peccantes corripiunt, & poenitentibus ignoscunt*? numquid S. Hieronymus, duobus maxime Sacramentis baptismum & poenitentiam, *Sanguinem Christi nobis applicari affirmans*? Numquid S. Augustinus quando reconciliationem & actionem poenitentiae cum baptismo comparat, & utriusque potestatem, Sacerdotibus æqualiter vindicat? numquid S. Leo, quando hanc præpositis Ecclesiae a Christo potestatem traditam attestatur, ut *& confitentibus actionem poenitentiae dent, & eosdem salubri satisfactione purgatos, ad Communionem Sacramentorum per januam reconciliationis admittant*?

Quid plura? numquid ambigua vel obscura vox Ecclesiae est, in suis ubique Sacramentariis & Ritualibus libris, modum ac formam confessionis, absolutionis, satisfactionis ex instituto antiquissimo præscribens?

Age vero nunc, ostendant nobis Lutherani & Calvinistæ, de doctrinæ antiquitate temerario contentantes: ostendant, inquam, unde aut quo magistro acceperint, poenitentiam nihil quidquam esse præter novam vitam, vitæque veteris odium ac detestationem necessario non includere: per baptismum nova præterita tantum, sed & futura peccata anticipato remitti: poenitentiae Sacramentum, ipsissimum esse baptismum, cujus solius recordatione, peccata quælibet quantumvis gravia remittuntur: satisfaciendi Deo nullibi præceptum extare: nihil posse in reconciliandis poenitentibus Sacerdotes: evolvant veterum Patrum scripta; decreta Conciliorum, responsa Pontificum: & si quid alicubi suis opinionibus congruens aut affine occurrerit, plaudant sibi, per nos licet, de majorum auctoritate, nostræque doctrinæ insultent: quod si, ut revera est, hoc non possunt, afferant saltem plausibilem rationem, cur sibi licuerit schisma facere, & antiquam doctrinam nefarius introductis opinionibus conturbare.

At, inquit, negare saltem non possumus, 1. & 2. sæculo Sacramentum poenitentiae fuisse

se incognitum, cum ejus nulla his temporibus mentio fiat.

R. Nego incognitum fuisse, etsi (nec enim diffitemur) rarissima de hac re primis illis ætibus Patrum documenta occurrant: nec enim id omne negari putandum est, quod sileat: præsertim si de ejus veritate certissimis argumentis aliunde constiterit: hujus porro silentii multiplex causa affertur.

1. Fuit, quia ut plurimum ad Gentiles & catechumenos Patres verba dirigebant, quos non de Sacramento penitentiae, sed de baptismo oportebat prius edoceri.

2. Fuit, aurei hujus sæculi felicitas, quæ tanta erat, ut qui Christo semel dedissent nomen, in innocentia per baptismum accepta penes omnes perseverarent, & vestem nuptialem illibatam ad exitum usque servarent: frustra enim id genus non tam hominibus quam angelis fuisset, frequens ad secundam, cujus non indigebant, penitentiam exhortatio: ubi enim morbus non est, officium medici, nec medicinæ commendatio requiruntur.

3. Huic proxima fuit, quod vererentur Patres ne facilitas remedii, occasio fieret & incentivum peccandi: ita enim a natura homo est comparatus, ut malum non multum reformidet, cui sciverit præsentem & opportuno remedio facile posse succurri: id quod præclarissime Tertullianus in libro de penitentia explicat: ubi postquam a c. 1 ad 6 de penitentia ante baptismum agenda tractavit, c. 7 sic prosequitur: *Huc usque Christe Domine, de penitentis disciplina servis tuis dicere vel audire contingat, quo usque etiam delinquere non oportet: nihil jam de penitentia noverint, nihil ejus requirant, piget secunda, imo jam ultima tpei subtexere mentionem, ne tractantes de residuo auxilio penitendi spatium adhuc delinquendi demonstrare videamur: absit ut aliquis ita interpretetur, quasi sibi etiam nunc patet ad delinquendum (via,) quia patet ad penitendum; & redundantia clementiæ celestis, libidinem faciat humane temeritatis: nemo idcirco deterior sit, quia Deus melior est, toties delinquendo, quoties ignoratur.*

Inst. 10 & ultimo: si penitentiam verum esse Sacramentum, constans & indubitatum dogma foret, perpetua Ecclesiæ traditione certitudo ejus asseri posset; atqui deest huic dogmati continuata & nusquam interrupta traditio: nam ab hac doctrina libere recesserunt:

1. In Latina Ecclesia veteres quidam scholastici, qui Sacerdotis absolutione nullam produci gratiam contendebant.

2. Longe plures in Oriente, qui nullum fere confessionis ac penitentiae usum habere comperiuntur. Ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. Nemo enim unquam Catholicus audiit, qui veritatem & existentiam hujus Sacramenti negaverit.

Jam quod de Latinis quibusdam opponitur, eundem non diffitemur, aliquos ab antiqua simplicitate recedentes, vanisque introductis subtilitatibus, dogma Catholicum magis obscurasse quam explicasse; sed negamus quemquam esse repertum, qui penitentiam Sacramentorum numero excluderet: verum etiamsi in tanta scholasticorum turba aliquis forte a communi sententia recessisset, nihil hinc præsidii haberent hæretici: ut enim eleganter admonet S. Augustinus, (Ep. 50 ad Bonifac.) *Quid divina testimonia non sequuntur, pondus humani testimonii perdiderunt*: porro quæ paucorum opponitur aberratio, inquit ibidem in causa simili S. Doctor, *non de 1 ge Dei, non de præconio Prophetarum, non de sanctitate psalmorum, non de Apostolo Christi, non de Christi eloquio recitatur.*

Idemque de Græcis & Orientalibus affirmamus, a quibus penitentiam Sacramentis Evangelicis accenseri, nemo dubitabit, qui eorum Eucbologia, nomocanones, & penitentiales libros, publica auctoritate probatos, consuluerit: in iis namque non secus ac in Ritualibus Latinorum, contritionis, confessionis, satisfactoriis, & Sacerdotalis absolutionis necessitas, modus, & norma præscribitur, quodque validissimum eorum cum Latina Ecclesia consensio est argumentum; veritatem Sacramenti penitentiae & institutionem divinam, iisdem Evangelii verbis adstruunt, quibus Latini utuntur: *Accipite Sp. Sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt.* Hinc etsi contra Græcos in Conciliis Lugdunensi, & Florentino, & sæpe alias querimonie de rebus ad fidem pertinentibus fuerint, nulla tamen de Sacramentis, & nominatim de penitentia quaestio usquam habita est, quia nimirum bene nostri noverant Græcos secum in septenario numero consentire.

Quod porro opponebatur, Orientales nullum fere confessionis & penitentiae usum habere, triplici exceptione refellitur: 1. est, non magnam mereri fidem plerosque historicos, Theologos, & itinerum descriptores, qui Græcos violatæ fidei accusarunt: quales fuerunt *Caucus, Guido Carmelita*, & perique alii, qui propriis præjudiciis impediti quidquid in ritibus Græcorum & Orientalium diversum a nostris comperiebant, continuo quasi fidei contrarium damnare non dubitarunt: 2. non inde probari quod Sacramentum aliquod esse negetur, quia negligitur aut in praxi contemnitur; adeoque etiamsi certo adstrueretur, a plerisque orientalibus penitentiae & confessionis Sacramentum

mentum

mentum non frequentari, hoc unum sequeretur, malos in his Regionibus, uti & in nostris esse Christianos: quod non negamus: 3. est, si forte eorum aliqui divini dogmatis hostes fuerint, & Cyrilli Lucaris exemplo poenitentiam numero Sacramentorum excluderint, pro Hæreticis habendos, eosdemque cum Lutheranis & Calvinistis anathemate feriendos: rediit idem sæpius argumentum, ubi de confessione, satisfactione & absolutione agemus.

Monitum.

Quo facilius vanæ retundantur hæreticorum cavillationes, & SS. Patrum auctoritatibus vel truncatis, vel perperam intellectis contra veritatem Sacramenti poenitentiae importunius disputantium: notandum scripturæ verba ex Matthæo & Joanne adducta, præter proprium ac literalem sensum, quem in iis Catholica Ecclesia semper intellexit, posse in alios minus proprios, juxta quorundam Patrum interpretationem inflecti: sic enim verba S. Matthæi: *Quaecumque alligaveritis super terram, erunt alligata & in celo: & quaecumque solveritis super terram, erunt soluta & in celo*: S. Augustinus, Theophylactus, & alii, non modo de potestate clavium; sed etiam de correctione fraterna interpretantur, cujus faciendæ auctoritas, non Sacerdotibus tantum, sed & ipsis Laicis convenit: hæc eadem verba S. Hieronymus, in c. 14 Isaïæ de prædicandi ministerio explicat: quin & nonnulli de potestate conferendi baptismi intelligunt: verum nihil hinc contra Catholicum dogma eruitur; cum aliunde certum sit, S. Aug. Hieronymum, Theophylactum, & alios Sacramentum poenitentiae propugnasse, & iis ipsis scripturæ testimoniis esse usos, ad sacrum dogma tuendum.

§. QUINTUS.

Quo tempore fuerit Sacramentum poenitentiae institutum.

Sequitur ad quæstionis coronidem levis in institutionis tempore difficultas, pro cujus resolutione

Advertendum 1, aliud esse poenitentiam, aliud Sacramentum poenitentiae prædicare. Christus equidem statim ac visibile ministerium, propter quod missus a Patre fuerat, obire cepit, divinus poenitentiae præco fuit, neque ab hoc officio toto prædicationis tempore destitit: quin & plerosque peccatores, summa qua prædictus erat excellentiæ potestate a vinculis peccatorum absolvit, nec tamen hinc sequitur quod jam tum esset Sacramentum poenitentiae insti-

tutum, tota enim ejus adhortatio ad virtutem poenitentiae pertinebat, nec Sacramentum impartiendo, cujus subsidio non egebat, sed suprema judicandi potentia, a peccatorum vinculis liberabat, cujus quidem auctoritatis insignie exemplum dedit, quando paralitico in lecto jacenti, corporis simul & animæ sanitatem restituit. Ecce, inquit Matthæus (c. 9, 2, seqq.) offerebant ei paraliticum jacentem in lecto: & videns Jesus fidem illorum, dixit paralitico, confide fili, remittuntur tibi peccata tua: & ecce quidam de scribis dixerunt intra se, hic blasphematur, & cum vidisset Jesus cogitationes eorum, dixit: ut quid cogitatis mala in cordibus vestris? quid est facilius dicere: dimittuntur tibi peccata tua: an dicere surge & ambula? ut autem sciat quia filius hominis habet potestatem in terra dimittendi peccata, tunc ait paralitico: surge, tolle lectulum tuum, & vade in domum tuam; & surrexit, & abiit in domum suam: videntes autem turbæ timerunt, & glorificaverunt Deum qui dedit potestatem talem hominibus.

Advertendum 2, aliud esse Sacramentum promittere, aliud instituire. Promisit quidem Christus antequam pateretur & resurgeret, se aliquando poenitentiae Sacramentum instituturum, quando Petro dixit: (Matt. 16, 19) Tibi dabo claves regni celorum: & quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in celis: & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in celis. Eandemque paulo post promissionem omnes Apostolos alloquendo confirmavit his verbis: (Matt. 18, 18) Amen dico vobis, quaecumque alligaveritis super terram, erunt ligata & in celo: & quaecumque solveritis super terram, erunt soluta & in celo. Sed non continuo sequitur, quod eo ipso tempore promissis steterit, jam tum Sacramentum instituendo: cum enim, ut advertit S. Thomas, (3. p. q. 24, art. 7) hoc Sacramentum efficaciam habeat, ex virtute nominis Jesu Christi patientis & resurgentis, conveniens admodum fuit, ut post resurrectionem Salvatoris plene & perfecte instituere, & virtus ejus prædicaretur, secundum illud Lucæ ultimo, v. 46, & seq. Sic oportebat Christum pati, & resurgere a mortuis tertia die: & prædicari in nomine ejus poenitentiam, & remissionem peccatorum in omnes gentes.

Superest itaque, ut eo dicamus tempore institutum, quo post resurrectionem apparens Apostolis, in eosque insufflando dixit: (Joann. 20, 22) Accipite Sp. Sanctum: quorum remissionis peccata remittuntur eis, & quorum retinueritis retenta sunt: hæc esse Concilii Trid. sententia: Dominus autem, inquit, (Sess. 14, c. 1) Sacramentum Poenitentiae tunc præcipue insti-

instituit, cum a mortuis excitatus, insufflavisset in discipulos suos dicens: Accipite Sp. remiseritis peccata, Sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis: & quorum retinueritis, retenta sunt: Quo tam insigni factio, & verbis tam perspicuis, potestatem remittendi & retinendi peccata ad reconciliandos fideles post baptismum lapsos, Apostolis & eorum legitimis successoribus fuisse communicatam, universorum Patrum consensus semper intellexit.

Et alio in loco: (Sess. 6, c. 14) Pro iis, qui post baptismum in peccata labuntur, Christus Jesus Sacramentum instituit penitentiae, cum dixit: Accipite Sp. Sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt.

¶ Quare autem hujuscæ Sacramenti institutionem Christus distulit post suam resurrectionem, cum cætera ante mortem suam instituerit, nulla reapse potior ratio assignari valet, præter ipsam instituentis voluntatem. Quædam tamen in hanc rem afferri a Theologis solent congruentiæ, quarum ex præcipua videtur: quod cum Christi resurrectio sit exemplar nostræ justificationis, qua a peccato resurgimus, juxta illud Apost. ad Rom. 4: traditus est propter delicta nostra, & resurrexit propter justificationem nostram; congruum erat ut exemplar præcederet imaginem: ut quemadmodum Christus resurgens ex mortuis, jam non moritur; sic qui a peccato, qui mortuus fuerat, resurgit, haud amplius moriatur. ¶

Sequitur

QUÆSTIO TERTIA.

De partibus Sacramenti penitentiae generatim.

Omnia & singula legis novæ Sacramenta diversis constare partibus, quas materiz & formæ nominibus appellare, non scholarum tantum, sed ipsius Ecclesiæ usu receptum est, constat ex dictis l. 1. de Sacramentis in genere: cum itaque præcedenti quæ demonstrationem fuerit, penitentiam in Evangelicis Sacramentis habere locum: consequens est, ut de ejus partibus generatim in præsentem dicamus: generatim, inquam; de singulis enim, quæ & quales sint, in sequentibus quæ plenior pro regravitate futurus est sermo.

Est vero illud penitentiz proprium, quod in duplici versetur materia: & ad unam quidem abolendam conatus ejus omnis & efficacia, divina gratia operante, contendat: altera vero ad hunc effectum assequendum, velut instrumento utatur: quemadmodum enim in arte medica, morbus est materia expellenda, re-

De Re Sacram. Tom. III

medium vero, materia quam adhibet contra morbum: sic in penitentia, quæ medicina animæ est, peccatum est materia extirpanda: remedium quod ad hunc finem obtinendum usurpat, materia ejusdem propria & intrinseca nuncupatur.

Hæc itaque quæstio 3 capitibus continetur: 1 de materia per penitentiam destruenda: 2 de materia intrinseca Sacramenti: 3 de forma futurum est.

CAPUT PRIMUM.

De materia per Sacramentum penitentiae abolenda.

ET illam quidem peccatum actuale esse, si-ve mortale si-ve veniale, ab homine baptizato commissum facile intelligitur.

Nam 1. Peccatum originale, & peccata actualia, quæ baptismum præcesserunt, non posse esse hujus Sacramenti materiam, vel inde probatur, quod penitentia sit secunda post naufragium tabula; ergo ante se necessario supponit baptismum, qui nisi præcesserit, Sacramentum penitentiz locus esse non potest.

Deinde: in iis tantum peccatis versatur penitentiz Sacramentum, quæ Ecclesiæ jurisdictioni subjecta sunt; atqui peccata nondum baptizatorum Ecclesiæ jurisdictioni non subjacent: Ecclesiam enim, ait Concilium Trid. (Sess. 14, c. 2) in neminem exercet judicium, qui non prius in ipsam per baptismum januam fuerit ingressus: quid enim mihi, ait Apostolus 1 Cor. 5, 12, de iis qui foris sunt judicare?

Præterea: Peccato originali, aliisque propria voluntate ante baptismum commissis, baptismus ipsum est divinitus præparatum, ut hoc salutari remedio expientur, quotquot nomen Christo dare volunt, & fieri compositos Regni cælestis: de illo enim est dictum: (Joan. 3, 5) Nisi quis renatus fuerit ex aqua & Sp. Sancto, non potest introire in Regnum Dei... &: (Act. 2, 38) penitentiam agite, & baptizetur unusquisque vestrum in nomine Jesu Christi, in remissionem peccatorum vestrorum: hæc ergo peccata penitentiz Sacramenti materia esse non possunt.

2. Quod peccatum actuale post baptismum perpetratum, si-ve mortale si-ve veniale, materia sit, ad quam abolendam Sacramentum penitentiz, divina institutione est ordinatum, sic probamus: eodem modo se habet penitentia erga peccatum, quo erga morbum medicina; atqui medicina de se ad omnem morbum sanandum dirigitur; ergo de penitentia idem dicendum.

G

Al-

Aliter tamen & aliter ad illam pertinet peccata mortalia & venialia expugnare: nam mortalia, ideo dicta quod mortem animæ inferant, necessaria Sacramenti materia sunt: quod de venialibus dici non potest: rem ita explicat Concilium Trid. (sess. 14, c. 5) *Ex institutione Sacramenti penitentis jam explicata, universa Ecclesia semper intellexit, institutam etiam esse a Domino integram peccatorum confessionem, & omnibus post baptismum lapsis jure divino necessariam existere: quia Dominus noster Jesus Christus e terris adscensus ad celos, Sacerdotes sui ipsius vicarios reliquit, tanquam prædes & judices, ad quos omnia mortalia crimina deferantur, in que Christi fideles ceciderint, quo pro potestate clavium, remissionis aut retentionis peccatorum sententiam pronuntiant: constat enim Sacerdotes iudicium hoc, incognita causa exercere non potuisse, neque aequitatem quidem illos in penis injungendis servare potuisse, si in genere duntaxat, & non potius in specie ac sigillatim, sua ipsi peccata declarassent: ex his colligitur, oportere a penitentibus omnia peccata mortalia, quorum post diligentem sui discussionem, conscientiam habent, in confessione recenseri: etiam si ocululissima illa sint, & tantum adversus duo ultima decalogi præcepta commissa, quæ nonnumquam animum gratius sauciant, & periculosiora sunt iis, quæ in manifestum admittuntur. Nam venialia, quibus a gratia Dei non excludimur, & in quæ frequentius labimur, quamquam recte & utiliter, citraque omnem præsumptionem in confessione dicantur, quod piorum hominum usus demonstrat; taceri tamen circa culpam, multisque aliis remediis expiari possunt: verum cum universa mortalia peccata, etiam cogitationes, homines iræ filios & Dei inimicos reddant; necessarium est omnium etiam veniam, cum aperta & verecunda confessione a Deo querere; itaque dum omnia quæ memorie occurrunt peccata Christi fideles confiteri student, procul dubio omnia divine misericordie ignoscenda exponunt: qui vero secus faciunt, & scienter aliqua retinent, nihil divine bonitati per Sacerdotem remittendum proponunt. Si enim erubescat egrotus vulnus medico detegere, quod ignorat medicina non curat.*

Plenus ista, q. 5 sequente, ubi de confessionis necessitate & integritate agitur, explicabuntur: una interim hic occurrit difficultas gravissima diluenda: utrum scilicet ita omne peccatum actuale penitentis Sacramento subiaceat, ut nullum penitus sit, quod clavium superet ac fugiat potestatem? sic ab initio Catholica Ecclesia tenuit. Obstitit tamen livore malo & inveterata malitia diabolus,

qui ut homines a spe divinæ misericordie dejectos in desperationem adduceret, eoque redderet ad peccandum procliviores, quo minus penitendi locus relinqueretur; exitiabiles Montanistarum & Novatianorum hæreses, 2, & 3, sæculo excitavit.

§. PRIMUS.

Errores recensentur.

Montaniste.

Nomen illi & hæresim a Montano traxerunt, qui 2 sæculo in Phrygia Asiæ minoris provincia natus est: defectionis ejus a fide occasio, Episcopatus ambitio fuit: in cujus vindictam criminis divinitus traditus est satanæ. Præstigiis variis, per minorem Asiam plurimos diu multumque delusit, sed arte adcorecondita, ut Catholicis ipsis dubium fecerit, diabolicis ne incantamentis, an Sp. Sancto afflatus prodigia ederet? Paracletum se esse Spiritum, sacrilega temeritate mentiebatur: Priscillam & Maximillam perditissimas, quas sibi addixerat, sceminas, velut prophetissas multum commendabat: per illos, inquit S. Hieronymus, (in *Epist. ad Ctesiphontem*) multas Ecclesias primum auro corruptis, deinde bere si polluit.

Inter cæteros ejus errores fuit ille perniciosissimus, quod clavium potestatem imminuendo, certis criminibus aditum omnem veniæ ac reconciliationis præcluderet. Peccata enim in duas, ut prædiximus, classes, Montanus ejusque sequaces partiebantur: alia, sive quod natura levia forent, seu quod adversus hominem perpetrata, posse ab Ecclesia condonari assentiebant: alia vero tum propter ingentiam gravitatem, tum quod contra Deum commissa forent, irremissibilia contendebant: quam vero denegabant Ecclesiæ, Montano, paraclete scilicet suo, & aliis qui donis celestibus præfulgerent, liberaliter concedebant auctoritatem: hinc duplicem Ecclesiam distinguebant; Spiritus unam, quæ in Patre, Filio, & Sp. Sancto consisteret, verèque peccata per spirituales homines condonaret: alteram Episcoporum, quæ præter leviorum culparum condonationem nihil posset: Ecclesia, inquit Tertullianus (*lib. de pudic. c. 2*) equidem de illa donabit, sed Ecclesia Spiritus per spirituales hominem, non Ecclesia quæ est numerus Episcoporum: Domini enim, non famuli est jus & arbitrium, (absolvendi) Dei ipsius, non Sacerdotis.

Tertullianus.

conciliandis, a Christo Domino nostro institutum: anathema sit.

PROBATIO PRIMA.

Ex inexhausta Dei misericordia.

In hanc adeo absurdam hæresim Tertullianus, magno Ecclesie scandalo, nec minore populi Dei tentatione prolapsus est: quis enim non stupeat, virum tanta doctrinae luce commendabilem, in divinis & humanis litteris labore tantum felici exercitatum, cujus per omnes Ecclesias nomen cum summa admiratione celebratur; cujus quot verba tot sententiae: quot sensus, tot contra Marcionem, Apellem, Praxeam, Hermogenem, Judæos, Gentiles, Gnosticos, cæterosque victoriæ fuerant: quis unquam non stupeat, sui ipsius oblitum, mutataque deinceps sententia, novellas Montani furias, & insana Fanaticarum mulierum somnia, tanta facilitate esse secutum, ut Montanum pro Sp. Sancto haberet, & præter cætera plenissima vanitatis commenta, lapsis, post baptismum iter poenitendi præcluderet? sed non est illud frustra a Sp. Sancto dictum: Deus resistit superbis: humilibus autem dat gratiam.

Novatianus.

Novatus Carthaginensis Ecclesie Presbyter, medio circiter 3 sæculo, magnum in Ecclesia discordiæ ignem accendit; duoque schismata vel excitavit vel fovit, quæ contrarius excessibus in Ecclesie perniciem pariter conspirabant. Nam

1. Carthagine Felicissimi Diaconi partes amplexus est, qui perniciose indulgentia, nullam lipsis prænam, nullum satisfactionis laborem imponi volebat.

2. Africa pulsus, & communi Episcoporum Africanorum consensu excommunicatione percussus, aut propemodum plectendus, Romam perrexit, ubi Novatiani Anti-papæ factioni adhæsit, cujus capitalis error erat, indulgentiam erga lapsos Ecclesie esse exitialem, nullumque ad remittenda peccata gravioris Sacerdotibus jus inesse. (1). Contra illos sit.

§. SECUNDUS.

Ostenditur, nullum prorsus esse peccatum, quod non possit per poenitentiam expiari.

Fidei hæc assertio est, divinitus in Scriptura & traditione revelata, expressa in Concilio Trid: his verbis: (Sess. 14, can. 1) si quis dixerit... poenitentiam non esse vere propter Sacramentum, pro fidelibus, quoties post baptismum in peccata labuntur, ipsi Deo re-

2. Veritatem hanc adstruunt oracula Scripturarum, quibus suprema Dei erga homines misericordia commendatur.

Lavamini, inquit Dominus, (1. 1, 16) (2. seqq.) mandati estote... quiescite agere perverſe, discite bene facere... Venite argue me: si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabitur: si fuerint rubra quasi vermiculus, velut lana alba erunt... (1b. 55, v. 6, 2. seq.) quærite Dominum dum inveniri potest, invocate eum dum prope est: derelinquat impius viam suam, vir iniquus cogitationes suas: revertatur ad Dominum, & miseretur ejus, ad Deum nostrum, quoniam multus est ad ignoscendum.

Si impius egerit poenitentiam (Ezec. 18, 21, 2. seqq.) ab omnibus peccatis suis quæ operatus est, & custodierit omnia præcepta mea, & fecerit judicium & justitiam, vita vivet, & non morietur: omnium iniquitatum ejus, quas operatus est, non recordabor: in justitia sua, quam operatus est, vivet. Numquid voluntatis meæ est mors impij, dicit Dominus Deus, & non ut convertatur a viis suis, & vivat?

Non veni vocare justos, sed peccatores, ait sapissime Christus in Evangelio (Mat. 9, 13) & S. Petrus: non tardat, inquit, (2. Petr. 3, 9) Dominus promissionem suam, sicut quidam existimant; sed patienter agit propter nos, nolens aliquos perire, sed omnes ad poenitentiam reverti.

Ex his, aliisque longe pluribus ejusdem sensus testimoniis sic instauro argumentum:

Atqui nisi Christus omnia peccata remittendi potestatem Ecclesie concessisset, haud facile intelligitur quomodo harum Scripturarum sententiarum constare veritas queat: nam quomodo summe misericors diceretur, cui aliquid plenam absolutamque misericordiam deesset? quomodo perire neminem vellet, sed omnes reverti ad poenitentiam, qui aliquorum quidem peccatorum remedium Ecclesie commisisset, aliorum vere negasset? quomodo tandem vere promississet, se omnium iniquitatum, quas operatus est impijs, non recordaturum, si peccatis aliquibus aditum ad reconciliationem immisericorditer intercluderet? ergo &c.

G 2 PRO-

(1) Hæc de re legendus D. Chardon. T. 2, lib. 1, c. 1. Historiæ Sacramentorum.

PROBATIO SECUNDA.

Ex Divinis comminationibus contra peccatores impenitentes effusis.

2. Id ipsum probant æternæ damnationis minæ, quas Deus peccatoribus penitentiam non agentibus ubique intendit.

Si averteris te justus, inquit, (Ex. 18, v. 24.) a justitia sua, & feceris iniquitatem secundum omnes abominationes quas operari solet impius, numquid vivet? omnes justitiæ ejus quas fecerat non recordabuntur: in prævaricatione qua prævaricatus est, & in peccato suo quod peccavit, in ipsis morietur.

Nisi penitentiam habueritis, ait Christus, (Luc. 13, 3, & 5) omnes similiter peribitis.

Idemque inculcat gravissimis verbis Apostolus in Ep. ad Rom. ubi postquam c. 1 atrocissima Gentilium scelera enumeravit, c. 2 sic prosequitur: (Roman. 2, 2, & seqq.) Scimus, quoniam judicium Dei est secundum veritatem in eos, qui talia agunt. Existimas autem, o homo, qui... facis ea, quia tu effugies judicium Dei? an divitiarum bonitatis ejus, & patientiæ, & longanimitatis ejus contemnis? ignoras quoniam benignitas Dei ad penitentiam te adducit? Secundum autem duritiam tuam, & impenitens cor tuum ibi in avaritiis tibi iram in die iræ, & revelationis justi judicii Dei, qui reddet unicuique secundum opera ejus; iis quidem, qui secundum patientiam boni operis gloriam, & honorem, & incorruptionem querunt, vitam æternam: iis autem, qui non acquiescunt veritati, credunt autem iniquitati, ira & indignatio, &c. quorum similia in veteri & novo testamento ubique occurrunt.

Atqui, inquit Tertullianus adhuc catholicus, (lib. de pæn. c. 2) non comminaretur non penitenti, si non ignoreres penitenti, ergo &c.

PROBATIO TERTIA.

Ex Testimoniis Scripturarum ad Sacramentum penitentię pertinentibus.

3. Nec est quod reponatur, auctoritates Scripturæ hæcenus allegatas, significare quidem nullum esse peccatum Deo irremissibile, (quod non inficias ibant Montanistæ & Novatiani:) non vero significare, quod omnia ab Ecclesia valeant per clavum potestatem remitti.

Nam ubi divina lex non distinguit, nullus effugio aut exceptionis locus relinquitur; atqui

Christus promittendo Sacramentum penitentię & instituendo, plenam Apostolis ad dimittenda peccata, sine exceptione facultatem fecit: quæcumque, inquit, alligaveritis, erunt ligata; quæcumque solveritis, erunt soluta... accipite Sp. Sanctum: sicut misit me Pater & ego mitto vos; quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, ergo &c.

Deinde misit Christus Apostolos, quomodo missus ipse a Patre fuerat: hæcque de causa dedit illis Sp. Sanctum; atqui non ut aliqua tantum peccata condonaret, missionem a Patre habuerat, qui venerat ut deleter omne peccatum, nec ad pauca, sed ad omnia abolenda virtus Sp. Sancti extenditur: ergo &c.

Præterea cum virtus penitentię, Sacramento ipsi materiam præbeat, non minoris efficacitatis in nova Lege putari debet, quam in veteri fuerit: imo eo major est existimanda, quo novæ dignitatis accessione, novum utique potentię gradum accepit; atqui in Lege veteri, quin & in ipsa lege naturæ, tanta fuit veræ penitentię efficacitas, ut ad omne, quantumvis atrox, peccatum expiandum, & penitus abolendum sufficeret; ergo multo magis in nova lege, ubi duplicata Dei misericordia, quæ mera virtus ante fuerat, Sacramentum effecta est, ad omne peccatum extendi debet.

¶ Huc accedit ea potestate præditam esse Ecclesiam per claves suas, cujus faciendi tum a Christo Domino, tum ab Apostolis, exemplum recepit, nempe gravia etiam, immogravissima peccata dimittendi. Nam, ut egregie S. Pacianus Episcopus urget quemdam Novatianum, quid ad illa tot similitudinum Dominicarum argumenta respondens? Quod drachmam invenit mulier, & gratulatur inventam? Quod Pastor ovem reportat errantem? Quod filio revertenti post prodacta omnia bona & cum meretricibus, & fornicariis epotata, Pater blandus occurrit? Filius, inquit, meus hic mortuus fuerat, & revixit: Quid ille in via vulneratus a sacerdote, & levita præteritus? Nonne curatur? Revolve, quæ spiritus dicat Ecclesiis. Ephesios deserta dilectionis accusat: stuprum Thyatirenus imputat, Sardos in opere cessantes, Pergamenes docentes diversa reprehendit: & tamen omnes ad penitentiam, satisfactionis invitat (1). ¶

(1) His ferme exemplis ac similitudinibus in eandem rem etiam usus est Tertullianus lib. de Pæn., antequam in Montanistarum errorem laberetur.

PROBATIO QUARTA.

Ex decretis Ecclesie contra Montanistas, & Novatianos.

4. Si credidisset Ecclesia, nullum sibi jus ad gravissima remittenda peccata divinitus esse datum, Montanistas, & Novatianos sic sentientes, laudare debuerat, nedum anathemate feriret; atqui longe aliter accidit: nam

1. Statim atque versus finem secundi sæculi (an. 171) vulgata est in Minori Asia doctrina Montanistarum, ab ejusdem Regionis Episcopis tamquam hæretica profligata est: nec multo post Gallicanorum Antistitem, ac tandem totius Ecclesie judicio condemnata: qua de re legi potest præter cæteros, Eusebius Cæsariensis in historia Ecclesiastica (lib. 5, Capp. 3, 15, 16, & 17).

2. Ex Sacris annalibus certum est, Novatianos 3 sæculo, Romæ in Concilio 60 Episcoporum longeque plurium Presbyterorum ac Diaconorum; (an. 255) eodemque pene tempore in Synodo Carthag. Episcoporum 42 damnatos & excommunicatos fuisse: hocque judicium 4 & 5 sæculo sæpe confirmatum; donec extincta sacrilega factio fuit, ergo &c.

PROBATIO QUINTA.

Ex traditione Sanctorum Patrum.

5. Tandem doctrina hæc velut catholica est tenenda, quam SS. Patres consensu unanimi propugnarunt; atqui nullum crimen esse, cui, ope clavium Ecclesie, non pateat nova ignoscencie janua, una voce Sacri Doctores affirmant.

Juvat & proferre Tertullianum, cujus de hac re, quando in castris Ecclesie militabat, præclarissima sententia fuit: omnibus ergo delictis, inquit (lib. de Pœnit. c. 4), seu carne, seu spiritu, seu factis, seu voluntate commissis, qui penam per judicium destinavit, idem & veniam per penitentiam spondit. . . . (ibid. cap. 7, & 8) non statim succidendus ac subruendus est animus desperatione, si secundum quis penitentia debitor fuerit, pigeat sane peccare versus, sed rursus penitere non pigeat. Pigeat iterum periclitari, sed non iterum liberari: neminem pudeat iterata valetudinis: iteranda medicina est, gratus in Dominum existeris; si quod tibi Dominus offert non recusaveris; offendisti, sed reconciliari adhuc potes. Habes cui satisfacias, & quidem volentem id si dubitas, evolvit quo Spiritus Ecclesie dicat. (Apostol. 1, & 3.) Desertam dile-

ctionem Episcopi imputat: statim & idolothorum eorum Thyatirensis exprobrat. Sardas non plenorum operum incusat: Pergamensis doctores perverbia reprehendit: Laodiceos fideles divitiis objurgat; & omnes ad penitentiam commonet, sub comminationibus quidem: non comminaretur autem non penitentes, si non ignosceret penitenti. Dubium, si non & alibi hanc clementie suae profusionem demonstrasset. Non ait: qui ceciderit, resurget, & qui adversarius fuerit, convertetur? Ille est scilicet, misericordiam inavult quam sacrificium? Letantur cæli, & qui illic Angeli penitentia hominis. Hæus tu peccator, bono animo sis: videbis ubi de tuo reditu gaudeatur. Quid illa similitudinem Dominicarum argumenta nobis volumus? Quod mulier drachmam perdidit, & requirit, & reperit, & amicas ad gaudium invitat, nonne restituit peccatoris exemplum est? Erat & una Pastori Ovicular: sed grex unacrior non erat: una illa conquiritur, una pro omnibus desideratur, & tandem invenitur, & Pastoris ipsius humeris refertur: multum enim errando laboraverat. Illum, etiam mississimum Patrem non tacebo, qui prodigum filium revocat, & post inopiam penitentem libens suscipit, immolat vitulum præcipuum, convivio gaudium suum exornat; quidni? Filium enim invenerat, quem amiserat: carivrem senserat, quem lucrificerat; quis ille nobis intelligendus Pater? Deus scilicet, tam Pater nemo, tam prius nemo: is ergo te filium suum, etsi acceptum ab eo prodergis, etsi nudus redieris, recipiet quia redisti: magisque de regressu tuo, quam de aliorum sobrietate letabitur: sed si peniteat ex animo: si famem tuam cum sativitate mercenariorum paternorum compares, si porcos, immundam relinquis pecus, si patrem repetas vel offensum: deliqui, dicens, Pater, nec dignus jam ego vocari filius tuus.

Ita Tertullianus, cui, quamdiu noster fuit, haud scio an in tota retro antiquitate aliquem audeas in vindicanda clavium potestate atque amplitudine comparare.

Eadem S. Cypriani in Concilio Carthagin. doctrina fuit, ubi, eo præside, communi Patrum consensu decretum est lapsos in persecutione, ad reconciliationem. peracta penitentia admittendos. Quod Decretum in Ep. ad Cornelium Pontificem memoras: (Ep. 54) Statueramus jam pridem, frater carissime, inquit, participato invicem nobiscum consilio, ut qui in persecutionis infestatione supplantati ab adversario & elapsi fuissent, & sacrificiis se illicitis maculassent, agerent diu penitentiam plenam, & si periculum infirmitatis urgeret, pacem sub idu moris acciperent. . . .

quan-

quando permiseris illo qui legem dedit, ut ligata in terris, etiam in caelis ligata essent, solvi autem possent illic, quae hic prius in Ecclesia solverentur.

Quorum similia in aliis ejusdem Ep. reperies. (Ep. 52, & 73).

Nec minus de hac re expressus est S. Joannes Chrysost. tum in libris de Sacerdotio, tum praeterim in parænesi 1 ad Theodorum Monachum, ubi: Talis est erga homines pietas Dei, inquit: numquam spernit poenitentiam, si ei sincere & simpliciter offeratur, etiamsi ad summum quis perveniat malorum, & inde tamen velit reverti ad virtutis viam, suscipit libenter & amplectitur, & facit omnia, quatenus ad priorem revocet statum.

S. Aug. Serm. 61 de verbis Dom. (al. 11) docet, poenitentia quorumcumque criminum locum in Ecclesia non negari: & ipsos hereticos ad hoc utique corripiendos. Apostolum dicere: (2 Timot. 2, 25) ne forte det illis Deus poenitentiam ad cognoscendam veritatem, & resipiscant a Diaboli laqueis, a quo captivi tenebantur ad ipsius voluntatem. . . . quis enim fructus correctionis sine ulla spe remissionis?

Et serm. 351 (al. 50, inter hom. 50) cap. 5: si jam de sanitate desperas, addis peccata peccatis, sicut scriptum est: (Prov. 18, 3) peccator cum venerit in profundum malorum, contemnit. Noli contemnere, noli desperare, clama etiam de profundo ad Dominum, & dic ei: De profundo clamavi ad te Domine: De tali Ninivite profundo clamaverunt, & hanc propitiationem invenerunt: facilius est evacuata comminatio Prophetæ, quam humiliatio poenitentis: hic fortasse dicis: sed ego jam baptizatus sum in Christo, a quo omnia mihi peccata prae terita dimissa sunt; nulli factus sum nimis, iterans vias meas, & canis horribilis oculis Dei, conversus ad vomitum suum: quo ibo a Spiritu ejus, & a facie ejus quo fugiam? Quo frater, nisi ad ejus misericordiam, poenitendo, cuius potestatem peccando contempnas? nemo enim velle fugit ab illo, nisi ad illum: ab ejus reverentia, ab ejus bonitate. . . . quidquid feceris, quaecumque peccaveris, adhuc in vias es, unde te Deus omnino, si sanare nolle, auferret; cur ergo ignoras, quia patientia Dei ad poenitentiam te adducit? Qui enim clamando, non tibi persuasit ut non recederes, pariendo clamat ut redas.

Eadem denique, ne in congerendis Patrum textibus diutius immoremur, sententia fuit: S. Paciani, in Ep. 1 ad Sempronianum Novatianum: S. Ambrosii L. 1 de poenit. cap. 2 & seqq. S. Hieronymi, multis locis: S. Epi-

phanii, hæc. 59, & omnium qui de Sacramento poenitentiae & clavium potestate, vel obiter, vel ex professo scripserunt: omni ergo genere argumentorum, Montanistarum & Novatianorum hæresis vincitur.

§. TERTIUS.

Solvuntur objectiones.

Opponebant Novatiani testimonium Scripturae, (lib. 1 Reg. 2, 25) si peccaverit vir in virum, placari ei potest Deus: si autem in Dominum peccaverit vir, quis orabit pro eo? cui simile est istud Joannis: (1 Joan. 5, 16) qui scit fratrem suum peccare peccatum, non ad mortem, petat, & dabitur ei vita peccanti, non ad mortem: esse peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis. Hinc sic argumentum contorquebant:

Peccatum, pro cuius condonatione Deum nec rogare quidem permittitur, est irremissibile, atqui aliquod hujusmodi esse peccatum scriptura multis locis significat, ergo &c.

R. Admitto auctoritates: ad argumentum concessa maj. n. min. nego, inquam, quædam esse peccata, pro quibus condonandis ne orare quidem liceat. Nihil enim in Scripturis frequentius inculcatur, quam quod Deus oratione pro admissis quantumvis inhumanis sceleribus ad misericordiam flecti possit: nam quæso, quod unquam peccatum fuit atrocius Diabolica machinatione Judæorum atque Gentilium, Christum Deum hominem crucis morti tradentium? Et tamen pro eis tanto scelere contaminatis oravit Salvator et patibulo pendens. Pater, inquebat, (Luc. 23, 34) Dimitte illis: non enim sciunt quid faciunt. Numquid pariter, Novatianis ipsis ac Montanistis fatentibus, maximum non fuit idololatriæ peccatum ab Hebræis in deserto perpetratum? Deum tamen, propter vitulum a populo adoratum precatum est Moyses, & veniam impetravit: (Exa. Capp. 32, & 33) itaque textuum, qui opponuntur, alius est ex mentem Patrum sensus exquirendus.

Et in 1 quidem, ubi legitur: quis orabit pro eo? non significatur Deum, si offensus ab homine fuerit, futurum inexorabilem; sed peccata contra supremam ejus majestatem commissa remitti. difficilius illi, quibus simplex homo lævus fuerit, & admodum paucos reperiri justos, ea præditos sanctitate, qua possint iram Dei placare, & ad misericordiam flectere: quomodo enim quando ait Christus: (Luc. 12, 42) quis putas est fidelis dispensator & prudens? & quando dicit Regius psaltes: (Ps. 14, 1) Domine quis habitabit in Tabernaculo,

tuo, aut quis requiescet in monte Sancto tuo? & quando sapiens anxius interrogat? (Prov. 31, 10) *mulierem fortem quis inveniet?* sensus non est, nullibi esse mulierem fortem; aut nullum esse fidelem œconomum; aut neminem in Tabernaculo Dei habiturum; sed paucos eos admodum esse in comparationem aliorum; ita ubi dicitur: *quis orabit?* non significatur absolute neminem esse, sed paucos occurrere qui tanta apud Deum præstent fiducia & auctoritate, ut audeant se pro peccatoribus interponere. Ita respondet S. Ambrosius: Non scriptum est, inquit, (lib. 1 de Pœnit. c. 9) nullus orabit pro eo: sed quis orabit? hoc est: quis illo sit, qui in tali causa orare possit, queritur, non excluditur.

In 2 pariter ubi dicitur: *est peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis:* non prohibet Apostolus, pro fratribus peccato ad mortem obstrictis fieri orationes: sed non audet hortari, ut oretur pro talibus cum ea impetrandi fiducia de qua proxime erat locutus (1 Joan. 5, 14, & 15) dicendo: *Hæc est fiducia quam habemus ad eum (Christum): quia quodcumque petierimus secundum voluntatem ejus, audit nos, & scimus quia audit nos, quidquid petierimus: scimus quoniam habemus petitiones quas postulamus ab eo &c.* peccatum enim ad mortem vocatur, ejus non agitur poenitentia, nec remorsus habetur, nec venia qua par est humilitate efflagitur: pro eo autem quis non videt frustra orandum, cum impoentia & obduracy peccatoris, preces omnes, quæ pro ejus conversione effundi possunt, quoad impoentem esse supponitur, irritas reddat? Ita respondet S. Aug. l. 1 de serm. Dom. in monte, c. 22, eodemque sensu S. Pacianus asseruit, (Ep. 3 ad Sympronianum) hæc Joannis verba ad peccata manentia pertinere, non ad eos qui aliquando peccaverint, & ceperint poenitere, antequam quisquam pro illis roget.

¶ Hæc quidem verosimilior videtur ad hunc locum responsio. Nihilominus alias etiam explicationes ejusdem afferunt SS. Patres. Ambrosius l. 1 de pœnit. c. 10 existimat non excludi a S. Joanne quancumque pro hujusmodi peccatore deprecationem; sed insinuari dumtaxat quam difficile sit invenire, qui hac in parte apud Deum intercedendi munus obire valeat. S. Hieronymus l. 2 cont. Jovin. putat eo loci non veniæ impossibilitatem significari, sed singulari difficultatem: *cernis, inquit, quod si pro peccatis minoribus deprecemur, impetramus veniam: si pro majoribus, difficilis impetratio sit.* S. Pacianus Ep. 3 ad Sympronian. S. idem Hieronymus in c. 14 Jerem. S. Aug. lib. de correptione & gratia pecca-

tum ad mortem illud intelligunt, in quo quis absque poenitentia ex hac vita decedit, quod utique nunquam amplius dimittitur, cum nulla redemptionis sit apud inferos. Ego dico, inquit Aug. peccatum ad mortem esse, fidem, quæ per dilectionem operatur, deserere usque ad mortem. Eodemque modo peccatum hocce intellexerunt Patres Concilii Nicœni II, can. 5: *peccatum ad mortem est, quando quidam peccantes incorrepti perisistunt.* ¶

Inst. 1. atqui ita sunt hæc testimonia intelligenda, quod per ea significetur, aliqua esse peccata penitus irremissibilia: ergo &c.

Prob. subs. verbis Christi: (Matth. 12, 31, & seq.) ideo dico vobis, omne peccatum & blasphemia remittetur hominibus: spiritus autem blasphemie non remittetur; & quicumque dixerit verbum contra filium hominis, remittetur ei: qui autem dixerit contra Sp. Sanctum, non remittetur ei, neque in hoc sæculo, neque in futuro.

Hinc sic disputabatur:

Pro iis peccatis ideo preces prohibentur, quod irremissibilia sint, quæ nec in hoc sæculo, nec in futuro dimittenda declarat Christus; atqui hujusmodi sunt peccata in Spir. Sanctum: ergo &c.

Explicantur Textus Matthæi.

1. Queritur quid sit blasphemia Spiritus, de qua eo loci loquitur Christus? Questio hæc Doctorum perspicacissimo S. Aug. ita difficilis visa est, ut confessus ingenue fuerit, (Serm. 11 de verb. Dom.) nullam forte in tota Scriptura intricatiorem occurrere; hincque contigit, ut sæpe de hoc testimonio disputans, sententiam interdum aut mutaverit, aut correxerit: cum enim l. 1 de serm. Dom. in monte, c. 22 dixisset, *blasphemiam spiritus esse, per malitiam & invidiam oppugnare fraternam caritatem:* deinceps, l. 1 retracti. c. 19 addendum dixit: *Si in hac tam scelerrata mentis perversitate homo vitam finiverit.* Itaque ad mentem ejus, per blasphemiam spiritus debet intelligi perseverantia in nequitia cum desperatione indulgentiæ Dei, sive finalis impoentia, quæ est duritia cordis usque in finem vitæ: juxta quam explicationem facile est intelligere, locum hunc nihil facere contra nos.

Est & altera aliorum interpretatio, quam multi probabiliorem contendunt, blasphemiam scilicet spiritus esse iniquitatem, qua manifesta opera Sp. Sancti, hoc est diviniæ bonitatis & Sanctitatis, Beelæbub, Spiritui nimium immundo attribuantur: hoc enim est Deum facere diabolum, inquit S. Athanasius in hunc locum:

locum, eaque non ejus solum, sed Hieronymi, Chrysost. Theophylacti, & aliorum sententia est. Jam ad argumentum

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritatem, & concessa maj. distin. min. peccata in Spiritum S. neque in hoc saeculo, neque in futuro dimittenda declarat Christus, hoc est, *difficilius dimittenda*, conc. *omnino non condonanda*, n. min. & consequ.

E. R. quando res aliqua sic difficilis ac insolens est, ut raro contingat; Scripturarum loquendi more, ipsaque hominum consuetudine, nusquam fieri affirmatur: quale istud est: (Jer. 13, 25) *si mutare potest Aethiops pellem suam, aut pardus varietates suas: & vos poteritis benefacere, cum didiceritis malum.* Idemque longe pluribus exemplis, si res postularer, ostendi posset. Porro hujusmodi est peccatum in Sp. Sanctum, quod vix remitti posse fatemur, propter pravam animi dispositionem, & deploratum hominis statum, eo majorem gratiae obicem ponentis, quo atrociori malitia, divinae bonitatis opera Diabolo auctori attribuit: quale fuit crimen Phariseorum, qui cum viderent Christum Dæmonia verbo fugantem, & inaudita hæc prodigia facilitate admirabili operantem: *hic non eicit Dæmones*, aiebant, (Matth. 12, 24) *nisi in Beelzebub Principe Dæmoniorum.* Hæc enim consummata ac desperata cæcitas erat, non videre quod videbant, Sancti Sp. opera adscribere diabolo, & gloriam Dei qua Princeps tenebrarum vincebatur, Diaboli appellare virtutem. De hujusmodi peccato vere est a Christo dictum, quod non dimittatur, neque in hoc saeculo, nec in futuro, hoc est, quod rarius ac difficiliter dimittatur: in cæteris enim aut errore labimur, aut metu frangimur, aut carnis infirmitate superamur: in isto autem nulla talis excusatio locum habet: inde tamen non sequitur, hoc peccatum penitus esse irremissibile: a facto enim ad posse legitima conclusio est. Porro ut observat S. Joannes Chrysost. (hom. 24 in Matth.) multi eorum qui de Christo dixerant: *Dæmonium habes*: ad eum postea conversi sunt, & ab eo quem crucifixerant, veniam impetrarunt.

Inst. 2. atqui peccata quædam in scripturis dicuntur absolute non dimittenda: ergo &c. probant subs. verbis Apostoli: *impossibile est*, inquit, (Hebr. 6, 4) *eos qui semel sunt illuminati, gustaverunt etiam donum celeste, & participes facti sunt Sp. Sancti, gustaverunt etiam bonum Dei verbum, virtutesque sæculi venturi, & prolapsi sunt, rursus renovari ad penitentiam, rursus crucifigentes Filium Dei, & ostentui habentes.* Hinc sic eruebant argumentum:

Qui dicit impossibile esse, lapsos ad penitentiam revocari; quædam peccata absolute non dimittenda affirmat; atque ore Apostoli ita loquitur Sp. Sanctus: ergo &c.

R. nego subs. ad probat. admitto auctoritatem; & ad argumentum

Resp. 1. Si quid probet contra Catholicos, pari ratione Montanistas & Novatianos urgere: fatebantur enim illi, quædam esse peccata remissibilia post baptismum, ut superius observavimus; atqui probaret hoc argumentum, omnia penitus irremissibilia esse; cum nullam fecerit exceptionem Apostolus: non minus ergo adversariis, quam Catholicis ipsis incommodaret.

Resp. 2 concessa maj. dist. min. pronunciat Spiritus S. impossibile esse lapsos renovari ad penitentiam, *per baptismum de novo susceptum*, conc. *Per Sacramentum a baptismo diversum*, subdist. *hoc impossibile*, idest, *admodum difficile esse declarat*, conc. *impossibile absolute*, n. min. & consequ.

E. R. Potest illud Apostoli testimonium duobus modis intelligi.

1. De Penitentia prima, quæ baptismum præcedit, sive de baptismo ipso, de quo dictum est in scriptura: *Penitentiam agite, & baptizetur unusquisque vestrum.*

2. De penitentia, quæ fit post baptismum, quam prædiximus secundam post naufragium tabulam a Patribus appellari.

Si 1 sensu accipiatur, nullam habet difficultatem: hoc enim unum significat, quod catholica credit & propagat Ecclesia, impossibile esse eos, qui lapsi sunt post baptismum, lavacro regenerationis iterum purgari: quia quemadmodum nasci in natura, sic renasci in gratia semel contingit. Hunc vero textus Apostolici sensum esse legitimum, communis patrum græcorum ac latinorum doctrina est, in ipsis Apostoli verbis fundata, ut attendenti patebit. Nec aliam asserere responsionem Sancti Doctores a Montanistis & Novatianis lacerant.

Quod si 2 sensu intelligatur, scilicet de penitentia post baptismum, debet sensu accommodo vox (*impossibile*) accipi: ut rem quidem significet admodum difficilem, non vero quæ absolute esse non possit. Nam, ut paulo ante monebam, non est ab usu scripturarum abhorrens, si quid difficultatem magnam præferat, impossibile dicere. Porro plenam gemitibus, veramque pro peccatis post baptismum admissis penitentiam, maximam importare difficultatem, solus ille negaverit, qui penitentiae conditiones & pondus nesciverit.

Inst. 3. atqui ita contendit S. Paulus, im-

possi-

possibile esse, post baptismum lapsos ad penitentiam revocari; ut nulla absolute gratia restitui posse assernet: ergo.

Prob. subs. ex aliis ejusdem verbis: (*Hebr. 10, 26* & seq.) *Voluntarie peccantibus nobis post acceptam notitiam veritatis, jam non relinquatur pro peccatis hostia: Terribilis autem quedam expectatio judicii, & igitur emulatio, quæ consumptura est adversarios.* Unde sic inferebant argumentum:

Ille assernat post Baptismum lapsos, nulla penitus posse gratia relevari, qui dicit voluntarie peccantibus nullam hostiam esse relictam; atqui ita beatus Paulus: ergo &c.

R. Nego subs. ad probationem admitto auctoritatem, & duobus modis sequens argumentum resolvo.

1. Dist. maj. Ille assernat, post baptismum lapsos nulla prorsus gratia posse restitui, qui dicit voluntarie peccantibus nullam hostiam esse relictam: *Si hoc dicat cum exclusionem omnimoda: conc. Si ad exclusionem solius hostiæ baptismalis, n. maj. dist. pariter min.* Ita Apostolus assernat; ad ostendendum neminem posse de novo baptizari, conc. ad significandum, nullam prorsus vißimam superesse, n. min. & conseq.

E. R. Ita hunc locum S. Aug. interpretatur, in expositioe inchoata Ep. ad Rom. ubi docet unumquemque dum baptizatur, seipsum in similitudinem Dominicæ Passionis, Deo hostiam vivam offerre: idque præsertim significari, quando Sacerdos Christi nomine baptizans, Catechumenum Cruce signat. Sicut ergo semel Christus passus est, sic etiam nobis semel hanc hostiam licet offerre: ea communis erat Augustini temporibus Apostolici textus interpretatio. *Ubi ad Hebræos, inquit, qui diligenter pertrahant, sic intelligunt, ut non de Sacrificio contribulati per penitentiam cordis accipiendum sit, quod dictum est: non adhuc pro peccatis relinquatur Sacrificium: sed de Sacrificio, de quo tunc loquebatur Apostolus, idest, holocausto Dominicæ Passionis, quod eo tempore quisque offert pro peccatis suis, quo ejusdem Passionis fide dedicatur, & Christianorum fideliū nomine baptizatus imbutur: ut hoc significet Apostolus, non posse deinceps eum qui peccaverit, iterum baptizando purgari.*

2. R. Nego maj. Hæc enim ipsa vox (*voluntarie peccantibus*) innuit aliquam quidem peccantium hostiam esse relictam, non tamen iis qui voluntarie peccant, idest qui deliberata malitia in peccandi voluntate persistunt. Quod peccatum præcipue Apostasia est, per quam fides abnegatur. Huncque Apostoli esse sensum patet, tum ex verbis antecedentibus &

De Re Sacram. T. III.

non deserentes collectionem nostram: tum ex consequentibus: post acceptam notitiam veritatis. Loquitur autem Scriptura de hoc peccato, velut de lapsu irreparabili, non quod vere penitenti non pteat ad indulgentiam aditus per sanguinem Christi, sed quia qui fidem Dei, verumque ejus cultum semel abiecit, cum in Sp. Sanctum blasphemaverit, rarissimo ad penitentiam revocatur. Hinc merito Apostolus addit, hujus perfidiæ reis non relinqui hostiam pro peccato. Cum enim veram hostiam, idest Christi mortem, effecerint sibi Apostasia sua ac infidelitate inutilem; quamdiu in hoc execrationis statu perdurant, quid offerant, quo confugiant, amplius non habent. Unde consequens est, ut de eorum numero sint, quos manet æternum judicium, & ignis æmulatio, sine intermissione Dei adversarios consumptura.

Monitum.

Et hæc quidem præcipua erant Montanistarum & Novatianorum Scripturas depravantium argumenta, quibus suam insaniam plebi imperitæ instillare adnitebantur. Nam quod ad alia spectat testimonia Scripturarum sæpissime assermantium, gratiam peccatoribus denegari, *subsumari a Deo impiis in interitu suo & irrideri, nedum exaudiantur: (Prov. 1, 25)* illa, inquam, quæ magno numero afferri possunt, catholicam doctrinam ne specie quidem oppugnant: aliud enim est, peccata justo Dei judicio non remitti, quod sacræ literæ dicunt; aliud, absolute irremissibilia esse, quod nullibi dicunt.

Quia vero SS. Patres sic de peccatis aliquibus sunt locuti, ut prima fronte videantur irremissibilia iudicasse, par est, ut quæ afferri solent eorum testimonia expendamus, eosque a suspitione violatæ fidei liberemus. Itaque.

Inst. 4. in gratiam Montanistarum & Novatianorum. Plerique patres assermant, quædam peccata esse irremissibilia. Ergo vel dicendum Montanistas & Novatianos ab errore immunes esse: vel si accusamus illos hæresis, pari debent Sancti patres judicio condemnari.

R. Nego antec. Qui enim præcipue opponuntur, sunt S. Cyprianus, Pacianus, & Hieronymus; atqui res est omnibus nota Novatianos & Montanistas, a nemine felicius quam ab illis debellatos prastroque fuisse: perperam ergo tanquam Hæreticorum patroni laudantur, atque adeo, si quid alicubi subobscurè locuti comperiantur, debet, adductis eorumdem clarioribus testimoniis, ad sensum Catholicum revocari. Quod ut magis pateat:

Inst. 5. *Solus Deus,* inquit S. Cyprianus.

H

(Tract.

(*Tract. de Laps.*) *misereri potest: veniam peccatis, quæ in illum commissæ sunt, solus potest ille largiri, qui peccata nostra portavit. Homo Deo non potest esse maior: nec remittere aut donare indulgentia sua servus potest, quod in Dominum graviore delicto commissum est.* Hinc sic argumentum conficitur:

Ille Novatianorum causam suo suffragio adjuvat, qui dicit solum Deum largiri posse veniam peccatis in ipsum commissis; atqui ita Cyprianus; ergo &c.

R. admitto auctoritatem. Ad argumentum concessa maj. dist. min. S. Cyprianus affirmat solum Deum posse largiri veniam peccatis in ipsum commissis; & ita loquitur, ut significet nullam esse absolutionem ab aliis acceptam, qui neglecto rigore poenitentiae, pacem & reconciliationem indulgentia præcipiti dabant, conc. ita loquitur, eo quod sentiat dimittendi peccata gravissima potestatem, Ecclesiam non habere, n. min. & consequ.

E. R. Mirum est, opponi S. Cyprianum, qui in vindicanda contra Novatianos Ecclesie potestate, omnem quoad vixit operam posuit, ut ex ejus scriptis certissimum est; quique coacto Carthaginiensi numero Concilio, hæresim infamam proscripsit. Itaque ut mens sancti Doctoris aperitur, notandum in hoc de lapsis tractatu duos refutari errores contrarios, alter erat *Felicitissimi* diaconi, volentis lapsos in persecutione debere absque ullo satisfactionis rigore in gratiam recipi: alter *Novatiani* affirmantis, ne martyrio quidem posse crimen nefarium expiari: utrosque ut revineat, & contra Novatianos demonstrat, lapsis patere adhuc ad veniam aditum, unde eos ad poenitentiam paternam pietate hortatur: 2 ostendit contra crudelem *Felicitissimi* indulgentiam, ab Ecclesia sine magis poenitentiae fletibus remitti peccata non posse, soliusque Dei proprium esse sic misereri, ut satisfactionis asperitatem omnino remittat:

Inst. 6. Atqui revera putavit S. Cyprianus, quorundam remittendorum peccatorum nullam in Ecclesia esse potestatem: ergo &c. probatur subs. ex aliis ejusdem S. Doctoris verbis ibid. (*Tract. de Laps.*) affirmantis, *Noe, & Daniel, & Job orasse pro peccatoribus, nec impetrasse, dicente Domino: (Ezech. 14, v. 14, 18) & si tres in medio eorum fuerint, Noe, Job, & Daniel, non liberabunt filios, neque filias, sed ipsi soli salvi erunt.* Unde sic arguitur:

Ille existimavit, ad quædam dimittenda peccata nullam in Ecclesia esse potestatem, qui dixit orationes sanctorum veniam peccatoribus non impetrare: atqui hæc S. Cypriani sententia fuit: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritatem, & cum S. Paciano (*Ep. 3 ad Sympronianum*) dist. maj. ille existimavit, ad quædam peccata dimittenda nullam in Ecclesia esse potestatem, qui dixit orationes sanctorum veniam peccatoribus non impetrare, *absolute, conc. Si conditionate tantum hoc dixerit, in hypothesi nimirum, quod peccatores converti nolint, n. maj.* Similiter distinguo minorem. S. Cyprianus dixit orationes sanctorum veniam peccatoribus non impetrare, *quandiu renuunt ipsi converti, conc. absolute, nego min. & consequ.*

Cyprianus, inquit loco laudato S. Pacianus, cum lapsos ad poenitentiam cogeret, qui penitere molebant, dicentes a confessoribus sive martyribus acceptæ se pacem, ducit & ostendit, quod nec Patriarchæ illi pro non poenitentibus impetrarent; etenim quis liberare parsit invitum? quis pro superbis humiliari? quis pro non poenitentibus impetrare? quod utique cum diceret, ad poenitentiam cogeat remedia; nec contra se locutus est aliquid vir illius gravitatis & meriti; sed fundendas a peccatoribus preces docuit, & exomologesim diligendam.

Inst. 7. S. ipse Pacianus docuit quædam peccata irremissibilia esse; frustra ergo ad solvenda patrum testimonia ejus auctoritas adhibetur.

Prob. ant. ex ejus modo cit. *Ep. 3 ad Sympronianum*, ubi scriptum legitur, inquit, cum Dominus demonia verbo fugaret, & virtutes multas specialiter vigore compleret, dixisse Phariseos: hic non expellit demonia, nisi in Beelzebub principe demoniorum. . . . hoc est ergo quod non dimittitur: reliqua bonis poenitentibus, Symproniæ frater, donantur: hinc sic nascitur argumentum:

Sentit S. Pacianus peccata in Sp. Sanctum, quæ fuit Phariseorum, irremissibilia esse: ergo &c.

R. Nego ant. ad probat. auctoritatem recipio, & dist. ant. sentit ita S. Pacianus ad mentem Scripturæ, quæ affirmat blasphemiam spiritus non remittendam, conc. ad mentem Novatianorum, n. ant. & consequ.

Sensus S. doctoris est, peccata in Sp. Sanctum pari facilitate, quæ cætera, non remitti, eo quod nullam habeant excusationem, ut alia minora peccata quæ errore, aut metu, aut carnis infirmitate committuntur: cum e contrario ex obstinata malitia & voluntaria cæcitate procedant, per quam homo, ut ibidem loquitur, non vult ea videre quæ videt, & Sancti Sp. opera Diabolo deputat, gloriamque Domini qua Diabolus superatur, ipsius Diaboli virtutem appellat. Nam quod hæc peccata absolute

lute

lute remitti possint, probat in his tribus ad Sympronium Ep. & aulicis argumentis confirmat.

Alterum est ejusdem sensus in S. Ambrosio testimonium, cui eadem aptari debet responsio. Libro namque 2 de penitentia, c. 4, videtur innuere duo esse peccata irremissibilia: Phariseorum scilicet, qui Diabolo Christum comparabant, & Schismaticorum, qui unitatem ejus disceperunt. Ubi non aliud S. Doctor intendit, quam hæc peccata vulgo non remitti, quia rarissimum est, ut de illis penitentia agatur, propter obstinationis & execrationis obstaculum, quod vulgo impietatem hanc sequitur. Absolute namque tum a Christo, tum ab Ecclesia remitti posse docet ibi. his verbis: *Et ideo reverimini ad Ecclesiam, si qui vos separastis impie. Omnibus enim conversis pollicetur venia, quia scriptum est: (Rom. 10, 13) omnis quicumque invocaverit nomen Domini salvus erit. Denique etiam Judeorum populus, qui dicebat de Domino Jesu: Daemonium habet: in Beelzebub eiecit demonia: qui etiam crucifixum Dominum Jesum, Petri predicatione vocabatur ad baptismum, ut sceleris tanti merita deponeret.*

Similiter explicandus erit textus alter, qui ex S. Hilario objici potest: (*Cont. 12 in Matth.*) ubi dicit, omnino dimittenda peccata ejusdemque generis: blasphemiam vero in Sp. Sanctum non remittendam. Nam hoc etiam peccatum posse deleri ac condonari, docet ibidem, affirmans, *sub secreto indulgentie Dei repositam esse veniam, qua omne peccatum sit remittendum.*

Inst. 8. ex auctoritate S. Hieronymi, in Ep. ad Marcellam, (Ep. 149) ubi probat contra Novatianos, ideo negationem Christi, vi tormentorum extortam, non esse peccatum... irremissibile, quia non est blasphemia in Sp. Sanctum. Manifestum est, inquit, peccatum in Spiritum Sanctum, ideo non posse dimitti, quod habeat blasphemiam; ut cum videas in virtutibus Deum, Beelzebub calumniaris in filiis. Docet igitur (Novatianus) aliquem negatorem Beelzebub vocasse Christum; & alio referam gradum, negatorem non posse veniam consequi post ruinam. Quia aliud est tormentis cedere, & se Christianum negare, aliud Christum Diabolum dicere, sicut tibi ipsa scriptura potuit demonstrare. Inde sic petitur argumentum:

Docet S. Hieronymus blasphemiam in Sp. Sanctum inexcusabilem esse, eo sensu quo Novatiani contendebant negationem Christi, tormentorum metu extortam esse irremissibilem, atque Christi abnegationi nullam veniam sperem esse relictam Novatiani mordicus affirmabant. Eadem ergo S. Hieronymi de blasphemiam in Sp. Sanctum sententia est.

R. Admitto auctoritatem. Ad probat. dist. maj. Docet S. Hieronymus blasphemiam in Sp. Sanctum inexcusabilem esse, eodem sensu quo de negatione Christi hoc ipsum Novatiani affirmabant: *Et illud dicit per modum concessionis, conc. ex propria mente & assertive hoc dicit, n. maj. & concessa min. n. cons.*

E. R. ut de hoc perdifficili S. Hieronymi testimonio verum judicium sit, attendendum quis ejus scopus in hac Ep. fuerit. Nimirum respondendum habebat ad quoddam Novatianorum argumentum, cuius enodationem a se exquisierat Marcella, doctrinæ, nataliumque splendore conspicua forma. Argumentum sic erat: peccatum blasphemie in Sp. Sanctum, est irremissibile, sed idololatria & abnegatio Christi, est peccatum in Sp. Sanctum. Ergo irremissibilis est. Quid ad hoc S. Hieronymus?

1. Negat minorem. Negat, inquam, idololatriam & Christi negationem, esse blasphemiam in Sp. Sanctum: quia alioquin nullum discrimen futurum esset inter blasphemiam, quæ dicitur in filium hominis, & blasphemiam in Sp. Sanctum.

2. Blasphemiam eorum, qui Christum negant, remitti posse probat exemplo S. Petri, cui triplicis negationis peccatum est condonatum.

3. Ad argumentum, quomodo in scholis sæpe facimus, respondet; scilicet, dato quod blasphemiam in Sp. Sanctum absolute irremissibilis esset, inde non secuturum idololatriam & Christi negationem pariter inexcusabilem esse, ut Novatiani volebant. Ita porro breviter respondendum putavit; tum quia satis hoc erat ad demonstrandam argumenti a Navatianis propositi vanitatem: tum quia plura eloqui pertemporis angustias non licebat. Fuera quidem, inquit in fine Ep. prolixius disserendum, sed quoniam amici, qui ad nostrum hospitium convenerunt, præsentiam nostram negare non possumus, & tibi non statim respondere visum est arrogantis: latam disputationem brevi sermone comprehendimus.

Jam de mente S. Doctoris ne quod dubium supersit, peccatum quodlibet etiam gravissimum absolute remitti posse affirmat expresse, tum aliis multis locis, tum apertissime l. 1 adversus Pelagianos c. 10, ubi contendit, penitentiam imitari baptismatis gratiam, per ineffabilem clementiam Salvatoris, qui non vult perire quemquam, nec deleatur morte peccatorum, sed ut convertantur & vivant.

Inst. 9, & ultimo. S. Athanasius verba Marthæ pertractans: qui dixerit verbum contra Sp. Sanctum, non remittetur ei, neque in hoc sæculo, neque in futuro: docet (Ep. 10) blasphemiam in Spiritum S. esse inexcusabilem: ergo &c.

R. Dist. ant. Docet ad sensum Scripturæ,
H 2 conc.

conc. ad mentem Novatianorum Scripturam adulterantur, n. Quod vere est a Scriptura dictum, potuit ab Athanasio & ab alio quolibet, sine reprehensione aut erroris suspicionem sexcenties repeti, maxime si verbis scripturæ nihil de suo addiderit, nec in peregrinus sensus detorserit. Porro ita se res in præsentem habet. Athanasius enim Scripturæ sententiam nude ac simpliciter refert, nihil addit, nihil minuit. Non ergo alterum a Scriptura sensum habere putandus est. Immo in hac ipsa Epistola blasphemiam in Sp. Sanctum absolute remitti posse, non obscure insinuat. Nam peccata in Christum, ut hominem perpetrata, cito ac facile remitti posse affirmat: igitur e contrario quando dicit blasphemiam in Sp. Sanctum, inveniabilem esse, sic debet intelligi, non quod absolute, sed quod nisi difficulter remitti non possit. Deinde, ibidem Arianorum perfidiam Christi divinitatem negantium, dicit esse æqualem impietati Phariseorum in Sp. Sanctum blasphemantium; atque peccatum Arianorum absolute irremissibile S. Athanasius non putavit, cum eos ad reconciliationem admisit: ergo &c.

De hoc argumento & de tota hac controversia qui plura voluerit, legat Natalem Alex. dissert. 22 in historiam Eccl. sæculi 3.

§. Q U A R T U S.

¶ Q. An alterum sine altero lethali peccato remitti valeat.

Hanc excitat quæstionem S. Thomas 3. part. qu. 76, 2. 3, eamque negative resolvit, adeo ut ne possibile quidem censeatur unum peccatum sine alio remitti, idque tribus rationibus probat, quarum prima est, quod peccatum remittitur, quatenus offensam Dei tollitur per gratiam justificantem. Quodcumque autem lethale peccatum gratiæ justificanti directe opponitur, eamque excludit: adeoque impossibile est, quod unum lethale peccatum sine alio remittatur.

Altera. Peccatum mortale remitti nequit absque vera poenitentia, ad quam, inquit, pertinet deserere peccatum, in quantum est contra Deum: quod quidem est commune omnibus peccatis mortalibus. Porro eadem ratio est de uno ac de cæteris omnibus lethalibus peccatis: adeoque vere poenitens esse non potest, quide uno peccato poenitet, & non de alio. Si enim, subdit S. Doctor, displiceret ei illud peccatum, quia est contra Deum super omnia dilectum (quod requiritur ad rationem veræ poenitentiae) sequeretur, quod de omnibus peccatis poeniteret.

Tertia. Quoniam perfectioni divinæ misericordie adversatur, quod unum lethale crimen

sine alio remittat. Dei enim perfecta sunt opera: nec veniam dimittiam concedit: *Sed cuius miseretur, totaliter miseretur.*

Hoc idem discrete tradidit S. Aug. sive quicumque sit Author libri de vera & falsa poenitentia. c. 9 scribens: *pneumones, quos poenitet peccasse, sed non omnino, reservantes sibi quendam, in quibus delectantur, non animadvertentes Dominum simul mutum, & surdum a Demonio liberasse, per hoc docens nos nunquam nisi de omnibus sanari. . . . Quædam impietas infidelitatis est, ab illo, qui iustus, & iustitia est, dimittiam sperare veniam.*

Obijcies 1. Plura sunt peccata, quæ nullatenus inter se connexa sunt, ut nemo diffidetur; eorum autem, quæ nullam inter se connexionem habent, videtur alterum sine altero posse remitti.

Resp. S. Thomas, qui hoc sibi 3 loco obijcerat argumentum, quod peccata, quævis non sint connexa quantum ad conversionem ad bonum commutabile, sunt tamen connexa quantum ad aversionem a bono incommutabili, in quo conveniunt omnia peccata mortalia. Atque adeo cum aversio a Deo æque sit in omnibus peccatis lethalibus, hæc autem nequit, quin omnia remittantur.

Obijc. 2. Peccata quædam debita sunt, quæ in Oratione Dominica relaxari nobis petimus. Unum autem debitum sine alio remitti potest.

R. Aliud est loqui de debito rei exterioris, puta pecunie: aliud de debito, quod est offensam, vel culpam. Primum debitum remitti potest sine alterius remissione, quoniam ex neutra parte sive debitoris, sive creditoris amicitie opponitur. Alterum vero quod est culpa, aut offensam, cum amicitie repugnet, non remittitur sine alio, quod pariter amicitiam dissolvit. Ridiculum enim videtur, inquit S. Thomas, quod etiam ab homine aliquis veniam peteret de una offensam, & non de alia.

Obijc. 3. S. Gregorius M. Hom. 10 in Ezechiel, alludens ad illud Amos 4: *pluit super unam civitatem, & super alteram non pluit*, scribit: *cum aliquis ab aliis se vitia corrigit, atque ab aliis emendari contemnit, una eademque civitas & ex parte compluitur, & ex parte arida remanet.* Hinc animadvertit, quodam esse, qui alia in se vitia reserant, sed in aliis graviter perdurant. Videtur autem inde colligi, juxta S. Doctorem unum peccatum sine alio ab eodem subiecto auferri posse.

R. Dictum S. Gregorii, ut exponit S. Thomas hic ad 1, non est intelligendum quantum ad remissionem culpæ, sed quantum ad cessationem ab actu: quia interdum ille, qui plura peccata consuevit committere, deserit unum, non tamen aliud: quod quidem fit auxilio divi-

no, quod tamen non pertingit usque ad remissionem culpe. Unde, inquit Suarez in hunc art., desinit quidem in aliquo habitu unius vitii, & non alius, integra mansente culpa.

Ex his liquet idem dicendum non esse de remissione peccatorum venialium, quorum alia sine aliis remitti possunt, ac sæpe remittuntur. Non enim pro his eadem nilitant rationes, quas pro lethalibus culpis attulimus.

CAPUT SECUNDUM.

ARTICULUS PRIMUS.

De materia Sacramenti Pœnitentiæ remota.

Quemadmodum in cæteris, ita & in hoc Sacramento duplex materia distinguitur, proxima nempe, & remota. Remota materia, circa quam ut destruendam pœnitentiæ Sacramentum versatur, sunt peccata, ut ex ipso pœnitentiæ vocabulo satis liquet. Sed quia inter peccata aliud est originale, aliud actuale, quod vel lethale est, vel veniale; ideo quantum ex his propria sit huius Sacramenti materia inquiri potest. Pro quo

Res. 1. Originale peccatum non est materia Sacramenti pœnitentiæ.

Prob. quoniam ad delendum originale peccatum aliud a Christo Domino institutum est Sacramentum, nempe baptismus. Igitur ad Sacramenti pœnitentiæ materiam pertinere nequit.

Confirm. ex D. Th. 3 p. q. 84, a. 2, ad 3, quia pœnitentia de his tantum proprie est, quod voluntate nostra commisimus. Porro peccatum originale non est nostra voluntate peccatum, nisi forte in quantum voluntas Adæ reputatur nostra, secundum modum loquendi, quo Apost. dicit Rom. 5. in quo omnes peccaverunt. Subdit tamen apposite S. Doctor, quod si pœnitentia largi accipitur pro quacunque detestatione rei præteritæ, potest dici pœnitentia de peccato Originali.

Non hoc postremo sensu pœnitentiam accepisse dicendi sunt Authores propositionis 19 inter damnatas ab Alexandro VIII, nempe: homo debet agere tota vita pœnitentiam pro peccato Originali. Quinam hanc propositionem docuerint, & quo determinato sensu eam intellexerint, satis exploratum non est. Eam diserte tradidisse Jansenium in suo opere Augustinus, contendit P. Dominicus Viva in suo Tract. in hanc propositionem: sed verba, quæ ex illo profert, id plane non ostendunt: solumque ex ejus sistematè, ac doctrina de concupiscentia, cæterisque inordinatis moribus ex primigenia labe provenientibus, eam quosdam Jansenii discipulos collegisse existimari potest.

Quocumque autem in sensu eandem accepserint, proculdubio a catholicæ fidei sensu ac doctrina in sacra Trid. Synodo tradita exorbitarunt. Hæc enim S. Synodus sess. v de peccato Originali ita decrevit: "Si quis per Jesum Christi Domini nostri gratiam, quæ in baptismate confertur, reatum originalis peccati remitti aegat; aut etiam asserit non tolli totum id, quod veram, & propriam peccati rationem habet: sed illud dicit tantum radi, aut non imputari; anathema sit. In renatis enim nihil odit Deus: quia nihil est damnationis his, qui vere conscripti sunt cum Christo per baptismum in mortem qui non secundum carnem ambulant, sed veterem hominem exuentes, & novum, qui secundum Deum creatus est, induentes, innocentes, immaculati, puri, innoxii, ac Deo dilecti effecti sunt, hæredes quidem Dei, cohæredes autem Christi, ita ut nihil eos ab ingressu cælorum remoretur." Ex quibus verbis contra damnatæ propositionis doctrinam hoc conficitur argumentum:

Pœnitentia agenda est pro peccato, quod non plene remissum est, saltem quoad reatum penæ temporalis, quæ luenda superest post culpæ remissionem, & debiti penæ æternæ. Atqui originale crimen, quod est peccatum naturæ, per baptismum ita deletur, ut nihil omnino damnationis remaneat in renatis, quæ sacro fonte emergunt puri, immaculati, & sanguine Christi super nivem dealbati, adeo ut vere renati dicantur, quia nova cælesti natiuitate donantur, quasi modo a Deo geniti infantes, Paradiso additi ex hæreditate, quam per Christi sanguinem consequuntur. Igitur asserere, quod pro peccato originali agenda sit pœnitentia, maximeque totius vite tempore, erroneum commentum credendum est.

Id amplius declaratur ex doctrina Angelici Præceptoris hic q. 68, art. 5, ubi ait: "Per baptismum aliquis incorporatur passioni, & morti Christi, secundum illud Rom. VI: si mortui sumus cum Christo, credimus, qui simul etiam vivemus cum eo. Ex quo patet, quod omni baptizato communicatur Passio Christi ad remedium, ac si ipse passus, & mortuus esset. Passio autem Christi, sicut dictum est, sufficiens satisfactio pro omnibus peccatis est omnium hominum. Et ideo ille, qui baptizatur, liberatur a reatu totius penæ pro peccatis ac si ipse sufficienter satisfecisset pro omnibus peccatis suis." Quibus verbis nedum S. Thomas docet in pueris originale peccatum plenissime deleri, sed etiam in adultis originalisimul & actuale omnino remitti, ita ut etiam quoad reatum penæ penitus innoxii sint, qui regenerantur, quibus proinde nulla superest pre-

na luenda. Ex hoc autem principio, & ex ipsa conditione originalis peccati colligit idem S. Doctor in suppl. q. 2, a. 2, dolorem, qui ad poenitentiam pertinet, non esse de peccato originali. Sic enim scribit: „ contritio est dolor „ respiciens, & quodammodo comminuens voluntatis duritiem. Ex ideo solum de illis peccatis potest esse, quæ ex duritie nostræ voluntatis in nos proveniunt, & quia peccatum originale nostræ voluntate non est indutum, sed ex vitiatæ naturæ origine contractum; ideo de ipso non potest esse contritio proprie loquendo, sed tantum displicentia vel dolor: quatenus nempe est malum naturæ ex prævaricatione Protoparentis nostri proveniens, & in nos plures penalitates inducens. Sed hæc displicentia, vel dolor ad poenitentiam non pertinet. Ac de hoc quidem satis.

R. 2. Peccatum omne actuale quod baptismum consequitur, est remota materia poenitentiae: mortale quidem materia necessaria: veniale vero sufficiens.

Prob. 1. Pars, 1. quia illa est materia remota Sacramenti poenitentiae, circa quam ut destruendam versatur materia proxima, contritio scilicet, confessio, & satisfactio: sed hæc versatur circa peccata actualia ut destruenda, ergo &c. Dixi tamen omne peccatum actuale consequens baptismum: si quidem materia poenitentiae sunt ea sola peccata, quæ subijci possunt, vel debent Ecclesiæ clavibus: ea autem sola peccata subijci possunt Ecclesiæ clavibus, quæ baptismum consequuntur, qui est janua, per quam Ecclesiam intramus.

Prob. 2. Pars: Ea peccata sunt necessaria Sacramenti poenitentiae materia, quæ clavibus Ecclesiæ necessario subijcienda sunt. Atqui peccata mortalia nondum remissa necessario Ecclesiæ clavibus subijci debent: ut declaratum est in Concilio Trid. sess. 14, Can. 7 dicente: *si quis dixerit in Sacramento poenitentiae ad remissionem peccatorum necessarium non esse jure divino confiteri omnia, & singula peccata mortalia, anathema sit.* Hinc non ille tantum, qui per ferventem caritatis adum remissionem, & veniam peccatorum adeptus est, ea Tribunali poenitentiae subijcere tenetur; sed etiam, qui ab iisdem in hoc Tribunali solutus esset indirecte, vel quia in præcedenti confessione eorumdem oblitus fuerit, vel alia iusta de causa non declaravit. Quoniam generale Christi præceptum nullum mortale crimen excipit a lege confessionis. Sed de hoc fusius infra.

Prob. 3. Pars de venialibus, quod nempe sufficiens materia poenitentiae sacramenti sint, ex eodem Concilio Trid. sess. 14, Cap. 5, ubi ait: *Venialia, quibus a gratia Dei non excludimur, & in quæ frequentius labimur, quam*

quam recte & utiliter, utraque omnem presumptionem in confessione dicuntur, quod piorum hominum usus demonstrat; taceri tamen circa culpam, multisque aliis remediis expiari possunt. Idemque asserendum est de peccatis mortalibus jam dimissis, ut ex eadem communi fidelium piorum praxi colligitur, quam approbavit semper Ecclesia ac specialiter approbat Benedictus XI in Decretali inter cunctas, ubi ait: *licet de necessitate non sit eadem confiteri peccata; tamen propter erubescendum, quæ magna est Poenitentiae pars, ut eorumdem peccatorum reiteretur confessio, reputamus salubre &c.*

At iniquis adversus postremam hanc partem: nemo potest bis in idipsum exterius judicari in eodem Tribunali, aut bis a vinculis corporeis solvi. Igitur neque iterato absolvi a peccatorum vinculis in Tribunali poenitentiae.

R. Disparitas est: ideo namque nec bis in idipsum judicatur aliquis in exteriori foro, nec bis a corporeis vinculis solvitur: quia & secundum judicium inutile foret, & secundum vinculorum solutio nihil auferere potest, quod antea ablatum non fuerit. At vero aliud est in sacramentali judicio quoad peccata remissa. Posterioris quippe judicium & poenæ aliquid auferre, & ampliorem gratiam impertiri potest: adeoque inutile, & supervacaneum non est dicendum. ¶

ARTICULUS SECUNDUS.

De materia proxima Sacramenti poenitentiae, sive ex qua ipsum sacramentum constat.

Duo hic præstanda incumbunt: 1^a Doctrina Ecclesiæ proponenda: 2^a Scholarum controversæ dirimendæ. Ut igitur a priori ordiamur:

Tres poenitentis actus, contritionem, confessionem, & satisfactionem esse quasi materiam Sacramenti poenitentiae, fidei doctrina est, ab Ecclesia totidem verbis expressa ac definita: *sunt autem quasi materia huius Sacramenti, ajunt Trid. patres, (Sess. 14, c. 3) ipsius poenitentis actus, nempe contritio, confessio, & satisfactio, qui quatenus in poenitente ad integritatem Sacramenti, & ad plenam & perfectam peccatorum remissionem ex Dei institutione requiruntur, poenitentiae partes dicuntur...* (Ib. can. 4) *si quis negaverit, ad integram & perfectam peccatorum remissionem, requiri tres actus in poenitente, quasi materiam Sacramenti poenitentiae, videlicet contritionem, confessionem, & satisfactionem, quæ tres poenitentiae partes dicuntur: aut dixerit, duas tantum esse poenitentiae partes, errores scilicet incussos conscientie, agnito peccato, & fidem conceptam ex Evangelio*

vel absolutione, qua credit quis sibi per Christum remissa peccata: anathema sit.

Idemque antea fuerat ab Eugenio IV Pontifice Max. declaratum his verbis: (in decreto pro inist. Armen.) *quoniam Sacramentum est poenitentia, cujus quasi materia sunt actus poenitentis, qui in tres distinguuntur partes, quarum prima est, cordis contritio... secunda oris confessio... tertia satisfactio.*

Eandem Græcorum, Orientaliumque doctrinam esse in posterum ostendetur, ubi sigillatim de contritione, confessione, & satisfactione agetur.

Nec desunt hujus veritatis certissima argumenta.

In iis enim actibus Sacramenti materia est ponenda, qui ad ejus integritatem, & plenam atque perfectam peccatorum remissionem ex Christi instituto requiruntur; atqui tales sunt contritio, confessio, & satisfactio.

Ac id quidem contritionem divina naturalique lege esse necessariam, vel hinc invicem probatur, quod materia Sacramenti, virtus ipsa poenitentia sit, quam Christus Sacramenti excellentia sublimavit; atqui virtus poenitentia, ut prædiximus (qu. 1.) potissimum in contritione consistit: ergo &c.

2. Confessionem ex Christi præscripto requiri, ipsa clavium potestas significat, quam Apostolis contulit, dicendo: *quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt*: equidem in lege naturæ & lege scripta, quando a peccatis absolventi ministerium nemini homini creditum Dei indulgentia fuerat, satis erat peccatoribus ad invisibile Die tribunal se sistere, eidemque conscientia ulcerata, intimæque recessus confessione humili propalare: *delictum meum*, inquit David, (Ps. 38, 5 & seq.) *cognitum tibi feci, & iniquitatem meam non abscondi, dixi confitebor adversam me iniquitatem meam Domino, & tu remisisti impietatem peccati mei*... item Ezechias Rex (Lr. 38, 15) *recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine anime mee*. Sed postquam iudicii auctoritas Apostolis eorumque successoribus data est, exinde confessionem non Deo soli, sed & homini fieri oportuit: ubi enim iudicium intervenit, causam cognosci necessarium est; atqui a sacerdote cognosci causa peccatoris non potest, nisi humilis & sincera confessio præserit: ergo &c.

3. De satisfactione, quod necessaria sit, perspicuum est: poenitentia enim non solum est actus judicialis, per quem homo in Dei gratiam redit, sed etiam iudicium vindictarum juris divini, quod peccato est violatum, atqui vindicta sine poena & satisfactione esse non potest. Deinde: quæ pars est virtutis poeniten-

tia; eadem pertinere ad Sacramentum putari debet; quia ut est sæpe dictum, virtus ipsa præbet materiam Sacramento: atqui satisfactio ad virtutem poenitentia pertinet, ut prædictum est, & qu. 6 plenius declarabitur: hinc in Joëlis prophetia legitur; (Joel 2, 12 & seq.) *convertimini ad me in toto corde vestro, in jejuniis, & fletu, & planctu, & scinditis corda vestra, & non vestimenta vestra, &c.*

De his tribus poenitentia partibus præclara SS. Patrum testimonia ubique occurrunt: unum in præsentis, aut alterum exscribemus, inferius plura daturi. *Confiteantur*, inquit S. Cyprianus, (*tract. de laps.*) *singuli, quæso vos fratres, delictum suum: dum adhibet qui deliquit in sæculo esse, dum admitti confessio ejus potest, dum satisfactio & remissio facta per Sacerdotem, apud Dominum grata est, convertamur ad Dominum mente tota, & poenitentiam criminis veris doloribus exprimentes, Dei misericordiam deprecemur.*

Et S. Joannes Chrysost. (*hom. de poenit.*) *perfecta poenitentia cogit poenitentem omnia libenter ferre: in corde ejus contritio, in ore confessio, in opere tota humilitas: ut quibus modis Deum offendimus, corde, ore, opere, illidem reconciliemur Deo: corde quidem per contritionem, ore per confessionem, opere per satisfactionem.*

Eodemque sensu S. Aug. explicans hæc verba Ps. 146, v. 3, qui sanat contritos corde, & alligat contritiones eorum: *sanat inquit, contritos corde, sanati confitentes, sanati se ipsos punientes.*

Atque hinc perspicuum est, longissime a veritate catholica Lutherum exorbitasse, quando Lovanienses Doctores refusant, (in scripto cont. Lovaniens. prop. 37) *poenitentia tradita a Lovaniensium Synagoga, scilicet quod sit, contritio, confessio, & satisfactio, nulla est, nisi Jude proditoris & similium: ideo ut heretica est damanda. Quis non rideat nebulonis accidissimi ignorantiam, doctrinam totius Ecclesie, etiam academiæ velut propriam adscribentis? Quis vero non stupeat privatum hominem ab Ecclesia profugum, tantam sibi arrogare auctoritatem, ut dogmata Religione certissima autem hæresibus accensere, sibiique uni credi velit contra indefectibile perpetuæ traditionis iudicium?*

Jam si queratur, utrum tria hæc prærehabean in Sacramento gradum necessitatis?

R. Negative. Quando enim plerique ad unum ejusdemque rei perfectionem ita conerant, ut primum formaliter, ut loquuntur, inesse oporteat, nullaque ratione suppleri ejus absentia possit: cætera vero, si haberi aliter nequeant, solo desiderio compensentur: evidens est, quod æqualis necessitatis non sint; atqui ita inter se comparantur contritio, confessio, & satisfactio.

Allo. Contritio enim sive cordis compunctio sic necessaria est, ut sine illa stare poenitentiae Sacramentum penitus impossibile sit. Nemo enim est venia dignus, nisi qui vere ad Deum conversus est. Porro si quis conversionem sine contritione intelligit, pari facilitate montem intelliget sine valle. Jam vero confessio, si quis casu quolibet linguam habet impeditam, vel signis ac nutibus, vel vitæ bene actæ testimonio, vel, ut multis quidem placet, ejusdem saltem præsumptione suppletur. Satisfactio denique omitti ex integro potest, ejusque sufficit formale aut virtuale propositum, si poenitens in ipso mortis articulo absolutione donetur: ergo &c.

ARTICULUS TERTIUS.

Scolarum dissidia componuntur.

Atque in his quidem scholarum omnium in Ecclesia Catholica, nemine contradicente, consensus est. Sed quæ ratione debeat materiz nomen in præsentia accipi, an de materia Sacramentum intrinsece componente, quomodo aqua esse baptismi pars affirmatur; an de materia extrinseca & obiectiva, quæquæram ad Sacramentum dispositio sit? In hoc nimirum Theologorum, nec sine astu agitata contentio est.

§. PRIMUS.

Referuntur opiniones.

1. Quidem Thomistæ omnes, & plerique alii cum Angelico præceptore contendunt, contritionem, confessionem, & satisfactionem esse in materiam proprie dictam, ex qua Sacramentum in se constituitur.

2. In contrarium Scotistæ Doctoris subtilis vestigiis insistendo volunt, tres poenitentis actus necessario quidem requiri, ut Sacramentum ex effectus integrum, sive esse materiam, circa quam proximè & obiective poenitentia occupatur: negant vero ad integritatem substantialem pertinere, aut intrinsece Sacramentum ipsum componere. Scotus enim (in 4, dist. 14, q. 4, & dist. 16, q. 1) Sacramenti essentiam in sola absolutione reposit: ita ut, quatenus ritus sensibilis est, pro materia: quatenus vero remissionem peccatorum significat, debeat pro forma haberi. Unde intulit, veram hanc & adequatam Sacramenti esse definitionem: *Poenitentia est absolutio hominis poenitentis, facta certis verbis, cum debita intentione prolatis, a Sacerdote jurisdictionem habente, ex institutione divina efficaciter significantibus absolutionem animæ a peccato.*

3. Durandus (in 4, dist. 16) partim cum Scoto consentit, partim dissentit, etsi enim concedat, contritionem & satisfactionem partes poenitentiae aliquatenus dici posse, si pars pro eo omni sumatur quod poenitentiam vel antecedit, vel sequitur: negat tamen eo nomine appellandas, si strictè & proprie parcesse dicatur hoc solum, per quod ipsum in se Sacramentum constituitur. Aliter vero de confessione decernit, quam vult ad Sacramentum intrinsece pertinere: censet itaque absolutionem esse poenitentiae formam, totamque ejus materiam in sola confessione consistere; atque adeo contritionem esse, præviā ad Sacramentum dispositionem; satisfactionem vero fructum ejus & appendicem.

Quæritur quid de his opinionibus sentiendum: Quæ difficultas ut resolvantur, sit

§. SECUNDUS.

Ostenditur Scoti opinionem fidei nihil habere contrarium.

Utenim censura adeo gravi perstringeretur, probari ex Scriptura aut traditione deberet contritionem, confessionem, & satisfactionem, esse partes intrinsece & per modum materiz Sacramentum poenitentiae componentes; atqui in tota Scriptura & traditione nec verbum suggeritur, unde inferri queat sententiam hanc fidei dogmatibus comprehendi. Nam semper quidem Ecclesia credidit contritionem, confessionem, & satisfactionem vel in re, vel in voto ad Sacramentum necessario, & aliquatenus essentialiter pertinere, an vero intrinsece Sacramentum componerent, aut e contrario eidem velut conditiones extrinsece adhererent? questionem hanc subtilem magis quam necessariam, intulit penitus voluit, & Scholarum disputationi reliquit. Hinc prudenti consilio ab Eugenio IV, & Synodo Trid. declaratum, *contritionem, confessionem, & satisfactionem esse quasi materiam Sacramenti poenitentiae: ubi vox (quasi) observationem meretur.*

Deinde: Ubi multorum in eodem dogmate propugnando plena consensus est & in solis vobis ac nodis scholasticis controversia tota versatur, tum sane non est inter eos tale ponendum discrimen, ut alii pro fide, alii dicantur contra pugnare; atqui si bene advertimus, Thomistarum cum Scotistis, & Durandi cum utrisque in dogmate Catholico admittendo plena est concordia: in qualibet enim parte contra Lutheranos, velut pro aris ac focis pugnatur, non sufficere ad veram poenitentiam terrores conscientiz incusson, & fidem, quæ creditur pec-

ca.

§. T E R T I U S.

Ostenditur Sancti Thomæ doctrinam propius ad veritatem accedere.

enta per Christum esse remissa ; sed præterea necessario requiri contritionem , confessionem , & satisfactionem . Quidquid vero inter illos rixarum est , illic tandem revocatur , qua ratione ad Sacramentum actus isti pertineant , intrinsece an extrinsece , obediunt an subjective ? quam questionem , fidei substantiam non attingere , fereque de solo nomine esse , dudum a viris apprime doctis , nominatim vero ab Andrea Vera Scriptore inter Scotistas primi subseclii , (in Concilium Trid.) observatum est . Iniquum ergo fuerit , propter tam leve discrimen , Scotistas læsam fidei accusare .

Præterea : non potest in hæresis suspicio nem adduci opinio , quam a duodecimo sæculo ad nostram usque ætatem , libera & consentiente Ecclesia , Scriptores fidei Catholicæ ad dictissimi propugnaverunt ; atqui hujusmodi est opinio asserens contritionem , confessionem , & satisfactionem esse tantum partes & conditiones extrinsecas pœnitentiæ . Nam

1. Doctrinam hanc 12 sæculo tenuerunt , Robertus Pullus Cardinalis , (part. 6 , c. 61) & Stephanus Langthornus Archiepiscopus Cantuariensis ; eamque deinceps a Scoto nobilitatam manibus pedibusque amplexi sunt : Guillemus Okamus , Joannes Major , Jacobus Almainus , Scotistæ denique omnes , quibus multi alii adhæserunt .

2. Nec minor fuit opinandi licentia , post emissum sæculo 15 ab Eugenio IV Pontifice Max. pro Armenis instruendis decretum . Imo Concilii Trid. temporibus , communem hanc multorum fuisse opinionem , fide digni Scriptores affirmant .

3. Narrat Cardin. Pallavicinus in Histor. Concilii Trid. (l. 12 , c. 12) Scotistas in Synodo conquerentibus , quod patres definissent , tres pœnitentis actus esse quasi materiam Sacramenti pœnitentiæ , verentibusque ne hoc canone crederetur suæ opinioni allatum aliquid detrimenti , plene a patribus satisfactum .

4. A temporibus Synodi Trid. acceptæ a suis majoribus opinioni , ubique Scotistæ pari ac antea libertate , nec minore tenacitate adhæserunt ; eamque etiam nunc , tum in Scholis domesticis , tum in orbis Christiani Acaemiis , Ecclesia non improbane defendunt : ergo &c.

Quod vero de Scotistarum sententia dictum est , debere pariter de opinione Durandi intelligi , quod scilicet fidei Christianæ integritatem nec leviter lædat , eadem pene argumenta evincunt .

Quamquam vero certo teneamus , Doctores subtilis , & ab ejus nomine dictæ celeberrimæ scholæ sententiam ab omni hæresis suspicione remotissimam esse ; contendimus tamen jure nostro , verosimiliorem Angelici præceptoris esse doctrinam , affirmantis actus pœnitentis esse propriam & internam Sacramenti materiam ; idque probamus

1. Ex analogia pœnitentiæ cum aliis Sacramentis . Cætera enim duabus partibus intrinsece coalescere , quarum altera materiæ , formæ altera locum teneat , axioma est in Theologia receptissimum . Hinc quod est a S. Aug. de baptismo dictum : *accedit verbum ad elementum , & fit Sacramentum* : omnibus Sacris Symbolis generaliter accommodatur ; atqui si substantia Sacramenti pœnitentiæ , in sola , ut volunt Scotistæ , absolutione consisteret , nulla , in hac saltem parte , illius esset cum cæteris Sacramentis convenientia : nec de illa dici posset , quod haberet materiam a forma diversam . Quod enim ajunt , absolutionem respectu vario materiæ & formæ vices implere : materiæ quidem , quatenus sensibilis est , formæ vero , prout peccatorum remissionem significat , merum effugium est , cum non minus debeat esse sensibilis forma Sacramenti , quam ipsa materia : ergo &c.

2. Ideo e. c. dicimus , aquam esse internam Baptismi materiam , quia Christus elementum aquæ eo dignitatis exivit , ut accedente verbo : *ego te baptizo* &c. peccatum abstergeret , & gratiam sanctificantem ex opere operato conferret ; atqui ad eundem honoris gradum virtutem pœnitentiæ exulit , ut scilicet accedente Sacerdotis absolutione peccatorum remissionem operaretur . Ergo virtus pœnitentiæ , Sacramenti propria & intrinseca materia est . Jam sic subsumo ; atqui virtus hæc potissimum in contritione & satisfaciendi voluntate consistit : deinde vero , quatenus absolvendi ministerium ritu judicario exercetur , sine confessione esse non potest . Ergo tres illi pœnitentis actus veram constituunt Sacramenti materiam .

3. Si qua ratio , actus pœnitentis materiam Sacramenti esse non sinneret , maxime quia eorum cum forma Sacramentali nulla proportio foret , atqui non valet hæc ratio : nam ut constat ex dictis libro primo , de Sacramentis in genere , Sacramentum non est totum physicum , ex partibus natura conjunctis coalescens ;

sed totum morale, quod scilicet ex partibus disparatis consurgit, minimeque natura conveniunt. Nam quæso quid similitudinis aut proportionis naturalis est, inter aquam elementarem, & verba; ego te baptizo &c. hinc sic subsumo: tam potuit Deus, ex actibus penitentis & absolvendi forma Sacramentum hoc constituere, quod penitentiam dicimus, quam ex ablutione aquæ naturalis & verbis accedentibus Sacramentum baptismatis efformare: non enim major in uno, quam in altero pugnantia est: imo actus inter penitentis, & ejusdem a peccato absolutionem convenientiam quandam esse negare non possumus; cum in foro ipso humano absolutio Rei ex ejus confessione & voluntario acceptata satisfactione sequitur. Cum itaque potuerit ex elementis & verbis natura dissimilissimis reliqua Sacramenta formare, quanto magis fatendum est, ex præparatione penitentis & ministerio Sacerdotis judicantis Sacramentum penitentiae constituere potuisse?

4. Ejusdem rei petitur ex decreto Eugenii IV non contemptibile argumentum. De Sacramentis enim generatim ita pronuntiat: *hec omnia Sacramenta tribus perficiuntur, videlicet rebus tanquam materia, verbis tanquam forma, & persona ministri conferentis Sacramentum cum intentione faciendi quod facit Ecclesia* . . . Deinde de penitentia specialiter: *quærum, inquit, Sacramentum est penitentia, cuius quasi materia sunt actus penitentis*. Unde sic arguuntur:

Utroque in loco nomen materiæ summus Pontifex, eodem sensu accipit, quod nemo, opinor, negabit; atqui quando ait, tribus perfici omnia Sacramenta, loquitur, non de materiis circa quam, sed de materia intrinsece & substantialiter Sacramentum componente: hoc enim affirmat alludendo ad sententiam S. Aug. (*Tract. 80 in Joann.*) *accedit verbum ad elementum, & fit Sacramentum*. Pariter itaque quando dicit, penitentis actus esse quasi materiam Sacramenti penitentiae, non de materia circa quam, sed de materia Sacramentum intrinsece perficiente debet intelligi. Non enim ait (*quasi*) ad insinuandum his actibus Sacramentum penitentiae interius non componi; sed ad significandum, non esse materiam elemento similem, & extrinsecus ob oculos positam: quomodo aqua in baptismo, & Christus in confirmatione materia est.

5. Denique eidem doctrinæ favet Conc. Trid. Etsi enim hoc iterum fateamur, quod superiori paragrapho in gratiam Scotistarum adstruebamus, Trid. patres gravioribus negotiis occupatos, sibi non sumpsisse controversias scholasticas dirimere, ultro tamen quisquis

attenderit, recognoscet, magis in S. Thomæ, quam in contrariam sententiam propendisse. Nam sessione 14, c. 3 & can. 4 supra cit. affirmant:

1. Actus penitentis esse partes Sacramenti penitentiae.

2. Ad integritatem Sacramenti pertinere.

3. Esse quasi materiam hujus Sacramenti.

Unde sic argumentum prosequimur; atqui quæ ad rem aliquam mere objective & extrinsece pertinent, non solent dici partes ejus integrantes & materiales: quis enim dixerit, oculi partem esse colorem, propterea quod ejus objectum sit? Intelligit ergo Concilium, iis actibus intrinsece & substantialiter Sacramentum constitui.

Deinde. Supponit Concilium, actus penitentis vim quandam Sacramentalem habere: ait enim in hoc cap. 3: *Docet præterea S. Synodus, Sacramenti penitentiae formam, in qua præcipue vis ipsius sita est, in illis Ministris verbis positam: ego te absolvo &c.* ubi enim duo occurrunt, quorum unus aliquod attributum præcipue convenit, consequens est, ut alteri suo quoque modo conveniat, etsi minus principaliter. Ergo Concilium Trid. ideoaclus penitentis Sacramenti materiam nominat, ut ex illis componi intrinsece innuat: adeoque haud immerito dictum, probabiliorum S. Thomæ quam Scoti esse doctrinam.

§. QUARTUS.

Scotistarum argumenta solvuntur.

Quod ut evidentius appareat, juvat præcipuas Scotistarum difficultates expendere.

Obiiciunt. Perfectum penitentiae Sacramentum a Sacerdote confertur; nec enim alius præter Episcopum aut presbyterum, potest hoc sibi officium arrogare, ut Concilium Trid. ad mentem Scripturæ & traditionis definiit; (*Sess. 14, cap. 6, & can. 10*) atqui si penitentis actus intrinsece componerent Sacramentum penitentiae, jam non solus Sacerdos, sed ipse etiam penitens esset hujus Sacramenti minister: ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. Is enim solus, verus est penitentiae Sacramenti minister, cuius est verba proferre, quæ dant materiæ, gratiæ conf. rendæ fecunditatem, quibus accedentibus ad elementum, fit Sacramentum; atqui licet penitens actus exerat, quod dicitur penitentiae esse materiam, ad Sacramenti tamen dignitatem actus illi non provehuntur, neque habent gratiæ Sacramentaliter conf. rendæ virtutem, nisi quatenus cum verbis absolvendi a Sacerdote prolatis junguntur: a quibus

bus si distraherentur, materia proxima Sacramenti dici non poterunt, quomodo aqua sine verbo baptisimi materia, nisi remota, non est: ergo &c.

Deinde idem dicendum de poenitentia ac de matrimonio; atqui licet materia Sacramenti Matrimonii sit mutui contrahentium consensus, quod erit alibi demonstrandum, hoc non impedit, quominus solus Sacerdos dicatur huius Sacramenti minister. Ergo a pari etiamsi materia poenitentiae in actibus hominis poenitentis consistat, est tamen solus Sacerdos ejus conficiendi minister.

Inst. 1. prob. min. qui majori ex parte conficit Sacramentum, titulo ministri fraudari nequit; atqui in hypothesis Thomistarum poenitens in Sacramenti confessione præcipuas & difficiliore partes adimplet, cum ad illum pertineat materiam exhibere: ergo &c.

R. Dist. maj. Qui majorem conficit partem Sacramenti, titulo ministri fraudari nequit, si de iis Sacramentis sit sermo, quorum materia consistit in elemento sensibili, conc. si de iis agatur, quorum materia sunt ipsi actus suscipientis, n. maj. & concessa min. n. consequ.

E. R. Poenitentiam inter & reliqua Sacramenta (solo dempto Matrimonio) hoc discriminis intercedit, quod in cæteris materia, res aliqua sensibilis sit, omnino a subjecto diversa, in poenitentia vero actus poenitentis materię loco sint: quo fit ut ab ipso Sacramenti subjecto expendi, præstarique debeat. Quocirca non idem de poenitentia ac de baptismo e. c. debet esse judicium, neque ex eo quod Sacerdos materiam poenitentiae non conferat, consequens est, non esse Sacramenti ministrum. Ille enim solus Sacramentum conficit, qui formam materię applicat, unde vim omnem suam trahit Sacramentum; atqui solus Sacerdos formam materię applicat, solus clavium potestatem exercet, earumque virtute absolvit: ergo &c.

Inst. 2. Atqui in hypothesis quod actus poenitentis sint propria & intrinseca Sacramenti materia, non poterit dici solus Sacerdos huius Sacramenti minister: ergo &c.

Prob. subs. ille solus non est Sacramenti minister, qui non id omne exhibet, cui proprium est gratiam ex opere operato conferre; atqui in Thomistarum doctrina, non id omne præbet Sacerdos, cui convenit gratiam ex opere operato conferre, nam materiam ministrare ad eum non pertinet; atqui materia Sacramenti ad gratiam ex opere operato producendam ex Christi institutione concurrir: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. n. min. & ad ultimum argumentum concessa pariter maj. dist. min. materia Sacramenti ex

institutione Christi ad gratiam ex opere operato producendam concurrir, quatenus cum forma conjungitur, & ab illa, ut ita dixerim, fecundatur, conc. quatenus in se præcise, & separatim a forma spectatur, n. min. & consequ.

E. R. Cum materia Sacramenti non ex se præcise habeat, quod ad gratiam ex opere operato producendam concurrat; sed quatenus est per formam determinata: ille solus putari debet verus Sacramenti minister, qui formam materię admoveat. Jam vero quod actus poenitentis non ex se præcise & separatim a forma, effectus producendi vim habeant, sed quatenus formæ connectuntur; tum aliorum Sacramentorum exemplum probat, tum expresse tradit S. Thomas: *actus humani qui sunt ex parte peccatoris*, inquit, (3 p. q. 86, art. 6, in C.) *materialiter se habent in Sacramento poenitentiae, omne autem Sacramentum producit effectum suum, non solum virtute formæ, sed etiam virtute materię: ex utroque enim est unum Sacramentum. Unde sicut remissio culpe fit in baptismo, non solum virtute formæ, sed etiam virtute materię, scilicet aquæ, principaliter tamen virtute formæ, ex qua & ipsa aqua virtutem recipit: ita etiam & remissio culpe est effectus poenitentiae, principaliter quidem ex virtute clavium quas habent ministri, ex quorum parte accipitur id quod est formale in hoc Sacramento: secundario autem ex vi actuum poenitentis, poenitentium ad virtutem poenitentiae, tamen prout bi actus aliquid ordinantur ad claves Ecclesie.*

Inst. 3. Cum Sacramentum sit essentialiter res sensibus subjecta, non potest aliquid dici Sacramenti materia, nisi sensibile fuerit, atqui contritio non est quid sensibile, cum tota intus in anima sit. Ergo is saltem actus ad materiam Sacramenti non pertinet.

R. Dist. maj. non potest aliquid dici Sacramenti materia, nisi sensibile sit, vel mediate, vel immediate, vel in se, vel in signo quodam suo, conc. immediate & in se ipso, n. maj. Similiter dist. min. Contritio non est sensibilis, immediate & in se ipsa, conc. mediate, & in aliquo suo signo, n. min. & consequ.

E. R. Fatemur contritionem immediate & in se non esse sensibilem, quia ut bene in argumento notatum est, intus cor adhæret, & internus animi dolor essentialiter est. Sed mediate sensibilem esse contendimus, quatenus per actus exteriores confessionis, & satisfactionis, aliaque externa doloris signa manifestatur. Dicendum, inquit S. Thomas; (3 p. q. 90, art. 2, ad 1) *quod contritio secundum*

essentiam quidem est in corde, & pertinet ad poenitentiam exteriorem, in quantum scilicet importat propositum confitendi & satisfaciendi.

Inst. 4. Atqui licet possit contritio se ipsum exteriori signo aliquo proderi: non est tamen dicenda Sacramenti materia, ergo &c. Prob. subs. idem de poenitentia ac de baptismo debet esse iudicium; atqui licet contritio quædam baptismo præmitti debeat ab adultis, non ideo tamen pars sive materia baptismi dicitur esse: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. n. maj. & paritatem. Disparitas ex ipsa Sacramentorum differentia peti debet, ut docet præceptor Angelicus. Dicendum, inquit, (3 p. q. 84, art. 2, ad 1) quod in illis Sacramentis, in quibus confertur excellens gratia, quæ superabundat omnem facultatem humani ætus, adhibetur aliqua corporalis materia exterior, sicut in baptismo & in confirmatione . . . unde si qui ætus humani sunt in talibus Sacramentis, non sunt de essentia Sacramentorum, sed dispositive se habent ad Sacramenta: in illis autem Sacramentis, quæ habent effectum correspondentem humanis actibus, ipsi ætus humani sunt loco materie, ut accidit in poenitentia & matrimonio. Ita S. Thomas; cujus responsio si cuiquam minus arrideat, alteram damus ex ipsa Christi institutione petitam. Quando enim dixit Salvator: Nisi quis renatus fuerit ex aqua & Sp. Sancto, non potest introire in Regnum Dei: abunde significavit, aquam futuram baptismi materiam, contritionem vero in adultis, non secus ac fidem, in meris Sacramento præmittendis dispositionibus locum habituram: eoque magis, quod si contritio Sacramenti regenerationis materia foret, nullibi sine contritione posset verus esse baptismus; atqui infantes & amentes vere sine contritione præhabita baptizantur. Ergo mera Sacramenti conditio, non materia dici debet. Numquid vero possumus idem de Sacramento poenitentis affirmare, in quo præter actus poenitentis, quod locum materie teneat nihil occurrat?

Inst. 5. Cum debeant materia & forma Sacramenti simul existere, non potest dici materia Sacramenti poenitentia, quod formam præcedit, multoque minus poterit hunc sibi titulum arrogare, quod erit forma posterius; atqui confessio & satisfactio non simul existunt cum forma: absolutionem enim præcedit confessio, satisfactio vulgo sequitur: ergo &c.

R. 1. Nego maj. propositionem universaliter intellectam de omni & quolibet Sacramento: nego, inquam, materiam & formam in unoquoque Sacramento ita necessario coexistere, ut si aliqua intercapedine dividantur, ve-

rum desinat esse Sacramentum. Hæc enim regula etsi in baptismo & cæteris Sacramentis locum habeat, in quibus nihil impedit, quominus materia & forma simul existant, in poenitentia certe non habet, cujus forma debet applicari materie juxta modum sue institutionis. Porro sic instituta est poenitentia, ut ad modum iudicii debeat exerceri. Quemadmodum itaque in causis forensibus accusatio & confessio Rei, præcedit sententiam iudicis, poena vero sive satisfactio aliquando antea, aliquando sequitur. Ita in poenitentia debet confessio peccatoris præcedere, satisfactio vero, prout spiritali medico visum fuerit, vel ante, vel post sententiam fieri. Et quemadmodum accusatio, sententia, & impositio poenæ, licet simul non existant, forensis iudicii partes revera creduntur, & sunt: ita nulla causa est, cur non idem de poenitentia Sacramento dicatur. Quod facile concedet quisquis attenderit, Sacramentum non esse totum physicum, sed morale, cujus partes plerumque non simul, sed continuata, aut etiam intermissa successione existunt.

R. 2. Transeat major, & dist. min. Confessio & satisfactio non simul existunt cum forma, actu & revera, conc. virtualiter, n. min. & consequ. quemadmodum enim intentio finis in moralibus, virtualiter perseverat, in virtute scilicet actus præcedentis; licet qui operatur, de fine in præsentem non cogitet. Ita in poenitentia, confessio quæ præcessit, virtualiter cum forma sive absolutione existit; itemque satisfactio licet secutura, habet tamen in voto ac proposito poenitentis existentiam aliquam virtutalem: eoque magis, quod sine voluntate satisfaciendi, vera contritio esse non possit.

Inst. 6. Et ultimo. Sacramento gratia confertur; atqui confessio & satisfactio nullam gratiam afferunt: confessio enim eam expedit, satisfactio ante habitam præsupponit. Ergo non sunt partes Sacramenti.

R. Dist. maj. in Sacramento gratia confertur, quando forma applicatur materie, vel Sacramentum ipsum percipitur, conc. hoc ipso quod aliqua pars ejus existit, n. maj. Et concessa ad hunc sensum min. n. consequ. non est necesse infundi gratiam, quando parsquecumque Sacramenti existit; sufficit enim quod conferatur in ipsa formæ ad materiam applicatione, aut in actuali Sacramenti perceptione, velut quando sumitur Eucharistia; atque adeo etiam si actus confitendi, & Deo satisfaciendi, gratiam actu non conferant, quam vel supponant acceptam, vel expectant infundendam; non propterea desinunt Sacramenti materiam constituere.

APPENDIX.

*De impositione manuum utrum Sacramenti
pœnitentiæ materia dici possit.*

Manuum pœnitentibus imponendi ritum esse in Ecclesia antiquissimum, & omnium ubique gentium ab ipsis Religionis primordiis consensione servatum constat: ejus enim frequentissime meminerunt Tertullianus, S. Cyprianus, Constitut. Apostolicæ, Optatus Milevit. S. Aug. S. Leo Pontifex Max. Concilium Carthag. IV. Toletanum IV, Arausicanum in Gallia: & alii denique multi Scriptores: unde haud immerito creditur ab ipsis Apostolis institutus.

Non inde tamen sequitur, quod ad materiam Sacramenti pœnitentiæ stricte loquendo pertineat. Materiam enim pœnitentiæ proprie dicimus, ad quam accedente verbo seu absolute Sacerdotis fit Sacramentum. Porro de impositione manuum non potest hoc affirmari: ut enim proxime est demonstratum, ex solis actibus pœnitentis coalescit Sacramenti materia, & ex illa, accedente verbo, constituitur Sacramentum. Itaque promera cæremonia manuum impositio haberi debet, quam etsi fateamur ad Sacramenti essentiam non pertinere; nefas tamen fuerit sine justa aliqua causa prætermittere: ritum enim quem constat a majoribus observatum & ab Ecclesia ubique retentum, non est in privati cujuslibet hominis potestate infringere; atqui talis est cæremonia manuum impositionis super pœnitentes, quando Deo, & Ecclesiæ reconciliantur. Temere ergo ageret minister impositionem manuum negligendo.

Objeſſio.

At, multorum, inquires, gravium Scriptorum sententia fuit, impositionem manuum esse materiam saltem partialem Sacramenti pœnitentiæ. Ita enim sæculo 12 docuit Guillelmus Altissiodorensis: (*in Sum. l. 4*) quem deinceps secuti sunt Guillelmus Parisiensis, Vincentius Bellovac. Alexander Halensis, & alii primi subseſſii Theologi. Ergo &c.

R. 1. Transeat ant. & nego conseq. esto enim ita auctores memorati putaverint, contrarium tamen S. Thomas, alique numero & auctoritate majores senserunt, quorum doctrinam Ecclesia approbavit, ut constat ex decreto Eugenii IV & Concilii Trid. supra relatis, ubi dicitur aſſus pœnitentis esse quasi materiam Sacramenti pœnitentiæ, de manuum vero impositione nec minima mentio fit.

R. 2. Dist. ant. multorum sententia fuit, manuum impositionem esse materiam pœnitentiæ, *accessoriam*, & *cæremonialem*, conc.

necessariam, n. E. R. Cum materia Sacramenti, ut sæpius observavimus, altera sit *essentialis*, altera *accessoria* (& *mere cæremonialis*; ubicumque in veterum scriptis occurrat nomen materiæ non est necessarium materiam essentialem & Sacramentalem intelligere; aliquando enim de accessoria fuisse locutos, res ipsa, aut occasio scribendi declaratur: porro talis est impositio manuum, quam ad intrinsecam Sacramenti naturam non pertinere, constat ex principiis positis: quod si ad hunc mitiorem sensum prædicti auctores nequeant revocari, standum erit primæ responsioni, & dicendum eos in hac parte sine injuria deseri, quippe qui certum doctrinæ suæ principium, & causam necessariam non attulerint.

Inst. Certo fundamento eorum sententia nititur, qui olim putarunt impositionem manuum ad pœnitentiæ Sacramenti essentialem materiam pertinere. Ergo &c.

Prob. subs. Sanctorum Patrum auctoritate.

1. Quidem solemne fuit antiquis doctoribus Sacramentum pœnitentiæ haud aliter quam impositionem manuum appellare: sic inter cæteros S. Aug. *Manus impositio*, inquit, (*lib. 3 de bapt. contr. Donat. c. 22*) non sicut baptismus repeti non potest: ubi per impositionem manus certissime pœnitentiæ Sacramentum intelligit.

2. Manuum impositioni virtutem reconciliandi & a peccatis absolvendi, Patres adscribunt: *Pœnitens*, inquit Concilium Carthag. IV, can. 76, *reconcilietur per manus impositionem*: cui simile est illud S. Aug. (*lib. 3 de bapt. contr. Donat. c. 22*) *Quomodo exaudit Deus homicidam deprecantem super capita eorum quibus manus imponitur?* quibus videlicet pœnitentiæ Sacramentum confertur: eaque fuit manuum impositio reconciliatoria, quam Hæreticis in gremium Ecclesiæ red.untibus conferri olim solitam fuisse, ab impositione manuum confirmatoria longe diversam alibi observavimus. (*lib. 3 de confirmat.*) Hinc sic e.ruitur argumentum:

Illi gravi auctoritate movebantur, ut dicerent impositionem manuum, essentialem esse pœnitentiæ Sacramenti materiam, qui acceperant a majoribus, manuum impositionem virtutem reconciliandi habere, eaque de causa pœnitentiam impositionem manuum esse dictam; atqui videtur hoc certum ex testimoniis Patrum adductis, aliisque longe pluribus, quæ afferri poterant. Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritates, & concessa maj. n. min. Nam

1. Ideo Sacramentum pœnitentiæ manuum impositionem legimus interdum a Patribus ap-

pel-

pellatum; non quod putarent ritum hunc esse Sacramento essentiali, sed propterea quod esset poenitentiae administrationi antiqua traditione adjunctus: quamquam enim ab iis rebus vulgo Sacramenta nomen habent, quae sunt sibi essentialia: quomodo quando baptis- mus lavacrum aquae, & Eucharistia Corpus & Sanguis Domini nominatur: interdum tamen ab aliis non pariter necessariis ritibus, aut ab effectibus ac proprietatibus, appellationem trahere nihil obstat: unde quod a Patribus poenitentia, manuum impositio dicta fuerit: non magis hinc sequitur, putatam ab illis partem poenitentiae essentiali, quam si quis probare vellet, fidem esse partem baptismi intrinsecam, eo quod ab antiquis Sacramentum fidei sive illuminationis dictus fuerit.

2. Non ideo affirmarunt, poenitentes per manus impositionem reconciliari, quod in hoc ritu virtutem quandam propriam peccata remittendi ex opere operato agnoscerent; sed quia sine illo reconciliatio non fiebat; unde propter conjunctionem huius caeremoniae cum aliis ex Christi institutione necessariis, potuit a SS. Patribus vero aliquo sensu dici, poenitentes per manuum impositionem reconciliari: cujus rei ex aliis Sacramentis exempla afferre ad manum foret, nisi facile intelligeretur.

Nec tamen hinc inferendum, impositionem manus negligi aut praetermitti impune posse: quin e contra contendimus magna cautione observandam, eorumque culpabilem gravique reprehensione plectendam fore negligentiam, qui ritum hunc sine causa praeterire praesumerent: tum quia antiquitus magno ubique, ut praediximus, pretio habitus est: tum quia ab Apostolica traditione, & ab ipsius Christi exemplo descendere pie creditur: tum quia per illum exprimitur jurisdictio Sacerdotis erga poenitentem, & clavium potestatis exercitium: tum quia Sacerdos per illum significat se pro illo orare, eique bene precari, cui manu imponit: *Quid enim est aliud manus impositio*, inquit S. Aug. (lib. 3. *contr. Donat. c. 16*), *quam oratio super hominem?* tum quia licet nullibi definitum legamus, ad poenitentiam essentialiter pertinere; nullibi tamen legimus non pertinere: unde cum in administratione Sacramentorum teneantur sequi ministri quod est totius in praxi, quamquam minus, ut loquimur, speculative probabile: si quis caeremoniam hanc voluntario negligeret, nullam excusationem haberet, maxime cum in Oriente & Occidente sine controversia observetur: de Latinis nulla difficultas est, neque de Graecis & Orientalibus, quisquis in eorum ritibus tantisper versatus fuerit, dubitabit: indeque est, quod in eorum Euchologiis, for-

ma absolutionis: *oratio super poenitentem: oratio super confessorum* dicatur; ut nimirum significetur, sine manuum impositione non fieri.

CAPUT TERTIUM.

De forma Sacramenti poenitentiae.

Forma Sacramenti poenitentiae, quomodo in ceteris sacris symbolis, verbum est, quo accedente ad elementum, aut ad rem elementum locum tenentem, fit Sacramentum: verbum porro illud esse absolutionem, quae a Sacerdote profertur, constans est & perpetua doctrina Ecclesiae in ipsis Christi verbis fundata: (*Joan. 20, 22, & seq.*) *Accipite Sp. Sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis* &c. voluit enim Salvator, potestatem hanc ab Apostolis eorumque successoribus per modum iudicii exerceri; adeoque immutabili lege constituit, absolventi sententiam gratiae efficacem futuram, & ad delenda ex opere operato peccata perpetuo valituram.

Et vero in unoquoque Sacramento ea verba vni habent formae, quae materiae adiunguntur, & proprium ejus effectum expresse significant ac producant; atqui verba absolutionis actibus poenitentis, qui Sacramenti quasi materia sunt, proxime coniunguntur, propriumque ejus effectum praestitae denotant, nec secus ac ista in baptismo: *Ego te baptizo in nomine Patris, & Filii, & Sp. Sancti*; ergo pro forma Sacramenti haberi debeat: quod si quis inde impugnare tentaret, quia saepe contingit poenitentem, etiam edita Sacerdotis favorabili sententia non absolvi, quin & strictius a Deo ligari, nihil proficeret; nec magis Ecclesiae doctrinam everteret, quam si quis aut solem lucidum, aut ignem comburendi virtutem habere negaret: quia nec caecos Sol irradiat, nec saxum ignis comburit: hoc enim unum hinc sequitur, quod Catholica pariter tenet & propugnat Ecclesia, ubi Sacramenti materia deest, effectum formae non exeri: porro ideo multi per iudicis spiritualis sententiam non solvantur, quia materiam Sacramento necessariam, actus scilicet contritionis, confessionis & propositum saltem satisfaciendi non afferunt.

Quibus autem verbis forma absolventi contineatur, cum verba Christi modo laudata satis superque demonstrant; tum Concilium Trid. antiquae traditioni insisterens sic explicat: "*Do-*" *cet praeterea S. synodus, inquit, (Sess. 24,*" *c. 3) Sacramenti poenitentiae formam, in*" *qua praecipue vis ipsius sita est, in illis mi-*" *nistri verbis positam esse: ego te absolvo* &c." quibus quidem de Ecclesiae sanctae more pre-

„ces quædam laudabiliter adiunguntur, quæ
„ad ipsius tamen formæ essentiali nequaquam
„spectant, neque ad ipsius Sacramenti admi-
„nistrationem sunt necessariae . . . *¶* *Ca-*
„*techismus ejusdem Concilii jussu editus*: est
„autem forma, inquit, (p. 2 de Sac. pæn. n.
„15, & seq.) *Ego te absolvo*: quam non so-
„lum ex illis verbis licet colligere: *quæcum-*
„*que solveritis super terram, erunt soluta* *¶*
„*in cælis*: sed ex eadem Christi Domini do-
„ctrina ab Apostolis traditam accepimus: ac
„quoniam Sacramenta id significant quod ef-
„ficiunt, & illa: *ego te absolvo*: ostendunt
„peccatorum remissionem hujus Sacramenti
„administratione effici: planum est hanc esse
„pœnitentiæ perfectam formam: sunt enim pec-
„cata tamquam vincula, quibus constrictæ a-
„nimæ tenentur, & ex quibus pœnitentiæ Sa-
„cramento laxantur . . . adduntur præterea
„quamplures preces, non quidem ad formam
„necessariæ: sed ut ea removeantur, quæ
„Sacramenti vim & efficientiam, illius culpa
„cui administratur, impedire possent“.

Itaque in his solis verbis, aut æquivalenti-
bus essentialis pœnitentiæ forma ponenda: æ-
quivalentibus, inquam, ut enim libro 1 de Sa-
cramentis in genere, & alibi sæpe monuimus,
iterumque data occasione monebimus, non ex
numero syllabarum, sed ex verborum sensu,
formarum Sacramentalium, & nominatim for-
mæ absolutiōis veritas ac significatio æstimanda;
quo fit, ut eadem absolute forma futura
sit, ubi idem sensus, etiam mutatis exteriori-
bus verborum mensuris ac sonis, manebit: unde
si quis diceret: *Ego condono tibi*: vel: *ego*
remitto tibi peccata tua: ad formæ essentiali
nihil deesset: qua de re si cui dubium insit,
attendat ad Græcorum consuetudinem, quos
constat verum habere, Romanæ Ecclesiæ judi-
cio, pœnitentiæ Sacramentum, & tamen ab-
solvendi formulam a nostra diversam servare.

Ritus Græcorum.

Quod ut unicuique ad oculum pateat, affer-
re juvat, quas collegit *Gouars*, (in *Ritu-
li Græcorum edit. Par. p. 673, & seqq.*) eorum
absolvendi formas, magni deinceps argumen-
ti vim habebit, quando quæstione 8 ex profes-
so expenditur, quibus verbis debeat absolutio
exprimi, indicativis, deprecativis, aut impera-

„Sic porro sunt Græcorum preces.

Oratio super pœnitentem.

„Deus salvator noster, qui per Nathan Pro-
phetam, Davidi de propriis peccatis pœni-

„tentiam agenti concessisti indulgentiam, &
„iterum Manasse orationem in pœnitentia ex-
„audisti: ipse & servum tuum N. de iis quæ
„perpetravisti peccatis pœnitentiam agentem,
„solita tibi humanitate suscipe: ne respicias
„ad ea quæ egit, tu qui injustitias dimittis,
„& præteritis iniquitates: tu enim dixisti Do-
„mine: nolo mortem peccatoris, sed ut con-
„vertatur & vivat; & ut septuagies septies
„remitterentur peccata, quoniam sicut incom-
„prehensa est magnitudo tua; ita & miseri-
„cordia: si enim iniquitates observaveris, quis
„sustinebit? quia tu es pœnitentium Deus,
„& tibi gloriam referimus, Patri, & Filio,
„& Sancto Sp. nunc & semper, & in sæcula
„sæculorum, amen.

Alia oratio.

„Domine Jesu Christe, Fili Dei vivi, pas-
„stor & agnus qui tollis peccatum mundi, &
„qui duobus debitoribus mutuo datum dimis-
„isti, & peccatrici delictorum ejus indulgen-
„tiam largitus es: ipse Domine relaxa, re-
„mitte, condona peccata, iniquitates, deli-
„cta, sponte & non libere, scienter, vel ig-
„noranter, ex transgressionem, vel inobedien-
„tia, a servis tuis commissa: & si ut homi-
„nes carnis infirmitate circumdati, & mun-
„di incolæ, a diabolo, sive in verbo, sive in
„opere, sive ex scientia, aut ignorantia de-
„cepti sunt, aut Sacerdotis verbum spreve-
„runt, aut ejusdem maledictioni subiecti sunt,
„aut in propriam suam execrationem incide-
„runt, vel jurejurando se adstrinxerunt, ipse
„ut bonus & malorum immemor Dominus verbo
„absolvi consentias, relaxato eorum ana-
„themate vel jurejurando, secundum magnam
„misericordiam tuam: ita fiat benigne Do-
„mine: exaudi nos clementiam tuam pro fa-
„mulis tuis deprecantes, & ut misericors val-
„de, cunctis eorum peccatis ne attendas: ab
„æterna damnatione illos libera: tu enim di-
„xisti Domine: *Quæcumque ligaveritis super*
„*terram, erunt ligata* *¶* *in cælo*: *¶* *quæ-*
„*cumque solveritis super terram, erunt soluta*
„*¶* *in cælo*. Quia tu solus es absque pecca-
„to, & tibi gloriam referimus Patri, & Fi-
„lio, & Sancto Sp. nunc & semper, & in
„sæcula sæculorum, amen.

Super confessos.

„Domine Deus noster, qui Petro & Me-
„retrici per lacrymas peccatorum remissionem
„largitus es, & Publicanum propria fatentem
„scelera justum reddidisti: confessionem servi
„tui N. suscipe, & si in aliquo facinorose spon-
„„ taneo

11 taneo vel involuntario, verbo, opere, vel
12 cogitatione deliquit; ut bonus & misericors
13 Deus remitte, quia tu condonandi peccata
14 potestate polles: & tibi gloriam referimus,
15 cum principii experte tuo Patre, & cum bo-
16 no & vivifico spiritu, nunc & semper, &
17 in sæcula sæculorum, amen.

Altera oratio.

11 Deus qui propter nos homo effectus est &
12 totius mundi peccata tollit: ipse suavissima
13 sua benignitate cuncta hæc suscipiat, quæ
14 coram indignitate mea enarrasti, frater, con-
15 donans tibi omnia, & in præsentis sæculo
16 pariter ac in futuro: & indemnatum coram
17 tribunali suo, te astare concedat, qui vult
18 omnes homines salvare, & omnium salutem
19 moderatur: qui est benedictus in sæcula sæ-
20 culorum.

Oratio condonatoria super confessos.
Dominum precemur.

11 Deus qui per Nathan Prophetæ David
12 propria peccata confesso, & Petro negatio-
13 nem lugenti, Meretrici quoque ad immacu-
14 latus pedes tuos lacrymanti, & Publicano,
15 & Prodigio pepercisti: qui dixisti: (Jac. 5,
16) *Confitemini alterutrum*; & (1. Joa. 1,
9) *Si confiteamur peccata nostra, fidelis est*
17 *& justus, ut omnia nobis dimittat, & ab*
18 *omni peccato nos mundet*: ipse Salvator no-
19 ster & Dominus Jesus Christus remittat ti-
20 bi omnia quæ nunc coram tenuitate mea
21 confessus es, & quorum memoriam non te-
22 nes, in præsentis & in futuro: & indeinna-
23 tum coram se adstare te jubeat, qui est be-
24 nedictus in sæcula, Amen.

*Altera oratio Chrysostomi. Domi-
num precemur.*

11 Dominator Domine Jesu Christe Deus no-
12 ster, qui per Prophetam Nathan Dei parenti
13 Davidi peccata quæ perpetraverat pepercisti,
14 & ipsi dixisti: (2 Reg. 12, 13) *Dominus*
15 *quoque abstulit peccatum tuum*, eo quod di-
16 xisset: (ib.) *peccavi Domino*: qui Petrone-
17 gationem amare flenti & confesso condona-
18 sti, ejusque lacrimas acceptas habuisti, qui
19 & Meretricem servide lugentem, pedesque
20 tuos immaculatos rigantem, & capillis eos
21 tergenter suscepisti, eique dixisti: (Luc. 7,
48) *Mulier remittuntur tibi peccata tua*: qui
22 & Manassen in Babylone poenitentem, &
23 in æreo animali tibi confitentem rursus in
24 Regem in Sion constituisti, qui & prodigum

11 cum meretricibus omnem suam substantiam
12 dilapidantem, & more porcorum deinceps
13 siliquis pastum, ad te reversum benigne am-
14 plexus es, & maculato vitulo saginato, an-
15 nuloque in manum ejus inmisso exosculatus
16 es: qui Publicani poenitentiam & humilita-
17 tem, præ superbo Pharisæo laudasti, justi-
18 ficatumque declarasti: qui & in cruce la-
19 tronis poenitentiam suscepisti: qui dixisti:
20 (Jac. 5, 16) *Confitemini alterutrum peccata*
21 *vestra*: Sicut vocasti, ita fidelis & justus
22 existis, ut dimittas nobis omnia, & ab
23 omni inquinamento carnis & spiritus nos
24 emundes: tu optime & valde misericors
25 Domine, cuncta quæ filius meus spiri-
26 tualis N. contrito corde coram te tenuitati
27 meæ confessus est, in præsentis & in fu-
28 turo sæculo condona: & indemnatum co-
29 ram te adstare concede: qui es benedictus
30 in sæcula. Amen.

Oratio in hominem peccata confessum a Patre
Spiritualem recitanda. Dominum precemur.

11 Domine Deus salutis servorum tuorum mi-
12 sericors & longanimis, qui super peccatis &
13 malitiis nostris poenitentiam agis: qui per
14 Ezechiel Prophetam dixisti: *Quia non vo-*
15 *luntate volo mortem peccatoris: tantum ut*
16 *convertatur a viis suis & vivat*: (Ezec.
18, v. 23, & 32) Ipse humane & malorum
17 tolerator Domine Dominator, exorare nunc
18 quoque super servum tuum N. & modum
19 poenitentia, peccatorumque veniam illi con-
20 cede; condonans illi per me indignum fa-
21 mulum tuum, omne delictum spontaneum
22 pariter ac involuntarium: tu enim dixisti
23 Domine divinis & Sanctis discipulis tuis &
24 Apostolis: *Accipite Sp. Sanctum*: quorum re-
25 miseritis peccata remittuntur eis: & quorum
26 retinueritis retenta sunt; & quæcumque li-
27 gaveritis super terram, erunt ligata & in
28 cælo: & quæcumque solveritis super ter-
29 ram, erunt soluta & in cælo: ipse igitur
30 Domine, remitte servo tuo N. per me indi-
31 gnum & abiectioni propria quæ commisit de-
32 licta, & reconciliare, & S. Ecclesiæ tuæ
33 illum aggrega &c.

Altera oratio compendiosa.
Dominum precemur.

11 Dominus noster Jesus Christus & Deus,
12 qui hoc mandatum ligandi atque solvendi
13 peccata hominum, divinis & sacris suis di-
14 scipulis & Apostolis tradidit: ipse de excel-
15 so prætereat omnia peccata & omnes iniqui-
16 tates tuas; ego vero indignus ejus servus,
17 ab

„*Ab ipsis idem faciendi occasiones & causas*
nactus: absolvo te ab omni excommunicatione,
in quantum possum, & valeo, & tu indiges,
insuper ego absolvo te ab omnibus
peccatis tuis, quæcumque coram Deo, &
mea indignitate confessus es: in nomine Pa-
tris &c.

Alia confessionis oratio.

„*Deus justus qui propter nos caruem as-*
sumpsit, & universi orbis peccatum tollit:
ipse suavissima sua benignitate, volens, ex-
pectans & dispensans omnibus salutem, hæc
quoque, frater, delicta tua deleat, quæcum-
que meæ indignitati revelasti: ego vero con-
dono tibi omnia peccata tua, in nomine Pa-
tris &c.

Altera item oratio.

„*Fili mi spiritualis, abjectus sum & humi-*
lis peccator: ejus propterea qui apud me con-
sitetur, non valeo remittere super terram
peccata, sed Deus est, qui illa condonat:
propter illam autem divinitus prolatam, post
Christi resurrectionem auditam, & Aposto-
lis dicentem vocem: Quorum dimiseritis pec-
cata &c. propter illam, inquam, & nos
confisi dicimus, quæcumque tenuissimæ meæ
humilitati enarrasti, & quæcumque ex igno-
rantia vel oblivione (quæcumque sit,) ex-
primere non valuisti, condonet tibi Deus,
in præsentis sæculi & in futuro.

Altera oratio.

„*Deus qui Davidi propria peccata confiten-*
ti per Nathan pepercit, qui Petrum nega-
tionem lugentem, & Meretricem ad pedes
flentem, & Publicanum, & prodigum sus-
cepit: ipse Deus per me peccatorem in
præsentem & in futuro sæculo tibi parcat: &
indemnatum te tremendo suo tribunali siste-
re faciat.
 Sequitur.

QUÆSTIO QUARTA.

De Contritione.

Dicendum modo de singulis speciatim mate-
 riz partibus, in quibus primum ac præ-
 cipuum, nemine diffidente, contritio locum ha-
 bet: quod ut perspicue fiat,

1. Quid & quomplex sit contritio, inquiremus.
2. Contritio affigenda ad Sacramentum, an necessario debeat esse perfecta?

De Re Sacram. T. III.

3. Utrum contritio imperfecta, sive attritio, ex turpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ & pœnarum metu concepta, sit bona & utilis?

4. Utrum ita utilis & bona sit, ut ad justificationem in Sacramento obtineandam absque ullo Dei amore sufficiat?

CAPUT PRIMUM.

Quid & quomplex sit contritio:

Quæritur: Contritionis nomine quid significetur?

R. Hanc vocem a rebus corporeis ad spirituales effectum significandum, usu Theologorum & Ecclesiæ approbatione esse translatis: quemadmodum enim corpus ceteri dicitur, quod in minutas partes, agentis potentioris virtute, dirumpitur: sic dicitur anima conteri, quod fracta peccati duritie, ad amorem diviniæ pietatis flectitur & emollescit.

¶ „*Frangi*, inquit S. Thomas q. 1. Suppl. 2. „dicuntur aliqua, quando in magnas partes dividuntur: Sed comminui, vel conteri, quando ad partes minimas reductur hoc, quod in se solidum erat. Et quia ad diminutionem peccati requiritur, quod affectum peccati homo totaliter dimittat, quem per quandam continuitatem, & soliditatem in sensu suo habebat; ideo actus ille, quo peccatum dimittitur, contritio dicitur per similitudinem.”

¶ Appellari etiam solet præcellens ille virtutis actus, *Compunctio cordis*, *scissio cordis*, ducta a corporalibus medicamentis metaphora: nam sicut ulcus ferro pungitur, ut latens virus emittat, aut caro putrida ressecatur, ut in ejus locum nova subeat: ita cor doloris acuminè pungitur, ut foras peccatum pellat: scienditur pariter, ut mala vetustate depulsa in vitam novam transformetur.

Nec deest harum vocum in sacris litteris fundamentum, legitur enim Exodi 7, 23: „In duratum est cor Pharaonis . . . *Exarchielis* 11, 19: dabo eis cor novum, & spiritum novum tribuam in visceribus eorum; & auferam cor lapideum de carne eorum, & dabo eis cor carneum, ut in præceptis meis ambulent & judicia mea custodiant . . . *Joëlis* 1, 13: scindite corda vestra, & non vestimenta vestra: & convertimini ad Dominum Deum vestrum . . . Pr. 4, 5: quæ dicitis in cordibus vestris, in cubilibus vestris compungimini. . . Pr. 30, 19: cor contritum & humilatum Deus non despiciet, &c.

Q. 2. Quid sit contritio?

K

R. A

R. A. Concilio Trid. sic definiti: (sess. 14, c. 4) *Contritio est animi dolor ac detestatio de peccato commisso, cum proposito non peccandi de cetero.*

Explicatur definitio.

1. Dicitur, *animi dolor*, id est intus animum angens ac crucians, virtus enim poenitentiae, adeoque contritio ipsa intra mentem tota consistit, ut alibi dictum est; unde licet dolor effusus exterior, quatenus affectum sequitur & imperium voluntatis, bonus sit ac laudabilis; non tamen ad veram contritionem necessario requiritur; imo aliquando contingit, eo acerbiores intus in corde esse dolorem, quo minus extra in lacrymas & alia signa mororis erumpit: quo sensu a poeta divinus: *curus lacerantur, ingentes stupent.*

2. Dicitur, *detestatio*; nam ut quaestione prima contra Lutheranos probatum est, poenitentia sive contritio non solum est nova vita, seu resipiscencia, sed etiam vitae veteris odium cum studio satisfaciendi conjunctionem essentialiter importat.

3. Dicitur, *detestatio de peccato commisso*: quae propositio indefinita, cum in materia necessaria sit, universali aequivalat; atque adco delet poenitentis affectio ad omne peccatum extendi, quo Deus lethaliter est offensus: alioquin non tam poenitentia, quam derisio foret, si quis adulterium e. c. quia Deo totius iustitiae fonti contrarium detestari se affirmaret, interim vero in furti, non minus summa huic regulati contrarii voluntate persisteret: hinc duo haec peccatoribus indistincte Sp. Sanctus injungit, ut a peccatis convertantur, & ab omnibus convertantur. Si impius, inquit, (Ezech. 18, 21) egerit poenitentiam ab omnibus peccatis suis quae operatus est, & custodierit omnia praecpta mea, & fecerit iudicium & iustitiam: vita vires, & non morietur... (Ibid. v. 30, & seq.) Convertimini & agite poenitentiam ab omnibus iniquitatibus vestris: & non erit vobis in ruinam iniquitas: propitius a vobis omnes praversiones vestras in quibus praevaricati estis: & facite vobis cor novum & spiritum novum. Quid quod, ut vere solique S. Thomas docet; (in suppl. q. 14, artic. 2) non po-

teat peccator pro uno peccato satisfacere, alius re-tentis, sive non satisfaciendo pro aliis: quanto ergo minus poterit dolere de uno, nisi simul omnia detestetur? praeterea, sine aliquo saltem initia-li caritatis actu contritio vere esse non potest, quod speramus quantocumque argumentis convin-centissimis demonstrandum; atque caritas, si-ve Dei super omnia dilectio, non magis potest cum affectu alicujus mortalis peccati consistere, quam possunt de uno & eodem objecto, eodem-que modo sumpto amor & odium simul esse. Ergo &c.

4. Dicitur: *Cum proposito de cetero non peccandi*: nam ad veram poenitentiam pertinet, non solum praeteritis culpas ut abolendas, respice-re, sed & prospicere futuras ac praecavere: hinc S. Gregorius M. (hom. 34 in Evang.) & alii passim Sancti Doctores: *Poenitentia*, inquit, est mala praeterita plangere, & plangenda iu-ri non committere, quae duo nisi procuret di-ligenter implere, vera poenitentiae nomen te-nere non poterit; imo nec dolere de praeteri-tis convincetur, qui futura non praecavebit: haec enim duo ita coherentia sunt, conjuncta-que officia, ut qui unum spreverit, alterum con-temnere sit necesse: id quod Apostolus verbis clarissimis exprimit, quando dicit: (Ephes. 4, 22; & seqq.) *Deponite vos veterem hominem, qui corrumpitur secundum desideria erroris, renouamini autem spiritu mentis vestrae, & induite novum hominem qui secundum Deum creatus est in iustitia & sanctitate veritatis.* (1)

Q. 3. Quodnam sit objectum contritionis?
R. Esse peccata propria poenitentis, & praeter-ita, quamquam enim aliena, ipsaque culpa ori-ginalis quam quisque contrahit natura, non voluntate, debeant propter suam foeditatem sum-mopere displicere: de eorum tamen numero non sunt, de quibus contritio stricte ac proprie lo-quendo haberi possit: nam in his tantum pecca-tis proprie dicta contritio exercetur, quae po-nitetur commississe, & necessarium est praecavere in posterum: quod in peccatis alienis & culpa originali locum non habet.

Q. 4. Utrum poena peccatis debita, aut ex il-lis secuta, ad objectum contritionis pertineant?

R. Negative, vel enim ad hanc vitam per-tinent,

(1) Aliam plane de natura contritionis ideam informavit animo Lutherus, ut constat ex ar-ticulis confixis a Leone X in sua contra eundem constitutione. Docuit nempe Lutherus, 1. con-tritionem nihil aliud esse, quam terrorem quendam conceptum ex consideratione rum peccati, rum suppliciorum, quae divina lex peccentibus comminatur. Docuit 2. necessarium non esse in homine poenitente odium veteris vitae: sed satis esse rectae vitae propositum. Docuit 3. con-tritione, quantacumque ea sit, nunquam Deo reconciliari poenitentes, cum id soli fidei con-veniat. Denique docuit Gehennae timorem, necum ad justificationem minime procedere, sed hominem facere hypocritam, magisque praeteritum. De his, deque Lutheranorum quodam sententias dis-sensionibus, legendus est Bellarminus lib. 2, Cap. 1 &c.

tiuent, vel futuræ reservantur: si primum, non penitentia: sed patientia materia sunt; easque modum refugere ac deprecari penitentes debent, cœnetur ultro amplecti, ut irato Deo satisficiat: si secundum, idest, si penarum vitæ sequentis ratio habeatur, merito equidem dolet homo quod eas iacurrerit: sed contritio proprie dicta ista non est, nisi quatenus dolor est de peccatis propter quæ æternæ damnationis reus est factus.

Q. 3. Utrum absolute necessarium sit, pro numero peccatorum, actus contritionis multiplicare?

R. Negative: quamquam enim foret perfectius tot actus contritionis, quot fuerint peccata perpetrata elicere; sufficit tamen absolute, ut omnibus & singulis discussis, collectis quoad potest fieri, & in memoriam revocatis unus doloris actus ad omnia & singula referatur ac terminetur: *Maximè hortandi & monendi sunt fideles*, inquit Catechismus Concilii Trid. (par. 2, tit. de Sacram. pœnit. §. 30, & seq.) *ut ad singula mortalia criminum propriam contritionis dolorem adhibere student; ita enim Ezechias contritionem describit, cum ait: (Isai. 38, 15) recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ meæ: Etenim recogitare omnes annos, est sigillatim peccata enucleare, ut ea ex animo doleamus; sed apud Ezechielem quoque scriptum legitur: (Ezech. 18, 21.) Si impius egerit penitentiam ab omnibus peccatis suis, vita vivet: atque in hanc sententiam S. Aug. inquit, (lib. de vera & falsa pœnit. c. 14) consideret peccator qualitatem criminis, in loco, in tempore, in veritate, in persona.*

Næque tamén hac in re desperent fideles de summa Dei bonitate & clementia, ille enim cum nostræ salutis cupidissimus sit, nullam moram ad tribuendum nobis veniam interponit, sed peccatorem paternam caritate complectitur, simul atque se collegerit, & universa peccata sua detestatur, quæ deinde alio tempore, si facilius erit, singulis in memoriam reducere, ac detestari in animo habeat, ad Dominum se convertit, ita enim nos per Prophetam iubet sperare, cum ait: (Ezech. 33, 12) Impietas impij non nocebit ei, in quacumque die conversus fuerit ab impietate sua.

Q. 6. Quantum & quam vehemens debeat esse actus contritionis?

R. Summum, sive omnium maximum esse debere, non in sensu quidem, sed in corde; non intensive, sed appetitive.

1. Quid summus esse debeat, inde probatur quod habet in amore Dei originem, et quæ vel fundamento amatur; atqui Deum iubemur super omni, & toto corde diligere; ita ut nullum penitus obiectum sit, cuius amor cum a-

more Dei æquari conferri possit: ergo a parī debemus peccata dolore omnium maximo detestari: ita ut nullus, saltem appetitive, major valeat excogitari: sicut enim Deus inter omnia diligenda summum esse bonum: unde *moderum diligendi*, ait S. Bernardus. (lib. de diligendo Deo) *est diligere sine modo*: sic e contrario peccatum inter omnia quæ odisse homo debet, summum est malum. Hinc eadem scriptura quæ præcipit, ut Deum toto corde diligamus, pariter imperat, ad Deo offenso ex toto corde esse dolendum: *Convertimini ad me*, inquit Deus, (Joel. 2, 12) *in toto corde vestro*, &c.

2. Dolorem de peccatis in corde equidem summum esse debere, at non in sensu, præter rationem paulo ante adductam, (in Resp. q. 2) sic declaratur: summum illum dolorem esse non oportet, sine quo potest vera absolute esse contritio; atqui sine ullo dolore sensuum potest verè stare contritio: dolor enim, qualem vera penitentia exigit animi, est imperatus a voluntate & elicitus; atqui dolore sensuum afficit, ex quo peccavit Adamus, & caro contra spiritum rebellavit, ab hominis voluntate non ita pendet, ut quando & quoties voluerit, in lacrymas effundatur, aliquando enim contingit, ut quantumvis velimus & adnitamur, nec lacrymula ex oculis effluat: aliquando e contrario, ita vehementi doloris sensu affici-mur, ut iuviti penitus & nalescentes, in fluxus ubertim ac lacrymas effluamus; ergo sine ullo dolore sensuum potest vera stare contritio; imò tam potest contingere, ut animus acerbissime siccis oculis doleat, quam ut torrentes lacrymarum ab oculis, absque vera cordis contritione erumpant.

Lacrymæ tamen, inquit catechismus Concilii Trid. (par. 2, tit. de Sacram. pœnit. n. 29) summopere optandæ & commendandæ sunt: præclara etenim eadè re S. Aug. sententia: (serm. 41 de Sanctis) *non sunt in te Christiane caritatis viscera; si luges corpus a quo recessit anima; animam vero a qua recessit Deus non luges; atque huc spectant illa Salvatoris verba: vœ tibi Corozain, (Matt. 11, 21) vœ tibi Bethsaida, quis sis in Tyro & Sidone factæ essent virtutes, quæ factæ sunt in vobis, olim in cinere & cilicio penitentiam egissent, tamen si adeam rem comprobendam satis esse debent clarissima Ninivitarum, Dridis, peccatricis, Apostolorum principis exempla, qui omnes plurimis lacrymis Dei misericordiam implorantes, peccatorum veniam impetrarunt.*

3. Quod sufficit dolor appetitive summus, nec requiratur ut talis sit intencive, magnam difficultatem non habet: dolorem enim appetitive summum appellamus, quo magis de Deo offenso, quam de alio quovis malo affligimur:

adeoque nihil est quod perpeti magis non eligamus, quam Deum novis offensis exacerbare? dolorem intensive summum dicimus, qui supremum attingit gradum, qui nimis est acerbus & vehemens, ut nullus alius cum eo æquari possit. Jam sic subsumo:

Atqui non est absolute necessarium, ut veræ contritionis actus ad summum doloris gradum pertingat, intensio enim actus voluntatis sequitur ex vehementia & impetu objecti moventis; atqui objectum sensibile in præsentia corruptæ naturæ statim, vividius plerumque objecto spirituali voluntatem commovet ac percellit: sicut ergo amor bonorum sensibilium potest esse intensior affectu spiritualium, ita dolor qui ex malis sensibilibus percipitur, intensior esse potest, quam qui nascitur ex spiritualibus: cuiusmodi procul dubio sunt peccata, unde sæpe contingit homines quantumvis justos, filiorum obitu, amicorum infortuniis, aliisque idgenus humanæ vitæ casibus magis conturbari, & vehementiori doloris sensu affici, quam de offensa Dei: quia in re putandum non est aliquam poenitentium esse culpam, aut de cordis duritia accusari posse: ut enim modo dicebam, homo quamdiu mortalem hanc vitam degit, vehementius bonis & malis sensibilibus tangitur; etiam si nec illa Deo appetitive plus diligit, nec ista magis quam mala spiritualia odedit: licet itaque maxime debeat, optandumque sit, dolorem de peccatis contritionem ac vehementissimum esse, vera tamen & efficax sine hoc gradu perfectionis contritio esse potest.

Q. 7. Utrum contritio possit esse nimia?

R. Quatenus dolor animi, est, nimiam esse non posse, quia pro mensura habet, tum Dei amorem, qui, modum nullum agnoscit, nulloque termino circumscibitur: tum deformitatem pec-

cati, quod cum Deo infinite contrarium sit, non potest nimium displicere.

Quatenus vero in externum doloris sensum effunditur, dubium non est quin nimia esse possit, & excessu aliquo viciari: velut si quis ita lacrymis indulgeret, ut jacturam oculorum faceret, aut si jejuniis & macerationis obtentu omnia sibi alimentum subtraheret.

Q. 8. Quibus conditionibus vera contritio continetur?

R. Quatuor præcipua a Theologis recenseri.

1. Debet esse interior: ut enim prædiximus contritio est animi dolor; itaque neque ex fronte, neque ex oculis, neque ex vultu: nec denique ab externo sermone: (hæc enim sæpissime mentiuntur;) sed ex interno cordis affectu, & animæ afflictione, debet vera contritio æstimari.

2. Debet esse supernaturalis, idest motu fidei & impulsu Sp. Sancti, non motivo naturali excitata; & sine cum contritio ad justificationem per Sacramentum obtinendam dispositio sit, ipsaque justitia sit qualitas supernaturalis, consequens est, ejusdem ordinis contritionem esse debere: unde si quem peccata sua motivo tantum naturali torquerent, putâ propter pudorem aut infamiam; aut poenam temporalem inde secutam: vera illa contritio dici non posset: nisi pro vero poenitentem voluimus habere Anctiochum, qui uti scriptura refert, (2 Machab. 9, 11 & seq.) Divina admonitus plagâ, & per momenta singula doloribus suis augmenta capientibus, cum nec ipse jam setorem suum ferre posset, dolebat de culpa præterita, non propter offensam Dei, sed propter inhumilitatem corporalem quam patiebatur. (1)

4. De-

(1) Valde obiter de hac conditione disserit N. A. Quare pauca quedam adijcere præstat ad ampliorem ejusdem notitiam. Duo ad contritionem, sive dolorem, qui de peccatis concipitur, præter alia, concurrunt, principium nempe, ac motivum. Utrumque naturale est, si a natura sola objecti naturalis consideratione proveniat: supernaturale vero, si tum principium sit a gratia intus operante, tum motivum quidpiam sit, quod a fide proponatur, vel per fidem apprehendatur. Doleat a. g. quis de peccato commisso vel propter infamiam, vel propter ægritudinem inde consequentem, dolor iste naturalis penitus est tum ex parte principii, tum ex parte motivi: utrumque enim intra nature limites continetur. Si vero doleat se per peccatum Deum offendifse, quem diligere potius debuerat, & ad hunc dolorem moveatur vel ex ipsa cognitione bonitatis divine, vel ex apprehensione eterne pænæ, quam promeruit esse, aut celestis gloriæ quam amisit, supernaturale est & principium, & motivum. Existerunt itaque quidam Theologi, qui docuerunt, satis esse ad valorem Sacramentalis contritionem naturalem tum ex parte principii, tum ex parte motivi, modo honesta foret, atque sufficere crediderunt peccatorem de admisso peccato doctre ob morbum e. g. ob infamiam, ob egestatem, & his similia. Alii tamen addiderunt necesse esse, ut peccator hujusmodi mala respiceret, prout immissa a Deo, tanquam criminum ultore.

Hæc sententia proscripta fuit ab Innocentio XI in suo Decreto, & est inter damnatas N. 57, his verbis expressa: Probabile est, sufficere attritionem naturalem, modo honestam. Quam merito hac proposito fulgur ita fuerit, pluribus ostendi posset tum Scripturarum, tum Concilio-

rum.

3. Debet esse summa: *Dolor enim in contritione*, inquit S. Thomas (Suppl. q. 3, art. 1, in c.) *excedit omnes alios dolores; quia quantum aliquid placet, tantum contrarium ejus displicet, finis autem ultimus super omnia placet, cum omnia propter ipsum desiderantur; & ideo peccatum quod a fine ultimo averit super omnia displicere debet.*

4. Debet esse universalis, id est ad omnia ut prædictum est mortalia peccata extendi: nemo enim simul esse potest vere poenitens, & Dei inimicus; atqui quisquis peccati aliqujus mortalis affectum habet dominantem, quantumlibet de aliis doleat, hoc ipso Dei inimicus esse convincitur; poenitens ergo esse non potest; atque adeo falsa ejus contritio est.

¶ Q. 9. An sufficiat ad effectum Sacramenti contritio existimata?

Resp. Nonnulli Theologi, quos indigitat P. Sarrum de Poenitentia, senserunt ad obtinendum effectum hujus Sacramenti satis esse contritionem existimata, quinquam in se vera non foret. Verum hæc opinio a cæteris communiter rejicitur: & merito quidem. Nam 1. ex sacris litteris exploratissimum est, nulum peccatorem criminum suorum veniam a Deo consequi, nisi ea vere detestetur, nisi ab

impietate sua reapse recedat, & ad Deum ex toto corde convertatur. Nihil autem horum præstat apparens, & fucata contritio, quæ plane voluntatem non immutat, ant ab affectu inordinato creaturæ ad creatorem convertit.

Uterius: Si ad veniam obtinendam prodesset existimata contritio, id haberet, vel ex Sacramenti virtute, vel ex bona poenitentis fide, vel ex laudabili ejus affectu: vel demum ex aliqua de re hac promissione Dei. Sed nullo ex his capitibus ad veniam obtinendam prodest. Et primo quidem non virtute Sacramenti poenitentiae: nam Sacramentum virtutem suam non effundit, nisi apponatur legitima materia, ac dispositiones necessario requisitæ: quæ sane non apponuntur ab eo, qui non veram, sed apparentem duntaxat contritionem habet. Sed neque ex bona poenitentis fide: quæ quidem excusare potest a peccato, non autem illud supplere, quod est rei essentialia, aut omnino requisitum. Hinc vero sequitur, neque ex laudabili poenitentis affectu eam ad veniam prodesse. Nam? ut ut concedamus contritionem illam fucatam esse laudabilem affectum, ad justificationem certe consequendam valere non potest: neque enim ad hunc effectum satis est quicumque bonus, aut laudabilis actus. Demum neque ex aliqua

rum, & Patrum, tum etiam rationum momentis. Sed cæteris aliis prætermisiss, constat primo contritionem, sive dolorem debere esse supernaturalem ex parte principii ex decreto Concilii Trid. Sess. 6, Can. 3, ita definitis: Si quis dixerit sine præveniente Spiritus Sancti operatione, atque ejus adjutorio hominem credere, sperare, diligere, aut poenitere posse, sicut oportet, ut ei justificationis gratia conferatur, anathema sit. Hinc propositionis damnata hæreticos notam affixit Conventus Cleri Gallicani 1700, utpote repugnanti fidei dogmati, & aperte Ecclesiæ definitioni. Hinc etiam constat contritionem sive dolorem debere pariter esse supernaturalem ex parte motivi. Actiones namque humane a motivis præsertim speciem desumunt: adeoque si contritio supernaturalis esse debeat, debet pariter supernaturale esse ipsius motivum.

Oppones tamen. Nemo dubitat veram, ac sufficientem fuisse ad veniam obtinendam poenitentiam Ninivitarum. Hi porro videntur inducitur naturali quodam motivo, nempe proxima urbis subversione, quam minabatur Propheta.

R. Urbis subversionem & ruinam fuisse quidem Ninivitis occasionem agendi poenitentiam, non autem propriè dictum motivum poenitendi. Dicendum quippe est, quod dum Jonas moritur, ac ruina Civitatis Ninivitarum animos percellerat, Deus ab ipsis abstulit cor lapideum, ut verum, ac supernaturalem dolorem de commissis peccatis conciperent: id, quod etiam pluribus aliis peccatoribus non infrequenter contigit, qui vel divine justitiæ flagellis absterri, vel morbi, vel infamiae, aut alia calamitate temporalis commoti, ad Deum confugiant, spiritum poenitentiae concipiunt, ac divina operante gratia dolent de suis peccatis ex motivo aliquo supernaturali.

Quantum vero a PP. Diana, & Viva, aliisque in numero eorum, qui damnatam propositionem docuerunt, recensentur Eximius Melchior Cano, lubet hic animadvertere injuria plane præstantissimum virum tanquam autorem, vel fautorem ejusdem traduci, vel ego alio in Opere fuisse ostendi, & præter alia, constat ex hac satis disertæ ejus sententia, quæ habetur in Ratione Poenit. Altera quoque, inquit ille, attritio est, ex qua cum Sacramento non justificatur, V. g. quæ ex timore infamiae proficiscitur, vel cujusque mali temporalis: ut qui detestatur peccatum, & proponit confiteri, ne ejiciatur ab Ecclesia, vel ne multetur pecunia &c. sive enim discutiat conscientiam suam, & imperfectionem doloris &c., homo sic attritus non fit etiam virtute Sacramenti contritus, id est non accipit gratiam. Sic anim hoc loco intelligi volumus ex attrito fieri contritum, id est gratiam, & justificationem consequi virtute Sacramenti, perinde ac si vere fuisset contritus.

de hac re promissione Dei, quæ nullibi prostat: quin potius Deus ipse aperte declaravit, se non rerum superficialium aut hominum æstimationem respicere, sed fundum, & veritatem. Sic enim dixisse legimus c. 16 Regum 1: *non juxta intuitum hominum ego judico: humo enim videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor.*

Objicies SS. Patres, ac præsertim Augustinus aliquando hortantur eos, quibus videtur, non posse Deum, ut par est, diligere, aut de perpetratis sceleribus pro merito dolere, ut id præstare saltim desiderent, adduntque benignissimum Deum ejusmodi desiderium pro re ipsa suscepturum. Igitur juxta eos necesse non est, ut contritio vera, ac realis sit, sed satis est, ut desideretur, aut talis esse existimetur.

Resp. Rectissime id asseruerunt SS. Patres, quos plane de efficaci desiderio locutos fuisse putandum est. Fieri namque non potest, ut qui vere, & efficaciter Deum diligere, aut de præteritis peccatis dolere desiderant, jam reipsa quædam Deum non ament, ac de peccatis vere non doleant; tametsi non adeo vividus intensusque sit hujusmodi dolor. At vero nunquam SS. Patres dixere sufficere quodcumque desiderium etiam inefficax, seu quancumque velleitatem aut Deum amandi, aut de peccatis dolendi: quia videlicet tenore hujusmodi desiderium, aut velleitas a seipsa se jungi solet. Multoque minus illi asseruerunt ad veniam peccatorum obtinendam satis esse, quod falso sibi quispiam persuadeat debitum de illis dolorem concepsisse.

Q. 10. An contritio, quæ Sacramenti penitentiae par est, debeat esse formalis, aut virtualis sufficiat?

R. Formalis esse debet, nec sufficit sola virtualis in caritate contenta.

Prob. 1. ex Concilio Trid. qui anathemate perculit eos qui dixerint, contritionem inter ceteros penitentiae actus non requiri ad Sacramentum Penitentiae. Porro si contritio virtualis sufficeret in actu caritatis contenta, dici optime posset contritionem ad penitentiae Sacramentum non requiri: cum actus caritatis ab actu contritionis omnino distinguatur. Igitur &c.

2. Incredibile plane videtur Sacrum Concilium tam improprie loqui potuisse: ut necessariam esse contritionem assereret, si per actum caritatis suppleri posset: quæ nonnisi valde improprie contritio posset appellari, cum ab ea plurimum differat, ejusque officia diversa sint.

3. Nomen ipsum, ac idea Sacramenti Penitentiae satis indicare videntur ad ipsum re-

quiri formalem actum doloris. Dicitur enim, & est Sacramentum penitentiae, quod penitentiae virtutem includat, eamque ad Sacramenti rationem elevet. Nihil porro esset, cur ita appellaretur, si ad ipsum solus sufficeret caritatis actus.

4. Dum agitur de impetranda venia pro offensa alicui irrogata, ipsum naturæ jus docet, atque præscribit; offensorem minime contentum esse debere sola amoris exhibitione, sed præterea necessarium esse ut habeat, ostendatque formalem de illata offensa dolorem, sive displicentiam. Quidni igitur idem cum Deo agendum erit in Sacramento Penitentiae?

5. Demum. Accusatio de peccatis, quæ fit in hoc Sacramento, refertur, & ordinatur ad obtinendam absolutionem. Debet ergo esse dolorosa; seu cum dolore, ac penitentia conjuncta: aliter enim mere historica foret: neque Sacerdos, qui in hoc tribunali sedet tanquam iudex, absolutionem impertiri posset, quin recti iudicii limites transiliret.

Objicies 1. Sacrae litteræ justificandi vim caritati frequenter attribuant, docentque illos, qui diligunt Deum, ex Deo esse, & Dei filios, adeoque Regni cælestis hæredes. Caritatis igitur contritionis, aut penitentiae defectum supplere valet, ac reipsa supplet.

2. Si quisquam intensa divinæ bonitatis consideratione abreptus in actum perfectæ caritatis, Deo aspirante, prorumperet, quin ipsi peccatorum suorum memoria recurreret, statimque e vita decederet, is profecto salutem æternam consequeretur. Igitur.

R. Hujusmodi objectiones, ut nemo non videt, contritionem aut penitentiam respiciunt, nedum ut pars Sacramenti est, sed etiam ut absolute etiam extra Sacramentum consideratur. Ad priorem itaque dico, primo, si ex eo, quod Sacrae litteræ justificandi vim caritati adscribant, recte inferretur eam posse penitentiae, seu formalis contritionis supplere defectum; colligi inde jure posset, idem semper posse præstare; neque enim scriptura in locis indicatis caritatis ad justificandum efficaciam ad casum penitentiae inculpate omisse ullo modo coarctat. Ulterius, Sacra Scriptura modo caritati, modo fidei, modo spei, modo penitentiae, & aliquando etiam aliis virtutibus justificationem attribuit, non ut doceat singulas illas ab aliis dispensatas ad justificandum sufficere; sed ut significet eas omnes ad justificationem suo modo concurrere, ac necessarias esse: alioquin dici posset & fidei solam, aut spei absque caritate justificandi vi polleere: quod nemo catholicorum asseruerit.

Ad 2. Eadem difficultas est in hoc caso, ut si quis...

ac in alio simili, de eo scilicet, qui perfectæ caritatis actum eliceret, mortemque odiret, priusquam defectu ministeri annunciantis aut Trinitatem agnoscere, aut fidem in Jesum Christum comparare sibi posset. Quid enim hocce in casu dicendum foret? Respondet id nunquam futurum: quia cum Trinitatis cognitio, & fides in Christum Jesum sint necessaria necessitate mediæ ad salutem, ad divinam Providentiam pertinet non permittere, ut is antea decedat e vita, quam Trinitatem agnoscere, & fidem in Jesum Christum habere queat, juxta illud Theologorum axioma, *facienti, quod in se est, Deus non denegat gratiam*. Idem igitur dicendum erit in objecto casu.

Q. 11. An contritio juncta esse debeat cum certo, & expresso proposito deinceps non peccandi?

R. Affirmative adversus Majorem, Almainum, Vegam, aliosque plures Recentiores, qui implicitum, & virtuale, ut vocant, commendandæ vitæpropositum, satis esse ad contritionem etiam in Sacramento contendant. Probatur autem

1. Concilium Trid. contritionem definiens tradit, eam esse, *animi dolorem, ac detestationem de peccato commissio cum proposito* &c. Ergo judicat, necessariū esse certum & expressum propositum novæ aut melioris vitæ. Nam si implicitum, ac virtuale propositum sufficere credidisset, cum hoc sit ipse dolor, ac detestatio juxta adversarios, frustra propositi conditionem adjecisset: quod dicendum non est.

2. Contritio esse non potest absque vera conversione cordis ad Deum; nec vera conversio ad Deum intelligi potest absque sincera voluntate ei placendi, neque sincera voluntas placendi Deo subsistere valet absque melioris vitæ proposito. Ergo &c.

3. Non minus detestatio peccati in proposito melioris vitæ virtualiter, & implicite continetur, quam in detestatione peccati propositum ipsum virtualiter continetur: atqui hoc nequaquam obstat ad contritionem non sufficere propositum hujusmodi, sed necessarius est formalis dolor, & detestatio, ut vel ipsi adversarii consentiunt; ergo &c.

4. Fieri minime poterit, ut cum quis peccata præterita detestatur, agendæ impostum vitæ consideratio menti non recurrat: atque adeo de ea deliberare debet, seu meliorem vitam sibi proponere, ac præstitueret.

Q. 12. Quæ sit contritionis divisio?

R. Omnium celeberrimam esse in perfectam, & imperfectam.

Q. 13. Quid sit contritio perfecta, quid imperfecta?

R. Ex Concilii Trid. doctrina, (*Sess. 14, c. 4*) perfectam esse, dolorem de peccato commissio, ex amore Dei super omnia conceptum, & caritate perfectum, cum proposito non peccandi in posterum, & voto suscipiendi pœnitentiæ Sacramentum.

Imperfectam vero esse dolorem, ac detestationem peccati commissi, vel ex turpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ & pœnarum metu communiter conceptam, peccandique voluntatem excludentem, cum spe veniæ obtinendæ.

Q. 14. Utrum propriis nominibus, perfecta & imperfecta contritio distinguantur?

R. Affirmative, perfecta namque genericum retinet nomen, quod est in Ecclesia antiquissimum, & ab ipsis scripturis acceptum: *Sacrificium Deo spiritus contribulatus*, inquit Propheta, (*Ps. 50, 19*) *cor contritum* & *humiliatum Deus non despicies*. . . & alibi: (*Ps. 146, 3*) *qui sanat contritos corde*, & *alligat contritiones eorum*, idemque ab Isia usurpatum nomen, in hoc celebri vaticinio, (*Is. 61, 1*) quod in se esse adimpletum Christum attontæ synagogæ significavit: (*Luc. 4, 17* & seqq.) *Spiritus Domini super me: propter quod unxit me, evangelizare pauperibus misit me, sanare contritos corde*.

Imperfecta vero, *attritio* vulgo dicitur, quæ vox anno circiter 1230 in scholis audiri, & probari a Theologis cepit: hanc enim primi omnium eo tempore usurparunt *Alexander Hlensis, Albertus Magnus, & Guillelmus Parisiensis Episcopus*, quod eo certius affirmamus, quod in scriptoribus antiquioribus non legatur, licet de pœnitentiæ Sacramento plerique diligentissime scripserint.

Q. 15. Voces contritionis & attritionis quid differant?

R. Ex Latini sermonis proprietate, perfecta & imperfecta ejusdem rei significatione differre: quemadmodum enim dicitur corpus *conteri*, cujus partes ita attenuantur, ut redigantur in pulverem; *atteri* vero, quando non æquata partium omnium scissio ac comminutio est: ita *contritio* in præsentem, perfectam peccatorum detestationem, *attritio*, imperfectam significat.

Q. 16. Utrum contritio & attritio specie differant?

R. Non unam de hac re Theologorum esse doctrinam: alii volunt, unius ejusdemque esse speciei; neque aliter quam gradu differre, quomodo magis & minus calidum non specie discrepat, sed fervore & intensione: alii

sentiant, diversam utriusque esse speciem & naturam: cuius discessionis causa est quod alii contritionem in amore præcipue, & attritionem in solo timore reponant: alii vero amore in attritione, non secus ac in contritione, gradu licet diverso requirant; itaque qui putant, ad veram attritionem, quæque in Sacramento sufficiat, non esse amorem Dei necessarium, sed satis esse dolorem de peccato, vel ex turpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ metu conceptam, consequens est, ut asserunt contritionis & attritionis diversas species esse: qui ex adverso volunt sine amore, nec cordis conversionem, nec veram peccati detestationem posse consistere, ex consequenti propugnant, attritionem & contritionem in una specie comprehendendi, nec aliter inter se differre, quam quæ in una specie sunt magis minusve perfecta: utri vero melius sentiant, dicitur capite quarto, ubi hæc difficultas accurate tractabitur.

Q. Ultimo utrum Græci cum Latinis in ea quam exposuimus de contritione doctrina consentiant?

R. Affirmative. Nam

1. Quam non contritionem dicimus, illi οὐκ ἔστιν τῆς καρδίας, sive οὐκ ἔστιν pari significatione appellant.

2. Contritionem iisdem ac nos conditionibus circumscribunt, detestatione scilicet vitæ præteritæ, novæ vitæ susceptione, & proposito de cetero non peccandi: id quod per facile esset innumeris non modo Græcorum antiquiorum testimoniis, sed & recentiorum catechesibus & tractatibus demonstrare: unum aut alterum asserre sat erit, ut studioso lectori constet Græcos acceptam a maioribus de vera poenitentia ac contritione doctrinam hæcenus, miserante Deo, integram illibatamque servasse: *Contritio cordis, οὐκ ἔστιν τῆς καρδίας*, inquit Nicephorus Paschalius, Theophanis Philadelphiz Metropolitanæ discipulus, (in *Enchiridio de Sac. pan. & confessione*) tristitia animæ est, & detestatio peccati, quo Deus super omnia diligendus offensus est, cum proposito vitæ in melius commutanda, & in posterum non peccandi; indeque inferitur non satis homini esse ad gratiam recuperandam, a peccato recedere, aut novam vitæ rationem amplecti, sed omnino necessarium esse, ut de vitæ præterita doleat, eamque detestetur, simulque constanter proponat, de cetero non peccare: necesse tamen non est, ut dolor ille sit sensibilis (quamquam ea quoque ratione bonus sit, magnique subsidii) sed sufficit ut intus hæret voluntati, eoque periculis paritens peccatorum tamquam verum suum malum respi-

ciat, detestetur, ac fugiat: oportet insuper dolorem hunc quovis altero dolore longe esse majorem, quemadmodum enim Deus, quia summum hominis bonum est, super omnia est amandus; ita peccatum quo Deus offenditur, supremum est malum; atque adeo super omnia absolute detestandum, ita ut nullo quovis præterito, etiam si ageretur de vitæ servanda, peccare nunquam licitum sit; & ideo a Domino dictum: qui amat Patrem suum, aut Matrem plusquam me, non est me dignus: & alibi, qui volet animam suam salvam facere, perdet eam, &c.

Pari ratione Gregorius Protosyncellus: *Contritio*, inquit, (in *Synopsi Sacram.*) vehementis cordis contritio & quasi confractio est dolor, idemque voluntarius, (nec enim potest contritio cordis esse coacta) quo homo plangit, & cruciatur, & seipsum propter peccatum admissum condemnat. Tria contritio continet, peccati desertionem, de eo contra Deum perpetrato dolorem, & firmum deinceps non peccandi propositum: ad hæc omnia homo fervente in Deum caritate excitatur, de qua Theologi affirmant, quod odio peccati conjuncta, vera poenitentia sit, motivo namque triplici ad cordis contritionem homo adducitur, malitia nimirum peccati, caritate erga Deum, & æterni timore supplicii: quapropter poenitentem timere gehennam non sufficit: sed præterea opus est ut de peccato ideo doleat, quia contra Deum suum benefactorem peccavit.

Qui plura volet, consulat Græcorum Orthodoxam confessionem quæst. 113, Neophytum Rhodinum Montis Sinai Monachum, in *Epitome doctrinæ Sacramentorum*, Alexium Rhaturum, in sermonibus, Damascenum Studitam, in homiliis super Evangelia, & alios passim.

Quod vero de Græcis est dictum, debet pariter de Orientalibus intelligi, quod nimirum veram cordis contritionem iisdem ac Latini legibus circumscribant nec enim: unum inter mille reperendum confidenter asserimus, qui contritionem sive poenitentiam in sola respicientia & novæ vitæ institutione, sine veteris odio constituerit: vigent etiamnum inter eos decreta Patrum, dolorem cordis intimum, non propter solius gehennæ metum, sed præcipue propter Dei summe amandi offensionem, a poenitentibus exigentium: quod iis bene compertum est, qui Michaelis Patriarchæ Antiocheni, Dionysii Parralibi, Ebnassali utriusque, Echmimi, & aliorum tractatus, homiliisque legerunt. Sequitur

CAPUT SECUNDUM.

Utrum ad Sacramentum Pœnitentiæ perfectâ contritio sit necessario afferenda?

Duo hic præstanda occurrunt: 1. quæritur utrum sit eorum doctrina probanda, qui asseruerunt sine præmissa aut saltem præsumpta contritione perfectâ, neminem in Sacramento pœnitentiæ a peccatis absolvi posse? 2. utrum sententia hæc damnata ab Ecclesia aliquando fuerit?

ARTICULUS PRIMUS.

De efficacia, & modo contritionis perfectæ ad inducendam peccatoris justificationem.

¶ Conclusio 1. Admittenda est contritio ita caritate perfectâ, quæ justiciam, & gratiam ante actualem Sacramenti susceptionem seu cum solo ejus voto confert.

Est contra Lutherum, & Kemnitium oppositum errorem sustinentes alio errore superstructum, nempe vel quod nemo, nisi jam justificatus fuerit, actum contritionis ex caritate concipere valeat, ut putat Lutherus: vel quod nonnisi per absolutionis verba ad eam specialis misericordie fides, quæ ad justificationem necessaria est, excitari quisquam possit, ut censet Kemnitius.

Probatum autem 1. quia hoc disertissime traditur a Concilio Trid. sess. 14, cap. 4, his verbis: *etsi contritionem hanc aliquando caritate perfectam esse contingat, hominemque Deo reconciliare, priusquam hoc Sacramentum actu suscipiatur; ipsa nihilominus reconciliatio ipsi contritioni sine Sacramenti voto, quod in illa includitur, non est adscribenda.*

2. Plura sunt Scripturarum loca satis obvia, in quibus Deus pollicetur iis qui se toto corde convertuntur eumque vere diligunt, peccatorum remissionem, ac vitam æternam. Ergo saltem aliquando illi, qui ex caritate perfectâ peccata sua detestantur, justitiam, ac cum Deo reconciliationem acquirunt: neque enim aliter illorum textuum veritas constare posse videtur.

3. Si nemo per contritionem perfectam absque actuali Sacramenti susceptione justificari posset, id in causa foret, vel quia hujusmodi contritio non nisi ab homine justificato elici potest, ut sensit Lutherus: vel quia fiducia ad peccatorum remissionem necessaria solis absolutionis verbis excitari valet: ut existimat Kemnitius. Utrumque porro falsum est. Nam & hujusmodi contritio potest actuali Dei gra-

tia, seu adjutorio voluntatem corroborante obtineri; & congrua fiducia, lectione, prædicatione, meditatione excitari. Igitur &c.

Conclusio 2. Contritio perfectâ non in solo casu necessitatis, sed semper hominem Deo reconciliat, antequam Sacramentum actu suscipiat.

Est præcipue contra Estium, cui nonnulli alii Theologi suffragantur. Ita namque docet ille in 3 sent. qu. 17, §. 2, scilicet nec semper, nec frequenter contingere contritionem licet perfectam & intensam peccatorem Deo reconciliare, sed certis duntaxat in casibus, E. G. urgente articulo mortis, quando Sacerdos haberi non potest: quando occurrit casus scandalii, aut alterius peccati incurrendi, si absolutio petatur: item cum quis vel omnino non potest, vel certe difficillime potest opportuno tempore adire Sacerdotem, a quo valeat absolvi, puta si degat inter infideles, aut detineatur in vinculis, aut alio simili impedimento prohibeatur. Ex quo sic Estius concludit: *An sit certus aliquis gradus intentionis, ad quem cum pertigeris contritio, vel dilectio Dei in Catechumeno, vel penitentie &c. conjunctam habeat remissionem peccatorum, incertum est.* Probatum itaque Conclusio.

1. Quia ea perspicue colligitur ex Sacris litteris. Ezech. Cap. 18. *Si impius penitentiam egerit ab omnibus peccatis suis... omnium iniquitatum ejus non recordabor.* Et cap. 33: *impietas impii non nocebit ei in quocumque die conversus fuerit.* Quibus in locis peccatorum venia generatim eaque statim concedenda promittitur cuilibet peccatori vere & perfecte per penitentiam converso. Igitur penitentis justificatio ad certos tantummodo casus, eosque admodum raros extra Sacramentum coarctanda non est.

Reponit quidem ad hosce textus Cl. Estius, ex vera conversione certam spem fieri consequendæ remissionis peccatorum per Sacramentum, non autem ex iis probari veniam scelerum statim conferri.

Sed perperam; tum quia allatis in locis Deus non solum veniæ spem tribuit, sed veniam ipsam pollicetur: quemadmodum ibidem justo ex justitia exidenti, non futuram, sed actualem justitiarum ejus oblivionem intencat. Tum etiam quia nullum erat Ezechielis tempore penitentiae Sacramentum, per quod deinceps suppleri posset contritionis defectus. Vtæ namque Sacramenta vim hanc & efficaciam ex se ipsis non habebant, sed ex solo opere operantis suum effectum præstabant.

2. Quia Estii sententia convenire videtur cum quibusdam propositionibus, vulgo *Bajanis*, jam ab Ecclesia damnatis: cum 31: *ba-*

ritas perfecta, & sincera, quæ est ex corde puro, & fide non ficta, tam in catechumenis, quam in penitentibus, potest esse sine remissione peccatorum. Cum 32: charitas illa, quæ est plenitudo legis, non est semper conjuncta cum remissione peccatorum. Cum 76: homo existens in peccato mortali sive in reatu æternæ damnationis, potest habere veram charitatem: & charitas etiam perfecta potest consistere cum reatu æternæ damnationis. Maxime cum 71: per contritionem etiam cum charitate perfecta, & cum voto suscipiendi Sacramentum conjunctam non remittitur crimen extra casum necessitatis, aut martyrii, sine actuali susceptione Sacramenti. Quæ postrema propositio non video profecto quopælo differat a sententia, quam impugnamus.

3. Favent Ecclesiæ Patres, quorum unum vel alterum duntaxat producam. S. Joan. Chrysost. l. 1 de repar. lap. c. 4 ait: pietas Dei nunquam spernit penitentiam, si ei sincere, & simpliciter offeratur: & quamlibet brevi tempore gestam suscipit. S. Leo Papa Ep. 84: apud Deum nullas punitur venie veras vera conversio, dicente Spiritu Dei per Prophetam: cum conversus ingenueris, saluus eris: quæ sententiæ generaliter prolata nullam congruam explicationem patiuntur, qua ad certos tantummodo casus restringantur.

4. Idem colligitur ex doctrina superius laudata sacri Concilii Trid. etsi contritionem hanc aliquando charitate perfectam esse contingat, hominemque Deo reconciliare, priusquam hoc Sacramentum actu suscipiatur &c. Quæ verba in obvio, ac naturali sensu intellecta plane designant contritionem, quoties charitate perfectam esse contingat: non autem in quibusdam solis necessitatis casibus, homine Deo reconciliare ante actualem Sacramenti susceptionem.

5. Catholicorum omnium firma videtur esse consensio, ad veniam peccatorum obtinendam satis esse veram ac sinceram conversionem hominis ad Deum, & aversionem a creatura inordinate dilecta. Atqui ubi saltem est servens & perfecta contritio, ibi necessario est totalis aversio a creatura, & perfecta ac sincera ad Deum conversio. Ergo &c.

6. Tandem: contritio perfecta, sive expressa, & intensa charitate procedens in veteri Testamento semper, sive quoties ea reapse haberetur, statim justificationem penitentibus afferebat. Ergo eandem etiam statim affert in novo testamento. Quamquam enim in nova lege, præceptum peccata confitendi adjectum fuerit, non inde tamen consecutum est, contritionem, & charitatem in lege gratiæ aut minorem habere vim, aut minus perfectam ad

justitiam consequendam dispositionem evasisse, aut minus Deo gratam esse, acceptamque. Igitur.

Objic. 1. Perfecta dubio procul existit contritio Peccatricis memoratæ a S. Luca cap. 7, de qua a Christo Domino dictum est: remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum. Porro illa haud statim perfecta sua contritione justificata fuit: sed tunc solummodo, cum ad Salvatorem accessit: ut liquet ex ipsius verbis tempore præsentis non præterito prænuntiata. Non enim dixit, Remissa sunt, sed remittuntur ei peccata multa: nec causam addidit dicendo, quoniam diligis, sed quoniam dilexit multum. Igitur mulier illa peccatrix jam antea multum dilexerat, nec tamen peccatorum veniam consecuta fuerat, adeoque justificationem non semper conjuncta est cum contritione e perfecta charitate proficiscente.

R. Mulier illa peccatrix justificata est statim ac actum intensæ contritionis, ac perfectæ charitatis elicit. Nec obest, quod in objectionem producit. Nam in primis tum Græci, tum Syri & Arabici codices legunt non remittuntur, sed remissa sunt ei &c. Deinde retenta etiam Vulgatæ nostræ lectione, peroptime dici potest Christum Dominum tunc coram hominibus declarasse, & confirmasse per illa verba præsentis temporis absolutionem, quam merito suæ dilectionis jam antea obtinuerat: quemadmodum & Marci cap. 5 mulieri jam a profluvio sanguinis liberatæ, ut habetur Com. 19 Christus dixit in præsentis Com. 34 Esto sana a plaga tua. Quibus verbis palam declaravit sanitatem jam antea merito fidei receptam.

Objic. 2. Dubitandum non est, Paulum in via Damasci a Domino prostratum atque vocatum, peccatorum suorum perfectissimum dolorem, aut contritionem elicituisse: neque tamen statim justificatus est, ut constat ex postea subjunctis Ananias verbis: Quid moraris? Exurge, & baptizare, & ablue peccata tua: & ex S. Aug. dicente serm. 1 & 25 de Sanctis: Ananias baptizavit lupum, & fecit agnum. Igitur &c.

R. Certissime tenendum est D. Paulum eo instanti, quo a Domino percussus est, seque ad omnia paratum illis verbis exhibuit, Domine, quid me vis facere? justificationis gratiam illico adeptum esse. Sic enim sentiunt communiter Ecclesiæ Patres, & S. Thomas 1, 2, q. 112, art. 2, ad 2, ubi ait: ita contigit Paulo: quia subito, cum esset in progressu peccati, perfecte motum est cor ejus a Deo, audiendo, addiscendo, & veniendo: & ideo subito est gratiam consecutus. Ad illud ergo Ananias, baptizare, & ablue peccata tua, Respon-

pondeo, vel Ananiam nondum certiores factum fuisse de qualitate dispositionum Pauli ad veniam peccatorum suorum obtinendam, deque charitatis ardore jam in ejus corde vigente ad justificationem necessario: vel locutum esse de ablutione venialium culparum, si quæ adhuc in ipso supererant, deque remissione prænæ lethalibus peccatis debita: vel demum de effectu, quem ex se baptismus, ad quem Paulum hortabatur, inducit, qui est *abluere* peccata commissa. Quod attinet ad Augustini locum, dico non eo sensu intelligendum esse, quasi Paulus usque ad baptismum *Lupus persistens*: hoc enim nimium absonum est: sed quia baptismus erat necessarium justificationis sigillum, sive quedam conditione, necessario confirmativa ac declarativa factæ mutationis ex lupo in agnum. Atque hoc similique sensu explicandum esse S. Patrem patet ex Serm. 175 alias 9 de *verbis Apostoli*; ubi expresse docet, Paulum jam in agnum conversum fuisse, cum a Christo in terram prostratus esset.

Objic. 3. S. idem Aug. Tract. 23 in Joan. scribit: *quantumcumque catechumenus proficiat (adeoque quamlibet ardeat charitate), adhuc sarcinam iniquitatis sue portat; non ei dimittitur, nisi cum venerit ad baptismum*. Et tract. 4: *Omnia peccata super illum sunt: Quia nisi venerit ad baptismum salutarem, ubi peccata solvuntur, cum omni sua excellentia non potest intrare in regnum celorum*. Igitur etiam penitens quacumque contritione, & charitate fervet, peccatorum veniam non consequitur, nisi cum actu Sacramentum penitentiae suscipit. Eadem quippe de baptismo, ac de penitentia ratio est.

R. Quoad priorem Aug. textum S. Doctor de eo profecto loquitur, qui solet in catechumenis frequentius contingere, quippe ad contritionem perfectam, & charitate ferventem ordinario non pertingit. Porro ejusmodi catechumenus adhuc peccatorum suorum sarcinam gerit, donec veniat ad baptismum, ut & peccator donec penitentiae Sacramentum recipiat. Atque hæc eadem responsio alteri loco aptanda est.

Objiciēs 4. Concilium Trid. docens contritionem perfectam reconciliare Deo ante Sacramenti susceptionem utitur voce *aliquando*: quæ plane vox videtur innuere non semper, sed certis duntaxat in casibus hunc effectum producere.

R. Toto ostio aberrat Estius dum ita explicat Sacri Concilii verba. Evidens quippe est ex integra sententia suo proprio ac nativo sensu intellecta ipsam non asserere charitatem perfectam *aliquando* Deo reconciliare, sed solummodo

contingere contritionem *aliquando* esse charitate perfectam. Tunc vero ante Sacramenti susceptionem reconciliare apertissime docet. Quæ duo diversa admodum sunt: & quidem posterius optime cum nostra propositione coheret, eamque confirmat, contritionem scilicet charitate perfectam semper, quoties revera adsit, justificationem conferre ante actualem Sacramenti receptionem.

Objic. 5 Si contritio charitate perfecta Deo reconciliaret ante Sacramentum reapse susceptum, idque ordinario ac semper; jam duo illa Sacramenta baptismus ac penitentia necessaria minime forent necessitate medi, cum ad ea supplenda medium aliud suppleret. Id autem a Catholica fide alienum est. Igitur, &c.

R. Ad hoc ut Sacramentum aliquod necessarium esse dicatur necessitate medi, satis est, ut ejus effectus, saltem abque ipsius voto nullatenus obtineri queat. Adeoque cum contritio perfecta hominem non justificet citra vel baptismi vel penitentiae votum, recte consistit, quod hæc duo Sacramenta necessaria necessitate medi asserantur.

Objiciēs demum. SS. Patres communiter penitentiae Sacramenti necessitatem deprædicant ad peccatorum remissionem obtinendam. Eam igitur non haberi per contritionem, sed habendam esse per Sacramentum præsumunt. Ergo &c.

R. Jure meritoque SS. Patres ita se gesserunt ac Sacramenti penitentiae necessitatem adstruxerunt: quoniam ita frequentius, & ordinario contingit. Pauci siquidem sunt, ut habetur ex Catechismo Concilii Trid. qui contritionem adeo perfectam, ferventem, & incensam charitate concipiant, quæ justificando peccatori par sit ante actualem Sacramenti susceptionem. Quo fit, ut ordinario *sententia Petri præcedat sententiam cæli*, ut inquit D. Bernardus in festo Apost. Petri, & Pauli.

Conclusio 3. Votum, sive desiderium Sacramenti penitentiae probabilis debet esse explicitum, ut quispiam contritione perfecta justificetur abque Sacramento.

Supponit hæc conclusio votum, sive desiderium Sacramenti penitentiae aliqua saltem ratione, idest vel explicitum, vel saltem implicitum absolute necessarium esse in hac lege gratiæ, & divinæ Providentiæ dispositione, ut quilibet contritione quantumcumque perfecta præditus ante Sacramentum, vel abque Sacramento justificetur. Id palam fit, præter alia, ex Synodo Trid. Sess. 14, Cap. 4, definitum, quod dolor "in homine post baptismum" lapsa ita demum præparet ad remissionem peccatorum, si cum fiducia divinæ misericordiæ, & voto præstidii reliqua conjunctus

„sit, quæ ad rite recipiendum Sacramentum requiruntur. Et paulo post subdit; reconciliationem, quæ per contritionem perfectam obtinetur, non esse adscribendam ipsi contritioni sine voto Sacramenti, quod in ipsam includitur“. Si qua igitur hac de re difficultas esse potest, tota in eo sita est, num satis sit huiusmodi votum esse implicitum, quod nihil aliud importat, quam generale desiderium ea omnia præstandi, quæ a Deo præcipiuntur, adeo ut peccator ita sit animo comparatus, quod re ipsa præstaret, si perspecta ipsi forent: vel necessarium sit votum explicitum, quod & rei cognitionem & expressam secum affert voluntatem ejus obtinendæ. Hoc postremum veluti probabilius in proposita conclusione statuimus, de iis saltem loquendo, quibus lex baptismi, ac poenitentiae promulgata fuerit. Itaque probatur

1. Votum rei, quæ ad salutem necessaria est necessitate mediæ, in casu necessitatis vices illius supplet, sive a Domino pro re ipsa acceptatur. Igitur quidpiam distinctum sit oportet a generali desiderio servandi præcepta omnia, ut videlicet Domino aliquid peculiare pro re ipsa offeratur: quod plane non fit, si votum, aut desiderium fuerit tantum implicitum.

2. Quemadmodum necessitas mediæ major est, ac urgentior necessitate simplicis præcepti; sic congruum videtur, ut in casu necessitatis excusantis a reali observatione, majus & expressius sit votum, aut desiderium illius, quam istius. Sed rei, quæ est necessaria tantummodo necessitate præcepti, requiritur ut minus votum ac desiderium implicitum. Igitur relate ad Poenitentiae Sacramentum, quod est peccatori necessarium necessitate mediæ, exigitur votum, aut desiderium expressum.

3. Sacrum Concilium Trid. inter conditiones necessarias, ad hoc, ut quis perfecta contritione justificetur, expressam mentionem facit voti Sacramenti. Inutilis porro, ac supervacanea fuisset huiusmodi expressa mentio, si votum implicitum sufficeret. Certum quippe est hocce votum in ipsa contritione comprehendendi, utpote a qua sejungi nequaquam potest propositum Dei omnia præcepta servandi. Ergo juxta Sacri Concilii mentem dicendum est hoc votum oportere, ut explicitum aut expressum omnino sit.

Postrema conclusio. Contritio perfecta causa est remissionis peccatorum, eaque meritoria, non tamen merito de condigno, sed solum de congruo.

Prima propositionis pars est contra Lutherum, & Kemnitium, ut supra jam notavimus, & etiam contra Calvinum l. 3 Inst. c. 4, qui contritioni omnem causæ rationem adimunt re-

late ad peccatorum remissionem. Prob. autem Sacrarum litterarum autoritate, quæ enunciant Deum moveri ad veniam peccatoribus concedendam eorundem contritione, poenitentia, ac sincera ad ipsum conversione. Hunc enim plane sensum affert illud Davidis Ps. 50: „cor contritum, & humiliatum Deus non despicies: & illud Jona c. 3: vidit Deus opera eorum (Ninivitarum scilicet) quia conversi sunt de via sua mala, & misertus est Deus &c. Favens etiam loca Ezechiel. 18: Cum averterit se impius ab impietate sua... ipse animam suam vivificabit: & Lucæ 7: dimissa sunt ei peccata multa, quoniam dilexit multum“. Quæ sane testimonia satis aperte insinuant poenitentia, aut contritione moveri Deum ad veniam peccatorum conferendam. Porro quod ita Deum movet, causalitate aliqua saltem morali potitur, oportet &c. Id clarius apparet in verbis laudatis ex S. Luca, dimissa sunt ei peccata multa: quoniam dilexit multum. Nam per illud quoniam causa assignatur, cur peccatrici mulieri dimissa peccata fuerint: quæ causa alia non fuit, nisi fervens dilectio, sive contritio ex ferventi caritate concepta.

Altera pars est contra nonnullos Theologos, qui tametsi adversus hæreticos contritionem causam esse remissionis peccatorum libenter admitterent, eandem tamen causam hujusce meritoriam abnuerunt, quod nullum hominis nisi iusti meritum agnoscerent. Quare potius dispositionem, sive causam dispositivam vocandam potius esse censuerunt. Probatur vero.

1. Sacræ Scripturæ textus, quos attulimus, alique, qui afferri facile possent, manifeste indicant Deum remissionem peccatorum conferre contritionis intuitu. Atqui opus liberum, cujus intuitu donum aliquod confertur, respectu illius non potest non habere aliquam meriti rationem. Ergo &c.

2. Plerique Patrum remissionis peccatorum meritum contritioni adjudicant, ut Tertullianus l. 4 contra Marcion. qui scribit Regem Achabum veniam meruisse poenitentiae nomine: Origenes Hom. 11 in c. 20 Levitici, ubi peccatorem hortatur ut poenitentiam gerat, ut mereri pro ea veniam possit: Ambrosius, qui in Caput 22 Lucæ ait: lacrymæ veniam non postulant, sed merentur: S. Aug. qui in Ps. 50 de poenitentia Ninivitarum loquens pronunciat eam certam misericordiam meruisse. Quibus concinunt S. Cyprianus in fine lib. de lapsis, S. Gregorius M. l. 3 in 1 Reg. c. 4, alique passim præter communem scholasticorum consensum. Quis porro audeat vocem meriti tota retro antiquitate resonantem fastidire, aut contemnere?

3. Qui perfectæ contritionis actum elicit, Dei præceptum implet, ejusque voluntati obsequentem se præbet, & quidem modo, qui Deo gratissimus est, ex perfecta videlicet ipsius dilectione. Igitur quatenus saltem ejusdem amorem, & amicitiam promereri dicendus est. Nam dilectio, vel amor, maxime si perfectus sit, redamationem aliquo modo exposcit: quod meriti rationem exprimit, aut saltem involvit.

Tertia conclusio pars modum exprimit, quo perfecta contritio peccatorum remissionem meretur, nempe non merito de condigno, ut vocant, sed solum de congruo. Est vero inter utrumque hoc meriti genus hocce discrimen, quod meritum de condigno in justitia fundatur: meritum autem de congruo in misericordia. Primum exigit præmium a justo remuneratore: alterum præstat convenientiam quamdam, & congruitatem, ut miserator, & misericors Dominus bonitatem, & clementiam suam exerceat: illud ad æqualitatem cum præmio assurgit: istud in quadam proportionem ex divina misericordia resultante consistit: illud Deus remuneratur, quia justus: hoc munere vacuum non dimittit, quia bonus, & misericors. Hoc positum probatur hæc tertia pars.

1. Meritum omne de condigno supponit gratiam sanctificantem, in eaque fundatur: Hæc etenim sola est, quæ bonis operibus verum meritum, & intrinsicum valorem impertitur. At qui contritio, qua quis peccatorum remissionem consequitur, elicitur ab homine nondum gratia sanctificante donato: sola quippe auxiliante gratia producit. Ergo &c.

2. Quilibet citra omnem injustitiam respuere potest munus & obsequium personæ sibi non gratæ, immo sibi inimicæ & exosæ. Ergo etiam Deus citra injustitiam rejicere potest contritionem & amorem pœnitentis, utpote nondum sibi grati ante sanctificantis gratiæ infusionem. Igitur contritio illa, & actus caritatis non de condigno, sed de congruo duntaxat peccatorum remissionem merentur.

3. S. Paulus Cap. 3 Ep. ad Rom. docet hominem a Deo justificari gratis per gratiam ipsius. Porro si contritio peccatorum remissionem de condigno mereretur, haud gratis homo justificaretur: per contritionem siquidem veram ac proprium meritum exhiberet, unde justificatio rationem præmii sortiretur. Ergo contritioni non meritum de condigno, sed tantum de congruo concedendum est. Sed de his plura in Tractatu de gratia. ¶

ARTICULUS SECUNDUS.

De opinione, perfectam contritionem exigente, quale debeat esse judicium?

Sæpe monimus scholarum controversias, non defensorum hinc inde numero, sed rationis, graviorisque auctoritatis pondere dirimendas, cujus rei habemus præclarum in ea quam modo versamus difficultate exemplum: in ea enim excutienda, si sola quæreretur scholæ magistrorum auctoritas, procul dubio vinceremur: nam a duodecimo sæculo quo scholastica Theologia nata est, sententia asserens perfectam contritionem ad Sacramentum pœnitentiæ necessario afferendam, Patronos pene innumera-biles habuit: pro hac opinione steterunt, eamque principii ac fundamenti loco unanimiter posuerunt ii fere omnes, quos doctrinæ celebritas commendavit, scilicet.

Hugo a S. Victore, l. 2 de Sacramentis, par. 14, c. 8.

Richardus, utique Victorinus, in l. de potestate solvendi ac ligandi, c. 7, & 19.

Robertus Pullus, de Sacramentis par. 5, c. 13.

Magister Sentent. l. 4, distinct. 17, & 18.

Innocentius III in Pt. 2 pœnitentialem, ad hæc verba v. 5. Dixi confitebor adversum me injuriam meam Domino: & tu remisisti impietatem peccati mei.

Guillelmus Altissiodorensis in summa.

Albertus Magnus, in l. 4 sentent. distinct. 17, & 18.

Alexander Halensis par. 4 summe, qu. 8. membro 1.

S. Raymundus l. 3 de pœnitentiis & remissionibus n. 8.

Vincentius Bellocensis l. 8 speculi historialis c. 43, & 52.

S. Bonaventura, in 4 sent. dist. 13, par. 2, art. 2, q. 1.

S. Bernardinus Senensis tom. 2, serm. 27 de confessione.

Gabriel Biel in 4 sent. dist. 14, qu. 2, a. 2.

Alphonsus Tostatus Abulensis Episcopus, c. 5 defensorii.

Egidius Calerius Theologus Parisiensis, & Ecclesiæ Cameracensis Decanus in responsione ad quæstiones Abbatis Aquicentensis.

Guillelmus Pepinus Dominicani instituti professor, Theologus & Prædicator insignis, Serma de mysterio absolutionis, ser. 5 in oena Domini, sententiam suam universæ Theologorum scholæ his verbis attribuens: Regula generalis Theologorum est, quod confessor neminem debet absolvere, quem non credit verisimiliter a Deo absolutum.

Thomas Illiricus ex inclita Minorum Religione, sermone de clavibus Ecclesie, ubi contritionis perfectæ necessitatem ita prædicat, quasi aliter poenitentem absolvi impossibile foret: *Quomodo*, inquit, *Sacerdos absolveret quemquam, de quo non præsumeret quod esset absolutus a Deo?*

Ex alii denique longe plures, quorum hic texere nomina, postquam præcipuos appellavimus, necessarium non putamus.

Ab his porro tantis, tantæque auctoritatis magistris recedere pudor esset, nisi argumenta certissima, quorum longe major auctoritas est, contrairent: quod ut palam omni veritatem quærenti fiat, sit

§. PRIMUS.

Contritionem perfectam exigentium opinio refutatur.

ARGUMENTUM PRIMUM.

Ex institutione Sacramenti poenitentiae.

1 Enim Sacramentum poenitentiae institutum a Christo est, ad ea delenda peccata, in quæ fideles accepto baptismo labuntur, ut ipsa Salvatoris verba demonstrant: *quorum remisistis peccata, remittuntur eis*; atqui si peccatori ad Sacramentum accedenti necessaria foret perfecta contritio, jam hujus instituendi finis & causa cessaret: institutum enim ad eluenda peccata remedium immerito jactaretur, quod peccatorum remissionem, antequam applicaretur, necessario præsupponeret; atqui si reo ad poenitentiam properanti necessaria foret perfecta contritio, peccatorum remissionem ante acceptam necessario Sacramentum hoc præsupponeret: contritio enim de qua in præsentem agitur, est contritio caritate perfecta, ut loquitur Concilium Trid. (Sess. 14, c. 4) sive illa est, quæ ab attritione differt, secundum gratie informationem, ut S. Thomas affirmat: (q. 28 de verit. art. 8, ad 3) atqui contritio caritate perfecta, & gratia sanctificante informata, cum peccatorum remissione, nemine disistente, naturaliter connectitur; ergo si homini ad Sacramentum poenitentiae accedenti necessaria foret, peccatorum remissionem ante se essentialiter ipsum Sacramentum præsupponeret; adeoque ejus suscipiendi nulla causa superesset; quia sicut bene habentibus, ex Christi sententia, ipsaque natura doceat, opus non est medico, ita nec medicina porrigi debet.

Præcluditur adversariorum effugium.

Hoc argumentum data distinctione plerique quondam Theologi diluere se posse putabant, sic enim ad minorem respondebant: si homini ad Sacramentum poenitentiae accedenti necessaria foret perfecta contritio, peccatorum remissionem ante se necessario Sacramentum hoc præsupponeret; ante se, inquit, in re susceptum, concedebant, ante se in voto susceptum, negabant: nam, aiebant, perfecta contritio eatenus Deo hominem reconciliat, quatenus Sacramenti suscipiendi votum includit: unde sequitur, dici absolute non posse, remitti peccata sine Sacramento: eoque spectat Concilii Trid. decretum, sess. 14, cap. 4: *Docet præterea S. synodus*, inquit, *etiam contritionem hanc aliquando caritate perfectam esse contingat, hominemque Deo reconciliare, priusquam hoc Sacramentum actu suscipiat; ipsam nihilominus reconciliationem ipsi contritioni, sine Sacramenti voto, quod in illo includitur, non esse adscribendam.*

Contra, illud quidem ultro admittimus, quod Concilium affirmat, contritionem quantumlibet perfectam, numquam hominem sine voto Sacramenti justificare: sed inde instauramus contra adversarios validissimum argumentum:

Credibile non est aliquod esse Sacramentum divinitus institutum, ut in voto semper debeat, in re nunquam possit operari; ideo enim ordinata sunt Sacramenta, ut gratiam usu ipso & applicatione, saltem juxta communem legem, conferrent: quod Christi legem condentis verba declarant: *Euntes docete omnes gentes, baptizantes eos in nomine Patris, & Filii, & Sp. Sancti*: (Matt. 28, 19) qui manducat hunc panem, vivet in æternum: (Joan. 6, 59) imponebant manus super illos, & accipiebant Sp. Sanctum: (act. 8, 17) quorum remisistis peccata, remittuntur eis: (Joan. 20, 23) &c. hoc vero de omnibus generatim dictum, de Sacramentis mortuorum principaliter debet intelligi, baptismo nimirum & poenitentia, quæ, ut loquitur S. Thomas, (3 p. quest. 80, art. 4, ad 2) sunt quasi medicinae purgative, quæ dantur ad tollendam febrem peccati: jam si subsumo; atqui si peccatori ad reconciliationis Sacramentum accedenti, necessaria absolute foret perfecta contritio, poenitentia sic esset Sacramentum, ut in voto semper deberet, in re nunquam posset operari: hæc enim causa actu suo sive in re nunquam operatur, quæ effectum suum in subiecto necessario prærequirit; atqui in hac hypothesis poenitentia effectum suum, scilicet pec-

catorum remissionem in subiecto essentialiter prærequireret : adeoque non se ipsa, sed solo sui desiderio remedium esset; & hoc ipso quod ejus desiderium præcessisset, inutiliter deinde susciperetur : quo nescio an fingi aliquid absurdum possit: nonne enim ineptissimum est, remedium quærere ut saneris, ea conditione ut remedio, nisi ante sanatus, uti non possis? ergo &c.

Deinde: Non aliam ob causam homini perfecte contrito necessarium est Sacramenti poenitentiae votum, quam quia est divinitus institutum, ut per illud homini post baptismum lapso meritum Christi applicatio fieret; atqui Sacramentum ad meritum Christi applicationem divinitus comparatum, tale debet esse, ut in voto quidem aliquando, si ejus suscipiendi copia desit, in re autem susceptum, suam communiter efficaciam exerat: ergo hanc conditionem non exigit, qua fieret ut ejus administratio actualis, irrita semper ac inutilis foret.

ARGUMENTUM SECUNDUM.

Ex clavium potestate Ecclesie data.

Alterum, nec minus efficax, ex potestate clavium petitur, quam Christus Ecclesie contulit: si enim perfecta contritio foret ad Sacramentum necessario præmittenda, sequeretur absolutionem sacerdotis non esse verum iudicium, nec vere ministrum Christi peccata remittere: perfecta namque contritio, plena peccati remissio est, quia caritas perfecta conciliari cum reatu peccati non potest: itaque in hac opinione nihil sacerdos ageret, nisi quod declararet remissa esse peccata. Jam sic subsumo:

Atqui hoc consequens verbis Christi manifesto videtur esse contrarium: non enim dixit: *quorum declaraveritis remissa esse peccata*; sed: *quorum remiseritis peccata, remittuntur eis: quaecunque solveritis super terram, erunt soluta & in celo*: eaque Christo causa fuit promittendi Petro, & in ejus persona cæteris Apostolis, se eis daturum claves regni caelorum: quorum vero? nisi ut ostenderet, peccatoribus caelorum januas occludendas, donec eas clavium usu, & data sibi potestate Apostoli, eorumque in perpetuum successores poenitentibus aperirent? alioquin enim potius fuerant ipsis poenitentibus committendæ quam ministris Ecclesie: quibus enim convenientius dari claves oportuerat, quam iis qui earum usum facturi essent? atqui in eâ quam refutamus hypothesi, non Apostoli, non ministri, sed soli poenitentes clavibus uterentur, quia

ipsi sibi independentes a ministris, contritione media, aditum ad iustitiam aperirent, & cæli januas reserarent: ergo &c.

Deinde. Verbis suis affirmat Christus, non ante in cælis peccata solvenda, quam fuerint soluta in terris; atqui si ad poenitentiae Sacramentum perfecta contritio esset necessario afferenda, falsa hæc ejus promissio foret: prius enim essent peccatores soluti in cælis, id est, sententia Dei supremi iudicis a peccatorum nexibus liberati, quam hominum ministerio soluti in terris declararentur: immo eatenus vera in terris hæc declaratio foret, quatenus in cælis peccati remissio præcessisset: ergo &c.

ARGUMENTUM TERTIUM.

Ex veritate formæ Sacramentalis.

5. Huic proximum sumitur ex ipsa absolventi forma, quam sacerdos Sacramenti minister pronunciat: non enim ait: *ego te absolutum declaro*; sed: *ego te absolvo*: quæ sane vox judicialis est, & jurisdictionis exercitium aperte significat: hinc a Concilio Trid. sess. 14, can. 9, sic definitum: *si quis dixerit, absolutionem sacramentalem sacerdotis non esse actum judicalem, sed nudum ministerium pronuntiandi, & declarandi remissa esse peccata confitenti; modo tantum credat se esse absolutum: anathema sit*: jam sic subsumo: atqui si gratia sanificans & peccatorum remissio Sacramenti susceptioni prævia esse deberet, vere sacerdos non diceret: *ego te absolvo*: quomodo enim a peccato absolvitur, qui peccati vinculo non tenetur? ergo &c.

ARGUMENTUM QUARTUM.

Ex diversis Sanctorum Patrum sententiis.

4. Hæc non est tenenda sententia, quæ doctrinæ SS. Patrum aperte contraria est; atqui talis opinio est, quam modo refellimus: passim enim sacrodoctores, Cyprianus, Hilarius, Aug. Fulgentius, alique longe plures affirmant:

1. Claves æterni aditus traditas esse arbitrio Petri cæli janitoris.
2. Hanc inesse sacerdotibus potestatem, ut beneficio absolutionis peccata vere remittant.
3. Sententiam sacerdotum divina esse priorem.
4. Non nisi ad preces sacerdotum, peccatoribus indulgentiam a Deo concedi.
5. Solemni absolutionis ritu poenitentes a morte ad vitam excitari.
6. Catechumenes & poenitentes peccatorum

vig.

vinculis semper esse obstrictos, donec ad sanctum lavacrum, & ad Sacramentum poenitentiae venerint; magnamque fore absurditatem, si baptismus non renasciturum, sed renatum, & poenitentia non reconciliandum, sed reconciliatum susciperet.

Jam sic subsumo; atqui vere hæc non diceretur a patribus, si perfecta & cum gratia sanctificante conjuncta contritio esset ad Sacramentum præmittenda: ergo &c.

ARGUMENTUM QUINTUM.

Ex auctoritate Concilii Tridentini.

5. Hoc ipsum Trid. Concilii auctoritate adstruit: docet præterea S. Synodus, inquit, (sess. 14, c. 4) etsi contritionem hanc aliquando caritate perfectam esse contingat, hominemque Deo reconciliare, priusquam hoc Sacramentum actu suscipiatur; ipsam nihilominus reconciliationem ipsi contritioni, sine Sacramenti voto, quod in illa includitur, non esse adscribendam.

Cui consentiens catechismus ex ejusdem Concilii decreto editus: (2 p. tit. de pœnit. c. 37) ut hoc concedamus, inquit, contritione peccata deleri, quis ignorat illam adeo vehementem, acrem, incensam esse oportere, ut doloris acerbitas cum scelerum magnitudine æquari conferrique possit? at quoniam pauci admodum ad hunc gradum perveniunt, sebat etiam ut a paucissimis hac via peccatorum venia speranda esset: quare necesse fuit, ut clementissimus Dominus faciliore ratione, communi hominum saluti consuleret: quod quidem admirabili consilio effecit, cum claves regni celestis Ecclesie tradidit.

Hinc sic informatur argumentum: ex sententia concilii & catechismi Trid. aliquando tantum contingit, Deo hominem reconciliari, antequam poenitentiae Sacramentum actu suscipiat; atqui si perfecta contritio cum peccatorum remissione & gratia sanctificante conjuncta, ad Sacramentum necessario præmitti deberet; non aliquando, non raro, sed semper contingeret, poenitentes Deo reconciliari antequam hoc Sacramentum actu & revera susciperent: ergo &c.

ARGUMENTUM SEXTUM.

Ex auctoritate Sancti Thomæ.

Nec prætereundus præceptor Angelicus, cuius iudicium multorum contra sententiam auctoritatis longe præponderat ac præcellit: por-

ro ille sententiam nostram multis locis præclarissime adstruit.

Sic 3 Part. qu. 80, art. 4, ad 2, baptismum & poenitentiam asserit esse, medicinas purgativas, quæ dantur ad tollendam febrem peccati: eo itaque iudice duo hæc Sacramenta ante se contritionem perfectam non prærequirunt; alioquin enim febrem peccati non tollerent, quæ cum perfecta contritione esse non potest.

Nec minus perspicue in supplemento: (suppl. q. 18, art. 1, in c.) præparatio ad baptismum in adultis, inquit, quandoque præcedit tempore, sufficiens ad gratiæ susceptionem, antequam baptismus actu suscipiatur; sed non ante votum baptismi, post tempus propalatae veritatis: quandoque autem talis præparatio tempore non præcedit, sed est simul cum baptismi susceptione, & tunc per baptismi susceptionem gratiæ remissionis culpæ confertur, per poenitentiam Sacramentum nunquam datur gratia, nisi præparatio adsit, vel prius fuerit: unde virtus clavium operatur ad culpæ remissionem, vel in voto existens, vel in actu se exercens, sicut & aqua baptismi . . . unde si ante absolutionem aliquis non fuisset perfectè dispositus ad gratiam suscipiendam, in ipsa confessione & absolutione Sacramentali gratiam consequeretur, si ebicem non poneret.

Eodemque sensu, opusculo 22, c. 2, contringat autem quandoque in baptismo, inquit, quod antequam aliquis actu Sacramentum baptismi percipiat, dum habet Sacramentum in voto vel in proposito, consequitur justificationem a solo Deo, & tamen si ante consecutus non fuerit, ex vi Sacramenti, nisi ebicem ponat, justificationem consequitur Sacramentum suscipiendo; ita omnino est de poenitentia . . . unde quandoque aliqui consequuntur justificationem in absolutione, quam ante non fuerant assecuti.

Similia reperies commentario in c. 11 Joannis lecti. 6, quodlibeto 4, art. 10, in corp. & alibi sæpe: inde sic instruo argumentum:

1. Quod aliquando tantum contingit, non est necessarium absolute fieri: atqui ex doctore Angelico aliquando tantum contingit, ut baptismum & poenitentiam præcedat tempore, præparatio ad gratiæ susceptionem & justificationem sufficiens: quandoque vero talis præparatio tempore non præcedit, sed est simul cum baptismi & poenitentiae susceptione: ergo ex S. Thomæ contritio perfecta ad utrumque Sacramentum non est necessario præmittenda.

2. Juxta S. Thomam, virtus clavium, sicut & aqua baptismi, operatur ad culpæ remissionem, vel in voto existens, vel in actu se exer-

exereens; atqui si perfecta contritio absolute deberet Sacramentum præcedere, hæc tantum modo virtus clavium, in voto scilicet existens, ad culpæ remissionem operaretur, nec unquam ad hunc obtinendum effectum, exercitium ejus requireretur: ergo &c.

3. Ex ejusdem sententia, si aliquis ante absolutionem non fuerit ad gratiæ susceptionem perfecte dispositus, in ipsa confessione & absolutione Sacramentali, nisi obicem posuerit, gratiam consequetur: hoc autem quomodo vere dici in adversariorum sententia posset, qui nihil in actuali Sacramenti susceptione ad justificandum virtutis agnoscant? ergo &c.

§. SECUNDUS.

Refutatur objectiones.

Nitebantur, contra quos agimus, Theologi, quibusdam testimoniis sanctorum patrum specie sibi fiventionis.

Sic S. Aug. (suppl. qu. 12, art. 1, in c.) quare jam confiteris, inquit, in accusatione peccati tui? in accusatione tui ipsius quare confiteris, nisi quia ex mortuo vivus factus es? scriptura quippe ait: (Eccli. 17, 26) a mortuo quasi non sit, perit confessio . . . qui enim confitetur, foras prodit: foras prodire non potest, nisi viveret; vivere non potest, nisi resuscitatus esset.

Cui concinens S. Gregorius M. (hom. 26 in Evang.) cause pensande sunt, ait, & tunc ligandi atque solvendi potestas exercenda: videndum quæ culpa præcesserit, aut quæ sit penitentia secuta post culpam; ut quos omnipotens Deus per compunctionis gratiam vivificet, illos pastoris sententia absolvas: tunc enim vera est absolutio præsentis, cum æterni arbitrium sequitur iudicis: quod bene prædicta multitudini mortui resuscitatio illi significat, quæ videlicet demonstrat, quia prius mortuum Dominus vocavit, & vivificavit dicens: Lazare veni foras: & postmodum is qui vivens egressus fuerat, a discipulis solutus est . . . ex qua consideratione intueendum est, quod illos debemus per pastorem auctoritatem solvere, quos Authorem nostrum cognoscimus per suscitantem gratiam vivificare.

Hinc sic eruitur argumentum:

Illi existimant, homini ad Sacramentum negligentem accedenti necessariam esse perfectam contritionem, qui docent, vivum esse debere qui peccata confitetur, nec quemquam pastoralis auctoritate esse solvendum, nisi quem sacerdos cognoverit vivificatum; atqui hæc est Sanctorum Gregorii & Aug. doctrina: ergo &c.

R. Admitto auctoritates; ad argumentum De Re Sacram. T. III.

distinguo maj. illi existimant &c. qui docent peccatorem confitentem vivum esse debere, vita & resurrectione plena, conc. vita & resurrectione inchoata, n. maj. eademque distinctione ad mia. data, n. conseq.

E. R. Resurrectio spiritualis duplex est distinguenda, inchoata una, plena altera, & consummata, prima, gratiæ actualis, animam interius moveat & excitant; secunda, gratiæ justificantis effectus est; prior, absolutionem Sacramentalem præcedere debet, sicut resurrectio Lazari, solutionem ejusdem factam a Christi discipulis anteivit: posterior, ab ipsa absolutionis vires & efficacia sequitur: prior, voluntatem ab effectu peccati aversam, ad Deum suum bonum, summæ amandum convertit: posterior, a peccati affectu jam liberam, ab ejusdem reatu absolvit: verbo dixerim, prior contritionis imperfectæ vires non superat: posterior, soli contritioni perfectæ, aut imperfectæ cum Sacramento conjunctæ tribuitur.

Hoc posito dicimus patres in objectionelaudatos loqui de vita & resurrectione inchoata, quam imperfecta contritio operatur, non de plena atque perfectæ: id quod innuunt verba ipsa S. Gregorii: ut quos omnipotens Deus per compunctionis gratiam vivificet, illos pastoris sententia absolvas: quomodo enim pastoris sententia solveret, quem jam perfecte solum inveniret?

Multoque expressius S. Aug. serm. 44 de verbis Dom. ita loquens: videte genus resuscitationis: processit Lazarus de monumento vivus, & ambulare non poterat, & Dominus ad discipulos: solvite eum, inquit, & sinite abire: ille suscitavit mortuum: illi solverunt ligatum, ad quid pertineat videre . . . nonne post objuraciones, post increpaciones dimittuntur homines cogitationibus suis, & incipiunt secum volvere, quam malam vitam gerant, quam pessimam consuetudine premantur: deinde displicent sibi, mutare vitam incipiunt: resurrexerunt jam isti, revixerunt quibus displicet quod fuerunt: sed reviviscentes ambulare non possunt: hæc sunt vincula ipsius ventus: opus est ergo, ut qui revixit, solvatur, & ire permittatur: hoc officium discipulis dedit, quibus ait: quæcumque solveritis in terra, erunt solvæ & in celo.

Quin & hoc ipsum aperte satis innuit S. Doctor in eo quod opponitur testimonio, ex serm. 67 de verbis Dom. qui confitetur, inquit, foras prodit; foras prodire non potest, nisi viveret: vivere non potest, nisi resuscitatus esset . . . dixit ergo aliquis, quid prodit Ecclesia, si jam confessor voce Domini resuscitatus prodit? quid prodit Ecclesia

confienti, cui Dominus ait: quæ solveritis in terra, soluta erunt & in cælo? ipsum *Leza-*
rum attende: cum vinculis prodit: jam vive-
 bat confitendo: sed nondum ambulat, vinculis
 irretitus; quid ergo facit Ecclesia, cui dictum
 est: quæ solveritis, soluta erunt? nisi quod
 ait Dominus continue ad discipulos: solve il-
 lum, & sinite abire.

Itaque ex S. Aug. accedenti ad poenitentiae
 Sacramentum, est quidem necessaria vita &
 resurrectio inchoata, non tamen vita perfecta:
 nondum enim vivit vita perfecta, qui reatus
 vinculis adhuc tenetur & irretitur; atqui pec-
 cator antequam Christi & Ecclesiae auctoritate,
 Sacramentali absolutione donatus sit, adhuc
 reatu, vinculisque peccati est irretitus, &
 quamvis revixerit, ambulare nondum potest:
 nondum ergo vivit vita perfecta.

Inst. 1. Per vincula ipsius reatus, non pec-
 catum aut macula peccati, sed poena debita
 peccato ex S. Aug. debet intelligi: futilis igitur,
 & commentitia est illa duplicis vitae dis-
 tinctio; qui enim unam habet, & alteram ha-
 bet: adeoque falso diximus, ad mentem S.
 Doctoris, eum qui ad poenitentiae Sacramen-
 tum accedit, vivum quidem vita inchoata esse
 debere, non autem vita perfecta.

R. Nego absolute ant. cujus falsitatem ut
 demonstrem Aug. ipso doctore utor: sic porro
 loquitur ille (*trakt. 4 in Joan.*) de cate-
 chumeno abstinate ab omni concubitu, vale-
 faciente seculo, renunciantem omnibus quæ pos-
 sidebat, & distribuentem pauperibus: timendum
 est huic, inquit, ne dicat apud semetipsum de
 baptismo sancto, quo peccata dimittuntur:
 quid plus accepturus sum? ecce ego melior sum
 illo fidei... & meliorem se esse arbitrans,
 quam ille qui jam baptizatus est, dedignetur
 venire ad baptismum... & tamen omnia
 peccata super illum sunt, & nisi venerit ad
 salutarem baptismum, ubi peccata solvantur,
 cum omni excellentia sua non potest intrare in
 regnum celorum.

Eademque in eodem opere repetens: (*trakt.*
13 in Joan.) quantumcumque, ait, catechu-
 menus proficiat; adhuc sarcinam iniquitatis sua
 portat: non illi dimittitur, nisi cum venerit
 ad baptismum: quomodo non caruit populus
 Israel populo Aegyptiorum, nisi cum venisset
 ad mare rubrum: sic pressuris peccatorum ne-
 mo caret, nisi cum ad fontem baptismi per-
 venerit.

Inde sic argumentum instauro: cum poeni-
 tentie non secus ac baptismatis Sacramentum,
 sit divinitus institutum contra peccata reme-
 dium, idem de utroque iudicium esse debet,
 nec major uni quam alteri virtus, ad mentem
 S. Doctoris, est ascribenda; atqui ex senten-

tia S. Aug. quantumcumque profecerit cate-
 chumenus, & quantalibet spiritualis vitae si-
 gua prohibendo ediderit (sola excepta carita-
 te perfecta, quæ baptismi voto conjuncta,
 peccatum omne sine cunctatione absorget)
 nisi venerit ad salutarem baptismum, ubi pec-
 cata solvantur, omnia peccata super illum
 sunt, adhuc sarcinam iniquitatis suæ portat,
 pressuris peccatorum non caret: idem ergo,
 eo iudice, de poenitentia est dicendum; adeo-
 que per vincula ipsius reatus, non poenam
 peccati, sed maculam ejus ac deformitatem
 intelligit.

Deinde. Catechumenus de quo loquitur,
 cum jam in virtutis exercitatione profecerit,
 vivere haud dubie spiritualiter cœpit: quan-
 tumcumque, inquit, catechumenus proficiat,
 &c. atqui ille licet vivere cœperit, adhuc ta-
 men sarcinam iniquitatis suæ portat, n. dum
 est a peccatis solutus, pressuris peccatorum
 nondum caret: ergo cum obligatione peccati,
 & sarcina iniquitatis, potest initium spiritua-
 lis vitæ consistere: adeoque quod ait, pec-
 catorem confitentem vivum esse debere, non
 est de vita & resurrectione consummata in-
 telligendum.

Inst. 2. Atqui ex SS. Doctoribus qui acce-
 dit ad poenitentiae Sacramentum, vivere debet
 vita perfecta. Ergo &c.

Prob. subs. ad mentem SS. Gregorii & Aug.
 quisquis accusando seipsum, peccata sua con-
 fiteatur, vivere ea vita debet quam caritas di-
 vina inluit: alioquin enim foras prodire non
 posset: atqui quisquis divina caritate (quæ
 tandem ejus gradus sit, remissior aut intensior)
 animatur, jam vita perfecta vivit. Ergo &c.

Prob. min. tum perfecta vita & consum-
 mata putanda est, cum id quod erat princi-
 pium & causa mortis absolute exclusum est:
 principium vero mortis spiritualis, seu potius
 mors ipsa spiritualis, peccatum mortale est;
 atque quolibet motu caritatis, intenso sive re-
 misso, nil interest, peccatum mortale exclu-
 ditur: ergo quisquis divina caritate est anima-
 tus, jam vita perfecta vivit.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. n.
 min. habet enim diversos gradus divina cari-
 tas, non secus ac cæteræ virtutes: habet pri-
 mordia, habet incrementa, habet profectum,
 habet denique perfectionem: nec quia perfe-
 cta caritas vitæ spiritualis perfectio est, con-
 sequens inde est, eum vitam consummatam
 habere, qui incipit diligere Deum tamquam
 omnis justitiæ fontem: nec sequitur ab omni
 esse peccato solutum, qui amare incipit sum-
 mum bonum, quia perfecta caritas foras omne
 peccatum detrudit: plus enim consummata ca-
 ritas potest, quam inchoata.

Ad ultimum argumentum; concessa pariter maj. dist. nin. quolibet motu caritatis peccatum mortale excluditur, quoad alium & affectum, conc. quoad habitum, reatum, & maculam ex peccato præcedente residuam, n. min. & cons. responsione hanc indicasse in præsentia sufficit: recurrit enim c. 4, ibidemque, suo quippe loco; commodius explicabitur, & certissimis principiis, contra assertores servilis attritionis, communiatur: advertat interim studiosus lector, quam male hoc argumentum ex adductis SS. Gregorii & Augusti auctoritatibus eruat: uterque enim, quamquam vivum debere esse contendat qui contineatur, adhuc tamen in peccato esse discrete docet: qui vivens egressus fuerat Lazarus, inquit ille, (hom. 26 in Evang.) postmodum a discipulis solutus est: ex qua consideratione, intendum est, quod illos debemus per pastorem auctoritatem solvere, quos auctoritatem nostram cognoscimus, per suscitantem gratiam vivificare, ut quos omnipotens Deus per compunctionis gratiam vivit, illos pastoris sententia absolvat... iste vero de catechumeno quantumlibet in virtutum cultura exercitato: omnia, inquit, (tract. 4, & 13 in Joan.) peccata super illum sunt, & nisi veneris ad salutarem baptismum, ubi peccata solvantur, cum omni excellentia sua non potest intrare in regnum caelorum... quantumcumque proficiat, adhuc sarcinam iniquitatis sue portat: & non dimittitur illi, nisi cum veneris ad baptismum... pressuris peccatorum nemo caret, nisi cum ad fontem baptismi perveneris: igitur iis ipsis iudicibus qui opponuntur, falsum est, quolibet etiam remisso motu caritatis, peccatum mortale, quantum ad reatum, maculam, & habitum extirpari.

Inst. 3. Sententia asserens, ad Sacramentum poenitentiae perfectam contritionem esse afferendam, tanta auctoritate fulcitur, quanta vix major esse queat ad theologi dogmatis propugnationem: hanc enim præcipui ac pene omnes scholarum proceres, Hugo a S. Vict. Magister sentent. Guillelmus Altissiod. Alex. Alensis, alique quos prædiximus, hanc viri sanctitatis fama celeberrimi, B. Albertus M. S. Raymundus, S. Bonav. S. Bernardinus velut certissimam propugnaverunt: toto illo temporum tractu, qui ab instituta scholastica theologia ad Concilium Trid. excurrit, qui contradixerint paucissimos reperias: ego facile rejicienda non esse.

R. Nego. ant. quæ enim vendicatur auctoritas (bona illorum pace dixerimus) tota humana est, nec de scripturæ aut traditionis peni excerpta, imo nec ab ipsius rationis fonte petita: affirmant illi equidem, sola cordis con-

tritione dimitti peccatum: a solo Deo dimitti peccata & debitum æternæ pænæ: neminem a sacerdote absolvendum, nisi verissimiliter credatur ante absolutus a Deo: Sacerdotem videri claviu nihil aliud nisi partem pænæ temporalis remittere, tantumque declarare remissa esse peccata: sed ad hanc approbandam assertionem nihil certi, nihil plausibilis asserunt: tantumque metaphorice scripturæ locutionibus, quarum significationem plus quam par esset extendunt, & legalium sacerdotum præsumuntur, e contrario sententia quam defendimus, in ipsis Christi verbis fundatur: quorum remiseritis peccata &c. in virtute clavium: in natura ac veritate formæ Sacramentalis: in ipsa generali omnium Sacramentorum conditione: in consensu sanctorum patrum: & denique in Angelici præceptoris auctoritate: quantolibet itaque numero sint opinionis contrariæ adsertores, sine injuria deseruntur.

Inst. 4. Ipse S. Thomas nobis contrarius est, frustra igitur ejus presidio gloriamur.

Prob. ant. opusculo 22, c. 2, ia resp. ad 7. argumentum: Sacerdos, inquit, extra non debet absolvere, in quo signa contritionis non videt, per quam homo justificatur interior a Deo, culpa remissa: itaque ex S. Doctore prius est hominem per contritionem justificari a Deo, quam a sacerdote Dei ministro absolvi: adeoque censet perfectam contritionem Sacramento poenitentiae esse præmittendam.

R. Nego. ant. ad probat. explico mentem Angelici præceptoris: sic loquitur S. Thomas ad sensum adversarii ei aliquid, ut sæpe fit, permittendo, conc. sic loquitur, ex propria sententia, n. ant. & consequ.

Ut perspicua responsio sit, licet textum ipsum describere, unde petita obiectio est: hoc opusculum scripsit S. Thomas contra Theologum quemdam, cujus opinio erat, non esse in Sacramento poenitentiae formam absolutam utendum: Ego se absolvo; sed forma deprecatoria his aut similibus verbis expressa: absolutionem & remissionem tribuit tibi omnipotens Deus: præter cætera vero argumenta, quibus singularem hanc opinionem adstruere nitebatur, istud ordine septimum erat.

7. Obijcit, inquit, quod in suscitatione Lazari, secundum Aug. & Gregorium, significata est suscitationis propriatio; quia Lazarus est prius a Domino vivificatus, quam traderetur discipulis absolvendus, ex quo arguit, quod nihil valet absolutio sacerdotis, antequam homo sit a Deo vivificatus per gratiam, & suscitatus a morte culpæ: ergo sacerdos non potest super culpam.

Objectionem sic diluit S. Doctor: quæ quidem ratio, ait, multiplices defectus habet, 2

quidem quia arguitur ex metaphoris locutionibus, ex quibus non est arguendum, ut Dionysius & Augustinus dicunt. 2. quia ratio sua non est ad propositum: constat enim quod Dominus Lazarum suscitavit, & discipulis solvendum mandavit: ergo discipuli absolvent: per hoc ergo non ostenditur, quod sacerdos non absolvat, aut non debeat dicere: ego te absolvo: sed quod cum non debet absolvere, in quo signa contritionis non videt, per quam homo justificatur interius a Deo culpa remissa... contingit autem quandoque in baptismo, quod aliqui antequam Sacramentum baptismi actu percipiat, dum habet Sacramentum in voto vel proposito, consequitur justificationem a solo Deo: & tamen si ante consecutus non fuerit, ex vi Sacramenti, nisi obicem ponat, justificationem consequi, Sacramentum suscipiendo, ita omnino est de poenitentia... unde quandoque aliqui consequuntur justificationem in ipsa absolutione, quam ante non fuerant assecuti.

Ita S. Doctor, quem nisi velimus in eodem textu sibi: esse contrarium, (quod iniquum prorsus de tanto Magistro-judicium foret) omnino firmandum est, pro nobis pugnare; nam si putaret perfectam contritionem Sacramento necessario praeiungendam, nunquam ex eius mente contingeret justificationem aliter obtineri; atque longe diversa sapientissimi praeceptoris sententia est: ibidem enim affirmat, aliquando contingere, ut aliqui consequantur justificationem in ipsa absolutione; quam ante non fuerant assecuti: pariterque assertit de baptismo, quod si aliquis ante eius susceptionem, a solo Deo justificationem consecutus non fuerit, eam, nisi obicem ponat, consequatur Sacramentum suscipiendo. Perperam ergo hoc nobis opponitur testimonium.

Quid ergo, inquires, sibi vult, quando affirmat, sacerdotem non debere eum absolvere, in quo signa contritionis non videt, per quam homo justificatur interius a Deo, culpa remissa?

R. Non assertive, sed permissive, neque ex propria, sed ex adversarii mente sic loqui: ratio, inquit, non est ad propositum: constat enim quod Dominus Lazarum suscitavit, & discipulis solvendum mandavit, ergo discipuli absolvent: per hoc ergo non ostenditur, quod sacerdos non absolvat, aut non debeat dicere: ego te absolvo: sed quod cum non debet absolvere, in quo signa contritionis non videt, per quam homo justificatur interius a Deo, culpa remissa: quasi nimirum diceret: si quid hoc argumentum probaret, hoc unum certe obtineri eo posset, absolvi eum non debere qui signa contritionis justificantis nulla exterius proderet: qua de re modo non agitur:

sed non probaret, quod sacerdos non absolvat, aut non debeat dicere: ego te absolvo: cum ex ipso Lazari exemplo sit certum, vere discipulos Christi absolvere: in eo itaque loco totas noster est Angelicus Doctor.

Inst. 5. Atqui S. Thomas ex propria mente loquens, contendit peccati remissionem, non in confessione, sacerdotis ministerio, sed sola contritione obtineri, adeoque ante Sacramentum perfectam eam esse debere: Ergo &c.

Prob. subs. ex verbis S. Doctoris, in supplem. confessio, inquit, (suppl. q. 7, art. 2, ad 2) presupponit caritatem, qua quis vivus efficitur... contritio est, in qua datur caritas... (ibid. q. 9, art. 1, ad 2) de ratione contritionis & satisfactionis est, quod homo sit Deo per caritatem unitus... (ibid. q. 10, art. 5, in c.) dicendum, quod confessio operatur praesupposita contritione quae culpam delet, & sic confessio directe ordinatur ad dimissionem poenae. Idemque repetens in opusculo de oratione Dominica c. 8, affirmat culpam in contritione remitti, & in confessione poenam.

Hinc sic enascitur argumentum: qui censet confessionem ante se praesupponere contritionem & caritatem qua quis vivus efficitur, adeoque ad solius poenae dimissionem ordinari, contendit ex consequenti peccati remissionem, non in confessione, ministerio sacerdotis, sed sola contritione obtineri; atque haec S. Thomas locis citatis doctrina est: Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. recipio testimonia, & data maj. dist. min. Thomae doctrina est, confessionem ante se praesupponere contritionem, & caritatem, adeoque ad solius poenae dimissionem directe ordinari, aliquando, in iis nimirum quos perfecte contritis absolutio non facit, sed reperit, conc. necessario quasi aliter ad Sacramentum venire non possit, n. min. & conseq.

E. R. Non hicquerimus quid aliquando contingat, sed quid heri absolute necessarium sit, ut ratum validumque sit poenitentiae Sacramentum: eundem non diffinemus ad Sacramentum absolutionis aliquos cum tanto fervore caritatis, tantaque vehementia contritionis accedere, ut prius a Deo absoluti justificatique sint, quam audiant sententiam sacerdotis: ego te absolvo. unde iterum concedimus respectu talium confessionem directe ordinari ad dimissionem poenae. Sed negamus hoc necessarium esse, ita ut aliter nequeat consistere poenitentiae Sacramentum: nec aliter sentit S. Thomas locis citatis. Nam

1. In opusculo de oratione dominica, non dicit contritionem perfectam esse necessario praemittendam, sed si praemittatur, se sola ad ju-

stin

stificationem, prout conjunctum habet confitendi propositum sufficere: „multum utile est, „inquit, quod semper speremus; quia quantumcumque homo sit peccator, debet sperare quod „Deus, si perfecte contritetur & convertatur, dimittet ei . . . non est igitur desperandum, „ex quo ad remissionem culpæ sufficit contritio cum proposito confitendi“.

2. Quod spectat ad testimonia & supplementa petita, si quid difficultatis habent, debent, ex aliis ejusdem libri clarioribus explicari. Porro S. Doctor in hoc ipso suppl. diserte docet, contritionem perfectam non debere necessario ad Sacramentum afferri: per *penitentia Sacramentum*, (inquit loco supra cit. §. 1, arg. 6) *namquam datur gratia, nisi præparatio adsit, vel prius fuerit: unde virtus clavium operatur ad culpæ remissionem, vel in toto existens, vel in actu se exercens, sicut & aqua baptismi . . . unde si ante absolutionem aliquis non fuisset perfecte dispositus ad gratiam suscipiendam, ipsa confessione & absolutione Sacramentali gratiam consequeretur, si obicem non poneret: quæ igitur alibi in hoc ipso supplemento videntur esse contraria, debent de contritione perfecta intelligi, per quam aliquando contingit peccatores, antequam Sacramentum actu suscipiant, reconciliari: ita respondet doctissimus Sylvius: (ad art. 1, q. 7, suppl.) „quod „in responsione ad 2 dixit, inquit ille, confessionem præsupponere caritatem, non de „omni confessione accipiendum est, sed de illa, „quam præcedit contritio tam perfecta, ut „conjunctam habent gratiam justificantem: „alioquin confessionem non præsupponere caritatem sed potius ordinari ad eam accipiendam satis significat quæst. 6, art. 1, (suppl.) „ubi docet Sacramentum penitentia, ipsam „que confessionem ordinari & contra culpam, „& ad infusionem gratiæ seu caritatis consequendam“.*

Jam si quis in his testimoniis insistat morosus, absoluteque velit præceptorem Angelicum in commentario super libros sententiarum, unde supplementum desumptum est, stesise pro necessitate perfectæ contritionis, hoc sibi responsum habeat, tanta non esse hujus commentarii, quod junior scripsit, auctoritatem, quanta aliorum operum quæ maturiore ætate elucubravimus, præsertim vero summæ Theologiæ, quod accuratissimum ejus & posterum est opus: *plurima namque eorum*, inquit Dominicus Soto (in 4, dist. 1, q. 3, art. 1) *quæ super Magistrum sententiarum, quasi aliena congerens commentatus est, post maturius digesta collimavit in summa*: certum porro est in summa Theologica sententiam nostram modis omnibus Doctorem Angelicum propugnasse: adeoque quod

obscurius alibi, aut contrarium dixerat, vel explicuisse vel retractasse.

Hæcque ejusdem Sylvii ibidem responsio est: *quod in initio corporis*, inquit, dicit S. Thomas (suppl. q. 10, art. 5, in c.) confessio directe ordinatur ad remissionem peccati: „tacite „retractatum videtur 3 part. qu. 84, partim „a. 2, cum dicit, remotam materiam Sacramenti penitentia esse peccata, non accipienda, sed detestanda; quod de peccatis, secundum quod sunt peccata, sive secundum culpam accipi debet: (unde in responsione ad 3 dicit, hoc Sacramentum principaliter institutum ad deletionem peccati mortalis, quod de peccati macula, cui soli convenit deleri, similiter est accipiendum:) partim articulo tertio cum dicit, hoc Sacramentum consistere in remotione ejusdem materie, scilicet peccati: & verba formæ non solum significare absolutionem a peccatis, (scilicet tam quoad culpam, quam quoad penam, ut opusculo da forma absolutionis cap. 2 tradit:) sed etiam efficere illam: confer etiam hujus supplementi quæstionem 6, art. 1. Unde lectione 4 in c. 10 Joann. reprehendit sententiam eorum, qui dicebant sacerdotem tantum absolute a reatu peccati, dicitque ipsum Sacramentum taliter absolvere a culpa & pena“.

ARTICULUS TERTIUS.

Utrum sententia exigentium contritionem perfectam damnata ab Ecclesia fuerit?

Contritionem perfectam, ferventi & intensa caritate animatam, quæque proinde absolutionem a peccatis ac justificationem necessario inferat, non debere absolute ad Sacramentum afferri dogmatibus Theologiæ certissimis accensum: quando itaque quærimus, utrum dogma contritioni damnatum expresso decreto ab Ecclesia fuerit; non hoc agimus, ut doctrinæ, quam falsam quæmvis credimus, aliquatenus faveamus: (quod quid aliud esset, quam loqui pugnantly, utque in vulgari proverbio est, una haustu calidum frigidumque sorbere?) sed ut quorundam, de quibus capite quarto dicturis sumus, præsuppositionem anticipato redarguamus, qui attritionis servilis in Sacramento sufficientiam, tanta confidentia & obstinatione propugnant, ut adversariorum sententiam pro necessitate amoris saleem initialis pugnantium, traducere velut hæresim ab Ecclesia confixam non dubitent: si enim semel constiterit, scholasticorum pene omnium doctrinam, qui ante Concilium Trid. pro necessitate amoris perfecti steterunt, instalam hætenus remansisse, nullaque Ecclesiæ solemnī decreto expresse fuisse pro-

proscriptam; quanto certius erit existimandum, longe mitiorem eorum opinionem, qui præter contritionem imperfectam & amorem initialem nihil amplius exigunt, nullo Ecclesie fulmine conquassatam?

§. PRIMUS.

Ostenditur, opinionem eorum, qui perfectam contritionem a penitentibus exigebant, nullo Ecclesie solenni decreto proscriptam.

Illud porro est quod in præsentī suscipimus argumentis ex historia certissimis demonstrandum.

PROBATIO PRIMA.

Ex temporibus quæ celebrationem Tridentini Concilii præcesserunt.

Ac 1 quidem certum ex antedictis relinquitur, toto illo tractu temporum, quæ ab institutione Scholasticæ Theologiæ ad Concilii Trid. convocationem fluxere, magistros primi subseculi pene omnes pro perfectæ contritionis necessitate fletisse; inter mille vix unum qui contradixerit. S. Thomam reperias: quin & ille ipse fuit in hac controversia varius; nam in commentariis quæ super libros sententiarum junior scripsit, pleraque dictavit, quæ vix aliter quam de necessitate perfectæ contritionis intelligi explicarique possunt: aperte contrarium, nisi in Summa Theologica tenuit, quam elucubravie maturior factus: cæterorum, æqualis & constans sententia fuit, absolutionem a peccatis, & a reatu damnationis æternæ, a solo Deo, contritionis subsidio, fieri: Sacerdotes nihil quidquam nisi supremi sententiam judicis suo ministerio patefacere, & a pœnis temporalibus liberare, nec ulterius clavium potestatem extendi: efflatum hoc in suis ipsis libris inculcarunt, & axiomatis loco habuerunt.

Sic Innocentius III Pontifex Max. in hæc verba ps. 2 penitentialis: Dixi confitebor adversum me injustitiam meam Domino: & tu remisisti impietatem peccati mei: 1, remisisti, inquit, ut patenter ostendat, quod peccatum prius remittitur a Deo, quam pronuncietur per confessionem oris ab homine.

Guillelmus Alstiod. ejusdem temporis scriptor, hæc Christi verba expendens. Quodcumque solveris super terram: sensus est, inquit, (lib. 4. summe) quodcumque solveris, id est cuiuscumque solutionem consummaveris super terram, erit solum, & in celo; consummatio autem dicitur respectu inchoationis: Deus autem inchoat solutionem, dimittendo culpam

æternam; sacerdos vero consummat, dimittendo aliquid de pena ex vi clavium.

S. Bonaventura: (in 4. dist. 18. art. 2) absolutio, ait, præsupponit gratiam: numquam enim Sacerdos absolvet quemquam, de quo non præsumeret quod esset absolutus a Deo.

S. Raymundus (lib. 3. de penit. & remiss. §. 61) in summa: queritur quid remittit sacerdos in penitentia... dicendum est fere secundum omnes, quod pure, vere ac proprie solus Deus dimittit peccata, & debitum æternæ pœnæ.... & paulo sup. (ib. §. 11) quod opinio ista sit vera, patet per exemplum Lazari, quem prius suscitavit Dominus, quam a discipulis solveretur, & per decem leprosos, quia in via antequam venirent ad sacerdotes mundati sunt.

Alphonsus Tostatus Episcopus Abulensis: (in defensorio cap. 5) pœna æterna est, circa quam solus Deus operatur directe, remittendo obligationem ad illam; pœna temporalis est, a cuius obligatione in toto, vel in parte absolvit sacerdos per claves.

Egidius Carlierius Theologus Parisiensis & Ecclesie Cameracensis Decanus: solus Deus, inquit, (in Resp. ad quaesita Abbatis Aquicinctensis) remittit culpam, & solus consummat pœnam æternam in temporalium, quia solus infundit gratiam: sacerdos legalis dicebatur culpam remittere, quia ostendebat eam esse remissam: & sacerdos Evangelicus ostendit eam esse remissam: sed cum hoc pariem pœnæ temporalis debite in purgatorio remittit vi clavium.

Joannes Bromiardus, ex Dominicana familia; si non est in caritate (penitens) inquit, (in summa prædicantium: verbo confessio) quomodo potest absolvi?

Ambrosius Tarvisinus, sermone 19: sacerdos absolvere non potest, nisi quem credit a Deo absolutum.

Stephanus Bruliferus ex ordine FF. Minorum: (in 4. sent. dist. 18. qu. 1) Sacerdos cum dat absolutionem, præsupponit quod est absolutus a Deo.

Guillelmus Pepinus ordinis Prædic. a Concilio Trid. non longe distans, cum sæculo 16 ineunte floruerit: (serm. 2, de myst. absolutionis, ser. 5 in cena Dom.) Regula generalis Theologorum est, inquit, quod confessor neminem debet absolvere, quem non credit verisimiliter a Deo absolutum.

Eadem denique aliorum quos supra memoravimus, & plerorumque aliorum concors sententia fuit.

Jam sic prosequor argumentum:

Atqui toto illo temporum decursu, id est trecentorum & quinquaginta plus minus annorum

rum spatio, inoffenso pede est propugnata, nulla de hac re contentio fuit, nulla querela ad tribunal Ecclesie nusquam delata: de illa in Conciliis Later. IV, Lugdun. II, Vienne, Constant. Basil. Florent. nec minima mota questio est: fatendum ergo, ante tempus Concilii Trid. liberam ab omni hæresis suspitione fuisse.

PROBATIO SECUNDA.

Ex tempore, ipsaque celebratione Concilii Tridentini.

Attingimus ad illam ætatem, qua male dividisse, reveraque confixam velut hæreticam de qua agitur, opinionem plerique volunt: verum neque hoc verosimiliter dici ultro fatetur, qui argumenta sequentia qua par est attentione pensaverit.

ARGUMENTUM PRIMUM.

Ex eo quod Concilium Trid. non ad Theologorum discutendas opiniones, sed ad Lutheri, aliorumque hæreses exterminandas coactum esset.

1. Enim non ideo coactum concilium fuerat, ut Theologorum Catholicorum controversie sopirentur: sed ut Lutheri, aliorumque hujus ætatis hæreticorum nefaria dogmata exterminarentur: *entium concilium fuit*, ait Enim. Card. Pallavicinus (*hist. Concil. Trid. l. 4, c. 10*), *in recensitis finitombus se prorsus abstinere a supervacanis articulis, ab illis nimirum qui catholicas inter scholas in dubitatione versantur.*

Hinc eodem Illustrissimo historico referente (*ibid. can. 1, & 2*) antequam sess. 5 de peccato originali statueretur, *admonuerunt legati, ne quid certi decreverent (Patres) de natura ista originalis culpe, de qua scholastici discordant . . . synodus quippe collectam fuisse, non ad decidendas opiniones, sed ad errores recidendos: & plurimum adhuc operis superesse in prohibendis hæresibus, scholasticis questionibus dimittis.*

Eandemque ob causam, cum de Eucharistia canon aliquis his verbis præformatus fuisset: *Si quis dixerit, sub qualibet specie, & sub qualibet ejus parte, non contineri totum Christum: anathema sit: opponente Tudetano Episcopo, contrarias scholasticorum de hac re esse opiniones, aliis volentibus etiam ante factam specierum separationem, aliis repugnantibus, Christum sub qualibet contineri; itemque monente Cornelio Mussio Episcopo Bitu-*

*tino, solas hæreses esse damnandas, non scholasticorum sententias definiendas: canon uti nunc extat, (sess. 13, can. 3) his verbis conceptus est: si quis negaverit, in venerabili Sacramento Eucharistie, sub unaquaque specie, & sub singulis cujusque speciei partibus, separatione facta, totum Christum contineri: anathema sit: nempe hac adhibita cautione, quod utriusque Scotistarum ac Thomistarum scholæ judicio certum erat, retentum est; illud vero, de quo inter catholicos controvergebatur, num ante divisionem, an e contrario specierum solummodo facta separatione, Christus in unequalibet specierum parte totus ac integer esset? uti antehac relictum in dubio, & scholarum disputationi permissum: uti fidem idem Pallavicinus facit (*lib. 12, cap. 2*).*

Præterea, inquit idem Eminent. Scriptor, (hist. Concil. Trid. lib. 12, c. 10) canon paratus fuerat, ubi damnabatur quisquis negaret, contritione, qua penitens divina gratia per Christum cooperante dolet de peccatis propter Deum, cum proposito confitendi, remitti peccata. Sed Balchissar Eredia Calaritanus Archiepiscopus admonuit, cum ea esset Cjetani & Adriani sententia, damnatum non esse.

Ejdem generis in actis concilii exempla plurima extant.

Hinc sic instauro argumentum; atqui inter scholarum opiniones, a quibus inurendis abstinere sæcte synodo fixum erat, nulla majori celebritate, majorique consensione scholarum circumferebatur ea, de qua agimus in præsentia, perfectam scilicet contritionem esse ad Sacramentum necessario adferendam: ergo qua ratione cæteris parcitum, & huic quoque, longeque meliori titulo fuit parcendum.

ARGUMENTUM SECUNDUM.

Ex facto quodam Æmiliani Tudetani in Hispania Episcopi.

Ne autem meras sectari coniecturas videamur, proferemus ex ejusdem concilii monumentis peremptorium argumentum, ex facto quodam Joannis Æmiliani Tudetani Episcopi, qua de re iterum audiendus Eminent. scriptor: (*lib. 12, cap. 10*) "quantum ex adisconjicio, inquit, Theologorum mens erat, ut error hæreticorum damnaretur, tanquam inhonestum imprecantium prære timorem; non item ut ferrent sententiam de scholastica questione, an hujusmodi timor, non solum abque contritione animi perfecta (de quo controversia vix fuit) sed etiam abque eo, quod ullus exciteretur amor imperfectus, suf-

fi.

„ficiat ad remissionem peccatorum in Sacra-
 „mento . . . in patrum conventu id pauci
 „attigerunt: aliquid duntaxat vestigium com-
 „perio opinionis negantis necessitate amoris,
 „in iis quæ Granatensis disputavit.

„At vero Joannes Æmilianus Hispaniensis
 „Tudetanus antistes extremum oppositæ sen-
 „tentia: tenuit: hoc est opus esse contritione
 „perfecta; nec tamen hinc argui peccata per
 „Sacramentum non remitti, quippe quæ Sa-
 „cramentum jam invenit remissa, præeuntis
 „contritionis efficacitate: si quidem, aiebat,
 „ipsa contritio id præstat virtute Sacramen-
 „ti, cujus votum in ea continetur.

„Præterea oportet scire, postea decretis do-
 „ctrinam complexis (sess. 14) verba hæc fuisse
 „adhibita: „Illam contritionem, quam Theo-
 „logi attritionem vocant, quod imperfecta
 „sit; & solum vel ex turpitudinis peccati
 „consideratione, vel ex gehennæ & penarum
 „metu, qui servilis dicitur, concipiatur; si
 „voluntatem peccandi excludat, & dolorem
 „qualemcumque de commissis delictis expri-
 „mat; statuit hæc sancta Synodus & decla-
 „rat, non solum non facere bonum hypo-
 „critam & magis peccatorem, (ut quidam
 „blasphemare non verentur) verum etiam suf-
 „ficere ad Sacramenti hujus constitutionem,
 „ac donum Dei esse, ac Spiritus Sancti im-
 „pulsu verissimum, non quidem adhuc inha-
 „bitantis, sed tantum moventis, quo pœni-
 „tens adjutus (cum sine aliquo dilectionis in
 „Deum motu esse vix queat) viam sibi ad ju-
 „stitiam munit, & per eum ad Dei gratiam
 „facilius impetrandam disponitur. „Sed lauda-
 „tus Episcopus monuit falso dici, hujusmodi do-
 „lorem sine amore vix unquam concipi posse,
 „quod autem hæc attritio satis esset Sacramen-
 „to constituendo, ita ut homini attrito deleantur
 „peccata absolutionis supervenientis vi, varia-
 „re auctorum sententias, adeoque esse id tollen-
 „dum: quomobrem decretum sicut nunc extat
 „(sess. 14, c. 4) reformatum est.

Inde sic argumentor: si Concilium Trid. ve-
 lut dogma fidei definivisset, contritionem per-
 fectam non esse ad Sacramentum absolute ne-
 cessariam, profecto male audivisset, quisquis
 in ipso concilio ausus esset tenere contrarium:
 atqui, ut testatur loco cit. Pallavicinus, Jo-
 annes Æmilianus pro perfectæ contritionis ne-
 cessitate pugnavit, multorum dixit hæc esse
 sententiam, libere monuit falso dici contritio-
 nem imperfectam sine amore vix unquam con-
 cipi posse; sed etiam aliquem semper impor-
 taret dilectionis motum, an ad Sacramentum
 constituendum sufficeret, variare auctorum sen-
 tentias: adeoque hanc decreti partem esse tol-
 lendam: nedium vero violatæ fidei fuerit accu-

satus, aut in erroris suspicionem adductus; e-
 jus positioni est a patribus satisfactum: Er-
 go &c.

Est & alterum hujus rei in hoc ipso Palla-
 vicini testimonio haud sane contemptibile ar-
 gumentum: illud enim Trid. patres definisse
 dici non possunt, de quo in S. synodo quæstio
 nulla, nulla discussio fuit, neminem namque
 latet quanta diligentia in privatis Theologorum
 congressibus expendere, quæ erant deinceps
 in publicis sessionibus decretorio judicio
 finienda; atqui, inquit Eminent. scriptor:
 „Theologorum mens erat, ut error hæretico-
 „rum damnaretur, tamquam inhonestum im-
 „probantium præteritæ timorem; non item ut
 „ferrent sententiam de scholastica quæstione,
 „an hujusmodi timor, non solum absque con-
 „tritione animi perfecta, (de quo controver-
 „sia vix fuit) sed etiam absque eo, quod ul-
 „lus excitetur amor imperfectus, sufficiat
 „ad remissionem peccatorum in Sacramento“:
 Ergo &c.

ARGUMENTUM TERTIUM.

*Ex Theologorum qui synodo interfuerant si-
 lentio, ac confessione.*

3 Est: Si Concilii Trid. definitio esset, suf-
 ficere in Sacramento attritionem, dubio pro-
 cul Patres ac Theologi qui synodo interfuerant,
 & deinde de Sacramentis scriperunt, decre-
 tum illud mandasset memoræ, nec doctrinam
 contrariam probabilem appellasset: atqui tum
 de hoc decreto siluerunt tum (quod notabili-
 us est) sententiam pro perfectæ contritionis
 necessitate pugnantein, probabilem esse, quam-
 quam sibi adversam, confessi sunt.

Sic enim Andreas Vega in Concilio Trid. lo-
 cum inter Theologos haud sane ignobilem te-
 nuit, gestorum S. Synodi ac decretorum bene
 conscius fuit, scripsit deinceps in acta ejusdem
 concilii commentarium summa doctrina referen-
 tum, & libris pluribus comrehensum, ibi au-
 tem memorat, necessitatem perfectæ contritio-
 nis a multis primi subseculi Theologis ab anti-
 quo pronuntiatam: „fuerunt quidam graves,
 „& celebres authores, inquit, (lib. 13 in Con-
 „cil. Trid. cap. 33) qui secuti magistrum in
 „4, dist. 18, tenuerunt sacerdotes in nova le-
 „ge perinde se habere, circa spiritualem pec-
 „catorum lepram, ac se habebant sacerdotes
 „in veteri lege circa corporalem, & hanc
 „sententiam tuerunt, in eadem dist. Bonaven-
 „tura, Okam, Major, Biel dist. 14, Alexan-
 „der Halensis part. 4, qu. 80.... quod ubi
 „præniit, doctrinam contrariam, quæ pro im-
 „perfectæ contritionis sufficientia dimitat, am-
 „plecti.

PROBATIO TERTIA.

Ex tempore quod Concilii celebrationem
secutum est.

plecti se & sequi profitetur: *hanc sententiam* (de attritionis sufficientia) inquit, *admit* nunc probabiliorem, & scripturis, & sanctorum testimoniiis magis consonam ostendero: nunquid vero sic loqueretur, si crederet Bonaventuræ aliorumque doctrinam a concilio confirmatam, & sub anathematis pœna damnatam? numquid sententia fidei, ab œcumenico concilio, certo & infallibili iudicio definita, iocomparatione hæresis contrariæ, solum probabilior dici potest? an non ineptissime homo Theologus loqueretur, qui matrimonio e. c. Sacramenti veritatem vendicaturus, sic præfaretur: "admit nunc ostendere, sententiam, quæ asserit matrimonium esse Sacramentum, probabiliorem esse, & scripturis, & sanctorum testimoniiis magis consonam?" hoc enim quid aliud foret quam divini dogmatis infringere ac minuere veritatem?

Pariter, sessioni 14 Concilii Trid. *Mekbrior Camus* interfuit, quod est ex S. Synodi monumentis certissimum. Itaque quid in ea actum foret ignorare non poterat; atqui in *Relatione de Sacramento penitentiae* parte 5, quod attritio sufficiat, inquit, *quomvis verum sit, non est tamen adeo certum & indubitatum: & ideo communis sententia tenens certum, relinquens incertum, ponit contritionem partem esse huius Sacramenti.* Qua vero fronte, haud omnino certum atque indubitatum dogma dicere potuisset, quod ab œcumenico Concilio sancitum scivisset?

Nec aliter *Ruardus Tapperus* ejusdem Concilii assessor, ut historia testatur, (*hist. Concil. Trid. lib. 12, cap. 10, & 11*) locutus est: quod attritio sufficiat, inquit, (*in Exposit. art. 4 Lovaniens. de contritione*) *quomvis verum sit, non est tamen certum atque indubitatum.*

Multoque expressius *Dominicus Soto*, cujus magna laus in S. Concilio fuit: sic enim ille: quod contritio formata sit necessaria, inquit, (*in 4, dist. 18, q. 3, a. 2, ad 1.*)... vel attritio sufficiat ad substantiam Sacramenti, Theologorum scholis relictum est explicandum... (*ib. dist. 19, qu. 2, a. 9*) quod attriti per Sacramentum contriti fiant, non est articulus fidei, aut Ecclesiæ definitio: solum est scholasticorum collectio; quæ quamquam vera sit, non est certe digna, cui bilances nostræ perpetuæ salutis, aut damnitiois confidamus. Ergo &c.

DEnique, si putassent patres doctrinam de necessitate contritionis Synodali seotentia fuisse proscriptam, defendere illam iō posterum nemo ausus fuisset: atqui soluto Concilio, contritiois perfectæ necessitatem propugnave-
ruot, *Fredericus Nausea* Episcopus Viennensis: *Franciscus Richardotus* Episcopus Atrebatensis: *Cornelius Musurus* Episcopus Bituotinus: *Franciscus Sonnius* Episcopus Sylvædicensis, & postea Antuerpiensis: *Petrus Soto*: *Dominicus Soto*: & pletique alii, quos nemo negat Trid. Concilio adfuisse.

Conversio si vera fuerit & perfecta, inquit *Fredericus Nausea*, in catechismo post sessionem 14, cui interfuerat, publicato, (*an. 1552*) dicitur contritio, quam Deus gratiose nimis, acceptat, propheta dicente: *cor contritum & humiliatum Deus non despicies.* Nec est, ut absque ejusmodi quoemquam possit (*Sacerdos*) vere absolvere; cum ipse reum non absolvat, nisi reus in se debito modo dispositus, sit capax absolutionis... cuius contritionis, vel ex hoc posset (*quiquis*) necessitatem & utilitatem, virtutem & efficaciam plus quam evidenter colligere, quod per eam obtineatur remissio peccatorum, etiam antequam fiat ore confessio eorum Sacerdoti.

Nonnullas veræ contritionis, quæ sit pars Sacramenti, conditiones animadvertere possumus, ait *Franciscus Richardotus*. (*in instr. Pastorum, ann. 1567*) Prima est, ut vera perfectaque contritio, non solum in metu supplicii, sed etiam in amore Dei fundetur... verum quidem est, peccati de-
testationem, quæ timori pœnæ innititur, posse ad veram & perfectam contritioem disponere: sed illa non sufficit ad remissionem peccatorum obtinendam, licet utilis sit, nisi in veram & perfectam contritionem evadat; idest, nisi metus cedat caritati.

Subjiciant (*Pastores*) inquit *Cornelius Musurus* (*in Canonibus de pen. an. 1579 editis*) illos rectæ & rite suscipere Sacramentum penitentiae, qui antequam ad mysticum Sacre confessionis Jordanem accedant lavandi, mandandique a lepra peccati... sese per Dei gratiam non solum atterunt, sed minutatim conterunt, contritique confitentur ipsi Sacerdoti.

Eademque prælaudati *Francisci Sonni*, tract. 4 de pœnitentia cap. 6, *Petri Soto*, in

institutione Sacerdotum, lectione 7 de necessariis conditionibus confessionis, ubi disertis verbis affirmat: quod necessaria sit perfecta contritio, etiam in Sacramento: Dominici Soto, in 4, dist. 20, qu. 2, a. 1, sententia fuit: quibus plurimos addere in promptu foret, si res postularet.

Igitur doctrinam de perfecta contritionis ad Sacramentum necessitate, damnatam a Concilio Trid. non esse, convincentia argumenta sunt, quibus si quis præjudicibus occupatus non acquiescat; neque forte demonstrationibus geometricis esset cessurus.

§. SECUNDUS.

Diluuntur Adversariorum oppositiones.

Opponitur. Sententia de perfecta contritionis necessitate, cum Sacramenti efficacia, & potestate clavium Ecclesie: a Christo concessa conciliari non potest: ergo pugnat contra fidem: adeoque Ecclesie decreto damnata est.

R. Concesso ant. & primo consequente, n. ultimum consequ. non hic quarimus quid juris sit, sed quid facti. Opinionem de necessitate perfectæ contritionis fatemur, imo contendimus cum efficacia Sacramenti poenitentiae, & potestate clavium conciliari non posse: at non inde sequitur, quod solenni Ecclesie decreto sit. Neminem namque latet, nisi in re theologica hospitem ac peregrinum, Ecclesiam plerique tolerare in scholis controverti, & in utramque ventilari partem, quarum alterutram, ad fidem necessariam est pertinere: cujus rei exempla in omni fere Sacrae doctrinae tractatu multa occurrunt: sic enim e. c. utrum ad confirmationis essentiam Chrismatismis unctio pertineat, aut sufficiat impositionem? Utrum solus Sacerdos sit Sacramenti matrimonii minister, aut laicus ipse contrahens? Utrum subdiaconatus sit formaliter verum Sacramentum? Utrum poenitentiae forma necessario debeat esse absoluta, aut deprecatoria sufficiat? Utrum gratia sit ex natura sua & ab intrinseco efficax, aut ab voluntatis creatæ nutum versatilis? Hæc, inquam, & alia pene innumerabilia in scholis quotidie ventilantur, aliis affirmantibus, aliis negativam partem, Ecclesia tolerante, tuentibus: cum tamen certissimum sit, alterutram sententiarum in fidei dogmatibus contineri. Nec inde sequi putandum est, aut peccare Ecclesiam, quæ questiones novis subtilitatibus obscuratas, pro bono pacis non decedit; aut hæreticos eos esse, qui dogmata contraria veritati propugnant: ut enim alibi monuimus, & forte iterum prout occurreret occasio admoneremus, hæresim non error,

sed contumacia facit, & contra Ecclesie decentis auctoritatem rebellio. Quam sane culpam Magistro sentent. S. Bonaventurae, & aliis, quos ante nominavimus, eo minus impingere possumus, quod constat, eos auctoritati Ecclesie subditissimos fuisse: 2 existimasse suam de contritione doctrinam cum Sacramenti efficacia, & clavium potestate haud difficulter conciliari.

Inst. 1. At, inquires, illud porro inintelligibile est, quomodo cum virtute Sacramenti, & auctoritate clavium, contritionis præmittendæ necessitas consistere valeat: quid enim præstat poenitenti Sacramentum, si jam invenit absolutum? aut quis potest clavium usus esse, ubi janua regni celorum efficacia contritionis aperta est?

R. Hoc equidem nobis, uti revera est difficillimum, ne dicam impossibile apparere: at non ita judicabant, contra quos agimus, Theologi. Hunc enim quantumvis intricatissimum nodum, alii atque alii, diversas incundo vias, expedire posse putabant. Nam

1. Quidam volebant, peccata per contritionem remitti; tum quoad culpam, tum quoad reatum; atque adeo Sacerdotibus non aliud ministerium convenire, quin ut solutos declararent, quos Deus ante solvisset, & iisdem congruam satisfactionem imponerent. "Ex his a-
" pte ostenditur, inquit Magister sentent.
" (lib. 4, dist. 17) quod Deus ipse poenitentem
" solvit a debito poenæ, & tunc solvit, quan-
" do iustus illuminat, inspirando veram con-
" tritionem . . . nec ideo negamus Sacerdoti-
" bus concessam potestatem dimittendi & re-
" tinendi peccata; idest ostendendi homines
" ligatos vel solutos . . . ligant quoque dum
" satisfactionem poenitentiae confitentibus im-
" ponunt: solvunt cum de ea aliquid dimittunt,
" vel per eam purgatos, ad Sacramentum com-
" munionis admittunt".

2. Alii culpam & reatum in peccato sic distinguebant, ut culpam a solo Deo per contritionem, reatum vero æternæ damnationis a Sacerdote per absolutionem remitti vellent. "Hoc bene in resurrectione Lazari signatum
" est, inquit Hugo a S. Viore, (lib. 2 de
" Sac. part. 14, cap. 2) quem ipse Dominus
" per se prius, intrinsecus a vinculo mortis
" absolvit; vivificatum autem deforis ministe-
" rio Apostolorum solvi præcipit. Sic namque
" in S. Ecclesia, nunc mortuos peccatis, per
" suam gratiam solam interius vivificans, ad
" compunctionem accendit: vivificatos, per
" confessionem foras venire præcipit, ac sic
" deinde poenitentes, per ministerium Sacer-
" dotum, a debito damnationis absolvit".

3. Alii peccati sive culpam, sive reatum,
& a

& a Deo per contritionem, & a Sacerdote per clavium ministerium, conjunctis officiis, remitti resolvique autumabant: ita tamen ut vere contritis Deus, tamquam principalis & authenticus absolutus subveniret, conditionate tamen, ea nimirum lege, ut peccatores deinceps ad Sacramentum accederent: Sacerdos vero tamquam minister, eadem in Sacramento absolute remitteret. *Sacerdos*, ait Marsilius (in 4, quæst. 12, art. 25) *a Deo prius absolutum, tamquam a principali & authentico absolutore, de eisdem criminibus quæ ei confitentur, absolvit ut minister Ecclesiæ, & sic verba vera sunt, quæ dicit: ego te absolvo ab omnibus peccatis tuis: ut minister scilicet. De quibus quomodo absolutus erat a Deo in contritione, tamen eget absolute hominis, certis temporibus ac locis ex Dei institutione.*

4. Denique suæ opinionis acerbiter temperamento multiplices leniebant, affirmando contritionem, quam necessariam esse volebant, virtuti & efficacie Sacramenti non derogare.

1. Enim, inquebant, cum contritio ipsa sit pars Sacramenti, Sacramento jure tribuitur condonatio peccatorum: quod enim partis officium est, non injuria est, aut mendacium si refundatur in totum, maxime si pars, nisi toti conjungatur, sterilis & otiosa futura sit. Porro contritio quantumvis perfecta, nisi Sacramenti saltem votum includeret, nihil prosum operaretur.

2. (Ajebant,) Sacramenti votum cum perfecta contritione conjunctum, equidem in foro invisibili Dei, reconciliat peccatorem: at vero ut visibiliter & in foro externo Ecclesiæ virtus ejus recognoscatur, necessaria est actualis ejus susceptio. Hancque distinctionem S. Aug. auctoritate nuntiabant, qu. 84 in Levit. ubi duplicem sanctificationem esse observat, alteram invisibilem, quæ fit sine visibilibus Sacramentis, visibilem alteram, quæ in Sacramentis habetur.

3. Affirmabant, in ipsa actuali Sacramenti susceptione conferri augmentum aliquod gratiæ, & ampliorem fieri penarum peccatis debitæ remissionem.

Quomvis igitur a veritate recederent, sine prævia perfecta contritione Sacramentum irritum contuentes, sat tamen clausibiliter opinionem hanc cum virtute & efficacia Sacramenti penitentia conciliare adhibebantur.

Inst. 2. atque ab Ecclesiæ expresso decreto opinio illa damnata est: ergo &c.

Prob. sub. ex Concilio Trid. Si quis dixerit, injuriunt patres (Sess. 14, can. 9), *absolutionem sacramentalem Sacerdotis non esse aliam judicalem, sed nudum ministerium pronuntiandi & declarandi remissa esse peccata*

confidenti . . . anathema sit, atque canon ille Theologos pro perfecta contritionis necessitate pugnantem recta ferit: ergo &c.

R. Nego sub. ad probat. concessa maj. n. min. ut enim hic canon aperte contradiceret sententiæ, perfectæ contritionis necessitatem adstruenti, opus esset ut non posset perfecta contritio cum actu judiciali Sacerdotis consistere; atque Theologi, quos præcedente articulo refutavimus, duo hæc bene simul stare tum contendebant, tum rationibus haud ita incongruis suadebant. Per absolvendumque ministerium, inquebant, confertur gratiæ augmentum, pena temporalis majori saltem ex parte remittitur, penitens plene ac visibiliter in foro Ecclesiæ reconciliatur: imo reconciliatio ipsa invisibilis per contritionem non obinetur, nisi virtute Sacramenti in voto suscepti. Ergo etiam perfecta contritio præcedere necessario debeat, hoc tamen non impedit, quominus Sacramentalis absolutio sit actus vere judicialis.

Dudum est quod hanc objectionem sic refutavit Andreas Vega, qui licet necessariam non esse perfectam contritionem nobiscum tenuerit, non ideo tamen concedendum existimavit, S. Bonaventuræ & aliorum contrariam assertionem, ullo Ecclesiæ canone expresso damnatam. Neque tamen quod ista docerint, inquit, (l. 13, in Conc. Trid. cap. 33) cum illis sensisse existimandi sunt, qui *absolutionem Sacerdotum inane crediderunt. Nam ad augmentum gratiæ, & ad remissionem penæ debite pro peccatis, omnibus rite sua peccata confessi utilem eam esse crediderunt. Quod quidem stare potest, etiam si numquam prima per eam gratia conferretur, & hac ratione tueri eos possumus, ne videantur adversari citatis supra definitionibus Ecclesiæ, quod Sacramenta novæ legis causant gratiam.*

Inst. 3. probando min. vel canon ille Magistrum sentent. S. Bonaventuræ, aliosque eis consentientes recta ferit, vel frustra & inutiliter latus est. Secundum sine temeritate dici non potest. Ergo primum est contendendum.

R. Nego maj. cujus falsitas ut palam demonstraretur, canon integer legi debet. Si quis dixerit, *absolutionem sacramentalem Sacerdotis non esse aliam judicalem, sed nudum ministerium pronuntiandi & declarandi remissa esse peccata confidenti, modo tantum credas se esse absolutum, aut Sacerdos non serio, sed joco absolvas; aut dixerit, non requiri confessionem penitentis, ut Sacerdos eam absolvere possit: anathema sit.* Parique sensu in doctrina de Sacramento penitentia, eadem sessione præcesserat: (Sess. 14, cap. 6) *quomvis autem absolutio Sacerdotis, alieni beneficii*

sit dispensatio, tamen non est solum nudum ministerium, vel annuntiandi Evangelium, vel declarandi remissa esse peccata: sed ad instar actus judicialis, quo ab ipso, velut a iudice sententia pronuntiatur; atque ideo non debet poenitens adeo sibi de sua ipsius fide blandiri, ut etiamsi nulla illi adsit contritio, aut Sacerdoti animus serio agendi, & vere absolvendi desit, putet tamen se propter solam suam fidem, vere & coram Deo esse absolutum; nec is esset nisi salutis sue negligentissimus, qui Sacerdotem joco se absolventem cognosceret, & non alium serio agentem sedulo requireret.

Hoc posito manifestum est, sacro fulmine istam nefariam Lutheri doctrinam. Contendebat ille, absolvere nihil ipsam esse, quam Evangelium annuntiare declarando remissa esse peccata: adeoque nec ex parte absolventis requiri animum serio agendi, nec ex parte peccatoris necessariam esse confessionem & contritionem, sed solum sufficere fidem sive fiduciam, qua credit peccator, se esse absolutum a Deo. Quid vero cum Lutheri vesania commone habuit Magistri sententiarum, S. Bonaventuræ, & aliorum opinio contritionem perfectam absolute necessariam contendendum? Numquid volebant Sacerdotis ministerium in sola prædicatione consistere? Numquid Sacramentum inimice ac joculariter datum probabant? Numquid vanam hanc salutis fiduciam approbant, qua quis nec confessione, nec contritione præmissa, temerario sibi de absolutione blanditur? Numquid denique nullam in absolutionis ministerio virtutem esse volebant, cum e contra affirmarent, per illud conferri augmentum gratiæ, poenam temporalem vel ex parte, vel ex integro condonari, peccatorem consummate, visibiliter, & in foro Ecclesiæ reconciliari, nullamque contritionis ipsius futuram esse virtutem, nisi Sacramenti & absolutionis votum includeret?

Itaque canon Trid. nec Magistrum sententiarum eique consentientes percussit; nec tamen ut argumentum ferebat, futilis ac irritus fuit, cum adversus Lutherum ejusque similes, teste Card. Pallavicino (*Hist. Concil. Trid. lib. 12, c. 10*) latus sit, qui dicebant, *absolutionem non esse actum judiciale, sed nudum ministerium pronuntiandi, & declarandi remissa esse peccata contenti, modo is credat se esse absolutum, etiam si non sit contritus, aut Sacerdos non serio, sed joco absolvat, immo etiam sine confessione peccatoris, Sacerdotem eum absolvere posse.*

Inst. 4. hunc eundem canonem nos ipsi art. præcedente, §. 1 attulimus, ad refutandam opinionem asserentium perfectam contritionem

esse necessariam: ergo contra eos revera est latus.

R. Dist. ant. hunc canonem attulimus, quia nobis re ipsa favet, conc. quia per illum damnata est velut hæretica, doctrina voluntium contritionem perfectam esse necessariam, n. ant.

E. R. in priore sententia permanendo contendimus, doctrinam de contritionis perfectæ necessitate, tum institutioni Sacramenti poenitentiae, tum auctoritati clavium, tum antiquis patribus, tum denique Trid. Concilii menti ac principiis adversari. Nec tamen propterea dicendum putamus, doctrinæ contrariæ, in S. Synodo hæreses notam inustam, quia ex monumentis historiæ certissimis scimus, ei fuisse propositum, non scholarum lites dirimere, sed novas Lutheranorum & Calvinianorum hæreses profigare: itaque sessionis decimæ quartæ canonem nonum, non quasi definitionem pro contritionis imperfectæ sufficientia expresse latam, attulimus, sed quasi principium unde eruitur patres Trid. in hanc sententiam magis propendisse.

Inst. 5. Catechismus Concilii Trid. de sufficientia imperfectæ contritionis hæc habet: (*part. 2, tit. de Sac. poenit. n. 37, & seq.*) *ut hoc concedamus contritione peccata deleri, quia ignorat illam adeo vehementem, acrem, incensam esse oportere, ut doloris acerbitas cum scelorum magnitudine æquari, conferrique possit? At quoniam pauci admodum ad hunc gradum pervenerint, jubet etiam, ut a paucissimis hac via peccatorum venia speranda esset. Quare necesse fuit, ut clementissimus Dominus faciliori ratione communi hominum saluti consulere: quod quidem admirabili consilio effecit, cum claves regni cælestis Ecclesiæ tradidit; etenim ex fidei catholice doctrina omnibus credendum, & constanter affirmandum est: si quis ita animo affectus sit, ut peccata admissa dolent, simulque in posterum non peccare instituat, etsi ejusmodi dolore non afficiatur, qui ad impetrandam veniam satis esse possit, ei tamen cum peccata Sacerdoti rite confessus fuerit, vi clavium scelera omnia remitti ac condonari: ut merito a Sanctissimis viris patribus nostris celebratum sit, Ecclesiæ clavibus aditum in celum aperiri.*

Inde sic arguitur; juxta Scriptores a quibus catechismus Trid. digestus est, ex fidei catholice doctrina credendum & constanter affirmandum, imperfecte contritis, vi clavium peccata remitti: ergo doctrina contritionem perfectam necessario requirens, Ecclesiæ definitione, quæ Trid. Concilii est, fuit velut hæretica condemnata.

R. Admitto auctoritatem. Ad argumentum coac.

conc. ant. & n. conseq. aliud enim est, dogma aliquod esse fidei, aliud, ex fidei doctrina credendum & affirmandum. Dogma fidei formaliter, ut in scholis loquimur, expresse est ab Ecclesia, scripturæ & traditionis auctoritate constitutum : e contrario, ex fidei doctrina creditur & affirmatur, quod ex principiis ejus certa ratione colligitur. Non ajunt catechismi auctores, imperfectæ contritionis sufficientiam, doctrinam fidei esse, sed, ex fidei doctrina credendam, quippe quæ ex principiis fidei, illatione necessaria consequatur. Nihil itaque locus ille contra nos facit : eoque minus in præsentî questione, veluti decretorius afferri potest, quod Andreas Vega, Ruardus Tapperus, Melchior Canus, Dominicus Soto, & quidam alii, qui rerum in Concilio Trid. gestarum, testes auctoresque fuerant, soluta Synodo, de sufficientia contritionis imperfectæ sententiam, non doctrinam fidei, sed opinionem dumtaxat censuerint. Deinde si semel assentiamur, definitam in Concilio Trid. fuisse hanc litem scholarum, & magistri sententiarum ejusque sequacium sententiam profligatam ; quid de Joanne Emiliano diduri sumus, qui ejusdem opinionis in ipso patrum consensu fuit acerrimus propugnator ? Quid de Frederico Nauæa, de Francisco Richardoto, & aliis supra recensitis, qui soluto Concilio pro eadem doctrina steterunt ?

Inst. 6. ex aliis Concilii verbis. *Quamvis*, inquit (*in proem. sess. 14*) *in Decreto de justificatione* (sess. 6, cap. 14) *multus fuerit de penitentiae Sacramento, propter locorum cognitionem, necessaria quadam ratione sermo interpositus : tanta nihilominus circa illud nostra hæc ætate, diversorum errorum est multitudo ; ut non parum publicæ utilitatis retulerit, de eo exactiorem & pleniorẽ definitionem tradidisse, in qua demonstratis & convulsis, Sp. Sancti præsidio, universis erroribus, catholica veritas perspicua & illustris ferret ; quam nunc S. hæc Synodus, Christianis omnibus perpetuo servandam proponit.*

Hinc sic eruitur argumentum : Spondet eo loci S. Synodus se exactiorem ac pleniorẽ de penitentiae Sacramento definitionem esse tradituram, quæ ad demonstrandos ac convellendos errores universos satis futura sit ; atqui promissum non stetit, nisi perfectam contritionem exigentem errorem damnasset : ergo revera damnavit.

R. Admitto auctoritatem. Ad probat. concessa maj. n. min. cujus falsitas ex ipsis verbis citatis apparet. Non enim absolute promittunt patres exactam & plenam de rebus ad penitentiam pertinentibus definitionem, sed quæ satis futura sit ad demonstrandos &

convellendos, Sp. Sancti præsidio, universos hujus ætatis errores. *Tanta, inquit, circa penitentiae Sacramentum nostra hæc ætate diversorum errorum est multitudo* &c. quibus verbis clarissime significant, nihil quidem sibi esse propositum, quam Lutheranos aliorumque recentes errores detegere & exterminare : nam quod de scholarum litibus dirimendis ne cogitarint quidem, tum ex adis Concilii certum est, tum ex ejusdem circa plurimas quæstiones silentio : quales sunt, *utrum circumstantiæ intra eandem speciem aggravantes sint necessario in confessione aperiendæ ? Utrum penitentia formalis & expressa sic necessaria sit, ut nunquam sufficiat virtualis ? Utrum attritio in Sacramento sufficiens debeat conjunctam habere caritatem initialem ?* &c.

Inst. 7. atqui contritionem perfectam non esse absolute necessariam, expressa Trid. Concilii definitio est : ergo &c.

Prob. subs. congestis variis ejus sententiis, sic sess. 14, cap. 2, præter cætera baptismi & penitentiae sacramenti discrimina, istud assert. *Baptismi ministrum, inquit, judicem esse non oportet secus est de domesticis fidei, quos Christus Dominus lavacro baptismi, sui corporis membra semel efficit : nam hos si se postea crimine aliquo contaminaverint ante hoc tribunal (penitentiae) sisti voluit, ut per sacerdotum sententiam non semel, sed quoties ab admittis peccatis ad ipsum penitentes confugerint, possent liberari.*

Ibid. cap. 3. Sane vero res & effectus hujus sacramenti, quantum ad ejus vim & efficaciam pertinet, reconciliatio est cum Deo.

Et cap. 6. Sacerdotibus functionem remittendi peccata attribuit.

Inde efflorescit argumentum adversariorum judicio peremptorium.

Concilii Trid. sententia est, per Sacerdotum sententiam penitentes liberari a peccatis, reconciliari cum Deo, eamque reconciliationem rem esse & effectum sacramenti, atqui cum necessitate perfectæ contritionis conciliari ista non possunt : ergo necessariam non esse perfectam contritionem Trid. Concilii expressa definitio est.

R. Nego subs. ad probat. admitto textus oppositos, & ad argumentum concessa maj. n. min. ut enim in responsione ad 2. objectionem observavimus, Theologi qui pro perfectæ contritionis necessitate pugnant, contendebant nihilominus, penitentes sacerdotum sententia liberari, cum Deo redire in gratiam, & reconciliationem hanc sacramento adscribendam : nam inquietabant, contritio ipsa quantumcumque vehemens, nisi votum sacramenti conjunctum habuerit, nihil agit : deinde contritio

ipsa pars est sacramenti. Præterea sacramentum actu susceptum reconciliat visibiliter, reconciliat plene, poenam temporalem vel ex integro, vel saltem ex parte remittendo; augmentum denique gratiæ affert, & Deo magis ac magis conjungit: ergo etiamsi perfecta contritio in poenitentibus requiratur, hoc non impedit quominus ipsi Sacramento & Sacerdotum sententiæ, liberatio a peccatis, & reconciliatio adscribatur.

Inst. ultimo. Poenitentiam non vivorum, sed mortuorum esse Sacramentum, non scholarum tantum, sed ipsius Ecclesiæ communis & ubique recepta doctrina est; atqui in eorum sententiâ, qui necessitatem perfectæ contritionis defendebant, Sacramentum foret non mortuorum sed viventium, quippe quod ante se vitam spirituale gratiæ necessario præsupponeret: ergo doctrina hæc ab Ecclesiæ sensu recedit.

R. Concessa maj. n. min. & adjectam propositionem dist. in hac hypothese poenitentia vitam spirituale ante se necessario præsupponeret: *ante se*, inquam, *in re susceptam*, conc. *ante se*, in voto susceptam, n. Neque hoc argumento Magister sentent. & alii possent ab opinione præconcepæ avelli: quandoquidem virtutem reconciliandi, & ad vitam spirituale revocandi, non tribuebant contritioni perfectæ, nisi quatenus confessionis & Sacramentalis absolutionis votum conjunctum importat: qua ratione facile defendere poterant poenitentiam esse Sacramentum mortuorum, sin minus in re, saltem ex voto semper, justificationis ac spiritualis resurrectionis gratiam conferens.

CAPUT TERTIUM.

Utrum contritio imperfecta, ex turpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ & poenarum metu concepta, sit bona & utilis?

Contritionem esse partem essentialem Sacramenti poenitentiae, qu. 3 generatim ostensum est. Cum itaque certum maneat ex dictis capite præcedente non esse absolute necessariam perfectam contritionem; consequens est, debere saltem imperfectam ad Sacramentum afferri.

Est vero, ut prædiximus, imperfecta contritio, quam attritionem appellant, *animi dolor*, & *detestatio peccati commissi*, vel *ex turpitudinis peccati consideratione*, vel *ex gehennæ & poenarum metu concepta*, peccandi que voluntatem excludens cum spe veniæ.

Quæ & qualis debeat esse attritio, ut vere peccandi voluntatem excludat, & solido speci-

venientiæ obtinendæ fundamento innitatur, inquireretur capite quarto: restat igitur in præsentibus ut de timore poenarum, quem Lutherus contra Deum insigniter impudens, vel exitiosum amoliri conatus est, & de turpitudinis peccati consideratione, articulis distinctis agamus. Quapropter sit

ARTICULUS PRIMUS.

De timore poenarum, an bonus sit?

§. PRIMUS.

Timor quoqueplex?

Timor generatim in tres veluti ramos dividitur: alius est naturalis, mundanus alter; tertium, quia Dei supremi vindicis respectum habet, haud incongrue divinum vocamus.

Naturalis est, quo quis, natura ipsa magistra, mala temporalia reformidat, puta ægritudinem, orbitatem, pauperitatem, & aliud quodvis infortunium: cum enim nemo homo sit, qui instinctu magis naturæ, quam rationis judicio, bonum sibi met non desideret: unde tam vere, quam communiter dictum: *omnis homo naturaliter desiderat esse beatus*: ita neminem reperias, qui malum sibi contrarium non abhorreat, reformidetque.

Timor mundanus est, quo quis reverentia hominum, vel a peccato abstinere, vel consentire in malum, magisque favorem hominum quam Dei amicitiam ambit, & plus incommodum temporale, quam Dei offensionem & iram formidat: qualis eorum est, de quibus a propheta dictum: (Ps. 52, 6.) *Illi trepidaverunt timore, ubi non erat timor.*

Timor Dei est, qui Deum ipsum respicit, de quo dictum a Christo: (Matth. 10, 28) *molite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere: sed potius time te eum, qui potest & animam & corpus perdere in gehennam.*

Ille vero iterum duplex: servilis & castus. Servilis dicitur, servorum scilicet proprius, quando quis non amore justitiæ, sed gehennæ metu abstinere a peccato, & quod divina lex imperat facit.

Castus est, quo quis Deum, ut supremum dominum, & patrem amantissimum revereatur: atque ideo omni quo potest contu ab omni peccato abstinere, ne nimirum Deo displiceat, & ab illo separetur.

Et ille rursus est duplex, initialis, & filialis.

Initialis est, timor culpæ cum poenæ metu con-

§. SECUNDUS.

Lutheri doctrina exponitur.

conjunctus, eoque velut adminiculo indigens ad consecrationem virtutis: unde initialis dicitur, quia eorum proprius est, qui in viis Dei ambulare incipiunt.

Filialis est, qui solam respicit culpam, & vulgo timoris pœnæ consortium non admittit.

Jam si quaeratur, in his tam diversis timoribus speciebz quid boni, quid mali sit?

§. 1. Timorem naturalem, in genere morum, de se nec bonum esse nec malum, sed accedente voluntatis affectu aut recto, aut vitioso, vel bonum esse, vel in malum degenerare, quod quia facile est ad intelligendum, probatione non indiget.

§. 2. Timorem mundi seu humanum, natura sua esse vitiosum: malum enim est, quod adjunctum habet peccatum: atqui ille qui malum temporale magis formidat quam Deum, gravis hoc ipso peccati fit reus, & seque ipsum aliquatenus idololatriæ scelere contaminat, reverentiam soli Deo debitam, in creaturam transferendo, plusque hominem colendo quam Deus: ergo &c.

§. 3. Timorem Dei castum, sive initialis sit, sive filialis, bonum proculdubio esse, atque ita bonum, ut nihil sit quod plus desiderare in præseati vita homo debeat. De illo enim est dictum: (Ps. 18, v. 10) *timor Domini sanctus permanens in seculum seculi...* (Ps. 33, v. 10) *timeat Dominum, omnes sancti ejus...* (Ps. 111, v. 1) *beatus vir qui timeat Dominum, in mandatis ejus volet nimis*, &c.

Si vero timor servilis sit:

§. 4. Duo accurate distinguenda, timorem nempe ipsum, & servilitatem timoris. Timor pœnæ præcise sumptus, nil mali habet: nec enim malum esse potest id formidare, cujus contrarium bonum est; atqui omnis pœnæ esse immunem, de se sane bonum est, felicitatem ex parte constituens: ergo hac ratione timorem pœnæ bonum negare non possumus. Servilitas vero timoris est, affectus ipse peccati intus in voluntate conclusus; quo fit, ut nisi pœna impenderet, peccatum eligeretur: proprie servorum hic timor est, qui si spem Dominum impune fallendi haberent, nil unquam boni facerent: hunc autem pravum esse & vitiosum, nemo est qui non videat.

Atque in his quidem operosius exponendis frustra labor insumeretur, nisi Lutheri ejusque sequacium, timorem servilem absolute omnique sensu tamquam malum repudiantium foret vesania refutanda.

Contendit, inquam, ille, timorem pœnæ in peccatoribus radicatus malum esse, & attritionem ex illo conceptam nedum gradus sit ad veram pœnitentiam, & virtutis prosecutionem, novum esse peccatum, hominemque facere hypocritam & magis peccatorem. *Contritio*, inquit, (in ser. de pœn.) (*sic enim capit vocari pœnitentia interior*) duplici via paratur, scilicet per discussionem, collectionem, detestationem peccatorum, qua quis, ut dicunt, recogitat annos suos in amaritudine animæ suæ, dampnum, fedtatem, multitudine, deinde amissionem eterne beatitudinis, ac eterne damnationis acquisitionem, & alia quæ possent tristitiam & dolorem excitare, spe satisfaciendi per bona opera: hæc autem contritio facit hypocritam & magis peccatorem; quia solum timore præcepti, & dolore damni id facit. Et tales omnes indignè absolvuntur, & communicantur: & si libere deberent remoto præcepto, & minis pœnarum confiteri; certe dicerent sibi non dupliciter vitam illam præteritam, quam sic coguntur displicere confiteri: imo quo magis timore pœnæ, & dolore damni conteruntur; eo magis peccant, & afficiuntur suis peccatis, quæ coguntur, non autem volunt odisse: & hæc est ista contritio, quam ipsi vocant extra caritatem non meritoriam; alii vocant attritionem, proxime disponentem ad contritionem. Sic enim opinantur ipsi: quam opinionem errorem ego judico.

Ita Lutherus, cujus eo prorupit impietas, ut ipsas animas in igne purgatorio detentas, propter pœnarum horrorem, & requiei desiderium indesinenter peccare affirmaverit: *animæ Purgatorii*, aiebat, (Art. 39 inter damnatos a Leone X) *peccant sine intermissione, quamdiu quaerunt requiem & horrent pœnas.*

Quæ ejus doctrina, etsi hominibus novitatis amatoribus, quos in suas partes perdidit Hæresis, pertraxerat, primum arriserit; non multo post ab omnibus communiter est desertæ: adeo visa est, non scripturæ tantum, sed & ipsi rationi contraria. Postea recesserunt Lutherani, ait Card. Bellarminus, (l. 2 de pœn. c. 7) *ab illa sententia, & jam communiter docent, timorem pœnæ esse utilem, atque inde pœnitentiam incitari*: quod ut suis momentis pro merito adstruatur, sit

§. TERTIUS.

Ostenditur attritionem ex gehennæ & pœnarum metu conceptam, utilem esse, & ad justificationem disponente.

Fidei hæc assertio est, definita in Concilio Trid. Si quis dixerit, inquit patres, (sess. 16, can. 8) gehennæ metum, per quem ad misericordiam Dei, de peccatis dolendo confugimus, vel a peccando abstinemus, peccatum esse, aut peccatores peiores facere: anathema sit. . . . (sess. 14, can. 5) Si quis dixerit, eam contritionem, quæ paratur per discussionem, collectionem, & detestationem peccatorum, qua quis recogitat annos suos in amaritudine animæ suæ, ponderando peccatorum suorum gravitatem, multitudinem, fœditatem, amissionem æternæ beatitudinis & æternæ damnationis incursum, cum proposito melioris vite, non esse verum & utilem dolorem, nec præparare ad gratiam, sed facere hominem hypocritam & magis peccatorem; demum illam esse dolorem coactum, & non liberum ac voluntarium: anathema sit.

PROBATIO PRIMA.

Ex Scripturis.

Argumentum illud jam attulimus qu. 1, c. 4, ubi agendo de gradibus quibus ad virtutem pœnitentiæ pervenitur, in hoc numero timorem servilem posuimus, ejusdemque utilitatem ac bonitatem, adductis variis testimoniis scripturarum, verbo Divino commendari ostendimus: ex his auctoritatibus, ad quas studiosum lectorum remittimus, probatio sic informatur:

Timor ille utilis est, & ad justificationem disponit, quem scripturæ veteris testamenti uti bonum prædicant, quæ Christus in Evangelio præcipit, quoque velut stimulo S. præcursor Joannes, ipseque Salvator, Judæos ad pœnitentiam concitabat; atqui hujusmodi est timor, ex gehennæ & pœnarum metu conceptus: ergo &c.

PROBATIO SECUNDA.

Ex Sanctis Patribus.

Alterum petimus ex Patribus, quorum una vox & sententia est, timorem gehennæ plurimum utilitatis habere.

Sic Tertullianus: (*lib. de cultu firmin. c. 2*)

timor, inquit, fundamentum salutis est: præsumptio impedimentum timoris.

S. Clemens Alex. timorem, fidei dicit esse coadjutorem: S. Ambrosius, clarum animæ fluctuantis; S. Gregorius M. anchoram mentis appellat.

Quoniam vero præclarissime & expressissime S. Aug. locis innumeris. Sic serm. 18 de verbis Apost. (*nov. edit. 161*) c. 8, modo, inquit, cum dicis mihi, gehennam timeo, ardere timeo, in æternum puniri timeo: quid dīsturus sum? male times? vane times? non audeo, quandoquidem ipse Dominus ablato timore, subiecit timorem, & dixit: timeate eum qui habet potestatem, & animam & corpus mittere in gehennam ignis: ita dico vobis hunc timeate. Cum ergo Dominus timorem incusservit. . . . dīsturus ego sum, male times? ista non dicam: plane time, nihil melius times, nihil est quod magis timeere debeas. Sed interrogo te, si te non videret Deus, quando facis (malum) nec quisquam te vinceret in judicio illius, faceres? tu te vide... inspicie te ipsum: faceres? si faceres; ergo pœnam times, castitatem nondum amas, caritatem nondum habes: serviliter times; formido mali in te est, nondum dilectio boni: sed time tamen, ut ista formido custodiat te, ut perducas ad dilectionem: timor enim iste quo gehennam times, & ideo mala non facis, continet te; & sic volentem peccare animum interiore non sinit: est enim quidam custos timor, quasi pedagogus legis; littera est minans, nondum gratia juvenans: custodiat tamen timor iste, dum non facis (malum) timendo, & veniat caritas.... timor enim id agebat ne faceres: caritas id agit, ut nolis facere, etiam si impune possis admittere.

Enar. in Ps. 127 ille timor nondum castus, præsentiam & pœnas times: timore facis, quidquid boni facis, non timore amittendi bonum illud, sed timore patiendi illud malum: non times, ne perdat amplexus pulcherrimi sponsi, sed times, ne mittatur in gehennam, bonus est, & iste timor utilis est.

Lib. 2 contra litt. Petilian. c. 83 timor pœnarum, ait, etsi nondum habet delectationem justitiæ, saltem intra claustra cogitationis coercet malam cupiditatem.

Ep. 120 ad Honoratum: præmissus timor in cor nostrum, pellit inde consuetudinem malorum operum, & servat caritatis locum.

Tract. 9 in Ep. Jo. timor locum præparat caritati: timor ideo intrat, ut caritatem introducat: si nullus est timor, non est qua intret caritas.

Serm. 13 de verbis Apost. fac vel timore pœnæ, si nondum potes amore justitiæ.

Tract.

Tracl. 41 in Joannem: si nondum potes amare justitiam, time vel penam, ut pervenias ad amandam justitiam.

Quorum similia locis innumeris inculcat ac reperit: unde sic instruitur argumentum:

Motus ille de se bonus est & laudabilis, qui custos hominis est, reprimens animum peccare volentem, intra claustra cogitationis coercens malam cupiditatem, & saltem prohibens opus externum peccati, ac denique ad caritatem, removendo impedimenta disponens; atqui talis ex patribus & S. Aug. gehennæ timor est: bonus ergo est & laudabilis: atque adeo attritio ex illo concepta ad justificationem disponit.

PROBATIO TERTIA.

Ex eo quod timor peccatorum Spiritu Sancto movente concipitur.

3. Timor a Spiritu Sancto incussus & ab eo datus, non potest non esse bonus: nihil enim Deus dat, nisi bonum; atqui hujusmodi timorem peccatorum esse discrete testatur Apostolus: "non accepistis, inquit, (Rom. 8, 15) spiritum servitutis iterum in timore, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum... & alibi idem significans: non enim dedit nobis Deus, inquit, (2 Tim. 1, 7) spiritum timoris (qualis videlicet datus populo Israelitico) sed virtutis & dilectionis; nam quod Hebræis olim timor a Deo ipso injectus fuerit, testatur Scriptura veteris testamenti, ubi Moyses ad populum: ut probaret vos, inquit, (Exod. 20, 20) venit Deus, & ut terror illius esset in vobis, & non peccaretis... & alibi (Deut. 5, 29) ait Deus ad Moysen: quis det eos talem habere mentem, ut timeant me? quis autem daret nisi Deus? ergo &c.

Hinc Concilium Trid. declarat, (sess. 14, c. 4) contritionem imperfectam, quæ attritio dicitur, quoniam vel ex torpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ & peccatorum metu communiter concipitur, si voluntate peccandi excludat cum spe veniæ, non solum non facere hominem hypocritam & magis peccatorem; verum etiam donum Dei esse, & Sp. Sancti impulsus, non adhuc quidem inhabitantis, sed tantum moventis, quo poenitens adjuvus viam sibi ad justitiam parat, & quamvis sine Sacramento poenitentiae, per se ad justificationem perducere peccatorem nequeat; tamen eum ad Dei gratiam in Sacramento poenitentiae impetrandam disponit: hoc enim timore utiliter concussus Niniivitæ, ad Jonæ prædicationem plenam De Re Sacram. Tom. III.

terroribus poenitentiam egerunt, & miseriam cordiam a Domino impetrarunt."

PROBATIO QUARTA.

Ex Theologica ratione.

Accedit ad præsidium veritatis ratio ipsa, quæ fidei lumine illustrata, gehennæ metum bonum & utilem esse consentit. Nam

1. Timor mali tunc bonus putandus est, quando oppositum malo bonum laudabiliter & cum recta ratione appetitur; atqui bonum malo æternæ gehennæ contrarium, cœlestis scilicet beatitudo, laudabiliter meritoque desideratur: quod si quis inficiaretur, demeritissimum se probaret: pari ergo ratione, gehennam felicitati contrariam timere, bonum putari debet atque laudabile.

2. Attritio ex metu gehennæ concepta, tria omnino importat: voluntatem fugiendi penam, quæ finis instar se habet; peccati detestationem, quæ medium est ad finem, ad poenæ scilicet evitacionem conduens; & denique ordinationem hujus mediæ ad finem obtinendum, peccati scilicet fugam, ad poenam vitandam; atqui nihil occurrit, nisi utile & honestum.

Primo quidem cum poena inferni sit mala & odio digna, honestum profecto ac utile est, timere illam & odio prosequi.

Secundo, quod detestatio peccati bona sit, negare quis audeat?

Tertio denique quod ordinatio fugæ peccati ad vitandam poenam sit pariter bona, inde manifesto apparet, quod ad poenam effugiendam nullum fuga peccati occurrat medium urgentius ac conducibilius: hinc nihil in scripturis frequentius inculcatur, quam ut abstinere a peccato, qui volet iram Dei viventis effugere; ergo &c.

3. Qui verus est ad poenitentiam gradus, hoc ipso bonus & utilis demonstratur: atqui ut questione prima, cap. 4 prædictum est, motus timoris servilis verus est ad reconciliationem & poenitentiam gradus: inde enim ad poenitentiam homo progreditur, unde ad amorem Dei sese disponit; atqui timor gradus est ad amorem, eique præparat locum: "timor, inquit S. Aug. (Tracl. 9 in 1 Ep. Joan.) lo-cum præparat caritati: timor ideo intrat, ut caritatem introducat; & si nullus est timor, non est qua intret caritas." Quorum similia reperit, enar. in Ps. 149. ergo &c.

§. Q U A R T U S.

Refutantur argumenta Lutheri.

Quæ Lutheri causam juvare aliquatenus videri possunt, oppositiones hæc sunt:

Timor ex gehennæ & pœnarum acerbitate conceptus, servilis est; atqui timor servilis est malus: ergo &c.

R. Concessa maj. dist. min. timor servilis est malus, "si præcise qua est servilis species, sive timoris servilitas inala est, concedo: si spectetur in se, & quantum ad substantiam, "n. min. & conseq.

E. R. In timore servili duo, ut præmonuimus, sunt necessario distinguenda: substantia, & modus sive servilitas: substantia est, horror & fuga mali pœnæ, quatenus a Deo supremo iudice infligendæ: servilitas, vel habet adiunctum affectum, vel est affectus ipse peccati, intus in voluntate conclusus, quo fit ut nisi pœna timeretur, peccatum non fugeretur.

Fateatur malam esse timoris servilitatem, nec de illa debere intelligi scripturæ & patrum auctoritates, quibus timoris utilitas commendatur: "tum quia, inquit S. Thomas, (2, 2, q. 19, art. 4, ad 2) ex timore & superbia nascitur, in quantum homo affectum suum, non vult subicere iugo justitiæ, per amorem: tum quia per illam fit, ut magis pœna, quam culpa, imo non culpa, sed sola pœna timeatur: inaniter, inquit S. Aug. (Ep. 144 ad Anastasium) viclorem se putat esse peccati; qui pœnæ timore non peccat; quia etsi non impletur foris negotium malæ cupiditatis, ipsa tamen mala cupiditas intus est hostis . . . nam qui gehennam metuit, non peccare metuit, sed ardere: "tum quia libertati caritatis opponitur: qui enim per eam solam ad agendum flectitur, involuntarie, saltem secundum quid, & contra propriam inclinationem agit: "in eo, ait S. Thomas (1, 2, q. 6, a. 7, ad 2) qui per metum aliquid agit, manet repugnantia voluntatis ad id quod agitur, secundum quod in se consideratur... & ideo quod per metum agitur, quodammodo est involuntarium . . . nam timidus agit contra id quod etiam nunc secundum se vult."

Sed negamus malam esse timoris servilissubstantiam; imo bonam natura esse contendimus: in eo namque consistit, quod malum pœnæ fugiatur, quatenus a Deo ultore nequitie infligendum; atqui bonum est fugere hoc malum, pari ratione qua bonum est, beatitudinem ei oppositam concupiscere; nam cum beatitudo ex se ipsa amari digna, nemine diffidente sit;

quis negare audeat, dignam odio esse damnationem, quæ est maxima miseriarum? deinde si mala esset timoris substantia, cum caritate esse non posset; atqui potest simul esse cum caritate, saltem initiali, timoris servilis substantia: ergo &c. Præterea: illud est ex substantia bonum, cuius bonus est aliquis fructus: non enim potest arbor mala bonos fructus facere, ait Christus in Evangelio; atqui timoris servilis quantum ad substantiam spectati, bonus est aliquis fructus: abstinere enim a peccato exteriori, bonum est: bonum pariter, malorum operum consuetudinem tollere; atqui hic est timoris fructus, quod animum peccare volentem contineat, & intra claustra cupiditatis coercet malam cupiditatem; sicque paulatim malorum operum consuetudinem pellat, & liberum caritati aditum faciat: ergo &c.

Inst. 1. Atqui timor servilis etiam quantum ad substantiam, malus est: ergo &c. prob. subs. quod sua specie malum est, substantiam haud dubie infectam habet; quia idem est rei species ac substantia; atqui timor servilis specie sua est malus, cum per servilitatem constituitur; hæcque propria ejus differentia sit: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. n. min. "Si servilitas esset de ratione timoris servilis, ait S. Thomas, (2, 2, q. 19, a. 4, in c.) oporteret quod timor servilis simpliciter esset malus, sicut adulterium simpliciter est malum, quia id ex quo contrariatur caritati, pertinet ad adulterii speciem: sed servilitas non pertinet ad speciem timoris servilis, sicut nec infirmitas ad speciem fidei infirmis: species enim moralis habitus, vel actus ex objecto accipitur: objectum autem timoris servilis est pœna, cui accidit, quod bonum cui contrariatur pœna ametur tamquam finis ultimus, & per consequens pœna timeatur tanquam principale malum, quod contingit in non habente caritatem: vel quod ordinetur in Deum, sicut in finem, & per consequens pœna non timeatur sicut principale malum, quod contingit in habente caritatem: non enim tollitur species habitus per hoc, quod ejus objectum vel finis ordinatur ad ulteriorem finem, & ideo timor servilis secundum suam substantiam bonus est, sed servilitas ejus est mala..." Hactenus S. Thomas, cujus verba quisquis pro merito meditatus fuerit, facile intelliget, servilitatem neque ad speciem, neque ad substantiam timoris servilis pertinere, id est, non timoris, sed timentis esse defectum; quomodo quod fides infirmis sit, non hoc fidei, sed fidem habenti vitium attribuitur: nec desunt in rebus naturalibus exempla: sic enim, si homo ali-

aliquis natura vel cæcus vel claudus sit, vel quolibet alio vitio deformis, numquid in hominibus speciem, & non potius in eum qui speciem habet, debebit defectus ille refundi?

Inst. 2. Omnis motus caritati contrarius malus est; sed timor servilis est caritati contrarius: ergo ex substantia malus.

R. Concessa maj. n. min. non enim est caritati contrarius motus, qui potest simul esse cum caritate; atqui potest motus timoris servilis simul esse cum caritate, dicendum, inquit, S. Thomas, (2, 2, q. 19, a. 7, in c.) quod timor servilis ex amore sui causatur, quia est timor pœnæ, quæ est detrimentum proprii boni: unde hoc modo timor pœnæ potest stare cum caritate, sicut & amor sui: ejusdem enim rationis est, quod homo cupiat bonum suum, & quod timeat eo privari: amor autem sui tripliciter se potest habere ad caritatem: uno modo contrariatur caritati: secundum quod aliquis in amore proprii boni finem constituit: altero vero modo in caritate includitur: secundum quod homo se propter Deum, & in Deo diligit: tertio modo, a caritate quidem distinguitur, sed caritati non contrariatur: puta cum aliquis diligit se ipsum secundum rationem proprii boni: ita tamen quod in hoc proprio bono non constituat finem. . . sic ergo & timor pœnæ includitur aliquo modo in caritate: nam separari a Deo est quædam pœna, quam caritas maxime refugit; unde hoc pertinet ad timorem castum: alio autem modo contrariatur caritati, secundum quod aliquis refugit pœnam contrariam bono suo naturali, sicut principale malum, contrarium bono quod diligitur ut finis: & sic timor pœnæ non est cum caritate: alio modo timor pœnæ distinguitur quidem secundum substantiam, a timore casto, quia scilicet homo timet malum pœnæ, non ratione separationis a Deo, sed in quantum est nocivum proprii boni, nec tamen in illo bono constituitur ejus finis: unde nec illud malum fornicatur, sicut principale malum: & talis timor pœnæ potest esse cum caritate: sed iste timor pœnæ non dicitur esse servilis, nisi quando pœna formidatur, sicut principale malum, & ideo timor, in quantum servilis, non manet cum caritate; sed substantia timoris servilis cum caritate manere potest, sicut amor sui manere potest cum caritate. Ita Angelicus Doctor.

Inst. 3. probando min. timor qui ab adveniente caritate expellitur, est contrarius caritati; atqui timor servilis, etiam quantum ad substantiam, ab adveniente caritate expellitur:

nam, inquit S. Joannes (Ep. 1, c. 4, v. 18) timor non est in caritate, sed perfecta caritas foras mittit timorem: quoniam timor pœnam habet; qui autem timet, non est perfectus in caritate: ergo &c.

R. 1. Nego maj. non enim omne quod ab adveniente caritate pellitur, ipsi semper per se contrarium est, ratione nimirum substantiæ; satis quippe est, ut adverteretur ejus perfectioni: sic peccatum quidem projicitur & aboletur a caritate, quia per se & essentialiter pugnantiam cum ipsa habet; nec unum in eodem subjecto compatitur alterum: timor autem idem extruditur, non quia natura & substantia malus, sed quia caritatis perfectioni obstaculum objicit, ut innunt verba S. Joannis in objectione adducta: perfecta caritas, inquit, foras mittit timorem. . . qui autem timet, non est perfectus in caritate. Hoc posito

R. 2. Transeat major, & dist. min. timor servilis adveniente caritate perfecta expellitur, conc. expellitur adveniente caritate imperfecta, subdist. expellitur, quoad aliquem sui gradum, conc. pellitur omnino, n. min. & consequ.

E. R. Verbis S. Aug. tract. 9 in 1. Ep. Joannis, ubi hanc ipsam objectionem expendens: ergo, inquit, timor non est in caritate; sed in qua caritate? non in inchoata: in qua igitur? perfecta, inquit, caritas foras mittit timorem: ergo incipiat timor, quia initium sapientiæ timor Domini: timor quasi locum præparat caritati: cum autem cæperit caritas habitare, pellitur timor qui ei præparavit locum: quantum enim illa crescit, ille decrescit: & quantum illa fit interior, timor pellitur foras: major caritas, minor timor: minor caritas, major timor: timor primo occupat mentem; non autem ibi remanet, quia ideo intravit, ut introduceret caritatem.

Inst. 4. Atqui ideo timor servilis pellitur a caritate, quia absolute est malus: ergo &c. prob. subs. actus quo quis magis dolet de pœna, quam de culpa, absolute malus est: repugnant enim rectæ rationi quæ dicitur magis esse dolendum de majori malo, quam de minore: sed qui ex timore servili dolet de peccato, magis dolet de pœna, quam de culpa: ideo culpa enim propter pœnam affligitur. Porro juxta axioma in scholis omnibus decantatum, propter quod unumquodque tale, in illud magis: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. dist. min. Qui ex timore servili dolet de peccato, magis propter pœnam affligitur, quam propter culpam; vitio suo, conc. vitio ipsius timoris, n. min. & consequ.

E. R. Quod homo timore pœnæ perculsus, magis de pœna doleat, quam de peccato cui pœna decreta est, non in timorem vitium illud refundi debet, sed in hominem timentem, qui cum nondum habeat caritatem, culpam tantum, quantum debet non timet; imo pœnam magis timet quam culpam. Nam quod de hoc vitio timor ex substantia sua spectatus non debeat accusari, vel inde invicte probatur, quod possit timoris substantia in homine caritate habente reperiri, de quo dubium non est, quin culpam magis quam pœnam abhorreat. Ergo pœnam magis timere quam culpam, non timoris vitium est, sed timentis, qui cum caritate sit destitutus, sui causa facit, quod Dei causa debere fieri, vera caritas inspirat ac præcipit: constans hæc & solida Angelici Doctoris sententia est in verbis supra relatis. *Obiectum*, inquit, (2, 2, qu. 19, a. 4, in c.) *timoris servilis est pœna, cui accidit quod bonum cui contrariatur pœna, ametur tamquam finis ultimus, & per consequens pœna timeatur, tamquam principale malum, quod contingit in non habente caritatem: vel quod ordinetur in Deum, sicut in finem, & per consequens pœna non timeatur, tamquam principale malum: quod contingit in habente caritatem: non enim tollitur species habitus, per hoc quod eius obiectum vel finis ordinatur ad ulteriorem finem.*

Inst. 5. referre id quod excellentius est, ad id quod minus & ignobilius est, perversus est ordo, adeoque peccatum, quod in ordinis perturbatione consistit: sed qui ideo peccatum fugit ac detestatur, quia odio habet pœnam, refert quod excellentius est, nempe non peccare, ad illud quod minoris longe pretii est, scilicet non pati. Ordinem ergo pervertit, adeoque peccati fit reus.

R. Dist. maj. referre quod excellentius, ad illud quod minoris est pretii, in illo tamquam in fine conquiescendo, perversus est ordo, & consequenter peccatum, conc. in illo non conquiescendo, sed suam ulterius intentionem ad Deum usque velut ad finem ultimum provehendo, n. maj. pariter dist. min. qui peccatum ideo fugit, quia gehennam timet, refert quod excellentius est, scilicet non peccare, ad illud quod minoris est pretii, scilicet non pati, tamquam ad finem proximum, in quo non conquiescit, cum ulterius ad Deum ejus intentio dirigatur, conc. tamquam ad finem ultimum, subdist. vitio suo, conc. vitio timoris, n. min. & consequenter.

E. R. Timor gehennæ ex substantia, proprioque fundo spectatus, nihil includit quod sit rationi contrarium, aut peccati malitia infectum, sed potius malum congruit rationi,

cum pœna de se digna odio sit & fuga; aliunde vero hæc ipsa aversione ultimo fini sit subordinata, in quo solo debet voluntas creata conquiescere; quapropter si quis pœnam fugiendo, in hac aversione hæreat atque subsistat, nec ultra ferat suam intentionem, non illa timoris, ut prædiximus, sed solius timentis est culpa. Illustratur responsio exemplo multarum rerum, quæ secundum se recte & laudabiliter appetuntur, licet ab homine eas ambiente plerumque peccetur. Sic enim nemo negaverit, bonum esse desiderium cibi & potus, bonum pariter esse appetitum scientiæ &c. norunt tamen omnes, in hujusmodi desideriis hoc ipso peccari, quod in cibo & potu, & inquisitione scientiæ, tamquam in ultimo fine homo hæret, nihilque amplius querit, quam vel satiare ventrem, vel vana scientiæ gloriolam comparare: sicut igitur quando in rebus istis appetendis finium ordo pervertitur & ibi cessat motus, ubi erat versus finem ultimum iter arripendum, peccatur quidem, sed non propterea cibi & potus appetitus, scientiæ studium, aut aliud quodlibet rei licitæ desiderium damnari debet: ita si quis pœnam timeat, intentionem suam ad Deum tamquam ultimum finem non referendo, non erit ideo timor pœnæ improbandus: hoc enim non timoris, sed timentis est vitium. *Cupiant*, inquit S. Aug. (de civ. Dei l. 14, c. 8), *timeant, letantur boni & mali: sed illi bene, isti male, sicut hominibus seu rebus, seu perversa voluntas est...* (ibid. cap. 7) *mala enim sunt ista, si malus est amor: bona, si bonus.*

ARTICULUS SECUNDUS.

Utrum attritio ex turpitudinis peccati consideratione concepta, sit bona & utilis?

In peccato triplex turpitudine notari potest.

1. In hominum opinione posita est: sicut in furto prehendi, res est in humana societate probrosa, & ignominie plena.
2. Intima ipsi peccato est, in quantum naturæ difforme est, & honestati ac rationi, ipsique naturalis animæ pulchritudini contrarium. Sic furtum turpe est a natura.
3. Petitur ex oppositione peccati, cum iustitia Dei & sanctitate. Nec enim negare possumus, hoc ipso factum aliquod esse turpe, quo est contrarium sanctitati Dei, ejusque æternæ legi.

Potest itaque dolere aliquis de peccato:

1. Quia peccando intulit ipse sibi infamiam.
2. Præcise quia rem gessit honestati contrariam, & homine bene nato indignam.

3. Quia

3. Quia Dei summe amabilis, totiusque iustitiæ fontis sanctitate offendit.

Hoc posito non est difficile dictu, qualem esse oporteat dolorem ex turpitudinis peccati consideratione conceptum, ut ad justificationem Sacramento obtinendam inserviat.

1. Enim si quis ideo tantum doleat de peccato, quia sibi & propriæ existimationi nocivum fuit; non ille sane de peccato, sed de famæ iactura gemit: unde peccatum non odisse hoc ipso vincitur.

2. Si peccatum ideo detestetur, quia honestati repugnat, & deformat animæ pulchritudinem; nec alio altiori motivo de præteritis iniquitatibus affligitur: talis profecto ponit in se finem suum, atque adeo nedum vere prænitentia dici possit, peccatis suis novum superbæ crimen addit: *cum anima in se delectatur*, inquit S. Aug. (*de civit. Dei* l. 5, c. 20) *non dum re incommutabili delectatur, & id: adhuc superba est, quia se pro summobabet, cum superior sit Deus*. Fuit illud peccatum proprium Stoicorum, qui ad seipsos virtutum officia referebant, nihilque aliud in virtutis prosecutione, quam sui ipsorum cultum & ornamentum quærebant.

3. Itaque superest, ut solus ille dolor vere ad justificationem in Sacramento obtinendam disponat, qui ex turpitudinis peccati consideratione concipitur, quatenus Deo, fonti sanctitatis infinitæ displicet, ejusque incommutabili iustitiæ contrarium est. Non potest vero hic dolor esse, sine aliquo Dei amore, imo ex amore ipso, velut ex causa ac principio nascitur: quod erit ex iis quæ dicenda supersunt, certissimum. Sic itaque

CAPUT QUARTUM.

Utrum attritio ex turpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ metu concepta, sit ita bona & utilis, ut ad justificationem in Sacramento obtinendam absque ullo Dei amore sufficiat?

DUcentesimus circiter annus est, ex quo lucem infelicititer vidit opinio affirmans, absque ullo divini amoris motu, & ex solo gehennæ metu, aut turpitudinis peccati intuitu, veram nasci attritionem, quæ ad reconciliationem in Sacramento obtinendam sufficiat; atque adeo in comparatione contrariæ merito dicitur hesternum commentum: cum enim ad 16 usque sæculum, vel penitus fuisset incognita, vel a paucissimis scriptoribus subobscurè insinuata: tantam deinceps, non ex divino elogio, non ex patrum sententiis,

non ex decretis conciliorum, non denique ex ratione, sed ex hominum novitatis amantium conspiratione arrogavit auctoritatem, ut sæculo 17 scholas pene omnes, multis licet contradicentibus, audacter pervaserit: eoque demum perducta res est, ut a quibusdam, servilis attritionis sufficientia, tanquam doctrina fidei sit asserta, & pro amoris divini necessitate pugnare, medios inter catholicos periculosa res fuerit: dogma novitium modis omnibus refutare, & divini amoris in Sacramento penitentia necessitatem vindicare, Deo juvante, proponimus.

Et sane si Christianam pietatem in hac controversia dirimenda iudicem audire juvaret, non magnis sumptibus instrui lis componique posset: nemo enim est, quantumvis mediocriter Christianus, cujus animo anticipatio hæc medullitus infixæ non hæreat, a Deo ipso, qui caritas est, radicata, *fructum scilicet non esse bonum, qui de caritatis radice non surgit*, ut loquitur S. Aug. (*lib. de spir. & litt. c. 14*) nemo homo est, cujus conscientia importunis scrupulorum anxietatibus non discrucietur, cui nimirum persuasum fuerit, se non amore optimi parentis, sed timore severissimi iudicis, a malo recedere, & operari quidquid boni facit: nam si in bene morata familia filius ille non pluris quam servus feret, qui nec paternis amplexibus, nec collatis in se beneficiis, nec naturæ ipsius, præcipientis amorem reciprocum, magisterio, ad redimendum commoveretur, sed quidquid boni & honesti faceret, impendentis mali & paternæ exheredationis metu præstaret: quanto meliori jure videri debet filius Dei, tanti parentis misericordia & protectione indignus, qui nec beneficio creationis, nec redemptionis gratia, nec passione nec morte Christi, ad caritatem inflectitur, sed solis inferni cruciatibus compellitur ad terrorem, & ne tunc quidem amorem necessarium reputat, quando Deo offenso satisfacere, & in ejus redire gratiam meditatur?

Quoniam vero non ex solo pietatis dictamine, sed ex Scripturæ & Patrum documentis omnis controversia ad religionem pertinet expendi debet: ad illa properandum argumenta, postquam monuerimus, questionem hanc ab Ecclesiæ definitam hæcenus non fuisse, & de earum numero esse, in quibus liberum unicuique relictum putatur, vel affirmantem tenere partem, vel amplecti contrariam.

Jam ut ad rem veniamus, tripartitum erit hoc caput.

1. Ostendemus, attritionem ex solo gehennæ metu conceptam, reconciliationi in Sacramento obtinendæ imparem esse.

2. Amo-

2. Amoris divini initialis necessitas adstruitur.

3. Quis & qualis hic amor esse debeat expenditur.

Sic igitur

ARTICULUS PRIMUS.

Ostenditur, non sufficere in Sacramento attritionem, ex solo gehennæ & poenarum metu conceptam.

Meminerimus duo hæc plurimum discrepare: quod ad finis nimirum assecutionem res aliqua bona sit, & quod sufficiens sit: multa namque ad eundem scopum media ducunt, quæ bonitatem quamdam & utilitatem singula seorsim habere negare non possumus: quæ tamen divisim sumpta & seorsum ab alijs sufficere, ætissime dicerentur: attritionem ex gehennæ & poenarum metu conceptam bonam esse, & ad justificationem in Sacramento obtinendam disponere, contra Lutheri pervicaciam, pro aris ac focis, velut fidei dogma, ut ex prædictis constat, defendimus: at dolorem hunc se solo ad reconciliationem sufficere, illud porro est quod veritati contrarium argumentis convincentissimis demonstramus.

§. PRIMUS.

Afferuntur argumenta.

ARGUMENTUM PRIMUM.

Ex eo quod timor gehennæ penitus non excludat voluntatem peccandi.

1. Est: ut attritio ex gehennæ & poenarum metu concepta, ad reconciliationem in Sacramento obtinendam sufficeret, deberet omnem peccandi voluntatem excludere; atqui peccandi voluntatem penitus attritio hæc, si sola fuerit, non excludit: ergo non sufficit.

Major propositio hujus argumenti est certa; nec adversarii dissentient: vera enim conversio, quam debet poenitens ad Sacramentum afferre, non potest cum voluntate peccandi consistere. Deinde ex doctrina Concilii Trid. (Sess. 14, c. 4) attritio, ut ad gratiam in Sacramento impetrandum disponat, debet voluntatem peccandi excludere: ergo multo magis debet excludere, ut sufficiat.

Minor vero variis sententijs patrum adstruitur.

S. Augustinus.

Primus occurrit S. August. veritatem hanc multis locis præclarissime explicans.

Sic in Ep. 144, *inimicus*, inquit, *putat vultorem se esse peccati, qui pæne timore non peccat; quia etsi non impletur foris negotium malæ cupiditatis: ipsa tamen mala cupiditas intus est hostis: & quis coram Deo innocens invenitur, qui vult fieri quod vetatur, si subtrahas quod timeatur? inimicus ergo justitiæ est, qui pæne timore non peccat: amicus autem erit, si ejus amore non peccet: tunc enim vere timebis peccare: nam qui gehennam metuit, non peccare metuit, sed ardere: ille autem peccare metuit, qui peccatum ipsum sicut gehennas odit. . . . tantum porro quisque peccatum odit, quantum justitiam diligit: quod non poterit lege terrente per litteram, sed spiritu sanante per gratiam.*

Concione 11 in Ps. 118, qui timore pæne, inquit, non amore justitiæ opus legis facit, profectio invitus facit: quod autem invitus facit, si possit fieri, mallet utique non juberi, ac per hoc legis, quam vellet non esse, non est amicus, sed potius inimicus: nec mundatur opere, qui immundus est cogitatione ac voluntate.

Enar. in ps. 77, ad hæc verba v. 10: Et in lege ejus noluerunt ambulare: poterat, inquit, putari lex operum quasi sufficere ad justificationem, cum ea quæ præcipiuntur, forinsecus fiunt ab eis hominibus, qui mallet non præcipi quæ non ex corde faciunt, & tamen faciunt; ac per hoc quasi videntur ambulare in lege Dei, sed nolunt ambulare: non enim ex corde faciunt; ex corde autem nullo modo fieri potest, quod formidine fit pæne, non dilectione justitiæ: nam quantum ad facta quæ forinsecus aguntur, & qui timeant poenam, & qui amant justitiam, non servantur: & ideo pares sunt manu, dispares corde, pares opere, dispares voluntate.

Concione 25 in Psalm. 118, ad hæc verba: Confige timore tuo carnes meas: a judicijs enim tuis timui: quid sibi vult, ait, quod cum dixisset, confige clavis a timore tuo carnes meas, addidit: a judicijs enim tuis timui? quid est, confige a timore tuo: timui enim? Si enim iam timerat, vel timebat; cur adhuc, ut a timore tuo Deus crucifigeret carnes suas orabat? an addi sibi volebat timorem, ut tantum timeret, quantum sufficeret crucifigendis suis carnibus, id est, concupiscentijs, affectibusque carnalibus: tamquam dicens, perforce in me timorem tuum (timui enim

enim a iudiciis tuis? *sed est hic alius altior sensus, quantum Deus donat, scrutato sinu scripturæ hujus, eruendus. Confige, inquit, clavis a timore tuo carnes meas, a iudiciis enim tuis timui: hoc est: timore tuo casto, qui permanet in sæculum sæculi, carnalia mea desideria comprimantur, a iudiciis enim tuis timui, cum mihi lex minaretur poenam, quæ mihi non poterat dare justiciam. Sed hunc timorem, quo pena metuitur, consummata carnis foras mittit, quæ non timore pene, sed delectatione justitiæ liberos reddit. Timor namque iste, quo non amatur justitia, sed timeatur poena, servilis est, & ideo non crucifigit carnem. Vivit enim peccandi voluntas, quæ tunc apparet in opere, quando speratur impunitas. Cum vero poena creditur secutura, latenter vivit tamen: mullet enim licere, & dolet non licere, quod lex vetat; quia non spiritualiter delectatur ejus bono, sed carnaliter malum metu quod minatur.*

Lib. de nat. & gratia c. 37, sub lege est, ait, qui timore supplicii, quod lex minatur, non amore justitiæ, se sentit abstinere ab opere peccati: nondum liber, nec alienus a voluntate peccandi. In ipsa enim voluntate reus est, quæ mallet, si fieri posset, non esse quod timeat, ut libere faciat quod occulte desiderat.

Et denique, ut alia multa præteream, quæ tædiosum foret exscribere, l. 3 ad Bonifacium, contra duas Ep. Pelagianorum, c. 4, illi, inquit, quicumque ibi (in Lege veteri) erant, sola quæ ibi Deus pollicetur terrena promissa sectantes, & quid pro novo Testamento ea ipsa significans ignorantes, eorum adipiscendorum amore, & amittendorum timore, Dei præcepta servabant; imo non servabant, sed sibi servare videbantur. Neque enim fides in eis per dilectionem operabatur, sed terrena cupiditas, metusque carnalis: sic autem præcepta quæ faciunt, procul dubio invitus facit, ac per hoc in animo non facit; multum enim omnino non facere, si secundum ea quæ cupit & metuit, permittatur impune: ac per hoc in ipsa voluntate intus est reus, ubi ipse qui præcipit inspicit Deus.

Ex his ratiocinatio ista concluditur:

Ab illo peccandi voluntas penitus exclusa non est, qui vult fieri quod vetatur, si subtrahas quod timetur; qui inimicus justitiæ est; qui non peccare metuit, sed ardere; qui opus legis invitus facit; qui legis, quam vellet non esse, non est amicus, sed potius inimicus; qui immundus est cogitatione ac voluntate; qui non ex corde facit, quod bonum facit; in quo latenter vivit peccandi voluntas, qui in ipsa voluntate reus est, quæ mallet omnino

bonum non facere, si secundum ea quæ cupit & metuit permitteretur impune.

Atqui ex S. Aug. conveniunt hæc omnia in hominem, qui habet attritionem ex solo gehennæ metu conceptam: ergo attritio hæc, peccandi non excludit penitus voluntatem.

S. Gregorius Magnus.

Nec minus aperte loquitur S. Gregorius M. Pontifex Max. sanctum electorum Ecclesia, inquit, (lib. 3 Moral. cap. 7) simplicitatis suæ & rectitudinis vias timore incubat, sed caritate consummat, cui tunc est funditus a malo recedere, cum ex amore Dei & speris jam nolle peccare. Cum vero adhuc timore bona agit, a malo penitus non recessit: quia eo ipso peccat, quo peccare vellet, si peccare inulte potuisset, recte ergo cum timere Deum Job dicitur, recedere etiam a malo perhibetur: (Job 1, v. 1, & 8, & cap. 2, v. 3) quia dum metum caritatis sequitur, ea quæ metu relinquitur, etiam per cogitationis propositum culpa calcatur.

Et alibi: (lib. 3 pastor. curæ, admonit. 14) admonendi, ait, sunt, qui flagella metuntur, ut si malis veraciter carere desiderant, æterna supplicia perhorrescant, neque in hoc suppliciorum timore permaneant, sed ad amoris gratiam, nutrimento caritatis excrecant... Nam qui propterea bonum facit, quia tormentorum mala metuit, vult non esse quod metuat, ut audacter illicita committat. Unde luce clarius constat, quod coram Deo innocentia amittitur, ante cujus oculos desiderio peccatur. Hinc sic argumentor:

Ille peccandi voluntatem ex integro non amittit, qui a malo penitus non recessit, & eo ipso peccat, quod peccare vellet, si posset impune, qui vellet nulla esse metuenda supplicia, ut audacter committere posset illicita; atqui teste S. Gregorio, ita affectus est homo, qui de peccatis ex gehennæ tantum, & pœnarum metu affligitur: ergo &c.

S. Bernardus.

Agens ille de caritate, (Ep. 1.) puto, inquit, de illa dictum: lex Domini immaculata convertens animas: quod sola videlicet sit, quæ ab amore sui & mundi avertere possit animum. Nec timor quippe, nec amor privatus convertit animam. Mutat interdum vultum, vel actum, affectum nunquam.

Facilis hinc argumenti assumptio: attritio hæc peccandi voluntatem penitus non excludit, quæ actum licet & vultum mutet, nunquam tamen mutat affectum; atqui timor pœnarum, cum ab amore sui & mundi non possit avertere ani-

um,

num, vultum quidem & actum, sed numquam affectum mutat: ergo &c.

S. Thomas.

Aliis SS. Doctoribus prætermisiss, quos magno possumus numero allegare, pergimus ad S. Thomam ejusdem doctrinæ strenuum defensorem.

Scenim 1, 2, q. 6, a. 6, in corp. ponit axiomam gentilibus ipsis Philosophis cognitum, scilicet, „ quæ ex metu aguntur, mixta esse ex „ voluntario & involuntario: id enim, inquit, „ quod per metum agitur, in se consideratum „ non est voluntarium; sed sit voluntarium „ in casu, scilicet ad vitandum malum quod timetur “.

Ib. a. 7, ad 2, dicendum, ait, quod in eo qui per metum aliquid agit, manet repugnantia voluntatis ad id quod agitur, secundum quod in se consideratur... Et ideo quod per metum agitur, quodam modo est involuntarium... timidus enim agit contra id quod etiam nunc secundum se vult.

Ib. q. 107, a. 1, ad 2: „ lex vetus, inquit, „ dicitur cohibere manum, non animum, quia „ qui timore penæ ab aliquo peccato abstinere, „ non simpliciter ejus voluntas a peccato recedit, sicut recedit voluntas ejus qui amore justitiæ abstinere a peccato, & propter hoc lex nova, quæ lex amoris, dicitur animum cohibere “.

Et 2, 2, q. 19, a. 9, in corp., timor servilis non est numerandus inter septem dona Sp. Sancti licet sit a Sp. Sancto; quia ut Aug. dicit in lib. de nat. & gratia, c. 57, potest habere annexam voluntatem peccandi: dona autem Sp. Sancti non possunt esse cum voluntate peccandi, quia non sunt sine caritate “.

S. Bonaventura.

Angelico præceptorî Seraphicum Doctorem ejus æqualem, adiungimus. Ille commentario in 1. 3 sentent. dist. 34, q. 1, de timore, n. 59, affirmat, metu suppliciorum æternorum, & divine justitiæ, hominem cessare a peccatorum perpetratione, sed non omnino a voluntate; quod idem est, ac si cum SS. Aug. & Thoma diceret, timore manum cohiberi, non animum.

Ib. q. 2, n. 65, explicans verba S. Aug. quando dicit, (conc. 25 in p. 118) „ timorem „ servilem non crucifigere carnem, quia vivit „ in eo peccandi voluntas, & sequeretur opus, „ si speraretur impunitas, mallet enim licere, „ & dolet non licere quod lex vetat: dicendum „ vero, inquit, quod illo verbo Augustini non „ intelligitur, quod semper quando timet,

„ dolet actu, & similiter quod voluntas peccati semper sit in actu: sed hoc dicit, quia „ manet in habitu & radice “.

Hinc sic instauratur argumentum:

Attritio hæc peccandi voluntatem penitus auferre non potest, quæ mixta est ex voluntario & involuntario, quæ includit repugnantiam ad illud quod agitur; quæ non simpliciter voluntatem retrahit a peccato; quæ manum non animum cohibet; quæ potest peccandi voluntatem annexam habere; quæ licet cum actuali peccandi voluntate semper conjuncta non sit, radicem tamen perversæ voluntatis non auferit: atqui ex SS. Thoma & Bonaventura attritionis servilis hæc vitia sunt: ergo &c.

ARGUMENTUM SECUNDUM.

Ex eo quod gehennæ timor non sufficiat ad cordis conversionem.

2. Huic proximum ex natura ipsa conversionis infertur. Non enim potest homo ad justificationem pertinere, quamdiu corejus non est conversum ad Deum, qui veniam non promittit nisi conversis. „ Convertimini, inquit, (Ezech. 18, 30, & seq.) & agite penitentiam ab „ omnibus iniquitatibus vestris, & non erit „ vobis in ruinam iniquitas... revertimini & „ vivite... (Joel. 2, 12, & seq.) convertimini ad Dominum Deum vestrum, quia benignus & misericors est, & præstabilis super malitia... convertimini ad me, ait Dominus (Zach. 1, 3) exercituum, & ego convertar ad vos “.

Jam sic subsumo; atqui impossibile prorsus est, solo timore gehennæ fieri cordis ad Deum conversionem: quod multis modis ostenditur.

1. Quidem ex natura ipsa conversionis. Quid enim quæso est, converti ad Deum, nisi ad illum reverti quem prius contempseras, in creatura tamquam in ultimo fine acquiescendo: atqui non potest hic ad Deum reditus fieri solo timore, immo nec potest sine ejus amore intelligi.

Nam conversio ad Deum debet esse motus contrarius conversioni ad creaturam, cum oppositorum ex communi & vera philosophorum doctrina contraria causa sit; atqui homo ad creaturam convertitur per amorem: in hoc enim consistit peccati perversitas, quod Deo contempto qui vere est hominis, solumque incommutabile bonum, ordine præpostero creatura tamquam ultimus finis ametur. Duo mala fecit populus meus, ait Deus ipse, (Jer. 2, 13) me dereliquerunt fontem aquæ vivæ, & foderunt sibi cisternas dissipatas, quæ continere non valent aquas. Ergo ut homo convertatur ad Deum, non

suf.

officium ei timere Deum sed prorsus necessarium est amare.

„Non potest contingere, inquit S. Thomas, (3 part. quest. 86, art. 2, in 6a) quod Deus remittat offensam alicui, absque immutatione voluntatis ejus. Offensa autem peccati mortalis procedit ex hoc quod voluntas hominis est aversa a Deo, per conversionem ad aliquid bonum commutabile. Unde requiritur ad remissionem divinæ offensæ, quod voluntas hominis sic immutetur, ut convertatur ad Deum, cum detestatione conversionis prædictæ, & proposito emendandi... Porro, ait idem S. Doctor, (lib. 4 cont. gent. Cap. 72) mens nostra debite ad Deum converti non potest sine caritate; & alibi: (3 part. q. 85, art. 5, in C.) motus quo afficitur peccatum displicet secundum se ipsum, cui motus caritatis.”

2. Non potest vera cordis ad Deum esse conversio, quin illi restitatur, quod ablatum injuste fuerat. Nam si vera hominis cum homine reconciliatio non est, nisi plena famæ e. c. injuste ereptæ restitutio fiat: quanto minus velle Deo reconciliari putabitur, qui restituere recusabit, quod ei contra fas omne furatus fuerat? atqui homo convertendo se ad creaturam, amorem suum quem mille debebat titulis Deo denigravit; converti ergo ad illum solo timore non potest.

3. Tandiu cor ad Deum converti nequit, quamdiu idem quod ante fuerat manet; quamdiu nimirum a Deo aversum est; atqui homo qui solo gehennæ metu a peccato abstinet, cor suum a Deo aversum habet, non enim peccare metuit, sed ardere: id quod egregie more suo explicat S. Aug. adducto Lupi rapacis, & Leonis furentis exemplo: *Terror ingenti armorum, atque telorum*, inquit serm. 15 de verbis Apostol. (nov. Ed. 159, aut 174) & *circumstantis forsitan multitudinis, vel obvium euntis, etiam Leo revocat a præda: & tamen Leo venit, Leo redit: prædam non rapuit, non malitiam posuit; si talis es, adhuc justitia est, qua justitia tibi consulti ne torqueris? Quid magnum est panem timere? Quis enim non timet? Quis Larro, quis sceleratus, quis nefarius? Sed hoc interest inter timorem tuum, timoremque Larromis, quod Larro timet Leges hominum, tu autem leges ejus times, ejus panem times, quem fallere non potes. Nam si fallere posses, quid non fecisses? Ergo & concupiscentiam tuam amor tollit, sed timor premit.*

Et serm. 19 de verbis ejusdem Apost. (nov. Ed. 173) „quid est magnum, ait, timere, malum?... Deus enim cor interrogat, non manum. Lupus venit ad ovile ovium, quærit invadere, quærit jugulare, quærit devo-

„rare: vigilant Pastores, latrant canes: nihil potest, non aufert, non occidit: sed tamen Lupus venit, Lupus redit. Numquid quia ovem non tulit, ideo Lupus venit, & ovem rediit? Lupus venit fremens, Lupus redit tremens: Lupus est tamen, & fremens & tremens.” Ergo cor hominis quamdiu solo timore abstinet a peccato, idem quod ante fuerat manere, cum S. Aug. auctoritas, tum ratio persuidet, quam gentiles ipsi in idolatriæ cæcitate non ignorabant. Sic Plinius in Panegyrico Trajano dicit: *infidelis*, inquit, *vestri Magister est meus*, & Horatius: (Ep. lib. 5, Ep. 16)

*Oderunt peccare boni virtutis amore,
Tu nihil admittes in te, formidine panæ;
Sic spes fallendi, miscetis sacra prophanis.*

4. Denique tandiu impossibile est, cor hominis ad Deum converti, quamdiu prædominante creaturæ amore inardescit: amor enim ille cum malus sit, non potest cum vera cordis conversione consistere: atqui quamdiu ex solo gehennæ metu de peccato commissio dolet, gerit in corde amorem creaturæ prædominantem: Deum enim non amat, ut supponitur. Vel ergo dicendum, quod nihil omnino amet, vel fatendum quod in creaturæ inordinato amore conquiescat; atqui primum dici sine summa absurditate non potest, quod scilicet ab omni amore vacet: cum enim amor sit vita cordis, tam impossibile est, esse sine amore, quam ignem esse qui non ardeat, vel corpus grave, quod innato impetu in centrum non tendat: *Vita cordis amor est*, inquit author libri de substantia dilectionis, quem S. Aug. plerique putant, (nov. Ed. in append. tom. 6, col. 71) & *idcirco omnino impossibile est, ut sine amore sit cor, quod vivere cupit . . . & alibi amor meus, pondus meum; eo feror, quocumque feror.*

Cui concinens S. Fulgentius: (lib. 1 ad Monim.) *voluntas creaturæ rationalis*, inquit, *sine qualicumque amore non potest esse, nec sic potest diligere, ut amorem suum non velit ad aliquid religare: quæ inter summum bonum a quo creata est, & infimum bonum cui prelatum est, medio quodam loco posita, profecto aut in infimo bono necesse est miserabiliter jaceat, aut in summo bono veraciter feliciterque requiescat.* Quoniam enim amor rapitur seu cum obedientia subleatur, & creatori bono bene subijcitur, sive cum superbia deprimitur, ut creaturæ bonæ male dominetur.

Certum itaque sit & constitutum, cor hominis sine amore absolute esse non posse: quod si quis præfate negaret, non pugnaret modo contra patrum sententiam, sed & contra communem hominum sensum, quibus persuasum est, se quicquid deliberate agunt, amore ali-

P quo

De Re Sacram. T. III.

quo finis agere, prout est a poeta dictum: *trahit sua quemque voluptas*: quin & quotidiano omnium gentium ac regionum contradicere experimento convinceretur: nemo enim vel reperiunt unquam est, vel usquam reperitur, quantumvis rudis ac barbarus, qui non alicujus finis amore ac desiderio teneatur.

Restat igitur ut dicamus, hominem qui solo gehennæ metu de peccato dolet, prædominante creaturæ amore restuare: cum enim bonum inter creatum & increatum, nihil medium sit; & bonum increatum non amet, quid superest, nisi ut amet creatum? unde sic subsumo:

Atqui amor creaturæ prædominans malus est: ergo qui solo gehennæ metu peccatum fugit ac detestatur, nulum intus amorem habet, adeoque converti nisi amore mutato non potest, quod erat probandum.

ARGUMENTUM TERTIUM.

Ex novitate doctrinæ, timoris servilis sufficientiam propugnantis.

Tertium, magnique momenti argumentum petitur ex novitate doctrinæ quam impugnamus: vera enim Theologia, cum verbo Dei nitatur, nihil debet admittere, nisi quod Scripturæ & SS. Patribus consentaneum fuerit: unde axioma est, inter bonos quosque receptissimum, hoc ipso doctrinam aliquam de errore esse suspectam, quod nova esse probatur: cum non pendeant Theologica dogmata ab hominum placitis, sed ab institutione Dei. Jam sic subsumo:

Atqui doctrina affirmans, sufficere in Sacramento penitentiae servilem, & sine ullo Dei amore attritionem, novum prorsus commentum est, nudius tertius natum: nam

1. Si antiqua niteretur auctoritate, procul dubio qui illam defendunt, afferunt vel ex scriptura vel ex patribus certa testimonia sufficientiam servilis timoris adstruentia: alioquin enim causam ipsi suam proderent; atqui hujusmodi nulla proferunt instrumenta, tantumque vanas & imbelles obtinent ratiuncululas, & cavillationes potius, quam ratiocinationes, quæ majori facilitate refutantur, quam opponuntur: ergo &c.

2. Non patribus tantum, sed & Theologis, qui a duodecimo sæculo ad tempora Trid. Concilii floruerunt, est aperte contraria: eorum enim una vox fuit, unaque mens, timore solo mutari voluntatem non posse: sic præter cæteros Alexander Halensis, in 4 sent. qu. 17, a. 6, Dico, inquit, quod timor est principium remotum (penitentiae) quia ex hoc quod penam timet, desistit ab actione peccati, sed nondum

justificatur. Sed post incipit (penitentia) moveri in Deum per amorem: & sic timor est principium remotum, amor vero propinquum.

Et in speculo animæ: timor, inquit, semper cum mortali peccato est, scilicet cum quis dimittit peccatum facere solummodo ratione penæ.

Et in l. de 7 donis spir. sancti, c. 1, timor servilis non mutat voluntatem in bonum, licet criminis impediat executionem.

Et ejusdem temporis scriptor S. Thomas, locis prope innumeris, quorum partem aliquam superius delibavimus. Sic enim in 4 sent. dist. 20, q. 1, a. 1, Antiochus, inquit, non habuit veram penitentiam, quia non amore justitiæ de peccatis commissis dolebat, sed timore penæ quam expectabat.

Et l. 4 ad Annibaldum, dist. 20, q. unica, a. 1, veritas penitentiae, ait, in fine vite non manifestatur: incertum est enim utrum taliter penitent solo timore penitent, vel ex amore Dei, qui ad veram penitentiam requiritur.

Joannes Nider magni nominis Theologus, in expositione præceptorum decalogi, ad 3 præceptum, c. 8, n. 13, Si homo, inquit, peccata sua detestaretur, solum quia sunt opposita virtutibus moralibus; aut si solum detestaretur ea propter timorem penæ... tunc homo solum quaereret suum commodum, & fugeret suum incommodum... nec detestatio esset alius virtutis, quia non circumstantiata bono fine, & per consequens non formaretur gratia, nec fieret contritio: ergo &c.

Plures addere inutile fuerit: constat enim ex prædictis, omnes pene Theologos a sæculo duodecimo ad decimum sextum, in hac fuisse opinione, contritionem perfectam ad sacramentum penitentiae afferendam: ergo dubium esse non potest, quin attritionem ex solo timore, aut torpitudinis peccati intuitu natam insufficientem judicaverint.

3. Hoc ipsum evincit adversariorum confessio, qui licet omni conatu nitantur suam opinionem adstruere, novam tamen esse fatentur, & plenam periculi. Sic præter cæteros Franciscus Suarez, (in 3 p. s. Th. qu. 90, ar. 4, disp. 15, n. 17.) „ licet, inquit, sit probabilis opinio, „ attritionem (servilem) cognitam, cum sacramento sufficere ad justificationem; tamen „ non est certa, & potest esse falsa: quod si „ fortasse ita sit, probabilis illa existimatio non „ sufficit, ut homosalvetur: ergo quis sciens & „ videns, ita se mori permittit, voluntarie exponit se periculo damnationis æternæ: nam „ ubi est morale dubium, est morale periculum, præsertim in re tam gravi: hic autem „ est morale dubium, cum illa opinio, nec valde „ antiqua sit, nec multum communis „

¶ Hu-

Hujusce doctrinæ novitatem præstat uberior exponere, & confirmare animadversione, & auctoritate Summi, q̃ sapientissimi Pontificis feliciter nunc regnantis Benedicti XIV, qui in lib. de Synodo Diocesana lib. 7, c. 3, n. 6, *ſeqq.* hæc ſcribit: „Quamvis ante Trid. communiter Theologi docuerint ad Dei gratiam in Sacramento Pœnitentiæ obtinendam ſatis eſſe contritionem imperfectam, quam jam tunc attritionem nuncupabant; attritionis tamen nomine nunquam dolorem intellexerunt de peccatis aliunde excitatum, quam ex motivo charitatis, ſeu omnino ſejunctum ab aliquo ſaltem remiſſo, tenui, debili, ſeu initiali amore benevolæ Dei, ſicut teſtatur doctiſſimus Morinus l. 8, c. 4, n. 2. Omnium autem primi Franciſcus Viſſoria, & Dominicus Soto, ambo ex Ordine Dominic. docuerunt ad peccatorum remiſſionem, virtute Clavium aſſequendam, ſatis eſſe attritionem mere ſervilem, ſeu conceptam ex ſolo metu gehennæ; modo tamen hæc a Pœnitente, bona fide reputetur contritio, ad quam cæteroquin elliciendam eum pro viribus conari debere affirmarunt. At Melchior Canus, Viſſoria, & Soci ſententiam ſecutus eam præterea, extendit ad attritionem mere ſervilem ſic cognitam, hoc eſt, quæ a Pœnitente non exiſtingitur vera contritio, ſed talis eſſe cognoscatur, qualis revera eſt. Enim vero ſi materia proxima Sacramenti Pœnitentiæ eſſet vera contritio, error pœnitentis bona fide ſe contritum reputantis, cum revera contritus non ſit, eum quidem excuſaret a culpa, ſed non diſponeret ad gratiam aſſequendam in Sacramento, quod ex defectu materiæ proximæ eſſet irritum.“.....

Melchioris Cani ſententia vix nota ſcholæ omnes pervasiſt, & tanto plauſu excepta eſt, ut plurimos, & magni nominis ſtatim invenit Patronos. *Sed præ cæteris* (inquit Morinus cit. loc.) *hanc opinionem celebrem reddidit duo Theologi ſcholæ clariffima, ac famoſiſſima lumina, Franciſcus Suarez & Gabriel Vaſquez, quos innumeri nunc ſequuntur Theologi.* Verum qui inter iſtos doctiores, & ſapientiores habentur, pavidi quodammodo, & meticuloſi, ac magna cum cautela illi recenti opinioni ſubſcriperunt, quam ipſemet Canus nonniſi dubitanter aſtruxerat p. 5, *reſc. de Pœnit.* inquit: *ponitur contritio pars Sacramenti, quia eſt certa; & indubitata materia. Quod autem attritio ſufficiat, quomodo verum ſit, non eſt adeo certum, & indubitatum: & ideo Concilium*

Florentinum, communisq̃ ſententia, tenens certum, dimittens incertum, ponit contritionem partem hujus Sacramenti. Hæc eadem moderatione loquitur Suarez T. 4, in 3 p. qu. 90, art. 4, diſp. 15, ſect. 4, n. 17, ubi obligans fideles, qui lethalem culpam admiſerunt, ad habendam contritionem charitate perfectam, in articulo mortis, hanc aſſert rationem: *Nam licet ſit probabilis opinio, attritionem &c. tamen non eſt certa, & poſeſt eſſe falſa. Quod ſi forſitan inverſa eſt, probabilis iſta exiſtimatio non ſufficit, ut homo ſalvetur. Ergo qui ſciens, & videns iſta ſe mori permiſſiſt, voluntarie exponit ſe periculo morali æternæ damnationis. Nam ubi eſt morale dubium, eſt morale periculum, præſertim in re tam gravi.* Hic autem eſt morale dubium: cum illa opinio nec valde antiqua ſit, nec multum communis. Suarezii monitum confirmat Philippus Gamacheus Summ. Theol. Cap. 8, de Pœnit. inquit: *etiãmi agnoſcamus Pœnitentiæ Sacramentum revera ſacere ex attritis contritis, non tamen id omnino indubitatum. Ergo debet tunc conari ad veram contritionem, ut hoc modo attritio ſaltem evadat certior.* Et Paulus Comitoloſus in Reſp. Moral. l. 1, q. 32, licet abſolvi poſſe doceat, qui ex ſola formidine æternæ pœnæ de peccatis dolet, &c. tamen prudenter addit: *Plures, magnique Theologi in Pœnitente, antequam abſolvatur, contritionem veram charitate formatam requirunt, neque uſque adeo certum eſt attritionem Pœnitenti eſſe ſatis: Quocirca Sacerdotis partes præcipue eſſe debent veræ contritionis motum in corde Pœnitenti, auxiliante Deo, elicere, ardentique cum coboratione urgere, ut propter Deum peccata commiſſa excutatur omnia. Sed quod iſti tanta adhibita circumspeſione affirmarunt, poſteriores Doctores ob auctum ſibi conſentientium numerum, animoſiores facti, non ſolum abſque ulla dubitatione, & limitatione aſſeruerunt, ſed contrariam ſententiam requirerentem in Pœnitente aliquem charitatis amorem, ſaltem initialem, carpere, & cenſura aſſicere non dubitarunt, eam omnino improbabilem, periculoſum, Trid. menti contrariam, atque implicate, & virtualiter quodammodo ab eodem Trid. proſcriptam diſtantes. Verum iſtos redarguit Gard. Pallavicinus &c.* Ad hæc, ut obſervat Launojus in Diſſert. de mente Concilii Trid. circa contritionem, & attritionem p. 2, c. 2, & le Drou p. 63, ex ipſiſmet Patribus, & Theologis, qui Concilio Trid. interfuerant, eodem Concilio abſoluto, aliqui propugnarunt neceſſitatem in-

„choatæ contritidnis, seu amorisinitialis, ad
 „Sacramentum Pœnitentiæ, inter quos Fri-
 „dericus Nausea Episcopus Viennensis in Au-
 „stria in suo Catechismo, & Franciscus Jon-
 „nius Episcopus Antuerpiensis *trakt.* 5, de
 „Pœn. cap. 6, &c. “ Hactenus sapientissi-
 „mus Pontifex. ¶

§. SECUNDUS.

Diluuntur contraria argumenta.

Obijciunt. Si attritio ex gehennæ metu concepta, ad reconciliationem in sacramento obtinendam non sufficit; mala ergo est: atque adeo doctrinam capite præcedente statutam evertimus: quodque pejus est, approbamus Lutheri errore a Concilio Trid. damnatum.

R. Negro consequ. quantum ad omnes partes. Aliud enim est, gehennæ metum ad reconciliationem disponere, aliud proxime disponere; ita ut nihil amplius requiratur. Primum contra Lutherum, velut certum fidei dogma defendimus: atque adeo bonam hanc attritionem dicimus, utilem, & honestam. Secundum vero, quidquid Noetericorum turba reclamet, constanter negamus, atque id quod adjiciunt, nos Luthero patrocinari, velut tetram calumniam repellimus: illum enim inter & catholicos nulla controversia fuit, utrum attritio orta ex metu, absque ullo Dei amore, ad reconciliationem obtinendam proxime dispo-neret: (immo amorem esse necessariam ex utraque parte consentiebatur:) bene vero an timor gehennæ esset ex sua substantia bonus, & ad initium pœnitentiæ utilis; ita affirmabant catholici omnes, repugnante cum suis Luthero, & garriente gehennæ metum esse malum medullitis ac peccatum: proindeque veræ pœnitentiæ initium esse non posse: quid vero nobis, amabo, cum hoc errore commercii est, qui timorem poenarum bonum, utilem, & honestum cum Ecclesia credimus; quamquam aliunde reconciliationi, ad quam remote tantum disponit, consummandæ imparem cum Patribus asseramus, vel ex eo maxime, quod peccandi voluntatem penitus non excludat, neque adeo veram cordis contritionem sufficiat?

Inst. 1. At, inquis, unde habemus, de sola timoris utilitate ac bonitate, non vero de ejusdem ad reconciliationem sufficientia, cum Luthero a catholicis discrepatum?

R. Id haberi ex ipsis Lutheri scriptis, quorum hic scopus est, dolorem ex metu conceptum, velut exitialem, & medullitis vicio-rum extirpare: ex Concilii Trid. historia, quæ hoc ipsum certissime attestatur: ex ejusdem concilii canonibus ac decretis, quibus ni-

hil aliud statuitur, quam timorem gehennæ esse bonum ac utilem, & ad justificationem disponere: & denique ex eorum testimonio qui primi contra Lutherum scripserunt: sic præter ceteros Joannes Eckius lib. 1. de pœnitentia c. 1: *summa disputationis nostra est*, inquit, *contendit Lutherus, impugnando veritatem cum confidentia climoris, contritionis solo amore concipi; si quis autem eam parare velit, recogitando omnes annos suos in amaritudine animæ; hanc contritionem facere hominem hypocritam, & magis peccatorem: pœnitentiam non nisi amore concipi . . .* & c. 5: *vel fallitur Lutherus, vel vult fallere catholicos . . . fatentur enim & hoc catholici cum s. Paulo: si quis charitatem non habuerit, nihil esse: fatentur, si quis vellet stare in timore servili duntaxat, sicut Judas, quod veram pœnitentiam nunquam adipisceretur: sed per hoc non improbat Lutherus, quin timor sit initium pœnitentiæ; quin per timorem paretur, & acquiratur pœnitentia: is est scopus negotii quem Lutherus non tangit . . . volumus solum impetrare, quod timor pœne valeat ad parandam pœnitentiam, quia timore concipitur; & ita timor sit initium pœnitentiæ: nemo catholicus vult timorem esse pœnitentiam.*

Idemque Joannes Rossensis, (ad art. 6 Luth.) Cardinalis Bellarminus (lib. 1. de pœn. c. 6, & lib. 2, c. 17) & alii attestantur, qui Lutheri impia dogmata refutant.

Is itaque scopus erat totius contra Lutherum negotii, timorem servilem ex substantia bonum, utilem, honestumque asserere, & veræ pœnitentiæ, in hoc ipso timore esse initium, demonstrare: adeoque conturbant omnia novelli Theologi, & sus deque miscet, quando inde inferunt timorem servilem sufficientem ad pœnitentiam declaratum, eo quod sit ejus bonitas contra Lutheri delirium vindicata: quæ in re, pudet dicere, Luthero incaute patrocinantur, & faciunt ejus causam, causa Ecclesiæ meliorem: numquid enim res probrosissima foret, videre hinc quidem flagitiosissimum hæresiarcham Lutherum, pro amoris Dei, in vera pœnitentia, necessitate pugnantem; illinc vero sponsam Christi Ecclesiam, in caritate ordinatam & radicatam, necessitatem caritatis exterminantem, quæ si unquam necessaria est putanda, nusquam sane magis, quam ubi de Deo placando, & amicitia ejus recuperanda tractatur?

Inst. 2. Attritio ex solo gehennæ metu concepta, vel sufficiens, vel mala dicenda est: nihil est tertium: ideo enim ex nobis non sufficit, quia peccandi nequit voluntatem penitus extirpare: sed quod non potest peccati vo-

lunt.

luntatem excludere, malum est: ergo nisi fateamur sufficientem, malum dici necesse est.

R. Nego ant. ad probat. concessa maj. n. min. non enim hoc ipso malum aliquid dici debet, quod perfectione caret: rerum namque omnium, tum in naturali, tum in supernaturali gratiæ ordine primordia imperfecta sunt: numquid ideo mala dicenda? sic ergo attritio ex gehennæ metu concepta, peccandi voluntatem oppugnare incipit; hincque bona esse probatur: omnino non excludit; nec inde sequitur, quod absolute sit mala, sed quod perfecte bona non sit: hinc quoties S. Aug. timorem pœnarum commendat, non sic laudat, ut in eo velit esse sistendum; sed quia locum præparat caritati; quia ideo intrat, ut introducat caritatem; quia nisi per timorem homo incipiat Deum colere, non perveniet ad amorem: uno verbo, quia initium est, non finis sapientiæ Christianæ: unde tum multis aliis locis, tum expressius in libro de catechizandis rudibus, cap. 5, affirmat, rarissime, imo numquam contingere, ut aliquis vellet fieri christianus, qui non sit aliquo Deo timore percussus: hinc S. Gregorius M. supra laudatus, docet, in timore suppliciorum non esse permanendum, sed ad amoris gratiam, nutrimento caritatis crescendo: hinc denique S. Thomas: *afflus penitentiae*, inquit, (3 p. q. 85, art. 5, inc.) a timore servilis procedit, sicut a primo motu affectus, ad hoc ordinato; a timore autem filiali, sicut ab immediato & proximo principio.

Inst. 3. Ut quid ergo patres timorem servilem tanto verborum apparatu commendant, si ad justitiam in Sacramento obtinendam non sufficit?

R. 1. Retorqueo argumentum, ut quid penitentibus fidem, & spem habere præcipitur, si nec fides, nec spes sola sine dolore ad contritionem & reconciliationem sufficiat? atque ut ex ipsi rebus naturalibus, quæstionis absurditas ostendatur: ut quid meridiem aurora prævertit, quæ ad dispellendas noctis tenebras se sola non sufficit? ut quid prius est esse puerum, quam adultum? ut quid medici graviter ægrotantibus minora prius applicant, quam ad extrema & efficaciora recurrant? ut quid denique rerum primordia, earundem incrementa ac perfectionem præcedunt?

R. 2. Ideo timorem servilem a patribus commendari, quia bonus est, quia utilis, quia initium christianæ sapientiæ, quia ad concipiendum compunctionis spiritum conducibilis, quia fundamentum habet in fide, quia ab exteriori peccato animum peccare volentem deterret, quia peccandi consuetudinem paulatim minuit, quia saltem facit, ut homo sic minus malus

& ad justitiam paulatim accedat: uno verbo bonus est ex substantia timor, sed non sat bonus, ut queat ultimam dispositionem ad veram reconciliationem afferre.

Monitum.

Ut facilius plerique adversariorum tricas cavillationesque frangantur, diligenter est advertendum, semperque habendum præ oculis, sententiam quam defendimus, duos inter scopulos mediam tenere viam: primus est Lutheri, pertinaciter contententis, timoris servilis substantiam esse malam: quæ ejus hæresis est, verbo Dei contraria: secundus eorum est, qui ita bonum timorem affirmant, ut velint ad justificationem se solo sufficere; atque adeo amoris divini in reconciliationis negotio, nullam esse necessitatem: quam opinionem etsi hæreticam non dicamus, (absit enim ut Ecclesiæ prævertamus judicium) contendimus tamen scripturæ & patribus adversari, ipsa sua novitate esse suspectam, in praxi periculosam, principio in Ecclesiasticis scriptoribus vulgarissimo repugnantem: *sene certum, relinque incertum*: quo innixus axionate Innocentius XI Pontifex Max. hanc quorundam recentiorum propositionem damnavit; *non est illicitum in Sacramentis conferendis sequi opinionem probabilem de valore Sacramenti, relicta tutiore*: igitur ita servilis timoris iura tuemur, ut nec malum absolute dicamus, quod est hæreticum; nec sufficientem ad veram, etiam in Sacramento, penitentiam, cum divini amoris contemptu prædicemus: quod nimium noxiumque.

Inst. 4. Atqui ita bonus est timor servilis, ut penitus voluntatem peccandi excludat: ergo &c. prob. subs. timor pœnarum vehemens id omne excludit, quod est æterno supplicio puniendum; atqui non modo peccatum exterius, sed ipsa voluntas peccandi, cum peccatum ipsa sit, æterno plerenda supplicio est: ergo illam penitus timor servilis excludit: atque adeo est sufficiens ad reconciliationem dispositio.

R. Nego subs. ad probat. dist. maj. timor vehemens pœnarum id omne excludit, quod æterno supplicio est plerendum; excludit, inquam, quantum potest, & ad hoc obtinendum pro viribus agit, conc. excludit revera, quasi nimirum in hoc negotio plus præstet, quam possit, n. maj. & concessa min. a. consequ.

E. R. Fatemur tam esse æterno supplicio castigandam internam peccandi voluntatem, quam peccatum ipsum exterius: unde est a Christo dictum: (Matt. 5, 27) *audistis quia di-*

dictum est antiquis, non machaberis: ego autem dico vobis, quia omnis qui viderit mulierem ad concupiscendum eam, jam machatus est eam in corde suo: fateatur insuper, vehementer aeterni supplicii timorem conari quantum in se est, ut id omne excludatur, quod aeterno supplicio esse puniendum; sed cum causa non plus praestet, quam possit, neque valeat suam agendi virtutem excedere; dicimus, ideo internam peccandi voluntatem non posse solo gehennae timore depelli, quia voluntatis correctio timoris superat potestatem: non enim potest mutari nisi motu contrario; atqui ideo mala voluntas est, quia in creatura, amore illicito conquiscescit: ut ergo desinat esse mala, & bona esse incipiat, prorsus necessarius est amor bonus; regnat enim carnalis cupiditas, inquit S. Aug. (Enchirid. c. 17). ubi non est Dei caritas.

Inst. 5. Ideo attritio ex gehennae metu concepta, non esset ad justificationem sufficiens, quia plene, ut praediximus, voluntaria non esset; atqui falsum consequens, & definitioni Concilii Trid. contrarium; sic enim sessio 14, cap. 4, ad finem, legitur definitum; *quamobrem falso docent heretici, contritionem esse extortam & coactam, non liberam & voluntariam, & ib. can. 5, si quis dixerit eam contritionem, quae paratur per discussionem... peccatorum, qua quis recogitat omnes annos suos in amaritudine animae suae, ponderando peccatorum suorum gravitatem... & aeternae damnationis incursum, cum proposito melioris vitae, non esse verum & utilem dolorem, nec preparare ad gratiam, sed facere hominem hypocritam, & magis peccatorem; & esse dolorem coactum, & non liberum ac voluntarium, anathema sit, ergo &c.*

R: Concessa maj. n. min. ad probat. admitto auctoritatem, & n. conseq. toto namque caelo distat nostra, sententia a damnato Lutheri dogmate: volebat ille attritionem ex metu conceptam, natura sua esse coactam & extortam; neque in actione consistere, sed in passione qua conscientia, etiam si nolit, involuta quatur ac conturbatur, quem duplicem errorem catholica veritas refugit, & ratio ipsa refellit: dolor namque ille, voluntatis affectio est, unde necessario sequitur quod sit liber, cum in voluntate coactio cadere nequeat: deinde peccatores ad timorem Deus hortatur & excitat: *timete eum*, inquit, (Matt. 10, 28) *qui potest & corpus & animam perdere in gehennam*; ergo non in mera passione, sed in actione consistit: nam quae agere nostrum non est, & in quibus sola passio locum habet, Deus non praecipit; cum praecipit, non cadat nisi in ea, quae facere ipsi

tenemur: itaque contra Lutheri praesumptionem certo & indubitante asserimus, timorem ex metu gehennae conceptum, esse absolute, & ex natura sua voluntarium.

At nihilominus non esse plene & omni ex parte voluntarium, merito contendimus, non enim plene voluntarium dici potest, quod ex voluntario & involuntario mixtum est: atqui attritio ea gehennae metu concepta, mixta est ex voluntario & involuntario, quod nisi verum assentiamur, contradicimus Aug. ita loquenti: (Conc. 11 in Ps. 118) *qui timore peccatae, non amore iustitiae opus legis facit, profecto invitus facit, quod autem invitus facit, si posset fieri, mallet utique non juberi: ac per hoc legis, quam vellet non esse, non est amicus, sed potius inimicus*: contradicimus S. Thomae, idem non modo affirmanti, sed & causam cur ita affirmet convincentem afferenti: *similis, alt. (1, 2, quest. 6, art. 7, ad 2) agit contra id quod nunc secundum se vult... (ib. art. 6, in c.) illud quod per metum agitur, in se consideratum non est voluntarium in casu, scilicet ad vitandum malum quod timeatur*: contradicimus S. Damasceno, S. Gregorio Nysseno, & aliis sacris doctoribus: immo & Gentilibus ipsis Philosophis, qui principii loco unanimiter posuerunt, ea quae metu aguntur, partim habere consentientem, partim repugnantem voluntatem: quod si quis obstinate, tanto auctoritatis ponderi non cedendo, negaverit: hunc ad propriae testimonium conscientiae remittimus, & rogamus ut attente consideret, utrum quod solo metu, naturae inclinationi contrarium operatur, quomodo saepe contingit, plena absoluteque faciat libertate?

Inst. 6. Quodcumque tandem in latius opinio nostra vertatur, ex illa tamen sequitur, attritionem ex metu gehennae conceptam, extortam aliquatenus esse, non liberam; atqui repugnat hoc consequens definitionibus Concilii Trid. modo laudatis: ergo &c.

R: Dist. maj. sequitur, attritionem ex metu gehennae conceptam, extortam esse, non liberam, *vitio timentis*, conc. *vitio timoris ipsius*, nego maj. dist. pariter min. repugnat Concilio Trid. dicere attritionem ex metu gehennae conceptam, extortam esse & coactam, *vitio suo*, conc. *vitio alieno*, timentis scilicet, n. min. & conseq.

E. R. Lutheri hallucinatio fuit, attritionem secundum se & ab intrinseco malam esse, sive proprio vitio includente flagitii voluntatem: adeoque quo vehementior fuerit, eo hominem peccatorem magis & hypocritam evasurum, longe aliter nos, hanc voluntatis effrenem appetentiam, vitio timentis adscribendam cum

patribus propugnamus: quod vitium est attritioni extraneum, & ad illam mere concomitantem se habet; quomodo infirmitas fidei, est fidei infirmi secundum naturam extraneus, nec de illa fides ipsa, sed fidelis, destitutus caritate, est accusandus: revocet studiosus Theologus in memoriam, quæ superiori capite diximus contra Lutherum ostendens, timorem pœnarum intrinsecus esse bonum.

Inst. 7. Atqui ex SS. Patribus ita bona & libera est attritio ex gehennæ metu concepta, ut ad justificationem, sine ullo divini amoris sensu, plene absoluteque sufficiat: ergo &c.

Prob. subs. congestis eorum pluribus testimoniis.

S. Basilius: *quemadmodum, inquit, (comm. in Ps. 33) qui corporis membra habent clavibus transfixa, ad actionem quamlibet immobilia ea habent; sic il quorum animam occupavit Dei timor, omnem prorsus importunam peccandi occasionem vitant.*

S. Hieronymus: *vult primum Deus, ait, (in cap. 1 Malac.) ut filii ejus simus, & bonum voluntate faciamus, si hoc consequi volumus, saltem ut servos nos habeat, & a malis per suppliciorum formidinem recedamus.*

S. Augustinus: (Enarr. in Ps. 63) *ama & time: ama quod promittit Deus, time quod minatur Deus; nec corrumpis ex eo quod promittit, nec terreberis ex eo quod minatur homo.*

S. Gregorius M. (lib. 15 Moral. c. 16) *mens nostra tanto valentius terrores verum temporalium despiciit, quanto se auctori eorumdem temporalium veracius per formidinem subdit, quæ in timore Domini constituta, non invenit extra quod metuat: quia dum recto metu, conditori omnium jungitur, potestate quadam supra omnia sublevatur.*

Ex his & similibus patrum effatis sic informatur argumentum.

Illi putant gehennæ metum se solo ad justificationem in Sacramento obtinendam sufficere, qui dicunt hominem timore percussum, vitare omnem occasionem peccandi, a malis recedere, conditori omnium subijci atque conjungi: atqui ita sentiunt patres: ergo &c.

R. Nego suba. ad probat. admitto auctoritates, & dist. maj. illi putant gehennæ metum ad justificationem in Sacramento obtinendam sufficere, qui dicunt &c. Si hæc omnia timori attribuant cum exclusionem amoris, conc. secus, n. maj. dist. pariter min. de timore sic sentiunt patres, quatenus amoris conjunctus est, conc. de timore seorsim sumpto n. min. & conseq.

E. R. Laudari a SS. Patribus servilem timorem, numquid negamus, cum e contrario eorum sententiis, Lutheri temeritatem inscitiamque redarguamus? sed nos inter, & recentiores, quibuscum modo contendimus, controversia est; utrum sic timor ille a patribus efferatur, ut ad reconciliationem in Sacramento poenitentiae obtinendam, absque ulla divini amoris scintilla ex eorum mente sufficiat: illud vero nec hæcenus probant, nec probabunt in posterum, nisi expressiora pro se testimonia e patrum scriptis eruant: nam

1. Quod ex S. Basilio afferunt, in summo rigore de fuga peccati exterioris potest intelligi, pari sensu quo est a S. Aug. dictum, *pœne timore fieri, ut non impleatur foris negotium male cupiditatis.*

2. Quam parum adversarii sententia S. Hieronymi faveat, textus ipse satis superque demonstrat: sic enim Dei filios a servis distinguit, ut illos affirmet bonum voluntate facere, istos e contra a malis recedere per suppliciorum formidinem: filius porro Dei nemo est, nisi per amorem: iudice ergo Hieronymo boni facienda, adeoque & mali vitandi voluntatem solus amor Dei inspirat: unde reliquum est, eos qui more servorum recedunt a malis per suppliciorum formidinem, vultu vel actu non affectu esse mutatos.

3. Quod S. Gregorium & Aug. opponant, mirum profecto: nec ullo magis argumento probatur, quantum opinio hæc vera auctoritate destituta, nudataque sit, quippe quæ male consutis patrum lacinis vestiatur: luce namque meridiana clarius est Aug. & Gregorium pro amoris ad veram conversionem necessitate, tamquam pro aris ac focis pugnasse; de quo si quis dubitet, referat oculos ad eorum testimonia superius allegata.

Itaque rogandi adversarii, ut qui nobiscum ad timoris bonitatem tuendam, contra Lutheranos patrum auctoritate nituntur; eosdem nobiscum ad timoris insufficientiam agnoscendam, & prædicandam divini amoris necessitatem, audire iudices non recuset: iniquum namque est, patribus ad hæreticos resellendos præstare fidem, & fisdem, ubi de præconceptis opinionibus agitur, nolle acquiescere.

Inst. 8. Atqui quæ ad probandam timoris insufficientiam ex patribus congeruntur, contra timoris servilis defensores nil faciunt: ergo &c.

Prob. subs. nihil hæc testimonia probant, si possint commode explicari, vel de solo timore naturali, vel de timore pœnarum, quæ legibus decernuntur, vel demum de servilitate timoris, quæ affectum ipsam peccati conjunctum

junctum habet: atqui patrum sententiae in hos facile sensus inflecti possunt: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. n. m. & dico has interpretationes gratis & contra apertam Sanctorum mentem, ad eorum eludendam auctoritatem excogitatas: quod multis modis ostendo.

1. Si patres de solo naturali timore, vel de metu legum civilium, vel de servilitate timoris sentirent, quod ad justificationem obtinendam non sufficit; suam de hac re mentem alibi aperirent, in loquendo discrimine, timori æternæ gehennæ tribuerent, quod de alio quovis negarent; atqui hanc tantam discretionem nullibi faciunt, nec usquam dicunt, posse timorem supernaturalem gehennæ, omnem peccandi voluntatem excludere, quod legum humanarum metus naturalis non potest: Imo generaliter ubique pronuntiant, eum qui ab opere peccati abstinet timore supplicii, nondum alienum esse a voluntate peccandi, ipsaque voluntate reum manifestari, quæ vellet male facere, si posset impune: vim ergo eorum textibus adversarii inferunt, distinctionem, de qua ne cogitarunt quidem sancti Doctores, comminiscendo.

2. Quod ajunt, de supernaturali gehennæ timore non loqui, quando affirmant, solo timore conversionem non fieri, ad fontem recurrenti manifesto falsum esse consabit: ubique enim expressam faciunt mentionem illius gehennæ, quam fide credimus a Deo peccatoribus impenitentibus præparatam: quale est illud S. Aug. (Ep. 144) *qui gehennas metuit, non peccare metuit, sed ardere: ille autem peccare metuit, qui peccatum ipsum, sicut gehennas odit... tantum porro quisque peccatum odit, quantum justitiam diligit; cui simile est, quod alibi dicit: (Serm. 15 de verb. Apost.) quid magnum est poenam timere? quis enim non timeat? quis latro, qui sceleratus, quis nefarius? sed hoc interest inter timorem tuum, timoremque latronis, quod latro timet leges hominum, tu autem leges ejus times, poenam ejus times, quem fallere non potes: nam si fallere posses, quid non fecisses? ergo & concupiscentiam tuam non amor tollit, sed timor premit; & alio in loco: (Serm. 10 de verb. Apost.) audeo dicere, inquit, si timore gehennæ non facis malum, est quidem in te fides quæ credis futurum Dei esse judicium: gaudio fidei tuæ, sed adhuc timore malicie tuæ: nec alterius significationis sunt cætera quæ superius attulimus testimonio, ad quæ studiosum lectorem remittimus.*

3. Sancti patres ita de omni & quolibet timore pronuntiant, quod non sufficiat ad cor immutandum, ut solo hoc fieri posse Dei amo-

re concludant, ut evidens est ex eorum sententiis hæcenus allegatis, magisque constabit ex aliis quæ sequente articulo proferebunt: eorum itaque verba nec de solo timore naturali, nec de metu legum civilium, nec de sola servilitate timoris, sed de ipso etiam metu supernaturali gehennæ accipi debent: ut quid enim dicerent, solo amore fieri posse veram cordis ad Deum conversionem, si cum recentioribus crederent, huic effectui producendo timorem gehennæ haud impari esse?

4. Denique, latentibus ipsis adversariis ideo timoris servilitas ad conversionem non sufficit, quia affectum peccati conjunctum habet: atqui juxta sanctorum doctrinam, tamdiu in corde regnat timoris servilitas, quamdiu in illud non intrat Dei caritas, & aliunde necessarium est, qui caritatem non habet, affectum peccati habere, quia, inquit S. Aug. *regnat carnalis cupiditas, ubi non est Dei caritas: nullum ergo dubium est, quin sancti patres propugnantes timoris insufficientiam ad conversionem, de ipso timore supernaturali loquantur.*

Inst. ultimo. Saltem novitatis accusari non debet doctrina, volentium ad justificationem sufficere timorem servilem: ergo &c.

Probat. antec. opinio hæc immerito novitatis arguitur, quam plerique olim Theologi longe ante Concilium Trid. propugnauerunt: atqui doctrina de servilis attritionis sufficientia eximios ab ipso duodecimo sæculo habuit defensores. Plerique enim ex hoc tempore docuerunt, attritionem in Sacramento sufficere: atqui attritionis nomine vulgo intelligitur dolor ex gehennæ metu conceptus: ergo &c.

R. Nego antec. novum enim dogma merito dicitur, quod nec divino eloquio, nec sanctorum patrum definitionibus communitur; atqui hujusmodi opinio est, de sufficientia timoris servilis, quam scripturæ & traditioni esse contrariam, argumenta plurima sic persuadent, ut penitus evincant: hinc fatetur Suarez, *nec valde antiquam esse, nec multum communem: idemque Dominicus Soto affirmans: (in 4 sent. dist. 19, q. 2, art. 6) non est, inquit, Evangelica assertio, aut Ecclesie definitio, neque apud Augustinum, aliumve istius classis auctorem reperitur: quibus consensiens Andreas Vega: (lib. 6 in Conc. Trid. c. 28) & quidem, inquit, dilectionem Dei esse dispositionem ad justitiam, (adeoque non sufficere timorem servilem) doctrina est Christi, Apostolorum, & Sanctorum Ecclesie doctorum.*

Ad probat. transeat major, & n. min. nam
1. Ut c. 2 probatum est, Theologorum pe-

ra Concilii Trid. assertio fuit, ad Sacramentum poenitentiae perfectam contritionem necessario esse præmittendam: immerito itaque & cum eorum injuria, quasi attritioni servilis patrocinati fuerint, allegantur.

2. Cum facti ista questio sit, qua de mente Theologorum veterum, utrum pro attritionis servilis sufficientia steterint, disceptatur, debet ex verbis eorum, expressisque sententiis dirimi; atqui recentiores quibus cum contendimus, sæpius licet rogati, atque etiam importune lacesciti, ut testes ac defensores suæ doctrinæ ex antiqua ætate perferrent, hæcenus de hac re siluerunt, aceminemque qui sibi expresse & conceptis terminis laverit, allegarunt: neque hoc mirum: nam, inquit Andreas Vega, (lib. 6 in Conc. Trid. c. 30) dilectionem Dei necessariam esse ad nostram justificationem, apud omnes Theologos tractatores quos legimus, receptissimum est: hinc Joannes Morinus Gallicani Oratorii presbyter, qui in colligendis Theologorum placitis diligentissimam posuit operam; antiqui scholastici omnes, inquit, (de Sacram. poenit. lib. 2, c. 4, n. 7) ad annum usque millesimum quingentesimum, ut patres præteream, longe copiosius & magnificentiùs de obligatione dilectionis divinæ statuerunt; ut vel ex recentioribus colligitur, dum eos refutant.

Ad probationem minoris:

R. 1. Nego maj. paucissimos enim antiqua hac ætate reperias, qui dixerint attritionem in Sacramento sufficere; longæque major eorum, ut prædiximus, numerus fuit, qui pro perfecta contritionis necessitate certarunt; ne vero putet aliquis, paucos illos, recentioribus attritionis servilis defensoribus prævisse:

R. 2. Transeat major, & dist. min. attritionis nomine vulgo intelligitur dolor, ex solo gehennæ metu conceptus; sic, inquam, intelligitur in scholis hodiernis ab iis qui contra amoris in Sacramento necessitatem pugnant, concedo, sic intelligebatur ab antiquis Theologiæ expositoribus, nego min. & conseq.

E. R. Nomen attritionis, ut supra monuimus, æquivocum est, & diversos sensus habere potest; ut enim cæteras ejus significationes prætermittamus, quas discutere præsentis non est instituti; idemque ex solo gehennæ metu conceptum, & etiam dolorem ex Dei amore initiali enatum significat.

Fateor, primo sensu a recentioribus accipi; sed nego ejusdem in veterum scriptis, significationis fuisse: qui enim volebant contritionem & attritionem ejusdem esse speciei, nec aliter differre, nisi secundum magis, &

De Re Sacram. T. III.

minus, profecto attritionis nomine non intelligebant dolorem, solo gehennæ metu excusum; atqui Theologi veteres contendeabant, contritionem & attritionem in eadem specie contineri, tantumque differre secundum majorem & minorem divini amoris fervorem.

Sic Guillelmus Parisiensis: (tract. de poenit. c. 6) si quis querat, inquit, quæ sit differentia inter attritionem & contritionem, dico quod attritio ad contritionem se habet, sicut vulneratio ad occisionem. . . sicut calefactio ad arisionem, & sicut illuminatio ad irradiationem; hoc est, sicut lumen crepusculi ad radium.

Similiter Petrus Paludanus: non est dubium, ait, (in 4, dist. 17, quest. 11) quin attritio possit fieri contritio, sicut de mane fit meridies.

Et Angelus de Clavasio in summa: (verbo contritio, nu. 1) contritio & attritio, materialiter idem sunt, sicut domus obscura & illuminata: attritio quippe est delux aurore, quæ crescendo fit meridies, id est, contritio.

Hinc Card. Cajetanus: (in opus. de contritione) commune est dictum, inquit, quod contritio & attritio differunt secundum magis & minus.

Itaque longe aliter nomen attritionis Theologi veteres accipiebant, ac modo intelligi solet ab iis, qui timorem servilem satis esse in Sacramento contendunt: adeoque puerile argumentum est, ab hujus vocis æquivocatione petitum.

ARTICULUS SECUNDUS.

Divini amoris saltem initialis, ad veram attritionem necessitas demonstratur.

Sequitur hæc assertio ex præcedenti; nam si ad veram attritionem dolor ex gehennæ metu non sufficit, plane consequens est; aliquem Dei amorem, & saltem inchoatæ dilectionis motum esse necessarium: quod necipsi adversarii diffiteantur.

§. PRIMUS.

Proferuntur argumenta.

PROBATIO PRIMA.

En Sacris Litteris.

Non unius modi sunt, huc pertinentia testimonia scripturarum: itaque in diversis classes, ut videretur confusio, redigenda.

Q

In

In primo ordine ea ponimus, quibus præcipitur, super omnia amare Deum.

Audi Israel, ait per Moysen Sp. Sanctus, (Deut. 6, 4, & seqq.) Dominus Deus noster, Dominus unus est: diliges Dominum Deum tuum, ex toto corde tuo, & ex tota anima tua, & ex tota fortitudine tua: eruntque verba hæc quæ ego præcipio tibi hodie, in corde tuo, & narrabis ea filiis tuis, & meditaberis in eis, sedens in domo tua, ambulans in itinere, dormiens atque consurgens, & ligabis ea quasi signum in manu tua: eruntque & movebuntur inter oculos tuos: ejusdem sensus sunt verba Christi: (Matth. 22, 36, & seqq.) diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua: hoc est maximum & primum mandatum.

In 2 ordine sunt, quibus significatur hominem reconciliari cum Deo non posse, nisi ad illum ex toto corde convertatur: cum quaesieris Dominum Deum tuum, inquit Moyses, (Deut. 4, 29) invenies eum, si tamen toto corde quaesieris, & tota tribulatione anime tue . . . quod si peccaverint tibi, nescit Deus supplic Salomon in dedicatione Templi, (3 Reg. 8, 46, & seqq.) . . . & egerint penitentiam in corde suo . . . & reversi fuerint ad te in universo corde suo, & tota anima sua . . . exaudies orationes eorum . . . & propitiaberis populo tuo, qui peccavit tibi, & omnibus iniquitatibus eorum, quibus prævaricati sunt in te . . . nunc ergo dicit Dominus, (per prophetam Joel. 2, 12, & seqq.) convertimini ad me in toto corde vestro . . . & scindite corda vestra, & non vestimenta vestra: & convertimini ad Dominum Deum vestrum.

In 3 sunt, quibus affirmatur hominis justitiam & reconciliationem a Dei amore pendere: ego diligentes me diligo, inquit sapientia æterna, (Prov. 8, 17) & qui mane vigilat ad me, inveniet me . . . Remittuntur ei peccata multa, ait Christus, (Luc. 7, 47) quoniam dilexit multum . . . & Joannis 14, v. 23, si quis diligit me, sermonem meum servabit, & pater meus diligit eum, & ad eum veniemus, & mansionem apud eum faciemus: qui non diligit me, sermones meos non servat . . . Ephes. 6, v. 24, gratia cum omnibus qui diligunt Dominum nostrum Jesum Christum, in incorruptione . . . 1 Petri 4, 8, caritas operis multitudinem peccatorum . . . 1 Joannis 3, v. 14, qui non diligit, manet in morte . . . ib. c. 4, v. 16, Deus caritas est, & qui manet in caritate, in Deo manet, & Deus in eo.

In 4 sunt quibus affirmatur, inutilia ad salutem esse opera, quæ de caritatis radice non

surgunt. Sic enim Christus: (Matth. 10, 37) qui amat, inquit, patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus, & qui amat filium aut fratrem super me, non est me dignus: nec minus expresse Apostolus: (1 Cor. 13, 1, & seqq.) si linguis hominum loquar & Angelorum, caritatem autem non habeam, factus sum velut æs sonans, aut cymbalum tinniens: & si habuero prophetiam, & noverim mysteria omnia & omnium scientiam: & si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam; caritatem autem non habuero, nihil sum: & si distribuero in cibos pauperum omnes facultates meas, & si tradidero corpus meum, ita ut ardeam; caritatem autem non habuero, nihil mihi prodest.

In 5 denique ea ponimus, quibus significatur hominem sub maledicto legis esse, & anathemate dignum, quamdiu Deum non amat: quale est istud: (1 Cor. 16, 22) si quis non amat Dominum Jesum Christum, sit anathema.

Ex his, aliisque prope innumeris scripturarum oraculis, quæ ubique in utroque testamento occurrunt, eruo quæ sequuntur argumenta:

Primum est: præceptum de Deo super omnia diligendo, magnum est & primum mandatum, unde universa lex pendet & prophætæ, ut Christus in Evangelio loquitur: (Matth. 22, 40) ergo toto vitæ tempore, aut saltem (ne quid videamus asperius loqui; si tamen asperum videri potest, amare Deum, & sapius in vita est adimplendum; jam sic subsumo:

Atqui nulla rerum, temporumque circumstantia est, in qua præceptum de Deo diligendo plus urgeat, quam ubi agitur de obtinenda venia peccatorum, & recuperanda per penitentiam Dei gratia: ideo enim hominum ejus concitavit, & contraxit cum illo inimicitiam, quia peccavit: ideo peccavit, quia non amavit; cum in hoc peccatum omne mortale consistat, quod amor Deo debitus, in creaturam ordine præpostero transferatur: ergo cum potissimum amare tenetur, cum dolet se non amasse, & conatum exierit omnem, ut in ejus amicitiam redeat: quod qui negant, non modo contra scripturam sentire mihi videntur, sed & contra communem sensum, eam nimirum volendo veram esse hominis cum Deo reconciliationem, quam hominis eum homine veram esse non concederent.

Ponamus enim patrem familias graviter offensus a filio, quem effudit amaverat: ponamus iterum filium dolore tactum, velle ad patrem reverti, & cum illo redire in gratiam; sicque parentem optimum alloqui: doleo pater, & quam possum vehementer, quod te of-

fen-

fenderim doleo: male actæ vitæ veniam enixe ad tuos provolutus pedes effragito: totum me deinceps, crede mihi, mutatum agnosces in melius: quantum præterito tempore rebellem, tantum experiere obsequentem: nequid tamen te fallat ista mea confessio: non mihi amor erga te meus, ejus nec levem scitillam exprior, sed timor una redeundi est causa: etiam dum me poenitentem profiteor, non amo te, nec alia mihi prænitendi, quam quæ timeandi ratio est: non amo beneficium, timeo qui potest cessare esse beneficis: non amo amantem, timeo potius exigentem: non amo tuam hanc erga me profusissimam caritatem; timeo exharredationem tuam; hoc unum itaque peto (nec existimo aut indecenter a me postulari, aut a te decenter negari posse) ut ames non redamantem, & sit timoris mei præmium, amor tuus: jam quæso num possit aliquis adeo conturbati esse iudicii, ut tam prave indolis filium, vere poenitentem, & misericordia patris dignum audeat affirmare? ita porro se habet erga Deum quisquis parentem tam bonum, tam misericordem, tam beneficum peccando offendit; fatendum ergo veram ejus cum Deo reconciliationem esse non posse, si præter timorem ad poenitentiam Sacramentum nil afferat: eoque indigniorem venia esse, quod diligendi Dei præceptum hoc ipso tempore violat, quo vehementius de non amato dolere debet.

Secundum huic simile est: peccatori venia nulla speranda, quamdiu ad Deum ex toto corde non convertitur: hæc enim lex ejus est, non minus in nova lege, quam in veteri obligans: *si toto corde & tota tribulatione animæ tue quasieris*, inquit per Moysen, *invenies eum . . . & per Salomonem: si peccaveris tibi . . . & reversi fuerint ad te, in toto corde suo & in tota anima sua . . . exaudis orationem eorum, & propitius eris* &c. atqui peccator Dei amorem appetitive summum, saltem initialem, non habet, ad Deum ex toto corde non convertitur, non querit in toto corde: nam quæso, quomodo querit ex toto corde qui amore non querit, cum in amore cordis impetus alioque consistat? quomodo cor totum dat Deo, qui totum negat, & nec partem ejus dignatur concedere? sed qui Deum amare non incipit, totum illi cor denegat: ergo &c.

Tertium: vera cordis conversio, quam in Sacramento poenitentiae necessariam esse nemo negat, sine dolore ac detestatione peccati esse non potest: nihil porro in peccato detestabilius est, & magis odio dignum, quam quia contra Dei amorem est perpetratum: quoties enim peccatur mortaliter, præceptum de Deo

amando infringitur: mandatum namque hoc magnum est, unde universa lex pendet: qua vero fronte audebit aliquis dicere, se de Deo non summe amato dolere, si ne tunc quidem amare incipiat, quando dolere se prohibetur? ergo &c.

Quartum: quisquis peccavit mortaliter, reus furti contra Deum, & enormis injustitiæ factus est: ideo autem potissimum est latro effectus, quia amorem summo Deo nulle titulis debitum, in vilem transtulit creaturam: vere ergo poenitens, & venia dignus censi non potest, nisi restituat quod injuste abstulit: non dimittitur delictum, nisi restituatur ablatum; atqui amoris restitutio, nisi amando fieri nequit: vere ergo poenitens, vereque conversus, qui non amat dici non potest.

Nec est quod reponatur, dimitti, etiam sine restitutione delictum, si restituendi facultas desit: sic enim absolvi potest, imo & debet, qui decem nummos furatus, ad tantam redactus est egestatem, ut nec ex integro, nec ex parte valeat restituere: hæc, inquam, oppositio, argumentum confirmat magis quam vim ejus imminuat: quamquam enim in hoc casu restituere homo non tenetur, cum nemo obligetur ad impossibile, tenetur tamen (quod in ejus est potestate) veram habere restituendi, quando poterit, voluntatem; nec alia potest conditio absolvi. Jam sic subsumo; atqui ad restituendum Deo amorem, sola opus est voluntate, cum amor ipse actus voluntatis sit, quo nihil magis est in hominis potestate, ergo qui non amat, hoc ipso nolle amare convincitur: quod si amare non vult, restituere ablatum non vult: adeoque nec est conversus, nec venia dignus.

Quintum. Quamdiu homo in morte spirituali jacet, putari non potest ad gratiam reconciliationis obtinendam dispositus: illos enim solum, inquit S. Gregorius M. (hom. 26 in Evang.) debemus per pastorem nostrum cognoscimus per suscitament gratiam vivificare: atqui ex scriptura sacra, qui non diligit manet in morte: neque id mirum, cum caritas sit spiritualis animæ vita: ergo &c.

Deinde. Tunc homo justificatur, cum Deus ad eum venit, ut faciat apud illum mansionem; atqui teste & doctore Christo, non venit Deus nisi ad illum a quodiligitur, si quis diligit me . . . & pater meus diligit eum: & ad eum venimus &c. ergo qui non diligit, caret conditione, ad justitiam & reconciliationem prorsus necessaria.

Præterea motus ille est ad justitiam & reconciliationem penitus necessarius, a quo tamquam a causa pendet peccatorum remissio;

atque eodem doctore Christo, a caritate tamquam a causa dependet peccatorum remissio: *dimissa sunt ei*, inquit, *peccata multa, quoniam dilexit multum*: ergo &c.

Secundum sic informatur: qui magis aliquid diligit quam Deum, non est Deo dignus; adeoque quamdiu in hoc statu manet, gratiam nequit & iustitiam obtinere; atque peccator sine ullo divini amoris sensu ad Sacramentum accedens, magis aliquid amat quam Deum, Deum enim non amat, ut supponitur, sed impossibile est, ut penitus nihil amet: quia, ut prædiximus, non potest cor hominis vivere sine amore, quomodo non potest sine calore esse ignis; amat ergo creaturam, magisque amat quam Deum, quem omnino, in hypothese nostra, non amat: unde iterum sequitur, quod Christo dignus non sit, & non possit peccatorum veniam obtinere: *de quo Christus dicit*: non est me dignus: inquit S. Aug. (no-vo edit. serm. 349) *non est cum illo: qui cum illo non erit, ubi non erit . . . time sine illo esse; quia cum diabolo eris, si cum Christo non fueris*.

Septimum. Qui nihil est coram Deo, & cui opera omnia quæ facit, quantumlibet excellentia videantur, ad iustitiam nihil prosunt, non potest dici ad illam obtinendam sufficienter dispositus; atque ex Apostolo, homo qui caritatem non habet, coram Deo nihil est, nec ei prodesse quidquam possunt opera omnia quæcumque facit, ne excepto quidem martyrio, quo nullum est opus in religione sublimius, cuiusque tanta dignitas & efficacia est, ut baptismo æquiparetur: ergo qui præter gehennæ metum, ad Sacramentum penitentiae nihil affert, coram Deo nihil est, nihil prodest ei timor suus: atque adeo justificari non potest: quis enim dicere audeat, maiorem timoris, quam martyrii esse virtutem?

Octavam. Qui sub anathemate est, & pœnis æternis obnoxius, procul dubio ad peccatorum veniam obtinendam nondum est satis dispositus, atque ex Apostolo qui non amat Dominum Jesum Christum, est subanathemate, pœnamque æternam meretur: ergo &c.

PROBATIO SECUNDA.

Ex eo quod posita sententiæ contrariæ veritate, divini amoris necessitas penitus evanescat.

Alteram ex divini amoris mandato petimus, nec minus efficacem probationem: nisi homo ad reconciliationis Sacramentum accedens, teneretur aliquo Dei amore, & inchoatæ saltem dilectionis motu informare actum attritionis, iude sequeretur quod posset salutem æternam

consequi, etiamsi nec semel in vita Deum amasset; atque Eilsun illud consequens, & ab omni pietatis sensu aliorrens: hinc merito clerus Gallicanus in comitiis generalibus an. 1700 habitis, sequentes propositiones, ab Innoc. XI Pont. Max. magna ex parte jam ante damnatas (*die 2 Martii an. 1679*) confixit:

„ 16. Sulsit ut actus moralis tendat in finem ultimum interpretative: hunc homo non tenetur amare, neque in principio, neque in decursu vite moralis.

Censura: hæc propositio est hæretica.

„ 17. An peccet mortaliter, qui actum dilectionis Dei semel tantum in vita eliceret, affirmare non audeamus.

„ 18. Probabile est, ne singulis quidem rigorose quinquenniis per se obligare præceptum caritatis erga Deum.

„ 19. Tunc solum obligat, quando tenemur justificari, & non habemus aliam viam quam justificari possumus.

„ 20. Præceptum amoris Dei per se tantum obligat in articulo mortis.

„ 21. Præceptum affirmativum amoris Dei & proximi, non est speciale, sed generale, cui per aliorum præceptorum adimpletionem satisficit.

Censura: hæc propositiones sunt scandalosæ, perniciosæ, piarum aurium offensivæ, erroneæ, impiæ, primum & summum mandatum irritum faciunt, atque Evangelicæ legis spiritum extinguunt . . . ergo &c.

Probatur major: ille potest sine ullo dilectionis motu salvari, qui potest absque ulla amoris scintilla fieri iustus; nam qui gratia sanctificante donatur, habet in se æternæ gloriæ germen, & adoptivus Dei filius fit: quod si filius, habet hoc ipso æternæ hereditatis promissionem: *ipse spiritus*, ait S. Paulus (Rom. 8, 16 & seq.) *testimonium reddit spiritus nostro, quod sumus filii Dei: si autem filii, & heredes, heredes quidem Dei, coheredes autem Christi*.

Atque in adversariorum hypothese potest homo justificari, etiamsi actum dilectionis Dei nec semel in vita eliceret: quod facile est demonstrare. Ponamus aliquem ab ipso rationis exordio vitiis omnibus deditum, omnique flagitiorum genere contaminatum, cui nihil antiquius fuerit, quam universam Dei legem, ipsumque primum mandatum, pravis cupiditatibus indulgendo infringere: ponamus insuper, hominem hunc, cum fidem penitus non amiserit, terribilis Dei iudicii, & emulationis ignis, quæ consumptura est adversarios (Hebr. 10, 27) terrore subitaneo concuti: jamque tunc incipere displicere sibi, nullique mora facta properare ad penitentiae Sacramentum, vitam præ-

præteritam accusare, sacerdoti significare, quam acriter, contemplatione divini iudicii, & propter instantis gehennæ metum, suorum scelerum recordatione pungatur: hæcque dispositione præmissa, quam sufficere adversarii contendunt, Sacramentali absolutione donari: ponamus denique, statim atque audiverit sacerdotem dicentem sibi: *ego te absolvo* &c. inopino casu corruptum & vivis excedere, & ante tribunal supremi iudicii comparere: jam sic contrahio argumentum:

Homo ille toto vitæ decursu Deum, ut supponimus, non amavit; non amavit in ultima confessione, quam solo quassatus gehennæ metu emisit; non amavit, postquam fuit sacerdotis sententia absolutus, nec vero potuit, quia repentina morte ereptus huic sæculo, tempus amandi non habuit; atqui tamen si vera adversarii narrant, obdormivit in Domino, verique propter solum gehennæ metum est reconciliatus: ergo sine ulla dubitatione salvatur, cum juxta divinæ providentiæ leges repugnet, hominem justum & in Domino mortuum, ab æterna hereditate propelli: ergo iterum fateantur necesse est, posse hominem ad ultimum salvari, qui Deum numquam amaverit: adeoque quod cogitatu horribile est, immerito de diligendi Dei præcepto dixisse Christum: *hoc est maximum & primum mandatum: non causam attulisse pro causa, quando de peccatrice muliere sic pronunciavit: (Luc. 7, 47) veniuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum; cui autem minus dimittitur, minus diligit: deceptum Apostolum quando generatim asseruit, quisquis non amat Deum sub anathemate esse: meritum Joannem dum affirmavit, qui non diligit, in morte manere: immerito denique Apostolos Christi caritatis necessitatem tanta sollicitudine prædicasse.*

Præcluditur effugium duplex.

Nec est, quod dicatur,

1. Hominem illum damnari, non quia dispositione aliqua caruit, ad Sacramentum necessario præmittenda, sed quia Dei ante vitæ finem diligendi præceptum infregit.

Nam ad expiationem hujus peccati quod in primi mandati violatione consistit, vel sufficit attritio ex gehennæ metu concepta, vel non: si primum, ergo ab hoc peccato vere est sacerdos solutus: unde nihil obstat, quominus in cælum statim evolet; quod enim post acceptam absolutionem, antequam temporalem vitam finiret, Deum non amaverit, imputari non debet ad culpam, cum statim post reconciliationem ereptus huic sæculo fuerit: si secundum, secum ergo ipsis adversarii pugnant, eo-

que tandem adiungunt, ut fateantur, dilectionis divinæ motum, ad obtinendam in Sacramento reconciliationem, absolute esse necessarium; cum nemo ad poenitentiam mortali inquinatus peccato accedat, qui non pariter violati primi mandati sit reus.

Neque etiam est, quod reponatur 2, ideo hominem hunc non salvari, quia non attulit ad ultimum vitæ suæ confessionem, necessariam in extremo vitæ dilectionis Dei conditionem; nam, inquit aliqui recentiores, etsi toto vitæ decursu sufficiat in Sacramento servilis sine amore attritio; aliter tamen in ipso mortis articulo debet esse iudicium, ubi scilicet agitur de summa rerum.

Quam enim ridicula sit exceptio hæc, & ab ipsis adversariorum principis aliena, opinor esse neminem qui non sentiat: nam, quæso, numquid quoties in vita homo ad poenitentiam Sacramentum accedit, non agitur de summa rerum? numquid alicui revelatum est, quam modo edit confessionem, postremam vitæ non esse futuram? qui ergo compellente veritate fatentur, ei qui pro vice ultima confitetur, necessariam absolute esse Dei dilectionem, hoc ipsum de qualibet confessione fateantur necesse est; tum quia eadem Sacramenti, quocumque tempore suscipiatur, materia est, adeoque sufficiens una vice attritio, sufficiens quocumque tempore, & quibusvis in circumstantiis est putanda: tum quia quocumque tempore peccator secundam, naufragio facto, tabulam quaerit, rem agit præcipuam, unde salus æterni dependet: quod si mordicus negare adversarii pergant, necessariam esse in vitæ decursu Dei dilectionem, his qui ad poenitentiam Sacramentum accedunt, nulla causa est, cur hoc ipsum de ultima confessione affirmet: ideam enim ubique, ut prædiximus, Sacramentum est.

Hinc illa exceptio non recentioribus omnibus, sed admodum paucis arsisit, & a plerisque nec sine stomacho refutata: sic eorum aliquis (P. Mahaudot Societ. Jesu) in Thesisibus an. 1714 publice in Gallia propugnatis: (in collegio Jesuitarum Cadomenium) "præter cætera sic statuebat: de attritione (ex solo timore gehennæ) quid sentiendum? dicimus, illam esse sufficientem omnino ad Sacramentum poenitentis dispositionem; nec ullam ad absolutionis effectum, sive intensam, sive remissam contritionem requiri: est autem hæc nostra sententia, non probabilior tantum, nec vera solum speculative; sed prælice etiam ac moraliter plane certa . . . non defuere tamen, qui pro ipso mortis articulo ubi de summa rerum agitur, aliter statuerunt existimaverint: sed hæc restrictio non placet: cum eadem sententia nostra omne primum, &c.

deas ac morale dubium excludat; est ea
quantum ad Sacramenti valorem, in eo non
minus articulo, quam alias semper in praxi
tutissima.

Ita prædictus Sacræ Theologiæ professor:
cujus doctrinam etiam manifestum sit adversari
primo & maximo mandato, & peccatorem in
extremis positum, injecla falsa securitate, ad
finalem impenitentiam ducere; fatendum ta-
men attritionis servilis defensorum principiis
apprime esse consentaneam; & ab illis sponte
ac naturaliter fluere.

PROBATIO TERTIA.

Ex Sanctis Patribus.

Tertium ducimus argumenti genus ab aucto-
ritate SS. Patrum, quos in adstruenda divini
amoris ad reconciliationem necessitate plene
consentire ex prolatis hæcenus eorum testimo-
niis certum est. Nam

1. Qui negant servilem attritionem ad con-
versionem sufficere, consequens est ut amoris
necessitatem defendant: atqui dolorem ex ge-
henne metu conceptum ad reconciliationem
sufficere negant patres: quia nec voluntatem
peccandi excludit, nec potest cor immutare:
ergo amorem necessarium esse propugnant.

2. Idipsum adversariorum confessio probat:
qui enim novam suam doctrinam fatentur,
profecto agnoscunt sibi patres esse contrarios;
atqui qui pro attritionis servilisufficiencia pu-
gnant, novam suam doctrinam esse fidentur,
nec altius decimo sexto sæculo repetunt suæ,
hoc est humanæ traditionis originem; nec mul-
tum curant de patribus sibi conciliandis, quip-
pe qui de penitentia, si iis credimus, parum
accurate scripserint: ergo &c.

3. Amorem Dei saltem initialem patrum ju-
dicio esse necessarium, manifestum erit revol-
vendi eorum sententias supra descriptas, qui-
bus nonnullas in præsentia, ad majorem verita-
tis illustrationem, addere juvat.

S. Augustinus.

Invictissimus ille, non minus caritatis, quam
gratie Christi defensor, neminem posse sine
dilectione fieri justum, non velut opinionem,
sed ut dogma auctoritate divina certissimum pro-
pugnavit: non hic in quaerendis testimoniis, quæ
infinita occurrunt, sed in brevioribus ejus senten-
tiis, ne lectorem defatigemus, seligendis est labor.

In lib. de spir. & lit. c. 8, de Judæis lo-
quens: quicumque, inquit, faciebant quod lex
jubet, non adjuvante spiritu gratiæ, timore
penæ faciebant, non amore justitiæ: ac per

hoc coram Deo non erat in voluntate, quod co-
ram hominibus apparebat in opere: postiusque
ex illo rei tenebantur, quod eos movebat malle,
si fieri potset, impune committere.

Lib. c. 14, mandatum, si fit timore penæ,
non amore justitiæ, serviliter fit, non libera-
liter; & ideo nec fit: non enim fructus est bo-
nus, qui de caritatis radice non surgit.

Et c. 19, ex hac promissione, hoc est, Dei
beneficio, lex impletur, sine qua promissione
prevaricatoris facit, vel usque ad effectum
mali operis, si etiam repagula timoris concu-
piscentiæ flamma transierit; vel certe in
sola voluntate, si timor penæ suavitatem libi-
dinis vicerit.

Lib. de nat. & gratia c. 57, sub lege est,
qui timore supplicii, quod lex minatur, non
amore justitiæ, se servit abstinere ob opere
peccati, nondum liber nec alienus a voluntate
peccandi: in ipsa enim voluntate reus est, quæ
mallet, si fieri posset, non esse quod timeat,
ut libere faciat quod occulte desiderat, &c.

Ep. 145 ad Anastasium: (al. 144) inanimiter
putat victorem se esse peccati, qui penæ timore
non peccat; quia etsi non impletur foris ne-
gotium male cupiditatis, ipsa tamen mala en-
cupiditas intus est hostis... inimicus ergo ju-
stitiæ est, qui penæ timore non peccat: ami-
cus autem erit, si ejus amore non peccat; tunc
enim vere timebit peccare; nam qui gehennas
metuit, non peccare metuit, sed ardere; ille
autem peccare metuit, qui peccatum ipsum si-
cut gehennas odit... tantum porro quicquid
peccatum odit quantum justitiam diligit: quod
non poterit lege terrente per litteram, sed Spi-
ritu sanante per gratiam.

Lib. 15 de Trin. cap. 18, nisi, inquit, tac-
tum imperiatur cuique Sp. Sanctus, ut eum
Dei & proximi faciat amatorem, a sinistra
transfertur ad dexteram.

Tracl. 5 in Ep. Joannis: filii Dei discernun-
tur, sola dilectione & caritate a filiis diaboli.
In expositione Ep. ad Galatas: non auferun-
tur peccata, nisi gratia fidei, quæ per dilectionem
operatur.

Libro de patientiæ. 12, quid est homo utens
in hac vita propria voluntate, antequam eligat
& diligat Deum, nisi intus & impius?

Lib. 83 qq. qu. 36, justitiæ non serviliter,
sed liberaliter servendum est: id est, caritate
potius quam timore.

Serm. 7 de tempore: nunc iam ad vos, in-
quit, loquor penitentes, qui penitentiam in Ec-
clesia accepistis, qui agitis: vos modo satis de-
betis amare Deum, & a timore iam ad dile-
ctionem transire: quia sic legimus in Evange-
lio de peccatrice illa: cui multum dimittitur,
multum diligit.

Tracl.

Tract. 6 in Joannem, non prodest, si quis tradat corpus suum, utique pro nomine Christi, ita ut ardeat, & illud non faciat caritate... parique sensu, concione 21 in Ps. 118, non prodest inter quantacunque tormenta martyrii confiteri, si caritas in confitente non est.

Quanta hinc ad redarguendos servilis attritionis protectores argumentorum seges enascitur!

1. Enim, hæc ad reconciliationem obtinendam non sufficit præparatio, per quam, si sola fuerit, homo magis reus fit: sed qui solo timore pœnæ, non amore justitiæ reconciliari cum Deo petunt, hoc ipso ex S. Aug. rei tenentur potius quam pœnitentes: ergo &c.

2. Si quando debet fructus pœnitentiæ esse bonus, tum sane præcipue, cum ad Sacramentum reconciliationis acceditur; atqui ex Sancto Doctore, fructus nequit esse bonus, qui de caritatis radice non surgit: ergo qui Deum amare saltem non incipiunt, dignos pœnitentiæ fructus facere, etiam in Sacramento non possunt.

3. Sine peccati odio pœnitentia vera non est; atqui sine amore justitiæ nequit odium peccati intelligi: tantum quisque, inquit, peccatum odit, quantum justitiam diligit: ergo sine amore justitiæ pœnitentia esse nequit.

4. Qui inimicus justitiæ est, caret dispositione necessaria ad veniam obtinendam; sed qui pœnæ timore non peccat, inimicus justitiæ est, nec aliter ex Aug. potest esse amicus, nisi ejus amore non peccando: ergo &c.

5. Qui petit per pœnitentiæ Sacramentum Deo reconciliari, petit transferri a sinistra ad dexteram: sed ex eodem, nemo transfertur a sinistra ad dexteram, nisi qui Dei per gratiam Sp. Sancti amator est: ergo &c.

6. Nemo reconciliatione in Sacramento dignus putatur, nisi amet proximum, etiam a quo læsus gravissime fuit: nec enim possumus esse Dei filii, nisi inimicos nostros dilexerimus: quanto ergo magis reconciliatione indignus est judicandus, qui Deum tam sæpe tamque enormiter offensum amare saltem non incipit?

7. Tamdiu homo est a beneficio reconciliationis arcendus, quandiu injustus est, impius, & filius diaboli, atqui juxta S. Aug. homo, antequam eligat & diligat Deum, est injustus & impius, nec aliter quam dilectione & caritate filii Dei a filiis diaboli discernuntur: ergo &c.

8. Nemo potest justificari, nisi qui ex servo peccati fit servus justitiæ: liberati a peccato, inquit Apostolus (Rom. 6, 18) servi facti estis justitiæ; atqui, ait Aug. justitiæ non serviliter, sed liberaliter serviendum est: id est caritate potius quam timore: ergo &c.

9. Quibus eadem implenda conditio est, quam mulier peccatrix, ut absolveretur, implevit, non debent sine amore ad Sacramentum accedere; atqui ex S. Aug. qui pœnitentiam in Ecclesia accipiunt & agunt, hæc debet conditionem implere: vos modo, inquit, debetis amare Deum, & timore jam ad dilectionem transire: quia sic legimus in Evangelio de peccatrice illa; cui multum dimittitur, multum diligit: ergo &c.

10. Non minor est ad Sacramentum pœnitentiæ, quam ad martyrium dispositio asserenda; atqui ex S. Aug. imo juxta doctrinam Apostoli, cujus verus est ac fidelis interpres, quantacunque sint tormenta martyrii pro Christi nomine tolerati, si caritas in confitente non est, nihil proderunt: ergo a pari quantumlibet vehemens fuerit dolor ex pœnarum timore conceptus, nisi comitem habeat Dei dilectionem, ad veniam in Sacramento pœnitentiæ obtinendam satis esse non poterit.

Occurritur cuidam objectioni.

Quæ malorum litigatorum fraus est, ut leges quantumvis contrarias, omni industria torqueant, & in proprium sensum, quoad fieri potest, inflectant; hæc in præseenti adversarii adhibent, Augustinus sibi, reluctante licet, & amoris Dei præcone in tam exitium vindicantes.

Nituntur porro quodam ejus testimonio, (lib. de catechizandis rudibus, c. 17) ubi S. Doctor tria hominum ad fidem venientium genera distinguit.

In 1 sunt, qui propterea volunt esse Christiani, ut aut promereantur homines, a quibus temporalia commoda expectant; aut quia offendere nolunt quos timeant: de illis veropronunciat, quod reprobi sint, si se non correxerint.

In 2 sunt alii, meliori quidem spe, sed tamen non minoris periculo, qui jam Deum timeant, & non irrident christianum nomen, nec simulato corde intrant in Ecclesiam Dei: sed in ista vita expectant felicitatem, ut feliciores sint in rebus terrenis, quam illi qui non colunt Dominum, & isti, inquit, cum viderint quosdam sceleratos & impios, ista sæculi prosperitate pollere, & excellere; se autem vel minus habere ista, vel amittere, perturbantur, tamquam sine causa Dominum colant, & facile a fide deficiunt.

In 3 est, qui propter beatitudinem sempiternam & perpetuam requiem, que post hanc vitam Sanctis futura promittitur, vult fieri christianus, ut non eat in ignem æternum cum diabolo, sed in regnum æternum intret cum Christi.

Christo: & ille, inquit, vere christianus est; cautus in omni tentatione, ne prosperis rebus corrumpatur; & ne frangatur adversis, & in abundantia bonorum terrenorum modestus & temperans, & in tribulationibus fortis & patiens; qui etiam proficiendo perveniet ad talem animum, ut plus amet Dominum, quam timeat gehennam; ut etiam si dicat illi Deus, utere deliciis carnalibus semperternis, & quantum potes pecca, nec morieris, nec in gehennam mitteris, sed mecum tantummodo non eris: exhorrescat, & omnino non peccet; non jam ut in illud quod timebat, non incidat, sed ne illum quem sic amat offendat.

Hinc si eruant argumentum:

Idem, nobis ipsis fagentibus, de præparatione ad poenitentiae Sacramentum, ac de præparatione ad baptismum necessaria debet esse judicium; atqui ex S. Aug. timor gehennæ est sufficiens præparatio ad Christi amplectendam fidem, & baptismum suscipiendum: ergo a pari &c.

Prob. min. qui verus est christianus, ad baptismatis Sacramentum est sufficienter dispositus; atqui ex S. Doctore, qui venit ad fidem ex motivo timoris inferni, & spei beatitudinis, verus hoc ipso est christianus: est, inquit qui . . . vult fieri christianus, ut non est in ignem æternam cum diabolo, sed in regnum æternum intrat cum Christo: & ille vere christianus est: ergo &c.

R. Admitto auctoritatem: ad argumentum inde inflexum, concessa maj. n. min. ad cuius probat. data iterum maj. dist. min. qui venit ad fidem ex motivo timoris inferni, & spei beatitudinis, verus hoc ipso est christianus, si præter fidem ac spem, etiam dilectione ducatur, conc. i. secus, n. min. & conseq.

E. R. Volunt adversarii locum hunc Sancti Augustini debere cum amoris exclusione absolute intelligi: illud porro est, quod magnis gravibusque rationibus inficiamus.

Nam 1. Quis facile sibi persuadeat S. Doctorem in hujus libri c. 17 hoc ipsum evertere, quod ejusdem libri capitibus præcedentibus perspicue, suoque more solidissime adstruit? atqui in hujus tractatus prioribus posterioribusque capitibus, venientibus ad fidem, Dei amorem necessarium esse, non obiter solum insinuat, sed ex professo saepeque inculcat: liber ille inscribitur, *de catechizandis rudibus*, id est fidei principii imbuendis iis qui catechumeni sunt, & volunt fidem amplecti: statim autem ab initio eos qui catechizandi munus obeunt, admonet, ut ad caritatem tamquam ad finem, ea quæ catechizandum loquuntur, cuncta referant, & ejus excellentiam iis quos loquendo instruunt, ob oculos ponant.

Quod postquam c. 3 est præfatus, c. 4 sequente ponit principium a Christo in Evangelio revelatum; totum nimirum legem & prophetas in illis duobus pendere præceptis, dilectionis Dei & proximi: indeque ita concludit: hac ergo dilectione tibi tanquam sine proposita, quo referas omnia quæ aicis; quidquid narras, ita narra, (quisquis catechista illicio fingeris) ut ille (catechizandus) cui loqueris, audiendo credat, credendo speret, sperando amet; vult ergo S. Aug. sic debere ad baptismum præparari qui catechizantur, ut ab auditu ad fidem, a fide ad spem, a spe ad caritatem adducantur.

Neque hic sistit doctor excellentissimus; nam præter cætera quæ in hujus decursu voluminis de caritatis ad justificationem necessitate mirabiliter disserit; tempus evangelii ab ætatibus prioribus sic distinguit, ut genuinum ejus propriumque characterem asserit esse, quod caritate ejus qui præcepit, fiant quæcumque præcepit: ex adventu Christi, inquit, (ib. cap. 21) sexta sæculi ætas agitur: ut jam spiritualis gratia, quæ paucis tunc Patriarchis & Prophetis nota erat, (in lege veteri) manifestaretur omnibus gentibus, ne quisquam Dominum nisi gratis coleret, non visibilia præmia servitutis sue, & præsentis vite felicitatem, sed solam vitam æternam, in qua ipso Deo frueretur, ab illo desiderans: ut hac sexta ætate mens humana renouetur ad imaginem Dei, sicut sexta die homo factus est ad imaginem Dei: (Gen. 1, 26, & seqq.) tunc enim & lex impletur, dum non cupiditate rerum temporalium, sed caritate illius qui præcepit, fiant quæcumque præcipiunt.

Denique, ne percurrat singula, ejusdem libri c. ult. (27) breviorum catechismi, dum celeritate opus est, faciendi, formulam describens, præscribit ut catechista catechizandum sic alloquatur: non eos imiteris (quos videris in Ecclesia male viventes) sed potius conjungaris bonis, quos inventurus es facile, si & tu talis fueris: ut simul colatis & diligatis Dominum gratis, quia totum præmium nostrum ipse erit, ut in illa æterna vita bonitate ejus & pulchritudine perfruamur: sed amandum est, non sicut aliquid, quod videtur oculis, sed sicut amatur sapientia, & veritas, & sanctitas, & justitia, & caritas, & si quid aliud tale dicitur; non quemadmodum sunt ista in hominibus, sed quemadmodum in ipso fonte incorruptibilis & immutabilis sapientie: quocumque ergo videris hac amare, illis conjungere; ut per Christum, qui homo factus est, ut esset mediator Dei & hominum, reconciliaberis Deo.

Ignitur ex S. Aug. amor Dei ad reconcilia-

tio-

tionem ope baptismatis obtinendam est necessarium: adeoque quando dicit, eum qui motivo timoris & spei beatitudinis venit ad fidem verum esse christianum, non cum exclusione divini amoris hoc dicit.

Ita debere S. Doctorem intelligi textus ipse qui opponitur, absque eo quod ad præcedentia & sequentia recurramus, demonstrat.

Ibi enim Aug. tria venientium ad fidem genera distinguendo, plus aliquid tertio tribuit quam secundo; alioquin frustra discretionem hanc faceret; sed qui in 2 sunt, timore ad baptismum petendum ducuntur: *in secundo*, inquit, *sunt alii, meliori quidem spe, sed tamen non minori periculo, qui jam Deum timeant, & non irridic christiannomen, nec simulato corde intrant in Ecclesiam Dei:* ergo ex ejus sententia, qui in 3 ordine collocantur, timorem quidem ignis æterni habent, sed non sine Dei amore habent.

Deinde eos qui tertii generis sunt, veros christianos esse affirmat: *in tertio est, ait, qui vult fieri christianus, ut non eat in ignem æternum cum diabolo, sed in regnum æternum intrret cum Christo: & ille vere christianus est;* atqui eodem S. Aug. teste, nemo sine Dei amore potest verus esse christianus; *qui sunt veri christiani*, inquit, *(de bapt. l. 3, cap. 19) nisi de quibus Dominus dicit: qui diligit me, mandata mea custodit? quid est autem custodire mandata ejus, nisi in dilectione persistere?* ergo &c.

Præterea 2 & 3 generis catechumenos sic distinguit, ut alii quidem desiderio terrenæ felicitatis adhuc tangantur; secus vero alii: *in secundo sunt, ait . . . qui in ista vita expectant felicitatem, ut feliciores sint in rebus terrenis, quam illi qui non colunt Dominum, & isti cum viderint . . . se vel minus habere ista, vel amittere, perturbantur, tamquam sine causa Dominum colant, & facile a fide deficient . . . at longe aliter qui in 3 genere est, in omni tentatione est cautus, ne prosperis rebus corruptatur, & ne frangatur adversis, & in abundantia bonorum terrenorum modestus & temperans, & in tribulationibus fortis & patiens;* atqui hoc tantum discrimen sola caritas facere potest, quæ sola & malorum tolerantiam, & in rebus prosperis temperantiam atque modestiam, & in omni tentatione vigilantiam ac cautionem inspirat: ergo &c.

Denique hoc ipsum inde evincitur, quod juxta S. Aug. ille tertii generis catechumenus, non gehennæ tantum metu, sed & desiderio in æternum regnandi cum Christo ad fidem veniat: nempe ad 3 ordinem pertinet, qui propter beatitudinem sempiternam, & perpe-

tuam regiem, quæ post hanc vitam sanctis futura promittitur, vult fieri Christianus, ut non eat in ignem æternum cum diabolo, sed in regnum æternum intrret cum Christo; atqui desiderium hoc cum Christo regnandi sine caritate non est: ergo non debet hoc testimonium sensu exclusivo intelligi.

Inst. 1. Hæc S. Aug. sententia debet cum exclusione amoris absolute accipi: ergo &c. prob. subs. illud nondum habet catechumenus, ad quod proficiendo prædicatur perventurus; atqui ex S. Doctore ibi. tertii generis catechumenus, ad amorem proficiendo pertinet: proficiendo, inquit, *perveniet ad talem animum, ut amet Dominum:* nemo porro ad illud habendum proficit, quod ante habebat: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. n. min. & dico hoc testimonium mala fide ab adversariis, una sui parte truncari: non enim ait S. Aug. (proficiendo perveniet ad talem animum, ut amet Dominum;) sed, *proficiendo perveniet ad talem animum, ut plus amet Dominum, quam timeat gehennam:* aliud porro est, pervenire ad amandum, (quo significatur eum qui amat, amore antea caruisse,) aliud, pervenire ad plus amandum: (quod amoris denotat incrementum;) adeoque hic locus nedom merito contra nostram sententiam torqueatur, ad eam confirmandam mirifice facit: probatur enim ex illo, tertii generis catechumenum primo habere summum appetitativæ Dei amorem; & deinde proficiendo progressi ad ejusdem amoris gradum intensiorem: quod ne gratis dictum putes, attende qualiter a se ipso nondum proficiente, cum proficere incipit differat: primo enim in omni tentatione cautus erat nec prosperis rebus corruptebatur, nec frangebatur adversis, in abundantia bonorum terrenorum modestus & temperans, & in tribulationibus fortis & patiens: quod sine amore saltem initiali, ut prædiximus, esse non poterat, sed deinceps proficiendo longe generosior & audacior factus, perveniet, inquit, *ad talem animum, ut plus amet Dominum, quam timeat gehennam;* ut etiam si dicat illi Deus: *utere deliciis carnalibus semper, & quantum potes pecca, nec morieris, nec in gehennam mitteris, sed mecum tantummodo non eris: exhorrescat & omnino non peccet; non jam ut in illud quod timebat, non incidat; sed ne illum quem sic amat, offendat:* quod argumentum evidentissimum est, proficientem catechumenum, non ad amorem (quem ante habebat) sed ad augmentum amoris esse progressum.

Inst. 2. In hoc ipso libro (c. 5) S. Aug. dicit, in eo qui catechizatur, edificandam esse caritatem de ipsa severitate Dei, quæ corda

mortalium saluberrimo terrore quatiantur: ut ab eo quem times, amari se gaudens, eum redamare audeat: ergo, inquit, Aug. non requirit caritatem in catechumeno baptizando.

R. Conc. ant. & n. conseq. mira sane ac stupenda adversariorum jaſtantia est, qui iisdem telis vicisse se putant, quibus opinio eorum prosternitur: numquid enim hæc S. Doctoris verba pro amoris ad baptismum præmittendi necessitate aperta non sunt? equidem salutis ædificium a timore inchoandam affirmat: sed caritatem de ipsa Dei severitate ædificandam decernit: nec baptismi suscipiendi, & suscepti distinguens tempora (quod in argumento falso innuitur) dicit ædificandam in catechumeno esse caritatem de ipsa severitate Dei, ut ab eo quem times, amari se gaudens, eum redamare audeat; quæ sane verba qui ad probandum caritatem non esse baptismi præmittendam intorquent, haud mihi videntur felicius solidiusque discurrere; ac si quis ita iacineret magis quam disputaret: ex Apostolo, qui non diligit manet in morte: ergo ad gratiam ope Sacramenti recuperandam non est dilectio necessaria.

S. Joannes Chrysostomus.

In S. Aug. vindicando longior quam vellem fui, non tamen quam debui: nec enim paucis dicuntur, quæ diligentem explicationem requirunt.

In eandem sententiam S. Joannes Chrysost. (hom. 4 in 2 ad Corinth.) "cum peccaveris, inquit, ingemisce, non quod penas daturus sis; nihil enim hoc est: sed quod Dominum tam benignum, tam te amantem, tam denique salutis tuæ cupidum offenderis, ut filium quoque suum tua causa tradiderit; nec nunc lætum, cras autem mæstum, ac rursus lætum te præbe: verum perpetuo in luctu ac contritione tuo mane: attende leſor ad verba S. Doctoris: nihil enim hoc est: ut intelligas ex ejus mente, longe magis necessarium esse quod sequitur: ingemisce quod Dominum tam benignum, tam te amantem offenderis, &c."

Sandus Leo.

S. Leo Pontifex Max. serm. 7 de jejuniis 7 mensis, c. 1, (serm. 90) "quamvis, ait, varietates hostiarum, differentia baptismatum, & ostia sabbatorum, cum ipsa carnis circumcissione cesaverint; manent tamen: . . . etiam apud nos plurima præcepta moralis, & cum inde dicatur (in testamento veteri) diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo,

& diliges proximum tuum sicut te ipsum. Christo Domino dicente cognoscimus, quod in his duobus mandatis tota lex pendet & prophetæ: tantaque est sub hujus geminæ caritatis edicto, utriusque copula testamenti, ut sine istarum connexionem virtutum, nec lex quemquam inveniat justitiam, nec gratia: "nemo itaque ex ejus merito potest in nova lege, non secus ac in veteri, sine Dei amore justificari."

S. Gregorius Magnus.

Ecce tibi alterum ejusdem sententiæ acerrimum defensorem S. Gregorium Pontificem Max. præter cætera ejus superius relata verba: (hom. 26 in Evang. lib. 1 moral. c. 11) L. 9 commentar. in Job c. 22 sic loquens: quotidie culpas aspicias (Deus) & tamen vivendi spatia non citius abscindis; dona largiur benignitate sua, & erga malos utiliter patientia sua: respondere homo tot beneficiis debet; sed tamen respondere metuens non valet: quia humani generis conditorem qui adhuc serviliter formidat, procul dubio non amat; nam tunc solum Deo vera obsequia reddimus, cum cum propter amoris fiduciam non timeamus; cum nos ad bona opera affectus, non metus dirigit; cum malum nostræ menti jam non placet, etiam si liceat; nam qui a pervertitatis opere ex timore restringitur, perversa libenter ageret, si liceret: nequaquam ergo veraciter rectus est: bene itaque dicitur (Job 9, 35) neque enim possum metuens respondere: quia vere obsequia Deo non reddimus, si ex timore mandatis illius, & non potius ex amore servimus.

S. Petrus Chrysologus.

Cælestis creditor, inquit ille, (serm. 94) totum caritate compensat, & ad incrementum totius favoris, amoris solius exigit & requirit usuram: pleſtendus debitor, qui dilectione solam suam negligit redimere cautionem: vis scire homo quid Deo debeas? quod factus es, Dei creditum est: quod ex rationis capax, Dei servus est: quod discretionem boni malive possides, accepisti: & quod vivendi normam accepisti, per chirographum legis stipulanti Deo spondidisse te, non potes diffiteri: sed dum te per vitia carnis in lutum instar suis demergis, & quadrupedum more vivens, quæ præditus es ratione privaris, & in gurgite criminum, boni malive perditâ discretionem confundis, & divine legis substantiam dissipas, mundana voluptate captivus; factus es gloriosi favoris debitor lucifugus; cui deficientibus virtutum lucris, criminum multiplicatur usura: sed tunc in

in hac re cecideris, licet fueris in ista devolutus, vide ne desperes: homo remansit tibi unde piissimo satisfacias creditori: absolvi vis? ama: caritas cooperiet multitudinem peccatorum. Ita S. Petrus Chrysologus, cujus verba interpretatione non indigent.

S. Lidorus Hispanensis.

Qui sola pœna supplicii, ait iste, (lib. 2 sentent. cap. 21) in se vitia reprimi, quamvis non expleat opus peccati; vivit tamen in eo voluntas peccandi: doletque sibi esse illicitum quod lex prohibere dignoscitur: ille ergo mercedem boni operis percipit, qui amando justitiam facit, non is qui eam solo metu pœnarum invictus custodit.

S. Bernardus.

Patrum ille, nec verbis minus expressis numerum claudet: est, inquit, (Tract. de dilig. Deo c. 12) qui confitetur Domino, quoniam potens est: est qui confitetur Domino, quoniam sibi bonus est: est item qui confitetur, quoniam simpliciter bonus est: primus servus est, et timet sibi: secundus mercenarius est, et cupit sibi: tertius filius est, et defert Patri: itaque qui timet, et qui cupit utrique pro se agunt: sola, quæ in filio est, caritas non querit quæ sua sunt: quamobrem puto de illa dictum: lex Domini immaculata convertens animas: quod sola videlicet sit, quæ ab amore sui et mundi avertere possit animam, et in Deum dirigere, nec timor quippe, nec amor privatus convertunt animam: mutant interdum vultum vel actum, affectum nunquam: facit quidem nonnumquam et servus opus Dei, sed quia non sponte, in sua adhuc duritia permanere cognoscitur: facit et mercenarius, sed quia non gratis, propria trahi cupiditate vincitur: . . . sit itaque servo sua lex, timor ipse quo constringitur: sit mercenario sua cupiditas, qua et ipse ardeatur, quando ab ipsa trahatur, abstractus et illeclus: sed horum nulla aut sine macula est, aut animas convertere potest: caritas vero convertit animas, quas facit et voluntarias.

Inde sic efformo argumentum: præparatio ad reconciliationem in Sacramento obtinendam sufficiens talis esse debet, ut ab amore sui et mundi possit animam penitentem avertere; atqui sola caritas, ex S. Bernardo, potest ab amore sui et mundi avertere animam; timor vero pœnarum et amor privatus, etsi vultum vel actum interdum mutant, affectum tamen ipsum non mutant: ergo &c.

Deinde motus qui vel sine macula non est, vel animam nequit convertere, non est præ-

paratio sufficiens ad institutionem; atqui timor gehennæ, et cupiditas mercenaria, vel sive macula, eodem teste, non sunt, vel animas non possunt convertere: ergo &c.

PROBATIO QUARTA.

Ex Theologis veteribus.

Veteres Theologos appellamus, quos tulit ætas concilio Trid. antiquior, qui videlicet a sæculo 12, quo florere cepit Scholastica Theologia, ad initium 16 vixere: tanta porro illo annorum decursu, in admittenda amoris necessitate Theologiæ tractatorum consensio fuit, ut vix unus aut alter possit asseri, qui catechismum traditionis vel leviter intercederit.

Ita sane primi Scholarum proceres censuerunt, Richardus et Hugo, uterque Viëlorinus: Robertus Pullus: Magister sententiarum: Guillelmus Altissiodorensis: Guillelmus item Parisiensis: et alii maximo numero, quorum nomina et ætates diversas qui scire voluerit, consulat Joannem Morinum (lib. 2, de Sacram. c. 4) hujus argumenti diligentissimum expositorem; nobis sat erit pro opellulæ modula paucorum verba referre.

Atque in primis appellabimus S. Thomam summæ in Ecclesia auctoritatis magistrum; quem a suis plerumque, hoc tempore, in hac materia deserui, tristitia nobis magna est et continuus dolor cordi nostro: sic enim disertata Sancti Doctoris de necessitate amoris ad conversionem sententia est, ut negare penitentem necessarium esse amorem, idem sit ac negare se esse Thomistam.

S. Thomas.

Quod ut palam fiat, aliqua ejus expressiora testimonia congeremus.

Lib. 4 Contra gentes c. 72, „primum, inquit, quod in penitentia requiritur, est ordinatio mentis, ut scilicet mens convertatur ad Deum, et avertatur a peccato, dolens de commissis, et proponens non committendum: quod est de ratione contritionis: hæc vero mentis reordinatio sine gratia esse non potest: nam mens nostra debite ad Deum converti non potest sine caritate, caritas autem sine gratia haberi non potest.“

In quæst. disputatis (qu. 7, art. 11, ad 3) „ejusdem rationis est, quod voluntas feratur in appetitum contrarii, et in destinationem alterius: nullus autem usum habens liberi arbitrii potest inchoare novam vitam, quæ est per gratiæ infusionem, nisi

„ si amet & appetat gratiæ bonum : & ideo „ oportet quod detestetur omne malum re- „ pugnant ”.

Commentario in 4. sentent. (dist. 20, qu. 1, art. 1, questioncula 1, ad 1) „ Antio- „ chus, inquit, veniam consecutus fuisset „ si vere poenitisset; sed non habuit veram „ poenitentiam, quia non ex amore iustitiæ „ de peccatis commissis dolebat; sed timore „ pœnæ quam expedabat, vel dolore pœnæ „ quam sustinebat: & hoc etiam multis in fi- „ ne poenitentibus contingit; quia non est fa- „ cile, ut affectus quem homo toto tempore „ vitæ suæ inclinavit in aliquid, subito ad „ contrarium retrahatur ”.

1. Parte, qu. 21, a. 4, ad 1: „ in iustifica- „ tione inquit, apparet iustitia (Dei) „ dum culpas relaxat propter dilectionem „ quam tamen ipse misericorditer infundit ”.

1, 2, Qu. 113, a. 10, in Corp., est iste „ communis & consuetus cursus iustificatio- „ nis, ait, ut Deo movente interius animam „ homo convertatur ad Deum. primo quidem „ conversione imperfecta, ut postmodum ad „ perfectam deveniat: quia caritas inchoa- „ meretur augeri, ut aucta mereatur perfici „ sicut Aug. dicit: (trakt. 5 in Ep. Joan.) „ quandoque vero Deus tam vehementer ani- „ mam movet, ut statim quandam perfectio- „ nem iustitiæ assequatur ”.

3. Parte, qu. 84, a. 10, cuius titulus est: „ utrum Sacramentum poenitentiae debeat iterari? ”

ad veram poenitentiam, inquit, caritas re- „ quiritur, sine qua non deleatur peccata ”.

Ib. qu. 86, a. 2, ad 1: „ si in actu poe- „ nitentiæ, inquit, consideretur sola displicen- „ tia peccati præteriti, hoc immediate ad ca- „ ritatem pertinet: sed intentio operandi ad „ deletionem peccati præteriti, requirit spe- „ cialem virtutem sub caritate ”.

Ib. a. 3, ad 4: „ poenitentia, ait, est cum „ fide passionis Christi, per quam iustificamur „ a peccato; & cum spe veniæ, & cum odio „ victorum, quod pertinet ad caritatem ”.

Ibid. a. 5 in corp. actus enumerans, quibus

Deo operanti in poenitentia cooperamur: „ ho- „ rum actuum, inquit, primum principium „ est, Dei operatio convertentis cor, secun- „ dum illud: converte nos Domine ad te, & „ convertemur: primus vero actus, motus fi- „ dei; secundus, motus timoris servilis, quo „ quis timore suppliciorum a peccatis retra- „ hitur; tertius, motus spei, quo quis sub „ spe veniæ consequentis assumit propositum „ emendandi; quartus, motus caritatis, quo „ alieni peccatum displicet secundum se ipsum, „ & non jam propter supplicia; quintus, mo- „ tus timoris filialis, quo propter reverentiam

„ Dei aliquis emendam (vitæ scilicet melio- „ ris & satisfactionis propositum) Deo volun- „ tarius offert: igitur actus poenitentiae a ti- „ more servili procedit, sicut a primo motu „ affectus ad hoc ordinato; a timore autem „ filiali sicut ab immediata & proximo prin- „ cipio ”.

Ib. qu. 86, a. 3, in corp. ostendit, non pos- „ se per poenitentiam unum peccatum sine alio „ remitti: „ quia, inquit, peccatum mortale non „ potest sine vera poenitentia remitti, ad „ quam pertinet deserere peccatum, in quan- „ tum est contra Deum, quod quidem est „ commune omnibus peccatis mortalibus: ubi „ autem est eadem ratio, & idem effectus: „ unde non potest esse vera poenitentia, qui „ de uno poenitet, & non de alio. Si enim „ displiceret illi illud peccatum, quia: est con- „ tra Deum super omnia dilectum, quod re- „ quiritur ad rationem veræ poenitentiae, se- „ queretur quod de omnibus peccatis poenite- „ ret: unde sequitur quod impossibile sit „ unum peccatum per poenitentiam remitti „ sine alio ”.

Ex his pari quo recensita sunt ordinæ, ar- „ gumenta inferimus quæ sequuntur: 1 poe- „ nitentia est peccatoris ad Deum conversio; atqui „ iuxta S. Thomam nemo sine caritate potest „ debite ad Deum converti: ergo &c.

2. Poenitentia est mentis reordinatio, in „ conversione ad Deum, & aversione a peccato „ consistens: atqui reordinatio hæc, ex S. Thoma, „ sine caritate fieri nequit: idem enim ex „ ipso est, caritatem habere ac gratiam; atqui „ sine gratia reordinatio hæc esse non potest: „ ergo nec sine caritate ”.

3. Poenitentia, vitæ novæ est inchoatio: „ atqui ex S. Thoma nemo potest inchoare no- „ vam vitam, nisi amet & appetat gratiæ bo- „ num: ergo &c.

4. Ideo ex S. Thoma: Antiochus vere poe- „ nitens non fuit, quia non amore iustitiæ, sed „ timore pœnæ doluit de peccatis; ergo in ejus „ sententia timor non est sufficiens ad reconcili- „ andum preparatio.

5. Nec est quod reponatur, hoc Angelici „ doctoris principium ad solam legem veterem „ pertinere, in qua poenitentia sine Sacramento „ erat: hoc enim effugium ibidem præcludit, „ addens hoc ipsum, quod: Antiocho contigit „ etiamnum multis in vitæ fine poenitentibus „ evenire: quia, inquit, non est facile, ut af- „ fectus quem homo toto vitæ tempore inclina- „ vit in aliquid, ad contrarium subito retrahatur: „ itaque tam putat esse necessarium in „ nova lege de peccatis dolere ex amore iusti- „ tiæ, quam in lege veteri fuit.

6. Illud omnino in poenitentia requiritur, „ præ-

propter quod, id est, cujus intuitu Deus culpas relaxat: atqui ex S. Thoma Deus propter dilectionem culpas relaxat: ergo &c.

7. Nemo ad justificationem in Sacramento obtinendam sufficienter preparatus putari debet, nisi saltem imperfecte fuerit ad Deum conversus: atqui ex Angelico præceptore imperfecta conversio sine caritate non est, sive potius, est ipsa caritas inchoata: *iste est communis*, inquit, (1, 2, qu. 113, art. 10, inc.) *Et consuetus cursus justificationis, ut . . . homo convertatur ad Deum, primo quidem conversione imperfecta, ut postmodum ad perfectam deveniat, quia caritas inchoata meretur augeri, ut aucta mereatur perfici, sicut Aug. dicit &c.* hæc enim ratio vel omnino est sensus expertus, (quod absit ut de Doctore Angelico suspicemur;) vel probat absolute esse necessariam ad Deum conversionem; quæ secundum communem justificationis cursum, per inchoatam & imperfectam caritatem fieri debet: ergo &c.

8. Veram penitentiam in Sacramento esse necessariam negari non potest; atqui ex S. Doctore ad veram penitentiam ita requiritur criticas, ut sine illa peccata non delectantur: ergo &c.

9. Penitentia ad Sacramentum afferenda displicentiam requirit peccati præteriti; atqui displicentia hæc ex S. Thoma, immediate ad caritatem pertinet: ergo &c.

10. Vera penitentia sine odio vitii esse non potest; atqui odisse vitium pertinet ad caritatem, sicut ad timorem odisse penas: ergo &c.

11. Actus veræ penitentiae esse nequit, nisi principium habeat, unde immediate procedat: nec enim effectus sine causa, nec principium sine principio intelligitur: atqui ex S. Thoma actus veræ penitentiae a timore filiali, sicut ab immediato & proximo principio oritur: timor autem filialis vel caritas ipsa est, vel filia caritatis: ergo sine caritate actus veræ penitentiae, juxta Doctorem Anglicum, esse nequit.

12. Inde probat S. Thomas impossibile esse, unum peccatum mortale remitti sine aliis, quia non potest vere esse penitens, quem unius & non aliorum penitet: atqui hujus impossibilitatis non aliam causam affert, nisi quia ad rationem veræ penitentiae requiritur Dei super omnia dilectio, quæ stare cum peccati mortali affectu non potest: igitur veræ penitentiae character ex Angelico Præceptore est amor.

Scotus.

Angelico Præceptori accedit celeberrimæ Scotistarum Scholæ fundator Scotus propter accuratissimi quo vigeat acumen ingenii Doctorem

subtilis vocatus: cujus vel una, Theologis ab ejus nomine dictis, ad propugnandam in penitentiae Sacramento divini amoris necessitatem, satis esset auctoritas, si quam servide eum in admittenda divinorum attributorum actuali formali distinctione sequuntur, pariter zelo in cæteris, ejusdem vestigia premerent.

Hujus sunt verba notata dignissima: (in 4 sent. dist. 18) *contritio ad hoc ut sit dispositio ex congruo ad receptionem gratiæ, oportet quod sit voluntaria detestatio Et debita circumstantia finis; quod homo pœniteat, non solum propter timorem pœnæ, sed timore filiali . . . si timor non sit cum amore, non disponit ex congruo . . . & paulo post: (lib. dist. 20, q. unica) ad hoc, inquit, quod displicentia valeat, Et sit ordinata, oportet quod sit debite circumstantionata, Et maxime circumstantia finis, Et principii addivi principalis, ut scilicet sit voluntaria propter Deum . . . oportet non solum timere judicem, sed diligere: ut enim docere possit commissi, (iudex Deus) arbitrii libertatem quærit, non necessitatem; caritatem, non timorem.*

Duo hinc enascuntur ad sententiæ quam tuemur defensionem solidissima argumenta.

1. Est: contritio ad gratiam reconciliationis in Sacramento obtinendam sufficienter non disponit, nisi voluntaria peccati detestatio sit; atqui contritio ex solo gehennæ metu oborta, est peccati detestatio, Scoti iudice, plene voluntaria; neque obtinere hoc potest, nisi cum Dei amore conjungatur: quæ Doctoris subtilis doctrina, antiquis patrum documentis, ipsique rationi est consentanea: *inquit facit opus legis*, inquit S. Aug. (Cont. 11 in Ps. 118) *qui illud facit timore pœnæ, non dilectione justitiæ . . . (Enarrat. in Ps. 77) ex corde nullo modo fieri potest quod sit formidine pœnæ, non dilectione justitiæ . . . (lib. 2 cont. 2 Epist. Pelag. cap. 9) non fit in corde bonum, quod timore pœnæ, non amore justitiæ, fieri videtur in opere . . . (Ep. 144) qui gehennas metuit, non peccare metuit, sed ardere.*

Cujus ratio est, quia quæ metu extorquentur, affectu contrario in voluntate præexistente, adjunctam displicentiam habent, & sunt, ut Schola loquitur, secundum quid involuntaria: ut patet exemplo mercatoris, merces quas amat timore naufragii in mare projicientis. *Si quisquam existat*, ait idem Aug. (lib. 83 qq. qu. 70) *quem nunquam delectavit venatio, omnino liber est, utrum venari velit an nolit: nec cum cruciatu quisquis hoc prohibet; at si ista libertate male usus, venatus fuerit contra prohibentis imperium, paulatim surrepens delectatio mortificat animam: ut si se abstinere velit, absque molestia Et sine angore non possit . . .*

in-

indeque est quod S. Thomas constanter docet, (1, 2, qu. 6, art. 6, in c.) quæ per metum aguntur, mixta esse ex voluntario & involuntario: id enim quod per metum agitur, in se consideratum non esse voluntarium sed fieri voluntarium in casu, scilicet ad vitandum malum quod timetur . . . (ibid. in Resp. ad 1) motum voluntatis non ferri propter se ipsum in id quod per metum agitur: sed propter aliud, scilicet ad repellendum malum quod timetur . . . (ib. in c.) in eo qui per metum aliquid agit, manere repugnantiam voluntatis ad id quod agitur, secundum quod in se consideratur . . . (comm. in c. 8 ad Rom. lxxi. 3) qui per timorem bonum agit, non illud facere sponte, sed contra metum peccati, quod est proprium servorum: ergo &c.

2. Est; contritio, ut sit ad gratiam recipiendam dispositio congrua, bene debet, inquit ille, esse circumstantiata, & maxime circumstantia finis; atqui timenti tantum & non amanti deest illa conditio, quia non jam propter Deum, sed propter se ipsum dolere convincitur, adeoque servus est, timens sibi, non filius hominem deferens patri: ergo &c.

S. Bonaventura.

Ad stipulatur Seraphicus doctor Minoritani ordinis doctrinæ excellentia non minus quam eximia sanctitatis corypheus alter. „ Sacramenti, nemo recipit effectum, inquit, (in 4 sentent. dist. 18) nisi caritatem habent saltem in principio confessionis, vel in medio, vel in fine: multi habent in fine, qui tamen non habent in principio: & alii se credunt habere in principio & in fine, qui fortassis non habent: & alii non habent, nec credunt se habere: primi non incurrunt offensam, sed acquirunt gratiam: secundi evadunt offensam quamvis non acquirunt gratiam: tertii vero non acquirunt gratiam, sed iram“.

Sane, dispositio non est ad reconciliationem in Sacramento obtinendam sufficiens, quæ iram Dei accendit, nedum gratiam adducat; atqui ex S. Bonaventura præparatio quælibet caritate destituta iram Dei concitat, non conciliat gratiam: ergo &c.

S. Antoninus.

Quia timor servilis, ait iste, propter summam in consiliis explicandis prudentiam Antoninus consiliorum antonomaticus dicitur: „ quia timor servilis (in summa, 4 par. 15, c. 5) non est in caritate, ideo non sufficit ad salutem: & ideo penitentes, præcipue in gravibus infirmitatibus, oportet admonere, ne ad

penitendum & confitendum, propter huiusmodi principaliter moveantur: nam inutilis esset sibi talis penitentia: hæc expresse dicit D. Augustinus... quem ergo sero penitet, oportet non solum timere Deum iudicem, sed iustum diligere: non tantum penam timeat, sed etiam anxietur pro gloria“.

S. Bernardinus Senensis.

Qui contritior principaliter, inquit, propter timorem inferni, & non propter amorem Dei, non est in statu salutis, quia non dolet amore Dei, sed amore sui; ut cessaret damnationem propriam culpa, cessaret & contritio illa; licet ad veram contritionem concurrat dolor humilium, debet tamen concurrere amor inflammans: unde & si in peccatore initietur timor peccati, superveniens tamen amor talem timorem debet repellere.

Poteram longe plures addere, nisi foret superfluum, quando; ut non semel prædixi, certissimum est, nec unum toto illo temporum tractu, in tanto scriptorum numero reperiri, qui aperte sufficientiam timoris servilis, cum amoris exclusione propagaverit. Relegantur quæ capite secundo de iis præmissa sunt, qui pro contritionis perfectæ necessitate steterunt: ergo &c.

PROBATIO QUINTA.

Ex Theologis Tridentino Concilio equalibus, & posterioribus.

Quamquam 16 sæculo nata de sufficientia timoris servilis opinio multorum infecerit animos, suaque, ut fieri solet, novitate, & fulcramento probabilitatis adjuncta placuerit; non detinere tamen in Italia, Gallia, Belgio, Germania, Hispania, & aliis Ecclesiæ catholice partibus, Cardinales Eminentiissimi, Illustrissimi Præsulæ, doctores, sacerdotes, viri omnium ordinum Religiosi, qui tum in Synodis, tum in ritualibus libris, tum in catechismis, tum in pastoralibus documentis, tum in Theologicis lucubrationibus, antiquam doctrinam strenue ac feliciter defensarunt: quorum si minor in comparatione adversariorum numerus videatur, auctoritate certe, & pondere rationum, præsidioque antiquitatis superior est: & multis paucos, qui sequuntur, proferimus.

S. Thomas de Villanova: „ non de damno, inquit, vel de pena, vel de infamia, vel de turpitudine & vilitate peccati, sed dolendum est de peccato prout offensæ Dei: sic ut etiam si nullum incommodum de peccato proveniret, neque esset infernus, aut iudicium, neque

„ ali-

„ aliquis sciret, etiam displiceret peccatum,
„ quia Deus fuit offensus . . . vera contritio
„ ex amore Dei debet procedere, non ex timore,
„ aut amore sui . . . unde attritio & con-
„ tritio non tam differunt, quia contritio est
„ dolor tensus, & attritio est dolor remissus:
„ sed magis quia contritio est dolor perfectus
„ propter Deum, & attritio est dolor imperfe-
„ ctus, & mixtus cum aliis respectibus.”

S. Franciscus Salesius: „pœnitentia, inquit,
„ que non excludit amorem Dei, quamvis ad-
„ huc sine ipso sit, est bona & optanda pœ-
„ nitentia, sed imperfecta, & quæ salutem no-
„ bis dare non potest, donec ad amorem pro-
„ vecta sit, & cum ipso commixta: ita ut, si-
„ cut magnus Apostolus dicit, si corpus suum
„ traderet, & distribueret pauperibus omnes
„ facultates suas, caritatem autem non haberet,
„ sibi neque martyrium, neque eleemosynas ad
„ salutem profuturas: ita & vere dicere pos-
„ sumus pœnitentiam nostram, etsi tanta fo-
„ ret, ut in lacrymas oculi nostri resolveren-
„ tur, & dolore corda acinderentur, nisi san-
„ ctum Dei dolorem habuerimus, totum hoc ad
„ vitam æternam nihil profuturum.”

Iten S. Franciscus Salesius, cujus auctoritate
ad negandam prædestinationem plerumque ad-
versarii gloriantur: ita ut desumpto ex qua-
dam ejus ad Leonardum Lessium Ep. (si ta-
men genuina est) testimonio, frontispicia Li-
brorum adornent: quæ vero isthæc librorum
inæqualitas est, velle ejus (ut quidem obten-
dunt) judicio acquiescere, quando de exter-
minanda, ante prævisa merita, prædestinatio-
ne tractatur; eundemque, amoris Divini in
Sacramento pœnitentiæ necessitatem, tam al-
ta, tamque præclara voce prædicantem con-
temnere?

S. Carolus Borromeus.

Antequam confessarius pœnitentiam impo-
nat, ait, (in instr. de Sacram. pœnit.)
„ & absolutionem tribuat pœnitenti: videbit an
„ propter Deum veram peccatorum suorum con-
„ tritionem habeat; anque certum deliberatum-
„ que ei sit in posterum, quantum in se est,
„ divina gratia adiuvante a peccatis abstinere,
„ & quæ antea commiseris, pro iis satisfactio-
„ nem persolvere; quod si iis animo affectum
„ videris; monebis, valdeque hortaberis, ut pro
„ tanto beneficio maximas gratias agat Deo, ab
„ eoque celestis gratiæ præsidium petere nun-
„ quam desinat, quo adjuvus, prævis cupiditati-
„ bus facile resistere possit, si vero talem con-
„ tritionem illum non habere intellexeris, illius
„ desiderium accendere conabimur, hoc admonens,
„ propter Deum ipsum usque adeo quantum pos-
„ set, cum peccata dolere oportere, ut saltem

adjurice divina gratia, quam a Deo intime
preceatur, Sacramentique virtute, ex attritio
contritus fiat.

Et itaque teste de peccatis dolendum est
propter Deum: quod quid aliud est, quam
ex Dei amore dolere? qui enim tantum ge-
hennas metuit; non propter Deum dolet, sed
propter se.

Ludovicus Granatensis.

De quo illud, quam vere tam magnifice di-
ctum, quod sola ei desit antiquitas, ut pater
Ecclesiæ nominetur: constat plane, inquit,
(Conc. 1 in festo S. Mariæ Magdal.) nemi-
nem ex injusto fieri justum, nisi is peccatum
super omnia detestetur, illudque supra omnia
vitare constituit: hæc vero duo habere nemo
potest, nisi Deum diligat super omnia: hæc
enim tria dilectio Dei super omnia, odium
peccati, & propositum ejus omni opera &
studio vitandi, ita se mutuo consequuntur: ut
alterum sine altero consistere nullo modo que-
at . . . sine hac Dei dilectione neque vera
contritio, neque firmum accleris vitandi pro-
positum, ac proinde neque justificatio constare
potest.

Franciscus Toletus S. R. E. Cardinalis: (in
instr. Sacra. lib. 3, cap. 4) attritio, si
talis sit, ait, ut cognoscat penitens se non
detestari peccatum, ut est Dei offensio, sed
tantum ut est alicujus mali causa, & pœnæ
infernæ; quamvis bonus alius iste sit, tamen
non sufficit ad Sacramentum: immo qui sic
accederet, peccaret denuo, & non impleteret
præceptum, sed esset repetendum Sacramen-
tum: ne vero quis Lessione Toleti decipia-
tur, admonemus ita in prioribus & anti-
quioribus editionibus legi, Lugdunensis scilicet,
an. 1599, Mediolanensis, ejusdem anni:
Romana an. 1600, Antuerpiensis ejusdem anni:
Veneta anni sequentis 1601 &c. si quid ergo
mutationis in posterioribus Editionibus contig-
it, non auctori piissimo juxtaque doctissimo
adscribendum, sed malæ fidei editoribus, qui
magnum inde lucrum sperarunt, si tanti viri
auctoritatem posteritati eriperent.

Illustrissimus Cardinalis Clemens Dolera,
Molinianus dictus, cujus eo major auctoritas
est, quod opus ejus a S. Pio V Pontifice max.
dum supremi inquisitoris officio ante Pontifi-
catum fungeretur, cum laude probatum sit:
qui ex sui tantum amore, inquit, (de pœnit.
c. 34) sui commodi respectu, nempe ob sa-
lum gehennæ metum, de peccatis dolor procedit,
etiam quantumvis immensus sit; non est
qui cor contritum facit, aut veniam impetrat:
unde si servus domino quem offendit, dice-

vet: doleo equidem vehementer, quod te offenderim; non tamen propter te, sed propter me doleo, quia ob offensam merito cedor, vineulis constringor, bonis, quibus tibi obsequens suavis perfruor, ego misere careo: numquid penitentia hujusmodi intraret veniam? Deo ita dicit, quisquis ita dolet, quod ipsum offenderit, si propter se doleat, quia ob offensam creditur: non sinitur, neque irridetur Deus: debet sane dolor offensae impetrare veniam, esse de offensa, quia offensa illius est quem offendimus, & non tantum quia nobis damnosa & incommoda contritio: ergo quem Deus in nobis respicit, est dolor divinae offensae, non nostri tantum; sed illius praecipue causa quem offendimus, ejusmodi ut sit, Dei amorem, ex quo procedat, praerequirat.

Eminent. Cardinalis Denoff, Episcopus Cesenatensis: Contritio, inquit, (in instruct. de Sacram. penit.) quae requiritur in penitentibus, conditiones duas habere debet, quarum prima est, ut sit cum aliquo actu amoris Dei: quia mature pensatis omnibus rationibus, haec opinio probabilior est; & hic amor debet praeponderare omnibus aliis amoribus graviter inordinatis circa creaturas; ita ut appreciativo amore plus amet Deum, quam ea omnia, quae illum peccati mortalitatem effecerunt, aut efficere possunt: demonstratur autem hunc amorem praeponderare debere, ex necessitate absoluta in qua est peccator, excludendi a suo corde, & ejiciendi praedictum creaturarum amorem, in quo proprie consistit peccatum mortale: verum iste amor excludi non potest, nisi amore contrario, id est amore Dei, qui idcirco debet esse praedominans, ut vincat noxium creaturarum amorem.

Denique ut alios longe plures praeteream, Clerus Gallicanus in comitiis generalibus an. 1700 celebratis, postquam inter ceteras propositiones, nominatim istam: *attritio ex gehenne metu sufficit etiam sine ulla Dei dilectione, sine ulla ad Deum offensam respectu, quae talis honesta & supernaturalis est: gravi censura his verbis confixit: haec propositio, quae in dispositione necessaria ad absolutionem, excluditur quilibet ad Deum offensam respectus, contraria est, scandalosa, perniciosa, & in heresim inducit.* Sic prosequitur:

Clerus Gallicanus declaratio.

Post absolutam, inquit, propositionum censuras, superius quaedam pro rei gravitate emulcius exponenda, & ab ipsis principiis in apertam lucem deducenda.

Et quidem de dilectione Dei, sicut ad Sa-

cramentum baptismi in adultis, ita ad Sacramentum penitentiae, quae est laboriosus baptismus, requisita, ne necessariam doctrinam omittamus; haec duo in primis ex Sacrosancta Synodo Tridentina monenda & docenda esse diximus.

Primum, ne quis putes in utroque Sacramento requiri ut praeviam contritionem, eam quae sit caritate perfecta, antequam actu suscipiatur hominemque Deo reconciliet; aliter, ne quis putes, in utroque Sacramento securum se esse, si praeter fidei & spei actus, non accipiat diligere Deum, tamquam omnis iustitiae fontem.

Neque vero satis adimpleri potest utriusque Sacramento necessarium vires novae inchoandae, ac servandi mandata divina propositum, si penitens prius ac maximi mandati, quo Deus toto corde diligitur, nullam curam gerat; nec sit saltem animo ita preparato, ut ad illud exequendum, divina opulante gratia se se exciet ac provocet.

Placet etiam cavere a Sacramenti penitentiae ministris, ne in hoc penitentiae Sacramento, aliisque Sacramentis conferendis, sequantur opinionem probabilem de valore Sacramenti, relicta tutiore: neve penitentes iporum fidei animam suam committentes adnoscere cessent, ut in penitendo inchoate saltem dilectionis Dei incant viam, quae sola secunda sit: graviter peccaturi in hoc salutis discrimine vel eo solo quod certis incerta praeposant.

PROBATIO VI ET ULTIMA.

Ex Græcorum Orientalium consensione.

Denique non praetermittendæ Græcorum & Orientalium, quæ parvi sane momenti non est, in hujus doctrinae defensione haecenus infracta, nullaque novitatis admixtione violata constantia: quamquam enim peccatores ad poenitentiam, æternorum suppliciorum horrore extimulent, gehennæque metum bonum & utilem, cum Ecclesia Romana, hoc est, Catholica, esse contendat; quæ in re, ut in cæteris, a Lutheri & sequentium ejus opinione immensum distant: non hic tamen esse sistendum, nec posse solo timore veram poenitentiam circumscribi unanimiter sentiunt: hioc non aliam, quæ vere hoc nomine digna sit *transversaria* norunt, nisi quæ sincera ad Deum conversio fuerit, a quo per peccatum homo recesserat; adeoque duabus potissimum conditionibus definiendam affirmant, odio summo peccati, & summo amore Dei.

Contritio cordis, ait supra laudatus Nicephorus Paschalius, (in *Enchirid. de Sacram. penit.*)

tristi-

tristitia animæ est, & abnegatio peccati, quo Deus super omnia diligendus offensus est, cum firmo vitæ mutandæ, & peccati in posterum fugiendi proposito: indeque inferunt, ad recuperandam gratiam, non satis homini esse, a peccato recedere, & instituire novam vitam; sed utrumque pariter esse necessarium, odium videlicet atque dolorem vitæ præteritæ, & propositum de cetero non peccandi — dolorem hunc quovis aliter vehementiorem esse oportet: quemadmodum enim Deus, cum supremum bonum sit, summe & super omnia est amandus; ita peccatum quo Deus offenditur, cum supremum malum sit, summo odio dignum est, & supra quodvis aliud malum detestabile, &c.

Contritio, ait Neophytus Rhodinus, Montis Sinai Monachus (ineptissime doctrinæ Sacramentorum), acerrimus cordis est dolor de peccato contra Deum commisso: contra Deum, inquam: nec enim satis est, patienter timore poenarum affigi; sed quia contra Deum benefactorem suum peccavit.

Tria contritio continet, ait Gregorius Protosyncellus, (in Synopsi sacrament.) peccati descriptionem, de eodem contra Deum commisso dolorem, & ejusdem in posterum non committendi propositum: ad hæc omnia ferventi erga Deum caritatis homo excitatur, de qua a Theologis dictum, odio peccati, & ferventi in Deum caritate poenitentiam contineri: motivo namque triplici ad cordis contritionem ducitur homo; malitia ac deformitate peccati, caritate in Deum, & poenarum æternarum timore: quocirca timere gehennam poenitenti non sufficit; sed præterea necessarium est ut doleat, quod Deum benefactorem suum offenderis.

Eademque Alexii Raviburi, Damasceni Studite, & aliorum, in Catechesibus quas Græci communiter legunt, & in homiliis super Evangelia, doctrina est, sexcentis locis expressa.

Nec aliter sentiunt Orientales, quibus non satis est peccatores ad poenitentiam, terrore incusso poenarum salubriter adhortari: sed insuper admonere, sine amore Dei veram cordis conversionem esse non posse: unde ad exemplum peccatricis, poenitentes continuo revocant, cui teste Evangelio, peccata multa dimissa sunt, quoniam dilexit multum: hæc sane Michaelis Patriarchæ Antiocheni, Dionysii Barsalibi, Ebnasoli, utriusque Echmi, & aliorum uniformis doctrina est: indeque est, quod de attritione servili, omni Dei amore destituta, nec verbum faciant, immo ne nomen quidem proprium habeant ad illam significandam, solamque *συρτήριον καρδίας* id est, cordis contritionem, agnoscant.

Ratum itaque fixumque maneat, bonumque. De Re Sacram. T. III.

dem esse atque utilem dolorem ex gehennæ metu conceptum; sed tamen ad veram poenitentiam, & obtinendam reconciliationem, etiam in Sacramento non sufficere.

§. SECUNDUS.

Solvuntur objectiones.

His positis fundamentis, non erit difficile tela adversariorum repellere: duplici porro argumento potissimum innituntur. Primum ex natura & efficacia Sacramenti, alterum ex Concilii Trid. decretis petunt.

I.

Discutitur argumentum ductum ex efficacia Sacramenti.

Cum Sacramentum poenitentiae, inquit, fuerit a Christo in favorem hominum institutum; voluit Salvator ut ratione duplici posses per illud gratia reconciliationis conferri: 1. quidem & perfectius per amorem: 2. etsi imperfectius, per timorem: hucque videtur pertinere laudatum superius S. Hieronymi testimonium: (in cap. 1. Malach.) vult primum Deus, ut filii ejus simus, & bonum voluntate faciamus: si hoc consequi nolumus, ut saltem servos nos habeat, & a malis per suppliciorum formidinem recedamus. Ergo solus sine amore timor absolute sufficit.

R. Pateat magnum illum Dei erga homines fuisse favorem, quod in vestibulo collocaveris poenitentiam secundam, quæ pulsantibus patefaciat, ut loquitur Tertullianus, (lib. de poenit. c. 7) sed nego inde sequi quod voluerit duplici divisive ratione, sive per amorem, sive per solum timorem, indifferenter reconciliationis beneficium obtineri: in re enim tanti momenti, qualis poenitentia est, unde salutis summa dependet, non debemus de nostro quidquam, Scriptura aut traditione non prælucente, temerario affirmare; atqui divinitus fuisse provisum, ut vel per timorem solum, vel per amorem, suum effectum Sacramentum poenitentiae obtineret, nec Scriptura insinuat, nec traditio; cum e contra divini ubique amoris ad conversionem necessitas apertissime prædicetur: & vero quis setio credat Deum, in aliquo suo Sacramento adeo esse voluisse erga homines liberalem ac prodigum, ut eos abhujus præcepti observatione eximeret, unde, Christo attestante, universa lex pendet & propheta; cujusque observatio tum maxime necessaria est, cum de reconciliatione tractatur? quis sibi persuadeat peccatoris cum Deo ami-

citiam posse reintegrari, quandiu cor impoenitens gerit? impoenitens porro est, quandiu non est conversum ad Deum: conversum non est, quandiu non amat; quia timor licet properandæ conversionis sit incentivum; non tamen conversio ipsa est, ut ex argumentis superius adductis liquido constat. Ergo falso affirmatur, voluisse Deum, ut indiscriminatim timore vel amore, in sacramento reconciliationis fieret.

Jam quod ex S. Hieronymo opponitur testimonium, nihil plane contra nos facit: non enim hic loquitur de poenitentia, quæ ad reconciliationem conducit; neque soli timori conversionem, sed tantum discessionem ab exteriori actu peccati attribuit: quod non negamus posse per suppliciorum formidinem obtineri.

Inst. 1. probando propositionem negatam. Poenitentia in nova lege majorem ad iustificandum efficaciam habet, quam in veteri lege habuerit; quia ad vim ejus nativam virtus Sacramenti, quam ante non habebat, accessit: atque ideo minorem in poenitente dispositionem requirit; atqui nisi sufficeret timor poenitæ, sed insuper amor requireretur, eandem modo ac antehac dispositionem exigeret. Ergo &c.

R. 1. Retorqueo argumentum. Poenitentia in lege nova majorem efficaciam habet, quam in lege veteri: unde non tantam in poenitente dispositionem requirit, quantum alias exigebat. Ergo in nova lege nec timor nec amor ullus debet esse in poenitente, sed sufficit fidei in Deum motus: imo satis est attritio naturalis, modo honesta; atque adeo necessitas poenitentia, quæ Evangelii fundamentum est, ad nihilum redigitur, & penitus evanescit.

R. 2. Dist. maj. poenitentia in nova lege minorem quam in veteri dispositionem requirit, quantum ad gradum, conc. quantum ad rem ipsam, quæ gradus diversos habere potest, n. maj. dist. pariter min. si non sufficeret timor, dispositionem eandem requireret, quantum ad speciem, conc. quantum ad gradum, n. min. & consequ.

E. R. Verbis Catechismi Trid. (part. 2, tit. de Sacram. poenit.) ut hoc concedamus, inquit, contritione peccata deleri: quis ignorat illam adeo vehementem, acrem, incensam esse oportere, ut doloris acerbitas cum scelorum magnitudine æquari conferrique possit? At quoniam pauci admodum ad hunc gradum pervenerunt; fiebat etiam ut a paucissimis hoc via peccatorum venia speranda esset. Quare necesse fuit, ut clementissimus Dominus faciliiori ratione communi hominum salutem consuleret. Quod quidem admirabili consilio effecit, cum claves Regni

cælestis Ecclesiæ tradidit: etenim ex fidei catholice doctrina omnibus credendum est constanter affirmandum, si quis ita animo affectus sit, ut peccata admissa dealeat, simulque in posterum non peccare constituat; etsi hujusmodi dolore non afficiatur, qui ad impetrandam veniam satis esse possit; ei tamen cum peccata Sacerdoti rite confessus fuerit, vi clavium scelera omnia remitti ac condonari.

Ita catechismus; itaque mutatio omnis quæ, Christo ita volente, in dispositionibus poenitentia contingit, non ad speciem pertinet, sed ad gradum, idest minor, cum Sacramento, amoris intensio sufficit, quam ante sine Sacramento requireretur. Nam speciem doloris, ejusque necessitatem non esse mutatam, vel inde invictè probatur, quod virtus ipsa poenitentia, fuerit ad materiæ Sacramentalis honorem evecta; atqui amoris necessitas in virtute poenitentia tanta est, ut sine illa poenitentia quidem nomen, ut ex prædictis constat, consistere queat; hocque insuperabiliter adstruit ipsa in qua versamur novæ legis conditio, ejus proprius character est amor. Numquid enim vero credere aliquis mediocriter sapiens poterit, legis gratia hoc privilegium esse, ut in ea homines, non ab onere, sed ab honore amoris Divini immunes sint; tuncque vere poenitentes esse putentur, cum nihil plus ad Sacramentum poenitentia afferant, quam timorem, quo Judæi carnales a peccato deterebantur, & ad exteriorem legis observantiam incitabantur?

Inst. 2. Majorem ergo difficultatem lex Christi, quam lex Mosaiica hominibus intulit. Nam ibi major est difficultas, ubi graviore onere homo premitur; atqui in nova lege pondus longe gravius portandum est, quam in veteri; cum necessitati amoris, lex confessionis, quæ in Lege Mosaiica nulla erat, accreverit: ergo &c.

R. Nego consequ. pudet hujusmodi cavillationes refutare, quantum veritati, tantum pietati contrarias: quis enim patienter ferat, in scholis argumenta serio impuneque jactari, quæ si quis in tribunali poenitentia efflueret, hoc ipso deberet irreconciliatus propelli, & ab omni spe veniæ dejecti? Quis frigide & sine stomacho, Christianos Doctores audiat, in nova lege, quæ amoris est, ideo amorem repudiantes, quasi magnam difficultatem importet? scilicet peccatori, postquam amorem suum Deo denegatum, creatoris indigne protulit, sub obtentu Sacramenti, sine Dei amore spes integræ reconciliationis manebit; interimque dum veniam petit, vel sine ullo Dei & creaturæ amore erit; quod monstrum est, nec visum unquam, nec unquam rependum: cum

cum sine amore cor hominis absolute esse non possit: vel cum Dei non habeat, creaturæ amorem habebit; quod sacrilegium. Quis non suspect amoris divini cessationem pro novæ legis privilegio numerari; cum e contrario Apostolus in hoc novitamenti præ veteri privilegium excellentiamque posuerit: *Non accipitis*, inquit, (Rom. 8, 15) *Spiritus servitutis iterum in timore; sed accipitis Spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus, Abba, Pater*. Ut quid enim vero Christus, post legem a Moyse datam, quæ terroris erat, veritatem & gratiam attulit, quæ potissimum in caritate consistit, si non hoc ejus beneficium, sed onus futurum erat?

Ad probationem Respondeo,

1. Negando suppositum argumenti. Illud enim ponitur tamquam certum, quod falsum esse veritas docet, scilicet in Lege Evangelicæ nihil, aut fere nihil remanere difficultatis; quid enim hoc est, quod ait Christus: (Mat. 7, 14) *artha via est, quæ ducit ad vitam, pauci sunt qui inveniunt eam?* ... (ib. 11, 12) *Regnum celorum vim patitur, & violenti rapiunt illud?* ... (ib. 10, 38, & seq.) *qui non accipit crucem suam, & sequitur me, non est me dignus: qui invenit animam suam, perdet eam: & qui perdidit animam suam propter me, inveniet eam?* Et alia hujus generis plurima, si nihil, aut fere nihil in nova lege est difficultatis relictum?

2. Concessa maj. n. min. nego, inquam, in nova lege gravius quam in veteri, cultoribus Dei onus impositum: ubi enim abundantior gratia & redemptio copiosior est, gravius onus dici non debet; atqui in nova lege, quæ gratiæ est, longe uberior ac frequentior in homines gratia Christi Salvatoris effunditur: ergo &c. Deinde, quod ad mandatum pertinet confitendi, non magnam ejus esse difficultatem fatebitur, qui attenderit quantum inde solatium, quanta poenitentis securitas afferatur: cæterum si cui dura videtur confessionis necessitas, durior certe timenti est, quam amanti: qua in re inurbanam adversariorum urbanitatem solem demirari, qui ut poenitentia asperitatem emolliant, necessitatem amoris ab ejus conditionibus auferunt, quo sublato sequitur longe esse difficiliorem: amanti enim dulce fit, quod Christo imperante agit; quantulumlibet aliunde corruptæ naturæ contrarium: *ubi amatur*, inquit alicubi S. Aug. *non laboratur, aut si laboratur, labor amatur*. Timenti vero, eo præceptum acerbius est, quo magis timet, nec ad amoris gratiam nutrimento caritatis excrescit. Ut enim superius ex S. Thoma ipsisque gentilibus philosophis admonuimus, quod solo timore fit, minus est

ex voluntario & involuntario, & importat repugnantiam voluntatis. Itaque ex lege confitendi nedum legitime inferatur amoris inimitas; longe connaturalius tutiusque est, ejus necessitatem inferre, ut nimirum libere fiat & non coacte, quod asperum aliunde videri potest.

Iust. 3. Atqui necessitatem amoris poenitentis, Sacramentum ipsum poenitentia abstulit: ergo &c.

Prob. subs. Sacramentum poenitentia mortuorum est, ut traditione docemur; atqui si ad illud foret amor necessario asserendus, jam mortuorum Sacramentum non esset, sed vivorum.

Viventium enim est Sacramentum, quod non confertur nisi vita spirituali viventibus; atqui in hac hypothesi non absolventur, nisi qui spiritualiter viverent: quemadmodum enim qui non diligit, manet in morte; ita qui diligit, vivit: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. n. min. & ad ultimum argumentum, dist. n. vivorum est Sacramentum, quod non confertur nisi viventibus, *vita plena & integra*, conc. *vita inchoata*, nego maj. similiter dist. n. in hac hypothesi non conferretur Sacramentum poenitentia nisi viventibus, *vita inchoata*, conc. *vita plena & perfecta*, n. min. & conseq.

E. R. Idem de poenitentia ac de baptismo debet ferri judicium; atqui baptismus licet Sacramentum sit mortuorum, necessario in adultis motum amoris prærequirit, quo Deum diligere incipiat, tamquam omnis justitiæ fontem, ut docet Concilium Trid. (Sess. 6, c. 6) quo non obstante, Sacramentum vivorum non dicitur: ergo a pari etiam poenitentia motum amoris necessario prærequirit, hoc non impedit quominus mortuorum sit Sacramentum: ut enim capite secundo prædictum est, *vita, altera est inchoata, altera plena*: qua autem ratione fiat, ut alius divini amoris plenam vitam & reconciliationem sine Sacramentum non conferat, tum ex præcedentibus facile intelligitur, tum art. sequente plenius explicabitur.

Iust. 4. Poenitentem, virtute Sacramenti, ex attritu contritum fieri, axioma est a Theologis receptissimum, principique loco habetur; atqui nisi in Sacramento sufficeret dolor ex gehennæ metu conceptus, sed præterea amor requireretur, stare non posset ejus veritas; ante enim homo contritus foret, quam Sacramentum reciperet: ergo dolor ex gehennæ metu conceptus, sufficiens est ad recuperandam in Sacramento justitiam dispositio.

R. 1. Fator vulgatissimam hanc esse proposi-

tionem, qua dicitur, virtute Sacramenti poenitentiae, contritum ex attrito hominem fieri. Sed non ideo facile adducor assentiendum, axioma hoc divinae doctrinae esse: nullibi enim effectum huiusmodi vel in Scriptura vel in traditione reperies, in quibus ceu fontibus Theologiae principia continentur: quin e contrario contritionem esse necessariam poenitentiae partem, Sacerdotis iudicio, & administrationis absolutionis praemittendam, tota traditio clamat: unde consequens est, virtute clavium hominem ex attrito contritum non fieri: nemo enim de novo fit, id quod ante fuit & esse debuit. Deinde quid quæso principii sive axiomatis nomine in scientiis intelligimus? Nimirum in hoc numero ponimus, propositiones necessarias, perspicuas, ab omni æquivoco alienas, quæque conclusiones permultas virtute continent, & earum adstruendarum sint fundamenta: inde enim est quod axiomata sive dignitates vocentur, propterea quod primum in unaquaque facultate ac disciplina locum obtineant: quis vero de hac propositione: *poenitens ex attrito, in Sacramento contritus fit*: id audeat affirmare? Nedom enim univoca & perspicua sit; tot sensibus tamque diversis obnoxia est, quot modis attritionis & contritionis voces intelligi possunt: quo fit, ut aliis quidem ad veritatem propagandam inserviat, aliis vero sit protegendæ erroris prætextus. Sic enim e. c. cui hæc quorundam recentiorum sententia ariserit: *probabile est in Sacramento sufficere attritionem naturalem, modo honestam*: pariter contendet, hac sola dispositione præmissa, peccatorem ex attrito contritum in Sacramento fieri, & plene justificari: qua doctrina nihil in praxi perniciosius esse potest: quia vero propositio hæc si bene intelligatur, ad rectum facile sensum adducitur, qualem haud dubie antiquiores Theologi insperaverunt:

¶ R. 1. Concessa maj. n. min. ut enim constet veritas propositionis, sufficit ut dolor de peccatis ex amore initiali & imperfecto conceptus, virtute Sacramenti tantum recipiat incrementum, ut ad gradum caritatis intantum promoveatur; neque necessarius est, ut solus gehennæ metus præcesserit, deinceps in timore filialem convertendus: nec aliter propositionem hanc boni quique Theologi aut alias intellexerunt, aut modo intelligunt: *Quotiescumque invenitur in doctoribus*, inquit Alphonsus Vivaldus (in *Candelabro aureo*, tit. de attritione, quest. 9), quod attritio fit contritio, vel attritus cum Sacramento fit contritus, intelligendum est de attritione perfecta de illa nimirum, qua, ut paulo ante prædixerat (qu. 1) propter Deum pure dolemus

de peccatis; sed non ita fervide, & super omnia, ut par erat.

¶ Parique sensu, si attritio, ait Joannes Viguierius (instit. de Sacram. poenit. c. 16, §. 4, tit. de contritione) dicitur dolor de peccatis voluntarie assumptus propter timorem servilem . . . ut scilicet sit deestatio peccatorum propter metum pœnæ, vel propter Deum non summe dilectum; tunc attritio nunquam fit contritio, nec ex attrito aliquis fit contritus, nisi ad hunc sensum, quod post attritionem venit contritio: sicut dicimus, ex mane fit meridies: & ex iniusto fit justus consequitur: sic postquam aliquis fuit attritus, fit contritus, attritione desinente propter aliud principium, sive obiectum superveniens, quod est timor filialis, vel Deus summe dilectus, & hæc fuit opinio S. Thomæ in 4. Si vero attritio dicitur, dolor voluntarie assumptus propter Deum summe dilectum, sed non cum sufficienti & requisita intensione, sive gradu, puta quia non est ex toto corde, & ex tota mente &c. sicut cum motus naturalis a principio fit remissus, & in fine velocissimus, & tamen est idem motus qui successive perficitur: sic attritio ista per continuationem, vel applicationem absolutionis fit contritio: & sic intelligitur id quod a doctoribus communiter dicitur, quod virtus clavium ex attrito fit contritus.

Nec aliter hoc Theologorum effatum S. Carolus Borromæus supra cit. accepit: antequam, inquit, (in instruct. de Sacram. poenitent.) confessarius poenitentiam imponat, & absolutionem tribuat poenitenti; videbit an propter Deum, veram peccatorum suorum contritionem habeat . . . Si vero talem contritionem illum non habere intellexit, illius desiderio accendere conabitur, hoc admonens, propter Deum ipsum, usque adeo quantum potest, eum peccata dolere oportere; ut saltem adjuvante divina gratia, quam a Deo intime precetur, et Sacramentique virtute, ex attrito contritus fiat.

Itaque immerito ad suæ opinionis præsidium adversarii istud axioma adducunt, quod hoc unum significatur, virtute clavium, præexistentem in poenitente Dei amore, roborari, perfici, & ad maturitatem perducì: minime vero, solo præmisso timore servili, poenitentem per Sacramentum contritum fieri, quod divina legi & Christi institutioni contrarium est: nec enim ideo poenitentiam Sacramenti titulo Christus ornavit, ut ab amandi Deum necessitate homines eximeret, aut virtutis poenitentiae ad Sacramentum præmittendæ naturam mutaret.

¶ Inst. 5. atqui Christus Sacramentum poenitentiae ad conditionem instituit, ut solus timor servilis, siue ullo Dei amore, esset sufficiens

ficiens ad obtinendam, virtute clavium, reconciliationem dispositio: ergo &c.

Probat subs. & afferunt filii prodigi parabolam, de quo in Evangelio sic narratur: (Luc. 15, 13, & seqq.) *adolescensior filius peregre profectus est in regionem longinquam; & ibi dissipavit substantiam suam vivendo luxuriose; & postquam omnia consummasset, facta est fames valida in regione illa, & ipse cepit egere . . . in se autem reversus dixit: quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereo! Surgam, & ibo ad patrem meum, & dicam ei: pater peccavi in cælum & coram te &c.*

Inde sic colligunt argumentum: in hac parabola Christus pœnitentia Sacramentum quantum instituendum præfiguravit: adeoque prodigus pœnitentium typus erat; atqui non alio ille motivo, quam impatientia famis, & imminētis mortis timore ad patrem reversus, misericordiam, & paternum osculum, & primævos honores obtinuit: pari ergo conditione peccatores in Sacramento pœnitentiæ, etiam sine amore justificantur.

R. Nego subs. ad probat. parabolam & Scripturæ auctoritatem admitto: argumentum vero inde extortum, quoniam omni ex parte vitiosum est, plurimis modis refello.

1. Nego 1. partem majoris: nego, inquam, Christum in hac parabola pœnitentiæ Sacramentum præfigurasse: hoc enim gratis ab adversariis & sine fundamento fingi, ex ipsa hujus cap. lectione est manifestum. *Erant autem appropinquantēs ei, (Jesu), ait auctor Sacer, (Ibid. v. 1, & seqq.) publicani & peccatores, ut audirent illum, & murmurabant Pharisei, & Scribæ dicentes: quia hic peccatores recipit, & manducat cum illis.* Quo agnito Christus, ut Phariseorum murmur compescat, & livorem malum redarguat, parabolas proponit de ove & drachma perditis ac inventis, item, de filio prodigo ad patrem reverso, benigneque ab ipso suscepto: indeque inferit, non indignandum, sed potius esse gaudendum, quando peccatores in gratia Dei pœnitentiam agendo recipiuntur. Hoc autem non ad solum Evangelii tempus, sed ad omnia tempora pertinere, manifestum est, nec nostra probatione indiget.

2. Nego alteram partem majoris; prodigum scilicet, eorum gessisse typum, qui erant virtute clavium reconciliandi: in tota enim hac parabola ne verbum quidem legitur, quo claves aliquando Ecclesiæ concedendas, vel leviter innuatur; itaque si filius prodigus, typus pœnitentiam fuit, eorum principaliter fuit, qui ante Evangelium, per pœnitentiam ad Deum revertebantur: eos enim significabat,

de quibus Pharisei conquerebatur, quando de Christo dicebant: *Quia hic peccatores recipit, & manducat cum illis: eos porro recipiebat, antequam Sacramentum instituisset.* Itaque in adversariorum hypothesi, volentium solo timore prodigum ad patrem reversum; dicendum foret, etiam sine Sacramento, solum timorem ad reconciliationem, absque ulla amoris scintilla sufficere. Quod si textui parabolæ stricte & ad litteram hæreamus, dicendum pariter erit, ad veram pœnitentiam & reconciliationem cum Deo sufficere timorem naturalem, & horrorem ex turpitudinis peccati consideratione, pariter naturali, conceptum. *Postquam omnia consummasset, inquit, (ibid. v. 14, & seqq.) facta est fames valida in regione illa, & ipse cepit egere, & abiit, & adhesit uni criovum regionis illius: & misit illum in villam suam, ut pasceret porcos: & cupiebat implere ventrem suum de siliquis, quas porci manducabant, & nemo illi dabat: in se autem reversus, dixit: quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereo! Surgam, & ibo ad patrem meum &c.* Videant ergo adversarii, quale nobis in filio prodigo pœnitentiæ exemplar obtudant, a quo dum omnem auferunt divini amoris sensum, faciunt, ut in illo nec veteris nec novæ legis pœnitentium valeat typus agnosci.

3. Nego min. scilicet filium prodigum non alio motivo quam tædio famis & imminētis mortis timore, ad patrem esse reversum. Esto enim hoc illi fuerit pœnitendi exordium & incitamentum; longius tamen progressus, eo devenit, ut patris amorem & reverentiam, in ejus recipi gratiam peteret: id quod verba ejus declarant: (ib. v. 21) *Pater peccavi in cælum & coram te: jam non sum dignus vocari filius tuus.* Patris namque nomen, amoris est nomen. *Filius honorat patrem, inquit Deus ipse, (Malach. 1, 6) . . . Si ergo pater ego sum, ubi est hostis meus?* Dicendo itaque: *Pater, peccavi, jam non sum dignus vocari filius tuus, suum testificatur amorem.* Deinde quid illud est: *peccavi in cælum & coram te?* Nimirum: peccavi contra Deum cœli Regnatorem, & contra te patrem meum. Phra-si namque Hebræorum, cælum pro regnante in cœlis metonymice intelligitur; & peccare coram Deo, idem est ac contra Deum peccare, quo sensu a Davide pœnitente dictum: (Ps. 30, 6) *tibi soli peccavi, & malum coram te feci.* His porro verbis significavit prodigus, se de vita male acta dolere, quod Deum & Patrem optimum offenderet, qui dolor, ut ex prædictis constat, sine amore esse non poterat: indeque est, quod statim his verbis pro-

naui-

nunciatis, Stola prima donatus est, & pristinos honores recuperavit. Dixit autem pater ad servos suos, ait S. Evangelista, (ibid. v. 22) cito proferite stolam primam, & induite illum, & date anulum in manum ejus, & calcateum in pedes ejus: & adducite vitulum saginatum &c.

Quæ verba si ad Sacramentum reconciliationis in nova lege referimus, plene in nostram quadrabunt sententiam. Per servos enim, Sacerdotes Sacramenti ministros, per stolam primam, gratiam reconciliationis, per anulum, desponsationem animæ poenitentis cum Deo, quæ per veram poenitentiam renovatur, per epulas denique participationem divinæ Eucharistiæ intelligimus: quibus beneficiis non ante potiri prodigus meruit, quam suum amorem testatus esset, humiliter confitendo se in cælum & coram patre peccasse. Tunc enim solum, inquit S. Augustinus, (qq. Evangelic. lib. 2, qu. 33) poenitentiam egit, quando dixit patri: Pater peccavi in cælum & coram te, jam non sum dignus vocari filius tuus. Nam præcedentia: dicam ei, pater peccavi in cælum & coram te &c. verba sunt poenitentiam meditantis in confessione peccati, nondum tamen agentis. Non enim jam dixit patri, sed dñurum se esse promittit cum veniet.

Inst. 6. Et aliam parabolam afferunt, Regis cum servis suis rationem ineuntis: assimilatum est regnum cælorum, ait Christus, (Matth. 8, 23, & seqq.) homini Regi, qui voluit rationem ponere cum servis suis: & cum cepisset rationem ponere, oblatus est ei unus qui debebat ei decem millia talenta: cum autem non haberet unde redderet, fussit eum Dominus ejus venumdare, & uxorem ejus, & filios, & omnia quæ habebat, & reddi: precidens autem servus ille, orabat eum dicens: patientiam habe in me, & omnia reddam tibi: misertus autem Dominus servi illius, dimisit eum, & debitum dimisit ei. Inde sic argutantur:

Regis nomine, Deus hic veat intelligendus malefactorum rationem ab hominibus exigens: servus debitor decem millium talentorum, peccator est, qui innumeris modis Deum offendit; atqui servo debitum omne dimittitur, non quia amat, sed quia edicti Regis timore deterritus, ad pedes ejus supplex provolvitur, ne nimirum una cum uxore & filiis venumdaret. Ergo timor ad poenitentiam sufficit.

R. In hoc argumento nec pedes, nec caput esse, nedumque contra nos quidquam faciat, nulla magis ratione probari, quam sit omni ratione & auctoritate adversariorum opinio destituta.

1. Enim non de ipsa in se poenitentia & reconciliatione hic agitur, sed de una ejus conditione, nimirum condonatione injuriarum, quæ si defuerit, frustra peccatorum suorum veniam peccator expectat. Accedens Petrus ad Jesum, ait S. Evangelista, (ib. v. 21, & seq.), dixit: Domine, quoties peccabam in me frater meus, & dimittam ei? usque septies? Dicit illi Jesus: non dico tibi, usque septies: sed usque septuagies septies. Deinde proposito Regis exemplo, qui servo debitum decem millium talentorum dimiserat; & servi ipsius erga conservum crudelitate exposita, propter quam tortoribus, imperante Rege traditus est, quoad usque redderet universum debitum: sic infert Christus: (ib. v. 35) sic & Pater meus celestis faciet vobis, si non misereritis unusquisque fratri suo de cordibus vestris. Itaque is Evangelii locus ad præsentem controversiam minime pertinet, & frustra ab adversariis allegatur.

2. Si, ut volunt, quidquid est ad veram poenitentiam necessarium, hæc parabola exprimit, necessario erit fatendum, timorem mere naturalem in Sacramento sufficere, quod enim sibi hic servus timebat, nimirum venditio, malum naturæ ordinis erat. Fatendum pariter, nec dolorem efficacem, nec vitæ mutantæ propositum, nec certam spem veniæ obtinendæ in poenitente requiri, de his enim nec verbum parabola injicit. Fatendum denique, non in Sacramento tantum, sed etiam extra Sacramentum, dolorem ex solo metu conceptum sufficere: ad omnes enim peccatores parabola sine exceptione dirigitur.

Vanæ itaque hujusmodi cavillationes sunt, non quærentium, sed fugientium veritatem. Nam si in Scripturis qua pars esset diligentia naturam & condiciones veræ poenitentia quærent, facile in peccatrice muliere inveniunt, in cujus non parabola, sed historia dictum est: dimissa sunt ei peccata multa, quoniam dilexit multum, eamdemque veritatem in innumeris utriusque testamenti sententiis, quarum superius aliquam partem attulimus recognoscere.

Inst. 7. Atqui dolorem ex solo metu conceptum, absque ullo Dei amore ad justificationem sufficere, scripturæ doctrina est: ergo &c.

Probant subs. & variæ congerunt ex Apostolo testimonia: arbitramur, inquit ille, (Rom. 3, 28) hominem justificari per fidem sine operibus legis... (ib. v. 23, & seqq.) omnes peccaverunt, & egent gloria Dei, justificati gratis per gratiam ipsius, per redemptionem quæ est in Christo Jesu... (ibid. c. 4, v. 4, & seqq.) ei qui operatur, merces

et non imputatur secundum gratiam, sed secundum debitum: ei vero qui non operatur, credenti autem in eum qui justificat impium, reputatur fides ejus ad justitiam, secundum propositum gratiæ Dei: sicut et David dicit beatitudinem hominis, cui Deus accepto fert justitiam sine operibus... (Gal. 2, 21) si per legem justitia: ergo gratia Christus mortuus est... (ib. 3, 4) evacuati eritis a Christo, qui in lege justificamini: a gratia excidistis (Tit. 3, 5)... non ex operibus justitiæ quæ facimus nos, sed secundum suam misericordiam salvos non fecit.

Inde sic disputant:

Juxta doctrinam Apostoli, homo gratis per fidem, sine legis & justitiæ operibus justificatur; atqui si ad reconciliationem in Sacramento penitentitiæ obtinendam, aliquis Dei amor esset necessario præmittendus, non gratis, sine legis & justitiæ operibus justificaretur. Nam

1. Amor, opus legis, imo tota lex est; dicente Apostolo: (Rom. 13, 10) *plenitudo legis est dilectio.*

2. Dei amorem justitiæ opus esse negare non possumus; cum vel justitia ipsa sit; vel saltem habeat intimam cum ipsa conjunctionem, eamque necessario inferat: ergo &c.

R. 1. Illud argumentum contra adversarios multipliciter retorquei.

Primo enim hinc sequitur, non in Sacramento tantum amorem Dei non exigi, sed ne extra Sacramentum quidem esse vel unquam fuisse ad obtinendam justificationem necessarium: nam, inquiet aliquis, juxta doctrinam Apostoli, homo gratis per fidem, sine legis & justitiæ operibus justificatur: quod ejus principium cum generale sit, ad omne tempus extenditur; atqui si ad reconciliationem extra Sacramentum obtinendam, necessarius foret, aut olim fuisset aliquis amor; non gratis, sine legis & justitiæ operibus, homini justificatio obtingeret, aut alias obtigisset: ergo numquam debuit homo, ut fieret justus, sive in Sacramento, sive extra Sacramentum amare Deum.

Secundo: inde pariter sequitur, adultum baptismum petenti, dum ad obtinendam justitiam præparatur, non esse necessarium initialem Dei amorem, quod illum incipiat tamquam omnibus justitiæ fontem diligere: quod utrum contra doctrinam catholicam in decreto Concilii Trid. expressam (sess. 6, cap. 6) adversarii concedendum putent: ipsi viderint: aut ostendant saltem quomodo in baptismum petente Dei amor, legis & justitiæ non sit opus, & utriusque tamen opus sit in eo, quem penitet post baptismum.

Tertio: si quid hæc argucia probat, pariter

contra eorum sententiam adstruit, non modo amorem, sed nec timorem quidem a penitentibus exigendum; neque spem veniæ præmittendam, nec denique quiddam aliud, præter fidem, ad Sacramentum debere afferri: in his enim quæ jactant Apostolicis sententiis, solius est fidei mentio; itaque suis ipsis armis vincuntur: sic enim contra eos pari forma argumentum infleclitur: juxta doctrinam Apostoli, homo gratis per fidem, sine legis & justitiæ operibus justificatur; atqui si ad justificationem in Sacramento penitentitiæ obtinendam, timor præmitti deberet, jam non gratis sine legis operibus justificaretur: numquid tamen timor non est opus legis? imo, numquid non est magis legis opus, quam amor? dicente Apostolo: (Rom. 8, 16) *non accepistis spiritum servitutis iterum in timore, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum &c.* S. Aug. *brevis est differentia legis & Evangelii, timor, & amor: ergo &c.*

Quarto: quod horribilius est, inde sequitur homini ad penitentiam accedenti, nec ullum de admissio peccato dolorem, nec propositum de cætero non peccandi, nec votum satisfaciendi esse necessarium: fidem enim informem, qualis sine dubio est in eo qui amore absolute caret, potest quis habere sine dolore peccati præteriti, sine proposito non peccandi, & sine voto satisfaciendi: deinde dolere de peccatis, nolle peccare in posterum, velle iratum Deum satisfactione placare, ad legem ista & ad justitiam pertinent: cum itaque ex mente Apostoli, ut ipsi quidem volunt, gratis, & sine ullo legis ac justitiæ opere per fidem homo justificaretur, ab iis omnibus immunitatem impunitatemque peccator habet; atque adeo quantumlibet sit corde perversus, & in peccandi voluntate obstinatus, quantumvis penitentem ac satisfactionis labores refugiat, modo ne incredulus fuerit, ad Sacramentum securus accedat, innocens inde, Deique amicus & hæres sine dubio reversurus.

R. 2. Hoc argumentum pleraque fidei dogmata concuti & labefactari.

1. Namque fidei est, neminem adultum sine præviis bonis operibus, gratia per Christum juvante elicitis, posse coram Deo justificari: si quis dixerit, inquit S. & oecumenica Synodus Trid. (sess. 6, cap. 1) *hominem suis operibus, quæ vel per humana naturæ vires, vel per legis doctrinam fiunt, absque divina per Jesum Christum gratia posse justificari coram Deo: anathema sit... (ib. can. 3) si quis dixerit, sine præveniente Sp. Sancti inspiratione, atque ejus adiutorio, hominem credere, sperare, diligere, aut penitere posse sicut oportet, ut ei justificationis gratia conferatur: anathema sit.*

At-

Atqui si, ut adversarii arguunt, sic debentur Apostolica testimonia accipi, ut per fidem solum homo, sine legis ac justitiæ operibus justificaretur, rueret hoc fidei dogma: nihil enim amplius præter fidem ad justitiam obtinendam requireretur: ergo &c.

2. Fidei pariter est, quæcumque opera bona justificationem præcesserint, hominem nihilominus gratis, & non ex operibus justificari: Apostolus dicit, ajunt Trid. patres, (*sess. 6, c. 8*) *justificari hominem per fidem, & gratis; ea verba in eo sensu intelligenda sunt, quem perpetuo Ecclesie Catholice consensus tenuit & expressit: ut scilicet per fidem ideo justificari dicamur, quia fides est humane salutis initium, fundamentum, & radix omnis justificationis, sine qua impossibile est placere Deo, & ad filiorum ejus consortium pervenire: gratis autem justificari ideo dicimus, quia nihil eorum, quæ justificationem præcedunt, sive fides, sive opera, ipsam justificationis gratiam promeretur: si enim gratia, jam non ex operibus; alioquin, ut idem Apostolus inquit, gratia jam non est gratia.*

Atqui contra hanc, perpetuo Ecclesie Catholice consensu firmatam fidem, ex Apostoli sententiis perperam adversarii inferunt, si aliquis divini amoris motus esset ad reconciliationem necessario præmittendus, jam non gratis hominem justificandum: ergo &c.

3. Fidei est, ad obtinendam justificationem, fidem solum sine bonis operibus prævis non sufficere: si quis dixerit, ait S. Synodus, (*ib. can. 9*) *sola fide impium justificari, ita ut intelligat, nihil aliud requiri, quod ad justificationis gratiam consequendam cooperetur, & nulla ex parte necesse esse, eum sue voluntatis motu præparari atque disponi: anathema sit.*

Atqui si bene adversarii ex Apostolicis testimoniis inferunt, hominem sine ullo amoris motu, ad justitiam in Sacramento poenitentiae consequendam sufficienter disponi, pariter erit necessarium inde concludere, solam fidem cum exclusione cujusvis alterius præparationis sufficere: ergo &c.

4. Fidei est, ab adultis baptismum petentibus, aut post ejus susceptionem, extra Sacramentum poenitentiae reconciliandis, præter cæteras dispositiones, motum amoris in Deum, necessario esse præmittendum; atqui si quid hæc adversariorum arguta probat, ut accedentes ad poenitentiae Sacramentum eximat a necessitate Deum amandi; non minus de baptizandis, aut extra Sacramentum poenitentiae reconciliandis idem evincit: generales enim Apostoli sententiæ sunt, nec ulla exceptione circumscripturæ: ergo &c.

R. 3. Ad argumentum, admitto auctorita-

tes, & dist. maj. juxta doctrinam Apostoli, homo gratis per fidem, sine legis & justitiæ operibus justificatur; & hoc dictum est, ad exclusionem legis Mosaicæ, litteræ occidentis, & humane, naturalisque justitiæ, conc. dictum est ad exclusionem ejusvis legis, & operum justitiæ: quæ sunt per gratiam Christi, n. maj. dist. pariter min. si ad justificationem in Sacramento poenitentiae obtinendam, aliquis Dei amor esset necessario præmittendus, homo sine legis & justitiæ operibus non justificaretur, absolute, conc. non justificaretur, sine operibus Mosaicæ legis, litteræ occidentis, & humane naturalis justitiæ, n. min. & consequ.

E. R. Si verum foret quod ex Apostoli sententiis eruant adversarii argumentum, non ii solum sententiam nostram de necessitate amoris in Sacramento everterent; sed & Lutherani ipsi, contententes sola fide absolutionem & justificationem sine ullis bonis operibus perfici, Ecclesiam catholicam vincerent: videndum ergo quo sensu Apostolus dixerit, per fidem, sine legis & justitiæ operibus, hominem justificari. Illud porro nos dictum asserimus ad exclusionem legalium caeremoniarum, præsertim vero circumcisionis, & cujusvis humane justitiæ, de proprio merito, sine gratia gloriantis: id quod Epistolarum ad Romanos & ad Galatas, unde deprompta sunt testimonia, scopis luce clarius manifestat: in utraque enim totus est Apostolus ut ostendat, neminem legalibus observantiis, aut meritis propriis, sed sola Christi gratia ac fide posse justificari: longum foret hujus assertionis probationes afferre, quæ ad tractatum de justificatione & merito pertinent. In præsentem sat esse putamus studiosum lectorem rogare, ut Epistolarum ad Romanos, ad Galatas, & ad Titum capita legat, unde extorta objectio est, certoque deprehensurum spondemus, Apostolum a justificationis negotio non excludere, nisi circumcisionem & legales alios ritus, & insuper quævis opera solis naturæ viribus facta, idest legem spectatam ut nuda littera est, & absque adjutorio fidei ac gratiæ, præceptiva: de his, inquam, humane non tam justitiæ, quam præsumptionis operibus merito Apostolus negat, quod ad justificationem aliquid conferant: *Justitia enim legis non impletur, cum lex jubet, & homo quævis suis viribus facit, inquit S. Aug. (cont. 2 Ep. Pelag. l. 3, cap. 7) sed cum spiritus adjuvat, & hominis non libera, sed gratia liberata voluntas facit . . . & alibi explicans ejusdem Apostoli dictum: (ad Rom. 10, 3) ignorantes Dei justitiam, & cum sanis volentes constituere, justitiæ Dei non sunt subiecti: de Judeis hoc dictum, inquit, (lib. de grat. & lib. arb. cap. 13) qui de se præsumentes, gratiam repellunt,*

bant, & in Christum propterea non credebant... suam vero iustitiam in lege constituerunt, quando eandem legem suis viribus se implere posse credebant.

Quod vero Apostolus legis & iustitiæ opera, quæ Dei adjuvante gratia fiunt, a justificationis negotio non excludit, præter cætera quæ afferri possent, in Ep. ad Ephesios expresse declaratur, ubi gratia, inquit, (Eph. 2, 8 & seqq.) estis salvati per fidem, & hoc non ex vobis, Dei enim donum est: non ex operibus, ut ne quis gloriatur: ipsius enim sumus factura, creati in Christo Jesu in operibus bonis, quæ præparavit Deus, ut in illis ambulemus: hic enim opera excludit, simul & exigit: non ex operibus, inquit: & statim adiecit: in operibus bonis. Unde manifestum est excludi a salutis negotio, opera quæ fecimus nos, ut in Ep. cit. ad Titum loquitur, idest, quæ humanis viribus & propria industria egimus: & requiri tamen bona opera, in quibus, in Christo Jesu creati sumus, quæ nimirum ejus inspirante & roborante gratia fecimus.

Atque hæc ad adversariorum impetum elidendum sat dicta sint: qui plura desiderat, legat S. Thomæ, & Estii, aliorumque in hæc S. Pauli Ep. commentaria: Dominicus Soto, de natura, & gratia l. 2, c. 21, Bellarminum, l. 1 de justific. c. 19, & alios passim.

Inst. 8. At, inquit, quomodo erit verum quod Apostolus tam sæpe affirmat, gratis hominem justificari, si ad hoc beneficium obtinendum necessario debeat motus amoris præcedere?

R. Verum hoc erit, 1 quia fides, quæ est humane salutis initium, fundamentum, & radix omnis justificationis, ut loquitur Concilium Trid. (sess. 6, cap. 8) non ex antecedentium operum meritis, sed mere gratuito datur. 2 quia non fides sola, sed & alia quæcumque bona opera justificationem præcedunt, Dei dona sunt, & licet a nobis libere, non tamen a nobis, quasi ex nobis, sed ex Dei gratia fiunt. 3 quia, inquit eadem Trid. Synodus, (ib.) nihil eorum quæ justificationem præcedunt, siue fides, siue opera, ipsam justificationis gratiam promeretur. Quod autem in iis operibus quæ justificationem non promerentur, amorem ipsum comprehendat, ex sequenti can. patet. (sess. 6, can. 3) Si quis dixerit, sine præveniente Sp. Sancti inspiratione, atque ejus adjutorio, hominem credere, sperare, diligere, aut panitere posse sicut oportet, ut ei justificationis gratia conferatur: anathema sit.

Inst. 9. Novumque in nos, ex aliis Scripturæ locis impetum faciunt. Commendat caritatem suam Deus in nobis, ait Apostolus, (Rom. 5, 1 & seqq.) quoniam cum adhiberetur peccatores De Re Sacram. Tom. III.

essemus, Christus pro nobis mortuus est... cum inimici essemus, reconciliati sumus Deo. Ergo, ajunt, Deus peccatores in Sacramento penitentiae, etiam si inimici ejus sint, reconciliat; atqui inimici non essent, si amorem haberent: quomodo enim ejus quem amat, inimicus aliquis dici potest? ergo &c.

R. 1 Hoc argumento probari, non in nova lege tantum, ex quo institutum est penitentiae Sacramentum, non esse actum amoris ad obtinendam veniam præmittendum, sed ne antiquitus quidem fuisse necessarium. Sententia enim Apostoli generalis est, & peccatores ac Dei inimicos omnes universaliter sine discrimine temporum comprehendit.

R. 2 Non amorem tantum, sed nec timorem, nec fidem, nec spem, nec dolorem ullum, detestationem de peccatis, nec denique vitæ in melius reformandæ propositum, ad Sacramentum penitentiae esse afferendum, si qua in hoc argumento antecedentis & consequentis connexio foret. Adami namque progenies, de qua loquitur Apostolus, quando dicit: cum adhuc peccatores essemus, Christus pro nobis mortuus est... cum inimici essemus, reconciliati sumus Deo per mortem filii ejus: sine Deo, sine Christo, in hoc mundo, hospes testamentorum, promissionis spem non habens, omnique sensu veræ Religionis destituta, in omnium scelus barathro volutata jacebat, quando redemptionis mysterium, Dei & hominum mediator Christus implevit. Si ergo eandem sibi Deus in Sacramento penitentiae formam præscripsit, consequens est, ut virtute ejus peccatores plene absoluteque solvantur, etiam si nec fidem, nec spem, nec timorem habeant, nec a viis suis malis converti velint, quo nihil magis impium fingi potest; quodque licet adversarii non sentiant, ex eorum tamen argumentatione necessario sequitur.

R. 3 Nego argumenti suppositum, cujus tota vis in falsa Apostolici testimonii intellectu consistit. Supponitur enim hic agere Beatum Paulum de impiorum justificatione formali, quod ab ejus mente alienissimum est; cum solummodo de totius generis humani redemptione, & causa meritoria reconciliationis loquitur. Quo sensu a Concilio Trid. explicatur: huius justificationis, inquit, (sess. 6, cap. 7) causa meritoria, dilectissimus unigenitus suus, (Dei) Dominus noster Jesus Christus: qui cum essemus inimici, propter nimiam caritatem quæ dilexit nos, sua, sanctissima passione in ligno crucis, nobis justificationem meruit, & pro nobis Deo patri satisfecit. Nec aliter intelligit S. Thomas: ex hoc, inquit hunc Apostoli textum interpretans, (comm. in cap. 5 Ep. ad Rom. l. 2) mors Christi fuit meritoria & satisf-

satisfactoria pro peccatis nostris: Et in tantum Deo accepta, quod sufficit ad reconciliationem omnium hominum, etiam occidentium Christum, ex quibus aliqui sunt salvati, ipso orante cum dixit: (Luc. 23, 34) ignoret illis, quia nesciunt quid faciunt.

R. 4. Etiam si daremus de causa formali reconciliationis hic loqui Apostolum, (quod tamen est contrarium veritati) in tuto nihilominus nos futuros: admissa enim auctoritate, & concessio consequente, distinguimus min. subsumptam: inimici non essent si amorem haberent, perfectum, vel habitualem, conc. si amorem imperfectum haberent, subdist. inimici non essent, actu, conc. reatu & habitu, n. min. & conseq.

E. R. Quisquis peccati mortalis est reus, hoc ipso inimicus est Dei, donec ei reconciliatus fuerit, hujus autem inimicitiae adum quidem tollit amor remissus & initialis, qualem saltem absolutioni Sacramentali prae mittendum contendimus; nec enim, ut bene admonet argumentum, potest quis eo actu inimicus esse, quo amat; habitum vero & reatum non tollit, nisi fuerit vel actu suo perfectus, vel habitu; non enim omnis caritas sine Sacramento justificat: qua de re plenius articulo sequente dicetur.

Inst. ultimo; atqui Deus, in Sacramento, peccatores omni prorsus amore destitutos ad beneficium reconciliationis admittit: ergo &c.

Prob. subs. ex verbis Christi: *audistis, inquit, (Matt. 5, 43, & seqq.) quia dictum est: diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum: ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos: Et orate pro persequentibus, & calumniantibus vos: ut sitis filii patris vestri qui in caelis est . . . estote vos ergo perfecti, sicut Pater vester caelestis perfectus est: inde sic disputant.*

Christus his verbis: *benefacite his qui oderunt vos*: hanc nobis versus proximum misericordiam praecepit, cujus Deus ipse dat nobis exemplum: ideoque subdit: *ut sitis filii patris vestri, qui in caelis est: estote perfecti, sicut Pater vester caelestis perfectus est*; atqui nisi peccatoribus omni amoris sensu destitutis, solumque timore gehennae perterritis, in Sacramento poenitentiae veniam & reconciliationem concederet, nullum nobis rei quam praecepit daret exemplum: imo juberetur pater caelesti esse perfectiores; siquidem iis qui nos odissent teneretur ignoscere; quod majoris virtutis est; Deus vero, quod non adeo generosum foret, non nisi diligentibus se condonaret: ergo &c.

R. Nego subs. ad probationem multiplex Responsio est.

1. Retorqueo argumentum: iis Christi verbis praecepimus inimicos diligere, etiam quando in nostri odio, persecutionibus, & calumniis perseverant, etiam si nec veniam postulent, nec ulla ratione sperent, nec ullo nostri timore moveantur, & de illatis injuriis sibi metipsum plaudant, nedum aliquo doloris sensu tngantur: nihil porro praeceptum hoc continet, cujus nobis exemplum Deus ipse non praebeat; atqui nisi peccatoribus impoenitentibus, de malefactis latantibus, nec sperantibus, nec credentibus, nec dolentibus, nec veniam postulantibus, & de nullo alio quam de cumulanda nequitia cogitantibus, omnia liberaliter quantumvis horrenda flagitia condonaret, nullum nobis rei quam praecepit praeberet exemplum: adeoque pater caelesti juberetur esse perfectiores: ergo &c. expectamus, ab hoc Labyrintho qui se extricaturi sint adversarii.

R. 2. Retorqueo idem argumentum: in lege antiqua, antequam foret Sacramentum poenitentiae institutum, tenebatur homo proximum quamvis non amantem diligere, eidemque quantumvis infenso injurias condonare: hoc enim naturalis legis praeceptum est, a Christo non primario in Evangelio sancitum, sed renovatum; atqui in lege veteri, adversariis ipsis fatentibus, neminem Deus nisi amantem recipiebat in gratiam: ergo perfectionis quam ab homine exigebat exemplum ipse non dabat: adeoque sublimioris virtutis opus homo, quam Deus hoc tempore faciebat.

R. 3. Nego suppositum argumenti. Ponitur enim pro fundamento normam dilectionis inimicorum, quae nobis praecepta est, ab ipsa ratione esse petendam, qua Deus in Sacramento poenitentiae peccatores ad reconciliationem admittit. Quod gratis esse confictum, sola textus oppositi lectio manifestat. *Diligite, inquit, inimicos vestros: benefacite his qui oderunt vos: orate pro persequentibus & calumniantibus vos: ut sitis filii patris vestri qui in caelis est: qui solem suum oriri facit super bonos & malos, & pluit super justos & injustos.* Quidquid ergo comparationis Deum inter & hominem instituitur, in eo posita est, quod debeat homo omnem & quemlibet proximum, amicum aut inimicum, bonum & malum, beneficiis devincere, quomodo Deus bonis & malis, justis & injustis, solis radios, imbrumque fecunditatem indifferenter disperdit. *Si jubet nos diligere inimicos nostros, inquit S. August. (Tract. 2 in Epist. Joann.) unde nobis dat exemplum? De ipso Deo: ait enim; ut sitis filii patris vestri qui in caelis est: quomodo illud facit Deus? Diligit inimicos suos, qui fa-*

cit solem suum oriri super bonos & malos, & pluit super justos, & injustos.

4. Admitto auctoritatem, & concessa maj. n. min. quantum ad omnes partes. Nunc quid enim divinarum erga nos caritatis, quæ prior dilexit nos, (1 Joann. 4, 19) illustrissimum in eo exemplum non est, quod universum hominum genus atrocissimis sceleribus a se aversum, & captivitati Diaboli mancipatum, ad spem reconciliationis & salutis reduxit? Quod per ineffabile incarnationis mysterium, ut servum redimeret, proprio filio non pepercerit: quod gratiam vocationis immerentibus & indignis concesserit? Numquid Dei peccatorem amantis magnificentissima dona non sunt, fides, spes, timor, desiderium conversionis, compunctio, lacrymæ, suspiria, & cætera denique quæcumque reconciliationem præcedunt? Quis vero adeo denicens & impius fuerit, qui hominem quantumvis erga inimicos profusum ac liberalem, audeat Deo peccatores amanti, non dico præferre, verum etiam aliquatenus comparare?

I I.

Expenditur & resolvitur Argumentum ex Concilio Trid. auctoritate petitum.

Obijciunt: sententia de amoris in penitentia Sacramento necessitate, repugnat definitioni Concilii Trid. Tenenda ergo non est.

R. Nego antec. ut enim in ipso questionis limine observavimus, de amore an sit necessario præmittendus, aut solus gehennæ timor sufficiat, nihil hæcenus ab Ecclesia expresso canone definitum. Perperam ergo & non bona fide agunt, qui doctrinam de necessitate amoris, definitionibus Ecclesie contrariam jactitant: quod vero ad Concilium Trid. spectat: argumenti vanitas perspicua demonstrataque erit, si duo ostenderimus: 1. Sacram Synodum questionem hanc de amore an sit necessarius penitentis, attingere noluisse. 2. Multo magis in ejus adstruendam necessitatem, quam in opinionem contrariam prope-ndisse.

OSTENDITUR PRIMO

Concilium Tridentinum questionem hanc attingere noluisse.

Audiendus de hac re Emin. Card. Pallacius in historia Concilii Trid. ex actis genuinis, certissimisque monumentis excerpta, & a S. Sede probata. "Quantum ex actis concilio, inquit, (l. 12, c. 10) Theologorum mens erat, ut error hæreticorum damnare-

tur, tamquam inhonestum improbantium poenæ timorem: non item ut ferrent sententiam de Scholastica questione, an hujusmodi timor, non solum absque contritione animi perfecta, (de quo controversia vix fuit) sed etiam absque eo quod ullus excitetur amor imperfectus, sufficiat ad remissionem peccatorum in Sacramento? Id vero clare liquet ex probatione Concilii, quæ hujus articuli doctrinam firmat c. 4, nimirum Niniivarum penitentiam ex timore profectam illis profuisse, cum certum esset, eo tempore quo Sacramentum adhuc non extabat, eam formidolosam penitentiam minime sufficere per se ad peccatum delendum, sed vim tantummodo habuisse ad impetrandam novam gratiam, cujus opem adiceretur caritatis affectus, quem omnes necessarium fuisse fatentur ante novam legem, ad justitiam recipiendam. In Patrum conventu id pauci attigerunt: aliquod damtaxat vestigium comperio opinionis negantis necessitatem amoris, in iis quæ Granatensis disputavit: at vero Joannes Emilianus Hispanensis, Tudetanus Antistes, extremum oppositæ sententiæ tenuit; hoc est, opus esse contritione perfecta; nec tamen hinc argui, peccata per Sacramentum non remitti, quippe quæ Sacramentum jam invenit remissa, præsentis contritionis efficacitate. Si quidem, ajebat, ipsa contritio id præstat virtute Sacramenti, cujus votum in ea continetur.

Præterea oportet scire, postea decretis doctrinam complexis verba hæc fuisse adjecta: illam contritionem, quam Theologi attritionem vocant, quod imperfecta sit, & solum vel ex turpitudinis peccati consideratione, vel gehennæ poenarum metu, qui servilis dicitur, concipiatur, si voluntatem peccandi excludat, & dolorem qualemcumque de commissis delictis exprimat; statuit hæc S. Synodus & declarat, non solum non facere hominem hypocritam magis peccatorem, (ut quidam blasphemare non verentur,) verum etiam sufficere ad Sacramenti hujus constitutionem; ac donum Dei esse, ac Spiritus Sancti impulsu verissimum, non quidem adhuc inhabitantis, sed tantum morientis, quo penitens adiutus, (cum sine aliquo dilectionis in Deum motu esse nequeat,) viam sibi ad justitiam munit, & per eum ad Dei gratiam facilius impetrandam disponitur. Sed laudatus Episcopus (Tudetanus) monuit falso dici, hujusmodi dolorem sine amore vix unquam concipi posse: quod autem hæc attritio satis esset Sacramento constituendo,

„ita ut homini attrito deleantur peccata,
„absolutionis supervenientis vi, variare Autho-
„rum sententias, adeoque esse id tollendum:
„quamobrem decretum, sicut nunc extat, re-
„formatum est &c.“

Haecenus Pallavicinus, cui si quis fides de-
traherit, non Eminentissimo modo Scriptori,
sed & Alexandro VII Pontifici Max. sub cu-
jus oculis & auctoritate hæc historia scripta
est, videtur mihi facturus injuriam: quin &
oportebit de actis ipsis Concilii authenticis du-
bitare, quibus canones & decreta continentur,
a Secretario Synodi consignatis, & ejus testi-
ficatione munitis, quam si semel licentiam ar-
riperimus, ecquid demum certum, & con-
tentionis pruritui intactum manebit?

Ex his porro ejus verbis constat:

1. Patribus hoc unum fuisse propositum,
damnare hæreticos, gehennæ metum tamquam
inbonestum & exitiabilem improbant, non
vero de Scholastica questione ferre judicium,
an hujusmodi timor, sine amore perfectio, vel
imperfectio ad remissionem peccatorum in Sa-
cramento sufficeret?

2. Æmilianum Tudetanum Episcopum in
ipso Concilio pro contritionis perfectæ, inten-
si videlicet amoris necessitate ætatisse, nec
ideo tamen in ullam hæresis suspensionem ve-
nisse, aut in Patrum consensu male audivisse:
quanto itaque minus damnata inibi doctrina
est, quæ contritionis imperfectæ necessitatem
propugnat?

3. Ideo Decretum de contritione esse refor-
matum, quia idem Episcopus monuit, de at-
tritione an Sacramento constituendo sufficeret,
variare auctorum sententias, quibus ne vide-
rentur patres præjudicare, monitis prædicti
Episcopi acquieverunt: itaque patres Tridenti-
nos questionem hanc decidere noluisse, cer-
tissimum est.

OSTENDITUR SECUNDO.

*Magis in amoris necessitatem, quam in opinio-
nem contrariam patres propendisse.*

Sessio enim 5, cap. 6, dispositiones re-
censentes, quibus ante baptismum poenitens
debet ad justificationis beneficium præparari,
amorem in hoc numero ponunt, quo Deum
Catechumenus tamquam omnis justitiæ fontem
diligere incipiat. Hinc sic argumentor:

Non minor requiritur in homine post ba-
ptismum lapsio, ad reconciliationem in Sacra-
mento obtinendam dispositio, quam in homi-
ne nondum baptizato: quod non putamus cum
aliqua specie veritatis negari posse: quis enim
dicere audeat, minorem in baptizato, quam

in Catechumeno, salutaris poenitentiae apparat-
um esse debere? Tenebitur scilicet vir Pa-
ganus, nondum in Sanctorum societatem recep-
tus, Sacro baptismati Dei amore præmit-
tere: & non tenebitur ille, qui lavacro aquæ
inter filios Dei est computatus, quique pec-
cando eo inexcusabilior evasit, quo ingratum
magis Deo se præbuit? obligabit lex amoris
eum cui nondum in Ecclesiam apertus est ad-
itus: eum vero non obligabit, qui salutaribus
undis regeneratus, factus est filius sponsæ,
cujus lectulum, ut habetur in cantico, verus Salo-
mon, *media caritate contraxit* (Cant. 3, 10) atque
ita cooptatio in legem amoris, erit titulus non
amandi, & quo magis beneficus Deus fuit,
hoc magis licebit homini esse ingratum? Non
poterit baptismus defectu conditionis sibi ex-
trinsecæ (nec enim amor baptizandum ad
ejus materiam pertinet) suum in adultis obti-
nere effectum: poterit vero poenitentia lapsos
post baptismum justificare, sine ea conditione,
quæ si ad contritionem intrinsecæ pertinet,
ut ex antedictis satis liquet, ipsius Sacramen-
ti pars essentialis habenda est? Jam sic sub-
sumo; atqui ex Concilio Trid. actus amoris,
quo Deus tamquam omnis justitiæ fons incipit
diligere, est ad baptismum ab adultis neces-
sario præmittendus: ergo a fortiori motus ejus-
dem dilectionis ad poenitentiam, ex mente
Concilii debet afferri.

Idemque ex ejusdem sessionis can. 3 haud
obscure colligitur: *Si quis dixerit, inquit, si-
ne præveniente Sp. Sancti inspiratione, atque
ejus adjutorio, hominem credere, sperare, di-
ligere, aut poenitere posse sicut oportet, ut ei
justificationis gratia conferatur: anathema sit.*
De justificatione generatim hic agitur, & de
dispositionibus quas necessario ad eam præ-
mitteri oportet. Ubicumque ergo & quoties ho-
mo adules ad gratiam & reconciliationem
recuperandam sese disponit, non satis ei est;
ex mente Concilii, sperare & credere, nisi
insuper Deum super omnia diligat: quæ regu-
la cum sit generalis, non minus ad Sacramen-
tum poenitentiae pertinere, quam ad baptismum
credenda est.

Sed multo expressius sessio decima quar-
ta, in quam doctrinam propenderet, S. Syno-
dis indicavit.

Cap. enim 2, Sacramentorum baptismi &
poenitentiae differentiam explicans, præter cæ-
tera: *alius est præterea, inquit, baptismi,
alius poenitentiae fructus, per baptismum enim
Christum induentes, nova prorsus in illo ef-
ficimur creatura, plenam & integram peccato-
rum omnium remissionem consequentes. Ad
quam tamen novitatem & integritatem per
Sacramentum poenitentiae, sine magnis nostris
st-*

fletibus & laboribus, divina id exigente iustitia pervenire nunquam possumus: ut merito penitentiæ, laboriosus quidam baptismus a sanctis patribus dictus fuerit.

Et Cap. 4., „contritio, quæ primum locum inter penitentiæ actus habet, animi dolor ac detestatio est de peccato commisso, cum proposito non peccandi de cætero: fuit autem quovis tempore ad impetrandam veniam peccatorum hic contritionis motus necessarius. . . . Declarat igitur S. Synodus, hanc contritionem non solum cessationem a peccato, & vitæ novæ propositum & inchoationem, sed veteris etiam odium continere juxta illud: Projicite a vobis iniquitates vestras &c. . . . Docet præterea, etsi contritionem hanc aliquando caritate perfectam esse contingat, hominemque Deo reconciliare, priusquam hoc Sacramentum actu suscipiatur, ipsam nihilominus reconciliationem, ipsi contritioni, sine Sacramenti voto, quod in illa includitur, non esse adscribendam.

„Illam vero contritionem imperfectam, quæ attritio dicitur, quoniam vel ex turpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ & penarum metu communiter concipitur, si voluntatem peccandi excludat, cum spe veniæ; declarat non solum non facere hominem hypocritam & magis peccatorum, verum etiam donum Dei esse, & Spir. Sancti impulsu, non adhuc quidem inhabitantis, sed tantum moventis, quo penitens ad iuxta viam sibi ad iustitiam parat: & quamvis sine Sacramento penitentiæ per se ad justificationem perducere peccatorem nequeat: tamen eum ad Dei gratiam in Sacramento penitentiæ impetrandam disponit. Hoc enim timore utiliter concussi Ninivitarum, ad Jonæ prædicationem plenam terroribus penitentiam egerunt, & misericordiam a Domino impetrarunt.“

Ita S. Synodus: attendat modo lector, ad argumenta quæ sequuntur, ipseque judicet num temerario sentiamus Tridentinum Concilium nostræ magis quam adversæ opinioni favere.

1 Argumentum est: vehementer perfectior quæ ab iis qui lapsi sunt post baptismum penitentia, juxta patres Trid. quam ab adultis baptizandis exigitur; atqui inter conditiones penitentia, quam ante baptismum agi oportet, Dei amor, juxta eosdem recensetur, quo illum tamquam omnis iustitiæ fontem diligere incipiant: ergo multo magis est, ad eorum mentem, ab iis quos post baptismum penitet, exigendus: quis enim serio putet, patribus fuisse satis, penitentia fletus magnos & labores, lapsis post baptismum, amore subla-

to, indicare, sine quo fletus & labores quantumlibet graves, teste Apostolo, nihil sunt? Nunquid enim vero talis decisio Christo probaretur, qui peccatricis mulieris reconciliationem, non lacrymis quas tanta copia & libertate effuderat, sed anori attribuit? *Dimissa*, inquit, (Luc. 7, 47) *sunt ei peccata multa quoniam dilexit multum.*

2 Est: contritionis motus, ex patribus Trid. quovis tempore fuit necessarius ad impetrandam veniam peccatorum: ergo ejusdem semper debuit esse naturæ, quia contritio secundum speciem una est; atqui contritio ante Sacramenti penitentia institutionem necessaria, Dei amorem importabat: idem ergo dicendum de contritione ad Sacramentum afferenda: nec est quod aliquis cavilleter, imperfectum solum contritionem a penitentibus exigere, indeque inferat in Sacramento necessarium non esse amorem: perfectum enim & imperfectum gradu differant, non natura: sic meridiei major quam auroræ perfectio est, non quod luce iste careat, quam habet illa; sed quia meridiei lux vividior est & plenior quam auroræ: similiter homo adultus a se ipso, cum puer erat, perfectione plurimum distat, non quod naturam novam, sed quod ejusdem naturæ incrementum proficiendo habuerit: magna pariter ignem inter octavo gradu intensum, & ignem calidum ut quatuor (sic enim schola loquitur) agnoscitur differentia: sed illa tamen non in natura, verum in gradu consistit: idem ergo de contritione imperfecta dicendum, quod a perfecta differat, non amore, sed gradu amoris, quem intensiorem contritio, remissionem attritio habet, adeoque vox *imperfectæ contritionis*, qua Trid. Synodus utitur, includit amoris significationem.

3 Est: ex patribus Trid. contritio ad Sacramentum penitentia afferenda, non solum cessationem a peccato, & vitæ novæ propositum & inchoationem, sed veteris etiam odium continet; atqui vitæ veteris odium, ut ex prædictis constat, nisi Dei conjunctum amorem haberet, continere non posset: hoc enim ipso quod vitam veterem, hoc est peccatum, penitens odio habet & amare cessat, necessarium est, ut inardescat amore Dei: quia cor hominis tam potest sine amore esse, quam ignis sine calore: porro inter Deum & creaturam nihil boni medium est, quod amare homo possit: ergo hoc ipso quo creaturam despicit, in quo peccati perversitas fuit, consequens est ut debeat amare Deum. *Duo namque amores sunt*, inquit ad rem nostram apposite S. Leo Pontifex max. (serm. 5 de jejun. 7 mensis) *ex quibus omnes procedunt voluntates, iis diversæ qualitatibus, sicut dividuntur auditoribus: ratio-*

ratio-

tionabilis enim animus qui sine dilectione esse non potest, aut Dei amator est, aut mundi. Cui concinens pariter Doctor auctoritatis, S. Gregorius M. summus utique Pontifex: esse, inquit, (l. 18 moral. c. 8) sine dilectione animus nequaquam potest: nam aut infimis delectatur, aut summis; & quanto altiori studio exercetur ad summa, tanto majori studio torpescit ad infima: quantoque acriore cura inardescit ad infima, tanto tempore damnabili frigescit a summis: ergo ex eo quod vitæ veteris odium necessarium esse sanxerint patres, consequens est ut Dei amorem pœnitenti necessarium pariter esse significaverint.

4 Est: ut probent patres attritionem ex gehennæ & pœnarum metu conceptam ad Dei gratiam in Sacramento pœnitentiæ impetrandam disponere, exemplo Ninivitarum nituntur, qui hoc timore utiliter concussi, ad Jonæ prædicationem, plenam terroribus pœnitentiam egerunt, & misericordiam a Domino impetrarunt; atqui timor Ninivitarum sine conjuncto amore non fuit; imo alioquin nihil ad impetrandam veniam profuisset, quod adversarii non negant: ergo nec idem de pœnitentibus in nova lege, ex Concilii Trid. mente negare possunt. Quid quod si ad rigorem litteræ verba Concilii acciperentur, magis viderentur Ninivitz ab amandi necessitate, quam novæ legis pœnitentes, fuisse immunes? de istis enim, nulla amoris memoria facta dicitur, quod timore pœnarum utiliter concussi, ad Jonæ prædicationem plenam terroribus pœnitentiam egerint, & misericordiam a Domino impetrarint: unde prima fronte sequi videtur, hunc eis timorem ad plenam pœnitentiam suffecisse, de pœnitentibus vero novæ legis dicitur, quod attritione adjuti, viam sibi ad justitiam parent, & ad gratiam in Sacramento pœnitentiæ impetrandam disponantur. Porro ad rem obtinendam non sufficit, quod ad illam disponit & viam parat.

Quæ etsi ad id quod proposueramus demonstrandum abunde sufficiant, addam alterum ex Trid. Concilii historia, nec minus efficax argumentum.

„ In patrum conventu, inquit Eminētiss. Cardinalis Pallavicinus, (hist. l. 12, c. 10) id pauci attigerunt: (pauci nimirum contra necessitatem amoris, in Theologorum congressibus disputarunt:) aliquod dumtaxat vestigium comperio opinionis negantis necessitatem amoris, in iis quæ Granatenensis disputavit. „

E contrario vero ex ejusdem historici testimonio certissimum est, plerosque pro æquali necessitate amoris, in utroque baptismi ac pœnitentiæ Sacramento, graviter solideque pugnas-

„ Quod attinet ad id, quod dicitur de dilectione Dei, (inquit, postquam descripsit caput 6 sessionis) (hist. l. 8, c. 13) advertendum est, per tenorem decreti prius delinquenti, nullam fieri dilectionis mentionem; sed Salvatorem Alepium Archiepiscopum Turritanum, Claudium Jaum S. J. Liponæ Veronensis adjutorem, & Pium Franciscanorum Præsidentem, admonuisse, ut aliquis caritatis actus insereretur: cumque id ad omnium patrum judicium relatum foret cum aliis præcipuis notis, ut indicavimus, viginti tres ex ipsis diserte comprobasse, adeoque insertum decreto, sed postea aliis haud probatum, verum a Theologis strenue propagatum, & per hæc verba retentum: „ Non est sermo eo loco de habitu caritatis: sed cum in particula quæ loquitur de pœnitentia, nulla fiat mentio amoris, visum est cum fide & spe iungere aliquam dilectionis actum: quia si pœnitentia tota esset ex timore, sine amore justitiæ, & dolor esset propter pœnam tantum, non propter Dei offensam, infructuosa esset. „

Ex paulo post ib. cap. 14 enarrans quorundam e patribus in cap. 7 ejusdem sess. 6 observationes, ubi dicitur, in ipsa justificatione cum remissione peccatorum, hæc omnia simul infusa accipere hominem, . . . fidem, spem, & caritatem: „ quibusdam pariter animadvertentibus, inquit, caritatem superiori capite memoratam, recenseri sub illius initium inter ea, quæ præparant animum ad justitiam suscipiendam; postea vero tamquam ipsius justitiæ formam poni: responderunt decreti formatores, in primo loco (sexto nimirum capite) sermonem esse de quodam actu caritatis; cum insit aliqua dilectio in homine, non quidem obtinente, sed exoptante justitiæ: at in secundo, capite videlicet 7, significari habitum caritatis. „

Et hæc quidem in 6 Concilii sessione: de 14 vero sic scribit: (hist. l. 12, c. 10.) „ ingens quidem volumen conficerem, si vellem hic recensere, vel ea dumtaxat, quæ cum scutentiis ibi dictis, testimonisque productis, tum a minoribus, tum a majoribus Theologis, in acta (a secretario) compendio relata sunt . . . quædam magis singularia perstringam, quibus palam fiat, seu sententiarum discrepantia in consiliis ante sessionem habitis, seu patrum mens in aliquo decreto. „

Didacus Laynez, qui primo loco inter Theologos minores sermonem habebat, damnans posteriorem a articuli partem, dixit, Sacramento esse necessaria pœnitentiam, timorem, dilectionem, contritionem, absolutionem.

„ Di-

„Dilectionem pariter tamquam necessariam
 „enumeravit Jacobus Ferrusius Hispanus, Se-
 „govienſis Episcopi Theologus, & per hoc
 „eundem articulum improbat, causatus,
 „solis terroribus minime contineri dilectio-
 „nem, quæ absolute necessaria est; cum Cri-
 „stus pronuntiaverit: remittuntur ei peccata
 „multa, quoniam dilexit multum, & dile-
 „xit, inquit, per præteritum, quia dilectio
 „remissionem antecesserit, & Apostolus: tri-
 „stitia quæ est secundum Deum (hoc est,
 „interpretabatur Ferrusius, secundum Deum
 „dilectum) operatur penitentiam in salutem;
 „unde S. Aug. ait: absque amore gratia non
 „datur... idcirco exigebatis ante omnia, primam
 „quandam, ut vocant, motionem in Deum,
 „ad quam significandam ea scripturæ verba di-
 „cuntur: convertite nos Domine ad te; &
 „ego sto ad januam, & pulso: vos semper
 „Sp. Sancto resistitis; & extendi manum
 „meam, & non erat qui resisteret... pos-
 „tea vero actum fidei: unde scriptum erat:
 „accedentem ad Deum oportet credere; &
 „sine fide impossibile est placere Deo: hinc
 „oritur, aiebat ille, in homine peccatorum de-
 „testatio, assurgitque in spem animus, & amo-
 „ris initium habetur: inde vero primam gra-
 „tiam Deus infundit... Ita Ferrusius.

„At Melchior Avosmedianus, tunc Pacen-
 „sis Episcopi Theologus, postea vero regres-
 „sus ad Pii Concilium Guadicensis Episco-
 „pus, dixit, prius nos propter penarum metum
 „dolere, dein propter Deum: postea vero,
 „aiebat, peccata confitemur; & Bernardus
 „Collaredus Dominicanus, Forli Episcopi
 „Theologus, tamquam necessaria numeravit,
 „timorem, detestationem, ac fidem, ex qua
 „spes oriatur, & ab hac dilectio: ejusdem
 „sententiæ fuit Franciscus Contrer ex ordine
 „Minorum Observantium, &c.“

Hic ex historia recitatis sic argumentor:

In hac magis sententiam propendebat Trid.
 Synodus, quam major numerus Episcoporum
 ac Theologorum concilio assidentium defen-
 debat, atqui opinionis negantem necessitatem
 amoris aliquid dumtaxat vestigium, inquit
 Eminens. Historicus, comperitur in iis quæ
 Granatensis disputavit: e contra vero magna
 ibidem Antistitum & Theologorum pars pro
 amoris necessitate pugnabat: ergo &c.

Prosecutio obiectionis.

Inst. 1. Probando ant. illam vero contritio-
 nem imperfectam, inquit patres, (Sess. 14, c.
 4) quæ attritio dicitur, quoniam vel ex turpi-
 tudinis peccati consideratione, vel ex gehenne
 & penarum metu communiter concipitur, si

voluntatem peccandi excludat cum spe venire,
 declarat (S. Synodus) non solum non facere
 hominem hypocritam & magis peccatorem;
 verum etiam donum Dei esse, & Sp. Sancti
 impulsus, non adhibere quidem inhabitantibus,
 sed tantum moventibus, quo penitens adiutus
 viam sibi ad justitiam parat: & quævis si-
 ne Sacramento penitentiae per se ad justifica-
 tionem perducere peccatorem nequeat; tamen
 eum ad Dei gratiam in Sacramento penitentiae
 impetrandam disponit.

Hinc sic eruoat argumentum:

Loquitur hic concilium de attritione servili;
 atqui definit hanc attritionem in Sacramento
 ad justificationem sufficere: ergo repugnat do-
 ctinæ Concilii Trid. opinio assentientium amo-
 rem Dei initialem in Sacramento requiri.

R. Admitto auctoritatem: ad probat. dico,
 hoc argumentum utraque tibi claudicare:
 unde

1. Nego maj. nego, inquam, patres hic
 agere de attritione mere servili: de ea enim
 attritione loquuntur, quæ voluntatem peccandi
 excludit; atqui servilis attritio nequit penitus
 voluntatem peccandi excludere, ut superius
 est probatum: ergo &c.

2. Nego min. quod nimirum attritionem,
 de qua loquuntur, definiat ad justificationem
 in Sacramento obtinendam sufficere: non enim
 ajunt, sufficere, sed, disponere, quæ duo di-
 versissima esse, nemo est qui non videat; nam
 ad finem aliquem obtinendum pleraque vulgo
 adjuncta concurrunt, & suo quæque modo
 disponunt; nec tamen de singulis dici potest,
 quod divisim sufficiant: sic, ut ab ipsa, quæ
 in manu est, materia sumamus exemplum, ad
 reconciliationem in Sacramento obtinendam
 disponit actus fidei, disponit & notus spei:
 numquid ideo dicemus fidem, aut spem, cum
 Sacramento, sine altero quovis subsidio ad re-
 conciliationem obtinendam sufficere? deinde
 quod hæc illatio sit a Trid. patribus aliena,
 ex verbis immediate sequentibus, ut prædixi-
 mus, planum est: hoc enim timore, inquit,
 utiliter percussus Ninivite ad Jonæ predicationem,
 plenam terroribus penitentiam egerunt,
 & misericordiam a Domino impetrarunt: qui-
 bus sane verbis non ita magni faciunt timo-
 rem Ninivitarum, ut ad justificationem sine
 amore sufficere arbitrentur; vanum itaque hoc
 argumentum est, & omni ex parte falsum.

Inst. 2. Probando maj. de hac attritione con-
 cilium loquitur, de qua Ecclesiæ Catholice
 cum Luthero contentio erat; atqui de sola
 attritione servili contendeatur: ergo &c.

R. Concessa maj. dist. min. de sola attri-
 tione servili questio erit, utrum bona forte
 & utilis, hominemque non faceret hypo-
 critam

tam & magis peccatorem, conc. utrum sola in Sacramento, sine ullo amoris metu sufficeret, n. min. & conseq.

E. R. De timore servili, ut sæpe monuimus, duplex questio esse potest: 1. utrum sit ex sua substantia bonus? 2. utrum ita sit bonus, ut præter illum in peccante nihil amplius requiratur, ad veniam virtute clavium impetrandam? de secunda nec cogitatum quidem in decretis & canonibus Trid. quippe quæ minime foret a Luthero ejusque sequacibus excitata: itaque de sola timoris servilis utilitate ac bonitate adum est, quam vaserimus hæresiarcha negabat: quod si quis Pallavicinus ex authenticis concilii monumentis attestanti credere detrectaverit; aliorum testimoniis convincetur: quod divinæ justitiæ timore utiliter concutiantur peccatores, ait Andreas Vega concilii Theologus, (lib. 6 in Conc. Trid. c. 23) id nobis controversum est cum Luthero: is namque adeo non credidit gehennæ metu utiliter concuti peccatores, ut & peccatum esse asseruerit, & peccatores peiores facere... nec minus explicite Joannes Eckius: (lib. de pæn. cap. 5) vel fallitur Lutherus, inquit, vel vult fallere catholicos... fatentur enim & hoc catholici cum Sancto Paulo, si quis caritatem non habuerit, nihil esse: fateatur, si quis vellet stare in timore servili duntaxat, sicut Judas, quod veram penitentiam numquam adipsere: sed per hoc non improbat Luthero, quin timor sit initium penitentiae; quin per timorem pareatur & acquiratur penitentia: is est scopus negotii, quem Luthero non tangit... volumus solum impetrare, quod timor pœnæ valeat ad parandam penitentiam: quia timore concipitur; & ita timor sit initium penitentiae: nemo catholicus vult timorem esse penitentiam... nec aliter sentit Card. Bellarminus, affirmans, (lib. 2 de pæn. cap. 17) in hoc totam cum Luthero fuisse controversiam, quod ille damnares timorem servilem, ut qui faceret homines hypocritas magisque peccatores.

Quid vero aliunde quæsitis testimoniis opus est, cum ex Trid. Canonibus res illa perspicue constet? de hoc enim questio vertebatur, quod contra Luthero est definitum; atqui hoc unum contra hæresim ejus sancitum, timorem gehennæ bonum esse ac utilem: si quis dixerit, ajunt patres (Sess. 6, can. 8) gehennæ metum per quem ad misericordiam Dei, de peccatis dolendo confugimus, vel a peccando abstinemus, peccatum esse, aut peccatores peiores facere: anathema sit... (Sess. 14, can. 5) si quis dixerit, eam contritionem, quæ paratur per discussionem, collectionem, & detestationem peccatorum, qua quis recogitat an-

nos suos in amaritudine anime suæ, ponderando... eternæ damnationis incursum... non esse verum & utilem dolorem, nec preparare ad gratiam, sed facere hominem hypocritam, & magis peccatorem... anathema sit.

Inst. 3. Atqui de sola attritione eo loci agit concilium: ergo &c. prob. subs. loquitur S. Synodus de attritione, quæ concipitur ex solo gehennæ metu, vel ex sola turpitudinis peccati consideratione; atqui attritio illa servilis est: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. n. maj. non enim ajunt patres, attritionem hanc concipi ex solo metu, sed communiter concipi ex metu gehennæ, quæ duo longe diversa sunt: "constat ex historia veritas responsionis: paratum erat a nonnullis decretum his verbis conceptum, ait Pallavicinus, (lib. 12, cap. 10) illam contritionem quam Theologi attritionem vocant, quod imperfecta sit, & solum vel ex turpitudinis peccati consideratione, vel ex gehennæ & pœnarum metu, qui servilis timor dicitur, concipiatur; si voluntatem peccandi excludat, & dolorem qualemcumque de commissis delictis exprimat; statuit hæc S. Synodus & declarat non solum non facere hominem hypocritam & magis peccatorem, ut quidam blasphemare non verentur, verum etiam sufficere ad Sacramenti hujus constitutionem, & donum Dei esse, & Sp. Sancti impulsu verissimum, non adhuc quidem inhabitantis, sed tantum moventis, quo poenitens adjutus, cum sine aliquo dilectionis in Deum motu vix esse queat, viam sibi ad justitiam munit, & per eum ad Dei gratiam facilius impetrandam disponitur".

Sed cum admonuisset sæpe laudatus Amilianus Tudetanus Episcopus, qui stabat pro contritionis perfectæ necessitate, falso dici hujusmodi dolorem sine aliquo amore vix unquam concipi posse: quod autem hæc attritio satis esset Sacramento constituendo; ita ut in homine attrito delcantur peccata vi supervenientis absolutionis, variare auctorum sententias: atque adeo hæc verba esse tollenda: decretum, inquit idem scriptor, sicut nunc extat, est reformatum: cum itaque patres expungi ex decreto jusserint particulam exclusivam (solum) & nomen attritionis servilis; manifestum est ruere argumenti propositi fundamentum.

Inst. 4. Probando maj. loquitur concilium de attritione, cujus motivum diversum sit a motivo contritionis; atqui contritionis motivum est amor: ergo loquitur de attritione, quæ præter gehennæ metum, aut turpitudinis peccati considerationem, aliud incitamentum non habeat.

R. Dist.

R. Dist. maj. loquitur concilium de attritione, cujus motivum diversum sit a motivo contritionis, *motivum*, inquam, *aliquid*, conc. *motivum omne*, subdist. cujus motivum a motivo contritionis diversum sit, *gradu*, conc. *specie*, n. maj. dist. pariter *mla*. motivum contritionis est amor, *perfectus*, & *intensive summus*, conc. *imperfectus*, n. min. & conseq.

E. R. Duobus modis differunt contritio & attritio.

1. Quia contritio caritate perfecta est, hominemque Deo reconciliat, priusquam Sacramentum actu suscipiatur, quamquam non sine ejus voto, quod in ea includitur, ut loquitur concilium: (*sess. 14, cap. 4*) attritio vero ex caritate inchoata, & motu dilectionis procedit.

2. Quia contritio metu gehennæ pro incerto non habet: *perfecta namque caritas*, inquit S. Joannes (Ep. 1, cap. 4, 18) *foras mittit timorem: quoniam timor poenam habet; qui autem timet, non est perfectus in caritate: e contra attritio sine metu gehennæ non est.*

Jam itaque fatemur, 1. ex mente Concilii Trid. attritionem habere motivum quoddam a motivo contritionis omnino diversum, timorem nimirum: 2. habere pariter motivum quoddam a motivo contritionis differens gradu & perfectione, scilicet caritate, quæ perfecta est in contritione, imperfecta in attritione: sed negamus ex patrum sententia, ita differre, ut caritatem una habeat, altera excludat: quin e contra contendimus, ex Concilio Trid. certo inferri, attritionem, ut vere ad justiciam in Sacramento obtinendam disponat, amorem aliquem necessario importare: *contritio*, inquit, (*sess. 14, cap. 4*) *quæ primum locum inter penitentis abusus habet, animi dolor ac detestatio est de peccato commisso, cum proposito non peccandi de cætero: fuit autem quavis tempore ad impetrandam veniam peccatorum hic contritionis motus necessarius: & in homine post baptismum lapsio ita demum preparat ad remissionem peccatorum, si cum fiducia divine misericordiae, & voto prestandi reliqua conjunctus sit, quæ ad rite suscipiendam hoc Sacramentum requiruntur.*

Hinc sic inferimus:

Idem, saltem quantum ad speciem contritionis, motus, ad mentem concilii, in penitentis Sacramento requiritur, qui fuit quolibet tempore ad impetrandum peccatorum veniam necessarius; atqui ad reconciliationem necessarius non fuit, nec potuit esse sine amore: ergo a pari in lege gratiæ, ut ad veniam in Sacramento obtinendam sufficiat, nequit esse omnino amoris expers: atque adeo ex Trid. Synodo, attritio & contritio non sic differunt, ut una amorem importet, altera excludat.

De Re Sacram. T. III.

Inst. 5. Ex decreto quale præformatum fuerat, expungi patres jusserunt has voces: (*cum sine aliquo dilectionis in Deum motu vix esse queat*): quæ de attritione servili a decreti editoribus dicta erant: ergo in hoc attritionem a contritione distinguebant, quod illam solus timor, istam amor solus constitueret.

R. 1. Si ex iis, quæ a decreto, quale præformatum fuerat, expungi patres Tridentini voluerunt, de lite præsentis debeat ferri, sine discussione nova, judicium, procul dubio adversarios causa cadere: sic enim contra ipsos intorquetur argumentum: ex decreto, quale primo formatum erat, deleri patres jusserunt has voces: (*sufficere ad Sacramenti hujus constitutionem*): quæ dictæ erant de attritione servili, ex sola turpitudinis peccati consideratione, & gehennæ ac poenarum metu concepta: ergo attritionem hanc non sufficere, patrum sententia fuit: alioquin enim verba sensum suum tam perspicue exprimentia deleri non imperassent.

R. 2. Concesso ant. n. conseq. videndum, quis decreti, quale primo conceptum fuerat, publicationi intercesserit, quæque ei fuerit causa interveniendi, ut inde æquum feratur de sensu Synodi Trid. judicium: intercessor fuit Tudetanus Antistes *Emilianus*, qui, uti narrat Pallavicinus, oppositum extreme sententiæ tenens, pro perfectæ contritionis in Sacramento necessitate, tam servide decertavit: quique semetipsum & causam cujus defensionem susceperat prodidisset, si attritionem omni destitutam amore, velut partem Sacramenti sufficientem, parum sui memor probasset: causa interveniendi fuit, quia perperam dicebatur, motum dilectionis in Deum, ab attritione ex metu concepta vix separabilem esse: *minime*, inquit Eminens Historicus, *falso dici hujusmodi dolorem sine amore vix unquam concipi posse* . . . ideoque id esse tollendum: non igitur ideo commemoratio dilectionis sublata est, quia non putabatur necessaria Sacramento; sed quia Episcopo Tudetano assensus est, haud immerito opposenti, falso in decreto esse dictum, attritionem servilem sine aliquo dilectionis in Deum motu vix esse posse: quod longe distat a præsentis controversia de necessitate amoris in Sacramento: itaque præter vanitatem ac fucum hæc objectio nihil habet.

Inst. 6. Juxta Concilium Trid. attritio ex gehennæ metu concepta, vim aliquam habet in Sacramento, quam extra Sacramentum non habet; atqui extra Sacramentum, ad justificationem remote saltem disponit: ergo in Sacramento ita disponit, ut etiam sine amore sufficiat.

R. Dist. maj. attritio ex gehennæ metu concepta

cepta vim aliquam habet in Sacramento, quam extra non habet; si voluntatem peccandi excludat, conc. secus, n. maj. & concessa min. n. conseq.

E. R. De eadem attritione dicunt Tridentini patres, quod ad gratiam in Sacramento obtinendam disponat, de qua paulo ante dixerant, debere peccandi voluntatem excludere; atqui attritio non excludit voluntatem peccandi, nisi quatenus aliqualem Dei amorem importat: ergo nec disponit ad gratiam in Sacramento obtinendam, nisi comitem habeat & adjunctum amorem.

Inst. 7. Attritio, cui comes amor adiungitur, etiam extra Sacramentum disponit ad gratiam impetrandam: ergo de illa non dicunt Trid. patres, quod in Sacramento disponat.

R. Dist. ant. disponit remote, conc. proxime, n. ant. & conseq. communi hominum usu hæc voces dispositionis remote & proxime, sic tenentur, ut si quis explicare proposuerit, rem inutilem aggrediat: disponit extra Sacramentum ad gratiam obtinendam, attritio solo timore concepta, sed remotissime: disponit si habeat aliquem amorem adjunctum, sed remote, nondum scilicet per Sacramenti efficaciam fecundata: & denique proxime disponit dolor ex amore in Sacramento, quia ut reconciliationem virtute clavium obtineat, nihil amplius requirit.

Monitum.

Jam ne quis supersit de mente Trid. Concilii scrupulus, utque facilius trice omnes enodentur, quibus probare adversarii contendunt, timoris servilis sufficientiam, dogma esse a S. Synodo definitum, rogamus studiosum lectorem, ut ad sequentia momenta, quæ majori jam ex parte exposita, in unum hic prospectum colligimus, animum advertat.

Primum est, a decreto quod paratum fuerat, expunxisse patres hæc voces, quibus dicebatur, *attritionem concipi ex solo gehenne metu: aut ex sola turpitudinis peccati consideratione; tamque sufficere*: sic enim narrat Pallavicinus, quem suspicem adversarii non habent; vel si habent, non ejus tantum, sed actorum concilii, ipsiusque Alexandri VII, quo probante Trid. Concilii historia divulgata est, auctoritatem despiciunt: quis porro credat, S. Synodum attritionis servilis sine amore sufficientiam definire voluisse, quam ne definiret, verba sufficientiam declarantia et decreto suo erasis?

Secundum est, in ipsa Synodo plures patres ac Theologos amoris divini in Sacramento necessitatem libere propugnasse, nemine contradicente; immo nonnullos aperte dixisse, amorem hunc perfectum esse de more: vix autem

aliquos repertos, qui starent pro attritionis servilis sufficientia, aut ejus injicerent mentionem, ut narrat idem Pallavicinus; atqui res nova foret & hæcenus inaudita, si contra omnia vel pene omnium uni concilio assidentium mentem, paucorum opinio contraria vinceret, & nemine repugnante velut dogma definiretur.

Tertiū est, soluto concilio quamplures Theologos, qui eidem interfuissent, rerumque inibi gestarum testes, & non testes solum, sed & actores fuerant, divini amoris in Sacramento necessitatem, pari ac antehac constantia tenuisse, & velut scripturæ ac traditioni apprime consonam propugnasse: eorum vero aut istorum non culparet audaciam, recumenicæ Synodi definitioni impudentem contraentium, aut aliorum sociordiam non delerret, qui contradicentibus resistere non audent.

Quantum est, servilis timoris primos post tempora Trid. Concilii assertores, opinionem hæc veluti recentem, & in praxi minime tutam, subimide & cum pudore aliquo defendisse: quod plane fiduri non erant, si, ut modo adversarii jactant, stare pro se Synodum Trid. intellexissent: quod attritio sufficit, inquit Melchior Canus, unus ex concilii assessoribus, (relat. de pæn. p. 5) quamvis verum sit, non est tamen adeo certum & indubitarum . . . & Franciscus Suarez, (in 3 p. S. Thom. q. 90, art. 4 disp. 15, sess. 4, n. 17) licet sit probabilis opinio, attritionem cognitam sufficere ad justificationem; tamen non est certa, & potest esse falsa . . . nec valde antiqua, nec multum communis est . . . & Paulus Comitulus: (in responsis moralibus lib. 1, q. 32) plures magnique Theologi, ait, in penitente antequam absolvatur, contritionem veram caritate formatam requirunt: nec usque adeo certum est, attritionem penitentis esse satis . . . quin & paulo post vulgatos ubique, summaque omnium consensione receptos concilii canones, quo nimirum tempore a Theologis avidissime legebantur, ut ad eorum normam vel in fide ante habita firmarentur, vel pravas opiniones corrigerent; visus sibi est Ludovicus Lopez sentire audacius, & rem insolitam loqui, timoris servilis sufficientiam propugnando: audio, inquebat, (in instr. conscientia p. 1, c. 9) & hæc statuere conclusionem: probabile est, & non parum veritati, & Concilio Trid. consona opinio affirmativa; scilicet, quod ad impetrandam justitiam, & remissionem peccatorum in Sacramento penitentia, satis est attritio cognita, etiam si penitens non existimet probabiliter eam esse contritionem: ita ne vero loquerentur, quibus persusum foret, attritionis sufficientiam, dogma esse ab Eccle-

sive Catholica in concilio œcumenico definitum?

Quintum est, in Catechismo Romano, ipsius concilii jussu edito, & a scriptoribus qui concilio interfuerant, ad ejus mentem exarato, nusquam opinionem hanc de attritionis servilis sufficientia suggeri, immo nec ullam fieri mentionem doloris ex solo metu concepti.

Sextum est, doctrinam de necessitate amoris ad Sacramentum penitentiae afferendi, a gravissimis ubique Theologis, Pastoribus, Episcopis, Cardinalibus, ut consonam Trid. Concilii definitionibus validissime propugnatam, & etiam num propagari: quis vero inducat in animum, toleratos Pontifices Maximos ut ab œcumenicæ Synodi decreto impune descisceretur, falsoque ei doctrina ab ejus canonibus aliena imponeretur?

Septimum est, hanc ipsam de amoris necessitate doctrinam, Romæ ad examen sæpe vocatam, intactam esse dimissam, & ab omni censura immunem: sic enim cum esset de hac re gravis in Belgio contentio excitata, hinc inde se se Theologis hæreses accusantibus, felicis memoriæ Alexander VII Pontifex max. decretum emisit, an. 1667, die 5 Maji, quod districte prohibuit, ne audent Theologi taxare alterutram sententiam sive negantem necessitatem aliquam dilectionis Dei in attritione, sive asserentem distictæ dilectionis necessitatem; donec a Sancta sede fuerit aliquid hac in re definitum. . . . cumque decennio post, eadem Lovanii querela recrudescente, ad beatæ pariter memoriæ Innocentium XI Pontificem Max. delata esset doctrina scholæ Lovaniensis, amoris necessitatem tuentis, post duplex solemne examen, illæsa, Eminent. DD. Cardinalium qui congregationi S. Officii præerant judicio, abiit.

Octavum est, auctoritas Gallicanorum Antistitum, a quibus an. 1700 sequens propositio, n. 87 damnata est: *Concilium Trid. adeo expresse definit, attritionem quæ non vivificet animam, quæque supponatur sine amore Dei esse, sufficere ad absolutionem; ut anathemæ pronunciet adversus negantes.*

Censura.

Hæc propositio falsa est, temeraria, Concilio Trid. contraria, & in errorem inducit.

Itemque hæc altera n. 86: *attritio ex genere meo sufficit, etiam sine ulli Dei dilectione, sine ullo ad Deum offensum respectu, quia talis honesta & supernaturalis est.*

Censura.

Hæc propositio, quæ a dispositionibus necessariis ad absolutionem excludit quilibet ad Deum offensum respectum, temeraria est, scandalosa, perniciosa, & in hæresim inducit.

Nonum denique, ut multa alia taceamus, est, quod cum nequeant adversarii in suas partes Concilium Trid. pertrahere, quod conatus hæcenus irritò vanisque subtilitatibus ac cavillationibus attentarunt; eorum maxime intersit de sufficientia servilis attritionis opinionem, auctoritate aliqua scripturæ, traditionis, patrum, aut scholasticorum saltem veterum approbare; atqui hæc tam necessariis praesidiis, ut ex antedictis constat, absolute destituuntur: hoc enim unum probare possunt, quod omnes contra Lutherum catholici profitentur, timorem scilicet esse bonum, & utilem: at ita esse bonum, ut se solq ad conversionem in Sacramento sufficiat, in hanc usque diem nec adstruxerunt, nec adstruunt unquam, cum ex Sacris Litteris & patrum documentis, ipsaque natura conversionis certissimo eruatur, solo amore mutari voluntatem, ac Deo, cui per peccatum erat denegata, restitui.

Inst. ultimo, & contra nos modo laudatum Alexandri VII decretum inflectunt: majorem enim, inquit, sum. ille Pontifex, opinionis de sufficientia servilis attritionis, quam contrariæ decernit esse auctoritatem: in hanc ergo partem, quam in contrariam propensior erat.

R. Nego ant. cujus ut vanitas demonstratur, sat erit decretum quale latum est de verbo ad verbum exscribere: „ feria 5 die 5 Maji 1667 SS. D. N. Alexander Papa VII cum acceperit non sine gravi animi dolore, scholasticos quosdam acris, nec absque fidelium scandalo inter se contendere, an illa attritio, quæ concipitur ex metu gehennæ, excludens voluntatem peccandi, cum spe veniæ, ad impetrandam gratiam in Sacramento penitentiae, requirit insuper aliquem actum dilectionis Dei; asserentibus quibusdam, negantibus aliis; & invicem adversam sententiam censurantibus: sanctitas sua enixe cupiens pacis vinculum inter fideles servari, omnemque scissuræ fomitem extinguere; auditis votis Eminent. & Reverend. DD. Cardinalium, adversus hæreticam pravitatem generalium inquisitorum, nec non DD. Consultorum & qualificatorum S. Congregationis ejusdem generalis inquisitionis; hoc præsentī decreto in virtute

sanctae obedientiae, & sub poena excommunicationis latae sententiae huic S. Sedi reservatae, aliisque poenis ejusdem S. Sedis arbitrio taxandis, praecipit cunctis & singulis fidelibus, quocumque gradu, ac dignitate, etiam Episcopali, & majori, imo & Cardinalitia fulgentibus, ut si deinceps de materia attritionis praetate scribent, vel libros, aut scripturas edent, vel doceant, vel praedicabunt, vel alio quovis modo pernitentes, aut scholares, ceterosve erudent, non audeant alicujus Theologicae censurae, alteriusve injuriae, aut contumeliae nota taxare alteram sententiam, sive negantem necessitatem aliquis dilectionis Dei in praefata attritione ex metu gehennae concepta, quae hodie inter scholasticos communior videtur, sive asserentem dictae dilectionis necessitatem, donec ab hac S. Sede fuerit aliter, quid in hac re definitum.

Ecce tibi integrum, ut praedixi, decretum, quod quatenus aliquod adversariis patrocinium afferat, nemo, lyncos licet habeat oculos, videbit unquam: hic equidem dicitur, servilis attritionis opinio, inter scholasticos hodie videri communior: verum praeter quam quod ipse phrasit contextus: (*hodie inter scholasticos communior videtur*): novitatis opinionem hanc arguit, (quod enim hodie est, & heri non erat, est novum): non ideo majoris auctoritatis putari debet, quia defensorum numero alteram superat: nemo namque nescit, ubi res divina tractatur, non numero protectorum sententias esse dijudicandas, sed pondere: quo loco sane, inquit Melchior Canus, (*de locis Theol. l. 1. c. 1*) arguendi sunt scholastici nonnulli, qui ex opinionem quas in schola acceperunt praedictum, viros alias catholicos notis gravioribus incurrunt, idque tanta facilitate, ut merito rideantur. Theologorum enim Scholasticorum, inquit paulo super etiam multorum testimonium, si alii contra pugnant viri docti, non plus valet ad faciendam fidem, quam vel ratio ipsorum, vel gravior etiam auctoritas comprobabit: videlicet in scholastica disputatione plurimum auctoritas obstruere Theologum non debet: sed si paucos viros modo graves secum habet, poterit sane adversum plurimos stare. Ita Melchior Canus; cujus pronuntiatum tum alibi saepe, tum nusquam magis quam in praesenti questione, sapiens est ac iudicii plenum: si enim hodierni Theologi servilis attritionis protectores, contra sentientes numeros vincunt; videntur sane ipsi longe graviore rationis & antiquioris auctoritatis pondere: itaque nihil habet nobis decretum Alexandri contrarium.

Erit forte qui in his insistat vocibus: *an*

illa attritio, quae concipitur ex metu gehennae, excludens voluntatem peccandi &c. quibus insinuari videtur, ad mentem Pontificis Max. solo gehennae metu excludi posse peccandi voluntatem; quod nos affirmamus factum esse impossibile: verum narratio haec est & expositio opinionis eorum qui pro servilis attritionis sufficientia dimicant, non sententiae Pontificis Maximi expressio: quod erit attente decretum legenti manifestissimum.

¶ Si quae adhuc de re hac difficultas superesset, jam haec penitus sublata censeri debet ex verbis supra laudati Benedicti XIV feliciter regnantis lib. 7, Cap. 13, Syn. Dioc. ubi redarguit eos Theologos, qui ob auctum Doctorum sibi consentientium numerum animosiores facti, non solum atque ulla dubitatione, limitatione asservunt (attritionem sufficere &c.), sed contrariam sententiam requirentem in Penitentia aliquem charitatis amorem, saltem initialem, carere, & censura afficere non dubitant, eam omnino improbabilem, periculosam, Trid. menti contrariam, atque implicite, & virtualiter ab eodem Trid. proscriptam dissimant. Quod etiam luculentissime colligitur ex aliis verbis, quae ibidem subjicit sapientissimus Pontifex, & ex hac ejusdem sententia: Cum itaque veniemus in questione ab Ecclesia hactenus non definita, iure ac merito Alexander VII die 5 Maji 1657 sub poena excommunicationis latae sententiae de Apostolicae reservatae praecipit, cunctis, & singulis fidelibus &c. prout supra relatum est. Ex quo concludit: Caveant praefati Episcopi, ne in suis Synodis, aut in instructione Sacerdotum, quam Synodis quandoque attulerint, aliquid decernant &c. Adhuc quippe sub iudicio lis est. Adhuc impare pro una, & altera sententia dimicatur.

Apposite nihilominus monet Nam. 10 Pontifex idem, Sed non ideo prohibetur Episcopi Confessarios monere, ut penitentes ad veram, & perfectam contritionem hortentur, & excitent: id siquidem faciendum sudent etiam praecipui Auctores, qui praesufficientia doloris ex solo metu gehennae steterunt, uti Suarez, Gamañachas, Comitolus, quorum testimonia supra retulimus. Et quod magis est, ita fieri praecipit Rituale Romanum jussu Pauli V editum, Confessario injungens, & audita Penitentis Sacramentali Confessione, ejusque peccatis diligenter expensis, opportunas correptiones, ac monitiones, prout opus esse viderit, paternam charitatem adhibere, & ad dolorem, & contritionem efficacius verbis adducere conetur. Cui consonat Rituale Argentinense, editum a Cardinali de Rohau iii. de

„ Pa-

„*Pœnit. §. 1*, ubi hæc habentur: *Ceterum*
„ Pœnitentes suos admonere non cessent Con-
„ fessarii, ne se putent securos in Sacramenti
„ Pœnitentie perceptione, si præter fidei, &
„ spei actus, non incipient diligere Deum,
„ tamquam omnis iustitie fontem, ut loquitur
„ Sacrosancta Trid. Synodus.” Hujus Ritua-
 lis Argentinensis monitio a Sum. Pontifice lau-
 data, & approbata valde notanda est. Ex ea
 namque conficitur in praxi fideles (quidquid
 sit de contraria sententia speculative conside-
 rata) dum ad Sacramentum pœnitentie ac-
 cedunt, conari debere, ut actum dilectionis
 Dei eliciant, & propter ipsum peccata detestentur.
 Ideo quippe monet illud Rituale Con-
 fessarios, ut ad illum actum Pœnitentes hor-
 tentur & excitent; quia putare se non debent
 securos de dispositione ad rite Sacramentum
 suscipiendum necessario præmittenda, si eum-
 dem omittant. Igitur & ex eo Rituali, & ex
 Sum. Pontificis approbatione colligitur asseren-
 dum omnino esse ad pœnitentiae Sacramen-
 tum dolorem aliqua Dei dilectione forma-
 tum. ¶

Verum ut præsentī qu. finem ponamus sit

ARTICULUS TERTIUS.

Quis & qualis debeat esse amor, ad Sacra-
mentum pœnitentie afferendus.

Constituta necessitate amoris reconciliatio-
 ni præmittendi, superest ut cujus nature &
 conditionis esse debeat explicemus; qua in re
 videmus longe disparēs multorum opiniones ja-
 ctari; quorum licet communis sententia sit,
 non sufficere attritionem ex metu conceptam,
 nisi habeat aliquem, saltem initialem, Dei
 amorem adjunctum; qualis tamen hic amor
 esse debeat, & quo sensu dicatur initialis, di-
 versissimis modis definiunt; ut nostro itaque
 muneri fiat satis, 1. proponendæ opiniones: 2.
 verior ac certior adstruenda: 3. dilucidæ quæ
 contra occurrent difficultates. Sit igitur

§. PRIMUS.

Proponuntur opiniones.

Quod ut perspicue fiat, quæstiones aliquæ,
 totidemque, more nostro, præmittendæ respon-
 siones.

Q. 1. Quotuplex sit amor?

R. Quantum ad præsens institutum facit, du-
 plicem vulgo distingui, amorem concupiscentiæ,
 & amorem amicitie sive benevolentie.

Amor concupiscentiæ est, quo aliquid ama-
 tur, non præcise in se, sed quatenus est bo-

num amanti: amor amicitie est, quo aliquid
 in se amatur, quatenus in se ipso est bonum:
motus enim amoris, inquit Angelicus Doctor
(1. 2. q. 23, art. 4, in c.), in duo tendit,
scilicet in bonum quod quis vult alicui, vel
sibi nimirum, vel alii; & in illud cui vult
bonum: ad illud ergo bonum quod quis vult
alteri, habetur amor concupiscentie: ad illud
autem, cui aliquis vult bonum, habetur amor
amicitiæ . . . porro, inquit ibid. quod amatur
amore amicitie, simpliciter & per se ama-
tur: quod autem amatur amore concupiscen-
tie, non simpliciter & secundum se amatur,
sed amatur alteri . . . & per consequens amor
quo amatur aliquid, ut ei insit bonum, est
amor simpliciter: amor autem quo amatur
aliquid, ut sit bonum alterius, est amor se-
cundum quid.

Q. 2. Utrum Deum inter & hominem pos-
 sit esse amor amicitie?

R. Cum eodem affirmative, & dico carita-
 tem esse singularem quandam amicitiam homi-
 nis cum Deo, quatenus præter benevolenti-
 am, mutuum amorem importat: non quilibet
 amor, ait S. Doctor, (2. 2. q. 32, art. 1,
 in c.) habet rationem amicitie, sed amor qui
 est cum benevolentia: quando scilicet sic ama-
 mus aliquem, ut ei bonum velimus; si au-
 tem rebus amatis non bonum velimus, sed ip-
 sum eorum bonum nobis velimus, sicut dici-
 mur amare equum, vel aliquid ejusmodi, non
 est amor amicitie, sed ejusdem concupiscen-
 tiæ: ridiculum enim est dicere, quod aliquis
 habeat amicitiam ad equum: sed nec benevo-
 lentia sufficit ad rationem amicitie, sed requi-
 ritur quedam mutua amatio, qua amicus est
 amico amicus: talis autem mutua benevolen-
 tia fundatur super aliqua communicatione: cum
 ergo sit aliqua communicatio hominis ad Deum,
 secundum quod nobis suam beatitudinem com-
 municat, super hanc communicationem oportet
 aliquam amicitiam fundari: amor autem
 super hanc communicationem fundatus, est caritas,
 unde manifestum est, quod caritas,
 amicitia quedam est hominis ad Deum: ita
 præceptor Angelicus, cujus doctrina sacris
 litteris & patribus apprime consentanea est:
 sic enim præter cætera quæ afferri possent,
 Christus in Evangelio: (Joan. 15, 14, & seq.)
vos amici mei estis, inquit ad Apostolos, si
feceritis, quæ ego præcipio vobis: jam nondi-
cam vos servos, quia servus nescit quid fa-
ciat Dominus ejus: vos autem dixi amicos,
quia omnia quæcumque audivi a patre meo,
nota fecit vobis.

Q. 3. Amor initialis quid sit?

R. Esse amoris initium: quomodo enim na-
 scentis auroræ crepusculum, dies initialis vo-
 cari

erari potest, sic primum erga Deum amoris sensum, amorem dixere initialem: qua in re nihil est difficultatis.

Q. 4. Unde peti debeat amoris initium?

R. Ab ipso. caritatis nascentis primordio esse petendum, adeo ut caritas initialis, & caritas provecta, gradu differant, non natura: quomodo enim dies nascens, ejusdem cum die plena naturæ est, & calidum primo gradu cum calido ad secundum, tertium, & sequentes gradus specie convenit; ita amor initialis, ad eandem cum amore provectiori speciem pertinere censendus est: quo fit ut amor Dei initialis, etiam non intensus, certe esse debeat appreciative summus: quin appreciative summum esse, tam de divini amoris natura est, quam naturaliter igni esse calidum, & soli esse lucidum convenit: debet, inquam, esse summus, quia Dei summe boni, summe proinde amandi est amor: in hoc enim ordinis relictio consistit, ut amemus quod est amandum, & denique summe amemus quod amandum est super omnia; atqui Deus super omnia est amandus: ergo debet summus esse amor Dei initialis, quia: alioquin Dei amor esse non potest: at, inquis, quomodo initialis est, si jam est in summo?

R. Hæc duo bene consistere, quod sit initialis, & quod sit summus: initialis enim est gradu, quia nondum fervoris & intensionis perfectionem attigit; spe summus natura, quia summum summæ amandum objectum habet, quod nisi summe amaret, non magis Dei amor initialis dici posset, quam tenebræ lucis possunt appellari primordia.

Quod si summum esse oporteat, sequitur appreciative talem esse debere; adeo ut nullum objectum sit, quod Deo non postponamus, summe enim Deus non amaretur, si aliquid præter illum vel tam amaretur, vel magis amaretur quam ipse: quia hæc est pessima ordinis perturbatio, non pluri facere creatorem quam creaturam, vel creaturam potiori loco habere.

Q. 5. Utrum eadem omnes ratione amorem initialem intelligant?

R. Negative: sunt enim qui nomine amoris & caritatis initialis, nihil aliud velint significari quam simplicem voluntatis in Deo complacentiam, quæ neque efficax sit, nec Deum omnibus præponat, sed initium dumtaxat aliud sit, & inchoatio amoris super omnia, quomodo punctum est initium lineæ, & puer initium ac inchoatio viri perfecti.

Sunt & alii qui nomine caritatis initialis, quemlibet actum virtutis supernaturalis intelligi volunt, quovis tandem motivo eliciatur: quo fit, ut ex eorum sententia, actus fidei,

actus spei &c. amor initialis vere sit ac dicatur: dilectio initialis, inquit, est quicumque actus virtutis supernus, ex quovis motivo eliciatur; cum caritas sit finis omnis virtutis, ex illo 1 ad Tim. 9, v. 5: finis autem præcepti est caritas: unde omnes alii actus virtuosus voluntatis, sunt tamquam medium respectu caritatis: ac proinde sicut medium dicitur participare aliquid de fine; ita quicumque actus virtuosus participat aliquid de caritate, ut habet D. Thomas in 3, dist. 26, art. 2, ad 3, dicens: omnes alie virtutes participant aliquid a caritate.

Hoc posito dicimus, de amore ad Sacramentum penitentiae asserendo, quis & qualis esse debeat, quatuor opiniones esse diversas.

1. Eorum, est, qui volunt simplicem complacentiam sive amorem inefficacem sufficere.

2. Eorum, qui contendunt, quemlibet supernaturalis virtutis actum, pro amore initiali habendum.

3. Illaque communior, est eorum, qui caritate exclusa, contendunt amorem ad obtinendam in Sacramento reconciliationem necessarium, esse amorem concupiscentiæ sive spei, quo Deus non quatenus in se bonus, sed quatenus bonus amanti diligitur.

4. Denique eorum, qui amorem caritatis absolute: necessariū esse: contendunt; cum quibus sit.

§. SECUNDUS.

Ostenditur amorem ad Sacramentum offerendum, caritatis, benevolentie, & amicitie esse, quo nimirum peccator Deum tamquam omnium justitiarum fontem diligere incipit.

¶ Plerique recentiores Theologi, qui attritionem mere formidolosam propugnare jam erubescunt, vel denotatam causam sustinere amplius posse dissident; caritatis tamen necessitatem admittere conatu omni destitunt. Ac quod hac in re festivum, ac lepidum est, ne quid acerbius dicam; in nos veluti in impositores irascuntur, quod eorum alios quidem, ut attritionis mere formidolosæ defensores, alios vero ut fautores doctrinæ maximo præcepto charitatis minus congruè refellamus. Audiatur inter alios *Tournelius*, qui horum omnium causas orandum suscepisse videtur, & in *Pref. ad Tract. de Pœnit.* hæc scribit: „nobis turpiter ad invidiam imponent, qui clamitant magnum dilectionis Dei præceptum a nobis violari, qui solo pœnarum timore sine ullo amore Dei, peccatorem ad gratiam in Sacramento percipiendam disponi, assevera-

mus.

mus. Mera est, mihi credite, calumnia.
 Novimus primum illud esse, ac maximum
 legis mandatum: *diliges Dominum Deum tuum*
ex toto corde tuo, ex tota anima tua &c.
 Neque porro satis intelligimus, qui fieri
 possit ut excludatur voluntas peccandi, fir-
 monque vitæ melioris, & omnium manda-
 torum Dei observandum propositum con-
 cipiat sine aliquo prævio Dei amore, sal-
 tem inchoato, & incipiente. Ita nemera
 calumnia hæc est? Sed undenam in primis hæc
 doctrina maximum præceptum dilectionis Dei
 solo amore spei, vel concupiscentiæ, hoc est
 præceptum charitatis sine actu charitatis im-
 pletur? Deinde mera est calumnia, quod
 plures solo peccatorum timore sine ullo amore
 Dei peccatorem ad gratiam in Sacramento
 percipiendam disponi asseverat? Ita est, in-
 quit Tournelius idem pag. 125, edit. Venet.
 Nam Theologi illi, qui post Concilium
 Trid. sententiam attritionis defendunt, vel
 impetunt, omnem Dei amorem abattritione
 non excludunt; sed eum solum, qui veræ,
 & propriæ charitatis est, ac hominem ju-
 stificat ante Sacramentum. Sed unde hoc
 innoscere potest, si eorum plerique nullam
 prorsus amoris Dei mentionem faciunt, immo
 quemcumque discrete excludunt affirmantes attri-
 tionem ex solo peccatorum timore conceptam
 sufficientem esse ad hoc Sacramentum disposi-
 tionem?

Nonne particula illa *solo* amor omnis ex-
 cluditur, sed ille duntaxat, qui veræ charita-
 tis est? Ita quidem inquit Tournelius: Sed al-
 iam vim, ac significationem in termino *solo*
 agnoscunt & Grammatici, & Dialectici: ne-
 que ullum suppetit fundamentum vim ipsius
 coarctandi ad exclusionem solius amoris cha-
 ritatis. Immo fundamentum adest, & quidem
 maximum, reponit Tournelius. Quia scilicet
 cet non aliaipsi mens videtur fuisse, quam
 ut exclusa hujus amoris, seu charitatis ju-
 stificantis necessitate, suam Sacramentum
 vim, & efficaciam servarent, & adversus
 Magistrum, ejusque discipulos ostenderent
 absolutionem Sacramentalem non tantum de-
 clarare, sed etiam dimittere peccata. Por-
 ro etiam exclusa illa charitatis justificantis
 necessitate, nonne datur alicui vero amo-
 ri Dei locus, nempe concupiscentiæ? Verum
 si hunc illi necessarium admisere, cur
 a necessitate veræ charitatis propugnatoribus
 impetiti, toti ferme fuerunt in vindicanda
 soli timori exclusionis cuiuscumque affectus ad
 peccatum, sufficiente cordis ad Deum conver-
 sione, & sincera animi dispositione ad omnia
 mandata Dei adimplenda? Nonne hoc signum
 evidens est aut hujusmodi amorem in mentem

illis nequaquam venisse, vel illum insuper ha-
 buisse existimantes nihil amplius ab eo in pe-
 nitente præstari posse; quam timor ipse præ-
 stiterit? Et si hocce tempore hujusmodi amo-
 rem omnino necessarium putant, cur illum &
 in catechismis non proponunt, & in concioni-
 bus non explicant, & in ascetis libris non in-
 culcant? Et tamen benigna hac Tournelii ex-
 plicatione ex adversariis nonnulli hodierno
 tempore adeo fidunt, ut asserere non verean-
 tur, neminem attritionem mere formidolosam,
 seu omnis expertem amoris tanquam ad Sa-
 cramentum Pœnitentiæ sufficientem propugnasse,
 ut, si eos audiamus, tot eximii viri, qui
 in ejusmodi attritionis insufficientia demon-
 stranda laborarunt, contra umbras, larvasque
 ut dici assolet, dimicaverint. Ita sane intel-
 alios fidentissime loquitur Author *Historiæ lit-
 terariæ Italici* anni 1750; quem alii postmo-
 dum secuti sunt, & in ipsis publicis thesibus
 veluti rem extra dubitationisaleam positam re-
 præsentant. Sed hæc in re diutius hærere non
 vacat. Unde propositionem constitutam com-
 probemus.

Hæc porro assertio iisdem argumentis ad-
 struitur, quibus articulo præcedente ostensum
 est, aliquem Dei amorem in Sacramento pe-
 nitentiæ esse necessarium: quemcumque enim
 attentius ex scripturis, patribus, scholasti-
 cis antiquis, ipsoque Trid. concilio testimonis
 non alium nisi caritatis amorem spirant.

PROBATIO PRIMA.

Ex Scripturis.

Id quod experimento facili deprehendet,
 quisquis eorum partem aliquam memoria repe-
 terit: sic enim, numquid caritatis, in con-
 versione ad Deum, necessitatem non prædi-
 cant isthæc novi & veteris instrumenti oracu-
 la? (*Deut. 4, 29*) cum *querieris Dominum Deum*
tuum, invenies eum; si tamen toto corde
querieris, & tota tribulatione animæ tuæ...
 (*3 Reg. 8, 46* & *1 Reg. 11, 9*) si peccaverint tibi...
 & egerint penitentiam in corde suo... & re-
 versus fuerint ad te, in universo corde suo, &
 tota anima sua... exaudies orationes eorum
 & propitiaberis populo tuo qui peccavit
 tibi, & omnibus iniquitatibus eorum, quibus
 prævaricati sunt in te: (*Joel. 2, 12*) conver-
 titimini ad me in toto corde vestro... & scin-
 dit corda vestra, & non vestimenta vestra,
 & convertimini ad Dominum Deum vestrum...
 (*Prov. 8, 17*) ego diligentes me diligo, &
 qui mane vigiliant ad me invocant me... (*Luc.*
7, 47) remittuntur ei peccata multa quoniam
 dilexit multum... (*1 Pet. 4, 8*) caritas
 operis

operis multitudinem peccatorum (1 Joan. 3, 14) qui non diligit, manet in morte ... (Matt. 10, 37) qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus (1 Cor. 13, 1) si linguis hominum loquar & Angelorum & si distribuero in cibis pauperum omnes facultates meas, & si tradidero corpus meum, ita ut ardeam; caritatem autem non habuero, nihil mihi prodest (Matt. 23, 36) diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua : hoc est maximum & primum mandatum &c.

PROBATIO SECUNDA.

Ex Patribus.

Jam vero Sancti Doctores vel in ista materia prorsus deserunt; vel si eorum de amoris ad conversionem necessitate judicio acquiescimus, amorem hunc caritatis esse tenebimus confiteri; cum vocabis amoris, dilectionis, caritatis, indiscriminatim utantur.

Mandatum si fit timore pœna, non amore utitur; ait S. Aug. (lib. de sp. & litt. c. 14) serviliter fit, non liberaliter; & ideo nec fit: non enim fructus est bonus qui de caritatis radice non surgit.

Inaniter putat, (Epist. 145 ad Anast.) visorem se esse peccati, qui pœna timore non peccat inimicus ergo justitiæ est, qui pœna timore non peccat: amicus autem erit, si ejus amore non peccet qui gehennas metuit, non peccare metuit, sed ardere: ille autem peccare metuit, qui peccatum ipsum sicut gehennas odit tantum porro quisque peccatum odit, quantum justitiam diligit.

(In exposit. ep. ad Galat.) Non auferuntur peccata, nisi gratia fidei, quæ per dilectionem operatur.

(lib. 83 qq. qu. 83) Justitiæ non serviliter, sed liberaliter serviendum est: id est caritate potius quam timore.

(serm. 7 de tempor.) Nunc jam ad vos loquor penitentes, qui penitentiam in Ecclesia accepistis & agitis: vos modo debetis amare Deum, & a timore jam ad dilectionem transire: quia sic legimus in Evangelio de peccatrice illa: cui multum dimittitur, multum diligit.

(tract. 9 in Joan.) Non prodest, si quis tradat corpus suum, utique pro nomine Christi, ita ut ardeat, & illud non faciat caritate.

(conc. 21 in Ps. 118) Non prodest inter quantacumque tormenta martyrii confiteri, si caritas in confitente non est, &c.

S. Joannes Chrysost. (hom. 4 in 2 Cor.) cum peccaveris, ingemisce, non quod pœnas daturus sis; nihil enim hoc est: sed quod Dominum tam benignum, tam te amantem, tam denique salutis tuæ cupidum offenderis, ut filium quoque suum tua causa tradideris.

S. Leo Pontifex Max. (serm. 7 de jejunio 7 mensis) tanta est sub his gemine caritatis edicto, (amoris Dei & proximi) utriusque copula testamenti; ut sine istarum conjunctione virtutum, nec lex quæquam inveniri justificasse, nec gratia.

S. Gregorius M. (lib. 3 moral. c. 27) Sancta electorum Ecclesia simplicitatis suæ & rectitudinis vias timore inchoat, sed caritate consummat: cui tunc est funditus a malo recedere, cum ex amore Dei caperis jam nolle peccare.

(lib. 3 past. curæ admonit. 14) Admonendi sunt qui flagella metuunt, ut si malis veraciter carere desiderant, æterna supplicia perhorrescant, neque in hoc suppliciorum timore permaneant, sed ad amoris gratiam nutrimento caritatis excrecant.

Sanctus Petrus Chrysolog. (serm. 94) cælestis creditor totum debitum caritate compensat, & ad incrementum totius sanioris, amoris solius exigit & requirit usuram: plendus debitor qui dilectione sola suam negligit redimere cautionem homo, remansit tibi, unde piissimo satisfaciens creditori: absolvi vis? ama: caritas cooperiet multitudinem peccatorum.

S. Bernardus: (de dilig. Deo c. 12) sola quæ in filio est caritas, non querit quæ sua sunt: quamobrem puto de illa dictum: lex Domini immaculata convertens animas: quod sola videlicet sit, quæ ab amore sui & mundi avertere possit animam & in Deum dirigere sit itaque servo sua lex, timor ipse quo constringitur: sit mercenario sua cupiditas sed nulla harum aut sine macula est, aut animas convertere potest: caritas vero convertit animas.

PROBATIO TERTIA.

Ex Sancto Thoma.

Primum, inquit ille, (lib. 4 cont. gent. c. 73) quod in penitentia requiritur, est ordinatio mentis, ut scilicet mens convertatur ad Deum, & avertatur a peccato mens nostra debite ad Deum converti non potest sine caritate.

(in 4, dist. 30, q. 1, art. 1) Antiochus veniam consecutus fuisset, si vere penitisset: sed non habuit veram penitentiam, quia non

ex amore justitiæ de peccatis commissis dolēbat, sed timore pœnæ quam exspectabat &c.

(1, 2, qu. 113, art. 10, in corp.) Est iste communis & consuetus cursus justificationis, ut Deo movente interiori animam, homo convertatur ad Deum, primo quidem conversione imperfecta, ut postmodum ad perfectam deveniat: quia caritas inchoata meretur augeri, ut aqua mereatur perfecti, sicut Augustinus dicit.

(3 p. q. 84, art. 10) Ad veram penitentiam caritas requiritur, sine qua non delentur peccata.

(ib. quest. 85, art. 2, ad 1) Si in actu penitentis consideretur sola displicentia peccati præteriti, hoc immediate ad caritatem pertinet; sed intentio operandi ad deletionem peccati præteriti, requirit specialem virtutem sub caritate.

(ib. art. 3, ad 4) Penitentia est cum fide passionis Christi, per quam justificamur a peccato, & cum spe veniæ, & cum odio vitiorum, quod pertinet ad caritatem.

(ib. ar. 5, in c.) Horum abūum (quibus Deo operanti in penitentia cooperamur) quartus est motus caritatis, quo alicui peccatum displicet, secundum se ipsum, & non jam propter supplicia.

(ib. q. 86, art. 3, in cor.) Non potest esse vere penitens, qui de uno penitet, & non de alio: si enim displiceret ei illud peccatum, quia est contra Deum super omnia dilectum, quod requiritur ad rationem veræ penitentis, sequeretur quod de omnibus peccatis peniteret, &c.

PROBATIO QUARTA.

Ex Concilio Tridentino.

Testimonia Concilii Trid. itemque momenta historica ex libro Pallavicini petita, quæ art. præcedente §. 2 attulimus, iterum hic describere animus non est, nec vacat per otium. Tantum inde argumenta quædam ad id quod modo defendimus adstruendum efficacissima petimus.

S. Synodus ses. 6, cap. 6, inter dispositiones justificationi præmittendas amorem recenset, quo Deum tamquam omnis justitiæ fontem diligere peccatores incipiunt; atqui amor ille, spei sive concupiscentiæ ex mente ejus esse non potest. Motum enim spei a motu amoris Patres distinguunt: disponuntur ad ipsam justitiæ, inquit, dum peccatores se esse intelligentes, a divina justitiæ timore, quo utiliter concutuntur, ad considerandam Dei misericordiam se convertendo, in spem eriguntur, fidentes Deum sibi propter Christum proprium fore; illumque tamquam omnis justitiæ fontem diligere incipiunt: ubi, ut vides, spes

De Re Sacram. T. III.

præcedit, dilectio sequitur; nec tamquam intrinseca spei conditio, aut propria ejus, ut sic dixerim, operatio, sed ut nova dispositio, a spe fiduciam generante prorsus distincta proponitur: alioquin enim in hæc Concilii doctrina confusio & inutilis repetitio foret. Vim ergo textui faciunt adversarii, quando dilectionem Dei tamquam omnis justitiæ fontis, de amore spei sive concupiscentiæ interpretantur: unde superest, ut de amore caritatis intelligi debeat.

Deinde. Non de quovis indiscriminatim amore Patres loquuntur, sed de eo quo Deus incipit diligi tamquam omnis justitiæ fons; atqui Deum tamquam omnis justitiæ fontem, sive propter se ipsum diligere, non spei, sed caritatis officium est: amor quidam est perfectus, inquit Angelicus Doctor, (2, 2, q. 17, art. 8, in corp.) quidam imperfectus: perfectus quidem amor est, quo aliquis secundum se amatur; ut puta, cum aliquis secundum se vult alicui bonum, sicut homo amat amicum. Imperfectus amor est, quo quis amat aliquid non secundum ipsum, sed ut illud bonum sibi ipsi proveniat: sicut homo amat rem quam concupiscit. Primus autem amor pertinet ad caritatem, quæ inheret Deo secundum se ipsum: sed spes pertinet ad secundum amorem, quia ille qui sperat, aliquid sibi obtinere intendit.

Præterea. Concilium in hoc 6 de justificatione cap. Doctrinæ S. Thomæ fideliter hæsit, cui, teste Dominico Soto (in 4, dist. 14, q. 2, art. 9), honorem hunc detulit, ut articulum ejus quintum questionis octuagesimæ quintæ tertiæ partis, sibi proprium faceret, & totidem penè verbis exscriberet; atqui eo loci S. Doctor, id quod dicunt Patres Trid. diligere Deum tamquam omnis justitiæ fontem, appellat, motum caritatis. Ergo pariter de amore caritatis debet Concilium intelligi.

Insuper. Attendendum quamobrem hæc verba, (Deum tamquam omnis justitiæ fontem diligere incipiunt) quibusque succedentibus, decreto addita fuerint. Rem sic narrat Pallavicinus sæpe laudatus: (hist. lib. 8, c. 13) „quod „attinet ad id quod dicitur de dilectione Dei, „advertendum est, per tenorem decreti prius „delineati, nullam fieri dilectionis mentionem: sed Salvatorem Alepium Archiepiscopum Turritanum, Claudium Jajum S. J. Litanianum Veronensis adjutorem, & Pium Franciscanorum Præsidem admonuisse, ut „aliquis caritatis actus insereretur. Cumque id „ad omnium Patrum judicium relatum foret „cum aliis præcipuis notis, ut indicavimus, „viginti tres ex ipsis diserte comprobasse, „adeoque insertum decreto; sed postea alii „hæud

X

„haud probatum; verum a Theologis stren-
 „tum: non est sermo eo loco de habitu cari-
 „tatis; sed cum in particula quæ loquitur de
 „penitentia, nulla fiat mentio amoris, vi-
 „sum est, cum fide & spe jungere aliquem
 „dilectionis actum; quia si penitentia tota es-
 „set ex timore sine amore iustitiæ, & do-
 „lor esset propter poenam tantum, non pro-
 „pter Dei offensam, infructuosa esset.“
 Ergo per hæc verba (*Deum tamquam omnis
 iustitiæ fontem diligere incipiunt*) motum cari-
 tatis intelligebant; cum ea de causa decreto ad-
 jecta fuerint, ut aliquis caritatis actus inere-
 retur: quod vel unum argumentum, ad eorum
 opinionem revincendum sufficeret, qui contra
 historice fidem, Patres de amore concupiscen-
 tiæ hic esse locutos pertinaciter affirmant.
 Numquid enim decreti sensum melius iis ipsis,
 a quibus conditum est, assequuntur? tantæ
 quæ auctoritatis sunt, ut sibi magis credamus,
 dicentibus de concupiscentiæ amore hic agi,
 quam Patribus attestantibus, se de caritate es-
 se locutos?

Est & aliud ejusdem rei ibidem nec minus
 efficax argumentum. Cum enim occasione se-
 ptimi capituli ejusdem sessionis decimæ quar-
 tæ, ubi dicitur peccatorem caritatis infusione
 justificari, orta inter Theologos contentio es-
 set; quibusdam animadvertentibus, ait Card.
 Pallavicinus, (ib. c. 14) caritatem superiore
 capite memoratam recenseri sub illius initium
 inter ea quæ præparant animum ad justiti-
 am suscipiendam; postea vero tamquam justitiæ
 formam poni: responderunt decreti formatores,
 in primo loco (scilicet capite sexto) sermo-
 nem esse de quodam actu caritatis; cum insit ali-
 qua dilectio in homine, non quidem obin-
 ente, sed exoptante justitiā: at in secundo
 (cap. nimirum 7) significari habitum cari-
 tatis.

Denique. Accedit gravium Theologorum au-
 thoritas, affirmantium non de amore spei sive
 concupiscentiæ, sed de vero caritatis motu
 Patres Trid. esse locutos. Sic inter cæteros
 Franciscus Suarez: (3 p. disp. 4, sect. 1) nec
 vero dicit Concilium, inquit, hunc amorem
 pertinere ad spem, sed potius supponere spem,
 & post conceptam spem per eam erigi homi-
 nem, & quasi sublevari ad diligendum Deum,
 utique propter se ipsum. Nam amor concupi-
 sciencie non sequitur proprie ex spe, sed ad
 illam potius supponitur.

Et Tannerus: (rom. 4, disp. 6, q. 2, dub.
 4, n. 75) „certum est, ait, sermonem ibi
 „esse de amore caritatis: tum quia constat
 „S. Thomam, cujus vestigia æqui voluit Con-
 „cilium, de hoc amore locutum, ut supe-

„rius dictum est; tum quia amor concupiscen-
 „tiæ erga Deum, natura sua prior est spe,
 „non posterior, qui proinde ex spe non ori-
 „tur, sed spei antecedit: eademque est com-
 „munis mens & sententia Doctorum.“

Quæ etsi de mente, veroque sensu Trid.
 Concilii dubium nullum relinquant; Catechis-
 mi Romani ejusdem Concilii jussu editi, au-
 thoritate haud mediocriter illustrantur: ibi
 enim graduum, quibus ad divinam penitentiae
 virtutem & ad reconciliationem cum Deo per-
 venit, recensio fit; loco vero ejus, quod
 dixerant Trid. Patres: (*Deum tamquam omnis
 iustitiæ fontem diligere incipiunt*) diserte cari-
 tas nominatur. Docendum est etiam, inquit,
 (part. 2, tit. de penit. n. 9) quibus gradibus
 ad hanc divinam virtutem licet ascendere.
 Primum itaque Dei misericordia nos prævenit,
 cordaque nostra ad se convertit: quod cum
 precaretur Propheta, converge, inquit, nos
 Domine ad te, & convertemur: deinde hoc lu-
 mine illustrati, per fidem ad Deum animo
 tendimus: credere enim oportet accedentem
 ad Deum, ut Apostolus testatur, quia est, &
 inquirentibus se remunerator sit: præterea mo-
 tus timoris consequitur, & suppliciorum acer-
 bitate proposita, animus a peccatis revocatur;
 atque hic videtur speculare illa Isaie verba: si-
 cut quæ concipit, cum appropinquaverit ad par-
 tum dolens clamat in doloribus suis, sic facti-
 sumus: hic deinde accedit spes impertrande a
 Deo misericordie, qua erecti vitam & mores
 emendare constitimus: postremo caritate cor-
 da nostra accenduntur, ex qua liberalis ille
 timor, probis & ingenuis filiis dignus oritur;
 atque ita unum illud veritū, ne qua in re Dei
 majestatem ledamus, peccandi consuetudinem
 omnino deserimus. Ergo &c.

PROBATIO QUINTA.

Ex eo quod caritatis non secus ac spei & fi-
 dei suæ debeant in reconciliationis negotio
 esse partes.

Denique sic arguimus. Motum spei & fi-
 dei, dolori ad reconciliationem ope clavium
 obtinendam necessario, conjunctum esse debe-
 re, adversarii nobiscum consentiunt & vere
 propugnant. Ergo idem de motu caritatis di-
 cendum est; ut de peccatis propter Deum
 doleri possit: quæ enim isthæc philosophandi
 est ratio, ut fidei & spei actum aliquem om-
 nino ad justificationem præmitti oportere affir-
 metur, interimque ab hoc tantæ molis nego-
 tio, caritas velut minime necessaria excluda-
 tur? caritas, inquam, quæ est virtutum ex-
 cellentissima, dicente Apostolo: (1 Cor. 13,

13) *nunc autem manent fides, spes, caritas, tria hæc; major autem horum est caritas: caritas, ita, Scriptura iudice, necessaria, ut qui ea caruerit, in morte manere necesse sit: caritas, sine qua ne martyrium quidem, eodem Apostolo confirmante, (ib. v. 3) prodesse potest: caritas, cui soli Christus peccatricis mulieris justificationem attribuit: caritas, quæ cæterarum est forma virtutum, & sine qua non potest illa esse vera virtus, ut S. Thomas consentaneè SS. Doctoribus, præsertim vero Aug. disertè docet: (1, 2, q. 23, art. 7, & 8, & alibi sæpe) caritas quæ sola operit multitudinem peccatorum, quæ sola contra peccatum, & ejus perpetrândi voluntatem directè pugnat: sine qua denique mens nostra debite ad Deum converti nequit, ut multis locis id Angelicus Doctor luculente adstruit.*

Nec est quod dicatur cum amoris concupiscentiæ defensoribus, non ideo caritatem ad opère procurandæ in Sacramento reconciliationis arceri, quod operatûr non sit; sed quia e contra illi timeatur, ne sit nimium aëdua. Nam, inquit, tanta caritatis dignitas & excellentia est, ut qui eam quantumvis parvam habere videatur, summam habeat: tantaque vis & efficacia, ut quamlibet remisso gradu ad justificationem sufficiat; adeoque actualem Sacramenti susceptionem inutilem reddat, quippe quod hominem jam justificatum reperiat.

Hoc inquam effugium multis modis præcluditur.

1. Enim numquid absurda res est, ubi de placando Deo, & amicitia cum eo reconcilianda tractatur, susceptam ideo habere caritatem, quia metus est ne opus adeo desideratum acceleret? quis unquam putavit, operarium aliquem ideo non debere admitti, quia cæteris promptius certiusque laborat? quæ isthæc erga Sacramentum nova species reverentiæ est, ut integra ejus actio maneat, caritari locum non dare? quod si cum aliqua veri similitudine diceretur, nedum hortandi forent poenitentes ad Deum amandum, a quo peccando aversi sunt; monendi magis essent ut quam strenue possent, ab eo propter se ipsum diligendo caveant, ne videlicet dum suæ salutis nimirum consulunt, Sacramento Christi nocerent.

2. Falsum est quod affirmant, caritatem ita nobilem esse ac præcellentem, ut hoc ipso quod haberi incipit, ad summum gradum pertingat: habet enim caritas, non secus ac cæteræ naturalis & supernaturalis ordinis virtutes, primordia sua, incrementa, progressus, quibus veluti mediis ad perfectionem perducitur: nec quidquid potest cum ad perfectionem pertigerit: consequens est quod ab exordio

possit: quo sensu a S. Aug. dictum: (*lib. de nat. & grat. c. ult.*) *caritas inchoata, inchoata justitia est: caritas propecta, propecta justitia est: caritas magna, magna justitia est: caritas perfecta, perfecta justitia est.*

3. Ideo caritas statim atque haberi incipit, perfectio modo haberetur, quia cum habitu ipso caritas foret immediate & necessario conjuncta; atqui potest homo àdum caritatis elicere, absque eo quod S. Thomas multis locis præclare docet: *nihil prohibet, inquit, (1, 2, q. 117, art. 1, ad 3) aliquos multa in bonos usus expendere, & habitum liberalitatis non habere: sicut & aliarum virtutum opera faciunt homines, antequam habitum virtutis habeant.* Ubi cum generaliter de omni virtute loquatur, caritatem ipsam universalitate hæc comprehendit.

• Multoque expressius alibi de ipsa nominatim caritate: *actus caritatis, ait, (in 2 sent. dist. 3, q. 3, art. 1, ad 1) potest dici dupliciter: vel qui est ex caritate (habituali) & hoc non est, nisi in habente caritatem; vel qui est ad caritatem, non sicut meritorius vel generativus, sed sicut preparatorius: & sic actus caritatis, ante caritatem habitum haberi potest; sicut facere justa, est ante habitum justitiæ. . . . (ib. dist. 28, q. 1, art. 3, ad 1) sicut aliarum virtutum actus dupliciter considerari possunt, vel secundum quod sunt a virtute, vel secundum quod antecedunt virtutem. Ita etiam est de caritate: potest enim aliquis etiam caritatem non habens, (habitu nimirum) diligere proximum & Deum, etiam super omnia. . . . & hoc diligere intelligitur actus caritatis sub præcepto directè cadere, & non solum secundum quod a caritate procedit: est itaque S. Thoma iudice, aliquis caritatis actus habitum ejus præcedens, non sicut meritorius vel generativus, sed sicut preparatorius: adeoque falso affirmatur actum omnem caritatis cum habitu ipso, necessario & immediate esse conjunctum.*

4. Nec minus S. Doctori contrariam est quod dicunt, quemlibet caritatis actum sine Sacramento in re suscepto, ad justificationem sufficere: hoc enim expressissime Præceptor Angelicus negat: *ex quo aliquis peccatum incurrit, inquit ille, (3 p. q. 24, art. 3, ad 2) caritas, fides, & misericordia non liberant hominem a peccato, sine poenitentia: unde sic argumentor: de poenitentia ut est Sacramentum hic agere Sanctum Thomam, titulus ipse articuli aperte declarat: (utrum hoc Sacramentum sit de necessitate salutis.) Atqui ex ejus sententia, caritas aliqua est, sicut fides, & misericordia, quæ non liberat hominem a peccato sine Sacramento. Ergo ex ejus mente perpe-*

perperam dicitur, quemlibet caritatis actum sine Sacramento in re suscepto ad justificationem sufficere.

Occurrit ejusdem rei alterum, nec minus præclarum testimonium, jam sæpe citatum: *est iste communis*, inquit, (1, 2, *quest.* 113, *art.* 10, in c.) *Et consuetus cursus justificationis, ut Deo moriente interius animam, homo convertatur ad Deum: primo quidem conversione imperfecta, ut postmodum ad perfectam deveniat; quia caritas quaerit meretur augeri, ut aucta mereatur perfici, sicut Aug. dicit; (in Epist. Joan. tract. 5) quandoque vero Deus tam vehementer animum movet; ut statim quandam perfectionem iustitia assequatur, sicut fuit in conversione Pauli. Viden, ut ex Angelici Doctoris sententia, aliqua caritas imperfecta tantum, secundum consuetum cursum convertat, adeoque non iustificet? si enim iustificaret, perfecte converteret.*

Ideo vero uni in præsentī insistimus Sancto Thomæ, non quod aliorum testimonium aut ratio desit, sed ut obiter quosdam de ejus schola perstringamus, qui cum nihil magis vereantur, quam pro veris ejus Discipulis non haberi, ab illius tamen vestigiis, in hac tam necessaria quæstione, immensum exorbitant.

Corollarium primum.

Ex dictis sequitur primo, in Sacramento, spei aut concupiscentiæ amor non sufficere.

Amor enim illi poenitenti ad Sacramentum accedenti nonsufficit, qui magis est amor sui, quam Dei; atqui amor concupiscentiæ magis est in homine amor sui quam Dei, & est tantummodo amor Dei, secundum quid, ut S. Thomas supra laudatus affirmat: (1, 2, q. 26, *art.* 4, in c.) nam hic amor in homine magis est amor sui quam Dei, quo homo magis suum commodum quærit, quam Deum ipsum; atqui per amorem concupiscentiæ homo magis commodum suum, & quietem propriam quærit, quam Deum ipsum: ergo &c.

Hinc S. Aug. quod non propter se amatur, inquit, (*in Soliloq. lib. 1, cap. 33*) non amatur: & S. Prosper (in sentent. propos. 20) qui Deum ideo colit, ut aliud magis quam Deum promeretur, non Deum colit, sed illud quod assequi concupiscit.

Et S. Bernardus: (*Serm. 3 de divers.*) qui timet ire ad portas inferi, Et qui Deum cupit videre, propter quietem sui: uterque profecto querit quæ sua sunt.

Idemque Ep. 11, sine tractatu de diligendo Deo, cap. 8, est, inquit, qui confitetur Domino, quoniam potens est: Et est qui confitetur Domino, quoniam sibi bonus est: Et item qui

confitetur, quoniam simpliciter bonus est. Primus servus est, Et timet sibi. Secundus mercenarius est, Et cupit sibi: servus filius est, Et deservit. sit servo sua lex, timor ipse quo constringitur: sit mercenario sua cupiditas, qua Et ipse arctatur. sed harum nulla aut sine macula est, aut animas convertere potest: caritas vero convertit animas.

Eodemque sensu S. Franciscus Salesius: (*in tract. de amore Dei*) anima, ait, quæ Deum non amaret, nisi propter amorem sui ipsius, ponens in proprio commodo finem amoris quem Deo impendit, eheu! maximum sacrilegium admittit.

Concinnant plerique celeberrimi Theologi, quos inter Joannes Nider: si homo, ait, (*in expos. Decalogi, ad 3. præcept. cap. 8*) sua peccata detestatur solum. propter timorem pænæ, Et amissionem vite æternæ, in quantum illa esset sibi adincommodum, ibi sistendo sine ulla ulteriori velatione ad Deum, tunc homo solum quæreret suum commodum, Et fugeret suum incommodum; Et nullo modo quæreret Deum. nec talis detestatio esset actus virtutis, quia non circumstantionata debito fine: Et per consequens non formaretur gratia; nec fieret contritio.

Objeſſio.

At, inquit, non potest Deus amari ab homine, quin simul ametur tamquam finis ejus ultimus, & summum bonum; atqui hoc modo amare Deum, ad amorem concupiscentiæ pertinet. Ergo aliter Deus amari non potest: atque adeo non est poenitenti necessarius amor caritatis.

R. concessa maj. n. min. Gratuitus namque amor, quem caritatis & amicitie appellamus, attingit Deum non solum quatenus est ultimus hominis finis, qui non refertur ad aliquid aliud, & ad quem cætera sine exceptione referri necesse est: adeoque sub hoc etiam respectu gratuitus ejus est amor: quicumque ergo Deum ut bonum suum in quo consistit æterna felicitas, diligit, amore amicitie, non concupiscentiæ amat: (non enim illum ad commodum suum deprimit (qui amoris concupiscentiæ est defectus,) sed e contra diligit, ut se illi omnino summittat, illi obtemperet, & in illo tamquam in fine ultimo requiescat.

Neque obstat, quod Deus in ratione ultimi finis, præmiatoris ac mercedis rationem respectu hominis habeat: in hoc enim vera dignoscitur caritas, nedum noceat caritati. " Sed " forte mercenarius eris, inquit Hugo a S. Vi-

gis Deum, & servis ei, ut præmium ab illo accipias: dicunt hoc stulti quidam, & tam stulti ut se ipsos non intelligant: diligimus Deum & servimus illi: sed non querimus præmium, ne mercenarii simus: etiam ipsum non querimus: dabis si volueris, sed nos non querimus: in tantum enim excutimus manus ab omni munere, ut etiam ipsum non queramus quem diligimus. Pura enim, & gratuita, & finali dilectione diligimus: nihil requirimus: diligimus ipsum, sed non querimus aliquid: etiam ipsum non querimus, quem diligimus: audite homines sapientes: diligimus, inquit, ipsum, sed non querimus ipsum: hoc est dicere: diligimus ipsum, sed non curamus de ipso: ego homo sic diligere nollem a vobis: si me sic diligeretis, ut de me non curaretis, ego de vestra dilectione non curarem; vos videritis, si dignum est ut Deo offeratis, quod homo digne respueret; quomodo, inquit, mercenarii non sumus, si Deum propter hoc diligimus, ut præmium ab ipso accipiamus? non est gratis hoc amare, neque amor iste filialis, sed mercenarii, & servi, qui præmium querit pro servitute sua. Qui hoc dicunt, virtutem dilectionis non intelligunt: quid est enim diligere, nisi ipsum velle habere? non aliud ab ipso, sed ipsum, hoc est gratis: si aliud querereres ab ipso, gratis non amares: nunc autem non aliud queris pro eo quod amas; & tamen aliquid queris & desiderans in eo ipso quod amas; alioquin non amares, si non desiderares: sed aliud est, pro ipso, aliud in ipso. Si pro ipso aliquid amas: mercenarius; si in ipso amas: filius es.

Dices iterum: quid ergo caritas a concupiscentiæ amore distat, si illa non secus ac ista in Deo bonum suum querit?

R. In hoc immensus distat, quod amore concupiscentiæ homo Deum non quia in se bonum, sed quia sibi bonum querit: quo fit ut præpostero ordine, semetipsum pro fine ultimo habeat, & Deo tamquam medio uti velit: amore autem caritatis, Deo, ut loquitur S. Bernardus, conficitur, quoniam in se simpliciter bonus est, & ad illum tamquam ad ultimum finem, se suaque omnia referat: quod nedum refoleat aliquam imperfectionem: summa caritatis perfectio & essentia est; sine qua caritas ne intelligi quidem potest: hinc in canticis canticorum, ubi incomprehensibilis amoris Christi sponsi erga sponsam, & vicissim sponsæ erga sponsum plenissima & absolutissima, quippe a Sp. Sancto dictata descriptio est: in lectulo meo, inquit sive Ecclesia, sive anima quælibet vere fidelis, (Cant. Cantic. 3, 1 & seq.) per no-

des quesivi quem diligit anima mea . . . sur-
gam & circuibō civitatem: per vicōs & pla-
teas quæram quem diligit anima mea . . . &
Regius Propheta: (Ps. 72, 25 & seq.) quid
enim mihi est in celo? & a te quid volui su-
per terram? defecit caro mea & cor meum:
Deus cordis mei & pars mea Deus in æter-
num . . . (Ps. 118, 112) inclinavi cor me-
um ad faciendas justificationes tuas in æter-
num, propter retributionem.

Quem in sensum S. Bernardus (serm. 8 de divers.) "numquid, inquit, mercenarium eum quis æstimet, qui pateræ inhiat hæreditati, eamque toto affectu expetit, & expectat, quam nimirum filii mercedem esse, non mer-
cenarii propheta testatur: cum dederit, in-
quit, (Ps. 116, 2 & seq.) dilectis suis so-
nnum, ecce hæreditas Domini filii merces,
fructus ventris: invenit tamen alter gra-
dus sublimior, & affectus dignior isto, cum
penitus castificato corde nihil aliud deside-
rat anima, nihil aliud a Deo querit, quam
Deum ipsum: crebro siquidem didicit expe-
rimento, quoniam bonus Dominus speranti-
bus in se, animæ quærenti ipsum, ita ut
jam ex affectu cordis atque ex sententia cla-
met illud in psalmo: quid enim mihi est in
celo, & a te quid volui super terram? de-
fecit caro mea & cor meum, Deus cordis
mei, & pars mea Deus in æternum: neque
enim suum aliquid, non felicitatem, non glori-
am, non aliquid quidquam tamquam priva-
to sui ipsius amore desiderat anima quæ e-
jusmodi est: sed tota pergit in Deum, uni-
cumque ei ac perfectum desiderium est, ut
introducatur eam Rex in cubiculum suum, ut
ipsi adhæreat, ipso fruatur."

Hinc præter cæteros Quiescentiarum errores, hæc propositiones damnatæ sunt: non debet ani-
ma cogitare nec de præmio, nec de punitione,
nec de Paradiso, nec de inferno, nec de morte,
nec de æternitate . . . datur habitabilis
status amoris Dei, qui est caritas pura,
& sine ulla admixtione moris proprii inter-
esse . . . neque timor poenarum, neque desi-
derium remunerationum habent amplius in eo
partem: non amatur amplius Deus propter me-
ritum, neque propter perfectionem, neque propter
felicitatem in eo amando invenendam.
Qua de re legantur Sum. Pontificum Innocen-
tii XI, & Innocentii XII, constitutiones an.
1688 die 19 Februarii, & an. 1699 die 13
mensis Martii, plaudente Ecclesia promulgatæ.

Corollarium secundum.

Sequitur 2, multo minus in Sacramento sufficere simplicem complacentiam, sive amorem in-
fect-

inefficacem, quo necdum Deus ametur super omnia & omnibus præponatur: quæ opinio semetipsam sua absurditate evertit. Dei enim amor, qui in Sacramento requiritur, vere huius nominis esse debet. Porro simplex complacentia, inefficaxque dilectio, Dei amor dici non potest: quia hoc ipso, quo Deus amari incipit, debet rebus omnibus anteponi, & super omnia appetitive, ut sæpe diximus, diligere: propria ratio caritatis, inquit S. Thomas (1, 2, q. 24, art. 12, in c.) consistit in hoc quod Deus diligatur supra omnia, & quod hominibus se illi subiciat, omnia sua referendo in ipsum . . . & alibi: (ib. qu. 184, art. 3, ad 1) dicendum, ait, quod sicut homo habet quandam perfectionem sue naturæ, statim cum nascitur, quæ pertinet ad rationem speciei; est autem alia perfectio, ad quam per augmentum adducitur: ita etiam est quedam perfectio caritatis, pertinet ad ipsam speciem caritatis, ut scilicet Deus super omnia diligatur, & nihil contra eum ametur.

Deinde. Talis debet esse in Sacramento penitentiae Dei amor, qualis peccati detestatio est, & propositum de cætero non peccandi; atqui non sufficit simplex peccati displicentia, aut inefficax ejus in posterum fugiendi voluntas; sed omnino requiritur plena detestatio, & efficax ab eo abstinendi decretum. Ergo &c. (1)

Corollarium tertium.

Sequitur 3, eorum sententiam, qui volunt amorem initialem in Sacramento penitentiae requisitum, non caritatis, sed cujusvis alterius a caritate virtutis actum, sine discrimine dici posse, merum esse putidumque figmentum, ad exterminium caritatis inventum, & auctoritati pariter ac rationi contrarium. Scriptura namque & Patres, quando necessitatem amoris ad veram penitentiam prædicant, de hoc amore loquuntur, cujus speciale Dei præceptum est, quique specialis virtutis naturam habet; quod facile agnosceret, qui prolata superioris testimonia animo revocaverit. Præterea amor ille in penitente requiritur, qui affectum peccandi efficaciter excludat ac destruat; atqui solius caritatis specialiter dictæ proprium hoc officium esse, vel inde patet, quod peccandi

voluntas soli caritati, & sola vicissim caritas voluntati peccandi directe contraria sit: cum ad eam solam proprie pertineat, imbutare cor, & a creaturis ad Creatorem transferre; quod autem ajunt, ideo cujusvis virtutis actum, caritatis initium dici posse, quia, ut S. Thomas observat, omnes aliæ virtutes participant aliquid a caritate, prorsus ridiculum est, & a mente Angelici Præceptoris alienissimum: non enim hoc ab ipso dictum, quasi voluerit a cæteris virtutibus caritatis primordia, & velut incunabula repetenda; sed quia e contrario caritas cæterarum, sine exceptione, est forma virtutum: dicendum, inquit, (2, 2, q. 23, art. 8, in corp.) quod in moralibus forma actus attenditur principaliter ex parte finis: cujus ratio est, quia principium moralium actuum est voluntas, cujus obiectum, & quasi forma est finis. . . manifestum est autem secundum prædicta, quod per caritatem ordinantur actus omnium aliarum virtutum ad ultimum finem: & secundum hoc ipsa dat formam actibus omnium aliarum virtutum, & pro tanto dicitur esse forma virtutum: nam & ipsæ virtutes dicuntur in ordine ad actus formatos.

§. T E R T I U S.

Eliduntur Objectiones.

Restat ut adversariorum oppositiones diluamus, quarum pene omnium hoc vitium est, quod æquivocatione laborent, & caritatem perfectam cum imperfecta confundant; tantumque virtutis uni, quantum alteri tribuant: quo fit ut sublato æquivoco penitus evanescent. Itaque

Opponent. Caritas de se tollit omne peccatum. Ergo ne cogamur dicere, penitentiae Sacramentum, ante se justificationem necessario præsupponere, omnino fatendum est, non caritatis, sed spei aut concupiscentiæ esse amorem, qui ad Sacramentum afferri debet.

R. Dist. ant. caritas habitualis, vel actualis perfecta, de se tollit omne peccatum, conc. caritas actualis & imperfecta, subdist. tollit omne peccatum, quantum ad actum & affectum, conc. quantum ad maculam & reatum, v. ant. & conseq.

E. R.

(1) Ex hoc Corollario sequitur repudiandam esse opinionem P. Edmundi Simonet S. J. Theologi, qui Tom. 3. Edit. Ven. tract. 15, qui est de penit. disput. 5, art. 11, pag. 355, docet, ad remissionem mortalium peccatorum in Sacramento penitentiae sufficere attritionem, qua peccator de peccatis suis dolet, eaque detestatur cum proposito non peccandi de cætero simul propter Deum dilectum propter se, quamvis nondum super omnia & propter gehennam, quam timore appetitive maximo & ordinato timet. Quam etiam sententiam defendisse perhibetur C. d. Pallavicinus lib. 1 de virtut. & Sacram. Pœn. cap. 12.

• E. R. Patemur 1, caritatem habitualem, vel actualem perfectam de se tollere omne peccatum: eaque Concilii Trid. doctrina est, affirmantis, (Sess. 14, cap. 4) aliquando contingere, contritionem caritate esse perfectam, boniæque Deo reconciliare, priusquam Sacramentum afflu suscipiatur.

Patemur 2, caritatem actualem & imperfectam tollere actum peccati: non enim possunt stare simul duo actus insociabiles; atqui actus peccati, & actus amoris Dei, insociabiles sunt, & secum ipsis pugnantiam haberent. Ergo cum actu caritatis stare nequit actus peccati.

Patemur 3, caritatem actualem & imperfectam, affectum peccati tollere; affectus enim peccati est, amor malus creaturæ in peccatore prædominans; atqui affectus Dei est genuinus caritatis character, & malum creaturæ amorem eliminat. Ergo &c.

Sed negamus, per caritatem actualem & imperfectam tolli maculam & reatum peccati: ut enim hæc duo deleantur, præter quam quod necessarium est, ut homo actum, affectumque peccati deposuerit; requiritur insuper Dei indulgentia, quam non tenetur homini penitenti statim largiri. "Ad remissionem peccati", inquit Estius, (in 5. sent. dist. 17, §. 1) non sufficit penitentia, sed præterea opus est, ut meritum passionis Christi homini applicetur, ad consequendam remissionem peccati, cujus jam accepit penitentiam. Sunt enim diversa & distincta beneficia passionis Christi, conversio seu penitentia peccatoris, & peccati ejus condonatio; ita ut homini vere converso & penitenti, adhuc opus sit peculiari quodam ex Christi passionis beneficio, ut peccatum ei remittatur. Quod quidem fit, applicando ei satisfactionem in cruce factam pro peccato ejus debita: neque enim exigit lex naturæ, ut penitenti remittatur peccatum, quemadmodum facile probari potest ex judiciis humanis, juxta normam & exemplar divini iudicii institutis . . . sed pertinet hoc ad gratiosam Dei ordinationem, qua Christum nobis dedit propitiatorum per fidem in Sanguine ipsius, ut ait Apostolus. Unde Patres Trid. Sess. 12, cap. 3, docent, Sacrificium Missæ vere propitiatorium esse, quod per ipsum fiat, ut si cum vero corde contriti & penitentes ad Deum accedamus, misericordiam consequamur, & gratiam inveniamus, in auxilio opportuno: id ipsum clare docet S. Aug. cum alibi, tum l. 2 de serm. Dom. in monte, c. 14, cujus, inquit, tanta misericordia commemorari potest quam eius qui omnia donat peccata conversis? non dicit, peccatoribus, aut lapsis, aut aversis; sed con-

versis. Nam aversis donare peccata, non inisericordiæ est, sed perversi ordinis. Sentit ergo magnæ esse misericordiæ Dei, (quæ utique non præstatur nisi per Christum) quod peccatoribus jam conversis Deus peccata condonet."

Ita, & quidem solidissime Estius. Falso itaque affirmatur, per caritatem actualem & imperfectam, maculam ac reatum abstergi, ipsumque habitum peccati deleri: habitus enim, per actus contrarios, maxime si debiles ac transitorii fuerint, non tolluntur: nihil prohibet, ait S. Thomas supra laudatus, (2, 2, q. 117, art. 1, ad 3) aliquos multa in bonos usus expendere, & habitum liberalitatis non habere, sicut & aliorum virtutum opera faciant homines, antequam habitum virtutis habeant: potest ergo pariter homo, etiam si actualem habeat caritatem, habitu, teatu, & macula peccati teneri. Id quod de se ipso S. Aug. quam humiliter, tam vere testatur: ille enim longe antequam baptizaretur, conversus ad Deum erat, & adhuc catechumenus, caritate erga Deum, etsi nondum robusta flagrabat: flebam, inquit, (Lib. 8 Conf. cap. 12) amarissima contritione cordis mei . . . (ib. lib. 9, cap. 2) sagittaveras tu (o Deus) cor nostrum caritate tua . . . (ib. c. 4) gaudens in fide Lindavi nomen tuum; atqui tamen adhuc peccati reatu vinculis tenebatur, antequam baptismo ablueretur: & ea fides, ait ibidem, me securum esse non sinebas de præteritis peccatis meis, quæ mihi per baptismum tuum remissa nondum erant. Idipsum confirmat S. Doctor exemplo S. Pauli, quem negare non possumus Dei caritatem aliquam habuisse, quando verbis Christi prostratus dixit: Domine quid me vis facere? nec tamen prius a peccatis ablutus est, quam ministerio Ananias baptismum susciperet, prout ejusdem ad illum Ananias verba significant: (Act. 22, 86) exurge & baptizare, & abluere peccata tua: ad quem locum respiciens Aug. Ananias, inquit serm. 1 de Sanctis, baptizavit Saulum, & fecit ex lupo agnum: & serm. 25 venit ergo Ananias, baptizavit Saulum, & fecit Paulum: baptizavit lupum, & fecit agnum.

Inst. 1. Atqui caritas etiam actualis & quantumlibet imperfecta, reatum & maculam peccati penitus tollit. Ergo &c.

Prob. subs. Ex Scriptura, unde pleraque testimonia proferunt: ego, ait æterna sapientia (Prov. 8, 17) diligentes me diligo . . . (Joan. 14, 23) si quis diligit me, sermonem meum servabit, & pater meus diligit eum, & ad eum veniemus, & mansionem apud eum faciemus . . . (1 Joan. 4, 7, & 16) omnis qui diligit, ex Deo natus est . . . qui manet

net in caritate, in Deo manet, & Deus in eo . . . (1 Pet. 4, 8) caritas operis multitudinem peccatorum. Inde sic interunt argumentum.

In illo reatus & macula peccati esse non possunt, quem diligit Deus, qui ex Deo natus est, in quo mansione Deus facit, cujus denique peccata opera sunt, hoc est, deleta; atqui hæc omnia de habente caritatem Scriptura prædicat. Ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritates, & concessa maj. dist. min. Hæc omnia prædicat Scriptura de habente caritatem, *habitualement, vel actualem perfectam*, conc. de habente caritatem *actualement imperfectam*, etiam sine sacramento, n. min. & conseq. de caritate habituali, aut actuali perfecta hæc debere intelligi, præter quam quod ex prædictis consequitur, testimonia ipsa allegata insinuant: hic enim agitur de homine qui sic diligit, ut Christi sermonem servet, hoc est legem ejus adimpleat, de homine manente in caritate. Porro in caritate, nisi per ejus habitum, non manetur; nec sermo Christi, nisi ab eo qui habet caritatem perfectam impletur.

Inst. 2. Temerarium est, generales Scripturæ auctoritates restringere: porro generales sententiæ sunt, quibus affirmatur, caritate peccata deleri, & omnem qui diligit Deum, recipere a Deo amari: nec enim ulla in iis locis caritatis perfectæ, & imperfectæ, actualis & habitualis discretio fit. Ergo &c.

R. Dist. maj. Temerarium est, generales Scripturæ auctoritates, *ad arbitrium, Scriptura ipsa aut traditione non prælucente*, restringere, conc. *secus*, nego maj. dist. pariter min. In locis citatis caritatis perfectæ & imperfectæ nulla distinctio fit, *debet tamen ad mentem Scripturæ & Patrum subintelligi*, conc. *nec subintelligi debet*, n. min. & conseq.

E. R. Si quis hanc sibi præstiteret regulam, generales Scripturæ sententiæ, prout sonant, absolute & sine modificatione intelligendi, in magnos plerumque errores, non Scripturæ, sed vitio suo incideret. Sic enim e. c. fides in Scripturis sic commendatur, ut ei soli (si sequamur nudam litteram) justificatio hominis & salutis consequitio adscribitur: *qui crediderit & baptizatus fuerit, ait Christus, (Marc. 16, 16) salvus erit . . . (Joan. 6, 47) qui credit in me, habet vitam æternam . . . (Act. 15, 9) & Apostolus: fide purificans corda eorum . . . (Rom. 3, 28) arbitramur justificari hominem per fidem . . . (Rom. 10, 11) omnis qui credit in illum non confundetur . . .* parique spei in iisdem sacris litteris elogium sunt: (Rom. 5, 5) *spes non confundit: spe salvi facti sumus*. Quibus in locis simili-

bus nulla fidei actualis & habitualis, informis aut caritate formatæ distinctio fit: spes pariter sine actus aut habitus discrimine nominatur: numquid ideo dicturi sunt adversarii fidem aut spem, informem, actualem, & imperfectam ad justificationem peccatoris, etiam sine Sacramento sufficere? minime gentium: quorsum vero nisi quia ex aliis Scripturæ & traditionis testimoniis non minus certum est, præter fidem, ac spem, ad justificationem multa requiri; nec omnem fidei speique gradum ad illam obtinendam sufficere? Pari & nos jure utimur, quæ de caritate in locis allegatis dicuntur, de caritate habituali, aut de actuali perfecta, vel saltem, si imperfecta fuerit, cum Sacramento conjuncta interpretantes: nec posse aliter explicari, multis convincimur, nec minus generalibus Scripturarum oraculis, quibus denuntiat peccatorem cum Deo reconciliari non posse, nisi viam suam malam dereliquerit, nisi cor novum induerit, nisi a prava peccandi voluntate destiterit, nisi conversus ad Deum fuerit toto corde suo; nisi denique peccatum quo Dei incurrit inimicitiam vere detestatus fuerit: quæ sine aliquo saltem initiali caritatis impulsu obtinere nequaquam potest, ut ex probationibus tanto numero adductis certissimum est.

Inst. 3. Atqui reatum, & maculam peccati habere non potest, qui caritatem actualem, quantumlibet imperfectam habet. Ergo &c.

Prob. subs. Qui vivit vita spirituali reatum & maculam peccati non habet; sed quisquis caritatis actualis sensum habet, spiritualiter vivit: vita namque animæ caritas est. Ergo &c.

R. Nego subseq. ad probat. dist. maj. Qui vivit vita spirituali *plena & integra*, reatum & maculam peccati non habet, conc. qui vivit *vita inchoata*, n. maj. dist. pariter min. Qui caritatis actualis sensum habet, spiritualiter vivit, *vita inchoata*, conc. *vita plena & integra*, n. min. & conseq.

E. R. Habet vita spiritualis diversos gradus: habet exordium, progressum, perfectionem. Porro ut bene in argumento notatum est, animæ vita est caritas. Unde sequitur, caritatem inchoatam, esse incitium vitæ spiritualis, caritatem proveclam, ejusdem esse progressum, & denique caritatem perfectam, vitæ esse perfectionem, juxta hanc toties decantatam S. Aug. sententiam: *inchoata caritas; inchoata justitia est: proveclla caritas, proveclla justitia est: caritas magna, magna justitia est: caritas perfecta, perfecta justitia est*: jam fateor vitam spiritualem perfectam, cum macula & reatu peccati non posse consistere; sed de vita inchoata hoc nego. Immo nec ipsi ne-

gare

gate adversarii possunt; fatentur enim adum fidei, & motum timoris servilis reconciliatio- nis, quæ obtinetur per poenitentiam, præ- vious, stare cum macula & reatu peccati; atqui fidei & timoris servilis actus, aliqua spiritua- lis vitæ primordia sunt: nec enim a peccato- re elici possent, si absolute ac desperate mortuus esset: nedum itaque ista pugnent, quod poenitentis vitæ spiritualis initium habeat antequam a reatu peccati solvatur; & contra- rio nisi vitæ aliquem sensum ante haberet, expiari a macula, & absolvi a reatu peccati non posset.

Eaque Sanctorum Patrum indubitata doctrina est, poenitentes antequam a peccati vin- culis absolvantur, non absolute mortuos, sed semivivos dicentium.

Opem nostram, inquit S. Cyprianus, (Ep. 52) *medalam nostram vulneratis exhibere debemus*: " nec putemus mortuos esse, sed ma- gis semianimes jacere eos, quos persecutio- ne lūnesta sauciatus videmus: qui si in to- tum mortui essent, nunquam de eisdem postmodum & confessores & martyres fie- rent "

Et S. Ambrosius: " (de pen. lib. 1, cap. 10) *si mortuus est*, ait, *cur ei dicimus ag- dam poenitentiam*, qui jam curari non po- test? si semivivus est, infundite vinum & oleum &c. "

S. Aug., (*serm. 2 in Ps. 101*) remissio peccatorum, solutio est: quid enim prodes- set Lazaro, quia processit de monumento, nisi diceretur: *solvite eum* (& sinite abire? ipse quidem voce de sepulchro suscitavit, ipse clamando animam reddidit, ipse terre- nam molem sepulto impositam vicit, & pro- cessit ille vinculus: non ergo pedibus pro- priis, sed virtute producentis fit hoc in corde poenitentis. Cum audis hominem pe- nitere peccatorum suorum, jam revixit; cum audis hominem confitendo proferre conscien- tiam, jam de sepulchro eductus est: sed nondum solutus est. Quando solvitur? a quibus solvitur? *quæ solveritis*, inquit, in terra, erunt soluta (& in cælo: merito per Ecclesiam dari solutio peccatorum potest: suscitari autem ipse mortuus, non nisi intus clamante Domino potest: hæc enim Deus interior agit "

Nec minus perspicue S. Gregorius M. (*hom. 26 in Evang.*), illos, ait, debemus per pa- trorem auctoritatem solvere, quos Autho- rem nostrum cognoscimus per suscitantem gratiam vivificare "

Inst. 4. Atqui vivit vita plena & integra, qui gradum habet quantumvis tenuem carita- tis: Ergo &c.

De Re Sacram. T. III.

Prob. subs. Et afferunt vacias ex S. Docto- ribus, præsertim ex S. Aug. auctoritates.

" Nullum est, inquit, (de Trin. lib. 15, cap. 18) isto (caritatis) dono excellen- tius: solum est, quod dividit inter filios regni æterni, & filios damnationi æternæ. " Dilectio sola (in Ep. Joan. trad. 5) di- scernit inter filios Dei, & filios diaboli ... nemo interroget hominem: redeat quisque ad cor suum: si ibi invenerit caritatem frater- nam, securus sit, quia transiit de morte ad vitam: jam in dextera est. "

" Fides ergo (*Serm. 16 de verb. Apost. cap. 7*) quæ per dilectionem operatur, si est in vobis, jam pertinetis ad prædestina- tos, vocatos, justificatos. "

" Ipsa vero dilectio, (de Trin. lib. 15, cap. 18) sive caritas, (nam unius rei est utrumque nomen) si habeat eam quæ non loquitur linguis, nec habet prophetiam, nec omnia scit Sacramenta perducit ad Regnum, ut ipsam fidem non faciat uti- lem, nisi caritas "

" *Formatur* (in Expos. Ep. ad Gal.) *Christus in eo, qui formam accepit Christi: for- mam autem accipit Christi, qui adhaeret Chri- sto dilectione spirituali: ex hoc enim fit, ut hujus imitatione sit, quod ille, quantum gra- du suo sinitur.*

S. Joannes Chrysost. *caritatis fervor*, inquit, (*hom. 7 in 2 ad Timoth.*) quocumque inci- derit, omnia perimit: ubi caritas est, omnia sublata sunt mala.

S. Gregorius M. (*comment. in cap. 3 l. 1 Reg.*), quacumque hora peccator converti- tur, vivit . . . ex vi conversionis magnitu- do deletur criminis: vis autem conversio- nis est, affectio caritatis cordi infusæ, vi- sitatione Sancti Sp. &c.

Ex his & similibus sic deducunt argumen- tum:

Ille vivit vita plena & integra, qui filiis Dei & regni æterni annumeratur, & jam in dextera est, qui pertinet ad prædestinatos, vocatos, justificatos, qui ad Regnum perducitur, qui formam accepit Christi, a quo omnia mala sublata sunt, cujus denique crimen omne deletum est; atqui hæc omnia Patres carita- ti attribuant. Ergo vivit vita plena & inte- gra, qui vel unum habet quantumvis exiguum gradum caritatis.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctorita- tes, & ad argumentum concessa maj. dist. min. hæc omnia Patres attribuant caritati *habituali*, vel *actuali*, *perfectæ*, conc. caritati *actuali*, *perfectæ*, subdist. si *Sacramento conjuncta sit*, conc. *extra Sacramentum*, n. min. & conseq.

Y

E. R.

E. R. Hæc & sexcenta alia ejusdem sensus testimonia, eo minus contra nos faciunt, quod ex iis ipsis proferantur, quos in præsentī potissimum Duces ac Patrones habemus. Dicimus itaque iis locis SS. Doctores loqui vel de caritate habituali, vel de actuali perfecta, vel de imperfecta, sed Sacramento conjuncta, non vero de caritate initiali, quæ a Sacramento avulsa sit: arguit enim de ea caritate, per quam dividuntur filii Dei & regni a filiis diaboli & damnationis æternæ; atque discretionem hanc sola habitualis caritas facit, aut actualis ita intenta, ut ad illam statim ejusdem habitus consequatur: agunt de caritate, per quam homo pertinet ad vocatos, prædestinatos, justificatos. Porro ad justificationem homo non pertinet nisi per caritatem habitualem, licet caritate actuali ad justiciam disponatur: in ipsa justificatione, ait Concilium Trid. (Sess. 6, cap. 7) cum remissione peccatorum hæc omnia simul infusa accipit homo, per Jesum Christum cui inseritur, fidem, spem, & caritatem: agunt de caritate immanente, per quam fides operatur, per quam homo Christo adheret, & formam accipit Christi: quæ sane nisi de habituali caritate dici non possunt: agunt denique de caritate fervida, quæque vim magnam habeat, ad opus conversionis complendum. Frustra igitur contra nos hæc testimonia congeriuntur, quippe quæ ne leviter quidem conclusionem attingunt, quæ dicimus initialem Dei caritatem ad Sacramentum poenitentiae necessario afferendam: quamquam etsi de hujusmodi imperfecta dilectione, aliqua eorum testimonia intelligi possent, nihil inde adversarii obtinerent, nisi ostenderent imperfecto motui caritatis justificationem a Patribus cum exclusione Sacramenti attribui.

Inst. 5. Et S. Thomæ judicio, ut possunt, se se tuerent: per dolorem ex amore caritatis ordinato causatum, inquit, (suppl. quest. 5, art. 1, in arg. sed contra) solvitur (peccatum) & sic contritio peccatum delet: ad hunc autem producendum effectum, caritatem quantumvis tenuem sufficere, paulo post, sine ambiguitate affirmat: dicendum, ait, (ibid. art. 3, in corp.) quod quantumcumque parvus sit dolor, dummodo ad contritionis rationem sufficiat, omnem culpam delet. Ergo ex ejus mente caritas actualis quantumlibet imperfecta, ad justificationem sufficit sine Sacramento.

R. admitto auctoritatem, & n. conseq. Falso namque supponitur, 1. S. Doctorem hic loqui de motu caritatis extra Sacramentum: quod a mente ejus ac scopo alienissimum est: 2. parvæ caritatis nomine intelligere actum quemlibet caritatis initialis, quod ejus pariter

doctrinæ, in hoc ipso art. traditæ manifesta repugnat: de hac enim caritate sive contritione loquitur, quæ gratia gratum faciente est informata: *qualibet gratia gratum faciens, inquit, (ibid. art. 3, in arg. sed contra) delet omnem culpam mortalem, quia simul cum ea stare non potest; sed qualibet contritio est gratia gratum faciente informata: ergo quantumcumque sit parva delet omnem culpam*; agit itaque Angelicus Doctor de contritione perfecta, prout ab attritione distinguitur, *secundum gratia informationem*, ut alibi ait, (quest. 28 de verit. art. 2, ad 3) eamque parvam hic appellat, ratione intentionis, quæ uti major & minor, sic potest minor & minor in eadem specie esse.

Inst. 6. Atqui ex S. Thoma, caritas actualis quantumvis imperfecta sine Sacramento justificat, & vitam spiritualem plene restituit. Ergo &c.

Prob. subs. Et afferunt verba ejus ex a. 6, qu. 85, de prompta: *actus & habitus caritatis, inquit, (in cor.) simul sunt tempore, cum actu & habitu poenitentiae, & cum habitibus aliarum virtutum*. Unde sic disputant:

Actus ille hominem plene justificat, & ex integro vitam spiritualement restituit, qui cum caritatis & aliarum virtutum habitibus simul tempore reperitur; prius enim est hominem esse formaliter justificatum, quam habitum caritatis, fidei, spei, ac poenitentiae habere; atque juxta S. Thoniam actus caritatis, cum ejusdem habitu, & cæterarum virtutum habitibus simul tempore junctus est. Ergo &c.

R. nego subs. ad probat. admitto auctoritatem, & concessa maj. dist. min. Actus caritatis cum ejusdem habitu, & cæterarum virtutum habitibus simul tempore junctus est, in Sacramento, eo videlicet instanti quo justificationis fit, conc. extra Sacramentum, subdist. quando actus caritatis est intensus ac vehementius, conc. secus, n. min. & conseq.

E. R. mentem suam in hoc ipso articulo tam perspicue aperit S. D. mirum ut sit ab adversariis, quasi nobis esset contrarius, intorqueri: statim enim post verba in objectione adducta subjungit: „in justificatione impii si „mul est motus liberi arbitrii in Deum, qui „est actus fidei per caritatem formatus, & „motus liberi arbitrii in peccatum, qui est „actus poenitentiae: horum tamen duorum „actuum primus naturaliter præcedit secundum. Nam actus virtutis poenitentiae est contra peccatum ex amore Dei; sic igitur poenitentia (quod habitum) non est simpliciter prima virtutum, nec ordine temporis, nec ordine naturæ: quia secundum ordinem naturæ simpliciter præcedunt ipsam virtu-

„tes Theologicæ; sed quantum ad aliquid, est prima inter cæteras virtutes ordinemtem-
 „poris, quantum ad ejus actum, qui primus
 „occurrit in justificatione impij“ Ergo
 ex Angelico præceptore actus virtutis peniten-
 tiæ, quatenus motus est liberi arbitrij contra
 peccatum ex amore Dei conceptus, præcedit
 ordine temporis cæteras virtutes, quæ in ju-
 stificatione cum gratia sanctificante infundun-
 tur, simulque in anima esse incipiunt, ut do-
 cet multis locis, & post illum a Concilio Trid.
 est confirmatum: atque adeo quod superius di-
 xerat, actum & habitum caritatis, simul es-
 se tempore cum actu & habitu penitentis, &
 cum habitibus aliarum virtutum, de eo instan-
 ti debet intelligi, in quo justificatio fit, quo
 sane temporis puncto actum & habitum cari-
 tatis simul esse non difficeretur.

Cæterum si de actu intenso ac vehementi
 caritatis mentio foret, ultra concederemus,
 etiam extra Sacramentum, cum habitu cari-
 tatis, cæterarumque virtutum (modo habet
 Sacramenti votum conjunctum) eodem simul
 tempore in penitentis anima reperiri. Expres-
 sa enim hæc Angelici Præceptoris loco sæpe
 citato sententia est: „iste communis“, inquit,
 „(in 2. quæst. 113, art. 10, in corp.) & con-
 „suetus cursus justificationis, ut Deo moven-
 „te interius animam, homo convertantur ad
 „Deum: primo quidem conversione imperfec-
 „ta, ut postmodum ad perfectam deveniat:
 „quia caritas inchoata meretur augeri, ut
 „aucta mereatur perfici“, sicut Aug. dicit.
 (in Ep. Joann. Tract. 5) Quandoque vero Deus
 vehementer animum movet, ut statim quam-
 dam perfectionem justitiæ assequatur, sicut
 fuit in conversione Pauli.

Inst. 7. Non debet ea admitti doctrina, quæ
 nova est, & bonis Scriptoribus inaudita; at-
 qui sententia asserens posse motum caritatis
 cum macula & reatu peccati consistere, sive
 (quod idem est) posse amorem Dei super
 omnia dilecti, reperiri in homine adhuc pec-
 catore & gratia sanctificante destituito, no-
 va est, & bonis Scriptoribus inaudita. Ergo
 &c.

R. concessa maj. n. min. & dico vitium no-
 vitatis, quo maxime laborant attritionis servi-
 lis Patroni, necessitatis divini amoris defen-
 soribus inique impingi: non quolibet motu cari-
 tatis, sive catechumenum ante actualem bap-
 tismi susceptionem, sive peccatorem baptiza-
 tum, antequam clavium se subiciat potestati,
 justitiam consequi, sed eo solum, qui sit vehe-
 mens & intensus, sententia nostra est; atqui
 nedum de novitate suspecta sit, diuturna an-
 tiquitate merito gloriatur; hanc sane esse
 catechismi Romani doctrinam non negabit,

qui verba ejus attente ac sine præjudicio le-
 gerit.

Ut hoc concedamus, inquit, (part. 2, tit.
 de pen. n. 37, & seq.) contritione peccata dele-
 ri, quis ignorat illam adeo vehementem,
 acrem, incensam esse oportere, ut doloris
 acerbitas cum scelerum magnitudine æquari
 conferrique possit? at quoniam pauci admodum
 ad hunc gradum pervenerint, fiebat etiam
 ut a paucissimis hac via peccatorum
 venia speranda esset. Quare necesse fuit,
 ut clementissimus Dominus faciliiori ratione
 communi hominum salutem consulere: quod
 quidem admirabili consilio effecit, cum cla-
 ves Regni cælestis Ecclesie tradidit: etenim
 ex fidei Catholice doctrina omnibus creden-
 dum, & constanter affirmandum est: si quis
 ita animo affectus sit, ut peccata admissa
 doleat, simulque in posterum non peccare
 insituit: etsi eiusmodi dolore non afficiatur,
 qui ad impetrandam veniam satis esse
 possit; ei tamen cum peccata sacerdoti rite
 confessus fuerit, vi clavium scelera omnia
 remitti ac condonari.

Itaque juxta catechismum, dolor aliquis est
 de peccatis, ad eorum veniam impetrandam,
 extra Sacramentum, insufficiens; atqui dolor
 ille ex Dei amore concipitur: pertinet enim
 ad dolorem contritionis, & ab illo non differt
 nisi gradu & intensione. Porro ad contritionem,
 ex eodem catechismo, caritas necessario
 pertinet: „cum perfectæ contritio“, inquit, (ib.
 „n. 28.) sit caritatis actio, quæ ab eo ti-
 „more qui filiorum est, proficiscitur; patet
 „eundem contritionis ac caritatis modum sta-
 „tuendum esse; at quoniam caritas qua Deum
 „diligimus, perfectissimus est amor, hinc fit
 „ut contritio vehementissimum animi dolo-
 „rem conjunctum habeat: ut enim maxime
 „diligendus est Deus; ita quæ nos a Deo a-
 „lienant, maxime detestari debemus: in quo
 „etiam illud observandum est, eodem loquen-
 „di genere, caritatis & contritionis magni-
 „tudinem in sacris litteris significari: de ca-
 „ritate enim dictum est: diliges Dominum
 „Deum tuum ex toto corde tuo: rursus, quod
 „ad contritionem attinet, clamat Dominus
 „per prophetam: convertimini ad me in toto
 „corde vestro“.

Itaque dolorem esse aliquem ex amore con-
 ceptum, qui ad reconciliationem & plenam
 vitam extra Sacramentum satis non sit, sen-
 tentia est auctorum Trid. Cathesismi, quos si
 aliquis pro bonis Scriptoribus habendos non pu-
 ter, tum Pontificibus Max. a quibus hic liber
 probatus est, tum SS. Patribus, unde hæc ip-
 sa doctrina accepta est, videtur falsurus inju-
 riam: hanc enim ipsam amoris vehementis ab

amore remisso differentiam, longum tempus est, quod Doctores Ecclesiae prænotarunt.

Quam magna deliquimus, inquit S. Cyprianus (*trakt. de lapsis*) tam granditer defleamus: & S. Ambrosius: (*lib. ad Virg. lapsam. c. 8*) *quanta putas, & qualis necessaria penitentia, quæ aut æquet crimina, aut certe excedat?*

Et S. Aug. (*Ench. cap. 65*) neque de ipsis criminibus quamlibet magnis remittendis, in Ecclesia Dei desperanda est misericordia, agentibus penitentiam secundum modum sui cuiusque peccati: in actione autem penitentiae, ubi tale crimen commissum est, ut is qui commisit a Christi etiam corpore separaretur: non tam consideranda est mensura temporis, quam doloris: cor enim contritum & humiliatum Deus non spernit.

Consentit S. Joannes Chrysost. hom. 27 in Gena. ubi latronis exemplo probat, non longo tempore opus esse, ut peccata quantumvis gravissima expiuntur: nam ubi (Deus) viderit, inquit, voluntatis nostræ firmum propositum, & ferventi nos desiderio ad se accedere, non tardat, neque differt, sed accelerat.

Et S. Gregorius M. de peccatrice muliere agens: (*hom. 33 in Evang.*) quid esse dilectionem credimus, inquit, nisi ignem? & quid culpam, nisi rubiginem? unde nunc dicitur: dimittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multum: ac si aperte diceretur: incendit pleni peccati rubiginem, quia ardet valide per ignem amoris.

Attende lector ad has Patrum voces: granditer deflere: penitentiam peccatorum gravitatem aquare, aut certe excedere: penitentiam agere secundum modum peccati sui: gravi peccatorum doloris attemperare mensuram: ferventi desiderio ad Deum accedere: ardere valide per ignem amoris: quibus, quid aliud significatur, nisi imparem aliquem peccatis delegendis esse dolorem, etiamsi ex Dei amore conceptus sit?

Accedat ad Patrum iudicium Theologorum pene omnium ante Concilium Trid. auctoritas, quos constat attritionem a contritione non secundum speciem, sed sola graduum differentia discrevisse: quæ sententia ita invaluerat, ut omnium sermone celebraretur: quasi commune est dictum, inquebat Cardinalis Gajetanus (*tom. 1 Opuscul. tract. 4, qu. 1*) quod contritio, & attritio differunt secundum magis & minus.

Accedant denique argumenta omnia, quibus hactenus probatum est, Dei amorem ad peccata expianda absolute in Sacramento requiri: quæ si, ut revera sunt, ad hoc quod probandum proposueramus efficacissima sint, novitas accusatio conticescat.

Inst. 8. probando min. Nova doctrina, & non nova tantum, sed & erronea est dicenda, quam Sum. Pontifices decretis solemnibus proscripserunt; atqui sententiam asserentem, posse motum caritatis cum macula & reatu peccati consistere, solemniter Pontifices maximi condemnarunt.

Nam inter Bajanas propositiones a S. Pio V an. 1567, a Gregorio XIII an. 1579, & ab Urbano VIII an. 1641 censura inustas, istæ leguntur:

„ Propos. 31. Caritas perfecta & sincera, quæ est ex corde puro, & conscientia bona, & fide non ficta, tam in catechumenis, quam in penitentibus, potest esse sine remissione peccatorum.

„ Prop. 32. Caritas illa, quæ est plenitudo legis, non est semper conjuncta cum remissione peccatorum.

„ Prop. 33. Catechumenus juste, recte, & sancte vivit, & mandata Dei observat, ac legem implet per caritatem, ante obtentam remissionem peccatorum, quæ in baptismi lavacro demum percipitur.

„ Prop. 70. Homo existens in peccato mortali, sive in reatu æternæ damnationis, potest habere veram caritatem, & caritas etiam perfecta potest consistere cum reatu æternæ damnationis.

„ Prop. 71. Per contritionem, etiam cum caritate perfecta, & cum voto suscipiendi Sacramentum conjunctam, non remittitur crimen extra casum necessitatis, aut martyrii, sine actuali Sacramenti susceptione.

Atqui, inquit, hoc ipsum est quod defendimus, nec quidquam aliud his propositionibus affirmatur. Ergo &c.

R. concessa maj. neg. min. ad probat. concessa pariter maj. minorem inficior, & dico toto cælo nostram a Bajanis propositionibus differre sententiam. Id quod multis argumentis ostendo.

Primo enim, Doctrinam a S. & Apostolica Sede, etiam ex quo decreta memorata emissa sunt, sæpe probatam, dicere non possumus a Sum. Pontificibus Pio V, Gregorio XIII, & Urbano VIII damnatam; atqui Doctrinam affirmantem posse motum aliquem imperfectæ caritatis cum macula & reatu peccati consistere, S. & Apostolica Sedes sæpe probavit: exempla plurima sunt, quæ quoad fieri poterit in angustum contrahentur.

1. Catechismus Romanus jussu suo editum approbavit haud dubie S. Pontifex Pius V. Porro in hoc Catechismo, contritione ex amore Dei concepta, nisi acris, incensa, ac vehemens fuerit, peccata extra Sacramentum non deleri, dierte docetur.

3. Anno 1677 cum gravissimæ contra Aca-
demiam Lovaniensæ essent excitatæ querelæ,
concurrentibus ejus adversariis plerisque in
Schola Lovaniensi tradi opiniones, Apostolicis
decretis contrarias: collegit illa suæ doctrinæ
articulos, eisdemque, per suos deputatos, In-
nocentii XI clavum Ecclesiæ tunc regentis
judicio reverenter uti par erat submitisit. Porro
tres erant de contritione propositiones his
verbis expressæ.

1. Servilis gebennarum metus nequaquam
„ in sua substantia malus est, sed bonus &
„ utilis: attamen ipsi soli insistentes attritio,
„ etiam cum Sacramento, non sufficit ad ju-
„ stificationem: quia ad accipiendum hanc
„ gratiam oportet credere, sperare, ac Deum
„ propter se diligere.

2. Vera attritio debet esse dolor animi,
„ ac detestatio de peccato commisso, cum pro-
„ posito non peccandi de cætero, excludens
„ voluntatem peccandi: attamen non debet
„ includere perfectam caritatem, quæ homi-
„ nem Deo reconciliat, priusquam hoc Sacra-
„ mentum actu suscipiatur.

3. Nihilominus esse debet, licet imperfec-
„ ta, tamen vera Dei caritas, qua penitens
„ Dominum Deum tamquam omnis justitiæ
„ fontem diligit, ideoque peccata sua dete-
„ stetur & oderit: eam aliqui appellant cari-
„ tatem affectu super omnia.

Atqui hæc propositiones ad examinem sæpe vo-
cate, & coram Eminent. Sacræ Congregatio-
nis Cardinalibus, a Theologis diligentissime
discussæ, intactæ, ab omniq. censura immu-
nes dimissæ sunt: recognitum ergo, Pontifi-
cis sanctionibus nihil habere contrarium.

3. Eodem anno 1677 Emin. Cardinalis Ca-
spinuccus, hoc tempore sacri Palatii Apost.
magister, Theologiam moralem ab Illustrissi-
mo Vasionensi Episcopo Francisco Genetto
exaratam approbavit, nec probavit solum, sed
præclaro encomio commendavit: hæc *Theolo-*
gia moralis, inquiebat, *sanam, solidam, ac*
utram doctrinam continet &c. Atqui in hoc
opere, tom. 4, cap. 5, posse sine justificatio-
ne aliquem Dei imperfectum amorem haberi
propugnatur.

4. Eodem circiter tempore Emin. Cardina-
lis de Laurea commentarium in Theologiam
Scoti, Romæ publicavit, & SS. D. N. Inno-
centio XI nuncupavit; atqui hujus commen-
tarii tom. 4 eadem sententia velut Scoti, &
Scotistarum genuina defenditur; nec immerito,
doctrina enim Scotistarum est, ut longo
ante Andreas Vega prædixerat, (lib. 9 in *Con-*
cil. Trid. cap. 17.) *ad justificationem peccato-*
ris non queritis dolorem de peccatis, etiam
propter Deum sufficere; sed necessariam esse

aliquantam intentionem & fervorem in ipso
dolore, aliquantique temporis, & quidem ignoti
nobis continuationem. Idemque a Scoto traditum
in 4 sent. dist. 14, q. 2, a. 2, Franciscus de
Victoria observavit (in *summa de Sacram. tit.*
de cont. q. 117).

5. Anno 1696 Fridericus Nicolaus Gavardi
Ordinis S. Aug. Sacræ Scripturæ publicus in
Sapientia Romana interpres, Theologiam cui
Titulus, *Schola Ægidiana*, Romæ evulgavit,
& SS. D. N. Innocentio XII inscripsit: ejus-
dem vero ille sententiæ est, eamque omni co-
nato propugnat.

6. Anno 1707 ejusdem ordinis, illustrissi-
mus Lamberius le Drou, sacrarii Apostolici
præfatus, & Porphyrionis Episcopus, ad do-
ctrinam hanc asserendam, opus absolutissimum,
quadripartita dissertatione contentum, Romæ
edidit, & SS. D. N. Clementi XI consecra-
vit.

7. Non ita pridem Sanctæ memoriæ Bene-
dicti XIII jussu Summa Alexandrina, ex mora-
li Theologia Natalis Alexandri Ordinis Prædi-
catorum digesta, vulgata est, ubi hæc pari-
ter Doctrina defenditur.

8. Neminem latet, Romæ quotidie tum in
Sapientie Archigymnasio, tum in aliis Scho-
lis, sub oculis Summorum Pontificum propu-
gnari.

9. Denique, ut alia multa præteream, quis
crediderit patienter laturos Pontifices Maxi-
mos, sententiam hanc in orbis Catholici Aca-
demiis, ut in dies fit, libere propugnari, si
haberet aliquid cum doctrina damnata affini-
tatis?

Restat igitur explicandum quo sensu præfa-
tæ Bajanzæ propositiones proscriptæ sint. Unde,
Secundo, assero ideo censura inustas, quia
iis significabatur, cum caritate actuali perfe-
cta, immo & habituali reatum ac maculam
peccati manere.

De caritate actuali perfecta in propositioni-
bus 31, 70 & 71, aperta mentio est: ad quas
respicienti Cardinalis Bellarminus: (lib. 2 de
penit. c. 13) „ fuit, inquit, Doctor quidam
„ ante paucos annos, qui in libro, quem de
„ caritate conscripsit, adversus communem
„ sententiam docuit Catechumenis penitenti-
„ bus, quamvis perfecte conversis, & caritate
„ flagrantibus, non remitti peccata, sive rea-
„ tum mortis æternæ, nisi cum vel baptizan-
„ tur, vel reconciliantur ministerio Sacerdo-
„ tum, nisi forte in mortis articulo ... Scri-
„ ptori illi Catholico, qui veram perfectam
„ que contritionem cum reatu lethalis peccati,
„ usque ad Sacramenti perceptionem manere
„ contendit, opponimus primum &c.

Caritatem vero habitalem haud obscure em-
dem

dem propositiones (juxta consuetum ea ætate Scholarum loquendi morem) significabant, affirmando, caritatem, *quæ est ex corde puro, & conscientia bona, & fide non ficta, quæ est plenitudo legis, per quam homo justus, & recte, & sancte vivit, & mandata Dei observat, ac legem implet, non esse semper conjunctam cum remissione peccatorum.*

Id quod Bajus ipse in Scholis Lovaniensibus recognovit, quando doctrinæ suæ articulos publice explicans: (anno 1570, die 17 Aprilis) „quod in Catechumenis, inquit, „sit bona voluntas, dilectio, amor, apud „omnes est extra controversiam; sed difficultas „est eo nascitur, quod non distinxerim inter „bonam voluntatem & caritatem, secundum „consuetum modum loquendi Scholæ: caritas „enim a Schola non aliter accipitur, quam „quomodo Paulus accipit 1 ad Timot. 1: *caritas de corde puro &c.* hoc est, de caritate perfecta, quæ est actus vel habitus, quem operatur spiritus inhabitans & propitius: habent quidem (Catechumeni) dilectionem, qua incipiunt Deum amare, ut loquitur Concilium Trid. habent bonam voluntatem, amorem, & inchoatam caritatem, licet non perfectam. August. quodam loco ista non distinguit, sed dicit, *bonam voluntatem, dilectionem, amorem, & caritatem in Scripturis indifferenter accipi: Peccatum est igitur in eo, quod scitatus Augustinum, non servaverim consuetum usum loquendi Scholæ.* „

Idemque Cunerus quem Bajus infensissimum adversarium habuit, in eo libro testatur quem contra ejus articulos scripsit: in ipsa namque præfatione sic loquitur: „Caritas, quia omnes in ea divinam concipiunt amicitiam, „non sustinet communes fidelium aures, „quod sine culpæ remissione in aliquo inveniat; ubi si proposueris, an dilectio seu amor Dei a culpæ remissione ad tempus separari possit, omnes toto corde confitebuntur. Immo si progrediaris an dilectio, quæ Dei est ex toto corde, cum in homine statum patiat, ut ei, quamvis peccata, certo suo loco & tempore remittantur, nondum tamen, quia Sacramenta differt, remissa sint, & adhuc imputari possint? invenies Catholicos Doctores, qui tecum consentient, modo etiam extra articulum necessitatis, per eum peccata aliquando remitti constituitis.“

Est & alterum ejusdem rei clarissimum monumentum, in forma Doctrinæ, quam Gregorii XIII Pontificis Max. temporibus, Facultas Theologica Lovaniensis, jubente Francisco Bembæ, per utramque Germaniam Apostolicæ

Nuncio, eo sine edidit, ut *Sedis Apostolicæ judicio congrueret, damnatisque sententiis ex adverso consisteret*: in hac enim Doctrinæ forma de caritatis articulis sic habetur: „falsum est hominem in peccato mortali, sive reatu æternæ damnationis existentem, posse veram habere caritatem: etsi enim ante suam justificationem insit in poenitente amor aliquis justitiæ, eaque dilectio, qua Deum diligere incipit, tamquam totius justitiæ fontem; is tamen amor qui caritatis præstantiam assequitur, seu perfecta illa & sincera caritas, quæ est ex corde puro, conscientia bona, & fide non ficta, cum æternæ damnationis reatu non consistit.“

Addam ad coronidem testimonium Francisci Suarezii, qui Bajanas de caritate propositiones, haud aliter quam de ipso habitu caritatis intelligi debere putavit. *Hinc referri possit, inquit, (in 3 part. 5. Th. ad art. 1, q. 85, disput. 4, sect. 7, n. 1) nova quedam opinio Michaelis Bili, qui ferebatur quidem gratiam & caritatem in eodem momento infundi, in quo homo habet actum contritionis vel dilectionis; peccata vero non statim remitti, etiam quoad culpam, donec Sacramentum baptismi, vel poenitiæ reipsa recipiatur: ex quo plane sequitur, talem actum non statim esse plene formatum: illa tamen sententia supponit falsos errores, scilicet, quod peccatum nunquam remittitur, usque ad realem susceptionem Sacramenti: & consequenter sine hac susceptione non posse hominem salvari: item, posse hominem esse in statu peccati, immo & condemnari cum habitibus gratiæ & caritatis.*

Non alia igitur in Bajanis propositionibus offensionis ac scandali causa fuit, quam quod caritatis nomen ad solum habitum, seu actum perfectum significandum, Scholarum consuetudine consecratum, ipsius caritatis primordiis & actui imperfecto tribueret. Nam quod aliunde bona voluntas, dilectio, amor ex toto corde, a culpæ remissione ad tempus separarentur: omnes, inquit Cunerus, *toto corde confitebantur, ipseque Bajus, res,* inquit, *extra controversiam est: idemque Schola Lovaniensis sentiebat, in forma Doctrinæ professens, poenitentem, ante justificationem inesse eam dilectionem qua Deum diligere incipit, tamquam omnis justitiæ fontem.* Unde consequens est, Pontificis constitutionibus adversarios manifesto abuti, ut sententiam de amoris ac caritatis initialis in Sacramento, necessitate, velut neotericum Baji commentum, a Sede Apost. profligatum traducant: quod sane non facerent, si quam in cæteris minoris momenti rebus servare quisque tenetur, in hoc tam gravi

gravi (ubi agitur de divinis Sacramentis) negotio, æquitatem sinceritatemque profite-
rentur.

Inst. 9. In hypothesi quod caritas inchoata ad justificationem extra Sacramentum obtineam non sufficiat, sequitur poenitentem imperfecta Dei caritate successum, si morte præcipiti abripiatur antequam possit Sacramentum recipere, in æternum esse dam-
nandum; atqui consequens est tum absurdum, tum impium. Quomodo enim fieri potest, ut in æternum pereat, qui cum amore Dei, hoc est in osculo pacis mortuus est, iisque immisericorditer bonis privetur, quæ Scriptura teste, præparavit Deus diligentibus? Deinde, cum in eo statu anima æternum mansura sit, in quo ab hoc mortali corpore emigrando reperitur; sequitur perpetuo amaturam Deum, quem in ultima vitæ præsentis periodo, vera caritate dilexerit. Porro absurdissima res est cum hac vera dilectione a summo bono in æternum avelli, in æternum claustrare: *ne projicias me a facie tua; ne avertas faciem tuam a me; ostende faciem tuam, & salvi erimus*: nec unquam voti compotem fieri. Numquid præterea absurdissimum dictum est, posse in inferno, ubi nihil nisi desperatio, horror, & stridor dentium erit, reperiri Dei amorem? Ergo &c.

R. Nego sequelam majorem: In hoc enim casu non dubitamus poenitentem, qui Sacramento sine sua culpa careret, Deumque tamquam omnis justitiæ fontem caritate initiali diligeret diviniciu absolvendum, & ad statum justitiæ transferendum: vel enim Deus, qui id omne quod hominum ministerio potest, potest a fortiori sine cujusquam subsidio exequi, visibile Sacerdotis officium in hoc tanto discrimine ipse suppleret; vel certe nascentem poenitentis amorem ad eum gradum proveheret, qui obtinendæ justificationi, & plenæ emundationi sufficeret: neque hoc gratis dictum, & ad effugiendam difficultatem inventum putari debet, cum longe ante a Sanctis Doctoribus dictum sit.

„ Si forte peccator poeniteat, ait *Hugo a S. Victore*, (*de Sacram. art. 14, c. 18*) „ sed intercurrente articulo necessitatis, ad confessionem pervenire non possit; confidenter credere debemus, quod summus Sacerdos complet in eo, quod mortalis non potuit... „ quia confessionem non contemptus exclusit sed impedivit necessitas.

Et *S. Bernardus*: (*Ep. 77*) „ si quis voluerit, & petierit baptizari: (*de poenitenti vero, ut sepe monimus, idem ac de ultimo judicium est*) sed mortis præoccupatus articulo forte obtinere nequiverit;

„ dum non desit fides recta, spes pia, sincera caritas, huic ego ob solam aquam, si defuerit, nequaquam omnino possum desperare salutem, nec vacuum credere fidem, nec confundere spem, nec excidere caritatem: tantum si aquam, non contemptus, sed sola, ut dixi, prohibeat impossibilitas.

Et *S. Augustinus*. (*lib. 4. cont. Donat. cap. 22*) „ invenio non tantum passionem pro nomine Christi, id quod ex baptismo deerat posse supplere; sed etiam fidem, conversionemque cordis, si forte ad celebrandum mysterium baptismi, in angustiis temporum succurri potest... quantum itaque valeat, etiam sine visibili Sacramento baptismi, quod ait Apostolus: *corde creditur ad justitiam, ore autem confessio fit ad salutem*: in illo latrone declaratum est; sed tunc impletur invisibiliter, cum ministerium baptismi non contemptus religionis, sed articulus necessitatis excludit.

Poteram *S. Ambrosium*, (*in orat. de obitu Valentiani*) *Innocentium III* in Ep. decretali ad Episcopum Cremonensem, (*Extra de Presbytero non baptizato, c. Apostolicam*) & plerosque alios addere, quorum eadem sententia fuit: tanta enim de hac re, majorum persuasio erat, ut in Conciliis *Carthag. IV. Can. 79, Vasensi, can. 3, Arelatensi 2, can. 12, Toletano 11, Can. 12*, statutum fuerit, poenitentium, qui satisfactiones impositas sedulo implebant, si casu aliquo morte improvisa abriperentur, memoriam in orationibus, & sacrificiis faciendam; quod sane non præcepissent, nisi eos a summo Sacerdote Christo absolutos invisibiliter credidissent.

Hoc posito, nihil necesse est ad ea quidquam reponere, quæ ad probationem minoris adducebantur. Quamquam nec omnia pro veris admittimus, quæ argumentatio continebat: quale sane est, quod innuebatur necessarium esse a Deo absolvi, qui motum aliquem caritatis habere repertus fuerit: quasi nimirum quidquam eorum, quæ justificationem præcedunt, possit justificationis gratiam promereri, & justificationis, non misericordiae, sed justitiæ opus sit: quod est Concilio *Trid. (Sess. 6, cap. 8)* & Catholica doctrinæ contrarium: quale item alterum est, quod ibidem dicebatur, motum transitorium caritatis initialis pro vero animæ statu esse habendum, in quo per totam æternitatem necessario permanens sit, si eum immediate ante transitum ex hac vita eliceret: quod sanæ Theologiæ, ipsique Philosophiæ adversatur. Status enim, prout in præsentem accipitur, conditio est fixa & permanens. non in actum transeunte: sed in habitu

ut necessario consistens: itaque homo peccator, qui ad extremum vitæ adductus, ædum imperitiæ caritatis eliceret, non in statu amoris, sed magis in statu reatus, maculæ, & habitus peccati esse dicendus foret; nec quidquam illi ad felicitatem eternitatis, primordia caritatis prodessent, sed protinus evanescerent, nisi a summo Sacerdote complecte quod mortalis non potuit, misericorditer acceptarentur. (1)

Verum de hac quæstione sat dictum. Sit igitur

QUÆSTIO QUINTA.

De Confessione.

Quam Latine confessionem dicimus, Græci ἑξομολόγησις appellant, peccatorum videlicet accusationem, ad Sacramenti genus pertinentem, eoque sine susceptam, ut veniam virtute clavium impetremus: quæ definitio explicatione non eget. Agendum hic

1 de ejus necessitate: 2 de conditionibus: 3 de secreto, sive sigillo confessionis. Unde sit

CAPUT PRIMUM.

De Confessionis Sacramentalis necessitate.

§. PRIMUS.

Errores notantur.

Qui confessionis necessitatem negaverint, vel nulli, vel certe pauci admodum in veteri ætate occurrunt. Nam

1. Quod ad Montanistas & Novatianos spectat, licet quædam peccata irremissibilia esse contenderent; non omnem tamen potestatem clavium Ecclesiæ denegabant: unde nec confessionis usum absolute abrogaverant: quin & hæc ipsa peccata, ut refert S. Ambrosius, (lib. 2 de penit. cap. 5) confitebantur, quæ dimitti ab Ecclesia non posse volebant, & pro iisdem, operibus pœnitentiæ subiacebant, non quidem ad pacem ac reconciliationem ab Ecclesia obtinendam; sed ut per illa, inquit Tertullianus, (lib. de pudic. c. 3) apud Deum seminaretur, & prepararetur fructus indulgentiæ a solo Deo, non ab Ecclesia concedendæ; itaque Montanistarum iudicio necessaria erat, etiam irremissibile peccatorum confessio: non enim Ecclesia seculis sibi incognitum impositis pœnis ulciscitur.

2. Waldenses in multis quidem contra pœnitentiæ Sacramentum errarunt: in hoc præcipue quod dudum sopitam Donatistarum hæresim excitantes, contenderent potestatem peccata solvendi, nec penes Sum. Pontificem, nec in Episcopis, nec in Romanæ Ecclesiæ Sacerdotibus esse; eo quod, inquiebant, mores suos ad exemplum Apostolorum non conformarent. Confessionis tamen nec necessitatem negabant, nec usum penitus sustulerant, ut ex Reynero, aliisque antiquis Scriptoris certo constat; in eaque sententia persistebant, donec sæculo decimo sexto Calvinianos errores amplexi, veterem impietatem nova perfidia cumularunt.

3. Wicleffus sæculo 15 contra confessionis veritatem erravit, 1 quod ejus institutionem negaverit a Scripturis repeteri posse: 2 quod inventum Pontificium dixerit: 3 quod inutilem affirmaverit; unde inter ejus articulos in Concilio Constantiensi damnatos, iste numero 7 legitur: Si homo debite fuerit contritus, omnis confessio exterior est sibi superflua & inutilis.

4. Decimo sexto sæculo Lutherus ab antiqua de confessione fide defecit, 1 quia nec in re, nec in voto, esse salutis medium necessarium affirmavit: 2 quia præceptam a Christo esse inficiatus: 3 quia docuit nullam ejus esse virtutem ad peccatoris justificationem, quam in sola fide ponebat. Confessionis tamen usum nec omnino sustulit, nec absolute nullum dicere ausus est: quin et contra homo instabilis, idemque modo affirmans, modo negans, in brevi quodam a se scripto Catechismo propugnavit, teneri unumquemque peccata etiam occulta confiteri, non solum Deo, sed etiam ejus ministro, qui audita confessione, pœnitentem his debeat verbis absolvere: ego ex Christi mandato remitto tibi peccata tua, in nomine Patris &c. Idemque ex Augustana confessione est manifestum, ubi usum confessionis & absolutionem a peccatis debere retineri decernitur. Joanni Brentio, Chemnitio, & aliis non paucis Lutheri sedatoribus hæc constitutum non arripit; qui non specialem omnium peccatorum, sed generalem tantum admittendam esse censebant.

5. Calvinus eodem sæculo, antiquissimum quidem confessionis usum cogente veritate agnovit; sed, 1 divini juris esse negavit: 2 fœdum arbitrio prisca ætate reliquum mentitus est, 3 perniciosam esse auricularem confessionem, Ecclesiæ noxiam, atque adeo tollendam e medio affirmare non erubuit: hinc sequitur, inquit,

(1) Qui de re hac plura scire desiderat, adeat inter alios Theologiam Christianam P. Danielis Concini, qui T. 9 Dissert. 2, difficultatem egregie discutit, ac pertractat.

inquit, (lib. 3. instit. c. 4) ejusmodi confessionem liberam esse oportere, ut non ab omnibus exigatur, sed iis tantum commendetur, qui ea se opus habere intelligent. Deinde ne ipsi qui illa utuntur pro sua necessitate, ad enumeranda omnia peccata, vel præcepto aliquo cogantur, vel arte inducantur; sed quoad interesse sua putabunt, ut solidum consolationis fructum referant. Contra illos sit

§. SECUNDUS.

Ostenditur, Confessionem Sacramentalem, ab iis qui post baptismum, in peccatum aliquod mortale lapsi fuerint, ex institutione Christi, Sacerdotibus necessario faciendam.

Fidei doctrina hæc est a Concilio Trid. (sess. 14, can. 4) his verbis expressa: si quis negaverit, ad integram & perfectam peccatorum remissionem requiri res alias in penitentie, quasi mysterium Sacramenti penitentie, videlicet contritionem, confessionem, & satisfactionem: anathema sit . . . (ib. can. 6) si quis negaverit, confessionem Sacramentalem, vel institutionem, vel ad salutem necessariam, esse jure divino; aut dixerit, modum secreta confitendi soli Sacerdoti, quem Ecclesia Catholica ab initio semper observavit & observat, alienum esse ab institutione & mandato Christi, & inventum esse humanum: anathema sit . . . (ib. can. 7) si quis dixerit, in Sacramento penitentie, ad remissionem peccatorum, necessarium non esse jure divino, confiteri & singula peccata mortalia, quorum memoria cum debita & diligenti præmeditatione habeatur, etiam occulta, & que sunt contra duo ultima Decalogi præcepta, & christianitas que peccati speciem mutant: sed eam confessionem tantum esse utilem ad erudiendum & consolandum penitentem, & olim observatam fuisse tantum, ad satisfactionem canonicam imponendam; aut dixerit, eos, qui omnia peccata confiteri student, nihil relinquere velle divine misericordie ignoscendum: aut demum non licere confiteri peccata venialia: anathema sit.

PROBATIO PRIMA.

Ex Scripturis.

Veritatem hæc primo probant testimonia Scripturarum, ex Matthæi 16, & 18, & Joannis 20 adducta superius ad veritatem Sacramenti penitentie adstruendam: inde enim palam est, Christum contulisse Apostolis singularem quandam ferendi erga peccatores judi-

cii potestatem; atqui judicium hoc non posset, causa incognita, æquum esse ac sapiens. Ut quid enim vero dixit Christus: *quæ ligaveritis, erunt ligata: quæ solveritis, erunt soluta*: nisi quia voluit pro diversa criminum conditione ac qualitate clavium dispensationem diversam esse debere? atqui consistere regula illa non posset, nisi teneretur quisque confessione spontanea, peccata sua sigillatim exponere Sacerdoti: id quod fori civilis exemplum plane demonstrat, ubi nisi iudices pro tribunali sedentes, reorum causas vel ex propria confessione, vel accersitis testibus, diligentissime discuterent, inquirerent, ponderarent; eorum judicia pro iniquissimis prævaricationibus haberentur. Cum itaque Christus tribunal spirituale Ecclesie ad instar fori civilis exererit, necessario confitendum ex auctoritate Scripturæ, nisi prævia confessio fuerit, remitti aut retineri peccata non posse: adeoque etiam si alia argumenta desissent, ad fidem Ecclesie vindicandam, Evangelii auctoritas, ad quam, traditione contempta, perpetuo hæretici provocant, sola sufficeret.

Hinc merito Concilium Trident. (sess. 14, cap. 5) "ex institutione Sacramenti penitentie, inquit, universa Ecclesia semper intellexit, institutum etiam esse a Domino integram peccatorum confessionem, & omnibus post baptismum lapsis, jure divino necessariam existere, quia Dominus noster Jesus Christus, e terris adscensus ad cælos, Sacerdotes sui ipsius vicarios reliquit, tamquam præsides & iudices, ad quos omnia mortalia crimina deferantur, in quæ Christi fideles ceciderunt; quo pro potestate clavium remissionis aut retentionis peccatorum sententiam pronunciant. Constat enim Sacerdotes judicium hoc incognita causa exercere non potuisse, neque æquitate quidem illos in penis injungendis servare potuisse, si in genere dantaxat, & non potius in specie ac sigillatim, sua ipsi peccata declarassent, &c."

PROBATIO SECUNDA.

Ex prescriptione.

Sapienter monet Tertullianus (de prescript. cap. 17) inutiles, nulliusque proventus esse disputationes fere omnes, quæ contra hæreticos ex Scripturæ auctoritate suscipiuntur. "Nihil proficit, inquit, congressio Scripturarum nisi plane ut stomachi quis ineat eversionem, aut cerebri. Ista hæresis non recipit quasdam Scripturas: & si quas recipit, adjunctionibus & detractionibus ad dispositionem
Z „insti-

„institutū suū intervertit: & si recipit, non recipit integras; & si aliquatenus integras præstat, nihilominus diversas expositiones commentata convertit“.

Id quod in præsentī materia non secus ac alias moleste & infelicitèr experimur: quāquam enim simplicem fidem habentibus, verba Matthæi & Joannis ad confessionis Sacramentalis necessitatem comprobādam abunde sufficiant; cum iis tamen hominibus rem habemus, qui sensum Scripturæ fēde adulterant, & volunt ejus verba, non de potestate judiciaria quæ in peculiari aliquo Sacramento exerceatur, sed vel de prædicandī Evangelii facultate, vel de baptizandī ministerio debere intelligi. Quæ sane interpretationes licet vim Scripturæ faciant, in alienos sensus verba apertissima detorquendo; non facile tamen vincuntur, qui eas commenti sunt, quia dum adulteratæ Scripturæ a Catholicis accusantur, idem ipsi in Catholicos crimen refundunt, male ac malitiose ab iis Scripturæ intelligi reponendo: quo fit, ut a rudi ac simplici plebe, & ab iis ipsis, qui ingeniosi peritiquè haberi volunt, cum in rerum divinarum studio aut parum aut nihil omnino versati sint, vulgo existimetur Catholicos iuter & hæreticos mera problemata controversi, incertumque esse qui pugnent pro veritate, vel qui ab illa recedant.

„Ergo, ait idem Tertullianus, (ib. cap. 19) non ad Scripturas provocandum est, nec in his constituendum certamen, in quibus aut nulla, aut incerta victoria est, aut parum certat: & non alia cum hæreticis inunda disputatio, nisi an Christiani sint? ubi enim (ib. cap. 19) apparuerit esse veritatem disciplinæ & fidei Christianæ, illic erit veritas Scripturarum, & expositionum; & omnium traditionum Christianarum“.

Ita; & iudicio quidem nostro, excellentissime Tertullianus, argumento ex præscriptione petito, ubi de revincendis hæreticis agitur, palmam desert.

Hoc igitur argumentum, ut sæpè alias in præsentī contra pertinentem hæresim urgentes:

Querimus 1. a Lutheranis & Calvinistis, utrum pro veris Christianis haberi velint?

Querimus 2. Quis verus debeat dici in propugnando aliquo dogmate Christianus? an qui novas obtrahit opiniones? num e contrario qui dimicat pro antiquitate?

Respondent dubio procul, vere se esse Christianos, & æmulari antiquitatem in omnibus, a qua si quis proterve desciscit, Christiani nomen quam immerito, tam inutiliter gerit.

Hoc posito sic prosequitur argumentum:

Atqui docet Religio Christiana, confessionem Sacramentalem, homini post baptismum,

in peccatum mortale lapso, esse ex institutione Christi absolute necessariam: eaque a promulgatione Evangelii fuit omnium retro temporum fides. Nam

1. Si nova illa doctrina est, proferant Lutherani & Calvinistæ, a quo primum vulgata sit: locum nobis & tempus demonstrent, quo jugum tam asperum, quod portare nesciverant Patres nostri, fidelibus impositum fuerit: edant libere nomen legislatoris & Patriam, qui adeo immane edictum commentus sit. Quod si præstare non possunt, uti neque hætenus tam sæpe a Catholicis lacessiti attentarunt; non indigne ferant, si eos mendacii, & possigatæ fidei redarguimus.

2. Doctrina hæc fuit omnium temporum, quæ in omnibus tum Latinorum ritualibus libris, tum Græcorum & Orientalium euchologiis unanimiter & sine differentia continetur; atqui talis est de Confessionis Sacramentalis necessitate doctrina. Eam, inquam, aperte præscribunt Ritualia vetustissima Latinorum: consentiunt in euchologiis Græci omnes & Orientales, Constantinopolitani, Alexandrini, Antiocheni, Copti, Arabes, Æthiopes, Maronitæ, Jacobitæ, Ewtychiani, Nestoriani, omnes denique sine exceptione harum gentium Hæretici, Schismatici, Catholici: quorum sane adeo uniformis consensus, argumentum est, dogma de necessitate confessionis, cum apud omnes unum sit, hæresi qualibet & schismate antiquius esse.

Ergo vel in hac doctrina consentiant Lutherani & Calvinistæ, si velint pro veris Christianis haberi: vel si obstinate in sua discordia perseverent, fateantur ingenue, se Christianam Ecclesiam facta rebellionē deseruisse. Duo enim hic occurrunt, quorum alterutrum necessario dici oportet: vel negandum antiquum esse de confessionis necessitate doctrinam: vel si (ut revera est) antiqua recognoscitur, dicendum restat, errasse ab antiquo Ecclesiam; atqui primum contra tam numerosam testium multitudinem sine summa imperitia parique impudentia dici nequit: ad alterum vero qui confugeret, in Christum ipsum esset contumeliosus: a quo infallibilitas in fide, Ecclesiæ promissa, reveraque concessa est.

Superest igitur, ut inviti licet, fateantur Lutherani & Calvinistæ, se Christianos non esse. Hunc enim titulum immerito usurpat, qui Doctrinam a Christo datam Apostolis, & ab Apostolis in fundatas a se Ecclesias derivatam audacter respuit ac proculcat; atqui recentiores hæretici Doctrinam a Christo datam Apostolis, & ab Apostolis in fundatas a se Ecclesias Matrices transmissam contemnunt, respuunt, labefaciunt, in ejusque locum novitiam Do-

Doctrinam obtrudunt, majoribus inauditam. Doctrina & institutio Christi est: (Joan. 20, 22, & seq.) accipite Sp. Sanctum: quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt. Doctrina Apostolica est, his verbis Apostolos, eorumque in Sacerdotio successores, clavium coelestium ministerium accepisse, & post baptismi lapsorum iudices esse constitutos, ut eos vel absolvent vel ligarent; adeoque peccatorum confessionem ex institutione divina esse necessariam ad salutem. Judicare enim, nisi causa cognita nequeant; cognoscere vero non possunt, nisi confessio reorum præcesserit: in hac verborum Christi explicatione Ecclesia tota consentit: nemo reperitur aut Latinus, aut Arabs, aut Syriacus, aut Græcus interpres, qui in hac Salvatoris sententia penitentiae Sacramentum, & confessionis necessitatem non recognoscit: ergo &c.

Certum itaque maneat, & sine dubitatione teneatur, dogma de confessionis necessitate ad fidem catholicam pertinere: quia ut docet S. Aug. sæpe laudatus: (Contr. Donat. lib. 4, c. 24) quod universa tenet Ecclesia, nec Concilii institutum, sed semper retentum est, non nisi auctoritate Apostolica traditum reliquissime creditur.

PROBATIO TERTIA.

Ex traditione Patrum.

3. Argumentum sic est: illa doctrina pro vera & catholica est habenda, quam discrete a primis sæculis sine interruptione patres Ecclesiæ docuerunt; atqui talis est de confessionis necessitate doctrina.

¶ Auctor Ep. ad Jacobum, quæ licet Clementi adjudicetur, tantæ nihilominus antiquitatis est, ut e græco in latinum idioma versa sit a Rufino Sæculo IV, ita loquitur juxta ejusdem Rufini versionem Num. 11. Si forte in alicujus cor vel livor, vel infidelitas, vel aliquid malum latenter irrepserit, non erubescat, qui animæ suæ curam gerit, confiteri hæc ei, qui præest . . . quo possit fide integra, & operibus bonis poenæ æterni ignis effugere.

¶ S. Irenæus Apostolici temporis & spiritus doctor, (lib. 1. contr. hæres. c. 5) narrat Marcum hæresiarcham mulieres quasdam superstitiosas ac simplices, sua hæresi & libidine corruptas, quæ deinde conversæ ad Ecclesiam Dei, sæpissime turpes amores confessæ sunt. . . . idemque testatur de cuiusdam Diaconi uxore, in eandem calamitatem prolapsa, quæ deinde magno fratrum labore conversæ, omne tempus in exomologesi

consummavit, plangens & lamentans, propter hanc quam passa fuerat ab hoc mago corruptelam . . . idemque libro 3 de Cerdone Hæretico narrat.

Tertullianus 2 sæculi scriptor, eandem veritatem quandiu stetit in castris Ecclesiæ, strenue propugnavit: "plerosque, inquit, (lib. 4. pæn. c. 10) hoc opus, ut publicationem sui, aut suffugere, aut de die in diem differre præsumo, pudoris magis memores quam salutis; velut illi qui in partibus verecundioribus corporis contracta vexatione conscientiam medentium vitant, & ita cum erubescencia sua pereunt: intolerandum scilicet pudori, Domino offenso satisfacere; saluti prodactæ reformari: næ tu verecundia bonus, ad delinquendum expandens frontem, ad deprecandum vero subducens; ego rubori locum non facio, cum plus de detrimento ejus acquirō . . . grande plage emolumentum verecundiæ, occultatio delicti pollicetur: videlicet, si quid humanæ notitiæ subdixerimus, proinde & Deum celabimus? adeo ne existimatio hominum & Dei conscientia comparantur? an melius est, damnatum latere, quam palam absolvi?"

¶ Et Cap. 12: "Si de exomologesi retractas (hoc est, si durum tibi videatur confiteri peccata) gehennam in corde considera, quam tibi exomologesis extinguet . . . Igitur cum scias adversus gehennam post prima illa inunctionis Dominicæ munimenta, esse adhuc in exomologesi secunda subsidia, cur salutem tuam deseris? Quibus confessionem peccatorum necessariam perspicue supponit.

Veritas eadem ex exorta tunc temporis Montanistarum hæresi luculenter colligitur. Hæc quidem hæresis ab Ecclesia rejecta est, ut jam alibi ostensum fuit, quod certis criminibus veniam per claves negarent. Sic enim Montanistæ leviora delicta solvebant, ut non iis tantum, sed & gravioribus poenitentiam indicerent, quamquam horum absolutionem clavibus Ecclesiæ subtraherent, & absolutionem a solo Deo obtineri posse prætenderent. Porro nec leviora solvebat, nec graviorum congruam poenitentiam decernere poterant, nisi utraque per confessionem cognoscerent.

Sæculo 3 S. Cyprianus, confessionis necessitatem multis adstruit argumentis: varia distinguit genera criminum: quædam gravissima, minora alia dicit, alia leviora, alia occulta, alia publica: singulis diversas poenæ & satisfactiones decernit; pro singulis manus ab Episcopo & clero poenitentibus imponendas pronuntiat: sic in libro de lapsis, contra eos invehit, quæ Christi nomine ejurato, & nefandis contaminati sacrificiis jugum poenitentiarum ferre recusant.

Z 2 habant:

bant: „ quato, inquit, & fide majores, & timore meliores sunt, qui quamvis nullo sacrificii facinore constricti, quoniam tamen de hoc vel cogitaverunt, hoc ipsum apud sacerdotes Dei dolenter & simpliciter confitentes, exomologesis conscientie faciunt, animi sui pondus exponunt, salutarem medelam parvis licet & modicis vulneribus exquirunt? scientes scriptum esse: *Deus non deridetur*; derideri & circumveniri Deus non potest, nec astutia aliqua fallente deludi.... confiteantur singuli, quæso vos fratres dilectissimi, delictum suum, dum adhuc qui deliquit, in sæculo est, dum admitti confessio ejus potest; dum satisfactio, & remissio facta per Sacerdotes apud Dominum grata est“.

Eodem sæculo Origenes, exponens hæc verba: *iniquitatem meam annuntiabo, & cogitabo pro peccato meo*: „ pronuntiationem iniquitatis, inquit, (*hom. 2 in Psal. 37*) confessionem peccati frequentius diximus: vide ergo quid edocet nos scriptura divina, quia non oportet peccatum celare intrinsecus: fortassis eoim sicut ii qui labent intus inclusam indigestam escam, aut humoris, vel phlegmatis stonachæ graviter & moleste immineatis, si vomuerint, relevantur; etiam hi qui peccaverint, si quidem occultant & retinent intra se peccatum, intrinsecus argentur, & propemodum suffocantur phlegmate vel humore peccati; si autem ipse sui accusator fiat, dum accusat semetipsum & coartetur, simul evomit & delictum, atque omnem morbi digerit causam: tantummodo circumspice diligentius cui debeas confiteri peccatum tuum: proba prius medicum, cui debeas causam languoris exponere, qui sciat infirmari cum infirmante, flere cum fletu, qui consolendi & compatiendi noverit disciplinam: ut ita demum si quid ille disearit qui se prius & eruditum medicum ostenderit, & misericordem, si quid consilii dederit, facias & sequaris: si intellexerit talem esse languorem tuum, qui in conventu totius Ecclesiæ exponi debeat & curari... multa hoc deliberatione, & perito medici illius consilio procurandum est“.

¶ Idem *Hom. 2 in Levit.*, „est adhuc septima, licet dura & laboriosa, per poenitentiam remissio peccatorum, cum peccator non erubescit Sacerdoti Domini indicare peccatum suum... in quo impletur & illud, quod Apost. dicit: *Si quis infirmatur, vocet Presbyteros &c.*“ Et *Hom. 3*, „omni genere pronuntianda sunt, & in publicum proferenda, si quod in occulto gerimus, si quod in sermone solo, vel etiam

„ intra cogitationem secreta commisimus; cuncta necesse est publicari, cuncta proferri: proferri autem ab illo, qui & accusator est peccati, & inceptor: ipse enim nos ut peccemus instigat: ipse etiam, cum peccaverimus, accusat. Si ergo in vita præveniamus eum, & ipsi nostri accusatores simus; nequitiam diaboli inimici nostri effugimus“.

¶ Sæculo primus omnium occurrit Lactantius Firmianus, qui l. 4 *Instit. Cap. 17* hæc habet: „ob hanc causam Deus (circumcisionem Judæis præcipiendo) nudari pudendam corporis partem jussit, ut hoc argumento nos admoneret, ne involutum pectus haberemus, idest, ne quod pudendum facinus intra conscientie secreta velemus. Hæc est cordis circumcisio, de qua Prophetæ loquuntur, quæm Deus a carne mortali ad aimum transtulit, quæ solæ mansura est. Volens enim vitæ ac salutis nostræ pro æternæ suæ pietate consulere, Poenitentiam nobis in illa/circumcisione proposuit, ut si cor nudaverimus, idest si peccata confessi satis Deo fecerimus, veniam consequamur, quæ contumacibus, & admissa sua celantibus denegatur ab eo, qui non faciem, sicut homo, sed intimam, & arcana pectoris intuetur“. Et *Cap. 30 lib. ejusdem* notas assignans, quibus vera Christi Ecclesia a falsis sectis distinguatur, hanc inter alias memorat, dicens: „sola igitur catholica Ecclesia est, quæ verum cultum retinet... sed quia singuli quique ceteris hæreticorum se potissimum esse Christianos, & suam esse catholicam Ecclesiam putant, sciendum est illam esse veram, in qua est Confessio, & Poenitentia, quæ peccata, & vulnera, quibus subiecta est imbecillitas carnis, salubriter curat“. Quibus in locis Sacri Oratoris, ut nemo non percipiat, agitur de confessione occultorum criminum, quæ nempe præ pudore *intra conscientie secreta velari possint*. Agitur de confessione salutari, quæ scilicet salutis effectum efficaciter producit, sive per quam satisfactioni conjunctam veniam consequimur. Agitur demum de Confessione proposita necessaria, tum quia per eam non minus anima nudari debet ad salutem, quam apud Judæos pendenda ad circumcisionem: tum quia res indifferens, qualem esse Confessionem arbitrantur Novatores, veræ Ecclesiæ nota esse non possit.

Sæculo eodem plures alii Ecclesiæ Patres catholico dogmati suffragantur. S. Hilarius *Comm. in Cap. 18 Matth. Num. 8 ait*: „ad terrorem metas maximi, quo in præsens omnes continentur, immobilem severitatis Apo-

„ stolicæ judicium præmisit: ut quos in ter-
 „ ris ligaverint, idest peccatorum nodis in-
 „ nexo, reliquerint: & quos solvarint, Con-
 „ fessione videlicet “ (ita quippe legendus
 „ est locus iste, non *concessio*, ut vult Dal-
 „ laseus contra fidem omnium codicum) „ veniæ
 „ receperint in salutem; hi Apostolicæ con-
 „ ditione sententiam in cælis quoque aut solu-
 „ ti sint, aut ligati. “

S. Basilii, „ (in *regulis breviorib. interrog.*
 „ 229) omnino, ait, in peccatorum confes-
 „ sione eadem ratio est, quæ in aptione vi-
 „ tiorum corporis: ut igitur vitia corporis æ-
 „ quaquam quibusvis homines temere aperiant,
 „ sed iis tantummodo qui rationem, qua ea
 „ curanda sint, teneant: eodem modo etiam
 „ peccatorum confessio fieri debet, apud eos
 „ videlicet, qui ea possint curare, sicut scrip-
 „ tum est: *vos qui firmiores estis, imbecil-
 „ litates infirmorum portate*: hoc est, tollite
 „ diligentia & cura vestra . . . & alibi: (ib.
 „ ad *interrog.* 281) necessaria iis peccata ape-
 „ riri debent, quibus credita est dispensatio
 „ mysteriorum Dei “

Legantur ejusdem tres ad Amphilochem
 epistolæ canonicæ, varios de imponendis sa-
 tisfactionibus sive penitentibus, pro criminum
 qualitate canones complectentes.

S. Gregorius Nysenus Magni Basilii frater:
 „ major fin eo, inquit, (in *serm. adversus*
 „ *eos qui alios acerbius judicant*) tibi fiducia
 „ sit, qui te in Deo genuit, quam in illis,
 „ a quibus corpore procreatus es: audacter
 „ ostende illi quæ sunt recondita: animi ar-
 „ cana tamquam occulta vulnere medico de-
 „ tegere: ipse & honoris & valetudinis tuæ ra-
 „ tionem habebit . . . tu vero cujus animus
 „ æger est, cur non ad medicum properas?
 „ cur non ei confitendo morbum ostendis
 „ tuum “?

S. Pacianus Barcinonensis Episcopus, cujus
 hæc sunt verba perpetuæ memoriæ commen-
 danda: (in *exhort. ad penit.*) „ rogo ergo
 „ vos, fratres, per illum Dominum quem
 „ occulta non fallunt, desinite vulnerata te-
 „ gere conscientiam: prudentes ægri medicos
 „ non verentur, ne in occultis quidem corpo-
 „ ris partibus secutores, etiam persturos . . .
 „ & peccator erubescit perpetuam vitam præ-
 „ teriti pudore mercari . . . an sic illi me-
 „ lius est perire “?

Sæculo 5 S. Joannes Chrysost. (hom. 9 in
 „ *epist. ad Hebr.*) „ cujusmodi, inquit, est
 „ medicamentum penitentiae, & quomodo
 „ conficitur? primum ex suorum peccatorum
 „ condemnatione & confessione: *delictum*, in-
 „ quit, *meum cognitum tibi feci*, & *pecca-
 „ tum meum non abscondi*: pronuntiabo con-

tra me iniquitatem meam Domino, & tu
 „ remisisti impietatem cordis mei; & iterum:
 „ *dic peccata tua prior, ut justificeris*; &:
 „ *justus est sui accusator in primo sermone*:
 „ secundo, ex multa humilitate: est enim ve-
 „ luti quædam catea aurea, & si initium
 „ acceperit, sequantur omnia: nam si pec-
 „ catum fueris confessus, ut oportet confiteri,
 „ fit humilis anima . . . sin autem dicit (*peni-
 „ tens*) sum peccator; ea autem per spe-
 „ cies non cogitat ac supputat, & non dicit:
 „ hoc & illud peccatum admisi; nunquam ces-
 „ sabit, semper quidem confitens, curam au-
 „ tem nullam gerens correctionis “.

Vide eundem l. 2 de sacerdotio c. 3, & l.
 3, c. 5.

S. Ambrosius non modo scriptis, sed &
 ipso facto confessionis usum, ac necessitatem
 adstruxit. Refert quippe Paulinus Diaconus
 in ejus vita n. 39: „ erat gaudens cum gau-
 „ dentibus, fletus cum fletibus. Siquidem quo-
 „ tiescumque illi aliquis ad percipiendam po-
 „ nitentiam lapsus suos confessus esset, ita
 „ flebat, ut & illum flere compelleret . . .
 „ Causas autem criminum, quas illi confite-
 „ bantur, nulli, nisi Domino soli, apud quem
 „ intercedebat, loquebatur. “ Usque hæc se-
 cretæ confessionis tunc temporis obtinentem
 apertissime ostendunt. Sed ejus necessitatem
 ad consequendam salutem satis declarant, quæ
 ib. referre pergit Paulinus de ejusmodi po-
 nitente loquens: *ipse qui accusator est, nec ex-
 „ pectat accusatorem, sed prævenit, ut accusan-
 „ do suum allevet delictum, ne habeat, quod
 „ adversarius criminetur . . . dñs honorem
 „ Deo, qui vult vitam magis peccatoris, quam
 „ moriem*. Si ergo per confessionem allevatur
 delictum, prævenitur aliqui futura Diaboli
 accusatio, & mors in vitam commutatur,
 quis neget Paulinum, atque adeo S. Ambro-
 sium, & Ecclesiam Mediolanensem, juxta cu-
 jus sensum loquebatur ille, Confessionem ju-
 dicasse necessariam ad peccatorum remissio-
 nem? “

S. Hieronymus: (in *caput 10 Ecclesiasticis*)
 „ si quem serpens diabolus occulte momorde-
 „ rit, & nullo conscio eum peccati veneno
 „ infecerit; si taceat qui percussus est, &
 „ non egerit penitentiam, nec vulnus suum
 „ fratri & magistro voluerit confiteri; nagi-
 „ ster qui linguam habet ad curandum, faci-
 „ le ei prodesse non poterit: si enim erube-
 „ scat ægrotus vulnus medico confiteri, quod
 „ ignorat medicina, non curat “.

Et alio in loco: (in *Ep. 1 ad Heliod. de*
 „ *laude vitæ soliti*), „ absit, ut de his quidquam
 „ sinistrum loquar, qui Apostolico gradui suc-
 „ cedentes, Christi corpus sacro ore con-
 „ ciunt:

ciunt : per quos & nos Christiani sumus :
qui claves regni cœlorum habentes : quodammodo ante iudicii diem iudicant .

S. Aug. (*enarr. in ps. 66*) „ conscientia tua, ait, saniem collegerat, apostema tumuit, cruciabat te, requiescere non sinebor; adhibet medicus fomenta verborum, & aliquando secat; adhibet medicinale ferum in correptione tribulationis : tu agnosce medici manum : confitere : exeat in confessione & defluat omnis sanies : jam latitare, quod reliquum est facile sanabitur .”

Et alibi (*serm. 392, alias 49, inter hom. 50*) „ qui post uxores vestras, (initio scilicet matrimonio ,) vos illicito concubitu maculastis, si præter uxores vestras cum aliqua concubuitis; agite penitentiam quæ illis agitur in Ecclesia, ut oret pro vobis Ecclesia; nemo sibi dicat : occulte ago, apud Deum ago : novit Deus qui mihi ignoscit, quia in corde meo ago : ergo sine causa didum est : *que solveritis in terra, soluta erunt in cœlo* ? ergo sine causa sunt claves datæ Ecclesiæ Dei ? frustramus Evangelium, frustramus verba Christi ? promittimus vobis quod ille negat ? ”

¶ Concinit eodem sæculo S. Innocentius I & S. Leo M. Prior in Ep. ad Decentium an. 416 conscripta inquit : *de pondere estimando delictorum, Sacerdotis est iudicare ut attendat ad confessionem penitentis, & ad fletus, atque lacrymas corrigenis, ac tunc jubere dimitti, cum videris congruam satisfactionem.* Alter vero Ep. 32 : *Mediator Dei, & hominum Christus Jesus hanc Præpositis Ecclesiæ tradidit potestatem, ut & Confitentibus alioque penitentiae darent, & eosdem salubri confessione purgatos, ad communionem Sacramentorum per januam reconciliationis admitterent.* ¶

Concinit eodem sæculo S. Leo M. Sum. Pontifex, Ep. 80, c. 3, & aliis multis locis.

Sæculo 6 S. Joannes Climacus *sæpe spiritualis gradus* 4, Joannes Jejunator Patriarcha Constantin. in libro *penitentiali*, quem ad usum Ecclesiæ Orientalis descripsit : Anastasius Sinaita, in *hom. de Sacra Synaxi*.

Sæculo 7 S. Gregorius M. *Hom. 26 in Evang. l. 22 moral. c. 9*, S. Eligius, Noviomensis in Gallia Episcopus, *hom. 4, & 11*, Theodorus Cantuariensis Archiepiscopus, in *penitentiali c. 60*.

Sæculo 7 Ven. Beda, *comm. in c. 5 Ep. S. Jacobi* : Alcuinus Caroli Magni præceptor.

Nono denique, 10, 11, 12, 13, & sequidem tum in multis conciliis expresse declaratum, tum a scriptoribus Ecclesiasticis sæpe confirmatum, quorum hic verba attexere pro-

lixioris operæ esset : adeat qui voluerit Cardinalem Bellarminum, & alios controversiæ tractatores.

Jam ex his paucis quæ attulimus testimoniis proclive est judicare, confessionem a SS. Doctoribus absolute necessariam existimatum, atque adeo sanctionibus divinis annueratam; quid enim aliud quam necessitatem omnimodam confitendi, hæc Tertulliani verba sonant : *pleurosque hoc opus, ut publicationem sui, aut suffigere, aut de die in diem differre præsumo pudoris magis memores quam salutis . . . ego rubori locum non facio, cum plus de detrimento ejus acutro; an melius est damnum latere, quam palam absolvi? . . .* quid item hæc alia Cypriani, inde confessionis necessitatem adstruunt, *quia Deus derideri non potest, nec astutia aliqua fallente deludi . . .* quid ista Origenis : *si peccator sui accusator fiat, simul evomit & delictum?*

Deinde, Si quis corporali aliquo, quantumvis pudendo & occulto morbo laborans sanari velit, (& paucos sane reperire est adocultus, ut nolint) plane necesse est, ut medicus detegat; quia quod ignorat medicina, non curat; atqui nihil in SS. Doctoribus frequentius occurrit, quam spirituales animi morbos, pari ratione esse Sacerdotibus, ex institutione divina detegendos; ut constat ex adductis Tertulliani, Basilii, Gregorii Nyseni, Paciani, Hieronymi, & Augustini sententiis.

Præterea : nisi patres confessionem absolute necessariam estimarent; contra verecundiam, peccata sua occultantium, & opus illud tamquam publicationem sui suffugientium, aut de die in diem differentium inutiliter invehenerunt : posito namque quod necessaria non foret confessio, malo pudori nihil esset timendum, numquid enim comparate ad Deum verecundia locum habet, cui nihil occultum est ? ergo de confessione hominis homini necessaria, facienda loquuntur.

Insuper : si confessio res esset consilii, non præcepti, nihil, aut parum interesset, sive homini laico, sive inferiori ministro fieret, sive Sacerdoti; atqui ex adductis patrum auctoritatibus, & inferius, ubi de penitentiae ministro tractabitur, afferendis, certissimo constat solis Sacerdotibus, quibus dispensatio mysteriorum divinarum credita est, esse faciendam : ergo &c.

§. TERTIUS.

Eliduntur hæreticorum objectiones.

Opponunt : quod juris divini est, nec institui, nec ad nutum abrogari ab Ecclesia potuit :

tuit; atqui confessionem constat ab Ecclesia institutam, nec multo post abrogatam: ergo &c.

R. Concessa maj. neg. min. quod enim ab ipsis Evangelii primordiis ubique & semper re- tentum est, ab Ecclesia institutum & abro- gatam dici non potest; atqui confessionis usus semper & ubique, ab ipsa prima Evangelii prædicatione, in Ecclesia viguit: ergo non hu- manam, sed divinam institutionem habere cre- dendum est.

Inst. 1. Prob. min. quantum ad utramque partem.

1. Quidem confessionem ab Ecclesia insti- tutam, Socrates his verbis affirmat: (*hist. lib. 5, c. 19*) „ab illo tempore, inquit, quo No- vatiani se ab Ecclesia junxerunt, & re- cusaverant cum iis communicare, qui tem- pore persecutionis lapsi erant; Ecclesiarum Episcopi canonis adjunxerunt, ut in singulis Ecclesiis presbyter esset pœnitentiarius, qui pœnitentiæ præset, cui videlicet lapsi post baptismum peccata sua confiteri teneren- tur“.

2. Usum hunc deinceps auctoritate Ecclesiæ abrogatum, ib. narrat: „Episcopi, ait, qui nunc Ecclesiæ regunt, cum hoc institutum diu retinuisent, tandem Nectarii Episcopi temporibus abrogarunt, propter facinus quod- dam quod in Ecclesia commissum fuerat: mulier quædam nobilis ad pœnitentiarium presbyterum accedens, delicta post bap- tismum a se perpetrata sigillatim confessa erat: presbyter vero præcepit mulieri, ut jejuniis & orationibus continuis vacaret... pro- gressu temporis mulier aliud facinus con- fessa est: declaravit scilicet, Ecclesiæ Con- stantinopolitanæ Diaconum stupri consuetu- dinem secum habuisse: id cum dixisset, Diaconus quidem ab Ecclesia ejctus est; populus vero graviter commoveri cœpit: neque enim solum propter scelus quod pa- ratum fuerat, indignabatur; verum etiam eo quod infamia non mediocri aspersa hoc factu videretur Ecclesiæ: cum igitur eam ob causam Ecclesiastici homines differius ap- peterentur, Eudæmon quidam Ecclesiæ pres- byter Episcopo Nectario persuasit, ut pœ- nitentiarium presbyterum aboleret, unum- quemque vero pro arbitrio, & pro animi sui conscientia, ad Sacramentorum commu- nionem accedere permetteret“.

Idem Sozomenus refert, historiarum lib. 7, cap. 16.

Igitur usus pœnitentiæ & confessionis sæcu- lo 3 Novatianorum occasione inductus, sæculo 4 sequente, quo Nectarius Constantinopolitanæ Ecclesiæ præsedebat, est abrogatus.

R. Admitto factum quod Socrates, & Sozo- menus attestantur: nec enim assentiri iis pos- sumus, qui narrationem hanc velut falsum pu- tidumque commentum rejiciunt, eamque ob causam Socrati & Sozomeno quasi fabellarum venditoribus succensendum putant: quod si ra- tione aliqua niteretur, eandem accusatio in Cassiodorum, Nicephorum, & alios veteres his- toricos, qui hoc ipsum memorie prodiderunt, recideret: itaque concesso ant. dist. conseq. us- us confessionis sæculo 3 institutus, sequenti sæculo 4 abolutus est, quantum ad aliquid con- fessionis accidentarium, cont. quantum ad ip- sam confessionis substantiam, n. conseq.

E. R. Quod secreti peccati, & eorum, quæ palam sunt perpetrata, publica debeat esse con- fessio, ad substantiam confessionis non perti- net; quæ sive publica fuerit, sive secreta, ni- si quid aliud defuerit, naturam integram ha- bet: jam vero fateor, publicam arcanorum-peccatorum confessionem a Nectario abrogatam, simulque abolutam pœnitentiarium presbyterum, qui excipiendis hujusmodi confessionibus præ- ciebat: sed nego abrogatam absolute Sacra- mentalem confessionem: Nam

1. Hoc absedit Nectarius, quod scandali oc- casio fuerat; atqui sola mulieris hujus publica confessio, fuerat causa scandali: Ecclesiam enim exomologesi secreta, solique Sacerdoti nota non conturbaret: ergo solam confessionem publi- cam abolevit.

2. Hoc abrogavit Constantinopolitanus Anti- stes, quod 3 præcedente sæculo fuerat intro- ductum; atqui sola confessio publica fuerat No- vatianorum occasione instituta: alteram enim, quam secretam dicimus, longe ante viguisse constat ex S. Irenæo, & Tertulliano supra lau- datis: ergo &c.

3. Confessionem hanc dicere a Nectario sub- latam non possumus, quæ post illum ubique in Oriente & in Occidente, & in ipsa nomina- tim Constantinopolitana Ecclesia viguit; atqui confessio secreta, vita functo Nectario, in om- nibus Ecclesiæ partibus inviolabiliter est re- tenta, ut certum est ex antiquissimis Græco- rum ac Latinorum ritualibus libris: eundem- que morem in Constantin. Ecclesia inadiun per- severasse, fidem faciunt S. Joannes Chrysosto- mus, qui Nectario in Patriarchatu Constanti- nopolitano immediate successit, & Joannes Je- junator, ejusdem Ecclesiæ sexto sæculo Patri- archa: idemque demonstrat ejusdem Ecclesiæ Euchologium vetustissimum, confessionem Sa- cerdotibus faciendam præscribens: ergo &c.

Inst. 2. Atqui confessio a Nectario penitus & absolute rescissa est: ergo &c. probat. subs. confessionem penitus ille sustulit, qui presby- terum ipsum abrogavit excipiendis confessioni- bus

bus destinatum; atqui Neclarius Eudæmonis consilio persuasus, presbyterum ipsum loco amovit, quem confessionibus audiendis sanctio nova præfecerat: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. dist. maj. confessionem ille penitus sustulit, qui presbyterum ipsum abrogavit, excipiendis confessionibus quibuslibet destinatum, conc. destinatum audiendis confessionibus publicis, n. noj. similiter dist. min. Neclarius abrogavit presbyterum præfectum confessionibus publicis, conc. quibuslibet, etiam privatis, n. min. & conseq.

E. R. Falso argumentum supponit, in unaquaque Ecclesia fuisse unum tantum presbyterum, ad quem omnes qui confiteri peccata vellet, accedere tenerentur: unus enim huic officio obsequendo sat esse non poterat, præsertim in amplissima & numerosissima civitate, qualis ætate Neclarii erat Constantinopolis imperii caput, & nova Roma: equis enim nisi rerum incredibilem amator, inducat in animum, tot hominum millibus ministrum confessionis unum sufficere, qui vel minimo oppido vix sufficeret?

Deinde si unum tantum presbytero hoc munus commissum foret, frustra Origeo, cujus verba supra descripsimus, fidelibus dedisset consilium caute ac sedulo Sacerdotem eligendi, cui deberet unusquisque peccata confiteri, & causam languoris exponere: nec enim eligendi medici locus est, ubi unus tantum qui possit opulari occurrat, quia defectus non adhibetur, nisi quando unus potest alteri, aut pluribus anteponi: itaque dubium non est, ætate Neclarii plures fuisse Constant. Sacerdotes excipiendis confessionibus destinatos: sed neque minus, Socratis ac Sozomeni testimonio certum est, unum inter illos fuisse, cui auctoritate Episcopi, munus publicas confessiones excipiendi incumbere: eo fere modo, quo apud nos, etsi multi sint, ad exercendum poenitentiarum ministerium, vel ex officio, vel Episcoporum delegatione assumpti; unus tamen est, quem magnum poenitentiarum appellamus: dicimus ergo non omnes a Neclario esse sublatis, sed eum tantum, quem publicis confessionibus constitutio nova præfecerat.

Inst. 3 Atqui ita poenitentiarum abrogavit Neclarius, ut nullum penitus Sacerdotem voluerit audiendis secretis confessionibus superesse: ergo &c. prob. subs. ille nullum prorsus voluit superesse presbyterum, audiendis etiam secretis confessionibus, qui permisit ut unusquisque pro arbitrio & conscientia ad Sacramentorum participationem accederet; atqui ita permisit Neclarius, ut constet ex historia Socratis jam citata: ergo &c.

R. Nego subseq. ad prob. n. maj. verbis nam-

que Socratis hoc unum significatur, poe publice confessionis solutos fuisse in Ecclesia Constantina. fideles, rebus nimirum in eundem statum restitutus, in quo ante institutionem poenitentiarum fuerant: ut scilicet unusquisque præmissa confessione secreta, ad Eucharistiæ communionem, & alia Sacramenta percipienda, pro conscientia sua accederet, quod antehac, nisi consensu pluribus, fieri libere non poterat, vigente disciplina publice confessionis: uno verbo, hoc ipsum Neclarius Eudæmoni obsequens sancitum voluit, quod modo in Ecclesia fit, ex quo usus confessionis publice exolevit; atqui licet vero aliquo sensu unicuique nunc permittatur ad Sacramentorum communionem pro conscientia & arbitrio accedere; non ideo tamen est privata confessio extirpata: ergo a pari &c.

Inst. 4. Observant Socrates & Sozomenus, Neclarii nimis indulgentia veterem disciplinam labefactatam, nullamque de cætero viguisse scelerum reprehensionem, unoquoque videlicet suæ libertati relicto; atqui non ita acriter Neclarium accusarent, nisi confessionem etiam privatam penitus sustulisset: ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. ut enim hæc accusatio legitima sit, & ab asperioris censura nota immunis, satis est quod ex abrogatione poenitentiarum publici secuta antiqui rigoris enervatio fuerit: revera porro hoc contigit: hoc enim tribunali sublato, cessavit majori ex parte poenitentia publica in usu esse; confessionis solemniss, quæ magnum sane contra prurum peccandi frænum fuerat, consuetudo collapsa est; fratrum inordinate ambulantium accusationibus vix locus relictus; nemo fuit qui poenitentiam sollicite ut antehac, procuraret, nemo qui in pravos fidelium mores inquireret: unde magna Ecclesiæ detrimentum illatum esse, tum res ipsa admonet, tum merito observant Socrates & Sozomenus.

Inst. 5. Eo sensu intelligenda est a Neclario sublata confessio, quo S. Chrysostomus successor ejus abolitam intellexit; atqui S. Chrysostomus absolute abolitam intellexit, nulla ratione necessariam prædicavit: ergo &c.

Probant min. hom. 21 ad populum Antioch. sic loquitur S. D. "neque hoc tantum est admirabile, quod nobis peccata dimittit (Deus); verum & quod ipsa non revelat, nec manifestat facit aut conspicua; nec cogit in medium procedentes, quæ peccavimus enuntiare: sed sibi soli rationem reddere nos jubet, & sibi confiteri nec cogit presentibus quibusdam peccata enuntiare solo nostro testimonio contentus est".

Inde sic disputant: ille existimat, penitus sublata esse confessionem, nec ulla esse ratione

tione necessariam, qui dicit soli Deo esse confitendum, illi soli reddendam vitæ male actæ rationem, solumque nostrum testimonium Deo datum sufficere; atqui sic sentit & loquitur S. Joannes Chrysostomus: ergo &c.

R. 1. Illud S. Chrysostomi testimonium asseri in præsentî Nectarii causa non posse, nec ad abrogationem confessionis ab illo factam ulla ratione alludere: hanc enim hominiam cum adhuc presbyter esset, forteque antequam Nectarius pœnitentiarium Constantinopoli sustulisset, Antiochiæ habuit, de iis quæ Constantinopoli agerentur nil cogitans: ineptum itaque est, hanc S. Doctoris sententiam cum Nectarii facto conjungere, quæ nimirum decessoris sui iudicium antequam ei in sede Constantini succederet, confirmaverit: quod nihil absurdum magis: itaque ad verba S. Chrysostomi, absque ullo respectu ad Nectarium attendendo:

R. 2. Data maj. n. min. ad probat. admitto auctoritatem, & dist. maj. ille existimat confessionem nullatenus esse necessariam, qui soli Deo reddendam vitæ rationem asserit; si id dicat de iis qui lapsi sunt post baptismum, conc. si loquitur de solis catechumenis, n. maj. dist. pariter min. sic loquitur S. Doctor, de catechumenis, conc. de baptizatis, n. min. & conseq.

E. R. Ex scopo S. Chrysostomi verus ejus sensus est colligendus: porro in hac quæ opponitur homilia, ad solos catechumenos verba factæ, quibus non alia confessio necessaria est, quam quæ soli Deo fit: perspicua responsio est, tum ex homiliæ titulo; inscribitur enim: *catechesis ad illuminandos*: tum ex verbis quæ in contextu leguntur: "propterea, inquit, & prius dixi, & nunc dico, & dicere non desistam: si quis morum vitia non correxit, nec paravit sibi virtutem, ne baptizetur..." Itaque Lutherani & Calvinistæ nullum inde prævidium obtinent; prævertim cum nemo S. Doctore disertius pro confessionis veritate ac necessitate pugnaverit: sic enim præter testimonium superius allegatum: "multa, inquit, (lib. 2. de Sacerd. c. 3) arte opus est, ut ultro se ac volentes Sacerdotum curationibus subjiciant: neque id solum, sed etiam ut curationis ac medicinæ nomine gratiam illis habeant."

Et alio in loco: (Hom. de muliere Samarit.) "imitemur & nos hanc mulierem Samaritanam, & ob propria peccata non erubescamus, sed Deum timeamus: jam vero contrarium fieri video: nam eum qui nos iudicaturus est, non reformidamus; eos vero qui nullatenus nos lædunt, perhorrescimus, & ignominiam ab ipsis inveniendam reformidamus: quapropter eo ipso quod timeamus, pec-

De Re Sacram. T. III.

nam sustinemus: qui enim homini detegere peccata erubescit, Deo vero cernente facere non erubescit, neque confiteri vult, neque pœnitentiam agere; in die illa non coram uno vel duobus, sed universo terrarum orbe spectante traducetur."

Quorum similia sæpe alibi repetit: itaque dubium non est, quin Sacramentalis confessionis necessitatem admisit.

Inst. 6. Atqui S. Joannes Chrys. iis etiam qui lapsi fuerint post baptismum, negat necessariam esse confessionem: ergo &c.

Prob. subs. multiplici ejus testimonio: "peccata tua, inquit, (hom. 1. in Psal. 50) ipse commemora, ut deas: at pudet te peccata confiteri: dic ea quotidie in oratione: non dico ut conservo exponas, qui te probis impetat: dic Deo qui iis medetur..." (hom. 31. in Ep. ad Heb.) non dico tibi, ut peccata tua tamquam pompam in publicum proferas, neque ut apud alios te accusas: sed suadeo ut pareas prophetæ dicenti: *revela Domino viam tuam: apud Deum ea confitere*, apud iudicem confitere peccata tua, orans, si non lingua, saltem memoria: & ita roga ut tui misereatur."

Hiuc inferitur quod sequitur argumentum: Ille negat lapsis post baptismum necessariam esse Sacramentalem confessionem, qui inodum confitendi præstituens, peccata soli Deo declaranda esse asserit: atqui hæc S. Joannis Chrysost. sententia est: ergo &c.

R. Nego subseq. ad prob. admitto auctoritatem, & dist. maj. ille negat lapsis post baptismum necessariam esse Sacramentalem confessionem, qui peccata dicit soli Deo aperienda, si ita cum exclusione curiosis aliterius confessionis decernat, concedo: si hoc dicat innum de quotidiana pœnitentia, de examine conscientie diebus singulis faciendo, & de contritione ac lacrymis quæ debent huius discussionis comites esse, n. maj. dist. pariter min. S. Chrysostomus ita statuit, de examine quotidiano, in conspectu Domini faciendo, conc. cum exclusione confessionis Sacramentalis, suo tempore emittenda, n. min. & conseq.

E. R. Nihil erit in his testimoniis difficile, si attenderimus in his & similibus locis S. Doctorem fideles hortari, ut peccata quorum sibi conscii sunt, præ oculis semper habeant, & mente sæpe revolvant, eadem Deo supremo medico cum vera cordis contritione exponendo: idque omnino persuadent alia ejus verba, quæ leguntur in hac ipsa hom. 2. super Psal. 50: "cum autem, inquit, in lectum, hoc est, in tranquillum portum te coniecisti, nec ullus est qui tibi molestiam exhibet, dic cordi tuo atque animæ tuæ: exegimus hodiernam

A a

diem,

„diem, o anima: quid boni fecimus, aut quid mali admisimus?”

Nam quod confessionis Sacramentalis necessitatem admisit, præter ejus testimonia ante adducta, iuvile probatur ex hom. ejusdem 30 in Gen. ubi non modo meminit confessionis, sed & temporis quo potissimum ex præscripto Ecclesiæ fieri debet: „quia, inquit, in magnam hanc hebdomadam pervenimus Dei gratia, nunc maxime & jejunii cursus intendendus, & magis continuandæ sunt preces, faciendæque diligens & pura peccatorum confessio . . . scit inimicus noster (diabolus) quod per tempus illud possumus de iis quæ ad salutem nostram pertinent loqui, & peccata declarare seu aperire, & detegere vulnera medico, & salutem consequi”.

Inst. 7. Debent hæc verba intelligi de confessione soli Deo faciendâ: ergo pro necessitate Sacramentalis confessionis nihil faciunt.

R. Nego ant. ad mentem enim S. Doctoris debent de confessione accipi, iis faciendâ quibus data est potestas peccati vincula resolvendi; atqui sacerdotibus datam esse divinitus potestatem peccati vincula resolvendi, S. Joannes Chrysost. omnium magnificentissime prædicat, cum aliis multis locis, tum præcipue l. 3. de sacer. c. 5 sic loquens: „iis qui terram incolunt, commissum est, ut ea quæ in cælis sunt dispensent: his datum est, ut potestatem habeant, quam Deus optimus neque Angelis, neque Archangelis datam esse voluit: neque enim ad illos dictum est: *quæcumque alligaveritis super terram, ligata erunt & in cælo*; *quæcumque solveritis super terram, soluta erunt & in cælo* . . . habent quidem & terrestres principes vinculi potestatem, sed in corpora solum: id autem quod dico sacerdotum vinculum, ipsam etiam animam contingit”.

Inst. 8. Negat S. Chrysostomus in suis passim operibus, coram hominibus faciendam esse confessionem: ergo negat confessionis Sacramentalis necessitatem, quippe quæ homini, ut catholici volunt, Dei ministro, fieri debet.

R. Dist. ant. negat coram hominibus faciendam confessionem, *quæ publica sit, & instat causarum forensium, advocatis testibus discutiat, conc. privatim ac clanculum*, n. ant.

E. R. Nihil aliud his in locis S. Antistes intendit, quam ostendere tantam Dei esse erga peccatores clementiam, ut ab iis publicam accusationem ac confessionem non exigit, quæ probro ac dedecori confitenti futura sit: non vero negat confessionem Sacramentalem, per quam sacerdoti ut patri, ut medico, ut amico, vulnera conscientie quantumlibet horrida ac mortifera deteguntur: quin e contra data

occasione confessionem hanc omnino necessariam esse verbis gravissimis contestatur: sic enim hom. 9 in Ep. ad Hebræos supra laudata. Docet: medicamentum poenitentiae esse confessionem & declarationem peccatorum, quorum sibi peccator conscius est: docet 2 confessionem hanc sacerdotibus esse faciendam, atque adeo summo eos afficiendos esse honore: docet 3 omnia peccata distincte ac sigillatim sacerdoti aperienda: „sin autem, inquit, dicit poenitens: sum peccator: peccata autem sua per species non cogitat, & supputat; & non dicit: hoc & illud peccatum admisi: numquam cessabit, semper quidem confitens, curam autem nullam gerens correctionis”.

Inst. 9. Si confessio, ut nos catholici volumus, ex institutione Christi foret omnibus post baptismum lapsis absolute necessaria, frequentem illius usum vetus historia proderet; fideliumque in edendis confessionibus, & sacerdotum in iisdem excipiendis diligentiam pro merito commendaret; atqui in antiquis monumentis nil tale occurrit; cum enim in Sanctorum & virorum illustrium gestis enarrandis multi scriptores a primis usque sæculis operam posuerint; nec unum reperias, qui confessionis Sacramentalis vel ab illis factæ, vel a sacerdotibus exceptæ meminerit: hinc Calvini & aliorum haud injusta videtur esse querela, obtinentium legem confitendi non ante sæculum 3 in Concilio Lateranensi IV sub Innocentio III obtrusam: ergo &c.

R. 1. Concessa maj. n. min. & dico putidem hanc hæreticorum esse calumniam: nam scriptores veteres confessionis Sacramentalis data occasione meminisse, solus ille negaverit qui antiquam historiam nec a limine salutaverit: ejus enim honorabilem mentionem faciunt S. Irenæus, Tertullianus, S. Cyprianus, Origenes primæ ætatis scriptores, ut ex prædictis constat: ejusdem meminit 4 sæculo, præter cæter Paulinus Diaconus in S. Ambrosii vita: *erat gaudens, ait, cum gaudentibus, fletus cum fletibus: si quidem quotiescumque illi aliquis ad percipiendam poenitentiam lapsus suus confessus esset; ita fletus, ut illum flere compelleret: videbatur enim sibi cum jacente jacere: causas autem criminum quas illi confitebantur, nulli nisi Domino soli, apud quem intercedebat, loquebatur*.

Eiusdem 5 sæculo præclarissime meminit Victor Utcensis, in historia persecutionis Vandalicæ l. 2, ubi fideles pastorum absentiam deplorantes ejus ore sic loquuntur: „qui, bus nos miseros relinquetis dum pergitis, ad coronas? qui hos baptizati sunt parvulos, fontibus aquæ perennis? qui nobis poeniten-

„tiae

„ tiaz manus collaturi sunt, & reconciliationis indulgentia, obstrictos peccatorum vinculis soluti? quia vobis dictum est: quodcumque solveritis super terram, erit solutum & in caelis. “

Jam vero a sæculo 6 ad 13 frequentem confessionis usum fuisse, ex Græcorum & Orientalium Euchologiis, ac ritualibus Latinorum, res ita comperta est, nihil ut certius ex Ecclesiasticis monumentis afferri possit: in his enim libris confessionis necessitas, modus, conditio, & sacerdotum in danda absolutione ac imponendis satisfactionibus, officia diligentissime describuntur: mentiuntur itaque, & more suo calumniantur hæretici, quando cum Calvino suo asserunt audent, sæculo 13 in Concilio Lateranensi, confessionis, ut loquuntur, Tyrannidem, sine præcedente exemplo invectam.

R. 2. Neg. absolute maj. quamquam enim prioribus sæculis rarior fuerit usus confessionis, (quod non negamus;) minime tamen hiuc sequitur, divina institutione carere: nam ut sæpe diximus, & res ipsa clamat, ideo instituta poenitentia est, ut post baptismum lapsis, secunda ad emergendum & subsidiaria tabula foret, utque spiritualiter ægrotantibus opportuni reinedii loco esset: quid ergo mirum si prisca ætate, rarior propter ægrotantium paucitatem, medicinz, & alterius post naufragium tabule mentio fiat? tanta quippe horum temporum felicitas fuit, & ita fervida caritas, ut acceptam in fonte baptismatis sanitatem, plerique ad exitum usque integram illibatamque servarent: deinde multi eorum qui Christi fidem amplectebantur, ad finem usque baptismi susceptionem procrastinabant: quo fiebat ut alio præter lavacrum Sacramento ad reconciliationem non indigerent: præterea, nec erant, quibus confessionis usus ideo rarior erat, quia quotidiana venialiaque peccata, oratione dominica, misericordiz operibus, fervore caritatis, & aliis remediis expiabant, nec ea Ecclesiæ clavibus summittabant: postquam vero labente ætate ceperunt mores fidelium in deterius ruere, & aliunde, baptismus non adultis & ætate proventus, sed infantibus a partu recentibus prudenti decreto Ecclesiæ jussus est ministrari: nihil mirum si confessionis Sacramentalis communior usus fuerit, eoque frequentior, quod pia paulatim consuetudo inducenda sit peccata venialia clavibus Ecclesiæ subjiciendi.

Cæterum etsi minus frequentem fateamur: prisca sæculis fuisse confessionem, ejus tamen usum, vixisse: tum ex prædictis certissimum est, tum duo quæ subjicimus summæ auctoritatis testimonia demonstrabant.

1. Est, Innocentii I. Pontificis Max. de poenitentibus, inquit, (*Epist. ad Decent. c. 7*) qui sive ex gravioribus commissis, sive ex levioribus poenitentiam gerunt, si nulla interveniat agnido, quia feria ante Pascha erit remittendum, Romanæ Ecclesiæ consuetudo demonstrat: cæterum de pondere æstimando delictorum, sacerdotis est judicare, ut attendat ad confessionem poenitentis, & ad fletus atque lacrymas corrigentis: ac tunc jubeat dimitti, cum viderit congruam satisfactionem: sane si quis in agnitionem incidit, atque usque ad desperationem devenit, ei est ante tempus Pasche relaxandum, ne de hoc sæculo absque communione discedat.

2. Est, S. Leonis M. summi priter antistitis: „ illam etiam contra Apostolicam regulam presumptionem, inquit ille, (*Ep. 80.*, c. 3) quam nuper agnovi a quibusdam illicita usurpatione committi, modis omnibus constituo subvertere: ne videlicet de singulorum peccatorum genere, libello scripta profuso publicetur; cum reatus conscientiarum sufficiat solis sacerdotibus indicari confessione: secreta: quamvis enim pleuitudo fidei videatur esse laudabilis, quæ propter Dei timorem apud homines erubescere non veretur; tamen quia non omnium ejusmodi sunt peccata, ut ea qui poenitentiam poscunt, non timeant publicare; removeatur tam improbabilis consuetudo, ne multi a poenitentiz remediis arceantur, dum aut erubescunt, aut metuunt inimicis suis sua fæta reserari, a quibus possint legum constitutione petcelli: Sufficit enim illa confessio, quæ primum Deo offertur, tum etiam sacerdoti, qui pro delictis poenitentium peccator accedit: tunc enim demum plures ad poenitentiam poterunt provocari, si populi auribus non publicetur conscientia confitentis. “

Et alio in loco: (*Epist. 81*) mediator Dei & hominum homo Christus Jesus, hanc præpositis Ecclesiæ tradidit potestatem, ut & confitentibus aliorum poenitentia darent, & eisdem salubri confessione purgatos ad communionem Sacramentorum per januam reconciliationis admitterent.

Inst. 10. Novoque impetu facto argumentum præscriptionis diruere moluntur: Græci & Orientales, inquit, confessionem vel omnino non admittunt, vel in rebus indifferentibus ponunt: ergo eam juris esse divini, præscriptione, quam tantopere catholici venditant, non probatur.

Probant antecessens sigillatim.

Et: quod Græcos spectat, plerique fidei digni scriptores, non Lutherani tantum & Calvinistæ, sed & alii apprime catholici attestant.

tur apud eos, presbyteros fere numquam, nobiles ter quaterve in anno ad summum peccata confiteri, plebejos vero & pauperes ab hoc onere immunes vulgo existimari, adeoque ad sacerdotes numquam confessionis ergo accedere.

2. Quod ad Orientales pertinet, Coptitis & Jacobitis Alexandrinis, confessionem, nedum usu eorum aliquo crebretur, ne cognitamquidem esse, *Jacobus a Viriaco*, (in *hist. Hierusal. c. 75*) *Joannes Mondevilleus*: (in *itinerario*) *Gabriel Sionita*: (de *morib. Oriental.*) *Thomas a Jesu*: (de *conversione omnium gent. l. 7, c. 5, § 33*) & plerique alii, sancte ac graviter dejerant: quid quod ex historia 12 seculi notorium est, Alexandria a duobus Patriarchis Jacobitis, *Joanne* scilicet Patriarcha 71, & *Marco* ejus immediate successore, confessionem, quæ quorundam aut avaritia aut superstitione de novo fuerat introducta, penitus decretorio judicio esse sublata, & ab iis declaturum, satis unicuique esse peccata Deo clanculum confiteri? ergo &c.

R. Nego aut. cujus falsitatem, etsi ex antedictis comperta sit, novis tamen argumentis, ut Lutheranorum & Calvinistarum impudentia reprimatur, juvat data opportunitate magis ac magis ostendere.

Ac i quidem illud generatim observo, quod in cæteris sæpe controversis locum habet, de Græcorum & Orientalium fide, non ex moribus, sed ex disciplina; non ex vagis incertis rumoribus, sed ex ritualibus, pœnitentialibus libris, homiliis, Theologicisque tractatibus ferendum esse judicium: quod si quis proterve inficias ierit, næ ille stolidum se ac iniquum prodet esse censorem; atqui confessionem a Christo institutam, jurisque divini esse, & omnibus qui post baptismum moraliter peccaverint, absolute necessitate mediæ necessariam, Græcorum & Orientalium fides est, in Euchologiis, & pœnitentialibus libris publica auctoritate receptis, in Theologicis tractatibus, & homiliis, quas manu quotidie versant, præclarissime attestata.

Atque ut de Græcis primum dicam, quanta eorum hæctenus fuerit cum Latinis in admittenda confessionis necessitate consensio, vel inde evincitur, quod nulla unquam de hac re iis fuerit a Latinis lis intentata: evolvantur conciliorum Lugdunensis, Lateranensis & Florentini acta: in tanto numero questionum, quibus Græci, dum de eorum reconciliatione tractaretur, pulsati sunt, nec verbum occurret, unde colligatur, in minimam violatæ circa confessionem antiquæ fidei, incidisse suspensionem: nunquid porro gravem adeo contra-

versiam Latinos prætermitturos credemus, qui in minimi momenti concertationibus sæpe cum importunitate hærebant?

Unde, hujus Græcorum persuasionis extant monumenta certissima, omnique exceptione majora, in Ep. canonicis Ss. Gregorii Thaumaturgi, Basilii, & Gregorii Nysseni, in canonibus veterum conciliorum, modum ac tempus pœnitentiæ præscribentium, in libris pœnitentialibus, unumquodque peccatum pœna propria castigantibus, in formulis interrogandi pœnitentes, quas *Joannes Sejmnator* Patriarcha Constant. S. Gregorii M. coetaneus longa serie minore diligentia scripsit, in Euchologiis, in libro de Sacramentis a Simeone Thessalonicensi ante tempus Florentini concilii exarato.

Priore, si Græci confessionem juris divini esse negarent, Lutherus & Calvinus sibi consentientibus prout dubio non deesset ferre simpatias, & eorum probare doctrinam non distulissent; atqui contra, vix illis cognita fuit Occidentaliū hæreticorum opinio, contra illam & scriptis & canonibus synodorum inveci sunt; unumque suorum (Cyrillum Lucarum) quem hæresis nova seduxerat consensioe unanimi refutarunt: legatur eorum dogmatici & catechistici libri a seculo 16 ad nostram ætatem, sive contra Lutheranos & Calvinistas, sive absque ullo respectu ad hæresim scripti, ubique reperietur confitendi necessitas stabilita. *Pœnitentem*, ait *Iseutius* Patriarcha Constantin. (in 1 ad *Lutheranos Resp.*) oportet omnia singulariter peccata quantum meminisse potest, cum corde contrito & humiliato confiteri . . . confessio, ait *Alexius Rhartarus*, (hom. in 4 dom. Quadragesimæ) quam Deus hominibus dedit, velut remedium ad ablucanda peccata post baptismum commissæ, interius primo, deinde exterius faciendæ . . . oportet pœnitentem qui sanari a Christo vult, subicere se iudicio ministrorum ejus, quibus iudicandi, & ab omni morbo ac infirmitate sanandi, ex-litus data potestas est . . . ideoque Christi minister; & dispensator mysteriorum ejus, in Throno Christi sedere debet, & claves duas tenere, quas Christus S. Petro tradidit, quæque virtute passionis ejus ligandi atque solvendi habent potestatem, &c. . . idemque alibi repetens, (hom. de resurr. Lzarr.) ad hæc Evangelii verba: *Solve eum, & sine te abire*: „O maximum, inquit, fratres, miraculum hoc mysterio comprehensum! Christus hoc prodigium operatus est, idemque discipulis solvendi & in libertatem restituendi contulit potestatem, ut nimirum populum ejus a peccatorum vineulis liberarent.

Consentit ejusdem temporis scriptor, *Dama-*
SCENUS

scenus Studita subdiaconus Thessalonica oriundus, cujus opera an. 1568 ipso qui scripserat procurante, vulgata sunt: *homines*; ait, (in *instrucl. familiaribus*) qui *salvare animas volunt*, & *eternæ hereditatis compotes fieri*, debent ad patres spirituales cum *fletu accurrere*, peccata sua diebus singulis, si potest fieri, *confiteri*, aut *saltem quater in anno*, in *Quadragesima*, in *Natali*, in *festo SS. Apostolorum*, & in *Assumptione beatissimæ Virginis*: quando *confitentur debent candide omnique dissimulatione deposita*, peccata omnia quorum sibi conscius sunt, *declarare*: quamquam enim homini tui simili *confiteri*, Deo tamen ipsi *confiteris*, & ab illo peccatorum indulgentiam recipis; quæ *absolutionis* quam tibi impartitur homo potestatem a Deo accipit: audi *Christum Apostolos alloquentem*: accipite Sp. Sanctum: quorum remiseritis peccata, remittuntur eis; & quorum retinueritis, retenta sunt. Ergo potestatem hanc divinitus datum habent: quo fit, ut peccata ab iis retineri aut remitti, idem sit quod a Deo ligari aut condonari &c.

Quorum similia, nec minus apertis verbis, in *Nicephoro Pascasio*, (in *Enchirid.*) in *Gregorio Proto-Syncello*, (in *Epitome myster.*) in *Meletio Syrico*, (in *refut. Cyrilli Lucaris*) in confessione Orthodoxa, & in aliis denique eorum Scripturis, velut ad communem Ecclesiæ fidem pertinentia proponuntur.

In luce ergo meridiana cecutiant, qui a Græcis confessionem rejici mentiuntur: at, inquis, hoc illis *Guido Carmelitanus*, *Caucus*, & nostrorum alii perique crimini affligunt; atqui ego in contrarium oppono libros rituales ac publicos, & longam ejusdem Ecclesiæ testium seriem, quibus *Caucum*, *Guidonem*, & alios nullius auctoritatis Scriptores præponere, insulsum ac temerarium est.

At, reponis, *Græci raro confitentur*. Bonæ verba quæso: raro confitentur. Confitentur ergo. Quod enim raro fit; etsi non fit sæpe, fit tamen: admittunt ergo Græci confessionem, quam *Lutherani*, & præsertim *Calvinistæ*, velut exitiosam rejiciunt.

At, regetis, *Sacerdotes Græcos fere nunquam confiteri testatur Arcadius* haud ignobilis latine Ecclesiæ scriptor. Esto sane hoc dicat *Arcadius*: nihil ejus habeo ego auctoritatem, quando alii contradicunt. Deinde non mores Græcorum, sed disciplinam inquiri, quæ etiam in moribus corruptissimis eadem viget auctoritate. Porro in eorum *Euchologio*, Sacerdoti celebraturo præcipitur, ut non ante ad Altare accedat, quam peccatorum, quorum sibi conscius fuerit, confessionem emiseric. Quod ergo plerique eorum hanc regulam non

observent, non magis hinc sequitur, jure divino necessariam non putari, quam si quis inde inferret, usuram non credi a nobis jure naturali ac positivo prohibitam, quia inter nos multi usurarii sunt.

At, opponis denique, *Græcorum opinio est*, ad solos divites pertinere confessionem, & ab ejus jugo absolute egenos tenuisque fortunæ homines esse liberos.

R. Si ita res habet, quis non videat divitum quam egenorum deteriore esse conditionem? Deinde, falso hoc immeritoque opponi, inde demonstratur, quod in iis quæ attulimus tum antiquis tum recentioribus testimoniis nulla divitum & pauperum distinctio fiat, sed a solo peccato, cujus unusquisque habuerit conscientiam, contentendi necessitas repetatur. Præterea quis hoc sibi persuadeat, Christum Sacramentum aliquod pro solis divitibus instituisse, ejusdemque aditum pauperibus denegasse? Puderet ineptias hujusmodi refutare, nisi ab hæreticis serio velut decretoria argumenta proponerentur.

Venio nunc ad Orientales (quoniam *Alexandrini*, *Æthiopes*, *Armeni*, *Arabes*, & alii multi significantur) & dico pariter certum esse quod confessionem pro necessaria & instituta divinitus Sacramenti parte habeant.

1. Enim verba Christi, *Quæcumque ligaveris super terram &c.* de Sacramento penitentiae, non secus ac Græci & Latini, unanimi consensu intelligunt. Porro, ut sæpe observatum est, ligandi solvendiue potestas, nisi confessio spontanea præverit, exerceri nequaquam potest. Hæc autem Orientalium cum Græcis Latinisque consensio, ne gratis conficta putetur, exempla aliqua profero. In antiqua Patriarchatus Alexandrini Liturgia, quæ etiam nunc Coptis in usu est, quamque *S. Basilio* tribuunt, oratio est, his verbis, concepta: „Domine Jesu Christe, fili Dei Patris, qui Salutari & vivifica tua passione, omnia peccatorum nostrorum vincula coarctasti, qui in faciem Sanctorum tuorum Apostolorum ac discipulorum insufflans dixisti: Accipite Sp. Sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt: tu Domine, qui per sanctos Apostolos tuos, eos elegisti, qui in S. Ecclesia tua Sacerdotio in perpetuum fungerentur, peccata remitterent, omnia iniquitatis vincula ligarent ac solverent &c.“

Itemque altera ante communionem recitanda: „Domine Deus omnipotens, qui animas nostras, & corpora, & spiritus sanctus: qui Beato Petro patri nostro, ore unigeniti filii tui Domini nostri, Dei & Salvatoris Jesu Christi dixisti: tu es Petrus, & super tuam

„hanc petram edificabo Ecclesiam meam, & portæ inferi non prævalent adversus eam: tibi dabo claves regni cælorum, & quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in cælis; & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in cælis: tu domine præsta, ut patres ac fratres mei, ore meo, per tuum Sanctum Sp. absolvantur.“

Severus magnæ existimationis Scriptor, qui nono sæculo floruit, ejusdem sententiæ est. Sacerdos, inquit, (de officiis Christi.) Deum in promissis suis veracem precatur, ut potestate ligandi atque solvendi peccata, discipulis tradita, eadem illis indulgeat, in quos absolutio ista profertur.

Consentiunt Dionysius Barsalibi, Echnimi, Ebnassalus uterque, Abulîragius, cæteri communiter Canonistæ, & tractatus Anonymi de præparatione ad Sacram Communionem. Confessionis ergo necessitatem admittunt.

a. Ejusdem rei argumentum convincens inde petitur, quod in tractatibus Arabicis ac Syriacis, de præparatione ad Sacram communionem inscriptis, confessionis auricularis necessitas omnimoda adstruitur.

„Confessio, inquit, debet Eucharistiæ participationi præcedere... qui aliter accedere ad Sacramentum præsumit, ægrotum similis est, qui contra sententiam medici remedium arripere, non solum ad recuperandam sanitatem nihil profuturum, sed e contra mali augmentum, mortemque ipsam illaturum.“

„Nemo potest peccatorum remissionem consequi, nisi ea cum suis circumstantiis declaraverit: nec aliter absolvendus.“

„Nulla, fratres, homini, sine confessione speranda salus. Contemini igitur, ... & nolite coram homine vobis simili erubescere: ita enim fiet, ut extremi iudicii confusioem, & poenas æternas effugiatis. Deus qui dives est in misericordia, non bis propter eadem peccata hominem plectit, sed semel, vel in hac vita per confessionem & penitentiam canonicæ subjectionem, vel in altera per publicam coram Angelis & hominibus diffamationem; quam supplicia inferni sequuntur.“

„A SS. Patribus traditum, & canonicis disciplinæ sancitum, neminem posse Corpus Domini & Dei nostri recipere, nisi prius peccata sua Sacerdoti Christi ministro, confessus fuerit. Sacerdotibus enim Evangelium præcipit: Nolite dare Sanctum camibus, peccatoribus videlicet, per canes significatis... confessio, nova stola est, & ornamentum spirituale, quo anima a Sp. Sancto donatur. Baptismus alter est: si vo-

ra sinceraque sit, peccatorum remissionem operatur, inimicum procul pellit, ejusque coercet potentiam: ab inferno liberat, & hominem communionem corporis Christi dignum efficit.“

Concinit Orientalium Canonum collectioes, quorum summa in Oriente auctoritas est. Primum quod in penitentia requiritur, ait Echnimi, (in collectione canonum) est peccatorum confessio: hanc nisi præmiserit penitens, quomodo qualis sit cognoscit a Sacerdote poterit? Quæ vero erit utilitas canonum, si scripti in libris servantur, nec unquam ad praxim vocentur?“

Ebnassalus, in libro cui titulus: Collectio principiorum fidei, c. 55, confessio est, inquit, declaratio peccatorum contra Deum & proximum commissorum, quam penitens Sacerdoti potestatem habenti facit: peccata omnia accurate & diligenter enumeranda, sive cogitatione, sive verbo, sive opere perpetrata: nec quidquam eorum Sacerdoti occultare fas est: qui contra faciunt, in animi & corporis certissimam perniciem ruunt, &c.“

Authoc quæstionum & Responsionum canonicarum juxta SS. Patrum doctrinam: proposita quæstione, cui debeat confessio fieri? Sacerdoti? an alteri cultibet, etiam Laico? Respondeo, inquit, non alteri quam Sacerdoti. Regulari, aut seculari fieri posse, cujus vita hactenus probata sit, quinque fuerit, vel ab Patriarcha, vel ab Episcopo ad hoc ministerium delegatus... qui Sacerdoti peccata non confiteatur, nec ex ejus sententia canonem penitentiae percipit, nec impositam satisfactionem adimpler, Jesu Christi nec filius est, nec discipulus, nullam cum illo partem habet; sed rebellis ac refractarius est.“

Collectio canonum Jacobitarum Syrorum: si quis Christianus, inquit, in ebrietatis, luxuriæ, aut furti crimen incidit, aut proximum læserit, aut eundem odio habuerit, nisi prius peccata confessus fuerit, & canonicam penitentiam perleverit: ad sacram corporis Christi communionem admitti non potest.“

Idem denique Author tractatus de sciencia Ecclesiastica, secundum Ecclesiam Jacobitarum Alexandrinorum, cap. 96, Michael Patriarcha Jacobita Antiochenus, in tractatu, de præparatione ad Sacram communionem, Dionysius Barsalibi Episcopus Jacobita, in libro de potestate remittendi peccata, & necessitate confessionis, & plerique alii adstruunt, quorum testimonia diligentissime collegit doctissimus Eusebius Renaudot (perpet. fidei tom. 5, lib. 3, cap. 5, & 6).

Ergo.

Ergo eadem Orientalium, quæ Græcorum ac Latinorum, de necessitate confessionis fides & doctrina est.

Jam quod opponebatur, confessionem Sacramentalem a duobus Patriarchis Jacobitis Alexandrinis, *Joanne* scilicet, & *Marco*, sæculo duodecimo abolitam, nedum quidquam contra nos faciat, novum veritatis suggerit argumentum: innovatio enim contra veterem disciplinam, traditionis contrariæ convictio est, præsertim si plures contra novitatem insurgant atque contra impium hoc *Joannis* & *Marci* edictum tum duodecimo sæculo, tum ætate sequente, quamplures inter Orientales celeberrimi Scriptores inveniunt. Errorem inquam, nascentem, & Patriarchica auctoritate superbiientem, strenue refutavit *Marcus Monachus* & Presbyter, qui in faciem Patriarchæ Apostatæ restitit, & publice prædicata confessionis necessitate, ingentem Copitarum multitudinem ad antiquam disciplinam revocavit, ut in *Chronico Orientali* refertur: refutarunt sæculo sequente, uterque *Ebrassalus* Theologus, & Canonista: *Echmiemi*, in collectione Canonum: *Michael* Patriarcha Antiochenus, & alii longe plures. Ergo nova *Joannis* & *Marci* constitutio, non magis confessionis dogma infringit, quam si quis inde eius necessitatem impeteret, quia est a *Luthero* & *Calvino* negata.

Atque hinc patet ad alteram objectionem responsio, ex *Jacobo a Virriaco*, *Joanne Manderville*, *Gabriele Sionita*, & *Thoma a Jesu* petitam. Vel enim dicendum hos, aliosque si ejusdem sententiæ scriptores reperiantur, proprio judicio & falsis rumoribus (quo sæpe laborant vitio) fuisse deceptos: vel fatendum, errorem ab iis quos prædiximus pseudo-Patriarchis invecum, tam alte in infamibus his regionibus radicatum, ut evelli hæcenus non potuerit: unde probatur quidem magnam partem Orientalium, Schismati, cæterisque quibus inficiuntur hæresibus, novum contra confessionis necessitatem adheisse errorem: sed contra Catholicam veritatem nihil fiet, quæ non ab assensione hominum, sed ab Instituto Christi, & Ecclesiæ legibus etiam num in Oriente vigentibus, est judicanda (vide perper. fidei tom. 5, lib. 3, cap. 8).

6. Q U A R T U S. §

Quædam difficultates confessionis necessitatem spectantes resolvuntur.

Quæstio prima. Quinam divino jure ad Confessionis præceptum tenentur?

Res. Tenentur omnes & soli adulti, qui post

baptismum in lethale peccatum lapsi sunt. Quod tenentur soli baptizati, constat, quia soli Ecclesiæ clavibus, ac potestati subiecti sunt. Infideles namque, ac Judæi, cum nondum Ecclesiam ingressi sint, nec ejus potestati subjacent, ut ligari, vel solvi queunt. Quare si quandoque in Sacra historia legitur a Catechumenis facta confessio ante baptismi susceptionem, hæc neque necessitatis, sed humilitatis duntaxat, neque Sacramentalis censenda est.

Quod etiam soli adulti divino præcepto obstringantur, patet: quia infantes ante usum rationis doli capaces non sunt, atque adeo neque obstristi confessionis præcepto. Superest ergo ut soli adulti baptizati, qui graviter deliquerint, peccata sua clavibus Ecclesiæ subijcere teneantur.

Inquires vero adversus postremam hanc partem: nonne Evangelica illa verba, *quorum remiseritis peccata &c.* adstruunt potestatem remittendi etiam venialia? Cur ergo etiam qui venialiter deliquit, divino Confessionis præcepto obstrictus non erit?

Res. negando consequ. obstat enim tum traditio & constans Ecclesiæ consensus, tum ipsa rerum natura. Ex eo namque quod delegatus majus vinculum solvere queat, sequitur quidem, quod etiam minus in eodem genere solvere queat, non autem quod minus ad ejus potestatem necessario deferendum sit, ut solvatur, si modis aliis solvi possit: ut contingit in casu nostro. Plura siquidem alia media suppetunt, quibus venialia peccata deleantur absque eorumdem Sacramentali confessione.

Quæstio 2. Quo tempore obliget divinum de peccatis lethalibus confitendis præceptum?

R. Duplex a Theologis obligatio distinguitur, alia *per se*, alia *per accidens*. Præceptum divinum Confessionis obligat *per accidens*, cum aliud præceptum, quod urget, citra præviam confessionem impleri digne non potest. Unde 1 obligat, cum Eucharistia vel recipienda, vel administranda est, & adest copia Confessarii, idque quantumvis Penitens se contritum existimet, ut in Concilio Tridentino statutum est: ex quo etiam colligitur obligare, cum aliud Sacramentum vel conficiendum est, vel administrandum. 2 Generatim cum Sacra aliqua functio peragenda imminet, quæ statum gratiæ requirat. 3 Quoties Confessio medium necessarium judicatur, ut vel a novo gravi crimine absteineas, vel gravem tentationem vincas.

Per se autem obligat idem præceptum, & non solum in articulo mortis, sed etiam in probabili mortis periculo. Quoniam si hoc divinum mandatum aliquando obligat, ut obli-

gare

gare certissimum est, maxime obligat in articulo ad periculo mortis, cum eo potissimum tempore, quisque æternæ salutis suæ, quantum potest consulere debeat. Quapropter tenetur quisquis vel gravi morbo correptus, vel in partu difficili, aut de quo dubitari legitime potest futurum esse difficilem, qualis primus esse consuevit, vel in navigatione periculosa, vel instante conflictu, aut opere, unde mors impendat: idemque de illo dicendum, qui venearat ne deinceps confiteri possit, ut imminente periculo amentię, captivitatıs apud infideles, aut hæreticos &c.

Docet quoque communis sententia præter probabile mortis periculum *per se* obligare hujusmodi præceptum aliquoties in vita. Quoniam qui legem aliquam indicit nec tempus definit, quo hæc adimplenda sit, velle minime censetur ad extremum usque, immo neque diu, protrahi executionem ipsius; adeoque neque existimare debemus Christum legem confitendi peccata ad extremum vitæ voluisse protrahere. Id confirmatur ex eo, quod peccator per se, & independentem a mortis periculo ad Pœnitentiam adstringitur juxta leges a Christo institutas: cum non mori duntaxat, sed & vivere in ejus amore & obsequio debeat: adeoque ad hanc confessionis legem ab ipso præscriptam aliquando implendam tenebitur.

Quæstio 3. Obligat ne divinum de peccato confitendum præceptum, statim ac commissum est?

Quamquam aliqui non desint, qui affirmantem sententiam cum D. Bonaventura sustineant; contraria tamen communis nedum ut probabilior, sed ut, meo facile judicio, certa judicanda est. Hanc profecto docuit D. Thomas quodl. 2, art. 11, ubi ait: *differre confessionem usque ad tempus Paschæ, per se loquendo licitum est, sed per accidens potest fieri illicitum, puta si imminet aliquis articulus, in quo confessio requiratur*. Ad hanc confirmandam sententiam plures rationes afferunt Clar. Sylvius aliique. Nemo tamen eorum negat dilationem periculo subjectam esse. Unde semper consulendus est peccator, ut quantocius ad confessionem recurrat, præsertim cum sæpe occurrat, ut saltem per accidens reddatur, nec sine peccato differri queat.

Quæstio 4. An quis teneatur quam primum peccata sua confiteri ob periculum oblivionis alicujus peccati lethalis quod incurrrere facile potest?

Res. Duplex hac de re opinio est apud Theologos. Victoria, Petrus Soto, Navarrus, Sylvius, aliique frequentius negant hac ratione præcipue ducti: quia obligatio confitendi propter oblivionis alicujus periculum nec scriptu-

ra nicitur, nec traditione, ut satis constat, nec ipsa præcepti natura. Si enim obligatio hujusmodi ex ipsa præcepti natura eliceretur, hoc esset, vel quia Sacramentum pœnitentiæ ordinatur ad remittenda per confessionem peccata, ut ajunt Soto, & Nugus, vel quia, ut Tournelio placet, debet fidelis quisque, quantum in se est, efficere, ut integra sit confessio. Atqui neutra ratio sufficit. Non prima: quoniam ut peccata omnia per Sacramentum Pœnitentiæ remittantur, non requiritur absolute omnium confessio, sed omnium tantummodo, quorum post diligentem conscientię discussionem meminerimus, ut docet Trid. Synodus sess. 14, cap. 5. Non secunda: quia tenetur quidem fidelis confessionis integritati consulere per examen moraliter & prudentum judicio accuratum, non vero per summam, & extraordinariam diligentiam, qualis est indilata confessio: aliqui plures essent infirmæ memoriæ, qui vel singulis hebdomadibus peccata confiteri, vel saltem scripto mandare tenerentur: quod abhorret a communi fidelium omnium sensu ac praxi.

Hanc sententiam plures alii Theologi rejiciunt putantes ipsum naturæ jus nos adstringere ad præcavendam mortaliū peccatorum oblivionem. An non peccaret, inquit ex his recentior quidam, Minister, qui prævidens debitorum, aut creditorum oblivionem, eadem scriptis consignare negligeret? An non peccaret ille, qui prævidens oblivionem curandi vulneris, quod illius vitæ insidiatur, curationem procrastinaret? Quando igitur prudenter quis prævidet oblivionem multorum præsertim criminum, tenetur confessionem intra annum anticipare. Nonne tenetur quis confiteri, quando confessio reputatur medium ad superandam gravem tentationem, ad evitandam peccatum necessarium, ut docent vel ipsi benigniores Casuisti? Quo jure ergo omitti potest, dum est medium necessarium ad evitandam peccati, immo, ut Leander asserit, multorum criminum oblivionem?

Continuator Tournellii hanc opinionem ut longe plausibilem existimat trad. de Pœnit. p. 2, cap. 5, eamque ita corroborat. "Quia longe tutior sit: porro illicitum est in materia Sacramentaria, sequi opinionem tantum probabilem, relicta tutiore, prout ab Innocentio XI, & a Clero Gallicano definitum est. 2 Quia Navarri, & Sylvii opinio congruit quidem pœnitentium socordię, sed nullo, quod piam mentem tranquillare possit, fundamento nicitur. An enim ita arduum est, peccata quædam graviora vel scribere, vel paulo post, ne excidant e memoria, confiteri? An non id quotidie, quod multo

„ plus

plus temporis requirit, in rebus commercii sui præstant mercatores? An usque adeo absurdum est in rebus, quæ ad æternam salutem spectant, exigere centesimam partem eorum, quæ pro caducis sæculi rebus sponte & alacriter executioni mandantur?

Reclamant, inquit, universa fidelium praxis. Grande argumentum, & apud Molliores Casuistas undecumque insonans. At non reclamabunt veri nominis fideles, si instituitur, ut decet, & solide didicerint impotentiam in causa voluntariam ad culpam deputari. Interim non desunt hodieque innumeri utriusque sexus, qui grave, quod exciderit, peccatum, veluti colubum ore quantum evomunt: vel si desit copia Confessarii, omni opera curent, ne obliviscantur.

Sententiam hanc, quæ mihi quoque probabilior est, confirmo Autoritate Catechismi Concilii Trid. p. 2, cap. 5, §. 45, ubi inter alios casus non differendæ Confessionis, etiam præsentem commemorat inquit: *Verum si quid salutis nostre ratio postulet, consideremus profecto quoties vel mortis periculum imminet, vel aliquam rem trahere aggredimur, cujus tractatio homini peccatis contaminato non conveniat, veluti cum Sacramenta administramus, aut percipimus, toties confessio præmittenda est. Atque idem OMNINO, cum veremur, ne nos alicujus culpe, quam admiserimus, oblitio capiat. Neque enim peccata confiteri possumus, cum non meminimus; neque peccatorum veniam a Domino impetramus, nisi ea penitentis Sacramentum per confessionem delect.* Hinc tanquam nimium laxa putanda est opinio P. Georgii Gobatti *Tract. VI, num. 261*, ita scribentis: "Dico VI: tametsi confessio, nem differendo usque ad articulum mortis, vel Paschæ, certus sis te ob hanc dilationem esse obliturum multa criminina; haud tamen inde oritur tibi obligatio confitendi citius. Ita sane tenet communis sensus, ut reor, tum confitentium, tum Confessariorum".

Quæstio postrema. Num divina lege confessio teneatur moribundus, qui nonnisi peccatorum venialium sibi conscius est.

Resp. negative: quia cum peccata venialia libera semper sint Confessionis materia, etiam instante periculo mortis ea subijcere Ecclesiæ clavibus non tenemur: cum aliis mediis deleri possint: Teneri tamen quis aliquando poterit per accidens ad eorum Confessionem, vel ob scandalum, quod suboriri facile potest, devitandum, vel ne periculo exponatur graviora pro levioribus judicandi: vel etiam ad uberiora auxilia divinæ gratiæ eo tempore maxime necessaria impetranda. Hinc nemo est, quantum

vis sanctissimus, qui instante mortis discrimine, confessionem prætermittat. Sequitur §

CAPUT SECUNDUM.

De Confessionis conditionibus.

Quæritur 1. quibus conditionibus confessio Sacramentalis constituatur?

R. Varias a Theologis recenseri, quæ sequentibus versibus exprimuntur:

Sit simplex, humilis confessio, pura, fidelis,

Atque frequens, nuda, discreta, libens, veracunda,

Integra, secreta, lacrymabilis, accelerata, Fortis, & accusans, & sit parere parata.

In quibus sigillatim exponendis, quia facilitæ sunt ad intelligendum, atque etiam ad pauciora capita revocari possunt, opera superfluo poneretur. Itaque præcipuas quam breviter heri poterit, perstringemus.

Q. 2. quæ sit confessionis materia?

R. Esse omne peccatum quod a poenitente debet aut potest Ecclesiæ clavibus, & Sacerdotis arbitrio subijci: peccatum enim mortale aliud, aliud est veniale: mortale spirituale animæ vitam admit, veniale non item. Itaque mortale, necessaria est confessionis materia; secus veniale, cui expiando Dominica oratio, jejunium, opus misericordiæ, aliaque id genus remedia, absque ullo ad Sacramentum respectu sufficient.

Q. 3. utrum confessio, ut bona ac valida sit, integra esse debeat.

R. Debere integram esse formaliter, ut loquuntur, non autem materialiter.

Prob. 1 pars: formalis confessionis integritas est, declaratio omnium peccatorum mortalium, quorum hic & nunc, præmissio diligenti examine, poenitens sibi conscius est; ita ut neque speciem, neque numerum, nec gradum malitiæ prætermittat; atqui hujusmodi adæquatio est confessioni essentialis: cum enim minister Sacramenti, medicus, & judicis, & consiliarii officio perfungitur; manifestum est debere conscientiam, intimosque ejus recessus, & morbos poenitentis etiam occultissimos noscere, ut pruden-ter judicare, & sapiens dare consilium, & remedia possit opportuna præscribere.

Ex institutione Sacramenti poenitentis, ajunt Trid. patres, (*Sess. 14, cap. 5*) *universa Ecclesia semper intellexit, institutum etiam esse a Domino integram peccatorum confessionem, & omnibus post baptismum lapsis jure divino necessariam existere: quia Dominus noster Jesus Christus et terris ascendens ad cælos, Sacerdotes sui ipsius Vicarios reliquit, tanquam*

Bb

Pre-

Prædes & *Judices*, ad quos omnia mortalia crimina deferantur, in quæ Christiani ceciderint: qui pro potestate clavium, remissionis aut retentionis peccatorum sententiam pronuntiant: constat enim Sacerdotes iudicium hoc incognita causa exercere non potuisse, neque æquitate quidem illos in penis infligendis servare potuisse, si in genere duntaxat, & non potius in specie ac sigillatim, sua ipsi peccata declarassent: ex his colligitur, oportere a penitentibus omnia peccata mortalia, quorum post diligentem sui discussionem conscientiam habent, in confessione recenseri, etiam si occultissima illa sint, & tantum adversus duo ultima Decalogi præcepta commissa, quæ nonnumquam animum gravius sanciant, & periculosiora sunt illis, quæ in manifesto admittuntur. Nam venialia, quibus agraia Dei non excludimur, & in quæ frequentius labimur, quamquam recte & utiliter, citraque omnem præsumptionem in confessione dicantur, quod plurimum hominum usus demonstrat; taceri tamen citra culpam, & ubique aliis remediis explari possunt. Verum cum universa mortalia peccata, etiam cogitationes, homines iræ filios & Dei inimicos reddant; necessum est omnium etiam veniam, cum aperta & virecunda confessione a Deo querere. Itaque dum omnia quæ memoria occurrunt peccata, Christiani confiteri student, procul dubio omnia divine misericordie ignoscenda exponunt. Qui vero secus faciunt, & scienter aliqua retinent, nihil divine bonitati per Sacerdotem remittendum proponunt. Si enim erubescat ægrotus, vulnus medico deiegere, quod ignorat medicina, non curat.

Idemque definitum, ejusdem sessionis Can. 7 supra laudato, & can. 8.

Prob. 2 pars: Integritatem confessionis materiam dicimus, quæ omnia prorsus mortalia peccata complectitur, ab homine penitente commissa, omnesque circumstantias peccati speciem immutantes, vel malitiam notabiliter augentes; atqui hujusmodi integritas ad valorem confessionis absolute non requiritur. Nam nemo tenetur ad impossibile; atqui impossibile plerumque est, ut homo vitam omnem prout gesta est, singulatim Sacerdoti exponat: cuius rei multiplex est causa: 1 impotentia physica: ut si quis incepta confessione, lingue usum subito perdat: 2 impotentia moralis: ut si gravissimum periculum Sacerdoti, vel penitenti, vel utrique simul impendat: quo fiat ut discedere ab invicem teneantur, antequam plene facta peccatorum enumeratio fuerit: 3 etque communior & pene quotidiana oblivis est: sic enim unicuique, plus minus, labilis & fluxa memoria est; ut interdum actuum nostrorum quos paucis ante horis exegimus, nec suspican-

do quidem recordermur: quod si vel unus diei cursum animo præsentem habere, gloriosi vix aliquis potest: quanto minus poterit, ubi multi anni erant in amaritudine animæ recogitandi?

Hinc Concilium Trid. impium est, inquit, (Sess. 14, cap. 3) confessionem quæ hac ratione fieri præcipitur, impossibilem dicere, aut carnificinam illam conscientiarum appellare: constat enim nihil aliud in Ecclesia a penitentibus exigi, quam, ut postquam quisque diligenter se excusserit, & conscientia suæ sinus omnes & latebras exploraverit, ea peccata confiteatur, quibus se Dominum & Deum suum mortaliter offendisse meminere: reliqua autem peccata, quæ diligenter cogitanti non occurrunt, in universum, eadem confessione inclusa esse intelliguntur, pro quibus fideliter cum Propbeta dicimus: ab occultis meis munda me Domine. (Ps. 18, 13)

Objeſſio.

Lutherani Græcorum hic opponunt sententiam, a quibus formalem confessionis integritatem non requiri arguantur. Omnium, inquit, instar sit Hieremias Patriarcha Constantin. cujus auctoritatem Catholici tantopere jactant; atqui enumerationem omnium peccatorum, quorum habetur memoria, necessariam non esse, expresse docuit in opere, ubi Lutheranos refutare aggressus est. Si penitens, inquit, (Resp. 1 ad Luther.) peccata aliqua vel oblivione, vel pudore, in confessione siluerit, Deum summe bonum ac misericordem rogamus, ut eorum pariter indulgentiam largiatur, & firmiter confidimus concessurum: ergo &c.

R. Nego maj. omnium enim instar laudari non potest, quem constat omnibus esse contrarium; atqui Hieremias contra omnium Græcorum sententiam, singularem hanc opinionem effudit; quin & sibi ipsi contrarius fuit. In hac enim ad Lutheranos responsione, paulo ante dixerat, oportere penitentem, quantum quidem potest, & memoria suggerit, minutatim peccata omnia, quorum sibi conscius est, cum corde contrito & humiliato, penitentiario patrefacere. Quod ergo immediate adjicit de peccato, quod penitens pudore malo claverit, lapsus ejus, & inconsiderantia fuit, hoc minus sequenda, quod communis, ut prædiximus, Græcorum sententiæ adversetur: nemo enim eorum quos capite præcedenti laudavimus afferri potest, qui Hieremias tantisper faverit: sed e contra omnes confessionis integritatem requirunt, omnesque malum abiciendum esse pudorem pariter docent.

Instant: eadem Germani Episcopi Amstbuntis sententia fuit: ille enim Sacramentalis absolutio-

solutionis formulam sic exprimit: (*Vide Morin. de panit. in append. pag. 137*) *Si oblivione, aut pudore, aliqua peccata occultaveris (peccatis), tu misericors Domine condona illi.* Ergo falso dicitur, singularem hanc Hieremias esse opinionem.

R. 1. Etsi daremus in eodem Germanum luto hæsisse; quid inde contra dogma omnium consensione receptum conficeretur? Numquid enim unus aut alter qui a tramite veritatis aberrant, argumentum a consensione, universalitate & perpetuitate petitum, valent infringere?

R. 2. Nego suppositum. Ponitur enim tamquam certum formulam *hanc a Germano*, quasi Sacramentalem proponi, quod falsum est; nihil enim commune habent cum forma absolventi, qualem Græci in Sacramento usurpant: hæc itaque verba nihil quidquam habent præter formam benedictionis & indulgentiæ, a præce Sacramentali longe diversæ: nihilque aliud orat Sacerdos, nisi gratiam conversionis, qua fiat ut peccitantes pudore deposito, quod ante celaverant, revelare non erubescant; atque ita reconciliationis beneficium consequantur.

Q. 4. Utrum ad formalem confessionis integritatem, necessaria sit declaratio circumstantiarum?

Peccati circumstantiæ exponuntur.

Priusquam ad quesitum respondeatur, advertendum in peccatis non secus ac in moralibus ac physicis actionibus, multas esse adjacentes, & veluti comites circumstantias, quæ hoc verbum exprimi solent.

Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando.

Non uno vero modo ad peccatum omnes pertinent: aliæ enim ejus speciem mutant; aliæ malitiam intra eandem speciem augent; aliæ indifferenter se habent: cujus rei exemplum in furto sit. Nam si quis alteri nummum surripuerit, simpliciter furti reus est: quod si rem sacram furatus sit, puta sanctum calicem divini sacrificio destinatum, nova peccati species est, cum ad furti malitiam, nefandis sacrilegii accessio fiat. Rursum si quis nummum furatus fuerit; plurimum interest an diviti, vel pauperi rapuerit. Præterea qui nummum furatus est, lethale peccatum admisit: quod si non unum tantum, sed decem, aut triginta, aut ducentos, quamquam furti species non mutetur, multum tamen gravitas ac malitia crescit: de circumstantiis indifferenteribus nihil opus est ut loquamur, quas facile quisque intelligit

in unoquoque peccato multas occurrere, quæ ejus nec speciem mutant, nec augent malitiam.

Hoc posito,

R. 1. Circumstantias indifferentes, quia ad confessionis integritatem inutiles, esse reticendas: nihil enim ad sacrum tribunal afferendum, nisi quod Sacramenti materia est; atqui circumstantiæ indifferentes, cum peccati nullatenus rationem habeant; materia Sacramenti esse non possunt: ergo &c.

R. 2. Necessario debere exprimi circumstantias peccati speciem immutantes. Nam ut integra formaliter confessio sit, necessaria est accusatio omnium peccatorum, quorum hic & nunc sibi peccator conscius est; atqui circumstantia peccati speciem mutans, diversum ipsa peccatum est: sic in eodem luxuriæ genere, aliud est fornicatio, aliud adulterium, aliud incestus: omnes circumstantias peccatorum, inquit Petrus Blesensis, (*in tradi. de confess.*) *is qui coherenter aperiat, causam, locum, modum, tempus, & quidquid mensuram reatus exag-gerat.* Sic enim B. August. (*author libri de vera & falsa penitentia c. 14*) penitens suorum criminum exprimat qualitatem, in loco, in tempore, in perseverantia, in varietate persone, ut attendatur excellentia officii sui, turpitudine operis: si in sacro loco, si in die festivitatis vel orationis consecrata, aut jejunio quanta tentatione impulsus sit: & ut gratiæ evidentie ponamus hujus rei exemplum; qui fornicatur, non solum suam, sed illius animam perimit, quam in consensum & participium suæ iniquitatis allexit. Porro anime terribilis homicida est, si rogatu ejus aliquis mediator illius turpitudinis intercessit. . . . turpe reputas de tam turpi materia loqui: sed turpior est infernus. Si factus est sermo, factus est putrescere in peccato: sic ergo confessio fiat, ut etiam in tui accusationis peccati veniant; quæcumque videntur illius accessio vel sequela. Tuam igitur conscientiam solerti revolve scrutinio, explora omnes angulos eius, nihilque in ea remaneat indiscutitum: fode parietem & abominationes conscientie monstruosas revelabit tibi familiare scrutinium.

Trid. Concilii expressa hæc doctrina est. Colligitur præterea, inquit, (*sess. 14, c. 5*) etiam eas circumstantias in confessione explicandas esse, quæ speciem peccati mutant, quod sine illis peccata ipsa reque a penitentibus integre exponuntur, nec judicio innocentes: & fieri nequeat, ut de gravitate criminum recte censere possint, & penam quam oportet, pro illis, penitentibus imponere. Unde alienum a ratione est, docere circumstantias has ab hominibus otiosis excogitatas fuisse:

Gr. (ib. can. 7) Si quis dixerit, in Sacramento penitentiae, ad remissionem peccatorum necessarium non esse iure divino, confiteri omnia & singula peccata mortalia ... & circumstantias quae peccati speciem mutant anathema sit.

R. 3. Necessaria esse declarandas circumstantias, quae magnam afferunt ad malitiam peccati accessionem: cuius rei pleraque sunt argumenta.

1. Enim sententiam hanc contraria esse probabilioris & tutioris in praxi, nemo opinor negaverit; atqui non est licitum in negotio Sacramentorum, sequi opinionem minus probabilem de valore Sacramenti, relicta tutiore: haec enim expressa Innocentii XI Pontificis max. declaratio est, propositionem contrariam proscriptibentis: Non est illicitum in Sacramento conferendis sequi opinionem probabilem de valore Sacramenti, relicta tutiore: itemque hanc alteram num. 58: Non tenemur confessorio interroganti fateri alicuius peccati consuetudinem. Ideo enim decretum a summo antistite est, de peccati consuetudine, debere confessarium admoneri, quia circumstantia haec est, peccati malitiam in eadem specie multum aggravans: ergo &c.

2. Ideo ex Concilio Trid. tenetur penitens circumstantias peccati speciem mutantis denotare, quia siue illis peccata nec a penitentibus integre exponuntur, nec iudicibus innotescunt: unde consequens ut de gravitate criminum nequeant recte iudicare, & poenam quam oportet non possint imponere; atqui eadem ratio probat, circumstantias esse declarandas, quae intra eandem speciem, plurimum augent peccati malitiam. Hinc antiqui canones quando statuunt, peccati circumstantias necessario esse aperendas, non distinguunt inter circumstantias speciem mutantis, vel augentes malitiam. Sic Innocentius III. Pontifex Max. (Can. Deus qui; extra de penitentibus & remissionibus) consideratis, inquit, omnibus circumstantiis, competentem penitentiam delinquentibus imponatis, prout saluti eorum videbitur expedire. Et Concilium Later. IV (can. omnis utriusque sexus) Sacerdos, ait, sit discretus & cautus, ut more periti medici superinfundat vinum & oleum vulneribus sauciatis, diligenter inquirens & peccatoris circumstantias & peccati: quibus prudenter intelligat, quale debeat ille praeberere consilium, & cuiusmodi remedium adhibere.

3. Hoc ipsum adstruit Trid. Concilii Catechismus, cuius magna auctoritas est, cum ex Decreto Concilii, & approbantibus Sum. Pontificibus fuerit editus: in confessione, inquit, (part. 2, tit. de penit. num. 62 & seq.) sum-

ma illa cura & diligentia adhibenda est, quam in rebus gravissimis ponere solemus, omneque studium ita eo conferendum, ut sanemus animae vulnera, & peccati radices evellamus. Neque vero solum peccata gravia explicare oportet, verum etiam illa quae unumquodque peccatum circumstanti, & pravitate valde augent vel minuunt. . . . furtum in peccatis numerandum est. Verum si quis aureum nummum furetur, levius omnino peccat, quam is, qui centum, vel ducentos, vel ingentem aliquam auri vim, praesertim vero qui sacram pecuniam abstulit ... haec igitur, ut diximus, enumeranda sunt.

4. Accedit S. Caroli, magni hujus antiquae disciplinae restauratoris auctoritas, cuius decreta quippe Evangelicam puritatem undequaque spirantia, Galliarum, aliarumque gentium praesules, summa veneratione amplexi sunt; ipseque Sum. Pontifex Innocentius XII typis mandari expresse jussit, ut unicuique normam agendi praescriberent. Statuit porro (auctor. part. 4, in instrum. ad confessio- confessorium scire debere circumstantias, aut speciem mutantis peccati, aut illud notabiliter aggravantes, quia illa circumstantiae necessaria in confessione declarari debent.

5. Addemus ad cumulum, Provincialium Synodorum iudicium. Sic in Concilio Gnesnensi a S. Apost. Sede confirmato & approbato (an. 1628) statuitur, ut confessorius potissimum inquirent de peccatis, numeroque & specie illorum, cum circumstantiis mutantibus speciem peccati, aut idem valde gravantibus ... & in Synodo Sublacensi sub Em. Cardinali Carolo Barberino: (an. 1674) sic legitur: inquirendum erit super circumstantiis peccatorum, quae speciem mutant, vel pravitate valde augent ... & in Synodo Farsensi sub eodem: (ann. 1685) penitens a confessario non interpelletur, nisi cum res ipsa exegerit, ubi scilicet inquirendum erit super circumstantiis peccatorum, quae speciem mutant, vel pravitate valde augent. Quorum similis in Synodo Atinensi (ann. 1696) sub Emin. Cardinali Dominico Gussio, & in multis aliis statuta occurrunt.

Objeſſio.

Oppones, contraria S. Thomae haec nostra assertio est. Expresse enim affirmat, (in 4 sentent. dist. 16, q. 3, art. 2, quaestiuicula 5, & opus. 12, quaest. 6) circumstantias aggravantes, quae aliam speciem peccato tribuunt quidem, sed non mortalis peccati, non esse de necessitate confessionis, & eandem confiteri, solius perfectionis esse, sicut (inquit) de venialibus dictum est. Ergo ab iis qui

qui se profitentur esse Thomistas defendi non debet.

¶ R. Concesso ant. n. conseq. utinam probabilitatis defensores qui in præsentis auctoritatem præceptoris Angelici magnificiunt, pari in questionibus cæteris scrupulo tenerentur, ne a vestigiis ejus latum unguem recederent: quasi multæ docilitate hac controversiæ sopirentur, quæ S. Thomæ consentaneæ ad majorum doctrinam, plaudente Ecclesia, exposuit mirabiliter ac defendit, rejectis novellis opinionibus, quo par esset candore ac veritatis amore amplecterentur? Verum enim vero; si quem in S. Doctore, (quod sane rarissimum est,) nævum deprehendunt; tam laudant sumptuose atque extollunt: in cæteris, idest sepe semper, cum vident sibi, uti & novitati cuilibet esse contrarium, parvipendunt; & ejus acquiescere auctoritati detrectant: absit vero a nobis ut regulam hanc tam detortam, tamque a sano judicio alienam sequamur: Præceptoris Angelici placita pene universa sectamur, quia in iis documenta scripturæ & traditionis agnoscimus. Sicubi autem, quod S. Thomæ, uti & cæteris Sacris Doctoribus contingere potuit, oscitanter & non sat congrue veritati locutus est; tum ab eo potius quam a veritate recedere, officii nostri, absque ejus injuria esse putamus: imo hoc in S. Doctorem injuriæ & irreverentes videremur, si judicium ejus, sententiæ veritatis antepositum præfracte vellemus. ¶ Nemini Thomistæ, ait Natalis Alex. (Theol. Degr. 19. Mor. tom. 4. lib. 2. de Sacram. c. 5. art. 6. §. 1.) religioni sit ab ea Sancti Thomæ opinione discedere, quam junior propugnavit, & quam ipsum ejuraturum fuisse ac retractaturum verisimile est, si post Synodum Trid. scripsisset. Unde selecti ex ordine Dominicano Theologi, qui Concilii Catechismo adlaborarunt, contrariam opinionem asseruerunt Ecclesiæ approbante: & Dominicus Soto, qui Concilio magna cum eruditionis pietatisque laude interfuit, illam propugnare non dubitavit, in 4 sentent. distinct. 18. quæst. 2. art. 4. "Pro mea, inquit, ingenii tenuitate staterem septimam conclusionem: omnis circumstantia notabili modo ad judicium sapientis aggravans peccatum, sive mutet, sive non mutet speciem, est necessario confitenda." Hancque antiquiorum Theologorum sententiam fuisse ait, & licet S. Thomas contrarium scriperit in 4 sentent. cum junior esset: Fortasse in summa, quæ suum erat postremum testamentum, sententiam mutasset.

¶ Commode tamen, ac citra ullam violentiam textus obijctus S. Doctoris explicari po-

test, ut Sententiæ, quam defendimus, nullatenus repugnet, immo faveat quam maxime. Observandum itaque est triplicem malitiam circumstantias addere posse peccato: primam, quæ mutat speciem ejusdem: alteram, quæ ad peccatum mortale nequitiam pertingit, sed intra venialis peccati limites consistit: Tertiam detram, quæ speciem quidem peccati non mutat, peccatum tamen mortale ex se constituit. Hoc posito S. Thomæ in adducto testimonio docet, necessum non esse, ut circumstantiæ, quæ aut speciem non mutant, aut malitiam non addunt peccatum mortale ex se constituentem, in confessione aperiantur. Huc evidenter tendere Angelici Præceptoris doctrinam in allato textu propositam mihi sane videtur. Quid enim produnt hæc verba, quibus tota regitur articuli illius doctrina? *cujus ratio est, quia venialia non sunt de necessitate confessionis, sed solum mortalia, quæ quantitatem infinitam quodammodo habent.* Hæc verba mihi videntur in aperto ponere S. Doctoris mentem, omnesque discutere difficultatum nebulas, quas offundunt, qui contra sentiunt. Clamant hi S. Thomæ expresse agere de circumstantiis, quæ aliquam notabilem quantitatem peccato addunt. Verum habet. Sed hæc verba scribit sub articuli initium, & post laudata verba rationem affert, cur hujusmodi circumstantiæ non sint in confessione exprimendæ, inquit: *cujus ratio est, quia venialia non sunt de necessitate confessionis.* Et postea subdit, confitenda esse solum mortalia, quæ quantitatem infinitam quodammodo habent. Quidpiam certe discriminis admittendum est juxta mentem S. Thomæ hoc textu expositam inter *quantitatem notabilem, & quantitatem infinitam.* Hanc enim soli peccato mortali attribuit: illam vero veniali adeoque quantitas illi *notabilis*, de qua loquitur, intra genus peccati venialis consistit, quod ad *infinitam quantitatem* nunquam pertingit. Igitur dicendum est Angelicum hic non loqui de circumstantiis quomodocumque aggravantibus, sed de illis tantummodo, quarum gravitas peccati venialis confinia ex se non excedit.

Id rursus apparet ex sequ. S. Thomæ verbis: *circumstantiæ aggravantes, quæ aliam speciem peccato non tribuunt, vel quæ tribuunt quidem, vel non peccati mortalis, non sunt de necessitate confessionis.* Quibus exitescit Angelici mentem eo unice spectare, ut definiat, circumstantias, quæ aut speciem non mutant, aut malitiam peccati mortalis non addunt, non esse de necessitate confessionis. Quare, nisi mea me fallat opinio, legitime inferatur docere S. Præceptorem, eas circumstantias exprimendas necessario esse in confessione

ne, quæ malitiam adficiunt de se constituentem mortale peccatum: circumstantias vero, quæ limites non transiliunt peccati venialis, non esse de confessionis necessitate.

Hanc doctrinam clariorem reddit hoc exemplo recentior Author. *Gravis materia furti, inquit, sint sex Julii. Addantur duo Julii. Circumstantia hæc superaddit notabilem quantitatem, sed intra terminos peccati venialis. Adstantur 10, 20, 100, mille. Circumstantia hæc non addit quidem diversam peccati speciem; tribuit tamen malitiam peccati mortalis, quod habet quantitatem quodammodo infinitam. Et hæc circumstantia juxta S. Thomam est necessaria in confessione manifestanda. En genuinam, perspicuam, & constantem Doctrinam S. Doctoris. Hæc ille, qui subinde assumens rationem ab eodem S. Doctore productam, ita adversarios ad respondendum urget, ac provocat: Cur S. Thomas negat circumstantias esse in confessione manifestandas? Respondet Angelicus: quia peccata venialia non sunt de necessitate confessionis. Aliane ratio in universa adducta doctrina? Nulla prorsus. Ergo necessario consequitur circumstantias augentes malitiam, quæ constituit peccatum mortale, esse in confessione aperendas. ¶*

Q. 5. Utrum ad confessionis integritatem necessaria sit peccatorum dubiorum declaratio.

Dubium de peccato, vel facti, vel juris est. Primum est, cum dubitat aliquis num tale, vel tale peccatum commiserit? Secundum; cum de actu non ambigitur, tantumque incertum manet, utrum hæc aut illa actio mortalis peccati malitiam includat, nec ne? Hoc posito:

R. Cujuscumque generis dubium sit, carere debita integritate confessionem, nisi a præterite enuncietur. In dubiis enim tutior pars est eligenda; atqui longe tutius est, peccata dubia declarare, quam violati Sacramenti, & æternæ damnationis discrimen incurrere: ergo &c.

Deinde. Si post maturum examen dubium alicui remaneret, baptizatus esset nec ne? Deberet sub forma conditionali baptizari: ergo a pari cui dubitatio insidet de peccato mortali, sive quantum ad jus, sive quantum ad factum; tenetur sub conditione declarare: confessio enim lapsis post baptismum non minus est necessaria, quam baptismus nondum renatis. Cavere tamen penitens debet, ne peccata dubia, pari asseratione declarat, ac illa quorum sibi certo conscius est; sed debet dubium ipsum & causam dubitanti Sacerdoti significare, ne dum nimium scrupulosam confessio est, a veritate recedat: quando aliquis dubitat de aliquo peccato, an sit mortale, inquit S. Thomas, (Suppl. quæst. 6, art. 3, ad 3) tenetur illud

confiteri dubitatione manente: quia qui aliquid commisit vel omisit, in quo dubitat esse peccatum mortale, peccat mortaliter, discrimini se committens: & similiter periculo se committit, qui de hoc quod dubitat esse mortale, negligit confiteri. Non tamen debet asserere illud mortale esse, sed dubitative loqui, & judicium Sacerdotis expectare, ejus est discernere inter Leporam & Leporam.

Q. 6. Utrum integram confessionem edidisse putandus sit, qui peccata sua in duos veluti classes partitas, unam quidem partem uni Sacerdoti, alteram alteri declaravit?

R. Negative, & dico teneri omnia & singula peccata uni & eidem iterum confiteri: peccavit enim ille contra sinceritatem, nullibi magis quam in Sacramento penitentiae observandam, ianisque gloriæ cupiditate, suæ magis famæ, quam animæ salutis & gloriæ Dei consulit. Tradit hæc Regulam S. Carolus in instrult. Sacerdotum: n-titurque Canone, consideret, distinctionis quinque de penitentia: cujus hæc verba sunt: *cautus sit penitens, ne verecundia ductus dividat apud se confessionem, ut diversa diversis velit Sacerdotibus manifestare: quidam enim uni celant, quæ alii manifestanda reservant: quod est se laudare, & ad hypocritam tendere, & semper veniam carere.*

Accedit S. Thomæ judicium: etsi, inquit, (in 4. sent. dist. 17, quæst. 3, art. 4, quæstionculæ 2, ad 1) erubescencia sit multiplicior, quando dividit (penitens) diversa peccata diversis, tamen omnes simul non sunt ita magne, sicut illa una qua quis omnia peccata sua simul confitetur: quia unum peccatum per se consideratum, non ita demonstrat malam dispositionem peccantis, sicut quando cum pluribus aliis consideratur: quia in unum peccatum aliquis quandoque ex ignorantia vel infirmitate labitur, sed multitudo peccatorum demonstrat malitiam peccantis, vel magnam corruptionem ejusdem.

Præterea, ait idem S. Doctor, (ib. ad 2) Sacerdos confessionem audiens, vicem Dei gerit; & ideo debet ei hoc modo fieri confessio, sicut Deo fit in contritione: unde sicut vera non esset contritio, nisi ad omnia & singula peccata extenderetur; ita nec vera confessio est, nisi de omnibus fiat peccatis, quæ hic & nunc occurrunt memorie.

Q. 7. Ita ne generalis & absoluta hæc regula sit, ut nullo casu dividi confessio possit?

Respondent communiter Theologi, regulam hanc certis in casibus (quamquam rarissimis) exceptionem habere: inter Doctores Scholasticos, inquit Melchior Crous, (Relectionis de pan. par. 6.) magna discussio est, an cum

„ iactura sequitur, vel propria, vel aliena, a præcepto confessionis, & ipsius integritate liberemur: & ne in opinionibus aut recensendis aut confutandis longa tæatur oratio, sic “

Prima propositio. Si ex confessione alicujus peccati requiritur scandalum, vel meum, vel confessoris; ego possum tacere tale peccatum, reliqua confitendo: & ratio est, quia quantum ad illud, non habeo copiam confessoris, cui videlicet recte atque honeste confiteri possim ejusmodi peccatum: item juxta D. Bernardum (lib. de præcepto & dispensatione) quod pro caritate institutum est, contra caritatem non debet militare: confessio autem instituta est in remedium penitentis: quocirca si scandalum ipsi ex confessione alicujus peccati accidit, poterit idem licite recitare & de vitando autem scandalo confessoris, juris naturalis præceptum est: præceptum ergo divine legis positivum illius obligationem non abolet: lex enim gratie ædem nature non destruit sed perficit: loquimur autem de scandalo confessoris infirmi: nam si ex malitia paratus sit ad ruinam, utilius scandalum nasci permittitur, quam Divi præcepta relinqui.

Secunda propositio: quæ communis etiam Theologorum est: Si ex confessione mea sequitur aut mors, aut infamia, vel mea, vel aliena; excusor ab obligatione confitendi tale peccatum: & ratio est, quia divina præcepta positiva non obligant cum factura vite aut publicæ fame, v. g. si confessor crederetur revelaturus confessionem: item præceptum de vitanda morte, vel infamia proximi, est naturale: ergo per præceptum positivum adveniens de confessionis integritate non abrogatur: quod si excusor a confessione peccati, ex qua sequitur mors, vel infamia publica proximi: excusator etiam, si inde sequantur sive mors, seu infamia mea publica.

Eademque Natalis Alexandri sententia est, (Theol. dogm. & mor. tom. 4. lib. 2. de penit. cap. 3. artic. 7.) regulam hanc statuents; confessionem dividi posse, vulgo Theologi censent, ubi probabile periculum est, ne Sacerdos penitentem ad peccatum sollicitet; ne confessionem revocet; adeoque ne certi cujusdam peccati, aut circumstantiæ declaratione; penitens seipsum aut alium in salutis æternæ, vite, aut fame discrimen adducat: verumtamen hanc doctrinam plebi tradi non expedit: juris namque positivi præcepta, inquit Theologi, cum tanto periculo non obligant: ac proinde in illa hypothese stricto jure non obligat confessio, & perinde se habet penitens, ac si ordinarium confessarii non haberet: vel si confessio facta sit, nec obtineri potest facultas, aut

non habetur opportunitas alterum confessarium adeundi, explicanda sunt cætera: illud vero peccatum, seu circumstantiam ex quibus periculum merito timeatur, eadem confessione generatim, & implicite, ut loquuntur, includende sunt, cum proposito illud vel illas explicandi; ubi primum copia idonei confessarii habebitur: tuncque confessio integra non erit per accidens, ut ajunt, id est, non ex intentione penitentis, sed ex defectu confessarii integri: melius autem, inquirunt, videtur provideri conscientii communicantium, si hoc modo confiteantur, quam si ad Eucharistiam accedant, tota confessione dilata: cavendum tamen ne leves suspensiones inanemque timores peccatorum abducant ab alicujus peccati leibali, aut circumstantiæ declaratione, necessario explicande in confessione: ideo plebi hujus regulæ doctrina tradenda non est, ne ipsa abutatur, ut est hominum genus ad suspensiones & inanes timores pronum.

Ita prædicti scriptores, quorum malum adhibere verba, quam nostra, ne crederet aliquis novam hanc esse, omnique destitutam subsidio auctoritatis doctrinam.

Q. 2. Cur simplex confessio debere esse dicatur?

R. Simplicem, puram, fidelem; nodam, discretam (hæ enim diversæ conditiones ad unam pene rediguntur) ideo esse debere, quia a confessione debent omnia inutilia rescari, tantumque ea aperiri, quæ ad naturam & quantitatem peccati pertinent, confessio, inquit S. Antoninus, (3 part. iii. 14. c. 19, §. 12) debet esse simplex, ut dicantur precise peccata cum circumstantiis suis, & dimittantur aliæ materiæ, nec immisceantur superflua: quod tamen difficile est, & præcipue idiotis, dicere peccata sua quin addant superflua: non tamen hoc habet vitialem confessionem, ex quo dicantur hæc intentione, ut declarent factum suum: prudens autem confessor debet, quantum commodè poterit, hujusmodi narrationes superfluas facere rescari: & qui indiget consolatione propter tribulationes; vel consilio propter dubia, post confessionem factam, & absolutionem talia dicantur, & non misceantur in confessionem.

Q. 9. Quorsum dicatur confessionem humilem esse debere?

R. Quia nullibi magis exercitium humilitatis requiritur, quam ubi homo peccatorem se esse agnoscat, ad piscinam salutarem expiandæ accedit, & voluntaria peccatorum declaratione, Deum toties offensum, quoties peccatum est, placare & inflectere ad misericordiam nititur: imitanda ergo Evangelici publicani humilitas; fugienda pharisæi superbia, qui

CAPUT TERTIUM.

De secreto, sive sigillo confessionis.

qui tacebat peccata quæ vere habebat, & prædicabat merita, quæ habere se typo præsumptionis diabolicæ autumabat: dicendum cum propheta: (Ps. 140, 3, & seq.) pone Domine custodiam ori meo, & os autum circumstantia labii mei: non declines cor meum in verba malitiæ ad excusandas excusationes in peccatis: quæ verba explicans S. Aug. cum vis esse excusator tuus, inquit, (Serm. 29, al. 3, de divers.) triumphat de te accusator tuus: vis ergo facere quod doleat & gemat accusator tuus, id est diabolus? fac quod audisti, fac quod didicisti, & dic Deo: ego dixi, Domine miserere mei, sana animam meam, quoniam peccavi tibi: ego, inquit, dixi, non Diabolus, non fortuna, non factum, ego dixi: non me excuso, sed excuso: ego dixi: Domine miserere mei, sana animam meam.

Itaque humilem confessionem esse oportet, unde sequitur, quodlibens, verecunda, lacrymabilis, fortis, accusans, & parere parata esse debeat: hæc enim conjuncta sibi sunt, & mutuo a se te dependent.

Q. 10. Unde noscatur humilem non esse confessionem?

R. Inde certissimo colligi, si quis confitendo nulla doloris ac verecundie signa prodatur; si monitis ac præceptis confessarii acquiescere renuat; si peccata excusaverit, eorum causam refundendo in alterum, nihilque sibi met nisi facilitatem, ab omni malitia vacuum tribuendo: qui sic, inquam, confitetur, necessaria humilitate carere conviciatur, & donec resipuerit, ab omni spe reconciliationis arcendus: in primis autem, inquit Concilii Trid. Catechismus (part. 2, tit. de Sac. penit. §. 39.) reprimenda est quorundam superbia, qui scelera sua excusatione aliqua vel defendere, vel minora facere nituntur: nam e. c. cum aliquis fateatur se ira vehementi fuisse commotum; statim hujus perturbationis causam in alium confert, a quo prius injuriam sibi factam esse queritur: rationendus itaque est, hoc elati animi, & hominis peccati sui magnitudinem vel desipientis, vel plane ignorantis signum esse: cum vero ejusmodi excusationis genus ad augendum potius, quam ad minuendum peccatum pertinere: nam qui ita factum suum probare conatur, hoc videtur profiteri, se tunc patientia usurum esse, cum a nemine lederetur: quo quidem nihil homine Christiano indignius esse potest: etenim cum illius vicem maxime dolere debueris, qui injuriam fecit; tamen non peccati gravitate commoveatur, sed fratri irascitur: ac, cum ei præclara occasio oblata fuerit, ut Deum patientia colere, & fratrem mansuetudine sua corrigere possit, salutis materiam ad perniciem suam convertit.

Superest ut de secreto confessionis dicamus: S. de eadem enim, utrum frequens & accelerata esse debeat, ubi ad subiectum penitentiae ventum fuerit, expenditur. Quod porro ad sigillum spectat, cum totum confessionis negotium penitentem inter & Sacerdotem transigatur, utriusque respectu quæri potest, an secreta necessaria esse debeat? Itaque

Q. 1. Utrum peccata occulta publice confitendi extet aliquod divinum mandatum?

R. negative: divinum namque præceptum vel Scriptura significat, vel traditio; atque præcepti hujusmodi nullum nec in Scriptura, nec in sacra traditione vestigium est. Ergo &c.

Q. 2. Utrum aliquando in usu fuerit occultorum peccatorum confessio publica?

R. Affirmative. Hoc enim constat, 1. Ex harum confessione mulierum, quæ, ut narrat S. Irenæus supra cap. 1 laudatus, a Marco Hæresiarca corruptæ, publice in Ecclesia crimen suum confesse sunt.

2. Ex factio nobilis Matronæ, quæ Nestarii Patriarchæ Constantiæ, ab hujus Ecclesiæ Diacono constupratam se esse confessæ est: quæ revelatio magni scandali, ut observant Sozomenus & Sozomenus, causa fuit.

3. Præter alia quæ afferri possent exempli, hoc ipsum probatur ex Monachorum veterum instituto, qui referente S. Basilio Magno, peccata sua quantumvis occulta, palam in publico Fratrum conventu declarare juebantur.

Q. 4. Utrum hodie penitentibus, publice confitendi vel facultas fieri possit, vel imponi necessitas?

R. absolute fieri posse, tum ad vindictam scelerum, tum ad penitentis humiliationem, tum ad aliorum exemplum & edificationem Ecclesiæ: non tamen futurum expediens: Cæterum, inquit Trid. Patres, (Sess. 14, c. 5) quoad modum confitendi secreto apud solum Sacerdotem, etsi Christus non voverit, quin aliquis in vindictam suorum scelerum, & sui humiliationem, cum ob aliorum exemplum, tum ob Ecclesiæ offensæ edificationem, delicta sua publice confiteri possit: non est tamen hoc præcepto divino mandatum, nec satis consulte humana aliqua lege præciperetur, ut delicta præsertim secreta publica essent confessione aperienda.

Præclarissimum de hac re S. Leonis Pontificis Max. testimonium est, in Ep. supra laudata, (Ep. 136, al. 81, cap. 2) ad universos Episcopos per Campaniam, Samnium, & Picenum

cenum constitutos. " Illam etiam, inquit, com-
tra Apostolicam regulam, presumptionem,
quam nuper cognovi a quibusdam illicita
usurpatione committi, modis omnibus con-
stitutio submoveri: nec videlicet de singulo-
rum peccatorum genere, libello scripta pro-
fessio publicetur: cum reatus conscientia-
rum sufficiat solis Sacerdotibus indicari con-
fessione secreta: quamvis enim plenitudo
fidei videatur esse laudabilis, quæ propter
Dei timorem apud homines erubescere non
veretur; tamen quia non omnium ejusmodi
sunt peccata, ut ea, qui penitentiam pos-
cunt non timeant publicare: removeatur
tam probabilis consuetudo, ne multi a
penitentia remedia arceantur, dum aut
erubescunt aut metuunt, inimicis suis sua
facta reserari sufficit enim illa confes-
sio, quæ primum Deo offertur, tum etiam
Sacerdoti, qui pro delictis penitentium pre-
cor accedit. Tunc enim demum plures ad
penitentiam poterunt provocari, si popu-
li auribus non publicetur conscientia confi-
tentis.

Q. 4. Utrum saltem peccatores publici ad
publicam penitentiam & confessionem adigi
possint?

R. Affirmative. Hunc enim antiquitus mo-
rem obtinuisse, probant pleraque historiarum Ec-
clesiasticarum monumenta: quod vero olim pruden-
ti Ecclesiarum judicio factum est, etiam in
presenti posse, immo aliquando debere fieri,
nemo dubitat: hinc Concilium Trid. (ses. 24,
in decr. de reform. c. 8) Apostolus, inquit,
monet, publice peccantes palam esse corripien-
dos: quando igitur ab aliquo publice, & in
multorum conspectu crimen commissum fuerit,
unde alios scandalo offensus commotusque fuisse
non sit dubitandum: huic condignam pro-
modo culpe penitentiam publice injungi opor-
tet, ut quos exemplo suo ad malos mores pro-
vocavit, suæ emendationis testimonio ad re-
ctam revocet vitam. Episcopus tamen publice
hoc penitentia genus in aliud secretum po-
terit commutare, quando ita magis judicaverit
expedire.

Q. 5. Utrum Sacerdos qui confessionem ex-
cepit, tenetur ad secretum?

R. Teneri jure naturæ, divino, & Ecce-
siastico.

Pr. 1 pars. Præceptum juris naturalis est:
quod tibi fieri non vis, alteri ne feceris; sed
qui peccatum confessione cognitum divulga-
ret, mandatum illud infringeret. Ergo &c.
deinde jure naturæ tenemur proximam con-
sultare, multoque magis proximum non infa-
mare; atqui Sacerdos arcanum confessionis pro-
dendo proximo inureret notam ignominie. Ergo

De Re Sacram. Tom. III.

&c. præterea, jure naturæ homo tenetur com-
missum sibi secretum silere: eaque omnium
gentium anticipatio est, ab autore naturæ in-
sculpta. Ergo multo magis Sacerdos peccati se-
cretum reserans, quo sanctius ac intimius nul-
lum est, juris naturalis infracti convince-
retur.

Pr. 2 Pars. Ideo a Christo instituta confes-
sio est, ut ope salutaris hujus remedii pecca-
ta hominis deleterentur, & traderentur oblivio-
ni perpetuæ: non minus enim obtinet in no-
va lege quam in veteri, quod Ezechielis ore
promisit Deus: (Ezech. 18, 21) *si impius ege-
rit penitentiam, omnium iniquitatem ejus non
recordabor*; atqui si Sacerdos sibi in confessione
commissa palam effunderet, ita se gereret,
ac si peccata beneficio Sacramenti, nec dele-
ta, nec oblivioni mandata forent: manifesto
ergo constitutioni Dominicæ contraret, ac
proinde jus divinum violaret.

Deinde qui finem præcipit, præcipit & mo-
dia ad illum conducentia; maxime vero ea quæ
si absent, a finis prosecutione homo deterre-
retur; atqui nisi sigillum confessionis foret
inviolabile, ab observando confessionis præce-
pto facile peccatores removerentur: quis enim
tam sui propriæque existimationis negligens
est, ut ultro consentiat turpissima facinora a se
perpetrata in publicum prodii? itaque ser-
vandi secreti legem cum institutione confes-
sionis conjunxisse Christus censendus est: at-
que adeo sicut promisit, se iniquitatum, qua-
rum penitentia vera fuerit, in posterum non
recordaturum; (Ezech. 18, 21) quanto minus
ministris suis permisisse putari debet, ut ea-
rum ad inferendam penitentibus ignominiam
meminissent? & ideo, inquit S. Thomas, (suppl.
qu. 11, art. 1, ad 2) *sicut præceptum de con-
fessione sacramentali faciendi, est de jure di-
vino, & non potest aliqua dispensatio: vel
injectione humana homo absolvi ab eo; ita nul-
lus ad revelationem confessionis potest ab ho-
mine cogi vel licentari. Unde si præcipitur
sub pæna excommunicationis jam lata, quod
dicat: si aliquid scit de tali peccato, non de-
bet dicere; quia debet existimare, quod inten-
tio præcipientis est, si sciat ut homo: hoc au-
tem non scit ut homo: etsi etiam exprimeret,
de confessione interrogatus, non deberet dicere,
nec excommunicationem incurreret, quia non
est subiectus superiori suo, nisi ut homo: hoc
autem non scit ut homo, sed ut Deus.*

Pr. 3 Pars, Sanctorum decretis.

Restat conscientiarum, ait S. Leo Magnus
supra memoratus, sufficit solis Sacerdotibus in-
dicari, confessione secreta.

Vetus Scriptor Libri de salutaribus documen-
tis c. 51: Sacerdos, ait, ut sapiens & prae-
fatus

Cc

Aut

His medicus, primum scias curare peccata sua, & postea aliena vulnera detergere, & sanare & non publicare.

Accedit auctoritas Canonis, quem refert Gratianus, (*de pœn. dist. 6, c. Sacerdos*) quem alii Gregorio M. alii probabilius Gregorio Papæ VII, vel alteri hujus circiter ætatis adscribunt: *Sacerdos, inquit, ante omnia caveat, ne de his qui ei confitentur peccata aliquid relict, non propinquis, non extraneis, neque (quod absit) pro aliquo scandalo. Nam si hoc fecerit, depônatur, & omnibus diebus vite sue ignominiose peregrinando pergat.*

Idem adstruitur ex celeberrimo Concilio Later. IV sub Innoc. III cœli Canonis: *omnis utriusque sexus: cujus verba hæc sunt: caveas autem omnino Sacerdos, ne verbum, aut signo, aut alio quovis modo, aliquatenus prodas peccatorem; sed si prudentiori consilio indigeris, illud absque expressione persone caute requirat: quoniam qui peccatum in penitentiali iudicio sibi detectum præsumptus revelare, non solum a Sacerdotali officio dependendum decernimus; verum etiam ad agenda perpetuam penitentiam, in arctum monasterium detruendum.*

Q. 6. Quæ res cadant sub sigillum confessionis?

R. 1. Secreti lege inviolabili contineri omnia quæ ad Sacramentalem confessionem pertinent; peccata scilicet mortalia, circumstantias speciem mutantes, vel augentes malitiam, peccata complicum sive consociorum, leves omnes circumstantias peccatis adjunctas, ipsaque etiam venialia; quæ quantumlibet parva sint, peccata tamen sunt, & comparate ad claves Ecclesiæ, quibus spontanea confessione subjiciuntur, gravis materia putari debent, tum propter reverentiam Sacramenti, tum quia eorum propalatio odium concitaret confessionis, & fideles ab ejus frequentatione revocaret.

R. 2. Cadere sub sigillum circumstantias omnes peccatorum confessionem concomitantes, quæ licet peccata non sint; tamen in progressu confessionis, vel necessitate aliqua, vel imprudentia, nec sine pudore declarantur: quales sunt defectus natalium, inhabilitates naturales, personales imperfectiones, propensiones malæ, morum rusticitas &c. Hæc enim omnia confessori, ut amico, ut Patri, ut medico, ut consiliario patefunt: ut ergo amici, & patris, & medici, & consilarii partes impleat, debet inviolabiliter commissum secretum tenere: *deinde*, Sacramentum penitentiae est in favorem penitentium institutum. Porro si Sacerdoti fas esset, defectus huiusmodi propalare, non in favorem, sed in detrimentum penitentium clavium potestas

exerceret. Ergo &c. recurrit supra memoratum naturæ principium: *quod tibi fieri non vis, alteri ne feceris.* Quis porro Sacerdos est, sui adeo parum amans, qui non velit integram sibi etiam in rebus minimis constare famam?

Q. 7. Utrum vita functo penitente, Sacerdoti liceat confessionem ejus revelare?

R. Negative. Immo eo gravior Sacerdotis peccatum futurum esset, eoque atrocior penitenti injuria inferretur, quod tunc ejus lederetur fama, cum nec se ipsum tueri posset, nec scandalum propalatione facinoris excitatum, exemplis melioribus reparare. Quocirca querere utrum liceat penitentiis vita functi reserare confessionem, idem est ac querere utrum liceat aliquem infamare post mortem, & hoc unum ejus bonum, quod ei post mortalem hanc vitam superest, bonum nempe nomen, eripere?

Q. 8. Cujus peccati reus esset Sacerdos, confessionem revelans?

R. Reum futurum sacrilegii & peccati sua natura mortalis, quantumlibet tenuis supponeretur esse culpa quam propalasset. Sacramenta enim irreverenter trahere, & odiosa fidelibus reddere, sacrilegium natura est, & mortale peccatum, atqui hujusmodi scelus esset Sacerdotis, penitentis opprobrium derogeret, & quod Deus misericors occultavit, prævaricatione nefaria revelantis. Ergo &c.

Q. 9. Utrum alii præter Sacerdotem secreti lege teneantur?

R. Teneri omnes qui peccata per confessionem Sacramentalem, aut ejus occasione didicerint: nimirum

1. Interpretes, eos scilicet qui penitenti, Sacerdotis linguam nescienti, vel vice versa, vicariam linguam accommodant: hoc enim ipso quod interpretum officio defunguntur, cum Sacerdote in actu Sacramentalis confessionis communicant.

2. Superiores a quibus licentia petitur, ab aliquo reservato casu absolvendi.

3. Laicos, quibus, propter Sacerdotis absentiam, & ex devotione (ut olim in usu erat) peccatorum confessio fieret.

4. Denique eos omnes qui, ut sæpe contingit, dum proprius Sacerdotem sacro tribunali assidentem circumstant, confessiones penitentium, vel casu, vel deliberato aures præbendo, audiunt.

Itaque, inquam, omnes, de iis quæ ex confessione resciverint, linguam divinam naturalique lege tenentur comprimere, ne videlicet secretum supremo judici & ejus in terris ministro commissum, eorum imprudentia usquam effluat, & ad perniciem penitentium elabatur

Quod

Quod facile intelliget qui ad principia superioris constituta attendet.

Q. 10. Utrum Sacerdos ad exteriorem Ecclesiæ aut societatis gubernationem, ejusque utilitatem, cognitione, quam via confessionis habuerit, uti possit?

R. Negative. Nihil enim, inquit S. Thomas, (in 4. sent. dist. 21, q. 3, art. 1, & quodlib. 5, quæst. 7, art. 11) est faciendum in præjudicium confessionis: esset autem præjudicium confessionis, si subditus ab administratione removeretur propter crimen quod suo prælato confessus est; quia per hoc alii retraherentur a confitendo: non ergo debet prælatus subditum ab administratione remove propter peccatum quod ei confessus est . . . id quod per confessionem audiuit, nullo modo est manifestandum, nec verbo, nec signo, nec nutu: nec etiam aliquid est faciendum, unde in suspicionem peccati aliquis possit devenire. Si ergo amotio subditi ab administratione possit inducere ad manifestandum peccatum in confessione auditum, vel ad aliquam probabilem suspicionem habendam de ipso, nullo modo prælatus deberet subditum ab administratione remove; puta si in aliquo monasterio esset constrictum, quod priores non amoverentur de suis prioratibus, nisi propter culpam, manifestaretur peccatum penitentis per revocationem ab administratione. Unde si Abbas hoc faceret, graviter peccaret tamquam confessionem revelans: posset tamen eum secreto caritative admonere ut cum instantia peteret cessionem, si hoc videret saluti ejus expedire. Si vero per amotionem ab administratione peccatum nullatenus manifestaretur; puta si in aliquo monasterio esset constrictum, quod Abbas pro suo libitum de facili aliquos ab administratione removeret; tunc, alia occasione accepta, posset subditum sibi confessum, ab administratione remove, & deberet hoc facere, cum debita tamen cautela, si talis administratio esset subdito periculosa in posterum. Quamvis etiam & in hoc casu melius esset, quod eum induceret ad cessionem petendam. Si vero periculum in posterum non timeretur, non oporteret quod pro peccato præterito, per penitentiam deletum, cum ab administratione removeret: sicut etiam Aug. dicit lib. de Adult. conjugii: cur adhuc deputamus adulteros, quos credimus penitentia esse sanatos? quandoque enim penitentes innocentibus meliores sunt.

Idemque a Clemente VIII Pontifice Max. definitum (anno 1594, die 16 Maij) tam superiores pro tempore existentes, inquit, quam confessarii, qui postea ad superioritatis gradum fuerint promoti, caveant diligentissime;

ne ea notitia quam de aliorum peccatis in confessione habuerunt, ad exteriorem gubernationem utantur.

Obiatio.

At, inquit, sigilli servandi lex, debito justitiæ & caritatis strictior esse non potest; atqui secretum in confessione commissum, si de peccato agitur vergeat in Ecclesiæ exitium, & magnum principis aut reipublicæ detrimentum, revelari caritas & justitia postulant. Quid enim si quis clanculum disseminet hæresim fidei capitaliter adversantem, si mysteriorum ministerio ad corruptendos plurimum mores abutatur, si eversionem boni publici machinetur, si contra Monarcham conspiret; numquid in his tanti momenti casibus, ne reveletur perditio unius hominicionis improbitas, requitas caritasque cum tanto Ecclesiæ & status detrimento silebunt? Ergo &c.

R. Cum S. Thomas, concessa maj. n. n. Nec verbo, inquit ille, (quodlib. 13, qu. 10, art. 1) nec factio, nec nutu, nec aliquo signo licet in aliquo casu revelare confessionem, quia est sacrilegium. Nam ita est in Sacramentis novæ legis, id efficiunt quod figurant: effusus autem penitentia est, occultatio peccatorum ab oculis Dei viventis: & hæc occultatio significatur per Sacramentum confessionis: & ideo sicut prophetañret Sacramentum qui conficeret Corpus & sanguinem Christi, de alio quam de pane & vino; ita esset revelans sacilegium . . . nec tamen, inquit idem, (suppl. q. 11, art. 1, ad 1) sigillum confessionis contra caritatem militat, quia caritas non requirit quod apponatur remedium peccato quod homo nescit. Illud autem quod confessione scitur, est quasi nescitum; cum illud nesciat aliquis ut homo, sed ut Deus (Dei scilicet vices gerens) tamen aliquod remedium adhibere debet, in prædictis casibus, quantum potest, sine revelatione confessionis: sicut monendo eos qui confitentur, & aliis diligentiam apposendo, ne corrumpantur per hæresim. Potest etiam dicere prælato, quod diligentius vigilet super gregem suum: ita tamen ut non dicat aliquid per quod verbo vel nutu confitentem prodant.

Ita Anglicus Doctor. Quod autem de prælatis Ecclesiæ dicit, quod debeant eo casu a confessario admoneri, ut gregi invigilent diligentius, modo ne ulla ratione reum indicent; de Principibus pariter & Reipublicæ Presidentibus, cum eadem cautione intelligi debet. Eos enim oportet de conspiratione, & attentato contra Monarcham, aut Reipublicæ tranquillitatem atroci consilio fieri certiores, ut possint ingruenti malo asserre remedium;

Cc 2

Q. 10. *Utrum* ita tamen ut persona rei vel complicitum nominatim & in individuo, nec directe nec indirecte manifestetur; aliquem enim sub justitia, caritatis, ac pietatis obtentu, justitia, caritas, & pietas, nullibi magis quam in Sacramento servandæ, violarentur.

Q. 11. *Utrum* Sacerdos cui sola confessione compertum est, indignum aliquem esse Ecclesiastica dignitate, vel cœnobii præfectura, possit ei suffragium denegare, & electioni ejus resistere?

R. Affirmative. Res enim libera electio est, & denegandi suffragii, præter peccatum confessione cognitum, causa multiplex esse potest: adeoque violati sacri sigilli, qui ita se gereret, nedum reus esset, ne suspicionem quidem incurreret: ex multis aliis causis, inquit S. Thomas, redditur aliquis indignus ad prælationis officium, quam ex peccato; sicut ex defectu scientiæ vel ætatis, vel alicujus hujusmodi: & ideo qui contradicit, nec suspicionem de crimine inducit, nec confessionem revelat.

Et S. Antoninus: qui liberam electionem habet, inquit, (3 part. tit. 16, c. 22) licet per solam confessionem sciat aliquem indignum ad prælaturam, ad quam eligitur, quem alias putabat dignum, non debet eligere ex conscientia sibi sic dictante: quia eligendo scienter dignum vel indignum, negotium geritur inter ipsum & Deum: unde potest etiam ex his que scit ut Deus, judicare in proposito.

Q. 12. *Utrum* pariter propter crimen sola confessione cognitum, possint Sacramenta negari?

R. Negative. Nec enim sicut libera ad dignitatem Ecclesiæ electio est: ita censetur libera Sacramentorum administratio: quemadmodum itaque peccatoris occulto Eucharistiam publice petenti, Sacerdos negare non potest, nec debet; sed potestatem solam habet privatum monendi, ne ad sacram mensam indigne accedat: ita nec Episcopus ordines; nec seminarii superiori aut director ordinandorum testimonium de vita & moribus, nec Parochus nuptialem benedictionem negare debent eis, quorum crimen vel impedimentum ex sola confessione noverunt: nisi alia occurrat ratio sufficiens, & extra confessionem cognita, ad indignos a Sacramentorum participatione arcendos: aliquem enim sigillum confessionis infringenter, fideles ab ejus exercitio revocarent, ipsique Sacramento injuriam facerent.

Q. 13. *Utrum* volente penitente sigillum confessionis abruptum liceat?

R. Affirmative. Tum quia volenti non fit injuria: tum quia in hac hypothesis Sacerdos non ut Deus tantum, sed etiam ut homo pec-

cata cognoscit. Dicendum, inquit S. Thomas (in 4 sent. dist. 21, qu. 3, artic. 2, in c.), quod duo sunt, propter que Sacerdos tenetur peccatum occultare. Primo & principaliter, quia ipsa occultatio est de essentia Sacramenti, in quantum scit illud ut Deus, cujus vicem gerit ad confessionem: alio modo propter scandalum vitandum. Potest autem penitens facere, ut illud quod Sacerdos sciebat ut Deus, sciat etiam ut homo: quod facit dum licentiat eum ad dicendum: & ideo si dicat, non frangit sigillum confessionis: tamen debet cavere scandalum dicendo, ne fractus sigilli prædicti reputetur. . . . hinc S. Carolus, (par. 2 instruct. c. 20) si sacerdos, inquit, necessitate coactus cum ipsomet penitente de peccatis loqui debeat: id non nisi auct habita venia faciat.

Est tamen hæc licentia quibusdam conditionibus coercenda. 1 Debet vera ejus esse necessitas, ne inanibus & periculosis colloquiis locus detur; aut si frequentius concedatur, confessio in contemptus & invidiæ periculum adducatur. 2 Liberrime debet a penitente concedi: si enim extorta foret aut coacta, sacerdos a peccato excusari nulla ratione posset. 3 Expressa esse debet, nec tantum præsumpta.

Objectio.

Contra sigilli legem sic disputare aliquis potest: confessio ut vera sit, debet formalem, ut prædictimus, integritatem habere; atque aliquando accidit, aut contingere saltem potest, ut confessio sine fractione sigilli integritatem non habeat: quod monstratur exemplo: sint in quodam oppido tres solum Sacerdotes, quorum unus absolvat alterum ab irregularitate, a qua absolvens potestatem non habet. Jam hujusmodi Sacerdos tertio plenam facere confessionem non poterit, nisi declarando se vera potestate destitutum absolvisse presbyterum aliquem ab irregularitate, hacque sua prævaricatione causam ei fuisse, sacerdotali ministerio cum censuræ vinculo defungendi. Ergo &c.

R. concessa maj. n. min. Ad exemplum, aliaque similia quæ afferri possunt, dico teneri Sacerdotem in hoc casu talem circumstantiam prætermittere, nec propterea confessionem formali integritate carere, quia id omne declarat quod potest, & debet: quod ut intelligatur, notandum longe strictiorem esse servandi sigilli legem quam præceptum ex integro confitendi. Sigilli namque lex, jure naturali, divino, ac positivo fundatur; at præceptum confitendi, jure quidem divino positivo nititur, nequaquam vero naturali: itaque præ-

præceptum de non revelando secreto longe in-
violabilis est: unde æquum est ut in iis cir-
cumspectis aliquid de materiali confessionis
integritate tollatur, ne tantisper offendatur
secretum sigilli: quomodo plerumque contin-
git præcepta aliqua positiva prætermitti de-
bere, ad servandam, quæ plenitudo legis est,
caritatem.

Deinde, præceptum de non roserando con-
fessionis secreto, negativum est de re intrin-
sece mala: quam proinde nullo casu licet ad-
mittere: e contra affirmativum est præceptum
confessionis, cujus omissione in præsentî inno-
xia est: perinde enim se habet prænitens, ac
si confessarii copiam non haberet: debet ta-
men providere sibi, ut quam primum com-
mode poterit, alium alterius loci adeat Sacer-
dotein, cui sine revelationis periculo ex integro
conscientiam patefaciat.

Dices. Quando prænitens peccata explicare
aliter non potest, quam personam socii reve-
lando, potest, immo debet revelare, nenimi-
rum confessionem irritam faciat. Ergo a pari
tenetur Sacerdos peccatum in confessione
auditum, & personam ipsam detegere, si aliter
integra nequit esse confessio.

R. nego consequ. & paritatem. Discrimen
est:

1. Qui peccatum commisit cum altero, se-
creto inviolabili non tenetur: cum possit, im-
mo aliquando debeat complicem, vel iudici ad-
ultionem, vel superiori ad correctionem mani-
festare: unde a tortiori consequens est, hoc ip-
sum in confessione posse: at vero Sacerdos iure
tum naturali, tum divino, tum positivo se-
creti lege tenetur.

2. Peccatus consortem criminis declarando,
utitur iure suo, propriæ nimirum securitati
consulit & utilitati: etiamsi aliquid inde secu-
riturum prævideatur incommodum proximi; at
vero sacerdos nullum jus habet in peccata, sibi,
non ut homini, sed ut Deo in confessione
detecta. Cum enim Christus Sacramentum
in favorem prænitentium instituerit; strictissi-
mum voluit & inviolabile confessionis esse se-
cretum: cumque ipse promiserit prænitentibus,
de peccatis expiatis silentium, non plus debuit
permittere ministris suis, quam sibi. Sequitur

QUÆSTIO SEXTA.

De satisfactione.

¶ Satisfacere, Latinis Scriptoribus est, tantum
facere, quantum irato satis sit ad vindictam:
hinc satisfactio Deo facienda generatim defini-
ri potest, *voluntaria castigatio ad resarciendam
injuriam Deo illatam, & pœnam peccato debi-*

*tam redimendam: quatenus vero pars est Sa-
cramenti, describitur, voluntaria pœna, a Sa-
cerdote in penitentis tribunali imposita permissio,
ad compensandam injuriam Deo illatam, ip-
sumque placandum, cum firmo proposito pec-
cata in posterum omni studio vitandi.*

De illa, duplici capite dicturi sumus: in
primo ejus contra hæreticos necessitas vindica-
bitur: in altero expendetur, quis sit satisfac-
tioni modus ponendus.

CAPUT PRIMUM.

De necessitate satisfactionis.

¶ Satisfactionis Deo faciendæ necessitatem de
medio abstrulerunt Lutherus, Calvinus, eo-
rumque sectatores. Cujus erroris causam tri-
plicem afferbant. Prima erat, quia, inque-
bant, non potest peccatum condonari a Deo,
quin simul pœnæ totius tum æternæ, tum tem-
poralis plena remissio fiat. Secunda, quia pu-
tabant hujusmodi satisfactionibus satisfactioni a
Christo pro nobis exhibitæ injuriam irrogari.
Tertia, quia negabant, Deo pro peccatis, quan-
tum ad pœnam temporalem posse satisfieri per
pœnas quæ sive a Deo infliguntur, sive a Sa-
cerdotibus imponuntur, seu denique sponte ac
voluntario prænitentes suscipiuntur. Contra eos
sit

§. PRIMUS.

Hæresis refutatur.

Pravis ac paradoxis dogmatibus Concilium
Trid. decreta opposuit quæ sequuntur:

*Si quis dixerit, (Sess. 14, Can. 11) to-
tam pœnam simul cum culpa remitti semper a
Deo; satisfactionemque hominum non esse ali-
am quam fidem, qua apprehendunt Christum
pro eis satisfecisse: anathema sit.*

*Si quis dixerit, (ib. Can. 13) pro peccatis
quoad pœnam temporalem, minime Deo per
Christi merita satisfieri pœnis ab eo iniunctis &
patienter toleratis, vel a Sacerdote injunctis,
sed neque sponte susceptis, ut jejuniis, oratio-
nibus, elemosynis, vel aliis etiam pietatis ope-
ribus; atque adeo optimam prænitentiam esse
tantum novam vitam: anathema sit.*

*Si quis dixerit, (ib. Can. 14) satisfactio-
nes quibus penitentes per Christum Jesum peccata
redimunt, non esse cultus Dei, sed traditiones
hominum, Doctrinam de gratia & verum Dei
cultum, atque ipsum beneficium mortis Christi
obscurantes: anathema sit.*

*Si quis dixerit (ib. Can. 15) claves Eccle-
siæ esse datas tantum ad solvendum, non et-
iam ad ligandum: & propterea Sacerdotes,
cum*

dum imponunt penas confitentibus, agere contra finem clavium, & contra institutionem Christi, & fissionem esse quod virtute clavium, sublata pena aeterna, pena temporalis plerumque exsolvenda remaneat: anathema sit.

His positis pro Catholicae fidei fundamento :

OSTENDITUR PRIMO.

Peccatum posse condonari a Deo, simulque solvi pena aeternae reatum, manente debito poenae temporalis.

Fidei namque est, hominem statim atque Deo reconciliatur, & a mortali peccato absolvitur, liberari a reatu poenae aeternae, qui non potest cum justificatione & amicitia Dei consistere ; atqui non idem de poena temporali sive praesentis vitae, sive futurae potest affirmari, quam etsi a Deo plene absoluteque remitti posse non negamus ; revera tamen secundum leges a se constitutas non condonari, tum Scripturarum auctoritas, tum traditionis Doctrina convincit.

ARGUMENTUM PRIMUM.

Ex Scriptura.

Scripturae, inquam, auctoritas : ille enim non liberatur ab officio satisfaciendi, qui accepta gratia justificationis, poenae temporales adhuc luenda supersunt ; atqui homini, etiam post acceptam a peccato & reatu aeternae poenae solutionem, divina ordinatione superesse poenam temporalem persolvendam, multis exemplis Scriptura testatur.

Sic nemo dubitat Adamum poenitentem reddiisse cum Deo in gratiam, & in statum iustitiae quam peccando amiserat, restitutum : eduxit illud a delicto suo, inquit Sapiens : (Sap. 10, 2) idemque de Eva dicendum ; atqui contra utrumque in ultionem rebellionis diversae poenae temporales, ipsaque mors, divina sic exigente iustitia, sunt decretae ; dictum enim Adamo : (Gen. 3, 17, & seqq.) quia audisti vocem uxoris tuae, & comediisti de ligno, ex quo praeceperam tibi ne comederes ; maledicta terra in opere tuo : in laboribus comedes ex ea cunctis diebus vitae tuae : spinas & tribulos germinabit tibi . . . in sudore vultus tui vesceris pane . . . pulvis es, & in pulverem reverteris . . . Eva pariter dictum : (ib. v. 16) multiplicabo aerumnas tuas & conceptus tuos : in dolore paries filios : & sub viri potestate eris, & ipse dominabitur tui. Ergo &c.

Similiter certum est Israelitas post exitum de Aegypto, tam saepe in Deum rebelles, idoli manufacti insanos cultores, murmuratione

sacrilega, multisque aliis contaminatos criminibus, veniam a Deo ad precem Moysi esse consecutos : *Utique, dixit Dominus ad Moysen, (Num. 14, 11, & seq.) detrahet mihi populus iste ? quoque non credent mihi in omnibus signis quae feci coram eis ? seriam igitur eos pestilentia atque consumam . . . cui Moyses : dimitte observo peccatum populi huius secundum magnitudinem misericordiae tuae, sicut propitius fuisti egredientibus de Aegypto, usque ad locum istum . . . Dominus vero : dimitti, inquit, iuxta verbum tuum, &c. atqui quamquam a reatu aeternae damnationis soluti, poena temporali, eaque gravissima multati sunt : attamen, ait, (ib. v. 22, & seq.) omnes homines qui viderunt maiestatem meam, & signa quae feci in Aegypto & in solitudine, & tentaverunt me jam per decem vices, nec obediunt voci meae, non videbunt terram pro qua iuravi patribus eorum, nec quisquam ex illis qui detraxit mihi, inuebitur eam . . . dic ergo eis : vivo ego, ait Dominus, sicut locuti estis audiente me, sic faciam vobis : in solitudine hac jacebunt cadavera vestra : omnes qui numerati estis a viginti annis, & supra, & murmurastis contra me, non intrabitis terram super quam levavi manum meam, ut habitarer vos : fuerit . . . filii vestri erunt vagi in deserto, annis quadraginta, & portabunt fornicationem vestram, donec consumamur cadavera patrum in deserto, &c. Ergo &c.*

Negari pariter non potest, Moysen & Aaron veniam impetrasse peccati incredulitatis quod in Deum admisserant, cujus in libro Numer. mentio est : (Num. c. 20) atqui nihilominus in hujus criminis vindictam poena temporali damnati sunt : *dixit Dominus ad Moysen & Aaron, ait Textus Sacri ; (ib. v. 12, & seq.) quia non credidistis mihi, ut sanctificaretis me coram filiis Israel, non introducere hos populos in terram quam dico vobis . . . pergat Aaron ad populos suos, non enim intrabit terram quam dedi filiis Israel, eo quod incredulus fuerit ori meo . . . eademque Moysen sententia feriat : ascende ad montem istum : . . . ait illi Deus (Deut. 32, 49, & seq.) & morere . . . sicut mortuus est Aaron frater tuus . . . quia praevaricati estis contra me, in iudicio filiorum Israel . . . videbis terram quam ego dabo filiis Israel, & non ingredieris in eam.*

Habemus ejusdem rei palmare in Davide exemplum, cui Deus adulterii & homicidii peccata non alia conditione remisit, nisi ut poenam temporalem lucret. Cum enim increpatus a Propheta dixisset : (2 Reg. 12, 13) peccavi Domino, vicissimque audisset : *Dominus transiit peccatum tuum, non morieris : gra-*

VISSIMA

vissima nihilominus sententia plexus est. Adjunkit enim Nathan: *verumtamen quoniam blasphemare fecisti inimicos Dei propter verbum hoc, filius qui natus est tibi, morte morietur.*

Vide alterum hujus rei in eodem Rege exemplum, libro primo Paralipomenon c. 21.

Denique, ut alia multa præteream, ejusdem veritatis in universo genere humano exemplum convincentissimum est: de quo propter Originale peccatum poenæ etiamnum sumit Deus, ne iis quidem exceptis qui in Christo per baptismum renati sunt, aut in lege veteri, circumcissione expiabantur: per unum hominem, dicit Apostolus, (Rom. 5, 12) *peccatum in hunc mundum intravit, & per peccatum mors: & ita in omnes homines mors pertransiit, in quo omnes peccaverunt.*

Nec est, quod cum Calvino dicatur, divina judicio mortem omnibus esse decretam, non ut castigationem & penam, sive satisfactionem, sed ad incitamentum virtutis. Nam præterquam quod Scripturæ contraria hæc opinio est; Deus enim Adamo si peccasset, mortem, non ut virtutis probatio foret, sed in ultionem prædixerat: (Gen. 27) *quocumque die comederis ex eo, morte morieris: non adulti tantum, sed & infantes moriuntur, antequam usum rationis attigerint; atqui nequit illis esse mors exercitium ad incitamentum virtutis ut de se patet. Ergo &c.*

ARGUMENTUM SECUNDUM.

Ex Patribus.

Nec minus evidens est Doctrina Sanctorum: sic S. Joannes Chrysostomus, ne post peccata, inquit, (hom. de panit. & confes.) *efficeremur deteriores, si inulta ea relinqueret, nobis Deus supplicium non remisit: sed vidit hoc manifeste, quod peccatis ipsis damnosum sit, non paniri: propter hoc imponit penam.*

Et S. Aug. in hæc Ps. verba: ecce enim veritatem dilexisti, incerta & occulta Sapientiae tuæ manifestasti mihi: hoc est, inquit, (enarrat. in Ps. 50) *impunita peccata eorum, etiam quibus ignoscis non reliquisti. Sic prorogasti misericordiam, ut servares & veritatem.*

S. Gregorius M. nequaquam igitur, ait, (lib. 9 moral. c. 27) *peccato parcitur, quia nullatenus sine vindicta laxatur. Sic David audire post confessionem meruit: Dominus transtulit peccatum tuum; & tamen multis post cruciatibus affligit, reatum culpæ quam perpetraverat exolvit.*

Quid vero opus est, in inquirendis Patrum sententiis laborare, cum hujus veritatis in an-

tiqua Ecclesiarum fide ac disciplina ineluctabilis nullaque eludenda subtilitate probatio sit?

1. Namque dari Purgatorium locum, in quo animæ defunctorum, depositis hujus mortalitatis exuviis, debitas peccatis temporales poenas rependant, fides Ecclesiæ est, a majoribus accepta, & utriusque testamenti auctoritate innixa, quam, nisi alterius temporis questio foret, facile cujusvis generis argumentis adstrueremus; atqui non minus ad fidem pertinet, animas in Purgatorio detentas, antequam e corporibus emigrarent, justificatione donatas esse, & reatu æternæ damnationis Deo miserante solutas. Ergo ad fidem pariter pertinet, peccatum condonari a Deo, simulque resolvī æternæ damnationis reatum, manente debito poenæ temporalis. „ Si quis post acceptam justificationis gratiam, ait Trid. Concilium, „ (Sess. 6, Can. 30) *cuiuslibet peccatoris poenitentia ita culpam remittit, & reatum æternæ poenæ deleri dixerit, ut nullus remaneat reatus poenæ temporalis exsolvendæ vel in hoc sæculo, vel in futuro in Purgatorio, antequam ad regna cælorum aditus potere possit: anathema sit.* „

2. Fidelibus morti proximis absolutionem a peccatis, ipsamque Corporis & Sanguinis Christi communionem esse concedendam, etiam si post peccatum nulla laboriosa poenitentiae opera edidissent, vetus disciplina est, florentissimis ipsis Ecclesiæ temporibus observata: unde consequens erat, ut peccata iis esse remissa, & salutem æternam assertam confideret: alioquin enim nec reconciliatioem, nec participationem Corporis Christi iis concessisset; atqui iidem, si postea sanitatem recuperarent, poenas canonicas, easque gravissimas imponebant; credebatur ergo etiam remisso peccato, & peccatore in gratiam restituto, superesse poenas temporales, vel in præsentia, vel in sequenti vita luendas: atque adeo Deum peccata impunita non relinquere eorum quibus ignoscit....

OSTENDITUR SECUNDO

Satisfactio poenitentium satisfactioni Christi non derogari.

Præcellentissima in hoc capite, ut in cæteris, Concilii Trident. Doctrina est, & licet compendioso tradita, maxima sensuum & argumentorum copia affluens. „ Dum, inquit, „ (Sess. 14, c. 3) *satisfaciendo patimur pro peccatis, Christo Jesu qui pro peccatis nostris satisfecit, ex quo omnis nostra sufficientia est, conformes efficiamur, certissimam quoque inde arrham habentes quod si*

„ com-

„compatimur & conglorificabimur: neque vero ita nostra est satisfactio hæc, quam pro peccatis nostris exsolvimus, ut non sit per Christum Jesum. Nam qui ex nobis, tamquam ex nobis nihil possumus, eo cooperante qui nos confortat, omnia possumus: ita non habet homo unde gloriatur; sed omnis gloria nostra in Christo est, in quo vivimus, in quo movemur, in quo satisfacimus, facientes fructus dignos poenitentiae, qui ex illo vim habent, ab illo offeruntur Patri, & per illum acceptantur a Patre“.

Inde contra hæreticos sic disputamus:

1. Ideo per satisfactionem poenitentium satisfactio Christi detraheretur, quia bona opera quibus Deum placare satagerent, essent illorum, non Christi: atqui satisfactio omnis, quam poenitentes pro suis peccatis exsolvent, non illorum est: ut non sit præcipue per Christum Jesum, ex quo omnis eorum sufficientia est, sine quo immundi omnes essent, *quasi pannus menstruatus, universæ justitiæ eorum; (Isai. 64, 6)* a quo tamquam membra a capite, tamquam palmites a vite, virtutem omnem recipiunt; cujus denique gratia bona eorum opera semper antecedit, & conitatur, & sequitur. Ergo perperam ab heterodoxis obtenditur, per satisfactionem nostram, satisfactio Christi injuriam fieri. Res exemplo fiet illustrior: sit aliquis subditus, sive adversus fortunæ casibus, sive prodigalitate & patrimoni dilapidatione, ad extremam redactus miseriam, areque alieno undequaque onustus; in illum Princeps misericordiae conficiat oculos, tantamque in eum liberalitatem exerceat, ut & laute deinceps, uti consueverat vivere, & debita possit universa exsolvere. Numquid erit ille injuriæ principi, si creditoribus vere satisfacisse se dicat? numquid e contra non erit hæc laus & prædictio munificentiae Principis? quid vero aliud Catholica Ecclesia proficitur, quæ quidquid bonorum operum cernit a poenitentibus, ut Deo satisfaciunt adimpleri, a meritis Christi descendere, quam vere, tam humiliter recognoscit?

3. Satisfactio Christi poenitens sine dubio derogaret, si quidquam sibi arroganter trilueret, & de bonis suis operibus auderet non in Domino gloriari; atqui quem vere poenitet, quantulibet splendidissimis satisfactio operibus studeat illatam Deo injuriam compensare; non habet unde gloriatur, sed omnis gloria ejus in Christo est, in quo vivit, in quo movetur, in quo satisfacit, faciens fructus dignos poenitentiae qui ex illo vim habent, ab illo offeruntur Patri, & per illum acceptantur a Patre: quis enim, amabo, gloriandi locus ei relinquitur, qui totum quod habet accepit: qui

non est sufficiens boni aliquid a se cogitare, quasi ex se; qui non posset dicere: *Dominus Jesus, nisi gratia ejus præveniretur; qui denique sine illo nil facere potest, nedum valeat Deo facere satis? Ergo &c.*

3. Querimus a Lutheranis & Calvinistis, numquid ad Christi imaginem, redemptos ab eo & vocatos ad hæreditatem incorruptibilem homines reformari, Christi injuria sit? atqui, ajunt Patres Trid. dum satisfaciendo patimur pro peccatis, Christo Jesu qui pro peccatis nostris satisfecit, ex quo omnis nostra sufficientia est, conformes effecimur. *“Hujusmodi enim poenarum perperone, ait ejusdem Concilii Catechismus, (par. 2, tit. de poenit. n. 69) consequimur ut capitis nostri Jesu Christi, in quo passus est ipse & tentatus, similitudinem & imaginem geramus. Nihil enim tam deforme videri potest, ut a S. Bernardi, do dictum est, quatuor sub spinoso capite delicatum esse membrum. Nam teste Apostolo coheredes sumus, si tamen compatimur, & quod alio loco scripsit, si commortui sumus, & convivemus; si sustinebimus, & conignabimus....”* hæc vero adeo horribilis deformitas est, quam sub obtentu pietatis, novi (si Deo placeat) reformatores invadere impetu in Ecclesiam facio conati sunt satisfactiois & bonorum operum profligando necessitatem, solaque fide, (sive fiducia per Christum remitti peccata,) effluendo salutis negotium adimpleri. Quod quid aliud fuit, quin penitus diruere Evangelium in poenitentiae ac satisfactiois lege fundatum, corruptioni & impoententiae laxare habenas, & cali ostium claudere, quo nemo nisi qui Christi imitator fuerit, admittetur? Ergo &c.

OSTENDITUR TERTIO

Penas Temporales a Deo peccatoribus intentatas, posse per poenitentiam & bona opera redimi, quæ vere satisfactiois rationem habent.

Hoc enim Scriptura multis locis expresse declarat: *si clausero celum, inquit Deus, (Paral. 2, 7, 13) & pluvia non fluxerit, & mandavero, & præcepero locustæ ut devoret terram, & misero pestilentiam in populum meum: conversus autem populus meus, super quos invocatum est nomen meum, deprecatus me fuerit, & exquisieritis faciem meam, & egeris poenitentiam a viis suis pessimis; & ego exaudiam de celo, & propitius ero peccatis eorum, & sanabo terram eorum.*

Si poenitentiam egeris, (Jer. 18, 8) gens illa a malo suo quod locutus sum adversus eam:

nam: *agim* & ego *pœnitentiam super malo*, quod cogitavi ut facerem ei.

Itemque Jonæ prædicationis præclarissime attestatur: *cepit Jonas*, (Jon. 3, 4 & seq.) *involvere in civitate itinere unius diei*: & clamavit, & dixit: *adhuc quadraginta dies*, & Ninive subvertetur: & crediderunt viri Ninivite in Deum, & prædicaverunt jejunium, & vestiti sunt sacco a majore usque ad minorem &c. . . . & vidit Deus opera eorum, quia conversi sunt de via sua mala: & miserius est Deus super malitiam, quam locutus fuerat ut faceret eis, & non fecit.

Consentit Doctrina Patrum. "Satisfactio", inquit Tertullianus (lib. de penit. c. 8, & 9) confessione disponitur, confessione pœnitentia nascitur, pœnitentia Deus mitigatur; itaque Exomologesis prosterndi & humilificandi hominis disciplina est, conversationem injungens misericordie illicitum: de inso quoque habitu & victu inandat, sacco & cineri incubare, corpus sordibus obscurare, animum mœroribus dejicere, illa quæ peccavit, tristi tractatione mutare. . . . plerumque vero jejunii preces alere, ingemiscere, lacrymari, & magis noctes diesque ad Dominum Deum suum, Presbyteris advolvi, & caris Dei adgeniculari, omnibus Fratribus legationes deprecationis suæ injungere: hæc omnia Exomologesis, ut pœnitentiam commendat, ut de periculi timore Dominum honoret, ut in peccatore ipsa pronuntians, pro Dei indignatione fungatur, & temporali afflictione æterna supplicia, non dicam frustretur, sed expungat. . . . in quantum non peperceris tibi, in tantum tibi Deus, crede, parcat."

S. Cyprianus: (tract. de laps.) "quam magna deliquimus, tam granditer deficiamus: alto vulnere diligens & longa medicina non desit: pœnitentia crimine minor non sit. Putas ne Dominum cito posse placari, quem verbis perfidis abnuisti, cui patrimonium præponere maluisti, cujus templum sacrilega contagione violasti? putas facile eum misereri tui, quem tuum non esse dixisti? orare oportet impensius & rogare, diem lucis transigere, vigiliis noctes ac fletibus ducere, tempus omne lacrymosis lamentationibus occupare, stratos solo adherere cineri, in cilicio & sordibus volutari; post indumentum Christi perditum, nullum hic jam velle vestitum; post diaboli cibum, malle jejunium, justis operibus incumbere, quibus peccata purgantur; eleemosynis frequenter insistere, quibus animæ a morte liberantur."

S. Aug. (enarrat. in Ps. 50) "impunita, inquit, peccata eorum etiam quibus ignoscis
De Re Sacram. T. III.

"non reliquisti . . . ignoscis confitenti, ignoscis se ipsum punienti . . . (Ep. 153, alibi at 54, ad Macedonium) nihil aliud agit, quem veraciter pœnitet, nisi ut id quod nialii fecerit, impunitum esse non sinat. Eo quippe modo sibi non parcenti ille parcat, cujus altum justumque judicium nullus contempnor evadit."

S. Gregorius M. (lib. 9 moral. cap. 27) Dominus delictum sine ultione non deserit: aut enim ipse hoc homo in se pœnitens puniat, aut Deus vindicans percutit."

Inde sic argumentor, satisfactio est spontanea castigatio peccatoris, ad resarciendam injuriam Deo illatam, & pœnam peccato debitam expungendam; atqui operibus pœnitentiæ vel ultro susceptis, vel a Sacerdote impositis definitio hæc bene convenit, uti ex Scripturæ & patrum testimoniis adductis facile eruitur: unde iterum sequitur satisfactionis necessitatem ac virtutem, nefario & contra fidei Catholicæ veritatem negari. Ergo &c.

§. SECUNDUS.

Eliduntur Hæreticorum cavilli.

Obijciunt. In Sacramento baptismi, nulla pro peccatis exigitur satisfactio, ut constat ex perpetua Ecclesiæ praxi, & evidenter parvulorum exemplum demonstrat. Ergo constare pariter absque ullis satisfactionis operibus Sacramentum penitentię potest.

R. concessio ant. n. conseq. & paritatem. Discrimen utriusque a Dei voluntate peti debet, qui in baptismo plenam voluit pœnam esse remissionem, in penitentia noluit; cujus si causam requiras, non alia plausibilior dari potest, quam quia peccata post baptismum perpetrata, atrociora iis sunt quæ baptismum præcesserunt, & ideo uberioribus lacrymis, & gravioribus laboribus expianda. "Alius est, inquit Concilium Trid. (sess. 14, cap. 2), baptismi, alius penitentię fructus: per baptismum enim Christum induentes nova prorsus in illo efficiuntur creatura, plenam & integram peccatorum omnium remissionem consequentes: ad quam tamen novitatem & integritatem per Sacramentum penitentię, si ne magnis nostris fletibus & laboribus, divina id exigente justitia, pervenire nequam possumus: ut merito penitentia laboriosus quidam baptismus a Sanctis Patribus dicta fuerit . . . (ib. c. 8) sane & divinæ justitiæ ratio exigere videtur, ut aliter ab eo in gratiam recipiatur, qui ante baptismum propter ignorantiam deliquit; aliter vero qui semel a peccati & dæmonis servi-

Da

tute

tute liberati, & accepto Sp. Sancti dono, sci-
enter templum Dei violare, & Sp. Sanctum
contristare non formidaverint."

Inst. 1. prob. conseq. Valet paritas, si sen-
tentia de necessitate satisfactionis derogat me-
rito passionis & satisfactionis Christi; atqui do-
ctrina hæc revera meritum passionis Christi
obscurat ac minuit: quid enim nobis Salvator
contulit passione & morte sua, inquit Calvi-
nus, si adhuc pro peccatis pœna exigitur? cur
vero in Scripturis dicitur omnia peccata nostra
portasse, & lēvisse nos a peccatis in sangui-
ne suo, si non omnem pœnam implevit, quæ
peccatis hominum debebatur? Ergo &c.

R. concessa maj. n. min. Hæc enim satisfac-
tio merito passionis Christi nil derogat, quæ
quidquid virtutis habet, a Passione Christi habet;
atqui quidquid efficaciz habent satisfacto-
ria opera, quæ a pœnitentibus exiguntur, to-
tum a Passione & morte Christi tamquam a
fonte derivant, ut ex Concilio Trid. prædixi-
mus: nec urget quod Calvinus velut perempto-
rium inflatis buccis opponit: quid nobis Chri-
stus contulit morte sua, si adhuc pro peccatis
pœna exigitur? contulit enim quod conferre ma-
ximum ac pretiosissimum poterat, liberationem
ab æterna pœna, & restitutionem in spem bea-
te immortalitatis. Contulit gratias omnes, quas
de plenitudine ejus accepimus: totum denique
præstitit, quod bonum, quod sanctum in ho-
mine est. Christus enim ejus tamquam caput
in membra, & vitis in palmites, vitam, gra-
tiam, omnemque pietatis motum, in eos qui
sibi caritate conjuncti sunt, indesinenter effun-
dit: unde omnis nostra satisfactio vihi habet
& efficaciam ex merito Christi, per illam no-
bis applicato: licet enim sufficientissima se i-
psa fuerit ejus satisfactio: nobis tamen per sa-
tisfactiones proprias applicari debet: nec pos-
sunt huic doctrinæ repugnare hæretici, nisi si-
bi ipsis contrarii sint; cum doceant merita
Christi per fidem applicari credentibus, nec
ideo tamen existentem fide nostra aliquid de
merito Passionis ejus imminui.

Inst. 2. Atqui ita Christus pro peccatis o-
mnium satisfecit, nullum ut reliquerit homini-
bus debitum satisfaciendi. Ergo &c. probat subs.
Nemo tenetur ad impossibile; atqui impos-
sibile est, ut homo Deo satisfaciatur pro pec-
catis. Ergo &c.

R. nego subs. ad probat. concessa maj. dist.
min. impossibile est, ut homo Deo satisfaciatur
pro peccatis, ad æqualitatem quantitatis, conc.
ad æqualitatem proportionis, n. min. & conse-
qui.

R. Verbis S. Thomæ. Dicendum, inquit,
(suppl. qu. 13, art. 1, in c.) quod homo Deo
duplīter debitor efficitur: uno modo ratione

beneficii accepti, alio modo ratione peccati com-
missi: & sicut gratiarum actio vel latitudo...
respicit debitum accepti beneficii; ita satisfactio
respicit debitum peccati commissi: in his au-
tem honoribus qui sunt ad Deum, impossibile
est, æquivalent reddere secundum quantitatem;
sed sufficit ut homo reddat quod potest: quia
amicitia non exigit æqualitatem, sed quod pos-
sibile est: & hoc etiam est æquale aliquid,
scilicet secundum proportionalitatem... si-
militer est ex parte satisfactionis. Unde non po-
test homo Deo satisfacere, si ly satis, æquali-
tatem quantitatis importet: secus vero, si im-
portet æqualitatem proportionis: & hoc sicut
sufficit ad rationem justitiæ: ita sufficit ad ra-
tionem satisfactionis. Hæcenus S. Thomas: hinc
merito Concilium Trid. si quis dixerit, inquit,
(sess. 14, can. 13) pro peccatis quoad pœnam
temporalem minime Deo per Christi merita sa-
tisferi pœnis ab eo inflatis, & patienter tole-
ratis, vel a sacerdote injunctis, sed neque spon-
te susceptis, ut jejuniis, orationibus, eleemo-
synis, vel aliis etiam pietatis operibus; atque
adeo veram pœnitentiam esse tantum novam
vitam: anathema sit.

Inst. 3. Atqui ne ad proportionem quidem
potest Deo ab homine satisfieri. Ergo &c.

Prob. subs. Tribus modis.

1. Offensa Dei, respectu objecti infinita est;
atqui homo finitus est; & opus ejus finitum:
atque adeo adæquare offensam non potest. Er-
go &c.

2. Nihil potest homo offerre Deo, quod ei
non debeat saltem titulo creationis & conser-
vationis; atqui satisfactio debet fieri operibus
alias indebitis. Ergo &c.

3. Ita homo proclivis est ad peccandum, ut
bona ipsa quæ facit opera, ipsamque quam co-
natur exhibere satisfactionem, novis continuo
peccatis inficiat; atqui non satisfacit, qui pec-
cat. Ergo &c.

R. nego subs. & argumenta contraria resol-
vo sigillatim.

Ad 1. juxta S. Thomæ Doctrinam modo ex-
positam dist. min. Opus hominis quippe finitum
offensam adæquare non potest, secundum quan-
tatem, conc. secundum proportionem, n. vel
aliter cum Præceptore Angelico dist. eandem
min. opus hominis est finitum, ratione sui, conc.
quatenus gratia informat & animatur, n. mi-
nu. & conseq. "Dicendum, inquit, (suppl.
qu. 13, art. 1, ad 1) quod sicut offensa ha-
bit quendam infinitatem divinæ majestatis;
ita etiam satisfactio accipit quendam in-
finitatem ex infinitate divinæ misericordiz,"
prout est gratia informata, per quam acce-
ptum redditur quod homo reddere potest".
Ad secundum, dist. maj. Nihil potest homo
offer-

offerre Deo, quod ei non debeat saltem titulo creationis; aliunde vero Deus pro summa sua erga homines bonitate, non omnia exigit, secundum leges a se prescriptas, conc. secus, n. maj. & ad eundem sensum concessa min. n. conseq.

E. R. Quamquam Deus titulo creationis, totum hominem, & quidquid ab eo fieri valet, possit summo jure requirere; pro innata tamen misericordia & bonitate non omnia exigit: quapropter potest homo quædam facere alias indubitata, præsertim si de pœnis voluntario susceptis agatur: unde consequens est, quod hujusmodi operibus possit satisfacere. Dicendum, inquit S. Thomas, (ib. ad 3) quod ratio illa concludit, quod Deo æquivalens satisfactio fieri non possit, non autem quod non possit ei sufficiens fieri. Quamvis enim totum suum posse homo debeat Deo; non tamen ab eo exigitur de necessitate salutis, ut totum quod possit, faciat, quia hoc est ei impossibile secundum statum præsentis vite, ut totum posse suum in aliquod unum expendat; cum oporteat eum circa multa esse sollicitum; sed est quædam mensura homini adhibita, quæ ab eo requiritur, scilicet impletio mandatorum Dei, & super ea potest aliquid erogare ut satisfaciatur.

R. 2. nego absolute maj. quia infirmitate ne quis moveatur, spectandum quid Deo homo debeat titulo creationis ac conservationis: debet nimirum canticum laudis, debet gratiarum actionis sacrificium; debet holocaustum sui ipsius, quo quidquid accepit, munificentissimo benefactori rependat: debet humilitationis hostiam, & abjectionis, se in conspectu majestatis supremæ tamquam nihilum esse, quam humiliter, tam vere agnoscens: uno verbo, debet se totum, quia totum quod habet accepit; sed numquid ideo quia creatus a Deo est, & conservatur, debet illi lacrymas, lamenta, suspiria, detestationem peccati nonnumquam admissi, castigationem carnis nondum rebellis, jejunia, aliæque id genus ad scelus expiationem suscepta? numquid Adamus innocens dicere poterat cum Davide: (Ps. 37, 7, & seq.) miser factus sum, & curvatus sum usque in finem: tota die contristatus ingrediebar: quoniam lumbi mei impleti sunt illusionibus, & non est sanitas in carne mea? afflictus sum, & humiliatus sum: rugiebam a gemitu cordis mei?... gemitus meus a te non est absconditus?... (Ps. 101, 10) cinerem tanquam panem manducabam, & potum meum cum fletu miscabam?... (Ps. 50, 1, & seq.) miserere mihi Deus secundum magnam misericordiam tuam?... asperges me hyssopo, & mundabor &c.... sacrificium Deo spiritus contribulatus, &c. quæ passim in Psalmis leguntur? num-

quid enim vero beatum innocentiam statum talia decuiscent? non ergo titulo creationis Adamus ista debebat: & tamen se totum, etsi non totaliter nec omnibus modis debebat. Cum ergo peccando homo, novo se debito obligaverit, injuriam Deo illatam resarciendi, eo sensu negamus nihil posse a pœnitente Deo offerri, quod titulo creationis ac conservationis non debeat.

Ad 3. 2. nego ant. acceptum quia late patet, & sensu hæreticorum volentium hominem quantumlibet justum, omni opere suo necessario peccare; quod intolerabile paradoxum Patres Trid. sic feriunt: (Sess. 6, cap. 11, ad fin.) "constat eos orthodoxæ Religionis doctrinæ adversari, qui dicunt, justum in omni bono opere saltem venialiter peccare, aut, quod intolerabilis est, pœnas æternas mereri... (ib. Can. 25) si quis in quolibet bono opere justum, saltem venialiter peccare dixerit, aut, quod intolerabilis est, mortaliter, atque ideo pœnas æternas mereri; tantumque ob id non damnari, quia Deus ea opera non imputat ad damnationem: ana- thema sit".

2. Dato ant. secundum distributionem accommodam, idest, pro eo quod sæpe fit, intellecto, n. conseq. Quotidianis enim & venialibus peccatis, a quibus in vita præsentis, immunis homo esse non potest, remedia quotidiana præscripta sunt, per quæ satisfacere valeat: qui misericordia Dei adjuvus & gratia, inquit S. Aug. (Ep. 89) se ab eis peccatis abstinerit, quæ etiam crimina vocantur; atque illa peccata sine quibus hic non vivitur, mandare operibus misericordie & piis orationibus non neglexerit; merebitur hinc exire sine peccato, quamvis cum viveret, habuerit nonnulla peccata: quia sicut ista non defuerunt, ita etiam remedia quibus purgarentur, adfuerunt.

Inst. ultimo. Doctrina de satisfactione, Scripturæ Sacræ repugnaret; ubi Deus sic loquitur: (Ezech. 33, 12) impietas impij non nocet ei, in quacumque die conversus fuerit ab impietate sua... & alibi: (Rom. 8, 1) nihil ergo nunc damnationis est iis, qui sunt in Christo Jesu, qui non secundum carnem ambulat; atque, inquit, si peccatum pœna temporali plendum foret, noceret peccatori ad Deum converso præterita impietas sua, & aliquid iis qui sunt in Christo Jesu foret damnationis. Ergo &c.

R. nego maj. ad probat. admitto auctoritates, & n. min. inde assumptam: perversum hæreticorum judicium quis non steupeat, pœnas temporales, levesque ad diluenda gravissima satisfactiones, pro detrimento ac damnatione habentium? cum e contra nullum possit majus esse emolumentum, quam faciendo fructus

dignos penitentiae, fugere a ventura ira? "mortificatione praesenti, ait S. Cæsarius (*hom. 1*) futurae mortis sententia praevenerit, & dum culpae auctor humiliatur, culpa cohsuatur; dumque exterior afflictio voluntarie restrictionis inferitur, tremendi iudicii offensa sedatur, & ingentia debita labor solvit exiguis, quae vix consumpturus erat ardor aeternus... nec quidquam contrarium habet testimonium Ezechielis. "His namque verbis summa Dei misericordia commendatur, hominem vere penitentem ab aeterno supplicio liberantis, & in aeternae beatitudinis, unde peccando exciderat, spem restituentis: id quod verba ejus sequentia aperte declarant: (*Ezech. 33, 14, & seqq.*) "Si dixerio impius: morte morietis: & egerit poenitentiam a peccato suo, feceritque iudicium & justitiam... in mandatis vitae ambulaverit, nec fecerit quidquam injustum, vita vivet, & non morietur: omnia peccata ejus quae peccavit, non imputabuntur ei: si iudicium & justitiam fecerit, vita vivet." Idemque Apostoli sensus est: loquitur enim de aeternae damnationis reatu, quem nullum in eis esse fatemur, qui peccata quantumlibet gravia, salutari poenitentia expiaverint.

§. TERTIUS.

Explicantur variae quaestiones.

Q. 1. Utrum satisfactio in re suscepta, & executioni mandata ad essentiam Sacramenti pertineat?

R. Negative: illud enim non est Sacramentum essentialis, quod praesupponit Sacramentum quantum ad essentiam perfectum: atqui satisfactio in re suscepta, supponit ante se Sacramentum quantum ad essentiam absolutum: supponit enim ante se gratiae Sacramentalis productionem, quae infundi non posset, nisi constaret Sacramentum partibus suis essentialibus: quamquam igitur votum Deo satisfaciendi, cum ad poenitentiae virtutem pertineat; & intime sit contritioni conjunctum, hac ratione in essentia Sacramenti contineatur; non idem tamen dicendum de satisfactione, quatenus executioni mandatur, & hic & nunc adimpletur.

Deinde si satisfactio in re esset pars Sacramenti essentialis, consequens esset hominem morti proximum, omnique sensuum usu carentem, non esse Sacramenti suscipiendi capacem: quod repugnat communi Ecclesiae praxi.

Præterea. Sacramentum poenitentiae habet aliquam cum iudicio forensi proportionem: idem ergo utriusque, saltem in hac parte, debet esse iudicium; atqui ad essentiam forensis iudi-

cii, executio latis contra nascentem decreti non pertinet, sed ad integritatem duntaxat, & veluti complementum extrinsecum: quid enim? Si antequam capite ilesi potuerit, naturali morte abripiatur, aut clementia principis absolvatur: nonquid consequens erit, vero iudicio non esse damnatum? ergo a pari &c.

Q. 2. Utrum satisfactio stare possit cum actu vel affectu peccati mortalis?

R. Negative: Satisfactio enim actio est, per quam retribuimus Deo compensationem aliquam pro peccatis; Sive est, *voluntaria poenitentia a sacerdote imposita permissio, ad compensandam injuriam Deo illatam ipsumque placandum, cum firmo proposito de cetero non peccandi*: atqui homo peccans mortaliter, vel intus gerens peccati affectum, propositum Dei placandi, & in posterum non peccandi non habet: ergo &c.

Deinde, satisfactio est propria virtutis poenitentiae actio, ut alibi diximus: sed qui vel actu mortaliter peccat, vel habet praedominantem peccati mortalis affectum, virtutem poenitentiae profectio non habet: quomodo enim poenitentem se esse iactaret, qui nec vitam veterem odit, nec novam amplectitur? quomodo plangit antea mala, qui ea ipsa quae deflenda forent committit? ergo &c.

Obiectio.

Dices: Homo homini pro illata injuria satisfacit, modo poenam subeat lege constitutam, tametsi aliunde in inimicitia & offendendi animo perseveret: ergo a pari Deo poterit satisfacere, cum actu vel affectu peccati mortalis.

R. Nego consequ. & paritatem: discrimen est, quia homo ab homine laesus tenetur acceptare opus externum, quod solum lege humana praescribitur: longe vero aliud Dei iudicium est, qui scrutator cordium est, nec exterius solum, sed multo magis internum cordis officium postulat: quemadmodum igitur satisfactio civilis humana lege decreta, non censetur virtutis opus, nisi procedat ab amore justitiae, & studio proximum placandi, quanto minus Deo satisfacit, qui vel actu mortaliter peccat, vel intus in corde gerit peccati mortalis affectum?

Dices iterum: ille satisfacit, qui solvit totum quod debet: sed totam quam debet poenam temporalem solvere homo potest, in peccato, aut affectu peccati mortalis existens: quis enim negaverit ab hujusmodi homine fieri posse opus penale, ex natura sua bonum, sibi a Sacerdote impositum, & voluntario acceptatum? ergo &c.

R. Dist. maj. ille satisfacit, qui solvit totum quod

quod debet, *Et modo quo debet*, conc. Secus, n. maj. dist. pariter min. homo in peccato mortali existens, potest solvere totam poenam temporalem quam debet, potest, inquam, quantum ad rem debitam, transeat, quantum ad modum solvendi, n. min. & conseq.

E. R. Ut vere homo Deo satisfaciatur, non satis est opera pœnalis, de se bona, elicere, sed omnino requiritur, ut ea faciat studio placandi Deum, & ejus amicitie recuperandæ: ab hoc vero sine immensum exorbitat, qui in mortali peccati actu vel affectu hæret, ut de se patet: hucque Apostolica sententia pertinet: (1 Cor. 13, 3) *Si tradidero corpus meum, ita ut ardeam; caritatem autem non habuero, nihil mihi prodest*: quapropter falso supponitur, eo ipso opus aliquod satisfactorium esse, quod pœnale est, & specie bonum: non enim satis est, quod sit bonum; sed præterea requiritur, ut a bono fiat, id est ab homine vultu placare Deum, & de peccato cujus poenam luit vere dolente: qualis sane non est, qui actu peccat, vel peccati affectu tenetur.

Dixi ad maiorem: quantum ad rem debitam, transeat: hoc enim absolute est falsum: nam quomodo totam poenam solvit, quam debet, qui præcipuum ejus partem furto sacrilego subtrahit? porro poenæ Deo exsolvendæ potissima pars in cordis scissione ac contritione consistit: quo sensu a Propheta dictum (Joel. 2, 13) *Et seq.* *convertimini ad me in toto corde vestro, in jejuniis, Et fletu, Et planctu: Et scindite corda vestra, Et non vestimenta vestra* &c. quid enim vero prodest, a cibis corporalibus jejunare, nisi mens a culpa jejundet? quid juvat stratum rigare lacrymis, si Deus justus ridetur? vestimentum, id est corpus, lacerare quid proficit, si cor integrum ad cultum & ornatum diaboli custoditur? non ista sane satisfactionis adimpletio, sed subversio est.

Dices 3. Si sic cum penitentibus agitur: heu! quam pauci erant de quorum satisfactione audeat Ecclesia gloriari? quantuli enim, & quam brevi numero sunt, qui impositas poenitentias contritione & vera cordis mutatione comite implent? quantos et contra reperias, quibus via dum e sacro Tribunali dimissis, contingit illud veri proverbii (2 Petr. 2, 22) *canis reversus ad suum vomitum: Et sus lora in volutabro luti*; qui quæ interm, dum novæ confessioni magnam segetem præparant, de satisfactione præteritorum, quotidianis preculis, modicis elemosynis, aut aliis id genus operibus sibi temerario blandiuntur?

R. Hoc heu! nimium verum esse, longeque ante prædictum a S. Ambrosio: *facilius, inquit, (lib. 2 de penit. cap. 10) (attende*

lector, & stupe) inveniri qui innocentiam servaverint, quam qui congruam agerint penitentiam: an quisquam illam penitentiam putat, ubi acquirenda ambitio dignitatis, ubi vini effusio, ubi ipsius copule conjugalis usus? Renuntiandum sæculo est, somno ipsi minus indulgendum quam natura postulat, interpellandus est gemitibus, interrumpendus suspiriis, sequesrandus orationibus: vivendum ista ut vitali huic moriamur uni: se ipsum homo abneget, Et totus immutetur.

Dices ultimo. Si peccati mortalis actus vel affectus, omne meritum satisfactionis evacuat, nemini unquam certo constabit, se vere pro peccatis satisfacisse: nescit enim homo, inquit Sapiens, (Eccl. 9, 1) *utrum amore an odio dignus sit*. Magnum porro hoc inconveniens foret; sequeretur enim penitentes innumeris anxietatibus futuros obnoxios. Ergo &c.

R. Cum S. Thoma, concessa maj. neg. min. Dicendum, inquit, (Suppl. q. 14, art. 2, ad 2) quod sicut homo nescit pro certo, utrum caritatem habuerit, vel habeat in satisfaciendo; ita etiam nescit pro certo, utrum plene satisfecerit. Et ideo dicitur Ecclesiastici, v. 5, *de propitiato peccato noli esse sine metu*. Nec tamen exigitur quod propter hunc metum homo satisfactionem expletam iteret, si conscientiam peccati mortalis non habeat: quamvis enim penam non expiet per hujusmodi satisfactionem; tamen non incurrit reatum omissionis ex satisfactione neglecta; sicut nec ille, qui accedit ad Eucharistiam, sine conscientia peccati mortalis cui subjacet, reatum indigne sumptionis incurrit... ita S. D. unde sequitur,

1. Nullum conscientie cruciatibus locum relinqui, ubi penitens divino jurante auxilio, quantum in se fuit, absque ullo peccati mortalis actu vel affectu satisfactionem implevit.

2. Tunc solum ad iterandam satisfactionem teneri, quando conscius sibi est, se affectu aliquo, vel actu peccati mortalis satisfactionis opera corrupisse.

Q. 3. Utrum possit penitens pro uno peccato satisfacere, alio retento?

R. Negative. Idem namque de satisfactione ac de poenitentia debet esse judicium; atque impossibile est veram de uno peccato, retentis aliis, poenitentiam esse. Idem ergo de satisfactione dicendum, cujus propositum ad poenitentiam necessario pertinet. Præterea, cum per satisfactionem, ait Præceptor Angelicus, (Suppl. q. 14, art. 1, in Corp.) tolli debeat offensæ præcedens, oportet quod talis sit modus satisfactionis, qui competat

„ ad

ad tollendam offensam: offensæ autem ablatio, est amicitie restitutio: & ideo si aliquid sit, quod amicitie restitutionem impediatur, etiam apud homines satisfactio esse non potest. Cum ergo quodlibet peccatum amicitiam caritatis impediatur, quæ est hominis ad Deum; impossibile est, ut homo de uno peccato satisfaciatur, alio retento; sicut nec homini satisfaceret; qui pro alapa ei data se ei prosterneret, & aliam similem daret.

Nec desunt testimonia Scripturarum: dona iniquorum, inquit Spiritus S., (Eccli. 34, 23) non probat altissimus, nec respicit in oblatione iniquorum: nec in multitudine sacrificiorum, eorum propitiabitur peccatis... (ibid. v. 31) homo qui jejunat in peccatis suis, & iterum eadem faciens, quid proficit humiliando se? orationem illius quis exaudiet?

Et in Isaia: (Isaie 58, 3) quare jejunavimus, & non aspexisti? inquit Israelitæ, humiliavimus animas nostras, & nescisti? ecce (respondet Deus) in die jejunii vestri invenitur voluntas vestra: ad malum scilicet perpetrandum parata, aut in aliquo peccato complacens sibi.

Accedit SS. Patrum auctoritas. Plurimum instat sit S. Gregorius M. Pontifex Max. pœnitere, inquit, (hom. 34 in Evang.) est antea peccata flere, & flenda non committere. Nam qui sic alia deplorat, ut alia tamen committat, pœnitentiam agere adhuc ignorat, aut dissimulat. Quid enim prodest, si peccata luxurie quis delectat, & adhuc avaritie artibus anhelet?

Quæritur 4. Utrum affectu peccati depositi, possit cum ejusdem reatu satisfactio conciliari?

R. Affirmative. Nam

1. Secundum veterem Ecclesiæ disciplinam, satisfactio absolutiõni præmittebatur, & potest etiam num saltem ex parte a pœnitente præexigi; atqui usum hanc probasset Ecclesia, si inutilis judicasset satisfactiõnes impositas pœnitentibus, nondum reatu peccati solutis: ei namque bene erat persuasum, ante Sacramentalem absolutiõnem peccatum ordinarie non remitti. Ergo &c.

2. Ideo opera satisfactoria extra caritatem vel sine caritate facta, nullius virtutis sunt ad Deum placandum, & ad remissionem pœnæ peccato debite obtinendam, quia quamdiu homo in affectu peccati manet, Deo grata esse non possunt. Ergo e contrario cum penitus affectum peccati deposuit, & ad Deum motu caritatis, pravis cupiditatibus dominantis, conversus est, opera ejus Deo accepta sunt & probata: proindeque divinam bonitatem maxi-

me decet, ut eorum intuitu pœnam temporalem peccato debitam vel minuatur, vel plene condonet, statim atque peccator justificatiõis gratiam fuerit consecutus.

Objeccio.

Dices. Sententia hæc pugnare videtur,

1. Cum Scripturæ testimoniis, quibus caritatis necessitas ad merendum adstruitur: qualia sunt: universa delicta operis caritas... caritas operis multitudinem peccatorum... si distribuero in cibos pauperum omnes facultates meas, caritatem autem non habuero, nihil mihi prodest, &c.

2. Cum S. Thoma: oportet, inquit... (Suppl. q. 14, art. 2, in c.) quod opera satisfactoria sint Deo accepta, quod dat eis caritas: ideo sine caritate opera facta non sunt satisfactoria.

3. Cum Catechismo Concilii Trid. sic loquente: (part. 2, tit. de pœnit. n. 10) duo precipue in satisfactiõne requiruntur. Primum est, ut is qui satisfacti, justus sit ac Dei amicus: opera enim quæ sine fide ac caritate fiunt, nullo modo Deo grata esse possunt. Ergo &c.

R. Nego antecedens per omnes partes: hæc enim Scripturæ, S. Thomæ, & Concilii Trid. testimonia, non debent intelligi de sola caritate habituali, quæ diffusa est in cordibus nostris per Sp. Sanctum qui datus est nobis; sed etiam de caritate actuali prædominante, quæ Deus super omnia appetitiue amat, & creato cuilibet bono præponitur, quam sane habent, qui peccati actum & affectum per veram attritiõnem deposuerunt, ut constet ex dictis quæstione quarta: alioquin enim vere ab Apostolo non diceretur: nihil mihi prodest: cum pœnitentiam orationes, gemitus, jejunia, elemosynæ, plurimum eis prosint, etiamsi nondum sint justificati; prosint, inquam, ut congruæ dispositiones, ad justificatiõis gratiam consequendam. Favent huic sententiæ SS. Patres, qui dispositionibus justificatiõnem præcedentibus trituunt aliquam rationem meriti, non humani quidem, sed donati a Deo.

Sic S. Aug. (Ep. 105) „nec ipsa remissio peccatorum, inquit, sine aliquo merito est, si fides hanc impetrat; neque enim nullum est meritum fidei; quæ fide publicanus dicebat: Deus propitius esto mihi peccatori, & descendit justificatus.“

Similiter S. Cyprianus: (in tract. de lapsis ad finem) „qui sic Deo satisfecerit, inquit, qui pœnitentia facti sui, qui pudore delicti, plus ac virtutis & fidei de lapsus sui

„do-

„ dolore consepert: exauditus & adjutus a
„ Domino, quam contristaverat nuper, lætam
„ faciet Ecclesiam, nec solam Dei veniam
„ merebitur, sed coronam. “

Et S. Ambrosius: (*lib. 1 in Luc.*) „ lacry-
„ mæ, ait, veniam non postulant, sed in-
„ rentur. . . & tu si veniam vis mereri, di-
„ lue culpam lacrymis tuam. . . quorum
„ similia habet *lib. 2 de poenitentia cap. 3*,
„ ubi de filio Prodigio: „ tam cito, inquit, ve-
„ niam meretur, ut venienti & adhuc longe
„ posito occurrat Pater, & osculum tribuat,
„ quod insigne est sacræ pacis. “

Qu. 5. Utrum unus possit pro altero satis-
facere?

R. Spectari posse satisfactionem, vel ut me-
dicinam ad morbos animi curandos conducibilem,
vel ut debiti solutionem.

Si priori modo sumatur, assermanter dico
non unum pro altero satisfacere: quemadmo-
dum enim corporaliter ægrotanti non prodest
potio sumpta ab altero; ita nec satisfactio uni-
us juvare alium potest, ut sit ei remedium
contra peccatum: quia jejuniio unius caro alteri
non domatur, nec bonis unius acibus
potest alter bene agendi consuetudinem com-
parare.

Si vero spectetur, quatenus debiti peccato
contracti solutio est, dico unum posse pro altero
satisfacere. Nam

1. In Fidei symbolo profiteamur Sanctorum
communione; atqui hoc dogma ita Ecclesia
semper intellexit; ut crediderit bona justorum
opera iis prodesse etiam titulo satisfactionis,
pro quibus offeruntur. Ergo &c.

2. Id ipsum antiquissima Catholicæ Eccle-
siæ consuetudo evincit. Preces enim a Socie-
tate Sanctorum factas, ipsis peccatoribus ad-
scriptas semper voluit, & credidit satisfactio-
nem ab illis exhibendam esse supplementum.
Sic sæculo tertio tanti faciebant Ecclesiarum
Præsides libellos commendatitios martyrum,
ut in gratiam lapsorum a quibus & pro quibus
deferrebantur, multum de pœnarum cano-
nicarum severitate remitterent: (qua de re
infra dicitur:) similiter ad penas hujusmodi
relaxandas, plurimum semper valuit, & valet
etiamnum intercessio Ecclesiæ apud Deum
pro peccatoribus interposita: hinc S. Ambro-
sius: *etsi*, inquit, (*lib. 5 in Luc.*) *grave pec-*
catum est, quod poenitentis tuæ lacrymis ipse
lavare non possis; fletus pro te mater Eccle-
sia, quæ pro singulis, tamquam pro unicis fi-
liis vidua mater intervenit. Compatitur enim
quodam spiritali dolore, cum suos liberos le-
thalibus viriis ad mortem trinit urgeri.

Doctrinam hanc Concilii Trid. Catechismus
sic explicat: (*par. 2, tit. de poenit. n. 106*) &

seq.) „ in eo vero summa Dei bonitas, in-
„ quit, & clementia maximis laudibus & gra-
„ tiarum actionibus prædicanda est; qui hu-
„ manæ imbecillitati hoc condonavit, ut unus
„ posset pro altero satisfacere: quod quidem
„ hujus partis poenitentiae maxime proprium
„ est: ut enim, quod ad contritionem & con-
„ fessionem attinet, nemo pro altero dolere
„ aut confiteri potest: ita qui divina gratia
„ præditi sunt, alterius nomine possunt, quod
„ Deo debetur, persolvere: quare fit, quod
„ ut quodam pacto alter alterius onera portare
„ videatur. Nec vero de hoc cuiquam fide-
„ lium dubitandi locus relictus est, qui in A-
„ postolorum symbolo, Sanctorum communio-
„ nem confitemur. Nam cum omnes eodem
„ baptismo abluti Christo renascamur, eo-
„ rumdem Sacramentorum participes simus,
„ in primis vero ejusdem Corporis & Sangui-
„ nis Christi Domini cibo & potu recreamur;
„ hoc apertissime demonstrat, nos omnes es-
„ se ejusdem Corporis membra: quemadmo-
„ dum igitur neque pes suæ tantum, sed et-
„ iam oculorum utilitatis causa, munere suo
„ fungitur; æque rursus, quod oculi videant,
„ ad illorum propriam, sed ad communem
„ omnium membrorum utilitatem referendum
„ est: ita communia inter pos satisfactionis
„ officia existimari debent: neque tamen id
„ sine ulla exceptione verum est, si com-
„ moda omnia, quæ ex ea capiuntur, spe-
„ ctemus. Nam satisfactionis opera, me-
„ dicinæ etiam & curationes quædam sunt,
„ quæ poenitenti ad sanandos pravos animi
„ affectus præscribuntur: quo quidem utilitatis
„ fructu, eos qui per se non satisfaciunt,
„ prorsus carere perspicuum est. “

Objeſſio.

Si ita se res habeat, dicet aliquis, pote-
rit ergo poenitens onus satisfactionis transfer-
re in alterum: atque ita de impunitate secu-
tus esse.

R. nego conseq. Non enim ad fovendam in-
nertiam, sed ad impotentiam sublevandam, De-
us unius pro altero satisfactionem acceptat: nec
in eo posita est Sanctorum communio, ut me-
rita justorum impenitentibus ac desidiosis at-
tribuantur; sed iis solum qui totum quod est
in se præstant, & placere Deum totis viribus
satagunt. Si negligentes fuerimus ac desides,
inquit S. Joannes Chrysost. (*Hom. 5 in Matt.*)
nec per aliorum quidem possumus merita sal-
vari. Si vero mente vigilemus, etiam per
nosmetipsos istud volumus efficere, & mu-
ltis magis nostro quam alieno esse tui suffragio:
nam & Deus gratiam nobis potius, quam ali-
is ro-

is rogationibus pro nobis vult donare: ut hoc ipso quo iram in nos ejus placare cupimus, ad studia meliora migremus, & fiduciam bonæ conscientie colligamus. Sic enim Chananeam illam aliquando miseratus est; sic meretrici donavit salutem; sic latronem ex cruce in Paradisum transtulit, nullius parvoni, nullius precibus mediatoris inflexus: & hæc dicimus, non ut supplicandum esse sanctis negemus, sed ne nosmetipsos in orium ac desidium resolvamus, & dormientes ipsi aliis tantummodo nostram curanda mandemus: nam cum dimisisset facite vobis amicos: (Luc. 16, 9) non hic steterit, sed adiecit: ex iniquo mammona, ut scilicet tuum id esset ac proprium: nihil quippe hic aliud quam misericordie opera designavit.

Altera hujus rei ratio est, quia opera penitentiae non ad satisfactionem tantum, sed & ad remedium penitentibus imponuntur: porro remedium ab eo qui ægrotat sumendum est; quod ni fecerit, signum est, vel sibi placere morbum, vel minus quam remedium displicere. Non exigitur quantum ad solutionem debiti, ait S. Thomas, (suppl. q. 13, art. 2) quod ille pro quo fit satisfactio, sit impotens ad satisfaciendum, quia etiam si esset potens, alio satisfaciente pro ipso, ipse a debito immunis esset; sed hoc requiritur in quantum pœna satisfactoria est in remedium: unde non est permittendum, quod aliquis pro alio penitentiam agat, nisi defectus aliquis appareat in penitente, vel corporalis per quem sit impotens ad sustinendum, vel spiritualis per quem non sit promptus ad portandam pœnam.

Indeque patet, inter plures alias laxiorum casuistarum propositiones hanc numero decimanquintam, summo jure ab Alexandro VII. Pontifice Max. ut minimum tanquam scandalosam, & in praxi perniciosam, esse damnatam: (anno 1665, die 14 Sept.) penitens propria auctoritate potest sibi substituere alium, qui loco ipsius penitentiam adimpleat.

Q. 6. Utrum iis solum operibus Deo satisfiat, quæ a Sacerdotibus imponuntur?

R. negative. Nam & flagella a Deo inflata, & pœnæ voluntarie assumptæ satisfaciendi vim habent: docet præterea S. Synodus, ajunt Patres Trid. (Sess. 14, cap. 9) tantam esse divine munificentie largitatem, ut non solum pœnis sponte a nobis pro vindicando peccato susceptis, aut Sacerdotis arbitrio pro mensura delicti impositis, sed etiam, quod maximum amoris argumentum est, temporalibus flagellis a Deo inflatis, & a nobis patienter toleratis, apud Deum Patrem per Christum Jesum satisfacere valeamus.

Notandum tamen, pœnas quæ a Sacerdotibus Christi vicariis, virtute clavium decernuntur,

plus aliquid habere virtutis, quam quæ a penitentibus spontanee assumuntur. Opus quod quisque facit ex injunctioe Sacerdotis, ait S. Thomas, (lib. 3, qu. 13, art. 1) dupliciter valet penitenti: uno modo ex natura operis: alio modo ex vi clavium. Cum enim satisfactio a Sacerdote absolvente injuncta, sit pars penitentiae, manifestum est quod in ea operatur vis clavium: ita quod amplius valet ad expiandum peccatum, quam si proprio arbitrio homo faceret idem opus.

Q. 7. Quid utilitatis satisfactio habeat?

R. Multum per omnem modum habere.

1. Enim Dei ira satisfactione placatur, & flagella imminenti propelluntur:

2. Homo a peccandi consuetudine, penitentiae labore corrigitur, & in posterum cautior ac vigilantior fit:

3. Sanatus peccatorum reliquiæ, & contrariis virtutum actibus vitiosus habitus peccandi contradi tolluntur.

4. Imago Christi per peccatum deleta, in vere penitentibus reformatur.

5. In universam Ecclesiam redundat utilitas satisfactionis; nam & fidelibus exemplum sanclimonie præbet, & scandalum reparat ex Dei offensa obortum, & piissimæ Matris gaudium inexplicabile excitat, quæ tum vere cum Patre familias dicit: (Luc. 15, 23, & seq.) adducite vitulum saginatum, & occidite, & manducemus, & epulemur: quis hic filius meus mortuus erat, & revixit: perierat, & inventus est.

Divinam clementiam docet, ait Concilium Trid. (Sess. 14, c. 8) ne ita nobis absque ulla satisfactione peccata dimittantur, ut occasione accepta peccata leviora putantes, veluti injurii & contumeliosi Sp. Sancto, in graviora labamur, thesaurizantes nobis iram in die iræ. Procul dubio enim magnopere a peccato revocant, & quasi freno quodam coercent hæc satisfactoriæ pœnæ, cavioresque & vigilantiores in futurum penitentes efficiunt: medentur quoque peccatorum reliquiis, & vitiosus habitus male vivendo comparatos, contrariis virtutum actionibus tollunt: neque vero securior ulla via in Ecclesia Dei unquam existimata fuit, ad amovendam imminentem a Domino pœnam, quam ut hæc penitentiae opera homines cum vero animi dolore frequentent: accedit ad hæc quod dum satisfaciendo patimur pro peccatis, Christo Jesu qui pro peccatis nostris satisfacit, ex quo omnis nostra sufficientia est, conformes efficiuntur, certissimam quoque inde arham habentes, quod si compatiatur, & conglorificabimur.

Q. 8. Utrum de satisfactione possit penitens gloriar?

R. Ne-

R. Negative: ut enim prædiximus, gloriatio hæc tum vana, tum a conditione veræ poenitentiz, cuius fundamentum humilitas est, alienissima foret. „ Neque vero ita nostra est satisfactio quam pro peccatis nostris exsolvimus, *ajunt ib. Trid. Patres*, ut non sit „ per Christum Jesum. Nam qui ex nobis tamquam ex nobis nihil possumus, eo cooperante qui nos confortat, omnia possumus: ita non habet homo unde gloriatur: sed omnis gloriatio nostra in Christo est, in quo vivimus, in quo meremur, in quo satisfacimus, facientes fructus dignos poenitentiz, qui ex illo vim habent, ab illo offeruntur Patri, & per illum acceptantur a Patre “.

sive spiritum, adeoque opera poenitentiz pro gravitate criminum exigenda: tertio, quæsitæ varia ad hanc materiam pertinentia diluamus. Sit igitur

§. PRIMUS.

Antiqua Ecclesia in imponendis satisfactionibus disciplina describitur.

Quam quidem severissimam fuisse, qui vel leviter Ecclesiz Annales attigerit, non negabit.

PROBATIO PRIMA.

CAPUT SECUNDUM.

A temporibus Apostolicis, ad Novatianorum exortum.

Satisfactioni quis modus ponendus.

Dicendum modo de satisfactionis ac poenitentiz ratione, qualis debeat, unicuique pro criminum gravitate præstitui: qua in re diffiteri non possumus iniqua multorum ac præpostera esse iudicia, qui satisfactionis Deo præstandæ mensuram, non ex divinis Scripturæ & traditionis sententiis, neque ex rigore discipline veteris, sed ex versatilis probabilitatis commento novitio æstimantes, putant peccata atrocissima unius alteriusve diei levissimis satisfactionibus expiari: & regulam hanc, sive potius aberrationem a regula, in praxi sequendo, & se, & creditas sibi animas in perniciem certissimam, sub obtentu pietatis, miserabiliter pertrahunt. „ *Væ, inquit ore Prophete Dominus Deus, (Ezech. 13, 18, & seqq.)* *væ, qui consuunt pulvillo sub omni cubito manus, & faciunt cervicalia sub capite universæ ætatis, ad cavendâs animas: & cum caperent animas populi mei, vivificabant animas eorum: & violabant me ad populum meum, propter pugillum hordei, & fragmen panis, ut interficerent animas quæ non moriuntur, & vivificarent animas quæ non vivunt, mentientes populo meo credenti mendaciis. Propter hoc hæc dicit Dominus Deus: ecce ego ad pulvillo vestros, & dirumpam eos de brachiis vestris & dirumpam cervicalia vestra & scietis quia ego Dominus, &c.* “

Ut ergo ab hoc tremendo anathemate tutius, aliosque illud fugere pro modulo doceamus, tria in præsentî præstabimus. Primo antiquam Ecclesiz in imponendis satisfactionibus disciplinam exponemus: secundo ostendemus, quamquam exterior disciplina mutata sit, eundem tamen etiam num vigere Eccle-

De Re Sacram. T. III.

Primum Apostolica ipsa ætate occurrit exemplum incestuosi Corinthii, contra quem ab Apostolo sic decretum: (1 Cor. 5, 1, & seq.) *omnino audiat inter vos fornicatio, & talis fornicatio, qualis nec inter gentes: ita ut uxorem Patris sui aliquis habeat: & vos inflati estis: & non magis lulum habueritis, ut tollatur de medio vestrum qui hoc opus fecit? ego quidem absens corpore, præsentem autem spiritu, jam iudicavi ut præsentem, cum qui sic operatus est, in nomine Domini Nostri Jesu Christi, congregatis vobis & meo spiritu, cum virtute Domini Nostri Jesu, tradere huiusmodi Satane, in interitum carnis, ut spiritus salvus sit in die Domini Nostri Jesu Christi. Scripta est Ep. hæc an. Domini circiter 57, post passionem ejus 24: quantum autem temporis interitus ille, sive mortificatio carnis Corinthii perduravit, etsi certo præcise non potest; plurimum tamen mensium fuisse colligitur, ex altera ejusdem ad Corinthios Ep. quæ absolutionis incestuoso indulgentiæ nuntiâ fuit: *sufficit illi qui ejusmodi est, inquit, (1, 2, 6) oburgatio hæc quæ fit a pluribus: ut e contrario magis donec (in conspectu) ne forte abundantiori tristitia absorbeatur, qui ejusmodi est. Propter quod obsecro vos, ut confirmeris in illum caritatem: ideo enim (in scriptis, ut cognoscam experientiam vestram, an in omnibus obediens sitis: cui autem aliquid donatis, & ego: nam & ego quod donavi, si quid donavi, propter vos in persona Christi, ut non circumveniamur a Satana: (id est, interprete S. Ambrosio: ne hanc nobis Satanas eripiat animam, poenitentiam ipsam qua lavari debebat, in ejus perniciem convertendo:) non enim ignoramus cogitationes ejus.**

Alterum erit, adolescentis cujusdam latro-

E e ciniis

cinis famosi, quem a S. Jo. Evangelista conversum, & post laboriosam penitentiam Ecclesiae restitutum, S. Clemens Alex. apud Eusebium narrat: (*hist. lib. 2, c. 17*) *Senem* (Joannem) *ad se adducit*, inquit, *complectitur* (Latro:) *fluere & merore quoad poterat, pro culpa satisfecit . . . lacrymarum unda secundo baptizatur . . .* Joannes vero, crebris precibus Deum pro illo invocat, continuis jejuniis una cum eo se macerat, variis divinae sapientiae sententiis ejus animum, quasi quibusdam lenociniis mitigat, tranquillatque, neque prius (ut fertur) inde discessit, quam illum Ecclesiae restituisse.

Tertium, quod plurimum instar est, in libro pastoris antiquissimo habemus, ubi Hermas sic pro penitentibus inducit Deum precans: *Eecce Domine, jam nunc agunt penitentiam totius praecordis. Cui Angelus Doctor penitentiae ita respondet: Propterea putas aboleri delictis eorum, qui agunt penitentiam? Non proinde continuo: sed oportet, eum qui agit penitentiam, affligere animam suam, & humilem animos prestare in omni negotio, & vexationes multas variisque perferre.*

Quartum est, Natalis confessoris. Ille primum zelo fidei & pietatis fervore celeberrimus, ab Ecclesiae Catholicae militia ad castra haereticorum profugit, & apud illos aliquamdiu Episcopatum gessit. Deinde conscientiae remorsus tactus, in meliorem se frugem recipit, continuisque lamentis, cinere, cilicio, magnum suum inarorum Zephyrino Pontifici Max. totique Ecclesiae testatum fecit. Vixque tandem exomologesi saepius repetita, & saepe velut misericordia indignus, repulsam passus, reconciliationem obtinuit. *Mane surgens*, (inquit Eusebius (*hist. lib. 6, cap. ult.*) *cilicio & sacco indutus, cineribus aspersus, cum magno merore & lacrymis, ad pedes Zephyrini Pontificis se supplicem obiecit, & non modo ad Cleri, sed & Laicorum etiam genua advolutus est; ita ut Christi Ecclesiae illum magno opere commiserata, lacrymis una se dederet. Atamen ille licet multis precibus usus fuisset, & plagarum viles quos pertulerat ostendisset; vix tandem in communionem Ecclesiae receptus fuit. Ergo severissimis satisfactionibus in penitentis prisca aetate animadversum certa res est.*

PROBATIO SECUNDA.

Ex Sanctorum Patrum doctrina.

Quod si cui minus fuerit persuasum, attendat ad maiorum de satisfaciendi necessitate sententias. Nec enim, nisi absurdissime cre-

deretur, aliter eos docuisse, & aliter in praxi egisse, in tradendis nimirum praeceptis imitiores, & in laxanda disciplina indulgentiores extitisse: quod quid aliud futurum erat, quam prodere veritatem, & in injustitia detinere?

Confessio, inquit Tertullianus (*lib. de pen. cap. 8, & 9*) *satisfactionis consilium est, dissimulatio contumaciae. Hujus igitur penitentiae secunde, & unius, quantum in arto negotium est, tanto operosior probatio est; ut non sola conscientia praeferratur; sed aliquo etiam actu administretur . . . satisfactio confessione disponitur, confessione penitentia nascitur, penitentia Deus mitigatur. Itaque exomologesi praeferendi & humilificandi hominis disciplina est, conversationem injungens misericordiae illicitum. De ipso quoque habitu, atque visu mandat, sacco & cineri incubare, corpus sordibus obscurare, animum macroribus ducere, illa quae peccavit, tristi translatione mutare . . . plerumque vero jejuniis preces alere, ingerere, lacrymari, & multis noctes diesque ad Dominum Deum suum, presbyteris advolvi, & caris Dei adgeniculari, omnibus fratribus legationes deprecationis suae injungere: haec omnia Exomologesi, ut penitentiam commendet, ut de periculi timore Dominum honoret, ut in peccatorem ipsa pronuntians, pro Dei indignatione fungatur, & temporali afflictione aeterna supplia, non dicam frustretur, sed expungat . . . in quantum non pepercit tibi, in tantum tibi Deus, crede, parces.*

Deliqui, dicito, in Deum, (*ib. cap. 11*) & periclitor in aeternum perire: itaque nunc pen-deo & maceror, & excrucior, ut Deum reconciliem tibi, quem, delinquendo, lesi. Sed enim illos, qui ambitus obeunt capessendi magistratus, neque pudet neque pigit incommodis animae & corporis, nec incommodis tantum, verum & contumeliis omnibus entis in causa votorum suorum? Quas non ignobilitates vestium afficiant? Quae non atria nothurnis & crudis salutationibus occupant? ad omnem occursum majoris cultusque personae decrecentes, nullis conviviis celebres, nullis commensationibus congreges, sed exules a libertatis & laetitiae facilitate: idque totum propter unius anni volaticum saedium: nos quod securum virgarumque petitio sustinet, in periculo aeternitatis tolerare dubitamus? Et castigationem vultus atque cultus offenso Domino prestare cessabimus, quae gentiles nemine omnino laeso sibi irrogant?

S. Cyprianus: (*tr. de lapsis*) *quam magna deliquimus, tam granditer defleamus. Alto vulnere diligens & cauta medicina non desit: penitenti-*

nitentia criminis minor non sis; putas ne tu Dominum cito posse placari, quem verbis perfidis abnuisti, cui patrimonium præponere maluisti, cuius templum sacrilega contagione violasti? Putas facile cum misereri tui, quem tuum non esse dixisti? Orare oportet impensius & rogare, diem lucti transigere, vigiliis noctes ac fletibus ducere, tempus omne lacrymosis lamentationibus occupare, stratos solo adherere cineri; in cilicio & sordibus voluntari; post indumentum Christi perditum, nulum hic jam velle vestitum; post Diaboli cibum, malle jejuniū, iustis operibus incumbere, quibus peccata purgantur, elemosinis fræquenter insistere.

Ibidem contra quorundam crudelem humanitatem invehit, qui sine præiniis satisfactionis competentis laboribus, pacem intemptive concedebant: qui peccantem blandimentis adulantibus palpat, inquit, peccandi fomitem subministrat; nec comprimit delicta, sed nutrit; atque consiliis fortioribus redarguit, simul atque instruit fratrem, promover ad salutem. Quos diligo, inquit Dominus, redarguo & castigo. Sic oportet & Dei Sacerdotem non obsequiis decipientibus fallere, sed remediis salutaribus providere. Imperitus est medicus, qui tumores vulnerum sinus manu parcente contrahit, & in alitis recessibus virus inclusum dum servat, exagitat. Aperiendum vulnus est, & secandum, & puraminibus amputatis, medela fortiore curandum. Vociferetur & clamet licet æger impatiens per dolorem, gratias agat postmodum cum senserit sanitatem: emeris enim, fratres dilectissimi, novum genus cladis, & quasi parum persecutionis procella sædieris, accessit ad cumulum sub misericordie titulo malum fallens & blandi perniciem. Contra Evangelii vigorem, contra Domini ac Dei legem, temeritate quorundam laxatur incautus communicatio: irrita & falsa pax, periculosa dantibus, & nihil accipientibus profutura. Non querunt sanitatis patientiam, nec veram de satisfactione medicinam: penitentia de peccatoribus excussa est; gravissimi extremique delicti memoria sublata est: operiuntur morientium vulnera: & plaga leibalis alitis & profundis visceribus infixæ, dissimulato dolore concegitur.

S. Pacianus satisfaciendi rationem prænitentibus suggerens: (in *Parænesi*, sive exhortatione ad penitentiam) si quis ad bulnæ vocet, inquit, recensere deficiat; si quis ad convivium roget, dicere ista felicibus: ego deliqui in Dominum, & periclitor in æternum vivere: quo mihi epulas, qui Dominum læsi? tenere præterea pauperum manus videas, obsecrare, pauperibus advocari, exhortatricem Ec-

clesiam deprecari, omnia prius tentare ne peceas.

S. Ambrosius Prophete verba expendens: miserere mei secundum eloquium tuum: in ipsa Ecclesia, inquit, (*Serm. 2 in Psal. 118*) ubi maxime misereri decet, teneri quam maxime debet forme iustitiae; ne quis a communione consortio abstinens, brevi lacrymula; atque ad tempus parata, vel etiam uberioribus fletibus communionem, quam plurimis decet postulare temporibus, facilitate Sacerdotis extorqueat. Nonne cum uni indulget indigno, plurimos facit ad prolepsionis contagium provocari? Facilitas enim venie incentivum tribuit delinquendi.

S. Innocentius I Pontifex Max. cæterum ait, (*Ep. 1*) de pondere æstimando delictorum, Sacerdotis est iudicare, ut attendat ad confessionem penitentis, & ad fletus, atque lacrymas corrigenis: ac tunc iubere dimitti, cum videris congruam satisfactionem.

S. Aug. recensitis carnis operibus quæ hominem, ut Apostolus docet (*Gal. 5*) a regno cælorum excludunt: iudicet ergo, ait, (*Serm. 351, alias hom. 5; intra 50*) seipsum homo in istis voluntate, dum potest, & mores convertat in melius, ne cum jam non poterit, etiam præter voluntatem a Domino iudicetur. Et cum ipse in se protulerit severissimæ medicinæ, sed tamen medicine sententiam, veniat ad Antistites, per quos illi in Ecclesia claves ministrantur: & tamquam bonus jam incipiens esse filius, maternorum membrorum ordine custodito, a præpositis Sacramentorum accipiat satisfactionis suæ modum: ut in offerendo sacrificio cordis contribulati devotus & supplex, id tamen agat, quod non solum ipsi prosit ad recipiendam salutem, sed etiam cæteris ad exemplum. Ut si peccatum ejus, non solum in gravi ejus malo, sed etiam in tanto scandalo aliorum est; atque hoc expellere utilitati Ecclesie videtur Antistiti, in notitia multorum, vel etiam totius plebis agere penitentiam non recuset, non resistat, non leibali & mortifera plage per pudorem addat tumorem. . . non sufficit mores in melius commutare, & a falsis malis recedere, nisi etiam de his quæ facta sunt, satisfiat Deo per penitentiae dolorem, per humilitatis gemitum, per contritæ cordis sacrificium, cooperantibus elemosinis.

S. Cæsarius 6 sæculo Arelatensis Episcopus: tractantes causam salutis nostræ, inquit (*hom. 1*) faciamus intra nos, quod circa nos medici facere solent. Si læsum aliqua . . . in prima corporis cute sentitur, curatio medicamenti blandioris apponitur. Si vero in ossibus vulnera absconduntur, aut in viscerum profunda

demerum est, austriorem ac violentiorem poscit via occulta medicinam. Similis ratio in agitudine interioris hominis adhibenda est. Si levia sunt fortasse delicta, v. g. si homo vel in sermone, vel in aliqua reprehensibili voluntate, si oculo peccavit aut corde, verborum & cogitationum macule, quotidiana oratione curande, & privata compunctione tergende sunt. Si vero quisque conscientiam suam interrogat, aliquod capitale commisit; ut si fidem suam falso testimonio expugnavit ac prodidit; aut si sacrum veritatis nomen perjurii temeritate violavit; si veram baptismi tunicam . . . ceno commaculati pudoris infecti; si in semetipso novum hominem, nec hominis occidit; si per augures, & divinos, atque incantatores, captivum se Diabolo tradidit: hec & hujusmodi commissa expiari penitus communi & mediocri, vel secreta satisfactio- ne non possunt; sed graves cause graviore, & acriore, publicas curas requirunt: ut qui cum plurimorum destructione se perdidit, simili modo cum plurimorum edificatione se redimat.

Ex aliis: (*hom. 1*) quoties, inquit, infirmos visitamus, in carcere positos requirimus, discordes ad concordiam revocamus, indulto in Ecclesia jejunio jejunamus, hospitibus pedes abluimus, ad vigilas frequentius convenimus, elemosynam ante ostium pretereuntibus pauperibus damus, inimicis nostris, quoties poterint, indulgemus: istis operibus, & his similibus minuta peccata quotidie redimuntur. Pro capitalibus vero criminibus non hec solum sufficit, sed addende sunt lacryme, & virgus, & gemitus, continuata & longotem- pore procrastinata jejunia, largiores elemosyne, etiam plusquam nos ipsi valere possumus, erogande, ultro nos ipsos a communione Ec- clesie removens, in luctu & tristitia multo tempore permanentes, & penitentiam etiam publice agentes.

His, similibusque descriptionibus satisfactio- nem, qualis esse debeat, & suo tempore fieret, Sancti Doctores repræsentant: unde manifestum est, rem facilem paucorumque die- rum, eorum iudicio non fuisse. Qui enim afir- mant, severissimam medicinam esse peni- tentiam, prosternendi & humiliandi homi- nis disciplinam, temporali afflictione æterna supplicia expungentem, pro Dei indignatione fungentem, neque bene fieri, nisi penitentes, jejuniis preces addere satagent, nisi diem lu- tu transigant, vigiliis noctes, sletibus, mu- gitibusque continent; nisi tempus omne lac- crymosis lamentationibus occupent, in cilicio & sordibus volutati; illi sane satisfactio- nis exhibendæ summum esse rigorem putant. Hoc-

que ipsum manifestius patebit, verba S. Cæ- sarii proxime citata attentius inspicienti. Ille enim peccatis munitis ac venialibus has penas decernit, quas vix hodie audeat severissimus confessarius, pro flagitiis execrandis impone- re: Infirmos nimirum visitare, ergastulo con- clusus requirere, discordes ad concordiam re- vocare, hospitum pedes abluere, ad Sacras Ecclesie vigilas frequentius convenire &c. Quod si talibus penitentis minuta delicta, quilibet debet capitalia crimina expiari? Ni- mirum addende lacryme, & raptius, & gemitus, continuanda & longo tempore pro- crastinanda æjunia, largiores elemosyne ero- gande, ultro subeunda ab Ecclesie commu- nione remotio, in luctu & tristitia multo tem- pore permittendum, & denique penitentia pu- blice agenda.

Quod si existimet aliquis, non causa neces- sitatis, sed ad spectaculum & bonum exem- plum, rigorem hunc a pastoribus primæ æta- tis invecum, sentiet ille equidem ut Calvi- nus, & Lutherus, qui hoc effugio necessita- tem satisfactio- nis eluderent: sentiet etiam cum Casuistis laxioribus, qui hæc ma- jorum decreta, temporaria arbitrarieque fuisse finxerunt: at recedet a mente patrum lon- gissime: illi enim satisfaciendi rigorem ipso Evangelio constitutum, non ab hominibus in- ventum, non in cujusquam mortalis arbitrio positum, sed in officio placandi Deifundatum esse affirmant; nec posse sine sacrilegia divinæ legis infractione laxari. Quem quorundam abu- sum S. Cyprianus modo laudatus deplorans: emerit, inquit, fratres dilectissimi, novum ge- nus claudis, & quasi parum persecutionis pro- cella sevievit, accessit ad cumulum sub mi- sericordie titulo malum fallens, & blanda perniciës. Contra Evangelii vigorem, contra Domini ac Dei legem, temeritate quorundam taxatur incautus communicatio: irrita & fal- sa pax, periculosa danibus, & nihil accipien- tibus profutura. Non querunt unitatis peni- tentiam, nec veram de satisfactio- ne medicinam: penitentia de peccatoribus excussa est, gravissi- mi exremique delicti memoria sublati est: operiuntur morientium vulnera, & plaga le- thalis aliis & profundis visceribus infixa, dis- simulato dolore contegitur.

PROBATIO TERTIA.

Ex Disciplina occasione Novasianorum Schis-
matis instituta.

Nosquam magis quam sæculo 3 satisfactio- nis rigor comparuit. Quamquam enim tempo- ribus præcedentibus severissima & plena acer-
bita.

bitatis fuisset; nondum tamen ei præscriptus sive formæ, sive durationis modus canonicus fuerat: sed Antistitum in sua cuique diocesi a ut parochia arbitrio relicto erat, quem vellet modum, prænitendi exteriorem, tempusque præfigere. Postmodum vero, infelicitè conflatò Schismate Novatianorum, qui, ut prædiximus, negabant omnium criminum solvendorum potestatem a Christo Sacerdotibus traditam, Ecclesia ita jus datum sibi divinitus propugnavit, ut simul expressius declarare voluerit, non sine magnis prænitentiæ prænitentiumque laboribus posse ad indulgentiam perveniri: itaque, non satisfactio quidem ipsa, cujus eadem ac peccati antiquitas est; sed nova satisfaciendi artificiosa forma inducta. Cujus sive S. Gregorius Thaumaturgus sæculo 3. Neocæsareæ Episcopus, sive alter quisvis Antistes, sive plures in una quadam Synodo coacti, & primi auctores fuerint (quando res obscura & incerta est) non discutimus: tantum advertimus, tunc primum satisfactionis publicæ peragendæ tempus, in quatuor gradus æstationes a prænitentibus decurrendas distributum, *stentium* scilicet, *audientium*, *subtratorum*, & *consistentium*: de quibus patrumper dicendum.

I.

De stentium Statione.

Primus gradus *stentium* erat: quod non ita sane debet intelligi, quasi pro admissis peccatis defendendum ante hæc tempora non fuisset: (est enim lacrymandi necessitas, semperque fuit prænitentiæ comes individua ac interpres, quod tum natura ipsa, tum antiqua Prophetarum oracula, tum Evangelii, & temporum Novatianæ priorum exempla demonstrant:) sed quia locus & tempus primæ hujus exigendæ satisfactionis, artiçiosæ, ut sic dixerim, & methodicæ, hæctenus præscripta non fuerant. Primus, inquam, gradus erat, *stentium*, qui extra portas Ecclesiarum, in exteriori portu constituti, saccum & vestes lugubres induti, cinere aspersi, crimina sua publica confessione vulgabant, & fidelium Ecclesiam inenitium genibus advoluti, supplicabant ut pro se apud Deum & Episcopum intercedere dignarentur. Interim nulla eis Sacramenta conferebantur, nec imponebantur manus, nec pecuniaræ ullæ pro eis preces fiebant, nisi privati a fideli populo.

Hujus stationis meminit S. Gregorius Thaumaturgus; (Ep. Canon. canonè ult.) *stentium*, inquit, est extra portam oratorii, ubi peccatorem stantem oportet fideles ingredienti orare, ut pro se precetur. Meminit & S. Basi-

lius: (Ep. ad Amphilocho. can. 56) qui sua sponte, inquit, interfecit, & postea prænitentia ductus est, viginti annis Sacramento non communicabit: viginti autem anni sic in eo dispensabuntur. Debet quatuor annis flere, stans extra fores oratorii, & fideles ingredientiæ rogans, ut pro eo precentur, suam iniquitatem emuntians &c. eodemque videtur alludere S. Joannes Chrysost. in quadam homilia Antiochiæ habita, (hom. 17 in Matth.) ubi nonnullos in impietate obstinatos oburgans: ceterum, inquit, prohibebo vobis, ne Sacra hæc vestibula conscendatis, & immortalibus mysteriis participetis, ut fornicatoriibus, adulteris, & homicidiis reus.

Nec hujus prænitentiæ exempla plura desunt. Afferam unum, omnium ætatum memoria ac prædicatione dignissimum, Fabiole nimirum inter matronas Romanas nobilissimæ: maritum illa adulterum dimiserat, eoque vivente, contra Evangelii præscriptum, & constitutionem Ecclesiæ, novum cum altero obierat matrimonium, hoc uno prætexta scilicet excusans, quod Imperatorum etiam Christianorum legibus, matrimonii vinculum in casu adulterii solveretur. Mox vero post mortem secundi viri ad se reversa, tantum scelus non renuit publica prænitentia expiare: „quis hoc“, crederet, inquit S. Hieronymus, (Ep. 30 ad Oceanum) ut post mortem secundi viri „in semetipsam reversa, quo tempore solent viduæ negligentes, jugo servitutis excusso, agere se liberius, adire balnea, volitare per plateas, vultus circumferre meretricis, saccum indueret, ut errorem publice fateretur, & tota urbe spectante Romana, ante diem Paschæ, in Basilica quondam Laterani, staret in ordine prænitentium, Episcopo, presbyteris, & omni populo collacrymantibus; sparsum crinem, ora lurida, squallidas manus, sordida colla submitteret? quæ peccata fletus iste non purgat? Non est confusa Dominum in terris; & ille eam non confundet in cælo. Aperuit cunctis vulnus suum, & decolorem in corpore cicatricem fletus Roma conspexit: disuta habuit latera, nudum caput, clausum os. Non est ingressa Ecclesiam Domini; sed extra castra cum Maria sorore Moysi separata consedit, ut quam Sacerdos eiecerat, ipse revocaret. . . faciem per quam viro placuerat, verberabat: oderat gemmas, linteamina videre non poterat, ornamenta fugiebat, . . . & multis impendiis medicaminum, unum vulnus sanare cupiebat“.

I I

De audientium Statione.

Alter gradus erat *Audientium*. Audientes ideo dicti, quod paulo proximus ad templum accedentes, & in vestibulum Ecclesiae januis contiguum admissi, psalmodum cantum, Lectionem Sacrae Scripturae, Episcoporum aut sacerdotum sermones & homilias audirent. Quibus persolutis ab Ecclesia, ante offertorium, cum Catechumenis ejiciebantur. *Sciendum est*, ait Micrologus, (c. 52) *juxta antiquos patres, quod soli communicantes, divinis mysteriis interesse consueverunt*. Unde & ante oblationem *juxta canones jubebantur exire Catechumeni & penitentes*.

Hujus penitentium stationis frequens in antiquis est mentio. *Auditio*, ait S. Gregorius Neocæsar. (Ep. Canon. can. 11), *est intra portam in porticu, ubi oportet cum qui peccatis stare usque ad Catechumenos, & illinc egredi. Audita enim Scriptura & doctrina ejiciatur, & precatione indignus censetur*. . . & S. Basilii: (in Epist. Canon. ad Amph. can. 56) *qui sua sponte interfecit, & postea penitentia ductus est, viginti annis Sacramento non communicabit: viginti autem anni sic in eo dispensabuntur . . . post quatuor autem annos iter audientes recipietur, & quinque annis cum ipsis egreditur*. . . & S. Gregorius Nyssenus: *est ergo*, inquit, (in Ep. Canon. ad Leticiam) *canon ejusmodi, ut qui fornicatione pollati sunt, in tribus annis ab oratione omnino expellantur, in tribus sint solum audientium participes*.

I I I

De Statione substratorum.

Tertius gradus erat *substratorum*. Substrati dicebantur, qui a loco audientibus designato amoti, intra templi ambitum ad Ambonem usque recipiebantur. Erat *Ambon* parvum quoddam & elatum ædificium, eodem fere templi loco positum, in quo ætate nostra concionatorum pulpita extruuntur. In hac Statione, quamvis Antistitis visum foret, *substrati*, sive *prostrati*, sive *gemflexi*, (unum namine est,) permangebant; tuncque solum digni penitentium nomine judicabantur. Nam qui præcesserant *stentium*, & *audientium* gradus, pro mera ac simplici ad penitentiam præparatione numerabantur. *Oportet*, inquit sæpe memoratus Basilii. (in Ep. ad Amphil. can. 22) *eos (qui mulierem vi rapuerint) anno primo a*

precibus expelli, & deslere ad fores Ecclesie: secundo autem ad auditionem admitti: tertio admitti ad penitentiam (substratorum:) quarto ad congregationem cum populo, abstinentes ab oblatione: deinde eis permitti boni communicationem.

In hoc ordine positi, Scripturarum interpretationi aderant, crebris orationibus, & frequente impositione manuum purgabantur, gravissimis exercebantur laboribus penitentiae, ubertim effusis lacrymis ad excutiendum Diaboli tyrannidem, & Dei gratiam recuperandam disponebantur. Hinc *manuum impositio* penitentis dicta est. *Omni tempore jejunii*, ajunt patres Concilii IV Carthaginensis, (can. 80) *manus penitentibus a sacerdotibus imponantur*. Quo sensu a S. Aug. dictum: (lib. 3 cont. Donat. c. 19) *quid est aliud manuum impositio, quam oratio super hominem?*

Hujus stationis frequentissima omnium memoria est in Gregorio Thaumaturgo, Basilio, Aug. cæterisque latinis Patribus, Concilio Ancyrano, can. 16, Concilio Agathensi, can. 60 &c.

I V

De Consistentium Statione.

Quartus denique gradus erat *consistentium*, ideo dictorum quia cum fidelibus in Ecclesia consistebant, omniumque orationum participes, mysteriorum celebrationi intererant, quorum tamen participatio excludebatur, donec expletis penitentiae laboribus, jus communicandi recuperarent, & pristinum dignitatis gradum cum reliquis fidelibus obtinerent. *Congregatio seu consistentia est*, inquit S. Gregorius Thaumaturgus, (Ep. Can. can. 11) *est cum fidelibus consistas, & cum catechumenis non egrediatur*. . . de iis qui sacrificare coacti sunt, ajunt Patres Ancyran, (can. 4) *placuit eos inter audientes una constitui, succumbere vero (prostrati) tribus annis, in oratione autem communicare biennio: (nimirum in ordine consistentium)*. . . Eodemque sensu Concilium Œcumenicum I Nicænum: (can. 12) *hi, inquit, definitum tempus auditionis implentes, tum demum fidelibus in oratione communicent*.

Consistentes in eo templorum spatio, quod ab Ambone ad Sanctuarium usque porrigebatur, commixti pene reliquis fidelibus, tempus penitentiae adimolebant.

Jam si quaerat aliquis, quantum temporis, in unaquaque statione morandum esset?

R. 1. Nullum de hac re generale fuisse decretum, sed quamcumque Orientis & Occiden-

tis

tis Ecclesiam, propriam habuisse observantiam disciplinæ.

R. 1. Pro diversitate & gravitate criminum, brevitate stationum interstitia, aut procrastinata. Sic enim pro homicidio voluntario, viginti poenitentiae annos esse decretos, S. Basilii attestatur, (*Epist. can. ad Amphil. can. 56*) ita distributos, ut quatuor priores poenitentiae extra Ecclesiae fores in *stentium* statione jaceret; quinque sequentes in ordine *audientium* decurreret, & reliquos undecim partim in *substratorum*, partim in *consistentium* numero adimpleret. Idem vero ibidem (*can. 22*) pro raptu mulieris, quatuor tantum poenitentiae annos assignat, quatuor stationibus respondentes.

R. 3. In Episcoporum arbitrio esse relictum, ut poenitentiae agenda: tempus, vel protraherent, vel arctiori spatio defluerent. *Penes autem Episcopos erit potestas*, ajunt Patres Ancyranæ, (*can. 16*) *modum conversationis eorum probantes, vel humanius erga eos agere, vel amplius tempus adjicere: ante omnia vero præcedens eorum vita, & posterior inquiratur: & ita humanius cum illis agatur.*

Quod si iterum quis interroget, utrum hæc omnes stationes singulis poenitentibus essent necessario decurrendæ:

R. Negative: nonnumquam enim ab infima ad supremam, nulla interposita media perveniebatur. *Quotquot meum, & lacrymis, atque patientiis, vel bonis operibus, rebus videlicet ipsis conversionem suam, non simulatione, demonstrant*, ait Concilium I Ecumenicum Nizænum, (*can. 12*) *hi definitum tempus auditio- nis implentes, tum demum (prætermisso gradu substrationis) fidelibus in oratione communicent.* Postmodum vero licebit Episcopis, de his aliquid humanius cegitare: quin & plerisque indultum, ut statim ad gradum consistentium, nulla præmissa gradu præcedentium probatione ascenderent. *Adulterio pollutas mulieres*, ait S. Basilii, (*Ep. ad Amphilo- chium can. 34*) *& confitentes ob vietatam, vel quomodocumque contidas; publicare quidem patres nostri prohibuerunt, ne confitens, mortis causam præbeamus: (ex maritorum videlicet zelotypia) eas autem stare sine communione iurserunt, donec impleteretur tempus poenitentiae.* Eademque gratia ad eos extenta, qui peccata quantumvis gravissima, sponte, nullo delatore, confitebantur. *Si accutis, confitendi fuerint*, ait S. Gregorius Thaumaturgus, (*Ep. Can. can. 9*) *sint similiter in illis qui subternuntur: sin autem se ipsos enunciarint, & restituerint, etiam precibus digni habeantur.*

PROBATIO QUARTA.

Ex Disciplina quæ poenitentiae publicæ abrogationem in Oriente & Occidente excepit.

Quam argumento præcedente descripsimus poenitentiae rationem, Græci brevissimo tempore, Latini paulo constantius tenuerunt. Hanc enim 4 sæculo Nestorius Patriarcha Constantinop. de quo qu. 4 prædictum est, Constantinopoli abrogavit: unde indulgentiæ exemplum per totum late Orientem est propagatum: nostri vero, Latini nimirum, ad sæculum usque 7 observatam, paulatimque consenscentem, abire in desuetudinem permiserunt. Cui mutationi, sive impatiencia disciplinæ rigidioris (moribus paulatim ad laxitatem vergentibus,) sive Theodori Episcopi Cantuariensis, qui Græcos genete, prout a suis fuerat institutus, poenitentiale conscripsit: sive causasimul utraque locum dedit.

Quamquam vero ab antiqua poenitentiae publicæ disciplina utrimque descitum sit; nihil tamen de ejusdem secreto agenda: auctoritate his temporibus imminutum. Nam in observandis imponendæ poenitentiae canonibus diu rigor primitivus obtinuit: id quod facile qui horum temporum monumenta scrutabitur, observabit.

Nam quod ad Græcos & Orientales spectat, certum est summæ inter illos semper auctoritatis fuisse canonicas SS. Gregorii Thaumaturgi, Basilii, Gregorii Nysseni Epistolæ, & Conciliorum veterum canones, satisfactionis agenda: necessitatem, tempus, modumque præscribentes. Indequè est, quod impositionem satisfactionis, canonem appellaverint; ut hac nimirum voce significarent, normam satisfaciendi, non in cuiusvis Sacerdotis arbitrio esse positam, sed ab antiqua Patrum dispositione pendere, unde non posset sine crimine Sacramenti violati quisquam recedere: idemque adstrunt canonum collectiones, a Joanne Jeluatore sexto sæculo Patriarcha Constantin. & aliis deinceps unaquaque ætate ad restitutionem disciplinæ veteris factæ, quibus jejunia, in longum tempus protracta, preces assidue, nocturnæ vigilæ, abstinentiæ, elemosynæ ad poenitentium facultates attemperatæ, fletus, prostrationes, aliaque id genus plurima, tanto rigore decernuntur; ut simul declararetur, Sacerdotem qui vel mala commiseratione commotus, vel avaritia instigante, ab his tam necessariis regulis deviarit enormis sacrilegii, & criminis a Juda proditore commissi reum futurum; nec quidquam sibi, aut poenitenti, reconciliatione præcipiti, præter damnationem allaturum: isthæc anno- tasse

tasse compendio, ne modum excedamus probationis, sat esse iudicamus, quæ si quis penitus explorare voluerit, legat Morini de penitentia libros diligentissimè exaratos, ubi Græcorum & Orientalium mores fuisse describuntur. Legat pariter perpetuæ fidei, (auctore viro nostræ ætatis doctissimo Eusebio Renaudot,) tomum quintum, libris tertio & quarto, ubi eadem materia summa accurate tractatur.

De latinis vero quid dicam, quos constat a sæculo septimo, quo penitentia publica, ut prædiximus, exolevit, antiquè nihilominus discipline tenacissimos extitisse? Apud illos enim semper verum fuit, quod est a S. Cypriano præclare dictum: (*Tract. de laps.*) *quam magna deliquimus, tam granditer deficiamus: alto vulnere diligens & longa medicina non desit: penitentia crimine minor non sit* . . . item a S. Ambrosio: (*lib. 1. de pen. cap. 2.*) *Deus distinctionem non facit, qui misericordiam suam promittit omnibus, & relaxandi licentiam Sacerdotibus suis, sine ulla exceptione concessit. Sed qui culpam exaggeravit, exagget etiam penitentiam: majora enim crimina maioribus abluuntur fletibus* . . . Et ab Innocentio I. Pontifice Max. (*Ep. 1.*) *de pondere æstimando delictorum. Sacerdotis est iudicare, ut attendat ad confessionem penitentis, & ad fletus atque lacrymas corrigentis: ac tum jubere dimitti, cum viderit congruam satisfactionem*.

Quandonam vero satisfactio congrua præcessisse putaretur, facili ex antiquis canonibus iudicium erit, quos in prenis imponendis esse sequendos latini summa consensio contendebant. Sic Concilium Moguntinum, medio circiter 9 sæculo, Rabano Moguntinæ Ecclesiæ Archiepiscopo Præsidente habitum: *modus, tempusque penitentiae*, inquit, (*Can. 13.*) *peccata sua confitentibus, aut per antiquorum canonum institutionem, aut per Sanctarum Scripturam auctoritatem, aut per Ecclesiasticam consuetudinem imponi debet a Sacerdotibus. Nam qui pro peccatis gravibus leves quosdam & inusitados imponunt penitentiae modos, consunt pulvillus secundum Propheticum sermonem: sub omnicubito manus, & faciunt cervicalia sub capite universæ ætatis ad capiendas animas*. Idemque a Concilio Cabilonensi secundo, can. 38 sancitum, ubi postquam Moguntinæ Synodi decretum modo relatum, ad verbum exscripsit, Libellos penitentiales contra antiquam auctoritatem exaratos abrogat, quorum, inquit, *certi*

sunt errores, incerti auctores. Et a Concilio Turonensi III sic præscribente: (*Can. 22.*) *Episcopis & presbyteris diligenti cautela pertrahendum est, quatenus hominibus sua sibi delicta confitentibus, tempus abstinendi adscribant, iuxta modum peccati penitentibus abstinendi indicatur. Quoniam varie ab aliquibus Sacerdotibus & indiscrete hæc iudicia proferuntur, ideo necessarium nobis videtur, cum omnes Episcopi ad Sacrum Palatium congregati fuerint, ab eis edoceri, cujus antiquorum liber penitentialis potissimum sit sequendus* . . . Et a Concilio Romano sub Gregorio VII Pontifice Max. sic statuente: (*Can. 2.*) *fasces penitentias dicimus, quæ non secundum auctoritatem SS. Patrum, pro qualitate criminum imponuntur* . . . Accedunt Canonum collectiones, in diversis penitentialibus libris, variisque temporibus, a Ven. Beda, Rabano Mauro, Burchardo Wormatiensi, Anselmo Lucensi, Ivone Carnotensi, Gratiano, & pluribus aliis concinnatæ; quas si quis ad præteritæ disciplinæ memoriam, non ad præsentis necessitatem descriptas fuisse proterve contenderit, Ecclesiæ iudicio, ut statim liqueret, contradicere convincetur. Constat igitur id quod §. præsentis probandum assumpseram, summum in imponendis satisfactionibus Ecclesiæ antiquitus fuisse rigorem. (1)

Sequitur

§. SECUNDUS.

Ostenditur, quamquam exterior disciplina mutata sit, eandem tamen vigere Ecclesiæ spiritum; adeoque opera penitentiae pro gravitate criminum exigenda.

Quam litem a novellis casuum expositoribus, non sine bonorum scandalo intentatam, etiam si sola ratio arbitra audiretur, facile vincendam confideremus.

Lex enim satisfaciendi divina est, id est a Deo ipso peccatoribus posita. Quod si divina, immutabilis & æterna: quia apud Deum non est mutatio, aut vicissitudinis umbratio: adeoque quod semel verum fuit, est tale etiamnum, semperque erit: (*Joel. 2, 12, & seq.*) *convertimini ad me in toto corde vestro, in jejuniis, & in fletu, & in planctu: & scindite corda vestra, & non vestimenta vestra, & convertimini ad Dominum Deum vestrum &c.* . . . (*Luc. 3, 8.*) *facite fructus dignos penitentiae: & pleraque alia ejusdem sensus, in utroque testamento passim asserta. Eadem ergo in præ-*

(1) Qui pleniorē de hac Ecclesiæ disciplina notitiā habere cupit, adeat Historiam Sacramentorum D. Chardon T. 2, lib. 2, qui totus in ea describenda, ac exponenda insinuitur.

senti viget, quæ ante viguerat, necessitas satisfaciendi; atqui non putabat olim Ecclesia posse Deo aliter, quam durissimis laboribus satisfieri. Eadem ergo illius in præsentī mens est, idem Spiritus: ergo contra ejus auctoritatem ac regulam enormiter peccant ministri, quando pro gravissimis quibusque sceleribus, levissimas (si hoc tamen nomine dignæ sunt) satisfactiones indulgentiæ prætextu, imponunt; & de eorum numero sunt de quibus Christus cum indignatione pronuntiat: (Matth. 23, 14) *cæci sunt, & ducēs cæcorum: cæcus autem si cæco ducatur præstet, ambo in fossam cadunt*. . . Et Sp. Sanctus in veteri testamento: (Jer. 6, 14) *curabant contritionem filia populi mei cum ingnominiis, dicentes: pax, & non erat pax*.

Deinde hoc ipsum adstruit notio satisfactionis, quæ compensationem, & plenam, quoad quidem fieri potest, delicti cum ejusdem castigatione adæquationem importat. Quid enim est satisfactio generatim? Nimirum, rei debite integra solutio: injuriæ alteri illata compensatio, secundum justitiæ æqualitatem. Quid porro est satisfactio Deo agenda? "Est utique voluntaria sui ipsius punitio, ad compensandam injuriam Deo illatam per peccatum, ipsumque placandam . . . Sive, inquit S. Anselmus (lib. 1, cur Deus homo? c. 11) est, Deo debitum honorem impendere, ratione nimirum culpæ commissæ, per quam homo honorem debitum Deo rapuit, quemque ideo resarciri, ratio & æquitas postulat. Peccare quippe nihil aliud est, quam Deo non reddere debitum. Debitum porro est, ut omnis voluntas rationalis creaturæ, subjecta sit voluntati Dei. Hunc honorem debitum qui Deo non reddit, aufert Deo quod suum est, & Deum exhonorat. Quamdiu autem non solvit quod rapuit, manet in culpa: nec sufficit solummodo reddere, quod ablatum est; sed pro contumelia illata plus debet reddere quam abstulit. Sicut enim qui lædit salutem alterius, non sufficit si salutem restituit, nisi pro illata doloris injuria recompenset aliquid: ita qui bonorem alicujus violat, non sufficit honorem reddere, si non secundum exhonoratōis factam molestiam, aliquid quod placeat illi quem exhonoravit, restituat. Hoc quoque attendendum, quod cum aliquis, quod injuste abstulit, solvit; hoc debet dare, quod ab illo non posset exigī, si alienum non rapuisset. Sic ergo debet omnis qui peccat, honorem quem rapuit Deo solvere, & hæc est satisfactio, quam omnis peccator debet Deo facere . . . Quid denique est satisfactio, quam in Sacramenti pœnitentiæ partibus collocamus? Videlicet "voluntaria permissio pœnæ a Sacerdote in pœ-

De Re Sacram. T. III.

niteniæ tribunali impositæ, ad compensandam injuriam Deo illatam ipsumque placandam, cum firmo proposito peccata in posterum omni studio vitandi. Inde sic argumentor:

Quod olim Ecclesia voluit, & Sp. Sancto regente præscriptis, scilicet debitum cum Deo contractum, ex integro (quoad humanæ infirmitati conceditur) esse solvendum, & illatam supremæ ejus majestati, injuriam compensandam, etiamnum vult; quod sane nisi vellet, injustitiæ & infidelitatis merito redargueretur; atqui levibus pœnitentiæ operibus, qualia plerumque hodie ab ignavis & ignavis Sacerdotibus præscribuntur, intelligit gembunda mater contractum cum Deo debitum non solvi, nec irrogatam summæ ejus majestati injuriam resarciri. Quis enim nisi demens asserere audeat, violatum blasphemia sæpius repetita nomen, abnegationem fidei, pollutum adulterio Thorum alienum, confusum proximo atrocis calumnias, incestus, incendia, homicidia, & alia id genus, non tam scelera, quam scelerum monstra, unius aut alterius horæ precatiunculæ, modico jejuniis, parvis elemosynis resarciri? Non est ergo hæc Ecclesiæ mens, quæ licet necessitate compulsa, veteris toleret disciplinæ mutationem, vult tamen, quod nolle Sanctissima Sponsa non potest, jura Sponsi Dei sarta intadaque manere.

Præterea. Hoc est proprium satisfactionis, ut non modo emendet Deo illatam injuriam, sed etiam causas & radices peccatorum extirpet. Satisfactio, ait author libri de Ecclesiasticis dogmatibus, (cap. 54) est peccatorum causas excindere, & eorum suggestionibus adiutum non indulgere. Sive, ut definit S. Isidorus Hispalensis, (lib. 6 originum, tit. de offic.) satisfactio est, causas peccatorum & suggestiones excludere, ac peccatum ultra non iterare: quo fit, ut satisfactio medicinæ habeat rationem; atque adeo debeat ad morbi majorem minoremve gravitatem attemperari: vel ergo dicendum, Ecclesiam morbos spirituales pœnitentium modo non velle sanare, quod impium foret; vel si hoc, ut æquum est, concedamus, fatendum similiter vigere etiamnum eundem spiritum, quo antiquitus in imponendis severioribus pœnitentiis animatam fuisse constat: alioquin enim in universam Ecclesiam accusatio laxitatis recideret, qua nonnullos sum ætatis ministros, Felicissimi nimirum sectatores, S. Cyprianus taxabat. Emergit, fratres dilectissimi, inquebat (transl. de lapsis) novum genus cladis; & quasi parum persecutionis procella sevierit, accessit ad cumulum sub misericordie titulo malum fallens, & blanda perniciēs. Contra Evangelii vigorem, contra Evangelii ac Dei legem, temeritate quorundam laxatur incauta

Ff

com-

communicatio: irrita & falsa pax, periculosa dentibus, & nihil accipientibus profutura. Non querunt sanitatis patientiam, nec veram de satisfactione medicinam. Penitentia de peccatoribus excussa est, gravissimi extremique delicti memoria sublata est. Operiuntur morientium vulnera: & plaga lethalis, alitis & profundis visceribus infixa, dissimulato dolore contigitur.

Insuper. Satisfactio, uti olim fuit, hodie pariter est, pars Sacramenti poenitentiae, integralis illa quidem & accessoria, si in executione sumatur, quia impossibilem reddit, ut aliquando sive morbo, sive alio quovis casu adveniente contingit; in voto tamen ac proposito essentialis: unde sequitur naturam ejus immutabilem esse, nec ab hominum arbitrio dependere. Quod enim alibi (*lib. 1. de Sacram. in gen.*) demonstravimus, materias & formas Sacramentorum, ex divina institutione immutabiles esse, hic etiam habet locum. Jam sic prosequor argumentum; atque primitus Ecclesia, edocta a Sancto Sp. intellexit, veram satisfactionem sine summa difficultate non esse: unde laboriosus baptismus a patribus dicta poenitentia est, divina nimirum illi exigente iustitia, ut ad vitæ novitatem & integritatem peccato deperditam, per sacramentum poenitentiae, sine magnis nostris fletibus & laboribus pervenire nequaquam possimus. Ergo ideò hodie sentit, graves scilicet pro gravitate criminum, poenitentias imponendas; alioquin enim suam prætergressa potestatem, materiam Sacramenti mutasset, jus divinum sibi temerario arrogando.

Minime ergo putandum, antiquos de poenitentia Canones, majorum auctoritate ac reverentia consecratos, sic esse abolitos, ut Sacerdotibus absque ullo ad rigorem primitivum respectu, modo liceat levissimas satisfactiones pro quovis indiscriminati peccato injungere: quem abusus etsi gemens Ecclesia toleret, abusum tamen esse sæpe declaravit, nihilque neglexit ut fervorem pristinum (quantum permittebat calamitas temporum) excitaret. Sic Concilium Parisiense 6: "quoniam, inquit, (*lib. 1. c. 32*) multi Sacerdotum, partim incuria, partim ignorantia, modum poenitentiae, reatum suum contentibus, secus quam jura canonica decernant, imponant, utentes scilicet quibusdam codicillis contra canonicam auctoritatem scriptis, quos poenitenciales vocant: & ob id non vulnera peccatorum curant, sed potius fontes palpat, incidentes in illud Propheticum: (*Ezech. 13, 18*) *v. 18* qui consumunt pulvillum sub omni cubito manus, & faciunt cervicalia ad decipiendas animas: omnibus nobis salubriter in commune visum est, ut unusquisque Episcoporum

in sua Parochia eosdem erroneos codicillos diligenter perquirat, & inventos igni tradat, ne per eos ulterius Sacerdotes imperiti homines decipiant. Sacerdotes porro, qui aut muneris, aut amoris, aut timoris, aut certe favoris causa, tempora, modumque poenitentiae ad libitum poenitentium inducunt, audiant quid Dominus per Ezechielem Prophetam terribiliter dicat: (*ib. v. 8, & seqq.*) *hec dicit Dominus Deus: quia locuti estis vana, & vidistis mendacium, ecce ego ad vos, ait Dominus Deus: & erit manus mea super Prophetas, qui vident vana, & divinant mendacium: in concilio populi mei non erunt, & in Scriptura Domus Israel non scribentur, nec in Israel ingredientur, & scietis quia ego Dominus Deus, eo quod deceperint populum meum dicentes: pax pax, & non est pax. . . . & post non multa: cum caperent animas populi mei, vivificabant animas eorum, & violabant me ad populum meum, propter pugillum bordei, & fragmentum panis, ut interficerent animas quæ non moriuntur, & vivificarent animas quæ non vivunt, mentientes populo meo credentes mendaciis: presbyteri etiam imperiti solerti studio ab Episcopis suis instruendi sunt, qualiter & contentium peccata discrete inquirent, eisque congruum modum, secundum canonicam auctoritatem, poenitentiae noverint imponere: quoniam hæcenus eorum incuria & ignorantia, multorum flagitia remanserunt impunita: & hoc ad animarum ruinam pertinere dubium non est."*

Parique sensu Isaac Lingonensis Episcopus: (*canon. poen. tit. 1, c. 39*) qualis peccatis adhibenda sit medicina, secundum canonum authenticorum, & SS. Patrum esse debet institutionem, & non secundum placitum hominum, sed secundum Dei voluntatem. Nec in hac parte voluntas, aut gratia hominis sectanda est, sed voluntas Dei omnibus exquirenda, quatenus dignis precibus & poenitudine digna placare possit omnipotentis Dei vindictam, quam suo vitio provocavit.

Et Guillelmus Parisiensis: (*tract. de Sacram. c. 20*) cum in arbitrio confessoris & voluntate, inquit, poenitentialem satisfactionem positam esse dicamus; dicimus consequenter, quod in bona fide ipsius hoc positum est: hoc autem exigit bona fides, ut consulantur periti jurisconsulti atque divini, vel scripta Sanctorum atque prudentium, de poenitentia atque injunctio, ubi confessori propria peritia non sufficit: & quod debita deliberatione atque consilio poenitenti injuncti, hoc miseris Deus tamquam gratiam, satisfactionem, & sacrificium reconciliationis seu propitiationis a poenitente suscepit. Si enim

ne erretur in iudicio, quo de agro vel fundo, vel de alia re temporali agitur, tantopere consulantur libri legum ac iudiciorum secularium, atque sollicitè examinatur factum, de quo vel per quod iudicandum est, tanta circumspectio-
ne cogitatur, deputatur, circumspicitur atque pronuntiatur etiam in scriptis sententia: quanto magis similia omnia faciendi sunt in hoc iudicio spirituali? Et qui minori diligentia uteretur in isto iudicio, quam in iudicio seculari, manifeste negligens esset, & iniquus, atque infidelis iudex.

Accedit Concilii Œcumenici Trid. auctoritas. Debent Sacerdotes Domini, inquit, (Sess. 14, c. 8) quantum spiritus & prudentia suggererit, pro qualitate criminum, & pœnitentium facultate, salutaris & convenientes satisfactiones injungere; ne, si forte peccatis coniv-
erant, & indulgentius cum pœnitentibus agant, levissima quedam opera pro gravissimis delictis injungendo, alienorum peccatorum partici-
pes efficiantur. Habeant autem præ oculis, ut satisfactio quam imponant, non sit tantum ad vite novæ custodiam, & infirmis medica-
mentum; sed etiam ad præteritorum peccatorum vindictam & castigationem.

Nec dissentit catechismus ejusdem concilii jussu editus in irroganda satisfactionis pœna, inquit, (par. 2, tit. de Sacr. pan. §. 113, & seqq.) Sacerdotes nihil suo arbitratu statuendum esse, sed omnia iustitia, prudentia, & pietate dirigenda existimabunt: atque ut hac regula pec-
cata meriti videantur, & pœnitentes scelerum suorum gravitatem magis agnoscant, opera pretium erit, interdum eis significare, quæ pœna quibus-
dam delictis, ex veterum canonum præscripto, qui pœnitentiales vocantur, constitutæ sint: igitur universæ satisfactionis modum culpe ratio tem-
perabit.

Infinita futura probatio fuerit, si animus sit colligere decreta Synodorum tum provincialium, tum diocesanarum, quibus hæc assertio confirmatur, eorumque improbatum laxitas qui in decernendis satisfactionibus, de ulciscenda Dei injuria, & pœnitentium morbis sanandis nec cogitant quidem; sed arbitrio, & temeritate præcipiti, contra Evangelii vigorem, contra Domini ac Dei legem, nulla fere satisfac-
endi conditione imposita, falsam fallacemque pacem, ultra citroque concedunt, tum exitiosam dantibus, tum nihil accipientibus pro-
futuram.

Unum itaque sat erit addere S. Carolum Borromæum, magnum illud caritatis & zeli pastoralis exemplar, quem propter prodigiosam vitæ Apostolicæ sanctitatem, & veteris revo-
candæ disciplinæ ingens studium, Ecclesia uni-
versa cum admiratione suspexit, nec mirari cessat: Sacerdos, inquit, (in institutionibus

confessorum) canones pœnitentiales consulat, quibus licet cum prudentia, discretionem, & modo, pro pœnitentis contritione, qualitate, statu, aliisque circumstantiis uti debeat; observan-
di tamen sunt: ita ut iuxta eos, quasi juxta traditam sibi regulam, Sacerdos se gerat, prout expedire ei visum fuerit: & quando pœnitentiam canonibus antiquis præscriptam non imponat, eam tamen pœnitenti significabit, ut ad contritionem eum moveat, & levio-
rem injunctam pœnitentiam ipse ardentius exequatur, motus scilicet ex hodiernæ Ecclesiæ benignitate, qua antiquioris disciplina rigor mitigatur. . . . quorum similia in instructionibus pœnitentiæ sæpe repetit: quamquam itaque multum de anti-
qua severitate remissum sit; fatendum tamen, eundem qui fuit olim, Ecclesiæ spiritum etiam num perdurare: quod erat probandum.

§. T E R T I U S.

Antiqui pœnitentiæ canones describuntur.

Cum ad antiquos canones teneantur Sacerdotes suum de satisfactione imponenda iudicium, quoad potest fieri, conformare; consequens est ut eorum instructi scientia esse debeant: *Canones pœnitentiales*; inquit S. Antoninus, (3 par. tit. 17, c. 21) tenetur scire sacerdos: alias vix in eo nomen sacerdotis constabit: eos itaque haud abs re erit, pro decalogi ratione a S. Carolo Borromæo dispositos, & ex antiquis conciliis, patribus, ac pœnitentialibus libris, maximam partem descriptos, hic repræsentare.

I.

Canones pœnitentiæ ad primum decalogi præceptum spectantes.

„ Qui a fide catholica desciverit, si intimo
„ summoque dolore affectus, ad Ecclesiam
„ redierit, pœnitentiamaget annis 10.
„ Qui dæmoni immolaverit, in pœnitentia
„ erit annis 10.
„ Qui more Gentilium elementa coluerit:
„ qui vel segetibus faciendis, vel ædibus ex-
„ truendis, vel arboribus serendis, vel nuptiis
„ contrahendis inanem signorum fallaciam ob-
„ servaverit: pœnitentiamaget annos duos fe-
„ riis legitimis: (id est feria 2, 4, & 6, quæ
„ legitime dicebantur, propterea quod ad ab-
„ stinentiam & jejuniium legibus Ecclesiasticis
„ essent consecratæ)
„ Qui cum Judæo cibum sumpserit, pœni-
„ tentiaerit dies 10, pane, & aqua victians.
„ Qui auguriis, & divinationibus servierit,

- „ quive incantationes Diabolicas fecerit, penitens erit annos 7.
 „ Mulier incantatrix, penitentiam aget annum, vel (ut alio canone praescribitur) annos 7.
 „ Qui herbas medicinales cum incantationibus collegerit, penitentiam aget dies 20.
 „ Qui magos consuluerit, in penitentia erit annos 5.
 „ Qui aedes magicis cancionibus lustrat, aliudve tale admittit; & qui ei consentit, quive consulit; in penitentia erit annos 5.
 „ Qui tempestatum immissor erit, penitentiam aget annos 7, tres in pane & aqua: qui vero crediderit, particeps fuerit, annum unum per legitimas ferias.
 „ Si quis ligaturas aut fascinationes fecerit, penitens erit annos 2 per legitimas ferias.
 „ Si quis sortilegus erit, penitentiam aget dies 40.
 „ Si quis in codicibus aut in talibus, sorte ducta, res futuras requisierit; penitens erit dies 40.
 „ Respicens furta in astrolabio, annis 2.
 „ Si quis Clericus vel monachus, postquam Deo voverit, ad saeculum redierit; penitentiam aget annos 10, quorum tres in pane & aqua.

I L.

Canones penitentia contra infringentes secundum decalogi praeceptum.

- „ Quicumque sciens pejeraverit, 40 dies in pane & aqua, & 7 sequentes annos peniteat, numquam sit sine penitentia, & numquam in testimonium recipiatur: & post haec communionem percipiat.
 „ Qui perjurium in Ecclesia fecerit, penitentiam aget annos 10.
 „ Qui sciens pejerat Domini impulsu, penitens erit quadragesimas tres & ferias legitimas: Dominus autem qui praecepit, 40 dies in pane & aqua, & 7 sequentes annos.
 „ Si quis sciens pejeraverit, aliosque in perjurium induxerit; penitens erit dies 40 in pane & aqua, & 7 sequentes annos: & tot perjuria jejunabit, quot homines in perjurium induxerit.
 „ Si quis suspicatus, se ad perjurium induci, ex consensu jurat; penitentiam aget dies 40, & 7 annos sequentes, & numquam sine gravi penitentia erit.
 „ Si quis per cupiditatem perjurium fecerit, carinam (carina, barbara vox, idem quod quadragesimam, sive 40 dierum continuationem significans: quam alii carentiam, aut

- „ quadragesimam dixere) in pane & aqua jejundet, & quamdiu vivet, omnes sextas ferias: item, si quis per cupiditatem pejeraverit, omnes res suas vendet, & pauperibus distribuet, & monasterium ingressus, jugi se penitentiae subdet.
 „ Si quis coactus, necessitateque aliquo impulsus perjurium commiserit, in penitentia erit quadragesimis tribus.
 „ Item: si quis coactus pejeraverit, penitens 40 diebus pane & aqua viciet, ac praeerea omnibus sextis feriis.
 „ Si quis seductus, ignorans, (pejeraverit,) & postea cognoscit: penitentiam aget annum unum, vel quadragesimas tres, vel dies 40.
 „ Qui compellit alium ut falsum juret, 40 dies in pane & aqua, & 7 annos in penitentia erit.
 „ Si quis iurjurandum, quo se regi & Domino suo adstrinxerit, violaverit; in monasterio penitentiam aget omnibus diebus vitae suae.
 „ Si quis se iurejurando obstrinxerit, ut cum aliquo litiget, nec pacem cum eo reconciliet; penitentiam aget dies 40 in pane & aqua, per annum a sacra communione segregatus: ad caritatem vero celeriter redeat.
 „ Si quis per capillum Dei, aut per caput ejus juraverit; si semel nesciens fecerit; penitens aqua & pane septem dies viciet: si secundo ac tertio monitus idem fecerit, dies 15.
 „ Si per caelum, aut per aliquam creaturam; dies item 15.
 „ Si quis blasphemat, tamdiu penitens erit, quamdiu impoenitens permansit.
 „ Si quis Deum, vel beatam Mariam Virginem, vel aliquem sanctum publice blasphemaverit, pro foribus Ecclesiae, diebus Dominicis 7, in manifesto, dum missarum solemniam aguntur, stet: ultimoque ex illis die, sine pallio & calceamentis, ligatus corrigia circa collum: septemque praecedentibus feriis sextis in pane & aqua jejundet, Ecclesiam nullo modo tunc ingressurus: singulis item 7 illis diebus Dominicis, tres, aut duos, aut unum pauperem pascat, si potest; alioquin alia penitentia afficiatur: recusans, (hanc subire penam,) Ecclesiae ingressu interdicatur; in obitu, Ecclesiastica careat sepultura; dives a magistratu multetur poena solidorum 40, alioqui 30, seu 20.

III

V

Canones penitentia ad tertium præceptum spectantes.

- „ Qui opus aliquod servile die Dominico, festove fecerit; penitentiam aget tres dies in pane & aqua.
- „ Qui die Dominico opus terrenum fecerit, dies 7 penitentiam aget.
- „ Si quis ante Ecclesiam saltationes fecerit, emendationem pollicitus, penitentiam aget annis 3.
- „ Si quis pransus misce interfuerit, penitens erit dies tres in pane & aqua.
- „ Si quis sacram communionem sumpserit post aliquam vel minimam degustationem, penitentiam aget dies 10 in pane & aqua.
- „ Si quis in Ecclesia confabuletur, cundivina fruatur; penitens erit dies 10 in pane & aqua.
- „ Si quis jejunia a Sancta Ecclesia indicta violarit, penitentiam aget dies 20 in pane & aqua.
- „ In quadragesima, carne, sine inevitabili necessitate vescens, in pascha non communicet, ac præterea a carne abstinere.
- „ Qui in quadragesima jejunium violaverit, pro uno die penitentiam aget dies 7.
- „ Si quis jejunium quatuor temporum non custodierit, penitens erit die 40 in pane & aqua.

I V

Canones penitentia contra infractores quarti præcepti.

- „ Qui parentibus maledixerit, 40 dies penitens sit in pane & aqua.
- „ Qui parentes injuria affecerit, tres annos.
- „ Qui percusserit, annos septem.
- „ Qui expulserit, tandiu penitens, quamdiu in impietate permanserit.
- „ Si quis contra Episcopum, pastorem, & patrem suum insurrexerit, in monasterio omnibus diebus vite sue penitentiam aget.
- „ Si quis contra Episcopum conspiraverit, gradu suo amovebitur.
- „ Si quis Episcopi sui, aut ministrorum ejus, vel parochi sui præcepta contempserit, vel irriserit; penitentiam aget dies 40 in pane & aqua.

Canones penitentia circa peccata contra quintum præceptum commissa.

- „ Qui presbyterum occiderit, penitentiam aget annis 12.
- „ Si quis presbyter presbyterum occiderit, penitentiam aget annis 18.
- „ Si quis presbyterum armis contra se irruentem occiderit, penitens erit annos 10.
- „ Si quis patrem aut matrem, fratrem aut sororem occiderit, toto vite sue tempore non suscipiat corpus Domini, nisi in obitu.
- „ Abstineat a carne & vino dum vixorit; jejunet 2, 4, & 6 feria: si autem nolenti accidit, decem annis peniteat judicio sacerdotis.
- „ Qui voluntarie filium suum, vel filiam suam, vel germanum, aut germanam suam occiderit; 5 annis extra metas ipsius terræ exul fiat: deinceps 20 annis peniteat.
- „ Quæ mulier filios suos necarit; peracta septenni penitentia, in monasterium detrusa, monasticam vitam perpetuo regulariter aget.
- „ Si quæ mulier post partum, filium filiamve sponte interfecerit, penitentiam aget annos 12, & nunquam erit sine penitentia.
- „ Paupercula, si ob difficultatem nutriendi id commiserit, annos 7.
- „ Si quæ mulier sponte abortum fecerit: penitentiam aget 3 annos: si nolens, quadragesimas tres.
- „ Item: mulier partum suum perdens voluntarie ante 40 dies, penitens erit annum unum: si post 40 dies, annos tres: si vero postquam editus est in lucem, tamquam homicida.
- „ Quæ sceleris occultandi causa filium necarit; penitentiam aget annos 10.
- „ Qui nolens filium oppresserit; si post baptismum, penitentiam aget dies 40 in pane & aqua, oleribus, ac leguminibus: abstinebit ab uxore dies totidem: deinde penitens erit tres annos per legitimas ferias: tres præterea quadragesimas in anno observabit: si ante baptismum; 40 dies, ut supra, & quinquenni præterea penitentiam explebit.
- „ Cujus parvulus sine baptismum per negligentiam moritur, tres annos peniteat, unum in pane & aqua.
- „ Cujus filius sine confirmationis Sacramento moritur; parentes quorum negligentia

id

id factum est, pœnitentiam agent annos tres.

„ Si quis explendæ causa libidinis, vel odii meditatione, ut non ex eo soboles nascatur, hominai aut mulieri aliquid fecerit, vel ad potandum dederit, ut non possit generare aut concipere; homicida teneatur.

„ Qui uxorem occiderit; aut monasterium ingreditur, pœnitentiam perpetuam acturus; aut cuncta negotia secularia dimittens, perpetuo abstineat a carne, sagimine, vino, cervisia &c. exceptis diebus resurrectionis & natalis Domini: uxorem non ducat, in fine tantum vitæ Eucharistiam accipiat.

„ Si mulier maritum suum causa fornicationis veneno interfecerit, aut quicumque arte mortem ejus procuraverit; sæculum relinquat, & in monasterio pœniteat.

„ Qui mortem sibi consciverit, pro eonulla in missa commemoratio fiat, neque cum psalmis ejus cadaver sepeliatur.

„ Si quis sponte hominem occiderit, ad januam Ecclesiæ semper erit, & in obitu communionem recipiet: si casu necarit, pœnitentiam aget annos 7.

„ Si quis hominem necare voluerit, neque hoc scelus potuerit patrare; ut homicida pœnitentia afficiatur.

„ Si quis per iram subitam, aut per rixam hominem necarit; pœnitentiam aget annos tres.

„ Si quis jussu domini homicidium perpetravit; dies 40 in pane & aqua, & præterea 7 annos sequentes, per legitimas ferias jejunabit.

„ Qui homicidii auctor fuit, ob consilium quod dedit, erit in pœnitentia 40 dies in pane & aqua, cum 7 sequentibus annis.

„ Si qui casu homicidium fecerit, pœnitens erit 40 dies in pane & aqua: quinquennio communionis privabitur: a cibis abstinebit arbitrio Sacerdotis.

„ Qui homicidium quod postea factum est, consenserit; pœnitentiam aget annis 7, tres in pane & aqua: si autem voluerit, nec potuerit: tres tantum annos.

„ Si quis aliquem vulnerarit, vel ei aliquod membrum præciderit: pœnitentiam aget uno anno per ferias legitimas: si cicatrix gravis est, & vulneratum deformem reddit; 40 etiam dies pœnitebit in pane & aqua.

„ Si quis scilum proximo dederit, nec nocuerit; tridui pœnitentiam aget in pane & aqua: clericus, unius anni & mensium sex.

„ Si quis aliquem per iram percutiens debilitaverit; soluta medicamenti impensa, si laicus est, pœnitens erit quadraginta dies

in pane & aqua: si Clericus, duas quadragimas: si diaconus, septem mensibus, si presbyter, uno anno.

„ Si quis fratri suo quem oderit, reconciliari non vult: tamdiu in pane & aqua pœnitentiam aget, quoad reconcilietur.

V I

Canones pœnitentiæ ad expianda peccata contra sextum mandatum commissa.

„ Si laicus solutus cum femina soluta concubuerit; pœnitens erit annos tres: & quanto sæpius, tanto majori pœnitentia afficietur.

„ Uxor viro conscio mæchata, si dignam pœnitentiam egerit, post 10 annos sacram communionem sumet.

„ Si quis conjugem fornicari consenserit, diebus omnibus vitæ in pœnitentia erit.

„ Vir solutus, si cum alterius uxore adulterium commiserit, pœnitentiam aget annos 7, mulier 5.

„ Mulier soluta cum alterius marito adulterium patrans, pœnitentia afficietur decennali.

„ Si quis maritus semel lapsus est, pœnitentiam aget annos 5; si sæpius, omnibus diebus vitæ suæ.

„ Si quis uxorem simul & concubinam habuerit: in pœnitentia erit annos 7, & amplius pro ratione culpæ.

„ Qui cum uxore sua temporis concubuerit, pœnitens erit 40 dies.

„ Si quis adolescens cum virgine peccaverit; pœnitentiam aget annum unum.

„ Qui puellam, aut mulierem libidine obtraxerit; si clericus est, quinque dies, si laicus 3 dies pœnitentiam aget: monachus vel Sacerdos, a ministerio suspensus, pœnitens erit dies 20.

„ Qui corruperit virginem, quam postea uxorem duxerit; pœnitentiam aget annum unum per legitimas ferias: si vero non duxerit, annos duos per legitimas ferias.

„ Vidua quæ stuprum admisit, pœnitentiam aget annum unum: & præterea altero anno jejunabit, legitimis feriis.

„ Cum duobus sororibus fornicatus, pœnitentiam aget toto vitæ suæ tempore.

„ Qui incestum fecerit, (in secundo, vel tertio gradu &c.) ei alii annorum 12, alii 15, alii 10, alii 7 pœnitentiam constituunt.

„ Quicumque Sacerdos spirituales filiam violaverit; dignitatis honorem amittet, & perpetuam pœnitentiam aget.

„ Qui monialem violaverit, pœnitens sit annis 10.

„ Pres-

„Presbyter si fornicationem admisit, sponte confessus pœnitentiam aget annos 10.
 „Qui cum brutis cojerit, pœnitentia afficietur annorum decem, & diuturniori etiam pro personæ conditione.

„Qui contra naturam cojerit; si servus est, scopis castigabitur, & pœnitebit annos duos: si liber est, & matrimonio junctus, annos 10: si solutus, annos 7: pueri, dies 100: laicus matrimonio junctus, si in consuetudine habuerit, annos 15: si clericus, de gradu amotus, ut laicus pœnitentiam aget: qui cum fratre tale scelus admisit, ab omni carne abstinebit; pœnitensque erit annis quindecim: si clericus, diuturniori & graviore pœnitentia afficietur.

„Vir se inquinans, primo dies 10: si iterum, dies 20: si tertio, dies 30: si nefarie agere perget, pœnitentiæ accessio ei fiet: si puer, dies 40: si major 15 annis, dies centum.

„Qui complexu fœminæ, vel osculo polluitur; pœnitentiam aget dies 30: qui contactu invecundo, menses tres.

„Qui concupivit mente, sed non potuit; dies decem pœnitentiam aget.

„Qui turpiloquio aspectuque polluitur negligens, nec vero peccare voluit: pœnitentiam aget dies 20: si vero impugnatione tentationis inquinatur, pœnitebit item dies 20.

„Quicumque lenocinium exercuerit, toto vitæ tempore pœnitebit: item sacram communionem non accipiet, nisi in fine.

„Si quæ mulier cerussa, aliove pigmento se oblinat, ut aliis viris placeat; pœnitentia afficietur annorum trium.

VII

Canones pœnitentiæ ad septimum decalogi præceptum spectantes.

„Qui furatus est aliquid de Ecclesiæ suppellectili, vel thesauro; quod sustulit reddet, & tres carinas (quadragessimas) cum 7 sequentibus annis pœnitebit.

„Qui sacras reliquias furatus est, illis restitutis 7 carinas jejunabit.

„Pecuniam Ecclesiasticam furatus, quadruplum reddet: si quid item de ministerio Ecclesiæ aliquo modo surripuerit, pœnitens erit annos 7.

„Sacrilagus rerum Ecclesiasticarum invasor, tres annos communionem privabitur; ac præterea sine esu carnis, ac potatione vini, usque ad septennium pœnitens permanebit.

„Qui Ecclesiam incenderit, aut incendio consenserit, restitutione facta, pœnitentiam aget annis 15.

„Si quis malo studio, vel odio, vel ulciscendæ injuriæ causa incendium commiserit, committive jusserit; aut incendiario auxilium vel consilium scienter dederit; excommunicatur: mortuus, christianâ sepultura carebit, nec vero absolvatur, nisi damnum pro facultatibus resarciverit; juraveritque se in posterum tale facinus nunquam admissurum.

„Si quis sepulchrum violaverit, pœnitens erit annos 7, e quibus tres in pane & aqua.

„Qui sepulchrum infregerit, ut defuncti sepulci vestimenta furaretur; pœnitens erit annos quos pro legitimis ferias.

„Qui de oblationibus quæ Ecclesiis factæ sunt, aliquid retinuerit; pœnitens erit dies 40 in pane & aqua.

„Qui decimam sibi retinuerit, aut dare neglexerit: quadruplum restituet, & pœnitentiam aget dies 20 in pane & aqua.

„Qui hospitalis domus administrator, aliquid de administratione subtraxerit, restituet quod abstulit, pœnitensque erit annos tres.

„Qui pauperem oppresserit, ejusque bona abstulerit; reddet ei suum, & pœnitens erit dies 30 in pane & aqua.

„Clericus furtum capitale faciens, septennii pœnitentiam explebit; laicus, quinquennii, & quod furatus est, reddat.

„Qui fregerit noctu alicujus domum, aut aliquid abstulerit; pretium reddet, & pœnitentiam aget annum in pane & aqua.

„Si quis furtum de re minori semel, aut bis fecerit; restituta re, pœnitentiam aget annum unum.

„Qui rem inventam non reddit, furtum committit: idcirco tamquam de furto pœnitentiam aget.

„Si quis usuras accipit, rapinam facit: ideoque quicumque illam exegerit, pœnitentiam aget, annis 3, uno in pane & aqua.

VIII

Canones pœnitentiæ pro peccatis contra octavum præceptum.

„Qui affirmaverit verum esse quod falsum est, pœnitentiam aget ut adulter: ut homicida, qui sponte id facinus admisit.

„Qui falso testimonio consenserit, pœnitens erit annos 5.

„Qui

- „ Qui proximo falsum crimen obijcit ; pœnitentia afficitur ut falsus testis.
 „ Si quis contra proximum lingua lascivus erit ; triduana pœnitentia expiabitur.
 „ Si quis murmuraverit , iudicio Sacerdotis pœnitentiam aget , pro culpæ gravitate.
 „ Si quis convicium manifestum fratri intulerit ; diuturna expiabitur pœnitentia pro modo peccati.
 „ Si quis facile detraxerit , falsumque in hoc dixerit , pœnitens erit dies 7 in pane & aqua.
 „ Qui falsitatem , fraudemque in ponderibus & mensuris admisit ; pœnitens erit in pane & aqua dies 20.
 „ Falsarius in pane & aqua pœnitentiam agat quamdiu vivit.

I X.

Canones pœnitentie pro peccatis contra 9 decalogi præceptum.

- „ Rem alienam nefarie concupiscens , avarusque , pœnitens erit annis 3.
 „ Qui aliena concupiscit , furtum est : qui aliena rapere cupit , rapina est : qui res Ecclesiæ furari appetit , sacrilegium est : ideo cum nefarie concupiscendo graviter peccet , ut peccati mortalis pœnitentiam aget , arbitrio Sacerdotis.
 „ Qui rem aliquam proximi pretiosam invenire cupit , ut illam sibi retineat ; mortale peccatum concipit , cujus pœnitentiam aget ; ut prædictum est de furto.

X.

Canones pœnitentie pro peccatis contra decimum decalogi præceptum.

- „ Si quis concupiscit fornicari ; si Episcopus , pœnitens erit annos 7 : si presbyter , 5 : si Diaconus , vel monachus , tres , e quibus unum in pane & aqua : si clericus aut laicus , annos 2.
 „ Si quis in somnis ex immundo desiderio polluitur , surgat , & cantet 7 psalmos pœnitentiales : & in die , 30 (cantes).
 „ Si clericus aut laicus ex mala cogitatione concupiscentiaque semen effuderit ; pœnitens erit dies 7.

X I.

Canones pœnitentie contra septem peccata capitalia , specialiternque gulam & ebrietatem.

- „ Pro capitali mortaliique crimine , pœnitentia 7 annorum indicitur ; nisi peccati gravitas & personæ status , severiorem diuturnioremque pœnitentiam requirant.
 „ Pro capitali crimine pœnitentiam aget laicus annos 4 , clericus 5 , subdiaconus 6 , diaconus 7 , presbyter 10 , Episcopus 12.
 „ Sacerdos imprudenter ebrius factus , pane & aqua pœnitentiam agat dies 7 : si negliger , dies 15 : si per contemptum , dies 40.
 „ Diaconus & alius clericus ebrius factus , arbitrio Sacerdotis pœnitens erit.
 „ Monachus ebrius , pane & aqua mensibus tribus : si clericus , 20 dies.
 „ Laicus ebriosus graviter arguatur , & pœnitentiam agere a Sacerdote cogatur.
 „ Qui humanitatis gratia alium inebriari procurat , pœnitentiam aget diebus 7 : si per contemptum , dies 30.
 „ Qui præ ebrietate & crapula vomitum fecerit ; si presbyter aut diaconus , pœnitentiam agat dies 40 : si monachus , aut clericus , dies 30 : si laicus , dies 15 , abstineatque a vino & carne dies tres.
 „ Si quis gulæ causa ante horam legitimam jejunium fregerit , duos dies pœnitentiam aget in pane & aqua.
 „ Si quis nimio cibo se ingurgitaverit , & inde dolorem senserit ; unum diem pœnitentiam aget in pane & aqua.

X I I.

Canones pœnitentie pro variis peccatis.

- „ Si quis Sacerdos missam canit , neque communicat ; per annum pœnitentiam agat , nec vero interea celebret.
 „ Sacerdos excommunicatus si celebrat ; tribus annis pœnitens sit , hebdomadisque singulis feria 2 , 4 , & 6 a vino , & carnibus jejuet.
 „ Sacerdos , sacerdotii sui gradu ordineque in perpetuum amotus , si celebrare audet , privatur communione corporis & sanguinis Jesu Christi , usque ad ultimum diem , & in excommunicatione est , viaticum tantum in fine sumens.
 „ Si gutta sanguinis Christi in terram cadit ; Sacerdos in pœnitentiâ sit quinquaginta diebus : si super altare , & ad pannum
 „ ugun

„ unum transit, diebus duobus: si usque ad
„ pannos duos, diebus quatuor: si usque ad
„ tres, diebus novem: si incaute dimisit,
„ quamvis nihil nefandi acciderit, tribus
„ mensibus a sui muneris administratione amo-
„ vetur.

„ Qui sciens se rebaptizandum curaverit,
„ si quidem per hæresim tale flagitium per-
„ petrarit, penitentiam agat annos 7: tres
„ quadragesimas primi anni jejundet in pa-
„ ne & aqua, & 4, & 6 feria aliorum an-
„ norum.

„ Si propter purificationem se rebaptizan-
„ dum curaverit, penitentiam agat annos
„ tres: si per ignorantiam, non peccat qui-
„ dem; nihilominus non promoveatur ad sa-
„ cros ordines, licet excellens & eximius vi-
„ deatur.

„ Si Episcopus, aut presbyter, aut diacon-
„ us se rebaptizandum curaverit; per totam
„ vitam penitentiam agat.

„ Clerici, monachi, & monachæ, sponte
„ sua per hæreticos rebaptizati, penitentiam
„ agent per annos 12.

„ Presbyter, qui clandestinis sponsalibus in-
„ terfuerit, suspendatur ab officio suo an-
„ nos 3.

„ Presbyter qui mortuorum corpus altaris
„ mappis involverit, penitentiam agat annos
„ 10, & menses 5; diaconus autem, annos 3,
„ & menses 6.

„ Qui legata pia Ecclesiæ non solvit, uno
„ anno penitens sit, & per legitimas ferias,
„ jejundet.

„ Qui sui sexus habitum mutaverit, peni-
„ tentiam agat annos tres, promittens emen-
„ dationem.

„ Infirmos & in carcere detentos visitare
„ negligens, penitentiam agat diei 10, pane
„ & aqua vicilians.

XIII

Canones penitentiales Græcorum & Orientalium.

Qui fuit hæcenus Latine Ecclesiæ spiritus
in imponendis satisfactionibus quæ gravitati
criminum responderent; idem etiam nunc in
Orientis & Græciæ partibus perseverat: nec
extingui potuit luctuoso schismate quo ab Ec-
clesia catholica infelicitè separantur: quam-
quam enim jam inde a 4 sæculo apud eos
penitentia publica, ut prædiximus, abolita
fuerit; ipsa tamen in se penitentia, quæ si-
ve privatim, sive publice fiat, parum inte-
rest, summæ religione servatur: cujus rei ar-
gumentum palmare est, tum in canonicis SS.

De Re Sacram. T. III.

Gregorii Thaumaturgi, Basilii, & Gregorii
Nysseni Epistolis, quas summo semper loco
habuerunt; tum in nomocanonibus, & colle-
ctionibus canonum, quas ab utroque *Ebnassa-
lo, Dionysio Barsalibi*, aliisque longe pluri-
bus adornata in usu habent: in iis enim, non
secus ac in nostris penitentialibus libris, pro
peccato quolibet satisfactiones congruæ minu-
tim notantur ac præscribuntur: exempla alii-
qua asseremus, ex Dionysii Barsalibi, qui duo-
decimo sæculo collabentem paulatim discipli-
nam restaurare aggressus est collectione de-
sumpta.

„ Si quis fornicatus fuerit, anno integro
„ penitentiam agat: feriis 4 & 6 in pane &
„ aqua jejunabit: centies in dies genuflectet
„ aut prosternetur: eleemosynam pro facul-
„ tatibus impendere tenebitur; totoque hoc
„ tempore excludetur participatione Sacramen-
„ torum.

„ Si quis virginem deflorarit, si liber est,
„ unius anni penitentiam, & jejunium imple-
„ bit: si conjugatus, ad annum usque sextum
„ penitentiam prorogabit.

„ Qui mulieri vim intulerit, 6 annos peni-
„ tens est: dies 40 in pane & aqua jeju-
„ net: reliquo tempore, bis in hebdomada.

„ Si quis cum mahumetana fornicatus fue-
„ rit, si vir, si mulier, annos 12 a com-
„ munionem arceatur: sanctam civitatem Hieru-
„ salem peregrinando invisere teneatur: to-
„ toque penitentia tempore ab ingressu Ec-
„ clesiæ excludatur.

„ Si cum Judæo commercium carnale ha-
„ buerit, annorum 40 penitentiam agat.

„ Si quis nefandum contra naturam concu-
„ bitum perpetrarit, annos 4 jejunabit, nec
„ vino, nec oleo, nec carne, nec pice ve-
„ scens; centies & quinquagesies diebus sin-
„ gulis prosternetur, &c.

„ Si quis homicidium voluntarium perpetra-
„ rit, tribus annis jejunabit: centies die qua-
„ libet genuflectet: & captivum unum redi-
„ met.

„ Si quis parricidii reus fuerit, toto vitæ
„ tempore, a vino abstineat, semelque in die
„ vescens jejunabit, exceptis diebus sabbati &
„ dominicis: annum integrum ab ingressu Ec-
„ clesiæ exulabit, ad portas foris consistent:
„ quo tempore capto, semel in anno corpo-
„ ris Christi particeps erit.

„ Qui mulierem in adulterio deprehensam
„ necaverit, sex annos penitens erit.

„ Mulier quæ abortum voluntarie fecerit,
„ 1, 40 dierum jejunium rigidissimum obser-
„ vabit: 2 annis solidis 14 penitentiam agat:
„ 3 reliquo vitæ tempore, feriis 4 & 6 in pa-
„ ne & aqua jejunabit.

„ Mulier quæ filium suum occiderit, annis
 „ 12 in pane & aqua jejundet.
 „ Si quis a fide apostataverit, diebus 40 ad
 „ Ecclesiæ fores consistat, fidelium orationem
 „ implorans: toto hoc tempore, vino, carni-
 „ bus, piscibus, oleo, &c. abstinens jejundet:
 „ deinde 7 annos integros communione prive-
 „ tur, ad arbitrium Sacerdotis jejundet, cen-
 „ ties die qualibet genuflectat, captivum unum
 „ redimat; nec ante absolvatur, quam pro
 „ illo centum fuscæ orationes, totidemque litur-
 „ giæ celebratæ fuerint “.

Paucos hos canones ad speciem pœnitent-
 tiæ Græcorum & Orientalium attulisse suf-
 ficiat, quos si quis volet diligentius perscruta-
 ri, legat sæpe laudatum Morinum de pœni-
 tentiis, & Eusebium Renaudot, tomo 3 per-
 petuitatis hœci lib. 3 & 4.

Jam si quis opponendum putaverit, hos ca-
 nones nullius modo in Oriente & Græciâ vi-
 goris esse, & contraria consuetudine obsole-
 tos, facile eruditorum testimonio refutabitur,
 quorum communis sententia est, Græcos ho-
 diernos & Orientales in imponenda pœnitentia
 & satisfactione Latinis esse severiores; nec in
 contrarium quidquam faciunt aliqua immoderata
 laxitatis exempla: nos enim in præsen-
 ti, non quid fiat, sed quid juxta canones de-
 beat fieri quærimus; nec pro Ecclesiæ disci-
 plina habemus abusus, quos ideo quia disci-
 plinæ contrarios, Græci ipsi & Orientales
 proscribunt.

§. Q U A R T U S.

Explicantur quæstiones quædam necessarie.

Q. 1. Utrum olim pro gravi quolibet pec-
 cato, etiam occulto, publica pœnitentia indi-
 ceretur?

R. Diversæ de hac re scriptorum esse sen-
 tentiæ: quidam enim, iique admodum pauci,
 existimarunt omnia peccata mortalia, sive pu-
 blica sive secreta, pœnitentiæ publicæ fuisse
 obnoxia: alii de solis peccatis publicis hoc
 cedebant, alii denique volunt, tria tantum
 peccata, adulterium, homicidium, & idolola-
 triam, publicis satisfactionibus ab initio casti-
 gata; deinceps vero aliis multis peccatis, si-
 ve secreta sive notoria forent, eandem pœni-
 tam, ad sæculum usque 7, majorum auctori-
 tate decretam: quam ultimam opinionem pro-
 babiliorem esse censuimus.

Q. 2. Quæ tanti rigoris causa fuerit?

R. Multiplicem: 1 fuit, satisfactio Deo,
 cujus terribilia judicia sunt, exhibenda: 2 ut
 fideles nondum lapsi, in officio, severitatis
 exemplis contingerentur: 3 ut hac disciplina,

peccati horror incuteretur: 4 scandali reparan-
 di necessitas: 5 ut conversionis sinceritas
 probaretur: 6 ne indulgentiæ & facilitas con-
 donandi, incentivum peccandi foret.

Q. 3. Utrum juxta hodiernam disciplinam
 pœnitentia publica peccatores plecti possent?

R. Posse aliquando & debere: de Græcis
 quidem & Orientalibus, quamvis pœnitentia
 publicæ gradus ab ipso 4 sæculo abrogarint;
 quod tamen observent etiam num aliquem e-
 jusdem modum, canones paulo ante citati de-
 monstrant.

Nec minus de Latinis est certum. Aposto-
 lus monet, publice peccantes, palam esse cor-
 ripiendos: (ajunt Trid. Patres Sess. 2 de re-
 form. c. 42) quando igitur ab aliquo publice,
 & in multorum conspectu criminem commissum
 fuerit, unde alios scandalo offensus, commo-
 torumque fuisse, non sit dubitandum: huic condi-
 tionem pro modo culpæ pœnitentiam publicæ in-
 jungi oportet; ut quos exemplo suo ad malos
 mores provocavit, suæ emendationis testimo-
 nio, ad rectam revocet viam: Episcopus ta-
 men publicæ hoc pœnitentiæ genus in aliud
 secretum poterit commutare quando ita magis
 judicaverit expedire.

Consentit rituale Romanum: ne absolvat
 eos, inquit, (de Sacram. pœnit.) nisi publi-
 ce satisficiant, & scandalum tollant.... ar-
 cendi sunt a sacra communione publice indigni,
 quales sunt excommunicati, interdicti, manife-
 steque infames, aut meretrices, concubinarij,
 feneratores, magi, blasphemj, & alij ejus
 generis publice peccatores; nisi de eorum pœni-
 tentia & emendatione constet, & publico
 scandalo prius satisfecerint.

Generalem hanc Ecclesiæ disciplinam esse,
 præter modo adductam Concilij Trid. sanctionem,
 & præscriptionem Romani ritualis, do-
 monstrant decreta innumerable Synodorum,
 quæ in diversis sive provinciis, sive diocesi-
 bus ubique habitæ sunt: omnium instar sat
 erit Mediolanensis proferre concilia sub Sancto
 Carolo habitæ: iidem confessorum, inquit pri-
 ma Synodus, (tit. de pœnit.) quemadmodum
 a S. Trid. Synodo jussum est, publicæ peccan-
 tibus publicam pœnitentiam imponent; neque
 illud pœnitentiæ genus, nisi data ab Episcopo
 facultate, secreta alia pœna commutare au-
 deant.

Et Synodus tertia: student Episcopus ad sa-
 crorum canonum & Trid. Concilii præscrip-
 tum, pro publicorum delictorum gravitatis
 ratione, publicam & solemnem pœnitentiam
 in usum revocare: quos vero ita solemniter
 penitere oportet, mense ante quadragesimæ ini-
 tium, ad se per Parochos deferretur; ut
 primum incunte quadragesima illi pœnitentia
 affici,

affici, tum die Cœnæ Domini, Ecclesia reconciliari possint solemnè rite.

Quorum similia reperies in Synodo 5, & in instructionibus confessorum: ubi Parochus, inquit S. Antistes, neminem peccatis publicis irretitum ad communionem excipiet, nisi prius scandalo publico satisfecerit, etiam si absolutionis a penitentiaris, aut confessoribus, etiam regularibus, acceptæ testimonium protulerit: nec etiam admittat eos, qui juxta Concilii Tridentini nostrarumque Synodorum decreta, ad penitentiam publicam aut solennem tenentur, ob publicum & in multorum conspectu commissum crimine, quodque multis scandalum peperit: si quidem penitentiam publice fieri necessum est, juxta culpe gravitatem, ut sua emendatione eos ad rectam vitam revocent, quos exemplo suo ad malum provocaverunt: nisi Parochus constituerit, hanc penitentiam publicam, in aliam a nobis fuisse commutatam.

Q. 4. Quid si poenitens publice satisfactionis onus ferre recuset; numquid Ecclesiæ clementia, & sacerdotis indulgentia dignum erit, ut poenam in occultum mutet?

R. Negative: nam

1. Qui peccare publice non erubuit, & satisficere publice erubescit; hoc ipso vere se non esse poenitentem demonstrat: suo quippe magis quam Dei honori consulit, adeoque est reconciliatione indignus.

2. Qui sub obtentu clementiæ, hujusmodi satisfactiones mitigandas, omninoque relaxandas censent; Ecclesiam universam, ipsumque Sp. Sanctum nimii rigoris accusant, Apostoli ore præcipientem, coram omnibus argui, qui cum multorum offensione peccavit, ut cæteri timorem habeant.

3. Vera indulgentia dici non potest, quæ divinæ legis dissipatio est, iram Dei provocans, nedum placet deliniquæ: atqui nihil magis Dei iram accendit, quam peccati impunitas, & relaxatio poenæ, gravitati ejus correspondentis: illud non otiose transmittendum est, inquit Origenes, (homil. 7 in Jo. sue) quod uno peccante ira Dei super omnem populum venit: hoc quando accidit? quando sacerdotes qui populo præsunt, erga delinquentes benigni videri volunt, & verentes peccantium linguas, ne forte male de eis loquantur, sacerdotalis severitatis immemores, nolunt implere quod scriptum est: peccantem coram omnibus argue, ut cæteri timorem habeant.

Q. 5. Utrum differant penitentia publica & sollemnis?

R. Hoc utriusque discrimen esse, quod sollemnis a solis Episcopis, die cinerum indicatur, quando poenitentes de Ecclesia sunt eji-

ciendi, usque in diem Cœnæ Domini, ut rituali Romano a Clemente VIII Pontifice Max. publicato præscribitur: publica vero, occurrente casu, quovis anni tempore, a sacerdote quolibet approbato imponi possit, imò debeat ex Synodi Trid. præscripto; nisi impositionem hanc sibi Episcopus specialiter reservaverit, quo casu ad ipsum remittendus erit peccator.

Quæ. 6. Quæ sint præcipua satisfactoria opera?

R. Verbis S. Leonis Pontificis Max. tria sunt, inquit (Serm. 1 de jejuniis decimi mensis) quæ maxime ad Religiosas pertinent adhibitas, oratio scilicet, jejunium, & elemosyna: oratione enim propitius Dei queritur, jejunio concupiscentia carnis extinguitur, elemosyna peccata redimuntur: simulque per omnia, Dei in nobis imago renovatur, si & in laudem ejus semper parati, & ad purificationem nostram sine cessatione solliciti, & ad sustentationem proximi indesinenter simul intenti: hæc triplex observantia omnium virtutum comprehendit effectus: hæc ad imaginem & similitudinem Dei pervenit, & a Sp. Sancto inseri viles facit: quia in orationibus permanet fides recta, in jejuniis innocens vita, in elemosynis mens benigna.

Et vero in hoc satisfactorio Deo exhibenda consistit, ut de eo quod ejus liberalitate accepimus, quodque nostrum esse voluit, aliquid ad ejus resarciendum honorem, & placandam iracundiam subtrahamus: tria porro bona in dominio nostro habemus, animi, corporis, & fortunæ: bona fortunæ, per elemosynam; bona corporis, per jejunium & macerationem; bona denique animi, orando & contemplando, Deo retribuimus: ad hæc tria igitur omnis satisfactorio generaliter revocatur: generaliter, inquam, nam oratio comprehendit sacrificium, laudem, gratiarum actionem, meditationem, lectiones pias &c. ad jejunium, omnis carnis maceratio & afflictio pertinet; scilicet victus & vestitus asperitas, vigilia, humi cubitationes, genuflexiones, terræ deambulationes, solitudo, silentium, pedestres pique peregrinationes, flagellationes, fuga spectaculorum, vini ac cibi privationes &c. ad elemosynam denique omnia tum corporalia, tum spiritualia misericordiæ opera reducuntur.

Q. 7. In imponendis satisfactoriis quæ ratio sit tenenda?

R. Habendam pro regula prudentiam Christianam, quæ suggerit poenitentem pro delicti gravitate, & statu suo ac conditione esse plectendum. Sic enim imprudenter e. c. Sacerdos ageret, qui pauperi, elemosynæ fa-

ciendæ necessitatem imponeret; vel prægnanti mulieri diu protracta jejunia, vel homini idiotæ ac simplici longas meditationes indiceret; spectandum itaque, non modo quantum quisque peccaret; sed etiam quantum laboris ferre queat ad satisfaciendum; ut si quid minus agendo possit, voluntate saltem (quæ optima penitentia) Deo exhibeat: plura namque, inquit S. Ambrosius, (*Lib. 2 de penit. cap. 8*) solvendi habet subsidia qui Deo, quam qui homini debet: homo pecuniam pro pecunia reposcit, quæ non semper debitori præsto est: Deus affectum exigit, qui in tua potestate est: nemo pauper est qui Deo debet, nisi qui seipsum pauperem fecerit: & si non habet quæ vendat, habet quæ solvant: oratio, lacrymæ, jejunia, debitoris boni census est: multoque uberior, quam si quis ex pretiis fundorum pecuniam sine fide deferat.

Cæterum quia ratione sacerdos debeat habito peccati & peccatoris respectu, modum satisfaciendi præscribere, egregie S. Carolus, & ut solet in cæteris, sapientissime explicat: injungat (*In instructionib. Sacram. penit.*) penitentiam pro culpa & persone ratione: ita ut superbis, humilitatis opera; carnis voluptatibus resistentibus, jejunia, abstinentiam, cilicii gestationem, aliamque corporis macerationem pro peccati gravitate indicat; in oratione negligentibus, ut singulis diebus, mane saltem & vespere, orationi vacent, feria secunda, & aliis certis feriis pro defunctis orent, certis idem definitisque diebus devote visitent stationales & præcipue devotionis Ecclesias & altaria, præsertim in quadragesima & in adventu; mundi pompas, choreas, aliaque opera satanæ consuetudinibus, eam penitentiam imponet, ut in hebdomada mane certis diebus (*id quod in singulis dies etiam faciendum esse, gravissime Beatus Chrysostomus monet*) sancta meditatione sibi proposita, solemnem illam sponsum, quam per compares in baptismo sanctæ fecerunt, redintegrent intime Deum precando: in qua precatione, firmo stabilique animi proposito statuunt, se Christo Domino adherere penitentiaque iterum atque iterum sæculi pompis, operibus senebrarum, & diabolo in primis, cui se adversarios esse & professi sunt, & profutentur perpetuo.

Atque hæc quidem penitentia generat, a sanctis viris accepta, Ecclesiasticæ disciplinæ interpretibus, pro peccatorum oratione adhiberi potuerunt.

Ut penitens vestitum sericarum usu, auri

ornamento, conviviorum apparatu, venatione, aliquo certo tempore abstineat.

Ut egentibus cibum suppediet ac ministret, pedes item lavet.

Ut peregrinos pro facilitatem ratione hospitio excipiat.

Ut in publica domo, hospitali, locove pio, aliquot dies operam navet.

Ut visitet qui in carcere sunt, eosdem consoleatur, & cum per facultates potest, alacerto tempore.

Ut se per aliquot dies in monasterium aliquod, aliumve semotum locum abdat, ubi penitens vivat.

Ut aliquot diebus carne aut vino abstineat.

Ut certis diebus, præsertim feria quarta, sexta, & Sabbato jejundet; vel etiam vescatur solum panem, & aque potu utatur.

Ut certo aliquo tempore non equitet.

Ut, si facultates suppetunt, certam pecunie, aut frumenti, aut vini quantitatem in eleemosynam pauperibus Christi conferat.

Ut genibus flexis, aut etiam brachiis extensis in modum crucis, certo tempore & hora præfixita, ante crucem, aliumve Sacram imaginem in Ecclesia oret.

Ut humi aliquamdiu jaceat, cuberve.

Ut flagella certis præscriptis diebus sibi adhibeat.

Ut cilicium aliquot dies induat.

Ut Religiosam aliquam peregrinationem suscipiat, sanctæque conficiat.

Ut psalmos penitentiales, aliasque penitentiales preces pie recitet, aliquot dierum spatio.

Ut certas Ecclesias, puta stationales, vel præcipuas devotionis causa visitet.

Et alibi: (*in instruction. Confess.*) "faciat sacerdos, inquit, ut imposita penitentia peccatis respondeat: ita pro peccatis luxurie injungantur jejunia, vigilie, peregrinationes, cilicii usus, aliaque hujusmodi corpori maceranda propria; pro avaritiæ peccato præter debitis restitutiones, eleemosynæ pro cuiusque facultatibus imponantur: sanandæ superbiæ aliisque peccatis spiritualibus oratio adhibeatur, quam Deo vires & vigor acquiruntur, quibus, huius peccatis obsistatur: pro negligentia rerum christianarum quas ignorant, conaciones audiant, & per aliquod tempus doctrinæ christianæ scholas frequentent: in devotis & tepidis juvabit imponere, ut Ecclesias divinæ officia oraturi sæpius adeant." (1)

(1) Legenda hac de re Praxis Sacramenti Penitentia, quæ Ludovico Haberto vulgo tribuitur, & Venetiis edita est anno 1744 ex gallico in latinum sermonem conversa, Tract. 5, a pag. 343 usque ad 362.

¶ Q. 8. An omittens penitentiam imposuit peccet mortaliter?

Resp. Theologi communiter in hoc conveniunt, Penitentem sub lethali culpa teneri ad implendam penitentiam gravem injunctam pro peccatis mortalibus primo confessis: dissentiunt vero inter se, si penitentia tota imposita pro peccatis lethalibus, levis sit, puta recitationis *Miserere*, &c. an si tunc Penitens eam omittat, graviter delinquat. Negant quamplures ea ducti ratione, quod levis materia gravem non sociat obligationem. Quamplures etiam, & quidem ut mihi videtur probabilius affirmant, & hac ratione probant: quia poena, sive satisfactio pro gravibus delictis primo confessis imposita, quæpote natura gravis est. Nam licet Confessarius pro delictis criminibus Psalmum *Miserere*, aut orationem Dominicam duntaxat imponat; hæc tamen penitentia, cum sit tota pars Sacramenti, poena gravis esset. Delicta quippe gravia nunquam antea Confessionis subjecta, de se gravem poenam exposcunt.

Quæritur. 9. An Penitens teneatur sub gravi penitentiam leviem implere pro peccatis venialibus, vel lethalibus jam antea confessis injunctam?

Resp. PP. Salmanticenses plures gravesque Theologos laudant, qui negantem opinionem teneant. At adversa sententia mihi probabilior est, ac prope certa. Et ratio est: quoniam tametsi venialia peccata aut lethalia jam alias confessa Sacramenti materia necessaria non sint; si quis tamen ea Sacramento subiciat, partes omnes implere debet, quæ ejusdem integritati necessariae sunt. Porro satisfactio Sacramenti Penitentiae pars integralis est. Igitur Penitens ad eam implendam adstringitur, nec citra Sacramenti injuriam eandem prætermittit. Fateri tamen opus est leve esse peccatum levem tantum ipsius partem omittit.

Q. 10. Quo tempore tenetur Penitens satisfactionem exequi?

Resp. Teneri tempore a Confessario præstituto. Quod si Confessarius nullum tempus præscribit, tenetur quamprimum commode potest.

Prioris partis ratio est; quia temporis circumstantia includitur in præcepto lato a Confessario. Quare si c. e. penitentia injuncta, ut jejunium, preces &c. tali diei illigetur, eam tali die, vel tempore implere debet, nec nisi urgente causa vel anticipare potest, vel postponere.

Ratio 2. est: tum quia ea est præceptorum, sicut & votorum conditio, ut si nul-

lum præfixum tempus fuerit, quamprimum moraliter adimpleri debeant. Tum etiam quia id exigere videntur Sacramenti integritas, debita satisfactionis ratio, ac justa Confessarii intentio. Nec tamen mora aliqua, vel dilatio gravi culpæ subesse credenda est; neque enim vel Sacramento injuriam infert, vel damnum Penitenti: attendendæ nihilominus sunt circumstantiæ.

Q. 11. Quid agere debeat penitens, cui, attentata criminis gravitate, satisfactio levior imposita fuerit?

Resp. Omnino teneri ad rigidioris satisfactionem sponte, & propria electione implendam: debet enim quisvis in Deum deliquit, se ipsum judicare, ut non disjudicetur a domino: debet fructus dignos penitentiae facere, ut venturam iram effugiat: debet denique per penitentiam Dominum honorare, ut in semetipsum pronuntians, pro Dei indignatione fungatur: nec est quod causeatur penitens, nullo se adstringi debito satisfaciendi, præter id quod sibi est a Sacerdote injunctum. Nam, inquit S. Thomas, (quodlib. 3, qu. 13, art. 1) peccator est debitor alicuius satisfactionis dupliciter: uno modo ex injunctione Sacerdotis: alio modo, ex peccato commisso. Unde si contingat quod Sacerdos minorem satisfactionem imponat penitenti, quam sit illa ad quam alligatur ex quantitate sui peccati, subraffo eo quod remittitur virtute clavium, & contritionis præcedentis, nihilominus penitens ad aliquid ulterius obligatur, quod si in hac vita non perficit, in purgatorio exolvitur. Ita Præceptor Angelicus: igitur sub obtentu negligentie Sacerdotis, liberum se ab ampliori satisfactione putare, idem est ac si usurarius quispiam, immunem se a debito injusti fœnoris restituendi jactaret, eo quod in hunc forte confessorium incidisset, & a quo non esset hujus officii monitus: attende tibi ipsi, inquit S. Basilii, (hom. in illud Apostoli: attende tibi ipsi) ut pro delicti proportionem, hinc quoque mutueris ex admota tibi medela valetudinis instaurande subsidium: magnum est & grave peccatum? multa opus habes confessione, lacrymis amarulentis, peracri contentione vigiliam, indulto & continenti jejunio: levis est, nec intoleranda offensio? hinc quoque exequetur penitentia: solum attende tibi ipsi, ut cognoscas animæ tuæ sanitatem, & morbum.

Quæritur. 12. Infirmis quæ satisfactio sit imponenda?

R. Vel ita gravis infirmitas est, ut salutis recuperandæ spes nulla sit: vel non est ad mortem infirmitas. Si 1., evidens est, præparatio-

nem

nem animi, qua infirmus Deo satisfacere vellet si posset, interimque morbi dolores mortemque ipsam, velut penas a Deo juxta inflisas lubens acceptat, satisfactionis loco esse debere. Si 2, injungi satisfactio debet, gravitati criminum correspondens, non agridudinis quidem tempore, sed simul ac convalescit adimplenda: *penitentiam ne ideo nimis levem imponat*, ait S. Carolus Borrom. (in *instruccionibus de visitat. & cura infirmorum*) *quod juxta ab homine jacente non possit præstari; si probabile sit quod convalescet, & tunc præstare poterit, quod non poterat jacens. Quod si credibile sit, eum non amplius surrecturum, rationes penitentiae juxta eliger, quae possint præstari a jacente; veluti magnam elemosinam pro facultatim modo: suadebit vero semper, ut morbi afflictiones penitentiae loco libenter accipiat, Dominoque pro peccatis suis offerat.*

Sæculorum præcedentium disciplina eadem fuit: "ab infirmis, *ajebat Theodorus Cantuariensis Archiepiscopus, (in penitentiali)* in periculo mortis positus, per Presbyteros pura inquirenda est confessio peccatorum; non tamen illis imponenda quantitas penitentiae, sed innotescenda: & cum antea orationibus, & elemosinarum studiis pondus penitentiae sublevandum: & si forte migraverint, ne . . . a communione & consortio venia fiant alieni; a quo periculo si divinitus ereptus convalescit, penitentiae modum sibi a Sacerdote impositum diligenter observet."

Longeque ante præcesserat, Concilii Carthaginensis IV, in Canone citati (*Can. si quis: 26, q. 6*) auctoritas: *si quis penitentiam in infirmitate petit, si casu, dum ad eum Sacerdos invitatus advenit, oppressus infirmitate obmutuerit, vel in phrenesi versus fuerit; dent testimonium qui eum audierunt, & accipiat penitentiam: si supervixerit, admonetur petitioni suae satisfactum, & subdatur statutis penitentiae legibus, quamdiu sacerdos qui penitentiam dedit, probaverit.*

Q. 13. Utrum necesse sit absolutionem satisfactione præcedi?

R. negative. Quamquam enim satisfactio in voto, sive satisfaciendi propositum, contritioni intime conjunctum, debeat necessario absolutioni præmitti; non idem tamen de ejus executione dicendum: cujus rei, præter quam quod argumentum non leve petitur ex Forensis judicii comparatione, in quo satisfactio sententia posterior communiter est; preceptorium sane est, quod suggerit Ecclesiae hodierna disciplina: vel enim prævaricationis accusari tota Ecclesia debet; vel fatendum, illud quod facit,

quippe prudentiae ac judicii plenum, sine juris divini infractione fieri; atque juxta hodiernum Ecclesiae morem satisfactio communiter, nisi accepto reconciliationis beneficio, non impletur. Neque id ex mera Ecclesiae tolerantia, sed ex ejus decreto fit. Hinc Sixtus IV, Pontifex Max. Concilium Complutense confirmans, hunc Petri Oxoniensis errorem confixit: (*anno 1478*) *non sunt absolvendi penitentes, nisi peracta prius penitentia eis injuncta.* Hinc etiam sacra facultas Parisiensis ejusdem sententiae propositiones, affirmantes, executionem penitentiae seu satisfactiois imponere, *necessario & ex institutione Christi, ac invariabili sacramenti natura, ita prærequiri absolutionis, ut alioqui absolutio non sit valida, nisi ejusmodi satisfactio prius completa fuerit:* damnavit, *ne temerarias, & hereticas, & a Sixto IV, contra Petrum de Osmo, illiusque sequaces præsumptas.*

Objection.

Ex veteri, inquit, Ecclesiae disciplina, nemini reconciliatio concedebatur, nisi prius labores penitentiae canonice implevisset. Ergo necessario sic agendum Ecclesia sentiebat. Porro quod fuit semel necessarium fieri, tale semper futurum est.

R. 1. atque absolute ant. universaliter intellectum: quod enim primis temporibus Ecclesia non putaverit, plenam satisfactionem absolutioni debere absoluta necessitate præmitti, pleraque exempla demonstrant: sic urgente persecutione penitentes, antequam opera satisfactoria complevisset, ad pacem admittebantur: infirmis pariter, gravius morbo correptis, etiamsi penitentiae nondum vacassent, pax & communicatio Corporis Christi concedebatur; et tantum conditione, ut si convalescerent, quod ante non poterant, post acceptam absolutionem impleverint: *qui penitentiam in infirmitate petit, ait Concilium Carthag. IV, (Can. 76) si casu dum ad eum sacerdos venit, oppressus infirmitate fuerit, vel phrenesi correptus, suffraganeorum qui ipsum audierunt testimonio; si continuo creditur moriturus, reconcilietur per manus impositionem, & infundatur ori ejus Eucharistia: ita ut si supervixerit, subdatur statutis penitentiae legibus, quamdiu sacerdos, qui penitentiam dedit, probaverit.*

Eodemque pertinet Concilii Arausiacani primi canon 3, quod decernitur, penitentes in extremis reconciliatos, si incolumitati pristinae restituantur, *in ordine penitentium stare debere, ut ostensis necessariis penitentiae fructibus, legitimam communionem cum reconciliatoria manus impositione, (cæremoniis nimirum, cum jam præcessisset Sacramentalis) accipiant.*

Quin

Quin & iis ipsis, qui post baptismum omni tempore innocentia & voluptatis dediti, in extremo fine vite suæ poenitentiam simul & reconciliationem communem exposcerent, concedi sine dilatione debere, Innocentius I Pontifex Max. statuit: (Epist. 3 ad Exuperium) ut, inquit, homines ejusmodi, vel in supremis suis, permittente Salvatore nostro, a perpetuo exitio vindicentur.

Parique sensu S. Leo, Summus utique Pontifex, his qui in tempore necessitatis, & in periculi urgentis instantia, presidium poenitentiae, & max reconciliationis implorant, nec adhibitionem poenitentiae, nec communionem denegandam, decrevit, (Ep. ad Theodorum Forojuliensem) si eam, etiam amisso vocis officio, per judicium integri sensus quaerere comprobentur.

Itaque credebatur olim Ecclesia, ad essentiam Sacramenti nil facere, sive absolutionem satisfactio præcederet, sive sequeretur.

R. 2. dato ant. n. conseq. Inde enim hoc unum sequitur (quod in potestate Ecclesiae esse, nemo sapiens negaverit) veterem disciplinam esse mutatam, & juxta morem hodiernum sufficere, si post absolutionis beneficium satisfactio compleatur, quam ante reconciliationem debere persolveri, instituto majorum sancitum erat. Nam quod in argumento asserbatur, quod *semel fuit necessarium, tale semper esse futurum*, est illud equidem in rebus ad fidem, & divinam institutionem pertinentibus axioma certissimum: at in rebus ad disciplinam spectantibus omnino falsum. Hanc enim sæpe esse mutatam, & posse etiamnum eadem fidei lege manente mutari, exempla plurima probant, quæ in omnibus fere Sacramentis occurrunt.

Q. 14. Utrum penes Sacerdotem sit, beneficium absolutionis differre, donec poenitens satisfactionem ex toto, vel ex parte persolverit?

R. affirmative. Nam

1. Quamquam in desuetudinem antiqua disciplina abierit, neminem, nisi peracta in antecessum satisfactio absolvendi; nullo tamen Ecclesiae decreto sancitum est, morem contrarium necessario esse teneandum. Ergo potest Sacerdos antequam absolutionem impendant, plenam satisfactioem, aut saltem partem ejus exigere, si ita emendationi & salutis poenitentis judicaverit expedire.

2. Hujus exactionis causas urgentissimas sæpe occurrere, experientia norunt, qui frequentes assident sacro tribunali. Quoties enim contingit, ut poenitentes accepta absolutione præcipit, de implenda deinceps satisfactioe nec cogitent quidem? quanto numero sunt, qui statim post reconciliationem redeuntes ad vomitum,

injuncta opera poenitentiae, in statu peccati mortalis faciunt; adeoque nec faciunt quidem, indeque iram Dei provocant, unde placare debuerant: quot denique ubique occurrant, quorum suspecta contritio & incerta conversio merito-judicatur? in iis igitur & similibus casibus sapientis judicis & periti medicis est, absolutionem, differre, donec fuerit satisfactio persoluta: ut nimirum communionis ac pacis difficultate poenitens humilior fiat & cautior, & fructus dignos poenitentiae edat, se ipsamque probet, antequam ad mensæ Domini participationem recipiatur: de pondere estimando delictorum, ait Innocentius I Pontifex Max. (Ep. 1) Sacerdotis est judicare, ut attendat ad confessionem poenitentis, & ad fletus atque lacrymas corrigentis; ac tum jubere dimitti, cum viderit congruam satisfactioem; & S. Gregorius M. (hom. 26 in Evang.) videndum est, quæ culpa præcessit, aut quæ sit poenitentia sicuti post culpam; ut quos omnipotens Deus per compassionis gratiam visitat, illos sententia pastoris absolvat: tunc enim vera est absolutio præstabilis, cum æterni arbitrium sequitur judicis.

Q. ultimo. Utrum in Sacerdotis arbitrio sit, satisfactioem ab altero Sacerdote impositam commutare ac moderari?

R. Si causa imponendæ satisfactiois justa fuerit, nec ullus intervenerit olex qui persolutionem ejus impediatur, non deesse Sacerdotem, nec pro arbitrio posse sententiam alterius immutare: tota namque disciplina subverteretur, & in contemptum hominum impudentium veniret divini tribunalis jurisdictio, si unicuique liceret consacerdotum suorum, temeraria præsumptione, judicium reformare: hinc sæculo undecimo ineunte, contra quosdam qui a Germaniæ Sacerdotibus, poenitentia publica damnati, Romam se contulerant, ut immunitatem a satisfactioe merito imposita extorquerent, in Concilio Salegensiensi c. 8, sic legimus constitutum: (an. 1022) *quia multi tanta mentis suæ falluntur stultitia, ut in aliquo capitali crimine, poenitentiam a Sacerdotibus suis accipere nolint, in hoc maxime confisi, ut Romam cunctibus Apostolicis omnia sibi dimittat peccata: sancto visum est Concilio, ut talis indulgentia illis non prosit; sed prius juxta modum delicti poenitentiam sibi datam a Sacerdotibus suis adimplant: & tunc Romam ire si velint, ab Episcopo proprio licentiam, & litteras ad Apostolicum ex eisdem rebus deferendas accipiant.*

Quod si injuncta satisfactio, vel modum discretiois excesserit, vel talis sit ut eam poenitens, interventu infirmitatis aut alterius cujusvis obicis implere non possit: tum sane non est

est dubium, cognita causa, & audita confessione, posse vel ex integro, vel ex parte remitti, & in aliam commutari: (cognita, inquam, causa: novum enim hoc iudicium erit. Porro, ajunt Patres Trid. (sess. 14, cap. 5) constat Sacerdotes iudicium hoc: incognita causa exercere non posse, neque aequitatem in penis injungendis servare posse; si in genere duntaxat, & non potius in specie ac sigillatim, sua ipsi (poenitentes) peccata declaraverint: Ita respondet S. Raymundus: (lib. 3, cap. 66) „ad illud quod quaeritur, inquit, utrum Sacerdotes possint facere commutationes jejuniorum, vel alterius satisfactionis, ad petitionem ipsorum poenitentium: credo breviter quod sic, dum tamen discrete & propter causam, & circa subditos suos: alias non“.

Sequitur

QUAESTIO SEPTIMA.

De indulgentiis.

Quaestioni praecedenti intime, quae de indulgentiis nunc movetur, conjuncta est: cum enim, ut praediximus, teneatur homo, Deo pro suis delictis, penis temporalibus satisfacere, nec solutio a reatu poenae aeternae, liberationem a debito poenae temporalis importet: cumque aliunde, quas Deo exhibemus satisfactiones, ita plerumque imperfectae sint, ut a gravitate criminum adaequanda longissime distent; huic insufficientiae Deus misericordiarum & totius consolationis providit, facta Ecclesiae potestate, indulgentias in supplementum & subsidium poenitentiae concedendi.

De his, quae earum natura sit, quae praestantia, quae utilitas, quae mensura, dicere in praesenti contra haereticos recentiores suscipimus; a quibus, uti omnis satisfactio, sic & indulgentia, cum risu impio & contumeliose rejecta: ut autem certam in his exponendis difficultatibus, quamque praetergredi nefas sit, regulam teneamus, juvat in limine ipso, Ecclesiae de indulgentiis doctrinam proponere, quam Trid. Concilium his verbis expressit (sess. 25, in decr. de indulg.).

„Cum potestas conferendi indulgentias a Christo Ecclesiae concessa sit, atque hujusmodi potestate, divinitus sibi tradita, antiquissimis etiam temporibus illa usa fuerit: Sacrosancta Synodus indulgentiarum usum, Christiano populo maxime salutarem, & sacrorum Conciliorum auctoritate probatum, in Ecclesia retinendum esse docet ac praecipit; eosque anathemate damnat, qui aut

„inutiles esse asserunt, vel eas concedendi in Ecclesia potestatem esse negant: in his tamen concedendis moderationem, juxta veterem & probatam in Ecclesia consuetudinem, adhiberi cupit; ne nimia facilitate Ecclesiastica disciplina enervetur. Abusus vero, qui in his irrepserunt, & quorum occasione insigne hoc indulgentiarum nomen ab haereticis blasphematur, emendatos & correctos cupiens, praesenti decreto generaliter statuit, praevidens omnes pro his consequendis, unde plurima in Christiano populo abusu causa fluxit, omnino abolendos esse: ceteros vero, qui ex superstitione, ignorantia, irreverentia, aut aliunde quomodocumque provenerunt, cum ob multiplices locorum & provinciarum, apud quas hi committuntur, corruptelas, commode nequeant specialiter prohiberi; mandat omnibus Episcopis, ut diligenter quisque hujusmodi abusus Ecclesiae suae colligat, eosque in prima Synodo provinciali referat: ut aliorum quoque Episcoporum sententia cogniti, statim ad Sum. Rom. Pontificem deferantur, cujus auctoritate & prudentia, quod universali Ecclesiae expediret, statuatur, ut ita Sanctarum indulgentiarum munus pie, sancte, & incorrupte omnibus fidelibus dispensetur“.

Ita Sacrosanctum Concilium, cujus Doctrinae summa est, 1 indulgentias concedendi potestatem a Christo Ecclesiae datam: 2 Christiano populo esse maxime salutare: 3 in his largiendis moderationem, certosque fines esse tenendos, quos ultra nequit rectum consistere. Jam sit

CAPUT PRIMUM.

Ecclesiae ad indulgentias concedendas, contra Haereticos auctoritas vindicatur.

§. PRIMUS.

Notantur errores.

QUI hanc eripere Ecclesiae potestatem attentaverint, primi Montanistae occurrunt: cum enim peccata pleraque ob nimiam gravitatem irremissibilia esse, ut praediximus, affirmarent; consequens erat, ut dicerent, poenam iis debitam nulla posse satisfactione aequari; adeoque nec posse quidquam de ejus persolutione Ecclesiae potestate laxari; sed soli Deo totum hoc iudicium committendum: at tu jam, inquit Tertullianus, e Catholico Montanista

sta factus, & contra Zephirinum Pontificem Max. declamans, (*lib. de pudicit. cap. ult.*) at tu & in Martyres tuos effundis hanc potestatem: ut quisque . . . vincula induit . . . statim ambiunt Mœchi, statim adeunt fornicatores, jam preces circumsonant . . . & pacem ab his querunt, qui de sua periclitantur . . . sufficiat martyri propria delicta purgasse . . . quis alienam mortem sua solvit, nisi solus Dei filius?

Sæculo 3 eodem infecti errore, Novatiani fuerunt.

Sæculo 12 eandem Waldensibus opinionem plerique adscripsisse comperiuntur: de indulgentiis quæ sunt per Ecclesiam, ait Reynerus (*lib. cont. Wald. cap. 6*) non credunt . . . & Philadelphius: (*cont. eod. c. 40*) item reprobat Hæretici Waldenses indulgentias Prælatorum Ecclesiæ.

Sæculo 15 Wiclefus & Joannes Hus contra indulgentias invecti pariter sunt: in articulis enim quos a Joanne Hus temerario propugnatos Concilium Constant. Sess. 15 proscripsit, hic numeratur: item 19 articulus, in quo continetur, quod indulgentia Pape sive Episcopo- rum, concessæ nihil prosum.

Sæculo 16, anno 1517, Indulgentiarum publicatio in Germaniæ partibus, jussu Leonis X Pontificis Max. facta, prima Lutheri Schismatis & nefandæ hæreseos occasio fuit. Cum enim ægre ferret, hanc sodalibus suis Augustinianis, ut solitum antehac benignitate Pontificum fuerat, non esse demandatam provinciam; malo livore correptus, cepit primum invehi contra indulgentiarum abusus; nec multo post ipsas in se indulgentias tamquam perniciosas & inutiles infamare: passim ubique qua scriptis, qua prædicatione vociferans, reduci eos qui credunt indulgentias esse salutaris, & ad fructum spirituales utiles; nec mortuis, nec morituris prodere; ad remissionem pene pro peccatis actualibus debite, apud divinam justitiam nil valere; pias esse fraudes ad emungendam pecuniam adinventas &c. Quorum mentio est in bulla contra illam a prædicto Sum. Pontifice Leone X lata.

Eodem tempore Lutheram Zuinglius, Calvinus, alique discipuli ejus secuti sunt.

§. SECUNDUS.

Indulgentiarum nomen & definitio explicatur.

Quos priusquam refellimus operæ pertinemet, indulgentias, unde dicuntur, quæque naturam habeant explicare.

De Re Sacram. T. III.

Indulgentia, usu Latinorum persæctioque, idem sonat ac *remissio* sive *relaxatio* poenarum criminibus debitæ: sic enim generalem criminum condonationem, quam aliquando principes sæculi, sive occasione triumphis, sive publicæ lætitiæ causa faciebant, *indulgentiam* appellare solemne erat, ut in Codice Theodosiano, titulo de *indulgentiis criminum*, & in jurisconsultis videre est: haud incongrue igitur a Sanctis Antistitibus & Scriptoribus Ecclesiasticis ad significandam poenarum Canonicarum relaxationem, eadem voces aptatæ, quas nemo, nisi qui ipsas in se indulgentias aspernatus fuerit, reprehendat; eoque dignior censura evadat, quod Concilia antiquissima, Sum. Pontifices, Cyprianum aliosque Patres accusabit, qui *relaxationis*, *remissionis*, *donationis*, *condonationis*, & *indulgentiæ* nomina usu communissimo frequentarunt.

Jam qui vocis *indulgentiæ* etymologiam semel intellexerit, haud difficulter in quo ejus natura posita sit, assequetur: est enim *indulgentia*, prout juxta Ecclesiæ mentem accipitur, *relaxatio poenitentiae a Sacerdote, aut a Canone injunctæ*: sive; *Remissio aliqua poenæ temporalis, quæ post remissionem peccatorum luenda superest, extra Sacramentum facta, ab eo qui spirituales jurisdictionem habet, celestem Ecclesiæ Thesaurum dispensandi.*

Explicatur definitio.

Dicitur 1 *remissio poenæ temporalis*; æterna namque poena, mortali peccato debita, per absolutionem Sacramentalem remittitur. Hoc ipso enim quod vincula peccati soluta sunt, peccator in Dei gratiam rediit, ejusque est æternitatem consecutus. Quod si amicus Dei, hæres ergo ejus & coheres Christi est factus: unde sequitur, ab æterni supplicii debito esse liberatum.

Dicitur 2 *Remissio aliqua poenæ temporalis*, non ex integro nimirum, sed ex parte facta: gravissima enim hallucinatio foret ejus qui crederet, per indulgentiam, poenam omnem temporalem peccato mortali debitam relaxari: quod quid aliud esset, quam præceptum divinum infringere: *facite fructus dignos poenitentiae*, & ignavis, otiosis, ac negligentia torpescitibus patrocinari? ideo igitur Ecclesiæ indulgentias elargitur, non ut impoententiæ faveat; sed ut vere poenitentium zelum ac fervorem præmio quodam afficiat, & debiliū impoententiæ ac infirmitati succurrat, iis in supplementum poenitentiae quam ex integro implere non possunt, Christi & Sanctorum merita, celestem videlicet thesaurum divinitus sibi creditum applican-

H h do.

do. "Sunt (inquit Cardinalis Cajetanus, qui doctrinam hanc eximie contra Lutheri improbas declamationes defendit:) (*tract. de suscipiendis indulgentiis*) sunt (*pœnitentes*) duplicis ordinis: quidam solliciti ad satisfaciendum per se ipsos pro peccatis suis: quidam negligentes satisfacere per se ipsos. Primi condignas pœnitentias vel petunt a Confessoribus sibi imponi, parati eas implere, vel sponte illas assumunt, dum continuo student per sua sancta opera satisfacere, jejuniando, orando, eleemosynas dando &c. secundi vero levissimam pœnitentiam, aut rogant, aut læti suscipiunt; & cum illam impleverint quam sciunt esse minimam, non curant amplius de satisfaciendo; & hi sunt quibus indulgentiæ non prosunt iudicio meo. Nullus enim indignus aliena satisfactione, pro pœna sibi debita, consequitur veraciter fructum indulgentiæ; sed quilibet negligens satisfacere per se ipsum, est indignus aliena satisfactione pro pœna propriis peccatis debita. Ergo nullus negligens satisfacere per se ipsum, acquirit fructum indulgentiæ. Præterea in qualibet bene ordinata Republica quantumcumque rationabilis adesset quandoque causa dispensandi communem Thesaurum in cives gravatos ære alieno; negligentes tamen solvere, indigni censerentur adiutorio thesauri: ex eo enim quod possunt de suo solvere, & non curant, indignos se reddunt tali sublevamine: & nisi tales pro indignis haberentur, foveretur negligentia, quoniam alii horum exemplo ad similem negligentiam provocarentur: legis autem est, facere, non negligentes, sed virtuosos. Cum igitur Ecclesia sit a Deo ordinata, æquum non est, ut spiritualis dispensatio thesauri, negligentes satisfacere pro dignis habeat: hoc enim vere esset enervare satisfactiones pœnitentiales. Non prosunt igitur indulgentiæ negligenter satisfacere per se ipsos, quoniam indigni sunt indulgentia. . . . parati autem ad satisfaciendum per se ipsos suat, non qui negligunt per se ipsos satisfacere; sed illi soli, quorum voluntas sic est ad satisfaciendum parata, quod non retardat opus nisi impedita."

Dicitur 3 Remissio pœnæ temporalis, post peccatorum condonacionem luende: Principium enim est fidei certissimum; a Scriptura & Patribus, ipsoque novissime Trid. Concilio inculcatum, peccata baptizatis, per veram pœnitentiam sic remitti, ut nihilominus pœna temporalis, vel in hac vita, vel in futura debeant, Dei iustitia sic exigente, puniri. In hoc ergo indulgentiarum vis proprietatisque consistit, quod huiusmodi pœnarum pars aliqua remittatur.

Dicitur 4 *Extra Sacramentum facta*: quod enim ut alicujus valoris sit, Sacramentum ante susceptum necessario supponit, extra Sacramentum est; atqui indulgentiarum beneficium consequi nemo potest, quin prius pœnitentiæ Sacramentum susceperit: remissio ergo hæc extra Sacramentum fit: deinde, indulgentia est relaxatio pœnarum, quæ juxta rigorem canonum imponi in Sacramento debuerant aut potuerant. Est ergo Sacramento posterior.

Dicitur 5 *Facta ab eo, qui spiritualem jurisdictionem habet, celestem Ecclesia thesaurum dispensandi*. Non enim largitionem hanc facere, omnibus promiscue convenit, sed iis solum qui communia Ecclesiæ bona administrant: in quibus haud dubie primus est Pontifex Maximus; deinceps sequuntur Episcopi, in sua quique diœcesi, juxta mensuram canonum, jure divino, thesauri celestis economi, ut in decursu quæstionis paulo uberius ostendetur.

§. TERTIUS.

Veritas indulgentiarum adstruitur.

Sat non fuerit indulgentias, in quo eorum natura posita debeat, descripsisse; nisi earumdem veritas & existentia propriis fundamentis adstrueretur. Id quod argumentis certissimis suscipimus demonstrandum.

ARGUMENTUM PRIMUM

Ex eo quod Ecclesia indulgentias omni re tro ætate concesserit.

Tota in exemplis, factisque historicis probatio ista consistet.

Primum est, incestuosi Corinthii de quo Apostolus: *sufficiat illi quæ ejusmodi est*, inquit, (2 Cor. 2, 6, & seq.) *obiurgatio hæc, quæ fit a pluribus; ita ut e contrario magis doneris & consolemini, ne forte abundantiori tristitia absorbeat, qui ejusmodi est*. Propter quod obsecro vos, ut confirmeris in illum caritatem: Idco enim & scripsi, ut cognoscam experimentum vestrum, an in omnibus obedientes sitis: cui autem aliquid donastis, & ego: nam & ego quod donavi, si quid donavi, propter vos in persona Christi, ut non circumveniamur a Satana: non enim ignoramus cogitationes ejus.

Is ipse Corinthius est, de quo B. Paulus prædixerat: (1 Cor. 5, 3, & seq.) *ego quidem absens corpore, præsens autem spiritu jam judicavi ut præsens eum, qui sic operatus est, in*

in nomine Domini nostri Jesu Christi, congregatis vobis & meo spiritu, tradere hujusmodi Satanae in interitum carnis, ut spiritus salvus sit in Die Domini nostri Jesu Christi.

Veram porro, propriamque indulgentiam ab Apostolo esse concessam, verba ipsa quibus utitur satis superque significant: quem enim prius in nomine Domini Jesu Christi tradiderat in interitum, id est, macerationem carnis, & laboriosa opera poenitentiae, ut spiritus salvus fieret; eum deinceps in ejusdem Christi persona, in gratiam & communionem recipi præcipit; non quod plene satisfecerit, & poenam nefando incestui debitam plene persolverit: sed, inquit, *ne abundantiori tristitia absorbeat, qui ejusmodi est, neve in desperationem incidat, si longius ejus poenitentia prorahatur.* Unde subdit: *ut non circumveniamur a Satana, non enim ignoramus cogitationes ejus.*

Nec putandum novam hanc Apostoli interpretationem esse, & ad defensionem recentis, ut hæretici jactant, dogmatis adinventum. Sic enim textum ejus prioribus sæculis intellectum, Græcorum Latinorumque Patrum testimonia attestantur.

Ita sane sentit S. Joannes Chrysost. hom. 3 in 1 Ep. ad Corinthios, ubi Apostoli verba commentans: *quoniam, inquit, peccatum confessus fuerit (incestuosus) ipsiusque poenituerit; ostendit tamen eum non tam poenitentiae opera, quam gratia & beneficio veniam consequi.* Unde subdit: *ob idque donetur & consolemini; & quod sequitur, idem declarat: non enim, inquit, quod id promeretur, nec quod eam quam par sit poenitentiam præstiterit; sed quia infirmus est, idcirco hoc peto: ne forte abundantiori tristitia absorbeat, qui est ejusmodi: quæ verba sunt hominis, magnæ poenitentiae testimonium ipsi tribuentis, nec eum in desperationem ruere sinentis. . . . hincque docemur, quod non solum ad peccatorum naturam, verum etiam ad mentem habitumque peccantium oporteat moderari poenitentiam.*

Parī ratione Theophylactus in eundem locum: *pulchre autem, inquit, dixit Apostolus: donare. . . attendit enim, quod non tantum ex poenitentia sua, (Corinthius) quantum ex gratia & donatione dimissionem recipiat.*

Consentiunt e Græcis Theodoretus & Eumenius: e Latinis S. Ambrosius, (lib. 1 de poenit. cap. 6, & ultimo) & S. Pacianus Ep. 3, ubi relatis Apostoli verbis Symoniam ita redarguit: *"vides Apostoli indulgentiam, pro prias etiam sententias temperantem? vides, mitissimam lenitatem, longe a vestro super-*

"cilio separatam? longe a Novatiani front dissimilem, communi vero vitæ ac salutis omnium consulentem?"

Secundum exemplum est Martyrum, eorum videlicet, qui sævientem persecutione, propter confessionem nominis Christi in carceribus detinebantur. Ad eorum enim petitionem Ecclesia, de satisfactionis operibus, iis qui lapsi erant, impositis, plurimum relaxabat: tantumque eis honorem deferrebat, ut quod perpessi ipsi fuissent, aut forent quantocyus sanguinis effusione passuti, pro aliorum quoque Antistitibus commendabant, poenitentia acceptarent: hujus indulgentiæ inveniunt Tertullianus in lib. ad martyres (cap. 1), ubi, *pacem, inquit, quidam in Ecclesia non habentes, a martyribus in carcere exorari conserunt: & ideo eam etiam propterea in vobis habere, & fovere, & custodire debetis, ut & aliis prestare possitis.*

Ejusdem in Epistolis S. Cypriani frequentissima mentio fit. Sic Ep. 13, qui libellum a Martyribus acceperunt, inquit, (Epistolam videlicet commendatitiam) *& auxilio eorum adjuvari apud Dominum, in delictis suis possunt, si premi infirmitate aliqua & periculo ceperint, & exomologesi facta, & manu eis a vobis in poenitentiam imposita, cum pace a martyribus sibi promissa ad Dominum remittantur.*

Tertium petitur ex antiquissimis Ecclesiæ decretis, quæ Episcopis potestatem faciant, ex Canonicis poenitentibus aliquid poenitentibus remittendi, si eorum vita & laudabilis conversatio favorem hanc mereatur.

"Est autem tuæ prudentiæ, ait S. Basilii in Ep. ad Amphilochoium sæpe laudata, (Can. 54) pro circumstantiæ proprietate, poenas intendere, vel remittere: quorum similia in diversis ejusdem Epist. canonicis repetit."

"Et in hoc quoque, ait S. Gregorius Nyssenus, in Ep. ad Leroium, (Can. 4) idem observabitur ab eo qui Ecclesiam administrat; & pro ratione conversionis, illi quoque poenæ tempus contrahetur: adeo ut novem annis in unoquoque gradu vel octo, vel septem, vel sex, immo etiam quinque, tantum anni ponantur, si poenitentiae magnitudo tempus vincat, & superet correctionis studio, eos qui in longo tempore præstituto, suspectas a se maculas segniter eluunt."

Concilium Ancyranum, anno 314 celebratum: Episcopum, inquit, (Can. 5) *hanc habere licentiam oportet, ut perpessa singulorum conversatione, normam regulamque attribuat; id est, aut humanitas agens secundum vitam modum, tempus alicui poenitentiae breviter, aut etiam prolixius, quod correctioni necessarium*

viderit, addat: *discutatur autem omnium bonum & procedens vita & posterior: & ita circa eos Sacerdotalis se humanitas moderetur...* (Can. 22) *modus penitentiae in Episcopo- rum sit arbitrio, ut secundum conversationem penitentium possint & extendere tardantibus, & minuere studiosis festinantibus.*

Concilium Nicænum I, undecimo post anno (325) habitum: quotquot, inquit, (Can. 12) metu & lacrymis, atque patientia, vel bonis operibus, rebus ipsius conversionem suam, non simulatione demonstrant: hi demum tem- pus auditionis implentes, tum demum fidelibus in oratione communicent. Postmodum vero licebit Episcopo de his aliquid humanius cogitare.

Paria extant in Concilio Trullano Can. 12, Carthaginiensi IV, Can. 75, in Epist. 1 Inno- centii I, c. 7, & 79 Leonis Magni c. 5.

Pro quarto exemplo sit, mos 8. sæculo in- troductus, Canonicas penitentias precibus qui- busdam, aut flagellationibus, aut elemosinis, aliisve piis operibus redimeudi, cujus meminit Concilium Triburiense anno 895, (Can. 56) ubi caute advertendum relaxationem hanc non nisi urgente, vel itineris, vel infirmitatis, vel alia quavis rationabili causa concessam: post- quam de itinere domum revertatur, aut de in- firmitate liberetur, ajunt Patres Triburienses, *prædictas (jejunii Canonici) servas non redimat, sed statuto modo peniteat...* si quis forte non potuerit jejunare, (ait Abbas Regi- no in collectione manuscriptorum: unde pleraque doctissimi Moribus excerpsit, & habuerit unde possit redimere, si dives fuerit, pro sep- tem hebdomadibus det solidos viginti: si non habuerit tantum unde dare possit, det solidos decem. Si autem multum pauper fuerit, det solidos tres... pro uno mense, quo in pane & aqua penitere debet aliquis, Psalmos de- cantet mille ducentos genuflexo &c.

Quantum deinceps sequitur, in his peni- tentiarum remissionibus, quæ undecimo sæcu- lo concedi ceperunt, iis qui opus aliquod la- boriosum, ad Ecclesie utilitatem aggrederen- tur, quale erat contra Hæreticos, Schisma- ticos, aut Ethnicos ferre arma, & sanctæ ad- scribi militiæ; hujus remissionis primus om- nium formam dedit, & secutus Sum. Pontifi- cibus reliquit Urbanus II in Concilio Claro- montano an. 1095, ubi eo promovente a fæde- ratis Christianis Principibus expeditio Hie- rosolymitana decreta est. Nos autem, inquie- bat in sacro congressu Antistes Maximus, misericordia Dei & BB. Apost. Petri & Pauli auctoritate confisi, fidelibus Christianis qui contra eos (infideles) arma susce- perint, & onus sibi hujus peregrinationis assumperint, immensa pro suis delictis pec-

nitentias relaxamus: qui autem in verapœ- nitentia decesserint, & peccatorum indul- gentiam, & fructum æternæ mercedis se non dubitent habituros... id quod legimus expresso ejusdem Concilii Canone confir- matum, his verbis: *quicumque pro sola de- votione, non pro honoris vel pecunie adeptione, ad liberandam Ecclesiam Dei Hierusalem professus fuerit: iter illud pro omni peniten- tia ei reputetur.*

Tantum potuit Pontificis Maximi, juncta certæ spei redemptionis peccatorum, & pœ- narum iis debitatum, exhortatio, ut ingens hominum omnis generis & conditionis multi- tudo militiæ sacræ nomen dederit: *vacantur urbes & castella*, inquitbat S. Bernardus (Ep. 246), & pene jam non inveniunt quem ap- prehendant septem mulieres virum unum: adeo ubique vidue, viris remanent viris.

Eodem pertinent concessiones consimiles pro expeditione Hispanica contra Mauros, simili- busque contra Hæreticos belligationibus, duo- decimo sæculo factæ, a Sum. Pontificibus Cal- listo II, Eugenio III, Clemente III &c.

Sextum, nemini non notum est, in Jubilæo, quod anno 1300, centesimo quoque recurrente anno, iis qui ad Basilicas BB. Apost. Petri & Pauli Romæ accederent, concedendum Bonifacius VIII Pontifex Max. instituit: quod- que deinceps Clemens VI ad annum quemlibet 50, Urbanus VI ad 33, Paulus II ad 25, ampliatis favoribus, contraxerunt.

Antiquorum habet fida relatio, inquit Ba- nisfacius VIII (in Bulla Jubilæi), quod ac- cedentibus ad venerabilem Basilicam princi- pis Apostolorum de urbe, concessæ sunt magnæ remissiones & indulgentiæ peccato- rum... non de omnipotentis Dei miseri- cordiæ, & eorumdem Apost. ejus Petri & Pauli, meritis & auctoritate confisi, de Fratrum nostrorum consilio, & de Aposto- licæ plenitudine potestatis, omnibus a præ- senti anno millesimo trecentesimo, a festa nativitatis Dom. Nostri Jesu Christi præ- terito, proxime inchoato, & in quolibet an- no centesimo secuturo, ad Basilicas ipsas accedentibus reverenter, vere penitentibus & confessis, vel qui vere penitebunt & con- fitebuntur, in hujusmodi præsentis, & quo- libet centesimo secuturo annis, non solum pleuam & largiorem, immo plenissimam omnium suorum concedemus, & concedi- mus veniam peccatorum.

Septimo, non exemplum unum, sed plurimum sit congeries, in innumerabilibus hujusmodi remissionibus, quas Sum. Pontifices, variis oc- casionibus, diversasque ob causas indulerunt, & etiam num indulgent.

Jam sic contrahō argumentum: nomine indulgentiæ intelligitur remissio aliqua pœnæ temporalis, quæ post remissionem peccatorum luenda superest, extra Sacramentum facta, ab eo qui spiritualem jurisdictionem habet celestis Ecclesiæ thesaurum dispensandi: atqui definitio hæc per omnes partes, in exemplis adducta, & alia quæ silentio prætermisimus bene quadrat: quod quisque, quolibet eorum discusso, facile animadverteret. Ergo Ecclesia indulgentias omni retro ætate concessit: ergo earundem concedendarum, quidquid garriat Hæreticorum insaniam, auctoritatem perpetuo habuit.

ARGUMENTUM SECUNDUM.

Ex Clavium potestate.

Jam si quærat, qua revelatione Ecclesia didicerit, hac se potestate esse donatam? Respondeo, a Christo ipso Apostolos instructe sic esse edoclam: ait enim ad illos: (Matth. 18, 18) amen dico vobis, quæcumque alligaveritis super terram, erunt ligata & in celo; & quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in celo. Cujus sententiæ prima pars, quidquid pœnarum peccatoribus imponi potest, generaliter comprehendit, denegationem videlicet absolutionis a peccato, præcisionem a corpore mystico, ipsasque pœnas Canonicas, per quas Deo pro pœnis temporalibus sibi debitis, etiam accepto remissionis peccatorum beneficio, satisficiant. Ergo quod sequitur: quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in celo: cum verbis præcedentibus correspondet, atque late patere debet, adeoque significat non peccata solummodo, sed & pœnas ipsas pro peccatis impositas, cum prudentia & discretionem, relaxandi potestatem: & vero cum Christus, divinus legislator, Ecclesiam instar humanarum Rerumpublicarum erexerit, formamque eo perfectiorem ei dederit, quo civitas hæc nobilior, hoc est, civitas Dei futura esset; par omnino fuit, ut in ea tribunal erigeret, ubi per judices a se constitutos legum tutamen, administratio, & moderatio foret; atqui in qualibet bene morata Republica, ligandi solvendique potestas ex æquo iudicibus attribuitur; nec ita tenentur ad apicem juris, sententias suas agere, quin aliquando possint emolire legum severitatem ac relaxare, si nimium mitigationem hanc vel conditio temporum, vel bonum commune Reipublicæ, vel accusari & convicti præcedens aliquid meritum aut præsens malefacti dolor, certis significationibus attestatus, aut altera quævis ra-

tio requisiverit. Ergo pariter non ita putari debet Christus ligandi pœnitentes, eisdemque satisfactionis operibus coercendi potestatem sacris Antistitibus contulisse; quin similiter facultatem eis fecerit, aliquid de satisfaciendo debito, iustis de causis condonandi; eoque magis, quod, ut prædicimus, tribunal Christi mansuetudine, clementia, misericordia, quovis humano tribunali longe præcellat.

ARGUMENTUM TERTIUM.

Ex Communionis Sanctorum.

Est & alterum doctrinæ fidei fundamentum firmissimum, in articulo symboli quo profitemur communionem Sanctorum: quem si sensu proprio, hoc est, Catholico, Lutherani & Calvinistæ intelligerent, facile evanescerent eorum contra indulgentias cavillationes: communio dicitur, hoc est, omnium Christi membrorum sub uno capite nexus, societas, communicatio, unio, per unum spiritum, caritatis vinculo colligata, qua fit ut omnia iustorum bona opera, sive qui sunt, sive qui unquam fuerunt, sint veluti propria singulorum, & in totum corpus mirabili profluvio effundantur. Non enim Ecclesia terrenæ civitatis similis est, ubi etsi iidem omnes legibus vivant; sibi tamen plerumque quisque, & propriæ utilitati, neglectis aliorum commodis consulit; sed qualis membrorum inter se societas est, ut operatio cujusque membri cedat in totius corporis commodum; talis, longæque perfectior, membrorum Ecclesiæ reciproca conjunctio est: de hac loquebatur Apostolus, quando dicebat: (1 Cor. 12, & seqq.) „sicut enim corpus unum est, & multa habet membra: omnia autem membra corporis cum sint multa, unum tamen corpus sunt; ita & Christus. Etenim in uno spiritu omnes nos in unum corpus baptizati sumus, sive Judæi, sive Gentiles, iterum servi, sive liberi . . . nam & corpus non est unum membrum, sed multa . . . nunc autem multa quidem membra, unum autem corpus. Non potest autem oculus dicere manus: opera tua non indigeo; aut iterum caput pedibus: non estis mihi necessarii; sed multo magis quæ videntur membra corporis infirmiora esse, necessaria sunt . . . ut non sit schisma in corpore, sed idipsum pro invicem sollicita sint membra: & si quid patitur unum membrum, compatiuntur omnia membra: sive gloriatur unum membrum, congaudent omnia membra: vos autem estis Corpus Christi, & membra de membro“.

De eadem Propheta Regius: (Ps. 118, 63) *particeps inquebat, ego sum omnium. timentium te, & custodientium mandata tua: quæ verba Sanctus Ambrosius explicans: (ser. 8 in Psal. 118) "sicut enim, ait, membrum"* particeps esse dicimus totius corporis: sic conjunctus omnibus timentibus Deum, qui non dicat alteri: *non es de corpore meo:* hoc est, non dicat pauperi dives, non ignobili nobilis, non ægro sanus, non fortis debilis, non imperito sapiens dicat: *non es tibi necessarii:* particeps Corporis Christi est, quæ est Ecclesia.

Pari sensu ab eodem S. Doctore alibi dictum: (lib. 1 de offic. cap. 29) *Ecclesia in commune orat, in commune operatur, in commune tentatur* (lib. 1 de penitent. cap. 15) *tota Ecclesia suscepit onus peccatorum, cui compatiendum & fletu, & oratione, & dolore est: & quasi fermentum eius se totam conspergit; ut per universos ea quæ superflua sunt in aliquo penitentiam agente, virilis misericordie aut compassionis vel collativa quadam admixtione purgentur.*

In hoc porro suffragiorum, bonorum operum, meritum, inter omnia Ecclesiæ membra, per unum Spiritum caritatis vinculo colligata, felici commercio, fundamentum ponimus indulgentiarum, eo firmius, quod infinitis Christi meritis, unde justorum merita suum omne pretium habent, inaniatur. Hic est immensus ille Thesaurus, quem, inquit Clemens VI Pontifex Max. (in Extratog. unigenitus) *Unigenitus Dei filius Redemptor noster militanti Ecclesiæ acquisivit, volens suis thesaurizare filiis Pater: ut sic sit infinitus thesaurus hominibus, quo qui uti sunt, Dei amicitia particeps sunt effecti. Quem quidem thesaurum non in sudario repositum, non in agro absconditum, sed per B. Petrum Cæli Clavigerum, ejusque successores, suos in terris vicarios commisit, fidelibus salubriter dispensandum; & propriis, & rationabilibus causis, nunc pro totali, nunc pro partiali remissione pænæ temporalis pro peccatis debite, tam generaliter, quam specialiter, (prout cum Deo expedire cognoscere) vere penitentibus & confessis misericorditer applicandum. Ad cujus quidem thesauri cumulum, B. Dei Genitricis, omniumque electorum a primo iusto, usque ad ultimum, merita administrum prestare noscuntur; de cujus consumptione vel minutione non est aliquatenus formidandum, tam propter infinita Christi merita; quam pro eo quod, quanto plures ex ejus applicatione trahuntur ad justitiam, tanto magis accrescit ipsorum cumulus meritum.*

Inde sic colligo argumentum: infiniti meri-

ti Thesaurum Christus sponsæ suæ Ecclesiæ hæreditate legavit: infiniti, inquam, quia etsi justorum quantumlibet præcellentia opera, finiti se ipsis valoris sint: quatenus tamen Christo capiti juncta sunt, & ab ejus influxu dependent, ad pretium infinitum accrescunt. Thesaurum porro hunc non voluit Christus esse otiosum & repositum in sudario: sed quemadmodum in bene constituta civitate, pecunia publica in publicos utique usus, e re nata, & urgente occasione impenditur; ita voluit Salvator sanctum ærarium pro variis corporis & membrorum necessitatibus, prudenti liberalitate profundis; atqui nulla hujus exercendæ liberalitatis urgentior causa est, quam ubi agitur de Canonicis satisfactionibus per indulgentias remittendis: hac enim œconomia fit, tum ut in præsentī tempore justorum abundantia, penitentium inopiam suppleat, atque ita aliquatenus æqualitas fiat; tum ut de satisfactionibus Deo debitīs nihil minuat; eo nimirum, justorum materia in subsidium penitentia misericorditer acceptante. Ergo indulgentiarum concedendarum potestas firmissimo, quippe divino, fundamentisolidatur, quod machinis suis inutiliter hæretici concutere ac demoliri aggradiuntur.

COROLLARIUM.

De indulgentiarum utilitate.

Idemque sponte sequitur (quod præfate hæresis negat) summam indulgentias importare utilitatem. Numquid enim res fructuosissima non est, quod prætemporalis peccata debeat, non in foro tantum Ecclesiæ, sed etiam apud Deum, neque in hac vitatantum, sed etiam in futura luenda, misericorditer condonentur? atqui hunc esse uberrimum indulgentiarum proventum, adstruunt verba Christi: *quæcumque solveritis super terram erunt soluta & in cælo:* & Apostoli affirmantis se quidquid incestuose donavit, in persona Christi donasse: unde manifeste eruitur, solutionem a pœnis temporalibus, non ad præsens tantum, sed etiam ad futurum sæculum pertinere: alioquin enim quomodo solveretur in cælis, quod esset solum in terris; & quomodo in persona Christi donaretur, cujus sibi vindictam supremus iudex in futuro sæculo reservaret? quidam dicunt, inquit S. Thomas, (in 4. sent. dist. 20, qu. 1, art. 3, questiuicula 2) quod indulgentia non valent ad absolvendum a reatu pænæ, quam quis in purgatorio, secundum iudicium Dei meretur; sed valent ad absolvendum ab obligatione, qua Sacerdos obligavit penitentem ad pænâ aliquam;

quam; vel ad quam etiam ordinatur ex canonum statutis. Sed hæc opinio non videtur vera. Quia est expresse contra privilegium Petri datum, ut quod in terra remitteret, & in cælo remitteretur: unde remissio, que fit quantum ad forum Ecclesiæ, valet etiam quantum ad forum Dei: & præterea Ecclesiæ bujusmodi indulgentias dant, magis damnificaret, quam adjuvaret; quia remitteret ad graviores penas scilicet purgatorii, absolvendo a penis injunctis: & ideo aliter dicendum, quod valent & quantum ad forum Ecclesiæ, & quantum ad judicium Dei, ad remissionem penæ residue post contritionem, & confessionem, & absolutionem: sive sit injuncta, sive non.

Hinc inter propositiones Petri Oxoniensis, quas Sixtus IV. Pontifex Max. ut erroneas, scandalosas, a fidei veritate alienas, ac manifestam hæresim continentes confixit, hæc legitur: Romanus Pontifex Purgatorii penam remittere non potest. . . & inter varios Lutheri articulos, quos Leo X. tamquam hæreticos, aut scandalosos, aut falsos, aut piarum aurium offensivos, & veritati Catholice obviantes proseripsit, hi duo sunt: 1. indulgentiæ sunt piæ fraudes fidelium: 2. indulgentiæ his qui veraciter eas consequuntur, non valent ad remissionem penæ pro peccatis actualibus debite apud divinam justitiam.

§. Q U A R T U S.

Diluuntur objectiones.

Opponent. Indulgentiam, prout a Catholicis intelligitur, elargiri, idem est ac poenitentiae Sacramentum una sui parte truncare: ejus namque materia, ut prædiximus, in contritione, confessione, & satisfactione consistit; atqui indulgentia liberat hominem a debito satisfaciendi. Ergo uni sui parte minuit Sacramentum, quod eum non possit Ecclesia, utique non habet concedendi indulgentias facultatem.

R. nego maj. Sacramentum enim suis partibus integrum, etiam cum indulgentiarum concessione consistere, ii soli negant, qui vel eorum naturam nesciunt, vel etiam si sciverint, Ecclesiam calumniam non cessant.

Ad probat. concessa maj. n. min. Nego, inquam, per indulgentias liberari quemquam a debito satisfaciendi. Cui enim hoc unquam Catholicorum in mentem venit, in indulgentiis præsidium ac tutamen impoenitentiae esse; easque non impotentiae ac infirmitatis subsidium, sed impunitatis esse prætextum?

Haud ita sane Apostolus sentiebat, qui in-

cestuoso Corinthio, non satisfactionem totam, sed partem ejus remisit, ne videlicet abundantiori dejectus tristitia, in laqueos incideret diaboli: cui, inquit, aliquid donastis, & ego: nam & ego quod donavi, . . . propter vos in persona Christi (2 Cor. 2, 10).

Non ita S. Cyprilianus, qui non ante volebat poenitentibus indulgentias debere concedi, quam durissimis poenitentiae laboribus eo favore se dignos probassent, eaque de causa martyres in carceribus detentos quam enixe poterat, hortabatur, ne omnibus petentibus libellos commendatitios indiscriminatim darent. Oro vos quibus possum precibus, inquebat, (Ep. 10) ut Evangelii memores, & considerantes quæ & qualia in prætritu antecessores vestri Martyres concesserint, quam solliciti in omnibus fuerint, vos quoque sollicite & caute potentium desideria ponderetis. Ipsorum quoque delictorum genera & qualitates cogitatis: ne si quid abrupte & indigne vel a vobis promissum, vel a nobis factum fuerit, apud Gentiles quoque ipsos Ecclesia nostra erubescere incipiat nobis. . . & ideo peto, ut eos quos ipsi videtis, quos nostis, quorum poenitentiam satisfactioni proximam conspiciatis, designatis nominatim libello. . . & alibi: (in tractat. de lapsis) si precem toto corde quis faciat, ait, si veris poenitentiae lamentationibus suis lacrymis ingemiscat; si ad veniam delicti sui Dominum iustus & continuus operibus inflectat; misereri talium potest. . . potest ille indulgentiam dare, sententiam suam potest ille inflectere. Poenitenti, operanti, roganti, potest clementer ignorare: potest in acceptum referre quidquid pro talibus & petierint martyres, & fecerint.

Non ita Synodi, quæ hæc sola conditione posse Episcopos indulgentias concedere statuerunt, si nimirum poenitentes conversionem suam lacrymis & durissimis satisfactionis operibus diu probassent. Statuimus, inquit, Ancyranum Concilium, (Can. 5) ut Episcopi modo conversationis examinato, potestatem habeant vel utendi clementia, vel plus temporis addicendi: ante omnia autem & præcedens vita, & quæ consecuta est examinetur, & sic clementia concedatur. . . hocque ipsum Synodus Nicæna declarat, (Can. 52) cum iis solis humanius posse agi decernens, qui & metu, & lacrymis & tolerantia, & bonis operibus, conversionem re, non simulate ostenderit.

Falso ergo & calumiose obtenditur, per indulgentias Sacramentum poenitentiae aliqua sui parte fraudatum.

Inst. s. probando min. Quæ asserimus, inquit, ex antiquitate exempla, dum priscum rigorem

rigorem ostentant, eo efficacius adstruunt, successu temporum omnem satisfaciendi necessitatem esse sublatam: ex quo enim a Sum. Pontificibus thesaurus Ecclesiæ, quavis occasione apertus est, tanta remissionum ac Prædicationum copia in peccatores effluxit, ut lex satisfaciendi penitus evanuerit. Ergo vera minor propositio.

R. Nego aut. Summos enim Pontifices, contra quos furis invecta hæresis debachatur, semper tenuisse in concedendis indulgentiis moderationem, ex eorum diplomatibus & historia Ecclesiastica certum est.

Sic sæculo XI desinente Gregorius VII. Lincolnensis Episcopo indulgentiam delictorum roganti, ea lege annuit, ut pro viribus Deo satisficeret: *absolutionem præterea peccatorum tuorum, inquit, sicut rogasti, auctoritate Principum Apost. Petri & Pauli fulti, quorum vice quamvis indigni, fungimur, tibi mittere dignum duximus: si tamen bonis operibus in hærendo, commissos excessus plangendo quantum vultueris, corporis tui habitaculum, Deo mundum templum exhibueris. . . ex quibus appareat, ait Card. Baronius in Annalibus (ad an. 1073, n. 71) Sedis Apostolicæ indulgentiis illis communicari, qui quantum supererunt vires, bene operari non præternittunt; non autem ignavis, otiosis, ac negligentia torpescibus.*

Sæculo XII Gregorius VIII cum Beneventi Ecclesiæ dedicasset: *tutus est, ait populo, ut agatis penitentiam, quam vel tertiam partem, vel aliquotam vobis remittam: ut refert Petrus Cantor Parisiensis. (in summa de Sacramentis).*

Eodem ævo Gelasius II (vide Baronium ad ann. 1118) in Ep. ad exercitum Christianorum: indulgentiam concedit omnibus aliquid conferentibus in hujus exercitus sustentationem cum hac clausula: *secundum laborum & beneficiorum suorum Ecclesiæ impensorum quantitatem, ad Episcoporum arbitrium in quorum Parochiis degunt, penitentiarum suarum remissionem & indulgentiam consequantur.*

Eodem sæculo, observandæ in satisfactionum remissionibus parsimonie præclarum exemplum dedit Alexander III quando in dedicatione majoris Ecclesiæ Ferrariensis indulgentiam unius anni concessit: *quibus videas, ait Card. Baronius, (ad ann. 1177) usum ejus temporis, concedendi per Pontifices Romanos indulgentias, quæ unius anni terminum non excederent, præter quam in expeditione terre sanctæ, ut constat ex aliorum etiam Pontificum diplomatibus.*

Sæculo XIII in Concilio Lateranensi IV sub Innocentio III habito (anno 1215) quo-

rumdam Episcoporum in concedendis indulgentiis laxitas, proposito Pontificis Max. exemplo repressa est. *Quia per indiscretas & superfluas indulgentias, inquit, (in c. 12, §. de penitentia & remissionibus) quas quidam Ecclesiarum Prælati facere non verentur, & claves Ecclesiæ contemnantur, & penitentia satisfactio enervatur: decernimus, ut cum dedicatur Basilica, non extendatur indulgentia ultra annum, sive ab uno solo sive a pluribus Episcopis deducatur; ac deinde in anniversario dedicationis tempore, quadraginta dies de injunctis penitentibus indulgentia non excedat: hunc quoque dierum numerum indulgentiarum literis præcipimus moderari, quæ pro quibuslibet casibus aliquoties conceduntur: cum Romanus Pontifex, qui plenitudinem obtinere potestatis, hoc in talibus moderamen conueverit observare.*

Nec minor fuit Honorii III, Gregorii IX, Urbani IV, Clementis IV, & aliorum ejusdem sæculi Pontificum, in remittendis penitentibus parcitas. Honorius enim, in Canonizatione S. Laurentii Archiepiscopi Dublinensis, (anno 1225) omnibus vere penitentibus & confessis, qui ad Ecclesiam ubi corpus ejusdem Sancti requiescit, in die solemnitatis ejusdem, vel infra octavas cum devotione accesserint, ejus orationum suffragia petitori, viginti dies de injunctis sibi penitentibus misericorditer relaxavit: ut in ejus bulla videre est, quæ incipit: *ineffabilis.*

Gregorius IX in Canonizatione S. Antonii de Patavio, annum unum indulgentiæ, & in Canonizatione S. Dominici annum unum, cum quadragenario dierum numero non excessit. Eandemque in Canonizatione SS. Heduvigis Ducissæ Poloniæ mensuram tenuit Clemens IV.

Urbanus vero IV diem festum SS. Sacramenti (anno 1264) instituens, centenarium dierum numero conclusit Indulgentias iis concessas, qui hac sacra die horis canonicis interestent.

Possem aliorum paria moderationis exempla proferre, si res postularet. Sat fuerit Clementis VIII & Clementis IX summam prudentiam & antiquæ disciplinæ zelum in præsentem commendare: de primo quidem Cardin. Baronius memorata priscorum Pontificum in largiendis indulgentiis moderatione: *ad quam laudabilem antiquam formam, inquit, (ad an. 847) S. D. N. Clemens VIII non sine divino instinctu, effusas nimis indulgentiarum concessionem restringere aggressus est: alter vero novam Cardinalium aliorumque prælatorum congregationem instituit (anno 1669) cum facultate omnem difficultatem ac dubietatem in indulgentiis e-*

mer-

mergentem, quæ ad fidei dogma non perveniat, (circa graviora & difficiliora, Romano Pontifice prius consulto) expediendi: abusus quoque qui irreperisse possent. corrigendi & emendandi. falsas, apocryphas, indiscretasque indulgentias typis imprimi vetandi, impressas recognoscendi & examinandi, & ubi Pontifici retulerit, ejus auctoritate rejiciendi. ac in indulgentiis concedendis moderationem adhiberi, omniaque pie, sancte, & incorrupte fieri curandi (in constitutione quæ incipit: in ipsis).

Nec prætermittam Œcumenici Trid. Concilii longe diversum ab hæreticorum opinione de Pontifice Max. judicium. Nedom enim ejus in dispensando Ecclesiæ Thesaurum prudentiam suspexam habuerit; ut e contrario præcepti abusus omnes qui in indulgentiarum dispensatione, superstitione, vel ignorantia, vel alia quavis causa, in diversas dioceses irreperant, ad Sum. Romanum Pontificem ab Episcopis deferendos: *cujus auctoritate & prudentia, inquit, (Sess. 25, in decret. de indulg.) quod universali Ecclesiæ expediet statuatur; ut ita Sanctorum indulgentiarum munus, sancte, incorrupte omnibus fidelibus dispenseetur. Ergo &c.*

Iost. 2. probando ant. diversorum, ut dicant, enumeratione abusum: sic enim de Alexandro III quem velut in indulgentiis concedendis parcissimum modo laudavimus, narratur, *quod singulis, unoquoque mense, primis Dominicis, tantum indulgentiarum Anconitanis concesserit, quantum arena possent capere ambæ manus simul junctæ:* quod quid aliud fuit, quam omne satisfaciendi debitum abolere? numeret enim qui poterit, ambabus manibus granula arenæ contenta, & subdulo indulgentiarum pari calculo, dicat si audeat, pœnitentibus tanto thesauro ditatis, superesse vel minimam satisfactionem liceadam.

Nec minor Urbani II in eorum gratiam, qui contra infideles arma capessere, liberalitas fuit: „Nos, inquit, misericordia Dei, „ & BB. Apost. Petri & Pauli auctoritate „ confisi, fidelibus Christianis qui contra eos „ arma susceperint . . . immensas pro suis „ delictis pœnitentias relaxamus. . . . quod „ enim immeasum est, nullis terminis circumscribitur.“ Cum itaque Pontifex immensas pœnitentias relaxarit, evidens est quod satisfactione nihil reliquit explandum.

Neque dispar Bonifacii VIII jubileum instituentis prodigalitas: ille enim quasi parum foret plenam, & largiorem indulgentiam concessisse, addidit & plenissimam, ne nimirum putaretur, vel minimam subeundæ satisfactionis partem reliquisse: *non solum plenam;*

De Re Sacram. T. III.

aiebat, & largiorem, immo plenissimam omnium suorum concedemus & concedimus veniam peccatorum.

Recensere demum quis valeat abusus omnes, nimis facilitate Pontificum, in indulgentiarum largitionibus introductos? neminem namque latet, non in paucos dies, aut unum annum, pauloque amplius, ut antehac, sed in annos centenos aut millenos: immo & plura annorum millia prodigaliter adauclam; earumque tantopere excrevisse numerum, ut vix ullum templum, ullum altare, ulla (ut loquuntur) confraternitas, ulla denique festivitas sit, cui similis indulgentiarum copia non appendatur; adeo ut cuiusque eas lucranti, plusquam moraliter certum sit, se ab omni, tum in præsentis vita, tum in futura, onere satisfaciendi esse solum: vel ergo satendum, satisfaciendi necessitatem indulgentiarum concessionem sublatam; vel dicendum indulgentias derisorias esse, & ad piam fideliū fraudem inventas, quippe quæ concedentium facultatem excedant.

R. Hoc argumentum mendacii & fidei pessimæ plenum esse.

1. Enim mera fabula est, quæ ab Alexandro III dicitur Anconitanis concessio facta indulgentiarum, quæ arenam ambabus manibus comprehensam æquarent: nullum hujus tam profusæ liberalitatis extat in historia ejus temporis monumentum: quin e contra certissimum est, sæculis 11 & 12 Sum. Pontifices, ipsique nominatim Alexandrum III in hujusmodi elargiendis favoribus fuisse moderatissimos: Alexander enim, ut prædiximus, unius anni terminum non excessit, in indulgentiis quas dedicati altari Ecclesiæ Ferrariensis concessit: unde, ait Card. Baronius in Annalibus, (ad an. 1177) *redarguuntur scripta, quibus proditur concessum ab eodem Pontifice, primis Dominicis singulorum mensium Anconitanis, tantum indulgentiarum, quantum arena possent capere ambæ manus simul junctæ.*

2. Falsum est Urbanum II Bulla sua omne satisfaciendi debitum sustulisse: hæc enim ejus non tam indulgentia, quam pœnitentiæ Canonice commutatio fuit: id quod verba ejus perspicue sonant: *fidelibus Christianis qui contra eos (infideles) arma susceperint, qui onus sibi hujus peregrinationis assumpserint, immensas pro suis delictis pœnitentias relaxamus: qui autem in vera pœnitentia decesserint, & peccatorum indulgentiam, & fructum eterne mercedis se non dubitent habituros . . . non ergo pondus satisfactionis sublatum est, sed onus onere commutatum, & pœnis quas canones præscribunt, novum pœnæ genus est sub-*

I i

substitutum, quod *immenis*, hoc est longissimis satisfactionum Canoniarum laboribus, poterat haud immerito aequiparari. Numquid enim parva res erat, huic tam periculosa, tam arduae expeditioni adscribi? numquid levis momenti satisfactio dici poterat, uxorem, liberos, familiam, patriam ad vindicandam religionem libere abdicare, patrimonium, & quidquid inerat facultatum, in hoc opus profundere, itinerum terra marique innumeras patienter tolerare molestias, libertatem denique, valetudinem, ipsamque vitam pro Christo, in preparatione animi ponere? puerili itaque aequivocatione argumentatio illa laborat, verba Pontificis de absolutione ab omni poenitentia interpretando; quando debere de solis poenis Canonicis intelligi, tum res ipsa monet, tum verba ejus apertissime praedicant.

Ad 3. De Bonifacio VIII, per isto responso: quam enim ille indulgentiam fecit, non inertibus & otiosis, nihilque pro Deo placando agentibus, sed iis concessam voluit, qui durissimae peregrinationis labores, animo vere poenitentis suscipere: nos, inquit, de omnipotentis Dei misericordia, & eorumdem Apostolorum ejus meritis & auctoritate confisi, de Fratrum nostrorum consilio, & de Apostolica plenitudine potestatis omnibus ... ad Basilicas ipsas accedentibus reverenter, vere poenitentibus & confessis, vel qui vere poenitentibus & confitebuntur, non solum plenam & largiorem, immo plenissimam omnium suorum concedemus & concedimus veniam peccatorum. Statuentes, ut qui voluerint hujusmodi indulgentiae a nobis concessae fieri participes, si fuerint Romani, ad minus triginta diebus continuis, seu interpolatis, & saltem semel in die: si vero peregrini fuerint, aut forenses, simili modo diebus quindecim ad Basilicas easdem accedant: unusquisque tamen plus merebitur, & indulgentiam efficacius consequetur, qui Basilicas ipsas amplius & devotius frequentabit.

Itaque vere poenitentes eos Bonifacius esse volebat, qui cuperent Jubilaei esse participes. Porro sine satisfactione, ut toties dictum est, nequit poenitentia vera consistere: jam quod ajunt, legem satisfaciendi Pontificis praescriptione sublatam: plenissimam omnium concedimus veniam peccatorum, ab ejus mente alienissimum est. Hoc enim unum hac voce, ut eruditi omnes consentiunt, Bonifacius significavit, se quidquid facta sibi divinitus facultate poterat, misericorditer dare: dare porro non poterat absolutam ab officio satisfaciendi immunitatem; quia juris divinis satisfactio res est, quae nulla potest humana praescriptione infringi: ita mentem Pontificis Max. vetus ejusque coe-

neus Glossographus explicat: mota enim quaestione, quomodo ista se compatiuntur, plenam, largiorem, & plenissimam? Sic respondet: dico, inquit, Papam interpretatum fuisse in consistorio me praesente, hanc indulgentiam adeo plenam, prout claviarum potestas se extendit.

Ad ultimum dico commentitias esse falsoque Sum. Pontificibus attributas, centum, mille, ampliusque annorum exorbitantes indulgentias, quantum a veritate Evangelii, tantum ab ipso communi sensu alienas. „Solent nonnumquam divulgari indulgentiae, inquit Dominicus Soto, (in 4. sent. dist. 21, q. 2, art. 1) quibus remittuntur quinque annorum millia aut plura poenitentiae, & quadragenae, totidem: ad hoc prima fronte respondendum posset cum Gersono Cancellario Parisiensi in suo tractatu de absolutione Sacramentali, atque in alio de indulgentiis, quod istae portentosae indulgentiae non emanant a Papa, sed sunt quastorum imposturae. Quare praefatus Doctor eas irridet: & revera tam immodicus excessus non est ferendus. Nam audiens nonnumquam indulgentias viginti mille annorum & ampliores ... dicendum, quod hujusmodi portenta, numquam Papa concedere cogitavit praeterquam quod nullatenus negari potest, quin indulgentiarum quastores, cum sint homines non nimis ad Religionem attendentes, deridenda nonnumquam praedicent, qui ideo essent publica auctoritate cohibendi.“

Eadem Erii, & celebriorum Theologorum responsio est, indulgentias hujusmodi commentitias, vana superstitione & rerum & divinarum supina ignorantia, quodque turpissimum est, sordida avaritia stimulante conflatas: absit ergo ut tam immoderati excessus Summis Pontificibus tribuantur, quos constat nihil haecenus antiquius habuisse, quam ut haec tanta mala, Apostolico zelo reprimerent. Sic praeter ceteros Sixtus IV, Indulgentias nimias, tum a se, tum a suis praedecessoribus importunitate multorum extortas deplorans, plurimas revocavit, pluribus modum posuit, (in extravag. 5, de pen. & remis. in communibus) praemissa hac ratione: ne cuiusvis indulgentiae, remissionis, vel facultatis, obtentu, Christianifideles procliviores ad illicita in posterum committenda reddantur; aut facilitas veniae eis peccandi tribuat incenitum.

Inst. 3. Multorum in Ecclesia opinio est, non scripto tantum asserta, aut scholarum disputationibus ventilata, sed ad praxim quotidie revocata, indulgentiarum, ac praecipue Jubilaei diebus, vel nullam, vel certe levissimam satisfactionem a poenitentibus exigendam. Ea-

go revera Catholici censent, satisfaciendi debicum indulgentiarum largitione auferri.

R. dist. ant. Multorum ea opinio est, *Eccllesiastica disciplina, ac veritati manifesto contraria, conc. consentanea*, n. ant. & conseq.

E. R. Equidem diffiteri non possumus, tantam esse multorum qui tremendo se ministerio ingerunt laxitatem & Canonum ignorantiam, ut putent Jubilæi, aliarumque indulgentiarum temporibus, crimina quælibet, quantumvis atrocia, nullo satisfaciendi onere imposito, expiari. Verum abusus ille est, deco- rum numero, quos voluit Trid. Synodus in unaquaque respective diocesi ab Episcopis diligenter colligi, in Synodis provincialibus denunciari, & ad Sum. Pontificem deferri, cujus auctoritate & prudentia, quod universali Ecclesiæ expediret statuatur: (*Sess. 25, in decr. de indulg.*) viget etiamnum, æternumque vigebit, nec minus Jubilæi, quam alio quovis tempore locum habet, quod est ab eodem Concilio, consentaneæ ad antiquos canones constitutum: (*Sess. 24, c. 8, de pæn.*) debent Sacerdotes, quantum spiritus & prudentia suggererit, pro qualitate criminum, & pœnitentiam facultate, salutaris & convenientes satisfactiones iniungere: ne si forte peccatis con- niveant, & indulgentius cum pœnitentibus agant, levissima quædam opera pro gravissimis delictis iniungendo, alienorum peccatorum partici- pes efficiantur.

Quod in altera quavis temporis circum- stantia verum est, non minus tempore Jubilæi est certum, divinam scilicet decere clementiam, ut ibidem Trid. Patres loquuntur, (*Sess. 24, cap. 8*) ne ita nobis absque ulla satisfactione peccata dimittantur, ut occasione accepta pec- cata leviora putantes, velut injurii & contumeliosi Sp. Sancti, in gratiora labamur, the- saurizantes nobis iram in die ire. Proculdu- bio enim magnopere a peccato revocant, & quasi fræno quodam coercendi hæ satisfactorie pœnæ, cautioreque & vigilantiores in futurum pœnitentes efficiunt; incidunt quoque peccato- rum reliquiis, & vitiosos habitus male vi- vendo comparatos, contrariis virtutum affio- nibus tollunt: neque vero securior ulla via in Ecclesiæ Dei umquam existimata fuit, ad amovendam imminentem a Domino pœnam, quam ut hæc pœnitentiæ opera homines cum vero animi dolore frequentent.

Denique omnium temporum & circumstan- tiarum veritas est, ab eodem S. Concilio nul- lis limitibus coarctata (*ib.*) a Sacerdotibus sat- isfactionem debere imponi, quæ non sit tan- tum ad novæ vitæ custodiam, & infirmitatis medicamentum, sed etiam ad præteritorum peccatorum vindictam & castigationem.

Unde sequitur, sub indulgentiarum obtentu, crudeles confestarios esse, & gravissimam pœ- nitentibus inferre injuriam, quando viam re- linquendo quæ semper securior Ecclesiæ visa est, peccatoribus denegant & vitæ novæ tu- tamen, & infirmitatis medicamentum, & quod unum eis superest medium Dei per volunta- riam castigationem placandi.

Quod enim ajunt, fore inutiles indulgentias, nisi quo tempore conceduntur, ab one- rosis satisfactionibus remissio heret, tum natu- ræ Sacramenti, quod laboriosum baptisma est a Patribus appellatum; tum divinæ præscrip- tionis contrarium est, fructus dignos pœnitentiæ a peccatoribus exigenti; tum Pontificiis diplomatibus adversatur, quibus expresse declaratur, indulgentias nisi *veræ pœnitentibus non concedi*; tum denique sæpe est a Sanctis Doctoribus reprehensum. „ Non potest Evan- „ gelium in parte consistere, & in parte nuta- „ re, inquit J. Cyprianus, (*in lib. de lapsis*) „ eos refusans qui libellas Martyrum afferenti- „ bus, omnem pœnitentiam temerario condona- „ bant:) aut utrumque oportet ut valeat, „ aut utrumque vim veritatis amittat: si ne- „ gantes, rei criminis non erunt; nec confi- „ dentes præmium virtutis accipient. Porro „ si fides quæ vicerit, coronatur; necesse est, „ ut victa perfidia puniatur: ita martyres aut „ nihil possunt, si Evangelium solvi potest: „ aut si Evangelium non potest solvi; contra „ Evangelium facere non possunt, (*idest ne- „ minem possunt a satisfactione quam Evan- „ gelium præscribit, absolute eximere*,) quod „ Evangelio martyres fiunt mandant ali- „ quid martyres fieri? si justa, si licita, si „ non contra ipsum Dominum, a Dei Sacer- „ dote facienda sunt: mandant aliquid marty- „ res fieri? sed si scripta non sunt in Domi- „ ni lege, quæ mandant, ante est ut sciamus „ illos de Deo impetrasse quod postulatur, tunc „ facere quod mandant: neque enim statim „ videri potest de divina majestate conces- „ sum, quod fuerit humana pollicitatione pro- „ missum ... nemo se fallat, nemo decipiat: „ solus Dominus misereri potest: veniam pec- „ catis quæ in ipsum commissa sunt, solus „ potest ille largiri, qui peccata nostra por- „ tavit, qui pro nobis doluit, quem Deus tra- „ didit pro peccatis nostris: homo Deo esse non „ potest major, nec remittere aut donare in- „ dulgentiam suo servus potest, quod in Domi- „ num delicto graviore commissum est; ne ad- „ huc lapsus & hoc accedat ad crimen, si ne- „ sciat esse prædictum: *maledictus homo qui „ spem habet in homine*. Dominus orandus „ est, Dominus nostra satisfactione placan- „ dus est“.

Ita S. Cyprianus, tum in libro de lapsis, tum in suis passim Epistolis eorum temeritatem deplorans, qui contra Evangelii vigorem, communicationem incautis laxabant; eosque ea de causa affirmans, non pastores esse, sed *lupos & lanios*, non custodes, sed vastatores, non ministros Christi, sed diaboli: *vitare*, inquit, *linguam diaboli: mementur ut fallat, blanditur ut noceat, bona promittit, ut malum tribuat, vitam pollicetur, ut perimat: hoc sunt ejusmodi lapsi, quod grandino frugibus, quod turbidum sidus arboribus, quod armentis pestilens vastitas, quod navigiis sæva tempestas.*

Itaque S. martyris, eademque semper doctrina Ecclesiae fuit, indulgentias non in excidium satisfactoris, sed in subsidium ac supplementum concedi: hinc S. Carolus, magnus ille antiquæ disciplinæ reparator ac vindex, Mediolanenses populos Romam Jubilæi tempore properantes, sancte monebat, (*in Pastorali Ep.*) *ut qui vellent Jubilæum consequi, ut non solum Romam adirent, & Ecclesias Jubilæo assignatas visitarent, sanctorumque reliquias; verum etiam ut harum Ecclesiarum visitationis, veram adjungerent penitentiam: ita ut hoc iter conficerent in gratia Dei, tantaque carnis & sensuum mortificatione, ut prodesse videret in satisfactionem peccatorum.*

Inst. 4. Saltem negare non possunt Catholici, inutiles hoc tempore ac derisorias indulgentias esse: est enim, ut prædicimus, indulgentia, poenæ canonice relaxatio. Ergo ubi nulla hujusmodi poena est, indulgentiæ non superest locus; atqui longum tempus est ex quo penitentiarum canonicarum usus abolutus est. Ergo nec indulgentiis est locus relictus.

R. nego ant. Et in contrarium, nusquam fuisse magis quam nostro tempore necessarias, cum omni certitudine assevero: quo enim aliquis magis debitor factus est, eo ampliori Domini, sive creditoris, indulgentia indiget, præsertim si eo redactus sit, ut solvere ad æqualitatem non possit; atqui ex quo poenarum canonicarum observantia desiit, hoc magis peccatores Deo debitores effecti sunt, quia ab æqualitate peccatum inter & satisfactionem ponenda longo intervallo recessum est. Ergo nusquam magis quam hodie fuit indulgentiarum concessio necessaria.

Ad probat. n. ant. cum hac restrictione intellectum, quod indulgentia sit solius poenæ canonice relaxatio: est enim, remissio poenæ temporalis peccato debite, quam etsi canones non præscriberent, Deo nihilominus persolvenda foret: id quod facile concedet, qui adverterit non ideo satisfactionem esse necessariam, quia canonibus est præscripta; sed ideo e contrario modum aliquem satisfaciendi antiquis

sancitum canonibus, quia jure divino esse Deo offenso satisfaciendum, majores nostri intellexerunt; atqui quod ab initio oportuit fieri, non minus est nostra ætate necessarium, quia jus divinum semper est idem: quumquam itaque desierit rigor canonum observari, non ideo tamen cessavit debitum satisfaciendi; atque adeo ex eo quod penitentiarum canonicarum usus abolutus sit, nedum sequatur esse inutiles indulgentias; inferri e contra debet nusquam magis peccatores hoc subsidio & supplemento indigisse, quia nunquam minus Deo offenso est satisfactum.

Inst. 5. Ipsumque quibus innituntur indulgentiæ fundamentum diruere aggredientes, nihil, inquit, quod in Salvatore redundet injuriam ab ejus fidelibus admitti debet; atqui indulgentiarum opinio maximam Christo injuriam irrogat: earum namque thesaurum Catholici promissive in Christi & Sanctorum meritis ac satisfactione reponunt; atqui commixtione hac nihil erga Christum mediatorem contumeliosius fingi potest. Numquid enim Salvator ut pro nobis satisfaceret, Sanctorum subsidio indigebat? numquid incremento aliquo aliunde emendicato egibat divinum ærarium, meritis ejus referent, de quo quam vere, tam magnifice dictum est: *de plenitudine ejus omnes accepimus: dives est in misericordia: copia apud eum redemptio?* Ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. Summa equidem Christo injuria fieret, si justorum proprium aliquod meritum, aut aliqua ad satisfaciendum pro peccatoribus sufficientia, independentes ab ejus satisfactione & meritis jactaretur; atqui doctrinam hanc velut impiam & blasphemam Catholica Ecclesia rejicit, quidquid in sanctis usquam fuit aut futurum est meriti, Christo capiti uti par est, acceptum ferendo. Ergo &c.

Ad probat. dist. maj. Indulgentiarum thesaurum Catholici promissive in Christi & Sanctorum meritis ac satisfactione reponunt, *gradu longo dispari*, conc. *gradu eodem*, nego majorem, dist. pariter min. admixtione hac nihil contumeliosius fingi potest; *si pari gradu Christi & Sanctorum merita confundantur*, conc. *secus*, neg. min. & consequ.

E. R. Gravissima Hæreticorum hallucinatio, verius dixerim adversum Catholicam Ecclesiam calumnia est, qua fingunt a nobis Christi & Sanctorum merita in cælesti thesauro ex æquo reponi. Tantam enim utrorumque differentiam facimus, quantum Dei a creatura discrimen est: Christum, per se ipsum; sanctos, non nisi per Christum meruisse agnoscimus; neque aliam in iis ad satisfaciendum pro nobis, præter quam a capite Christo acceptam, virtutem.

ad-

admittimus; uno verbo, quæ Sanctorum merita, Christi eadem esse profiteamur, quia sine Christo merita omnino non essent: hæcque nobis causa est, merita Sanctorum, quæ utique Christi sunt, in immenso indulgentiarum ærario respondendi; ne videlicet, si Sanctorum merita subduxerimus, divitias Christi inenarrabiles aliqua sui parte fraudemus. Jam quæ ratione in pœnitentibus effluant, iisque in supplementum satisfactionum Deo persolvendarum attribuantur, postquam diximus communionem Sanctorum hoc fieri, non est necesse repetere: suis itaque partibus Doctrina Catholica, firma solidaque consistit. Infinitis Christi meritis suis, uti par est, servatur honos; nec ideo tamen merita Sanctorum a Christo accepta despicienda putantur: & utraque demum in Thesauri indulgentiarum ponuntur, ad subsidium pœnitentiarum applicanda; quia quæ sunt propria singulorum, communia omnium divina caritas facit.

Inst. 6. Atqui nulla ratione potest meritum Christi cum meritis Sanctorum admixtio fieri, quasi nimirum pro supplemento satisfactionum acceptari ista valeant. Ergo &c.

Prob. subs. scripture & SS. Patrum testimoniis, quibus significatur redemptionem a peccatis, soli Christo, ejusque sanguini debere attribui: solus enim ille, ut in actis Apost. habetur, (20, 28) Ecclesiam acquisivit sanguine suo . . . solus, (1 Thim. 2, 6) dedit redemptionem semetipsum pro omnibus . . . solus, (Hebr. 10, 14) una oblatione consummavit in æternum sacrificium . . . (1 Jo. 4, 2, 2) solus est propitiatio pro peccatis nostris, non pro nostris autem tantum, sed etiam pro totius mundi . . . solus denique est, de quo dicitur (Apoc. 7, 14) quod sancti laverunt stolae suas, & dealbaverunt eas in sanguine agni. Ad quæ respondens S. Aug. etsi, inquit, (Tract. 84, in Jo.) fratres pro fratribus moriuntur, tamen in fraterno peccatorum remissionem, nullius sanguis martyris funditur, quod fecit ille pro nobis.

Et S. Leo Pontifex Max. (Ep. 99, al. 83) mortis vinculum unius prævaricatione contractum, unius morte, qui solus morti nihil debuit, est solutum: effusio enim pro iniuriis sanguinis iusti, tam potens fuit ad privilegium, tam dives ad pretium, ut si universalitas capitulum in Redemptorem suum crederet, nullum tyrannica vincula retineret.

Ergo nulla ratione potest meritum Christi cum meritis sanctorum confusio fieri, quasi subsidium aliquid a sanctis habere possimus: unde manifestum est, a vera fide Clementem VI enormiter aberrasse, quando merita sanctorum administrum aliquid nobis præstare assertit (in

extravag. unigenitus) & ad thesauri cumulum pertinere.

R. Nego subs. ad probationem.

1. Dico hæc scripture & sanctorum testimonia ad præsentem questionem nil facere: sensus enim eorum est, quem nemo catholicus respuit, redemptionem a peccatis & a reatu mortis æternæ, vix Christi sanguini adscribendam: quod si juret eadem de redemptionem a penis temporalibus intelligere.

2. R. Dist. antec. redemptio a peccatis, soli Christo ejusque sanguini attribui debet, *tamquam causæ principali*, conc. cum exclusionem ejusvis inferioris causæ, subdistinguo: *quæ proprium aliquid meritum habent independentem a Christo*, conc. *quæ habent meritum aliquid a Christo acceptum*: n. ant. & conseq.

E. R. Quidquid Electi omnes, a primo justo ad ultimum meriti habent, a Christo, ut prædiximus, bonorum omnium fonte acceptum habent: at meritum tamen habent, quo non sibi solis, sed & toti Ecclesiæ corpori propter vinculum caritatis quo nobis conjuncti sunt, & ratione communionis sanctorum prodesse possint: quid ergo obstat quinimus ea ipsa merita in thesaurum Ecclesiæ conferantur? numquid enim vero Christo sumus injuri, si ei quod bonum suum est vindicamus, & in ærario ejus includimus, pro diversis Ecclesiæ necessitatibus profundendum?

Nec est, quod nomen satisfactionis nos terreat, quasi sanctis siue dispendio satisfactionis Christi non possit attribui: quemadmodum enim etiam pro nobis Christus satisfecerit, tenemus tamen singuli pro peccatis nostris pœnis exsolvere, ut questione præcedente contra Lutheranos probatum est; & quemadmodum satisfactio nostra Christi satisfactioni non officit, quia tota vis ejus a Christi satisfactione dependet: ita nec exhibet ab electis satisfactiones, quas Ecclesia per indulgentias, egentibus impartitur & applicat: quod enim de satisfactionibus nostris a Concilio Trid. dicitur, idem & de meritis suis dicere electi omnes possunt & debent: (Sess. 14, cap. 8) non ita est nostra satisfactio hæc, quam pro peccatis vestris offerimus: ut non sit per Christum Jesum: nam qui ex nobis tamquam ex nobis nihil possumus, eo cooperante qui nos confortat, omnia possumus: ita non habemus unde glorieremur: sed omnis gloria nostra in Christo est, in quo vivimus, in quo mereamur, in quo non pro nobis tantum, sed & pro vobis satisfacimus, facientes fructus dignos pœnitentiæ, qui ex illo vim habuerunt, ab illo offeruntur patri, & per illum acceptantur a patre.

Jam quod Clementem VI accusant, quasi sanctorum merita una cum meritis Christi in the-

saorum Ecclesiae conferendo, utraque aequaverit; admodum puerile est, risuque magis, quam ratiocinio refutandum: neminem namque latet, pleraque sermone conjungi, quae diversissima sunt natura & dignitate: sic enim, numquid Christus, ut *Macedoniani* haeretici delirabant, Sp. Sanctum in ordine creaturarum cum aquae elemento locavit, quando dixit: (*Joan. 3*) *ni si qui renatus fuerit ex aqua & Sp. Sancto non potest introire in regnum Dei?* numquid Apostoli se ipsos Sp. Sancto aequarunt, quando Judaeorum & Gentilium de circumcisione dissidium componendo, inquebant: (*Act. 15, 28*) *visum est Sp. Sancto & nobis?* numquid aequalem sibi Davidem significare voluit Deus, dicendo: (*4 Reg. 19, 34*) *propterea urbem hanc, & salvabo eam propter me, & propter David servum meum?* numquid denique, ut ejusdem sensus pleraque alia praetermittam, auxilium Sp. Sancti, cum oratione fidelium Apostolus eodem loco ponebat, ad Philippenses sic scribens: (*Philip. 1, 19*) *scio quia hoc mihi proveniet ad salutem, per vestram orationem, & subministrationem Spiritus Jesu Christi?* Quemadmodum itaque in his scripturae sermonibus sic divina humanae miscentur, ut suis tamen Deus supra creaturam honor integer maneat; pari modo *Clemens VI*, quando sanctorum merita in Ecclesiae thesaurum una cum Christi meritis & satisfactionibus retulit, de utrisque adaequandis nec cogitavit quidem.

Inst. 7. Atqui nullum potest sanctorum esse meritum, quo eorum pro nobis satisfactio acceptetur, & indulgentiarum subsidio applicetur: ergo &c. prob. subs. si nobis sanctorum merita possent in supplementum persolvendae poenitentiae applicari, hoc certe per modum pretii fieret, quo nos a propriis debitis liberarent; atqui dici istud non potest: cui enim condignum praemium jam est a Deo justo iudice retributum; non potest esse pretium quo aliena debita redimantur: atqui justii aequale meritis praemium, imo & longe supra merita in caelo sunt consecuti: alioquin frustra Apostolus diceret: (*Rom. 8, 18*) *non sunt condigne passionibus hujus temporis ad futuram gloriam, quae revelabitur in nobis:* ergo poenitentibus nequeunt iustorum merita per modum pretii applicari: adeoque ruit indulgentiae fundamentum.

R. Nego subs. ad probat. ut certa ab incertis, & Ecclesiae dogmata a scholarum opinionibus discernantur:

R. 1. Nego maj. sanctorum merita administrum nobis praestare, & in supplementum satisfactionis applicari, est illud catholicum dogma, a quo recedere nemini salva fide permittitur: quae autem ratione, an per modum impetrationis ac suffragii, an per veram solutio-

nem hoc fiat: haec nimirum scholarum lis est, nondum ab Ecclesia definita; cum ea non improbande Theologos videamus diversa sentire.

Contendunt alii, inquit *Juvenius Gallicani* Oratorii presbyter, (*in commentario de Sacr. dist. 13, q. 5, cap. 2*) merita sanctorum ad indulgentias conferre tantum per modum suffragii, seu Deum movere, etiam si supra condignum remunerata sint, ut in poenae temporalis peccato debite pretium applicet superabundantem filii passionem, qua ejusmodi poena redimatur: scilicet, inquit, divinam bonitatem maxime decet, ut eorum operum intuitu, quibus sancti Deo se pergratos exhibere, fidelibus adhuc in terra degentibus beneficiat: ut revera populo *Irraelitico* propter *Abrahamum*, *Moysem*, & *Davidem* saepius benefecisse legitur . . . alii fatentur sanctorum merita concurrere ad indulgentias per modum pretii, quod pro poena debita peccato, quod culpam dimisso persolvantur: binque concludunt indulgentiam, etiam qua parte applicat sanctorum merita, non esse meram absolutionem, sed etiam solutionem strictae sumptum.

Ita praedictus scriptor: itaque ad cumulum thesauri passionis & meritorum Christi, beatae Dei Genitricis, & omnium sanctorum merita administrum praestare, in Ecclesiae dogmatibus continetur; etsi modus ipse nos lateat, quo haec applicatio fit, aut certe non posuit velut ad fidem pertinens adstrui: utra autem harum sententiarum ad veritatem magis accedat, sequens responsio explicabit: unde

R. 2. Concessa maj. n. min. ad cujus probat. data pariter maj. dist. min. justii aequale meritis praemium consecuti sunt, si eorum bona opera spectentur, quatenus a vera caritate procedebant, adeoque vitae aeternae meritoria erant, conc. si spectentur, quatenus poenalia & satisfactoria erant, n. min. & conseq.

E. R. Sanctos mercedem operibus suis debitam in caelis adeptos, & caritatis praemio esse donatos, negare non possumus: in illis enim impletum est, quod sibi sperabat Apostolus: (*2 Tim. 4, 8*) *reposita est mihi corona justitiae, quam reddet mihi Dominus in illa die justus iudex:* non solum autem mihi, sed & illis qui diligunt adventum ejus: ea ergo ratione, nihil est quod amplius mercedis expectent, cum praemium illud acceperint, praeter quod aliud esse non potest: quod si eorum bona opera attendantur, quatenus satisfactoria & poenalia erant, in iis ipsis a quibus fiebant, non omne praemium quod merebantur obtinuerunt; id est non tantam poenam temporalem expunxerunt, quantum ex se expungere debuissent; idque non defectu aliquo suo, sed e contrario propter excellentiam operantium, qui ut De-

CAPUT SECUNDUM.

*Cætera ad indulgentiarum pertinentia breviter
explicantur.*

NE quid necessarium prætermittamus, de indulgentiarum diversitate, ministro, subiecto, & conditionibus, paulisper dicendum. Sit igitur

§. PRIMUS.

De diversitate indulgentiarum.

Indulgentiam, si quantum ad essentiam spectetur, una est, relaxatio nimirum pœnæ, vel impositæ, vel, offensæ ratione habita, imponendæ: si autem major aut minor quæ fieri potest pœnarum remissio attendatur, multiplex inde divisio ejus exurgit.

Q. 1. Quid sit indulgentia plenaria?

R. Relaxationem plenam esse ejus quod lendum juxta canones supererat, & pœnæ temporalis, pœnitentiæ canonicæ, Dei judicio respondentis: unde manifestum est, non ideo plenariam dici, quod peccatorem a satisfaciendâ debito plene eximat, quod esse juri divino, & institutioni Sacramenti contrarium, superius, nec semel est dictum; sed quia peccatori vere pœnitenti, & satisfaciendi laboribus exercitato, quasi in subsidium & supplementum occurrat, ut ab eo quod solvendum supererat ex integro liberetur.

Q. 2. Quid sit indulgentia 7 annorum, velius anni, 40 dierum? &c.

R. Totidem annorum aut dierum relaxationem esse pœnitentiæ, quæ juxta canones imponi poterat, & Dei judicio persolvi debebat: quod si cui mirum videbitur, in tantum annorum numerum, indulgentiarum largitionem extendi, mirari desinet ubi attenderit pœnitentias canonicas in variis olim stationibus decurrendas, longe plurium annorum fuisse, totumque sæpe vitæ tempus æquasse: judicabant quippe sancti patres, Deo gravissimis offensus criminibus, non unius diei, aut paucarum horarum, sed longe protractis pœnitentiis satisfieri.

Q. 3. Indulgentia Jubilæi quid sit?

R. Eam esse quam prædiximus anno 1300 a Bonifacio VIII, pro centesimo quoque annoprimum concessam; deinceps ad annum 50 a Clemente VI, ad 33 ad Urbano VI, & denique ad 25 a Paulo II, & Sixto IV, contractum.

Q. 4. Jubilæum cur dictum fuerit?

R. Ita dictum propter analogiam quam habet cum hebæorum veteri Jubilæo: *numeralis tibi*

um promererentur his satisfactionibus non egabant: quis enim dixerit beatissimam Virginem, ad adeo præcellentem sanctitatis gradum evectam, ut nusquam, ne venialiter quidem peccaret, ut pœnas temporales peccato debitas solveret, præstare Deo satisfactionem aliquam debuisse? quis dicere pariter audeat, Sanctis martyribus crudelissimis cruciatus, tot tantisque confessoribus, Anachoretis, virginibus qui angelicam magis quam humanam vitam agebant, ab omni mortali peccati contagio liberi, necessaria titulo satisfactionis fuisse prodigiosæ pœnitentiæ opera, quæ toto vitæ decursu Deo exhibere non destiterunt? divinam itaque clementiam summe decebat, ut quod in sanctis, ut ita dixerim, superfluum fuerat, in aliorum subsidium acceptaret: illeque ipse indulgentiarum est thesaurus, Christi, tum in se ipso, tum in vivis membris suis immensa merita continens, quæ peccatoribus virtute clavium, & communionis sanctorum ab Ecclesia applicantur, & veri pretii loco sunt, satisfactiones Deo debitas adæquantis.

Sanctorum opera, ait Card. Cajetanus, *(Tract. de indulgent. q. 1)* quatenus meritoria fuerunt, acceptent mercedem suam in ipsis sanctis . . . quatenus vero satisfactoria fuerunt, primum quidem solverunt debitam pro illorum peccatis pœnam: deinde si plus pœnalitatis habuerunt, quam pœna ipsorum peccatis debita exigeret; remansit illud plus tamquam ipsis sanctis superfluum: & hoc plus est illud, quod a quibusdam vocatur irremuneratum in ipsis sanctis; non propter defectum divinæ largitatis, aut operis, aut ipsius sancti, sed propter excellentiam ipsius personæ, quæ superabundanter passa est voluntarie: ex eo namque quod persona patiens non habet propria pœnarum debita pro peccatis, provenit quod satisfactiones superflue non possunt in ipsa remaneri, seu, rectius loquendo, non possunt in ipsa habere effectum solutionis, & quoniam constat sanctos multo plus passos, quam ex peccatis suis deberent pati; consequens est, ut multa satisfactoria remanserint superflua ipsis sanctis . . . superfluum igitur multa satisfactoria sanctis, ultra ingens pelagus superfluentis satisfactionis Christi: quocirca ex meritis Christi & sanctorum, quatenus satisfactoria, superfluis, thesaurum indulgentiarum constitui intelligito, si non vis errare.

que futurum Domini iudicium, neque sibi prae-
positum Episcopum cogitantes, quod numquam
omnino sub antecessoribus factum est, cum
consumelia & contemptu prepositi totum sibi
vindictant?

Hinc etiam legimus in antiquis Conciliis,
& Canonis SS. patrum Epistolis, huius lar-
gitionis potestatem solis Episcopi vindictam.
Postmodum, ajunt Nicæni patres, (Can. 12)
licet Episcopo de his (penitentibus) aliquid
humanitas cogitare. Et Concilium Ancyranum,
oportet, inquit, (Can. 5) Episcopum hanc ha-
bere licentiam: ergo &c.

Q. 2. Utrum omnium Episcoporum par sit
in indulgentiis concedendis potestas?

R. Negative. Cum enim potestas hæc in
jurisdictione spiritali consistat; quo major
alicujus Episcopi jurisdictionis est, eo esse am-
plius necesse est largiendæ indulgentiæ fa-
cultatem. Cum ergo Sum. Pontifex, supremus
Christi in terris Vicarius, & visibile Eccle-
siæ caput, in tota Ecclesia jurisdictionem ex-
erceat; cæterorum vero Antistitum, si Ar-
chiepiscopi sint, in una provincia; si Episco-
pi, in propria Diocesi, jurisdictionis continetur:
consequens est, non omnes Episcopos
pari ad Indulgentias concedendas auctoritate
pollere: quod autem consulas, inquit Alexan-
der III Pontifex Maximus in rescripto ad
Archiepiscopum Cantuariensem, utrum remis-
siones quæ sunt in dedicationibus Ecclesiarum,
aut conferentibus ad dedicationem pontium,
aliis prosint, quam illis qui remittentibus sub-
sunt; hoc volumus tuam fraternitatem tenere;
quod cum a non suo iudice ligari nullus va-
leat vel absolvi, remissiones prædictas pro-
desse illis tantummodo arbitramur, quibus ut
prosint proprii iudices specialiter indulserunt.

Hinc constitutio Martini V in Constant.
Concilio edita, suspecti de Wiclei hæresi præ-
ter cætera interrogari jubentur, utrum cre-
dant quod Papa omnibus Christianis vere con-
fessis & confessis ex causa pia & iusta, pos-
sit concedere indulgentias in remissionem pec-
catorum: & quod singuli Episcopi suis sub-
ditis, secundum limitationem sacrorum cano-
num possint etiam illas concedere.

Nec minus expresse Honorius III ad quem-
dam Episcopum rescribens: nostro, inquit,
cap. nostra extr. de penitentibus & remissioni-
bus) postulasti certificari responso, utrum per
tuam provinciam possis concedere remissionis
litteras generales? nos igitur tue fraternitati
brevis respondemus, quod per provinciam
tuam libere potes hujusmodi concedere liti-
vas: ita tamen quod statutum generalis concilii
non excedas.

Q. 3. Utrum saltem quidquid Sum. Ponti-
ficis de Re Sacram. T. III.

fex in universa Ecclesia, idem Archiepisco-
pus, aut Episcopus, in sua provincia aut dioce-
si possit?

R. Negative: Sum. enim Pontifex plenu-
diæ potestatis quam in tota Ecclesia habet,
indulgentias plenarias fidelibus universis occur-
rente causa largitur: Archiepiscopi vero &
Episcopi juxta canones, in indulgentiis con-
cedendis non licet annum unum excedere:
quia per indiscretas & superfluas indulgentias,
inquiunt patres Concilii IV Later. sub Inno-
centio III habiti, (cap. cum ex eo: extra de
penitentibus & remissionibus) quas quidam Ec-
clesiarum præsules facere non verentur, &
claves Ecclesiæ contemnuntur, & penitentia-
lis satisfactio evanescit; decernimus ut cum
dedicatur basilica, non extendatur indulgentia
ultra annum, sive ab uno, sive a pluribus
Episcopis dedicetur: ac deinde in anniversario
dedicationis tempore, 40 dies de iunioribus pen-
itentibus remissio indulta non excedat. . . .
hunc quoque diurnum numerum indulgentiarum
litteris præcipimus moderari, quæ pro quibus-
libet casibus aliquoties conceduntur, cum Ro-
manus Pontifex qui plenitudinem obtinet pote-
statis, hoc in talibus moderamen consueverit
observare.

Q. 4. Utrum juris divini sit illa Episcopo-
rum a summo Pontifice differentia, in pote-
state indulgentias largiendi?

R. Negative: Si enim juris divini ratio ha-
beat, quidquid in universa Ecclesia Pontifex
Max. potest indulgentiarum concedere, idem
& Archiepiscopus in sua provincia, & in dioce-
si quivis Episcopus potest: non enim Petro
soli, sed omnibus Apostolis, quibus Episcopi
successerunt; æqualiter dictum est: quæcum-
que alligaveritis super terram, erunt ligatæ &
in cælo: & quæcumque solveritis super ter-
ram, erunt solutæ & in cælo: eoque jure Epi-
scopos prædictos temporibus usos esse, ex histo-
ria Ecclesiastica notissimum est: ætare nam-
que S. Cypriani e. c. indulgentiæ plenariæ
obtinendæ causa ad summum Pontificem non
recurrebat; sed Episcopus quilibet val pie-
tatis instinctu, vel commendatiis martyrum
litteris incitatus, satisfactiones val ex parte,
vel ex integro relaxabat: idemque Ancyran
& Nicæni Concilii sæpe memorati canones per-
suadent: itaque solo humano & Ecclesiastico
jure Episcopi est modus impositus, ut nimi-
um reprimerentur abusus, qui quorundam
præsulum nimia facilitate irreperant, ut ha-
betur in can. Lateranensi modo laudato: cu-
jus rei aliud non contemptibile argumentum
est, quod ex Fagnani aliorumque canonistarum
sententia, Episcopi in foro penitentiarum, non
solum 40, sed & longe plurium dierum,
K k quin

quis & multorum annorum indulgentias, iuxta de causa largiri possint: quod sane non possent, si facultas hæc esset jure divino soli summo Pontifici reservata.

Q. 5. An presbyteri simplices possint ex commissione esse extraordinarii indulgentiarum ministri?

R. Non presbyteros tantum, sed & simplices Clericos posse ad hoc officium delegari: res enim fori & jurisdictionis externæ est illa potestas: ergo iis omnibus fieri valet, quibus potest jurisdictio in foro exteriori attribui; atqui non soli sacerdotes, sed & diaconi, & clerici inferiores possunt habere jurisdictionem, vel commissam, sicut Pontificii legati, vel ordinarii, sicut ad Episcopatum electi, etiam antequam ordinati fuerint: ergo &c.

Nititur responsio canone Concilii Lateran.

IV, quod declaratur valere indulgentias ab Abbatibus concessas, modo constitit privilegium quodam peculiari hoc iis esse permissum: *accedentibus ad nos, ait in præfato concilio Innocentius III, de diversis mundi partibus Episcoporum querelis, intelleximus graves & grandes quorundam Abbatum excessus, qui suis finibus non contenti, manus ad ea que sunt Episcopalis dignitatis extendunt, de causis matrimonialibus cognoscendo, injungendo publicas penitentias, concedendo etiam indulgentiarum litteras, & similia præsumendo. . . presenti decreto firmiter prohibemus, ne quis Abbatum ad talia se præsumat extendere. . . nisi forte quisquam eorum speciali concessione, vel alia legitima causa, super hujusmodi valeat se tueri.*

Objeçtio.

Contra id quod de indulgentiarum ministro ordinario dictum est, opponitur Durandi, Maldonati, & quorundam aliorum sententia contendentium, quemlibet simplicem presbyterum, hoc ipso quod est ab Episcopo approbatus, posse indulgentias ut ordinarium ministrum concedere: ergo certa opinio nostra non est, qua facultatem hanc solis Episcopis vindicamus.

R. neg. cons. inde enim hoc unum erui potest, quod non negamus, hanc de indulgentiarum dispensatione questionem, utrum jure divino ad solos Episcopos spectet? nondum esse ab Ecclesia expresso canone definitam, adeoque singulare Maldonati, Durandi, & aliorum, si qui reperiuntur, iudicium, a formali, ut loquimur, hæresi excusari: at non ideo assertio nostra infringitur, quam constat in scripturæ testimonio, perpetua Ecclesiæ praxi,

ipsaque ratione esse fundatam: quæ sane momenta qui attente inspexerit, facile concedet potestatem indulgentias, ministro ordinario, concedendi solis Episcopis jure divino competere: quæ vero in contrarium a prædictis scriptoribus liberius opponuntur, pari facilitate contemnet: Durandus enim hoc uno monito nititur, quod velit ad indulgentiarum commissionem jurisdictionem in foro interno confessionis sufficere: quod constat ex prædictis esse falsissimum: quod vero de suo Maldonatus adjecit, confessarium melius dispositionem penitentis cognoscere, quam Episcopos, hoc vere quidem dixit, sed quid ad rem? non enim cognitio illa sufficit, ad potestatem indulgentiæ largiendæ, sed jurisdictio requiritur & potestas communis Ecclesiæ errari dispensandi, quam sacerdos simplex non habet: deinde Episcopi licet singulorum in individuo penitentium dispositiones non norint; bene tamen norunt, fidelibusque significant, indulgentias, nihil nisi debitas dispositiones afferentibus profuturas: quod sufficit ut tradita sibi a Deo facultatem exercent.

Quæst. 6. Ad quos pertineat indulgentias publicare?

R. Ex decreto Concilii Trid. (sess. 21, in decr. de reform. c. 9) ad solos locorum ordinarios, non vero uti antehac factum fuerat ad eleemosynarum questores, hoc officium pertinere: cum multa a diversis antea conciliis, iniqui patres, tam Lateranensi, ac Lugdunensi, quam Viennensi, adversus præcos eleemosynarum questorum abusus remedia tunc adhibita, posterioribus temporibus reddita fuerint inutilia, potiusque eorum malitia in quotidiana, magno fidelium omnium scandalo & querela excrescere deprehendatur; ut de eorum emendatione nulla spes amplius relicta videtur: statuit (S. Synodus) ut post hoc in quibuscumque Christiane religionis locis, eorum nomen atque usus penitus aboleatur; nec ad officium hujusmodi exercendum ullatenus admittantur, non obstantibus privilegiis, Ecclesiis, monasteriis, hospitalibus, piis locis, & quibusvis, cuiuscumque gradus, status, & dignitatis personis, concessis, aut consuetudinibus etiam immemorabilibus: indulgentias vero, aut alias spirituales gratias, quibus non ideo Christi fideles debent privari, neinceps per ordinarios locorum, adhibitis duobus de capitulo, debitis temporibus populo publicandas esse decernit: quibus etiam eleemosynas atque oblata sibi caritatis subsidia, nulla præstata mercede accepta, fideliter colligendi facultas datur: ut tandem celestes hos Ecclesiæ thesuros non ad questum, sed ad pietatem exerceri, omnes vere intelligant. Itaque in Concilio Trid.

Trid. non officium tantum, sed & nomen ipsius quæstorum abolitum est.

Q. 7. Qua primam occasione coeperit indulgentiis publicandi quæstoribus provincia demandari?

R. Verbis Christiani Lupi: (*dispert. de peccatorum* & satisfactionum indulgentiis, c. 4) elemosynaria indulgentia, inquit, post institutum ab Urbano II sacrum bellum cepit admodum frequentari: dari cepit omnibus qui sanctum illum Domini exercitum suis elemosynis adjuvarent: extendi item ad sustentanda pauperum hospitalia, reparandas Basilicas, aliasque causas similes, & tam a Romano Pontifice, quam ab aliis Episcopis institui sunt prædicatores, qui per singula oppida & pagos adjuvarent indulgentiis suis concionibus, & penitentium oblationes colligerent: & hoc ista ætas titulavit: elemosynarum quæstores: ac prædicatores quæstuarios.

De his in Concilio Later. IV mentio est (c. 14, §. de penit. & remissionibus), itemque formula litterarum Apostolicarum quæ iis concedi solebat describitur, his verbis concepta: quoniam, ut ait Apostolus, omnes stabimus ante tribunal Christi, recepturi prout in corpore gessimus, sive bonum fuerit, sive malum: oportet nos diem missionis extreme misericordie operibus prævenire, ac æternorum intuitu seminare in terris, quod reddente Domino, cum multiplicato fructu recolligere debeamus in cælis; firmam spem, fiduciamque vestram sentientes, quoniam qui parce seminat, parce & metet, & qui seminat in benedictionibus, de benedictionibus & metet, vitam æternam: cum igitur ad sustentationem fratrum & eorum ad tale confluentium hospitalium, propria non suppetant facultates; universitatem vestram monemus & exhortamur in Domino, atque in remissionem vobis iniungimus peccatorum, quatenus de bonis vobis a Deo collatis piis elemosynas, & gratis eis caritatis subsidia erogetis; ut per subventionem vestram ipsorum inopie consuletur, & vos per hæc bona & alia, quæ Domino inspirante feceritis, ad æterna possitis gaudia pervenire.

Q. Ultimo, quæ causa fuerit quæstorum officium abolendi?

R. Causam fuisse avaritiam, quæ fidelium elemosynas in proprium lucrum vertebant, & vanis superstitiosisque promissionibus aurum & argentum undecumque emungebant: non sine multa temeritatis audacia, & deceptione multiplici animarum, ait Concilium Viennense (Clem. 2, de penit. & remissionibus) indulgentias populo motu suo proprio de fisco concedunt, super votis dispendant, a perju-

riis, homicidiis, & peccatis aliis, sibi confiscentes absolvunt; male ablata, incerta, data sibi aliqua pecunie quantitate remittunt, scitiam aut quædam partem de penitentibus in-junctis relaxant: animas tres vel plures parentum, vel amicorum illorum qui eis elemosynas conferunt, de purgatorio, ut asserunt mendaciter, extrahunt, & ad gaudia paradisi perducunt; benefactoribus locorum, quorum quæstores existunt, remissionem plenarum peccatorum indulgent, & aliqui ex ipsis eos a pena & culpa, ut eorum verbis utamur, absolvunt.

De iisdem Joachimus Camerarius: (de bello Smalcaldico) venales, inquit, proponebantur defunctorum animæ, quas licet redimere, certo persoluto pretio: & peccatis suis quisque quilibetque hanc veniam impetrare poterat, numerata pecunia, quantum institor petebat: ac nummi collecti ab illis negotiatoribus insunebantur in varias voluptates, cum de germanorum stolidorum opibus animo illi quieto delicatissime viverent: hæc autem mercatura vocabatur venia peccatorum.

His mercedum nundinationibus (indulgentiarum venditionibus) ait conventus Norimbergensis, in sua ad Adrianum VI legatione, simul & spoliati est ære Germania, & Christi pietas extincta, quando quolibet pro pretii quod in hæc merces expenderas, modo, peccandi impunitatem pollicebatur: quod enim malorum amplius iam horrebant mortales, quando sibi peccandi licentiam ac impunitatem, nedum in vita, sed & post obitum, ære . . . comprari posse, a nundinatoribus illis indulgentiariis, semel persuasum habens? maxime Germani, quibus . . . sub religionis personæ nihil non persuaderi difficile est, ut ingenio plane ad pietatem credulo est Germania.

Nec prætermittendum Constant. Concilium, ubi inter articulo contra Joannem XXIII allegatus, legitur iste ordine 23: Dominus Joannes Papa Nicolaus mercatori in legatione assistenti concessit, indulgit, & commisit, ut idem Nicolaus quibuscumque hominibus utriusque sexus, ad suæ libitum voluntatis deputare posset confessores, & quod hujusmodi confessores deputari absolvere possent a pena & a culpa, certis tamen pecuniis taxatis mediantibus: quas quidem præteritas indulgentias idem mercator publicavit, & publicari fecit in certis locis, civitatibus, & villis, utpote Trajecti, Mechliniæ, Antverpiæ, & alibi, de quibus maximas pecuniarum summas exhaustis & extorsit, Christi fideles seducendo, ac statum totius Ecclesiæ catholicæ enormiter scandalizando.

Merito itaque concilium Trid. quæstorum officium & nomen ubique abominatum extinxit.

§. TERTIUS.

De subiecto & conditionibus indulgentiarum.

Quæ. 1. Quodnam sit indulgentiarum subiectum?

R. Esse omnes & solos fideles post baptismum lapsos, verique pœnitentes: subiectum enim indulgentiæ est, quisquis a pœnis temporalibus peccato debitus, potest Ecclesiastica jurisdictione absolvi: atqui fideles omnes post baptismum lapsi, verique pœnitentes, obtinere hanc gratiam ab Ecclesia possunt, quia omnes sanctorum communio comprehendit: indeque patet, hominem nondum baptizatum, cum nullam in Christi societate partem habeat, nec subiaceat Ecclesiæ jurisdictioni, nec Sacramentorum sit particeps, ab hoc beneficio necessario excludi: ergo &c.

Q. 2. Utrum animæ defunctorum in purgatorio detentæ, sint indulgentiarum subiectum?

R. 1. Strictè loquendo, non esse: is enim duntaxat subiectum indulgentiarum proprie dicitur, qui a pœnis temporalibus peccato debitus clavium potestate absolvitur: atqui animæ in ignem purgatorium relegate, a pœnis temporalibus quas divina exigente iustitia luunt, nequeunt clavium potestate absolvi: ad hoc enim opus esset, ut jurisdictioni Ecclesiæ subiacerent: porro defuncti de foro Ecclesiæ & jurisdictione non sunt, sed solum Deum iudicem habent: nec enim quando dixit Christus: *quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in cælis*: alios præter vivos, hoc concessio Apostolis privilegio, Patribus interpretibus, comprehendit: si aliquis eorum pro quibus Domino supplicamus, inquit S. Leo Pontifex Max. (dist. 91) quocumque interceptus obstaculo, a munere præsentis indulgentiæ exciderit; & priusquam ad constituta remedia perveniat, temporalem vitam humana conditione fuerit; quod manens in corpore non receperit, consequi exultus carne non poterit, nec necesse est novis, eorum qui sic obierint merita atque discutere, cum Dominus Deus noster, cuius iudicia nequeunt comprehendere, quod sacerdotale ministerium implere non potuit, suæ iustitiæ reservaverit; ergo &c.

R. 2. Aliquatenus tamen defunctorum animas subiectum indulgentiæ dici posse: cuicumque enim prodesse indulgentiæ possunt, & revera prosunt, nihil impedit quominus earum affirmetur esse subiectum: atqui indulgentiæ etsi mortuis per modum absolutionis nequeunt applicari, iis tamen prodesse possunt, & prosunt

reipsa per modum suffragii, quod a Deo misericorditer acceptatur: nam licet de foro Ecclesiæ non sint, in communionem tamen sanctorum sunt: atque adeo quemadmodum potest Ecclesiæ, orationes, jejunia, flagellationes, peregrinationes, eleemosynas, ipsumque sacrificium pro ipsis Deo offerre; ita nihil obstat quominus indulgentias de immenso meritorum Christi, Beatissimæ Virginis, & Sanctorum omnium thesauro deproptas, ad eorum subsidium, non absolutorio iudicio, sed per modum suffragii, ut prædiximus, applicet: indubitata hæc, longoque usu probata doctrina Ecclesiæ est, contra quam vanæ hæreticorum argutiæ nihil possunt: si enim aliquid, inquit S. Aug. (Epist. 54 ad Januar. al. 118) tota per orbem frequentat Ecclesiæ, quin ita faciendum sit disputare, insolentissima insanie est: hinc inter Lutheri errores, merito a Leone X Pontifice Max. damnatus hic quoque est, quo negabatur mortuis utiles indulgentias esse.

Q. 3. Car ergo, inquires, si indulgentiæ per modum absolutionis defunctis non conceduntur, affirmant summi Pontifices, se eas in eorum gratiam Apostolica auctoritate largiri?

R. Nihil hanc formulam, si bene intelligatur, veritati quam defendimus habere contrarium: Apostolica namque auctoritate, non ad defunctorum personas, soli, ut sæpe diximus, Dei iudicio subditas, sed ad indulgentias respicit, quarum concedendarum Sum. Pontifex, virtute clavium, habet potestatem: eam vero potestatem erga vivos per modum iudicii, erga mortuos per modum suffragii & deprecationis Ecclesiæ exercet; Deo nimirum supplicans, ut meritorum Christi & Sanctorum intuitu, aliquid de purgatorii pœnis relaxet, ac etiam id omne dimittat quod sanctis animabus luendum restat: est hujus rei exemplum in principe civitatis, qui cives omnes ære alieno onustos, eaque de causa in servitutum redactos ex ærario publico redimere statuerit: in hoc enim casu servos suo Domino subditos, a debito, jurisdictionis potestate absolvit: si quis autem in alienam exteri principis servitutem inciderit; poterit quidem pecuniam publicam, cujus supremus est dispensator, ad ejus redemptionem plenitudine potestatis offerre; sed non ideo eum, nisi quatenus alteri placuerit, liberabit; quia in hominem sibi non amplius subditum nihil potest: pari ratione Sum. Pontifex in gratiam vivorum & defunctorum, Ecclesiæ thesaurum distribuit; sed vivis impartitur absolvendo, defunctis opitulando; satisfactoria videlicet fidelium suffragia ad illorum solatium, vel plenam liberationem Deo offerendo.

Q. 4. Utrum indulgentiæ in gratiam defunctorum concessæ illis necessario & infallibiliter

ter

ter ad relaxationem pœnarum purgatorii pro-
sist?

R. Negative: quod enim in merita Dei misericordia positum est, Ecclesiæ suffragia acceptantis, non possumus dicere necessario fieri; atqui indulgentiæ in gratiam defunctorum concessæ, non aliter illis prosunt, nisi quatenus per modum suffragii a Deo misericorditer acceptantur: eorum enim respectu, ut prædiximus, vim absolutionis non habent: ergo effectum necessario non sortiuntur; unde dicebimus eatenus prodere defunctis, i quatenus Deo placeat: 2 quatenus defunctis dum viverent, *prodesse sibi post hanc vitam talia meruerunt*, ut loquitur S. August. (in lib. de cura pro mor.)

Deinde: si indulgentiæ pro mortuis suum infallibiliter sortientur effectum; ubi semel alicui defuncto esset indulgentia plenaria applicata, non amplius pro eo esset orandum: frustra enim & derisorie Ecclesia denuo peteret, quod infallibiliter impetratum certo sciret; atqui consequens illud christianæ pietati & Ecclesiæ praxi contrarium est: ergo &c. iis itaque minime credendum, qui virtute indulgentiæ, altari alicui privilegiato annexæ, affirmant, quod in illo missa celebratur, animam unius a purgatorio infallibiliter liberari: hujus enim opinionis in scriptura & tota traditione nec leve vestigium est, & de earum numero est, ad quas Clemens V. Pontifex Max. in Concilio Viennensi (an. 1311) respiciens, verbi divini præconibus, *virtute sancte obediencie, & sub interminatione maledictionis æternæ prohibuit, ne in sermonibus suis indulgentias, pronuntiant indiscretas.*

Q. 5. Cur ergo hæc altaria privilegiata dicuntur?

R. Ideo sic vocari, non quia, ut indiscrete aliqui & temerario jactant, cuilibet missæ in iis altaribus celebratæ, unius animæ liberatio certo respondet; quasi nimirum (quo nihil absurdum magis, & a vero sensu religionis alienius flagi potest) virtus sacrificii a loco ubi offertur dependeat, & major sit in uno quam in altero: sed quia in iis altaribus Ecclesia specialiori quodam modo, satisfactionem Christi, & sanctorum merita in eorum gratiam applicat, pro quibus sacrificium offertur: est & altera ratio hujus appellationis, quia nimirum in iis altaribus speciali favore conceditur, missas defunctorum celebrare, etiam his diebus, quibus in aliis, ex Ecclesiæ præscripto, non celebrantur: quo fit ut privilegiata dicantur.

Q. 6. Utrum indulgentia Jubilæi non alibi quam Romæ concedatur?

R. Negative: equidem Bonifacius VIII, primus Jubilæi, ut prædiximus, institutor, indul-

gentiam hæc iis solis concessit, qui annocentesimo recurrente, Basilicas Apostolorum, personaliter ac reverenter Romæ inviserent; nulla alterius Basilicæ, aut absentium qui ite suscipere, aut perficere non possent, facta mentione: verum Clemens VI, præterquam quod Jubilæi tempus ab anno quolibet centesimo, ad 50 coarctavit; concessit insuper, ut ii qui arrepto itinere ad urbem, legitimo quovis impedimento pertingere non valerent, si vere poenitentes forent, indulgentias Jubilæi consequerentur: quod deinceps exemplum secuti Pontifices Maximi, hanc gratiam novis adjectis favoribus ampliarent: nam Bonifacius IX, & Nicolaus V, anno Jubilæi Romæ absoluto, eandem indulgentiam paribusque conditionibus ad plerasque civitates; & Paulus denique II, ad omnes civitates, pagos, & oppida, sive motu proprio, sive rogati a Principibus extenderunt: quem hodieque vigere morem, nemo est qui nesciat.

Q. 7. Utrum quocumque prætextu datæ indulgentiæ valeant?

R. Negative. Indulgentiarum enim largitio, Sacri Ecclesiæ ærarii dispensatio est: atqui nisi ob causam legitimam spiritualis Thesaurus profundi non potest; quia alioquin non dispensatio, sed dissipatio foret: & sane qui temporalia Ecclesiæ bona, non possunt pro arbitrio dissipari; multo minus habere hæc erga Spiritualia potestatem censendi sunt. Quemadmodum itaque Episcopi ita sunt temporalium Ecclesiæ facultatum reconditi, ut eas non debeant in usus quoslibet pro arbitriovertere; idem a fortiori de Indulgentiis, bonis videlicet spiritualibus est dicendum. Hinc S. Thomas merito tria ad Indulgentiarum valorem requiri affirmat (in 4. sentent. dist. 20, quest. 2, art. 3) *auctoritatem in dante, caritatem in recipiente, pietatem in causa.* Parique ratione Trid. Synodus, (Sess. 25, in decr. de Indulgent.) in his concedendis moderationem juxta veterem *probatam in Ecclesia consuetudinem præcipit adhiberi.*

Jam vero quæ causæ legitimæ sint indulgentias concedendis, non est difficile definire. In hoc enim numero sine controversia ponimus:

1. Spirituale bonum Ecclesiæ Universæ, ut quando pro sapiendo Schismate, aut evitendis hæresibus, aut conciliandis principibus Deo supplicationes fiunt.

2. Spirituale pariter Monarchæ alicujus aut Principis bonum. Dicendum, inquit S. Thomas, (in 4. sent. dist. 20, quest. 2, art. 3) *quod pro pure spiritualibus potest fieri indulgentia, & fit quandoque: sicut quicumque orat pro Rege Franciæ, habet decem dies de indulgentia a Papa Innocentio IV.*

3. Temporale subsidium ad bona spiritualia ordinatum. Temporalia ad spiritualia ordinantur, ait S. Doctor (Ib.) quia propter spiritualia temporalibus uti debemus: & ideo pro temporalibus simpliciter non potest fieri indulgentia, sed pro temporalibus ordinatis ad spiritualia: sicut repressio inimicorum Ecclesie, qui pacem Ecclesie perturbant: vel scis constructio Ecclesiarum & Pontium, & aliarum elemosynarum collatio. Nec fit ibi Simonia, quia non datur spirituale pro temporalis pro spirituali.

Q. Ultimo, qua conditione possint fideles fieri indulgentiarum participes?

R. 1. Earum fructum non posse nisi ab exercitibus in statu gratiae percipi. Quamdiu enim aliquis poenae aeternae debitor est, manifestum est a poena temporali peccato debita non posse absolvi. Sed quisquis peccato mortali gravatur, poenae aeternae debitor est. Ergo indulgentiarum fructum, poenarum videlicet temporalium remissionem consequi nequit. Deinde nemini potest dimitti poena, nisi cui iam culpa dimissa est. Qui enim non est consecutus operationem Dei in remissionem culpe, inquit S. Thomas, (ib. art. 5) non potest consequi remissionem poenae a ministro Ecclesiae, neque in indulgentiis, neque in foro poenitentiali. Ergo status gratiae ad indulgentiarum perceptionem est necessarius. Indequē est quod Ecclesia, nisi vere poenitentibus contritis, & confessis, & Deo irato satisfacere proponētibz indulgentias non concedit, ut ex Pontificiis diplomatibus certum est.

R. 2. Ad Indulgentiarum perceptionem debere stationes, jejunia, orationes, elemosynas, aliaque pietatis opera, quae a Summo Pontifice, aut Episcopo praescribuntur, necessario observari: quae assertio probatione non indiget. Sequitur

QUAESTIO OCTAVA.

De forma Sacramenti poenitentiae, sive, de absolutione.

Res & effectus hujus Sacramenti, inquit Patres Trid. (Sess. 14, c. 3) quantum ad ejus vim & efficaciam pertinet, reconciliatio est cum Deo. Haec enim secundum institutum a Christo legem, sine Sacerdotis absolutione, aut ejus saltem voto cum vera cordis conversione conjuncto non obtinetur. De hoc tam praecellenti beneficio, quo majus concedi a Deo non poterat, & Ecclesiae dispensationi committi, in presenti dicendi, totam questionem ad duo capita revocamus. 1. est, utrum Christus absolventi a peccatis potestatem Ec-

clesiae revera contulerit? Alterum, qua ratione ac verborum formula haec potestas in poenitentiae fora sit exercenda?

CAPUT PRIMUM.

Utrum Christus absolventi potestatem Ecclesiae revera contulerit?

PRO certo & inconvulso fidei catholicae principio ponimus, a nemine praeter Deum peccata propria virtute remitti. Id quod tum Scripturae auctoritas, tum summa operis difficultas, tum ratio ipsa offensae demonstrat. Auctoritas, inquam: ubique enim Scriptura clamat, jus illud soli Deo primario arrogari, nec alteri cuiquam posse attribui. *Dele, o Deus, iniquitatem meam*, ait Propheta, *secundum multitudinem miserationum tuarum, amplius lava me ab iniquitate mea, & a peccato meo munda me*. Ipseque de se ipso attestans, (Lsa. 43, 25) *ego sum, ego sum, inquit, qui deleo iniquitates suas propter me*. Quorum similia quoniam ubique omnis Scripturarum pagina exhibet, inutiliter hic colligerentur. *Difficultas operis*: quid enim est peccata remittere, nisi mortuum spiritualiter excitare? Quemadmodum itaque vitam corporalem naturali morte extinctam restituere, divinae virtutis est? ita, longeque magis, nemo potest ad vitam spirituales, quae in aeternae cum Deo, per caritatem, intima conjunctione consistit, nisi ejus imperio revocari. Eoque pertinet praecleara S. Aug. sententia affirmantis, majus opus esse, aliquem ex impio. justum facere, quam ex nihilo creare caelum & terram. Cum itaque creatio nonnisi ex infinita virtute prodire possit; consequens est, ut multo magis peccatorum remissio infinitae potestati sit tribuenda. Ratio denique offensae, qua Deus summae majestatis est laesus: unde consequens est quod ab eo solo remitti possit. Quemadmodum enim si quis Regem offenderit, a nemine praeter ipsum expectare gratiam criminis potest; ita a fortiori, quae usquam creatura reperietur, quae illam Regi Regum injuriam, proprio audeat arbitrio condonare? Et vero, inquit Trid. Concilii Catechismus, (1. parti. cap. 11, nu. 3) *scelerum remissionem eadem ratio videtur esse, quam in pecunia debita servare oportet. Quemadmodum igitur a nemine, nisi a creditore, pecunia quae debetur remitti potest: ita cum uni Deo peccatis obstricti simus (si quidem quotidie oramus: dimitte nobis debita nostra) perspicuum est, a nemine praeter illum, peccata nobis condonari posse.*

§. PRIMUS.

ARGUMENTUM SECUNDUM.

Ostenditur Christum absolviendi potestatem veram Ecclesie contulisse.

Ex Ecclesie Clavibus.

Nec minori certitudine eadem catholica fide tenendum, facultatem remittendi peccata a Christo Ecclesie esse concessam: quod olim Montanistæ & Novatiani negantes pro hæreticis ubique habiti sunt & damnati.

ARGUMENTUM PRIMUM.

Ex eo quod Christus quam potestatem habebat cum Ecclesia communicaverit.

„Hoc admirabile & divinum munus peccata remittendi, ait Catechismus Concilii Trid. (1. part. c. 11, n. 9) antequam Deus homo fieret, nulli creatæ naturæ impertitum est: primus omnium Christus Salvator noster, ut homo, cum idem verus Deus esset, hoc munus a cælesti patre traditum accepit: ut sciatis inquit, (Matt. 9, 6) quia filius hominis habet potestatem in terra dimittendi peccata, ait paralytico: Surge, tolle grabatum tuum, & vade in domum tuam. Hancque sæpe sibi auctoritatem, quod pluribus exemplis notissimum est, in Evangelio arrogavit, ubi, quæ a prophetis fuerant prædicta, de se ipso interpretans: Spiritus Domini super me, inquit, (Luc. 4, 18, & seq.) propter quod unxi me, Evangelizare pauperibus misit me, sanare contritos corde: predicare captivis remissionem, & cæcis visum, dimittere confractos in remissionem, predicare annum Domini acceptum, & diem retributionis. Jam sic subsumo:

Atqui potestatem hanc Christus Apostolis totique per ipsos Ecclesie, gradu licet dispari & inferiore communicavit: ait enim ad illos: (Joan. 20, v. 21, & seq.) Sicut misit me pater, & ego mitto vos accipite Sp. sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis; & quorum retinueritis, retenta sunt: gradu, inquam, dispari, nec enim æquum erat, imo nec possibile, ut potestatem excellentiæ quam habebat cum Apostolis partiretur, & qui rapinam arbitratus non fuerat esse se æqualem Deo, dignitatem suam, quam ut Deus homo habebat, ad nostram conditionem deprimeret: sed ita se gessit, quomodo Monarcha erga ministros, quomodo erga magistratus legislator, & Dominus erga famulos quorum ministerio utitur, ad id quod visum sibi fuerit exequendum: ergo &c.

Claves Regni cælorum Christo ab æterno patre primario traditas, quas suprema auctoritate regeret & administraret, inde patet quod omnis illi potestas in cælo & in terra, omneque iudicium datum fuerit, & caput super omnia Ecclesiam fuerit constitutus: qua de re Sp. Sanctus in Isaia viticinas: (Is. 22, 22) dabo, inquit, clavem Domus David super humerum ejus: & aperiet, & non erit qui claudat: & claudet, & non erit qui aperiat: quam præcellentem prærogativam ipse sibi vindicavit: (Apoc. 1, 17 & seq.) ego sum primus, ait, & novissimus; & vivus, & fui mortuus. . . . & habeo claves mortis & inferni. . . . (ib. c. 3, 7) hæc dicit sanctus & verus, qui habet clavem David, qui aperit, & nemo claudit, claudit & nemo aperit. Hinc sic instauro argumentum:

Atqui eandem Regni cælestis claves Christus hinc discedens Ecclesie tradidit, & in perpetuum hæreditariam, velut possessionem reliquit, quando nimirum Petro dixit: (Matt. 16, 19) tibi dabo claves Regni cælorum: & quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in cælis, & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in cælis: etsi enim ad solam Petrum hæc verba direxerit, ad universam tamen Ecclesiam pertinebant: quando ei dictum est: tibi dabo claves Regni cælorum, ait S. Aug. (tract. 24 in Jo.) universam significabat Ecclesiam: de quo si quis ambigit, conferat verba Matthæi, cum his quæ capite decimo octavo sequuntur, ubi Christus eandem sententiam repetens: (v. 18) amen dico vobis, ait toti Apostolorum collegio, quæcumque alligaveritis super terram, erunt alligata & in cælo, & quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in cælo.

Tria ergo hæc pari Scripturæ auctoritate roborata consistunt, Deum potestate propria, Christum Deum hominem potestate excellentiæ, & Ecclesiam potestate ministerii per suos ministros peccata remittere.

ARGUMENTUM TERTIUM.

Ex perpetua traditione.

Probationem hanc alibifuse deductam, consilii nostri non est iterum in præsentî tradere: tantum rogamus studiosum Lectorem, ut ad hujus libri qu. 2, & 3 recurrat, ubi Patrum

trum auctoritate probatum est, poenitentiam esse verum legis Evangelicæ Sacramentum, ac peccatorum quæ post baptismum patrata fuerint, remissionem divina misericordia institutum, nullumque esse quantumvis atroa flagitium, quod ministerio Sacerdotum non condonetur; itemque contraria Lutheranorum, Calvinianorum, Montanistarum, ac Novatianorum argumenta soluta sunt.

§. SECUNDUS.

Clavium notio datur.

Quandoquidem in claves Ecclesie oratio incidit, e re nostra est brevem earum & accuratam, quantum præsens materia patitur, notionem suggerere.

Possessio clavium, auctoritatis & domini argumentum est: sic dominus censetur dominus aut civitatis, qui clavibus earum potitur. Nec immerito, cum hoc ipso potestate habeat, quos voluerit arcendi vel admittendi, & secretissimos quousque recessus, reserandi vel occultandi: indeque quod ubi civitas aliqua principi victori se dedit, claves ad illum in signum subjectionis transferri procurat. Cum itaque Ecclesia domus sit ac civitas Dei, merito quæ inibi auctoritas exercetur clavium nomine, usu a Scriptura accepto exprimitur.

Auctoritatem, ut praediximus, supremam, in iis omnibus quæ pertinent ad sanctæ civitatis gubernationem, solus Deus habet. Hanc a Deo Patre Christus ut homo excellentissimo modo communicatam accepit, quando subiecit omnia sub pedibus ejus, & ipsum dedit caput super omnem Ecclesiam. Eandemque Christus Ecclesie impertitus est, per visibiles suos vicarios exercendam; Itaque Dei potestatem, *clavem supremi domini*, potestatem Christi, ut hominis, *clavem excellentie*, potestatem Ecclesie, *clavem ministerii*, Theologi cum S. Thoma merito dicunt.

Claves ministerii, de quibus solis hic agimus, aliz ordinis, aliz sunt jurisdictionis.

Clavis ordinis est, potestas ligandi atque solvendi, cum ordine Sacerdotali collata, qua iudex Ecclesiasticus dignos recipere, & indignos excludere debet a regno.

Clavis jurisdictionis est, auctoritas in alterum tamquam in subditum data, per quam Sacerdos velut iudex sententiam in eum rite ferre valeat, eumque ligare vel solvere.

Qui jurisdictionis claves habet, necesse est ut ordinis habeat, sed non vicissim, si nimirum subditis careat; quod in iis contingit, qui nec pastorale beneficium habent, nec sunt ab Ordinariis approbati.

Clavis jurisdictionis iterum duplex censetur; alia ad forum interius, alia ad exterius pertinet.

Clavis fori interni, vel pastoralis beneficii collatione, vel approbatione Ordinarii ad audiendas confessiones habetur.

Clavis jurisdictionis in foro exteriori est, potestas coercendi peccatores sine vi corporali, quæ adhibetur non ut homines, sed ut crimina & error tollantur; non ut lædantur personæ, sed ut curentur; non ut perdamur, sed ut corrigantur: eaque excommunicationis, & aliarum Ecclesie censurarum, sive ferendarum, sive tollendarum potestas est.

Clavis jurisdictionis in utroque tum exteriori tum interno foro, altera ordinaria, delegata altera. Ordinaria iis omnibus competit, qui curam animarum & regimini habent: delegata, ad eos transferitur qui curam animarum titulo beneficii non habentes, ad audiendas confessiones ab Episcopis approbantur.

Cum jurisdictionis ab auctoritate erga subditos pendeat, consequens est non in omnibus pariter, sed pro gradu dignitatis esse diversam; sic enim Pontifex Max. in universa Ecclesia fori utriusque, secundum mensuram Canonum, plenissimam habet potestatem: Episcopus vero, propriæ dioceseos; parochus, paræciæ; prælatus Regularis, monasterii aut cænobii limitibus circumscribitur.

Quicquid rite semel est ordinatus, clavem ordinis inamissibiliter habet, quæ vel character ipse ordinis est, vel individue cum illo conjuncta: atque adeo etiam in hæresi & schismate, & quacumque perfidia indelebilis. Jurisdictionis vero potestas inamissibiliter non adhæret; quia æquum est, eos qui vel contra Ecclesiam factis schismate rebellaverint, vel errorum disseminatione, aut quovis altero scandalo turbaverint, omni jurisdictione privari.

De clavibus Ecclesie in præsentis sat dictum: nunc ut pergamus ad alteram partem questionis, sit:

CAPUT SECUNDUM.

Qua ratione ac verborum formula potestas absolvendi exerceatur.

Quæritur 1. Quæ sit forma Sacramenti poenitentiae?

R. Esse verba quibus actus judicialis absolutionis a Sacerdote exprimitur: in iis enim verbis forma Sacramenti consistit, quæ effectum ejus significant, & ex opere operato producant: atqui hujusmodi verba sunt, actum judicialem absolvendi exprimentia. Ergo &c.

Q. 2. Quot modis possit actus judicialis absolutionis enuntiari?

R. Tri-

R. Tribus: verbis scilicet indicativis, deprecativis, & imperantibus: forma indicativa est, quæ verbo indicativo enuntiatur; qualis est nostra: *ego te absolvo*: deprecativa, in oratione consistit, qualem Græci, ut est prædictum, (*quest. 4. cap. 2.*) usurpant: *Domine remitte peccata N. penitentis: quia tua est potentia &c.* imperans foret, si Sacerdos sic diceret: *absolvere*; vel, *esto absolutus ab omnibus peccatis tuis*.

Q. 3. E tribus absolvendi modis quis sit necessarius usurpandus?

R. 1. De forma imperante, quia nullibi, nec in Latina, nec in Græca Ecclesia locum habet, nullam debere esse questionem. Quamquam enim plerique contendant, validam fore, eo quod actum absolvendi vere significet, quod non negamus: fatendum tamen futuram illicitam quia contra præscriptum Ecclesiæ, & universalem consuetudinem adhiberetur, quam nemo privatus, etiam in rebus minoris momenti deserere impune potest. Quantum vero ad alios absolvendi modos spectat:

R. 2. Cum ea de re non sit una & simplex Ecclesiarum omnium disciplina; unicuique suæ Ecclesiæ morem tenendum: quod ut manifestum fiat:

Q. 4. Quæ sit forma absolvendi, in Latina Ecclesia?

R. Esse indicativam, iis nimirum verbis expressam: *Ego te absolvo &c.* „ Docet S. Synodus, *apud Patres Trid. (Sess. 14. c. 3.)* „ Sacramenti poenitentiae formam, in qua præcipue ipsius vis sita est, in illis ministris verbis positam esse: *ego te absolvo &c.* „ quibus quidem de Ecclesiæ Sanctæ more præces quædam laudabiliter adiunguntur: ad ipsius tamen essentiam nequaquam spectant, neque ad ipsius Sacramenti administrationem sunt necessariae . . . „ Dicendum itaque ex mente Latine Ecclesiæ, his solis verbis: *ego te absolvo*: essentiali Sacramenti formam contineri; alias vero præces quæ fundi solent: *misereatur tui &c. Indulgentiam &c.* licet laudabiliter adiungantur, formæ tamen vim & efficaciam non habere: unde salva Sacramenti integritate sileri possunt.

Q. 5. Utrum hæ voces debent necessario exprimi: *a peccatis tuis*?

R. Præcepto Ecclesiastico esse necessarias, non divino: quod enim Ecclesia faciendum est præscribit, præcepto Ecclesiastico necessarium est; atqui talis est horum verborum expressio: *a peccatis tuis*. Ergo &c. ad jus porro divinum, sive ad essentiam Sacramenti non pertinere, inde probatur quod in hac voce, *absolvo*, implicite continentur: deinde vox *absolvendi*, sufficiens est ad exprimendum

De Re Sacram. T. III.

Sacramenti effectum, qui in reconciliatione & peccatorum abolitione consistit: quamquam enim ex se sit indifferens (ut tacite occurratur objectioni) ad significandum tum absolutiorem a censuris, tum peccatorum remissionem; quatenus tamen poenitenti applicatur, qui peccatorum confessionem proxime edidit: determinatio hac circumstantia ad eorundem remissionem significandam, qui est proprius Sacramenti effectus. Ergo non est præcepto divino & necessitate Sacramenti, aliarum vocum expressio necessaria.

Q. 6. Utrum expressa SS. Trinitatis invocatio, per hæc verba: *in nomine Patris &c.* sit necessario facienda?

R. 1. Apud Latinos esse præcepto Ecclesiastico necessariam, quod nemo negat.

R. 2. Non esse præcepto divino, neque Sacramenti necessitate necessariam: tum quia divinitus imperatam nec Scriptura, nec traditio suggerit; tum quia illam Græci & Orientales in Sacramenti poenitentiae administratione non adhibent, quos vere Sacramentum perficere nemini dubium est: tum quia per duodecim priora sæcula non fuit in usu apud Latinos.

Q. 7. Utrum persona, cui Sacramentalis absolutio datur, debeat in forma Sacramenti necessario designari, per pronomen *te*?

R. affirmative. Sacerdotis enim absolventis operatio, iudicialis sententia est, quam in aliquem, vel alios distinctim cadere necesse est: alioquin enim vagum & indeterminatum sensum haberet, sive, ut verius loquar, nihil plane significaret. Nam quæso quis sensus horum verborum foret, *ego absolvo*: nisi ipsa, cui tantum impenditur beneficium, persona denotaretur? ergo personam quæ absolvitur debere necessario exprimi, tum ratio ipsa *Grammaticæ*, tum norma fori civilis, cuius instar poenitentiae Sacramentum, majori licet dignitate, a Christo est institutum, demonstrat: hinc declarat Concilium Trid. modo cit. formam Sacramenti in his verbis positam esse: *ego te absolvo &c.* Idemque Græci & Orientales indispensabiliter observant: quod ex eorum euchologiis tertium est.

Q. 8. Utrum forma indicativa semper in Latina Ecclesia usurpata fuerit?

R. negative. Non enim videtur ante sæculum 13 communi consensione recepta & omnium usu probata. Nam

1. Toto 10 priorum Ecclesiæ sæculorum decursu, nec minimum in scriptis Patrum, aut ritualibus libris formæ indicativæ vestigium reperitur; sed sola precum mentio est, quibus poenitentes absoluebantur: lege ac relegere *Sacramentarium* Gregorii M. veterum *Ordinem*

L I Ro.

Romanum, & alios denique omnes de re Sacramentaria libros: audacter dico, nec tibi vox una occurrit, quæ indicativam iudicii formam sonet; totumque Sacerdotis ministerium erga pœnitentes absolvi meris precationibus deprehendes: sic ut exemplum unum e pluribus afferam, *Alcuinus*: absolventi ritum describens: (in lib. de divin. offic. cap. de cœna Domini) „ posthæc, inquit, egreditur pœnitens „ mane, de loco ubi pœnitentiam gessit, & „ in gremio Ecclesiæ præsentatur, prostrato „ omni corpore in terra: tunc dicantur hi „ Psalmi: *miserere mei Deus*: cum Antiphona, „ *Cor mundum*: deinde *Kyrie elison*; & „ & *Pater noster*: & capitulum ad preces: „ *salvum fac servum tuum Domine*: converte „ Domine: mittat tibi Dominus: illustra „ faciem tuam: Domine vide humilitatem: „ exaudi me Domine, quoniam benigna est „ misericordia tua: Oratio: *adesse Domine supplicationibus nostris, & me qui etiam misericordia tua primus indigeo, & reliqua.* „ Alia Oratio: *presta quesumus Domine huic famulo tuo dignum pœnitentie fructum &c.* „ alia: *Deus humani generis benignissime conditor, & misericordissime reformator &c.* „ alia: *Deus sub cuius oculo omne cor trepidat, omnesque conscientie contremiscunt:* „ & reliqua. Post hoc vero admoneatur a Sacerdote, ut quod pœnitendo diluit, iterando non repetat.

Quis vero crediderit, *Alcuinum*, aliosque rituum sacrorum descriptores, orationibus minime necessariis tanta accuratone collectis, formam absolutam (si necessariam credidissent, aut si suo tempore viguisset) prætermisuros?

Eodem pertinet *S. Aug.* sæpe laudata auctoritas, in sola oratione formam absolventi pœnitentis: *quid est manuum impositio*, ait, nisi oratio super hominem? (lib. 3. cont. Donat. cap. 19) hoc enim loco, ut alibi observavimus, de Sacramento pœnitentie loquitur, quod manuum impositionem appellat: multoque expressius in libro quinquaginta homiliarum, (hom. 13, cap. 7) verba Salvatoris expendens quibus peccatricem mulierem recepit in gratiam, observat ab eo dictum, non: *ego remitto tibi peccata tua*; sed: *remittuntur ei peccata*: quia loquendi ratione quorundam affirmat in antecessum repressam a Christo superbiam, qui se aliquando iactaturi erant, quasi peccata ipsi remitterent: *medicus bonus*, inquit, *egros non solum præsentem sanabat, sed & futuros prævidebat: futuri enim erant homines qui dicerent: ego peccata dimitto, ego iustifico, ego sanctifico, ego sano quoscunque baptizo.* Fateor equidem accusationem hanc,

Donatistas recte ferire, qui Sacramentorum virtutem & efficaciam a ministrorum meritis repetebant: at fatendum pariter hoc ejus argumentum nullius roboris futurum fuisse, si ætate *S. Doctoris* formam absolventi indicativam Africanæ Ecclesiæ usurpasset: facilenamque potuissent Donatistæ regere: *ecquid ergo vos Catholicis forma absolventi indicativa utimini, cum ministrantium merita nihil contribuere ad Sacramenti efficaciam existimatis?*

2. A 10 sæculo ad 13 fuit pariter forma deprecatoria a Latinis usurpata; ita tamen ut plerique putarent, precibus indicativam utique adiciendam sententiam: ut constat ex libris Ritualibus, qui per id tempus in usu fuerunt.

3. Sub finem sæculi 13 solam formam indicativam habitam fuisse pro parte essentiali, testis hujus temporis scriptor *S. Thomas*, opusculo 22 quod de formæ abolitionis inscribitur: cum enim Theologus quidam ejus ætatis, edita speciali dissertatione contenderet, revocandam formam deprecativam, qualis in usu antea fuerat, & indicativam respondendam, suamque sententiam *Guillelmi* utriusque Altisiodorensis & Parisiensis auctoritate maniret; sic reponit *S. Doctor*: (Cap. 2) *numquid etiam si nunc viverent, præjudicare possent communi sententiæ magistrorum Parisiis regentium, qui contrarium sentiunt, decernentes abique his verbis: ego te absolvo: abolitionem non esse per solam deprecativam orationem?* ita *S. Thomas*.

Ejusdemque rei testis locupletissimus est *Franciscus Mayronis* ex ordine *S. Francisci*, non multo post tempore insignis Theologus, in 4 sentent. dist. 24, qu. 1, ubi cum sibi objecisset quarundam Ecclesiarum consuetudinem, quæ his verbis absolutionem exprimebant: *absolvat te Deus pater, Deus filius, Deus Sp. Sanctus*: Respondet id quidem factum ante fuisse, sed sequente iudicio improbatum: *sic fiebat, inquit, in provincia provincie; sed improba fuit ista forma.*

Q. 9. utrum solemnem Ecclesiæ Latine decreto forma deprecativa rejeta sit?

R. Negative: a sæculo primo decimo, ad decimum tertium, quo ut prædixi forma absoluta communi consensione Latinorum est usurpata, de hac re nullius Concilii canon, aut Romanorum Pontificum decretum occurrit: quantum itaque judicare possumus, in scholis nata opinio, & magistrorum sensu probata, in Ecclesiam effluxit, tantamque paulatim auctoritatem obtinuit, ut absolutam formam debere retineri deinceps in Concilio Florentino & Trid. decretum sit.

Q. 10. Quæ Græcorum & Orientalium forma sit?

R. Semper fuisse, & etiamnum esse deprecatoriam. Nam

1. Græcorum antiquissimi hæc S. Jacobi verba: (Ep. can. 5, 16) *confitemini alterutrum peccata vestra, & orate pro invicem ut salvetur: multum enim valet deprecatio iusti assidua*: de confessione interpretantur: ita sane Origenes, S. Joannes Chrysost. & plerique alii, quibus Græci recentiores unanimi calculo assentiuntur.

2. Idipsum demonstrant omnia Græcorum & Orientalium tum antiqua, tum recentia Eucharologia, quæ non aliam præter deprecativam absolvendi formam præscribunt, communiter his verbis conceptam: *ipse Domine remitte, dimitte, condona peccata huius N. quia tua est potentia, tuum regnum &c.* recurrit studiosus lector ad questionem tertiam hujus libri, ubi Græcorum & Orientalium formulas fusc descriptas reperiet.

Q. 11. De Græcorum forma quid sentiendum?

R. Debere sine scrupulo approbari, tum quia ab Ecclesia Latina admittitur, quæ Græcos verum habere penitentiam Sacramentum semper agnovit, & etiam num agnoscit: tum quia si propter formam deprecativam, quam solam Græci adhibent, violati Sacramenti juste rearguerentur, eadem accusatio in Latinam Ecclesiam recideret, quæ per duodecim priora sæcula, solam, ut prædiximus, formam deprecantem admisit: tum denique quia non minor est formæ deprecativæ efficacia quam indicativæ.

Q. Ultimo. Quid si latinus aliquis Sacerdos solam formam deprecativam, indicativam posthabita adhiberet?

R. 1. Gravissime peccaturum, quippe qui suæ Ecclesiæ disciplinam proterve contemneret, & se ipsum contra omnes ambitiose efficeret.

R. 2. Videri nihilominus, (quidquid plerique in contrarium sentiant) validum Sacramentum futurum, nisi derisorie se hoc facere demonstraret: quo sane casu defectu necessariz intentionis, irritum fieret Sacramentum. Nam quæ meræ disciplinæ res est, ad essentialiam Sacramenti non pertinens, si non observetur, non propterea Sacramentum irritum fit; atqui Sacerdotis sententiam, Sacramenti necessariam esse partem, ad fidem hoc equidem pertinet; utrum vero verbis indicativis, aut deprecatoriis exprimi absolutionis sententia debeat, res est meræ disciplinæ, quæ nequit substantiam Sacramenti inficere: alioquin enim Græcorum & Orientalium improbanda

penitentia foret, qui non alia quam deprecativa forma utuntur, improbandus pariter mos antiquus latinorum, quos prædiximus sola verba deprecatoria ad decimum sæculum usurpasse. Quemadmodum itaque validum foret baptismus, quod contra latinæ Ecclesiæ usum hodiernum, immersione daretur; & valida Eucharistia, quam in pane fermentato aliquis consecraret, & ordinatio Diaconi valida, quæ fieret sine libri Evangeliorum porrectione, &c. ita nullum videtur esse dubium quia validum foret penitentiam Sacramentum quod forma deprecatoria administraretur. Numquid enim Sacramentorum essentia a locis dependet, quasi quod Constantinopoli validum est, & a Pontificibus Maximis pro vero Sacramento habetur, Romæ invalidum sit futurum? Illicitum itaque (quod revera foret,) hoc Sacramentum dici deberet, sed non propterea pro nullo habendum. Hanc autem Responsionem, sensu, ut loquuntur, speculativo accipi volumus: in praxi enim nec tutam, nec sequendam esse sentimus.

CAPUT TERTIUM. ¶

De absolutione per litteras, sive per internuncium data.

Plures antiqui Theologi censuerunt tum licitam tum validam esse confessionem peccatorum inter absentes factam sive per litteras, sive per internuncium, itemque absolutionem Sacramentalem eodem modo tributam. Quam sententiam jam penitus antiquatam, & cum suis Authoribus pene sepultam, e tumultu eduxerunt nonnulli scriptores ad finem vergente sæculo decimo sexto, immo etiam publice prædixerunt tum veterum Auctoritate, tum nonnullis vetustissimis exemplis suffulti. Horum plura refert Morinus L. 8 c. 25, quibus ipse quoque permotus eo loci contendit validam olim fuisse absolutionem datam absentibus. Verum adversum hos duo statuo pro questione hac dirimenda.

§. PRIMUS.

Confessio facta per litteras Sacerdoti absente nec licita, nec Sacramentalis confessio est cui absolutio impendi valide possit.

Prob. 1. Ex Constitutione Clementi VIII edita die 20 Junii an. 1601, ubi hæc leguntur. „Proposita questione, utrum liceat per litteras, seu internuncium Confessorio absenti peccata Sacramentaliter confiteri, & ab eodem absente absolutionem obtinere?

Li 2

„San-

Sanctissimus D. N. auditis votis Patrum Theologorum, & re cum illustrissimis, ac Reverendissimis DD. Cardinalibus mature, ac diligenter considerata, hanc propositionem, scilicet, *licere per litteras, seu internum Confessarium absenti peccata sacramentaliter confiteri, & ab eodem absente absolutionem obtinere*, ad minus uti falsam, temerariam, ac scandalosam damnavit, ac prohibuit; præcepitque ne deinceps ista propositio publicis, privatisque lectionibus, concionibus, & congressibus doceatur, neve unquam tanquam aliquo casu probabilis defendatur, imprimatur, aut ad praxim quovis modo deducatur. Quod si quilibet docuerit, defenderit, imprimi fecerit, aut etiam de ea disputative tractaverit, nisi forsitan impugnando, vel ad praxim seu directam, vel indirectam deduxerit; præter excommunicationem latæ sententiæ, quam ipso facto incurrit, & a qua non possit, præterquam in articulo mortis, ab alio, quacunque etiam dignitate fulgenti, & S. R. Ecclesiæ majori Penitentiario, nisi a pro tempore existente Romano Pontifice absolvi, aliis etiam penis arbitrio iudicandis subiaceat. Ex quibus evidentissime patet hujusmodi Confessionem nec licitam esse, nec sacramentalem, atque adeo irritam omnino & invalidam sacerdotis absolutionem.

P. Franciscus Suarez T. 4 in 3 p. disp. 21, sect. 4, Clementinum Decretum ita aversus interpretari, ut prohibuerit quidem doctrinam expositam *collective*, & *complexive*, sive copulative, non *divisive*, & separatim acceptam. Ita enim scribit: „existimo tamen non fuisse mentem Sanctissimi de hac oratione tractare; sed solum de illa, quæ dicit, Sacramentum Penitentiae posse perfici, ac consummari inter absentes: atque illam particulam *non esse divisive*, sed *complexive* sumendam; præcipue illud damna propter eos, qui dicebant, absolutionem posse dari in absentia. Moveor tum ex circumstantiis litteræ. Nam si aliud voluisset potius, id explicuisset per particulam *vel*. Item hoc clare indicat illud singulare signum demonstrativum, *hanc propositionem*. Nam ex eo constat, solam hypotheticam propositionem per modum unius damnari. Tum præterea, quia illa erat controversia, de qua tractabatur. Tum denique quia sola illa opinio est aliena ab usu Ecclesiæ: hæc autem est illi, & Decretis conformis. Nihilominus declarationem hanc ejusdem Pontificis censuræ subijcio etc.”

At tantum abest, quod hæc P. Suarez interpretatio iudicata fuerit Ecclesiæ menti con-

formis; ut tria Decreta a Congregatione S. Officii sub Paulo V prodierint, quibus penitus rejecta est, ac eliminata. In primo enim expresse dicitur *Sanctissimum decrevisse illam interpretationem* P. Suarez ad *supradictum Decretum non subsistere, & ideo amovendam esse ab eius libro juxta Decreta alias facta a fel. Record. Clemente Papa VIII*. In altero vero hæc prout: *Ex libro P. Francisci Suarez Jesuitæ disp. XXXIII, sect. 1, n. 12, amoveantur infrascripta verba, videlicet, atque ex hac resolutione. . . . usque illi. . . in absentia Confessoris. . . . Idem P. Suarez corrigat suum librum, & antequam evulget, ostendat huic Congregationi*. Demum in tertio hæc inter alia leguntur: *Sanctissimus decrevit ex Tom. 4 P. Suarez Episc. sectionem 4, cui titulus est, utrum de accessitate confessionis &c. totam esse amovendam, n e aliam ejus loco subrogandam*. Ex quo patet sit quam cordi fuerit sedi Apostolicæ, ut doctrina, etiam juxta interpretationem P. Suarez, prorsus abrogaretur, nec quovis modo a Theologis sustineretur.

2. Idem constat ex cap. *quem pariter de Pœnit. dist. 1*, ubi hæc habentur: *Præceptum Dominus mandantis, ut ostenderent ora sacerdotibus, dicens corporali presentia confitenda peccata, non per nuntium, non per scripturam manifestanda*.

3. Ex Catechismo Concilii Trident. eadem tradente p. 2, c. 5, num. 51. Ac demum ex ipsa ratione: tum quia confessio talis sit oportet, per quam Sacerdos confessio reddatur tam de peccatis a penitente revera commissis, quam de presenti, dum absolutionem impendit, ejus dispositione, sive dolore, & emendandæ vitæ firmo proposito. Id autem in Confessione peracta per internum, aut per litteras haberi nequit: siquidem, præterquam quod litteræ possunt esse vel confictæ, vel interpolatæ, ac negare Penitens potest a se fuisse conscriptas; eo temporis intervallo, quo vel nuncius, vel litteræ mittuntur; potest voluntatem mutare, aut a proposito melioris vitæ desciscere, ut observat Dominicus Soto dist. 18, q. 2, art. 6. Tum etiam quia Confessio est quædam personalis actio, per quam peccator tamquam reus sistit ante Tribunal Ecclesiæ, ut ab ipsa per ejus ministrum judicetur, quemadmodum declarat Trid. Synodus sess. 14, cap. 2: item absolutionis verba personam solvendam demonstrant, eamque præsentem indicant: quam rationem illustrat V. Gl. Sylvius in comment. a. 3, q. 9 supplementi, ubi D. Thomas illam ita proponit, nostramque, inimo Ecclesiæ doctrinam confirmat his verbis: „Confessio non solum est actus vir-

„tutis,

tutis, sed etiam pars Sacramenti. Quamvis autem ad eam, secundum quod est actus virtutis, sufficeret, qualitercumque fieret, etsi non esset tanta difficultas in uno modo, sicut in alio; tamen secundum quod est pars Sacramenti, habet determinatum actum, sicut & alia Sacramenta habent determinatam materiam. Et sicut in baptismo ad significandam interiorem abluionem, assumitur illud Elementum, cuius est maximus usus in abluendo; ita in actu Sacramenti ad manifestandum ordinarie assumitur ille actus, quo maxime consuevimus manifestare, scilicet proprium verbum. Alii enim modi sunt induci in supplementum istius."

§. SECUNDUS.

Etiam ante Clementis VIII. Decretum Confessio facta per litteras, vel internuncium irrita, ac nulla erat.

Hæc propositio est præsertim contra Morinum, qui, ut jam advertimus, quamvis nunc temporis talem confessionem invalidam esse consentiat; olim tamen ante Clementis Decretum eam valuisse defendit.

Probat 1. SS. Ecclesiæ Patres universim docent peccatorum confessionem significatam esse in Leprosis, quibus Christus injunxit, ut ostenderent se Sacerdotibus, & in Lazaro, quæ antea solvi voluit a discipulis institiis, quibus obvolutus erat: quæ plane officia non per litteras, aut internuncium, sed per præsentium opus peracta sunt. Unde in cap. laudato quæ permissa statuitur confessionem faciendam esse *corporali præsentia*, hæc adhibita ratione, quia Dominus mundandis præcepit, ut Sacerdotibus ora propria dederent. Non me quidem latet hujusce canonis Authoritatem parvipendæ ab adversariis, quod a Gratiano excerptum fuerit ex libro de *vera, & falsa Religione*, qui Augustini fœtus genuinus minime creditur ab Eruditis, ut ille putavit. Verum quidquid sit de hujus libri scriptore; certum est ejus testimonium in Canone fuisse confirmatum, & ejusdem rationem canonis insertam ab aliis Patribus fuisse proditam. Quare ipse Authoritas, ab ipso Magistro sententiarum, & S. Thoma probata, rejicienda non est.

2. Trid. Synodus Sess. 14, Cap. 2, hæc habet: *Christus Dominus eos, qui se post baptismum crimine aliquo contaminaverint, ante hoc Tribunal (Pœnitentiae scilicet) tamquam reos sisti voluit.* Ex quibus sic arguere

licet: Sisti in iudicio, si proprie loquamur, non est per litteras ad iudicium deferri, sed ante Tribunal iudicis præsentari, ut consentiant Jurisconsulti apud Brissonium *de verborum signis*. Si igitur ex Concilio Trid. constat Christum Dominum voluisse, ut crimine aliquo post baptismum contaminati se disterent tanquam reos ante tribunal pœnitentie, aperte colligitur id non nisi corporali præsentia fieri posse, non autem per litteras, aut internuncium.

3. Authoritate præstantissimorum Theologorum, qui hanc sententiam docuerunt, ut inter alios, Angelici Præceptoris supra laudati, & Synodi Nemausensis an. 1284 celebratæ, quæ, ut habetur in Collect. Lab. T. 9, 11 prope finem, inter cætera Confessionis præcepta, item, inquit, *non debet (Pœnitens) confiteri per Nuncium, nec per Scripturam, sed viva voce, ore proprio, & præsentialiter, ut qui per se peccavit, per se ipsum confiteatur, & erubescat.*

4. Suffragatur etiam ipsum Decretum Clementis VIII, & impensa cura Sedis Apostolicæ in damuanda, ac prohibenda sententia eorum Theologorum, qui opinionem aliorum quorundam jam obsoletam suscitare nitentur. Non enim credibile est S. Sedem tanto studio, tot repetitis Constitutionibus eam sententiam damnaturam fuisse, statim ac denuo in lucem producta fuit, si licitam ac validam Confessionem per litteras antea peractam credidisset.

5. Demum probat. satis luculenta ratione. Nam Sacramentalis Confessio debet esse contritionis actualiter in corde vigentis argumentum, & propositi in animo perseverantis indicium. Hoc autem, ut jam adnotavi, convenire neutiquam potest relationi criminum factæ per Epistolas, sive internuncium, ut patet. Ergo &c.

Obijcies 1. plura exempla Confessionum, quæ per litteras factæ olim fuerunt. Insigne inprimis exemplum est, quod profertur ex Ep. quam conscripsit Robertus Episcopus Cenomaneus gravi infirmitate decumbens ad Episcopos extra muros Andegavensium commorantes cum Principe Carolo obsidente Normannos, in qua delictorum suorum absolutionem poposcit: quam absolutionem concesserunt Episcopi per per aliam Epistolam e loco obsidionis datam: & utraque habetur Tom. 3 Conciliorum Gallicæ. Alterum est Alcuini, qui in Epistola 63 ad Hadrianum Papam eum rogavit, ut *juberet salutiferæ pietatis verbo a peccatorum vinculis esse solutum*. Tertium exemplum Confessionis, & absolutionis per litteras subministrat Hidelboldus Episcopus Suessonen-

sis,

sis, quem absolvit Hincmarus, ut observat Sirmondus in *Noris* ad 3 volumen Conciliorum Gallie, & constat ex Ep. ipsius Hincmari 40. Plura alia exempla Morinus affert hujusce generis, ut Potamii Episcopi Bracarenensis, qui per litteras absolutionem impetravit a Patribus Concilii Toletani 10: Gregorii VII, qui non semel per litteras eandem absolutionem largitus est: ac demum Alexandri III, qui absolutionem per Epistolam impendit S. Thomæ Archiepiscopo Cantuariensi, uti referunt Card. Baronius ad an. 1164, & Matthæus Paris.

R. Ex omnibus his productis exemplis nihil extendi posse, quod propositioni nostræ refragetur. Respondere enim in primis generatim possumus juxta ea, quæ docet Morinus l. 10, C. 22, N. 6, litteris Pontificum ad absentes eatenus absolutionem concedi, quod *per indulgentiam expungitur penitentia canonica*; vel ea prætermissa pœnitens vigore illarum litterarum a Sacerdote possit absolvi, cui tamen præsentem confiteri debet. Addeudum præterea hujusmodi plures saltem absolutiones, de quibus fit mentio, intelligi commodè posse a censuris, aut ad instar earum, quæ in aliquibus solemnitatibus quorundam Ordinum subditis impenduntur cum facultate qua a legitimo Ministro absolvi valeant, supposita tamen Sacramentali Confessione. Id luculenter evincitur ex ipsa Epist. in objectione laudata Hincmari ad Hidelboldum, in qua prope eadem confessionem injungit iniquis: *Specialiter, ac singillatim Deo, ac Sacerdoti satage confiteri*, satis insinuans confessionem scripto peractam nequaquam sufficere ad ejus justificationem, ac salutem. Paria habebantur in litteris Apostolicis Alexandri III ad S. Thomam Cantuariensem; ita enim absolutionem largitus est Summus Pontifex: *Si aliquid te recolis commisisse, de quo propterea te debeat conscientia remordere; quidquid sit, Sacerdoti, qui discretus, & providus habeatur, tibi consulimus per penitentiam confiteri*. Ex ipso etiam Baronio ad ann. citatum liquet, eam Sum. Pontificis Epistolarem absolutionem fuisse a censura, quam S. Archiepiscopus se incurrisse metuebat, quod ab aliis deceptus Henrico II Anglorum regi adhaesisset. Atque ex his solata remanet objectio, quæ ex productis exemplis conficitur, quin opus sit eadem singillatim expendere, ac discutere.

Objices 2. Matrimonium valide contrahitur inter absentes per procuratores. Ergo etiam inter absentes per litteras aut internuncium confici poterit Sacramentum Pœnitentiæ. Ex illo namque consequitur non esse de Sacra-

mentorum novæ legis natura, ut solis præsentibus conferantur.

R. Juxta diversam, quæ de Ministro Sacramenti Matrimonii viget inter Theologos opinionem. Nam si queraris eos Autores, qui sustinent Parochum ministrum esse hujus Sacramenti, dicendum est illud non confici, cum per procuratores initur contractus, sed cum Sponsi coram Sacerdote consensum innovant. Quod si tibi magis arideat eorum sententia, qui defendunt ministros hujusce Sacramenti ipsos esse contrahentes; asserendum pariter est, tunc solum Sacramentum confici, quando Sponsi consensum per alios præstitum confirmant, sibi quæ mutuan tradunt in corpus suum potestatem. Adeoque ruit objectio quocumque ex capite.

Objices 3. Sacramentum Pœnitentiæ est quoddam judicium, aut ad instar judicii peragitur. Atqui judicium exerceri rite potest etiam inter absentes, prout sæpe contingit in judiciis forensibus. Igitur

R. Absolutionem Sacramentalem non esse actionem dumtaxat reconciliantem in foro externo, sed effectricem gratiæ, interiorum mundationem producentem, & exigentem pœnitentium dispositionem Sacerdoti cognitam, qui ante se consistentes solvat a peccatorum nexibus. Quare judicium istud longe diversum est ab eo, quod in foro Seculari exercetur: in quo etiam unam peccatum sine alio condonatur, & non confitenti absolutio conceditur, imò sine etiam proposito ullo emendationis peccatum aliquando dimittitur. Non est ergo urgenda similitudo judicii Secularis cum judicio Sacramentali, seu quod fit in Sacramento pœnitentiæ.

Objices 4. Ad absolutionem excommunicationis, aliarumque censurarum non requiritur eorum, qui absolvantur, præsentia. Ergo neque ad absolutionem culpam.

R. Excommunicatio, tametsi feratur ob peccatum, & contumaciam, est tamen censura Ecclesiastica separans a Communionem & a participatione Sacramentorum, nec peccatum est, sed peccati pœna, adeoque ad ipsius, aliarumque censurarum absolutionem non requiritur quidquid necessarium est ad absolutionem a culpa: & impendi potest nedum absentibus, verum etiam repugnantibus, & ipsis quoque defunctis, quod plane nemo dixerit de Sacramentali absolutione a peccatis. Sequitur ¶

Q U Æ S T I O N O N A .

De Ministro Sacramenti poenitentiae.

Palmaris Waldensium & Wicleffistarum, ut sæpius observavimus, error fuit, bonos Laicos, non malos Sacerdotes, jus absolviendi habere. Affirmavit pariter Lutherus, spectato jure divino, fidelem quemlibet posse credentes absolvere. Contra illos ait

§. P R I M U S .

Ostenditur solos Sacerdotes legitimis Sacramenti poenitentiae esse Ministros.

Fidei sententia est, in Concilio Trid. confirmata, sess. 14, cap. 2, & 6, Can. 10 his verbis: „ si quis dixerit Sacerdotes qui in „ peccato mortali exsunt, potestatem ligandi & solvendi non habere; aut non solos „ Sacerdotes esse ministros absolutionis, sed „ omnibus & singulis Christi fidelibus esse dictum: *quæcumque ligaveritis super terram, erunt ligata & in celo, & quæcumque solveritis super terram, erunt soluta & in celo, & quorum remiseritis peccata, remittantur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt:* quorum verborum virtute quilibet absolvere possit peccata, publica quidem per correptionem dumtaxat, si correptus acquieverit; secreta vero per spontaneam correptionem: anathema sit.

P R O B A T I O P R I M A .

Ex Scripturis.

Testimonia Scripturarum ex Matthæi 16 & 18, & Joannis 20 certissimum hujus veritatis præbent argumentum: ii enim soli legitimi Sacramenti ministri sunt, quibus solis ligandi solvendi que potestas, & remittendi aut retinendi peccata, divinitus est concessa; atqui solis Apostolis, eorumque legitimis in Sacerdotio successoribus, quos in Apostolorum persona alloquebatur, potestatem hanc Salvator attribuit. „ Dominus autem, ait Concilium Trid. (Sess. 14, c. 1) Sacramentum poenitentiae tunc præcipue instituit, cum a mortuis excitatus, insufflavit in discipulos suos dicens: „ Accipite Sp. Sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis; & quorum retinueritis, retenta sunt. Quo tam insigni fælo & verbis tam perspicuis, potestatem remittendi & retinendi peccata, ad reconciliandos fideles post baptismum lapsos, Aposto-

„ lis & eorum legitimis successoribus fuisse; „ communicatam, universorum patrum consensus semper intellexit: ergo &c.

P R O B A T I O S E C U N D A

Ex traditione.

Deinde illud dogma certa & indubitata fide tenendum est, quod in divinis Apostolicisque traditionibus continetur; atqui solos Sacerdotes habere jus administrandi poenitentiae Sacramentum, docet perpetua & nunquam interrupta traditio. Nam

1. Antiquissima Græcorum Euchologia & Ritualia Latinorum, quoties dandæ reconciliationis modum & formam præscribunt, nemini præter Sacerdotem ministerium illud attribuant.

2. Conciliorum plena in hoc dogmate consensus est. Quoties enim in illis de clavium potestate mentio fit, solis Sacerdotibus earum ministerium vindicatur.

3. Patres ubique clamant, absolviendi potestatem solis Episcopis & presbyteris esse concessam.

Sic S. Cyprianus: *confiteantur singuli, inquit, (lib. de Lapsis) quæso vos dilectissimi delictum suum, dum remissio facta per Sacerdotes apud Dominum grata est poenitentia, operanti, roganti, potest clementer Deus ignorare, potest in acceptum referre, quidquid pro talibus & petierint Martyres, & fecerint Sacerdotes.*

Et S. Ambrosius, potestatem peccata remittendi expendens: hoc, inquit (lib. 2, de poenit. cap. 2) jure vindicat Ecclesia, ut veros Sacerdotes habet: hæresis vindicare non potest, quæ Sacerdotes Dei non habet.

S. Joannes Chrysost. (lib. 3 de Sacer. cap. 5) terram incolentibus commissum est, ut ea quæ in celis sunt dispensent &c.

Innocentius I Potifex Max. (Ep. ad Decent. c. 7) ceterum de pondere æstimando delictorum, Sacerdotis est judicare, ut attendat ad confessionem poenitentis, & ad fletus atque lacrymas corrigentis: ac tunc tubere dimitti, cum viderit congruam satisfactionem.

S. Leo Magnus: (Ep. 82) mediator Dei & hominum homo Christus Jesus, hanc præpositis Ecclesie tradidit potestatem, ut & confitentibus poenitentia actionem darent, & eisdem salubri confessione purgatos, ad communionem Sacramentorum, per januam reconciliationis admitterent.

S. Aug. docens quandonom Episcopo & Ministris fugere liceat, imminente persecutionis periculo: an, inquit, (Ep. 228, al. 180) non

cogitamus, cum ad istorum periculorum pervenitur extrema, nec est potestas ulla fugiendi, quatenus in Ecclesia fieri soleat ab utroque sexu, atque omni ætate concursus, aliis baptismum flagitantibus, aliis reconciliationem, aliis etiam penitentiae ipsius actionem, omnibus consolationem, & Sacramentorum confessionem, & erogationem? Ubi si ministri desint, quantum exitum sequitur eos, qui de isto seculo vel non regenerati exsunt, vel ligati? Quantum est etiam luctus fidelium suorum, qui eos secum in vitam æternæ requirunt non habebunt? Quantum denique gemitus omnium, & quorumdam quanta blasphemia, de absentia ministrorum? Sic autem ministri adsint, pro viribus quas eis Dominus subministrat; omnibus subveniat: alii baptizantur, alii reconciliantur, nulli Dominici corporis communionem fraudantur.

Quorum similia alii quos sæpe laudavimus passim affirmant: ergo &c.

PROBATIO TERTIA.

Ex Theologica ratione:

Nec deest plausibile rationis argumentum ex fidei doctrina petitum: conveniens namque erat, ut iis solis in mysticum Christi corpus tribueretur auctoritas, quibus solis ad corpus ejus naturale consecrandum potestas committeretur; atqui solis Sacerdotibus dictum a Christo, quando Eucharistiæ Sacramentum instituit: *hoc facite in mea commemorationem*. Ad illos ergo pariter hæc ejus verba directa sunt: *Accipite hoc Sanctum: quorum remisistis peccata &c.* Dicendum, inquit S. Thomas, (Supp. quest. 8, art. 1) quod gratia quæ in sacramentis datur, a capite in membra descendit: & ideo solus ille minister est Sacramentorum, in quibus gratia datur, qui habet ministerium super Corpus Christi verum, quod solus Sacerdos est, qui consecrare Eucharistiæ potest: ideo cum in Sacramento penitentiae gratia conferatur; solus Sacerdos minister est hujusmodi Sacramenti: & ideo ei soli facienda est Sacramentalis confessio, quæ ministro Ecclesiae fieri debet.

§. SECUNDUS.

Proponuntur & resolvuntur objectiones.

Opponitur. Licet baptizandi potestas in Evangelio solis videatur Apostolis, eorumque in Sacerdotio successoribus tradita; potest tamen quilibet homo saltem in casu necessitatis conferre baptismum. Ergo a pari in casu si-

mili potest omnis homo a peccatis absolvere.

R. Nego consequ. & paritatem. Disparitas est, inquit S. Thomas, (ib. ad 2) quia baptismus est magis Sacramentum necessitatis quam penitentia, quantum ad confessionem & absolutionem: quia quandoque baptismus praetermitti non potest sine periculo salutis æternæ, ut patet in pueris qui non habent usum rationis. Sed non est ita de confessione & absolutione, quæ tantum ad adultos pertinet, in quibus contritio cum proposito confitendi, & desiderio absolutionis sufficit ad liberandum a morte æterna . . . ita Angelicus Doctor. Cur autem baptismus possit a quolibet in casu necessitatis conferri, penitentia non possit; non aliunde quam a suprema Dei voluntate repeti debet ejus voluntas, quam ab Ecclesia magistra exquiri. Si enim in dijudicandis Religionis dogmatibus humana ratio contra scripturæ & traditionis tramitem audiretur, funditus omnia ruerent, nedum defendi valide possent.

Inst. 1. Atqui de penitentia ac de baptismo idem iudicium esse debet: ergo &c.

Pr. subs. auctoritate S. Jacobi. *Confitemini*, inquit, (Ep. cap. 5, v. 16) *alterutrum peccata vestra*. Unde sic enascitur argumentum: qui potest præfici audiendæ confessioni, potest pariter absolvi ministerium exercere; atqui Beatus Jacobus cum indefinite loquatur, audiendi confessiones potestatem omnibus facit: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. admitto auctoritatem, & ad argumentum inde ductum:

1. Concessa maj. n. nin. hæc enim verba: *confitemini alterutrum*: istis immediate conjuncta sunt: *infirmatur quis in vobis? Inducit presbyterus Ecclesie, & orem super eum* . . . & oratio fidei salvabit infirmum . . . & si in peccatis sit, remittentur ei. Ergo his verbis: *confitemini alterutrum*: hoc unum significatur, solis Sacerdotibus confessionem esse faciendam, quibus solis auctoritas absolviendi commissæ est: „ *confitemini alterutrum*, inquit Hugo a „ S. Vittore, hoc est homines hominibus, oves „ pastoribus, subiecti prælatis, Laici Sacerdotibus, ii qui habent peccata, iis qui peccata dimittendi habent potestatem „ . . . & vero hoc argumentum quam tenue sit & imbecillum vel inde patet, quod verba Jacobi Latini, & Græci plerique omnes de penitentiae Sacramento plena consensione intellexerint; atqui nemini unquam in mentem venit, ex hac Apostoli sententia erui, posse quemlibet indifferenter esse reconciliationis ministrum; sed hæc potestas soli semper est Sacerdotibus vindicata: ergo &c.

2. Dist. maj. qui potest præfici audiendæ confessioni *Sacramentali*; potest absolviendi mi-

ministerium exercere, conc. *confessione non Sacramentali*, n. maj. Et eadem distinctione ad minorem applicata, n. conseq. confessio Sacramentalis est, qua quis ideo vulnera conscientie aperit, ut Ecclesie clavibus, & ministrorum Christi jurisdictioni semetipsum subiciat. Cæterum si quis laico vel inferiori ministro, peccata ex humilitate declareat, cum confessio hæc Sacramentalis non sit, non ideo sequitur, quod quis audire peccata potuit, habeat absolventis auctoritatem. Unde si eo sensu textus Apostoli explicetur, palam est nihil difficultatis habere.

Inst. 2. S. Aug. Ambrosius, & alii passim Doctores affirmant, potestatem ligandi atque solvendi bonis omnibus divinitus esse concessam, impiis denegatam: ergo &c.

R. Dist. ant. simul & explicio mentem Patrum: affirmant bonis omnibus convenire potestatem ligandi atque solvendi, *via imperationis* conc. *Sacramentaliter*, n. ant. & conseq.

E. R. Modus absolventi alius Sacramentalis, alius imperatorius est, in justorum gemitibus & orationibus consistens. Præsum solis Sacerdotibus convenit, quibus dictum est: *Accipite S. Sanctum* &c. Secundus cuilibet justo sive in terris degenti, sive in cælis regnanti merito vindicatur; quia justo cuilibet convenit, Deum pro peccatoribus obsecrare. Hinc in hymno de B. Virgine dicitur: *solve vincula reus ... nos culpis solutos mites fac & castos ...* & in hymno Apostolorum: *Nos a peccatis omnibus solve juxta quesumus*. De hoc absolventi modo debent intelligi, quæ ex Patribus opponi possent, eoque magis quod aliunde constet, Ambrosium, Aug. & alios, solis Sacerdotibus clavium & absolventi Sacramentaliter ministerium vindicasse.

Inst. 3. saltem Diaconis hæc potestas in absentia Sacerdotum negari non posse videtur: ergo &c.

Prob. subs. variis momentis.

1. S. Cyrilianus: *occurrendum puto*, inquit, (Ep. 13) *fratribus nostris, ut qui libellos a martyribus exceperunt, & prærogativa eorum apud Deum adjuvari possunt, si incommodo aliquo & infirmitatis periculo occupati fuerint, non expellant præsentia nostra, apud presbyterum quemcumque præsentem, vel si presbyter repertus non fuerit, & urgere exitus cuperit, apud Diaconum quoque exomologesi facere delicti sui possint; ut manu eis in penitentiam imposita, veniant ad Dominum, cum pace, quam dari martyres literis ad nos facis desideraverunt*.

2. Synodus Eliberitana sub initium 4 sæculi habita, can. 32 decrevit, *posse diaconum si Sa-*

De Re Sacram. T. III.

cerdos jusserit, dare penitentibus Communionem, reconciliationem scilicet.

3. *Alcuinus, Ordo Romanus*; & plerique alii præse ætatis scriptores, statuunt in absentia Episcopi & presbyteri, a Diacono deberi suscipi penitentes, & Sancta Communione donari: ergo &c.

R. nego subs. ad probat. admitto auctoritates, & dist. conseq. Diaconis convenit auctoritas absolventi, a censuris & penis canonicis, conc. absolventi a peccatis, subdist. *absolutione ceremoniali* & *deprecatória*, conc. *absolutione Sacramentali*, n. conseq.

E. R. Absolutio altera est a censuris & penis satisfactoriis, altera a peccatis. Datur absolutio a censuris, quando solvitur aliquis a vinculo excommunicationis, suspensionis, aut interdicti; absolutio a penis satisfactoriis fit, quando alicui remittuntur pænæ satisfactoriæ secundum Canonum erat obnoxius.

Absolutio a peccatis est, quando a reatu peccatorum quis liberatur: eaque iterum duplex: altera Sacramentalis, quæ a Sacerdote virtute clavium per modum veri judicii promunciat, his aut similibus verbis: *ego te absolvo*: altera mere ceremonialis, qua minister non tam absolvit penitentem, quam intercessor est apud Deum, ut absolvatur: quomodo, quando laicus Sacerdoti sacrum operanti ministrans, audita ejus confessione respondet: *misereatur tui omnipotens Deus, & dimissis peccatis tuis perducas te ad vitam æternam*: hoc posito dico,

1. Diaconos olim habuisse potestatem absente Episcopo ac Presbytero, absolventi ab excommunicatione, aliisque censuris Ecclesiasticis, nec mirum: cum etiam hodie ab Archidiacono eadem absolutio dari possit, licet in solo Diaconatus ordine sit constitutus. Immo ex constitutionibus Apostolicis certum est, olim Diaconos, absente Presbytero excommunicandi auctoritatem habuisse; (Const. Apost. lib. 8) atque adeo absolventi, cum ad eundem pertineat absolvere, cuius est ligare.

2. Potuisse similiter Diaconos in casu necessitatis, & in Episcoporum ac Presbyterorum absentia, absolvere penitentem, si mors aut persecutio immineret, a penis canonicis & satisfactoriis. Cum enim hæc absolutio, eo maxime tempore quo vigeat penitentia publica, ad forum externum pertineret; Diaconis, immo & ministris inferioribus committi poterat illius impartiendæ officium.

3. Fateor a Diaconis penitentes a peccatis aliquatenus absolutos: sed nego absolutionem hanc Sacramentalem fuisse, quippe quæ clavium potestate non niteretur, quam ex Scriptura & traditione constat solis Presbyteris esse

Mm

conces-

concessum. Non ergo Sacramenti pars, sed simplex cæremosa erat, ad fidem & contritionem excitandam pie instituta.

Inst. 4. Atqui absolutio data a Diaconis putabatur, verique erat Sacramentalis. Ergo &c. prob. subs. ex verbis S. Cypriani supra relatis. Occurrendum, inquit, *puto Fratribus nostris, ut . . . si Presbyter reperiens non fuerit, & urgere exitus coperit, apud Diaconum quoque exomologesin facere delicti sui possint; & manu eis in penitentiam imposita veniant ad Dominum cum pace, quam dari martyres litteris ad nos scribis desideraverunt.*

Hinc sic arguitur:

Absolutio Sacramentali remissioni per omnia similis putabatur, verique erat Sacramentalis; atqui talis erat absolutio facta a Diaconis: eam enim, non secus ac in Sacramento penitentiae, exomologesis, sive peccatorum declaratio præcedebat: deinde manum impositum sequebatur quam Diaconus in Sacerdotis absentia, ritu simillimo faciebat ad penitentium reconciliationem: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. auctoritatem recipio: & n. maj. inde assumptam: non enim, ut saepe observavimus, ab eo quod exterius sit, ratio Sacramenti dependet: sed spectandum a quo, quo fine, & erga quem fiat: habenda nimirum ratio ministri, propositi, & subjecti: ita ut, si neque minister sit idoneus, nec Sacramentum fieri intendatur, nec subjectum capax ejus suscipiendi, hoc ipso Sacramentum non sit, quantumlibet externa ejus speciem imitetur: sic enim e. c. quando olim feminæ Diaconissæ consecrabantur, idem pene ritus, qui in ordinatione Diaconorum observabatur, ut libro octavo dicemus: hæc tamen consecratio nec verus erat Diaconatus, nec Sacramentum verum; propterea quod feminis sacræ ordinationis incapacibus conferretur; similiter antiquitus fideles in absentia Sacerdotum certis diebus conveniebant, ut sacræ Liturgiæ ritus, affectu pietatis, modo quo poterant convenientiore representarent atque imitarentur: proponebant scilicet panem & vinum: verba Evangelica ad sacrificium pertinentia recitabant, longasque preces fundebant: tamen nec vere connebant Corpus & Sanguinem Christi, nec veram sacrificium offerebant; quia rei sacræ solis Sacerdotibus attributæ potestatem non habebant: similiter ergo dicendum absolutionem datam a Diaconis, etiam si Sacerdotali penes externum ritum foret in omnibus similis, & subjectis ejus capacibus conferretur; hoc ipso tamen Sacramentale non fuisse, quo a Diaconis clavium ministerii incapacibus fieret.

Inst. 5. Illa absolutio vere erat Sacramentalis, qua idem obtinebatur effectus, ac si a Sa-

cerdote data fuisset; atqui ex S. Cypriano per absolutionem a Diaconis factam idem obtinebatur effectus, ac si a Sacerdote data fuisset: *apud Diaconum quoque, inquit, exomologesin facere delicti sui possint, ut veniant ad Dominum cum pace:* ergo &c.

R. Data maj. dist. min. per absolutionem, Diaconis factam idem obtinebatur effectus, ac si a Sacerdote data fuisset, quantum ad liberationem a censuris, conc. quantum ad remissionem peccatorum, & reconciliationem cum Deo, subdist. ex opere operantium, conc. ex opere operato, n. min. & consequ.

E. R. Vere, ut prædiximus, a censuris & penis satisfactoriis Diaconi in casu necessitatis absoluebant. Quantum vero pertinet ad peccata, ea quidem ut modo dicebamus, per modum impetrationis aliquatenus dimittebant, non vero Sacramentaliter. Itaque quod accepta a Diaconis reconciliatione, *ad Dominum penitentes cum pace venient*, non erat ille effectus actioni Diaconorum, sive operi; absolutioni nimirum ab illis acceptæ, attribuendus, sed operi operantium, pietati scilicet & fervori penitentium, quem vehementissimum fuisse dubitare non possumus, cum tanta, antea dis penitentiae laboribus, contritionis cum Sacramenti percipiendi voto conjunctæ, tamque splendida signa dedissent.

Inst. 6. *Gratianus, Magister sentent.* & plerique alii veteres Scriptores, absolutioni a Diaconis, imo & a Laicis in casu necessitatis acceptæ, tantum virtutis attribuunt, quantum absolutioni Sacerdotali: ergo &c.

R. Nego ant. Qui enim volunt absolutionem hujusmodi non valere, nisi quatenus ad eundem Sacerdotis, & Sacramenti ab eo suscipiendi votum conjunctum habet, eandem profecto eivirtutem non tribuunt. Atqui hæc est *Gratiani, Magistri sentent.* & aliorum doctrina. *Tanta vis est confessionis, ait iste, (lib. 4. sentent. dist. 17) ut si deest Sacerdos, confiteatur (penitens) proximo. . . . Et si ille cui confitebitur potestatem solvendi non habet, fit tamen dignus venia, ex desiderio Sacerdotis, qui socio confiteatur turpitudinem criminis. . . . Nec alia Gratiani in Decreto, aliorumque sententia est, quorum verba describit Morinus l. 8 de penit. c. 23, & 24.*

Instab. 7. Vel fatendum absolviendi ministerium Diaconis ex officio convenire; vel si hoc eis jus detraxerimus, erit pariter simplicibus presbyteris, ex antiqua disciplina denegandum. Illi enim non habebantur pro veris Sacramenti ministris, quibus prohibitum erat penitentes absolvere; atqui simplicibus presbyteris olim vetitum erat penitentes absolvere. Qua de re audiendus iterum S. Cyprianus supra laudatus

datus (Ep. 13): *occurrendum tuto*, inquit, *fratribus nostris*, ut . . . *si incommodo aliquo & infirmitatis periculo occupati fuerint, non expectata præsencia nostra, apud presbyterum quemcumque præsentem, vel si presbyter repertus non fuerit, & urgens exitus exegerit, apud Diaconum quoque exomologesin facere delicti sui possint, ut manu eis in penitentiam imposita, veniant ad Dominum cum pace, quam dari eis martyres literis ad nos salis desiderant.*

Nec minus evidens est alterum ejusdem S. Martyris testimonium, ubi (Ep. 13) quorundam presbyterorum audaciam vellicans, qui jus absolviendi sibi arrogare præsumperant: *audio quosdam de presbyteris, inquit, nec Evangelii memores, nec quid ad nos Martyres scripserint cogitantes, nec Episcopo honorem Sacerdotii sui & Cathedræ reservantes, jam cum lapsis communicare capisse, & offerre pro illis, & Eucharistiam dare, quando oporteat ad hæc per ordinem pervenire. Nam cum in minoribus delictis, quæ non in Dominum committuntur, penitentia agitur justo tempore, & exomologesis fiat, inspecta vita ejus qui agit penitentiam: nec ad communicationem venire quis possit, nisi prius illi ab Episcopo & Clero manus fuerit imposita: quanto magis in his gravissimis & extremis delictis, caute omnia & moderate, secundum disciplinam Domini observari oportet?*

Inde sic instauratur argumentum:

Illis vetitum erat absolvere, ad quos recurrere nisi in casu necessitatis non permettebatur, quique in his circumstantiis nihil plus habebant quam Diaconi. Atqui ad presbyteros recurrere, in solo casu necessitatis permettebatur, nec plus eis in iis angustiis, quam Diaconis tribuebatur, nisi quod pro honore Sacerdotii ministris inferioribus præferebantur: ergo &c.

R. Nego ant. Ad probat. concessa maj. dist. min. simplicibus presbyteris vetitum erat absolvere penitentes, privatos, qui nimirum penitentiam secreto agebant, n. penitentes publicos, subdist. vetitum erat Ecclesiastico Canone, conc. jure Divino, n. min. & concess.

E. R. Nihil hoc argumento jactatur, nisi quod ultro concedimus, nimirum penitentes publicos absolviendi, solis Episcopis antiquitus potestatem Canone Ecclesiastico reservatam. Exigebat enim Ecclesiæ disciplina, inquit Morinus, (lib. 9, cap. 23) *ut publice penitentia rei ab Episcopo, aut illius jussu reconciliarentur*. Eoque pertinet Canon. 3 Concilii II Carthag. his verbis conceptus: *ab universis Episcopis dictum est . . . reconciliare quem-*

quam in publica Missa presbyteris non licere. Hinc pristinis illis sæculis, summa Episcoporum erga penitentes vigilantia & cura fuit, utrum imposita satisfactionis opera diligerent & animo vere contrito implerent. Hinc solis Episcopis in Concilio Nicæno (Can. 12) legimus potestatem factam aliquid de severitate penitentia relaxandi. *Licet Episcopo, inquit, aliquid humanius de iis statuere.*

Neque tamen hinc sequitur simplices presbyteros jus absolviendi non habuisse suæ ordinationi annexum: quomodo non sequitur ministros baptismi ordinarios non fuisse, quia primis sæculis a solis fere Episcopis baptisma solemne conferebatur. Pro certo namque tenemus eos secreto penitentibus absolutionem dedisse, ut ex auctoritatibus in probationem adductis manifestum, quin & publice penitentibus dare pariter potuisse, quia divinum jus disciplina contraria non infringit.

Indeque patet ad argumentum sequens responsio. Admissis enim auctoritatibus, & concessa majore, dist. primam partem minoris ad presbyteros recurrere in solo casu necessitatis permettebatur, & hæc erat mere discipline præscriptio, conc. ad jus divinum pertinere putabatur, n. min. & conseq.

Alteram vero argumenti partem qua dicitur, nihil plus presbyteris quam Diaconis esse tributum, pariter dist. quantum ad dispensationem ab Ecclesiastica Regula, secundum quoniam soli Episcopi publice penitentes absolvebant, conc. habita ratione divini juris, quasi non magis presbyteris quam Diaconis competere auctoritas absolviendi, n. min. Utraque solutio ex dictis patet, nec majore indiget explanatione.

Inst. 8 & ultimo. Atqui existimabat S. Cyrillus, absolviendi potestatem solos Episcopos jure divino habere: ergo &c.

Prob. subs. ex ejus verbis supra relatis: *Audito, inquit, quosdam de presbyteris, nec Evangelii memores . . . Nec Episcopo honorem Sacerdotii sui & Cathedræ reservantes, jam cum lapsis communicare cepisse &c.* Censebat ergo S. Martyr absolviendi potestatem, ad honorem Episcopatus & Cathedræ jure divino pertinere.

R. Nego sub. ad probat. admissa iterum auctoritate, n. conseq. cujus falsitatem textus ipse & scopus S. Doctoris demonstrat. Agitur hic de quibusdam presbyteris, qui contra Evangelii vigorem, pacem indulgentia præcipiti dabant, & auctoritatem a prenis Canonibus absolviendi solis Episcopis ad honorem Cathedræ, Canone Ecclesiastico reservatam, temerario usurpabant. Nihil ergo ad præsentem questionem hæc argumentatio facit. Tantum enim de

Mm 2 jure

jure divino agimus, quo contendimus cum ipso S. Cypriano, potestatem absolvendi Sacerdotio esse necessario annexam: nec negamus ejus exercitium primis temporibus solis Episcopis, ex disciplina Ecclesiastica communiter attributum.

S. T E R T I U S.

Resolvuntur pleraque quaestiones apprimè necessariae.

Quæritur 1. Utrum hoc ipso quod aliquis est Sacerdos, valide absolutionem impartiri possit?

R. Negative. Nam præter potestatem ordinis quam omnis & quilibet Sacerdos, sua ordinatione acceptam habet, omnino necessaria est potestas jurisdictionis, quam non omnes, ut prædictum est, indifferenter habent. Ita definitum in Concilio Trid. (Sess. 14, cap. 7) *quoniam igitur, inquit, natura & ratio iudicii illud exposcit, ut sententia in subditos duntaxat feratur, persuasum semper in Ecclesia Dei fuit, & verissimum esse Synodus hæc confirmat, nullius momenti absolutionem eam esse debere, quam Sacerdos in eum profert, in quem ordinariam aut subdelegatam non habet jurisdictionem.* Ita S. Synodus: & sane cum penitentia ministerium ad modum forensium iudiciorum exercentur; de utriusque debet, saltem in hac parte, idem censi. Atqui in causis forensibus non omnis iudex habet exercendi in quolibet iudicii potestatem, sed in eos tantum qui sibi subditi sunt. Sic enim c. c. Senatus Mediolanensis causas non usurpat, quæ intra Senatus Taurinensis jurisdictionem continentur; nec vice versa: ergo &c.

¶ Quæritur 2. An saltem quilibet simplex Sacerdos absolvere possit a peccatis venialibus?

Antequam respondeo, præmitto id quod legitur in Decreto Innocentii XI, circa frequentem Communionem edito die 12 Februarii an. 1679, ubi sub initium refert abusum hunc, quo quis confiteatur peccata venialia simplici Sacerdoti non approbato ab Episcopo, aut Ordinario. Ac postea circa finem hæc statuit: *Non permittitur ut venialium confessio fiat simplici Sacerdoti non approbato ab Episcopo, aut Ordinario. Si Parochi & Confessarii etiam regulares, aut quicunque alii Sacerdotes secus egerint, scient Deo Optimo Maximo se rationem esse reddituros, neque debeat, nisi Episcoporum, & Ordinariorum iussu, ac rigorosa a timadversionem in contravenientes etiam Regulares, etiam S. J. facultate ipsi Episcopi, & Ordinarii per hoc decretum per Sedem Apost. specialiter tributa.* Hoc posito:

Quidquid contra sentiant aliqui mollioris Ethices Theologi, Resp. illicitam, & invalidam esse absolutionem a peccatis venialibus a simplici Sacerdote, sive non approbato ab Ordinario tributam. Ratio est: quia nullibi constat sacerdotes hac jurisdictionis potestate donatos vel a Christo Domino, vel ab Ecclesia. Non a Christo, a quo duntaxat Potestas Ordinis omnibus sacerdotibus collata est cum dependentia ab Ecclesie Prælati quoad ejus exercitium. Sed neque ab Ecclesia. Potius enim oppositum ex illa evincitur: cum voce Innocentii XI hujusmodi confessiones prohibuerit; & sacerdotes eas temere audire præsumentes gravi poenæ per Episcopos, aut Ordinarios irrogandæ subjecerit. Profecto absurda omnino & periculo exposita est hæc confessionum venialium peccatorum auditio. Difficillimum quippe est discernere inter veniale, ac mortale: pluresque leve esse crederent, quod relictis grave est, adeoque ex hac falsa persuasionem absolutionem impederent super materia, de qua certo ipsis judicare non licet, carentque judicandi, & absolvendi potestate, præter alia inconvenientia, quæ facile ex illius sententiæ praxi consequerentur.

Inquires: D. Thomas q. 8, suppl. a. 3, etiam Laico concedit, ut audire valeat venialium confessionem. Ergo id multo magis conveniet simplici sacerdoti.

R. S. Doctorem eo loco non loqui de confessione Sacramentali, seu quæ sit pars Sacramenti Penitentiae, sed de Confessione, quæ causa humilitatis peragitur, & ad ea quæ sacramentalia appellantur, revocat. Id liquet ex verbis ejusdem. Ibi enim ait: *per peccatum veniale homo, nec a Deo, nec a Sacramento Ecclesie separatur. Et idcirco non indiget novæ gratiæ collatione ad ejus dimissionem, neque indiget reconciliari Ecclesie.* Et propter hoc non oportet, quod venialia aliquis sacerdoti confiteatur. Et quia ipsa confessio laico facta sacramentale quoddam est, & est ex charitate procedens, talibus natum est veniale remitti, sicut per tunctionem peccatoris, & per aspersionem aquæ benedictæ.

Atque hoc sensu intelligendæ & explicandæ sunt quædam locutiones, aut monita, quæ leguntur in quibusdam antiquis: ut illa, quæ habetur in Regalis brevior. S. Basili: *honestius, cautiusque per Antistitem seniori confessio fiet, qui multa experientia edoctus possit & penitentiae, & correctionis modum suggerere.* Cui paria sunt exempla Confessionis per Abbatisam factæ, quæ profert Mabillonius Præl. 1 in sæc. 3, & Martene de antiquis Rit. T. 2, pag. 39. Nam hujusmodi confessiones humilitatis causa factæ sunt, non autem ad Penitentiam

tæ Sacramentum pertinebant, nisi forte alio peccata fratrum aut sororum annunciant, rata ipsi haberent, & coram sacerdote confirmarent.

Quæritur 1. Quis sacerdos jurisdictionem habeat?

R. Jurisdictionem habere,

1. Eos omnes quibus cura animarum incumbit: quales sunt Pontifex Max. Episcopi, Parochi, & alii denique quibus animas regere ex officio aut beneficio convenit.

2. Eos omnes qui ad audiendas confessiones ab iis immediate delegantur, qui ex officio jurisdictionem exercent. Hinc jurisdictione, ut prædiximus, duplex: ordinaria, & delegata.

Unde sequitur, eos, qui nec curam animarum ex officio habent, nec sunt a superioribus delegati, cum jurisdictionem nullam habeant, non posse a peccatis absolvere, quamdiu ab Ordinariis locorum non fuerint expresse & specialiter approbati.

Objeſſio.

Dices. Omnibus indiscriminatim Sacerdotibus quando consecrantur ab Episcopis dicitur: *Accipite Sp. Sanctum, quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt.* Habent ergo omnes æquale jus absolventi.

R. Dist. consequ. habent omnes æquale jus absolventi: *Si ratio potestatis ordinis habeatur, conc. Si potestatis jurisdictionis*, n. Solutio patet ex dictis.

Dices iterum. Inutilis ergo potestas est ordinatione accepta, cum in actum reduci sine nova jurisdictione non possit.

R. Nego cons. inutilis enim ea potestas censenda non est, quæ nisi præcederet, jurisdictionis potestas dari non posset; atqui nisi Sacerdos ordinis potestatem ante haberet, jurisdictionem ad audiendas confessiones non posset Ecclesiastica ulla auctoritate recipere. Ergo nedum inutilis, omnino necessaria est dicenda. Nam quemadmodum si Rex alicui faceret potestatem præsentia judicia exercendi; nec tamen ei subditos assignaret, sed eorum determinationem pro-Regi in Provincia constituto permetteret, non censeretur potestatem inutilem concessisse; ita nec Episcopus inutiliter novis Sacerdotibus dicit: *Accipite Sp. Sanctum* &c. licet subditos eis nondum assignet, sed eorum determinationem vel sibi, vel alteri reservet in posterum.

Dices 3. Distinctio hæc duplicis potestatis, ordinis nimirum & jurisdictionis, primis Ecclesiæ temporibus vix cognita erat: ergo nec etiamnum locum habet.

R. 1. Nego ant. ab ipsis enim Ecclesiæ primordiis magna fuit patrum in hujus duplicis potestatis distinctione diligentia. Nam nec Episcopi poterant extra suas Dioceses ordinationes facere, & Episcopalia munia obire; nec Parochi suarum paræciarum limites, ad curam animarum prætergredi. Quorum vero, nisi quia duplicis potestatis distinctio observabatur?

R. 2. Transeat ant. & neg. cons. ideo enim primis temporibus erga simplices presbyteros duplicis hujus potestatis distinctio communiter non fiebat, quia nemo promovebatur ad Sacerdotium, quin simul alicui addiceretur Ecclesiæ, & ad regendam plebem aliquam portionem destinaretur: quo fiebat, ut uno eodemque tempore utramque potestatem Sacerdotes reciperent. Quia vero successu temporis prodigiose numerus Sacerdotum accrevit, cum omnibus qui ordinabantur, cura animarum non potuerit demandari: ideo cœpit duplicis potestatis distinctio majori feri cautione, ne videlicet qui sine beneficio, soloque patrimonii titulo, aut nutu Episcoporum ordinarentur, jus sibi Sacri pœnitentiæ ministerii arrogare præsumerent.

Quæritur 3. Utrum Sacerdos in una Diocesi ad audiendas confessiones approbatus, hoc ipso possit in aliis Diocesibus sine nova aliorum Episcoporum approbatione confessiones excipere?

R. Negative. Quam enim habet jurisdictionis sive clavium delegatam potestatem, ab Episcopo acceptam habet; adeoque major in illo esse non potest, quam in Episcopo approbante. Atqui Episcopus in alienas Dioceses jurisdictionem non habet: ergo eam conferre nemini potest: alioquin enim plus dare posset, quam ipse haberet, quod absurdissimum est. Unde quorundam contraria sententia asserens, *Regulares ordinum mendicantium semel approbati ab uno Episcopo, ad confessiones audiendas in sat Diocesi, haberi pro approbati in aliis Diocesibus, nec nova indigere Episcoporum approbatione*, ab Alexandro VII Pontifice Max. & a Clero Gallicano, tamquam falsa, saluti animarum perniciosa, & ordinis perturbativa, damnata est.

Quæritur 4. Utrum in una Diocesi approbatus, pro semper, & quoad omnes ejusdem personas approbatus censendus sit?

R. Negative. Sacerdotes enim de quibus in præsentem agimus, non habent ordinariam, seu annexam beneficium, sed delegatam jurisdictionem. Atqui natura delegatæ jurisdictionis in eo consistit, ut præscriptos a delegante limites non excedat, sed quantum ad tempus, locum, & personas, & materiam restringi possit. Ergo non ideo aliquis pro semper approbato

bato haberi debet, quia semel fuerit approbatus: sed standum omnino est terminis ab Episcopo delegante praestitutis. Quod qui negant, ius ipsum naturale offendunt, veramque totius Regiminis ideam evertunt. Quid enim si quis a Republica, vel a Principe, ad exercendam loci alicuius temporariam praefecturam fuerit delegatus; numquid ideo praefectus semper & ubique, etiam Principe reuente, futurus est? Quod si nemo sapiens dixerit, neque etiam admittit in Regimine spirituali quod in suis quique Diocesis Episcopi habent, a Sp. Sancto positi ad regendam Ecclesiam Dei. Hinc temeraria quorundam praesumptio, affirmantium, ubi Concilium Tridentinum receptum est, non posse Episcopos restringere vel limitare approbationes quas Regularibus concedunt, ad confessiones audiendas, a Clero primum Gallicano, ac postmodum ab Alexandro VII. velut falsas, temerarias, scandalosas, in heresim & schisma inducens, Sacro Concilio Tridentino Sedi Apostolicae iniuriosa repressa est.

Quaeritur 3. Utrum Sacerdos titulo beneficii habens ordinariam in sua Parochia jurisdictionem, per totam Diocesim sit approbatus?

R. 1. Negative, si juris ratio habeatur. Quam illi possidet jurisdictionem limitibus Parochiae continetur, nec potest ultra effundi. Ergo in alienis Parochiis sine Episcopi approbatione, nequit poenitentiae ministerium exercere, pari ratione qua nequit Episcopus in Diocesi aliena Episcopalia munia pro arbitrio exercere. Hinc Sacra Eminent. Cardinalium congregatio interrogata, an provisor de Ecclesia Parochiali per concursum, censendus sit approbatus idoneus minister ad audiendas confessiones in illa Diocesi in qua illam Parochiam obtinet? Respondit censeri, dumtaxat in ea civitate vel oppido, ubi sita est Parochialis, non autem passim per totam Diocesim: ut refert *Piaresius* in *praxi Episcopali*, *part. 2. c. 1, n. 10.*

R. 2. Ex vi consuetudinis & taciti Episcoporum consensus, censeri Parochos in tota Diocesi ad audiendas confessiones approbatos, ita ut in omnibus Parochiis de solo consecratorum consensu, etiam si specialem ab Episcopo approbationem non obtinuerint, valeant confessiones excipere: cujus consuetudinis haec origo fuit. Usus jam pridem invaluit, ut presbyteri simplices, sive saeculares, sive Regulares, titulum beneficii ac proinde jurisdictionem ordinariam non habentes, hoc ipso quod essent ab Episcopis ad sacrum ministerium deputati, per totam late diocesim approbati considerentur reverae essent: iniquum porro videbatur, ut quae jurisdictionem ordinariam non habentibus, concedebatur facultas, ministris

ordinariis negaretur, itaque haud immerito ab Episcopis est concessum, ut parochi eodem privilegio uterentur: sua tamen stetit Episcopis illa auctoritas, qua possant consensum hunc revocare, & parochos propriis limitibus continere.

Q. 6. Utrum hoc ipso quod aliquis vel ordinariam, vel delegatam habet jurisdictionem, possit ab omni indifferenter peccato, sine nova concessionis absolvere?

R. Negat. requiritur enim praeterea potestas absolvendi a casibus reservatis; ita Concilium Tridentinum (*Sess. 14, c. 7*) „magnopere vero, inquit, ad christiani populi disciplinam pertinere, sanctissimis patribus nostris visum est, ut atrociora quadam, & graviora crimina, non a quilibet, sed a summis dumtaxat Sacerdotibus absolventur: unde merito Pontifices Max. pro suprema potestate sibi in Ecclesia universa tradita, causas aliquas criminum graviores, suo potuerunt peculiari iudicio reservare; neque dubitandum est, quando omnia quae Deo sunt, ordinata sunt, quin hoc idem Episcopis omnibus in sua cuique diocesi, in edificationem tamen, non in destructionem liceat, pro illis in subditos tradita, supra reliquos inferiores Sacerdotes auctoritate, praesertim quoad illa quibus excommunicationis censura annexa est: hanc autem delictorum reservationem, consonum est divinae auctoritati, non tantum in externa polizia, sed etiam coram Deo vim habere... (*ibid. Can. 11*) si quis dixerit Episcopos non habere ius reservandi sibi casus, nisi quoad externam poliziam, atque ideo casuum reservationem non prohibere quominus sacerdos a reservatis vere absolvat: anathema sit.”

Q. 7. Si urgeat casus necessitatis, utrum possit sacerdos quilibet, etiam non delegatus, & a quolibet peccato absolvere?

R. Affirmative: semper enim Ecclesia intellexit, in casu necessitatis posse a Sacerdote quolibet absolutionem ab omni peccato, sine ulla exceptione impendi: „pie admodum, inquit *Patres Tridentini* (*ibid. cap. 8*) ne hac ipsa occasione aliquis pereat, in eadem Ecclesia Dei custoditum semper fuit, ut nulla sit reservatio in articulo mortis: atque ideo omnes Sacerdotes quolibet poenitentes, a quibusvis peccatis, & censuris absolvere possunt: extra quem articulum Sacerdotes, cum nihil possint in casibus reservatis, id unum poenitentibus persuadere nitantur, ut ad Superiores, & legitimos iudices pro beneficio absolutionis accedant.”

Q. 8. Quid utilitatis casuum reservatio habet?

R. Plu-

R. Plurimum habere. Nam

1. Quenadmodum veniæ facilitas incentivum peccandi est, sic ejusdem obtinendæ difficultas magnam vim habet ad peccati voluntatem imminuendam: atqui hoc ipso quod casus aliquis est Episcopo reservatus, hoc difficultior ejus remissio fit, cum non a quolibet obvio Sacerdote, sed a solo Episcopo, vel ab aliquo ad hoc officium ab eodem specialiter deputato sperari queat: ergo animum peccare volentem difficultas hæc ab executione operis retrahit, atque adeo, ut loquitur Concilium Trid. *ad disciplinam Christiani populi pertinet.*

2. Non mediocriter fidelibus procurat bonum, qui eis peccati horrorem inculcit; atqui dum sibi summi pastores casus aliquos reservant, fidelibus peccati horrorem inculcunt: hinc enim fit ut intelligant, nefanda debere esse delicta, quorum cognitionem Episcopi inferioribus Sacerdotibus subtrahunt, & ad summammediate tribunal evocant: ergo &c.

3. Quo gravior morbus est, eo peritiori medico indiget ut sanetur: quod si ubi de morbis corporalibus agit nemo negat, multo magis est in spiritualibus admittendum; atqui hic est casuum reservationis scopus, ut morbi animi graviores eorum curentur industria, qui cæteris petitiones, pro loci dignitate merito præsumuntur. Ergo &c.

Q. 9. Quid facio opus sit, ut casuum reservatio fidelibus revera utilis sit?

R. Hæc potissimum observanda.

1. Cavendus in casuum reservatione excessus, quorum si numerus indiscrete, & sine causa excresceret, hæc exceptiones odiosæ populis, & contemptibiles fierent, nedum retraherent a peccando.

2. Raro admodum & paucis facultas a peccatis Episcopo reservatis absolviendi concedi debet: nisi enim Episcopi in hac deleganda potestate, admodum fuerint moderati, ut eam non nisi paucis, iisque pietate, eruditione, ac prudentia præcellentibus communicent: omnis quæ ex hac disciplina oriri utilitas potest, protinus . . . evanescet, nullusque ejus profectus futurus erit.

Q. 10. Utrum a casibus Episcopo reservatis possit aliquis, non obtenta ejus speciali approbatione absolvere?

R. Negative: non enim potest cum aliquo vel levissimo fundamento propugnari sententia, quæ disciplinam Ecclesiasticam enervat, & Episcopalem destruit auctoritatem; atqui hujusmodi opinio est, quæ affirmat, Apostolico privilegio posse quosdam non obtenta ab Episcopo facultate, a casibus ei reservatis absolvere: quid enim aliud hoc est, nisi Episco-

pi auctoritatem despiciere, & contra ejus imperium insolenter insurgere? hinc inter propositiones ab Alex. VII Pontifice max. damnatas (an. 1665, die 24 Septembris) hæc ordine 12 legitur: *mendicantes possunt absolvere a casibus Episcopo reservatis, non obtenta ad id Episcoporum facultate*: idemque Pontifex in decreto ad Episcopum Andegavensem, hæc propositionem: *Regulares habent potestatem absolviendi sæculares a peccatis Episcopo reservatis; etiam ab Episcopo auctoritas illa ipsis indulta non fuerit*: damnavit ut falsam, auctoritati Episcoporum, & sedi Apostolicæ injuriosam.

Consulantur de hac re Decreta Synodorum Mediolanensium 3; titulo 8, & 5, c. 10, sub S. Caroli habitum.

Q. 11. Utrum casuum reservatio ab antiquo obtineat?

R. Affirmative. Nam

1. Non sine fundamento asseritur Episcopis gravium criminum absolutionem fuisse primis temporibus reservatam: tunc enim ut prædiximus ii soli pœnitentiæ tempus moderabantur, & pœnitentes absoluto satisfactionis curriculum Ecclesiæ reconciliabant: quod si per se ipsos, aliis impediti curis, præstare non poterant, negotium hoc simplicibus presbyteris committebant: quod quid aliud erat, quam ubi cognitioem graviorum criminum reservare? cum itaque pluribus sæculis disciplina vigerit publicam pro delictis gravibus pœnitentiam agendi, fatendum ex consequenti, reservationem quorundam criminum sive casuum, hodie ab Episcopis fieri solitam, non nisi exiguum pristinae disciplinæ particulam esse.

De Sum. Pontifice dubium non est, quin sibi pro loci dignitate, potuerit pariter casus plurimos reservare, ut quo difficilior esset aditus ad veniam obtinendam, eo magis fideles ab eorum perpetratione retraherentur: nec exempla desunt, quamquam propter præcedentium sæculorum obscuritatem non longe petita: sic in Concilio Londinensi, an. 1143 præside Willelmo Wintoniensi Episcopo, decretum est, ne aliquis qui Ecclesiam cœmeteriumque violaverit, vel in clericos, aut viros Religiosos manus injecerit violentas, ab alio quam ipso Papa possit absolvi . . . alterum suppeditat ejusdem sæculi scriptor Ivo Carnotensis, Ep. 160. Quidam nobilis audacia inaudita mutilaverat Religiosum Presbyterum. Indixerat ei Ivo ad crimen defendendum quatuordecim annorum pœnitentiam: a correctione se ultro subjecerat nobilis, pœnitentiam inunctam susceperat. Cum vero in decursu pœnitentiæ iterato instisset, ut pro sua adversum quemdam inimicum suum defensione, sibi liberet armis

armis

arma portare, quorum usu interdictus absolute fuerat: Ivo causam censuit ad Sum. Pontificis arbitrium deferendam. „Reservantes itaque hanc indulgentiam, inquit, Apostolicæ moderationi, ad Apostolorum eum limina, direximus, quatenus & fatigatione itineris huius, peccatum diluat, & apud pietatis vestræ viscera, misericordiam, quam Deus vobis inspiraverit, inveniat.“

Q. 12. Utrum liberum unicuique sit, quemvis presbyterum ab Episcopo approbatum, ad faciendam ei confessionem eligere?

R. Affirmative. Quisquis enim jurisdictionem habet vel ordinariam, vel delegatam, potest in confessarium eligi; atqui Sacerdos quilibet hoc ipso quod est ab Episcopo approbatus, jurisdictionem habet, sin minus ordinariam, saltem delegatam, sive sæcularis sit, sive Regularis; ergo habita juris communis ratione eligi potest.

Q. 13. Utrum Regula hæc universaliter, absque exceptione sit vera?

R. Negative: fidelis enim quilibet tenetur semel in anno peccata sua confiteri proprio Sacerdoti, vel alteri de ejus licentia. Ita in Concilio Lateran. IV sub Innocentio III constitutum: „omnis utriusque sexus fidelis, inquit, (can. 21) postquam ad annos discretionis pervenerit, omnia sua peccata confiteatur fideliter proprio Sacerdoti, & injunctam sibi penitentiam student pro viribus adimplere, suscipiens reverenter ad minus in Pascha Eucharistiæ Sacramentum: nisi forte de consilio proprii Sacerdotis ob aliquam rationabilem causam, ad tempus ab ejus perceptione duxerit abstinendum. . . . Si quis autem alieno Sacerdoti voluerit iusta de causa sua confiteri peccata, licentiam prius postulet & obtineat a proprio Sacerdote: cum aliter ille ipse non possit solvere vel ligare.“

Q. 14. Proprii Sacerdotis nomine quis intelligendus?

R. (Quidquid olim aliqui senserint, & etiamnum plerique contendunt) proprii Sacerdotis nomine Parochum, eum nimirum qui ordinariam jurisdictionem exercet, ex mente Concilii & Innocentii III intelligi necessario debere, nec nisi absurdissime sumi posse pro quolibet sive ordinariam, sive delegatam jurisdictionem habente. Proprius enim Sacerdos in hoc Canone opponitur alieno. Si itaque proprius dicatur, qui vel ordinariam, vel delegatam jurisdictionem habet, sequitur ut alienum pro eo accipiamus qui nullam omnino habet. Unde Canonis sensus erit: Si quis alieno, hoc est omni jurisdictione carenti, voluerit sua confiteri peccata, licentiam prius postulet &

obtineat a proprio Sacerdote: quo nihil absolum magis.

Hunc sane quem prædiximus, laudati canonis legitimum esse sensum non ambiget, qui ad disciplinam antiquam attendet, quæ sæculo decimo-tertio adhuc vigeat, qua nimirum cautum erat, ut non omnes indifferenter, sed soli Parochiani: presbyteri, specialiter ad curam animarum tamquam proprii Sacerdotes populo præpositi, penitentiarum & reconciliationis ministerium exercerent. Sicut enim iis solis Sacramentorum & verbi divini dispensatio, ita penitentiarum reconciliatio, quæ Sacri ministerii non infima pars est, competeat. Omnium itaque intra cujusque Parochiæ fines, sive Sacerdotum, sive inferiorum Clericorum, sive Laicorum proprius Sacerdos cui confiteri tenebantur, non alius erat quam Parochus, qui vel per se confessiones audiebat, vel aliquem de consecratoribus suis, quos in eadem gerenda provincia coadjutores habebat, ad hoc officium deputabat. Parochorum porro proprii Sacerdos erat solus Episcopus: quin & ipsis etiam Episcopis necesse erat, confitendi causa ad Metropolitanos recurrere, donec iis a Gregorio IX indultum est, (c. fin. de penit.) ut non requisita proprii Superioris licentia, quem vellent sibi discretum penitentiarum ministrum eligere. (Vide Cabassutium, in juris Canonici Theoria & praxi, l. 3, c. 8, n. 4.)

Accedit auctoritas S. Thomæ qui nomine proprii Sacerdotis proprium cujusque Parochum intelligit, (in suppl. 3 partis qu. 8, art. 5) multoque gravior Martini IV Pontificis Max. in Bulla qua Fratribus Minoribus concessit facultatem fidelium confessiones excipiendo, (ann. 1281, IV idus Januarii in Constitutione quæ incipit ad uberes) expresse decernentis, ut qui peccata sua apud Fratres Minores deposuerint, suis presbyteris Parochialibus confiteri, saltem semel in anno, prout Concilium generale statuit, teneantur. . . . Item Benedicti XI in constit. quæ incipit, Inter cunctorum: „ubi, districte injungimus, inquit, ut fratres ipsi, confitentes attentæ moneant, & in suis prædicationibus exhortentur, quod suis Sacerdotibus semel confiteantur in anno, asserendo id ad animarum profectum procul dubio pertinere. . . . & Sixti IV in Extrav. Vices illius, præcipientis, ut Religiosi mendicantes desistant prædicare, quod Parochiani non sunt obligati, saltem in paschate proprio Sacerdoti confiteri.“

Eademque Conciliorum Provincialium, canonis Lateranensis interpretatio fuit.

Qui proprio Sacerdoti semel in anno confes-

si non fuerint, inquit Concilium Biterrense, an. 1246 celebratum, (can. 42) vel alii de ejusdem Capellani licentia speciali, ad Sacramenta Ecclesiastica minime admittantur.

Et Concilium Arelatense an. 1275, (can. 16) Si contigerit, ait, quod viri Religiosi, aut alii confessiones audiant, præsertim in Quadragesima, de Parochia alicujus, nomina confitentium, infra Octavam Pasche, in scriptis tradant proprio Sacerdoti, ut sic Parochialis Sacerdos certitudinem habeat de confessione subditorum, ad fraudulentas quorundam Parochianorum versutias, & animarum pericula evitanda.

Synodus Coloniensis an. 1280, (c. 8) si quis proprio Sacerdoti Parochiali, ad minus semel in anno plene & integre confessus non fuerit, precipimus quod Sacerdos in Pascha ei Sacramentum minime administret.

Synodus Lingonensis an. 1452, præcipit ut Ecclesiarum Rectores annis singulis statutum Concilii Lateranensis publicent & exponant, videlicet, quod omnis utriusque sexus fidelis semel in anno, a suo proprio curato Sacerdote penitentiam debet recipere, & Sacramentum Eucharistiæ ad minimum in Paschate.

Et denique, ut multa alia sileam, Concilium Mediol. I sub S. Carolo, (par. 2, tit. 6), Innocentius III Constitutionem, inquit, in generali Concilio editam, qua sancitum est, ut fideles, saltem semel in anno, proprio Parocho peccata sua confiteantur, inviolate omnes servant.

Q. 15. Utrum Canon Lateranensis ita de Parochiis intelligi debeat, ut Summus Pontifex, Episcopi, & ab iis absque ulla restrictione temporis approbati, exclusi significantur?

R. Negative. Sic enim Parochorum est auctoritas vindicanda, ut Summo Pontifici, Episcopis, & Sacerdotibus quos ad excipiendas, sine limitatione temporis, confessiones delegaverint, jus suum & dignitas sarta testaque maneant. Alioquin enim subobtentu disciplinæ, ordo ipse disciplinæ everteretur, si nimirum Pontifex Max. supremam in Universa Ecclesia habens auctoritatem, & Episcopi in suis quique Diocesis primi communesque Pastores, Parochorum certis anni diebus arbitrio subicerentur, & ab iis cogerentur licentiam exercendi ministerii emendicare, & quasi precario obtinere. Dubium itaque non est, prædicto canone Sum. Pontificem, Episcopos, & Sacerdotes ab iis specialiter pro paschatis tempore, vel sine temporis limitatione approbatos non esse exclusos; atque adeo qui annis ipsos peccata deposuerunt, præscriptum canonis implevisse.

Et sane quod in administratione penitentiarum De Re Sacram. T. III.

Episcopus per se ipsum potest, hoc ipsum pariter per delegatos a se specialiter Sacerdotes exequi valet: idemque de Pontifice Max. multo magis debet admitti; atque quovis annitempore potest Episcopus, qua late Diocesis patet, inconsultis Parochiis confessiones excipere. Quidam ergo posset ad idem officium Sacerdotes idoneos, iisdem conditionibus delegare? Poterit scilicet presbyter alienus, modo ab Episcopo approbatus, de licentia Parochi, in Paschate confessiones audire, & non poterit quem Episcopus sine restrictione ad hoc officium destinaverit, sine nova Parochi approbatione jussa Summi Pastoris implere? Quæ hæc ut major in inferiore sit, quam in Superiore potestas: quam autem sit a niente Later. Concilii hæc interpretatio aliena, canon ejus decimus manifestum facit, quo præcipitur, tam in Cathedralibus, quam Conventualibus Ecclesiis viros idoneos ordinari, quos Episcopi possint condutores & cooperatores habere, non solum in predicationis officio, verum etiam in audiendis confessionibus, & penitentibus injungendis, ac ceteris quæ ad salutem pertinent animarum.

Nec aliter Canonem: Omnis utriusque sexus: Synodi Concilio Later. posteriores intellexerunt. Sic Synodus Nemausensis an. 1284, postquam proprium Sacerdotum Parochorum esse declaravit, casus nonnullos excipiens, in quibus, sine licentia proprii Sacerdotis, potest aliquis alieno presbytero confiteri: primus est, inquit, (Tit. de penit.) cum Episcopus hoc alicui specialiter delegavit.

Synodus Suesionensis an. 1502, nullus, inquit, ad audiendas confessiones, præter voluntatem Rectorem Ecclesiarum Parochialium recipiatur: nisi super hoc a Sum. Pontifice vel a nobis licentiam obtinuisse constituerit.

Synodus Trecentis an. circiter 1530, sunt autem aliqui presbyteri, inquit, qui in die Pasche inibent Parochianis suis sub penæ excommunicationis, ne corpus Christi recipiam, nisi fuerint sibi, vel potestatem ab eis habentibus confessi: quæ quidem inhibito temeraria videtur; quia quamplurimi Sacerdotes & Religiosi habent potestatem a Domino nostro Patri, seu Domino Episcopo Trecentis audiendi confessiones omnium sibi peccata sua confiteri volentium, penitentiasque injungendi & absolvendi. Quare præcibimus omnibus presbyteris, ut de cætero faciendos tales inhibitiones, adiungant ista verba: Vel alteri qui super hoc habet potestatem.

Synodus altera Suesionensis 1561, neque, inquit, cullibet Sacerdoti confitendum est, sed proprio curato, vel ab eo commisso, aut commissis Vicariis, vel Superioribus curati, ut

N n

Epi-

Episcopo, Papæ, aut per eos ad hoc commissis.

Concilium provinciale Rothomagensis, an. 1581, nullus, inquit, (c. 37) sacerdos, atque etiam Regularis, ne quæquam in suo Conventu audiat, maxime per omne tempus Quadragesimæ, & Octavas Paschæ, auare confessiones quorumcumque, & aliquem absolvere, nisi de licentia Episcopi expressa, atque etiam in scriptis habita.

Idemque in concilio Aquisi an. 1585, Camerac. an. 1586, & aliis plerisque statutum.

Nec est quod existatur, Responsum hanc cum precedenti pugnare, quia diximus nomine proprii Sacerdotis Parochum debere intelligi. Hoc enim dictum a nobis sine exclusione Romani Pontificis, & Episcoporum, quos proprios utique esse Sacerdotes, & ovium communis præcipuosque pastores, nemo prudens negaverit. Quod si Pastores sunt, possunt utique ovibus vel per se ipsos immediate, vel per substitutos conductores independentes a Parochis, de rebus ad salutem pertinentibus providere. Hinc Synodus Lingoniensis an. 1452. Canonem: *Omnis utriusque sexus: expensæ: ne remaneat aliqua hæsitatio, inquit, quæ propriis dicatur Sacerdotis, declaramus, prout Doctores & jura declarant, quod proprius Sacerdos est Papæ, eius legatus, Episcopus, & penitentiarius Diocesanus, & eius Vicarius generalis, & ille cui cura Parochialis Ecclesiæ est commissa, sive Rector, sive Vicarius ... Parique sensu Synodus Tolosana an. 1530, injungimus, ait, omnibus confiteri volentibus, ut proprio Sacerdoti confiteantur. Proprium Sacerdotem dicimus Summum Pontificem, Episcopum, Vicarios illius, Rectorem & ejus Vicarium, & generaliter omnes Sacerdotes a prædictis legitime deputatos.*

Quod si conqueratur aliquis, hujusmodi delegationibus sine Parochorum consensu factis, disciplinam & jurisdictionem Ecclesiasticam enervari; quodque neius est, fraudulentis malorum Christianorum versutis locum dari, ut impune magno suo malo, a Sacramento Penitentię suscipiendo abstineant, & alibi confesos se esse sua peccata mentiantur: facile animi anxietatem deponet, si attenderit huic inconvenienti esse provium, & quotidie provideri. Vel enim alcuni Sacerdotes, cum exceptione Paschalis temporis approbantur, ita ut sine Parochorum consensu nequeant his diebus confessiones excipere, quod sapienter a pluribus Episcopis observatur: eoque casu disciplinæ Ecclesiasticæ nihil timendum, omnis-

que malorum fraudulentia præcavetur: vel, si ne restrictione temporis aut ab Antistitibus approbatio datur; tuncque debent delegati Sacerdotes dare exceptæ confessionis testimonium, ad proprios Sacerdotes deferendum, ut nimirum de observata a suis Parochianis lege Ecclesiastica certiores fiant; & tuto eos ad participationem Corporis Christi admittant. *Confessarius Sacerdos, inquit Concilium Aquisense anno 1585 habitum, (c. de penitentia) quicumque sit, etiam Regularis, ne audiat confessionis testimonium scriptum, aut impressum, manu sua, suoque sigillo signatum, si peccata confessi dicit recuset, tum in Paschate, ut Parochis; tum ægritationis tempore, ut medicis, quod debent, eos præstitisse plane coniet. Confitentium præterea Paschæ tempore nomina & cognomina, ut fraudi multiplici occurrat, in librum certum, notato etiam die & mense referat: quem librum Episcopo petenti, pro debito caritatis studio, non modo denegat, sed prompte ostendat, atque exhibeat, tradatque.*

Uno verbo, ut in Spiritu Christi, hoc est in caritate omnia fiant, non graventur Parochiani presbyteri, sibi in qualecumque pastoralis officii onerisque levamen, Sacerdotes alienos ab Episcopis provideri, eo maxime tempore quo tenentur fideles omnes ex Ecclesiæ præscripto ad penitentiam Sacramentum accedere: modum suum recognoscant subsidiarii Sacerdotes, meminere utique se non ordinariam, sed delegatam jurisdictionem habere, adeoque Parochorum auctoritate inferiorum; atque ita facile cessabunt dissidia, tam sæpe, tamque gravi cum fidelium scandalo, sæculares inter & Regulares enata.

Quæritur ultimo. Confessarium quæ dotes esse debeant?

R. Verbis Sancti Caroli. *In iis probandis, inquit, (Concilii 1 Mediol. p. 1) (qui videlicet ad confessiones audiendas sunt admittendi) hanc rationem habeant Episcopi, ut pii, bene morati, docti, prudentes, patientes, de animarum salute solliciti, & fideles custodes sint eorum, quæ in confessione dicuntur: propterea etiam ætate, præsertim illi, quibus confessiones mulierum erunt audiendæ. Quorum conditionum explicatio longam translationem requirit. Quoniam vero a plerisque materia hæc summa ubertate, parique eruditione est occupata, & ad finem hæc nostra de penitentia dissertatio properat, aliunde poterit a studioso Theologo, majorique fructu, exquiri. (1) Jam sit*

QUÆ-

(1) Qui plura de hoc argumentis desiderat, consulat *Maudatam Praxim Sacramenti Penitentiae, maximeque Tomum 9 Theologiæ Christianæ P. Danielis Concina, ubi libro 2, rotam prio-*

QUÆSTIO DECIMA.

De subiecto Sacramenti Pœnitentiæ.

Cum pœnitentia, ut est sæpe dictum, sit secunda post naufragium tabula; sequitur ejus esse subiectum, quisquis in vitæ præsentis procelloso mari naufragium fecerit, & innocentiam baptismi acceptam perdidit, ut nimirum ejus ope emergat, & in justitiam Deique amicitiam restitatur: nihil habet veritas illa difficultatis: sed quæritur quoties homini post baptismum lapsa sacra tabula pateat? an semel tantum, an e contrario sæpius ad illam recurri possit? Pro cujus dubii resolutione sit

§. PRIMUS.

Attenditur, sæpius ab uno eodemque homine pœnitentiæ Sacramentum suscipi posse.

Fidei catholice doctrina hæc est: „ si quis dixerit, inquit Concilium Tridentinum, (sess. 14, c. 1) in catholica Ecclesia pœnitentiam non esse verè & proprie Sacramentum; pro fidelibus, quoties post baptismum in peccata labuntur, ipsi Deo reconciliandis a Christo Domino nostro institutum: anathema sit.“

Et vero ideo aliqua Sacramenta rite semel accepta repetere nefas est, quia indelebilem in anima imprimunt characterem; atque adeo in aliquo suo effectu perpetuo manent; atqui pœnitentia characterem non imprimit: ergo non sicut baptismus, confirmatio, & ordo, repeti non potest.

Deinde: veritas hæc sponte fluit ex his scripturæ oraculis, quæ sæpe sunt inculcata, tum ad probandam summam Dei erga pœnitentes clementiam; tum ad utriusque, interioris & exterioris pœnitentiæ efficaciam adstruendam: nam

1. Christus ligandi & solvendi potestatem Apostolis & eorum successoribus tanta liberalitate communicavit, ut nullis eam limitibus coercuerit: quodcumque, inquit, solveritis erit solutum: quorum remiseritis peccata remittentur eis &c. (Matt. 11, & 18, Joan. 20)

2. Idem salvator: estote, inquit, (Luc. 6, 36) misericordes, sicut & pater vester misericors est dimittite, & dimittentur vobis: atqui quam hominibus erga se invicem misericordiam præcipit, alte

adeo extendit, ut nullum miserendi faciat finem: quærenti enim Petro: (Matt. 18, 21) Domine quoties peccabit in me frater meus, & dimittam ei? usque septies? respondit Jesus: non dico tibi, usque septies, sed usque septuagies septies: nimirum innumerabilibus vicibus, & quoties fratrem peccare contigerit: ponitur enim numerus certus & definitus, pro incerto & indefinito: ergo multo magis his verbis adstruxit Christus, patrem celestem toties ad misericordiam inflectendum, quoties ad illum peccator reversus per veram pœnitentiam fuerit: alioquin enim non erat dicturus: estote misericordes, sicut & pater vester misericors est.

Itaque, idem evincunt Ecclesiæ preces quas pro omnibus peccatoribus, quantumvis sæpe relapsis anxie fundit; frustra enim peteret, quod non esse concedendum sciret.

Præterea, hujus rei præclarum est argumentum, perpetua Ecclesiæ praxis: nemini enim unquam, post acceptam pacem reverso ad vomitum spes veniæ sublata est, aut janua reconciliationis occlusa, modo veræ pœnitentiæ signa daret.

Concinat denique doctrina patrum: non statim succedendum ac subruendum est animus desperatione, inquit Tertullianus, (lib. de penit. c. 7) si secunde quis pœnitentiæ debitor fuerit: pigeat sane peccare rursus, sed rursus pœnitere non pigeat: pigeat iterum periclitari, sed non iterum liberari: neminem pudeat iteratæ valetudinis, iteranda medicina est: gratus in Dominum exiteris, si quod tibi Dominus offerat, non recusaveris: offendisti; sed reconciliari adhuc potes: habes cui satisfacias, & quidem volentem: id si dubitas, evolve quæ spiritus Ecclesiæ dicat. (Apoc. 2 & 3) omnes ad pœnitentiam commonet, sub comminationibus quidem: non comminaretur autem non pœnitenti, si non ignosceret pœnitenti: dubium, si non & alibi hanc clementiæ suæ professionem demonstrasset, non ait: qui ceciderit resurget, & qui aversatus fuerit, convertetur & ille est scilicet, ille est, qui misericordiam postulavit, quam sacrificium: letantur cæli & qui illis angeli pœnitentia hominis: heus tu peccator, bono animo sis: videbis ubi de tuo reditu gaudeatur. illum etiam mitissimum patrem non tacebo, qui prodigum filium revocat, & post inopiam pœnitentem libens suscipit; immolat vinulum præcopinum, convivio gaudium suum exornat: quid ni? filium enim invenerat, quem amiserat: cariorum senserat, quem lucriferat: quis ille nobis intelligendus

N n 2

pi-

priorem dissertationem insumis in explicandis vite ac recte officio suo persurgatur.

dotibus, quibus polleere debet Confessarius ut

pater? Deus scilicet, tam pater nemo, tam pius nemo: is ergo te filium suum, etsi acceptum ab eo prodegeris, etsi nudus redieris, recipiet, quia redisti; magisque de regressu tuo, quam de alterius sobrietate letabitur; sed si penitentia ex animo, si famem tuam cum saturitate mercenariorum paternorum compares, si porcos immundum relinquas pecus, si patrem repetas vel offensum: deliqui, dicens, pater, nec dignus jam ego vocari filius tuus.

S. Joannes Chrysost. (Parænesi, ad Theodorum), talis est erga homines pietas Dei: numquam spernit penitentiam, si ei sincere & simpliciter offeratur: etiam si ad summum quis perveniat malorum, & inde tamen velit reverti ad virtutis viam: suscipit libenter & amplectitur, & facit omnia quatenus ad priorem revocet statum.

S. Aug. (Serm. 351, al. 59, inter homil. 90), si jam de sanitate desperans addis peccata peccatis, sicut scriptum est: peccator cum venerit in profundum malorum, contemnit; noli contemnere, noli desperare: clama etiam de profundo ad Dominum, & dic ei: de profundo clamavi ad te Domine: de tali profundo Ninivitarum clamaverunt, & hanc propitiationem invenerunt, facilius, quæ evacuata est comminationis prophetæ, quam humilitatio penitentiarum. Hic fortasse dicis: sed ego jam baptizatus sum in Christo, a quo omnia mihi peccata præterita dimissa sunt, vilis factus sum nimis, iterans vias meas, & canis horribilis oculis Dei, conversus ad vomitum suum: quo ibo a spiritu ejus, & a facie ejus quo fugiam? quo, frater, nisi ad ejus misericordiam penitendo, cujus potestatem peccando contempnas? nemo enim recte fugit ab illo, nisi ad illum, ab ejus severitate, ad ejus bonitatem. . . quidquid feceris, quæcumque peccaveris, adhuc in vita es, unde te Deus omnino, si sanare nolle, auferret: cur ergo ignoras quia patientia Dei ad penitentiam te adducit? qui enim clamando non tibi persuasit ut non recederes, pariendo clamat ut redens.

Poteram argumentum sexcentis similibus patrum testimoniis roborare, si res postulasset: unum addidisse sufficiat angelicum præceptorem, iterari posse sæpius penitentiam affirmantem, & cur iterari possit, causas convenientissimas afferentem: *cyronicum est dicere*, inquit, (3 part. qu. 84, art. 10, & in 4 sent. dist. 15, qu. 1, art. 4) quod penitentia non possit iterari, & misericordie Dei contrarium: causa autem quare iteretur, cum baptismus non iteretur, est quadruplex: prima est, quia penitentia non imprimit chara-

cterem sicut baptismus; character enim indelebilis est: secunda, quia baptismus est contra morbum non iterabilem, scilicet originale peccatum; penitentia autem contra actuale peccatum quod iteratur: tertia causa est, quia baptismus habet totam efficaciam a passione Christi, sine actu nostro; & ideo quia passio est una tantum, & baptismus est unus: sed penitentia etiam requirit actum nostrum; & ideo ratione ejus iterationem suscipit quarta, quia baptismus est generatio spiritualis; sed penitentia est quadam sanatio spiritualis: semel autem aliquis generatur, sed pluries curari, sive sanari potest, quamdiu in hac vita vivit.

§. SECUNDUS.

Solvuntur quedam objectiones.

Opponitur: quem semel vere penituit, de novo peccare non potest: ergo penitentia Sacramentum ab uno eodemque sæpe in vita suscipi nequit.

Prob. ant. quem vere penituit, caritate divina donatus est: atqui caritas semel habita amitti non potest: cum igitur peccatum & caritatem in eodem simul subjecto esse repugnet, fatendum veræ penitentia semel actæ, non posse peccatum succedere.

R. Nego ant. ad probat concessa maj. n. min. quavis enim caritas quantum in se est, & quatenus a Spiritu Sancto procedit, habet summam stabilitatem; tamen ratione subjecti a quo recipitur, & propter ejus mutabilitatem amitti potest: dicendum, inquit S. Thomas, (2, 2, q. 34, art. 4, in c.) quod per caritatem Spir. Sanctus in nobis inhabitat: tripliciter ergo possumus considerare caritatem: uno modo, ex parte Sp. Sancti morientis animam ad diligendum Deum: & ex hac parte caritas impeccabilitatem habet ex virtute Sp. Sancti, qui infallibiliter operatur quodcumque voluerit. . . alio modo potest considerari caritas secundum propriam rationem: & sic caritas non potest aliquid, nisi quod pertinet ad rationem caritatis: unde caritas nullo modo potest peccare; sicut nec calor potest infrigidare, . . . tertio modo potest caritas considerari ex parte subjecti, quod est veritabile secundum arbitrii libertatem: & sic est in subjecto amissibilis.

Inst. 1. Probando min. omnis qui natus est ex Deo, peccatum non facit, ait Scriptura, (1 Joan. 3, 9) quoniam semen ipsius in eo manet, & non potest peccare, quoniam ex Deo

initus

natus est: ergo caritas semel habita, scriptura teste, amitti non potest.

R. Cum Angelico Doctore, (*ib. ad 1*) dist. ant. & iis verbis exprimitur, quantum possit Sp. Sanctus, *cujus conservatione a peccato redatur immunes, quos ipse movet, quantum ipse voluerit*, concedo: & iis verbis declaratur fieri non posse, ut qui semel caritatem accepit, ab ea per peccatum defleat, nego ant. & conseq. eo loci nihil aliud intendit Apostolus, quam quod non possit peccatum cum motione efficaci ad bonum, & gratia sanctificante consistere, quod nemo negat: cæterum hoc argumentum, & ejusdem generis alia, si quid contra pœnitentiæ iterationem probarent, pari ratione conficerent, nec semel quidem hoc Sacramentum pro iis qui post baptismum lapsi fuerint, institutum; atqui in argumenti hypothese caritas per baptismum accepta perdi non posset: ergo nec semel quidem homo baptizatus pœnitentiæ indigeret, quia labi in peccatum non posset.

Inst. 2. Atqui hæc est natura caritatis ut nunquam possit amitti: ergo &c. prob. subs. ex S. Aug. *dilectio*, inquit ille, (*lib. 8 de Trin. cap. 7*) *si non est vera, dilectio dicenda non est*: atqui ait alibi S. Doctor, (*Epist. ad Julianum Conitem*) *caritas quæ deficere potest, nunquam vera fuit*: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. concessa maj. dist. min. cum S. Thoma, (*ib. ad 2*); caritas quæ deficere potest, ex ipsa ratione caritatis, nunquam vera fuit, conc. quæ deficere potest propter mutabilitatem subiecti, nunquam vera fuit, n. min. & conseq. dicendum, inquit, *quod caritas quæ deficere potest ex ipsa ratione caritatis, vera caritas non est: hoc enim esset, si hoc in suo amore haberet, quod ad tempus amaret, & postea amare desineret: quod non esset vere dilectionis: sed si caritas amittatur ex mutabilitate subiecti, contra propositum caritatis, quod in suo actu includitur: hoc non repugnat veritati caritatis*.

Inst. 3. Atqui homo habens caritatem, mutabilitatem non habet, quia ad peccatum inflecti queat: ergo &c. prob. subs. homo ad peccatum non inclinatur, nisi motivo aliquo: atqui caritas excludit omne peccandi motivum, scilicet amorem sui, reillicitæ cupiditatem, & quidquid hujusmodi est divinæ legi contrarium: ergo &c.

R. Nego subs. ad prob. concessa maj. dist. min. cum S. Thoma, (*ib. ad 4*) caritas excludit omne peccandi motivum, ratione sui actus, id est, quando actu non agit, conc. quando actu agit, n. min. & conseq. dicendum, inquit, *quod caritas, secundum rationem sui actus excludit omne motivum ad peccandum:*

*sed quando contingit quod caritas actu non agit, tunc potest intervenire aliquod motivum ad peccandum: cui si consentiatur caritas amittitur: cur autem non semper actu in homine operetur, adeoque non habeatur inamissibiliter, hoc ideo contingit, quia caritas viæ non replet totam potentialitatem rationalis animæ, quomodo replet in patria, ibi, inquit S. Doctor, (*ib. in c.*) *caritas inamissibiliter habetur, ubi id quod convenit caritati, non potest videri nisi bonum, scilicet in patria, ubi Deus videtur per essentiam*. . . & ideo caritas patriæ amitti non potest: caritas autem viæ, in cujus statu non videtur ipsa essentia Dei, quæ est essentia bonitatis, potest amitti.*

Inst. 4. Quidquid sit de caritatis amissibilitate; certum tamen aliunde videtur, eum quem semel vere pœnituit, non peccare in posterum; nam qui cor habet vere mutatum, id omnes præstat quod Christus vere pœnitenti præscribit; atqui nil magis Christus homini pœnitenti commendat, quam ut ab omni peccato desistat: vade, inquit ad mulierem adulteram, (*Joan. 8, 4*) & jam amplius noli peccare: ergo &c.

R. Nego ant. ad prob. concessa maj. dist. min. Christus homini pœnitenti præscribit, ut cesset in posterum ab omni peccato, id est, ut firmum habeat de cætero non peccandi propositum, conc. ita ut si in posterum peccet, certum fuerit pœnitens, n. min. & conseq.

E. R. Vera pœnitentia duobus potest accipi modis: 1 quatenus falsæ opponitur, vere propter Deum peccata non detestanti: 2 quatenus habet adjunctam perseverantiam, hominemque absque ulla interceptione peccati perducit ad finem: quos secundo modo pœnitet, non dant secundæ pœnitentiæ locum, quia nunquam a caritate desciscunt, & ad illos proprie pertinet Christi verbum: vade & noli amplius peccare: quos vero prima ratione pœnitet, secundæ pœnitentiæ locum dant; non quod veram habuerint pœnitentiam, sed quia a proposito in posterum non peccandi, vel infirmitate, vel passionum illecebris, vel demonis tentationibus victi defleunt.

Inst. 5. Atqui vera pœnitentia talis esse debet: ut si quis in pasterum de novo peccaverit, vere nunquam pœnituisse sit signum: ergo &c. prob. subs. ex libro de vera & falsa pœnitentia, qui vulgo S. Aug. ascribitur: scriptor ille, quisquis sit, verba Christi modo laudata interpretans: dixit, inquit, (*cap. 13*) *vade & amplius noli peccare: non dixit, ne pecces: sed nec voluntas peccandi in te oritur: quod quomodo servabitur, nisi dolor continue in pœnitentia custodiat* ? pauloque inferius,

ferius, absque intermissione dolendum esse de peccatis, ex ipsa nominis poenitentiae significatione colligit: *penitere*, inquit, (ib. cap. 19) est poenam sentire: ille autem poenam tenet, qui semper vindicat, quod commisisse se doli: ergo &c.

R. Nego subs. ad probat. auctoritatem recipio, & dist. conseq. talis esse debet vera poenitentia, ut si quis in posterum denuo peccaverit, vere nunquam penitus sit signum, ea scilicet poenitentia quae importat perseverantiam & conjunctionum cum fine, conc. vere non poenituisse, poenitentia speculata secundum essentiam, & quatenus praecise est virtus, R. conseq.

E. N. Poenitentia duo importat: 1. quatenus virtus est, debet esse dolor propter Deum conceptus, de peccato commisso, cum proposito in posterum non peccandi: 2. finis intuitu eam constantiam exigit, quae poenitentem cum fine conjugat: & ad exitum usque perduret: utrumque in praecipuo divino continetur, quod dictum est: *non poenitentiam egessis, omnes similiter peribitis*: ut enim homo in peccatum lapsus non peccat, tum necesse est, ut vere poeniteat, tum ut ad finem usque, sin minus actu, saltem habitu in poenitentia perseveret, ut docet S. Thomas (2. part. qu. 84, a. 9) hoc tamen inter utrumque discrimen est, quod si deit primum, vera ratio poenitentiae consistere absolute non possit: si vero secundum defuerit, non continuo inferri debet, veram poenitentiam non fuisse: exemplo aliarum virtutum responsio illustratur; sic enim caritas v. g. (idemque de ceteris dictum puta) duo exigit; primum, ut super omnia Deus ametur: secundum, ut ad finem usque ametur: quorum si primum defuerit, ne nomine quidem caritatis est digna: si vero secundum, hoc est, si hominundanis tentationibus superatus, contempto creatore, convertatur ad creaturas, non fuit quidem caritas perseverans, sed caritas tamen fuit: dico itaque, verba in objectione laudata debere de poenitentia perseverante intelligi.

Inst. 6. Atqui absolute negant Sancti Patres, veram esse poenitentiam, quae perseverantiam conjunctionum non habet: ergo &c.

Proba subs. diversis eorum testimoniis: *penitere*, ait S. Gregorius M. (Homil. 34 in Evang.) est ante acta peccata flere, & *fienda* non committere.

Itaque de peccatoribus dicit, inquit S. Isidorus, (lib. 2. de summo bono, cap. 16) *lavamini, mundi estote: lavatur & mundus est, qui & praeterita plangit, & fienda iterum non committit: lavatur & non est mundus, qui plangit quae gessit, nec desistit*;

& post lacrymas, ea quae defleverat repetit.

S. Aug. (Serm. 7 de tempor.) ista est vera poenitentia, quando sic convertitur quis, ut non revertatur; quando sic poenitet, ut non repetat: ergo &c.

R. Nego subs. & testimonia patrum explico: Poenitentia ex S. Gregorio, est antea peccata flere, & fienda non committere; conjunctionum cum iis quae deflentur, conc. divisim, quasi nimirum vere illum poenituisse dici non possit, qui in peccatum infirmitate relabitur, n. S. Gregorii sensus est, poenitentiam debere omnem peccati affectum & effectum excludere: magis enim Dei derisio, quam lamentatio de peccato foret, si quis hoc ipso tempore quo adulterium desleret, adulterio se, aut alio quovis mortali peccato contaminaret: unde subdit: *qui sic alia deplorat, ut alia tamen committat, adhuc poenitentiam agere aut ignorat, aut dissimulat*: ceterum quem vere semel poenituit, non posse labi iterum in peccatum, & divisim, rursus de fienda committere, nec negat Sanctissimus Pontifex, nec ullus probatus scriptor negasse compertur.

Ad S. Isidorum, & S. Aug. par esto responsio: *lavatur & mundus est, qui & praeterita plangit, & fienda iterum non committit*, secundum praesens propositum, id est, cui inest vera in posterum non peccandi voluntas, conc. quasi mundari omnino non potuerit, qui sinceram non peccandi voluntatem in posterum perdidit, n. vera poenitentia est, quando sic convertitur quis, ut non revertatur; vera, inquam, ex parte finis & ratione perseverantiae, concedo: quasi ex defectu perseverantiae, consequens futurum sit, quod nunquam fuerit vera, n. ant. & conseq. solutio patet ex dictis.

Inst. 7. Quibusdam olim peccatoribus venia, etiam in extremo mortis periculo negabatur: ergo non putabam patres posse poenitentiam saepius iterari, & omni tempore reconciliationem concedi debere.

R. 1. Dato ant. n. conseq. huius enim severitatis causa erat, non quod patres existimarent, poenitentiam non posse saepius iterari; sed quia poenitentiae ad extremum vitae tempus procrastinatae plurimum, nec immerito, distabant: poenitentia quae ab infirmo petitur, inquit S. Aug. (serm. 57 de tempore) infirma est; poenitentia quae a moriente petitur, timore ne ipsa moriatur . . . & Paustus Rhegiensis, insultare, inquit, (in Ep. ad Paulinum) Deo videtur, qui illo tempore ad medicum venire noluit, quo potuit; & illo tempore tunc incipit velle, quo non potest.

R. 2. In majoribus & insignioribus Ecclesiis,

Re-

Romana, Africana, & aliis, criminum quantumlibet gravium reis, nunquam veniam esse negatam, m. do legitima pœnitentia processisset: si qui Episcopus aut presbyter, ait canon inter Apostolicos 51, a peccato revertentem non recipit, sed relucit, disponatur; quia Christum contristat dicentem: gaudium erit in celo super unum peccatorem pœnitentiam agente, magis quam super 99 justis qui non indigent pœnitentia: & auctor constitutionum Apostolicarum: pœnitentes, ait, recipite, ne aliquando tamquam desperantes nequitie se dedant.

Inst. Ultimo: quibus ad pœnitentiam ne aditus quidem patebat, ab omni spe reconciliationis dejecti erant; atqui olim relapsi ne aditus quidem dabantur ad pœnitentiam: ergo &c.

R. Concessa maj. dist. min. relapsi nullus aditus erat ad pœnitentiam publicam, conc. ad pœnitentiam occultam, n. min. & consequ. equidem quamdiu rigor pœnitentiae publicæ vigeat, in pluribus saltem locis, disciplina Ecclesiastica cautum erat, ut semel tantum concederetur; quia grave scandalum prævidebatur futurum, si quis emenso publicæ pœnitentiae cursu, rediret ad vomitum, eaque de causa iterum pœnitentiae stationes decurreret: sed nunquam clausa cuiquam est privatæ pœnitentiae janua: immo semper a patribus peccatores quantumvis sæpe relapsi, ad arripiendam secundam post naufragium tabulam invitati: quem in sensum S. Ambrosius: merito, ait, (lib. 2 de pen. cap. 10) reprehenduntur, qui sæpius agendam pœnitentiam putant, quia luxuriantur in Christo: nam si vere agerent pœnitentiam, iterandam postea non putarent: quia sicut unum baptismum, ita una pœnitentia, quæ tamen publice agitur: nam quodidam nos debet pœnitere peccati: sed hæc delictorum leviorum, illa graviorum.

§. TERTIUS.

Resolvuntur aliquæ quæstiones.

Q. 1. Utrum statim atque pœnitens peccata sua declaraverit, reconciliationis beneficio sit donandus?

R. Negative: non enim ad obtinendam peccatorum absolutionem, confessio sufficit; sed necessarium præterea est, ut qui confitetur vere doleat, & signa veræ contritionis ostendat: alioquin enim præcipitata absolutio, pernicio- sa magis quam utilis est futura: si pœnitens nullam contritionem ostendat, inquit S. Carolus (par. 4, de Sacr. pœnit.) eum minime Sacerdos absolvat: sed tamen salutaribus consiliis, & bona opera præscribendo juvet . . .

cavendo ne quemquam asperius trahans, culpa sua inducat, ut vel desperet, vel a confessione abhorreat.

Itaque non obvis quibusque absolutio concedenda; sed iis omnibus neganda, quorum nulla illaque conversio est: iis differenda, quorum dubia & incerta: mendentur qui tremendo assident tribunali, divinum se ministerium exercere; non esse in hominis potestate, Domini leges infringere, non esse servum Domino suo majorem, nec ampliorem legati esse potestatem, voluntate principis; atqui legæ a Christo præscriptæ necessario exigunt, ut iis solis peccata misericorditer condonentur, qui ea oderunt, qui malum cogitationum suarum auferunt, non solum ab oculis hominum, sed etiam ab oculis Dei, qui omni eliminata occasione peccandi discunt bene facere, qui promptum ad omnia præcepta implenda animum gerunt, qui denique in toto corde ad Deum, a quo aversi fuerant, convertuntur: ergo &c.

Q. 2. Quibus speciatim differenda absolutio vel neganda?

R. Diversa hominum genera, hac regula comprehendendi, quæ indicasse sufficiat: casus enim conscientie minutim resolvere, nostri instituti non est.

1. Iis neganda aut differenda, qui mysteria religionis, & prima fidei rudimenta ignorant: quisquis enim voluntarie in statu mortalis peccati est, hoc ipso indignum se absoluteione Sacramentali esse demonstrat: sed qui præcipua religionis mysteria, & prima fidei rudimenta ignorat, in statu mortalis peccati est, nec quidquam aliud nisi vanum Christiani nomen ostendat: quomodo enim Deum unum in substantia, trinum in personis adorat, qui neque si unus in personarum trinitate sit Deus, agnoscit? quomodo aut credere aut sperare in eum, aut amare potest, de quo ne cogitat quidem? quomodo gratia mediatoris est dignus, qui neque Deum verum, neque quem misit Jesum Christum cognoscit? quicumque, inquit S. Carolus Borromeus, (in instructionibus confessorum) rationis usum attigerit, sub reatu peccati mortalis, omnes Symboli Apostolici, cuius in Ecclesia solemnissimus est usus, articulos scire tenetur, saltem quoad substantiam: item Dei & Ecclesiae præcepta, quæ sub mortali peccato observanda sunt, & quæ vulgo doceri solent in scholis doctrinæ Christianæ: si confessorius pœnitentem repererit istorum omnium ignarum, nec ad ea quamprimum discenda dispositum; non debet eum absolvere.

Hinc inter propositiones ab Innocentio XI, Pontifice Max. damnatas, (die 2 Martii ann. 1679) hæc leguntur:

64. Absolutionis capax est homo, quantumvis

vis labores ignorantia mysteriorum fidei, & etiam si per negligentiam, etiam culpabilem, nesciat mysteria SS. Trinitatis, & Incarnationis Domini nostri Jesu Christi.

65. Sufficit illa mysteria semel credidisse.

2. Iis neganda qui voluntario in proximo peccandi occasione versantur: nemo enim nisi vere contritus ad reconciliationem admitti potest: sed qui voluntario in peccandi proxima occasione versatur, vere contritus non est; quia amat peccandi periculum: porro, inquit sapienter, (Eccl. 3, 27) qui amat periculum peribit in illo: deinde absolutionis est incapax qui peccandi retinet voluntatem, sed qui in proxima peccandi occasione versatur, peccandi retinet voluntatem; vult enim tentare Deum, quasi nimirum debitor alicui gratie esset: ergo &c. nec ii, ait S. Carolus, (in instr. confess.) possunt absolvi, qui sincerum propositum non habent, peccata mortalia, & eorum occasiones fugiendi. . . peccati mortalis occasiones vocantur, quidquid ad peccandum inducit, aut ex sua natura, aut ex parte penitentis, qui in ea occasione positus ita peccare consuevit, ut probabile sit ex suo pravo habitu, illum in eadem peccata lapsurum, si in illa occasione perseveret.

Hinc ab Innocentio XI Pontifice Max. sequentes propositiones confixæ sunt: (die 2 Martii an. 1679)

61. Potest aliquando absolvi, qui in proxima occasione peccandi versatur, quam potest, & non vult onerare; quin imo directe, & ex proposito querit, aut ei se ingerit.

62. Proxima occasio peccandi non est fugienda, quando causa aliqua utilis aut honesta non fugiendi occurrit.

63. Licitum est querere directe occasionem proximam peccandi, pro bono spirituali, vel temporalis nostro, vel proximi.

Dixi, iis absolutionem negandam qui voluntario in occasione peccandi morantur: si enim talis occasio sit, quam penitens nec deliberato quaesiverit, nec possit sine summa difficultate, scandaloque gravi deserere; ut si e.c. paterna ipsa domus filiae familias peccandi occasio sit, nec inde possit patre & matre reuocantibus sededere: tum sane summa Sacerdotis cautione & prudentia opus est, ne id exigat quod vix possibile esse intelligit: satisque ei, iudicio sapientum futurum est, si absolutionem differat, donec penitens certa conversionis argumenta dederit; eique interim hanc vitæ rationem præscribat, qua importunam ac præsentem valeat superare tentationem.

3. Iis neganda, qui proximum vel in fama, vel in bonis læserunt, nisi debita restitutio aut

satisfactio prius intercesserit: „ pessimum hominum genus commemoras, ait S. Augustinus, (Ep. ad Macedonium 153, al. 54) cui penitentis medicina omnino non prodest: si enim res aliena propter quam peccatum est, cuius reddi possit non redditur, non agitur penitentia sed fingitur: si autem veraciter agitur, non remittitur peccatum, nisi restituitur ablatum: sed, ut dixi, cum restitui poterit.“

„ Caveant confessores, ait Synodus Mediolan. sub S. Carolo, ne ante debitam satisfactionem illos absolvant, quibus, cum factas adsit aliena restituendi, vel legataque ad pias causas facta sunt, persolvendi, illisque ut id facerent, superiori confessione præceptum sit; præstare tamen neglexerunt.“

4. Iis neganda, qui vel apertas vel occultas cum proximo inimicitias gerunt, & renuunt reconciliari: qui enim Dei vult esse inimicus, indignus reconciliatione est: sed quamdiu homo contra hominem inimicitiam exercet, Dei inimicum se proficitur, cuius caritas, scriptura teste, in eo esse non potest, qui fratrem non diligit: deinde hac sola conditione spes veniæ peccatoribus data est, si nimirum fuerint erga proximum indulgentes: dimitte, & dimittimini, ait Christus in Evangelio: si non dimiseritis hominibus, nec poterit vester dimitti vobis peccata vestra: indeque est, quod ab ipso Christo edocti, quotidie dicimus: dimitte nobis debita nostra, sicut & nos dimittimus debitoribus nostris.

5. Iis omnibus differenda, qui peccandi consuetudinem habent, donec emendationem probaverint: nemini namque absolutio concedenda nisi vere penitenti, verumque habenti in posterum non peccandi propositum; atqui propositum hoc se non habere demonstrant, qui in eadem semper, sine emendatione, peccata labuntur: donec ergo Sacerdoti constet, eos in melius vitam mutasse, beneficio absolutionis carere debent: „ differenda est absolutio, ait S. Carolus (in instr. confess.) donec aliqua emendatio appareat, iis penitentibus, qui licet se peccatum dimissuros pollicentur; confessarius tamen probabiliter iudicat ad illud reversuros: cuiusmodi sunt . . . qui in eadem peccata frequentius relapsi, in iis a multis annis perseverarunt; nec diligentiam ullam adhibuerunt, ut se emendarent.“

Hinc ab Innocentio XI (ib.) propositio sequens damnata est.

60. Penitenti habenti consuetudinem peccandi contra legem Dei, naturæ, aut Ecclesiæ, etsi emendationis spes nulla appareat, at,

at, nec est neganda, nec differenda absolutio: dummodo ore proferat sedolere, & proponere emendationem¹⁴.

Q. 3. Utrum confessarius teneatur pœnitentem interrogare?

R. Teneri, quia medicus & iudex est: "diligens inquisitor & subtilis investigator, ait *author libri de vera* (s. falsa pœnitentia c. 10) sapienter & quasi astute interroget a peccatore, quod forsitan ignorat, vel veracundia vellet occultare: cognito itaque crimine, varietates ejus non dubitet investigare, & locum & tempus &c."

Cui subscribens S. Thomas: *Sacerdos*, inquit, (in 4 sent. dist. 19) debet perscrutari conscientiam peccatoris in confessione, quasi medicus vulnus, & iudex causam: quia frequenter quæ præ confessione confitens taceret, interrogatus revelat . . . quanta autem prudentia in hujusmodi inquisitionibus opus sit, ibi explicans: in iis faciendis, inquit, tria sunt attendenda: 1 ut quilibet peccator interrogetur de peccatis, quæ consueverunt in hominibus illius conditionis abundare: non enim oportet, quod a milite queratur de peccatis clericorum aut religiosorum, aut e converso: 2 ut non fiat explicita interrogatio de peccatis, nisi de illis, quæ omnibus manifesta sunt; de aliis autem adinventionibus peccatorum ita debet a longinquo fieri interrogatio, ut si commisit, dicat; si non commisit, non adducat: 3 ut de peccatis præcipue carnalibus, non descendat nimis ad particulares circumstantias; quia hujusmodi delectabilia, quanto magis in speciali considerantur, magis concupiscentiam nata sunt movere, & ideo potest contingere, ut confessor salia querens, & sibi, & confitentii noceat: quare ubi speciem peccati, & circumstantias magis aggravantes detexerit, non amplius pœnitentem interrogare debet.

Q. 4. Utrum statim atque mortaliter aliquis peccavit, confessionis præcepto obligetur?

R. Negative: eadem ratio esse videtur de confessione & de baptismo differendo, ait S. Doctor, (in 4 sent. dist. 17, q. 3, a. 1) quia utrumque est Sacramentum necessitatis, ad baptismum autem percipiendum non tenetur aliquis statim postquam habet propositum baptisimi; ita quod peccet mortaliter, nisi statim baptizetur: nec est aliquod tempus determinatum, ultra quod si baptismum differat, peccatum mortale incurrat: sed potest contingere, quod in dilatione baptismi mortale erit peccatum, vel non erit, & hoc pensandum est ex causa dilationis, unde si causa dilationis baptismi mortale peccatum annexum habeat, utpote si propter contemptum, vel aliquid hujusmodi baptismum dif-

ferat, dilatio erit peccatum mortale, alias non: & ideo idem videtur esse de confessione, quæ non est majoris necessitatis quam baptismus: qui ergo statim oblata opportunitate non confitetur, etiam si major opportunitas non expectetur, non peccat mortaliter; sed quando ex articulo temporis necessitas inducitur: quia præcepta affirmativa non obligant ad statim, sed ad tempus determinatum; non quidem ex hoc quod tunc commode impleri possunt . . . sed ex hoc quod tempus necessitatem urgentem adducit¹⁵.

Q. 5. Utrum ad plures annos remitti absque peccato confessio possit?

R. Negative: præceptum namque Ecclesiæ est, unicuique impositum, Concilii Lateran. IV decreto, semel in anno faciendæ confessionis: ad confessionem dupliciter obligamur, ait S. Thomas: (ib.) uno modo ex jure divino, ex hoc quod est medicina: & secundum hoc non omnes tenemur ad confessionem, sed illi tantum qui peccatum mortale incurruntur post baptismum: alio modo ex præcepto juris positivi: & sic tenentur omnes ex institutione Ecclesiæ edita in concilio generali sub Innoc. II, tum ut quilibet se peccatorem recognoscat, tum omnes peccaverunt, & egent gloria Dei, tum ut cum majori reverentia ad Eucharistiam accedant, tum ut Ecclesiarum Refloribus sui subditi innotescant.

Q. Ultimo. Utrum præcepto confessionis annexæ confessione sacrilega satisfiat?

R. Negative contra quosdam, quorum ab Alex. VIII Pont. Max. damnata falsa doctrina est, (ann. 1665, die 24 Septembris) his verbis concepta: qui facit confessionem voluntarie nullam; satisfaciit præcepto Ecclesiæ: & vero ejusdem naturæ est confessio quam Ecclesiæ præcipit, ac illa quæ in divinis præscriptionibus continetur: cum præceptum Ecclesiæ, divini mandati, ad certum tempus præfinitio sit: atqui præcepto divino, confessione sacrilega satisfieri non potest, cum confessio ex divina lege vera non sit, nisi quam contritio comitatur, quæ est Sacramento essentialis: ergo &c.

Non desunt equidem aliæ ad subiectum pœnitentiæ, nec parvi momenti pertinentes questiones: quoniam vero earum resolutio in optimis Christianæ Ethicæ tractatoribus facile reperitur, jamque limites hujusce tractationis excessimus, præsentī libro canonum Tridentinorum de pœnitentiæ exscriptioe finem posuimus.

Canones Tridentini de penitentia Sacramento.

Canon I. Si quis dixerit, in Catholica Ecclesia, penitentiam non esse vere & proprie Sacramentum, pro fidelibus quoties post baptismum in peccata labuntur, ipsi Deo reconciliandis, a Christo D. nostro institutum: anathema sit.

Canon II. Si quis Sacramenta confundens, ipsum baptismum, penitentiae Sacramentum esse dixerit: quasi haec duo Sacramenta distincta non sint: atque ideo penitentiam non recte secundum post naufragium tabulam appellari: anathema sit.

Canon III. Si quis dixerit, verba illa Domini Salvatoris: accipite Spiritum S. quorum remiseritis peccata remittuntur eis, & quorum retinueritis, retenta sunt: non esse intelligenda de potestate remittendi & retinendi peccata in Sacramento penitentiae, sicut Ecclesia Catholica ab initio semper intellexit; deorsum autem contra institutionem huius Sacramenti, ad austeritatem praedicandi Evangelium: anathema sit.

Canon IV. Si quis negaverit, ad integram & perfectam peccatorum remissionem requiri tres adus in penitente, quasi materiam Sacramenti penitentiae, videlicet contritionem, confessionem, & satisfactionem, quae tres penitentiae partes dicantur; aut dixerit duastantum esse penitentiae partes, terrores scilicet incussos conscientiae agnito peccato, & fidem conceptam ex Evangelio, vel absolutionem, qua credit quis sibi per Christum remissa peccata: anathema sit.

Canon V. Si quis dixerit, eam contritionem, quae paratur per discussionem, collectionem & detestationem peccatorum, qua quis recogitat annos suos in amaritudine animae suae, ponderando peccatorum suorum gravitatem, multitudinem, fuditatem, amissionem aeternae beatitudinis, & aeternae damnationis incursum, cum proposito melioris vitae, non esse verum & utilem dolorem, nec preparare ad gratiam, sed facere hominem hypocritam & magis peccatorem; demum illam esse dolorem coactum, & non liberum ac voluntarium: anathema sit.

Canon VI. Si quis negaverit, confessionem Sacramentalem, vel institutam, vel ad salutem necessariam esse jure divino; aut dixerit modum secretae confitendi soli sacerdoti, quem Ecclesia ab initio semper observat, & observavit, alienum esse ab institutione & mandato Christi, & inventum esse humanum: anathema sit.

Canon VII. Si quis dixerit, in Sacramento penitentiae ad remissionem peccatorum, necessarium non esse jure Divino, confiteri omnia & singula peccata mortalia, quorum memoria cum debita & diligenti praemeditatione habeatur; etiam occulta, & quae sunt contra duo ultima decalogi praecepta, & circumstantias quae peccati speciem mutant; sed eam confessionem tantum esse utilem ad erudiendum & consolandum penitentem, & olim observatam fuisse tantum ad satisfactionem canonicam imponendam; aut dixerit, eos, qui omnia peccata confiteri student, nihil relinquere velle divinae misericordiae ignoscendum; aut demum non licere confiteri peccata venialia: anathema sit.

Canon VIII. Si quis dixerit, confessionem omnium peccatorum, qualem Ecclesia servat, esse impossibilem, & traditionem humanam a piis abolendam; aut ad eam non teneri omnes & singulos utriusque sexus Christifideles, juxta magni Concilii Lateranensis constitutionem, semel in anno, & ob id suadendum esse Christifidelibus, ut non confiteantur tempore quadragesimae: anathema sit.

Canon IX. Si quis dixerit, absolutionem Sacramentalem sacerdotis non esse actum judicalem, sed nudum ministerium pronuntiandi & declarandi remissa esse peccata confitentis; modo tantum credat se esse absolutum; aut sacerdos non serio, sed ioco absolvat; aut dixerit non requiri confessionem penitentis, ut sacerdos eum absolvere possit: anathema sit.

Canon X. Si quis dixerit, sacerdotes, qui in peccato mortali sunt, potestatem ligandi & solvendi non habere, aut non solos sacerdotes esse ministros absolutionis, sed omnibus & singulis Christifidelibus esse diffusam: quaecumque ligaveritis super terram, erunt ligata & in caelo; & quaecumque solveritis super terram, erunt soluta & in caelo; & quorum remiseritis peccata, remittantur eis; & quorum retinueritis, retenta sunt: quorum verborum virtute quilibet absolvere possit peccata; publica quidem, per correptionem dumtaxat, si correptus acquirerit; secreta vero per spontaneam confessionem: anathema sit.

Canon XI. Si quis dixerit, Episcopos non habere jus reservandi sibi casus, nisi quoad externam poenitentiam, atque ideo easum reservationem non prohibere quominus sacerdos a reservatis vere absolvat: anathema sit.

Canon XII. Si quis dixerit, totam poenam simul cum culpa remitti semper a Deo, satisfactionemque penitentium non esse aliam quam fidem, qua apprehendunt Christum pro eis satisfecisse: anathema sit.

Canon XIII. Si quis dixerit, pro peccatis, quoad

quoad penam temporalem, minime Deo per Christi merita satisfieri, pœnis ab eo inflictis & patienter toleratis, vel à Sacerdote injunctis, sed neque sponte susceptis, ut jeuniis, orationibus, elemosynis, vel aliis etiam pietatis operibus; atque adeo optimam penitentiam esse tantum novam: anathema sit.

Canon XIV. Si quis dixerit, satisfactiones, quibus penitentes per Christum Jesum peccata redimunt, non esse cultus Dei, sed traditiones hominum, doctrinam de gratia & ve-

rum Dei cultum, atque ipsum beneficium mortis Christi obscurantes: anathema sit.

Canon XV. Si quis dixerit, claves Ecclesie esse datas tantum ad solvendum, non etiam ad ligandum; & propterea sacerdotes dum imponunt pœnas confitentibus, agere contra finem clavium, & contra institutionem Christi; & fictionem esse quod virtute clavium, sublata pœna æterna, pœna temporalis plerumque exsolvenda remaneat: anathema sit.

FINIS LIBRI SEXTI.

LIBER SEPTIMUS.

D E

SACRAMENTO EXTREMÆ UNCTIONIS.

„Clementissimus Redemptor noster, ait Concilium Trid. (*Sess. 14, in præmio doctrinae de Sac. extr. unct.*), qui servis suis quovis tempore voluit de salutaribus remediis adversus omnia omnium hostium tela esse prospectum, quemadmodum auxilia maxima in Sacramentis aliis præparavit, quibus Christiani conservare se integros dum viverent, ab omni graviore spiritus incommodo possent: ita Extremæ Unctionis Sacramento finem vitæ, tamquam firmissimo quodam præsidio munivit. Nam etsi adversarius noster occasiones per omnem vitam quærat, & capet, ut devorare animas nostras quoquomodo possit: nullum tamen tempus est, quo vehementius ille omnes versutię suæ nervos intendant, ad peridendos nos penitus, & a fiducia etiam, si possit, divinæ misericordiæ deturbandos, quam cum impendere nobis exitum vitæ perspicit.“

Ideo vero pœnitentiam immediate extrema unctio sequitur, quia, inquit ibidem Patres, pœnitentia, & non pœnitentia tantum, sed & totius Christianæ vitæ, quæ perpetua pœnitentia esse debet, consummativa a Patribus est existimata. Immortales Deo Optimo Maximo gratias, qui, ut baptismi Sacramento, aditum nobis ad veram vitam patefecit; ita ut ex hac mortali vita decedentes, expeditiorem ad cœlum viam teneremus, hoc tam saluti-ferum Sacramentum instituit. Parique de causa Lutherani, Calvinisti, & similibus novissimorum temporum pestibus, ira, odium, indignatio, & bonorum omnium anathema, quibus non satis fuerat pœnitentiam sustulisse, nisi etiam appendicem ejus ex albo Sacramentorum delere, sacrilegis conatibus attentarent. Quod quam parum eis feliciter cesserit, sequentium quæstionum explicatio demonstrabit.

1. Erit, utrum Extremæ Unctioni ratio veri Sacramenti conveniat? 2. De materia ejus: 3. De forma: 4. De auctoritate, & ministro: 5. De subiecto, & necessitate. 6. De effectibus. 7. De ritibus in ejus administratione observandis.

QUÆSTIO PRIMA.

Utrum Extremæ Unctioni ratio Sacramenti conveniat?



Fiditum Sacramentum, ait impiissimus proditor veritatis Calvinus, (*lib. 4 instit. c. 19, §. 18*) est extrema unctio hystionica hypocrisis, qua citra rationem & sine fructu Apostolos referre (*Catholici*) volunt: nec dispar Lutheri, quamquam verbis paulo mitioribus concepta, sententia: *ingrediorum infirmorum ritui, inquit, (in lib. de Captiv. Babil.) duas additiones se se dignas addiderunt Theologi nostri, (Catholici:) unam, quod Sacramentum appellant; alteram, quod extremam faciunt. . . igitur unctiois extrema nostrum Sacramentum non damno; sed hoc esse, quod ab Apo-*

stolo Jacobo præscribitur, constanter nego . . . numerabimus tamen ipsum inter ea Sacramenta, quæ nos constituimus, ut sunt salis & aquæ consecratio & asperio: unctiois usum celebratum a Patribus, antiqua viçius auctoritate Chamierus, in Gallia, Calvinistarum quondam minister fatetur: hoc, inquit, (lib. 4 de Sac. cap. 21) non imus inficiari; neque enim tam ignota nobis historia Ecclesiæ, sed quæstiones distinguimus: & quamvis credamus perperam continuatum usum, post sublatum donum sanationum; sicut perperam continuata lumina medio die, ex primo usu nocturno, & lingue Latine, ex Latinorum consuetudine: tamen non tam sumus faciles, ut persuaderi possimus, omnes ritus usurpatos in Christianorum usu, fuisse Sacramenta, vel eorum luminum exemplo, quorum necessitate manifeste sublata, necesse fuit allegorias comminisci. Ita præfati hæretici, quorum insaniam, Lutherani omnes, ut prædiximus, & Calvinistæ secuti sunt.

In illud ergo præsertim disputatio suscepta incumbet, ut ostendamus extremam unctio-nem, nec fiditum esse Sacramentum, nec nostrum, non nostrum, inquam, id est, minime a nobis inventum. Aliunde enim, quippe a Christo, hæreditario jure acceptum, non

non secus ac cætera divina mysteria, nostrum est. Jam sit

CAPUT PRIMUM.

Extremam unctionem verum ac proprie dictum legis novæ Sacramentum esse monstratur.

IN fidei dogmatibus sententiam hanc contineri, Concilium Œcumenicum Trid. solemniter definiit.

„ Si quis dixerit, inquit (*Sess. 14, can. 1*) „ extremam unctionem non esse vere & proprie Sacramentum, a Christo Domino No- stro institutum, & a Beato Jacobo Aposto- „ lo promulgatum; sed ritum tantum acce- „ ptum a Patribus, aut figmentum humanum: „ anathema sit.

„ Si quis dixerit, (*ibid. can. 2*) sacram in- „ firmorum unctionem non conferre gratiam, „ nec remittere peccata, nec alleviari infir- „ mos; sed jam cessasse, quasi olim tantum „ fuerit gratia curationum: anathema sit.

„ Si quis dixerit, (*ib. can. 3*) extremæ unctionis ritum & usum, quem observat S. „ Rom. Ecclesia, repugnare sententiæ B. Jacobi Apostoli, ideoque eum mutandum, pos- „ seque a Christianis absque peccato conte- „ mni: anathema sit “.

PROBATIO PRIMA.

Ex Scripturis.

Hujus veritatis primum testimonium petimus ex auctoritate Scripturæ: *infirmatur quis in vobis? ait ore B. Jacobi Sp. Sanctus, (Ep. canon. c. 5, 14) inducat Presbyteros Ecclesie, & orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini: & oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus; & si in peccatis sit, remittentur ei.* Ejusdem sacri ritus præmonstratio aliqua in Evangelio, & forma præcesserat, ubi de Apostolis legitur: (*Marc. 6, 12, & seq.*) *exsuentes prædicabant, ut poenitentiam agerent: & demonia multa eiciebant, & ungebant oleo multos ægros, & sanabant.*

Inde sic informamus argumentum: Sacramentum novæ legis est res sensibus subjecta, ex institutione Dei, sanctitatis & justitiæ tum significandæ, tum efficiendæ vim habens; atqui in extremam unctionem ex Scripturæ auctoritate bene conditiones illæ conveniunt.

1. Quidem res est sensibus subjecta, cum externa materia, olei scilicet unctione, & adjunctis precibus coalescat: *orent, inquit, su-*

per eum, ungentes eum oleo in nomine Domini.

2. Quod divinam habeat institutionem, inde potissimum demonstratur, quod sit Scripturæ canonice auctoritate præscripta. Quamquam enim non in Evangelio, sed in Apostoli Jacobi Ep. ejus celebratio commendetur; nihil hinc de ejus auctoritate minuitur, quia non minus hæc Epistola, quam Evangelium, Sp. Sancto dicente descripta est; nec minoris ponderis quam ipsamet Evangelia, Apostolorum litteræ sunt ad divina dogmata adstruenda; nihil enim proprio illi judicio præsumperunt, nec quidquam aliud præter quam præscriptum cælitus fuerat, ordinarunt, quippe qui non inventores, sed dispensatores essent mysteriorum Dei. Deinde homo quantalibet prædixit potestate, non potest ulli elemento virtutem gratiæ producendæ tribuere: hoc enim donum excellentissimum est, non aliunde quam ab omnium bonorum fonte descendens; cum ergo fidenter affirmet Apostolus, per unctionem olei, cum adjuncta fidei oratione, in nomine Domini facta, peccata remitti: *oratio fidei, inquit, salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, remittentur ei: nefarium & impium est, sacrum hunc ritum humanis institutis annumerare.*

3. Hinc probatum manet, tertiam Sacramenti novæ legis conditionem extremæ unctioni competere: ritus enim infirmorum salutis, & peccatorum remissioni accommodatus, sanctitatis & justitiæ tum significandæ, tum efficiendæ vim habet; atqui hujusmodi esse sacram unctionis cærimoniam, ex verbis Scripturæ modo adductis manifesto constat: nec est quod quis inde cavillandi occasionem arripiat, quod ad sanitatem corporis procurandam instituta esse videatur: hunc enim, etsi unctionis effectum esse secundarium non negamus; principalis tamen est animæ sanitas, quomodo quando Christus a morbis corporeis multos, ut in Evangelio legitur, liberabat, animarum salutem, per fidei & gratiæ inspirationem principaliter intendebat, & omnipotente virtute operabatur. Res & effectus hujus Sacramenti, ajunt Trid. Patres, (*Sess. 14, cap. 2.*) illis verbis explicatur: & oratio fidei salvabit infirmum: & alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, dimittentur ei: *res etenim hæc gratia est Sp. Sancti, cujus unctio delicta si quæ sint adhuc expianda, ac peccata reliquias abstergit, & ægroti animam alleviat, & confirmat, magnam in eo divinæ misericordie fiduciam excitando, qua infirmus sublevatus, & morbi incommoda ac labores levius fert, & temptationibus demonis, calceæ insidiantis facilius resistit: & sanitatem cor-*

corporis interdum, ubi salutis anime expeditur, consequitur. Ergo &c.

PROBATIO SECUNDA.

Ex traditione.

Quod etsi unicuique vere fidei, & verbo Dei scripto debitam reverentiam exhibenti, ad assensum obtinendum satis superque futurum sit; accedit tamen Scripturæ, ex consensu traditionis, robur invictum. „ Illud est, „ nim pro vero & proprie dicto legis Evangelicæ Sacramento habendum est, quod velut ritum sacrum, effectui spirituali producendo divinitus accommodatum, antiqui Patres & Concilia omni data occasione commendarunt; atqui extrema unctio est huiusmodi.”

1. Quod ad Patres spectat: *Origenes* 3 sæculi scriptor insignis, postquam laboriosam, quæ in lacrymis fit, poenitentiam proprio charactere descripsit: in quo, subiungit, (*hom. 4 in Levit.*) impletur & illud quod Apostolus dicit; si quis autem infirmatur, vocet Presbyteros Ecclesiæ, & imponant ei manus, ungentes eum oleo in nomine Domini: innuit scilicet, id quod Patres Trid. novo decreto confirmarunt, unctionem hanc ab Apostolo commendatam, esse Christianæ poenitentię complementum, ac veluti appendicem. Diversum tamen a poenitentia esse Sacramentum, verbis minime obscuris significat, propriam illi materiam, oleum scilicet, assignando, quod nusquam est pro materia Sacramenti poenitentię habitum.

2. *Joannes Chrysost.* qui 4 Ecclesiæ sæculo floruit: non solum cum nos regenerant Sacerdotes, inquit, (*lib. 3 de Sacerdot.*) sed postea etiam condonandorum nobis peccatorum facultatem obtinent: infirmatur, inquit Apostolus, inter vos aliquis? accersat Presbyteros: hæc enim de Sacramento poenitentię, uti non a Jacobo, ita nec a Joanne Chrysost. dicta esse ultro fatebitur, quisquis attenderit de homine etiam corporaliter ægrotante hic agi: quæ nusquam fuit conditio ad Sacramentum poenitentię suscipiendum necessario requisita.

Sed multo expressius *Innocentius I* desinente 4 sæculo, & 5 ineunte Pontifex Max. consultus enim a Decentio, Eugubino Episcopo, utrum hæc verba: *infirmatur quis in vobis?* deberent de infirmis, oleo a Sacerdotibus inungendis intelligi? utrum etiam publice poenitentibus, hæc unctio foret concedenda? ita respondit: (*Epist. 1 ad Decent. c. 8.*) non est dubium, (verba Jacobi) de fidelibus ægro-

tantibus accipi, vel intelligi debere, qui sancto oleo Chrismatismis perungi possunt: quo, ubi Episcopo confecto, non solum Sacerdotibus, sed omnibus uti Christianis licet, in sua, aut suorum necessitate inungendo. . . . poenitentibus istud infundi non potest, quia genus est Sacramenti. Nam quibus reliqua Sacramenta negantur, quomodo unum genus putatur posse concedi?

Ita *Innocentius*, ætate a nobis remotissima, de unctione extrema, non quasi de re incerta, aut noviter instituta, sed velut de ritu sacro nemini non cognito, & per omnes Ecclesias pervulgato, incunctanter pronuntiat: non est dubium, inquit: ne vero putaret aliquis, humanis institutionibus posse cæremoniæ illam annumerari; eam cæteris Sacramentis æquiparat, nec alia ratione probat poenitentibus, quamdiu publicæ satisfactionis stationes decurrunt, concedi non posse, quam quia genus est Sacramenti: nam quibus, inquit, reliqua Sacramenta negantur, quomodo unum genus putatur posse concedi? videriat ergo Lutherani & Calvinistæ, qua fronte unctionem extremam, aut hypocritam histrionicam, aut Sacramentum a nobis contra Christi institutionem inventum audeant dicere.

Sæculo 5 *S. Cysillus Alex.* contra Incantatores agens: tu vero, inquit, (*lib. 6 de orat. in spiritu & veritate.*) si qua tibi pars corporis dolet, & vero credis hæc verba: (*Domine Sabaoth*) & alias huiusmodi appellationes, quas Deo divina Scriptura tribuit, vim habere pellendi malum illud; pro te ipso preces fundens, hæc verba pronuncia: sic enim rectius, quam illi facies, neque imparis spiritibus, sed Deo gloriam tribues: commemorabo etiam divinitus inspiratam Scripturam; quæ ait: infirmatur quis in vobis? adducat Presbyteros Ecclesiæ &c. Itaque S. Doctor duo genera remediorum contra incantationes proponit; orationem nimirum qua nomen Domini Sabaoth invocetur, & unctionem quam Jacobus Apostolus commendavit. Ergo huius unctionis sæculo quinto usus vigeat, & credebatur per illam, prout Scriptura declarat, non modo sanitatem corporalem restitui, sed etiam peccata remitti.

Sæculo 6 desinente *S. Gregorius M.* Pontifex Max. (*in Sacramentario*).

1. Describit ritum, quo oleum infirmorum unctioni destinatum, debet ab Episcopo consecrari: „ offertur, inquit, (*in Sacramentario*) Pontifici oleum, & benedicit illud, „ tam ipse, quam omnes Presbyteri, his verbis: *emitte Domine Sp. Sanctum tuum Patrelemus de celis in hanc pinguedinem olei* . . . ut tua sancta benedictione omni

„ hoc

„hoc unguentum tangenti, sit tutamentum
„mentis & corporis, ad evacuandum omnes
„dolores, omnesque infirmitates, omnem
„gritudinem corporis &c.

2. Sacerdoti, antequam infirmum laungat,
hanc orationem præscribere: *operare creatura
olei, ut non lateat hic spiritus immundus, ne-
que in membris tuis, neque in medullis, ne-
que in ulla compagine membrorum; sed in te
habitet virtus Christi altissimi, & Spiritus
sancti.*

3. Præcipit, ut in ipsa actione ungendi,
quibusdam Psalmis antea recitatis, pro infirmo
Sacerdos postulet mentis & corporis sani-
tatem, hancque, inter cæteras, orationem
effundat: „Deus, qui humanogeni & salu-
tis remedium, & vitæ æternæ munera con-
tulisti, conserva famulo tuo tuarum dona
virtutum, & concede ut medelam tuam,
„non solum in corpore, sed etiam in anima
„sentiat“.

4. Ungendi officium hæc claudit oratio:
„ut mittere digneris sanctum Angelum tuum,
„qui famulum tuum in angustiis & neces-
sitatibus laborantem, consolationibus tuis at-
tollat, quibus & de præsentī consequatur
auxilia, & æternæ remedia comprehendat“.

Seculo 7, a Theodoro Cantuar. in Anglia
Archiepiscopo sic legimus constitutum: (in
lib. penitentiali.) *ab infirmis in periculo mor-
tis positīs, pura est inquirenda confessio pec-
catorum. . . . & secundum auctoritatem cano-
nicam, ne illis jamua pietatis clausa videtur,
orationibus & consolationibus Ecclesiasticis
sacra unctio olei inuncti, secundum
statuta SS. Patrum communione viatici refici-
antur: hic, ut vides, tria infirmis Sacra-
menta, confessionis, penitentiae scilicet, un-
ctionis, & communionis viatici, auctoritate
canonica, secundum statuta Patrum tradi de-
bere præscribitur.*

Octavo sæculo, in capitularibus Caroli Ma-
gni Francorum Regis, (lib. 6, cap. 75.) sic
legitur: *si infirmitate quis depressus fuerit,
vitam sine communione non finiat, nec unctio-
ne sacra olei careat. . . . (ib. cap. 76.) om-
nes Presbyteri oleum infirmorum ab Episcopo
expetant, secumque habeant, & moneant fi-
deles infirmos illud exquirere, ut eodem oleo
peruncti, gratia Dei sanentur, quia oratio fi-
dei salvabit infirmos.*

Sæculo 9, Paschasius Radbertus in vita A-
delardi Abbatis Corbejensis, de eo sic scribit:
„interim vero audiens Beatus vir Hildmanus
„Episcopus, Sanctam egrotare Patrem, ad-
venit illico: interea cum coepisset idem S.
„Episcopus a nobis percontari, utrum bene-
dictionis oleo, sicut a B. Apostolo sanctum

„est, deberet perungi: interrogavimus eum,
„utrum ne vellet? . . . quod ille audiens, e-
„rectis oculis in celum, obsecrabat ut fieret“.

Sæculo 10, auctor vitæ S. Orvaldi Eboracensis, in Britannia majori, Episcopi, de Sancto Præsule narrat, quod cum instare ultimam vitæ periodum prævideret, sacram un-
ctionem petierit: *recessit in oratorium, in-
quit, convocatis Fratribus, hortatur eos, im-
pendere sibi ministerium sacre unctionis, cum
viatico Dominici corporis.*

Seculo 11, ejusdem Sacramenti mentionem
facit Wibertus Archidiaconus in vita Leonis
IX Pontificis Max. ubi narrat Sanctissimum
Papam, cum intelligeret, non diutius retinen-
dum se carnis ergastulo, decrevisse, ut quoniam
plures Episcoporum, Abbatum, cætero-
rumque fidelium effluerant turbæ, eis præ-
sentibus inungeretur sacri olei liquore.

Seculo 12, ejusdem Sacramenti meminit
S. Bernardus, in vita S. Malachie Episcopi.
(c. 31.) „jubet (Malachias) inquit, se sa-
cto oleo ungi: exeunte conventu Fratrum
„ut solemniter fieret, non sustinuit ut ad se
„adscenderet: ipse descendit ad eos: jace-
bat siquidem in domo superiori: ungitur, &
„sumpto viatico, Fratrum se orationibus, &
„Fratres commendans Deo, ad lectum rever-
titur“.

A sæculo 13 ad nostram ætatem, laboriosa
testium inquisitione nihil est opus: ab æo enim
temporis fluxu, extremam unctionem ritibus
sacris annumeratam, Lutherani & Calvinistæ
non dissident: id quod dubio procul in æta-
tibus præcedentibus agnovissent, nisi vel ob-
cæcæ obstinatio, vel antiquitatis ignorantia
obstisset.

2. Quantum ad Concilia pertinet, Synodus
2 Cabilonensis (an. 813.) Can. 48 sic sta-
tuit: „secundum B. Jacobi Apostoli docu-
mentum, cui etiam documenta Patrum con-
sentiunt, infirmi oleo quod ab Episcopis be-
nedicitur, a Presbyteris ungi debent; sic
enim ait Jacobus: *infirmum quis in vo-
bis? inducat Presbyteros Ecclesie &c.* Non
est itaque parvipendenda hujusmodi medi-
cina quæ animæ, corporisque medetur lan-
guoribus“.

Concilium Aquisgranense (an. 836.) can. 5.
si quis autem, inquit, infirmitate depressus
fuerit, ne confessione atque oratione Sacerdo-
tali, nec non unctioe sacra olei, per Pres-
byteri negligentiam careat. Denique si finem
urgenti perspexerit, commendat animam Chri-
stianam Domino Deo suo, cum acceptione sac-
re communionis.

Synodus Moguntina (an. 847.) cap. 26.
„ab infirmis in mortis periculo positīs, aut,
„per

per Presbyteros pura inquirenda est confessio : & ideo secundum canonicam auctoritatem, ne illis janua pietatis clausa videatur, orationibus, & consolationibus Ecclesiasticis, sacra cum unctione Dei, animati, secundum statuta SS. Patrum communione Viatici reficiantur.

Concilium Ticinense (an. 850.) cap. 8. illud quoque Sacramentum, inquit, quod commendat Jacobus Apostolus, dicens; *infirmatur quis in vobis &c.* solerti predicatione populis innotescendum est: magnum sane & valde appetendum mysterium, per quod si fideliter poscitur, & remittuntur peccata, & consequenter corporalis sanitas restituitur; sed quia frequenter contingit, ut aegrotus aliquis aut Sacramenti vim nesciat, aut minus periculosam reputans infirmitatem, salutem suam operari dissimulet, aut certe morbi violentia obliviscatur: debet eum Presbyter congruenter admonere, quatenus ad hanc spirituales curam, secundum propriæ possibilitatis vires, vicinus quoque Presbyteros invitet.

Concilium Œcumenicum Constant. (an. 1414.) eandem doctrinam præclare confirmat. Sessione enim 15 decretum Martini V Pontificis Max. probatum est, constituentis, ab eo qui de heresi suspectus fuerit præter cetera querendum, an credat quod Christianus contemnens susceptionem Sacramentorum confirmationis, vel extreme unctionis, peccet mortaliter?

Eugenius IV in decreto pro instruct. Armenorum, post Concilium Florent. lato, (an. 1439.) inter 7 Ecclesie Sacramenta, extremam unctionem quinto loco enumerat, ejusque usum & effectum Jacobi Apostoli auctoritate confirmat.

Accedunt denique Canones Concilii Trid. superius allegati, quibus sub anathematis pena credendum decernitur, extremam unctionem Sacramentis Evangelicis accenseri.

Quæ etsi ad veritatem quam modo defendimus, adstruendam abunde dicta videri possunt; minime tamen putandum, argumentum traditionis his quas attulimus auctoritatibus contineri: eadem enim S. Aug. in lib. de speculo: Victoris Antiocheni, in Evangelium S. Marci: S. Eligii Noviomensis Episcopi: Ven. Bedæ comment. in Evang. S. Marci, & in Ep. Jacobi: Hincmari Remensis Archiepiscopi, in capitulis; & plerorumque aliorum sententia fuit, quorum verba, si se dabit occasio, vel ratio postulaverit, in decursu præsentis libri promemus.

PROBATIO TERTIA.

De præscriptione.

Quamquam, ut dicam ingenue, hujusmodi probationibus non egemus. Nobis enim pro clypeo inexpugnabili est, perpetua & nunquam interrupta possessio, unde hæreticorum cavillis & vanis argutiis deturbari hæcenus S. Dei Ecclesia non potuit, nec poterit unquam.

Illud, inquam, est verum legis Evangelicæ Sacramentum, quod universa Ecclesia sacris symbolis divinitus traditis ab omni retro memoria sine interruptione accensuit: cum enim habeat Sp. Sanctum infallibiliter assistentem, ejusque supremo nutu regatur; sicut non potest veritates a Christo acceptas deserere, ita nec dogmatibus divinitus revelatis addere aliquid contrarium veritati; atqui extremam unctionem esse verum legis Evangelicæ Sacramentum, si solos Calvinistas & Lutheranos excipias, quotquot Christiano censetur nomine, Latini, Græci, Orientales, sine discrimine profitentur, semperque professi sunt. Ergo dubium nullum est, quin in bonis divinitus acceptis habeat locum.

De Latina Ecclesia nemo ambigit, quin extremam unctionem tanquam verum Sacramentum admittat; cum hæc, præter ceteras, secularis novis, schismatis ac rebellionis occasio fuerit: nec minus certum est, eam Græcorum & Orientalium esse fidem: cum enim nullum non moverit lapidem Lutherani & Calvinistæ, ut Græcos sibi conciliarent, & in suas partes pertraherept, semper ignominiose repulsi sunt. Græci namque & alii per Orientem effusi variarum secularum Christiani, ab iis de numero Sacramentorum interrogati, constanter responderunt, se consentaneæ cum Latinis septem Sacramenta admittere, eamque doctrinam a Patribus inviolata traditione acceptam. Id quod tum de cæteris, tum nominatim de extrema unctione, certis documentis, probantur.

Sic Gregorius Proto-synellus, (in Epitome dogmatum Eccl. c. de 7 Sac. sive extr. unct.) septimum Sacramentum, inquit, unctio puri olei est, pro aegrotantibus preparata, per benedictionem & sanctificationem, sanitatis spiritualis & corporalis conferenda vim habens: unum est e septem Sacramentis, tunc a Christo ordinatum cum discipulos suos misit, ut Evangelium predicarent, & prout in S. Marco habetur, (Mar. 6, 13) ungebant oleo multos ægros, & sanabant... verum porro Sacramentum esse, multiplici ratione adstruitur:

sur: quæ enim tria necessario quodlibet Sacramentum requirit, in hac unctione occurrunt: 1, externa materia: 2, gratiæ divini infusio: 3, institutio Christi: habet, inquam, externam materiam, purum olive oleum: Dei gratiam confert, quia peccata homini confesso remittit, ægroti sanitatem restituit, animam hominis moribundi confirmat, ut aereis potentatibus cum ab ingressu celi arceri conantibus, valide possit resistere: denique imperatam a Christo esse monstratur, quia est ab Apostolis observata.

Eandem confessionis Oribodone, (summi apud Græcos auctoritatis libri) professio est: scriptum Sacramentum, inquit, (ques. 117) est extrema unctio, a Christo præscripta. Cum enim capisset discipulos suos binos mittere, (Mar. 6, v. 7 & 13) ungebant oleo multos, & sanabant: quam diinceps unktionem religiosa consuetudine Ecclesia observavit, prout ex Ep. S. Jacobi compertum est: infirmatur quis in vobis? &c. . . (ques. 119) fructus huius Sacramenti sunt, quos vult ei proprios S. Jacobus Apostolus explicat, videlicet remissio peccatorum, animæ salus, corporis denique sanitas, quam essi non semper importet, semper tamen animam per remissionem peccatorum in meliorem statum restituit.

Meletius Syrius (in refutatione articulorum Cyrilli Lucar.) Ecclesiæ Græcæ doctrinam sic explicat: certo credimus oleum, Domini & Dei nostri Jesu Christi invocatione consecratum, ab ipso Christo præscriptum: eo si quidem Apostoli utebantur, prout Sanctus Evangelista Marcus testatur: ungebant oleo multos ægros & sanabant: idemque nobis facere præceperunt: ait enim B. Jacobus Apostolus; infirmatur quis in vobis? inducat Presbyteros Ecclesiæ, & orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini: & oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus, & si in peccatis sit, remittentur ei: nec enim credibile est, paria iussuros Apostolos, nisi in mandatis a Domino habuissent, qui eos ad prædicandum mittens: euntes, inquit, (Matt. 28, 19, Mar. 16, 15) prædicare Evangelium omni creaturæ: docete omnes gentes, servare omnia quæcumque mandavi vobis: (Matt. 10, 27) quod dixi vobis in tenebris, dicite in lumine: & quod in aure audistis, prædicare super tellus. Unde manifestum sequitur, nihil quidquam Apostolos præter præcepta Domini intinasse; nihil a se ipsis dixisse quod pro humana institutione haberi possit; sed illud tantum quod ab ipso Deo & Salvatore nostro Jesu, eique consubstantiali Sp. Sancto acceperant: per unktionem hu-

De Re Sacram. T. III

jus Sancti olei, quod est lætitiæ symbolum, animam ægotantem, postquam reconciliata Deo fuerit, perfundentis, non solum corporalis sanitas sæpe restituebatur; dona mirum invisibilia, per res obibiles Deo attestante: verum & remissio promittitur peccatorum. Ait enim S. Jacobus: alleviabit ægrotum Dominus, & si in peccatis sit, remittentur ei: unde inferitur, id quod a nobis iuxtaior, si ve, oleum cum prece, vocatur, vere sacram mysterium, id est Sacramentum esse.

Accedit Jeremie Patriarchæ Constantin. in responsione ad Lutheranos Wittembergenses; utriusque Synodi, sub Cyrillo Bertocensi, & Parthenio seniore, contra perfidiam Cyrilli Lucaris huius confessionem; alterius item Synodi, Hierosolymis a Patriarcha Dorisheo an. 1672, congregatæ; & aliorum denique sæpe, præcedentibus libris, citata auctoritas, uniformiter attestantium, extremam unktionem septenario Sacramentorum novæ legis numero comprehendendi: itaque de Græcorum cum Latinis consensione nulla dubitatio esse potest.

Quod autem ea semper fuerit Ecclesiæ universæ confessio, manifestum sit ex antiquissimis Græcorum Euchologiis, & ritualibus Latinorum. Quod ad istos quidem spectat, Sacramentarium Gregorii M. Pontificis Max. ab 11, & amplius sæculi descriptum, probatione præcedente attulimus, ubi extremæ unktionis ritus omnes & sacræ cæremoniæ, non velut de novo introductæ, sed tamquam ab antiquo acceptæ accuratissime præscribuntur, earumque vis & efficacia commendatur.

Quantum vero ad Græcos attinet, non minus perspicue in eorum Euchologiis doctrina eadem continetur. Fuse ibi officium notatur olei Sancti, a septem Sacerdotibus tum benedicendi, tum administrandi: (vide apud Gouar, officium olei Sancti decantatum a 7 Sacerdotibus a pag. 408, ad pag. 428,) virtuti, operationi, & adventui Sp. Sancti, ejusdem benedictio accepta tribuitur, uxi sequens oratio attestatur.

Oratio, ad Olei Benedictionem.

Domine, qui in misericordia & miserationibus tuis, animarum corporumque contritiones curas, ipse Domine oleum hoc sanctifica, ut in medellam omnis passionis carnalis, & spiritualis inquinamenti, & omnis denique mali depulsionem ex illo unctio fiat: ut in eoglificetur Sanctissimum nomen tuum, Pater & Filius, & Sp. Sancti.

Sequuntur orationes erga infirmum ungentem faciendæ.

Pp

Ora-

Oratio secunda.

Precamur te, Domine, ut stillet hoc oleum super unctos in tuo nomine, in medulam & curam animæ & corporis, & in munditiem, & liberationem omnis doloris & omnis agritudinis & infirmitatis, & omnium sordium animæ & corporis: ut & in hoc glorificetur sanctissimum nomen tuum, Patris, & Filii, & Sp. Sancti, in sæcula sæculorum.

Oratio tertia.

Respice Domine, de sancto habitaculo tuo, & oleum hoc sanctifica: & visita servum tuum in misericordia & miserationibus, & congruentem ei salutem, & integritatem largire: libera eum ab omni agitudine, & languore animæ & corporis: & fiat ei, Domine, oleum hoc in omnis agitudinis medelam.

Oratio in laudibus.

Domine Omnipotens qui castigas... omnem agritudinem & languorem sanas, quiatu agitudines nostras curas: erige serum tuum & doloris lecto, infirmitatis cubili: serva eum & integrum Ecclesie tue restitue, ut tibi placeat, & voluntatem tuam omnibus diebus vite sue adimpleat.

Oratio a singulis septem Sacerdotibus dicenda.

Domine Deus noster, solus bonus & humanus, solus benignus & mansuetus, solus miserator & misericors: Deus noster & Pater Domini nostri Jesu Christi, sub Pontio Pilato crucifixi, & tertia die resurgentis, & in gloriam suam & tuam ascendentis: gratia tua super serum tuum veniat... illumina ejus viscera & membra tua voluptate, & ab omni peccato illum expurga: mundum & immaculatum ab omni adversarii molestia illum conserva, & juxta benignitatem tuam Domine, que tua sunt cogitare, sapere, & mente volvere concede, tuo timore configi, & tibi placita ad usque ultimum diem, horam extremam, & postremum habitum exequi largire. Benedixes es Domine Omnipotens, Pater Domini nostri Jesu Christi, qui omnem infirmitatem & languorem curas, fortis & benefactor, qui ab alieno oppressor cunctos liberat: ipse clemens, bonorum amator, animarum amice, potentem manum tuam, & brachium tuum excelsum & sanctum extende; & animam corpusque servi tui tange, & doloris

ejus lecto, & ab omni eum infirmitate deiciente erige: ut inde exurgens cum omni populo tuo, Sanctissimum nomen tuum glorificet.

Post Orationem, accipit Sacerdos oleum & extremam unctionem adhibet, sequentem orationem dicens.

„Pater Sancte, aoiatum & corporum mē-
„dice, qui filium tuum Unigenitum Domi-
„oum nostrum Jesum Christum, omnem mor-
„bum curantem, & ex morte oos liberan-
„tem misisti: sana quoque servum tuum N.
„a detinente illum corporis infirmitate, &
„vivifica illum per Christi tui gratiam: fo-
„tercessionibus, super omnes Sanctæ Do-
„minæ nostræ Deiparæ, & semper Virginis
„Mariæ, protectionibus venerandarum super-
„caelestium virtutum incorporearum, virtute
„pretiosæ & vivificæ crucis, honorandi glo-
„rii prophetæ & præcursoris Baptiste Joan-
„nis, Sanctorum gloriosorum & toto orbe ce-
„lebrum Apostolorum, Sanctorum glorioso-
„rum & victoris clarorum martyrum & Dei-
„ferorum Patrum nostrorum, Sanctorum me-
„dicorum mercede non conductorum Cosmæ
„& Damiani, Cyri & Joannis, Pantaleonis
„& Hermolai, Samsonis & Diomedis, Pho-
„tii & Aiceti, Sanctorum, & Justorum
„Dei-Parentum Joachim & Anæ, & om-
„nium Sanctorum, amen: quia tu es fons
„sanitatum Deus noster, & tibi gloriam re-
„ferimus, Patri, & Filio, & Spiritus Sao-
„cto, nunc & semper, & in sæcula sæ-
„culorum.

Dubium ergo non est, quin Græcorum cum Latinis summa semper fuerit, in admittendo extremæ unctionis Sacramento consensio: eandemque Orientalium Christianorum fuisse fidem facile recognoscet, qui officia eorum, & libros Rituales scrutabitur. Nam ægrotantium unctionem religiose hæcenus observant: ritus ac preces, Græcorum cæremoniis & orationibus simillimas adhibent: corporis equidem, si ita visum Deo fuerit, & ad ægroti salutem conducibile, sed animæ præsertim sanitatem, & condonationem peccatorum exposcunt: in administrandæ unctionis officio, c. 6 Marci, & c. 5 Jacobi, ubi de unctione infirmorum præscriptio est, legere nunquam præmittunt; quod certissimum argumentum est ex eorum sententia cæremoniam hanc in verbo Dei esse fundatam: denique io officio ordinationis Presbyterorum, præter cætera Episcopus pro ordinandis, a Deo petit, ut eis potentiam largiatur, manus ægrotantibus imponendi; quod ipsissimum est extremæ unctionis Sacramentum.

Ra.

Ratum itaque sit ac constitutum, communem totius Ecclesie, quam defendimus, ab antiquo esse doctrinam. Jam argumentum sic resumo: quod universa tenet Ecclesia, nec Conciliis institutum, sed semper retentum est, non nisi auctoritate Apostolica traditum rectissime creditur; atqui extremam unionem esse legis Evangelicæ Sacramentum, universa tenet Ecclesia: tenet Latina, quod Lutherani & Calvinistæ non dissentunt; tenet Græca & Orientalis non in Catholica tantum parte, sed in omnibus sive Hæreticorum sive Schismaticorum sectis, quæ ibi plurimæ sunt, quarumque adeo plena consensio, & convicio est, doctrinam de extrema unctione, omni hæresi & schismate longe esse antiquiorem, utrimque ritus venerandi, in Scriptura & Patrum traditione fundamenta inconcussa ponuntur; utrimque ejus virtus ad delenda peccata, & demonis virtutis deludendas agnoscitur. Deinde probare hætenus Hæretici nequiverunt, doctrinam hanc aliquo primum Concilio institutam, & ab una Ecclesie parte in alteram, cujuspiam artificio vel auctoritate intrusam. Ergo fatebitur quisquis animum habuerit ab omni præjudicio liberum, non nisi auctoritate Apostolica traditam, & ad nos usque transmissam.

CAPUT SECUNDUM.

Eliduntur Hæreticorum Crevilli.

Argumento duplici Catholicum dogma concutere hæretici moluntur. Primum ex Scriptura, alterum ex traditione intorquent. Expendendum utrumque & exagitandum, pro merito.

I.

Proponitur & resolvitur objectio prima.

Obijciunt. Præter testimonium Jacobi, nulum ex Scripturis assertur, quo extremæ unctionis veritas & divina institutio astruatur; atqui prorsus hoc argumentum infirmum est. Primo enim probandum foret Epistolam Jacobi esse canonicam, & ab eo dictatam, cujus nomine insignitur; atqui neutrum certo evincitur. Ergo nec inde statui potest, extremam unctionem Sacramentis Evangelicis accenseri. Habent (Catholici) inquit Lutherus, (in lib. de Captiv. Babil.) quod in os mihi redundat, nimirum quod auctoritate Jacobi Apostoli, hic promissio & signum sit, quibus ego Sacramentum constitui hætenus dixi. Ego autem dico: si uspiam deliratum est, hoc loco præcipue deliratum est. Omit-

to enim quod hanc Epistolam non esse Apostolicam spiritu dignam, multi valde probabiliter asserant; licet consuetudine auctoritatem, (cujuscumque sit,) obtinuerit.

R. concessa maj. n. min. ad cujus probat. nego iterum min. Jacobi enim Epistolam esse Scripturæ canonicæ partem, diserte docent Concilia, Laodicenum, Milevitanum, Carthaginense 3, Origenes hom. 7 in Josue, S. Athanasius in Synopsi, S. Epiphanius hæresi 76, S. Hieronymus in Ep. ad Paulinum, S. Aug. l. 2 de Doct. Christ. c. 8, Innocentius I in Ep. ad Decentium, universa denique Græcorum ac Latinorum traditio clamat, cujus Doctrinam novo canone confirmavit Concilium Trid. sess. 4 in Decreto de Canonicis Scripturis. Credemus vero immo Luthero, testi scilicet idoneo atque incorrupto, contra Ecclesie universalis auctoritatem temerario insurgenti, & ne Sacramentum Christi cogatur admittere, Sp. Sancti, qui per os Jacobi locutus est, testimonium conculcanti? absit. Quod enim multis assertum Lutherus addit Epistolam hanc non esse Jacobi, etiamsi verum foret, nihil inde de ejus auctoritate minueretur: aliud enim est, de auctore unius libri, aliud de auctoritate ambigere: quia, absolute loquendo, non ab iis qui scripserunt, sed a Sp. Sancto, quo discente ac dirigente scripserunt, divina volumina pondus habent: sive igitur a Jacobo, (quod certo Ecclesia magistra tenemus,) sive ab alio quovis Jesu Christi insigni discipulo scripta Epistola sit; stat nihilo secius firma ejus & inconcussa auctoritas, quia Sp. Sanctum habuisse auctorem, Ecclesia Catholica præstetur; itaque a Luthero cum alibi sæpissime, tum in hoc loco præcipue deliratum.

Inst. 1. A quocumque scripta hæc Epistola fuerit, ad Canonicam Scripturam non pertinere, duo, præter cætera, momenta suadent. Primum est, quod inscripta statim in ejus limine salutatio, nec Jesum Christum, nec ejus gratiam, nec pacem divinam spiret; id quod videmus in cæteris tum Beati Pauli, tum aliorum litteris vulgo fieri: sed verbis mere prophetanis concepta sit. *Jacobus*, inquit (cap. 1, v. 1) ... *duodecim tribubus quæ erunt in dispersione, salutem.*

Alterum est, quod Doctrinæ Apostoli Pauli e diametro contraria sit: ejus enim præcipuus scopus est, fidei insufficientiam ad salutem, & bonorum operum ad justificationem, necessitatem adstruere: quid proderit Fratres mei, inquit, (C. 2, v. 14) si fidem quis dicat se habere, opera autem non habet? numquid poterit fides salvare eum? ... (ib. v. 17) fides, si non habeat opera, mortua est in se.

merita . . . (ib. v. 20, & seq.) *vis autem scire, o homo inanis, quoniam fides sine operibus mortua est? Abraham pater noster, nonne ex operibus justificatus est, offerens Isaac filium super altare? vides quoniam fides cooperabatur operibus illius: & ex operibus fides consummata est? . . . vides quoniam ex operibus justificatur homo, & non ex fide tantum? . . . sicut enim corpus sine spiritu mortuum est; ita & fides sine operibus mortua est.* E contra Paulus bonorum operum necessitatem excludens: *justus, inquit (Rom. 14. 17) ex fide vivit . . . (ibid. c. 3, v. 20) quia ex operibus legis non justificabitur omnis caro . . . (ib. v. 22) iustitia autem Dei per fidem Jesu Christi, in omnes & super omnes qui credunt . . . (ibid. v. 28) arbitramur justificari bonitatem per fidem, sine operibus legis . . . (ib. c. 4, v. 2) si Abraham ex operibus justificatus est, habet gloriam, sed non apud Deum. Quid enim dicit Scriptura? credidit Abraham Deo & reputatus est illi ad iustitiam: ei autem qui operatur, merces non imputatur secundum gratiam, sed secundum debitum.* Ei vero qui non operatur, credenti autem in eum qui justificat impium, reputatur fides ejus ad iustitiam, secundum propositum gratiae Dei, &c. Jam sic contrahitur argumentum:

Spiritus Sanctus Scripturarum auctor secum pugnare non potest: contradicit Apostolo Paulo Epistola Jacobo inscripta. Non habet ergo Sp. Sanctum auctorem: adeoque nec canonica est, nec ad dogmata divina adstruenda proferri potest.

R. neg. ant. quoad utramque partem: & primum quidem quod opponitur, adeo leve ac puerile est, ut nec responsione sit dignum: quid enim quaeso in hac Jacobi salutatione prophanum est, praesertim si ex integro referatur? *Jacobus, inquit, Dei & Domini nostri Jesu Christi servus duodecim tribubus, quae sunt in dispersione, salutem.* Numquid aliam, qui se Christi servum proficitur, quam quae a Christo est, augurari salutem potest? abeat ergo cum inanis suis scrupulis Lutherus, in religiosa salutatione, nihil nisi prophanum intelligens: & si ideo Scripturis canonicis adjudicandam hanc Epistolam autumat, quia non ibi, sicut in Pauli Epistolis legit: *gratia vobis & pax, a Deo Patre nostro & Domino Jesu Christo* pariter & Scriptura Divina expungat Epistolam ad Antiochenos ab Apostolis communi consilio scriptam, cujus initium est: *(Act. 15, 23) Apostoli & seniores, his qui sunt Antiochiae, & Syriae, & Ciliciae, Fratribus ex Gentibus, salutem*: dicat quoque Epistolam Joannis ad Cajum, Apostolicam nil

spirare, adeoque Scripturarum Catalogo extirpandam, quia sic morte Gentilium incipit: *(Epist. 3, Jo. v. 1) Senior Cajo Carissimo: & his verbis clauditur (ibid. v. 14) salutem te amici: saluta amicos nominatim: quis tam insulam oppositionem non rideat?*

Secunda pusillum habet difficultatis, quam etsi resolvere praesentis instituti non est, quippe quae ad tractatum de fide pertineat; paucis dicam quod ejus repulsioni satis superque futurum sit. Nego itaque ullam Jacobum inter & Paulum esse pugnantiam; si quidem uterque fidei & bonorum operum, ad iustitiam & salutem necessitatem, pariter adstruit. Paulus enim non secus ac Jacobus fidem vivam & caritate operantem ubique requirit. Sic 1 ad Cor. c. 13, v. 2, *si habuero, inquit, omnem fidem, ita ut montes transferam, caritatem autem non habuero, nihil sum:* & Ep. ad Galatas c. 5, v. 6, *in Christo Jesu, neque circumcisio aliquid valet, neque praecipitum: sed fides quae per caritatem operatur:* itaque ex Apostolo, in hoc Religio tota consistit, ut fides habeatur, non languens & mortua, sed viva & actiosa per caritatem. „ Ipsa fides, inquit S. Aug. ad ejus auctoritatem attendens. (serm. 53, al. 14) definita est, quae per dilectionem operatur: tolle fidem, perit quod credis: tolle caritatem, perit quod agis. Fidei enim pertinet ut credas; caritati, ut agas: si enim credis, & non amas, non temoves; ad bonum opus . . . illa ergo fides mundat; cor, quae per dilectionem operatur, . . . & alibi, explicans haec verba Joannis (tract. 10 in Epist. S. Joannis): *omnis qui credit, quod Jesus sit Christus, ex Deo natus est:* „ quis est, inquit, qui non credit, quod Jesus sit Christus? quis non sic vivit, quomodo praecipit Christus: multi enim dicunt: „ *credo: sed* fides sine operibus non salvat: „ opus autem fidei, ipsa dilectio est, dicente Paulo Apostolo: „ *fides quae per dilectionem operatur . . . sine dilectione fides inanis est: cum dilectione, fides Christiani: sine dilectione, fides daemonis . . . adde huic fidei dilectionem, ut fiat fides qualem dicit Apostolus Paulus: fides quae per dilectionem operatur: invenisti Christianum* „ &c. „ dubium itaque non est, quin utriusque Apostoli, eadem Doctrina, eadem sententia sit: nec putandum, quod ait Paulus: *credidit Abraham Deo, & reputatus est illi ad iustitiam: ei esse contrarium, quod dixit Jacobus: Abraham pater noster, nonne ex operibus justificatur est?* &c: hoc enim dicebat Paulus, ut ostenderet nemini bona opera quantervis oculis hominum excellentia, ante fidem & gratiam, ad salutem quidquam prodesset;

desse; & Hæretorum temeritatem reprimeret jactantiam se legis operibus promeritos esse, ut ad Evangelium vocarentur in contrarium statuit eximius gratiæ prædicator, nemini justificationem ex operibus legis contingere; sed ex fide in Deum, quæ Abraham reputata est ad justitiam, ante datam ei circumcisionem, quam postea accepit, futurus, non lege, sed justitia fidei, pater omnium qui ipsius fidem imitarentur. Jacobo vero, sicuti & Petro, & Joanni, & Judæ in Epistolis canonicis, ut observat S. Aug. (in lib. de fide & operibus c. 14) in primis erat propositum, hanc stabilire veritatem: fide, bonis operibus destituta, salvari neminem posse: ab ipsis enim Ecclesiæ exordii, discipuli Simonis Magi, & deinceps Nicolaitæ, quorum errorem Lutherani & Calvinistæ postremis temporibus excitarunt, fidem otiosam, omnique bono opere vacuum, ad salutem sulcicare prædicabant, hisdemque ad disseminandum errorem, quæ opponunt recentiores hæretici, testimonio B. Pauli perperam intellectis abutebantur. Jam existimo neminem esse qui non videat, bene invicem B. Pauli, & Jacobi Apostoli coherere sententias: aliud enim est affirmare, neminem propriis operibus, fidem & gratiam promereri, quæ Pauli Doctrina est: aliud, neminem sola fide, sine caritate & bonis operibus, salutem consequi posse: quod non Jacobus solum, sed tota Scriptura, ipseque Apostolus clamat: verum de his plusquam satis in præsentia. Jam ut illic, unde paululum digressa est disputatio revertatur:

Inst. 2. Non licuit Apostolo, privata auctoritate Sacramentum aliquod instituire; hoc enim jus summum est Christi. Cum ergo extremæ unctionis institutio Jacobo attribuitur; tenere veri Sacramenti locum non potest: *tamen si etiam esset Apostoli (hæc Epistola,) inquit Lutherus, (in lib. de Captiv. Babil.) dicerem non licere Apostolo sua auctoritate Sacramentum instituire: hoc enim ad Christum solum pertinebat.*

R. Concesso antecedente neg. cons. & suppositum argumenti: novo se laqueo implicat Lutherus, quando extremæ unctionis mandatum & institutionem in S. Jacobum refundit: quanto verius Catholici sic concludunt; extremæ unctionis institutionem Jacobus in Epistola canonica commendavit; atqui non licuit Apostolo privata auctoritate instituire Sacramentum: non ergo judicio proprio, sed Christi supremi legislatoris jussu, extremæ unctionis legem Apostolus promulgavit: hanc enim necessariam esse illationem fatebitur quisquis erit mediocriter Christianus, & sciverit Apostolos in divinis mysteriis nihil sibi præter

ministerium arrogasse: quo posito inconcusso principio, necessario sequitur, quidquid in Evangelio, & litteris canonicis legitur præceptum, Deo auctore præceptum: hinc Gregorius Proto-Syncellus supra citatus (in Epist. dogmatum Eccles. cap. 67 Sac.) imperatam; inquit, a Christo extremam unctionem, inde monstratur, quia est ab Apostolis observata: & Meletius Syrigus: (in refutatione articulorum Cyrilli Lucar.) certo credimus, ait, oleum . . . ab ipso Christo præscriptum: eo siquidem Apostoli utebantur . . . idemque nobis facere præceperunt . . . nec enim credibile est, paria jussuros Apostolos, nisi mandatis a Domino habuissent . . . unde manifestum sequitur, nihil quidem Apostolos, præter præcepta Domini intinuisse; nihil a se ipsis dixisse, quod pro humana institutione haberi possit; sed illud tantum quod ab ipso Deo & Salvatore nostro Jesu, etque consubstantiali Spiritu Sancto acceptum.

Inst. 3. Atqui non debent verba Jacobi intelligi de Sacramento proprie dicto. Ergo &c. prolixius verba quibus significatur gratia curationum, quæ primis temporibus fideles divinitus donabuntur, quæque gratis annumerabatur, non debent accipi de Sacramento proprie dicto; atqui, iniquum hæretici, verba Jacobi gratiam curationum significant, videlicet gratis datam, Apostolis, primisque fidelibus ideo concessam, ut fides efficacius persuaderetur, & signis visibilibus confirmaretur. Ergo &c.

R. neg. subs. ad probat. concessa maj. a. min. & dico putidum hoc hæreticorum esse figmentum, a Patribus Trid. anathemate percussum: canone enim 2 supra laudato: *si quis dixerit, inquit, sacram infirmorum unctionem . . . jam cessasse, quasi olim fuerit tantum gratia curationum: anathema sit.* Absurdum autem, & a Jacobi mente alienissimum, hoc hæreticorum esse interpretamentum, duo quæ sequuntur momenta evincunt.

1. Est: quæcunque præcepta in hac epistola tradit Jacobus, ad omnia tempora pertinent: ridiculum ergo est, mandatum de infirmis utendis ad solam Apostolorum ætatem restringere: & vero generale hoc esse mandatum, & ad omne legis Evangelicæ tempus sine limite pertinere; præter Innocentium I Pontificem Max. Gregorium M. in Sacramentario, Græcos & Orientales in euchologiis, & alios denique superius numero magno citatos, S. Aug. expresse significat, in lib. cui titulus est: *speculum*: ibi enim varia congerit testimonia, quibus Christiano cuilibet, quid agendum, quidve sit vitandum præscribitur; atque inter ea, quæ res agendas commendant, Jacobi

cobi sententiam allegat: *infirmatur quis in vobis? inducat Presbyteros Ecclesie* &c. ætate ergo S. Aug. Sacerdotes vocare solemne erat, ut fideles ægrotantes inungerent, eisque per sacram unctionem cum oratione conjunctionem, peccatorum remissionem impartirentur: atque adeo credit S. Doctor, unctionem hanc non gratis datam, sed veris legis Evangelicæ Sacramentis annumerari.

2. Est: Jacobus gratiæ de qua loquitur solos Presbyteros declarat esse ministros: *inducat, inquit, Presbyteros Ecclesie, & orent super eum* &c. atqui gratia curationum non Presbyteris tantum, sed & aliis quibuscumque Deo visum erat, prima Ecclesiæ ætate concedebatur: *divisiones gratiarum sunt*, inquit Apostolus, (1 Cor. 12, 4, & seq.) *alii quidem per spiritum datur sermo sapientiæ . . . alii gratia sanitatum, alii operatio virtutum . . . hæc autem omnia operatur unus atque idem spiritus dividens singulis prout vult*: non ergo loquitur Apostolus de gratia sanitatum gratis data: alioquin dicere non debuisset: *inducat presbyteros Ecclesie*: sed: *indifferenter, eorum aliquos qui fuerint gratiæ sanitatum divinitus instructi, accersat*.

Inst. 4. De ea gratia debent verba Jacobi intelligi, de qua apud Marcum mentio fit his verbis: (Mar. 6, 13) *exeuntes* (discipuli) *predicabant ut penitentiam agerent, & demonia multa ejiciebant, & ungebant oleo multos ægros, & sanabant*; atqui nihil hic præter gratiam corpora sanandoccurrit: idem ergo de verbis Jacobi dicendum.

R. Nego maj. verba enim Marci, ut ex ipso contextu patet, ad solam corporum curationem pertinent: verbis vero Jacobi significatur, non corporis tantum, sed & animæ curationem, unctione quam præcipit, obtinendam: *allevabit, inquit, cum Dominus*; &c. *si in peccatis sit, remittentur ei*: dicendum itaque, non hoc præcisè præcipi a Jacobo, quod in Marci Evangelio factum ab Apostolis legimus; sed, quod in niraculo dum Apostoli a Christo missi prædicabant, præcesserat, figuram Sacramenti fuisse, quod postea a Christo institutum, Jacobus ejus imperio promulgavit: hinc Trid. patres: *institutum est*, inquirunt, (sess. 14, c. 2) *sacra hæc unctio infirmorum, namquam vere & proprie Sacramentum novi Testamenti, a Christo Domino nostro, apud Marcum quidem insinuatum, per Jacobum autem Apostolum ac Domini fratrem, fidelibus commendatum, ac promulgatum*: aliud porro est, Sacramentum insinuare, & ejus aliquam veluti præsentationem præmittere, quod etiam in figura fieri potest: aliud commendare & promulgare: nec ab hac sententia Græci di-

scerebant, qui licet ex Marci c. 6, præscriptam a Christo unctionem deducant; vim tamen Sacramenti, & gratiæ spiritualis producendæ virtutem, quæ ejus propria est, ex verbis Jacobi præcipue inferunt: sic Simeon Thessalonicensis, eo fide dignior, quod Lutheri & Calvini ætatem longe præcessit: „oleum“, Sanctum, inquit, (in lib. de Sacr.) *traditione nobis est commendatum: velut cæremonia Sacra, Typum divine misericordiæ gerens, ad liberationem & sanctificationem eorum qui a peccatis convolvuntur*; neque solum remissionem peccatorum & sanctificationem; sed & morborum curationem producens: dedit hoc Sacramentum Christus, cum discipulis binos & binos ante semisit, ut penitentiam prædicarent: unde manifestum est, Sanctum hoc oleum, penitentitæ veluti complementum esse: dæmonia multa abegerunt, & ægros multos oleo ungendo sanarunt: indeque ostenditur, oleum consecratum penitentibus concedi, ægros sanare; neque ad corporum tantum, sed & ad animarum medicamentum conferre, prout testatur Jacobus Domini frater: *infirmatur quis in vobis? &c.*

Inst. 5. Seve Sacramentum olim extrema unctio dicta fuerit, seu alio quovis nomine appellata: certum tamen est, nullum ejus nunc temporis usum esse: cæremonia enim cujus nullus comparet effectus, otiosa & inutilis esse existimanda; atqui unctionis, quam extremam vocant, effectus jam nullus est: ubinam enim gentium eos reperias, de quibus audeas affirmare, quod unctionis efficacia ad sanitatem præstinam convalescerint? fatendum ergo non pro Sacramento in perpetuum duraturo, sed pro cæremonia temporaria, olei unctionem primis temporibus institutam: si unctio ista, inquit Lutherus (lib. de Capito. Baby.) *Sacramentum est, debet sine dubio esse (ut dicunt) efficax signum ejus quod signat & promittit: at sanitatem & restitutionem infirmi promittit . . . quis autem non videt, hanc promissionem in paucis, imo in nullis impleri? inter mille enim vix unus restituitur: idque nemo Sacramento, sed naturæ, vel medicinæ beneficio fieri putat*: nec minore audacia Calvinus: (lib. 4 insitut. cap. 19) *evanuit, ait, gratia illa curationum, quemadmodum & reliqua miracula, quæ (Christus) ad tempus edidit voluit*.

R. Nego ant. ad probat concessa mihi. n. mia. constans enim & perpetuus unctionis effectus, quem in subjectis bene dispositis, non secus ac alia Sacramenta, ex opere operato producit, quinque etsi oculis corporalibus non videmus, fidei intuitu cernimus, remissio peccatorum est, ejus celebrationi ex Christi promissa in-

filli-

fallibiliter annexa: alterum porro effectum, qui est corporalis restitutio sanitatis, quoniam secundarius est, etsi fatemur non semper, neque vulgo obtineri, negamus tamen nunquam produci; & Lutheri horremus insaniam, naturæ plus & Galeno, quam unctioni divinæ, ad vires refocillandas attribuitis: quo enim magister homo sacrilegus didicit, si quis accepta unctione sanetur, non Sacramenti virtute, sed naturæ, vel medicinæ beneficio fieri? numquid enim vero potentior est ad sanandum natura, quam auctor naturæ? numquid artis iudices non tam regulis quam conjecturis magis credendum, quam Sp. bando dicenti: *infirmatur quis in vobis*, &c. *at, inquit, inter mille vix unus restituitur*: quid inde? quandonam enim Ecclesia credidit, unctione olei infallibiliter morbos corporales curari? aut quandonam putavit, posse quemquam divino Sacramento opitulante, consequi in hac vita corporis immortalitatem? cum e contrario hæc ejus semper fuerit fides, recreationem a morbo, extremæ unctionis secundarium ac conditionatum esse effectum, qui non aliter, nisi quatenus ad æternam ægroti salutem conducibile fuerit, obtinetur: *res igitur effectus hujus Sacramenti*, ait Concilium Trid. (*Sess. 14, cap. 2*) *illis verbis explicatur: & oratio fidei salvabit infirmum: & alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, dimittentur ei: res etenim hæc gratia est Sp. Sancti: ejus unctio delicta, si quæ sint adhuc expandi, ac peccati reliquias abstergit, & ægroti animam alleviat & confirmat, magnam in eo divinæ misericordiæ fiduciam excitando: qua infirmus sublevatus, & morbi incommoda ac labores levius fert; & tentationibus demonis calcaneo insidiantis, facilius resistit: & sanitatem corporis interdum, ubi salutis animæ expeditur, consequitur: ita Patres Trid. quibus plene Græcorum doctrina consentit: sic confessio Orthodoxa supra laudata, fructus hujus Sacramenti, sunt, inquit, (*quest. 119*) *quos velut ei proprios S. Jacobus Apostolus explicat; videlicet remissio peccatorum, animæ salus, corporis denique sanitas: quam etsi non semper importet, semper tamen animam per remissionem peccatorum, in meliorem statum restituit . . . & Meletius Syreus: (in refutatione articulorum Cyrilli) per unctionem hujus Sancti Olei, quod est lætitiæ symbolum, animam ægotantem, postquam reconciliata Deo fuerit perfundentis, non solum corporalis sanitas sæpe restituebatur; dona nimirum invisibilia, per effectus visibiles Deo attestante: verum & remissio peccatorum promittitur: ait enim S. Jacobus: alleviabit ægotum Dominus, & si in peccatis sit, remittetur ei: unde sequitur, id quod a nobis *ὑγιαινειν*, sive oleum**

cum prece vocatur, vere sacrum mysterium, id est Sacramentum esse.

Hincque refutata Calvinii præsumptio manet, inde inferentis extremam unctionem abolitam, quia gratiacarationum evauit, quemadmodum & reliqua miracula, quæ Christus edi ad tempus sub initium nascentis Ecclesiæ voluit: quasi nimirum non ad animarum sanctificationem, sed ad sanitatem corporum Sacramenta fuerint principaliter instituta; aut quasi repudiari ideo debeant, quia dudum miracula desierunt, quæ in eorum administratione, ad confirmationem Evangelii, & splendorem fidei, Deo sic volente fiebant: quæ ratio si aliquid pondus haberet, non modo extremæ unctioni, sed nec confirmationi, & ne baptismi quidem maneret locus: constat enim primis temporibus, in baptismatis, & manuum impositionis administratione, sæpe miracula edita: sic B. Paulus dum ab Anania tingeretur, *virum recepit, & ceciderunt ab oculis ejus tamquam squamæ: (Act. 9, 18)* ita pariter ad impositionem manuum Apostolorum Neophyti loquebantur *linguis & prophebant, (Act. 19, 6)* cujusmodi prodigia frustra quis hodie vel requireret vel speraret; numquid ideo diuturnus, baptismus & confirmationem evanuisse? ne putidam, & homine parumper sapiente prorsus indigam Theologiam? quanto solidius catholica Ecclesia, columna & firmamentum veritatis, sic Apostolicis exemplis & documentis instituta discurrit? etsi primis temporibus, sacra unctione adhibita plerique a languoribus sanarentur, non omnes tamen ad infirmitate convalescebant, nec erga omnes hoc miraculum Deus fieri concedebat: atqui non ideo putaverunt Apostoli unctionem ægotantium esse negligendam: quin nec a proximis eorum discipulis abolenda credita est, nequam ubique gentium fide propagata & confirmata, fieri hæc miracula penitus desierunt: quorsum vero? nisi quia Sanctis Antistitibus erat persuasum, cessantibus exterioribus signis, eandem in unctione sacra, ad peccata deleanda, esse virtutem? ergo temeritatis sacrilegæ convinctur recentiores hæretici, primi omnium mortalium, contra divinum canonem, contra universalis Ecclesiæ regulam, contra mores & instituta majorum, vano hoc prætextu quod miraculi dudum fieri in unctione desierint, extirpandam obtendentes.

II

Discuritur objectio secunda.

Opponunt 2. Ritus hanc, Sacramentum novæ legis esse non demonstratur, cujus nulla in scri-

scriptoribus quatuor priorum sæculorum memoria est, etiam ubi Sacramenta & sacras Ecclesie caeremonias ex professo expendunt & explicant; atqui quatuor priorum sæculorum scriptores de extrema unctione mentionem nullam faciunt, in iis ipsis libris, in quibus ex professo de re Sacramentaria disserunt: ergo &c.

R. 1. Transeat major, & n. min. extremæ enim unctionis, 3, & 4 sæculo, *Origenes*, & *S. Joannes Chrysost.* ut prædiximus, meminerunt: deinde unctionem infirmorum remotissimis temporibus fuisse notissimam, & ubique in Ecclesia observatam, quisquis bonæ fidei erit in *Ep. Innocentii I* Pontificis Max. recognoscet: vixit ille quinto ineunte sæculo: consultus a *Decentio* Eugubino Episcopo, utrum verba *Jacobi*: *infirmatur quis in vobis?* deberent de infirmis intelligi a sacerdotibus iniungendis? utrum pariter esset poenitentibus hæc unctio concedenda? plena affirmatione respondet: *non est dubium*, inquit, (*Ep. ad Decent. cap. 8*) *de fidelibus egrotantibus accipi vel intelligi debere, qui sancto oleo chrismatis perungi possunt: quo ab Episcopo confecto, non solum Sacerdotibus, sed omnibus uti Christianis licet, in sua aut suorum necessitate iniungendo . . . poenitentibus infundi non potest, quia genus est Sacramenti; nam quibus reliqua Sacramenta negantur, quomodo unum genus putatur posse concedi?* qua enim fronte non esse dubium diceret; & *genus Sacramenti*, unctionem hanc appellaret, non secus ac cætera Sacramenta poenitentibus denegandum, si de re nova, & inusitata majoribus loqueretur: cum nusquam magis dubio locus sit, quam ubi de novo more, maxime in rebus ad religionem spectantibus agitur? ætate igitur *Innocentii* vulgata res erat, nec recenter usurpata, sed omnium Ecclesiarum antiqua cõnensione recepta, extremam unctionem, verum esse Sacramentum.

Nec est quod in contrarium dubitatio *Decentii* opponatur, dixerit eam forte aliquis: si ita ut volumus, omnibus hoc tempore erat persuasum extremam unctionem Sacramentum esse; qui fieri potuit, ut *Decentius* Episcopus, Romæ adeo vicinus, de re Lippis & Tonsoribus nota ambigeret, & questione tam parvi momenti, auribus *Innocentii* obstreperet?

Hæc, inquam, nihili viellitigatio est, & si quid probat, ad summum probat, vel *Decentium*, quod scire ejus maxime intererat, supina officii negligentia ignorasse: vel si sciverit, obortam forte in sua provincia quorundam de veritate certissima dubitationem, auctoritate majori, supremi videlicet Ecclesie pastoris oraculo compescere voluisse: innumera id genus exempla, Sum. Pontificum responsa, diver-

sis data occasionebus exhibent: unde si quis probare vellet, res de quibus consulebantur; fuisse in Ecclesia incertas ac dubias, derideadum se præberet.

R. 2. Nego maj. non enim ex quorundam silentio, aliquod inficiari fas est, quando aliunde argumentis affirmativis invicte adstruitur; atqui extremam unctionem verum esse Sacramentum, a primis usque temporibus, argumentis convincentissimis demonstratur: hanc enim in Evangelio Marci insinuatam, in *Ep. canonica* promulgat Apostolus Christi, 3 sæculo commendat *Origenes*, 4, & sequentibus, Patres & numerosissima Concilia, quodque omnium validissimum est, rituales libri Latinorum, & Græcorum atque Orientalium Euchologia prædicant: ergo extremam unctionem verum esse Sacramentum, universa tenet, & tenuit ab antiquo Ecclesia, quam in re tanti momenti errare posse aut potuisse qui dixerit, pariter dicere poterit ac debuit, omnino non esse: unum enim idemque foret, a fide Ecclesiam universam deficere, ac Ecclesiam ipsam perire.

Inst. 1. Si primitus foret creditum, extremam unctionem esse Sacramentum, suam de hac re mentem antiqui patres, saltem occasione nata aperuissent; atqui etiam cum se dedit occasio, nec minimum de illa fecere verbum.

Sic enim e. c. S. Aug. *Heracleonitarum* errorem exponens, (*lib. de Heres. cap. 16*) affirmat, ab iis morientes suos, novo modo quasi redimi, idest, per oleum, balsamum, aquam, & invocationes Hebraicis verbis conceptas: hic sane si unquam alibi, opportunitas erat de sacro infirmis iniungendi ritu, divina institutione accepto, loquendi, & superstitionem diabolicam catholicæ veritatis oppositione refutandi: plane tamen siluit S. Doctor: non ergo existimavit extremam unctionem esse Sacramentum.

Deinde: negari non potest commemorandæ extremæ unctionis opportunitatem esse, cum piorum hominum vita describitur, & ultima gesta narratur: incuriosi enim foret historici, quæ ab amicis Dei, tum in vitæ cursu, tum in ultima periodo ad præclaro exemplo sunt, posteris invidere; atqui non meminerunt extremæ unctionis antiqui patres, etiam dum piorum hominum & vita exunctium ultimos sensus & facta postrema describunt: non meminit *Eusebius* in vita *Constantini* Imperatoris: non *Athanasius*, in vita *S. Antonii*: non *S. Gregorius Nazian.* in vita sororis suæ *Gorgonie*, in oratione funebri *Gregorii* patris sui, & in laude *S. Basilii*: non *S. Gregorius Nyssenus*, *Gregorii Neocæsariensis*, *Ephremi*, & *Macri-*

Macrine sororis suæ mortem describens: non *S. Ambrosius* in orationibus quibus fratrem suum *Satyrum*, & *Theodosium Augustum* laudavit: non *Severus Sulpicius* in vita *S. Martini*: non *Simeon Metaphrastes* cum *Chrysostomi*, non *Paulinus*, cum *Ambrosii*, non *Hieronymus*, cum *Nepotiani*, *Paulæ*, & *Marcellæ*, non *S. Aug.* cum *Monica* matris, non denique *Possidius*, cum ipsius *Augustini* obitum narrat: ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. Sanctos enim Patres de extrema unctione, nata occasione frequenter esse locutos, probant adducta ex Origene, S. Chrysost. Innocentio I., S. Aug. S. Cyrillo Alex. Gregorio M. Bernardo, & multis aliis testimonia: quibus unum (inter multos quos laudare in promptu esset) quoniam summæ auctoritatis est, in præsentii addere juvat. *S. Eligium* dico, septimo sæculo Noviomensem Episcopum, virum plane Apostolici spiritus, cujus hæc ad populum suum frequens exhortatio erat, ut refert in ejus vita *S. Audoenus Rotomagensis Episcopus*: (lib. 1. cap. 15, vide *Dacberium tom. 5. spicilegii*) quoties aliqua infirmitas supervenerit, non querantur . . . divini, non sortilegi; nec per fontes aut arbores, vel bivros diabolica phylacteria exercentur: sed qui ægrotat, in sola Dei misericordia confidat, & *Eucharistiam corporis* & *Sanguinis Christi*, cum fide ac devotione accipiat, oleumque benedictum fideliter ab Ecclesia petat, unde corpus suum in nomine Christi ungat: & secundum Apostolum oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus; & non solum corporis, sed etiam animæ sanitatem recipiet.

Ad Argumenta in contrarium respondeo sigillatim.

Et 1. Quidem quod S. Aug. spectat, fateor loco citato supersticiosas *Heracleonitarum* invocationes, & prophanas actiones, quibus morientes suos redimere satagebant, describi: fateor pariter S. Doctorem, pravitate hæreticæ oppositione Catholici dogmatis hoc loco non refutare: sed nego quidquam inde veritati præjudicari: imo inficior locum hic Augustino fuisse Christianam unctionem stabilivisse: id quod ex ejus scopo demonstro: hoc enim unum in libro de hæresibus sibi proposuerat, diversas hæreses, in quo quæque posita esset, compendio recensere, non refutare dogmaticæ: quid ergo mirum, si *Heracleonitarum* prophanas cæremonias memoranti, nullum de Sacramento Christi verbum exciderit? & quid tandem ex hujus loci silentio elicere hæretici, in sui erroris gratiam possunt; si constet alio loco a S. Doctore, velat ad legem Evangelicam pertinens, esse prædicatum? nam, ut præ-

De Re Sacram. T. III.

diximus, in libro cui titulus *speculum*, inter ea quæ ad vitam Christiane agendam, ex libris canonicis pertinent, præceptum Jacobi Apostoli inculcat: *infirmatur quis in vobis? inducat prebiteros Ecclesie &c.* existimavit ergo infirmos ungendi mandatum ad totum generatum novi Testamenti tempus extendi; cum de eorum numero sit, de quibus in præfatione prædixerat: *de his igitur, quæ sunt posita in litteris sacris, vel jubendo, vel vetando, vel sinendo; ut etiam nunc, id est tempore novi Testamenti, ad vitam piam exercendam, moresque pertineant, hoc opus quod in manus sumpti, compomere aggressus sum: ut quantum me Deus adjuvet, omnia talia de canonicis libris colligam, atque ut facile inspicere possint, in unum tamquam speculum congeram.*

Ad 2 non una & simplex responsio est.

1. Fateor piorum hominum vitam scribentibus commodam satis offerri occasionem extremæ unctionis commemorandæ: sed nego ita hoc esse necessarium, ut si de ea siluerint, argumento sit, unctionem nec ab historicis, nec a sanctis heroibus, quorum gesta describunt, pro vero Sacramento habitam esse: potuit namque hæc vitæ circumstantia, quippe nihil singulare habens, quotidianum omnium experimento & usu notissima, facileque a lectoribus supplenda, prætermitti ac negligi: quod ne gratis dictum putetur palmari exemplo demonstro: sine dubio credidit S. Bernardus, extremam unctionem verum esse legis Evangelicæ Sacramentum, quod ex vita S. Malachie ab ipso digesta evidens est: deinde Bernardum antequam vitam clauderet, extrema unctione donatum, imprudens negare fuerit: cum enim inopino casu præventus non sit; mortemque ipse suam præviderit ac prædixit: certissime quo erat pietatis affectu, & sensu humilitatis, sacrum remedium non desepit, cujus tantam ad peccatorum abstergendas reliquias, & ægrotum alleviandum sciebat esse virtutem; atqui extremam unctionem a S. Bernardo susceptam, scriptum nullibi reperimus: quemadmodum ergo nihil ex ejus historicorum silentio, contra veritatem hujus Sacramenti inferitur: ita nec *Athanasis*, *Gregorii*, *Hieronymi*, *Aug.* in gestis sanctorum scribendis de eodem Sacramento taciturnitas, contra veritatem aliunde compertissimam quidquam probat:

Est & alterum hujus rei, nec minus efficax argumentum: quantocius moriturus, in modum viatici Eucharistiam esse dandam, reveraque datam fuisse, antiquissima regula est ac disciplina Ecclesiæ: *de his quis ad exitum veniunt*, ait Nicæna cæcum. Synod. anno 325 coacta, (can. 13) *eigam nunc lex antiqua regularisque*

Q 9.

serva-

servabitur; ita ut si quis egreditur a corpore, ultimo & necessario viatico minime privetur: jam sic instauro argumentum: atqui neque S. Gregorius Nazianz. in vitis sororis Gorgoniae, Gregorii patris, & Basilli; nec Gregorius Nyssenus in adis Gregorii Neocæsariensis, Ephroni, & Macrinae sororis; nec S. Ambrosius in orationibus de morte Satyri fratris, & Theodosii Augusti, nec Severus Sulpitius in vita S. Martini; nec Hieronymus cum illustrium virorum ac sceminarum mortes celebrat, meminerunt viatici sacri ab iis accepti: ergo quemadmodum perperam ex eorum silentio inferretur, homines adeo sanctos viaticum corporis & sanguinis Domini neglexisse, idem de extrema unctione omnino dicendum; non ideo videlicet memoratam non esse, quia recepta non fuerat, sed quia quominus accepta foret, vocare in dubium non licebat.

2. Dist. maj. piorum hominum vitam, & postrema gesta narrantibus, opportuna se offert extremæ unctionis memorandæ occasio; si eam revera receperint, conc. secus, n. maj. & concessa min. n. conseq.

E. R. Exempla plurima ex antiquis illustrium virorum ac sceminarum historiis, labore summo illoquidem, summo opere tamen inutili Lutherani ac Calvinistæ quæsiervunt: constat enim ideo in eorum actis de extrema unctione tacitum esse, quia eam magna pars non receperat.

1. Namque Clinici, ii nimirum qui baptismum ad ultimum usque vitæ tempus, itemque alii, qui ad provectiorem ætatem, non expectato ultimo morbo differebant, in quo numero Imperator Constantinus fuit, extremæ unctionis, quippe iis minime necessariæ, expertes e vita migrabant.

2. Illam recipere nec poterant, nec debebant, quos inopina mors, nulla ægitudine prævia, e vivis tollebat: constat porro J. Joannem Chrys. S. Paulum Eremitam, Paphnagium, Simeonem Stylitam, & plerosque alios morte subitanea interceptos.

3. Nec ea forte donabantur quos constabat innocentem egisse vitam, neque penitentiam, cujus consummativum extrema unctio est, egiisse vitam: quid enim mirum si quos fama erat Anglicam mæis, quam humanam duxisse vitam, & ab omni peccati contagione liberos in sanctitate perseverasse; absque unctione quæ peccati attestatio est, & penitentię supplementum, ad treatorem remitterentur? hujusmodi porro multos non ambigimus aureis his ætatibus sanctitatis opinione, & factis heroicis conspicuos extitisse, præsertim vero Episcopos qui officii memores ad

perfectiorem continuò contendebant, & forma gregis effecti, fastigium ejus attigerant, a bonis operibus nunquam cessantes, & perpetuum sæculi passionibus bellum inferentes: quo in numero si Gregorium Nazianzenum patrem, Gregorium Neocæsariensem, Martinum, Ambrosium, Aug. & alios in objectione laudatos reponimus, non venerunt ut mendacii, aut pravæ adulationis redarguamur.

Est & tertia ad idem argumentum responsio: concessa enim maj. minorem distinguimus: non meminerunt extremæ unctionis antiqui patres, dum virorum illustrium gesta postrema describunt; non meminerunt, inquam, *expresse*, conc. *implicite*, n. min. & conseq.

E. R. Cum extrema unctio, ut sæpe diximus, penitentię complementum sit, ac veluti appendix quos veteres historici attestantur, in exercitio penitentię obisse, facile intelligitur percepisse Sancti Olei unctionem: porro nihil in vitis sanctorum occurrit frequentius, quam eos ubi sentirent instare obitum diem nihil neglexisse quod intelligerent ad veram penitentiam pertinere: sic de S. Fulgentio, Ferrandus ejus Diaconus, *postrema sua*, inquit, *penitentię consecravit*: & de S. Aug. Possidium, *sentiebat*, inquit, *post perceptum baptismum, etiam laudatos Christianos, sacerdotes, absque digna & competenti penitentia exire de corpore non debere*: quod etiam ipse fecit, ultima, qua defunctus est, ægitudine: quid ergo obstat, quominus sub generico penitentię nomine, extremam unctionem intelligamus?

Inst. 2. Auctores qui a 3 sæculo ad 9 vitas sanctorum scripserunt, perceptæ ab iis Eucharistiæ sæpe meminerunt, nunquam vero extremæ unctionis: quod exemplis innumeris demonstrare in promptu foret: ergo non credebant extremam unctionem esse Sacramentum.

R. 1. Nego ant. nam de *Tresano* sæculi 6 presbytero, in vita ejus narratur: (vide Bollandum *jun. 2 Februarii*) quod oleum sanctæ reconciliationis accepit, & cum cordis intima contritione, & humilitate suscepit. . . . quæ postquam explevit, viaticum petiit: de Beata Gunpunda, quæ vixit 7 sæculo, Auctor Anonymus ejusdem ætatis sic scribit: (P. Surium in *ejus vita* cap. 14) *at illa conversa ad eos qui illic assidebant presbyteros, sacre unctionis oleum, & Eucharistiam sibi petit ministrari*: unctionem pariter a Carolo M. acceptam, testis est Eparchius in *ejus vita*: idem de S. Mauri, Prudentius Trecentis Episcopus; de Adelardo Corbejensi Abbate, Paschasius Ratbertus; de Remberto Brunensi Episcopo, auctor coætanæ, idem denique de

pleris.

plerisque aliis multi attestantur: ergo falsum est, a sæculo quinto ad nunc nullibi memoriam extremæ unctionis occurrere.

Iam si causa queratur, cur non adeo communiter hujus Sacramenti mentio fiat: præterquam quod, ut superius diximus, rem non omnium peneque quotidianam scriptores Ecclesiastici commentariis suis inserendum non putaverunt: est altera in promptu ratio: cum enim sacrum Eucharistiæ Viaticum olim post extremam unctionem recipere: divino oleo uncti debent intelligi, quos legimus corpore & Sanguine Christi ante obitum refectos; quomodo Sacramentum penitentis intelligitur expiatur, qui dicitur donatus viatico, etiam si præviæ reconciliationis, sacerdotali ministerio acceptæ, mentio aperta non fiat.

R. 1. Dato anteq. n. consej. nam ex eo equidem quod scriptum ab aliquo reperimus, probatur quid senserit: sed non vice versa ex scriptoris silentio sequitur, eum id non tenuisse, quod tacuit: præsertim si aliunde arguentis affirmantibus adstruantur, communem de qua agitur, fuisse veteri ætate doctrinam, & omnium consensu receptam: porro fidem extremæ unctionis, ejusque suscipiendæ disciplinam, a quinto sæculo ad nunc ubique viguisse, negabit nemo qui vetera, quæ par est sinceritate, consulet monumenta.

1. Enim Lutherani & Calvinistæ negantes 7 sæculo in more fuisse sacro oleo infirmos inungere, explicant nobis quid his Innocentii I. Pontificis Max. verbis velint debere intelligi: non est dubium verba Apostoli Jacobi, de fidelibus egrotantibus accipi debere, qui sancto oleo chrismatis perungi possunt. . . . penitentibus istud infundi non potest, quia genus est Sacramenti; nam quibus reliqua Sacramenta negantur, quomodo unum genus putatur posse concedi?

2. Si 6 sæculo in Romana Ecclesia infirmos inungendo consuetudo non viguit, qui fieri potuit ut Gregorius M. qui hac labente ætate universam regebat Ecclesiam, in Sacramentario suo materiam, formam, ministerium, subiectum, ritum denique hujus Sacramenti præscripserit?

3. Qua sorte contingit ut Græcorum & Orientalium vetustissima Euchologia *ἰσχάριον*, sive *ἰσχυριον*, qua ratione esset consecrandam & a presbyteris administrandam, & preces, særæ carceris comites tanta accurate descriperint? quæ enim isthæc dementia foret, rem nullibi neque fidam, nec faciendam, in libris usui quotidiani, & ad communem disciplinam spectantibus imperare?

4. Si incognita 7 sæculo extrema unctio erat, quis tandem potest sensus esse verborum

Theodori Cantuariensis in lib. penitentiali discernentis, infirmos, ne illi janua pietatis clausa videatur, orationibus & consolationibus Ecclesiasticis esse relevandos; sacra unctione olei secundum statuta SS. Patrum inungendos, & communione viatici reficiendos? quid eodem sæculo S. Eligii Noviomensis Episcopi verba significabunt? qui egrotat in solâ Dei misericordia confidat, & Eucharistiam corporis & Sanguinis Christi, cum fide ac devotione accipiat: oleumque benedictum fideliter ab Ecclesia petat, unde corpus suum in nomine Christi ungit: & secundum Apostolum oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus, & non solum corporis, sed etiam animæ sanitatem recipiet.

5. Hæretici, scriptum 8 sæculi silentium adeo magnifice prædicantes capitularia Caroli M. supra laudata evolvant, & quid his verbis significetur edisserant: „ Si infirmitate quis depressus fuerit, vitam sine communione non finiat, nec unctione sacri olei careat... presbyteri omnes oleum infirmorum ab Episcopo expectant, secumque habeant, & moriantur fideles infirmos illud exquirere, ut eodem oleo peruncti, gratia Dei sanentur; „ quia oratio fidei salvabit infirmos: hæc enim 8 sæculo scripta sunt: eodemque tempore Grodegangus Metensis Episcopus in regulam suis Canonicis tradidit, hanc veritatem egregie commendavit, nam c. 61, titulus est: pro infirmis orare, & ungere eos precipitur: inque in contextu capituli, Jacobi Apostoli verba laudantur: infirmus quis in vobis, &c.

6. Denique si 5, 6, 7, & 8 sæculo, nec pro Sacramento habita, & ne cognita quidam extrema unctio fuit, qui fieri potuit ut succedente ætate omnium animos ubique gentium opinio illa pervaserit? quibus artibus, quibus machinantibus in tantam consensionem adduci, Latini, Græci, Orientales, Catholici, Hæretici, Schismatici, & omnium denique mundi partium Christiani nominis sectæ potuerunt, ut peregrinam recentemque doctrinam, nemine contradicente recipere? quæ hæc tam stupenda fuit, unius sive oratoris facundia, sive Antistitis auctoritas, ut gentes diversissimas, Schismate, Hæresi, & odii reciproci dissidentes protinus immutarit, sibi que invicem ad novum errorem acceptandum conciliaret? quibus denique præstigiis & incantamentis, libri rituales, antiquam disciplinam attestantes, & publicis omnium Ecclesiarum tabulariis surreptis & furto sublatis sunt; ut in eorum locum adulterini subrogarentur, nova Sacramenta, novos ritus, nominatimque unctionem antehac iacognitam, sub venerando divinis institutionibus

nis nomine obrudentes? ut enim superius ostensum est, extremam unctionem verum esse Sacramentum omnia Orientis & Occidentis Euchologia clamant; quorum tanta auctoritas est, ut non alio efficacia argumento contra Lutheranos & Calvinistas Graeci Latiniq; pugnant.

Itaque 5, 6, 7, & 8 sæculo, extremam unctionem pro vero Sacramento habitam esse, & a fidelibus communiter observatam, testata res est: monstrum namque fuerit, nulli prodigio comparandum, id quod omnibus præscribebatur, ab omnibus fuisse neglectum; nec vero neglectum tantum, sed pro histrionica hypocrisis habitum; atque adeo contra veritatem tanta nube testium confirmatam, nihil facit eorum silentium, qui vitas piorum hominum describendo, de extrema unctione, quæcumque tandem silendi causa fuerit, tacerunt.

Inst. 3. Etsi traditione probetur unctionis infirmorum antiquissimum esse usum; at non pari facilitate pro Sacramento agnitam demonstratur. „ Patrum textibus, ait Chamierus Calvinistarum pseudo-minister, (lib. 4, de Sac. cap. 21) probatur unctionem fuisse in usu; non prebatur vero eam unctionem esse Sacramentum: illud non imus inficias: neque enim tam ignota nobis historia Ecclesiae: sed quaestiones distinguimus, & quamvis credamus perperam continuatum usum, post sublatum donum sanationum, sicut perperam continuata lumina medio die, ex primo usu nocturno, & linguae Latinae, ex Latinorum consuetudine: tamen non tam sumus faciles, ut persuaderi possimus, omnes ritus usurpatos in christianorum usu, fuisse Sacramenta: vel eorum luminum exemplo, quorum necessitate manifeste sublata, necesse fuit allegorias comminisci: ergo &c.“

Ita Chamierus, Dalleo ejusdem haereseos professori ex hac parte contrarius: iste enim præfractæ negat, (in lib. de extr. unct.) unctionis infirmorum ullum prisca ætate usum fuisse: s enim; inquit, nulla ejus mentio occurrit, in omnibus qui plurimi supersunt, secundi & tertii sæculi libris: 2 ne quarti quidem sæculi patres eam memorant, dum accurate sacra Ecclesiae instituta, ritus, Sacramenta explicant: 3 veteres sex priorum seculorum scriptores, dum piorum mortes describunt, nullam extremæ unctionis mentionem faciunt: 4 quinti sæculi & sequentium, ad nonum scriptores de moribus piorum, Eucharistiae ab iis sumptis meminere sæpius, unctionis infirmorum numquam: 5 poenitentibus in exitu nulli veterum

„ ad nonum sæculum, extremam unctionem vel negasse, vel concessisse leguntur, quibus tamen Eucharistiam alii quidem, at vetustissimi negant; alii, ut qui ab anno 315 deinceps vixerunt, concedunt: 6 extrema unctio occurrit quidem sæculo 7, sed ab extrema unctione Pontificiorum longe diversa est: 7 denique illa vetus unctio, sæculo 11 in eam extremam unctionem transit, quæ nunc est in usu apud Pontifices.“

R. Nego antec. quæ enim momenta probant, extremæ unctionis antiquissimum esse usum, pariter pro vero Sacramento habitam fuisse evincunt; id quod poterat facile Chamierus agnoscere, si non tam morosus fuisset, & ingerenti se veritati docilem aurem accommodasset: nunquid enim, (ut argumenti vim ab ipso fonte petamus) de sola carationum corporalium temporalium gratia Apostolus loquitur, quando dicit: *¶ si in peccatis sit remittentur ei?* numquid Origenes, quando peccatorum expiatriæ poenitentiam graphice describens, (hom. 2 in Levit.) in quo, inquit, impletur *¶ illud*, quod Apostolus dicit: *si quis autem infirmatur, vocet presbyteros Ecclesie*, &c. numquid S. Joannes Chrysost. quando sacerdotibus ecclæ traditam peccata remittendi facultatem, hoc ipso testimonio Jacobi confirmat: *infirmum inter vos aliquis? accersit presbyteros?* (lib. 3 de sacer.) nunquid Innocentius I extremam unctionem Sacramentum expresse appellans, indeque inferens non esse dandam publice poenitentibus, quia, inquit, (in ep. ad Decent.) quibus reliqua Sacramenta negantur, quomodo unum genus putatur posse concedi? numquid Gregorius M. in Sacramentario? numquid Græcorum & Orientalium antiquissimæ auctoritatis Euchologia, unctioni sacræ non corporum tantum, sed multo magis animarum medicandarum virtutem adscribentia? nunquid denique aliorum prolata testimonia, eo efficacius Sacramenti naturam extremæ unctioni assentientia, quod dum scriberent, gratia miraculorum, & corporalium infirmitatum per unctionem medicatio, communis esse cessasset: si itaque tam faciles Calvinistæ non sunt, ut persuaderi possint, extremam unctionem infirmorum, pro vero olim Sacramento esse reputatam; non hoc lucis defectui, quæ undique, sacras traditiones eventibus emicat, sed voluntariæ cæcitati adscribant.

Atque ita ad Chamieri objectionem responsum esto; nam quæ de linguae Latinae, & luminum etiam in plena die, ex veteri consuetudine, retento usu, exprobrat Ecclesiae Catholicæ, quasi perperam fecerit, linguam Latinam, ad Sacram Liturgiam, & officia publica

blica consecrando; itemque accensis luminibus, sacris operando, & Deo Psallendo: hæc, inquam, cum ad rem nihil faciant, expendere præsentis instituti non est: tantum moneo, hanc, aliasque id genus argutas, inniti falsæ hypothese, quod nimirum hæc sola de causa instituta extrema unctio fuerit, ut corpora sanarentur; cum e contrario certum sit, præcipuum ejus imperandæ finem, peccatorum fuisse remissionem: unde etiam si luminum usus foret extirpandus, & lingua vulgaris in divinis officiis admittenda, (quod tamen negamus, & alibi pro merito refutavimus:) minime consequens foret extremam unctionem esse pariter extirpandam, cum ad peccata delenda, fuerit principaliter, & in perpetuum instituta.

De Dallei oppositionibus, quoniam abunde toto disputationis decursu est dictum, quod addamus nil novum occurrit: ostensum enim est, quam contemnendum sit argumentum negativum, quando multorum auctoritas, id quod tacuerunt alii, etiam numero plures, constanter attestatur: non enim cæterorum silentio, sed infirmitate sive contradictione argumentum affirmativum everti debet: porro prioribus sæculis extremam unctionem Sacramentum esse multi affirmant: plerique equidem silent, sed nemo contradicit: itaque idem omnes sensisse putandi, sive qui locuti, sive qui tacuisse comperiuntur. Jam quod ait, unctionem media ætate usurpata, ab unctione Pontificiorum longe esse diversam, nec ante duodecimum sæculum, pro legis Evangelicæ Sacramento habitam, impudens ejus mendacium est, quod facile agnosceret, qui seriem testimoniorum, per singulas percurrere ætates, mediocriter pensitaverit: omnium enim a primo ad ultimum unus est sensus, una ratio; cum omnia & singula, omnes Sacramenti conditiones, protestantium ipsorum judicio necessariae, ritum videlicet externum, gratiæ promissionem, & institutionem divinam extremæ unctioni attribuant.

Jam ut propositum persequamur, sit

CAPUT TERTIUM.

Extrema Unctionis diversa nomina, & de finitio proponuntur.

Quod cæteris Sacramentis commune est, ut habito ad eorum materiam, & formam, subjectum, & effectus respectu, diversis nominibus appellentur, id ipsum Sacramentum, de quo nunc agimus, convenit.

1. Enim habita ratione materiæ, a Græcis ἁγίον ἔλαιον, oleum videlicet sanctum, a La-

tinis modo oleum, modo Sacri Chrismatis oleum appellatur.

2. A materia & forma simul sumptis, Græci ἁγιασμός, quod idem est ac Latine, oratio olei perfusionis conjuncta, dixerunt: quæ vox totam Jacobi sententiam compendio comprehendit: infirmum quis in vobis? inducat presbyteros Ecclesie, & orent super eum ungentes eum oleo in nomine Domini.

3. Quia subjectum hujus Sacramenti est, homo morbo affectus, ideo dictum est a Latinis (nec Græci dissentiant) Sacramentum Unctionis infirmorum, sive, Sacramentum exneuntium. Quo sensu Theodorus Cantuar. Archiepiscopus (in libro pæniti.) ab infirmis in periculo mortis positis, inquit, pura est inquirenda confessio peccatorum... Et secundum auctoritatem Canonum, ne illis janua pietatis clausa videatur, orationibus & consolationibus Ecclesiasticis, Sacra Unctione olei uncti, secundum statuta sanctorum patrum, communione viatici reficiantur... & in Capitularia Caroli M. (lib. 8, cap. 75.) Si infirmitate quis depressus fuerit, vitam sine communione non finiat, nec Unctione Sacramenti olei caret.

4. Cum multæ ex Christi vel Ecclesiæ instituto fieri solent Unctiones: (alia enim est propria Catechumenorum, altera baptizatorum, altera manuum impositioni, in confirmatione conjuncta, eorum denique altera, qui Sacerdotio aut Episcopatu inaugurantur:) ideo extrema de qua modo agimus, quia omnium ultima est, appellatur. „Primum illud tradendum erit, ait Concilium Trid. Catechismus, (part. 2, tit. de Extrem. Unct. n. 2.) hoc Sacramentum idcirco extremam unctionem appellatum esse, quod hæc omnium Sacrarum Unctionum, quas Dominus Salvator noster Ecclesiæ suæ commendavit, ultima administranda sit. Quare hæc ipsa unctio a majoribus, Sacramentum etiam Unctionis infirmorum, & Sacramentum exneuntium dicta est: quibus vocabulis fideles in memoriam novissimi illius temporis facile redire possunt... „Parique sensu Græcorum nobilis scriptor Gregorius Proto-synellus, (in Epitome dogm. Ecclesiæ.) Extrema unctio ἁγίου ἔλαιου vocatur, inquit, quia ægrotantibus in mortis discrimen adductis confertur.

Deridet hanc appellationem Lutherus, cui res sanctissimas subsannare solemne est. „Huic infirmorum ungendorum ritui, inquit, (in lib. de Captiv. Babilon.) duas additiones se se dignas addiderunt (Catholici:) unum, quod Sacramentum appellant, alterum quod extremam faciunt: sitque nunc Sacramen-

„tum

„tum extremæ unktionis, quæ nisi in extremo vitæ agentibus periculo dari non debeat . . . forte, ut sunt arguti dialectici, relativam fecerunt ad unktionem primam baptismi, & sequentes suas confirmationis & ordinis . . . Quam autem insolite vocem hanc reprehendant, quis non videt? Nunquid enim risu dignum est, si quod revera est ultimum, suo nomine appelletur?

5. Propter effectus, ad quos divinitus ordinatur, peccatorum scilicet expiationem, contra dæmonis insultationes subsidium, ipsiusque interdum corporalis sanitatis, quando expediens Deo visum fuerit, restitutionem; *causam medicinam* dixerunt.

6. Denique quia est ad complementum & appendix penitentientiæ instituta; ideo, inquit Tridentini Patres, (*in præfat. doctrinæ de Sac. Extrem. Unct.*) non modo penitentia, sed *et* totius Christianæ vitæ, quæ perpetua penitentia esse debet, consummativum consummata est a Patribus.

Definitio Extremæ Unktionis.

Hincque quæ sit definienda, aut circumscribenda Extrema unctio facile intelligitur. Haud incongrue enim natura ejus exprimitur, si dicatur, *Sacramentum novæ legis, homini ægrotanti ad morbi incommoda perfrenda specialia auxilia conferens, peccata & peccatorum abstergens reliquias, ipsamque corporis, ubi animæ salutis expediens fuerit, sanitatem restituens.* Quæ definitio, id omne quod est a Jacobo prædictum, complectitur: „infirmatur quis in vobis? Inducat presbyteros Ecclesiæ, & orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini: & oratio fidei saluabit infirmum, & alleviabit eum Dominus; & si in peccatis sit, remittentur ei“.

Est, inquam, Sacramentum novæ legis, *res nimirum sensibus subjecta, ex institutione Dei sanctitatis & iustitiæ tum significandæ, tum efficiendæ vim habens.* Importat enim ritum externum, materiam & formam propriam, & peculiari effectu, a reliquis Sacramentis distinguitur. De his quia uberius & accuratius est dicendum, sit

QUÆSTIO SECUNDA.

De materia Extremæ Unktionis.

Materiam Sacramenti sæpe movimus, alteram renovatam, proximam alteram appellari. Remota est, elementum ipsum, ad quod in actuali ejus ad subjectum applicatione, accedente verbo, fit Sacramentum: quo-

modo aqua, baptismi materia est: proxima, ipsissima elementi ad subjectum applicatio est: quomodo aquæ ablutio, quæ fit in baptismo, proxima ejus materia dicitur. De utraque dicendum, quatenus Extremæ Unctioni conveniat.

CAPUT PRIMUM.

De materia remota Extremæ Unktionis.

Quæritur primo utrum oleum olivarum sit hujus Sacramenti materia necessaria? Secundo qua conditione possit ad Sacramentum usurpari.

§. PRIMUS.

Ostenditur oleum olivarum, necessariam esse hujus Sacramenti materiam.

Necessarium enim in quolibet negotio dicimus, sine quo vanum invalidumque futurum sit; atqui sine oleo olivarum foret irrita ægrotantium unctio, & præter umbram Sacramenti nihil haberet; quippe contra Scripturæ & traditionis auctoritatem temerario usurpata: id quod Marci, Jacobi, SS. Patrum, & Conciliorum testimonia quæ superiori allata, adeo aperte declarant, ut de hac re nec minimum dubium esse possit.

Quod si forte alicui de oleo, cujus generis esse debeat, suboritur scrupulus; utrum necessario esse debeat ex olivis expressum, utrum ne vero amygdalarum, aut nucum, aut elicitum aliunde sufficiat? Difficultas protinus evanescet, modo attenderit oleum aliunde quam ob oblivis eductum, non simpliciter sed improprie, & cum addito, ut ajunt, sic appellari: oleum videlicet, *nucis, amygdalarum &c.* Cum igitur Scriptura simpliciter oleum nomet; de oleo olivarum debet intelligi, cui soli propriè hæc appellatio convenit. Deinde hoc ipsum probatur ex Ecclesiæ universæ & traditionis consensu. Nihil enim aliud præter olivæ oleum, in hujus Sacramenti confectioe & administratione usquam legimus usurpatum. Hinc in Sacramentario Gregorii M. Pontifex oleum solemniter benedicens: *Emitte, inquit, Domine, sp. Sanctum tuum paracletum de celis, in hanc pinguedinem olivæ.* Et Decretum Eugenii IV Pontificis Max. (*Decr. pro instrum. Armen.*) materia hujus Sacramenti, ait, est *oleum olivæ.*

Jam si quærat aliquis, cum quodvis aliud Elementum eligere Deus ad hoc Sacramentum constituendum, in potestate habuerit, quare oleum duxerit præferendum? Nihil tutius quod-

responsamur occurrere, nisi quia sic placuit. Nec enim, ut sæpius in causa simili dictum est, indulgentia ulla aut necessitate compulsus hoc fecit, quasi nimirum non posset aliter, quam per olei unctionem, morbos animi & corporis medicari, quod vel suspicari foret stultissimum. Itaque non alia hic causa præter supremam ejus voluntatem querenda: hæcque sola compesci omnis queritio debet, & curiositas reprimi.

Quia tamen aliunde Deus, non propriis studentis commodis, sed consulens humanæ infirmitati, hæc in singulis Sacramentis elementa elegit, quæ aliquam cum suis effectibus comparisonem haberent; unde dictum a S. Aug. *Sacramenta, si similitudinem aliquam earum rerum, quarum Sacramenta sunt non habent, omnino Sacramenta non essent*: non dubitemus posse, hujus sanctionis rationes convenientes afferri. Quales sane sunt, quas attulit S. Thomas: „ spiritualis, inquit, (in 4. sent. dist. 23, quæst. 1, art. 3.) curatio quæ in fine adhibetur, debet esse perfecta; quia post eam alia non relinquatur; & lenis, ut spes quæ exuentibus maxime necessaria est, non frangatur, sed foveatur: oleum autem lenitivum est, & penetrativum usque ad intima, & etiam diffusivum. Et ideo est convenientis materia hujus Sacramenti “.

Ita præceptor Angelicus. Cui Concilium Trid. consentiens: *Intellexit Ecclesia*, inquit, (Sess. 14, c. 1.) *materiam* (hujus Sacramenti) esse oleum ab Episcopo benedictum. Nam unctionis aptissime Spiritus Sancti gratiam, quæ invisibiliter anima egrotantis inungitur, representat. . . . Pauloque fusiuse Catechismus ejusdem Concilii Decreto editus: „ extremæ unctionis elementum, sive materia, ait, (part. 2 tit. de Ext. Unct. num. 5.) quemadmodum Concilia, ac præcipue Trid. decrevit, est oleum ab Episcopo consecratum, liquorscilicet, non ex quavis pingui & crassa materia, sed ex olearum baccis tantummodo expressus. Aptissime autem hæc materia illud significat, quod vi Sacramenti interius in anima efficitur. Nam ut oleum ad mitigandos corporis dolores magnopere proficit: ita Sacramenti virtus animæ tristitiam reicitur, hilaritatem affert, & luminis tamquam pabulum præbet, tum vero ad recreandas defatigati corporis vires maxime accommodatum est; quæ omnia, quid in ægroto, divina virtute, per hujus Sacramenti administrationem efficitur declarant “.

Objeſtio.

Si oleum, inquit, esset hujus Sacramenti materia, ad ejus effectum, inrita divinitus

virtute, pertingeret. Nam quia aqua e. c. est necessaria baptismi materia, effectum ejusconjunctum cum forma producit, dicente Christo: *nisi quis renatus fuerit ex aqua & Sp. Sancto, non potest introire in Regnum Dei*. Hinc illud ab Aug. præclare dictum: *quæ ex tanta virtute aquæ, ut corpus sanguis, & cor abluat, nisi faciente verbo?* &c. Atqui extremæ unctionis effectus qualiscunque sit, ab Apostolo non tribuitur unctioni, sed soli Orationi. Non enim dicit, quod oleum, sed quod *Oratio fidei salvabit infirmum*. Ergo oleum materia Sacramenti dici non potest.

¶ Concessa maj. neg. min. ille enim effectum extremæ unctionis ipsi etiam oleo tribuit, ut ejus unctionem cum oratione conjungendam denuntiat; atqui Jacobus simul cum oratione præcipit unctionem olei faciendam, pari ratione qua Christus in baptismo cum invocatione Ss. Trinitatis aquæ abluionem adunat: ergo &c.

Ad argumentum adjunctum respondeo distinguendo. Non dicit Apostolus, quod unctio olei, sed quod oratio fidei salvabit infirmum, non dicit, inquam, *quia ex præmissis facile intelligitur*, conc. *quia censet unctionis olei nullam efficaciam esse*, n. ant. & conseq. Hanc difficultatem, si difficultas tamen est, sola textus Apostolici lectio dissipat. *Infirmus quis in vobis?* inquit, *inducatur presbyteros Ecclesie, & oranti super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini: & oratio fidei salvabit infirmum*. Declarat ergo Apostolus aliquam in unctione olei, cum oratione conjuncta, ex divina institutione, procurandæ salutis esse virtutem. Alioquin enim frustra utrumque, eodem verborum tenore præscriberet. Ideo vero effectum Sacramenti principaliter orationi adscribit, quia oratio, forma est, præcipuas partes gerens, & oleum ipsum ad esse Sacramentale, ut loquitur Schola, adeoque ad effectum ipsum Sacramenti exerendum determinans.

Hanc porro Ecclesiæ fidem esse, perpetuamque doctrinam, preces & invocationes quas in Sanctum oleum facit, expresse declarant, nisi eas volumus esse mendaces. Quid enim nisi virtutem oleo, ad attingendum Sacramentis effectum, divinitus insitam hæc Gregorius M. in Sacramentario verba significant? *Emitte Domine Sp. Sanctum tuum paracletum de caelis, in hanc pinguedinem olive*. Quid item ista Græcorum? „ Precamur te, Domine, ut stillet hoc oleum super unctos in tuo nomine, in medellam & crum animæ & corporis, & in munditiam & liberationem omnis doloris, & omnis ægritudinis, & infirmitatis, & omnium sordium animæ & corporis. . .

Res-

„Respice Domine de Sancto habitaculo tuo,
 „& oleum hoc sanctifica: & visita servum
 „tuum & fiat ei Domine oleum hoc in
 „omnis ægritudinis medelam ... Quid deni-
 „que ille tam præclarus ritum ac precum
 „apparatus, quas ad consecrationem olei intra-
 „que Ecclesia, Latina & Græca præscri-
 „bit“?

§. SECUNDUS.

Qua conditione oleum, extreme Unctionis materia sit?

Oleum, priusquam ad Sacram Unctionem adhibeatur, prece mystica præparatum ac consecratum esse oportet: quid de hac re consuetudo Ecclesiæ habeat, quantaque sit huius consecrationis necessitas, sequentium questionum enodatio explicabit. Itaque

Q. 1. Utrum oleum infirmorum unctioni destinatum, debeat speciali benedictione consecrari?

R. Affirmative. Quoties enim ejus Patres & Concilia meminerunt, consecrationem præcipiendam faciendam. Sic

„S. Gregorius M. (in Sacramentario) of-
 „fertur, inquit, Pontifici oleum, & benedi-
 „cit illud, tam ipse, quam omnes presbyte-
 „ri, &c.

„Et Innocentius I Pontifex Max. (in Epi-
 „st. ad Decent.) non est dubium, (verba
 „Jacobi) de fidelibus ægrotantibus accipi vel
 „intelligi debere, qui Sancto oleo Chrismatis
 „perungi possunt, ab Episcopo confecto ...
 „Cæterum si Episcopus aut potest, aut di-
 „gnum ducit aliquem a se visitandum; & he-
 „nedicere & tangere Chrismate, sine cuncta-
 „tione potest, cujus est ipsum Chrisma con-
 „ficere.

„S. Eligius Noviomensis Episcopus supra
 „laudatus, qui ægrotat, in sola Dei miseri-
 „cordia confidat, & Eucharistiam corporis
 „& sanguinis Christi cum fide ac devotio-
 „ne accipiat; oleumque benedictum fideliter
 „ab Ecclesia petat, unde corpus suum in no-
 „mine Christi ungit, &c.

„Concilium Chalonense II, can. 48: secun-
 „dum B. Jacobi Apostoli documentum, cui
 „etiam documenta patrum consentiunt, infir-
 „mi oleo quod ab Episcopis benedicuntur, a
 „presbyteris ungi debent.

„Eugenius IV in Decreto pro Armenis:

„materia hujus Sacramenti est oleum olivæ,
 „per Episcopum benedictum.

„Concilium Trident. (Sess. 14) intellexit
 „Ecclesia, materiam (huius Sacramenti) esse
 „oleum ab Episcopo benedictum.“

Nec aliter Græci sentiunt, ne quis putet
 hunc ritum Latinis esse peculiarem. Constat
 enim ex eorum Euchologio, magno precum
 ac rituum apparatu, infirmorum oleum conse-
 crari, (Vide Gouarium in Rituali Græcor. pag.
 408, & seq.) eandemque Orientalium Eccle-
 siarum ab antiquo disciplinam esse, fidem faci-
 unt eorum Libri Rituales, tum Gabrieli Patriarcha in Rituali pro Jacobitis Ale-
 xandrinis digesto, tum præter cæteros, Eb-
 nastius & Echmimi, in collectionibus Cano-
 num. (Vide perpetuitatem fidei, tom. 5, l. 5,
 cap. 2) Quo detestabilius Calvini impudentia
 est, supinæ ignorantie adjuncta, morem hunc
 tanquam novum & Latinis singularem, impie
 deridentis. Jacobus, inquit, (lib. 4 institut.
 cap. 19) dum simpliciter ungi infirmos jubet,
 non aliam Unctionem mihi significat, quam vul-
 garis olei: nec aliud habetur in Marci narra-
 tione. Ipsi oleum non dignantur, nisi ab Epi-
 scopo consecratum, hoc est multo balitu cale-
 factum, multo murmure incantatum, & no-
 vies flexu salutatum.

Q. 2. An ita necessaria sit benedictio olei,
 ut ad essentiam Sacramenti pertineat.

R. Negative. Quod enim nullibi præscri-
 ptum legitur, velut ex divino præcepto ad
 valorem Sacramenti necessarium, non potest
 asseri ad ejus essentiam pertinere. Atqui nul-
 libi nec in Scriptura, nec in traditione præ-
 scribitur olei consecratio, velut conditio Sa-
 cramento essentialis: nullibi Patres aut Con-
 cilia declarant, invalidum Sacramentum futu-
 rum, quod ex oleo non benedicto celebraretur.
 Quæ vero asseri possunt testimonia, qui-
 bus significatur, oleum ab Episcopo, aut a
 presbyteris præsanctificatum esse debere, com-
 mode de præcepto Ecclesiastico explicantur.
 Idem itaque de olei in extrema unctione, ac
 de fontis baptismalis, & Chrismatis confirma-
 torii, consecratione, deque aliis bene multis
 ab Ecclesia Sanctæ & Religione institutis riti-
 bus debet esse judicium, qui non possunt equi-
 dem sine crimine violari aut voluntario præ-
 termitti: qui tamen si non servarentur, sua
 Sacramentis divinis constaret essentialis inte-
 gritas. (1)

Obje-

(1) Hæc Auctoris sententia limitanda videtur ad benedictionem olei factam ab Episcopo:
 adeo ut hæc quidem necessaria omnino non sit ad valorem Sacramenti, sed aliqua tamen be-
 nedictio, sive consecratio materie requiratur. Ita quippe conformior est menti Angelici Præ-
 ceptoris, est consentanea his, quæ statuit Sum. Pontifex Benedictus XIV in libro de Synodo
 Dia-

Objeſſio.

At, inquiet forte aliquis, præſcribit Apoſtolus, ut unctio fiat in nomine Domini.

Waldenses ab Ecclesia proſcripti ſunt, quod olei benediſſionem, deriderent, ac rejicerent: Eugenius IV, & Concilium Trid. decretis ſuis deſiniunt, oleum consecratum eſſe extremæ unctiõis materiam: videtur ergo, non præcepto tantum Eccleſiaſtico, ſed etiam jure divino, & neceſſitate Sacramenti hæc benediſſio neceſſaria.

R. Sigillatim ad ſingula.

Ad 1. Diſt. ant. præcipit Apoſtolus unctiõnem fieri in nomine Domini, iſdem auctoritate Chriſti, cujus merito virtutem & efficaciam habet, & cujus vices gerit miniſter, conc. & iis verbis ſignificatur, unctiõnem debere fieri ex oleo consecrato, n. ant. Reſponſio plana eſt.

Ad 2. Conceſſo ant. neg. conſeq. Waldenses temeritate nellarum Eccleſiaſticos ritus vetuti ſuperſtitioſos, & ad hypocriſim inducentes rejiciebant: merito ergo præſumptio hæc Eccleſiæ auctoritate reſſa eſt. Sed ad præſentem controverſiam quid hoc facit? Hæc enim duo longe diverſa ſunt: ritus Eccleſiaſticos, velut ſacrilegos ac ſuperſtitioſos traducere, quæ eſt Hæreticorum impletas: & negare eorum aliquos quamquam in ſe bonos, & juſtis de cauſis ab Eccleſia inſtitutos, pertinere ad Sacramenti eſſentiam, quæ eſt Theologorum quotidiana doctrina.

Ad 3. R. Cum diſtinctione. Eugenius IV, & Concilium Trid. Decretis ſuis deſiniunt, oleum consecratum extremæ Unctiõis eſſe materiam; & iis locis materiam, ſive divino, ſive neceſſariam Eccleſiaſtico præcepto inſinuant, conc. iſſique decretis deſiniunt, tam pertinere ad eſſentiam Sacramenti benediſſionem olei, quam oleum ipſum, n. Scopus Eugenii IV erat, docere Armenos ritus in Latina Eccleſia obſervari ſolitos: quinam vero ad divinum mandatum, quinam ad Eccleſiaſticum pertinerent, exponere non ſuſceperat, quod neceſſarium non putabat: imo in hoc ipſo Decreto, ritibus eſſentialibus prætermiſiſ, quæ ſciebat ab Armenis non ſecus ac a Latinis ſervari, ſolos interdum accedentes & proprios Latinorum reſcuiſſe: quomodo de Sacra ordinatione agendo, instrumentorum porrectionem affirmat ejus eſſe materiam. Numquid ideo diſturi ſumus, ex mente ejus, manuum impositionem, ad eſſentiam ordinationis

De Re ſacram. T. III.

Diceſana, cujus locum infra proferemus. Aſque eodem modo accipienda, & explicanda, quæ ſubjicit Auſtor in ſolutione objeſſionis.

nis non pertinere? Similiter Concilium Trid. in hoc uno ſtetit, ut novas hæreſes damnaſſet, non ut lites in Scholis hinc inde moveri, ſalva fide, ſolitas deſiniret: cujus rei exempla plurima dedimus, & in poſterum nata occasione daturi ſumus.

Ex his itaque & aliis, quæ poterant afferri decretis, hoc ſequitur quod & nos ipſi ſentimus, olei benediſſionem, & pleroſque ſimiles ritus ab Eccleſia juſtis de cauſis inductos, nec inipſe violabiles eſſe, divinam vero inſtitutionem habere, & Sacramenti eſſe eſſentiales, non demonſtratur.

Dices. Concilium Trid. affirmat, (ſeſſ. 14. cap. 2. de Extr. Unct.) ex Apoſtolica traditione, per manus accepta, olei benedicendi conſtitutionem deſcendere. Exiſtimat ergo ad Sacramenti eſſentiam pertinere.

R. 1. Nego ant. verba Concilii Trid. ſunt: inſtituta eſt Sacra hæc unctio inſirmorum, tamquam vere & proprie Sacramentum Novi Teſtamenti, a Chriſto Domino noſtro apud Marcum quidem inſinuatam, per Jacobum autem Apoſtolum, ac Domini fratrem, fidelibus commendatam eſt promulgatum. Infirmatur, inquit, quis in vobis? &c. . . quibus verbis, ut ex Apoſtolica traditione per manus accepta, Eccleſia didicit, docet materiam, formam, proprium miniſtrum, & effectum bujus ſalutariſ Sacramenti: Ita Trid. Patres: ex eorum itaque mente, hoc unum Apoſtolica traditione didicimus Beatum Jacobum docuiſſe, oleum ſcilicet eſſe extremæ unctiõis materiam, non vero oleum benediſſum. Quomodo enim docuit Apoſtolus, quod non dixit? Porro de oleo benedicendo, altum in ejus contextu ſilentium eſt. Jam quod ibidem immediate ſequitur: intellexit enim Eccleſia, materiam eſſe oleum ab Episcopo benediſſum: non ita debet accipi, quaſi ad ſenſum patrum, oleum, & eundem per manum accipere Episcopi benediſſio, æqualiter ad eſſentiam Sacramenti pertineat: alioquin enim Sacramentum extremæ unctiõis Græci & Orientales non haberent, apud quos, ad ſtatim patet, non ab Episcopis, ſed a ſimplicibus præbyteris oleum consecratur. Ita igitur verba S. Synodi ſunt intelligenda, ut oleum quidem ex Apoſtolo & perpetua traditionis doctrina, ad eſſentiam Sacramenti pertineat: ejuſdem vero benediſſio, ritus ſit Sacer ille quidem, & primæ antiquitate venerabilis; ſed accedentes tamen, nec eſſentiam Sacramenti conſtituents.

R. 2. Conceſſo ant. n. conſeq. ritum olei

R. r

be-

benedicendi antiquissimum esse, & ab ipso Apostolorum exemplo, magna probabilitate, descendere non negamus. In illo enim celebrando summa Orientis, & Occidentis, tamque pervetusta consensio est, ut non aliunde videatur ejus initium, quam ab Apostolicis institutis repeti posse. Quod enim *Universa tenet Ecclesia, nec Concilii institutum, sed semper retentum est*, inquit S. Aug. sæpe laudatus, nonnisi auctoritate Apostolica traditum rebusissime creditur. Sed inde non sequitur, esse extremæ unctioni essentialem: quomodo inepte argueret, qui exorcismos, & alios baptismi ritus, quos constat ab Apostolis institutos, contenderet ad ejus essentiam pertinere.

Quæritur 3. Quare oleum extremæ unctionis oporteat esse benedictum?

R. Verbis S. Thomæ. *Potest triplex ratio assignari*, inquit, (Suppl. quæst. 29, artic. 5 in c.) quare exigitur materia sanctificatio in hoc Sacramento, & in quibusdam aliis. Prima est, quia omnis efficacia Sacramentorum a Christo descendit: & ideo Sacramenta illa, quibus ipse est usus, habent efficaciam ex ipso usu suo, sicut tactu suæ carnis vim regenerativam contulit aquis: sed hoc Sacramento non est usus, nec aliqua corporali unctione: & ideo in omnibus unctionibus requiritur sanctificatio materie. Secunda causa est, propter plenitudinem gratiæ, quæ confertur, non solum ut tollat culpam, sed etiam reliquias culpe, & infirmitatem corporis. Tertia est ex hoc quod effectus ejus corporalis, scilicet sanatio corporalis, non causatur ex materie naturali proprietate: & ideo oportet quod hæc efficacia sibi per sanctificationem detur.

Quæritur 4. A quo debeat olei benedictio fieri?

R. 1. In Latina Ecclesia ad solum Episcopum hoc officium pertinere. Cujus responsionis certa præbent Argumenta, Innocentius I in Ep. ad Decentium sæpe laudata: Gregorius M. in Sacramentario: capitularia Caroli M. ubi sic legitur: (lib. 8, cap. 76) omnes presbyteri oleum infirmorum ab Episcopo expectant, secumque habeant, & moventes fideles infirmos illud exquirere, ut eodem oleo perunhi gratia Dei amarentur, &c. Concilium Cabilonense 2, can. 48, decretum Eugenii IV, Concilium Tr. & denique omnia passim Ritualia Latinorum, conformiter ad Rituale Romanum sic præscribentia: *habeat Parochus loco nido, & decenter ornato, in vase argenteo seu stanneo diligenter custodium Sacrum oleum infirmorum, quod singulis annis feria V, in Cæna Domini ab Episcopo benedictum, renovandum est.* Hocque certior responsio est quod

ex antiquissimis Latinæ Ecclesiæ monumentis, nec unum proferri exemplum valeat, quo probetur simplices presbyteros olei benedictioni fuisse unquam, etiam in absentia Episcopi deputatos.

R. 2. In Græca & Orientali Ecclesia oleum a simplicibus presbyteris, more antiquissimo benedici.

De Græcis quidem, eorum Euchologia fidem faciunt, mille & amplius annorum canticæ veneranda: ubi oleia 7 Sacerdotibus consecrandi, officium late describitur. Consulat qui voluerit *Goarium* in rituali Græcorum, sub hoc titulo: *officium olei Sancti, decantatum a septem Sacerdotibus congregatis in Ecclesia aut in domo.* (Vide *Goar. pag. 408, & seqq.*) Ejusdem consuetudinis (quamquam in re notissima superfluum est,) testem habemus Arcudium sic loquentem: (lib. 5, cap. 2) *antequam ungatur infirmus, & recitetur Epistola, & Evangelia, & sacræ preces, benedicitur oleum cum invocatione Sp. Sancti. Orant præterea Sacerdotes, ut æger illa unctione suscipiat gratiam Sp. Sancti. Quod ideo dictum velim, ne quis putet, quandoquidem hoc oleum a presbytero benedicitur, referendum esse ad aliud genus unctionis extra Sacramentum, quod pendet ex merito, non ex officio, & quod non semper & infallibiliter, atque ut ajunt Scholastici, ex opere operato confertur gratiam.*

Nec minus de Orientalibus certum est. Quando enim extrema unctio est administranda, septem presbyteri conveniunt in Ecclesiam, ubi lampas disposita est, optimo Palæstinæ oleo plena, unde septem pensiles Lucernæ dependent. Porro Lucernæ singulas Sacerdotes singuli, si id quidem fieri commode potest, (sive enim plures, sive pauciores presbyteri sint, nihil interest) longo precum apparatu benedictas accedunt: & deinceps sine mora extrema unctio ministratur. Sic præscriptum legitur in Rituali *Gabrielis* Jacobitarum Alexandrinorum Patriarchæ, & in Collectionibus Canonum ab *Ebnassalo* & *Echmini* accurate digestis. (vide *perpet. fid. tom. 2, lib. 5, c. 5*)

Quæritur 5. Utrum hæc tanta Græcorum & Orientalium a Latinis discrepantia, habeat aliquid fidei, & extremæ unctionis naturæ contrarium?

R. Negative, quidquid plerique effutiant, magis ad frivola, quæ ratio suggerit argumenta, & ad Scholæ præjudicia, quam ad auctoritatem Ecclesiæ attendentes.

1. Enim, ut modo probatum est, olei benedictio ad essentiam Sacramenti non pertinet. Ergo sive ab Episcopo, sive a simplicibus presbyteris.

by.

byteris consecratur, infici Sacramentum nequit, aut irritum fieri.

2. Temerarium est, ne gravis aliquid dicam, Ecclesie judicio contrarie; atqui Sacramentum extremæ unctionis, ex oleo a simplicibus presbyteris consecrato confectum, semper Catholica, nominatimque Latina Ecclesia, pro rato ac valido habuit. Nam in Concilio Florent. (ubi de Græcis Latine Ecclesie reconciliandis, quamquam infausto exitu, præcipue actum est,) ritus eorum ad rigorosum examen vocati, diligenter discussa dogmata, numquid haberent, ab antiqua Latinorum fide diversum: declaratum ibi a Græcis, se extremam unctionem unctionem in Sacramentum numero ponere, eoque nomine celebrare: neminem porro patrum latebat, consecrandi olei ministerium simplicibus presbyteris, prout eorum Eucharistia attestabantur, esse relictum. Atqui nihilominus de hac re in Concilio nec minimum litigium fuit. Judicavit ergo patres ritum hunc nec fidei adversari, nec Sacramenti naturæ, sed rem meræ disciplinæ esse, quæ potest, unitate fidei manente, esse diversa. Deinde cum eadem sub Sum. Pontificibus, Leone X, Clemente VII, Gregorio XIII, aliisque, quæstio sæpe redierit, utrum unctio Græcorum probanda foret, Semper iudicatum nullam de hac re Græcis molestiam inferendam, quippe qui morem tenerent antiquum, & veræ fidei neutiquam contrarium.

Quid quod hanc ipsam consuetudinem Clemens Papa. VIII approbavit & confirmavit? Nam in instructione directâ ad Episcopos Latinos in partibus Græciæ commorantes, de oleo infirmorum sic statuit: non sunt cogendi presbyteri Græci, olea Sancta præter Christum, (confirmatorium) ab Episcopis Latinis Diocesanis accipere, cum ejusmodi olea ab eis in ipsa oleorum & Sacramentorum exhibitione, ex veteri ritu conficiantur & benedicantur.

Ita Pontifex Max. cujus verba decretum Concilii Trid. perspicue explicant. Inde enim evidens est, S. Synodum non eo sensu sanxisse, materiam hujus Sacramenti esse oleum ab Episcopo benedictum, quasi aliter, ex institutione divina, conferri non posse putarit; sed quod eam esse veram & sufficientem, atque etiam necessariam, spectata nimirum Latine Ecclesie consuetudine judicaverit.

Denique hoc ipsum (ut pleraque alia taceam) scimus Romæ a S. congregatione de Propaganda fide expresse significatum. Ejus enim mandato & impensis Romæ edita est Synopsis quædam doctrinæ Græcorum, ubi hæc leguntur: *Materia Sacramenti Extremæ unctionis est, oleum olive expressum, a Pontifice, vel a sacerdote benedictum.*

Quæritur 6. Hujus Græcorum, & Orientalium disciplinæ, quæ sit origo?

R. De hac re nihil certi statui posse. Tantum generaliter observandum, in ritibus quos divina lex non præscripsit, quique ad fidem non pertinent, summa majores nostros libertate esse potitos, ut quascumque vellent sibi leges imponerent, indeque natam esse quæ ubique conspicitur, & salvis fidei caritativæ vinculis, hinc inde servatur, cæremoniæ diversitatem; atque adeo mirum non esse, si oleum, cujus benedictio in Occidente solis Episcopis reservatur, in Oriente presbyteri simpliciter consecrant. Quod si indulgere liceat conjecturis, haud sane displicet quam assertio Goariorum. (in notis ad Rituale Græcorum nota 22) Cum Sacerdotalis sit ministerii, inquit, ægrotos oleo sacro linire, usu consentiente factum est, ut non a Græcis Pontificibus, sed a Sacerdotibus consecratur, quos urget necessitas, renovatumque recens benedictum, hinc Sacramento conferendo profatur.

Equidem ex ritu Græcorum feria V in cæna Domini, ipse Episcopus Sacrum oleum benedicit; sed eadem die totum consumitur. Cuius enim, ait ibi Goarius, accessuri ad Sacram Synaxim, in peccatorum expiationem sese ungendo offerunt: Episcopus ipse primus omnium æconomi manu unctionem suscipit, quem deinde omnes alii sequuntur. Hac itaque unctione, quantumvis tantum cæremoniæ, cum oleum totum consumitur, facultatem illud de novo consecrandi, privato cuicumque Parocho Pontifices tacite, ex antiquo more videmur remittere.

Quæritur 7. Si Sacerdos imprudenter oleum non benedictum, aut oleum Catechumenorum, aut Chrismatis, ad extremam unctionem adhibuerit, quid agendum?

R. Sacramentum ex integro iterandum. Quamdam enim olei benedictionem ab essentiali Sacramenti non pertinere, speculative, ut loquimur in Schola, sit probabilis, tutius in praxi non est: imo hoc unum est tutum, id omne quod Ecclesia generaliter celebrat, in omnibus Sacramentis inviolate servare. Indeque, ut sæpius dictum est, ab Innocentio XI Pontifice Max. proscripta propositio, asserens, in Sacramentis licitum esse sequi opinionem probabilem, relicta tutiore. Atqui more antiquissimo Oriens Occidensque non aliud ad unctionem extremam oleum adhibet, nisi quod Pontificum, vel Sacerdotum precibus fuerit præsanctificatum: ergo &c. Si per errorem, ait S. Carolus Borromæus, (art. parti. 4) in instructionibus, de extrema unctione, Sacerdos aliud oleum, quam quod infirmorum est, ad ægrotum ungendum unquam adhibuerit, etiam si Chris-

Rr 2

,, matis

„ matis aut Catechumenorum sit: ut erratum
 „ cendet, olei Sacri quod proprium infirmo-
 „ rum est, unctionem eidem adhibeat; tum-
 „ que Sacramenti formam iteret.”

Quæritur B. Utrum oleo ad Sacramentum de-
 „ stituto, liceat balsamum, aut liquorem quemvis
 „ extraneum admiscere?

R. Negative. Vel enim mixtione hæc pro-
 „ pter exuberantem extraneæ materiæ quantita-
 „ tem naturæ olei mutaretur; tumque manifestum
 „ est, irritum Sacramentum fore, quod sine oli-
 „ varum oleo constare non potest; quomodo in-
 „ validum futurum baptisma nemo ambigit, quod
 „ secundum prudentem asimationem aquæ natu-
 „ ralis elemento caruisset: vel non tanta pere-
 „ grinæ materiæ injectio foret, quin oleum oli-
 „ varum in propria natura consisteret: tumque
 „ non est dubium graviusne peccaturum mini-
 „ strum, qui de industria sic ageret. Nemini
 „ namque licitum est, Christi institutionem &
 „ disciplinam Ecclesiæ, vel tantillum violare,
 „ in iis præcipue rebus, ubi summa rerum agi-
 „ tur, qualia sunt Sacramenta; atqui ad infir-
 „ morum unctionem solo utendum esse oleo oli-
 „ varum, Christi præscriptio est, in divinis fun-
 „ data litteris, perpetua traditione firmata, &
 „ ex Ecclesiæ disciplina ubique servata. Ergo
 „ infringi sine peccato non potest.

Quæritur ultimo. Quid si oleum benedictum
 „ ex usu frequenti deficeret, nec commode ali-
 „ unde haberi posset?

R. 1. Quæstionem hæc de Græcis moveri
 „ non posse, apud quos constat oleum, quoties
 „ ungendi infirmum casus occurrit, a simplici-
 „ bus presbyteris benedici. Quantum vero ad La-
 „ tinos spectat:

R. 2. In hoc casu oleum non consecratum
 „ consecrato admiscendum, ut eo infirmus un-
 „ gatur. Si forte intra annum, ait Rituale Ro-
 „ manum (de Sacr. Extr. Vñ.) aliquo modo
 „ oleum ita deficiat, ut sufficere non possit videri-
 „ tur, neque aliud benedictum haberi queat; mo-
 „ dico oleo non benedicto in minore quantitate su-
 „ peraffuso reparari potest. Hæcque juris anti-
 „ qui regula est, ita decernentis: (cap. quod
 „ in dubiis: Extr. de consecratione Ecclesiæ) Nec
 „ negamus quin oleum non consecratum, conse-
 „ crato possit oleo commisceri.

¶ Quæcumque de hac remota hujusce Sacra-
 „ menti materia fusc dicta sunt, paucis comple-
 „ xus est, nitideque exposuit Sum. Pontifex Be-
 „ nedictus XIV in aureo suo libro de Synodo
 „ Dices. l. 7, cap. 26, quem locum placet hæc
 „ asserre ad majorem doctrinæ traditæ authorita-
 „ tem, ac lucem affundendam. Hæc itaque sa-
 „ pientissime animadvertit, ac docet: „ Sacra-
 „ menti extremæ unctionis materia remota est
 „ „ oleum, liquor videlicet ex baccis olivarum

„ expressus, qui solum in communi modo lo-
 „ quendi, absolute, & sine addito oleum nua-
 „ cupatur, quemadmodum cum communi pon-
 „ derat Suarez T. 4 in 3 p. disp. 40, sect. 1,
 „ n. 1. Debet autem ejusmodi oleum, saltem
 „ ex Ecclesiæ præcepto, esse simplex, hoc
 „ est absque ulla alterius liquoris admixtione.

„ Diximus saltem ex Ecclesiæ præcepto: quon-
 „ niam Suarez cit. n. 10 defendit, non solum
 „ non esse contra Christi Domini institutio-
 „ nem alium liquorem huic oleo admiscere,
 „ sed insuper opinatur aliquando fuisse illi bal-
 „ samum admixtum. Siquidem Innocentius I
 „ „ Ep. ad Decretum allegata exponens Apostoli
 „ „ Jacobi verba, infirmorum oleo Christum
 „ „ nomen attribuit iniquis: quod non est dubium de
 „ „ fide libus ægrotantibus accipi, qui sancto oleo
 „ „ Christum perungi possunt: ac sub eadem
 „ „ Christum nomenclatura idem infirmorum
 „ „ oleum a pluribus designatur Conciliis, Wor-
 „ „ matiensi præsertim, atque Aquinensi,
 „ „ ex quibus conjicit Suarez aliquid balsami
 „ „ tunc consuevisse illi admisceri. At melius
 „ „ alii, quos sequatur Juven de Sacram. Dis-
 „ „ sert. 7, q. 3, c. 1, & Tournely cit. q. 2,
 „ „ a. 1, hanc admixtionem ex Christum
 „ „ nomenclatura nequaquam colligi arbitrantur.
 „ „ Christum quippe frequenter appellatum ad-
 „ „ vertuat omne unguentum, seu liquorem,
 „ „ quo corpus inungitur. Omnes tamen Suar-
 „ „ zio concedunt, nihil detractum iri Sacramen-
 „ „ ti validitati, si, contra communem cetero-
 „ „ quin, & perpetuam Ecclesiæ praxim, infir-
 „ „ morum oleo admisceatur aliquid balsami,
 „ „ modo admixtio tanta non sit, ut destruat
 „ „ exteriorem olei speciem, ita ut non amplius
 „ „ oleum, sed potius unguentum, aut alterius
 „ „ generis mixtum artificiale censeatur.”

Pergit subinde Pontifex Sum. declarare hu-
 „ jusce olei conditiones, atque ita sequitur:
 „ „ Debet præterea oleum in extrema unctio-
 „ „ ne adhibendum esse Episcopi benedictione
 „ „ antea sacram, quod ab antiquissima Patrum
 „ „ traditione acceptum. Etenim Innocentius I
 „ „ in cit. Ep. ad Decretum ægrotos inungen-
 „ „ dos dixit oleo Christum ab Episcopo con-
 „ „ fectum. Beda quoque in Comment. ad c. 6, af-
 „ „ firmat ab Apostolis hunc S. Ecclesiæ morem
 „ „ traditum, ut ægroti ungiuntur oleo Pontifi-
 „ „ cali benedictione consecrato. Et Concilium Ca-
 „ „ bilonense in 217, cap. 48, ait: Secundum B.
 „ „ Apostoli Jacobi documentum, cui etiam do-
 „ „ cumenta Patrum consonant, infirmi oleo
 „ „ quod ab Episcopo benedicitur, a Presbyte-
 „ „ ris ungi debent. (Collect. Harduini T. 4,
 „ „ col. 1040) Ac denique, ut cætera præter-
 „ „ mittamus antiquorum patrum testimonia, ita
 „ „ nos docuerunt Eugenius IV in Decreto deo

„*Instr. Armenorum, & Trid. cit. loco.* Sed
 „questio est, num Episcopi benedictio sit ne-
 „cessaria ex Christi Domini institutione, an
 „solum ex Ecclesie præcepto. Diverſæ sunt
 „hæc in re Theologorum sententiæ. Victoria
 „in *summ. de Sacram. n. 216*, Emanuel Sa-
 „V. *extrema unctio*, Sambivius *tract. de extre-*
 „*ma unct.* Juein de Sacram. dissert. 7, c.
 „1, concl. 3, putant benedictionem fuisse o-
 „leo superadditam ab Ecclesia, non vero in-
 „stitutam a Christo Domino, ac proinde illi-
 „cicum quidem, sed validum, pronunciant Sa-
 „cramentum, oleo non consecrato administra-
 „tum: quin immo, urgente necessitate, etiam
 „absque culpa ita administrari posse tradit
 „cit. Victoria. Istis e diametro opponunt
 „Sarez cit. *disp. 40, sect. 1, n. 3, & 4*, Æ-
 „stius in 4, dist. 239, docentes olei consecra-
 „tionem non tantum præcepti, sed etiam Sa-
 „cramenti necessitate requiri; eamque præ-
 „terea consecrationem ita a Christo Domino
 „Ordini Episcopali annexam ajunt, ut simul
 „assererunt ne a Sum. Pontifice quidem eam
 „posse secundi Ordinis Presbyteris delegari.
 „Inter hæc duas extremis sententias medii
 „quodammodo incidentes Cajetanus 3 p. q.
 „72, a. 3, Sorus in q. dist. 23, p. 3, §.
 „de oleo ergo, alique, quos citant, & se-
 „quuntur Gregorius Valentia T. 4, disp. 8,
 „q. 1 punct. 2, & Tannerus T. 4, disp. 7,
 „q. 1, dub. 1, n. 10, tria statuunt, nimirum
 „1, aliquam consecrationem ex Christi insti-
 „tutione requiri, ut oleum fiat apta materia
 „Sacramenti extreme unctionis: 2, numquam
 „in Ecclesia latina fuisse ægotantes oleo in-
 „nuncios, ab Episcopo antea non consecratos:
 „3, denique ad Sacramenti validitatem satis
 „esse affirmant, oleum a simplici Sacerdote
 „benedictum. Et profecto posse, saltem ex
 „commissione sive expressa, sive tacita Roma-
 „ni Pontificis, a simplici Sacerdote præparari
 „materiam aptam ad conficiendum Sacra-
 „mentum extreme unctionis, res videtur ex-
 „ploratissima, quam nemini liceat in questio-
 „nem adducere, siquidem in Ecclesia Orien-
 „tali mos viget a mille, & amplius annis in
 „ea receptus, ut ipsimet Presbyteri, cum se
 „accingunt ad infirmum inungendum, oleum
 „in ea Sacramentali unctione adhibendum be-
 „nedicant: ut testantur Joannes Nanatail in
 „Ep. ad Episcopum Anagninum (apud Arcu-
 „dium) Arcudius lib. 5, c. 2, Allatus de
 „Consensu utriusque Ecclesie c. 16, & legi-
 „tur in Græcorum Euchologio a Goario no-
 „tis illustrato q. 436. Eundemque morem ab
 „Armenis retineri asserit Joannes 22, sive
 „20, Ep. ad Ostium Armenorum Regem scri-
 „bens in hæc verba: *Ipsi etiam Sacerdotes*

„*oleum, quod infirmorum dicitur, consecrant,*
 „*cum tamen apud nos ad Episcopos solos spe-*
 „*det.* Hanc autem Orientalium consuetudi-
 „nem Ecclesia latina non improbat, sed ratam
 „habuit. Refert quippe cit. Goarius a. a.
 „Congregatione de Propag. fide approbatam,
 „ejusque impensis Romæ editam *Synopsis Ver-*
 „*nacula* Neophiti Rodini, in qua hæc ha-
 „bentur: *materia Sacramenti extreme unctionis*
 „*est oleum olivæ expressum, a Pontifice,*
 „*vel a Sacerdote, qui præsentis fuerint, jux-*
 „*ta Ecclesie morum benedictum:* consulto ait,
 „a Pontifice, vel a Sacerdote: quia, uti nar-
 „rat Arcudius, etiam Episcopi Græci, per-
 „tinde ac Latini feria V majoris hebdomadæ,
 „solemni pompa, & apparatu, oleum infirmo-
 „rum consecrant, quamvis postea suis Sacer-
 „dotibus non distribuunt, sed iisdem curam
 „relinquant illuc consecrandi, quo mox in Sa-
 „cramenti administratione utantur: de qua
 „re jure miratur laudatus Auctor Theolog.
 „Moralis ad usum Seminarii Peiracori: Sed
 „quod adhuc clarius ostendit ab Ecclesia la-
 „tina validum haberi Sacramentum extreme
 „unctionis a Sacerdotibus Græcis, oleo tunc
 „a semetipsis benedicto, administratum, est
 „Decretum editum a Clemente VIII, in quo
 „permittuntur Italo-Græci in prædicto ritu
 „perseverare: *Circa oleum Sanctum infirmo-*
 „*rum, (sunt verba Decreti) non sunt co-*
 „*gendi Presbyteri Græci olea Sancta, præter*
 „*Christum, ab Episcopis Latinis Diocesanis*
 „*accipere: cum ejusmodi olea ab eis, in ipso*
 „*oleorum, & Sacramentorum exhibitione ex*
 „*veteri ritu conficiantur, & benedicantur:*
 „quod Clementis Decretum fuit a nobis,
 „tandem fere verbis renovatum, & confirma-
 „tum in nostra const. 57, §. 54, Nostri Bul-
 „lari T. 1, q. 172. Neutiquam autem id to-
 „lerandum fuisset, si oleum simplicis Sacer-
 „dotis benedictione sacratum, ne per pote-
 „statem quidem a Romano Pontifice, sive ex-
 „presse, sive tacite eidem Sacerdoti factam,
 „esset materia idonea ad conficiendum Sacra-
 „mentum extreme unctionis. Quare Episcopi
 „latini partem populi Græci ritus sibi subie-
 „ctam habentes, & si teneantur feria V Sa-
 „cratoris hebdomadæ una cum cæteris Sacris
 „oleis, etiam illud infirmorum, latino ritu
 „consecrare, latinisque Parochis distribuere,
 „cæteraque implere, quæ nos ediximus in no-
 „stra notis. 81, ubi de infirmorum oleo, ejus-
 „que benedictione ex professo egimus; quo ad
 „Sacerdotes Græci ritus nihil innovent, sed
 „ea exequantur, quæ a Clemente VIII, ite-
 „runque a nobis decreta sunt. Hæc ille
 „desertissime.

CAPUT SECUNDUM.

De Extremæ Unctionis materia proxima.

Cum oleum, hujus Sacramenti materia sit remota, sequitur, ejusdem ad subiectum idoneum applicationem, proximam esse: hæc autem applicatio sine unctione ut intelligi quidem potest. Cum itaque hoc argumentis adstruere, quod evidens ac palmare est, merito superfluum iudicetur; in præsentis de partibus unguendis dicemus: cum questiones, si quæ occurrerint, resolvemus. Sit itaque

§. PRIMUS.

Quæ partes corporis ungi deberent, nec in Scriptura definitum, nec in traditione præscriptum: indeque magna Rituum oborta diversitas.

Scriptura namque unctionem equidem præcipit, *informatur quis in vobis?* inquit, *inducat presbyteros Ecclesie, et orent super eum, ungentes eum oleo, in nomine Domini:* de partibus vero liniendis altum silet. Idemque in prisca traditione agnoscit, qui antiquitatis monumenta sæpe citata revolvit. *Origenes* enim, *Chrysost.* *Innocentius I.* & alii superius memorati, una unctionis præscriptione contenti, quibus in partibus fieri deberet, ne insinuant quidem. Quod non leve argumentum est, auctoris temporibus, vel cuiusque arbitrio esse relictum, quamcumque indifferenter vellet corporis partem oleo sacro inungere, vel eam certe, consuetudine ubique recepta, linire quæ doloribus magis afficeretur, quod videri poterat sententiæ Apostolicæ congruentius: *Alleviabit enim Dominus.* Quamquam enim ad animi morbos sanandos extrema unctio fuerit præcipue instituta; quod omnium Sacramentorum proprium est; directa tamen etiam fuit, et saltem principaliter, ad corporis ægritudines medicandas: naturale porro est, affecto membro remedium applicare.

Quidquid vero de hac conjectura sit, (nec enim volumus quidquam, nullo prælucente Scripturæ ac traditionis certo testimonio affirmare:) hoc tamen certo asserimus, majorum de partibus unguendis silentium, præbuisse rituum diversitati occasionem.

Ad Græcos quidem quod attinet,

1. De Unctionibus, quo numero, quibusve rei corporis partibus fieri debeant, summum in eorum Euchologiis silentium est: unde inferri haud immerito potest, eorum olim Sacerdotibus, ut prædiximus, liberum fuisse, quas vel-

lent partes, pro vario ægrotantis statu & necessitate inungere.

2. Juxta hodiernam, quæ ubique viget apud Orientales, disciplinam, unctio fit in fronte, mento, genis, pectore, manibus, & pedibus. „Græcorum Sacerdotes, inquit Arcundius, „(lib. 5, cap. 7) unguunt ægrifrontem, mentum, ambas genas; ita ut fieri videntur unctio in capite ad modum crucis: deinde pectus, tum manus, idque ex utraque parte, postremo pedes. „Ita Arcundius. Quin morens quis putaverit, per omnes sui partes, longa ac diuturna sæculorum usu in Orientem inductum, contrarium *Siniorum Thessalonicentem* habere, Concilio Florentino paulo antiquiorem. Ille enim in libro de Sacramentis, de pectore & pedibus inungendis nullam mentionem faciens: „ungit, inquit, Sacerdos in modum crucis ægrifrontem, ob contentas in ea cogitationes; faciem quoque inungit, propter sensuum organa: & postremo manus, a pravis cogitationibus & operibus cum expians, Sanctoque oleo munies illum, & perfecte sanctificans.

Quantum vero ad Latinos,

Certum est 1. ex præcæ ætatis Scriptoribus nec unum testimonium afferri posse, unde probetur, plures antiquitus corporis partes esse inungendas.

Certum est 2, currente sæculo 6 morem fuisse, unam tantum partem, pectus scilicet inungendi. Ita testatur vitæ S. *Eugeni*, seu *Augeni*, qui hoc tempore floruit, anonymus scriptor. „Vocato, inquit, uno ad se defra-tribus, cui, cum libertate peculiari, olim perungendi infirmos opus injunxerat, secretissime quoque sibi pectusculum petiit, ut moris est, inungi. „Moris ergo tum temporis erat, pectusculum solum inungere: quod & in prælatione ad sæculum I Ordinis S. Benedicti observat doctissimus Mabillonius.

Certum est 3 in pluribus quondam Latinorum Ecclesiis, præter cæteras quæ ungi poterant partes, eam præsertim ubi major esset doloris sensus esse notatam. *Perrungant*, nit codex Tilianus antiquissimus, (v. apud Higonem Menardum pag. 340) *singuli Sacerdotes infirmum de oleo sanctificato, cruce faciendo in collo, & gutture, & pectore, & inter scapulas, sicut in loco ubi dolor plus imminet.*

¶ In Codice ms. *Forojulien* producto ab Eruditissimo P. I. F. Bernardo Maria de Rubéis in *Dissert. de Verustis Liturgiis* &c. Venetiis edita anno præterito 1754 inungendæ Sacro oleo præscribuntur partes sequentes, nimirum *primocaput, scilicet in vertice: deinde frons, postea oculi, aures, nares, labia, guttur, pectus, cor, scapulae, manus, pedes.* Ac

ibid.

ibid. pag. 383 observat Cl. Author, totidem partes corporis inungendas jubere quamplures Ordines, quæ insigniores Galliarum Ecclesiæ utebantur, typis jam vulgatis apud Martesium lib. 1 de antiquis Ecclesiæ ritibus Cap. VII, aliosque inde prostrare ibidem vetustos Ordines, quibus evincitur, non eandem fuisse in Occidente, ad partes corporis inungendas quod attinet, consuetudinem Ecclesiæ.

Certum est 4 ex Sacramentario Gregorii M. sæculo 6 desinente, aut 7 ineunte, morem in Occidente invaluisse, quinque sensuum sedes, sive organa inungendi.

Certum est 5 Ecclesiarum recepta consuetudine, huic quintuplici unctioni, pedum etiam & renum uncturam adjunctam. „Hoc „Sacramentum, inquit Eugenius IV (in decr. „pro instr. Armen.) morem non noviter institutum, sed ab antiquo acceptum Armenis commendans, nisi infirmo, de cuius morte timetur, dari non debet: qui in his locis unguendus est, in oculis propter visum, in auribus propter auditum, in naribus propter odorem, in pedibus propter gressum, in renibus propter delectationem ibidem vigentem “.

Certum denique est, morem hunc qua late patet, velut Sacramento necessarium, in omnibus Latinorum Ecclesiis non esse receptum; adeoque generalis discipline vim non habere: hodiernum enim Romanæ Ecclesiæ Rituale, Pauli V Pontificis Max. jussu editum: „quinque „que corporis partes, inquit, præcipue ungi „debent, quas veluti sensuum instrumenta „homini natura tribuit, nempe oculi, aures, „nares, os, & manus. Attamen pedes etiam „& renes unguendi sunt. Sed renum unctionio „in mulieribus, honestatis gratia semper „omittitur: atque etiam in viris, quando „infirmus commodè moveri non potest. Sed „sive in mulieribus, sive in viris, alia corporis pars pro renibus ungi non debet “.

Romano Rituali, quod ad quinque sensuum organa spectat, Ritualia Ecclesiarum particularium plene quidem inter Latinos consentiunt: de renibus vero, pedibusque unguendis non omnium uniformis præscriptio est. Sic Manuale Cameracense de renibus, & pedibus liniendis nil præcipit: Mechliniensis silet de renibus, quorum loco pedus unguendum præscribit; simulque monet, ad Sacramentum sufficere unctionem quæ fit in quinque sensuum organis; adeoque anxium non debere esse presbyterum, si partes reliquas præveniente morte, aut alio interveniente casu non unxerit. Prioribus partibus inunctis, inquit, presbyteri animus quiescat, quod jam infirmus receperit Sacramentum.

Græcos itaque & Latinos, tum ab invicem, tum etiam ipsos inter se, quantum in unctione admittenda consentiant, tantum in unguendis partibus dissentire & præteritis ætatibus discrepare notorium est, cujus discriminis causa, præter scripturæ & traditionis silentium, ut prædiximus, conveniens afferri non potest.

§. SECUNDUS.

Quædam dubia resolvuntur.

Indeque facillimum erit, dubia quæ in Scholis moveri solent, excutere. Sic enim exempli causa:

Quæritur 1. Utrum omnes quæ in Latina Ecclesia solent fieri unctiones, ad Sacramentum necessariæ sint existimandæ?

R. Negative. Nam

1. Uñtio rerum ad essentiam Sacramenti non pertinet. Quod enim Ritualia, & Concilia quædam, certis casibus erga viros, & semper erga mulieres fieri vetant, pertinere ad Sacramenti essentiam non censetur; atqui Rituale Romanum Pauli V prohibet ungi virorum renes, quando infirmus, inquit, commodè moveri non potest: idemque circa mulieres absolute vetat, ut earum scilicet pudoris ratio habeatur. Cui consentiens Concilium Mediolanen. IV sub S. Carolo habitum: mulieribus ministratorum, inquit, renes ne unguant. Ergo renum unctionio non est de necessitate Sacramenti, imo nec præcepti Ecclesiastici, quod ubique in Latina Ecclesiæ obliget.

2. Idem de unctione pedum judicium est. Illud enim non existimat Ecclesiæ necessarium necessitate Sacramenti, quod nec semper fuit, nec ubique servatum. Atqui unctionio pedum nec semper, nec ubique viguit, cumneque in Gregorii M. Sacramentario, nec in veteribus Latinorum Ritualibus præscripta comperitur. Quin & Græcis olim fuisse incognitam, ex Symeone Thessalonicensi paulo ante laudato colligitur: ergo &c.

3. Uñtio quinque sensuum in speciali, ad essentiam Sacramenti non pertinet. Ita centent nostræ ætatis eruditi pene omnes, voluntque unicam unctionem cum forma universalis conjunctam ad essentiam Sacramenti sufficere. Nec immerito. Scriptura enim præcipit equidem unctionem, sed in plerisque partibus iterandam non imperat. Ergo per unicam satisfactis præcepto Jacobi: seu verius, Christi ipsius, ore Apostoli promulgato: ungentes eum oleo: quomodo unica ablutione Domini mandatum, impletur: Baptizantes eos in nomine patris &c.

Deinde. Non est dubium extremæ Uñctionis

nis Sacramentum vere a Græcis & Orientalibus observari; quod si quis inficias iret, non Græcis tantum, sed & Sum. Pontificibus, & Conciliis, a quibus ritus eorum probati sunt, injuriam faceret: porro Græci, ut prædiximus, quinque sensuum organa non inungunt.

Præterea. Latini olim extremæ Unctionis Sacramentum vere habebant; atqui in plerisque Ecclesiis, una tantum unctio fieri consueverat. Sic enim vetus rituale *Remense*, unam non plures præscribit: quia totius occidentis, hunc paulo ante Gregorii M. tempora fuisse morem, haud leve ex vita S. Eugendi argumentum eruitur: „vocate, inquit, uno adse „de fratribus . . . secretissime sibi pectusculum petit, ut moris est, inungi“.

Denique. Si ad Sacramenti essentiam unctio quinque sensuum pertineret, nulla quantumvis necessitate, sine illa consisteret, aut consistere putaretur: atqui in necessitatis articulo, una tantum unctio Sacramentum perfici, communis Ecclesiarum per occidentem doctrinam est. Sic pastorale Mechliniense, an. 1559 editum, & a sacra facultate Lovaniensi probatum: „in morbis contagiosis & „peste grassante, inquit, (de ext. Unct. c. 9) „ut periculum vitetur, sufficit inungi sensus „organum, magis ad unctiorem expositum „ac detectum dicendo, per istam Sanctam „Unctionem, & piissimam suam misericordiam indulgeat tibi Deus quidquid deliquisti „per visum, odoratum, auditum, gustum, „& tactum“.

Pari ratione Mannale Cameracense: *Sit amurgens sit mortis periculum, inquit, ut nec consuetæ partes ungi, nec illa forma pronuntiari possit (quæ innumeris distincte singulis Unctionibus correspondet,) ungatur organum sensus magis ad unctiorem expositum, dicendo: per istam Sanctam Unctionem, & piissimam suam misericordiam indulgeat tibi Deus, quidquid deliquisti per quinque sensus tuos.* Eadem pastoralis Atrebatensis, & aliorum quæ diversis Ecclesiis usui sunt, præscriptio est.

Q. 2. Quid factio opus sit eripae infirmos, qui casu vel natura, membro aliquo caruerint eorum in quibus unctio ex Ecclesie præscripto fieri debet?

R. Verbis S. Thomæ: „mutilati, inquit, „(in 4. sent. dist. 23, quest. 2, art. 3, questioncula 3) inungi debent, quanto propinquius fieri potest ad partes illas, in quibus unctio fieri debebat: quia quamvis non habeant membra, habent tamen potentias animæ, quæ illis membris debentur: & saltem in radice & interiori peccare possunt, per ea quæ ad illas partes pertinent, quamvis non exterius...“ eademque S. Caroli præ-

scriptio est: *Siquis, ait, (in Instructionibus de extrem. Unct.) membro aliquo careat, quod inungi præscriptum est, ungat (sacerdos) partem ei propinquiorem.*

Q. 3. Ubi ejusdem sensus gemina organa aut membra sunt, utrum ne in singulis debeat Unctio fieri, & forma proferri?

R. Debere singula, sed unica formæ prolatione inungi: ita communiter libri manuales præscribunt: dum oculos, aures, & alia corporis membra, quæ paria sunt, sacerdos ungit, inquit rituale Romanum, caveat, ne alterum ipsorum inungendo, Sacramenti formam prius absolvat, quam ambo hujusmodi paria membra perunxerit: ungenda itaque diversis actionibus membra paria, sed semel sacra formula enuntianda.

Q. 4. Quid si utrumque membrum, ab externa scilicet & interna, superiore & inferiore parte obviu Sacramenti fuerit, utra magis pars ad Unctionem eligenda?

R. Quodquidem utrumque est ad Sacramenti valorem indifferens, utra magis pars eligatur, ratione habita Sacramenti, nil interesse: tantum cavere debet sacerdos, ne ab Ecclesie more & præscripto recedat. Sic enim rituale Romanum personis secularibus, & clericis Sacerdotio minoribus, manus in interiore parte, Sacerdotibus vero in exteriori ungi præcipit: manus, inquit, quæ reliquis infirmis interiorius ungi debent, presbyteris exterius ungantur: cujus causa conveniens est, quia pars manuum interior in ordinatione presbyterorum uncta fuit & consecrata: itaque hæc consuetudo in administratione hujus Sacramenti religiose tenenda: quantum vero ad pedes spectat, utrum pars superior, aut inferior, ipsa videlicet planta, sit inungenda, nihil specialiter, quod quidem sciverim, constitutum: utraque ergo pars liniatur, perinde erit; plerosque tamen videmus in hac, nec improbabiler, sententia esse, in ipsa planta pedis unctiorem esse faciendam, quia ejus potiores ad gradiendum & principales sunt partes.

Q. 5. An possit assignari congrua ratio, cur inungantur partes quædam determinatæ in Ecclesia Latina.

R. Affirmative, eamque assignat Præceptor Angelicus qu. 32. suppl. art. 6, inquit: „principia peccandi in nobis sunt eadem, „quæ & principia agendi: quia peccatum „consistit in actu. Principia autem agendi in „nobis sunt tria. Primum est dirigens, scilicet, „cet vis cognoscitiva. Secundum est impetans, scilicet vis appetitiva. Tertium est „exequens, scilicet vis motiva. Omnis autem „nostra cognitio a sensu ortum habet. Et „quia unde est in nobis prima origo peccati, „illic

QUÆSTIO TERTIA.

De forma extremæ Unctionis.

„ illic debet medicina adhiberi; ideo inungun-
 „ tur loca quinque sensuum, scilicet oculi pro-
 „ pter visum, aures propter auditum, nares
 „ propter odoratum, os propter gustum, ma-
 „ nus propter tactum, qui in pulpis digitorum
 „ præcipue viget: & propter appetitivam inun-
 „ guntur aliquibus rennes. Pedes autem inungun-
 „ tur propter motivam, qui sunt principalis ejus
 „ instrumentum. Ex qua primum principium
 „ operationis humanæ est cognoscitiva; ideo
 „ illa unctio ab omnibus observatur, quæ fit
 „ ad quinque sensus, quasi de necessitate Sa-
 „ cramenti. Sed quidam non servant alias:
 „ quidam vero illam servant, quæ fit ad pe-
 „ des, & non quæ ad renes: quia appetiti-
 „ va, & motiva sunt secundaria principia. “
 Hæc ille. ¶

Q. 6. Quid in Unctione observandum?

¶ Cum impressione signi Crucis esse agen-
 dum; cujus ratio triplex est; 1 ut inde no-
 scamus, non aliunde quam a merito crucis
 Christi unctionem hanc, uti cætera sacra-
 menta, suam habere virtutem; 2 quo sensu ab
 Apostolo dictum: *Unctis oleo in nomine Do-
 mini*: 3 ut sciamus, non aliter quam in hoc
 signo insidiantis Dæmonis impetus propulsari,
 superari tentationes, & plenam posse in hoc
 ultimo agone de carnis illecebris victoriam
 reportari, 3 ut hoc signo munitus Christi mi-
 les securius ad supremi judicis tribunal com-
 pareat, simulque ostendat, se ad mortem us-
 que, sub Christi vexillo pugnasse.

Q. Ultimo. Utrum manus ministri imme-
diato contactu debeat Unctio fieri?

¶ Unicuique tenendam suæ Ecclesiæ disci-
 plinam; in variis diocesis moris est, ut et-
 iam extra contagionis periculum, unctio non
 pollice fiat, sed virgula sacro Oleo delibuta;
 aliarum consuetudo est, ut grassante peste,
 virga longiore minister utatur: in *pestiferis*,
 ait manuale Cameracense, *ut licebit virga ob-
 longa, oleo tincta, quæ deinde comburatur,*
aut servanda purgetur; eademque plerorumque
 aliorum Ritualium præscriptio est; itaque pos-
 sunt ministri, ubi hoc concessum fuerit, in
 casu necessitatis hac indulgentia uti; tantum
 meminerint Sacerdotes, eatenus in necessita-
 te concedi sibi propriæ incolumitati consulere,
 ut ne debita Sacramenti reverentia vio-
 letur; divinorum dispensationem mysteriorum,
 non nudæ caritatis, sed officii necessarij mi-
 nisterium esse, ad quod exequendum etiam
 suo periculo obligantur: & sancta denique san-
 ctæ & reverenter esse tractanda.

Cum extremam Unctionem e numero Sacra-
 mentorum Hæretici recentiores abstule-
 rint, consequens fuit, ut materiam ejus &
 formam de medio tollerent: nam rei quæ om-
 nino esse negatur, nec materia nec forma
 tribui potest.

Sic Lutherus, Oleum, hujus Sacramenti
 quod Unctionem vocamus, divinitus institutam
 inficiatur esse materiam: id quod, inquit,
 (in lib. de Captivitat. Babyl.) caute ac de indu-
 stria Jacobus prævidens, promissionem sani-
 tatis, & remissionem peccatorum, non tribuit
 unctiõni, sed orationi, (suscipientis videli-
 cet, non ministri;) nam, ait ibi. *Sacramen-
 tum non exigit orationem aut fidem ministri;*
cum impius etiam baptizet absque oratione:
sed nititur in sola promissione & institutione
Dei, exigentis fidem suscipientis.

Ita nefarius homo, tum errorem suum ma-
 nifesto declarans, quo negat Unctionis extre-
 mæ ullam necessariam esse formam; tum Ec-
 clesiam Catholicam calumnians, quasi cum
 Donatistis putarent, sine bide ministrantium
 constare Sacramenta non posse.

Calvinus vero, isti, inquit, (Instit. L. 4, c. 19) (Catholici) per Sacram suam, id est
 abominabilem Unctionem (quæ adjunctam ora-
 tionem habet) peccata remitti imple
 mentiuntur.

Quibus Kemnitius consentiens: de adhibita
 illa forma verborum, inquit, quam Pontifi-
 cii præscribunt, nulla vel littera, vel syllaba
 in Evangelica historia legitur.

Jam

OSTENDITUR PRIMO.

Extremam Unctionem non secus ac cætera Sa-
 cramenta, formam propriam, ex divina in-
 stitutione habere.

Hoc ipso enim quod est Sacramentum, il-
 lud omne importet necesse est, sine quo Sa-
 cramentum ne intelligitur quidem; atqui ubi
 forma verborum præscripta non est, dans ele-
 mento, sive materiæ efficaciam, necesse, nec
 intelligitur Sacramentum; accedit verbum ad
 elementum, inquit S. Aug. sæpe laudatus, &
 fit Sacramentum; ergo propriam formam ex
 institutione divina extrema unctio habet.

Id quod verba Jacobi luce clarius manife-
 stant; infirmatur quis in vobis? inquit, (cap.
 2, 4) inducat presbyteros Ecclesiæ, & orent

S s

super

super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini; hic enim nec unctio sola, (quæ materia est) nec oratio sola (quam formam vocamus) præcipitur; sed utramque jubetur debere connecti: *orent*, inquit, *super eum, ungentes oleo in nomine Domini*: indeque est, quod effectus ritus sacri, non unctioni soli, nec orationi suscipientis, prout somniavit Lutherus divino textui contradicens, sed orationi Sacerdotali, quatenus adjunctam habet unctionem, tribuitur; inducat presbyteros Ecclesie, & *orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini*; & oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, remittentur ei; itaque quin extrema Unctio propriam ex Dei præscripto habeat formam, iis solis dubitare aut inficiari permittitur, qui tantum sibi scelus permittunt, ut ipsam Scripturæ veritatem vel præfracte negent, vel in dubium revocent.

Ad stipulatur antiquissima Ecclesiæ universalis traditio, qua certum est, nunquam sine comite oratione unctionem infirmorum fuisse factam, eademque orationi, olei unctioni adjunctæ, seu ipsi operi sacro, virtutem producendi effectus spiritualis, communi omnium sententia attributam. Evolvatur quidquid uspiam reperiri poterit, apud Græcos, Orientales, & Latinos, Euchologiorum & Ritualium librorum; revocentur in memoriam Patrum de extrema Unctione laudata superiorum testimonia: & si vel unum occurrat, ubi legatur unctionem non debere cum Oratione, ut efficax sit, necessario fieri; aut ad ejus virtutem nihil interesse, sive a presbyteris unctionis ministris, sive a suscipientibus oratio sacra fundatur; tum demum per nos licet, Ecclesias accusent Hæretici, & inducæ contra divinum mandatum novitatis insimulent: quod si, ut revera est, probare non possunt, pudeat eos tandem aliquando erroris sui, & excussa Lutheri, Calvini, aliorumque pseudo-Reformatorum tyrannide, suavi Ecclesiæ jugo, quod Christi ipsius est, colla submittere non detrectent: desinant matri piissimæ hæreditatem acceptam divinitus invidere, & sicuti Baptismum ejus, pro vero Sacramento habeat; ita in Unctione infirmorum, qualem ab initio observavit, veram materiam, veramque formam, & omnes denique veri Sacramenti condiciones, humiliter & utiliter recognoscant.

OSTENDITUR SECUNDO.

Formam extremæ Unctionis qualis ubique hodie observatur, verbis deprecativis enuntiari.

Atque ut de Græcis primo dicamus, notorium est apud illos meris precandi formulis totum officium extremæ Unctionis absolvi, quas inter, Goario, Arcudio, aliisque consentientibus, formæ Sacramentalis locum habet, quæ sic incipit: *Πάτερ ἄγιε ἐπάκου ἡμῶν* Luxor: *Pater Sancte, animarum & corporum medicine, qui filium tuum Unigenitum Dominum nostrum Jesum Christum, omnem morbum curantem, & ex morte nos liberantem misisti: Sana quoque servum tuum N. a desinente illum corporis infirmitate, & vivifica illum per Christi tui gratiam: intercessionibus super omnes, S. Domine nostræ Dei-patris, & semper Virginis Mariæ &c. (vide sup. qu. 1, c. 1, prob. 3).*

Nec minus de Latinis est certum, eos formam unctionis verbis deprecativis efferre: per istam Sanctam Unctionem, & summam piissimam misericordiam indulgeat tibi Deus qui: quid deliquisti per visum, auditum, olfactum, gustum, & tactum: cujus formæ veritatem & efficaciam si quis suspectam haberet, Sum. Pontificibus, Conciliis, & Universali Ecclesiæ contradiceret: constat enim ab Eugenio IV in decreto pro instructione Armenorum: in Concilio Trident. Sess. 14 de Extr. unct. cap. 1 & in variis, quæ a 600 & amplius annis scripta sunt, Ritualibus Latinorum, commendari, & a Sacerdotibus inviolabiliter observandam præscribi: constat pariter formam hanc Græcis minime improbari: in iis enim tam diversis litigiis quæ adversum Latinam Ecclesiam variis temporibus excitarunt, nullibi legimus ullam de hac re intentatam esse querelam: atque id perquam merito: non enim a mensura vocum aut numero syllabarum pendet vis & efficientia unctionis, sed ab oratione fidei quam fieri S. Jacobus Dei auctoritate præcepit: ubicumque ergo fidei oratio est, publica auctoritate Ecclesiæ approbata, & ad virtutem Sacramenti significandam accommodata, vera ejus debet forma agnosci.

¶ S. Thomas præter alia quæ profert ex sacris litteris, & ritu Ecclesiæ fundamenta, hujusce formæ deprecatoriæ maximam convenientiam moie suo manifestat, q. 29 supplem. art. 8, & quidem tripliciter. Primo, inquit, quia suscipiens Sacramentum hoc est viribus propriis destitutus. Unde indiget orationibus sublevari. Secundo: quia datur exequentiis, qui

jam desinunt esse de foro Ecclesie, & in solius Dei manu requiescunt, unde & ei per orationem committuntur. Tercio, quia hoc Sacramentum non habet aliquem effectum, qui semper ex oratione Ministri consequatur, omnibus, quæ sunt de essentia Sacramenti etiam vite peractis, sicut character in baptismo, & confirmatione, & transubstantiatio in Eucharistia, & remissio peccati in Pœnitentia existente contritione, quæ est de essentia Sacramenti Pœnitentiæ, non autem de essentia huius Sacramenti. Et ideo in hoc Sacramento non potest esse forma indicativi modi, sicut in prædictis Sacramentis.

OSTENDITUR TERTIO.

Formam extremæ Unctionis in Latina Ecclesia, olim verbis absolutis expressam.

Minime tamen putandum, formam deprecativam sic esse institutione divina necessariam, ut aliter consistere Sacramentum non possit; quam enim modo habet Latina Ecclesia Unctionem, antiquitus per minorem efficaciam habuit: nisi impie contendimus, privo majorem judicio Sacramentum Christi sublatum, & ejus loco otiosum cœremoniam, nova superstitione, inducam: atqui olim per diversas Latine Ecclesie partes verbis indicativis forma extremæ Unctionis exprimebatur; nec forte alia per totum late Occidentem observabatur.

1. Enim neminem latet tantisper in antiquitate versatum, a multis retro sæculis formam hanc in Mediolanensi Ecclesia usurpantem; ungo te oleo sanctificato, in nomine Patris, & Filii, & Sp. Sancti, ut more militis uncti præparatus ad certamen, aereas possis superare potestates: formæ hujus B. Bonaventura, alique veteres Scholastici cum laude meminerunt, & Ambrosianam appellant, ut insinuent vel ab ipso Sancto Ambrosio præscriptam, vel ei esse cœvam.

2. In Sacramentario Gregorii M. (vide Hugonem Menardum in Sacramentario) sub hoc titulo: Oratio ad infirmum unguendum: hæc legitur forma, quæ sane deprecativa non est: inungo te oleo Sancto, sicut unxit Samuel David in Regem & prophetam: operare creatura olei in nomine Patris omnipotentis, ut non lateat illic spiritus immundus, neque in membris illius, neque in medullis, neque in ulla compagine membrorum: sed in te habiet virum Christi altissimi, & Sp. Sancti, pereundem &c. etsi enim in modum precationis hæc formula desinat, his nimirum verbis: per eundem Dominum nostrum Jesum Christum &c.

absolute tamen quæcumque præcedunt enantiari, nemo non videt: quo fit, ut absoluta, non deprecatoria dici sapientium judicio debeat: alioquin enim ne forma quidem Baptismi, indicativa futura erit: quid enim obstat quominus quæ in illa fit, invocatio Trinitatis, his verbis: ego baptizo in nomine patris &c. pro vera babeatur oratio? Olim forma hujus Sacramenti, ait Hugo Menardus, Gregorianam formam expendens, (in Sac. Greg. M.) fuit indicativa, quamvis hic appellatur oratio, sed improprie: vere etenim oratio non est.

3. Id ipsum demonstrant diversarum Ecclesiarum, tum manuscripti, tum typis editi, libri veteres Rituales, non aliam, præter indicativam formam habentes; cujusmodi sunt Codices, S. Mariæ Remensis, Tilianus, sive Sagensis, Ratoldi, Siculus, Venetus, & plures alii, quos constat ad 16 usque sæculum in Ecclesiis illustrioribus observatos, nec alia de causa, ut quidem crediderim, paulatim in hac parte abrogatos, nisi quia Antistibus satius visum est, formam deprecatoriam, quæ in majori Ecclesie Latine parte observabatur, amplecti: consuli de hac re possunt, Joannes Morinus, de administratione Sacramenti pœnitentiæ, l. 8, c. 16, Hugo Menardus in notis ad Sacramentarium Gregorii M. Joannes Lanojus in libro de Sacramento Unctionis infirmorum.

COROLLARIUM I.

Indeque sequitur 1, quantum spectat ad divinam institutionem, & essentiam Sacramenti, sive forma indicativa, sive deprecativa adhibeatur, indifferens esse: nec unam præ altera necessario usurpandam, nisi quia minister quisque tenetur Ecclesie morem gerere, & disciplinæ a majoribus institutæ obtemperare.

Hoc enim ni concesserimus, dicendum erit plerasque Ecclesias longo sæculorum decursu, consentiente Universali Ecclesia, exterrum Unctionis Sacramento caruisse, & in ejus locum vanam Sacramenti imaginem subrogasse: qualem sane futuram fuisse negare non possumus, si forma deprecativa, quæ sola sufficere ad Sacramenti valorem supponeretur, fuisset in indicativam, pastorum ignorantia aut negligentia perperam immutata: quis porro illud assentietur, Mediolanensem, & plerasque alias Ecclesias, ne Romanam quidem excepta, quoad formam indicativam in illis vigit, Sacramentum extremæ Unctionis, convenientibus consentientibusque reliquis pastoribus, ita contemnasse, ut ejus, præter vani nominis umbram nil superesset?

¶ Deinde: in hoc Sacramentalis formæ veritas & essentia consistit, quod Sacramenti vim & affectiones significet, non speculative quidem, ut loquitur schola, sed præfice, hoc ipsum videlicet operando quod verbis exprimitur: atqui in extrema Unctione, sive forma sit deprecatoria, sive absoluta, effectum Sacramenti, & ejus virtutem pariter exprimit: id quod facile assentietur, qui Græcorum formam: *pater sancte, animarum & corporum medice, &c.* Latinorum: *per istam sanctam Unctionem &c.* Itemque alias, sive *Ambrosianam*, sive *Gregorianam &c.* quæ verbis absolutis efferebantur, attente pensitaverit: in singulis enim, causa principaliter operans, Deus scilicet, minister, ejusque intentio, & denique unctionis effectus perspicue exprimitur: ergo &c.

COROLLARIUM II.

Sequitur 1, hoc uno extremæ Unctionis exemplo etiam si alia deessent, vanam revincendam opinionem, qua plerique de schola putant, debere formas Sacramentorum, ut ex opere operato sint efficaces, verbis absolutis sive indicativis, non deprecatoriis exprimi: ecce enim precibus Sacerdotum hoc Sacramentum vere confici, de quo prædixit Apostolus: *infirmatur quis in vobis? inducat presbyteros Ecclesie, & orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini: Oriens Occidensque consentit: ergo Sacramentum novæ legis, posse deprecatoriis verbis absolvi, Ecclesiæ Universalis sententia est: ergo quas in contrarium schola objicit rationes, vanæ ac futes sunt: ut quid enim in unguendis infirmis Oratio cum oleo sufficit; non satis erunt in cæteris Sacramentis formulæ deprecativæ, cum elementis unicuique divinitus assignatis conjunctæ? ad quod sane argumentum si, uti par erat, attendissent Scholastici, non fuissent in Græcis & Orientalibus accusandis adeo faciles, quasi nimirum confirmationis, pœnitentiæ, ordinis, & matrimonii sacramenta violassent, propterea quod in eorum administratione non alias usurpent formulæ, quam deprecativas: quæ accusatio si quid fundamenti haberet, non in Græcos tantum, sed in Latinos ipsos recideret, a quibus constat ritus Græcorum solemniter sæpeque probatos: discant hinc Theologix studiosi, non ex novellis scholarum opinionibus debere de antiqua disciplina ferri judicium; sed ex disciplina ipsa, quam constat antiquitus observatam, scholarum placita æstima-*

OBJECTIO PRIMA.

Volentium, formam extremæ Unctionis non posse in Oratione consistere.

Forma hujus Sacramenti, inquit, si quæ esset, foret oratio fidei, de qua Apostolus loquitur, *Oratio fidei salvavit infirmum*: atqui oratio fidei nequit esse forma Sacramenti conveniens: forma enim Sacramentalis effectum suum exerit ex opere operato: atqui oratio fidei effectum ex opere operantis consequitur: id est, effectus omnis quem habet, non verbis ipsis, sed fidei operantis adscribitur: ergo &c.

R. Concessa maj. n. min. nam quælibet forma Sacramentorum vero aliquo sensu oratio fidei est, & vocatur; semper enim est efficax in fide Ecclesiæ Deum invocantis, quem esse omnipotentem firmiter credit, & verbo suo id omne quod vult, infallibiliter operari: cum itaque formæ omnes Sacramentales vice Ecclesiæ proferantur, fidem suam & devotionem ministerio hominum, quantumvis aliunde improborum & infidelium exprimentis; orationes fidei eo sensu dici possunt ac debent.

Ad argumentum subjectum, concessa maj. dist. min. Oratio fidei effectum suum ex opere operantis consequitur; si sit oratio fidei formaliter, hoc est, si dependeat ab actuali ministri fide, quantum ad efficaciam, concedo: si sit oratio fidei, oblique tantum, nego min. & conseq.

E. R. Forma extremæ Unctionis est oratio fidei oblique, in quantum in objecto fidei continetur, & ab Ecclesia cujus vices gerit minister quantumlibet infidelis, vera & viva fide profertur: sed non est oratio fidei formaliter & subjective: quia ut suum effectum obtineat, non dependet ab actuali fide ministri, pari itaque ratione intelligitur extremæ Unctionis forma, oratio fidei a S. Jacobo appellata, qua S. Aug. verbum Sacramentale, fidei verbum appellat; quæ est tanta virtus aque, inquit, (*Tract. 80 in Joan.*) ut corpus tangat, & cor abluit? nisi faciente verbo, non quia dicitur, sed quia creditur: atqui non ideo S. Doctor verbum Sacramentale dicit esse verbum fidei, quod sentiat formalem fidem essentialiter in ministris Sacramentorum requiri; sed quia in objecto fidei continetur; ergo a pari &c.

Instant: in collatione Sacramentorum vere operatur minister, eorumque effectus attingit: alioquin enim falso diceret: ego te baptizo: ego te absolvo: signo te signo crucis: confirmo te chrismate salutis &c. atqui si forma

ex-

extremæ Unctionis deprecatoria foret, nihil minister operaretur, nec effectum ejus ulla ratione attingeret; numquid enim delet peccata, qui rogat Deum ut dignetur ea remittere? *per istam Sanctam Unctionem*, inquit, *Græci suam piissimam misericordiam, indulgeat tibi Deus* &c. ergo &c.

R. 1. Hanc & similes argutias iis tantum probari posse, qui res divinas, non scripturæ & traditionis auctoritate, sed Sophisticis cavillationibus metiuntur: quæ si quid ponderis haberent ad destruendum, forma deprecatoria extremæ unctionis Sacramentum constare non posse, pariter demonstrarent, Græcos nec poenitentiae, nec confirmationis, nec ordinis, nec matrimonii Sacramenta habere, quæ constat apud illos solis orationibus confici.

R. 2. Concessa mihi. a. min. vere enim operatur, qui formam Sacramentalem, ejusdem materię, & utramque subjecto idoneo, potestate data sibi divinitus applicat; ex qua applicatione, nisi subjecti pravitas obstat, necessarium est sequi effectum, ad quem Dei voluntate sacra operatio ordinatur: atqui etiam si forma extremæ Unctionis deprecatoria sit, ejus tamen materię, & simul utraque subjecto capaci, intervenit presbyteri applicatur, unde sequitur necessario effectus Dei voluntate intentus: ergo revera minister in Sacramenti, etiam per formam deprecatoriam, consecratione, tantum operatur, quantum in cæteris formam indicativam, sive absolutam habentibus.

Ad argumentum adjunctum, dist. ant. non delet peccata, qui rogat Deum ut dignetur ea remittere: *non delet*, inquam, *virtute propria*, *Græci quasi de suo indulgentiam largiendo*, conc. non delet minister. *illi virtute*, precem fundendo, quum voluit Deus esse ex opere operato indulgentiæ efficacem, n. ant. & consequ. Plana responsio erit, si ad cætera Sacramenta attendamus, quorum formæ verbis absolutis enuntiantur: quando ait Sacerdos baptizans: *ego te baptizo*: aut quando in poenitentiae Tribunali, *ego*, inquit, *te absolvo*: aumpquid putas de suo aliquid dare, & originale aqualiave peccata, propria virtute remittere? non hoc sane, si verum sapis, dicturus es: quid ergo facit? nimirum Christi minister est, & Dei dispensat mysterium, ad peccati abolitionem supremæ ejus potentia ordinatum: atqui quomodo formam indicativam baptismatis, ita Unctionis deprecativam voluit Deus esse gratiæ efficacem, eique constitutum est in aliquibus Sacramentis Columbæ, Ecclesiæ videlicet, gemitum, verbis deprecatis expressum infallibiliter exaudire: non minor ergo in Sacramentis, formam deprecativam,

quam indicativam habentibus, ministrorum, nec imbecillior operatio est.

Inst. 2. negare saltem non possumus, debere actionem ministri, in forma Sacramenti necessariam exprimi: alioquin enim quo pacto significaret, se intentionem operis sacri faciendi habere? atqui in forma deprecatoria, nulla actionis ministri expressio est; non est ergo ad Sacramentum sufficiens.

R. 1. Nego maj. quæ enim isthæc nova regula est, non audere inficiari quod certo constat Ecclesiasticæ disciplinæ esse contrarium; vel hac sola ratione, quod Scholasticis quibusdam, sophistis magis, quam Theologis, pro axiomate & inconcusso principio habeatur? in quorum numero fuit *Catumyritus*, Græco-Italus, ignobilis, nulliusque doctrinæ scriptor, qui *Arcudium* refutando, eo temeritatis progressus est, ut novas proponeret Sacramentorum, ipsiusque nominatim extremæ Unctionis, formas præsumserit, eo prætextu quod in iis quibus Græci & Latini utuntur, actio ministri non exprimitur: quasi nimirum hac una de causa irrita possent fieri Sacramenta Christi: quod vero ad hujus opinionis probationem affertur, non posse aliter significare ministrum, se intentionem operis sacri faciendi habere, nisi actionem suam in ipsi Sacramenti forma exprimendo, prorsus ridiculum est: ipso enim opere quod serio, & in circumstantiis debitis adimpletur, satis superque intentio innotescit, nec ulterius exigitur ut verbis expressis declararet minister, se id velle agere, quod revera agit: quapropter *Catumyriti* opinio pro paradoxo habita est, ipseque auctor merito ac jure damnatus.

R. 2. Transiât major & n. min. sive enim de Græcorum, sive de Latinorum forma quæstio sit, certissimum est utraque, ministri ungentis actionem significari: *per istam Sanctam Unctionem*, ajunt Latini, *indulgeat tibi Deus* &c. ubi cæcum esse oportet, qui non videt adum presbyteri clarissime exprimi: Græci vero orationem: *pater Sancte, animarum & corporum medice* &c. hoc ipso momento, quo infirmum inungunt pronunciant: *post orationem*, ait Euchologium, *accipit Sacerdos oleum, & extremam Unctionem adhibet, sequentem orationem dicens: pater Sancte* &c. opus itaque ipsum quod tum impletur, intentionis ministri apertissima declaratio est, quod qui negare audent, idem mihi videntur sentire, ac si quis contenderet eleemosynam vere non fieri, nisi qui egeno succurrit, in ipso exercitio caritatis dixerit: *impertior tibi eleemosynam*: quod esse absurdissimum quis non videt?

OBJECTIO SECUNDA

Volentium, extreme Unctionis formam, veram, nisi deprecatoria fuerit, esse non posse.

Forma, inquit, vera non est, nisi quam Christus Sacramentorum auctor præscripsit: atqui Christus sola oratione Unctionem fieri voluit: *infirmatur quis in vobis?* ait ejus Apostolus, *inducat presbyteros Ecclesie, & orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini: & oratio fidei &c.* ergo nisi deprecatoria fuerit, vera esse nequit extremæ Unctionis forma.

Resp. 1. pierique Theologi totum concedendum argumentum: volunt nimirum formam absolutam, quando olium in Latina Ecclesia obtinebat, semper fuisse cum verbis leprecativis conjunctam, quæ sola stricte loquendo rationem formæ haberent: „olim, inquit Natalis Alexander, (Theol. dogm. & mor. lib. 2, tract. de extr. Unct. c. 2, art. 3) forma, ex absoluta & deprecatoria mixta erat: sed absoluta & indicativa oratio, potius erat dispositio ad formam, quam ipsa forma, ut docet S. Thomas in 4. sent. dist. 23, qu. 1, a. 4, quæstioncula 2, ad 3: „verba illa indicativi modi, inquit, quæ secundum morem quorundam præmittuntur orationi, non sunt forma huius Sacramenti, sed sunt quedam dispositio ad formam, ipsarum intentio ministerii determinatur ad adum per illa verba. Sic in Sacramentario S. Gregorii absoluta seu indicativa oratio deprecatoriæ conjungitur hunc in modum: *inungo te de oleo Sancto, sicut unxit Samuel David in Regem & prophetam: operare creatura olei in nomine Patris omnipotentis, ut non lateat illis spiritus immundus, neque in membris illius, neque in medullis, neque in ulla compagine membrorum, sed in te habiet virtus Dei altissimi, & Sp. Sancti, per eundem &c.* in codice Arremarensi, in codice S. Mariz Remensis, in codice Ratoldi, in Tiliano seu Sagiensi, nec non in codice Siculo indicativa oratio, deprecatoriæ formæ pariter adjungitur. Ambrosiana Unctionis extremæ formulæ his verbis concepta est: *ungo hos oculos oleo Sanctificato, in nomine Patris, & Fili, & Sp. Sancti:* & sic ad omnes sensus: sed verba deprecatoria sequuntur: *ut more militis nulli preparatus ad certamen, possis aereas potestates superare.* Similiter in forma Veneta, verbis illis indicativæ formulæ adjungitur: *quidquid illicito visu deliquisti, bu-*

jus olei unzione expietur, per Christum Dominum nostrum: quomvis ergo formæ istæ indicativo modo incipiunt, quia tamen precationis modo finiuntur, eodem quoad sensum cum nostra esse censentur: ita Natalis Alexander.

Resp. 2. alii, quibus, in prædictis formulis, quod veram sonet precationem nihil apparet, concessa majore, distinguendo min. Christus sola oratione Unctionem fieri voluit, quæ vel formaliter vel virtualiter & implicite talis esset, concedunt: sola oratione explicita & formali, negant minor. & consequ.

E. R. In prædictis Ambrosii, Gregorii, & aliorum ritualium formulis, nisi in terminis ludimus, nulla stricte loquendo precatio est: id quod Hugo Menardus, Morinus, Launoyus, & alii prudenter notantur: virtuale tamen & implicitam orationem ibidem contineri, negare non possumus: ubicumque enim invocatio supremi numinis est, oratio vero quodam sensu agnoscitur: atqui in Ambrosiana, Gregoriana, & aliis formulis, supremæ Dei potestatis invocatio est; nihil ergo impedit, quominus precatioes veræ aliqua ratione dicuntur, quæ satis sit ad Christi præceptum implendum: *infirmatur quis in vobis? inducat presbyteros Ecclesie, & orent super eum &c.* quod non ideo dictum intelligi volumus, ut cum S. Thoma pugnemus, cui contradicere nobis religio est: sed ut ostendamus, quicumque tandem scholarum præponatur opinio, nihilominus suam Sacramento veritatem constare, quæ non a scholarum placitis, sed a Christi instituentis voluntate absolute dependet; porro Christum in formula, sive oratione, aut formali & explicita; aut implicita & virtuali Sacramenti Unctionis essentiam posuisse, disciplina Ecclesiæ invide probat, contra quam pugnare stultissimum est.

Inst. 1. omnia novæ legis Sacramenta a Christo Jesu Domino nostro immediate instituta, fidei veritas est, a Concilio Trid. denuo contra recentiores Hæreticos confirmata: *si quis dixerit, inquit (Sess. 7 de Sacr. in Gen. can. 2.) Sacramenta novæ legis non fuisse omnia a Jesu Christo Domino nostro instituta: anathema sit:* quod de extrema Unctione specialim definit: *si quis dixerit, ait, (Sess. 14, de Sacr. extr. Unct. can. 1) extremam Unctionem non esse vere & proprie Sacramentum, a Christo Domino nostro institutum: anathema sit:* inde porro sequitur, a Christo materiæ & formas Sacramentorum non in genere tantum, sed & in specie esse determinatas: id quod a nobis ipsis libro 1 de Sacramentis in genere, est specialiter demonstratum: atqui si in extrema Unctione forma vel

absoluta, vel deprecatoria indifferenter adhiberetur, argumento foret quod non esset a Christo determinata: ergo &c.

R. Concessa maj. n. n. n. quæ vera dici non potest, nisi supponatur, formam inter absolutam & deprecativam essentialia discrimen esse; atqui utriusque essentialia differentia nulla est, cum utraque eundem habeat sensum, eundemque effectum prædicæ & ex opere operato significet: ita respondet S. Ronaventura, in 4, dist. 23, art. 1, qu. 4, ubi hanc sibi proponit objectionem: „omnia Sacramenta quæ habent formam, eandem debent habere per totam Ecclesiam Catholicam, quia variatio formæ est variatio Sacramenti, & Sacramentum debet esse uni forme, sicut fides & Ecclesia: sed hoc Sacramentum non habet eandem formam: nam in Ecclesia Gregoriana est hæc forma: *per istam Sanctam Unionem* &c. in Ambrosiana est hæc: *ungo te oleo Sanctificato, ut more militis ungi præparatus ad certamen, acrens possis superare potestates*: vel similis huic: ergo non videtur quod aliqua forma sit substantialis. Argumentum S. Doctor sic diluit: *ad illud, quod obijciatur, inquit, quod non est eadem forma, dicendum quod secundum id quod est necessarium & essentialia Sacramento, eandem oportet esse: sed forma verbi non est necessaria ratione vocis exterioris, sed prout est expressiva verbi interioris: jam sic subsumo: atqui formæ extremæ Unionis, sive verbis indicativis enuntietur, sive deprecativis, idem sensus, eademque interior significatio est: quod ni concesserimus, ex consequenti negandum erit, Græcos pœnitentiæ, ordinis, & matrimonii Sacramenta habere, quos constat, more Latinis contrario, in eorum administratione formulas deprecatorias usurpare: fatendum ergo extremæ Unionis formam (quod de plerisque aliis Sacramentis dici debet) a Christo sic esse determinatam, ut Ecclesiæ liberum fecerit, quas vellet sive indicativas voces, sive deprecatorias, (unum enim, idemque est,) usurpare.*

Inst. 2. Formam deprecativam in extrema unctione necessario adhibendam, Ecclesiæ definitio est. Sic enim ab Eugenio IV constitutum in decreto *pro inst. Armenorum*: & a Trid. Concilio expresse declaratum: *intellectus Ecclesia, inquit, (Sess. 24, cap. 1, de ext. ungi.) formam hujus Sacramenti esse illa verba: per istam unctionem, &c. ergo non aliter potest quam forma deprecativa valide ministrari.*

R. Nego ant. hoc enim dumtaxat ex decreto Eugenii, & Concilii Trid. doctrina erui potest, extremam unctionem his verbis: *per i-*

stam Sanctam Unionem &c. valide ministrari, & formam hanc ex præsentī Latinæ Ecclesiæ disciplina, necessario unicuique esse commendandam: cæterum minime putari debet, formam deprecativam decreto Ecclesiæ ita esse commendatam, ut indicativa velut insufficiens & ad effectum Sacramenti prorsus invalida, rejecta fuerit: alioquin enim Tridentini patres & Eugenius, violati quondam Sacramenti illustriores Ecclesias accusasset, quas luce meridiana clarius est, formam indicativam longo sæculorum decursu, nec aliam usurpasse: quæmadmodum itaque formam Græcorum Trid. Patres non proscripserunt, quæ licet deprecatoria sit, non ejusdem tamen tenoris ac nostra est: ita nec antiquam Latinoam quam indicativam fuisse constat, irritari & nullius efficaciæ declarari: nec aliter debere præfata decreta intelligi, pleraque momenta evincunt.

1. Enim certum est, ex quo Trident. Concilium celebratum est, liberum unicuique fuisse, pro validitate formæ indicativæ, quæ olim observabatur, publice editis libris pugnare, simulque contendere formam deprecatoriam, quæ modo ubique viget, ad substantiam Sacramenti ex institutione divina non pertinere: sententiam hanc *Hugo Menardus*, in Sacramentarium Gregorii M. *Morinus* de Sacri. pœnitentiæ l. 8, c. 19, *Joannes Launojus* lib. de hac re specialiter edito: & plerique alii solide, propagarunt.

2. Anno 1635 sacra Theologiæ facultas Parisiensis, publice propositionem defendi permisit, quæ asserebatur, *etiam unica olei unctione, verbisque indicativo prolatis, Sacramentum extremæ Unionis in necessitate perfici posse.*

3. Hoc ipsum probat *Launojus* ex variis manualibus editis post Concilium Trid. & quidem ab Episcopis qui Synodo interfuerant, in quibus exhibetur forma indicativa.

Ergo solam formam deprecatoriam Sacramenti essentiam constituere, pro Ecclesiæ definitione haberi non potest.

¶ Accedit ad rem hanc amplius confirmandam animadversio, & Authoritas Benedicti XIV, Sum. Pontificis, qui in sæpe cit. lib. de Synodo l. 7, c. 17, utraque sententia cum suis momentis relata, & proposita etiam observatione Cardinalis Sanctorii (quam etiam adoptat loco supra citato laudatus P. F. Bernardus Maria de Rubéis) qua dissidentes inter se de hac controversia Theologos in concordiam revocare satagit; tandem concludit: *utrumque hæc res se habeat, cum nihil de ea ab Ecclesia definitum habeamus, non decet in Synodo, seu Synodali institutione, ejusmodi questionem commemorare,*

re, sed duntaxat injungendum est Parochis, ut formam adhibeant Rituali præscriptam, quæ ceræ sine gravi flagitio non potest privata Auctoritate immutari. Quibus verbis nihil de hoc definitum esse, velut ad fidei dogma pertinens, aperte designat, ac supponit.

Proponuntur & resolvuntur quedam questiones.

Q. 1. Harum formarum utra convenientior sit indicativa an deprecatoria?

R. 1. cum utravis indifferenter ex divina institutione sufficiat, nec una plus habeat virtutis quàm altera; utramque, ratione habita Sacramenti, convenientissimam esse, nec ea ex parte causam ullam, cur una alteri aeteponatur, occurrere: ubi enim plena utrimque æqualitas est, delectui & prælationi locus non manet.

R. 2. Si ad Ecclesiæ disciplinam (ut revera fieri debet) respectus sit, eam sine dubio convenientiorem censendam, quæ instituto Ecclesiæ ac consuetudine obtinuerit: quoniam aliquid tutius, hoc ipso convenientius est: atqui privato cuique ministro tutius est, in hoc solum esse tutum, disciplinam suæ Ecclesiæ observare, unde non potest sine proterviæ ac temeritatis nota recedi: ergo debet forma convenientior judicari, quæ fuerit Ecclesiæ auctoritate recepta: sic quia olim per totam fere Germaniam forma indicativa observabatur, prout testatur B. Albertus Magnus, affirmans (in 4, dist. 23, art. 4) se in antiquissimis Germaniæ Ritualibus, non aliam præter indicativam formam legisse, quam Gregorianam vocabant; nihil hoc tempore harum provinciarum presbyteris convenientius erat, quam ut morem suæ Ecclesiæ gererent: idemque de Ritu Ambrosiano, Veneto, & plerisque aliis est dicendum, qui pariter indicativam formulam præscribant: quia vero decursu temporum, forma deprecativa per totum late Occidentem recepta est, & Conciliorum ac Sum. Pontificum decretis probata, hanc utpote convenientiorem sequi unusquisque tenetur, non quia aliter constare veritas Sacramenti non potest, quod supra ostendimus esse falsum; sed quia nemini licitum est disciplinam publicam Ecclesiæ auctoritate firmatam infringere. *

Q. 2. Utrum formam inter Græcorum & Latinorum consensio sit?

R. Affirmative: etsi enim verbis discrepent, eundem tamen sensum habere facile assentietur qui attendere, utrobique divinam omnipotentiam invocari, & spirituales effectum, gratiam nimirum & peccatorum remissionem utrimque peti: per istam sanctam Unionem,

ajunt Latini, & suam piissimam misericordiam, indulgeat tibi Deus &c. Græci vero: pater Sancte, animarum & corporum medicus, qui filium tuum Unigenitum, Dominum nostrum Jesum Christum, omnem morbum curantem, & ex morte nos liberantem missisti, sana quoque servum tuum N. a detinente illum corporis infirmitate, & vivifica illum per Christi tui gratiam &c.

Q. 3. Utrum omnes & singulæ harum formarum particulæ pertineant ad essentiam Sacramenti?

R. Negative: nam

1. Quod ad Græcos spectat, Sanctorum plurima nomina in eorum forma leguntur, quorum, in ægrotantis gratiam, intercessio invocatur: atqui invocatio Sanctorum non est necessaria in forma Sacramentorum, quippe quæ Dei solius virtute effectus suos, & ex opere operato producant: ergo memoria illa Sanctorum, etsi piissime fiat, non tamen ad Sacramenti valorem necessaria est putanda: idemque de petitione corporalis sanitatis dicendum, quam si dixerimus necessariam, consequens erit, ut Latinos, qui hanc non habent, contaminati Sacramenti redarguamus: & sane cum corporalis restitutio valetudinis effectus sit secundarius Sacramenti, nec necessario & infallibiliter, sed quatenus Deo expediens visum fuerit, ab illo dimanans; nulla necessaria causa est, cur in forma Unionis ejus expressio fiat.

2. In forma Latinorum pleraque sunt quæ ad essentiam Sacramenti non pertinent: quale est, 1. quod dicitur: per istam sanctam Unionem; 2. quod additur, & suam piissimam misericordiam; 3. quod distinctim quinque sensus enumeratur; 1. loquam, non est necessaria unionis significatio; tum quia ipso ministri agentis actu sufficienter innotescit; tum quia in formis Sacramentorum non requiritur materię eorumdem expressionem, penitentię, ordinis, & matrimonii exemplis conpertum est; tum denique quia Græci Unionis in forma sua expresse non meminerunt: 2. vox, indulgeat tibi Deus, misericordiam ejus abunde significat: ergo quod præcedit: & suam piissimam misericordiam ad essentiam Sacramenti superfluit: 3. oec necessaria est quinque sensuum distincta enumeratio; tum quia apud Græcos non fit; tum quia a Latinis ipsis potest, in casu necessitatis, ut prædiximus, reticeri.

Dicendum itaque, hæc sola verba, aut æquivalentia: indulgeat tibi Deus: essentialem formæ integritatem habere: iis enim solis, causa principaliter operans, Deus scilicet; effectus Sacramenti, qui est condonatio delictorum: subiectum cui Sacramentum impenditur; & denique

nique ipse minister, verba proferens, simulque ægrotum inungens, etiam si cætera desint, aperte significantur. Sequitur

controversia duplex: 1. an Christo immediate aut mediate tantum sit adscribenda? 2. quo tempore facta fuerit?

QUÆSTIO QUARTA.

§. PRIMUS.

De Auctore, & Ministro extreme Unctionis.

Utrum extrema unctio immediate a Christo sit instituta?

Bipartita quæstio est: adeoque distinctis capitulis explicanda.

CAPUT PRIMUM.

De extrema Unctionis Auctore.

Hujus Sacramenti, uti & aliorum, Dominum Jesum Christum esse Auctorem, Dogmâ Ecclesiæ est, in Scripturæ, traditionis, & gentium omnium perpetua consensione fundata, & a solis rectorum temporum Hæreticis sacrilego ausu repudiata: contra quos Concilium Trid. si quis dixerit, inquit, (Sess. 7, can. 1) *Sacramenta novæ legis non fuisse omnia a Jesu Christo Domino nostro instituta . . . aut etiam aliquod horum septem, non esse vere & proprie Sacramenta: anathema sit . . .* (Sess. 14, can. 2, de extr. unct.) si quis dixerit, *extremam unctionem non esse vere & proprie Sacramentum, a Christo Domino nostro institutam, & a B. Jacobo Apostolo promulgatam; sed ritum tantum acceptum a patribus, aut fignentum, humanum: anathema sit:* & vero auctorem suum extrema unctio, ipsa sua efficacia prodit ac demonstrat: effectum enim spirituale, & gratiam sanctificantem ex opere operato producit: equis porro vel Homo, vel Angelus usquam est, tanta virtute præditus, qui valeat elemento sensibili hanc efficacitatem tribuere, ut gratiam, Divinum videlicet opus, in animam influat? Igitur extremam unctionem, Christum Deum hominem vere habere auctorem negari ab iis solis potuit, qui omnem in ea negarunt esse gratiæ influendæ virtutem: contra quos iterum Trid. Synodus, si quis dixerit, ait, (Sess. 14, can. 2, de extr. unct.) *Sacram infirmorum unctionem non conferre gratiam, nec remittere peccata, nec alleviare infirmos, sed jam cessasse, quasi olim tantum fuerit gratia curatio: anathema sit.*

Veritatem hanc, quoniam sæpe alibi nominatimque lib. 1, de Sacramentis in genere, & hujus libri quæstione prima tetigimus, operam danuo tractando, abuteremur: superest de institutione extremæ unctionis, non cum Hæreticis, sed cum scriptoribus apprime Catholicis,

De Rē Sacram. T. III.

Hugonis a S. Viore, qui sæculo 12 floruit, sententia fuit, unctionem extremam, non a Christo immediate, sed ab Apostolis institutam: hoc Sacramentum, inquit, (Sent. trakt. 6, cap. 15) *institutum fuit ab Apostolis: eidem adhæsit opinioni magister sententiarum, ejusdem ætatis scriptor, quem sæculo sequente Alexander Halensis, & S. Bonaventura secuti sunt: Sacramentum unctionis infirmorum, inquit ille, (lib. 4, dist. 24) ab Apostolis institutum legitur.*

De qua priusquam judicium ferimus, dicendum quid immediata, quid vero mediata iustitio sit? quamquam non est ad intelligendum difficile; immediatam eoim intelligimus, quæ a Christi per semetipsum loquentis ore prodierit: qualis, nemine dissentiente, de baptisni & Eucharistiæ Sacramentis unctio fuit: ait enim ipse per se: *venite, docete omnes gentes, baptizantes eos &c. nisi quis renatus fuerit, &c. accipite & manducate, hoc est corpus meum &c. nisi manducaveritis carnem filii hominis, &c. mediatam dicimus, quæ ab Apostolis, & primis Ecclesiæ Antistitibus, auctoritate ab ipso accepta effluxerit: qualia sane plurima sunt, quæ ad Christum mediatum referuntur auctorem, quippe ab Apostolis in virtute Christi sancita: in hoc genere sunt, ritus sive ceremoniæ quæ in consecratione Sacramentorum antiquissima traditione servantur: nec enim quando hæc Apostoli disponebant, instinctu proprio, sed Christi ipsius a quo missi fuerant, spiritu regebantur: nec quidquam sibi velut summo legislatori Apostolus arrogabat, quando inquit, (1 Cor. 12, 34) *cetera cum venero disponam*, sed (quæ legati sunt partes) Christi supremi imperatoris arbitrio ac consensu dispositurum significabat. Jam ut ad propositum veniamus:*

OSTENDITUR PRIMO.

PROBATIO SECUNDA.

Extremam unctionem immediate a Christo sancitam.

Ex antiquitatis consensione.

PROBATIO PRIMA.

Ex analogia aliorum Sacramentorum.

Cujus veritatis, etsi expresse in Sacris Litteris non legatur, argumentum nostro quidem judicio firmissimum est, quod immediate per se ipsum, baptismum, Eucharistiam, poenitentiam, & sacerdotium instituerit: quod utique de confirmatione, suo loco probavimus, & Deo dante de matrimonio quantocyus adstruimus: quid porro Christo causae esse poterat, ut alia quidem ipse per se immediate decerneret, Sacramenti vero infirmorum institutionem discipulis suis permitteret? numquid non omnia pariter Sacramenta, etsi excellentiae & necessitatis gradu diverso, Evangelii, & novae religionis fundamenta futura erant? quod si eorum aliqua Christus per semetipsum posuit, cur non cetera pariter adstruxisset? numquid forte quia tempus defuit, ut omnia provideret? atqui, inquit S. Lucas, (*Act. 1, 3*) *praebuit seipsum vivum Apostolis post passionem suam in multis argumentis, per dies 40 apparentes, & loquens de Regno Dei: de Ecclesia scilicet, ejusque administrandae ratione: quae verba expendens S. Leo Pontifex Max. hi dies, inquit, (Serm. 1 de Ascensione) qui inter resurrectionem ascensionemque fluxerunt, non otioso transiere decursu, sed magna in eis confirmata sunt Sacramenta, magna revelata mysteria: numquid denique quia hunc discipulis honorem habere voluit, ut quorundam Sacramentorum immediati institutores essent & dicerentur? atqui nihil unquam sibi tale Apostoli arrogarunt, quibus satis fuit ministrorum Christi titulo gloriari: *sic nos existimet homo*, ait vice omnium B. Paulus, (*1 Cor. 4, 1*) *ut ministros Christi, & dispensatores mysteriorum Dei*: itaque extremam unctionem, non secus ac cetera Sacramenta, vivae vocis oraculo a Christo institutam immediate credendum, ne vide licet excellentiae potestatem qua eminet, transulisse in discipulos ulla ratione videretur; atque ut omnem Schismatis occasionem praecideret, cujus praetextus aliquis nasci poterat, si immediatam unius Sacramenti sanctionem sibi, praeter ipsum, aliquis attribueret.*

Nec est, quod pro contrariae opinionis defensione scripturae silentium venditur, quasi nimirum illud per seipso Apostoli statuisse censendi sint, quod non legitur ab ipso Christo immediate sancitum; nam,

1. Si hanc unusquisque temerario arripit silentium scripturae interpretandi licentiam, non de extrema unctione tantum, sed & de confirmatione, & de matrimonio, poterimus pariter aestimare, quod non a Christo fuerint, sed ab Apostolis instituta: quin, & de ipsa pariter ordinatione simile dubium orietur; quam legitur quidem in sacris Litteris, ab Apostolis observatam; institutam a Christo, ut nimirum in hac vel illa forma aut materia fieret, expresse nullibi legitur: equid vero obstat, quominus & de Sacramento poenitentiae paria dubia ventilentur? id quod exemplo suo, postremis temporibus Lutlerani & Calvinistae, quam esset facile demonstrarunt: hi enim vesano, nihil nisi quod in novo Testamento expresse a Christo determinatum legeretur, admittendi proposito, pene omnia Sacramenta de medio sustulerunt: quod si semel in scholas hae introducta licentia, aut si aliquorum, nimio contradicendi pruritui indulta, non reprimatur, quis non videt fidem paulatim immodicis altercationibus minuendam, & praecipua fundamenta religionis concutienda?

2. Ea quae minus hoc sibi permittere debent Theologi, quod traditio, tutissima scripturarum interpres, nullius unquam Sacramenti, nec ipsius nominatim unctionis institutionem alteri praeter Christum adscripserit: non noverunt videlicet antiqui Doctores, vanas illas mediatæ & immediatæ institutionis subtilitates, sed omnia simpliciter Sacramenta dicebant a Christo auctore accepta: nemo ante Hugonem inter Latinos occurret, qui extremam unctionem ab Apostolis institutam docuerit: hæcque ejus nova & sine fundamento opinio, etsi aliquibus post ipsum, ut in similibus sæpe contingit, arripserit; ab aliis tamen praecipue auctoritatis magistris, a S. Thoma praesertim est refutata: propositæ enim questioni: *utrum Sacramentum extreme unctionis fuerit a Christo institutum?* . . . dicendum, inquit, (*suppl. q. 29, art. 3*) *quod circa hoc est duplex opinio: quidam enim dicunt, quod Sacramentum istud, & confirmationis, Christus non instituit per se, sed Apostolis instituendum dimisit: quia hæc duo propter plenu-*

nitudinem gratiæ quæ in eis confertur, non potuerunt ante Sp. Sancti missionem plenissimam institui: unde sunt ita Sacramenta novæ legis, quod in veteri lege figuram non habuerunt: sed hæc ratio non multum cogit, quia sicut Christus ante passionem suam, promissi plenam Sp. Sancti missionem; ita potuit instituire hæc Sacramenta, & ideo alii dicunt, quod omnia Sacramenta Christus instituit per se ipsum; sed quædam per se ipsum promulgavit; quæ sunt majoris difficultatis ad credendum: quædam autem Apostolis promulganda reservavit, sicut extremam unctionem & confirmationem; hæc opinio pro tanto videtur probabilior, quia Sacramenta ad fundamentum eorum pertinent; & ideo ad legislatorem pertinet eorum institutio, & iterum, quia ex institutione efficaciam habent, quæ in eis non nisi divinitus inest.

Et paulo superius: (ib. in arg. sed contra.) Sacramenta novæ legis, ait, sunt digniora quam Sacramenta veteris legis. Sed omnia Sacramenta veteris legis sunt a Deo instituta. Ergo multo fortius omnia Sacramenta novæ legis habent institutionem ab ipso Christo. Præterea: ejusdem est instituire, & statutum removere: sed Ecclesiæ quæ in successoribus Apostolorum habet eandem auctoritatem, quam Apostoli habuerunt, non posset auferre Sacramentum extreme unctionis: ergo Apostoli non instituerunt, sed ipse Christus.

Ita Angelicus præceptor, quem non modo schola ejus universa, sed quotquot deinceps doctrinæ celebritate floruerunt, paucis exceptis, spreta contraria opinione secuti sunt.

Quod autem diximus de Latinis, eo certius de Græcis & Orientalibus affirmamus, quod eorum plerique existimaverint, extremam unctionem hoc tempore fuisse a Christo sanctam, quo, ut legitur apud Marcum, (Mar. 6, v. 7, & seqq.) vocavit duodecim, & cepit eos mittere binos, & dabat illis potestatem spirituum immundorum... & exsultantes predicabant ut penitentiam agerent: & demonia multa ejiciebant, & ungebant oleo multos ægros & sanabant. Quamquam enim hoc minime, ut brevi ostensuri sumus, probabile videntur; certo tamen inde eruitur, ex Græcorum sententia, immediatam extremæ unctionis institutionem soli Christo ascribi posse.

Sic Viſſor Antiochenus, hæc Marei verba interpretans: quod de mystica unctione, & olei usu hic subiungitur, inquit, hoc inter Evangelistas solus Marcus commemorat: interrimque Apostolus Jacobus in sua Canonica narrat, ab his non dissensiens: scribit enim: infirmatur quis in vobis? &c.

Theophylactus in eundem locum: quod unxerunt oleo Apostoli, ait, solus Marcus narrat, quod & frater Domini Jacobus in Catholica Epistola dicit.

Et Eucumenius eadem verba commentans: hoc etiam, inquit, Domino inter homines adhuc conversante, faciebant Apostoli, ungentes ægros oleo & sanantes.

Multoque expressius Simeon Thessalonicensis; hoc Sacramentum dedit Christus, inquit, (de Sac.) quando misit discipulos suos binos ante faciem suam, ut penitentiam prædicarent. Unde perspicue demonstratur, sanctum hoc oleum esse quasi penitentiae complementum: demonia multa ejiciebant, ungebant oleo multos ægros & sanabant: Undaque ostenditur, oleum consecratum infandis penitentibus, morbos sanare, & non ad corporis tantum, sed & ad animarum restitutionem conferre: idque testatur Jacobus Domini frater: infirmatur quis in vobis? &c.

Et Gregorius Proto-synellus: (in Epit. dogm. Eccl. cap. de 7 Sacr.) septimum Sacramentum, ait, unſio puri olei est, pro ægotantibus præparata, per benedictionem & sanctificationem, sanitatis spiritualis & corporalis conferendæ vim habens: unum est e septem Sacramentis, tunc a Christo ordinatum, cum discipulos suos misit ut Evangelium prædicarent, & prout in S. Marco habetur: ungebant oleo multos ægros & sanabant.

Confessio Oribodoxa, (Resp. ad quest. 117) septimum Sacramentum est extrema unſio, a Christo præscripta. Cum enim cepisset discipulos suos binos mittere, ungebant oleo multos & sanabant: quam deinceps unctionem Religiosa consuetudine Ecclesiæ observavit, prout ex Epistola S. Jacobi compertum est: infirmatur quis in vobis? &c.

Denique, (ne plures inutiliter congeram) Meletius Syrius: certo credimus, inquit, (in Refutat. Articulorum Cyrilli Lucar.) oleum Domini & Dei nostri Jesu Christi invocatione consecratum, ab ipso Christo præscriptum: eo siquidem Apostoli utebantur, prout S. Evangelista Marcus testatur: Ungebant oleo multos ægros, & sanabant. Idemque nobis facere præceperunt: ait enim B. Jacobus Apostolus: infirmatur quis in vobis? &c. Nec enim credibile est, paria jussuror Apostolus, nisi in mandatis a Domino habuissent, qui eos ad prædicandum mittens: Euntes, inquit, prædicatæ Evangelium omni creature: docete omnes gentes, servare omnia quęcumque mandavi vobis: quod dixi vobis in tenebris, dicite in lumine: & quod in aure audistis, prædicatæ super tecta. Unde manifestum sequitur, nihil quidquam Apostolos præter præcepta Do-

mini intinasse; nihil a se ipsis dixisse, quod pro humana institutione haberi possit; sed illud tantum quod ab ipso Deo & Salvatore nostro Jesu Christo, eique consubstantiali Sp. Sancto acceptant.

Itaque omni auctoritatis presidio caret opinio asserens, extremam unctionem a Christo mediate tantum institutam.

PROBATIO TERTIA.

Ex Concilio Tridentino.

Id quod omnino Concilii Trid. decreta confirmant: ibi enim

1. Omnia & singula legis Evangelicæ Sacramenta pari ratione Christo auctori attribuantur. *Si quis dixerit, inquit, (Sess. 7, can. 1, de Sac. in gen.) Sacramenta novæ legis non fuisse omnia a Jesu Christo Domino nostro instituta... videlicet baptismum, confirmationem, Eucharistiam, penitentiam, extremam unctionem, ordinem, & matrimonium.... anathema sit.* Nulla hic mediatæ & immediatæ institutionis distinctio; quod itaque de baptismo, Eucharistia, & cæteris creditur, ex ipso Christi ore prodiisse, utique de extrema unctione est sentiendum.

2. Affirmat S. Synodus, extremam unctionem, Marci c. 6 fuisse insinuatam, idest, sub figura olei, quo jussi sunt Apostoli ungere infirmos, promissam ac præformatam: *instituta est, inquit, (Sess. 14, cap. 1, de Extrem. Unct.) Sacra hæc unctio infirmorum, tamquam vere & proprie Sacramentum novi Testamenti, a Christo Domino nostro, apud Marcum quidem insinuatam, &c.* Inde sic argumentor.

Ab eodem fuit extrema unctio instituta, a quo est insinuata, sive promissa, ac figurata: stare namque promissis, ac promissorem, neque ad alterum spectat, nec potest alius figuræ substituere veritatem, nisi qui figuram præmisit: alioquin enim majus aliquid præstaret qui veritatem daret, quam qui figuram, atqui ex mente Concilii Trid. extrema unctio apud Marcum, a Christo, non ab Apostolis est insinuata; quod enim ad infirmos sanandos usi sint olei unctione, non propria electione, sed auctoritate Christi mittentes faciunt: *vocavit duodecim, ait S. Evangelista (Mar. 6, 7, & seqq.) capis eos mittere binos, & dabat illis potestatem Spiritum immundorum... & excentes predicabant ut penitentiam agerent: & demonia multa ejiciebant, & ungebant oleo multos egros & sanabant:* ut igitur ostenderet Christus, se id quod promiserat potentem esse & facere, ex-

tremam unctionem ipse per se immediate instituisse debuit.

3. Alterum ibidem ejusdem veritatis est argumentum; instituta est, inquit, *Sacra hæc unctio infirmorum, tamquam vere & proprie Sacramentum Novi Testamenti, a Christo Domino nostro, apud Marcum quidem insinuatam, per Jacobum autem Apostolum, ac Domini fratrem, fidelibus commendatum ac promulgatum.* Idemque inferius sub interminatione anathematis statuens, *si quis dixerit, inquit, (de Extr. Unct. can. 1) extremam unctionem non esse vere & proprie Sacramentum a Christo Domino nostro institutum, & a B. Jacobo Apostolo promulgatum... anathema sit.* Hic vides institutionem extremæ unctionis soli Christo vindicari; & Apostolo nihil quidquam præter præconis officium tribui. Ergo censuit S. Synodus extremam unctionem a Jacobo nulla ratione sancitam: legis enim lationem non potest sibi arrogare, qui ejus tantum est, & vere dicitur proclamator.

4. Si Christus hanc auctoritatem Apostolis contulisset, ut Sacramentum aliquid pro infirmis, ipsi per se & immediate statuerent; nihil obstat quominus ejus institutores appellarentur: nunquid enim immodica jactatio est, si alicui id quod revera habet tribuitur? Quod ut demonstraret exemplo sacrarum cæremoniarum, quæ Sacramentis ad majorem splendorem adjunctæ sunt, vere Ecclesia est, & dicitur institutrix, etsi eas non propria, sed accepta a Christo potestate disposuerit; atqui Concilium Trid. cæremonias inter & extremam unctionem maximum hoc discrimen ponit, ut illas quidem ab Ecclesia institutas, istam vero a solo Christo sancitam affirmet: *cum natura hominum, inquit, (de sacr. Miss. sess. 22, c. 5) ea sit, ut non facile queat sine adiuviculis exterioribus ad rerum divinarum meditationem surtillo, propterea pia mater Ecclesia ritus quosdam, ut scilicet quedam summissa voce, alia vero elatiore, in missa pronunciarentur, instituit:* e contra vero extremam unctionem, ut monstratum est, promulgatam quidem ab Apostolo, sed a solo Christo institutam definit: ergo &c.

OSTENDITUR SECUNDO.

Hugonis & sequacium ejus opinionem non esse ab Ecclesia expresse damnatam: quamquam sine temeritate & fidei violatæ suspitione, defendi modo non possit.

Quæ etsi contra opinionem Hugonis validissima, penèque ineluctabilia videantur; non autem

ausim tamen asserere, expresse & formaliter, ut in schola loquimur, fuisse proscriptam: obstat enim Concilii Trid. historia, ex qua compertum est, ea tantum causa patres in Synodo convenisse, ut novas Lutheranorum, Calvinistarum, & similium pestium hæreses profligarent; non ut de scholasticorum placitis, quantumvis falsis aut dubiis, iudicium ferrent: qua re sæpius a legatis Pontificiis in publicis ac privatis congressibus monitis constat: cujus moderationis causa fuit, veterum scholæ procerum reverentia, quorum, etiam errantium, causam longe ab hæreticorum obstinata pugnacitate esse diversam, patres bene intellexerunt: illi enim suas opiuiiones ita iactabat, ut Ecclesiæ iudicio modeste subicerent; non enim in animo habebant, antiquis dogmatibus contrarie: isti ex adverso contra matrem Ecclesiam procaciter dimicabant, nec quidquam magis molebantur, quam ut ædificium Christi sublati ejus fundamenti diruerent; illi etsi extremam unctionem negarent a Christo immediate sancitam; eo tamen permittente, & non permittente tantum, verum etiam jubente institutam ab Apostolis affirmabant: unde consequens erat, ut dicerent juris esse divini, & effectus spiritualis virtute cælitus infusa operatricem: isti haud aliter quam pro figmento humano, & diabolica superstitione, majorum decreta spernendo, habendam mordicus contendebant: haud æquum itaque erat, utrosque, in causa tam dispari, eadem censura vexari: indeque est, quod uti advertunt Concilii Trid. historici, Patres affirmando Christum extremæ unctionis esse auctorem, ab immediatæ aut mediatæ institutionis voce prudenter abstinuerunt; ne videlicet Hugoni a S. Victore, Magistro sent. Alex. Halensi, & S. Bonaventura hæresion notam viderentur inurere.

Cavendum itaque ne præscriptos a S. Synodo moderationis limites prætergressi, hos tam præclari nominis viros, & præstantissimos scholæ coriphæos, tamquam desertores fidei traducamus: æmulanda magis doctoris Angelici lenitas ac modestia, qui cum sibi magistri auctoritatem objecisset, his verbis: *Magister expresse dicit, quod hoc Sacramentum est institutum ab Apostolis: ergo ipse Christus per se non instituit*: textum ejus quam fieri potuit mitius intellexit, & ad communem Ecclesiæ sensum reduxit: ad 2, inquit, dicendum, quod magister dicit ab Apostolis institutum, quia per doctrinam Apostolorum nobis promulgata est ejus institutio.

At non minus sedulo cavendum, ne sub tantorum nominum umbra, opinionem quam constat doctrinæ majorum, & Trid. Synodi

menti esse contrariam, denuo excitemus: venia sane Hugoni & cæteris dignum fuerit, quod in quæstione nondum plene discussa, & nascentis scholæ subtilitatibus obscurata, paululum a veritatis tramite deviarint; sed postquam occasione Lutheraniæ hæresis, quiddid obscuritatis habebat depulsum est, & omnium Sacramentorum institutio, Christo sine discrimine vindicata; erroris ac temeritatis notam non effugeret, qui sacram unctionem non a Christo immediate, sed ab Apostolis institutam pugnaciter disputaret: hinc a Trid. Concilii temporibus, omnes nemine excepto Theologi, Christo ejus institutionem, promulgationem Apostolis, nec quidquam amplius, uno ore, unoque sensu tribuendam docuerunt.

§. SECUNDUS.

Quo tempore fuerit extrema unctio instituta.

Minoris momenti est quæstio ista: hoc enim ipso quod constat, Christum hujus Sacramenti esse auctorem, parvi sane interest, quo tempore fuerit institutum operosius indagare: coque minus, quod nullo scripturæ aut traditionis certo testimonio juvari in hac inquisitione possumus: itaque meris conjecturis astra controversia est, quas varii varie conselando, in duas opiniones contrarias abierunt.

1. Eorum fuit, qui hoc ipso tempore latam extremæ unctionis legem dixerunt, quo Christus, ut in Marco legitur, misit discipulos binos, ut demonia abigerent, & infirmos ungendo sanarent; eamque non Græci tantum de quibus prædiximus, sed nostrorum plerique secuti sunt: dicit Apostolus Jacobus, *infirmatur quis in vobis? &c.* inquit Ven. Beda, in hæc verba S. Evangelistæ Marci: (& exunctes . . . ungebant oleo multos ægros, & sanabant:) unde patet ab ipsis Apostolis hunc sanctæ Ecclesiæ morem esse traditum, ut energumini, vel alii quilibet ægroti, unguentur oleo, pontificali benedictione consecrati . . . ejusdemque sententiæ Jonas Aurelianus, ab ipsa discipulorum prædicatione quam Marcus memorat, extremæ unctionis institutionem repetit: quod unctio sanctificati olei sit expectanda, inquit, (lib. 3. de instit. laicali c. 14) Marcus Evangelista indicat: *exunctes &c.*

2. Eorum est, qui non ante resurrectionem Domini hoc Sacramentum institutum affirmant: cum quibus

O S T E N D I T U R,

Opinionem contrariam parum probabilitatis habere.

A R G U M E N T U M P R I M U M.

Ex Concilio Tridentino.

Et quidem, si bene advertimus, vix dubitabimus, a Concilio Trid. hanc opinionem esse rejectam: tria enim S. Synodus distinguit, unctionis præmonstrationem, institutionem, & promulgationem: præmonstrationem sivefigurationem ejus aliquam, eo tempore dicit delineatam, quo Apostoli, ut Marcus narrat, jubente Domino exierunt ad prædicandum: institutionem Christo, promulgationem Apostolis tribuit: *instituta est sacra hæc unctio infirmorum*, inquit, (*sess. 14, c. 1*) *tamquam vere & proprie Sacramentum Novi Testamenti a Christo Domino nostro, apud Marcum quidem insinuatum, per Jacobum autem Apostolum ac Domini fratrem, fidelius commendatum ac promulgatum.* Jam sic colligo argumentum: non intelligunt patres extremam unctionem hoc tempore institutam, quo dicunt *insinuatam*: insinuare enim non est legem condentis, sed promittentis, & rudi velut pennis in posterum condendam, præfigurantis; quomodo vere dicitur, Sacramentum Eucharistiæ hoc tempore a Christo insinuatam, quo, ex paucis panibus, plura hominum milia satiavit; atqui ex patribus Trid. extrema unctio, quando Christus Marci 6 discipulos binos ante se misit, est tantum insinuata: ergo, &c.

A R G U M E N T U M S E C U N D U M.

Ex eo quod in unctionem quam Marcus memorat, ratio Sacramenti non quadret.

Unctio enim quam dicimus Sacramentum, ejus naturæ esse debet, ut gratiam sanctificantem velut primarium effectum producat; ut non nisi baptizatis, & non nisi a Presbyteris, in complementum penitentiae detur; atqui nulla harum conditionum unctio conveniebat, cujus in Evangelio Marci mentio est.

1. Spiritualem gratiæ effectum non producebat: *ungebant*, inquit S. Evangelista, *oleo multo error, & sanabant*: nec quidquam ulterius adjicit: quis porro inducat in animum, scripturam sacrum tam fuisse indiligentem, ut de effectu secundario diceret, & de principali prorsus taceret?

2. Unde adversarii habent, eos omnes fuisse baptismum ante ablutos, ad quos ungentos Apostoli missi sunt? Cum e contrario, si quid sapiamus, ideo a Christo fuerint delegati, ut Judæos ad fidem & penitentiam, atque adeo ad baptismum, miraculis divina virtute patratiss, disponderent: erat enim prædicatio penitentiae, præparatio ad baptismum, ut ex Petri verbis compertum est: *penitentiam*, inquit, (*Act. 2, 38*) *agite, & baptizetur unusquisque vestrum in nomine Jesu Christi, in remissionem peccatorum vestrorum*: ergo affirmari non potest, iis quos unxerunt Apostoli, Sacramentum verum, de quo nunc agimus, fuisse collatum, nisi velimus aliquod Sacramentum in nova lege prius fuisse baptismum, adeoque tempus aliquod fuisse, quo Sacramentorum janua baptismus non fuerit.

3. Dogma fidei est, ut statim erit probandum, extremam unctionem non posse administrari, nisi a sacerdotibus: atqui quo tempore Apostoli ad ungentos infirmos apud Marcum missi narrantur, nondum erant sacerdotes; ad hunc enim gradum honoris, ut ex scriptura & traditione certum est, non ante evehi sunt, quam Christus in ultima cæna novum sacrificium institueret: tunc enim dictum ad illos est: *hoc facite in meam commemorationem*: *Deus & Dominus noster*, inquit Concilium Trid. (*sess. 22, c. 1, de sacrif. Missæ*) *sacerdotem secundum ordinem Melchisedech se in æternum constitutum declarans, corpus & sanguinem suum sub speciebus panis & vini Deo Patri obtulit; ac sub eorumdem rerum Symbolis, Apostolis, quos tunc novi Testamenti Sacerdotes constituebat, ut sumerent, tradidit, ergo &c.*

Haud me equidem fugit, diverticula quæere adversarios, qui se ab hac difficultate expeditant: potuit, inquit, Christus Apostolos, quantum ad hoc præcise ungenti munus, ante institutionem Eucharistiæ, presbyteros constituere: quid vero hac contra nos conjectura facit? non enim hic quid poterit, quem scimus esse omnipotentem, sed quid egerit, quærimus: alioquin enim si conjecturas sectamur, dicere pariter poterimus, ut ab iis qui nondum sacerdotes essent, ita volente Christo, extremam unctionem esse collatam, neque hoc presbyteris assignatum officium, antequam Jacobus jussu Domini doceret: *infirmum quis in vobis inducat presbyteros Ecclesiæ &c.*

4. Credibile non est, id quod est consummativum Sacramenti penitentiae, prius fuisse ipsa penitentia institutum: quis enim hoc unquam audivit, appendicem re ipsa cui adjicitur esse priorem? atqui Sacramentum penitentiae non nisi post Christi resurrectionem est institutum.

institutum: *Sacramentum pœnitentiæ tunc præcipue Dominus instituit*, ajunt Trid. Patres, (sess. 14, cap. 1, de pœn.) cum a mortuis excitatus, insufflavit in discipulos suos, dicens: accipite Sp. Sanctum quorum remisistis peccata, remittuntur eis, & quorum retinueritis retenta sunt: &c. idem ergo a fortiori de extrema unctione putandum, quæ consummationem pœnitentiæ, ut eadem Synodus loquitur, (sess. 14, in doct. de extr. unct.) patribus est estimata.

Quæ cum ita sint, fatendum eos sentire probabilius, qui extremæ unctionis institutionem ad hos dies differunt, quibus Christus discipulis frequenter post resurrectionem apparuit, & de Regno Dei locutus est: cum enim Regnum Dei Ecclesia sit, cujus præcipua fundamenta, Sacramenta sunt: non est dubium, quin ea Christus in his divinis colloquiis, antequam ad Patrem reverteretur, posuerit.

CAPUT SECUNDUM.

De extremæ unctionis ministro.

DE quo quidem quaeritur, 1. an presbyterum esse oporteat? 2. an unus sufficiat, aut plures necessario requirantur?

§. PRIMUS.

Utrum extremæ unctionis minister, sacerdos necessario esse debeat?

Incertum est mihi, inquit Lutherus (lib. de Captiv. Babyl.) an sacerdotes velit (Jacobus) intelligi, cum dicat presbyteros, id est seniores . . . Calvinus vero: Jacobus, inquit, (lib. 4 inst. c. 19) vult infirmum ungi a senioribus Ecclesiæ: isti unctionem non admittunt, nisi sacrificerunt.

Contra illos

O S T E N D I T U R.

Ministrum extremæ unctionis non alium esse posse quam Sacerdotem.

Fidei dogma hoc est, nec sine crimine hæreses violabile: quod attinet, ait Concilium Trid. (sess. 14, cap. 3, de extr. unct.) ad præscriptionem eorum qui & suscipere & ministrare hoc Sacramentum debent, haud obscure fuit illud etiam in verbis prædictis (Jacobus) traditum: nam & ostenditur illic, proprios hujus Sacramenti ministros esse Ecclesiæ Presbyteros: aut nomine eo loco, non etate seniores, aut primores in populo intelligendi

veniunt, sed aut Episcopi, aut sacerdotes ab ipsis rite ordinati, per impositionem manuum presbyterii . . . si quis dixerit, (ib. de extr. unct. can. 4) presbyteros Ecclesiæ, quos Bractes Jacobus adducendos esse ad infirmum invigendum hortatur, non esse sacerdotes ab Episcopo ordinatos, sed etate seniores in quavis communitate; ob idque proprium extreme unctionis ministrum, non esse solum sacerdotem: anathema sit.

P R O B A T I O P R I M A.

Ex Scripturis.

Nec sane aliter posse verba Jacobi intelligi, manifesto contextus ipse declarat: *infirmatur quis in vobis? inquit: inducat presbyterus Ecclesiæ, & orant super eum, unguens eum oleo in nomine Domini: & oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, remittentur ei*: non enim hic dicuntur simpliciter presbyteri advocandi, sed Presbyteri Ecclesiæ, ministrum ad ejus regimen, & curam fidelium specialiter consecrati; nec ad rem indifferentem accersendi præcipiuntur, quam debeat indiscriminam quilibet etate proveclior usurpare; sed ad ministerium sacrum, quodque ad publicas spectet Ecclesiæ functiones: *orant*, inquit, *super eum unguens eum oleo in nomine Domini*: nec denique pronunda ac simplici cærenonia officium illud haberi potest, divinum quippe est Sacramentum, sive, res sensibus subjecta, ex divina institutione sanctitatis & justitiæ tum significandæ, tum efficiendæ vim habens: *oratio fidei*, inquit, *salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, remittentur ei*: quamquam igitur id quod res est non negemus, vocem græcæm seniore[m] etate plerumque significare; non is tamen potest in presenti hujus vocabuli sensus esse ubi de re sacra & publico Ecclesiæ ministerio agitur, cujus exercitium non ab annorum numero, sed a vocatione & consecratione dependet: alioquin enim foret dicendum, eos qui Apostolicis ipsis temporibus, juvenili adhuc etate, ad Episcopatum & sacerdotium vocabantur, ab administratione unctionis, Jacobi sententia fuisse excludos: quos quid absurdius fingi potest? sic, ut exemplo utamur, Timotheus Pauli discipulus, haud dubie sacerdos & Episcopus erat, ut ex his Apostoli verbis constat: (1 Timor. 4, 1) noli negligere gratiam quæ est in te, quæ data est tibi per prophetiam, cum impositione manuum presbyterii; atqui juvenis tamen Timotheus erat, ut ex ejusdem Apostoli verbis constat: nemo, inquit, (ib. 4, v. 12) adole-

lescentiam tuam contemnat: ergo ne ideo putabimus, indignum fuisse Timotheum cui officium infirmos ungendi committeretur? poterat scilicet Episcopos & sacerdotes consecrare, quod ejusdem Apostoli ad ipsum directa verba significant: (ib. c. 5, v. 22) *manus cito nemini imponeris*: & si, si Luthero & Calvino credimus, quia ætate junior erat, non poterat ad infirmos adduci, ut oratione ejus ac unctione alleviarentur & salventur.

PROBATIO SECUNDA.

Ex præscriptione & perpetua Ecclesiæ disciplina.

Sed etsi in verbis Apostoli difficultas aliqua vel æquivocatio esset, auctoritate præscriptionis & disciplinæ veteris, quæ ubique obtinuit, continuo evanesceret; nisi putamus, ubi de scripturarum legitimo sensu tractatur, magis Ecclesiæ hostibus, quam Ecclesiæ ipsi esse credendum: ubinam vero gentium, aut quando Ecclesia de ætate senioribus Jacobi sententiam intellexit? legant Lutherani & Calvinistæ, quidquid uspiam est Eucharistorum ac Ritualium: & si vel in unum incidant, ubi officium unguendi infirmos, non dignitatis sacerdotalis ornatus, sed ætatis provectionis honor ac præmium sit; tum vero accusent, per nos licet, Ecclesiam novitatis: Sacramentarium Gregorii Magni, non aliis quam sacerdotibus, munus unguendi, & infirmis bene precandi imponit: Græcorum & Orientalium Eucharologia, a septem sacerdotibus unguendi officium peragendum, ut constat ex prædictis questione prima, magisque infra constabit, præscribunt: nulla de hac re usquam in Ecclesia excitata dissensio, nulla populorum querela aut lamentatio fuit, nemini unquam qui non esset sacerdotio inauguratus in mentem venit, sub prætextu sanctæ functionem hanc usurpare: persusum quippe omnibus erat, unctione infirmorum, non secus ac cætera Sacramenta, administrationem divinam esse Christi sacerdotibus reservatam: in tanto numero hæresum & schismatum, quibus vexata Ecclesia est, nemo ante sæculum decimum sextum occurrit, qui similem Ecclesiæ litem moverit, cujusve exemplo, Lutheri & Calvinii possit petulantia aliquantis per defendi: ergo in hac parte, ut in cæteris, novi sectarii præscriptione vincuntur, contra quam ne hiscere quidem possunt: quod enim universa tenet Ecclesia, nec Conciliis institutum, sed semper retentum est, non nisi auctoritate Apostolica traditum rellissime creditur.

PROBATIO TERTIA.

Ex sententiis Sanctorum Patrum.

Jam si doctorum veterum de hac re doctrina quærat, in eorum facile scriptis reperietur, qui de extrema unctione vel obiter, vel ex professo dixerunt, quorum magnam partem, qu. 1, c. 1, attulimus.

Sic enim Origenes inter exercitia pœnitentiæ, quæ sane non laicorum hominum, sed sacerdotum ductu atque arbitrio est agenda, ipsam quam Jacobus Apostolus præscripsit unctionem commemorat; in quo, inquit, (hom. in Levit.) impletur & illud quod Apostolus dicit: si quis autem infirmatur, vocet presbyteros Ecclesiæ, & imponant ei manus, ungentes eum oleo in nomine Domini.

Pariter S. Chrysostomus, eodem Jacobi testimonio ministerium clavium sacerdotibus vindicat: non solum, ait, (lib. 3 de Sacerd.) cum nos regenerant sacerdotes, sed postea etiam condonandorum nobis peccatorum facultatem obtinent: infirmatur, inquit Apostolus, inter vos aliquis? accersat presbyteros.

Theodorus Cantuariensis, „ab infirmis in „periculo mortis positis, inquit, (in lib. Pœnitent.) pura est inquirenda confessio peccatorum . . . secundum auctoritatem canonicam, ne illis janua pietatis clausa videatur, orationibus, consolationibus Ecclesiasticis, sacra unctione olei inuncti, secundum statuta sanctorum patrum communione vincti reficiantur“ eadem Conciliorum Aquisgranensis, & Moguntini præscriptio est: iisdem itaque unctionis, quibus confessionis & viatici ministerium convenire patres intelligebant.

Ab aliis testimoniis referendis, ne actum agam, & lectori tædium afferam, perspersedo: relegat qui volet probationes questione prima capite primo, ex antiqua auctoritate petitas: in hoc ergo capite, ut in cæteris, a fidei & Ecclesiæ doctrina Lutherani & Calvinistæ turpissime recesserunt.

Diluuntur quedam difficultates.

Opponunt auctoritatem Innocentii I Pontificis Max. in Ep. ad Decentium superius laudata: non est dubium, inquit, verba Jacobi de fidelibus ærorantibus accipi vel intelligi debere, qui Sancto Oleo chrismatis perungi possunt; quo ab Episcopo confectio non solum sacerdotibus, sed omnibus christianis uti licet, in suis aut suorum necessitate inungendo: inde sic petitur argumentum:

Sacer-

Sacerdos solus non est extremæ unctionis minister, si possit indiscriminatim a fidei quolibet ministrari; atqui Innocentius I declarat extremam unctionem posse a quovis fidei, etiam laico indifferenter administrari: *Sancto oleo Chrismatis, ait . . . non solum sacerdotibus, sed omnibus Christianis uti licet, in sua aut suorum necessitate inungendo: ergo &c.*

R. Admitto auctoritatem: ad probat. omnis variis Theologorum responsionibus, qui in niter, ut quidem videtur, in hujus loci exlicatione torquentur, concessa maj. n. min. hæc enim Pontificis verba, non activa, sed passiva significatione accipi debent; ita ut sensus sit, posse omnes indiscriminatim fideles oleo sacro ab Episcopis confecto, in necessitate inungi, non vero posse omnes inungere: responsionis veritatem confirmant, quæ statim sequuntur: *cæterum, inquit, illud superflue videmus adjectum, ut de Episcopo ambigatur, quod presbyteris licere non dubium est: nam idcirco de presbyteris dictum est, quia Episcopi occupationibus aliis impediti ad omnes languidos ire non possunt: quorum enim adeo sollicitè Episcopis, inungi infirmos auctoritatem assereret, si quæ de universis fidelibus præmiserat, non de passiva, sed activa unctione voluisset intelligi? ut quid ad probandum posse Episcopos ungere, a solis sacerdotibus peteret argumentum, non vero a laicis, quod dixisset extremæ unctionis esse ministros? longe enim efficacior ratiocinatio futura erat, si his verbis concepta foret: cæterum illud superflue videmus adjectum, ut de Episcopo ambigatur, quod presbyteris, & non presbyteris modo, sed & ipsis laicis licere non dubium est. Itaque Innocentii sententia est, posse omnes promiscue in necessitate inungi, non vero posse omnes inungere.*

Hæcque ad ejus testimonium exponendum plus satis responsio est, nec diutius in unius voculæ æquivoco inutiliter laborandum: quod e nostris ii faciunt, qui fatendo Innocentium in sensu activo loqui, negare ex consequenti cogunt verba ejus de unctione Sacramentali debere intelligi, qua infestatione tum eripiunt sibi & Ecclesie Catholice præclarissimum quod ex tota retro antiquitate contra hæreticos habemus, hujus Sacramenti testimonium: tum Innocentii textui vim faciunt manifestam: eum enim de sola Sacramentali unctione loqui, verba ejus legenti compertissimum erit: „ non

De Re Sacram. T. III.

(1) Hanc textus Innocentii expositionem tanquam verosimiliorem ac Sancti Pontificis contextui conformiorem amplectuntur gravissimi viri, Maldonatus in c. 6 Marci, Jansenius Gaudensius in eundem locum, Bellarminus lib. 1, c. 9. Baronius ad an. 63 n. 14, Suarez T. 4 disp. 467, cœt. 1, n. 6, Petrus Constant in notis ad ep. Innocen., ac præter alios novissime Benedictus XIV l. 7 de Synod. Diœces. C. 19.

est dubium, inquit, (Ep. ad Decent. c. 8) verba Jacobi, de fidelibus ægrotantibus accipi, vel intelligi debere, qui sancto oleo chrisomatis perungi possunt: quo ab Episcopo confecto, non solum sacerdotibus, sed omnibus uti christianis licet, in sua aut suorum necessitate inungendo: cæterum illud superflue videmus adjectum, ut de Episcopo ambigatur; quod presbyteris licere non dubium est: nam idcirco de presbyteris dictum est, quia Episcopi aliis occupationibus impediti, ad omnes languidos ire non possunt: cæterum si Episcopus aut potest, aut dignum ducit, aliquem a se visitandum, & benedicere & tangere chrismate, sine cunctatione potest, cujus est ipsum chrisma conficere: penitentibus istud infundi non potest, quia genus est Sacramenti: nam quibus reliqua Sacramenta negantur, quomodo unum genus putatur posse concedi? ita Innocentius: equid porro in toto illo contextu est, quod possit unctioni non Sacramentali aptari? (1)

Inst. 1. Ven. Beda hæc verba interpretans, inducat presbyteros Ecclesie: „ infirmi, inquit, (comment. in c. 5 Jacobi) moneri debent, ut seniorum adjutorio curari se minerint, neque ad juniores minusque deos causam suæ imbecillitatis referant... sentit ergo, nomine presbyterorum non sacerdotes, sed ætate maturiores debere intelligi.

R. Admitto auctoritatem, & nego consensum: quæ ut vero contra nos torqueretur, debet hoc loco ætatis senectus cum exclusione sacerdotii intelligi, quod a mente Ven. Bedæ alienissimum est: quos enim hic juniores appellat, eosdem dignitate ac sacerdotio supponit esse presbyteros: quod ut intelligas, adverte presbyteros alios esse officio & consecratione, alios numero & computatione a noorum: cum itaque idem qui dignitate, ætate etiam plerumque sit presbyter, merito ille a Beda affirmatur juniori ad sacrum ministerium præferendus: convenientius namque est, ut ætate seniores ad infirmos instruendos, consolandos, & spiritualiter nutriendos vocentur, quia auctoritate, doctrina, & experientia junioribus vulgo præcellunt: cæterum posse omnes indiscriminatim sacerdotes vocari probat ibidem prædictus author, suamque sententiam ex usu Ecclesie, & Innocentii l. auctoritate confirmat: & vero quomodo sæpe contingit,

V v ut

ut e pluribus medicis doctior ille sit, qui fuerit ætate inferior, ita quotidiano usu videmus, moribus, doctrina & sanctitate, provectiores ætate a junioribus presbyteris superari: *senectus enim venerabilis est*, inquit sapiens, (Sap. 4, 8 (S. seq.) non diuturna, neque annorum numero computata, cani autem sunt sensus hominis, & ætas senectutis, vita immaculata.

Inst. 2. Legitur in historia Ecclesiastica, viros quosdam sanctitate præcipuos, oleum ad infirmos qui se ipsos inungerent, transmisisse, & ex hac unctione secutum effectum, quem Apostolus Jacobus in Ep. sua describit: narratur priter ab auctoribus in Ecclesia Romana probatis, S. Genovisam oleo infirmos linire solitam fuisse: ergo extremam unctionem a quolibet etiam laico, sive viro sive femina posse administrari, tum temporis putabatur.

R. Concesso ant. n. conseq. nam, inquit S. Thomas (suppl. q. 31, art. 1, ad 2) illæ unctiones non erant Sacramentales, sed ex quadam devotione recipientium talem unctionem, & ex meritis ungentium, vel oleum mittentium, consequebatur effectus sanitatis corporalis, per gratiam sanitatum, non autem per gratiam Sacramentalem: . . . ita præceptor Angelicus: & vero quod olim fiebat, etiam hodie in Oriente & Occidente ubique fit: neminem namque latet Græcos inter & Latinos, sive ex sacræ lampadis oleo, seu ex alio in honorem alicujus Sandi benedicto, varias fieri unctiones, quarum sibi laici ipsi ministri sunt: quemadmodum itaque inde non sequitur, unctionem, quæ pro Sacramento habetur, a laicis ministerari, ita nec simile quidquam ex antiquo more inferri potest.

Inst. 3. Saltem diaconi possunt hujus Sacramenti esse ministri: quibus enim dispensatio baptismi committitur, nulla causa est cur extremæ unctionis negetur; eoque minus quod baptismus sit excellentius unctione; atqui diaconis posse committi misterium baptizandi, tum ex actibus Apostolorum, tum ex Ecclesiæ historia notum est: ergo &c.

R. Nego ant. ad probat. n. maj. nec enim quidquam Ecclesiæ licet, præterquam a Christo supremo legislatore præscriptum est; atqui a solis presbyteris voluit Christus Sacramentaliter infirmos inungi: *infirmus quis in vobis?* ait Jacobus ejus præceptum promulgans, *inducit presbyteros Ecclesiæ*: stultam itaque est, contra voluntatem Domini disputare, quæ sola ad hujusmodi cavillos retundendos opponi debet, nec alia causa quærenda, cur unus Sacramenti consecrationem diaconis committi voluerit, aliorum noluerit: quamquam nec deest hujus discriminis ratio conveniens: dicendum,

inquit S. Thomas (suppl. quest. 32, art. 2, ad 2), quod hoc Sacramentum non est necessitatis Sacramentum, sicut baptismus: unde non ita committitur dispensatio ejus omnibus in articulo necessitatis, sed solum illis quibus ex officio competit: diaconis autem etiam baptizare non competit ex officio.

§. SECUNDUS.

Utrum ad extremæ unctionis ministerium sacerdos unus sufficit, aut plures necessario requirantur.

Quod ad hujus Sacramenti ministerium unus, pluresve sacerdotes vocentur, nostre discipline res est, quæ ut sæpius observavimus, potest hinc eadem manente, & salva substantia Sacramenti, esse diversa: quod ut palam lectoribus fiat:

O S T E N D I T U R

Et ab uno tantum, & a pluribus Sacerdotibus valide extremam unctionem conferri posse.

Hoc autem priusquam adstruimus, juvat contra sentientium erronea placita recensere.

1. Observandum VValdenses olim Latinam Ecclesiam accusasse, eo quod non ab uno, ut cætera Sacramenta, sed a multis una coactis Presbyteris infirmorum unctio fieret. „Sacramentum extremæ unctionis, ait Raynerus coram opinionis recensens, (in lib. de VValdensibus) dicunt esse ultimam superbiam... & hoc facit pluralitas sacerdotum Sacramentum unctionis reprobant, quia tantum divitibus datur, propter plures sacerdotibus ibi necessarios.“

2. Quis non rideat Lutheranorum & Calvinistarum scrupulosam sollicitudinem, inde quidem præfate negantium unctionem, naturam veri Sacramenti habere; illinc vero Romanam Ecclesiam vellicantium, propterea quod more hodierno, non plures sacerdotes, sed unus vocetur, qui oret super infirmum & ungat? neque hoc servant isti (Catholici,) (inquit Lutherus) (in lib. de Captiv. Babil.) quod Apostolus jubet, presbyteros Ecclesiæ induci, & super infirmum orari: vix unus sacerdosculus mittitur; cum Apostolus velit multos adesse, non propter unctionem, sed propter orationem. Quamquam incertum est mihi, an sacerdotes velit intelligi, cum dicat Presbyteros, id est, seniores Calvinus vero: Jacobus vult, inquit, (instit. lib. 4, c. 19) infirmum ungi a senioribus Ecclesiæ: isti unctionem non admittunt.

tunt, nisi sacrificiorum quod apud Jacobum Presbyteros interpretantur sacerdotes, & pluralem numerum ad decorem positum negantur, nimis frivolum est: quasi vero Ecclesiæ eo tempore sacrificiorum examinihus abundavit; ut in longa pompa procedere potuerint, ad ferendum sacri olei ferculum.

3. Simon Thessalonicensis, Græcorum mediæ ætatis non infimus, in ea fuit opinione, sine plurium sacerdotum concursu constare hoc Sacramentum non posse. Non est, inquit, (in *trac. de Sacr.*) curiosius inquirendum de numero Sacerdotum, quando neque numerus scriptus est: nisi quod quavis non sit scriptus, necessarium tamen est, antiquam observare traditionem: sint quidem septem, ut veteris moris est. Si vero necessitas fuerit, tres sint ad minus, eaque omnia recitens, quæcumque per traditionem, dicenda esse acceperunt: quoniam quæ a Patribus sunt, ea quoque spiritus esse fatendum est.

PROBATIO I PARTIS.

Jam ad rem venio.

Et 1. Quidem ab uno tantum sacerdote valide unctionis Sacramentum confici, testis idoneus est Innocentius I in Ep. ad Decentium sæpe laudata: cæterum, inquit, si Episcopus aut potest, aut dignum ducit, aliquem a se visitandum & benedicere, & tangere Chrismate, sine cunctatione potest, cuius est ipsum Chrisma conficere: Episcopus in unaquaque Ecclesia unus est. Cum ergo ab eo solo, iudice Innocentio, (nec enim ullum ei sacri operis collegam adjungit) possit extrema unctio fieri, consequens est ad illam unius ministerium sacerdotis sufficere.

Deinde certum est ex antiquis monumētis hoc Sacramentum ab uno solum sacerdote sæpe collatum: sicenim in vita S. Augustini, qui 6 sæculo floruit, legitur: vocato uno ad se de fratribus, cui, cum libertate peculiari, olim perungendi infirmos onus injunxerat, secretissimo quoque sibi pectusculum petiit, ut moris est, iungi Beatus Mauram a solo Prudentio Tricassino inunctam, testatur ipse in ejus vita ... collectio Canonum e Sanctis Patribus, 8 sæculo, excerptorum, unius tantum sacerdotis ad hoc ministerium meminit: secundum definitiones SS. Patrum, inquit (Excerptio 21) si quis infirmatur, a sacerdote, oleo sanctificato, cum orationibus diligenter unguatur ... unius pariter mentio est in canonibus ad VVulturnum Episcopum, ab Affrico collectis: habebit etiam Presbyter, inquit, consecratum oleum duplex: hoc infantibus, id ægrotis præparatum: & ægrotos semper un-

get jacentes ... hoc ipsum, Aquigrancon concilium 9 sæculo habitum, non obscure insinuat: si quis, inquit, (Can. 5) infirmitate depressus fuerit, ne confessione, atque oratione sacerdotali, nec non unctione sacri olei, per ejus (Presbyteri) negligentiam careat: demique si finem urgentem perspexerit, commendet animam Christianam Domino Deo suo, more sacerdotali, cum accptione sacre communionis idem immutat decreta pro ordine S. Benedicti a Lanfra 10. Cæntuariensis, sæculo 11 digesta: si infirmus, inquit, (Can. 24) magis ad mortem, quam ad salutem tendere videatur, & se petat iungi &c. interim dicantur alie collectæ usque ad unctionem: facta unctione laici Sacerdos manus ... quo factio vadat sacerdos ... quibus revertentibus, flexis genibus adorent omnes Corpus Domini, quod a sacerdote affertur.

Præterea. Hoc ipsum Alexander III Pontifex Max. expresse definit: sacerdos, inquit, (de verborum significatione: cap. quæsit) uno præsentem clerico, & etiam solus potest infirmum ungere: & merito quidem, quæquam enim, ait S. Thomas, (lib. 4. cont. Gen. c. 73) congruum sit, hoc Sacramentum a pluribus ministrari; si tamen unus solus Presbyter adsit, intelligitur hoc Sacramentum perficere, in virtute totius Ecclesiæ, cuius minister existit, & cuius personam gerit.

Denique ejusdem assertionis convincens est argumentum, Latine Ecclesiæ disciplina hodierna; per omnes enim ejus partes unus sacerdos, ad infirmorum unctionem, ut ex Ritualibus & manualibus libris constat, vocari solet: quem morem non modo Latinorum quæquam, præter hæreticos, sed ne Græci quidem reprehendunt. Simeonis enim Thessalonicensis opinio volentis plures absolute ad sacram unctionem sacerdotes esse necesarios, nullos, quod equidem sciam, aut paucos sine habito segetatores. Ergo extremam unctionem valide ab uno confici posse, res est extra omnem controversiam posita.

PROBATIO II PARTIS.

Quod vero a multis simul sacerdotibus possit valide consecrari, probant

1. Usus Orientalis & Græcæ Ecclesiæ, in qua olim accessebantur, & etiam nunc accersuntur septem Sacerdotes, ut ex euchologiis constat. "Septem numero Presbyteros Græcorum Ecclesia exigit, inquit Arcudius, (lib. 5, cap. 3) sive propter septem peccata mortalia, sive quia septenarius numerus in Scriptura valde commendatur, & non caret mysterio, Jubilæum enim complectitur; sive

propter septem corporis partes quas ungunt... septem sacerdotes esse vocandos, ait *Siméon Thessalonicensis*, (in lib. cap. 3) consuetudine traditum est. Quod fieri arbitror propter septem dona spiritus, quæ apud *Isaiam* enumerantur: vel propter illos septem antiquæ legis sacerdotes, qui divino jussu circumcumeutes urbem *Jericho*, septies tubis cecinerunt, atque mœnia diruerunt: (Jos. 6, 4, & seqq.) ut etiam hic septem sacerdotes urbem, duraque mœnia altitudinum peccati demoliantur: vel etiam tamquam mortua existente anima, ut supra puerum illius *Sumamitidis* ad imitationem *Prophetæ*, septies orent sacerdotes, & eam suscitent, prout sane excitavit puerum *Elizeus* septies reversus, septies item precatus: (4 Reg. 4, 35) vel quemadmodum *Elias* septies orans, cælum quod peccantium clauserat, rursus aperuit, atque deduxit pluviam: (3 Reg. 18, 44, & seq.) sic istis septies deprecatis, solvunt quidem squalorem peccati, accepta vero gratiæ clave, non secus atque *Petrus* aperit cælum, atque misericordiam remissionis a Deo, velut imbrem deducunt.

2. Antiquis Latine Ecclesiæ mos: sicut enim *S. Gregorius M.* in *Sacramentario*: multi sacerdotes, inquit, infirmos perungunt in quintaque sensus corporis *Eparchius* in vita *Caroli Magni*: oleo, inquit, sancto inunctus est ab *Episcopis* Concilium *Ticinense*, an. 850 habuit: "illud quoque Sacramentum, ait, (cap. 8) quod commendat *Jacobus Apostolus*, dicens: infirmatur quis in vobis? &c. solerti predicatione populis innotescendum est: magnum sane & appetendum mysterium . . . sed quia frequenter contingit, ut ægrotus aliquis aut Sacramenti vim nesciat, aut minus periculosam reputans infirmitatem, salutem suam operari dissimulet, aut certe morbi violentia obliviscatur, debet eum Presbyter congruenter admonere quatenus ad hanc spirituale curam, secundum propriæ possibilitatis vires, vicinos quoque Presbyteros invitet" quid denique pluribus opus est, cum *Waldensium* contra Ecclesiam Romanam querela, disciplinam hanc in Occidente viguisse invide demonstrat? extorant enim unctionem, ut ex *Raynero* observavimus, ultimam superbiam appellabant, propterea quod accitis pluribus sacerdotibus, cum pompa celebraretur. Indeque inferebant, non pauperum, sed divitum esse Sacramentum: nec prætereunda *S. Thomæ* auctoritas, qua certo conficitur, morem hunc adulo ipso 13 sæculo communiter observatum: ille enim etsi docerat, ab uno tantum sacerdote vere perfici

Sacramentum, convenientius tamen esse affirmat, ut a pluribus celebraretur: quia hoc Sacramentum, inquit, (lib. 4. contr. *Gent.* cap. 73) perfectæ curationis effectum habet, & in eo requiritur copia gratiæ; ideo competit, quod multi sacerdotes intersint, & quod oratio totius Ecclesiæ effectum hujus Sacramenti coadjuvet.

¶ Audiendus de hac re *Benedictus XIV* in toties laudato lib. de Syn. c. 19, ubi sic erudite scribit, & questionem resolvit: Quamquam unus certe sufficiat, (ad Sacramentum hocce valide conficiendum) plures nihilominus sacerdotes fuisse olim in Ecclesia latina adhibitos, ex pluribus antiquis Ritualibus colligit *Menardus* Nota 909 ad *Sacramentarium S. Gregorii*, quibus alia ejusdem generis, præcipue *Cadurcense*, *Rutenense*, & *Tutelense* addidit *Martene* de antiq. Eccles. ritib. l. 1, cap. 7, a. 3, §. 3, eundemque morem nobis exhibent *Constitutiones Angliæ* collectæ a *Guillelmo Lingvæde*, in quibus addit de extrema unct. pag. 27, legimus: cum magna reverentia deferatur oleum infirmorum ad infirmos, & ipso inungant Sacerdotes cum magna devotione, & orationum celebritate, quæ ad hoc sunt ordinatæ: ubi adnotavit *Glossator V.* Orationum, a singulis sacerdotibus pronuntiatarum fuisse formam deprecativam cuiuslibet unctioni accommodatam: cumque eandem Constitutionem totidem prorsus verbis repetitam inveniamus inter *Constitutiones Odonis Episcopi Parisiensis*, (Collect. Hard. t. 6, p. 2, col. 194) inde conijcimus eam disciplinam in Galliis adhuc perdurasse Sæculo XII, quo ille sunt editæ. Resse tamen observat laudatus *Martene* ib. 55, §. 5, hanc ipsam Ecclesiæ latine consuetudinem non fuisse firmam, constantem, atque universalem, cum ex aliis æque antiquis monumentis ab eodem productis conet sæpius infirmos ab unico sacerdote inunctos . . . Hic vero ritus Sacræ unctionis ab unico recipiende sacerdote, a paucis tunc, nec fortasse extra casum necessitatis usurpatus, adeo postea in Ecclesia latina invaluit, ut Theologi scolastici cum *Suarez* cit. disp. 43, sect. 2, in fin., & *Cardinalis de Laurea* in 4 sent. tom. 3, disp. 11, a. 9, n. 114, illicitum nunc reputent, seclusa necessitate, ejusmodi Sacramentum a pluribus simul administrari: quoniam nemini integrum est in Sacramentis administrandis a norma recedere in Rituali præscripta. Si autem plures simul sacerdotes recipia Sacramentum hoc conficiant; nemo ambigit illud esse ratum, modo singuli diversos inungant infirmi sensus, & quilibet congruentem inuncto sensui formam pronunciet, quemadmodum iidem Auctores rite animadvertunt. Præterea, etiam spectata bodierna Ecclesiæ

æstie disciplina, nedum licitum, sed etiam laudabile est, ut uni Sacramento administranti, alii plures assistant sacerdotes, ob rationem, quam adducit S. Thomas c. 73, lib. 4, cont. Gentes, ubi ait: quia hoc Sacramentum perfectæ curationis effectum habet, & in eo requiritur copia gratiæ, competit huic Sacramento, ut multi sacerdotes intersint.

Quæ autem dicimus de extrema unctione per unicum sacerdotem administranda, locum tantum habent in Ecclesia latina, non vero in Græcia, in qua antiqua retinetur consuetudo septem adhibendi sacerdotes in huiusce Sacramenti collatione, uti legitur in eorundem Euchologiis, testanturque Simcon Thessalonicensis apud Santebeuve tract. de Sacram. unction. extr. & Arcudius Concord. lib. 5, c. 3, qui insuper ejus numeri rationes, & causas adducunt. Quod si septem sacerdotes præsto non sint, tres saltem ad Sacramentum conficiendum ab ipsis adhiberi, iidem Arcudius, & Thessalonicensis enarrant, neque Ecclesia latina hanc Græcorum disciplinam, quam & ipsa pluribus sæculis religiose servavit, unquam improbat, modo Græci nobiscum credant, & fateantur valide posse idem Sacramentum ab unico Sacerdote administrari, quemadmodum adnotavit Goar in Comment. ad Græcorum Euchologium, Leo Allatius de consens. Ecclesiæ Occid. & Orient. l. 4, c. 16, Arcudius cit. c. 3, & Aulifer Theologiæ Moralis ad usum Sem. Petroc. t. 4, l. 2, tract. 2, c. 2. Quamobrem si Episcopus latinus Diocesi Præpositus, quam Catholici græci ritus inhabitant, velit aliquid de hac re in sua Synodo deliberare, vestigia se-
 ctetur superius citatæ Synodi Provincialis Ruthenorum habitæ Zamoscæ an. 1720, atque a Benedicto XIII, an. 1724, confirmatæ, in qua hæc habentur: „Quamquam in Græca Ecclesia receptum fuerit, prout aliquando etiam in latina, ut septem sacerdotes, hisque deficientibus, tres saltem advocarentur ad ministrandum hoc Sacramentum, hique omnes & materiam subministrarent, & formam proferrent: sciant autem Pastores, plures ea de causa adhiberi solitos sacerdotes tum ab reverentiam ejusdem, ac gratiæ copiam, quam confert, tum ut plurium sacerdotum preces effectum Sacramenti coadjuvent. Qua de causa S. Synodus statuendum censet, ut si septem, aut tres sacerdotes haberi commodè non possint, unus, qui totius Ecclesiæ personam gerit, & cuius virtute hoc Sacramentum perficit, illud conferat, ac infirmo ministret. “ Poterit etiam Synodo inserere §. 5, cit. nostræ Constitutionis 57, ubi hæc ad rem edimus: „nec refert utrum eadem extrema unctio per unum, vel plures Presbyteros fiat, ubi viget ejusmodi consuetudo, dummodo

credant, & asserant illud Sacramentum, servata debita materia & forma, ab uno Presbytero valide, & licite confici. Idem sacerdos materiam adhibere, formamque pronunciare respective debet, ac præterea qui ungit, idem dicat formam respondentem, nec alius ungat, & alius formam pronunciet. “

Obiectio.

Unum quod contra opponitur testimonium Jacobi occurrit: ille enim non unum in singulari, sed plures sacerdotes ad orandum & unguendum dicit esse vocandos. Ergo etiamsi foret verum unctio Sacramentum, inquit hæretici, eo ipso a Romana Ecclesia violatam demonstraretur, quod ab uno tantum sacerdote unctio fiat.

R. Dist. ant. Apostolus plures sacerdotes ad unguendum vocandos præscribit, ex necessitate, n. ex convenientia, subdist. quæ subjaceat arbitrio Ecclesiæ, conc. secus, a. ant. & consequ.

E. R. Quæ ex Apostolo difficultas obtinetur, Ecclesiasticæ disciplinæ intuitu evanescit: ab uno enim sacerdote per totum late occidentem extrema unctio celebratur. Non hujus nostræ consuetudinis nescii Græci & Orientales: nec tamen nos Sacramenti contaminati accusant: quodque notabilis est, nullo unquam Ecclesiæ, sive Orientalis, sive Occidentalis decreto sancitum, unctionem fore invalidam, quæ non a pluribus simul Presbyteris fieret: intellexit ergo Ecclesia, penes quam interpretandi Scripturas, summa auctoritas est, sacerdotum numerum non divino jure, nec ad Sacramenti essentiam, ex Apostolica auctoritate requiri, sed meræ disciplinæ rem esse, quam etsi convenientem, possit Ecclesia, aliis ducta rationibus immutare: jam quod in Apostoli verbis insistant: inducat Presbyteros &c. puerilis nugacitas est: non enim, ut scite observat S. Aug. sacris Scripturis est insolens, ut quod uni convenit, plurali numero exprimat; sic enim quod de uno latrone Lucas dixit: (Luc. 23, 39) unus de his qui pendebant latronibus, blasphemabat cum dicens: si tu es Christus, salvum fac teipsum & nos: Matthæus & Marcus plurali numero expresserunt: latrones qui crucifixi erant: cum eo, improperebant ei: qui cum eo crucifixi erant, conviciabantur ei: (Matt. 27, 44, Mar. 15, 32) Quam apparentem antilogiam concilians S. Doctor, advertit, Matthæum & Marcum breviter hunc locum perstringendo, pluralem numerum pro singulari posuisse. Sicut, inquit, (lib. 3 de consensu Evangelist. c. 16) & in Ep. ad Hebræos legimus pluraliter dictum: clausurunt ora leo-

num:

num: cum solus Daniel significari intelligatur; pluraliter dictum: secti sunt: cum de solo Esaia tradatur. In psalmis etiam quod dictum est: astiterunt Reges terræ, & Principes con-
 venerunt in unum: pluralem numerum pro singulari positum in alibi Apost. exponitur: nam Reges, propter Herodem; Principes, propter Pilatum intellexerunt, qui testimonium ejusdem Psalmi adhibuerunt: sed quia Pagani solent calumniari Evangelio, videant quemadmodum locuti sunt auctores eorum, Phædras, Medas, Clytemnestras, cum singula fuerint: quid autem usitatus v. gr. quam ut dicat aliquis: & rustici mihi insultant: etiamsi unus insultet? tunc enim esset contrarium quod Lucas de uno manifestavit, si illi (Matthæus & Marcus) dixissent, ambos latrones convictos Domino: ita enim non posset sub numero plurali unus intelligi: cum vero dictum est, Latrones, vel, qui cum eo crucifixi erant, nec additum est: ambo: non solum si ambo fecissent, posset hoc dici; sed etiam quia unus hoc fecit, prout usitato locutionis modo per pluralem numerum singularis significari. . . . ita S. Augustinus principio insistendo dicimus, Apostolum, quando præscripsit: infirmum quis in vobis? inducat Presbyteros Ecclesie. Gr. nomine Presbyterorum vel plurium conventum in unum, vel unum e pluribus significare voluisse: eoque est hæc explicatio certior, quod disciplina & sensui Ecclesie plene consentanea reperitur.

6. TERTIUS.

Solvuntur quedam questiones.

Q. 1. Utrum Episcopis, uti & simplicibus sacerdotibus conveniat extremæ unctionis esse ministros?

R. Affirmative. Mirum namque fuerit, si quod possunt in regimine animarum simplices sacerdotes, idem non possent Episcopi, qui, in sua quisque diocesi, dignitate, jurisdictione, ordinatione, & pleno rerum sacrarum ministerio, primi Presbyteri sunt: seniores Græce *πρεσβύτεροι*, qui in vobis sunt, obsecro senior, Græce, *συμπρεσβύτερος*, ait caput collegii Apostolici S. Petrus, (Ep. 1, 5, 1) nec nomen presbyteri, nec officium designat. Si ergo extremæ unctionis minister jure divino est simplex sacerdos, a fortiori debet esse Episcopus: & sane cum infirmorum unctio sit appendix & consummatio penitentiae, ejus conferræ potestas penes eos omnes est, ad quos pertinet virtute clavium a peccatis absolvere; atqui jus illud ad Episcopos primario spectat, ad quos in persona Apostolorum dictum est: quorum remiseritis peccata, remittuntur eis, & quorum re-

tinueritis retenta sunt: idem ergo de unctione dicendum: hinc Innocentius I in Epistola ad Decentium sæpe laudata: illud, inquit, superflue videtur esse adfectum, ut de Episcopo ambigatur quod Presbyteris licere non dubium est. Nam idcirco de Presbyteris dictum est, quia Episcopi occupationibus aliis impediti, ad omnes languidos ire non possunt. Ceterum si Episcopus aut potest, aut dignum ducit, aliquem a se visitandum, & benedicere & tangere Chrisma sine cunctatione potest, ejus est ipsum Chrisma conficere. . . . quod itaque ab Eugenio IV, in decreto pro instr. Armenorum, & a Concilio Trid. (sess. 14, de extr. unct. can. 4) est declaratum, solum sacerdotem hujus Sacramenti esse ministrum, Episcopos necessario includit, nedum ab hoc officio arceat; prout eadem S. Synodus docet, in doctrina de extrema unct. cap. 3, affirmans, nomine Presbyterorum de quibus Apostolus loquitur, non ætate seniores aut primores in populo intelligendos venire, sed aut Episcopos, aut sacerdotes, ab ipsis rite ordinatos, per impositionem manuum Presbyteri.

Nec exempla desunt: quamquam etsi deessent, ex jure nihilominus res ipsa constaret; sic enim B. Mauram ipse per se Prudentius Episcopus Tricassinus, ut de se ipso in ejus vita testatur, inunxit: statim, inquit, Prudentius (in vita S. Mauræ) ad me conversa subjunxit: hoc etiam munus a te peto, Prudenti Pater Episcopo, ut in eorum præsentia de manu sua Eucharistie, & extreme unctionis recipiam Sacramenta: quod & factum est: de Carolo Magno idem ab Eparchio, ut prædiximus, in ejus vita narratur: oleo sancto, inquit, inunctus est ab Episcopis, & Viatico sumpto, & omnibus suis dispositis, commendans Deo spiritum suum, obiit in pace.

Q. 2. Utrum a quolibet indifferenter sacerdote liceat extremam unctionem administrari?

R. Negative. Hujus enim Sacramenti & aliorum ministrandorum facultas ad eos tantum pertinet, qui ordinariam, vel delegatam potestatem habent: „quis extremæ unctionis minister sit, ait Catechismus Trid. (part. 2, tit. de extr. unct. n. 13) ab Apostolo qui legem Domini promulgavit, didicimus, inquit enim: inducat Presbyteros. . . sacerdoti igitur hujus Sacramenti administratio commissa est: neque tamen ex Sanctæ Ecclesie decreto, cuius sacerdoti, sed proprio Pastori, qui jurisdictionem habeat sive, alteri, cui ille ejus munus fungendi potestatem fecerit, hoc Sacramentum administrare licet: il parique sensu S. Carolus: (in Concil. 5 Mediol.) non alius sacerdos, ait, nisi Parochus, hoc Sacramentum ministret. Nemi-

Nemine itaque sive seculari sive regulari, extraneo sacerdoti licitum est, etiam titulo caritatis, hoc officium insciis Pastoribus, non obtemperantia usurpare. Quod si quis præsumeret, tum mortali peccato conscientiam oneraret, tum ipso facto in sententiam excommunicationis incurreret, ut constat ex *Clementina* 1. de privilegiis: & *Clementina* dum: tit. de Sepulchris.

Q. 3. Quid si casus necessitatis occurrat?

R. Tum sane ejus administrandæ jus quemlibet sacerdotem habere: cum enim extrema unctio sit poenitentiae complementum, idem de illa, ac de poenitentia debet esse judicium; atqui urgente necessitate quis sacerdos, etiam non approbatus, potest ab omni peccato, etiam specialiter reservato, Sacramentaliter absolvere: quid ni ergo pariter posset ægroti in extremis posito, tumque maxime Sacramentorum subsidio indigenti per extremam unctionem succurrere? hinc S. Carolus modo laudatus, postquam in Synodo V. Mediol. præscripsit, non ab alio sacerdote, quam a Parocho debere hoc Sacramentum ministrari: si porro, addit, *is aut impeditur, aut alias in mora est, mortisque periculum instat, sacerdos alius administret.*

Nec est, quod *Clementinarum* auctoritas opponatur, sine exceptione vetantium ne a Regularibus extrema unctio conferatur: quamquam enim exceptio expressa non sit, necessario tamen subintelligenda videtur: quod ni concesserimus dicendum erit, *Clementinas* dum jura Pastorum in tuto ponant ac vindicant maximum fidelibus detrimentum inferre: quæ enim potest major injuria esse, aut gravius damnum, quam si iis in extremo periculo, Christi Sacramenta negentur, ne nimirum Pastorum vel negligentium, vel alio occurrentium jurisdictioni violetur? deinde *Clementinas* hanc interpretationem non modo pati, sed & necessario postulare, scopum earum manifeste probat: editæ namque sunt ad reprimendam regularium quorundam audaciam, qui jura Pastorum nulla urgente necessitate, sibi temerario arrogando, extremam unctionem & cætera Sacramenta, insciis, immo & invitis Parochis, omni oblata occasione, prætextu privilegiorum administrabant; atque ita pacem Ecclesiæ & ordinem perturbabant. Porro nihil tale in præsentī casu occurrit: eorum quippe juribus salvis, qui curam animarum habent, & sartis testibusque manentibus, id quod per absentiam non possunt, movente caritate supplerunt, ne videlicet dum nimum Pastoris honoratur auctoritas, aliqua de ovis ejus pereat, & subditiis a Summo Pastore Christo provisus, in ultimo agone privetur.

Q. 4. Ita ne debet præsens Latine Ecclesiæ disciplina intelligi, ut verum sit plures sacerdotes ad unctionem vocare?

R. Negative. Haud ita sane S. Carolus disciplinam hodiernam intelligebat, Parochum graviter admonens, (in conc. IV. Mediol. p. 2, cap. 6) *ut id extreme unctionis Sacramentum ministraturus, quos commode potest Presbyteros & clericos adhibere studeat, superpellico indutos, qui ipsum & ministrantem & præcantem, pietatis, orationisque studio in ministerio adjuvent: & vero negare non possumus institutioni Sacramenti fore convenientius ut ejus administrationi plures præsentent adessent; tum quia Apostolus plurali vocabulo utitur: *inducat Presbyteros Ecclesiæ*; tum quia præter unctionem in oratione consistit, quæ hoc gratior & efficacior est, quo plures ad orandum conveniunt; quamquam enim suos Sacramenta ex opere operato edant effectus; dubium tamen non est, quin pietas & fides ministrantium & adstantium ad uberores obtinendos effectus plurimum conferant. Nullum porro tempus est, quo magis fideles subsidio orationis indigeant, quam ubi ad extremam vitam adducti periodum, & cum morte imminente, & cum dæmone versatæ suæ nervos vehementius intendente luctantur: non siccitur præsens disciplina accipi debet, quasi plures sacerdotes advocare sit vetitum; sed quia absolute unus ministerium sufficit.*

QUÆSTIO QUINTA.

De subiecto, & necessitate extreme unctionis.

Hujus pariter quæstionis duplex esse futurum caput, ipse titulus indicat. Quapropter sit

CAPUT PRIMUM.

De extreme unctionis subiecto.

Primus tamquam certum,

1. Solis baptizatis hoc Sacramentum impendi posse: quia baptismus cæterorum Sacramentorum janua est.

2. Solos adultos ejus suscipiendi esse capaces: iis quippe solis, non autem infantibus potest vere applicari forma Sacramenti: *indulgeat tibi Deus quidquid deliquisti per virum*, &c. Infantes enim cum rationis usum non habeant, actualis peccati expertes sunt, adeoque peccare per ista non possunt: deinde non debet iis extrema unctio ministrari, qui primarium & principalem ejus effectum conueni-

ne-

nequeunt; atqui non possunt infantes effectum extreme unctionis primarium obcinere; auxilia scilicet specialia ad superandam debilitatem ex peccato originali contractam, & resistendum insultibus dæmonis: quoniam, propter rationis & propriæ voluntatis inertiam, sunt debiliores, eo tutiores contra omne peccatum sunt; quia non nisi voluntate peccatur; & in ipsa sua imbecillitate, contra insultationes & insidias dæmonis certissimum præsidium habent: neminem enim diabolus tentat, nisi qui possit pravis ejus impulsionebus consentire. Ergo &c.

3. Nec ante rationis usum amentibus dari posse: extrema enim unctio contra peccata actualia, eorumque infastas reliquias ordinatur; atqui a natiuitate amentes, propter rationis & voluntatis defectum, nec actualiter unquam peccarunt, nec proinde quidquam ex peccato reliqui habent: quantumvis ergo annis provecti, sicut penitentia, ita extreme unctionis quæ est penitentia complementum, sunt incapaces.

Difficultas itaque hic una est de infirmis, de quibus quaeritur primo an iis solis debeat extrema unctio ministrari? secundo quæ & qualis debeat infirmis esse, cui jus postulandæ unctionis annexum sit?

§. PRIMUS.

Ostenditur solis infirmos suscipiendæ extreme unctionis esse capaces.

PROBATIO PRIMA.

Ex Scripturis.

Iis enim solis conferri debet, quibus solis est divinitus destinata; atqui solis infirmis voluit Christus unctionem, divinum nempe remedium adhiberi: *Informatur quis in vobis? ait sæpe laudatus Apostolus, inducat Presbyteros Ecclesie, & orent super eum: ungentis eum oleo in nomine Domini: & oratio fidei salvabit infirmum: & alleviabit eum Dominus &c.* deinde id quod legitur Marci 6, v. 13, *ungebant (Apostoli) oleo multos ægros, & sanabant*, Græci, ut prædiximus, pene omnes, & nostrorum plerique de extrema unctione interpretantur; quorum sententia Concilium Trid. aliquatenus suffragatur, declarando, (*Sess. 14, cap. 1, de extr. unct.*) *unctionem sacramentalem infirmorum a Christo Domino nostro apud Marcum fuisse insinuatam. Ergo &c.*

PROBATIO SECUNDA.

Ex præscriptione.

Nec vero aliter unquam ab Ecclesia præceptum divinum & Apostolicum intellectum, probat vetustissima, omnique memoria antiquior Latinorum & Græcorum, ritualibus & euchologiis significata consuetudo.

Quod quidem pertinet ad Latinos: „offer-
tur Pontifici oleum, ait Gregorius M. in
„Sacramentario, & benedicit illud, tam ip-
se, quam omnes Presbyteri, his verbis:
„Emitte Domine Sp. Sanctum tuum Para-
„cleptum de caelis, in hanc pinguetudinem oli-
„ve, . . . ut tua sancta benedictione, omni
„hoc unguentum tangenti, sit intumentum
„mentis & corporis, ad evacuandum omnes
„dolores omnesque infirmitates, omnem egrit-
„tudinem corporis . . . operare creatura olei,
„ut non lateat hic spiritus immundus, neque
„in membris tuis, neque in medullis, neque
„in ulla compagine membrorum; sed in te
„habitet virtus Christi Altissimi, & Spir.
„Sancti . . . Deus qui humanogeni, & ta-
„luis remedium, & vitæ æternæ munera
„conulisti, conserva famulo tuo tuarum do-
„na virtutum, & concede in medellam tuam,
„non solum in corpore, sed etiam in anima
„sentiat . . . mittere digneris Sanctum An-
„gelum tuum, qui famulum tuum in angus-
„tiis & necessitatibus laborantem, consolati-
„onibus tuis attollas, quibus & de præsen-
„ti consequatur auxilia, & æternæ remedia
„comprehendas.“ Ita Sacramentarium Gre-
gorianum, cujus summa semper inter Latinos
auctoritas fuit.

Latinis Græci plene consentiunt: sic enim
in eorum euchologiis legitur: „Domine qui
in misericordia & miserationibus tuis, ani-
marum corporumque contritiones curas: ipse
Domine oleum hoc sanctifica, ut in medel-
lam omnis passionis carnalis, & spiritualis
inquinamenti, & omnis denique mali depul-
sionem, ex illo unctio fiat . . . preca-
mur te, Domine, ut stillet hoc oleum su-
per unctos in tuo nomine, in medellam &
curam animæ & corporis, in . . . libera-
tionem omnis doloris, & omnis agritudi-
nis, & infirmitatis, & omnium sordium
animæ & corporis . . . visita servum tuum
in misericordia & miserationibus, & con-
gruentem ei salutem & integritatem largi-
re: libera eum ab omni agritudine & lan-
guore animæ & corporis: & fiat ei Do-
mine oleum hoc in omnis agritudinis me-
delam . . . erige servum tuum e doloris le-
„cto,

« flo, & infirmitatis cubili, serva eum, &
 « integrum Ecclesiæ tuæ restitue . . . ipse
 « clemens, bonorum amator, animarum ami-
 « ce, potentem manum tuam, & brachium
 « tuum excelsum & sanctum extende, & ani-
 « mam corpusque servi tui tange, & adoloris
 « ejus lecto, & ab omni eum infirmitate de-
 « tineat erige: ut inde exurgens cum omni
 « populo tuo, sanctissimum nomen tuum glo-
 « rificet . . . Pater Sancte animarum & cor-
 « porum medice, qui filium tuum Unigeni-
 « tum Dominum nostrum Jesum Christum,
 « omnem morbum curantem, & ex morte
 « nos liberantem misisti: sana quoque servum
 « tuum N. a detinente illum corporis infir-
 « mitate, & vivifica illum per Christi tui
 « gratiam . . . quia tu es sanctorum Deus
 « noster: & tibi gloriam referimus Patri &
 « Filio, & Sp. Sancto, nunc & semper, & in
 « sæcula sæculorum ».

PROBATIO TERTIA.

Ex Ecclesiæ Decretis.

Quod si cui non sat convincens videtur, sæpe memorata Ecclesiæ decreta revolvat: non est dubium, inquit Innocentius I duobus sæculis Gregorio M. antiquior, (in Ep. ad Decent. cap. 8) verba Jacobi de fidelibus ægrotantibus accipi debere, qui Sancto oleo Chris-
 matis perungi possunt: quo ab Episcopo confecto non solum sacerdotibus, sed omnibus uti Christianis licet, in sua aut suorum necessitate inungendo.

Ab infirmis in periculo mortis positis, ait Theodorus Cantuariensis (in lib. penitentiali), pura est inquirenda confessio peccatorum. . . & secundum auctoritatem canonicam, ne illis janua pietatis clausa videatur, orationibus & consolationibus Ecclesiasticis sacra unctio olei iungetur, secundum statuta sanctorum Patrum communione viatici reficiantur.

Capitularia Caroli M. (lib. 6, cap. 75) si infirmitate quis depressus fuerit, vitam sine communione non finit, nec unctioe sacri olei carcat . . . (ib. cap. 70) moneant (Presbyteri) fideles infirmos illud exquirere, ut eodem oleo uncti, gratia Dei sanentur, quia oratio fidei salvabit infirmos.

Concilium Cabilonense II, an. 813, (Can. 48) secundum B. Jacobi Apostoli documentum, cui etiam documenta Patrum consentiunt, infirmi oleo quod ab Episcopis benedicitur, a Presbyteris ungi debent: sic enim ait Jacobus: infirmatur quis in vobis? &c. non est itaque parvipendenda huiusmodi medicina, quæ animæ corporisque medetur languoribus.

De Re Sacram. T. III

Concilium Aquisgranense, an. 836, (Can. 5) si quis infirmitate depressus fuerit, ne confessione atque oratione sacerdotali, nec non unctioe sacri olei, per Presbyteri negligentiam carcat.

Concilium Maguntini an. 847, cap. 26, eadem ac Theodori Cantuariensis, iisdemque concepta verbis sententia est.

Concilium Ticinense, an. 850, (cap. 8) illud quoque Sacramentum quod commendat Jacobus Apostolus dicens: inermatur quis in vobis? &c. solerti prædicatione populis innotescendum est . . . sed quis frequenter contingit ut ægrotus aliquis aut Sacramentum vim nesciat, aut minus periculorum reputans infirmitatem, salutem suam operari distimulet, aut serie morbi violentia obliviscitur; debet eum Presbyter congruenter admonere quatenus ad hanc spiritualem curam, secundum propria possibilitatis vires, vicinos quoque Presbyteros invitet.

Eugenius IV Pontifex Max. (in decret. pro instr. Armorum) hoc Sacramentum nisi infirmo de cuius morte timetur dari non debet.

Denique Concilium Trid. (Sess. 14, in doctrina de extr. unct.) clementissimus Redemptor noster . . . quemadmodum auxilia maxima in Sacramentis aliis præparavit, quibus Christiani conservare se integros, dum viverent, ab omni graviore spiritus incommodo possint; ita extremæ unctionis Sacramento finem vitæ tamquam firmissimo quodam subsidio, munivit. Nam etsi adversarius noster occasiones per omnem vitam querat, capiet, ut devorare animas nostras quoquo modo possit: nullum tamen tempus est, quo vehementius ille omnes sue versutie nervos intendat, ad perdendos nos penitus, & a fiducia etiam, si possit, divine misericordiæ deturbandos, quam cum impendere nobis exitum vitæ perspicit . . . (ib. cap. 3) declaratur etiam, esse hanc unctionem infirmis adhibendum, illis vero præsertim qui tam periculose decumbunt, ut in exitu vitæ constituti videantur: unde & Sacramentum excurrentium nuncupatur.

PROBATIO QUARTA.

Ex historia Ecclesiastica.

Idem denique justorum exempla probant: qui non nisi graviter decumbentes, penèque ad exitum vitæ perducti, Sacramentum hoc suscepisse, in historia Ecclesiæ memorantur, sic B. Martinus, de qua non semel prædictum, non nisi instante morte, unctiorem a Prudentio Episcopo petit. Carolus M., oleo sancto iunctus est ab Episcopis, inquit Eparchius,

X x

(in

(*in vita Caroli M.*) & «*in isto sumpto, & omnibus suis dispositis, commendans Deo Spiritum suum, obiit in pace...*» de Adelardo Abbate Corbejensi narrat Paschasius in ejus vita: *interim vero audiens Beatus vir Hildemarus Episcopus, sanctum egrotare Patrem, advenit illico. Interea cum capisset idem S. Episcopus a nobis percontari, utrum benedictionis oleo, sicut a Beato Apostolo sanctum est, deberet perungi: interrogavi-mus eum, utrum ne vellet?...* quod ille audiens, erectis oculis in cælum obsecrabat ut fieret... S. Osvaldus Eboracensis Episcopus, unctionem non ante petit, quam prævidisset horam fatalem instare, ut in ejus actis habetur... de Leone IX Pontifice Max. cum intelligeret, inquit Wibertus Archidiaconus, non diutius retinendam se carnis ergastulo, decrevit ut quoniam plures Episcoporum, Abbatum, cæterorumque fidelium confunderent turba, eis præsentibus inurgeretur sacri olei liquor... de S. Malachia Episcopo, ait S. Bernardus in ejus vita, c. 31, arguitur, & sumpto Viatico, fratrum se orationibus, & Fratres commendans Deo, ad lectum revertitur: certum igitur ratumque sit, non aliis nisi infirmis hoc Sacramentum, ex divina institutione conferri posse.

Solvitur quedam gratis momenti obiectio.

Et hæc quidem quamquam alibi dicta, revocari, conjunctimque ob oculos poni oportuit, quo facilius dilueretur ab exemplo Græcorum petita obiectio, quam magni esse momenti Theologi quamplures existimant.

Græci, inquiunt, non modo graviter decumbentes, sed etiam eos, de quorum morte minime timetur, immo omnes indiscriminatim poenitentes, sive infirmos, sive viribus valentes inungunt. Cujus rei testes plurimi occurrunt fide dignissimi: Arcudius, l. 5, c. 4, de extrema unctione: Goarivs, in Rituali Græcorum: Leo Allatius, l. 3. de Ecclesiæ Occidentalis & Orientalis perpetua consensione: ut interim taceam turbam scholasticorum, Græcos ea de causa traditionis infractæ accusantium: & recentiorum hæreticorum clamores, inde inferentium, unctionem a Græcis, pro vero Sacramento legis Evangelicæ non haberi. Ergo non adeo, ut volumus, certum est, solos infirmos debere hoc Sacramento donari.

R. Dist. ant. Græci, poenitentes etiam corpore sano inungunt, unctione quæ mera ceremonia sit, conc. unctione sacramentali, neg. ant. & consequ.

E. R. Non id omne pro vero Sacramento haberi debet, quod aliqua ejus imitatio est:

alioquin mirum in modum Sacramentorum numerus augeretur; constat enim plerasque caeremonias introductas, quæ primo aspectu, & exteriori facie cum Sacramentis magnam videntur habere affinitatem, etsi ab ipsis, natura & efficacia plurimum differant. Hujusmodi porro esse unctionem quæ corpore valentibus in Græca Ecclesia adhibetur, momenti efficacissimis demonstratur.

1. Unctionem quæ vere Sacramentum sit, solis infirmis esse divinitus destinatum, Græcorum uniformis doctrina est. Euchologii verba paulo ante recitata, planissima sunt, nec ambiguitatem ullam relinquunt: consentiunt Græci omnes qui de Sacramentis scripserunt: nec aliunde hujus Sacramenti, quam ex Marci c. 6, & Ep. Jacobi c. 5, ubi de solis infirmis intentio est, divinam repetunt institutionem.

Sic Jimcon Thessalonicensis: (*in lib. de Sacr.*) *oleum sacrum, inquit, traditione accepimus, velut caeremoniam sacram, quæ divine misericordiae typus est, ad eorum liberationem & sanctificationem qui a peccatis convertuntur: nec remissionem tantum peccatorum operatur, sed etiam morbos curat, & sanctificat...* tunc Sacramentum hoc Christus edidit, cum binos ante se discipulos misit, ut poenitentiam prædicarent: unde extenditur sanctum hoc oleum, esse velut poenitentiae compemium. Dæmonia multa abegerunt, & infirmos plurimos, oleo ungendo sanarunt. Indequè manifestum est, oleum consecratum infundi poenitentibus, morbos curare, neque ad corporum tantum, sed etiam ad animarum restitutionem conferre: ita docuit Jacobus Domini Frater: infirmatur, inquiunt, quis in vobis? &c.

Ita pariter Gregorius Proto syncellus, (*in Epitome dogm. Eccles.*) *septimum Sacramentum, sive extrema unctio, inquit, puri olei unctio est, pro infirmis preparari, per benedictionem & sanctificationem, sanitatis spiritualis & corporalis conferrendæ virtutem habens: unum est & septem Sacramentis, tum temporis a Christo præscriptum, quando discipulos suos ad Evangelium prædicandum ante se misit: ungebant enim oleo infirmos, & sanabant, ut in Evangelio Marci habetur...* extrema unctio dicitur, quia cum vitæ periculo egrotantibus adhibetur: ejus administratio debet confessio peccatorum præcedere: moxque olei cum prece, (*& Χρημα*) & deinceps communicatio sequitur.

Eodem sensu Confessio orthodoxa: (*qu. 117*) *septimum Sacramentum, ait, est extrema unctio a Christo præscripta: ejus enim cepisset discipulos suos binos mittere, ungebant oleo multos & sanabant. Quam deinceps unctio-*

nam religioſa conſuetudine Eccleſia obſervavit, prout ex Ep. S. Jacobi compertum eſt: inſignitur quis in vobis? &c. fructus hujus Sacramenti ſunt, quos velut ejus geminos Sanctus Jacobus Apoſtolus explicat, videlicet remiſſio peccatorum, animæ ſalus, corporis denique ſanitas, quam etſi non ſemper importet; ſemper tamen animam per remiſſionem peccatorum in meliorem ſtatum reſtituit.

Poteram, ſi reſtoularet, & plures alios addere: *Melchium Syrigum*, in refutatione articulorum Cyrilli Lucar: *Monachum Jobium*: profeſſionem fidei a Joanne Paleologo Conſtantinopoleo Imperatore editam: *Gabrielem Philadelphienſem*: *Synodum Cypriam* ſub Germano Amathuntis Epilcopo habitam: *Jeremiam Conſtantinop. Patriarcham* in reſp. ad Theologos Wittembergenses &c. dubium itaque non eſt, quin Græcorum communis ſententia ſit unctioem quæ vere eſt Sacramentum, ad ſolos infirmos eſſe divinitus inſtitutam.

2. Sacramentum quod vere hujus nominis eſt, non materiam tantum habet, ſed præcipue formam importat, per quam materia ipſa ad eſſe Sacramentale, ut loquitur ſchola, determinatur. Porro forma unctiois Sacramentalis in ea oratione conſiſtit, quam ſacerdos ungendo proferit: *Pater ſancte, animarum & corporum medice*, &c. quam pleræque aliæ preces a diverſis ſacerdotibus dicendæ præcedunt; atqui hæ omnes orationes ad infirmum ungendum, non ad eos qui bene valent, reſpiciunt: numquid enim non foret abſurdiſſimum, pro iis petere ſanitatē qui ægrotidine nulla premuntur? quis enim vero non videt, jocum hunc magis eſſe futuram, quam ritum ſacrum, & deriſionem potius quam orationem? cum itaque unctio quæ ſanis impenditur, propriam nullam habeat formam, Sacramentum dici non poteſt.

3. Ritum hunc pro vero Sacramento Græci non habent, quem non exiſtitant ullius effectus virtute propria, ſive ex opere operato, efficaciæ; atqui nulla Græcorum, de unctioe qua ſanos liniunt, talis opinio eſt: effectus enim quem ſperarent ab unctioe infallibiliter ſecuturum, vel eſſet ſanitas corporalis, vel ſpiritualis, peccatorum videlicet remiſſio; & animæ in priſtinum innocentie ſtatum redintegratio; atqui neutrum ſibi Græci proponunt: non primum quidem: ſpes enim, non præſentis, ſed abſentis boni obtinendi fiducia eſt: porro in præſenti hypotheſi, ſanus corpore eſt, qui liniitur; ſed neque ſecundum: qui enim certo credunt, unctioe, etiam quæ ægrotis impenditur, confeſſionem Sacramentalem, poenitentiam canonicam, & abſolutionem ſacerdotalem neceſſario præmitti debere, ſa-

ne non exiſtitant ejusdem unctiois, quando ſanis conceditur, ad delenda peccata, internam aliquam, & ex opere operato eſſe virtutem: alioquin enim conſequens eſſet ut dicerent, tali unctioe ab hominibus ſanis ſuſcepta, onus poenitentiae Sacramentalis eſſe ſublatum, nec jam neceſſarium eſſe ſacerdotis abſolventis miniſterium, quod nemini unquam Græcorum in mentem venit; atqui Græcorum omnium & Orientalium uniformis ſententia eſt, in eorum euchologiis, & officiis extremæ unctiois præſcripta, nemini infirmo & infirmo concedendum, quin prius peccata ſacerdoti rite confeſſus, & ab eodem fuerit abſolutus. Ergo &c.

Quæ cum ita ſint, dicendum hanc unctioem a Græcis, non ut Sacramentum, ſed ut meram cæremoniam obſervari, quæ ſi quid poſſit, non virtute propria & ex opere operato, ſed vel ex dantium, vel ex recipientium pietate ac fide poſſit. *Infirmum ſpiritualē (hominē ſcilicet poenitentē)* inquit Goarſius (in *Euchologio Græcorum*, nota 3 in offic. S. Olei.) præ oculis Græci habentes, precibus quidem hiſ, velut pharmacio ſalubri ſanandum ſuſcipiunt, vulnera ejus oleo ſancto curare, tum votis & benedictionibus alligare ſtudent: non ita tamen ut unctio precibus adiuncta, ex opere operato, anima deleat infirmitates: ſed ſi quid poſſit, ex poenitentiam tum devotione, aut ſacerdotis deprecantiſ caritate, id eſt, ex opere operantis illud valeat producere: addo & hac eadem mente animumqueque oleo ſancto ab Epilcopis benedicto ſe ſe in Eccleſia Orientali ungendam offerre ſervia v. in cena Domini: unctioemque ejusmodi, ut peccatorum antidotum, & ſanctitatis largitricem, ſacræ communioni præviā, de Epilcoporum manu ſuſcipere; ſed nec ille poenitens, corpore vegetus, nec illi myſteriorum Dei diſpensatores, veri, germanique Sacramenti ſuſcipiendi vel concedendi mentem animumque dicendi ſunt habere.

Ita Goarſius, cui Arcudius, (lib. 3. de extr. unctioe. c. 4.) Doctiſſimus Eusebius Renandus, (de perpetuitate fidei tom. 5, lib. 5, c. 3) & alii plerique conſentiunt. Jam ſi quaerat aliquis, unde conſuetudo hæc initium ſumpſerit?

R. Ex felici quadam anticipatione fidei, Chriſtianorum mentibus inſita, eſſe petendam, qua creditum eſt, nec immerito, materias ad adminiſtrationem Sacramentorum, ſacerdotum precibus conſecratas, etiam extra Sacramentum, ſive ad ſubſidia temporalia, ſive ad ſpirituales gratias obtinendas, poſſe aliquid adjumentum addere; ſic enim e. c. aqua baptiſmatis, quamquam ad ſolum baptiſma primo & principaliter conſecrata, quamplures

olim in diversis sive corporis, sive animæ necessitatibus speciali devotione utebantur, indeque aquæ benedictæ origo sumpta: idem pariter Chrismatis sive olei ad usum Sacramentorum ab Episcopis, aut Presbyteris benedicti, usus fuit. Quin & aquam ipsam qua sacri calices, post mysteriorum celebrationem abtergebantur, pari reverentia fideles ad usus suos ex devotione impendebant, sperantes sibi futuram abluionem proficuum ex eo liquore salutem, qui emundandis sacris calicibus inservisset: infinitus sim, si omnia memorem, quæ non in Oriente tantum, sed & in Occidente, haud sane spernenda, (si modum tamen non excedit) fidei simplicitas introduxit: quis enim nescit a plerisque Latinæ Ecclesiæ sanctis viris ac feminis, unctioes sæpe erga ægrotos, energumenos, aliosque variis oppressos necessitatibus, etiam ex oleo nec ab Episcopis, nec a sacerdotibus benedicto, olim fieri consuetas, unde plerumque miracula sequebantur? quem latet, etiam nunc plerosque oleo quod juxta aras Beatissimæ Virginis & sanctorum in lucernis appenditur speciali devotione, quam sæpe Deus exaudit, liniri? numquid porro ideo nostros superstitionis accusamus, quasi unctioes hujusmodi pro veris Sacramentis haberent? ut quid ergo Græcis iniquiores futuri sumus, unctioes similes ex oleo ad extremam unctioem benedicto, etiam erga eos qui sunt corpore vegeti observantibus?

At, inquis, a nostratibus Theologis Græcos eam ob rem legimus reprehensos, quasi qui traditionis limites prætergressi fuerint, non ægrotos tantum, verum etiam eos unguendo, qui robusta valetudine perfruuntur. Perperam ergo eos nitimur excusare.

R. Dato ant. n. conseq. Quis enim nescit nostrorum sæpe adversum Græcos & Orientales iniqua esse & acerbissimæ plena judicia? revera equidem reprehensibiles essent, si Sacramentum solis ægris alleviandis divinitus destinatum, etiam sanitate valentibus, contra Christi supremi legislatoris decretum profunderent; atqui ut modo ostensum est, hæc unctio adhibita sanis, etsi Sacramenti externam quandam speciem habet, mera tamen cæremonia est, quam pietas & fides sensim induxit: nedum ergo ad Græcos accusandos præcipiti quorundam e nostris censura commoveamur; debemus e contrario, re maturius expensa, severiorem revocare sententiam; atque ita, quod æquum omnino ac necessarium est, imitabimur sanctæ Matris Ecclesiæ moderationem, quæ hujusmodi ritum in Græcis nunquam damnavit: in his enim tam frequentibus contra eos habitis controversiis ac congressibus, nihil usquam est vel in Conciliis,

vel a Sum. Pontificibus ea de re definitum: vetuit equidem aliquando Innocentius IV. Pontifex Max. ne Græci presbyteri Romano Pontifici immediate subjecti, pœnas canonicas in tribunali poenitentiae imponendas, solius unctiois suscipiendæ onere commutarent: verum ipsam in se poenitentiam, etiam sanitate fruuentium unctioem non proscriptis: *prohibemus*, inquit, (in Ep. ad Episcop. Turculanum.) *ne sacerdotes Græcorum, aut confessores pro satisfactione poenitentiae, unctioem aliquam sollemniter injungant.*

Verum, inquis iterum, in hoc ipso Græcorum ritu Lutherani, & Calvinistæ triumphant, obtendentes, longe aliter a Latinis, Græcos de unctioe sentire, nec eam pro Sacramento habere.

R. Hæreticos ubi manifesto vincuntur, justificatione thrasonica triumphare: nam præter quam quod Extremam Unctioem ab Oriente toto annuerari Evangelicis Sacramentis, res est meritis clarior, in omnibus Euchologiis & Theologicis libris testata, novique contra Lutheranos, & Calvinistas definitionibus, in diversis Græcorum Synodis confirmata: quid quæso in hoc ritu est, unde vel minima causam habeant gloriandi? volunt recentiores Hæretici Unctioem quam Apostolus Jacobus præscribit, temporariam fuisse, nec Ecclesiæ nascentis primordia, ubi gratia miraculorum concedebatur communiter, prætergressam. Hoc porro negant & pernegant Græci, etiamnum, quamquam desierit gratia sanitatum communis esse, negando. Lutherani & Calvinistæ, unctioem omnem tanquam superstitionem diabolicam subsannant & insectantur: quo fit ut non modo sanos, sed ne ægros quidem, prout est ab Apostolo imperatum, ungi patiantur. Græci e contrario in verbis Evangelii, (Marci 6) & Jacobi Apostoli veri agnoscendo Sacramenti præscriptionem, summa diligentia, & rituum splendidissimo apparatu ægros inungunt; quod pro iis Latina Ecclesia, id ipsum & illi petunt, formam & orationes simillimas nostris pronunciant: quoque magis præconceptam de Sacro oleo præclaram extinctionem demonstrent, beneficium Unctiois etiam corpore valentibus motu pietatis impartiuntur, sentiendo nimirum unctioem hanc, etsi quando sanis impenditur, Sacramentum non sit, religiosam tamen cæremoniam esse, cum fide suscipientibus haud mediocriter profuturam: qua in re, si reprehensionem aliquam mererentur, non ideo quod non crederent id quod credit Latina Ecclesia, sed quod plus aliquid crederent, mererentur: quando ergo de hac tantula Græcorum a nobis dissensione Hæretici gloriantur.

riantur, de eorum numero sunt, de quibus Apostolus, *gloria eorum*, inquit, (Philipp. 3: 19) *in confusione ipsorum*.

6. SECUNDUS.

Quæ, & qualis debeat infirmitas esse, cuius postulandæ extremæ unctionis annexum sit?

Quæritur 1. Utrum debeat graviter ægrotare, cui beneficium unctionis impenditur?

R. 1. Juxta Latinæ Ecclesiæ disciplinam, affirmative. Hoc Sacramentum, ait Eugenius IV Pontifex Max. (in *decr. pro instr. Armen.*) nonnisi infirmo, de cuius morte timeatur, dari debet, & Concilium Trident. declarat, inquit, (sess. 14, cap. 3, de *extr. unct.*) esse hanc unctionem infirmis adhibendam, illis vero præsertim, qui tam periculose decumbunt, ut in exitu constituti videantur: unde Sacramentum exequium nuncupatur: consentiunt Ritualia: debet hoc Sacramentum infirmis præberi, ait Rituale Romanum, qui cum ad usum rationis pervenerint, tam graviter laborant, ut mortis periculum imminere videatur . . . idem Pastorale Mechliniense, & alii communiter libri Rituales præscribunt: præcesserat Angelicus Doctor sic scribens: (in *sup. quest. 32, art. 2, in corp.*) dicendum quod hoc Sacramentum est ultimum remedium quod Ecclesia potest conferre, quasi immediate disponens ad gloriam: & ideo illis tantum infirmantibus debet exhiberi qui sunt in statu exequium, propter hoc, quod ægritudo nata est inducere mortem, & de periculo timeatur: quid quod & hoc ipsum videtur in Latina Ecclesia antiquitus communiter observatum: „ ab infirmis in periculo mortis positus, inquit *bat septimo sæculo Theodorus Cantuariensis* . . . *cap. cit.* pura „ est inquirenda confessio peccatorum, & secundum auctoritatem canonicam, ne illis „ janua pietatis clausa videatur . . . „ sacra unctione olei inuncti . . . „ communione viatici reficiantur . . . „ *capitularia Caroli* „ M. si infirmitate quis depressus fuerit, vitam sine communione non finiat, nec unctione sacri olei careat“.

R. 2. More antiquo Græcorum, omnibus indifferenter ægrotis, etiam si mortis periculum non imminet, hoc Sacramentum conferri: nullibi namque legimus apud illos præscriptum eo usque unctionem differendum, donec instet fatalis hora: indeque est quod omnes indiscriminatim pro quavis, etiam levi ægritudine ad unctionem admittunt: *ἰουδαῖος*, ait Gabriel Philadelphensis, (in *trakt. de Sacram.*) est unctio ex puro oleo constans, pro iis qui mor-

bo decumbunt: ubi discrimen ægritudinis, siue levis, siue periculosa sit, nullum facit: eodem pertinet quod Goarius in notis ad Rituale Græcorum observat, apud Græcos consuetudinem obtinere, ut ægri plurimi Sacram unctionem accepturi, aliorum ope & manibus ad Ecclesiam se deferri faciant, ibique plurium nonnumquam dierum spatio in Catechumenis jaceant, pernoctent, morentur, & Sacra tandem unctione sibi remedium exposcant: hoc enim haud ita facile fieret, si extrema planeque desperata infirmitas foret.

Q. 2. De hac disciplina quod debeat esse judicium?

R. Tum nihil habere Scripturæ sacræ contrarium, tum ab Ecclesia hac usque probatum: adeoque non posse sine temeritate redargui: quodquidem scripturæ sacræ non adversetur, ex verbis Marci & Jacobi est manifestum: *ungebant*, inquit ille (c. 6, 13) *oleo multos ægros*, & sanabant: iste vero: *infirmatur quis in vobis? inducat presbyteros Ecclesiæ* &c. hæc enim verba, si sensum obivum sequamur, ad omne morbi genus videntur extendi: quod vero hæcenus Ecclesiæ Romanæ probata sit, inde certo conficitur quod nulla unquam de hac re fuerit contra Græcos a Latinis concitata querela: e contra sæpius a Sum. Pontificibus sit declaratum, suis Græcos moribus permittendos, nec illis propter rituum diversitatem molestiam inferendam.

Quæritur 3. Gravis ægrotationis nomine, juxta disciplinam Latinæ Ecclesiæ, quid intelligendum?

R. Eam accipiendam, quæ, ut loquitur S. Thomas modo cit. *nata est inducere mortem*, & de cuius periculo timeatur: quæ tanta nimium est, ut ex illa videatur mortis periculum imminere: non eo tamen est infirmitas gravitas extendenda, nec tamdiu Sacramenti administratio differenda, ut nec convalescendi spes ulla supersit, nec usu ullo sensuum & rationis fruatur infirmus.

Objection.

Ritui Latinorum, inquit aliquis, qui ubique hodie, & a plerisque sæculis in toto Occidente servatur, responsio illa repugnat: constat enim fere nemini, nisi ultimam agenti spiritum, & quid erga se, & in suo corpore fiat prorsus nescienti, Sacramentum hoc ministrari: adeo ut quotidie pene contingat, prius animam avolare, quam unctio absolvi potuerit: indeque Lutheranis & Calvinistis oblata occasio, Romanam Ecclesiam, (nec sane immerito,) increpandi.

„ Apparet, inquit Lutherus, (lib. de capt. „ *Babyl.*) eos (Catholicos) non auctoritate „ ulla,

ulla, sed suo arbitrio, ex verbis Apostoli male intellectis, Sacramentum & extremam unctionem fecisse, cum injuria cæterorum infirmorum, quibus vi propria abstulerunt unguendi beneficium ab Apostolo statutum. Apostolus in hoc ungi & orari præcipit, ut infirmus sanetur & allevietur, hoc est, non moriatur, nec sit extrema unctio; quod & usque hodie probant preces inter unguendum dictæ, quæ infirmum restitui petunt: illi contra dicunt, non esse dandam unctionem, nisi si discussuris: hoc est, ut non salvetur & allevientur. . . . ideo & extremam volunt unctionem, ut non sit verum, per eam sanari infirmum, quod ille (Jacobus) statuit: si hoc non est insanire, rogo quid est insanire?

Calvinus vero: (lib. 4. instit. cap. 19) Jacobus omnes infirmos vult ungi: isti non infirmos, sed semimortuos cadavera sua pinguetudine inficiunt, cum jam jam animæ in primoribus labris laborat, vel, ut ipsi loquuntur, in extremis: si presentem habent medicinam in suo Sacramento, quo vel morborum acerbissimam leniant, vel saltem aliquid animæ solacium afferant: crudeles sunt, qui nunquam in tempore medentur. . . .

Nec Græcos ipsos accusatio ista præterit: dudum enim est, quod *Simæon Thessalonicensis*, contra Latinos invehit: hic, inquit, (in lib. de 7. Sacram.) quædam alia quoque Latinorum, res motas molientium destruit sententia: hi enim asserunt, Sanctum oleum non spem vitæ habentibus, sed moribundis tribuendum esse. . . . contra fidem Apostolicorum verborum, ut in omnibus aliis, ita etiam hæc in re & sentientes & facientes: cum enim Dei frater (Jacobus Apostolus) clamet: eriget eum Dominus: isti ajunt, iis qui non origuntur, esse præbendum. . . . (ib. in fine operis) quia omnia immutant Latini, hæc etiam cærenomiam corruperunt, atque non esse exhibendum (Sacramentum unctionis) ægotantibus, sed moribundis ajunt: quandoquidem enim hoc Sacramentum dimittit peccata; propterea (a Latinis) moribundis exhibetur, ne, si quis supervixerit, rursus peccet: o demeritum! frater Domini enunciat: & oratio fidei salvabit infirmum, & eriget eum Dominus: hi vero ajunt, ideo dari unctionem, ut moriatur. . . . & Sacrum quidem Evangelium ait: Ungebant oleo multos ægros, & sanabant: hi vero censent dandam esse unctionem, non ut caveretur; sed ut sint insanabiles, & moriantur.

Falso ergo dictum a nobis, ex Latinæ Ecclesiæ disciplina, non eo usque unctionem procrastinandam, ut jam sanitatis recuperandæ spes omnis extincta sit.

Respond. Nego ant. nego, inquam, id quod opponitur, & pene quotidiano usu fieri affirmatur, juxta disciplinam Romanæ Ecclesiæ fieri: putida namque hæc hæreticorum calumnia fuit, qui cum in Catholicis ritibus, quod jure reprehenderent, nihil reperirent, ut possent calumniari, ad mendacia confugerunt: neque hæc in parte, *Simæon Thessalonicensis*, & Græci plerique, quo erat contra Latinos odio ex stimulati, moderatores se præbuerunt: contra nos enim plurima falsitatis plena commentum sunt; atque, ut ingenue fatear, a nostris sæpe cum injuria & contra veritatem læcessiti, par pari referre omni conatu studuerunt.

Hujusmodi porro esse contendimus, quod in præsentem tanta confidentia adversum Latinos jactatur: quod ut perspicue ostendamus, rogamus studiosum Lectorem, ut diligenter advertat, non debere id quod ex abusu & prævaricatione fit, in Ecclesiæ Sanctam refundi; nec posse rem disciplinæ vocari, quæ ejusdem manifesta infraclio est: quod quidem attinet ad tempus conferendæ extremæ unctionis, fatetur, sive popolorum, sive pastorum incuria abusus gravissimos, nec tunc flebili animarum detrimento, præteritis sæculis irrepsisse; hoc vero nedum probat Ecclesiæ, & in legitimos usus converterit, semper detestata est, & sanctissimis statutis proscripsit.

1. Falsum est, Catholicam unquam sanxisse extremam, non esse dandam extremam unctionem, nisi continuo discussuris, ut scilicet nec salvetur, nec allevientur: aliud enim est, statuere non esse nisi periculose ægotantibus conferendam; aliud, dicere non esse dandam, nisi statim discussuris: primum sæpe ab Ecclesiâ declaratum: de altero ne cogitatum quidem. Cum enim inter infirmos, de quorum morte timetur, alii quantocumque morituri prævideantur, aliorum exitus non ita imminet: de utrisque inungendis præceptum est: declarat, inquit Trid. Concilium, (sess. 14, cap. 3, de extr. unct.) esse hanc unctionem infirmis adhibendam, illis vero præsertim qui tam periculose decumbunt, ut in exitu vitæ constituti videantur: unde & Sacramentum excommunicati nuncupatur: ita S. Synodus, cui concinens Catechismus jussu ejus editus: docendi sunt fideles, inquit, (2. par. tit. de extr. unct. n. 9) quomodo hoc Sacramentum ad omnes pertineat; quædam tamen hominum genera excipi, quibus administrandum non sit: ac primum: excipiuntur, qui sano & firma corpore sunt: iis enim extremam unctionem tribuendum non esse, & Apostolus docet, cum inquit: infirmum quis in vobis? & ratio ostendit: si quidem ob eam rem instituta est, non modo ut animæ, sed etiam ut corpori medicinam afferat: cum igitur illi

illi tantum qui morbo laborant, curatione indigeant: idcirco iis etiam qui adeo periculose egrotare videntur, ut, ne supremis illis vite dies inisset, metuendum sit, hoc Sacramentum præberi debet: in quo tamen gravissime peccant, qui illud tempus egroti negendi observare solent, cum jam omni salutis spe amissa, vita & sensibus carere incipiat: constat enim, ad uberiorem Sacramenti gratiam percipiendam plurimum valere, si egrotus, cum in eo adhuc integra mens & ratio viget, fideique & religiosam animi voluntatem afferre potest, sacro oleo liniatur: quare Parochis animadvertendum est, ut eo potissimum tempore celestem medicinam adhibeant: illam quidem semper vi sua admodum salutarem; cum eorum etiam pietas & religio, qui curandi sunt, magis profuturam intelligitur.

2. Falsum est, ideo Catholicos unctionem de qua agitur, extremam vocare, quia non datur nisi quantocumque discensurus; quasi post illam, nullam debeat amplius subsidium expectari: extrema enim dicitur, ut in limine tractatus præmonuimus, comparate ad alias unctiones quæ istam tempore præcesserunt, catechumenorum scilicet, baptizatorum, confirmatorum &c. primum illud tradendum erit, ait idem Catechismus, (ib. n. 2.) hoc Sacramentum idcirco extremam unctionem appellatum esse, quod hæc omnium Sacramentum unctionem, quas Dominus Salvator noster Ecclesie sue commendavit, ultima administranda sit: quare hæc ipsa unctio a maioribus, Sacramentum etiam unctionis infirmorum, & Sacramentum exuentium dicta est: quibus vocabulis fideles in memoriam novissimi illius temporis facile redire possunt.

Abecant igitur cum suis carchinis Lutherani, Calvinistæ, & Græci malevoli, leges Romanæ Ecclesiæ vel culpantes, quas nesciunt; vel hoc inexcusabiliores, si sciverint.

At, inquis, negare saltem non possumus, id quod Lutherani oblatrant, ad ultimum pene vitæ instans, quo nec scintillam rationis habet egrotus, nec ulla residua spes est recuperandæ salutis, extremam unctionem vulgo differri.

Respond. Hoc ab adversariis mendaciter, & cum calumnia manifesta imponi: quot enim & quanto numero quotidie, integris sensibus, & pleno rationis usu, fide viva, & eximie pietatis exemplo, sacro oleo liniuntur? quod si non vident Hæretici, ideo quia a nobis exierunt, non vident: sed esto sane multorum tanta negligentia sit, (quod eheu! nimium frequens esse S. Mater Ecclesia ingemiscit;) quid inde tandem in quo culpæ Ecclesiæ possint, exaudient? numquid enim ideo legislator accu-

sandus, quia sancitæ ab illo leges Sanctissimæ, a subditis temerario infringuntur? aut numquid exempla prava legis abolitæ argumenta sunt, si lege ipsa reprehendantur? sic porro se res in præsentia habet; exempla si querimus unctionis, vividis sensibus & integra mente susceptæ, turmatim ex remotissima antiquitate occurrant, in Tresano presbytero, qui oleum Sanctæ reconciliationis, cum cordis intima contritione & humilitate suscepit: in Beata Maria, quæ gratiam hanc a Prudentio Episcopo, anxie jacens in lectulo petiit: io Sancta Humgunde, quæ conversa ad eos qui assidebant presbyteros, sacre unctionis oleum, & Eucharistiam sibi petitis ministrari: in Adelardo Abbate Corbejensi, qui interrogatus utrum ne vellet benedictionis oleo, sicut est a Beato Apostolo sanctum, inungi? *refectis oculis in celum, obsecrabat ut fieret: in S. Orsveldo Eboracensi Episcopo, qui cum instate vitæ finem præsentiret, regressus in Oratorium, convocatos fratres hortatus est, ut sibi ministerium sacre unctionis impenderent, cum Viatico Domini Corporis: in Leone IX Pontifice Max. qui cum intelligeret, non diutius retinendum se carnis ergastulo, decrevit, ut quoniam plures Episcoporum, Abbatum, cæterorumque fidelium effluerant turme, eis præsentibus inungretur sacri olei liquore: in S. Malachia Episcopo, qui Sancto se oleo iussit ungi, & sumpto deinceps Viatico, fratrum se orationibus, & fratres commendans Deo, ad lectum reversus est: & denique in sexcentis aliis, quorum est in sacris annalibus mentio.*

Quod si leges postulamus, vigent etiamnum veneranda patrum decreta, qui cum extremam unctionem, pro parte aliquæ poenitentiae & complemento habent; eam ex consequenti non secus ac poenitentiae Sacramentum, mente libera & integris sensibus, solo causa necessitatis excepta, debere suscipi procul dubio sentiebant: indeque est quod prisca ætate, Viatico Domini corporis vulgo unctio ipsa præmitteretur: ut ex Conciliis Aquigranensi, & Meungino, 9. sæculo habitis, aliisque longeque pluribus certissimo constat.

Qui porro fuit olim, hodieque perorat disciplinæ vigor ac spiritus: renovata identidem occasione obrepentis laxitatis decreta majorum depulsa in Concilio Trid. & sequentibus diversarum provinciarum Synodis, Lutheranorum & Calvinistarum calumnia: in Burdigalensi, an. 1582, in Remensi, an. 1583, in Bituricensi an. 1584, in Mediolanensibus sub S. Carolo habitis: & aliis bene multis, novo decreto sancitum, curare debere Parochos, ut egrotos, dum integritas est sensibus, extreme unctionis Sacramentum adhibeatur: cauteque providendum, ne vel

more

mors unclionem præveniat, vel morbo invalescente semimortuus non sentiat.

Queritur 4. Quam tanta disciplina veteris negligendæ causa esse potuerit?

R. Præter generalem causam in nativa malignitate hominum positam, qua fit ut moribus in pejus ruentibus, contentiantur leges sanctissimæ constitutæ; peculiarem hujus rationem peti debere, hinc quidem ex naturali mortis horrore, cujus certa prænuncia, extrema unclio vulgo putatur; illinc vero ex stultis, non tam opinionibus, quam deliramentis, quæ sæculo circiter 13 spargi in vulgus cœperunt: volitabant enim per ora populorum rumores ridiculi, extrema senel unclione suscepta, nec convalescendi spem ullam esse residuam, nec facultatem condendi testamenti manere, nec matrimonii, nec carniurn usum licitum esse: indeque secutum est, ut ab ejus petitione populi abhorruerint, & ad ultimum usque instans distulerit. *Verisimile est*, inquit doctissimus Mabillonius, (in *annalibus Benedictinis præfat. ad 1 sæculum*) *ob ea vulgi deliramenta unclionem infirmorum in mortis articulum reservari coepisse, ac sensim hunc usum in omnes Ecclesias fuisse propagatum. Indeque forte contigit, ut sæculo decimo tertio contra observatam hæcenus disciplinam, Sacra Unclio Viaticum præmissum fuerit.*

Novitati equidem, quoad fieri potuit obstitit zelus pistorum. Sic enim Richardus Episcopus Satisburiensis, in constitutionibus editis an. 1217, c. 68, *Dicant etiam*, inquit, *ac denuncient confidentes Sacerdotes, quod post susceptum hoc Sacramentum, licitum est reverti ad opus conjugale . . .* & Synodus Vigornensis, an. 1240, cap. 19, *Sunt autem*, ait, quidam, ut audimus, qui post perceptionem hujus Sacramenti, sanitati pristinae restituti, nefas reputant, vel uxores suas cognoscere, vel carnes comedere . . . Horum autem errorum, utpote doctrinae Sacrae contrarium execramur, & eos excommunicationibus & monitionibus duximus esse corrigendos . . .

Idemque iterum in Synodo Exoniensi, an. 1287, & Wintoniensis an. 1307, pari auctoritate sancitum. Verum, ut ingenue fatear, votis pastorum, exitus non plene respondit: quantalibet enim eorum vigilantia fuerit, nata in Britannia majori stultæ opiniones, sensim de gente in gentem, & de Regno in populum alterum proruperunt: (adeo difficile est populari superstitione evelere:) hocque magis, errore prævalente, difficultas crevit, fideles ad priscam & sanctiorem disciplinam revocandi.

¶ Hac nostra ætate, subdit appositissime Benedictus XIV P. M. lib. laudato c.

22, liberi profecto sunt fideles abennarratis præjudiciis: & nihilominus humani generis hostis hanc plerisque rudibus, & ignavis mentem iniecit, ut credant, actum esse de vita illius, qui Sancto Oleo est inunctus, & solum ei superesse sepulchrum, ex quo fit, ut a Sacra unclione, perinde ac ab ipsa morte abhorreant. Opportunum idcirco, & perutile erit, ut Episcopus in sua synodo, aut synodali instructione hunc detestandum errorem & rudium hominum mentibus evelere satagat, quod nos pro nostro Pastoralis munere præstare curavimus in nostra notiff. 22. Quo vero facilius propositum sibi finem assequatur, suæ Synodali instructioni rationes inserat, propter quas non decet ejusmodi Sacramentum ad tempus differri, quo jam sanam animam in primoribus labiis laborat, sicut nobis exprobrabat impius Calvinus l. 4. insit. c. 19, occasionem inde arripiens nobis illudendi, *quia non infirmos, ut ipse calumniabatur, sed semimortuos cavere pinguedine infirmos*. Prima autem ratio illa est, quam ad rem, de qua agimus, fidelibus insinuari voluit synodus Burdigalensis an. 1583, Parochis præcipiens: *current etiam crebris monitionibus imperitum vulgus ab illa inani, & impia opinione abducere, qua plerique sinistre de hujus Sacramenti virtute sentiunt, perinde ac si mortem agri acceleret; cum certum sit ex Apostoli doctrina Deum, non anime tantum, verum etiam corporis, si expedierit, virtute hujus Sacramenti salutem conferre* &c. Quod subinde comprobatur etiam verbis *Ritualis Argentinenensis*: additque: *Enimvero cum inter ceteros, quos extrema unclio producit effectus, causet etiam corporis valetudinem, si hæc conferat ad animæ salutem, quod non solum eruitur ex sæpius allegatis verbis Apostoli Jacobi, sed liquido constat ex Sacramentario S. Gregorii M. . . . Idcirco ad inungendum infirmum expectanda non est ultima ejus vitæ perodus, qua extremum agat spiritum: hunc enim effectum non operatur Sacramentum per modum miraculi, quod in illis circumstantiis esset necessarium, sed virtute quadam, supernaturali quidem, sed quodammodo ordinaria, quæ causas naturales adjuvat &c.*

Altera ratio, quæ efficacius allucendi sunt fideles ad extremam Unclionem celeriter petendam, & recipiendam, priusquam sensibus & mente desituant, desumenda est ex aliis nobilioribus effectibus, quos eadem in decumbentium anima operatur &c. Concilium Trid. loco cit. extremæ Unclionis Sa-

„ cramento non solum attribuit virtutem cau-
 „ sandi corporis sanitatem: sed ceteros ejus-
 „ dem effectus singulatim enumerans hæc ha-
 „ bet: „ *Kes porro, & effectus hujus Sacra-*
menti illis verbis explicatur: & oratio fidei
salvabit infirmum, & alleviabit eum Domi-
nus: & si in peccatis sit, dimittuntur ei &c.
 Et posteaquam constituit hæc peccata, quæ
 per Sacramentum dimittuntur, esse tum ve-
 nialia, tum etiam lethalia ignorata &c. sub-
 jungit: „ Jam vero neutrum effectum potest
 „ extrema unctio operari sine aliquo pio ipsius
 „ suscipientis actu: nec enim peccata venia-
 „ lia remittit absque aliqua eorumdem displi-
 „ centia, nec lethalia delere valet, sine eo-
 „ rundem detestatione, eaque saltem imper-
 „ fecta contritione, quæ est necessaria ad veni-
 „ niam, & justificationem assequendam in
 „ Sacramento Pœnitentiæ &c. Ejusmodi au-
 „ tem actus, cum certe elicere nequeat, qui
 „ est sensibus destitutus &c. utroque sane Sa-
 „ cramenti effectu fraudatur “

Quæritur 5. Utrum quodlibet urgens mortis
 periculum, causa sufficiens sit extremæ un-
 ctionis petendæ ac concedendæ?

R. Negative. Tale namque debet esse, ut
 ex morbo præsentem nascatur: prout ex tenore
 legis compertum est: *infirmatur quis in vo-*
bis? Alioquin enim si propter varios casus qui-
bis rotatur humana vita, diversaque ejus amitt-
tendæ discrimina, unctiorem petere liceret,
 nullum tempus esset, quo non aqua ejus po-
 stulatio foret; quia cuivis homini quantumvis
 robusto ac vegeto, potest dies quævis esse su-
 prema: standum itaque legis præscripto, nec
 aliis conferenda, quam actuali morbo affectis.
 Nemini igitur, ait Concilii Trid. Catechismus,
 (part. 2, de Extr. Unct. num. 9) *quigraviori*
morbo affectus non sit, Sacramentum uncti-
onis dare licet; tametsi vitæ periculum adeat, vel
quia periculosam navigationem pareat, vel quia
prælium inturus sit, a quo illi certa mors im-
pendeat, vel etiam capitis damnata, ad sup-
plicium raperetur. Eandem regulam statuit
 Concilium Mediolan. 4. S. Carolus in instru-
 ctionibus de Extrema Unctione, & diversarum
 provinciarum Concilia. Quod autem de
 cæteris dictum est, de mulieribus ipsis in par-
 tu laborantibus accipi debet, nisi sit mortis
 periculum evidens.

¶ His opponi possunt exempla quædam ex
 probatis historicis a Martene prolata loco su-
 pra citato, nempe Odilie filix Comitissæ Heri-
 manni, & Mathildis, quæ a Ricardo Abbate
 Monasterii S. Vitoni de futura sequenti die
 ejus morte præmonita, licet corpore sana nul-
 lam gravitatem pateretur, attameo liquore
 Sancti Olei inuncta . . . inter verba orationis

De Re Sacram. T. III

leta spiritum efflavit, uti narrat Hugo Fla-
vinianensis in Chronico Virdunensi: cujus-
dam Monachi, qui, ut apud Mabilonium
seculo 6. Bened. pag. 2 legitur, post Noctur-
nos festi S. Martini divinitus admonitus de
proxima sua morte, revelationem Abbati pa-
tescens, a quo sacro oleo inunctus, & divinis
munitus mysteriis, sanus, & incolumis cum
cæteris in Conventu versatus sequenti die obiit:
cujusdam Cingulami fratris laici, qui pariter
corpore sanus, oleo sancto unctus, ut rogave-
rat, mox e vita decessit, ut refert Mabillo-
nus idem seculo 1 in vita S. Gildasii: qui-
bus adjungi potest exemplum S. Heduvigis quæ,
 ut in ejus vita narratur cap. 8, priusque ægro-
 tare coepisset, extremæ unctiōis Sacramento
 muniri voluit. Ex his ergo colligitur etiam in
 Ecclesia latina extra infirmitatis casum hoc
 sacramentum fuisse collatum, riteque ac recte
 posse aliquando conferri.

R. Hæc exempla communi Ecclesiæ doctri-
 næ, ac praxi non posse adversari. Extraordi-
 naria quippe sunt, & profecta vel ab ignorantia
 illius doctrinæ, vel ab aliquo peculiari af-
 flatu Spiritus Sancti homines interdum a legi-
 bus Providentiæ ordinariæ solventis, prout
 opportune adnotat Author citatus vitæ S. He-
 duvigis, iniquens: *hoc tamen, quod hic dixi-*
mus, admirandum potius est quam imitan-
dum, cui Spiritus Domini per revelationem tri-
buit efficaciam, & in quo, ut pie credi-
mus, sancta devotio dispensavit. Possumus etiam di-
 cere in prædictis rerum circumstantiis, eos,
 qui de proxime sequuta morte divinitus admo-
 niti fuere, jam tum cæpisse lethali morbo in-
 terius laborare, quo cito ad interitum propere-
 rant, quamquam exterius sani, & incolum-
 es apparerent. Quocirca potuit his Sacramen-
 tum extremæ unctiōis administrari eodem ti-
 tulo, ac ratione quæ a Concilio Mediol. 4. in-
 fra citando statutum est, assentientibus etiam
 Theologis, ut dispensetur senibus, qui præ de-
 crepita ætate, quamquam nulla alia speciali
 afficiantur ægritudine, in dies morituri cre-
 duntur: ipsa quippe longæva senectus, infirmi-
 tas quædam est interiora vitæ organa labefa-
 ctans, & ad interitum proxime disponens. ¶

Quæritur 6. De senibus quid dicendum?

R. Extrema unctiōe donandos, qui senio
 sunt confecti, etiamsi sani videantur: ipsi
 enim de se senectus, periculosus est morbus,
 eo gravior quo insanabilior, & mortem prope-
 diem allaturus: *Parochus, ait Concilium*
Mediolan. IV sub S. Carolo: (Tit. 6, de extr.
Unct.) extremæ unctiōis Sacramentum sicut
his ministrare debet, adultis scilicet periculose
ægotantibus, propeque moribundis; senio con-
fessis etiam non ægotis, in diem morituri:

Y y

ita

ita istis ne ministrat, nempe pueris, rationis usu carentibus, mulieribus in partu laborantibus, ad bellum proficiscentibus, navigantibus, peregrinantibus, & iis qui mox ultimo supplicio mulandi sunt.

Q. 7. Utrum phreneticis, furiosis, & post natiuitatem amentibus debeat ministrari?

R. Cum distinctione: vel enim huiusmodi lucida habent intervalla, quibus ratione utuntur, vel non: si primum; non est dubium, quin beneficio Unctionis donari possint ac debeant: si secundum; iterum distinguo: vel enim iis unctio fieri commode, & sine periculo irreverentiae potest, vel non: si nullum tale periculum sit, & aliunde de fide eorum ac religione bene praesumitur; omnino ungendi videntur: nulla namque est causa cur eis gratia denegetur, quam si sui ipsorum compotes essent anxie peterent: quod si periculum irreverentiae imminet, dimittendus divinae misericordiae agrotos, iuvandos Ecclesiae precibus; sed ab administratione Sacramenti est abstinendum: ad effectum huius Sacramenti percipiendum, ait S. Thomas, (in Sup. quest. 32, art. 3) plurimum valet devotio suscipientis, & personale meritum confitentium, & generale totius Ecclesiae: quod patet ex hoc quod per modum deprecationis forma huius Sacramenti confertur: & ideo illis qui non possunt recognoscere, & cum devotione suscipere hoc Sacramentum, dari non debet, & praecipue furiosis & amentibus, qui possent irreverentiam Sacramenti per aliquam immunditiam facere: nisi haberent lucida intervalla, quibus Sacramentum cognoscerent, & sic eis conferri in statu illo posset... parique sensu S. Carolus: (in instructionibus) infirmis, ait, qui sana mente dum erant, illud petierunt, aut verisimile est, quod petissent; etiam si postea in amentiam inciderint, vel ratione sermonis uti desierint, ministrabitur: si vero dum infirmus amentia phrenesive laborat, verisimile sit quod indecore, aut spurce, impureve aliquid agat, quo irreverentia Sacramenti huic fiat; non ungetur, nisi alicuius complexu ita teneatur, ut firmus, stabilisque habeatur... eadem Ritualis Romani responsio est.

Q. 8. An pueris conferri debeat hoc Sacramentum.

R. Questionem hanc negative resolvit S. Thomas in supplem. q. 32, a. 4, duplici fundamento nixus; primo scilicet, quod nulli administrari debeat hoc Sacramentum, cui non competat forma Sacramenti. Porro Sacramenti forma pueris competere nequit, utpote qui non deliquerunt per visum, & auditum, ut in forma exprimitur. Altero, quod hoc Sacra-

mentum exigit in suscipiente devotionem adualem, sicut & Eucharistia, cujus pueri capaces minime sunt. Unde, concludit, sicut Eucharistia non debet dari pueris; ita nec hoc Sacramentum. Ut nemo non videt, loquitur S. Doctor de pueris qui nondum ad usum rationis pervenere: de iisdemque locutus est, idemque statuit communem sententiam sequutus S. Carolus Borromeus in suis instructionibus (p. 4. Ad. Eccl. Mediol.) dicens: ministratur hoc Sacramentum (extremae unctionis) adultis periculose egrotantibus... At non infantibus, puerisque qui nullum adhuc rationis usum habent, neque peccata admittunt. Neque aliam unquam fuisse praxim Ecclesiae Martene ostendit cit. l. 1. de Antiq. Rit. Quare audiendi non sunt, si de unctione Sacramentali loquantur, Nicolaus Cusanus, & Maldonatus, qui olim etiam infantes infirmorum oleo inungi consuevisse pronuntiant.

Verum quamvis aetas expectanda in pueris est, ut hoc Sacramento donentur? Questionem erudite discutit, ac sapienter resolvit Benedictus XIV cap. 21, l. 7, de Synodo Diocesis. Ex quo nonnulla hic corrivare lubet. Docet itaque in primis expectandam non esse aetatem quatuordecim annorum, quam exigere videntur plures Synodales Constitutiones relatæ ab eodem Martene, ac Provinciale Anglicum editum a Lindevode lib. 1, de Sacra Unct. quamquam revera haud absolute exigant talem aetatem, sed eos maxime inundandos statuunt, qui ad eam pervenerunt. Multoque minus expectanda aetas est annorum octodecim, quam omnino requirit Codex antiquus S. Martini Turonensis, a Martene productus, & Fridericus Nausea Episcopus Viennensis in suo Catechismo lib. 3, c. 107.

Hinc docet 2, pueros posse sacra unctione liniri statim ac compotes rationis dolique ac mali capaces iudicantur, si gravem morbum incurrant. Quod confirmat statutissynodalibus Ecclesiarum Cadurcensis, Ruthenensis, & Tuelsenis laudatis Tomo 4. Amedei. Martene, & Durandi, & Ecclesiae Argentinensis rituali edito nuperrime ab Emin. Cardinali de Rohan, in quo rit. de extrema. Unct. §. 2, dicitur: Non denegetur etiam (hoc Sacramentum) pueris, si septimum attigerint annum, nec iis, in quibus malitia supplet aetatem, etiam si septenarii non sint. Quare minime approbandam censet synodalem Constitutionem a Germano Valente Quellio Episcopo Aureliensi an. 1587 promulgatam, in qua decernitur: non deatur hoc Sacramentum pueris, qui nondum communicaverunt. Etenim quodcumque capaces existimantur Sacramenti Prentitiae, idonei pariter reputandi sunt ad extre-

tremam recipiendam unctionem, quæ illius complementum est; tanetsi non ea polleant adhuc maturitate iudicii, quæ ad participationem Sacramenti Eucharistiæ creditur necessaria. Hinc laudat, & approbat Pastorale Mechliniense a Vanespino relatum par. 1, tit. 8, c. 2, n. 9, in quo, post prolata Romani Ritualis verba: non ministretur pueris usum rationis non habentibus, apposite subditur: Secus de pueris periculose egrotantibus, qui peccati mortalis, ac confessionis capaces sunt, licet sint solum oſſo, aut novem annorum, & quamvis nunquam communicaverint.

Q. Ultimo: quid si aliquis morbo sive casu aliquo sic oppressus sit, ut quamvis adhuc vivat, petere tamen sibi extremam unctionem non possit?

R. Concedi debere, si dum rationis usum haberet, pietatis signa dederit, ut inde iudicium sit, eum si suimet compos esset, unctionem petiturum. Concilio I decretum est, ait S. Carolus, (in Conc. Mediol. 3) ut dum æger integris est sensibus, extremæ unctionis Sacramentum ei ministretur: si tamen vel curantium negligentia, vel morbi vi, vel repentinum aliquo casu sensum omnem amiserit, ut nihil plane intelligat; illius decreti sententia vetitum non esse declaramus, quin hoc extremæ unctionis Sacramentum ei ministrare liceat; si modo adhuc vivus, & dum usum rationis haberet, pii animi significationem dederit, ut inde iudicari possit, eum hoc Sacramentum petiturum, si adhuc integra mente esset.

Eaque communis Theologorum opinio est, a S. Aug. doctrina paululum differens; sentiebat enim S. Doctor, baptismum & penitentiam, iis qui præ morbi subitanei violentia penitus obmutescerant, concedi debere, quantumvis flagitiosam vitam egissent, nec ulla conversionis aut penitentiae signa dedissent: unde verosimillimum est, si pari, de extrema unctione, interrogatione pulsatus esset, haud aliter ac de baptismo & Sacramento penitentiae responsurum; ego, inquit, (lib. 1 de adulterinis coniugiis cap. 23) non solum alios Catechumenos, verum & ipsos qui viventium coniugii copulati retinent adulterina consortia, cum salvis corpore in his permanentes, non admittimus ad baptismum; tamen si desperati, & intra se penitentes jacerint, baptizandos puto, ut etiam hoc peccatum cum cæteris lavacro regenerationis ablatur: quis enim novit, utrum fortassis adulterine carnis illecebra, usque ad baptismum statuerant detineri? si autem ab illa desperatione recreati potuerint vivere, aut facient quod statuerant; aut edocli cõtemperabunt; aut de contemptoribus fiet,

quod fieri etiam de baptizatis talibus debet: quæ autem baptismatis, eadem reconciliationis est causa, si forte penitentem finiende vitæ periculum preoccupaverit: nec ipsos enim ex hac vita, sine ærthæ suæ pacis exire, velle debet mater Ecclesia: . . . pauloque altius (ib. c. 26, & seqq.) objectionem relictens petitam ex debita Sacramentis reverentia: sunt, inquit, qui vel in his, vel etiam in aliis observandum putant, quod dixisse Dominum legimus: nolite Sanctum dare canibus, neque projeceritis margaritas vestras ante porcos. Et ista Salvatoris verba referentes baptizare non audent eos qui pro se respondere inquirunt, ne forte contrarium gerant voluntatis arbitrium. . . . sed non solum incredibile est, nec in fine vitæ hujus baptizari catechumenum velle: verum etiam voluntas ejus incerta est; multo satius est nolenti dare, quam volenti negare; ubi velit an nolit, sic non apparet, ut tamen credibilis sit, eum, si posset, velle se potius fuisse discipulum, quam Sacramenta percipere, sine quibus jam credidit, non se oportere de corpore exire: si autem Dominus ubi ait: nolite dare Sanctum Canibus; hoc quod isti cavendum putant vellet intelligi, non ipse suo traditori dedisset, quod in suam ille perniciem sine culpa dantis, cum dignis indignus accepit.

Hæc autem S. Doctoris verba, cum præiudicio contrariæ opinionis intelligi nolumus, quod nec Augustinus ipse volebat: non tamen, inquit, (ib. cap. 26) propterea damnare debemus eos qui timidius agunt, quam nobis videtur agi oportere; ne de pecunia conservo credita improbus, quam cautius iudicare voluisse iudicemur: satis quippe in talibus respiciendum est illud Apostoli ubi dicit: unusquisque nostrum pro se rationem reddet Deo.

CAPUT SECUNDUM.

De necessitate extremæ unctionis.

Quorundam resolutione dubiorum hæc altera quæstionis pars absolvetur.

Q. 1. Utrom extremæ unctionis suscipiendæ præceptum aliquod sit?

R. Et divinum & Ecclesiasticum esse: divinum quidem manifestò his verbis expressum: infirmatur quis in vobis? inducat presbyteros Ecclesie, &c. cum enim quidquid ibidem de materia, forma, & ministro unctionis præscribitur, divinum mandatum importet, quod sine Sacramenti irritatione mutari nequeat, vel infringi: idem de his verbis putandum: inducat presbyteros Ecclesie: atque adeo pertinet

tinent ad divinum præceptum, nec ad merum consilium potest vera eorum interpretatio in-
torqueri; quod si cui non sat demonstratum
videtur, attendat ad rei promissæ gravitatem
ac magnificentiâ: *oratio*, inquit, *fidei sal-*
vabit infirmum, & alleviabit eum Dominus:
& si in peccatis sit, remittentur ei: numquid
enim pro simplici Dei consilio haberi potest,
ut remedium ejus indulgentia adversus pecca-
ta paratum queramus?

Jam de præcepto Ecclesiastico non est du-
bium: plana namque sunt sæpe allegata pa-
trum & conciliorum decreta, quibus infirmos
debere coniungi mandatur; quæque proinde ne-
queunt sine salutis dispendio violari: hinc me-
rito Concilium Colonienſe decrevit, (an. 1549)
privandos esse Ecclesiasticâ sepultura, qui hoc
Sacramentum contempserint: peccati ergo le-
thalis rei fierent, qui a pastoribus moniti,
vel renuerent, vel temerario differrent illud
suscipere; quia remedium Dei auctoritate, ad
abstergendas peccati reliquias institutum ne-
glexerent, & imperium ejus nihili facere con-
vincerentur.

Q. 2. Utrum extrema Unctio sit necessitate
medii necessaria?

R. Negative: hac enim ratione necessarium
dicitur, sine quo finis obtineri nequit: atqui
sine extrema Unctione finis, salus nimirum
æterna obtineri potest: qui enim justus est,
& Dei amicus, procul dubio salutem conse-
qui potest, & revera consequitur, si in hoc
justitiæ statu moriatur: atqui sine extrema
Unctione homo potest esse justus & Dei ami-
cus: nam juxta communem cursum extrema
Unctio in ægroto amicitiam cum Deo, gra-
tiam scilicet sanctificantem supponit. Er-
go &c.

Q. 3. Utrum extrema unctio possit iterari?

R. Affirmative: omne enim Sacramentum
characterem non imprimens, sæpius potest in
eodem subjecto repeti: atqui extrema Unctio
characterem non imprimit: ergo sæpius itera-
ri in eodem subjecto nil vetat.

Objeſtio.

Quæstio hæc plerosque graves magistros, &
præcellenti ingenio viros 12 sæculo secum in-
vicem commisit, aliis, uti revera est, propu-
gnantibus, bis uni & eidem, atque etiam sæ-
pius, occurrente casu, unctionem conferri posse,
aliis contententibus semel, nec amplius
dari debere: *non mediocriter errant*, inquit
Goffridus Vindocinensis, (lib. 2. Epist. Ep. 19
ad Tuonem Carnutenſem.) qui unctionem in-
firmorum iterandam putant: ejusdemque sen-
tentię Yvo Carnutenſis: Unctionem infirmo-

rum, ajebat, (ib. Epist. 20) non æstimò re-
petendam: momentum vero quo præcipue ni-
tebantur hoc erat: aliæ quæ ex divino & Ec-
clesiastico ritu sunt unctiones initerabiles sunt:
ergo nec unctio infirmorum repeti potest: cum
Unctio baptismatis, inquebant adversarii, apud
Petrum Abbatem Cluniacensem, (lib. 3,
Ep. 7) cum Unctio confirmationis, cum un-
ctio Sacerdotalis, cum unctio Pontificalis, cum
unctio Ecclesiarum, cum unctio Ecclesiastico-
rum vasorum simplex sit; cum nullo deinceps
tempore iteretur: qua ratione sola infirmorum
Unctio non solum apud quosdam geminatur,
sed insuper quibusdam infirmis, frequenter per
diversa tempora in morbis recidentibus, nullo
servato numero datur?

R. Concedo ant. & neg. conseq. & parita-
tem: aliæ namque Unctiones non iterantur,
quia per modum consecrationis sunt, vel quia
earum aliquem effectum perennem habent, ut
in baptismo & confirmatione: porro quod se-
mel Deo est consecratum, tale in æternum
manet, & cujus effectus perpetuus est, itera-
tione non indiget: at vero unctio infirmo-
rum, non ad consecrandum, sed ad medican-
dum fit: deinde non habet effectum perpetuo
permanentem: iterari ergo sæpius, casu oc-
currente potest: rem sic explicat Petrus Clu-
niacensis ad prædictam objectionem respondens:
qui hoc cogitat, inquit, (ibid.) vel qui hoc
objicit, attendat non solum unctionum illarum
simplicitatem: sed, quod majus est, simplici-
tatis scrutetur & intelligat rationem: ut quid
enim jam baptizatus inungitur, nisi ut jam
collata, non conferenda baptizato, per spiri-
tum Dei, peccatorum remissio demonstretur?
hoc quia semel factum sufficit, quia semel re-
missa peccata simplex sacri Chrismatismis unctio
ostendit, iterandam esse nulla ratio persua-
det: sed cur & illa quæ ab Episcopis fit con-
firmationis unctio non iteratur? non iteratur
plane hac ratione, quia semel Christianus post
baptismum, armis spiritus Dei, per illam un-
ctionem advocati, contra satanæ mundi-
que bella munitus, alio rursus spiritu, vel aliis ar-
mis, illa simplici unctione muniri non posse
monstratur: sed cur non iteratur & illa qua
Sacerdoti celestia sacrificia sacraturo & tra-
batur manus inunguntur: illaque qua Ponti-
ficis caput, dum ordinatur, largiore Chrisma-
tis inundatione perfunditur? Sed nulla est cau-
sa, hoc rursus agendi: Sacramentum enim
quod semel a spiritu Dei accipitur, etiam ju-
dicio Ecclesiæ ab officio suspensi vel depositi,
nullo pacto perdere possunt: eadem fere & de
ipia rerum insensibilium unctio ratio reddi-
tur, quia nec corporalis Ecclesiarum fabrica,
nec sacrorum vasorum præparatio, bina vel
ter-

terna unctiōe indiget . . . *his de causis in Dei Ecclesia, nulla jam distillarum unctiō iteratur: at de infirmo alia lex, alia de infirmorum frequenti unctiōe ratio demonstratur: iterari enim necesse est infirmorum unctiōem, quia iterari necessarium est peccatorum, propter quam illa fit unctiō, remissionem.*

Q. 4. Utrum etiam pro eadem infirmitate possit iterari?

R. 1. Juxta præsentem Latinæ Ecclesiæ disciplinam, in eadem infirmitate repeti posse, si convaluerit ægrotus, & in idem postea periculum relapsus fuerit: quamdiu vero idem ægritudinis status est, sat esse semel inungi: si infirmi, inquit Concilium Trid. (Sess. 14, cap. 3 de extr. Unct.) post susceptam hanc unctiōem convaluerint, iterum hujus Sacramenti subsidio juvare poterunt, cum in aliud simile vitæ discrimen inciderint . . . Catechismus Concilii: (par. 2, de extr. Unct. n. 11) illud observare oportet, in una eademque agrotatione, cum æger in eodem vitæ periculo positus est, semel tantum ungendum esse: quod si post susceptam hanc unctiōem æger convaluerit, quoties postea in id vitæ discrimen inciderit, toties ejusdem Sacramenti subsidium ei poterit adhiberi . . . eadem S. Thomæ doctrina est, quam sic explicat: (Supp. 3 part. qu. 33, art. 2 in corp.) hoc Sacramentum non respicit tantum infirmitatem, sed etiam infirmitatis statum; quia non debet dari, nisi infirmis qui secundum humanam æstimationem videntur mortii appropinquare: quædam ergo infirmitates non sunt diuturnæ: unde si in eis datur hoc Sacramentum, tunc cum homo ad illam statum perveniat, ut sit in periculo mortis, non recedit a statu illo, nisi infirmitate curata: Ita iterum non debet inungi: sed si recidivum patiatur, erit alia infirmitas; Ita poterit fieri alia inunctio: quædam vero sunt ægritudines diuturnæ, ut bellica, Ita hydropisis, Ita hujusmodi: Ita in talibus non debet fieri inunctio, nisi quando videntur perducere ad periculum mortis: Ita, si homo illum articulum evadat eadem infirmitate durante, Ita iterum ad similem statum per illam infirmitatem reducat; iterum poterit inungi, quia jam est quasi alius infirmitatis status, quamvis non sit alia infirmitas simpliciter.

R. 2. De hac re nihil antiqua Ecclesiæ disciplina sancitum: imo liberum unicuique fuisse, eodem infirmitatis statu manente, pluries ungi, haud leve ex S. Gregorii M. Sacramentario petitur argumentum: ubi unctiōe memorata, deinde, inquit, Sacerdos communicet eum (infirmum videlicet:) Ita sic faciat illi per septem dies, tam de communione, quam de alio officio: Ita suscitabit eum Dominus,

Ita si in peccatis fuerit, dimittantur ei: septem ergo diebus continuis pro una eademque infirmitate, unctio Gregorii ætate fiebat: adeoque pluries Sacramentum repetebatur: & vero ratione habita ipsius in se Sacramenti, quod poenitentiae complementum & quasi appendix est, tam videtur posse sæpius repeti, quam poenitentia ipsa: nec quidquam obstat quominus & peccatorum remissio, & restitutio corporalis sanitatis, qui duo ejus effectus sunt, sæpe a Deo iteratis unctiōibus & mysticis precibus potententur: quod ergo semel tantum, uno manente statu infirmitatis unctio fiat, disciplinæ res est, ad nutum Ecclesiæ mutationi obnoxia.

Q. Ultimo, quæ dispositiones ad ejus susceptionem necessariæ sint?

R. Alias esse remotas, alias proximas. De remotis, initio quæstionis prædictum est, ubi observavimus hoc Sacramentum non posse nisi baptizatis, adultis, & qui ante rationis usum amentes non fuerint ministrari.

Proximæ, tres potissimum numeratur.

1. Est, ut vere sit poenitens qui hoc Sacramentum deponit: est enim extrema unctio poenitentiae, & totius christianæ vitæ, quæ perpetua poenitentia esse debet, consummativum a patribus appellata: frustra ergo, & magis ad condemnationem quam ad salutem recipitur, si non a vero poenitente recipitur: itaque debet præcedere, quoad fieri potest, peccatorum omnium, quorum conscientia & memoria est, confessio, & absolutio Sacerdotis: quoniam, inquit S. Carolus, (Añ. part. 4, in instr. de extr. Unct.) nihil Sacramenti gratiam magis impedit, quam mortiferi alicujus peccati conscientia; idcirco in eo ministrando, usum consuetudinemque hanc tenebis (Sacerdos) ut, si fieri potest, infirmum non ante ungas, quam peccata confessus sit: quod si tanta morbi vis & acerbitas fuerit, ut non possit ægrotus injustitias suas Sacerdoti Domini confiteri: tunc satis futurum est, quod ab eo ad internum peccati dolorem, & detestationem vehementissimam excitetur, atque ita supremæ sententiæ judicis, Sacerdotis ejus visibili ministerio, mereatur absolvi. Si vero adeo extremus sit morbus, ut nec verbo, nec signo illo possit ægrotus internum cordis dolorem exprimere, tum Dei, qui scrutator est eorum, misericordix est dimittendus: sed non ideo frustrandus est Sacramentum: multo namque satius est, ut ex S. Aug. prædiximus, nolenti dare, quam volenti negare, ubi velit, an nolit, non appareat: attamen credibilis est, cum, si possit, velle se potius disturnum fuisse.

De his vero qui aut notorie excommunicati, aut in ipso gravis peccati actu, morte inter-

tercipiuntur, certum est quod omnino ungi non debeant: *impenitentibus*, ait rituale Romanum, & *qui in manifesto peccato mortali moriuntur*, & *excommunicatis*, & *nondum baptizatis penitus denegetur*.

2 Est, fides viva divinæ misericordiæ, & obtinendæ salutis summa fiducia, in Christi promissionibus fundamentum habens: *oratio fidei salvabit infirmum: alleviabit eum Dominus: & si in peccatis fuerit, remittentur ei*: ea fide, ait S. Carolus, se ungendum præbeat, quoniam olim qui a Sanctis Apostolis sanci nandi erant: (*act. par. 4*)

3 Est, ardens celestis patriæ desiderium, quo anima æternitatis vicina, cupit quidem, si ita Deo visum fuerit, corporalis sanitatis restitutionem; sed multo magis cupit dissolvi & esse cum Christo, jamque in rerum contemplatione absorpta, *quam dilecta*, ait cum propheta, *tabernacula tua, Domine virtutum! concupisco & deficio in atria Domini: Letata sum in his quæ dicta sunt mihi, in Dominum Domini ibimus: stantes erant pedes nostri, in arvis tuis Jerusalem: & cum S. Proto-Martyre Stephano; ecce video caelos apertos, & Jesum stantem a dextris Dei.*

QUÆSTIO SEXTA.

De extremæ unktionis effectibus.

Cum de hujus Sacramenti effectibus toto passim libro dixerimus, hoc brevior quæstio præsens futura est. Sit igitur

ASSERTIO UNICA.

Effectus extremæ unktionis his scripturæ verbis exprimentur: Oratio fidei salvabit infirmum: alleviabit eum Dominus: & si in peccatis sit, dimittentur ei.

Ita Concilium Trid. "res porro, inquit, (*sess. 14, cap. 2, de extr. unct.*) & effectus hujus Sacramenti, illis verbis explicatur, & *oratio fidei salvabit infirmum* &c. res etenim hæc gratia est Sp. Sancti, cujus unctio delicta, si quæ sunt adhuc expianda, ac peccata reliquias abstergit, & ægroti animam alleviat & confirmat, magnam in eo divinæ misericordiæ fiduciam excitando, qua infirmus sublevatus, & morbi incommoda ac labores levius fert, & tentationibus Dæmonis, calcaneo insidiantis facilius resistit, & sanitatem corporis interdum, ubi salutis animæ expeditur, consequitur."

Ita Concilium Trid. cujus doctrinam, simul

& effectus extremæ unktionis ut paulo uberius explicemus, sit

COROLLARIUM PRIMUM.

Fidei est, per extremam unktionem, quando digne suscipitur, peccata remitti.

Si quis dixerit, ait eadem S. Synodus, (*ibid. can. 2*) *Sacram infirmorum unktionem non conferre gratiam, nec remittere peccata, nec alleviare infirmos* *anathema sit*: quo quidem decreto vesanus Lutheri & Calvinii error damnatus est, negantium unktionis ad peccata abolenda ullam esse virtutem: "non negamus, *ajct. Lutherus (lib. de captiv. Babyl.)* per extremam unktionem dari remissionem & pacem: non quia Sacramentum sit divinitus institutum; sed quia suscipiens ita credit sibi fieri *Calvinus vero* (*lib. 4 inst. cap. 19*) *Jacobus dicit*: ubi oleo unctus fuerit infirmus, & precatio concepta fuerit super eum, si in peccatis fuerit, remissum iri non intelligens pinguedine deleri peccata, sed fidelium orationes, quibus affectus frater Deo commendatus fuerit, non fore irritas . . . isti per sacram suam, id est abominabilem unktionem peccata remitti, impie mentiuntur." Patet porro corollarii veritas:

1. Ex verbis Jacobi: *si in peccatis sit remittentur ei.*

2. Ex præscriptione quæ certum est, Ecclesiam ab omni retro ætate, peccatorum remissionem uagando infirmos, pro iis præcipue postulasse.

3. Ex Testimoniis Patrum quæ sæpe attulimus, quæque denuo exscribere superfluum foret.

4. Ex Græcorum cum Latinis consensione.

COROLLARIUM SECUNDUM.

Extrema unctio per se primo, sive ex primaria Christi instituentis intentione, peccata mortalia non remittit, sed secundario tantum.

Ut recte corollarium istud intelligatur, attendendum duplici ratione peccata per Sacramenta remitti, scilicet, per se primario, & per se secundario; Sacramentum per se primo peccata mortalia remittit, quod principali Christi intentione ad peccatorum expiationem directum est: cujusmodi sunt, baptismus & penitentia: illud vero per se secundario peccata remittit, quod ad eorum expiationem primo ordinatum non est, sed ad specialem quemdam gratiæ modum ac gradum: cujusmodi e. c. Euchari-

charistia est: cum enim gratiam spiritualis nutritionis producat, quæ simul cum peccato constare nequit: consequens est, ut peccata deleat, si quæ sint latentia in homine aliunde bene præparato, quorum conscientiam non habeat: hoc prænotato, probamus Corollarium veritatem.

1. Communis & constans Ecclesie doctrina est, duo tantum esse Sacramenta mortuorum, baptismum scilicet & penitentiam. Ergo extrema unctio per se primo, sive ex primaria Christi intentione peccata mortalia non remittit: alioquin foret ex se Sacramentum mortuorum, quod repugnat Ecclesie sensui.

2. Concilii Trid. definitio est, lapsis post baptismum necessarium esse necessitate mediæ penitentiae Sacramentum; atqui hoc dogma non videretur posse consistere, si extrema unctio peccatis mortalibus remittendis, per se primo & ex principali Christi intentione sufficeret. In hac enim hypothesi possent peccata mortalia sola unctione, secluso Sacramento penitentiae, expiari: ergo &c.

3. Sacramentum, inquit S. Thomas, (supp. qu. 30, art. 1, in corp.) institutum per modum medicine, non est per se primo comparatum ad illud tollendum defectum, quo spiritualis vita tollitur. Quomodo enim medicina corporalem vitam supponit; ita & spiritualis, spiritalem. Atqui extrema unctio est quedam spiritualis sanatio vel medicatio, sicut baptismus est quedam spiritualis regeneratio; & penitentia, quedam spiritualis suscitatio: cum igitur per peccatum mortale vita spiritualis extinguatur, fatendum ad ejus remissionem per se primo extremam unctionem non ordinari.

COROLLARIUM III.

Extrema unctio per se peccata venialia remittit: an autem per se primo, aut secundario tantum? lis est inter Theologos.

Constat prima pars Corollarii, 1 ex ipsis Jacobi verbis: *Si in peccatis fuerit, remittentur ei*: quæ ut minimum debent de venialibus accipi, sine quibus hæc vita non ducitur, quorumque remissione tuæ maxime opus habet homo Christianus, cum ex hac vita jam jam discessurus, sisti debet ante tribunal summi judicis, secundum ea quæ in corpore gesserit, judicandus: 2 ex ipsa forma in hoc Sacramento adhiberi solita: *indulgeat tibi Deus, quidquid deliquisti per visum &c.* præsertim cum delinquendi vocabulo plerumque in scripturis minora peccata significantur; qualia sunt, infirmitatis, ignorantie, obreptionis &c.

An autem extrema unctio per se primo venialia peccata remittat? lis est, ut prædixi, Theologorum, ab Ecclesia nonnunquam judicata.

S. Thomas negativam partem tuetur, his potissimum rationibus.

Prima est: Sacramenta novæ legis eatenus primarios suos ac principales effectus attingunt, quatenus gratiam justificantem speciali modo producant. Ergo ad illum effectum qui sine gratia justificante haberi potest, nullo opus est Sacramento. Atqui ad remissionem peccatorum venialium non requiritur specialis gratiæ infusio: ergo &c.

Secunda est: effectus alicujus Sacramenti proprius, non potest dici primario & per se ab altero Sacramento produci: ita enim singula misericors, summeque sapiens Deus disposuit, ut proprii unicuique effectus corresponderent; atqui remissio peccatorum venialium proprie Sacramento penitentiae convenit. Licet enim penitentia ad remittenda peccata mortalia principalis ordinetur: venialia tamen sufficiens ejus materia sunt: ergo &c.

Affirmativam partem S. Bonaventura, Scotus, & alii perique defendunt. Nam, inquit, effectum hunc per se primo producit extrema unctio, ad quem ex primaria Christi intentione instituta esse videtur; atqui ad peccatorum venialium remissionem videtur principali Christi intentione directa, ut constat ex verbis Jacobi: *Si in peccatis sit, remittentur ei*: itemque ex forma Sacramenti: *indulgeat tibi Deus &c.* ergo &c.

Cum autem utrimque in eo quod ad fidem spectat Theologorum summa consensus sit; parum interest, quævis opinio defendatur.

COROLLARIUM IV.

Proprius extrema unctionis effectus est, per gratiam sanare & abstergere peccatorum reliquias, vestigia, cicatrices, scilicet pronitatem ad malum, inepitidinem, languorem, & debilitatem ad bonum: atque adeo animam alleviare, & hilaritate spirituali perfundere.

Is enim est proprius extremæ unctionis effectus, ad quem ex præcipuo suæ institutionis fine ordinatur. Atqui ad peccatorum abstergendas reliquias, scilicet inclinationem ad malum, & torporem ad bonum, ex præcipuo suæ institutionis fine ordinatur. Ad ea enim tollenda proxime dirigitur, quibus potissimum homo a rerum cælestium meditatione avocatur; & retardatur ab assecutione ultimi finis; atqui hujusmodi sunt infusæ illæ peccatorum reliquæ,

liquiæ, ex peccato originali & actuali superstities. *Quæ causa est*, inquit S. August. (*lib. ult. de Trin. c. 27*) *cur a. h. fixa lucem illam incommutabilem videre non possis, nisi infirmitas? Et quid eam tibi fecit, nisi iniquitas? ergo &c.*

Ex eo autem quod debeat reliquias peccatorum, consequens est ut animum alleviet, & spirituali hilaritate perfundat, magnam in ægroto divinæ misericordiæ fiduciam excitando, qua; ut loquuntur patres Trid. (*sess. 14, de exty. univ. c. 2*) *& incommoda morbi levius ferat, & tentationibus demonis calcaneo insidiantis facilius resistat.*

Quæ hæcenus distasunt, sic explicat S. Thomas: (*Supp. qu. 30, art. 2, in corp.*) *dicendum, inquit, quod quodlibet Sacramentum est institutum principaliter ad unum effectum; quamvis etiam alios ex consequenti inducere possit; & quia Sacramentum efficit quod figurat, ideo ex ipsa significatione Sacramenti debet accipi ejus principalis effectus: adhibetur autem hoc Sacramentum, secundum modum cujusdam medicinæ, sicut baptismus per modum ablutionis. Medicina autem est, ad pellendam infirmitatem: unde principaliter hoc Sacramentum est institutum ad sanandum infirmitatem peccati. Unde sicut baptismus est quædam spiritualis regeneratio; & penitentia quædam spiritualis suscitatio; ita & extrema unctio est quædam spiritualis sanatio, vel medicatio. Sicut autem corporalis medicatio præsupponit corporalem vitam in medicato; ita spiritualis, spiritualem: & ideo hoc Sacramentum non datur contra defectus, quibus spiritualis vita tollitur, scilicet contra peccatum originale vel mortale; sed contra illos defectus quibus homo spiritualiter infirmatur, ut non habeat perfectum vigorem ad ætus vitæ gratiæ, vel gloriæ: & hic defectus nihil aliud est, quam quædam debilitas & ineptitudo, quæ in nobis relinquatur ex peccato actuali vel originali: & contra hæc debilitatem homo roboratur per hoc Sacramentum. Sed quia hoc robur gratia facit, quæ secum non compatitur peccatum; ideo ex consequenti si invenit peccatum aliquod, vel mortale, vel veniale, quoad culpam tollit ipsum, dummodo non ponatur obex ex parte recipientis, sicut etiam de Eucharistia & confirmatione supra dictum est: & ideo etiam Jacobus de remissione peccati conditionaliter loquitur dicens: *si in peccatis sit, dimittentur ei*: scilicet quoad culpam: non enim semper delet peccatum, quia non semper invenit; sed semper remittit, quoad debilitatem prædi-*

ctam, quam quidam reliquias peccati dicunt. Quidam vero dicunt, quod principaliter est institutum contra veniale, quod quidem non potest, dum hæc vita agitur, perfecte curari: & ideo Sacramentum exeuntium specialiter contra veniale ordinatur. Sed hoc non videtur verum, quia penitentia etiam in hac vita delet venialia peccata, quoad culpam. Quod autem non possunt evitari post peractam penitentiam, non aufert præcedenti penitentia suum effectum: & iterum hoc pertinet ad debilitatem prædictam. Unde dicendum quod principalis effectus hujus Sacramenti est remissio peccatorum quoad reliquias peccati: & ex consequenti etiam quoad culpam, si eam inveniat.

COROLLARIUM ULTIMUM.

Extrema unctio sanitatem corporis interdum, ubi salutis animæ expeditur, operatur: unde hujus Sacramenti effectus secundarius dici potest.

Cujus veritatis primum argumentum præbent verba Jacobi: *Oratio fidei salvabit infirmum*: cum enim verba præcedentia, *infirmatur quis in vobis?* de ægritudine corporali intelligantur; de ea pariter exponi debent sequentia: *Oratio fidei salvabit infirmum.*

Deinde, hunc effectum extrema unctione produci Ecclesia intelligit, pro quo obtinendo Deum solemniter in ipsa Sacramenti administratione precatur; atqui non pro animi tantum, sed & pro corporis sanitate impetranda, Deus ab Ecclesia per suos ministros oratur. *Pater Sanlle, animarum & corporum medice, inquitur Græci, qui filium tuum Unigenitum, Dominum nostrum Jesum Christum, omnem morbum curantem, & ex morte nos liberantem misisti: sana quoque servum tuum N. a devinente illum corporis infirmitate &c.* Eodemque sensu apud Latinos, in Sacramentario Gregorii M. sic legitur: *Emitte Spiritum Sanctum tuum paraclitum de cælis in hanc pinguedinem olivæ . . . ut tua sancta benedictione omni hoc unguentum tangenti, sit tutamentum mentis & corporis, ad evacuandum omnes dolores, omnesque infirmitates, omnem ægritudinem corporis &c.* et c.

Quod autem effectus ille sit tantum secundarius, (quæ est altera Corollarii pars,) hinc manifesto probatur, quod Sacramenta novæ legis, primario non ordinentur nisi ad spirituale animæ bonum, ut ex eorum definitione constat. Hinc Eugenius IV Pontifex Max. Eff-

Bus

Aut extremæ unctionis, inquit, (in Dec. pro instr. Armen.) est mentis sanatio; in quantum autem expedit, etiam corporis. Ex Concilium Trid. (sess. 14, c. 2, de extr. unct.) *Sanitatem, inquit, corporis interdum, ubi salutis animæ expedit, infirmis consequitur.* Hanc enim conditionem etsi Jacobus Apostolus non expresserit, absolute dicens: *Oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus:* necessario tamen suppleri ac subintelligi debet. Sacramenta enim ad nostrum commodum & utilitatem instituta omnia sunt; atque adeo suos non exerunt effectus, nisi quatenus ad bonum nostrum conducunt; atqui non semper, imo rarissimo contingit, ut ad æternam hominis vitam utile sit, sanitatem ejus corporalem restitui. Nihil ergo mirum si tam pauci post ejus susceptionem recreantur a morbo. Indeque confutata manet Lutheri non tam obiectio, quam inepta, & insulsa illatio. *Si unctio ista, inquit, (lib. de capt. Babil.) Sacramentum est, debet sine dubio esse, ut dicunt, efficax signum ejus quod signat & promittit: at sanitatem & restitutionem infirmi promittit.* Quis autem non videt, hanc promissionem in paucis, imo in nullis impleri? inter mille enim vix unus restituitur: id quod nemo Sacramento, sed naturæ vel medicina beneficio fieri putat. Unde enim profigitæ fidei, nullusque frontis homo habuit, si quis suscepta unctione sanetur, non hoc ipsi unctioni & orationibus Ecclesiæ ab Apostolo præscribi, sed soli naturæ aut medicorum industriae tribui? Etsi enim ita carnales homines plerumque loquantur, non ita sane Ecclesia sentit, cui persuasissimum est, inutilem omnem medicationem morborum & curam esse, quæ ab arte & natura petitur, nisi remediis efficaciam ille dederit, qui mortificat & vivificat, deducit ad inferos & reducit: quique nutu suo ac supremo imperio, & vitæ & mortis est arbiter; quod si hæc generatim Ecclesiæ fides est, etiam quando sacramentum pro ægrotis a Christo specialiter institutum non adhibetur: quanto hoc magis credat oportet, ubi Sacramentum ipsum fit, de quo dictum est: *Oratio fidei salvabit infirmum, & alleviabit eum Dominus:* si modo salutis ejus expeditis fuerit?

Jam si queratur, utrum effectum hunc extrema unctio ex opere operato producat?

R. De hac re nihil ab Ecclesia definitum; adeoque liberum unicuique esse, cui maluerit adherere sententiæ. De gratia eadem, quæ Sacramentorum novæ legis principalis effectus est, in Concilio Trid. pronuntiatur: (Sess. 7, de Sac. in gen. can. 8.) *si quis dixerit, per ipsa novæ legis Sacramenta, ex opere operato non conferri gratiam . . . anathema*

De Re Sacram. T. III.

sit; idemque de charactere insinuat: (ibid. can. 9.) si quis dixerit, in tribus Sacramentis, baptismo scilicet, confirmatione, & ordine, non imprimi characterem in anima . . . unde iterari non possunt: anathema sit. De corporali autem sanitate, quæ Extremæ unctionis effectus secundarius est, nihil tale legitur constitutum: quidquid porro plerique in contrarium disputent, non video quæ ratione negari possit, in iis qui suscepta, quæ par fuerat pietate ac fide, extrema unctione sanantur, sanitatem ab ipsa unctione sacris orationibus conjuncta, ex opere operato produci; Deo nimirum virtutem hanc, quando expeditus judicat, Sacramento tribuente; quando non vult, quia ad æternam salutem non expedit, denegante.

QUÆSTIO SEPTIMA ET ULTIMA.

De Ritibus, in Extremæ unctionis administratione servandis.

Extremæ unctionis administrationem, materię ejus, olei nimirum consecratio præcedit: quæ in utraque, Orientali & Occidentali Ecclesia, magno splendore & apparatu fieri solet. Non eadem utrobique ratio ac forma hujus Benedictionis tenetur: inter Latinos enim, Episcopi, inter Græcos & Orientales, simplices presbyteri, oleum consecrant. Deinde in Latina Ecclesia, semel in anno, feria V in cœna Domini: in Græca vero & Orientali quoties administrandum est Sacramentum, in ipso procinctu officii, hæc benedictio fit.

II. In Latina Ecclesia, etsi plures Sacerdotes ad infirmi unctionem vocari conveniens sit; unus tamen sufficit: Græci a pluribus, & saltem a tribus Sacramentum debere administrari contendunt; ut nimirum ad litteram præceptum Apostolicum impleretur: *infirmum quis in vobis? inducat presbyteros Ecclesiæ, & orent super eum, ungentes eum oleo in nomine Domini.* Eandemque aliquando disciplinam, saltem in aliquibus Latinæ Ecclesiæ partibus viguisse, exemplis suo loco adductis ostensum est.

III. Apud Latinos secundum præsentem disciplinam, in privatis ubi decumbunt domibus, infirmi unguuntur, ut ex Ritualibus & more quotidiano notissimum est: non desunt tamen ex antiquitate exempla virorum illustrium, qui in oratoris ungi voluerunt: quale est quod de S. Malachia, in vita ejus narrat S. Bernardus: jubet, inquit, se sacro oleo ungi: exunte conventu fratrum ut solemniter fieret, non sustinuit ut ad se ascenderent: ipse descendit ad eos, in templum videlicet. Nec dubium quin

Zz eadem

eadem Græcorum communis disciplina sit : gravi afflicto æritudine, ait Goarius, (in notis ad S. olei officium) officio præsentis super eos recitato, unanimi cum Latinis consensu in domibus Græci ungunt. Multorum tamen erga Sacramentum tanta pietas ac reverentia est, ut ibidem idem Scriptor observat, ut aliorum ope & manibus ad Ecclesiam se deferri faciant, ibique plurimum nonnumquam dierum spatio in Catechumenais jaceant, pernoctent, morerentur, & sacra tandem unctione sibi remedium expositam. Hocque facilius Græci possunt suæ huic Religioni ac reverentiæ satisfacere, quod, ut prædiximus, etiamsi periculose non ægrotent, ungi solent.

IV. unctionem infirmi, Sacri Viatici administratione priore olim in Ecclesia Latina fuisse, ex Sacramentario Gregorii M. ex libro penitentiali Theodori Cantuariensis, ex vita Caroli Magni ab Eparchio scripta, aliisque antiquis monumentis certissimum est. Sæculo 13 hæc disciplina mutari cepit, & Eucharistia extremam unctionem præcedere : quem deinceps morem communiter presbyteri secuti sunt, & Ritualia probaverunt : Illud in primis ex generali Ecclesiæ consuetudine observandum est, ait Rituale Romanum, ut si tempus & infirmi conditio permittat, ante extremam unctionem, Penitentia & Eucharistiæ Sacramenta infirmis præbeantur. Non ita tamen novam hanc consuetudinem Latina Ecclesia recepit, ut vim necessariæ legis habere voluerit. In ordine namque Cisterciensi, etiamnum antiqua regula obtinet Sacram Eucharistiam ægrotis, nonnisi suscepta extrema unctione administrandi : eundemque morem, nonnulli Galliarum Episcopi renovarunt ; rati scilicet connaturalius ac decentius esse, ut extrema unctio, quæ, ut loquitur Concilium Trid. consummationem penitentia est, delicta, sit aliqua supersunt, & peccatorum Reliquias abstergens, sumptionem Sacratissimi Corporis & Sanguinis Christi præcedat, quæ mundiciem ac puritatem animæ, quam maxima esse potest, requirit. Hoc ipsum Græci olim observarunt, & etiamnum observant.

V. Quod spectat ad cæremonias in actuali unctionis administratione servandas : Sacerdos hoc Sacramentum ministraturus, ait Rituale Romanum, quatenus fieri poterit, parari curet apud infirmum mensam mappa candida coopertam, itemque vas in quo sit bombacium, seu quid simile in septem globulos distinctum, ad abstergendas partes infirmas ; medullam panis ad detergendos digitos, & aquam ad abluendas Sacerdotis manus : ceream item candelam, quæ deinde accensa, ipsi ungenti lumen præbeat : denique operam dabit, ut quanta poterit munditia ac nitore hoc Sacramentum ministretur : deinde convocatis Clericis, seu ministris, vel saltem uno Clerico, qui crucem sine hasta, aquam benedictam cum aspersorio, & Librum rituale deferat : ipse Parochus decenter accipiat vas Sacri olei infirmorum, sacculo serico violacei coloris inclusum, illudque caute deferat, ne effundi possit. Quod si longius iter peragendum, aut etiam equitandum sit, vel alias adsit periculum effusionis, vas olei, sacculo aut bursa inclusum, ut dictum est, ad collum appendat, ut commodius ac securius præferat : procedat autem sine sonitu campanulæ &c.

VI. In his, aliisque ritibus qui diversi in diversis Ecclesiis vel sunt, vel esse possunt, quippe ad substantiam Sacramenti non pertinentes : tenetur unusquisque morem suæ Ecclesiæ sequi. Cavendum autem ne quod diversum alibi esse sciverit, temerario condemnet, & contra Catholicæ Ecclesiæ sensum ac mentem redarguat : una namque, ut sæpe diximus, manente fide, disciplina varia est. Hinc Concilium Trid. Romanæ Ecclesiæ ritus contra Lutheranorum & Calvinistarum calumnias ita vindicavit, ut tamen Græcorum contrarios non proscripserit. Si quis dixerit, inquit, (sess. 14, can. 3, de extr. unct.) extrema unctionis ritum & usum, quem observat S. Romana Ecclesia, repugnare sententiæ B. Jacobi Apostoli, ideoque cum mutandum, posseque a Christianis absque peccato contemni : anathema sit.

De extrema unctione hæcenus.

FINIS TOMI TERTII.

I N D E X

R E R U M E T V E R B O R U M

Qua in hoc tertio Tomo continentur.

A

Absolvendi potestatem Ecclesiae an Christus contulerit. 263. Absolvendi forma in Latina Ecclesia quae sit. 265. In absolutione utrum voces *a peccatis tuis* necessario sint exprimendae, & quo praecepto. *ib.* Pronomen *te* an necessario designandum. *ib.* Absolutionis forma quae fuit in Ecclesia priscis temporibus. 266. Graecorum & Orientalium forma quae. 267. Absolutionis modus duplex, Sacramentalis & imperatorius; primus solis sacerdotibus; secundus justo sive in terris degenti, sive in caelo regnanti merito vindicatur. 274. Absolutio quibus de causis penitenti differenda. 287. Absolutionis a censuris & a peccatis diversitas. 289. Absolutionem an valeat impertiri eo ipso quo quis pervenit ad sacerdotium. 274. Absolutio quibus speciatim differenda vel neganda sit. 287.

Actus quot modis possit ab aliqua virtute proficisci. 15. Actus judicialis absolutionis quot modis possit enuntiari. 233. Actus charitatis dupliciter dici potest. 163. Actus contritionis quantus & quam vehemens esse debeat. 75.

Altaria privilegiata cur ita dicantur. 261.

Amor erga Deum in Sacramento poenitentiae qualis esse debeat. 159. Amor amicitiae quid sit. *ib.* Amor concupiscentiae quid sit. *ib.* Amor initialis. *ib.* A quo petendus. *ib.* Amor perfectus & imperfectus. 162. Amor gratuitus qui. 165.

Approbatus ad Confessiones audiendas in una diocesi nequit esse approbatus pro alia, & cur. 277. Approbatus in una diocesi non pro semper & quoad omnes ejusdem personas approbatus censendus est. *ib.*

Atritionis vox quando in scholis crepit audiri. 77. Attritio ex gehennae & poenarum metu concepta utilis est, & ad justificationem disponens. 104. Attritio metu gehennae concepta tria importat. 105. Ex turpitudine peccati utrum sit bona & utilis. 109. Ex solo gehennae & poenarum metu concepta, non sufficit, & cur. 98. Attritio diversis significationes habere potest. 122. Ad veram attritionem saltem amor divinus ini-

tialis necessario requiritur. 123. Ex attrito contritum fieri, an in Scripturis & ex traditione habentur. 140. An attritio sit sufficiens ad poenitentiae Sacramentum Patres Tridentini noluerunt decidere. 248. Magisque in amoris necessitatem, quam in opinionem contrariam inclinarunt. *ib.*

B

Baptismus adultorum nisi praecederet poenitentia, salvare neminem posset. 22. Cur non iterandus Baptismus. 268. Beneficii titulum habens in sua Parochia, per totam diocesim non est approbatus. 273. Et solum censetur approbatus vi consuetudinis, & taciti Episcoporum consensus. *ib.* Beneficio communiter olim adnexa erat residentia. 322. Quando in Beneficiis irrepit abus. 323.

C

Calvinus sola Baptismatis recordatione ad quaelibet post Baptismum peccata expianda, opus esse affirmabat. 35.

Canones poenitentiae antiqui qui sint. 227.

Cardinalis Pallavicini sententia in historia Concilii Tridentini de dilectionis Dei habenda in attritione. 161.

Carolus (3.) Borromaeus antiquissimae disciplinae zelantissimus cultor. 227.

Casuum reservatio quid utilitatis habeat. 272. Ejus antiquitas & fundamentum unde desumatur. 273.

Charitatis vis & efficacia. 163. Charitas tripliciter potest considerari. 270.

Circumstantiarum peritio an in Confessione faciendi? 195. Circumstantiae peccati speciem immutantes quae sint. *ib.* Expressa doctrina Concilii Trid. *ib.* Circumstantiae quo casu in Confessione possint omitti. 206.

Claves Ministerii ordinis & jurisdictionis quae sint. 261.

Communionis Sanctorum nomine quid intelligatur. 236.

Confessionis Sacramentalis necessitas. 177. Ejus antiquitatis origo nonde sumenda. 186. Confessionis usus prioribus saeculis rarior fuit & cur. 288. Publicae Confessionis disciplina

quando viguit, & qua occasione ablata fuit. 185. Confessionis faciendæ tempus ab Ecclesia præscriptum ubi innuat. 187. Confessio Sacramentalis quibus conditionibus constituitur. 191. Confessionis materia quæ sit. 192. Ejus integritas debet esse formaliter, non materialiter. *ib.* Ejus integritas formalis & materialis quæ sit. *ib.* Circumstantiarum apertio in Confessione facienda. 196. Circumstantiæ peccati speciem immutantes quæ sint. *ib.* Expressa Concilii Tridentini doctrina. *ib.* Circumstantiæ quo casu in Confessione possunt omitti. 207. Confessio etiam laicis olim fiebat, & quo casu. 209. Confessio aliquando facienda sit proprio parochi. 273. Confessionis præcepto an statim teneatur qui mortaliter peccavit. 281. Confessionis præceptum unde desumatur. *ib.* Annus Confessionis præcepto an Confessione sacrilegia quis satisficiat. 282. Confessarii crudescentes qui sint. 243. Confessoriorum dotes quæ esse debeant. 275. Confessarius an poenitentem interrogare teneatur. 279. Confessio in aliquo casu dividi potest. 200. Confessio debet esse humilis, & quando digoscatur an sit talis. *ib.*

Contritio. Objectum contritionis quodnam sit. 74. Contritionis actus an pro numero peccatorum sint multiplicandi. *ib.* Contritio vera quibus conditionibus continetur. 76. Contritionis divisio quæ sit. *ib.* Contritio & attritio an specie differant. 79. Ante Concilium Tridentinum opinio de contritione habenda in Sacramento poenitentiae quæ fuit. 97. Contritio imperfecta an sit bona & utilis. 103. Vera cordis contritio in poenitentiae Sacramento quæ esse debeat. 123. Contritio tria continet, & quæ. 137.

Cor hominis sine ullo amore absolute esse non potest. 125.

D

D**ilecti** ab Episcopo pro Confessionibus audiendis, an tempore Paschali valeant sine Parochorum consensu fidelium Confessiones excipere. 165.

Diaconi olim absoluebant ab excommunicatione aliisque Censuris, & quando. 274. Illa tamen absolutio non erat Sacramentalis. *ib.*

Discipline priscæ severissimus rigor in satisfactionibus imponendis. 220.

Dolor appetitive summus in Contritione quid? 76. Dolor ex peccati turpitudine potest haberi sine aliquo amore Dei. 109.

E

E**cclēsia** pleraque in Scholis tolerat in utramque ventilarī partem sine fidei discrimine & quæ. 98. In singulis Ecclesiis antiquitus, erat presbyter poenitentiarius, & cur ablatu fuit. 183. Ecclesiæ spiritus idem est, quamquam externa disciplina mutata sit. 124. Ecclesia an potuit, hodieque possit Sacras Ordinationes, ea conditione coercere, ut nisi a Ministris legitimis date, quantum ad substantiam non valerent, aut valeant. 274. Ecclesiæ disciplina prioribus sæculis in Clericis ab hæreticis ordinatos quæ fuit. *ibid.*

Episcoporum potestas in quatuor gradus ac stationes poenitentium quanta. 229.

Epistola Jacobi Apostoli etiam si non esset ejusdem, nihil inde de ejus auctoritate minueretur. 299. In ipsa Epistola non proprio iudicio, sed Christi supremi legislatoris jussu, extremæ unctioni legem promulgavit. 300.

Extremæ unctionis ratio veri Sacramenti convenit, idque Scripturis, Traditione, & præscriptione comprobatur. 293, & seq. Extremam unctionem esse Sacramentum a primis Ecclesiæ primordiis, convincentissimis argumentis comprobatur. 306. Cur non adeo communiter hujus Sacramenti in Scripturis Ecclesiasticis mentio fiat. 310. Et cur extrema unctio appelletur. 311. Ejus definitio quæ. 310. Ejus materia. *ib.* Quæ partes corporis inungendæ sint. 320. Quid factu opus sit erga infirmos, qui eis vel natura aliquo membro caruerint eorum, in quibus unctio ex Ecclesiæ præscripto fieri debet. *ib.* In unctione forma observandum. 321. Extremæ unctionis ordinis, non secus ac ceterorum Sacramentorum, ex divina institutione habetur. *ib.* Hodie verbis deprecatorii enunciat; olim vere in Latina Ecclesia verbis absolutis exprimebatur. 322. Extrema unctio an immediate a Christo, vel ab Apostolis sit instituta. 329. Quo tempore habeatur ejus institutio. 323. Ejus Minister quis esse debeat. 335. In casu necessitatis a quolibet sacerdote potest ministrari. 343. Quæ de causa Regularibus administratio extremæ unctionis fuit interdicta. 342. Extremæ unctionis subiectum quid sit. 343. Ad ipsam recipiendam quæ & qualis infirmitas esse debeat. 349. Cur appelletur extrema unctio. 351. Quo tempore unctio infirmorum in mortis articulo reservari cœperit. 353. Utrum quodlibet urgens mortis periculum causa sufficiens sit extremæ unctionis petendæ ac conce-

concedendæ. *ib.* Quibus extremæ unctionis Sacramentum est concedendum, & non concedendum. 354. De extrema unctione suscipienda duplex præceptum extat. *ibid.* Extrema unctio an possit iterari. 357. Dispositiones in recipientibus quales esse debeant. *ib.* Extremæ unctionis effectus. 358.

F

Fides. Ad fidem venientium tria hominum genera sunt distinguenda. 123.

Forma Sacramentorum an semper eadem esse debeat, ejusque essentia in quo consistat. 328. An convenientior sit indicativa, vel deprecatoria *ib.* Etsi Græci cum Latinis in formis discrepent, eundem sensum tenent. 329. Omnes, & singulæ formarum particule in extremæ unctionis Sacramento, ad ejusdem Sacramenti essentiam non pertinent. *ib.* Essentialis formæ integritas quæ sit. *ib.*

G

Gebenne timor non sufficit ad cordis conversionem. 113.

Græci & Orientales septem numero accersuntur ad Sacramentum extremæ unctionis ministrandum, & cur. 339. Græci omnes indiscriminatin poenitentes, sive infirmos, sive viribus valentes, inungunt: attamen illa inunctio pro Sacramento Extremæ unctionis habenda non est. 346. Hujusmodi ritum nunquam Ecclesia damnavit. 344.

H

Habituum diversitas a quo dependeat. 14. *Hereticorum hallucinatio vel calumnia circa indulgentias.* 98

I

Jacobus (S.) in sua Epistola non proprio iudicio, sed Christi supremi legislatoris jussu extremæ unctionis legem promulgavit. 297.

Indulgentia a quo dicta. 241. Ejus definitio. *ib.* Indulgentiarum fundamentum unde colligendum. 242. Indulgentiarum utilitas quæ. 246. Summorum Pontificum moderatio in indulgentiis concedendis. 247. Falsissima de indulgentiis impostura. 248. Indulgentiarum thesaurus. 254. Indulgentia plenaria quid sit. 255. Indulgentia septem annorum, unius anni, quadraginta dierum quid sit. *ib.* Indulgentiarum publicatio in Germaniæ partibus, prima Luthero ejusdemque nefandæ hæreseos occasio fuit. 241. Indulgentiæ omni

retro ætate ab Ecclesia concessæ fuerunt. 242. Indulgentiarum concessio ad quem spectet. 246. Indulgentiarum Ministri ordinarii qui sint. 255. Non omnium Episcoporum par est in indulgentiis concedendis potestas. 257. An juris divini sit illa Episcoporum a Summo Pontifice differentia, in potestate indulgentias elargiendi. *ib.* In indulgentiarum Ministros possunt delegari Presbyteri, & simplices Clerici. 258. Ad quos indulgentias publicare pertineat. *ib.* Indulgentiarum subjectum quodnam sit. 260. An animæ defunctorum in Purgatorio detentæ, sint indulgentiarum subjectum. *ib.* Indulgentiæ in gratia defunctorum concessæ an illis necessario & infallibiliter ad relaxationem poenarum Purgatorii prosint. *ib.* Fideles qua conditione possunt indulgentiarum fieri participes. 261. Multorum millium annorum indulgentia an sit vera, ejusque origo ubi desumpta. 250.

Infantes in odium Christi occisi, veri sunt martyres. 313.

Infirmis quæ satisfactio sit imponenda. 250.

Jubilæum quod instituit. 255. Jubilæum curdium fuerit. *ib.* Quid utilitatis fidelibus afferat. 244. Jubilæi reduciendi ad annum quinquagesimum quæ causa fuerit. 156. Indulgentia Jubilæi an alibi quam Romæ concedatur. 261.

Jurisditionis potestas quæ sit, & qui eam habeant. 263. Ordinariam vel delegatam jurisdictionem habens, nequit, excluso necessitatis casu, ab omni indiscriminatin peccato, sine nova confessione absolvere. 264. Jurisdictio quam simplices Presbyteri exercent, est immediate a Deo sit accepta, tamen quoad exercitium ab Episcopis est dependens. 270.

Justus sine Dei dilectione nemo fieri potest. 79.

L

LEx. In lege naturæ & lege scripta a peccatis ministerium absolvendi, nemini hominum creditum Dei indulgentia fuerat. 64.

Lutherani Zuvingliani & Calvinistæ decimo-sexto sæculo a fide Sacramenti poenitentiae recesserunt. 35.

Lutherus ad Academiæ Lovaniensem præsentiam adscripsit. 65. Ejus hallucinatio de attritione, quæ fuit. 118.

M

Mabaudos (P.) e Societate Jesu in attritione dilectionem erga Deum excludit. 64.

Ma-

Manuum impositio quid significet. 70. Semper fuit antiqua Traditione poenitentiae administrationi adjuncta. 16.

Materia ex qua poenitentiae Sacramentum constat. 63. Alia est essentialis, alia accessoria & mere caeremonialis. 69.

Matrimonium in lege Evangelica omnes veri Sacramenti conditiones habet. 151.

Metus servilis inter illos gradus annumeratur, quibus ad poenitentiam homo descendit. 29.

Ministri enormiter peccant quando pro gravissimis quibusque sceleribus levissimas satisfactiones indulgentiae praestitu imponunt. 124. Minister Extremae unctionis quis esse debeat. 335.

Miracula praevis temporibus ad fidem convellendam fuerunt necessaria. 290.

Montanistae non negabant poenitentiam esse Sacramentum, sed ejus virtutem ad omnia peccata extendere detestabantur. 31.

N

Necessarium aliquid esse, quot modis contingat. 16.

Nestarius Patriarcha Constantinopolitanus abstulit Sacerdotem Poenitentiarum, qui publicas fidelium confessiones excipiebat; & cur. 183. 223.

Novatianorum schismate confuso, satisfactiones publicae in quatuor gradus ab Ecclesia poenitentibus fuerunt distributae. 221. Eorum haeresis de Sacramento poenitentiae. 35.

O

Olum tantum Olivarum potest esse materia remota Sacramenti extremae unctionis. 312. Etiam si non esset benedictum, sua Sacramenti divini constaret essentialis integritas. 313. Eiusdem benedictio est ritus sacer, & primae antiquitate venerabilis, sed accessorius tamen, nec essentialis Sacramenti constitutus. 315. Cur oporteat esse benedictum, & a quo debeat fieri talis benedictio. 16. In Graeca & Orientali Ecclesia a simplicibus Presbyteris more antiquissimo benedicitur. 16. Nec eorum a Latinis discrepantia habet aliquid fidei contrarium. 16.

Opinio. De opinione perfectam contritionem exigente, quale debeat esse iudicium. 87. Opinio de sola attritione in Sacramento poenitentiae habenda absque ullo Dei amore, quo tempore pervaserit. 108. Opinio de sufficientia timoris servilis nec valde antiqua est, nec valde communis. 115. Probabilis tantum est, non vero certa. 122. Quo sensu accipienda. 123.

Orientales in poenitentis imponendis Latinis sunt severiores. 233.

P

Paeochus. In Paschate Confessio an sit facienda proprio Parocho. 274.

Patres Tridentini voces inuenerunt, attritionem concipi solo gehennae metu, aut sola turpitudinis peccati consideratione, a decreto quod paraverant expungerunt. 134.

Patres (Sancti). De tribus poenitentiae partibus praecelara extant SS. Patrum documenta. 65. Sancti Patres contra novos haereticos clarissime sentiunt, poenitentiam esse Sacramentum a Baptismo diversum. 43. Sacramentum poenitentiae manuum impositio interdu a SS. Patribus appellatum. 70.

Peccatum potest a Deo condonari, simulque solvi poenae aeternae reatus, manente debito poenae temporalis. 206. Ex Sacra Scriptura ad oculum exempla permulta. 16. Peccata occulta quamquam aliquando in usu fuerit publice confiteri, nullum tamen ea de re divinum praecceptum, neque Scriptura, neque Traditio extat. 201. Peccata dubia sunt in Confessione aperienda. 198. Peccata remissa quoad culpam, & quoad reatum, juxta Magistri Sententiarum doctrinam quomodo intelligantur. 69. In peccato triplex turpitudine notanda. 108. Interna peccandi voluntas non potest solo gehennae timore depelli, cur. 119. Peccatum in Spiritum Sanctum quomodo intelligatur esse irremissibile. 56.

Peccatores publici ad poenitentiam & confessionem adigi possunt. 47. Nullum prorsus peccatum est, quod Sacramento poenitentiae expiari nequeat. 51. Ex veterum Monachorum instituto, Monachi sua peccata, quamvis occulta, palam in publico fratrum conventu exponere jubebantur. 48.

Pelagiani & Semipelagiani contendebant, poenitentibus veniam non dari secundum gratiam & misericordiam Dei, sed secundum meritum & laborem eorum qui per poenitentiam misericordia dei forent. 29.

Petilianus Donatista, Joannis & Christi eundem fuisse Baptismum, nesciens quid loqueretur, commentus est. 239.

Pius V (S.) Pontifex Maximus erroneam Cajetani opinionem ab ejus Commentariis expungi jussit. 286.

Poenitentiae nomen quid. 41. Quot modis accipitur. 16. Poenitentia tres condiciones importat. 16. Est virtus per se infusa. 2. Eius divisio multiplex. 6 Poenitentia quae & qualis sit virtus. 16. Poenitentia habet veri Sacri-

crificii rationem. 8. Ex ipsa definitione virtutis quid sit. *ib.* Inter poenitentiam & ceteras virtutes discrimen. 11. Quamquam Gentiles specialem in virtutum numero poenitentiae locum non dederint, tamen vel bonam & laudabilem commendarunt. 12. Poenitentiae obiectum quodnam sit. 15. Poenitentia utrum & quomodo sit homini necessaria. 16. Necessitate praecepti divini, & necessitate medii homini lapsio poenitentiam esse necessariam Scripturis, Sanctis Patribus, & theologica ratione clarissime ostenditur. 18. Non tam ex divina institutione, quam ex natura sua poenitentia est medium necessarium ad salutem. 20. Nemo potest Deum diligere, nisi cum vitæ male actæ poenituerit. 24. Ad poenitentiae virtutem quibus gradibus perveniat. *ib.* Sacramenti poenitentiae existentia & veritas. 35. Cur institutum fuit hoc Sacramentum. *ib.* Poenitentiae Sacramentum, ante sæculum decimum sextum a nemine Christiano negatum fuit. *ib.* De Sacramenti poenitentiae silentio, primo & secundo sæculo, multiplex causa. 47. Quo tempore fuit a Christo Domino instituta. 48. Sacramenti Poenitentiae materia. 49. Alia est essentialis, alia accessoria, & mere caeremonialis 70. Hujus Sacramenti forma. *ib.* poenitentia publica majori ex parte quando cessavit. 185. Poenitentiae antiquitas ubi clare innuitur. *ib.* Ad poenitentium humiliationem, aliorum exemplum, & Ecclesiae adificationem fieri potest publica Confessio, etiamsi mandatum hujus rei nullum divinum extet. 202. Poenitentiae publicæ disciplina in Oriente & Occidente quando abrogationem accepit. 223. Quenam peccata fuerint olim publicæ poenitentiae obnoxia. 236. Tantigris quæ causa fuit 234. Publicæ poenitentiae etiamnum quando sint imponendæ. 187. Etsi quis recuset. *ib.* Poenitens, cui attentæ criminis gravitate satisfactio levior imposita fuerit, quid agere debeat. 237. Poenitentes in duplici ordine sunt considerandi. 243. Poenitentia cur iteretur, Baptismus vero non. 272. Vera poenitentia quot modis accipienda. 281. Quam sint illi gradus, per quos ad poenitentiae virtutem homo lapsus descendit. 28. Poenitente volente sigillum confessionis abrumperet licet. 208. *Poenitex.* Summi Pontificis auctoritas in indulgentiis elargiendis. 258. Cur a Pontificibus Maximis statutum fuit, Episcopos Beneficii illos esse, in cuius Diocesi Clericus Beneficium possideret. 323. *Potestas* alia est ordinis, alia jurisdictionis. 270. Quando cœpit esse distincta. 271. *Propositiones* excludentes dilectionem Dei in

attritione damnatas fuerunt a Clero Gallicano, & quo anno. 125.

Q

Questorum nomen a Concilio Tridentino abolitum. 247. Qua occasione cœperit indulgentias publicandi Quæstoribus provincia demandari. *ib.* Quæ causa fuit Quæstorum officium abolendi. *ib.*

R

Regulares an a proprio Episcopo, non secus ac Clerici Sæculares ordinari debeant. 245. Et quis sit proprius Episcopus. 253. *Reservatio* casuum quid utilitatis habent. 264. *Resurrectio* spiritualis quotuplex sit. 90. *Rituales.* Ex Ritualibus Græcorum & Orientalium clarissime innuitur necessitas Sacramenti poenitentiae. 188. *Ritus* mutandi pœnes Ecclesiam summa auctoritas. 342. Ritus Græcorum in absolvendis Christifidelibus servatus. 71. *Ritus* benedicendi oleum extremæ unctionis antiquissimus est, & ab Apostolorum exemplo magna probabilitate descendens. 315. Ritus Græcorum inungendi poenitentes sive infirmos sive bene valentes, nunquam Ecclesia damnavit. 348. Ritus in Extrema unctione ministranda qui esse debeat. 361.

S

Sacerdos satisfactionem ab altero Sacerdote impositam discrete & propter causam commutare potest. 239. Sacerdos qui Confessionem excepit, tenetur ad sigillum ex jure divino, naturæ, & Ecclesiastico. 202. Sacerdos sola Confessione agnoscens aliquem indignum esse Ecclesiastica Dignitate, an possit denegare suffragium, & electioni ejus resistere. 204. *Sacramenta.* Effectus Sacramentorum duplex, gratia & character. 301. Sacramenti poenitentiae institutio & causa. 34. *Vid. Poenitentia.* Sacramentum poenitentiae quo tempore fuit a Christo Domino institutum. 48. Sacramenti poenitentiae forma quæ. 70. Sacramenta an possint negari propter crimina, sola Confessione cognita. 205. Sacramenti forma an semper eadem esse debeat, ejusque essentia in quo consistat. 327. Forma verbi in Sacramentis non est necessaria ratione vocis exterioris, sed prout est expressiva verbi interioris. *ibid.* Forma deprecatoria ad substantiam Sacramenti ex institutione divina non pertinet. 328. An convenientior sit indicia-

dicativa, vel deprecatoria. *ibid.* Sacramentum poenitentiae per indulgentias, non est aliqua sui parte fraudatum. 235. Sacramenti poenitentiae Minister quis solus esse debeat. 265. Sacramentum extremae unctiois cur sic appelletur. 310. Hujus Sacramenti subiectum. *ibid.* Si Sacerdos imprudenter adhibeat oleum non benedictum, ex integro iterandum esset Sacramentum. 316.

Sanctorum merita quomodo ad indulgentias concurrant. 251.

Satisfactio generatim quid sit. 225. Satisfactio a quo dicta. 207. An possit stare cum actu vel affectu peccati mortalis. 214. Satisfacere an possit unus pro altero. 215. Satisfactio quid utilitatis habeat. 216. Satisfactioni quis modus ponendus. 217. Satisfactio ad quæ generaliter revocetur. 235. Est pars integralis Sacramenti. 225. Antiqua Ecclesiae disciplina in satisfactionibus imponendis. 217. Satisfaciendi norma non in cuiusvis Sacerdotis arbitrio olim erat posita, sed ab antiqua Patrum dispositione pendebat. *ibid.* In satisfactionibus imponendis quæ ratio sit habenda. 237. In levioribus satisfactionibus, quæ poenitentibus a Ministris modo dantur, quanta cautela adhibenda sit. 226. Satisfactio an præcedere debeat absolutionem. 238. Pœnæ etiam, quæ a poenitentibus voluntarie assumuntur, ad satisfaciendum vim habent. 191.

Scoti Sacramenti poenitentiae essentiam in sola assolutione reposuit. 43. Scoti verba de contritione notatu dignissima. 133.

Sella stercoraria cur sic dicta. 46.

Servilitas neque ad speciem, neque ad substantiam timoris servilis pertinet. 107.

Servilis timor. Vid. *Timor*.

Sigillum Confessionis quid sit. 200. Sub sigillo Confessionis quæ res cadant. 202. An aliquando abrumperè liceat. 204.

Socratis verba de Confessione. 283.

Stationes fletuum, audientium, substratorum, & consistentium cur sic dictæ. 221. Episcoporum libertati pro suo arbitrio relictae. *ibid.*

Stephanus Pontifex Maximus ultra minas non processit. 138.

Stephanus II Pontifex Maximus ratum habuit Baptisma rustice & forma corrupta datum. 13

Superiores nequeunt de noticia habita in Confessione ad exteriorem gubernationem uti. 203.

T

Tertullianus vir omnium sæculorum eruditissimus, in Montanistarum hæresim miserrime lapsus est. 51.

Theologi veteres attritionis nomen quomodo accipiant. 121.

Thomas (S.). Ex Divo Thoma actus poenitentis sunt propria & interna materia Sacramenti poenitentiae. 67.

Timor poenarum in Sacramento poenitentiae an sit bonus. 102. Quotuplex sit. *ibid.* Spiritu Sancto movente conceptus quis sit. 105. Timor servilis quomodo causetur. 107. Timor gehennæ ad cordis conversionem non sufficit. 114. Timoris servilis obiectum. 109. Timor servilis a Patribus peroptime commendatus. 117. Ejusdem effectus connumerantur. *ibid.* Timoris servilis primi assertores post Concilium Tridentinum esse coeperunt. 154.

Tridentini Patres de Sacramento extremae unctiois quomodo se gesserunt. 334.

V

Virtus per se infusa quæ sit. 2.

Vitæ spiritualis gradus diversi. 168.

Unctioes ex Christi vel Ecclesiae instituto multæ fieri solent, adeoque diversimode sunt appellatae. 310. Unctioes variae sunt etiam a Græcis & Latinis, quarum sibi laici ipsi Ministri sunt. 338. Unctiois extremae effectus multi. 358.

Wiclusus & ejus discipuli poenitentiam pro vero Sacramento habebant. 35.

1



